

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores, durante o período do Estado Novo (1933-1974)

Tese de Doutoramento

Tânia Gabriela Godinho Santos

**Doutoramento em
História Insular e Atlântica (séculos
XV a XX)**



Ponta Delgada
2022

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores, durante o período do Estado Novo (1933-1974)

Tese de Doutoramento

Tânia Gabriela Godinho Santos

Orientadores

Prof.^a Doutora Susana Serpa Silva

Prof. Doutor Fernando Jorge Afonso Diogo

Tese especialmente elaborada para a obtenção do grau de
Doutor em História



Ao meu avô
Ex-trabalhador da Base

Índice

Índice de Figuras	7
Índice de Gráficos	11
Índice de quadros	12
Abreviaturas	13
Agradecimentos	14
Resumo	16
Abstract	18
Introdução	20
Escolha do tema e problemáticas subjacentes	20
Investigação e metodologia	30
Limites e constrangimentos	38
Estrutura do trabalho	41
1º Capítulo – O período do Estado Novo e a implantação da Base das Lajes.....	44
1.1. Breve caracterização do regime.....	44
1.2 As questões políticas e geoestratégicas: o interesse britânico e norte-americano relativamente aos Açores	58
2º Capítulo – As origens da Base das Lajes e as suas consequências para a ilha Terceira.....	67
2.1. Como tudo começou: a ocupação e expropriação dos terrenos da planície das Lajes para a construção do Campo de Aviação	67
2.1.1. Os desalojamentos e alojamentos?	87
2.1.2. As parcelas dos terrenos agrícolas ocupadas pelo Aeródromo das Lajes.....	96
2.2- A chegada dos britânicos à ilha Terceira	100

3º Capítulo – A presença dos norte-americanos e o seu impacto na sociedade local	116
3.1. A fixação dos norte-americanos.	120
3.2. O impacto e a influência dos americanos na vida quotidiana	143
3.2.1. As influências culturais proporcionadas pelos americanos	161
4º Capítulo – Em torno da adoção de crianças terceirenses por casais norte-americanos.....	195
4.1. Os processos de adoção: das fontes escritas aos testemunhos orais.....	199
4.1.1. Análise dos processos de adoção tendo por base as fontes escritas	200
4.1.2. Os testemunhos orais.....	214
4.2. Adoções infantis: uma tipologia de emigração forçada a partir da ilha Terceira?	229
4.3. O silêncio da comunidade.	233
4.4. As perspetivas dos adotados: que percursos de vida?	241
5º Capítulo – O casamento entre jovens terceirenses e militares norte-americanos sediados na Base das Lajes, 1946 – 1974	249
5.1. Das fontes escritas aos testemunhos orais	255
5.1.1 Das fontes escritas.....	257
5.1.2. O que nos revelam os testemunhos orais.....	271
5.2. Viver o sonho americano ou o casamento como via para a emigração?	292
5.3. Os processos de namoro e de casamento.....	301
5.4. Percursos de vida das jovens noivas.....	308
Considerações Finais	312
Fontes e Referências Bibliográficas	322
Anexos.....	350
Índice de Anexos	351

Índice de Figuras

Figura 1- Obra das Mães da Educação Nacional, Entrega de prémio a família Angrense, 1962.	48
Figura 2 - Primeira página do periódico "Avante!" - janeiro de 1969.	55
Figura 3- Nixon e Caetano na Cimeira dos Açores, 1971.	56
Figura 4 - Cimeira dos Açores, 1971.	56
Figura 5 - Cemitério de Guerra das Lajes, 2021.	64
Figura 6 - "Celeiro da ilha" - Planície das Lajes nos anos antecedentes à construção do aeródromo.	69
Figura 7 - Planície das Lajes nos anos 30.	69
Figura 8 - Carreiros terceirenses a trabalhar nas obras do aeródromo das Lajes, anos 30.	73
Figura 9 - Vista aérea do aeródromo das Lajes nos anos 40.	74
Figura 10 - Vista aérea do Campo das Lajes, ilha Terceira - 28 de outubro de 1943. ...	74
Figura 11 - Chapas metálicas sobre a pista compactada - 1943.	77
Figura 12 - Utilização das chapas metálicas da pista para muro de moradia, anos 50... 77	77
Figura 13 – Utilização das chapas metálicas da pista para portão de moradia, 2020.....	78
Figura 14 - Planta da pista das Lajes e previsão da conclusão dos trabalhos de expansão. Julho de 1944.	79
Figura 15 - Missa de cerimónia de inauguração da pista das Lajes - 15/12/1943.	79
Figura 16 - Vista aérea da Base das Lajes nos anos 40.	81
Figura 17 - Planta de Localização do aeroporto e Base das Lajes, atualidade.	83
Figura 18 - Vistas aéreas da Base das Lajes, 2021.	84
Figura 19 - Edifício de apoio - Serra do Cume, 2021.	84
Figura 20 - Terrenos ocupados nos Cinco Picos e com probabilidade de restituição, atualidade.	85
Figura 21 - Unidade Imobiliária, fora da vedação da Base das Lajes, Cinco Picos, 2021.	85
Figura 22 - Levantamento dos terrenos arrendados - fevereiro de 1967.	86
Figura 23 - Parte do parcelamento.	86

Figura 24 - Casa demolida em 1944, família realojada na Aldeia Nova, Lajes em 1945.	88
Figura 25 - Casa demolida em 1944, família realojada na Aldeia Nova, Juncal em 1945.	88
Figura 26 - Placa toponímica da Aldeia Nova do Juncal, atualidade.	90
Figura 27 - Casa demolida em 1944 revertendo em atribuição de indemnização ao proprietário.	90
Figura 28 - Casa demolida para ampliação do Campo de Aviação das Lajes, 1953.....	91
Figura 29 - Praça central, fontanário e respetiva descrição, Aldeia Nova, Lajes, atualidade.	92
Figura 30 - "Lavandaria", Aldeia Nova, Lajes, 2021.	93
Figura 31 - Inscrição na "Lavandaria", Aldeia Nova, Lajes, 2021.....	94
Figura 32 - Aldeia Nova das Lajes, 2021.	94
Figura 33 - Plantas de localização da Aldeia Nova, Lajes, atualidade.	95
Figura 34 - Chegada do Navio <i>Franconia</i> ao Porto das Pipas, Angra do Heroísmo, 8 de outubro de 1943.	102
Figura 35 - Desembarque dos britânicos no Porto de Pipas, Angra do Heroísmo, 8 de outubro de 1943.	102
Figura 36- Campo das Lajes, presença britânica.....	103
Figura 37 - Periódico das forças britânicas: <i>Atlantic Echo</i>	104
Figura 38 - Casa de Pasto Praiense, presença inglesa.	107
Figura 39 - Convivência entre terceirenses e ingleses (a roupa lavada).....	111
Figura 40 - Cerimónia de entrega da Base das Lajes às forças militares portuguesas, 2 de junho de 1946.	113
Figura 41 - Crise sísmica na ilha de S. Jorge, 1964.....	123
Figura 42 - Sinistrados da ilha de S. Jorge, 1964.	124
Figura 43 - Chegada dos sinistrados da ilha de S. Jorge ao porto da Praia da Vitória, 1964. <i>Tremors Rock São Jorge Island</i>	124
Figura 44 - Apoio ao Hospital da Praia da Vitória, ilha Terceira, 1966.....	125
Figura 45 - Apoio médico a criança terceirense, 1965.	126
Figura 46 - Donativo ao "orfanato" (Casa de Acolhimento Residencial), Angra do Heroísmo, 1964.	127

Figura 47 - Festas de Natal organizadas pelos norte-americanos para as crianças carentiadas da ilha Terceira, 1963, 1966.	128
Figura 48 - Festa de Natal na Base das Lajes, 1965.	129
Figura 49 - As "meias" entregues pelas esposas dos militares, Natal de 1949.	130
Figura 50 - Donativo norte-americano para as crianças carentiadas da Praia da Vitória, 1950.	131
Figura 51 - As "caixinhas" distribuídas na escola por altura do Natal.	132
Figura 52 - Distribuição das "caixinhas" (<i>Gift Boxes</i>) nas escolas, 1965.	132
Figura 53 - Lajes Ladies Sodality.	135
Figura 54 - Remoção do sino da igreja das Lajes, ilha Terceira, 1966.	138
Figura 55 - <i>Present to the agronomy stations, Lajes Field "People to people" program,</i> 1966.	139
Figura 56 - "Barracas" do "Bairro da Lata" - Serra de Santiago, 2016.	140
Figura 57 - Localização do "Bairro de Lata"	142
Figura 58 - Jovens <i>Caddies</i> - Campo de Golfe, ilha Terceira, 1962.	146
Figura 59 - BX (Base Exchange), anos 60.	150
Figura 60 - Transporte de norte-americanos por português, anos 60.	153
Figura 61 – “Estrada do aeródromo”, anos 60, Praia da Vitória, (atual Estrada 25 de abril).	157
Figura 62 - Café Açores, anos 60-70.	160
Figura 63 – Televisão “americana” – AFRTS, 1950.	164
Figura 64 - <i>Yankee Stadium</i>	166
Figura 65 - Frank Sinatra na Base das Lajes, 1945.	167
Figura 66 - Bandas das Forças Armadas dos EUA em atuação no Jardim Municipal de Angra do Heroísmo, 1962.	168
Figura 67 - <i>Duke University USO Show, Lajes Field</i> , 1956.	168
Figura 68 - USO Entertainer (United Service Organizations), 1964.	169
Figura 69 - Banda AeroJazz.	170
Figura 70 - Maestrina da Filarmónica União Praiense, 1961.	171
Figura 71 - <i>Country Cousins</i> , anos 60.	172
Figura 72 - <i>US Air Bagpipe Band</i> , atuação na Base das Lajes, 1965.	173

Figura 73 - "Os Faíscas".....	174
Figura 74 - Placa toponímica na marginal da Praia da Vitória, 2022.....	175
Figura 75 - "Os Sombras".....	175
Figura 76 - Jovem músico, anos 60.	176
Figura 77 - Cinema <i>Azoria</i> , anos 60.....	179
Figura 78 - Baile em Santa Rita, pelos anos 1966-1970.	181
Figura 79 - Convívio entre portugueses e militares norte-americanos, Bar da Riviera, Praia da Vitória, 1961.....	182
Figura 80 - Tradicional tourada à corda.	183
Figura 81 - "Carro de toldo" decorado, celebração religiosa do Bodo, 1963.....	185
Figura 82 - Festividade religiosa do Bodo, Lajes, Terceira.....	185
Figura 83 - Dança de Carnaval a atuar para o destacamento americano, 1965.....	186
Figura 84 - "Rainha das festas" de S. João, Sanjoaninas, Angra do Heroísmo, 1966..	187
Figura 85 - Procissão do Senhor Santo Cristo dos Milagres, Ponta Delgada, 1966.....	188
Figura 86 - "Entrada Geral", Base das Lajes, 1957.....	188
Figura 87 - Programa do Evento, 1965.....	190
Figura 88 - Mapa da Base das Lajes com a localização dos vários recintos e espaço de animação, 1963.....	190
Figura 89 - Casamento entre jovem açoriana e militar norte-americano da Base das Lajes, Praia da Vitória, em 1956.	253
Figura 90 - Celebração do matrimónio entre portuguesa e norte-americano, 1961.	273
Figura 91 – Batizado no ano de 1967.....	287
Figura 92 - Matrimónio entre jovem terceirense e militar norte-americanos, ilha Terceira, Açores, 1970.....	291

Índice de Gráficos

Gráfico 1 - Número de crianças entregues a casais norte-americanos, por ano.	202
Gráfico 2 - Idade das crianças à data do pedido de passaporte.	205
Gráfico 3 – Sexo das crianças adotadas por casais norte-americanos, no período de 1946 a 1974.	207
Gráfico 4 - Naturalidade das crianças, por ilha.	208
Gráfico 5 - Naturalidade das crianças, por concelho.	209
Gráfico 6 - Documentos utilizados para justificar a emigração/saída da criança do país de origem.	210
Gráfico 7 - Número de casamentos realizados entre jovens açorianas e norte-americanos, por ano.	259
Gráfico 8 - Naturalidade das nubentes, por ilha.	261
Gráfico 9 - Naturalidade das nubentes, por concelho.	262
Gráfico 10 - Idade da nubente, por faixa etária.	264
Gráfico 11 – Tempo de espera entre o casamento e a data de pedido de passaporte, por ano, entre 1945-1960.	265
Gráfico 12 – Tempo de espera entre o casamento e a data de pedido de passaporte, por ano, entre 1961-1974.	267

Índice de quadros

Quadro 1 – Destino de emigração das crianças adotadas/entregues, no período de 1946 a 1974.....	212
Quadro 2 – Destino de emigração das jovens nubentes, no período de 1946 a 1974.....	269

Abreviaturas

AFRTS – Armed Forces Radio and Television Service

AJFVL – Arquivo da Junta de Freguesia da Vila das Lajes

AMPV – Arquivo Municipal da Praia da Vitória

ANTT – Arquivo Nacional da Torre do Tombo

APIT – Associação de Proprietários da Ilha Terceira

BPARLSR – Biblioteca Pública e Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro

CZAA – Comando Zona Aérea dos Açores

BA4- Base Aérea n.º 4

BA5- Base Aérea n.º 5

BX – Base Exchange

EUA – Estados Unidos da América

MFA – Movimento das Forças Armadas

NCO – Non-Commissioned Officers Club

OTAN – Organização do Tratado Atlântico Norte

OMEN- Obra das Mães da Educação Nacional

PIDE – Polícia Internacional e de Defesa do Estado

PVDE – Polícia de Vigilância e Defesa do Estado

RAF- Royal Air Force

SPN – Secretariado da Propaganda Nacional

SNI – Secretariado Nacional da Informação

USO – United Service Organization

Agradecimentos

Uma investigação é um processo solitário, longo e desafiante, com peripécias e constrangimentos, mas também com muitas alegrias, concretizações e satisfação. Com esta pretendemos descortinar fenómenos sociais marcantes, decorrentes da presença norte-americana, na Base das Lajes, da ilha Terceira, os quais estiveram silenciados durante muito tempo. Com este trabalho, sustentado em rigorosos critérios científicos, procurou-se dar voz aos silêncios e reavivar memórias, de modo a resgatar e libertar testemunhos recalcados e, por vezes, escondidos.

A concretização da tese de doutoramento que aqui se apresenta, não teria sido possível sem as pessoas e entidades, às quais passo a deixar o meu mais sincero agradecimento, sobretudo pela amabilidade e disponibilidade que dispensaram à minha investigação e à minha pessoa, fazendo dos momentos mais solitários, aprendizagens prazerosas:

À Professora Doutora Susana Serpa Silva, pelo incentivo para prosseguir a minha formação, pela cumplicidade e enriquecimento, pessoal e académico, e por toda a amizade e carinho com que abraçou este desafio, acolhendo as minhas solicitações e com sempre prontas e oportunas sugestões de melhoria, esclarecimentos e manifestações de companheirismo e encorajamento.

De igual modo agradeço, ao Professor Doutor Fernando Diogo, por toda a sua dedicação, compreensão e amizades patenteadas, pelo seu incentivo face os desafios complexos e crescentes que se foram colocando ao longo desta caminhada e pelo seu sentido prático com que sempre me orientou.

A Almerindo Ázera pelo seu apoio, disponibilidade e prontidão, com que abraçou as minhas dúvidas.

À Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo e seus colaboradores, que tão amavelmente me acolheram nas suas instalações e tornaram a busca pelo conhecimento menos solitária e mais prazerosa.

Igualmente, à Biblioteca da Universidade dos Açores e aos seus colaboradores do Pólo de Ponta Delgada e de Angra do Heroísmo, pela disponibilidade, prontidão e simpatia com que acolheram as minhas solicitações.

Ao Comando da Base Aérea n.º 4, pela sua recetividade e por me ter aberto as suas portas permitindo-me enquadrar no espaço geográfico do meu estudo, bem como

por ter permitido o acesso a documentação e apoio inestimável para a presente investigação.

A Charles Pelham, bisneto de Sir Ronald Campbell, pelas nossas prazerosas partilhas e animadas conversas que sempre culminaram em mais conhecimento.

À Diocese de Angra, na pessoa do Doutor João Maria Mendes, pela sua cordialidade, disponibilidade e colaboração na busca por novos dados e cruzamentos de informação, pelos seus esclarecimentos e pela sua gentil atenção para comigo e para com a pesquisa aqui apresentada.

Ao Dr. Francisco Nogueira, pela cumplicidade em matéria de estudos sobre a Base das Lajes, pela sua tão pronta resposta e cooperação.

À Foto-Irís pela simpatia e receptividade com que acolheu as minhas solicitações.

À Junta de Freguesia das Lajes pela sua colaboração.

À Junta de Freguesia de Santa Cruz, pela disponibilização do seu espólio fotográfico.

A Manuel Meneses Martins, pela amizade demonstrada e pela sua preciosa ajuda.

Ao Museu de Angra do Heroísmo, pelo inestimável contributo prestado nesta investigação.

Ao Professor Doutor John Treiber, historiador de 86th Airlift Wing, Base Aérea de Ramstein, Alemanha, pelos seus esclarecimentos e encaminhamento.

Ao 65th Air Base Group, na pessoa do Dr. Ricky Baptista, Relações-Públicas do destacamento americano na Base das Lajes, a quem deixo a minha sincera gratidão e apreço pela forma amistosa como me recebeu e pela sua disponibilidade.

Um apreço especial a todos e a cada um dos participantes na presente investigação, que gentilmente me receberam em seus lares, disponibilizaram o seu tempo e prestaram um contributo fundamental a este estudo. Confiaram-me as suas memórias, a sua história pessoal e familiar, as quais assumi por compromisso dar-lhes voz e fazer perpetuá-las para as gerações futuras, por intermédio de tese que aqui se apresenta.

À minha família, meu porto seguro, pelo apoio e incentivo incessante. Pela paciência e compreensão nas minhas ausências e privações em prol da presente investigação. Por acreditarem, quando eu própria duvidei.

A todos o meu bem-hajam.

Resumo

A investigação subjacente à tese que agora se apresenta, pretende fazer perpetuar as memórias e a identidade de uma comunidade — neste caso, a da ilha Terceira — em consequência da presença estrangeira que aqui se estabeleceu.

O nosso estudo incide primordialmente, sobre o impacto que a presença norte-americana, sediada na Base das Lajes, teve na população insular, presença esta que se oficializa em 1946 e que ainda hoje se faz sentir.

Por consequência, esta pesquisa centra-se no período temporal de 1933 a 1974, isto é, os primórdios da Base das Lajes: desde a construção do aeródromo, com a sua pista de terra batida, até à chegada dos britânicos e as consequências das obras de melhoramento do campo de aviação, para os proprietários da planície das Lajes, como para a comunidade em geral, apresentando com maior incidência os impactos sociais resultantes da presença norte-americana que se iria oficializar, após a desmobilização da *Royal Air Force*, em 1946, e até ao final do Estado Novo em 1974.

Em relação à presença dos militares norte-americanos, questão central neste trabalho, abordamos também os processos de adoção/entrega de crianças terceirenses a casais norte-americanos, bem como os matrimónios entre jovens insulares e militares, atendendo ao impacto que a presença estrangeira trouxe, mas que também permitiu vislumbrar a perspetiva de uma nova vida na outra margem do Atlântico, impulsionando a emigração e o perseguir do *american dream*. Destes casos resulta um conjunto de conclusões e reflexões que se vão levantando no seguimento da investigação, desde logo, a reflexão em torno da emigração e da miragem de uma melhor qualidade de vida, sendo esta uma das grandes motivações das jovens nubentes, mas também dos progenitores que entregam os seus filhos quase como se de uma “emigração” antecipada se tratasse, vislumbrando um melhor futuro para eles e uma fuga à pobreza endémica dos Açores. Tendo estes sido fenómenos arquipelágicos, não se centraram unicamente na ilha Terceira, foram transversais a todo o arquipélago. cremos que estes dois fenómenos são instrumentais para se compreender o impacto social dos norte-americanos na Terceira, e nos Açores em geral.

É nosso intuito resgatar e preservar as memórias de uma comunidade que vivenciou os fortes impactos da presença norte-americana e comprovar como esta presença transformou a vida e a quietude insular, trazendo desenvolvimento e prosperidade às gentes da ilha. Este recuo ao passado pretende ser um legado para as

gerações futuras, com o intuito de compreender melhor as consequências sociais da implantação da Base das Lajes.

Palavras-Chave: Base das Lajes; Açores; norte-americanos; impacto social; adoção; casamentos; emigração.

Abstract

The underlying investigation of this thesis has the intention of perpetuate the memories and identity of a community - in this case, Terceira Island – in consequence of the foreign presence established here.

The primordial focus of our study, is the impact that the North American presence, stationed on Lajes Base, had on the island population. A presence that became official in 1946 and it is still alive nowadays.

Consequently, this research is centered on the time period from 1933 to 1974, that is, the beginnings of the Lajes Base, from the construction of the aerodrome, with its dirt track, to the arrival of the British and the consequences of the improvement works of the airfield, for the owners of the plain of Lajes, as for the community in general, presenting with greater incidence to the social impacts resulting from the North American presence that would become official, after the Royal Air Force demobilization, in 1946, until the end of Estado Novo in 1974.

We also approach, in behalf of the north american militaires presence, central issue in this work, the processes of Terceira island children adoption/delivery by american couples as well as the marriages between young islanders with the militaries, not only because the impact of their presence but also because allowed them to prospect a new life on the other side of the Atlantic, boosting emigration and the pursuit of the “american dream”. From these cases there are a set of conclusions and reflections that are raised during the course of the investigations, from the outset, a reflection on emigration and the mirage of a better quality life, that not only is a great motivation of the nubile young women, but also of the parents who deliver their children to adoption almost if it was an “anticipated emigration”, envisionig a better future for them and an escape of the Azores endemic poverty. These archipelagic phenomena were not only centered in Terceira Island they were transversal to the entire archipelago. We believe that two phenomena are instrumental to understand the social impact of north american on Terceira, and on the Azores in general.

It is our intention to recover and preserve the memories of a community that experienced the strong impacts of the north american presence and to demonstrate how this presense has transformed life and the insular tranquility, bringing development and prosperity to the people of the Island.

This retreat into the past is intended to be a legacy for future generations, in order to better understand the social consequences of the implementation of the Lajes Base.

Keywords: Lajes Base; Azores; North American; social impact; adoption; marriage; emigration.

Introdução

Escolha do tema e problemáticas subjacentes

A presente investigação enquadra-se no âmbito da História Social e das Mentalidades no sentido em que nos propomos abordar o impacto que a presença estrangeira, mais concretamente, norte-americana, teve sobre a sociedade da ilha Terceira, nos Açores. Ao contrário da maioria dos estudos que se debruçam sobre a Base das Lajes e a fixação de estrangeiros na ilha, não nos focamos nas questões militares, políticas ou geoestratégicas, mas sim nas problemáticas humanas e sociológicas resultantes dessa mesma presença. Assim, na esteira da dissertação que desenvolvemos no curso de Mestrado em Ciências Sociais, continuamos a aprofundar e a refletir sobre as questões das adoções de crianças terceirenses por norte-americanos, alargando esta abordagem aos matrimónios/relacionamentos entre membros das duas comunidades, por terem sido situações marcantes associadas ao impacto da presença norte-americana. Ademais, incidiremos também no estudo das consequências da implementação da Base a nível da propriedade e no tocante aos comportamentos e vivências culturais.

Esta é uma investigação interdisciplinar pois, a natureza do tema, faz cruzar a História com as Ciências Sociais, em particular, com a Sociologia. Sendo o nosso ponto de partida compreender o impacto social da Base das Lajes na comunidade terceirense, importava, pois, associar a análise histórica com conceitos e métodos da Sociologia. Não obstante, a área dominante é a História e, como referimos, a História Social e das Mentalidades. Jacques Le Goff, evidenciou a importância da História Social referindo que *uma explicação histórica eficaz deve (...) confrontar as representações históricas com as realidades que elas representam e que o historiador apreende mediante outros documentos e métodos (...) Toda a história deve ser uma história social*¹.

Não obstante, a História Social e das Mentalidades foi um campo da historiografia implementado pelo movimento dos *Annales*, iniciado por Marc Bloch e

¹ Le Goff, Jacques, (1990) *História e Memória*. S. Paulo: Edições Unicamp. p. 14. Disponível em <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>

Lucien Febvre, em resultado da fundação da revista *Annales*, que tinha por finalidade a locupletação da História, pelo cruzamento com outras ciências².

Este movimento ganha expressividade depois da Segunda Guerra Mundial, tendo ficado conhecido como o movimento de 1968³. Este visava uma nova forma de fazer História, uma História menos narrativa e descritiva, mas uma “*História-problema*” interpretativa, problematizada, apoiada em hipóteses (...) as problematizações propostas pelo historiador dizem também respeito à cultura, à economia, aos modos de pensar e de sentir, aos movimentos demográficos⁴. Essa é a abordagem que se pretende, tendo em conta que além de procurarmos problematizar e confrontar diferentes tipologias de fontes, procuramos estudar o que diz respeito à cultura, à sociedade e às influências recebidas por parte de uma presença estrangeira.

Por outro lado, só depois das transformações que ocorreram nos anos de 80 e 90, sobretudo em termos da valorização da História Oral, se passou a reconhecer a importância e o valor das memórias, dos relatos individuais, da narrativa privada... Assim, a “escola” dos *Annales* foi determinante para que se desse uma *renovação dos estudos historiográficos, que atinge a sua plena expansão e efervescência com a chamada História Nova*⁵. Indo para além de uma visão positivista, procurou abranger todos os diferentes aspetos da vida humana e adotar métodos das Ciências Sociais.

Os historiadores clássicos tendiam a resistir ao estudo da memória enquanto fonte da História, pois embora seja também uma reconstrução do passado, assenta nas emoções, sendo narrada com base na experiências e vivências presentes⁶, na realidade as memórias e os testemunhos orais passaram a ser valorizados, em particular nos estudos de História Contemporânea. Apesar da subjetividade e da seletividade das memórias, estas podem ser tidas como uma fonte adicional para a História. Atendendo à explicação de Susana Serpa Silva, a *conjugação das fontes arquivísticas com os testemunhos e os objetos da memória, permite tanto quanto possível, construir uma*

² Burke, Peter (1992), *A Revolução Francesa da Historiografia: A Escola dos Annales (1929-1989)*. S. Paulo: Editora UNESP, p. 4.

³ Veja-se por exemplo: Joutard, Philippe (2007), “Reconciliar história e memória?”, In: *Escritos/um*. Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa, ano 1, nº 1. Rio de Janeiro, p. 228. Disponível em http://escritos.rb.gov.br/numero01/FCRB_Escritos_1_9_Philippe_Joutard.pdf.

⁴ Barros, José de Assunção (2012), “Os *Annales* e a história-problema – considerações sobre a importância da noção de “história-problema” para a identidade da Escola dos *Annales*”, In *História: Debates e Tendências*, v. 12, nº 2, jul./dez, pp. 306, 319 e 320.

⁵ Burke, Peter (1992), p. 5.

⁶ Ferreira, Marieta (2002), “História, tempo presente e história oral”, In *Topoi*. Rio de Janeiro, p. 321. Disponível em http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Historia_tempopresenteehistoriaoral.pdf

*História total (...) articulando os factos mais gerais, com os factos mais pessoais e as vivências experienciadas*⁷.

O recurso à História Oral⁸, em termos de historiografia contemporânea, é um importante instrumento de trabalho que permite ainda complementar a informação que os tradicionais arquivos não dispõem. Como refere Alberto Vieira, *Hoje a História democratizou-se, o seu âmbito alargou-se a todos os campos da vida do Homem e todos, mesmo os considerados sem história, estão presentes, de acordo com a sua participação dos factos que fazem a História*⁹.

Para a História contemporânea, a preservação e recolha da memória, são uma importante fonte de reconstrução do passado, pois *as reivindicações das memórias individuais ou coletivas, levaram ao questionamento das pretensões do saber histórico, considerado frio e inerte diante da relação viva que leva à apreensão do passado*¹⁰.

É neste sentido que a presente investigação assenta também, e em grande parte, na recolha de testemunhos orais. Esta particularidade permite-nos aceder a um tempo e a factos em que os relatos memorialísticos são descritos por quem foi ator, e por isso é necessário atender aos constrangimentos que se impõem, sendo árdua a tarefa para romper com a subjetividade própria da memória¹¹. Como expõe Pierre Nora, *Memória, história: longe de serem sinónimos, tomámos consciência que tudo opõe uma à outra. A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução (...) A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta*¹². Por estas palavras e não obstante as diferenças, subentende-se a possível e desejável complementaridade entre memória e História, dado que os testemunhos de vida, corretamente interpretados, permitem suprir as lacunas da própria reconstrução da História.

⁷ Silva, Susana Serpa (2019), “Emigração Açoriana. Entre a História e a Memória”, In Duarte Nuno Chaves, (Coord.) *Memória e Identidade Insular. Religiosidade, Festividade e Turismo nos Arquipélagos da Madeira e Açores*. Edição CHAM - Centro de Humanidades, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores e Santa Casa da Misericórdia das Velas, S. Jorge, p. 115.

⁸ Veja-se por exemplo: Ferreira, Marieta, Fernandes, Tânia e Alberti, Verena (org.) (2000), *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

⁹ Vieira, Alberto (coord.) (2015), *Cartas no intervalo de guerra*. Funchal: Edição Centro de Estudos de História do Atlântico, p. 7.

¹⁰ Chartier, Roger (2022), “Verdade e prova: História, retórica, literatura, memória”, In *Revista de História*, n.º 181, São Paulo, p. 19. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/issue/current>

¹¹ Lima, João (2018), *De Leiria à Gabela. Memórias de um Soldado da Guerra Colonial (1971-1974)*. Porto: Edições Afrontamento, pp. 13-14.

¹² Nora, Pierre (1993), “Entre memória e história. A problemática dos lugares”, In *História e cultura*, Vol. 10, Jul./Dez., São Paulo, p. 9. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>

Não obstante os limites do uso da memória na análise histórica, corrobora-se a importância da recuperação das memórias, pois estas *têm sempre interesse e validade e descortinam muitas informações às quais, por outros meios, não teríamos acesso. Os testemunhos pessoais humanizam, ainda mais, a historiografia, trazendo à ribalta os verdadeiros protagonistas, os seus sentimentos e emoções, a autenticidade dos seus percursos*¹³.

Pela originalidade da temática aqui apresentada, e pela escassez de bibliografia, a História Oral e a recuperação de memórias, revestiu-se de enorme importância e por isto os instrumentos e metodologias próprias das Ciências Sociais – neste caso, as entrevistas – foram cruciais para o desenvolvimento da pesquisa e recolha de dados. Em concordância com Ângela Campos, *as fontes orais permitem, sem dúvida, complementar a História (...) de forma alargada, inovadora, dinâmica. É este o objeto da História oral: apresentar uma História das comunidades vividas e contada na primeira pessoa*¹⁴. A História Oral é uma metodologia fulcral para a preservação das memórias, para o complemento dos arquivos, suprimindo eventuais falhas ou inexistências de documentação. A memória constitui-se, para a historiografia contemporânea, como sendo uma preciosa fonte de informação, única e inédita.

Para o registo das memórias, das narrativas das vivências humanas, é necessário o recurso à técnica da entrevista ou similar¹⁵, verificando-se assim, o cruzamento com outras ciências, visando a recuperação e preservação da narrativa oral e das memórias individuais.

A importância da História Oral enquanto fonte de investigação está no facto de esta nos permitir ir além da História oficial e das fontes tradicionais. Esta é mais dinâmica e abrangente, focando-se nas histórias de vida, nas experiências pessoais, nos discursos orais, enquanto complemento e reconstrução histórica¹⁶. Esta perspetiva é reforçada por Philippe Joutard que refere o cruzamento da memória com a História,

¹³ Silva, Susana Serpa (2019), “Emigração Açoriana. Entre a História e a Memória”, In Duarte Nuno Chaves, (Coord.) *Memória e Identidade Insular. Religiosidade, Festividade e Turismo nos Arquipélagos da Madeira e Açores*. Edição CHAM - Centro de Humanidades, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa e Universidade dos Açores e Santa Casa da Misericórdia das Velas, S. Jorge, p. 103.

¹⁴ Campos, Ângela (2007), “Vozes do Douro: A importância da História Oral na recuperação de memórias”, In Francisco Silva (Dir.) *Douro 22, Estudos & Documentos*, n.º 22, Ano 12, p. 301.

¹⁵ Veja-se por exemplo: Monteiro, Isilda (2011), “A Guerra Colonial (1961-1974) – Memória e História. Um balanço.” Comunicação apresentada no XXXVIII Congresso Internacional de História Militar, Descolonização. Guerras coloniais e de Independência, do século XVIII até o presente. Rio de Janeiro. Disponível em: <http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/2295/1/A%20guerra%20colonial.pdf>

¹⁶ Vieira, Alberto (coord.) (2015), pp. 7-8.

enquanto instrumento de trabalho da historiografia contemporânea, e da necessidade da sua conjugação, embora de formas diferentes, dado que *Memória e História são, assim, duas vias de acesso ao passado paralelas e obedientes a duas lógicas distintas*¹⁷.

Para melhor compreensão e análise do objeto em estudo e face ao período temporal em apreço e à nossa própria formação em Ciências Sociais, sentimos a necessidade de enriquecer este estudo com o recurso à História Oral. Nas palavras de Susana Serpa Silva *a História, como ciência, procura o rigor alicerçado em fontes coevas e escritas, não é menos certo que, para o estudo da contemporaneidade, se possa recorrer às memórias e aos testemunhos orais, desde que recolhidos criteriosamente e fundamentadamente (...) é possível conciliar – dentro de uma perspetiva científica – a História e as Memórias*¹⁸.

Por consequência, a investigação que sustentou esta tese de doutoramento, conciliou diferentes fontes historiográficas, que vão dos documentos manuscritos e impressos (legislação, periódicos, entre outros) até às fontes iconográficas e estatísticas cruzadas, com espírito crítico e analítico, com memórias individuais ou testemunhos orais, que refletem a presença do passado nos dias de hoje, histórias de vida e de uma comunidade¹⁹ que, neste particular, viveu o impacto da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores.

Como referimos, é diminuta a bibliografia que sintetize e enquadre o impacto social consequente da implantação das Base das Lajes e da sua ocupação por forças estrangeiras. Já em termos políticos e estratégicos, podemos evidenciar um vasto conjunto de investigações de foro académico, quer da Universidade dos Açores, quer de outras academias, predominantemente ligadas às áreas da História, da Ciência Política e das Relações Internacionais. São, sem sombra de dúvida, trabalhos de enorme relevância e de referência obrigatória para todos quantos se propõem estudar a presença norte-americana nos Açores. Embora com focos distintos do nosso, foram abordagens essenciais para este estudo, ajudando a percecionar, contextualizar e fundamentar a nossa pesquisa. Salientamos, assim, alguns dos principais autores: António José Telo, José Freire Antunes, Norman Herz, José Medeiros Ferreira, Luís Andrade, Avelino

¹⁷ Joutard, Philippe (2007), p. 225.

¹⁸ Silva, Susana Serpa (2019), p. 90.

¹⁹ Silva, Susana Serpa (2016), “Açorianos na guerra do Ultramar: memórias no feminino”, In Manuel Conde e Susana Serpa Silva (Coord.), *História, Pensamento e Cultura. Estudos em homenagem a Carlos Cordeiro*. Ponta Delgada: Nova Gráfica, p.459.

Meneses, Arnaldo Madureira, Luís Nuno Rodrigues, Tiago Moreira de Sá, entre outros que podemos encontrar citados ao longo deste trabalho.

De António José Telo, destacamos, por exemplo, o ensaio “Os Açores e o Atlântico”²⁰, que nos contextualiza a importância geoestratégia e geopolítica dos Açores e o interesse dos norte-americanos pelo arquipélago, durante a Segunda Guerra Mundial, e como esta presença se concretizou e se perpetuou ao longo dos anos. Este é um estudo de relevo, integrado numa obra de referência para os investigadores que se propõem estudar as problemáticas associadas à Base das Lajes, pois permite inteirarmos dos interesses inerentes à sua ocupação por forças estrangeiras, bem como do papel e importância dos Açores no quadro internacional.

Não podemos descurar os vários estudos do investigador da academia açoriana, Luís Andrade, especialista em Ciência Política e Relações Internacionais. Na sua obra *Uma Perspetiva açoriana da política externa dos Estado Unidos da América e o Atlântico Norte*²¹, analisa a política externa dos EUA no que concerne ao Atlântico Norte, considerando as relações bilaterais entre o Estado português e o Estado norte-americano, no decorrer das duas Guerras Mundiais e no consequente período denominado por Guerra Fria.

A obra *Operation Alacrity: The Azores and the war in the Atlantic*²², de Norman Herz, é uma referência para os estudos sobre a Base das Lajes. Esta descreve pormenorizadamente toda a operação de preparação, chegada e ocupação da ilha Terceira pelas forças estrangeiras. Mostra-nos o cenário pré-ocupação, os interesses dos ingleses e dos norte-americanos pelas ilhas dos Açores, a importância geoestratégia e geopolítica do arquipélago, quer durante a Segunda Guerra Mundial quer no período pós-guerra. Esta é uma obra muito detalhada e pormenorizada, sendo de extrema importância para a contextualização e entendimento sobre a temática.

José Freire de Antunes é também um autor de referência para os investigadores que se debruçam sobre as temáticas das relações bilaterais entre Portugal e EUA. De salientar as suas obras: *Roosevelt, Churchill e Salazar. A luta pelos Açores 1941-1945*²³,

²⁰ Telo, António José (2005), “Os Açores e o Atlântico”, In Luís Rodrigues; Iva Delgado; David Castaño (coord.) *Portugal e o Atlântico. 60 anos de Acordos dos Açores*. Lisboa: Centro de Estudos de História Contemporânea Portuguesa, pp. 189 – 210.

²¹ Andrade, Luís (2017), *Uma perspetiva açoriana da política externa dos Estados Unidos da América e o Atlântico Norte*. Ponta Delgada: Letras Lavadas.

²² Herz, Norman (2004), *Operation Alacrity. The Azores and the War in the Atlantic*. Maryland: Naval Institute Press.

²³ Antunes, José Freire (1995), *Roosevelt, Churchill e Salazar. A luta pelos Açores 1941-1945*. Alfragide: Ediclube.

e *Kennedy e Salazar – O leão e a raposa*²⁴. Estas cobrem o período do Estado Novo e as relações entre os vários estadistas envolvidos na cedência das Base das Lajes e os interesses subjacentes à sua ocupação.

De entre a vasta obra de José Medeiros Ferreira, temos a destacar, respetivamente, o capítulo e os artigos “Portugal em Transe (1974-1985)”²⁵; “Portugal e os EUA nas duas guerras mundiais: A procura do plano bilateral”²⁶ e “Ilhas e Arquipélagos: Neutralidade e zonas de influência”²⁷, tendo estes sido de suma importância para a melhor compreensão do papel dos Açores e da sua valia política e estratégica no decorrer da Segunda Guerra Mundial.

De Arnaldo Madureira, salientamos o livro *Salazar e a II Guerra Mundial: O difícil equilíbrio do Estado Novo entre os aliados e os nazis*²⁸, cuja leitura nos permite perceber os contornos da Segunda Guerra Mundial sob a visão de Salazar e da sua política internacional. Enquadra-nos a política interna do país no período do Estado Novo, abordando a questão dos Açores, enquanto moeda de troca entre duas potências democráticas – EUA e Inglaterra. Esta obra narra episódios fundamentais para um maior entendimento sobre a época, sobre as questões políticas e sociais, bem como sobre a ambiguidade dos interesses e da posição de Portugal face o conflito bélico.

A *História das Relações Portugal- EUA (1776 – 2015)*²⁹, de Tiago Moreira de Sá, é outro importante instrumento de trabalho, pela contextualização e evolução das relações bilaterais entre os dois Estados e o modo como esta proximidade/relação esteve presente ao longo dos anos. Destacam-se, mais especificamente, os capítulos referentes à Segunda Guerra Mundial por estes terem uma maior ligação à temática em estudo.

De igual modo, não podemos deixar de referir a tese de doutoramento do terceirense Armando Mendes, sob orientação do Professor Doutor António José Telo, intitulada *Entre o carro de bois e o avião. Uma pequena comunidade no centro da*

²⁴ Antunes, José Freire (2013), *Kennedy e Salazar – O leão e a raposa*. Alfragide: Publicações D. Quixote.

²⁵ Ferreira, José Medeiros (1994), “Portugal em Transe (1974-1985)”, In José Mattoso (dir.) *História de Portugal*, Vol. VIII. Círculo de Leitores.

²⁶ Ferreira, José Medeiros (2004), “Portugal e os EUA nas duas guerras mundiais: A procura do plano bilateral”, In *Cadernos Navais*, n.º 9, março, junho. Lisboa.

²⁷ Ferreira, José Medeiros (2007), “Ilhas e Arquipélagos: Neutralidade e zonas de influência” In *Os Açores e a II Guerra Mundial – Actas do colóquio internacional comemorativos dos 60 anos sobre a capitulação alemã*. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura.

²⁸ Madureira, Arnaldo (2021), *Salazar e a II Guerra Mundial. O difícil equilíbrio do Estado Novo entre os Aliados e os nazis*. Lisboa: Clube do Autor.

²⁹ Sá, Tiago Moreira de (2016), *História das Relações Portugal- EUA (1776 –2015)*. Alfragide: D. Quixote.

*rivalidade global*³⁰. Esta tese doutoral foi defendida no ISCTE-IUL, em 2016 e em 2019 foi publicada pelo Instituto Histórico da Ilha Terceira. É uma obra de inegável relevância para quem se debruça sobre a Base das Lajes, sobretudo no âmbito da defesa e das relações internacionais. Este estudo faculta-nos um retrato político inerente à instalação das Bases militares norte-americanas nos Açores – Base Naval de Ponta Delgada, Base de Santa Maria e Base das Lajes —, bem como as razões da sua permanência e encerramento (com exceção da Base das Lajes que ainda continua ativa).

Como já foi assinalado, no que concerne ao impacto social da presença norte-americana, as investigações não são tão vastas nem específicas como as relacionadas com a vertente política. No entanto, podemos encontrar algumas referências que foram tidas como muito relevantes no apoio e suporte teórico a este estudo, como é o caso da monografia de Avelino de Freitas de Meneses, *As Lajes da Ilha Terceira. Aspectos da sua História*³¹. Esta obra resulta da conjugação entre “o apego à terra natal e o ofício de historiador”, constituindo-se como um pertinente estudo, diacrónico e descritivo, da freguesia das Lajes, na ilha Terceira, onde foi instalada a base militar, na grande planície, outrora reconhecida como tendo sido o “Celeiro da ilha” pela riqueza das suas terras e abundante produção cerealífera.

Nesta obra, o autor faz várias incursões sobre a influência e o impacto da presença estrangeira, na Base das Lajes, desde os seus primórdios. Destaque-se a referência à instalação, na Serra de Santiago, dos migrantes açorianos que se deslocavam, para a Terceira, na expectativa de um emprego bem remunerado ao serviço das forças estrangeiras sediadas nas Lajes. O resultado desta migração foi um pequeno aglomerado conhecido localmente como “Bairro de Lata”, associado a fortes assimetrias sociais e apenas erradicado em 2016.

Além disto, a obra narra acontecimentos relevantes associados à base militar e está repleta de fotografias ilustrativas da época, que nos dão uma perspetiva iconográfica do espaço, das infraestruturas e das gentes. No entanto, as problemáticas que pretendemos aprofundar, nesta tese, não são afloradas.

Outra importante referência centra-se na obra de Roland Vintras: *História Secreta da Base dos Açores*³², que nos permite percecionar a importância da Base das

³⁰ Mendes, Armando (2018), *Entre o carro de bois e o avião. Uma pequena comunidade no centro de uma rivalidade global*. Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da Ilha Terceira.

³¹ Meneses, Avelino (2001), *As Lajes da Ilha Terceira – Aspectos da sua História*. Angra do Heroísmo: Blu edições.

³² Vintras, R.E. (1974), *História secreta da base dos Açores*. Lisboa: Ulisseia.

Lajes, as obras e ampliações a que esta foi submetida, com a chegada dos britânicos à ilha Terceira. Roland Vintras, descreve, na primeira pessoa, os primórdios da chegada dos ingleses à ilha, os seus interesses e entraves que encontraram, sintetizando o percurso histórico desde o interesse pelos Açores por parte dos Aliados, as negociações iminentes, até ao desembarque dos britânicos na ilha, incluindo os percalços da sua estada, como foi o processo de desocupação e desalojamentos dos terrenos e moradias para as obras de ampliação da pista do aeródromo, bem como a construção do bairro que iria alojar os desapossados. Nesta obra encontramos uma descrição pormenorizada das *facilidades* que foram concebidas aos ingleses, nos Açores, por Oliveira Salazar. Ainda é de relevar o respetivo apêndice documental, onde podemos encontrar informação pertinente para a contextualização da chegada dos britânicos à ilha Terceira.

Em contrapartida, o livro de Manuel Meneses Martins, *Base Aérea das Lajes (contributos para a sua história)*³³, é extremamente rico em registos iconográficos referentes ao nosso período de estudo. É um trabalho que resulta de um testemunho pessoal, dado que o próprio autor, foi trabalhador da Base das Lajes, apresentando-se como um conhecedor de causa e por ter tido meios e acesso a valiosos documentos iconográficos com os quais ilustra a sua obra. Assim, esta narrativa permite-nos perceber a forma como a construção da Base facilitou, desde o seu início, a proximidade entre terceirenses e estrangeiros, resultante do grande envolvimento e necessidade de mão-de-obra local para a construção do Campo de Aviação. Logo, como aponta o autor, isto impulsionou o estreitamento de relações entre comunidades, tanto quanto possível, dependendo do grau de instrução e do domínio da língua.

Se nestas páginas encontramos alguns contributos com interesse para o nosso estudo, o artigo publicado por José Grave “Uma Base Estrangeira nas Lajes. O Alvor”³⁴ é, de igual modo, um retrato do impacto socioeconómico da Base, na ilha Terceira, mas de forma tão sucinta quanto se impõe a um artigo.

Álvaro Monjardino, no artigo “Açores: 50 anos de presença militar estrangeira”³⁵ faz uma breve incursão às questões socioeconómicas resultantes da presença estrangeira nos Açores, desde a chegada dos britânicos até ao pós-guerra. Todavia, não deixa de apresentar uma contextualização política e económica quer dos

³³ Martins, Manuel Meneses (2003), *Base Aérea das Lajes (Contributos para a sua História)*. Edição de Autor.

³⁴ Grave, José (2001), “Uma Base Estrangeira nas Lajes. O Alvor”, In *Arquipélago História*, 2ª Série, V, pp. 403-420.

³⁵ Monjardino, Álvaro (1993), “Açores: 50 anos de presença estrangeira”, In *Boletim Histórico da Ilha Terceira*, Vol. LI-LII, 1993,1994, pp.33-75.

Açores, quer da Europa, o que nos permite compreender o papel e a importância da Base das Lajes no cenário europeu e mundial, muito para além do âmbito do nosso estudo.

Ainda que não tenhamos esgotado todos os estudos sobre a Base das Lajes, consideramos estas obras imprescindíveis à compreensão e contextualização do impacto que esta teve no arquipélago, na ilha Terceira e na população local, embora voltemos a sublinhar que no tocante às consequências sociais há ainda muito para investigar, especialmente no que concerne às questões que se têm mantido silenciadas por tantos anos, e que por isso mesmo, nos propomos analisar para deixar um contributo e uma perspectiva de análise diferente sobre o contacto dos americanos com os locais.

Podemos afirmar que face às especificidades da nossa vertente de análise, são diminutos os estudos unicamente focados na vertente social e praticamente inexistentes os que afloram as problemáticas das adoções e dos casamentos. Apesar de nos socorrermos de alguma bibliografia, que é essencial, temos a noção de que pelas peculiaridades da problemática, desbravámos um caminho, com todas as dificuldades e limitações que acarretou, o que obrigou a um aturado trabalho de pesquisa e análise de fontes documentais e iconográficas e, sobretudo, de realização de entrevistas.

Tendo em conta que o nosso objeto de estudo é o impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, resultante da implantação da Base das Lajes, não podíamos, porém, deixar de conhecer os primórdios da instalação desta estrutura militar, analisando a presença da primeira força estrangeira que chegou à ilha Terceira: o Grupo 247 das forças britânicas. Apesar dos ingleses terem já deixado algumas influências nas gentes da ilha, foram sem dúvida os norte-americanos quem decisivamente deixou a sua marca e o modelo do seu estilo de vida. Consideramos que esta presença numa região periférica e pobre, deixou efeitos profundos e decisivos na forma de ser e de estar da comunidade local, bem como nos seus usos e costumes. Desde logo, temos a destacar a influência em termos económicos, sociais, culturais, ideológicos e linguísticos, bem como em termos de relacionamentos humanos, sociais e amorosos, e no espírito de interajuda entre as duas comunidades, como teremos oportunidade de comprovar mais adiante.

Inerentes às vicissitudes da pobreza³⁶, aos agregados familiares demasiado numerosos, ao *american dream* tão fortemente vincado nos horizontes de muitos açorianos, desejosos de encontrar uma vida melhor na outra margem do Atlântico Norte, em terras de forte emigração insular³⁷ a adoção de crianças terceirenses por militares norte-americanos, bem como a concretização de matrimónios entre jovens insulares e forasteiros, tiveram um forte impacto na comunidade local. Por isso, partindo do nosso trabalho anterior³⁸, decidimos dar continuidade e aprofundar a investigação que iniciamos a nível de Mestrado. Todavia, é de referir que a presente investigação incide sobre a ótica dos locais, dos terceirenses, não aborda a visão, os intuítos ou as perspetivas dos norte-americanos, porque esta abordagem não seria exequível no prazo em que se enquadra uma tese de doutoramento.

Investigação e metodologia

Como já tivemos oportunidade de referir a natureza deste estudo obriga ao cruzamento entre as Ciências Humanas e as Ciências Sociais, por forma a melhor analisarmos, com precisão e rigor, a complexidade das relações entre comunidades e o impacto social que os estrangeiros deixaram na população insular. Tornou-se, assim, necessário apoiarmo-nos e recorrermos à interdisciplinaridade e à transversalidade dos saberes e das metodologias, nomeadamente quanto à elaboração de entrevistas para recolha e registo de memórias. Como explicam Júlia Matos e Adriana Senna: *a história oral reconhece a confluência multidisciplinar (...) é uma forma de intercâmbio entre a História e as demais Ciências Sociais*³⁹. Além disso, e para reforçar a importância deste método, sublinhamos que *a fonte oral pode acrescentar uma dimensão viva à historiografia, pois o historiador, muitas vezes, necessita de documentos variados, não*

³⁶ Ainda nos dias de hoje, a pobreza nos Açores continua a assumir valores consideráveis comparativamente com a média nacional. Veja-se, por exemplo: Diogo, Fernando (2019), “Algumas peculiaridades da pobreza nos Açores”, *Sociologia Online*, nº 19, pp. 81-101.

³⁷ Veja-se, por exemplo: Mendonça, Luís e Ávila, José (2002) *Emigração açoriana (Séculos XVIII a XX)*. Lisboa: Artes Gráficas e Miranda, Sacuntala (1999), *A emigração portuguesa e o atlântico, 1870 – 1930*. Lisboa: Edições Salamandra.

³⁸ Mendes, Tânia Santos (2018), *A Infância Abandonada*. Ponta Delgada: Letras Lavadas.

³⁹ Matos, Júlia Silveira e Senna Adriana Kivanski (2011), “História oral como fonte: problemas e métodos”, In, *Historiæ*, 2 (1). Rio Grande, p. 100. Disponível em <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2395/1286>

*só escritos (...) prática importante que compõem parte da historiografia contemporânea*⁴⁰.

Passando a explicar a consecução desta investigação, para além da História Oral — a que voltaremos — começou-se por proceder a uma pesquisa bibliográfica, que nos permitiu, pelas diferentes leituras e consultas, dominar os conceitos essenciais e melhor contextualizar os acontecimentos e a época em estudo, isto é, o período do Estado Novo. Daí as balizas cronológicas da tese (1933-1974), uma vez se tratando de uma investigação sobre a Base das Lajes impôs-se abarcar antecedentes e consequências, abrangendo assim este tempo e regime da História de Portugal do século XX. Avançou-se, depois, para a pesquisa documental no Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro (em Angra do Heroísmo); no Arquivo Municipal da Praia da Vitória e em Acervos Digitais, disponíveis online⁴¹. Nestes, recorremos a fontes manuscritas (registos paroquiais e civis, registos de passaportes, atas...) e impressas (legislação, jornais), iconográficas e cartográficas.

De referir que, para a recolha e pesquisa documental e iconográfica, foi necessário recorrer a diferentes entidades públicas e particulares, uma vez que a documentação se encontra dispersa por vários arquivos e também na posse de particulares, alguns destes norte-americanos. Devemos realçar o papel das redes sociais⁴², como meio de recolha e partilha de documentação, dispersa em países estrangeiros. Só por esta via, foi possível aceder a determinadas pessoas e documentos, alguns deles na posse de ex-militares, que prestaram serviço na Base das Lajes, no período entre 1946 e 1974, ou de seus descendentes que, amavelmente, disponibilizaram fontes escritas e iconográficas, concorrendo para o enriquecimento do estudo. Para uma cabal perceção do impacto social, cultural e económico da fixação dos norte-americanos, é de sublinhar a importância extrema dos periódicos — regionais e norte-americanos —, uma vez que a imprensa além de ser um bom veículo de manifestação política e social, é ainda uma fonte rica e inegável de muita informação⁴³. A sua leitura e interpretação criteriosa, tornou-se um relevante contributo que compensou, em alguns aspetos, a escassez de dados sobre as principais problemáticas

⁴⁰ Matos, Júlia Silveira e Senna Adriana Kivanski (2011), p. 96.

⁴¹ Arquivo Nacional Torre do Tombo (ANTT) - Arquivo Salazar. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=3886688>

⁴² Particularmente a Rede Social Facebook

⁴³ Saint-Georges, Pierre (1997), “Pesquisa e crítica das fontes de documentação nos domínios económico, social e político”, In Luc Albarello *et al.*, *Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva, p. 23.

em estudo. Desta forma, torna-se evidente a necessidade de uma grande variedade e confrontação de fontes escritas, pelo que os jornais e as imagens, se mostraram extremamente pertinentes para o conhecimento e análise da época em estudo.

Não menos importante foram as memórias partilhadas pelos entrevistados, que como já referimos, estas permitem aceder a informações que as fontes tradicionais não alcançam, ou suprimem⁴⁴. Assim, no tocante à problemática da adoção de crianças e dos casamentos, a base deste trabalho foi a recolha de testemunhos orais (História oral), através da realização de entrevistas, efetuadas com base nas recomendações e procedimentos indicados pela Comissão de Ética da Universidade dos Açores⁴⁵.

Os testemunhos orais foram cruzados com as fontes arquivistas, precisamente registos de passaportes e registos da Cúria Diocesana, que nos permitiu perceber, em termos quantitativos, os dois fenómenos.

Por essas razões, e como este estudo se enquadra na História Contemporânea e como recorreremos à História Oral enquanto método de investigação – pelo cruzamento das fontes arquivistas oficiais, com a recolha de memórias, testemunhos orais – deu-se um cunho mais humanizante à investigação, numa lógica de complementaridade de fontes, sempre com o rigor científico que lhe é exigido. Esta é a parcela da história que não é contada pelas fontes tradicionais, pelas figuras que contam a história, pelos escritos oficiais, esta história só é transmitida aos historiadores pelo relato pessoal e íntimo de quem vivenciou⁴⁶.

O recurso à História Oral⁴⁷, em termos de historiografia contemporânea, é um importante instrumento de trabalho que permite, como referido, complementar a informação que os tradicionais arquivos não dispõem. Como refere Alberto Vieira: *Hoje a História democratizou-se, o seu âmbito alargou-se a todos os campos da vida do Homem e todos, mesmo os considerados sem história, estão presentes, de acordo com a sua participação dos factos que fazem a História*⁴⁸.

A análise de testemunhos orais, isto é, das memórias, exige do historiador redobrados cuidados e requisitos, como seja o distanciamento e a imparcialidade, visto que as memórias são o resultado das recordações impregnadas de representações,

⁴⁴ Silva, Susana Serpa (2016), p. 460.

⁴⁵ De referir, que os procedimentos serão explicados posteriormente, no presente trabalho.

⁴⁶ Silva, Susana Serpa (2019), p. 115.

⁴⁷ Veja-se por exemplo: Ferreira, Marieta, Fernandes, Tânia e Alberti, Verena (org.) (2000), *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

⁴⁸ Vieira, Alberto (coord.) (2015), *Cartas no intervalo de guerra*. Funchal: Edição Centro de Estudos de História do Atlântico, p. 7.

estigmas e preconceitos e, por vezes, marcadas por esquecimentos (in)voluntários. Philippe Joutard, explica-o desta forma: *A memória tem uma relação direta, afetiva com o passado, visto que ela é, antes de tudo, memória individual, lembrança pessoal de acontecimentos vividos. (...) A memória é terrivelmente seletiva e concentra-se sobre alguns factos*⁴⁹.

A ambiguidade própria da análise da memória, tal como refere Phillipe Joutard, pela sua seletividade, exigiu que fossemos cautelosos na análise dos testemunhos, imparciais e neutros, mantendo o rigor científico que se exige, tentando apresentar diferentes perspetivas de vários testemunhos, por forma que possamos nós próprios, refletir e concluir sem assumirmos uma representação única e redutora. Demonstra-se assim, a importância da confrontação de fontes – orais e documentais⁵⁰.

Para a recolha da História Oral recorreremos à entrevista, como já mencionado, visto ser o instrumento que permite plasmar o testemunho oral, sendo que este é a forma de expressão da memória individual⁵¹. Deste modo, optamos pela entrevista semiestruturada, por ser a diretiva mais abrangente, que nos permite ir acompanhando o discurso e a própria cronologia do entrevistado, facilitando a reformulação e adaptação sempre que se considere necessário e essencial para que se consiga obter o máximo de informação possível.

Esta técnica metodológica de recolha de dados, ao constituir-se por um conjunto de questões abertas, permite-nos orientar a conversação entre entrevistado e investigador, não desviando o foco em estudo e permitindo ao entrevistado uma maior dinâmica, autenticidade e profundidade, incluindo, para além do discurso oral, as próprias expressões físicas, pausas, emoções⁵²... Na recolha de memórias, o historiador não pode descurar do seu objetivo, atendendo a que as memórias, nas palavras de Susana Serpa Silva, são *reconstruções das experiências e das vivências, em narrativas mais ou menos organizadas e coerentes (...), silenciando o que parece ser insignificante e ocultando o que não se quer recordar*⁵³. Esta seletividade poderá favorecer a ocultação ou o esquecimento de memórias relevantes, e por isso é importante que o investigador disponha de um método flexível, como a entrevista semiestruturada, que

⁴⁹ Joutard, Philippe (2007), p. 223.

⁵⁰ Matos, Júlia Silveira e Senna, Adriana Kivanski (2011), p.103.

⁵¹ Vieira, Aberto; Faria, Cláudia e Alves, Graça (2018), *Eu tenho uma carta escrita*. Centro de Estudos de História do Atlântico. Ponta Delgada: Letras Lavadas, p. 185.

⁵² Quivy, Raymond e Campenhoudt, LucVan (1995), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva, p 192.

⁵³ Silva, Susana Serpa (2016), p. 459.

permita captar e resgatar as memórias, reformulando e orientando a conversação para atingir o seu objetivo.

Ainda é de referir que, pela importância que recai sobre o papel da entrevista para o investigador social e para o historiador no sentido de preservação das memórias individuais, este instrumento implica que tenhamos em atenção as questões éticas inerentes a um processo de investigação. Atendendo que estamos no âmbito de uma tese de doutoramento, é de salientar, como já referimos, o papel fulcral da Comissão de Ética da Universidade dos Açores, que pela complexidade, originalidade e sensibilidade da temática que nos propusemos estudar, impôs a necessidade dos vários guiões da entrevista serem avaliados e submetidos ao seu parecer. Para além da vertente formal das questões éticas aconselhar prudência aquando do processo de investigação, há também a relevar a sensibilidade e imparcialidade com que as questões e entrevistas foram dirigidas, atendendo sempre às situações individuais e pessoais dos sujeitos participantes na investigação.

A todos os inquiridos foi apresentado um termo de consentimento para recolha de informação, onde se explicava os objetivos e a finalidade da investigação em curso. Após a leitura e esclarecimento de qualquer dúvida que pudesse ter surgido e na certeza de que tudo tinha sido devidamente compreendido, o termo era assinado, em duplicado, ficando uma cópia para o investigador e outra para o entrevistado/testemunha.

Foi sempre garantido o anonimato e a confidencialidade da informação recolhida preservando-se, de igual modo, a identidade dos sujeitos participantes. Neste sentido, as entrevistas foram identificadas com recurso a nomes fictícios.

As participações foram voluntárias, sendo permitida e explicada a possibilidade de desistência, a qualquer momento, se assim o desejassem. Foram indicados os contatos da investigadora, caso houvesse uma decisão, posterior, de desistência.

As entrevistas foram gravadas em suporte áudio, de modo a serem transcritas. Terminado este processo, as gravações foram eliminadas, em conformidade com o assumido pelo investigador e previsto no Termo de Consentimento. A sua realização decorreu em locais escolhidos pelos entrevistados, o que, na esmagadora maioria dos casos, correspondeu às suas moradias. Casos houve em que as entrevistas foram realizadas em formato de videochamada, com recurso a plataformas digitais e a redes sociais⁵⁴. Esta situação permitiu um espírito e ambiente informais, salvaguardando a

⁵⁴ WhatsApp; Facebook e Skype.

privacidade, a segurança, a confiança e o à-vontade, fundamentais em momentos em que se solicitava a partilha de memórias, por vezes dolorosas.

Foi nossa preocupação nunca demonstrar ou emitir qualquer juízo de valor e respeitar sempre o tempo de cada um, a sua individualidade e opiniões, ainda que, cuidadosamente, direccionássemos o diálogo para os objetivos pretendidos nesta investigação. No perpassar das entrevistas foi necessário reformular as questões e muitas vezes utilizar um discurso mais simples, sobretudo entre os grupos mais idosos, da nossa amostra, tendo sido também evidente a necessidade de reestruturar a ordem das questões. Por vezes, não foi possível seguir fielmente o predefinido no guião, pois foi necessário acompanhar o discurso dos sujeitos e/ou aprofundar e flexibilizar as questões na sua ordem e estrutura, bem como (re)colocar as mesmas sempre que se mostrou imprescindível, consoante a pertinência e o decorrer da própria conversa. Deste modo, e como já foi assinalado, a opção por uma entrevista, do tipo semiestruturada, foi crucial pois mostrou ser o instrumento que permitiu uma maior flexibilidade na recolha de informação e de memórias tão sensíveis e delicadas como as que ficam aqui plasmadas.

Quanto à distribuição das entrevistas em termos de população-alvo, foram elaborados cinco guiões compostos por duas partes cada um. A primeira parte era uniforme a todos os entrevistados, constituindo-se como uma abordagem de carácter geral, onde se perspectivava conhecer as representações dos entrevistados em termos de impactos sociais que a presença norte-americana havia tido sobre a população local, no período temporal de 1946 a 1974. A segunda parte da entrevista era específica para cada grupo de entrevistados.

Os quatro grupos que compõem a população-alvo para o estudo das adoções foram: pais adotivos; adotados, famílias biológicas e testemunhas privilegiadas. Para a população-alvo referente aos processos de casamento entre jovens açorianas e militares norte-americanos, a nossa escolha recaiu sobre testemunhas privilegiadas.

É de salientar que o facto de termos contemplado quatro variantes de população-alvo para o estudo da adoção de crianças terceirenses por casais norte-americanos, ficou a dever-se ao facto de já termos feito, anteriormente, aquando da dissertação de Mestrado, uma abordagem inicial a este tema. Com a presente investigação propusemos conhecer melhor e aprofundar a problemática em causa, para melhor compreender os impactos sociais da presença americana na Terceira.

No tocante aos casamentos, apenas abordámos testemunhas privilegiadas, visto ser a primeira vez que nos debruçamos sobre esta questão, mas principalmente pelo

facto dos intervenientes directos (noivos) residirem, preferencialmente, nos EUA e terem idades muito avançadas ou, até, por já terem falecido. Por não nos ter sido possível uma deslocação à América do Norte, dado que realizamos esta investigação sem ter obtido qualquer bolsa ou licença no trabalho, várias entrevistas foram realizadas com recurso a plataformas digitais, como já referimos atrás, por ser o meio mais viável da sua concretização.

Assim sendo, no respeitante à seleção da amostra, é de referir que optamos pela amostragem em bola de neve. Este tipo de amostra, também reconhecido por *Snowball Sampling* é uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto⁵⁵.

Tendo em conta a temática sob investigação, a sensibilidade subjacente e a suscetibilidade que pode causar — verificando-se mesmo alguma reserva e silêncio da comunidade face à adoção de crianças terceirenses, por casais norte-americanos, bem como aos casamentos das jovens com militares sediados na Base das Lajes, no período de 1946 a 1974 —, os grupos em causa foram de difícil acesso não sendo possível realizar cálculos de probabilidade⁵⁶. Este tipo de cálculos associa-se aos inquéritos por questionário e não às entrevistas semidiretivas⁵⁷. Beatriz Bockorni e Almira Gomes, definem grupos de acesso como sendo *membros de uma população que não são distinguíveis na população geral, ou cujo comportamento envolve um tema de cunho sensível que faz com que eles não desejem se revelar*⁵⁸, o que demonstra ser o caso do grupo que compôs a presente investigação, pelas razões apontadas anteriormente.

Para além destes aspetos, tivemos em atenção que esta é uma problemática que se insere no foro da vida privada e/ou familiar, o que dificulta as partilhas e reacende recordações penosas, envoltas em muitas emoções e sentimentos, por vezes, contraditórios.

⁵⁵ Baldin, Nelma e Munhoz, Elzira (2011), “*Snowball* (Bola de Neve): Uma técnica metodológica para a pesquisa em educação ambiental comunitária”, In *Actas do X Congresso Nacional de Educação*. Curitiba: Universidade Católica do Paraná, p. 332.

⁵⁶ Vinuto, Juliana (2014), “A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto”, In *Revista Temáticas*, n.º 44, agosto-setembro. Campinas, p. 203. Disponível em <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>

⁵⁷ Veja-se por exemplo: Sampieri, Roberto; Colado, Carlo e Lucio, Pilar (2014), *Metodologia de la Investigación*. 6ª Edição. México: McGraw-Hill Editores.

⁵⁸ Bockorni, Beatriz e Gomes, Almira (2021), “A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração”, In *Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR*, v. 22, n. 1, pp. 105-117, jan./jun. Umuarama, p. 107.

Para concretizarmos as entrevistas, fomos paulatinamente estabelecendo contatos, o quais, de acordo com Juliana Vinuto, foram as nossas *sementes* que por sua vez direcionaram-nos para outros contatos, ou seja, *as sementes ajudam o pesquisador a iniciar os seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado*⁵⁹. Assim, os contatos primários foram estabelecidos tendo por referência o anterior estudo, e estes foram-nos encaminhando para outras presumíveis testemunhas, que abordávamos cautelosamente, descrevendo os objetivos a que nos propúnhamos.

Por várias vezes foram recusadas as nossas solicitações, fazendo-nos avançar para outras tentativas. As testemunhas privilegiadas foram cruciais, por não terem relação direta e/ou familiar com os intervenientes, facto que as levava, naturalmente, a mostraram uma maior abertura para participar no estudo.

Deste modo, a amostra das testemunhas privilegiadas para as entrevistas sobre as adoções e os casamentos são: ex-trabalhadores da BA4, de diferentes áreas e de ambos os sexos, para abranger diferentes escalões de atividade (amas, costureiras, empregadas domésticas); pessoas conhecidas e de referência na comunidade (advogado, Conservador); sujeitos com histórias atípicas relacionadas com a Base das Lajes (embarque num avião, clandestinamente, rumo aos EUA).

Assim sendo, a amostra constituiu-se por 22 sujeitos, testemunhas privilegiadas no tocante à temática dos casamentos entre jovens terceirenses e militares norte-americanos; 17 familiares biológicos das crianças adotadas; 7 adotados; 1 pai adotivo e 20 testemunhas privilegiadas, também para o estudo das adoções. No total, realizaram-se 67 entrevistas.

A recolha e tratamento de dados, assenta numa metodologia do tipo qualitativo, pois este é um método de pesquisa que visa *comprender los fenómenos, explorándolos desde la perspectiva de los participantes en un ambiente natural y en relación con su contexto. El enfoque cualitativo se selecciona cuando el propósito es examinar la forma en que los individuos perciben y experimentan los fenómenos (...) El enfoque cualitativo es recomendable cuando el tema del estudio ha sido poco explorado*⁶⁰.

Apesar do presente estudo contemplar a vertente da investigação qualitativa, de igual modo, cruza-se com o método quantitativo, resultante da recolha de dados estáticos e demográficos, da análise dos registos de passaportes do Fundo do Governo Civil do Distrito de Angra do Heroísmo e dos dados da Cúria Diocesana.

⁵⁹ Vinuto, Juliana (2014), p. 203.

⁶⁰ Sampieri, Roberto; Colado, Carlo e Lucio, Pilar (2014), p. 358.

As técnicas selecionadas que melhor correspondiam à nossa questão de partida e objetivos propostos, recaíram na análise documental, bibliográfica, iconográfica, cartográfica e sobre a entrevista, visto termos o intuito de recuperar depoimentos e memórias através da designada História Oral. Tudo isto vai ao encontro do exposto por José D'Assunção Barros que defende que a Histografia Contemporânea, necessita, cada vez mais, de diversificar as suas fontes, não se cingindo às fontes arquivistas e/ou às crónicas. Apesar da pesquisa arquivística ser crucial para a historiografia, estas são insuficientes para o trabalho do historiador⁶¹.

O cruzamento e complementaridade das fontes e metodologias, próprias da História e das Ciências Sociais tornou possível superar algumas dificuldades resultantes da escassez de documentos e de bibliografia sobre o tema, contribuindo deste modo para a construção da identidade insular terceirense, por intermédio da preservação da sua memória social. Ainda assim, deparamo-nos com inúmeras dificuldades, de que já deixamos, acima, alguma antevisão.

Limites e constrangimentos

Foram vários os constrangimentos vivenciados durante a investigação, sobretudo resultantes da situação pandémica decorrente da Covid-19, que em muito limitou a pesquisa que nos proponhamos fazer. Mas, para além de vários limites e constrangimento enfrentados, esta foi uma investigação que nos colocou inúmeros desafios, obrigando a uma enorme resiliência e dedicação. O interesse e a “paixão” pela temática, em causa, tornaram-se o nosso maior estímulo.

O primeiro constrangimento sofrido foi o compasso de espera entre a submissão dos Guiões de Entrevista e outros instrumentos complementares, à Comissão de Ética da Universidade dos Açores, e a sua aprovação final, pois como já referimos, a sensibilidade da temática em estudo levantou várias questões, o que implicou algumas delongas entre respostas, atrasando o arranque da investigação.

De seguida, com o decretar do primeiro confinamento na Região Autónoma dos Açores, pela Direção Regional da Saúde, foi-nos impedido o acesso a bibliotecas regionais, a consulta presencial nos Arquivos, obrigando à interrupção da pesquisa documental, o que concorreu para um atraso significativo no avanço da investigação.

⁶¹ Barros, José D'Assunção (2012), “Fontes Históricas: revisitando alguns aspetos primordiais para pesquisa histórica”, In *Moussein*, n.º 12, maio-agosto, p. 130.

Também ficaram impossibilitadas as viagens, nomeadamente com destino a Lisboa, com o intuito de efetuar pesquisas no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, visita que já se encontrava agendada e que acabou por ser cancelada.

De igual modo, os estados de emergência decretados, bem como as medidas implementadas no arquipélago, retardaram os contactos com terceiros, e consequentemente a realização das entrevistas, com a agravante de um número significativo da população alvo se situar na faixa etária dos 80 anos, um dos principais grupos de risco⁶².

Para além, da situação atípica da pandemia, estiveram presentes as limitações comuns do trabalho de historiador: escassez de bibliografia que nos auxiliasse na consolidação e confrontação da informação recolhida sobre os impactos sociais resultantes da presença estrangeira na ilha Terceira, bem como sobre a situação das adoções de crianças terceirenses por casais norte-americanos. De igual modo, a questão dos casamentos também é uma temática muito pouco abordada. Esta escassez de estudos deve-se ao facto de estas serem temáticas da esfera pessoal e privada que durante muitos anos foram temas tabu da sociedade terceirense, o que dificultou a recolha da informação, como já se tinha referenciado acima.

No tocante às fontes documentais e iconográficas, algumas encontravam-se praticamente inexploradas, pelo que acresceu a tarefa de organizá-las e sistematizá-las. A dispersão ou disseminação por diferentes instituições, particulares e públicas, o que voltou a contribuir para o retardamento no tempo destinado à escrita e entrega da tese, pois cada vez que necessitámos de consultar um arquivo institucional diferente, implicava atrasos resultantes de autorizações e agendamentos.

Para além desta situação, outros obstáculos assentaram no elevado grau de deterioração de vários documentos ou no extravio de outros, impossibilitando a sua consulta. Foi o caso, por exemplo, da documentação solicitada ao Comando do 65th Air Base Group. O responsável pelas Relações-Públicas do destacamento norte-americano, que tão amavelmente nos recebeu, informou-nos que a inexistência de dados quantitativos relativos ao contingente militar na Base das Lajes, nos anos de 46 a 74, se devia ao facto de terem sido levados ou se terem extraviado em consequência da desmobilização do contingente norte-americano. Esta lacuna foi colmatada, numa fase

⁶² Também o facto de a investigadora ter estado a cumprir Isolamento Profilático durante 15 dias, foi tido como sendo um constrangimento ao estudo, pois voltou a impedir a consulta presencial em Arquivo, realização de entrevistas e visitas a particulares para recolha de documentação iconográfica.

muito adiantada do trabalho, pela consulta, do arquivo *Destacamento norte-americano da Base das Lajes*⁶³.

Outro impedimento com que nos deparámos foi a recusa, por parte da Conservatória do Registo Civil da Praia da Vitória, em nos permitir consultar/confrontar os dados referentes à adoção das crianças que emigraram, na companhia de casais norte-americanos, no período de 1946 a 1974. Esta situação foi justificada ao abrigo do Regulamento (UE) 2016/679 do Parlamento Europeu e do Conselho da União Europeia, de 27 de abril de 2016 (RGPD). Parecia-nos que a solicitação poderia ter sido deferida favoravelmente, tendo em conta as declarações apresentadas, a natureza científica da investigação, as garantias de absoluta confidencialidade e anonimato dos dados a utilizar. Porém, nada pudemos fazer para contornar as determinações legais e superiores.

No nosso anterior estudo foi-nos permitida a confrontação da informação recolhida pela pesquisa nos Registos de Passaporte com os assentos de nascimento. Mas visto terem surgido novos dados, era necessário voltar a confrontar essa informação, o que não foi possível de concretizar.

Superamos esta situação com base na anterior informação recolhida e com alguma informação que se encontrava nos registos de passaporte. Todavia, uma parcela significativa dos novos dados obtidos não foi possível verificar, sobretudo quanto à efetiva concretização da adoção da criança e o tipo de adoção que havia sido praticada (plena ou restrita).

Em relação aos sujeitos, é de referir a escassez de entrevistas concretizadas no grupo referente aos pais adotivos. Este obstáculo ficou a dever-se à dificuldade em estabelecer contato com os mesmos, por estes residirem nos EUA, por terem idades bastante avançadas, por se encontrarem doentes ou já terem falecido. Acresce que, em alguns casos, existiu uma relação pouco favorável com os filhos adotivos, como podemos observar neste trabalho. Por tudo isto, a amostragem em bola de neve não apresentou os resultados esperados, neste caso, pois os contatos *semente* não resultaram, ficando apenas uma única entrevista concretizada.

O facto de grande parte do grupo-alvo (adotados) se encontrar a residir nos EUA, também foi uma dificuldade sentida em termos de estabelecimento de contatos, o

⁶³ O arquivo *Destacamento norte-americano da Base das Lajes*, encontra-se disponível para consulta, sob autorização da direção, na Biblioteca Luís da Silva Ribeiro, Angra do Heroísmo.

que foi evidente pelo reduzido número de entrevistas concretizadas (7 entrevistas), o que foi complementado pelas testemunhas privilegiadas.

Ainda devemos referir, em termos pessoais e académicos, a dificuldade sentida quanto à objetividade e frieza necessárias durante a realização das entrevistas e análise das mesmas. Tentamos sempre manter um espírito de neutralidade e imparcialidade, mas o lado humano impôs algumas fraquezas que tentamos sempre superar. Como já referimos, trata-se de uma investigação que aborda e relembra temáticas e situações muito sensíveis, do foro privado e familiar, pelo que também não foi fácil àqueles que se dispuseram a participar no estudo, manifestando, por vezes, as suas emoções. Como explica Maria Isabel João: *É, assim, necessária uma vigilância suplementar para não se deixar envolver e manter o discernimento e o espírito crítico necessários para produzir as interpretações adequadas e fundamentar as análises*⁶⁴.

Apesar das várias limitações, constrangimentos e entraves, a investigação prosseguiu também graças à disponibilidade e amabilidade de todos quantos contribuíram para a sua concretização e a quem deixo um reconhecido agradecimento.

Estrutura do trabalho

A tese estrutura-se em cinco grandes capítulos, que, por sua vez, se subdividem em vários subpontos, seguindo uma lógica temporal.

O primeiro capítulo, intitulado *O período do Estado Novo e a implantação da Base das Lajes* assenta na explanação e contextualização do período em apreço, abarcando a ideologia e os valores que sustentaram o regime, bem como a política externa salazarista, tendo em conta os interesses britânicos e norte-americanos relativos aos Açores e à instalação da Base das Lajes.

No segundo capítulo, *As origens da Base das Lajes e as suas consequências para a ilha Terceira*, desenvolvemos a abordagem relativa aos primórdios da construção do aeródromo das Lajes, assim como as consequências socioeconómicas, para a ilha Terceira, resultantes da chegada das forças britânicas à ilha. Enquadra-se e explica-se os antecedentes da chegada dos norte-americanos à ilha Terceira, motivando

⁶⁴ João, Maria Isabel (2005), “Memória e História: os problemas do método”, In Maria Beatriz Rocha e Campos Trindade, Maria Christina Siqueira de Souza (org.) *História e Imagens nas imigrações*. Oeiras: Celta Editora, p. 7. Disponível em https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/8342/1/MJ%20-%20Mem%C3%B3ria%20e%20Hist%C3%B3ria_os%20problemas%20e%20o%20m%C3%A9todo.pdf

uma breve caracterização social e económica da ilha, no período antecedente e no da chegada dos norte-americanos.

O terceiro capítulo, *A presença norte-americana e o seu impacto na sociedade local*, destinou-se à análise da instalação dos norte-americanos na ilha, desde a sua integração até aos impactos em termos sociais, culturais, ideológicos e económicos que a sua presença acarretou e às transformações que a sociedade local vivenciou.

Desde logo, os norte americanos trouxeram os seus usos e costumes, que facilmente se propagaram pela ilha e pelos Açores. Foi manifesta a influência em termos arquipelágicos, embora a maior incidência se tenha verificado na Terceira, por razões de proximidade. Aliás, depressa se estabeleceram cordiais relações entre os estrangeiros e os naturais que, dia-a-dia, se sentiam seduzidos pelo sonho americano.

Concluído o enquadramento e a contextualização, bem como a análise do impacto causado pela presença dos americanos, passamos ao quarto capítulo, designado *Em torno da adoção de crianças terceirenses por casais norte-americanos*, que se debruça sobre a problemática das adoções de crianças terceirenses por casais norte-americanos, no período compreendido entre 1946 e 1974. Para além de procurarmos compreender melhor esta realidade, tentamos analisar o papel de diferentes intervenientes no processo de adoção e perscrutar, tanto quanto possível, as vivências dos adotados, hoje adultos, e que aceitaram participar neste estudo.

Através da análise dos registos de passaportes, do Fundo do Governo Civil do Distrito de Angra, abordamos a vertente quantitativa do fenómeno, seguindo-se a análise dos testemunhos orais. Posteriormente, o cruzamento destas fontes, motivou uma reflexão, em três subcapítulos, quanto aos objetivos e contornos destas adoções: se podem ser consideradas uma forma de emigração, se seriam uma estratégia de emigração infantil, com destino aos EUA e até que ponto eram respeitadas as leis em vigor. Por conseguinte, tudo isto fez-nos refletir sobre o silêncio da comunidade e a forma como este silêncio se perpetuou até aos dias de hoje, culminando num subcapítulo sobre os percursos de vida dos adultos que, em criança, foram adotados.

Finalmente, o quinto capítulo: *O casamento entre jovens terceirenses e militares norte-americanos sediados na Base das Lajes, 1946-1974*, centrou-se na explanação desta outra vertente inerente ao impacto que a presença norte-americana gerou nas gentes da ilha em termos de relacionamentos e proximidade.

Para isso, abordou-se, novamente num primeiro momento, a vertente quantitativa dos processos de casamento, resultante da pesquisa em arquivo, seguindo-

se a análise qualitativa das memórias orais partilhadas pelas testemunhas privilegiadas. Desta primeira análise resultaram quatro subcapítulos: o casamento como via para emigração, pois esta é a principal questão em torno da problemática; os processos de namoro e casamento; as ruturas com os padrões culturais da sociedade açoriana versus adaptação a novos padrões estrangeiros que se disseminavam pela ilha; e, por fim, as motivações e expetativas das jovens nubentes e suas famílias.

Em suma, a presente investigação revela o impacto que a presença norte-americana teve sobre a população da ilha Terceira, nos Açores, em termos sociais, mas também em termos económicos, ideológicos, linguísticos... ao longo do período do Estado Novo. Parafraseando Manuel Sousa Menezes *foram intensas e muito animadas as relações de toda a ordem, entre portugueses, ingleses e americanos*⁶⁵.

⁶⁵ Menezes, Manuel Sousa (2007), “As facilidades concedidas nos Açores a ingleses e americanos em 8 de outubro de 1943”, In *Os Açores e a II Guerra Mundial – Actas do colóquio internacional comemorativos dos 60 anos sobre a capitulação alemã*. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura. p. 105.

1º Capítulo – O período do Estado Novo e a implantação da Base das Lajes

1.1. Breve caracterização do regime

O período correspondente ao Estado Novo marcou, profundamente, a História de Portugal, no século XX, tanto pelas características que assumiu, como pela sua longevidade. Coincidindo na sua quase totalidade com o designado Salazarismo, atendendo à principal figura política do regime. O autoritarismo do Estado Novo impôs-se a todos os sectores da vida nacional, estendendo-se, naturalmente, à política externa de tendência ultramarina e europeia-ocidental. É neste contexto que se desenrola a presença britânica e norte-americana na Base das Lajes, na ilha Terceira.

Após a queda da Primeira República, em 1926, na sequência do Golpe de 28 de maio, foi instaurada a Ditadura Militar. Portugal encontrava-se numa difícil situação económico-financeira, oriunda do século XIX e agravada pela consequência e participação na Primeira Guerra Mundial. A estabilidade política era, então, mantida pela força e, por decreto ditatorial, o general Óscar Carmona foi nomeado Presidente da República, até ser eleito em 1928⁶⁶. Entretanto, face à gravidade da situação financeira, Carmona, por recomendação do Reitor da Universidade de Coimbra, convida António Oliveira Salazar, então docente desta academia, para assumir a Pasta das Finanças⁶⁷.

Ultrapassadas as iniciais hesitações, o então Ministro das Finanças, Oliveira Salazar consegue, em pouco tempo, melhorar a situação orçamental do país. A sua política *consistira em reduzir substancialmente as despesas (...) mediante severas economias, e em ligeiramente aumentar as receitas (...) através da criação de novos impostos e de uma melhor administração dos dinheiros públicos*⁶⁸. Desde logo, conseguimos antever o clima de austeridade social, económica e política, que se viveu num país já de si em fortes dificuldades, culminando num agravamento das condições de vida das populações⁶⁹. Contudo, com essas medidas, Salazar conseguiu equilibrar as contas públicas, o que lhe conferiu um enorme prestígio. Nas palavras de Fernando

⁶⁶ Rosas, Fernando (1994), “O Estado Novo (1926-1974)”, In José Mattoso (dir.) *História de Portugal*. Vol. VII. Círculo de Leitores, pp. 167-168.

⁶⁷ Gómez, Hipólito de La Torre (2010), *O Estado Novo de Salazar*. Alfragide: Leya, p. 25.

⁶⁸ Marques, A.H. de Oliveira (1998), *Breve História de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, p. 658.

⁶⁹ Martins, Ernesto Candeias (2009), “A política portuguesa de educação e de assistência social no período do Estado Novo (1930-1974)”, In *Série – estudos – periódico do mestrado em educação da UCDB*. Campo Grande, nº 27, jan-jun. p. 155.

Rosas, Salazar foi o *Mago das finanças, detentor da solução última e miraculosa para salvar o país da bancarrota*⁷⁰.

Na sequência do seu desempenho como Ministro das Finanças, em 1932 é nomeado Chefe do Conselho de Ministros, passando a decidir os destinos de Portugal. Em 1933, com base numa ideologia conservadora e fascizante, instaura a ditadura do Estado Novo. Todavia esta já tinha começado a ser projetada, ainda no seio da ditadura militar⁷¹.

Salazar assume deste modo, os desígnios do país, sendo que em três anos de reestruturação, implanta um Estado autoritário e antidemocrático. O Estado Novo foi *um modelo político, híbrido em termos formais, mas efetivamente antidemocrático, que embora fazendo parte da liga histórica do fascismo, mostrava também importantes diferenças em relação às ditaduras dessa natureza*⁷². Não obstante, para Marcelo Caetano, o Estado Novo foi um regime “*nem comunista, nem fascista*” procurando o equilíbrio entre o que o passado tivesse de aproveitável e as exigências imperiosas do futuro⁷³.

No mesmo ano de instauração da ditadura Salazarista, é aprovada a Constituição portuguesa de 1933 que vem trazer mais poder ao governo chefiado por Salazar, que passou a concentrar, em si, o poder executivo e legislativo. Segundo Fernando Rosas, *a institucionalização do Estado Novo, com a entrada em vigor da Constituição de 1933, traduzia a estabilização da liderança salazarista na ditadura*⁷⁴, e que havia de vigorar até 1974.

A Constituição de 1933 legitimava o regime autoritário e antidemocrático de Salazar, decretando a soberania da Nação⁷⁵. No artigo 4º da Constituição de 1933, podemos ler que a *Nação portuguesa constitui um Estado independente, cuja soberania só reconhece como limites, na ordem interna, a moral e o direito*⁷⁶.

Na ditadura salazarista, e não só, verificava-se a exaltação da figura do Chefe do Governo como “Salvador da Pátria”, pois de *Salazar dependia praticamente toda a*

⁷⁰ Rosas, Fernando (1994), p. 170.

⁷¹ Oliveira, César (1990), “Da ditadura militar à implantação do salazarismo”, In António Reis (Dir.) *Portugal Contemporâneo*, Vol. IV. Lisboa: Publicações Alfa, p. 28.

⁷² Gómez, Hipólito de La Torre (2010), p. 25.

⁷³ Caetano, Marcello (2000), *As minhas memórias de Salazar*, (4ª Edição). Lisboa: Verbo, p. 173.

⁷⁴ Rosas, Fernando (1994), p. 235.

⁷⁵ Proença, Maria Cândida (2021), *Uma História concisa de Portugal*, (5ª Edição). Lisboa: Temas e Debates, Círculo de Leitores, p. 672.

⁷⁶ Constituição portuguesa de 1933, art.º 4. Disponível em <https://www.parlamento.pt/Parlamento/Documents/CRP-1933.pdf>

nação⁷⁷. Esta exaltação era notória nos cartazes produzidos pelo Secretariado da Propaganda Nacional, como por exemplo pela divisa propagandista “Tudo pela Nação, nada contra a Nação”. Ora esta divisa ilustra que *a sociedade era, e só podia ser, a “Nação” (...)* A “Nação” era apresentada como *ser moral e entidade mística*⁷⁸.

A ideologia salazarista era de matriz nacionalista, corporativista, conservadora e tradicionalista, preservando o que caracterizava estruturalmente a sociedade portuguesa, ressuscitando ainda a retórica do “Império”. A sociedade assentava na moral tradicional representada pelos valores da vida familiar e da religião Católica, sustentada na trilogia “Deus, Pátria e Família”.

A Igreja Católica foi um forte aliado na ascensão e consolidação do Estado Novo, sobretudo pela promoção e divulgação da ideologia estatal, a título de exemplo, refere-se a Rádio Renascença, nascida na década de 30, como mecanismo inculcador e difusor da doutrina do Estado e do catolicismo⁷⁹.

A 7 de maio de 1940, é assinada, na cidade do Vaticano, a Concordata entre a Santa Sé e a República Portuguesa, visando assim, *regular por mútuo acordo e de modo estável a situação jurídica da Igreja Católica em Portugal, para a paz e maior bem da Igreja e do Estado*⁸⁰. Concomitantemente foi, assinado, o Acordo Missionário que previa a regulação da Igreja e as colónias portuguesas⁸¹. Desta forma, demonstra-se o estreitamento da relação e dos valores, entre a Santa Igreja e o Estado. Na expressão de Herlânder Duarte: *Sob o aspeto político, a Concordata pretende aproveitar o fenómeno religioso como elemento estabilizador da sociedade e reintegrar a Nação na linha histórica da sua unidade moral*⁸².

O Salazarismo cultivava a “pobreza honrada” com que todas as casas portuguesas se deveriam reger. Nas palavras de Álvaro Garrido, *o Estado Novo ligou a*

⁷⁷Silva, Andreia (2013), *Propaganda Política do Estado Novo. Análise de conteúdo dos discursos presidenciais da tomada de posse (1926-1974)*. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa: Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Comunicação Social, p. 77.

⁷⁸Garrido, Álvaro (2014), “População e Sociedade”, In Pinto, António Costa (Dir.) *História contemporânea de Portugal – 1808-2010. Olhando para dentro 1930-1960*. Vol. 4, Fundación Mapfre, p. 158.

⁷⁹Veja-se Rosas, Fernando (Coord.) (1992), “Portugal e o Estado Novo (1930-1960)”, In Joel Serrão e A.H. de Oliveira Marques, (Dir.), *Nova História de Portugal*, Vol. XII. Lisboa: Editorial Presença, pp. 201 e ss.

⁸⁰Concordata entre a Santa Sé e a República Portuguesa, 7 de maio de 1940. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/archivio/documents/rc_seg-st_19400507_santa-sede-portogallo_po.html

⁸¹Acordo Missionário, 7 de maio de 1940. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/archivio/documents/rc_seg-st_19400507_missioni-santa-sede-portogallo_po.html

⁸²Duarte, Herlânder (1999), *Salazar e a Santa Igreja*, Lisboa: Nova Arrancada, p. 43.

*cruzada de moralização da sociedade e dos costumes a uma intensa campanha pela família e pela domesticação social da mulher*⁸³.

A própria Constituição de 1933, estabelecia linhas orientadoras das relações, finalidades e meios protetores da família, estipulando que o *Estado assegura a constituição e defesa da família, como fonte de conservação e desenvolvimento da raça, como base primária da educação da disciplina e harmonia social*⁸⁴. Para isso, socorria-se de organismos estatais – nas palavras de Rui Ramos, as *corporações “morais”*⁸⁵ – como a Obra das Mães para a Educação Nacional, a Mocidade Portuguesa Feminina ou o Instituto para a Defesa da Família, sendo que o papel destas incidia na *formação e educação das futuras mulheres/mães, esteios da família e da ordem social*⁸⁶.

Sendo, pois, a célula familiar um valor central da lei fundamental e da ideologia dominante – *o meio por excelência do equilíbrio social*⁸⁷ –, os casos de adoções, por norte-americanos, na ilha Terceira, bem como os casamentos entre jovens insulares e militares da Base, levam-nos a ponderar como alguns setores da periférica sociedade açoriana contrariavam, em resultado de situações de extrema miséria, os princípios conservadores e de valorização da família, bem como a desejada harmonia social, ao contrário das normas do regime.

A imprensa local alinhada com o regime, por vezes destacava notícias alusivas à Obra das Mães da Educação Nacional (OMEN). Por exemplo, em 1962, foi atribuído um prémio à família mais numerosa de Angra do Heroísmo⁸⁸. Tratava-se de uma manobra propagandística, de incentivo à procriação, por intermédio do reconhecimento público do mérito dessas famílias e dos grandes agregados. Como explica Karin Wall, *a família constitui neste período uma pedra angular da ideologia do Estado Novo. Humilde e cristã, assente no casamento religioso para toda a vida, a família é um símbolo da estabilidade institucional e do vigor moral, o lugar da transmissão dos costumes e da continuidade da tradição, com os quais se afirma a identidade da Nação*⁸⁹.

⁸³ Duarte, Herlânder (1999), p. 164.

⁸⁴ Constituição de 1933, artº 11º. Disponível em <https://www.parlamento.pt/Parlamento/Documents/CRP-1933.pdf>

⁸⁵ Ramos, Rui (coord.) (2015), *História de Portugal*, (8ª edição). Lisboa: Esfera dos livros, p. 645.

⁸⁶ Rosas, Fernando (1994), p. 282.

⁸⁷ Reis, António (1990), “Os valores salazaristas”, In António Reis (Dir.) *Portugal Contemporâneo*, Vol. IV. Lisboa: Publicações Alfa, p. 337.

⁸⁸ *Diário Insular*, Ano XVII, n.º 5012, 25 de dezembro de 1962.

⁸⁹ Wall, Karin (2011), “A Intervenção do Estado: políticas públicas de família”, In José Mattoso (dir.) *História da vida privada em Portugal. Os nossos dias*. Temas e Debates. Círculo de Leitores, p. 341.

A OMEN foi uma organização fundada em 1936 pelo Ministro da Educação Nacional de Salazar, Carneiro Pacheco, sendo que os seus prémios eram atribuídos às famílias cujos casais tivessem contraído casamento católico, com pelo menos 5 filhos menores e legítimos, batizados e portadores de idoneidade moral⁹⁰.

Esta seria uma forma de propaganda sectorial da OMEN, entidade de cariz patriótico e de exaltação da mulher enquanto mãe e educadora. À família numerosa de Angra do Heroísmo, foi atribuído o prémio, *enquadrado, organizado e vivido no novo espírito do regime, de acordo com os seus paradigmas ideológicos disciplinadores, através de uma comunhão que se ensaia em cada gesto público*⁹¹.



Figura 1- Obra das Mães da Educação Nacional, Entrega de prémio a família Angrense, 1962.

Fonte: *Diário Insular*, Ano XVII, n.º 5012, de 25 de dezembro de 1962.

O prémio consistia em 1000\$00 que foram entregues à referida família, reconhecida publicamente pela dimensão do seu agregado familiar, numa prática que não seria inédita no país e na região, dado que as famílias numerosas eram abundantes, incluindo as mais pobres, com os muitos sacrifícios e privações que tal realidade acarretava. A cerimónia, então presidida pelo Governador Civil do Distrito, Dr. Teotónio Pires, realizou-se no Palácio dos Governadores, em Angra do Heroísmo. Para além da entrega do prémio à família de Manuel Arruda, foi colocado um ramo de rosas no oratório da Nossa Senhora da Conceição (padroeira das mães portuguesas) e proferido um discurso pelo Governador que, obviamente, salientou a importância da

⁹⁰ Pimentel, Irene (2011), *A cada um o seu lugar. A política feminina do Estado Novo*. Temas e Debates. Círculo de Leitores, p. 286.

⁹¹ Rosas, Fernando (1994), p. 293.

Obra das Mães para a Educação Nacional, *exaltando também o papel da família legitimamente estabelecida e informada pelos ideais cristãos*⁹².

Sendo a propaganda um instrumento essencial aos serviços dos regimes autoritários, em Portugal o Secretariado da Propaganda Nacional (SPN) foi criado pelo Decreto-lei nº 23.054, de 25 de setembro de 1933, tornando-se o órgão responsável pela propaganda do Estado, evidenciando o *espírito de unidade que preside à obra realizada pelo Estado Português*⁹³, sendo que a escolha do seu diretor e respetivos chefes era da total responsabilidade do Presidente do Conselho. Assim sendo, Oliveira Salazar escolheu António Ferro⁹⁴ para Diretor do SPN. Pelo Decreto-Lei nº 34.133, de 24 de novembro de 1944, este organismo viria a ser rebatizado como Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo, vulgo SNI⁹⁵.

A propaganda política era, pois, o rosto do regime antiparlamentar e antidemocrático. A Propaganda Nacional tinha, justamente, o intuito de difundir a ideologia do Estado Novo e *os discursos políticos, os slogans, os livros escolares eram meios privilegiados para essa difusão. Salazar impôs também em si um poder político que o transformou no salvador da pátria, contendo em si os valores de descrição, austeridade e moralidade*⁹⁶.

O SPN, contou, de entre vários meios, com a produção de cartazes de propaganda do Estado e de difusão da sua ideologia conservadora e tradicionalista. Este foi um meio de firmar os truísmos sociais e políticos do Estado, tendo sido abalizado como propagador da instauração do regime salazarista⁹⁷. É exemplo as “Lições de Salazar” – conjunto de 7 cartazes apelativos à moral e bons costumes, – eram uma forma de divulgação da ideologia do regime, alicerçada na moral tradicional, na religião católica, no enaltecimento da família nuclear, constituída pelo pai ou chefe de família e pela esposa submissa, dona de casa, gestora do lar e educadora dos filhos. Os 3 galardões da Educação Nacional, já acima referidos, eram *velhas bandeiras dos discursos politico-ideológicos das direitas autoritárias e conservadoras, agora transformadas em dogmas do Estado Novo*⁹⁸.

⁹² *Diário Insular*, Ano XVII, n.º 5012, de 25 de dezembro de 1962.

⁹³ Decreto-Lei nº 23.054, de 25 de setembro de 1933.

⁹⁴ Rosas, Fernando (2001), “O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo”, In *Análise Social*. vol. XXXV (157), p. 1042.

⁹⁵ Decreto-Lei nº 34.133, de 24 de novembro de 1944.

⁹⁶ Silva, Andreia (2013), p. 77.

⁹⁷ Silva, Isabel Alarcão (1990), “Modernidade e tradição nos cartazes de propaganda política do Estado Novo”, In António Reis (Dir.) *Portugal Contemporâneo*, Vol. IV. Lisboa: Publicações Alfa, p. 324.

⁹⁸ Rosas, Fernando (1994), p. 292.

O principal meio de difusão e atuação da Propaganda Nacional, recaía sobre a Escola, espaço de onde, na realidade, inúmeras crianças estavam arredadas. Mas, este era o local privilegiado para a inculcação dos valores e da ideologia salazarista, colocando-se a *escola, a todos os níveis, ao serviço desse esforço modelador das consciências*⁹⁹. Símbolos da educação salazarista, eram os manuais escolares únicos, também eles com informação e simbologia ideológica, acrescidas do crucifixo afixado em todas as salas de aula, ao lado das fotografias do Chefe de Estado e do Presidente da República.

Por tudo isto, a censura e a repressão tornaram-se esteios fundamentais à inflexibilidade e ao dogmatismo do regime, contribuindo para um clima de ameaça e de medo. Os mecanismos de repressão advinham já da ditadura militar, no entanto, estes foram reforçados pelo Presidente do Conselho, que, de acordo com Reis Torgal, *pretendia tudo vigiar em defesa dessa “ordem nacional” criando-se – por vezes sob a capa de simples regulamentação de direitos dos cidadãos (...) instrumentos legais necessários para funcionar uma ação repressiva, que sempre se fazia passar por uma ação legal, legítima e benévola*¹⁰⁰.

A censura foi reorganizada e passou a ser controlada pela Propaganda Nacional, bem como a polícia política, que foi ganhando, com o passar do tempo, maior independência, respondendo diretamente ao Presidente do Conselho, e consequentemente conquistou maior poder e autoridade, tendo esta sido *transformada em verdadeira espinha dorsal do sistema*¹⁰¹.

Pelo Decreto-Lei n.º 22.469, de 11 de abril de 1933, ficou determinado que a Censura Prévia devia assentar sobre todas as publicações que abordassem questões políticas ou sociais, tendo a finalidade de *impedir a perversão da opinião pública na sua função de força social e deverá ser exercida por forma a defendê-la de todos os fatores que a desorientem contra a verdade, a justiça, a moral, a boa admiração e o bem comum, e a evitar que sejam atacados os princípios fundamentais da organização da sociedade*¹⁰².

A Censura Prévia era uma forma de repressão exercida sobre os meios de comunicação social. De acordo com Fernando Rosas esta assentava *numa repressão*

⁹⁹ Rosas, Fernando (2001), p. 1044.

¹⁰⁰ Torgal, Luís Reis (2009), p. 192.

¹⁰¹ Pinto, António Costa (2007), “O Estado Novo português e a vaga autoritária dos anos 1930 do século XX”, In Martinho, Francisco Palomanes e Pinto, António Costa (Org.) *O corporativismo em português*. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, p. 32.

¹⁰² Decreto-Lei n.º 22.469, de 11 de abril de 1933.

preventiva, no não correr o risco de se deixar escrever, falar ou mostrar¹⁰³. Assim, todas as publicações eram submetidas ao controlo e sujeitas ao “lápiz azul” se atentassem contra o “Bem da Nação”. Nas palavras de Orlando Raimundo, os militares da Censura *munidos com o lápis azul da proibição (...) têm o poder discriminatório de decidir o que convém e não convém ser publicado*¹⁰⁴.

Na obra *Memórias* da autoria do terceirense Cândido Pamplona Forjaz, podemos encontrar várias referências a artigos que o próprio escreveu para o jornal local *Diário Insular* e que foram censurados, porque poderiam pôr em causa a ideologia do Estado ou mesmo o próprio Governador Civil¹⁰⁵.

Na correspondência do Fundo do Governo Civil do Distrito de Angra do Heroísmo, encontram-se vários ofícios instrutores dos procedimentos perante o atentado à nação portuguesa, como é o caso da circular emitida pelo Gabinete do Ministério do Interior endereçada ao Governador Civil, onde podemos ler, a título de exemplo das formas de repressão que eram instituídas, que *Considerando o carácter anti-nacional, anti-republicano, anti-corporativo do movimento revolucionário grevista, todos os actos cometidos (...) são considerados actos de rebelião praticados contra as Instituições vigentes (...) e como tal rigorosamente punidos, para defesa da Pátria, das Instituições vigentes e da ordem social portuguesa*¹⁰⁶.

Importa também referir que a correspondência oficial no período do Estado Novo, terminava com a expressão *A Bem da Nação*, como se se tratasse de um poder supremo centralizado.

Optando-se por medidas repressivas, estas eram atinentes ao “Bem da Nação portuguesa”, pois tal como referenciado, anteriormente, de acordo com Luís Reis Torgal, eram encaradas como mecanismos necessários à proteção dos cidadãos, sendo, portanto, legais, legítimos e benévolos¹⁰⁷. Os desígnios da Nação, do Império, de um bem maior, supremo, alicerçavam a ideologia ditatorial do Estado Novo, pois, *o nacionalismo irá estruturar-se em valores usados anteriormente, como acontecimentos*

¹⁰³ Rosas, Fernando (Coord.) (1992), p. 125.

¹⁰⁴ Raimundo, Orlando (2015), *António Ferro: O inventor do salazarismo*. Alfragide: D. Quixote, p. 189.

¹⁰⁵ Veja-se Forjaz, Cândido Pamplona (1984), *Memórias*, Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da Ilha Terceira. Por exemplo nas páginas concernente a “No Jornalismo – Relações com a Censura” (ponto 7.) p. 242-248.

¹⁰⁶ BPARLSR (Biblioteca Pública e Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro) – Angra do Heroísmo - Fundo do Governo Civil – Circular de 24 de janeiro de 1934, Gabinete do Ministério do Interior para o Governador Civil de Angra do Heroísmo.

¹⁰⁷ Torgal, Luís Reis (2009), p.192.

*e figuras do passado histórico português, tendo especial destaque as temáticas da missão civilizadora e da defesa do Império*¹⁰⁸.

O nacionalismo imperialista era, sem dúvida, outra vertente dominante do Estado Novo. Ainda em 1930, Oliveira Salazar esboçara o *Ato Colonial*, pelo Decreto-Lei n.º 18.570, de 8 de julho de 1930, retificado em 1933 consequência da promulgação da Constituição que, no seu art.º 132º, previa a alteração do *Ato Colonial*. Por consequência, o Decreto-Lei nº 22.465, de 11 de abril refere, explicitamente, que *é da essência orgânica da Nação Portuguesa desempenhar a função histórica de possuir e colonizar domínios ultramarinos e de civilizar as populações indígenas (...) os domínios ultramarinos denominam-se colónias e constituem o Império Colonial Português*¹⁰⁹.

Salazar entendia a questão colonial como um meio de preservação da identidade da nação e como garantia do interesse nacional. Era notória a importância que esta tinha para o Estado português, associada à ideologia imperial, mas também às questões socioeconómicas que uniam a metrópole e os territórios ultramarinos. De acordo com Rui Ferreira da Silva, *em termos ideológicos, o Império Colonial povoa o imaginário do Estado Novo*¹¹⁰.

Os contornos da política internacional e os movimentos de descolonização a nível mundial, acabariam por se refletir nos domínios indianos e na África portuguesa, pelo que veio a eclodir a “Guerra do Ultramar”, em 1961, ano que *representará para Portugal o início do fim do seu Império no Ultramar*¹¹¹.

A “Guerra Colonial”; “Guerra do Ultramar” ou “Guerra da Libertação”¹¹², como foi divergentemente reconhecida, só verá o seu fim com a “Revolução dos Cravos”, após 13 anos de lutas *por Deus e pela pátria*¹¹³ e que marcaram fortemente inúmeros

¹⁰⁸ Pereira, Maria (2013), “A Escola Portuguesa ao serviço do Estado Novo: as lições de história de Portugal do boletim do ensino primário oficial e o projeto ideológico do salazarismo”, In *Da Investigação à Prática*, 4, p. 66.

¹⁰⁹ Ato Colonial, Decreto-Lei nº 22:465, de 11 de abril de 1933, art.º 2º e 3º.

¹¹⁰ Silva, Rui Ferreira da (1989), “O advento do Estado Novo e o Acto Colonial”, In Albuquerque, Luís (dir.), *Portugal no mundo*, Vol. III. Lisboa: Seleções do Reader’s Digest, p.639.

¹¹¹ Cabreira, Pamela (2018), “Percepções coloniais do salazarismo ao marcelismo: guerra de libertação em África e a vaga revolucionária na metrópole”, In *Outras Fronteiras*, Cuiabá- MT, vol. 5, n.º 1, jan.-jul. p. 69.

¹¹² Torgal, Luís Reis (2009), p. 39.

¹¹³ Pimentel, Adelino (2013), *Nos inícios da Guerra do Ultramar, doutrina, informação e propaganda. Ecos na imprensa açoriana (1961-1965)*. Universidade dos Açores: Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais, p. 94.

açorianos, uma vez que foram numerosos os contingentes insulares enviados para as frentes de guerra, primeiro na Índia, depois em África¹¹⁴.

A “Guerra Colonial” viria a ser um forte impulsionador da emigração jovem masculina, com o intuito de fuga à obrigatoriedade do serviço militar e consequente partida para os palcos de guerra. Para além das consequências políticas, económicas e sociais que a Guerra teve, esta fez vincar e acentuar o austero poder da ditadura¹¹⁵.

A ditadura salazarista, conducente à ausência das liberdades individuais e a um enorme atavismo — mais presente no interior do país e nas sociedades insulares — causaria, ainda, perseguições e prisões, à conta da intervenção da polícia política — PIDE — mais tarde cunhada como PVDE e que visava garantir a segurança do Estado e a perpetuação do regime. O medo e os silêncios impunham-se transversalmente a toda a população¹¹⁶, a violência, a agressão, a tortura física e psicológica, eram estratégias recorrentes da polícia política para extração de informação ou como meio de intimidação¹¹⁷.

Para além da polícia política, vários outros mecanismos e organizações paramilitares, manipuladoras/disciplinadoras foram colocadas em marcha, como por exemplo: A Mocidade Portuguesa, o Secretariado Nacional da Informação, a Legião Portuguesa, a Obra das Mães para a Educação Nacional (a que já aludimos), o Instituto para a Defesa da Família, a Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT). Todas estas organizações e mecanismos repressivos visavam a divulgação e preservação do regime¹¹⁸, ou nas palavras de Fernando Rosas, era a *política do espírito*¹¹⁹.

Alguns testemunhos orais recolhidos, remetem para a época em estudo, retratando o ambiente então vivido e os valores que eram inculcados. Veja-se por exemplo:

Temos de ver uma coisa, eu venho de outra geração (...) tínhamos respeito, não podíamos falar, não podíamos dizer, não podíamos abrir a boca....

¹¹⁴ Pimentel, Adelino (2013), p. 94.

¹¹⁵ Barreto, António (2015), “População e sociedade”, In Pinto, António Costa (Dir.) *História contemporânea de Portugal – 1808-2010. A Busca da democracia, 1960-2000*. Vol. 5, Fundación Mapfre, p.115.

¹¹⁶ Regista-se o seguinte testemunho oral: *Era o tempo de Salazar, era a PIDE, era uma coisa que a gente, vocês não sabem o que era isso! Aquilo era “teso”!* (cf. Anexo, IX, entrevista XIX – Testemunha privilegiada). **Miguel, 74 anos**.

¹¹⁷ Rosas, Fernando (Coord.) (1992), p. 127.

¹¹⁸ Rosas, Fernando (1994), p. 282, 283.

¹¹⁹ Idem, p. 292.

Havia respeito, havia um respeito perante a sociedade, que hoje não há! Eu acho que o 25 de abril devia ter sido dado, mas era assim (imita parcelas com as mãos) ... aos bocadinhos. Porquê? Porque tivemos 40 e tal anos de uma maneira, e eu cá nunca tive problemas, isso é a realidade! Eu dava-me bem, o Salazar nunca me fez mal, era isso que tínhamos... (cf. Anexo IX, entrevista XIX – Testemunha privilegiada).

Miguel, 74 anos.

Em 1968, Salazar é afastado das suas funções políticas, por questões de saúde, sendo então sucedido por Marcelo Caetano, indigitado como Presidente do Conselho, pelo então Presidente da República, Almirante Américo Tomás. De acordo com António Costa Pinto, *o afastamento do velho ditador e a sua substituição por Marcello Caetano (...) inaugurou um breve período de “liberalização”, rapidamente encerrado, provocando com o seu continuísmo colonial a queda descontrolada do Estado Novo em 1974*¹²⁰.

Marcelo Caetano tomou posse a 23 de setembro de 1968, sendo considerada a escolha óbvia pelos apoiantes do regime, para os grupos financeiros que esperavam uma maior abertura ao exterior, para os militares, diplomatas e povo em geral que desejavam novas mudanças, dado o cansaço provocado pela guerra, pela opressão e pela censura¹²¹, *chegou cheio de boas intenções, e boa parte do país – sedento que estava de mudança – acreditou que com ele viria a democracia e o fim da guerra de África (...) foi uma lufada que quase fez acordar os ideais de liberdade, justiça e igualdade de direitos*¹²².

Perspetivava-se uma maior abertura do regime, uma rutura com o atraso de décadas e o encontrar de uma solução para a guerra colonial. Porém, a mudança não seria tão radical, apelidada pelo próprio Marcelo Caetano, como sendo uma *evolução na continuidade*¹²³. A Censura foi rebatizada de Exame Prévio; a PIDE manteve-se acrescida da denominação de Direção Geral de Segurança (DGS). Ainda assim, foram

¹²⁰ Pinto, António Costa (2015), “As chaves do período 1960-2000”, In Pinto, António Costa (Dir.) *História contemporânea de Portugal – 1808-2010. A busca da democracia 1960-2000*. Vol. 5, Fundación Mapfre, p. 19.

¹²¹ Rosas, Fernando (1994), p. 545.

¹²² Soares, Manuela Goucha (2009), *Marcello Caetano. O homem que perdeu a fé*. Lisboa: Esfera dos Livros, p. 166.

¹²³ Veja-se por exemplo: Pinto, Joaquim da Silva (1993), “Algumas considerações e evocações sobre os anos finais do salazarismo e a fase marcelista do regime da Constituição de 33”, In João Medina *História de Portugal*, Vol. XIII – O Estado Novo. Alfragide: Ediclube.

admitidos, na Assembleia Nacional, políticos que não pertenciam ao partido União Nacional, também rebatizado de Ação Nacional Popular (1970) e implementaram-se reformas a nível social e educativo, eliminando-se algumas restrições sindicais e permitindo-se o regresso de presos políticos exilados¹²⁴...

No entanto, apesar de se terem verificado algumas “mudanças”, que faziam expectar alguma “modernidade” e viragem no regime, estas não foram flagrantes, não houve rompimento com o salazarismo e a guerra colonial prosseguiu, tendo sido esta última, o principal justificativo da continuidade da repressão¹²⁵. Para Manuela Goucha Soares, *Marcello acreditava na necessidade de modernizar o país e queria fazer reformas sociais. Mas, desde os tempos da sua juventude (...) que negara o ideário da democracia*¹²⁶.

Em janeiro de 1969, na edição do periódico da oposição e órgão oficial do Partido Comunista *Avante!* publica-se um balanço dos primeiros meses de governação de Marcelo Caetano, sendo que na manchete de primeira página podemos ler: *Sem Salazar, o salazarismo continua*¹²⁷.



Figura 2 - Primeira página do periódico "Avante!" - janeiro de 1969.

Fonte: Periódico *Avante!*, ano 38, série VI, n.º 398 (especial), janeiro 1969.

Pela posição privilegiada dos Açores, mas sobretudo pela existência da Base das Lajes, e não obstante os problemas internos, em dezembro de 1971, a ilha Terceira tornou-se alvo de grande visibilidade mundial, por ser o palco da Cimeira dos Açores. Neste encontro reuniram-se dois líderes mundiais, a saber: Georges Pompidou e

¹²⁴ Forjaz, Cândido Pamplona (1984), p. 254.

¹²⁵ Reis, António (1990), “A abertura falhada de Caetano: o *impasse* e a agonia do regime”, In António Reis (Dir.) *Portugal Contemporâneo*, Vol. V. Lisboa: Publicações Alfa, p. 57.

¹²⁶ Soares, Manuela Goucha (2009), p. 166.

¹²⁷ *Avante!*, ano 38, série VI, n.º 398 (especial), janeiro 1969.

Richard Nixon, sendo Marcelo Caetano o anfitrião. A Cimeira teve o intuito de debater a profunda crise económica e financeira que então se vivia e que fortemente atingia a Europa e os Estados Unidos da América, visando negociar as alterações do sistema monetário internacional.



Figura 3- Nixon e Caetano na Cimeira dos Açores, 1971.

Fonte: Col. Particular.

No *Diário de Notícias*, como noutros jornais, o encontro fez manchete, dando-se larga cobertura ao acontecimento que permitiu encontrar a solução para a crise monetária, sendo que esta passaria pela desvalorização da moeda norte-americana¹²⁸, tal como podemos ler no recorte que se segue.



Figura 4 - Cimeira dos Açores, 1971.

Fonte: *Diário de Notícias*, ano 107, n.º 37993, 15 de dezembro de 1971.

¹²⁸ *Diário de Notícias*, ano 107, n.º 37993, 15 de dezembro de 1971.

Por alguns dias, os Açores foram o centro das negociações internacionais, recebendo os líderes mundiais na Base Militar da ilha Terceira e também no Concelho de Angra do Heroísmo, mais especificamente na Estalagem da Serreta, que ficou célebre por nela ter acolhido a Cimeira.

De acordo com Rui Ramos, *apesar das condenações de fachada das Nações Unidas, o Governo de Lisboa de modo nenhum era um pária*¹²⁹. Não obstante os ataques a Portugal pela sua política colonial, Marcelo Caetano quedava-se na dualidade: mantinha as suas colónias, contrariando os princípios emergentes da Segunda Guerra Mundial, e permanecia no cenário internacional, como tivemos oportunidade de verificar anteriormente, no caso da Cimeira dos Açores. Todavia, eram fortes as críticas europeias e dos seus consortes da OTAN, face a colonização portuguesa¹³⁰. Nos anos 70, e na afirmação de Nuno Severiano Teixeira: *Chega-se ao ponto mais alto na política do “orgulhosamente sós”*¹³¹, sendo a questão colonial o ponto central do afastamento do quadro internacional.

Inobstante o protagonismo internacional de Marcelo Caetano, a nível interno as mudanças estruturais ao regime foram insuficientes e a sua ação acabou por impulsionar um maior sentido revolucionário¹³².

O descontentamento era evidente, e foi centralizado no Movimento das Forças Armadas (MFA), composto por jovens capitães, que reclamavam o fim da guerra no Ultramar e o regresso dos militares, deslocadas em África, na inglória luta pelas colónias portuguesas. O arrastar da guerra, em que não se reviam e que consideravam perdida, acrescido de incongruências do regime, acabariam por mergulhar o país numa forte crise. Como expõe Luís Leiria, *A persistência da guerra colonial mergulhara o país numa crise sem saída, mas o regime caetanista, esgotada a sua “primavera”, estava enredado na sua própria teia e recusava-se a admitir o obvio: que a guerra estava perdida e que arrastava o país para o abismo económico e político e para o isolamento internacional*¹³³. O conflito colonial impeliu o regime ditatorial do Estado Novo para a ruína política, destruído pelas suas próprias Forças Militares¹³⁴.

¹²⁹ Ramos, Rui (coord.) (2015), p. 701.

¹³⁰ Afonso, Aniceto (1993), “A guerra e o fim do regime ditatorial”, In João Medina, *História de Portugal*, Vol. XIII – O Estado Novo. Alfragide: Ediclube, p. 336.

¹³¹ Teixeira, Nuno Severiano (2000), “Entre a África e a Europa: a política externa portuguesa 1890-1986”, In António Costa Pinto (Coord.), *Portugal contemporâneo*, Madrid: Sequitur, p. 88.

¹³² Cabeira, Pamela (2018), p. 83.

¹³³ Leiria, Luís (2012), “25 de abril: a guerra para conseguir a paz”, In Varela, Raquel (coord.), *Revolução ou transição? História e memória da Revolução dos Cravos*. Lisboa: Bertrand Editora, p. 59.

¹³⁴ Reis, António (1990), 60.

Segundo o PCP, e numa linguagem característica do mesmo, seriam estas as razões fundamentais que motivaram o golpe do 25 de abril: *a luta pelo fim das guerras coloniais e o regresso das forças armadas ao país, a luta pelas liberdades democráticas, pela libertação imediata de todos os presos, pela Amnistia, pela cessação das torturas e a dissolução da PIDE-DGS, a luta por melhores condições de vida e contra o poder dos monopólios e a submissão ao imperialismo*¹³⁵.

A 25 de abril de 1974 caiu o Estado Novo, a ditadura mais duradoura da Europa. O golpe revolucionário apesar de encetado pelo MFA, contou com o apoio das demais Forças Armadas e solidamente com o esteio do povo português¹³⁶.

O movimento revolucionário e militar cercou o Quartel do Carmo, onde Marcelo Caetano se refugiara, acabando por entregar o poder à Junta de Salvação Nacional, na pessoa do General Spínola. Nas palavras de Medeiros Ferreira,

*a sua queda havia sido irreversível e necessária. A rapidez com que a ação militar das Forças Armadas sobre as forças que defendiam o governo de Marcello Caetano concorreram para essa opinião. Uma sensação geral de alívio percorreu a sociedade: finalmente, o Estado desembaraçava-se do regime ditatorial e corporativista*¹³⁷.

1.2 As questões políticas e geoestratégicas: o interesse britânico e norte-americano relativamente aos Açores

O eclodir da Segunda Guerra Mundial, levou Oliveira Salazar a manter uma *situação de neutralidade* que, de acordo com Franco Nogueira, permitia seguir, consoante a evolução dos acontecimentos, o rumo que estes viessem a determinar. Os discursos do Presidente do Conselho faziam passar a ideia de que a grande prioridade era a defesa dos interesses portugueses¹³⁸, ou como exposto por Marcelo Caetano, uma *manobra da “reserva da paz”*¹³⁹.

¹³⁵ *Avante!* ano 44, série VI, n.º 464, abril de 1974.

¹³⁶ Proença, Maria Cândida (2021), p. 707.

¹³⁷ Ferreira, José Medeiros (1994), “Portugal em Transe (1974-1985)”, In José Mattoso (dir.) *História de Portugal*. Vol. VIII. Círculo de Leitores, p. 17.

¹³⁸ Nogueira, Franco (2000), *O Estado Novo, 1933-1974*, Porto: Livraria Civilização Editora, pp. 180-181.

¹³⁹ Caetano, Marcello (2000), p. 229.

Com o decorrer do conflito vem a surgir um manifesto interesse dos Aliados pelo controlo do Atlântico Norte, como ponte de apoio e de defesa contra a ofensiva alemã. O governo de Washington, temendo a hipótese de que Portugal e Espanha fossem invadidos pela Alemanha, sentia-se forçado a aplicar a doutrina Monroe nas ilhas atlânticas portuguesas, ou seja, ocuparia os Açores. Em Londres, agravou-se a preocupação de que pudesse ocorrer um golpe alemão sobre Portugal e o arquipélago dos Açores¹⁴⁰. Segundo José Freire Antunes, *Churchill constatava a enorme fragilidade do sistema defensivo dos territórios portugueses, no continente e nas ilhas do Atlântico, e queria sobretudo evitar que eles caíssem sob a alçada do Hitler*¹⁴¹, se isso acontecesse, o *III Reich* ganharia projeção sobre todo o Atlântico Norte. A ocupação das ilhas atlânticas, foi tida como uma situação insustentável para o Reino Unido, pois colocaria em risco *as rotas comerciais e imperiais britânicas e os eixos fundamentais da sua rede oceânica de telecomunicações*¹⁴². A tudo isto acrescia a hipótese de um “golpe americano sobre os Açores”, o que também preocupava as autoridades britânicas¹⁴³.

Demonstrava-se, cada vez mais, a necessidade de implantação de uma Base nos Açores para patrulhar a rota dos comboios e atacar os submarinos alemães, constituindo-se estas ilhas como zona fronteira e de proteção do Atlântico Norte. Os aliados temiam que, a ocupação nazi, concedesse aos alemães o domínio sobre estes mares¹⁴⁴.

Neste cenário Salazar vê-se pressionado a ceder à realização de conversações com Churchill e Roosevelt sobre a possibilidade de ocupação e defesa das ilhas dos Açores, pois, por seu turno, a Alemanha insistia em manter submarinos nos mares açorianos, numa tentativa de afastar os Aliados de uma possível ocupação destas ilhas¹⁴⁵.

Na correspondência de 1 de julho de 1941 de Roosevelt para Salazar, podemos ler: *this government views with the greatest gratification the steps which already have*

¹⁴⁰ Nogueira, Franco (2000), pp. 195-196.

¹⁴¹ Antunes, José Freire (1995), *Roosevelt, Churchill e Salazar. A luta pelos Açores 1941-1945*, Alfragide: Ediclube, p.39.

¹⁴² Oliveira, Pedro Aires (2014), “Portugal no mundo”, In Pinto, António Costa (Dir.) *História contemporânea de Portugal – 1808-2010. Olhando para dentro 1930-1960*. Vol. 4, Fundación Mapfre, p. 78.

¹⁴³ Nogueira, Franco (2000), p. 200.

¹⁴⁴ Seipp, Adam (2008), “Chegar como conquistadores: As bases americanas e o teatro europeu”, In Luís Nuno Rodrigues (Coord.) *Franklin Roosevelt e os Açores nas Duas Guerras Mundiais*, Fundação Luso-Americana, p. 113.

¹⁴⁵ Churchill, Winston (2011), *Memórias da II Guerra Mundial*, Alfragide: Texto Editores, p. 578.

*been taken and which are being taken by your government to strenghten the defense of Azores (...) as to render any surprise attack upon them by Germany, or by powers cooperating with Germany, less likely of success*¹⁴⁶.

Por um lado, o chefe do governo português, receava o ataque alemão, por outro lado, necessitava da defesa e do apoio aliado, sem, todavia, pretender abdicar da neutralidade e assumir a beligerância. Tudo podia acontecer e caso Portugal fosse invadido pelas Forças Nazis, chegou a prever-se que o governo se retiraria para o arquipélago dos Açores¹⁴⁷, embora Salazar alegasse que a saída do Governo da capital para as ilhas adjacentes seria interpretada como uma fuga e abandono do povo português, que seria uma ação precipitada face uma hipotética agressão¹⁴⁸.

Este receio fora acentuado pelo encontro entre Hitler e Franco, realizado a 23 de outubro de 1940, na cidade francesa de Hendaye, bem como pela consciencialização da rápida tomada da Europa pelas tropas alemãs, evidenciada pela queda de Paris, em junho do mesmo ano¹⁴⁹.

No decurso dos avanços do conflito, em 1943, os Aliados decidem mesmo entrar em Portugal e sediar-se nos Açores, nem que fosse pela força. Churchill e Roosevelt negociaram nos bastidores e à revelia de Salazar. Após a Conferência de Casablanca, onde o assunto foi abordado, na passagem do presidente norte-americano pelo Brasil, este chegou a sugerir a Getúlio Vargas a ocupação dos Açores por contingentes brasileiros. O então primeiro-ministro britânico aprovava *a tomada violenta dos Açores*¹⁵⁰.

Como refere Fernando Dacosta, *Londres preparou planos secretos, sem consultar Portugal para ocupar os Açores (...) Salazar escusa-se a negociar diretamente com os americanos. É com os ingleses que dialoga*¹⁵¹, em nome do velho pacto de amizade e de paz entre Portugal e a Grã-Bretanha. Por seu turno, *the British negotiated for the use of the Azores through a 570-year-old treaty: the Treaty of*

¹⁴⁶ ANTT - Arquivo Salazar, Documentos Relativos à Construção do Aeródromo. Correspondência confidencial datada de 1 de julho de 1944, do presidente norte-americano Roosevelt para o Chefe de Estado português, António Oliveira Salazar. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3886779>

¹⁴⁷ Ferreira, José Medeiros (2007) “Ilhas e Arquipélagos: neutralidade e zonas de influência”, In *Os Açores e a II Guerra Mundial – Actas do colóquio internacional comemorativos dos 60 anos sobre a capitulação alemã*. Angra do Heroísmo: Instituto Açorianos de Cultura, p. 75.

¹⁴⁸ Caetano, Marcello (2000), p. 234.

¹⁴⁹ Rosas, Fernando (Coord.) (1992), p. 49.

¹⁵⁰ Nogueira, Franco (2000), p. 212.

¹⁵¹ Dacosta, Fernando (2012), *As máscaras de Salazar*, Alfragide: Leya, p. 83.

*Windsor (1373)*¹⁵². De facto, a alternativa que se apresentava ao governo português, pela força da diplomacia e da História, era a de conceder *facilidades*, à Grã-Bretanha, no tocante aos Açores, com uma finalidade belicista¹⁵³. Em conformidade com António José Telo, *criou-se assim um paradoxo na Segunda Guerra Mundial que se vai prolongar nos anos posteriores: o interesse pelo uso activo dos Açores era dos EUA, mas Portugal insistia em fazer passar os acordos para as Bases pela secular aliança*,¹⁵⁴ luso-britânica.

Face a todos estes acontecimentos, Salazar começara por tentar dissuadir planos de invasão, enviando fortes contingentes militares para as ilhas, entre os quais se incluíam unidades da Aeronáutica Militar. Mais tarde, vem a criar uma comissão composta por Craveiro Lopes e Humberto Delgado, para gerenciarem as conversações luso-britânicas e mediarem a cedência dos Açores. Tornara-se incontornável o estreitamento das relações luso-britânicas¹⁵⁵. Será o “General sem medo” – Humberto Delgado — que irá desempenhar um papel crucial nas negociações anglo-portuguesas¹⁵⁶.

Portugal, afinal, jogava em várias frentes: era o maior exportador de volfrâmio para a Alemanha, importante minério para a produção dos equipamentos de guerra, mantendo uma relação económica com a Alemanha; acolhia refugiados Judeus, sendo ponto de passagem, deste povo perseguido, para as Américas; recorria à diplomacia com a intenção de evitar que a Espanha entrasse no conflito ao lado do Eixo e sentia a pressão dos Aliados relativa à ocupação dos Açores, acabando por privilegiar a velha aliança luso-britânica. Neste sentido, a neutralidade portuguesa passou a ser reconhecida como colaborante¹⁵⁷, não pondo em causa a posição assumida face a beligerância, mas como manobra diplomática não comprometedora face as hostilidades¹⁵⁸.

¹⁵² 65th Air Base Wing (s/data), *A short history of Lajes Field*, History Office, p.3. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/5e25b3811195f14156e54b35/t/5f0b74220f4f095f7e6ec608/1594586150735/Lajes+Field.pdf>

¹⁵³ Nogueira, Franco (2000), p. 214. Antunes, José Freire (1995), pp. 40-50.

¹⁵⁴ Telo, António José (1993), p. 201.

¹⁵⁵ Telo, António José (2007) “Os Açores e a neutralidade portuguesa na 2ª Guerra Mundial – a disfunção em ação”, In *Os Açores e a II Guerra Mundial – Actas do colóquio internacional comemorativos dos 60 anos sobre a capitulação alemã*. Angra do Heroísmo: Instituto Açorianos de Cultura, pp. 18-19;

¹⁵⁶ Veja-se: Vintras, R.E. (1974), *História secreta da base dos Açores*, Lisboa: Ulisseia.

¹⁵⁷ Rosas, Fernando (1994) pp. 308-309 e Cardoso, Débora (2017), “A neutralidade colaborante e a propaganda em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial”, In *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, nº17, Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 356-357. Disponível em https://impactum-journals.uc.pt/rhsc/article/view/1645-2259_17_16; Andrade, Luís (1995), “A neutralidade e os pequenos estados: o caso de Portugal (1939-1945)”, In *Arquipélago. História*, 2ª série, vol. 1, nº 1, p. 324.

¹⁵⁸ Serrão, Joaquim Veríssimo (2000), *História de Portugal. Da 1ª Legislatura à visita presidencial aos Açores (1935-1941)*, vol. XIV, Lisboa: Verbo, p. 392.

Para os britânicos era essencial que Portugal mantivesse a sua posição neutral, mas de colaboração com os Aliados, pois permitia aos ingleses continuarem a controlar o Atlântico, *wich would tilt the battle against the U-Boats and open the Atlantic for unlimited convoy traffic*¹⁵⁹.

Tudo isto fez ressaltar o valor geoestratégico e geopolítico que os Açores usufruíam, facilitando a atuação, com maior precisão e eficácia, contra os *U-Boats* alemães, tendo em conta que a guerra submarina era um grande receio dos Aliados¹⁶⁰.

Com o apoio nos Açores, *a faixa do Atlântico podia ser patrulhada com base no próprio centro da área; os pilotos podiam gastar o combustível todo nas ações de patrulhamento marítimo, em vez de terem de reservar a maior parte para a viagem de regresso*¹⁶¹.

Em contrapartida, para os EUA a importância dos Açores prendia-se com a necessidade de estes se constituírem como uma ponte aérea intercontinental, permitindo às transportadoras aéreas americanas fazer escala nas Lajes da ilha Terceira, o que encurtava, para metade, a distância entre os EUA e o Mediterrâneo, permitindo o dobro da carga e uma maior economia do transporte¹⁶².

No *Diário* da Sessão Legislativa nº12, de 19 de janeiro de 1946, da Assembleia Nacional, podemos ler: *a neutralidade colaborante de Portugal, determinada por razões de ordem geográfica, com fundamento em princípios jurídicos, inspirada por sérios motivos históricos e obediente às exigências da ética, criando uma zona de paz na Península, foi inestimável serviço prestado à Grã-Bretanha e aos Estados Unidos*¹⁶³.

Foi a 17 de agosto de 1943, que Salazar concedeu, oficialmente, as *facilidades* aos britânicos, mais tarde extensíveis aos norte-americanos. O ditador finalmente acreditava que o rumo da guerra ditaria uma vitória aliada¹⁶⁴.

As *facilidades* prendiam-se com a utilização do aeródromo das Lajes (na ilha Terceira), do aeródromo de Santana (na ilha de S. Miguel), em caso de emergência, e na liberdade de utilização dos principais portos dos Açores (Ponta Delgada, Horta e Angra

¹⁵⁹ Herz, Norman (2004), *Operation Alacrity. The Azores and the War in the Atlantic*. Maryland: Naval Institute Press, p.174.

¹⁶⁰ Churchill, Winston (2011), p. 578.

¹⁶¹ Delgado, Humberto (2009), *As Memórias de Humberto Delgado*, Alfragide: Dom Quixote, p.93.

¹⁶² Telo, António José (1993), *Os Açores e o Controlo do Atlântico: 1898 – 1948*. Porto: Edições Asa, pp. 200-201.

¹⁶³ Arquivo Parlamentar e Debates Parlamentares, *Diário da Sessão Legislativa nº12, de 19 de janeiro de 1946*. Disponível em <http://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/04/01/017/1946-01-18/242?q=roosevelt%252C%2Ba%25C3%25A7ores&pPeriodo=r2>

¹⁶⁴ Andrade, Luís (1988), “Alguns tópicos sobre as relações entre os Açores e a Grã-Bretanha (durante a Segunda Guerra Mundial)”, In *Arquipélago História*, número especial, p. 197.

do Heroísmo)¹⁶⁵. Atendendo a Rui Ramos, as *facilidades* concedidas aos britânicos foram ampliadas aos norte-americanos pela utilização da ilha de Santa Maria, no final do ano de 1944¹⁶⁶. As contrapartidas assentavam no fornecimento, a Portugal, de material de guerra e a defesa do território português em caso de ataque alemão¹⁶⁷.

Os esquadrões britânicos sediados na Base das Lajes, nos Açores, acabaram por abandonar a Base, por falta de alvos. Foram poucos os afundamentos registados entre finais de 1943 e 1944/45. Com a retirada definitiva das tropas britânicas, o aeródromo seria devolvido a Portugal¹⁶⁸, o que aconteceu a 2 de julho de 1946. Finda a *Segunda Guerra Mundial com a vitória dos Aliados, terminou a cedência da Base das Lajes à Grã-Bretanha, procedeu-se à descida do pavilhão inglês e ao hasteamento da bandeira nacional*¹⁶⁹.



¹⁶⁵ 65th Air Base Wing (s/data), *A short history of Lajes Field*, History Office, p.3.

¹⁶⁶ Ramos, Rui (2015), p. 663.

¹⁶⁷ Vintras, R.E. (1974), p. 49.

¹⁶⁸ Nogueira, Franco (2000), *Salazar, As grandes crises (1936-1945)*, 5ª edição, Vol. III, Coimbra: Civilização Editora, p. 438.

¹⁶⁹ Andrade, Rui (2016). *75 Anos em 75 Momentos*. Base Aérea n.º 4, p. 29.

Figura 5 - Cemitério de Guerra das Lajes, 2021.

Fonte: Col. Particular.

No dia 4 de novembro de 1943, menos de um mês após a chegada dos ingleses à ilha Terceira, o Capelão da RAF, Reverendo H.L.O. Rees, o Major W.A. Bushall e Mr Pearce, reuniram com o Governador Civil do Distrito de Angra do Heroísmo, Dr. Pestana da Silva, com o intuito de se reservar um espaço para criação de um cemitério para os soldados britânicos que pudessem vir a falecer na ilha Terceira, pelo que foram encaminhados para a Câmara Municipal da Praia da Vitória com a garantia de cedência de um espaço neste concelho para este fim¹⁷⁰.

O cemitério de Guerra das Lajes, ficou localizado na freguesia de Santa Cruz da Praia da Vitória, vulgo, cemitério dos ingleses, sendo um espaço, ainda hoje, de memória e simbolismo, destinado às forças militares da RAF e de outros países Aliados que tombaram no decorrer da Segunda Guerra Mundial. Na placa de inscrição bilingue (em português e inglês) que se encontra afixada nas laterais do portão de entrada, podemos ler: *O terreno onde está este cemitério é uma dádiva do povo português para que sirva de lugar de descanso eterno aos marinheiros, soldados e aviadores cuja sua memória aqui se perpetua*. Este é um marco, que ficou, da presença britânica na ilha Terceira, no período decorrente de 1943 a 1946.

Logo no ano da retirada dos britânicos, foi confirmada a presença norte-americana nas Lajes, depois de deixarem o aeroporto de Santa Maria. Segundo Norman Herz *all the military operation at the Santa Maria bases were transferred to Lajes, and Santa Maria become a purely commercial airfield*¹⁷¹.

Os EUA não se tinham mostrado conformados com o acordo assinado, em agosto de 1943, entre Portugal e o Reino Unido, visto não terem sido contemplados, pois este não previa a possibilidade de poderem utilizar a Base britânica. O acordo fora explicitamente direcionado para os ingleses, deixando os norte-americanos à margem.

¹⁷⁰ Relatório acerca da cedência de Bases nos Açores, do Governador Civil do Distrito Autónomo de Angra do Heroísmo para o Ministro do Interior, p.23 In, José Grave (2000), *Os Açores na Segunda Guerra Mundial. A visão interna*, Dissertação de mestrado apresentada à Universidade dos Açores, Anexo II.

¹⁷¹ Herz, Norman (2004), p. 327.

Salazar insistia em negociar apenas com os velhos aliados, embora viesse a disponibilizar a Base das Lajes às Nações Unidas¹⁷².

Em 1944, o governo português chegou a temer o uso da força por parte dos EUA. Os ingleses intervieram, mas o próprio Roosevelt não terá escondido, ao embaixador inglês, Halifax, o seu enorme interesse pelos Açores, bem como a ideia de uma ocupação americana destas ilhas¹⁷³. Por consequência, os EUA insistiram nas negociações com Portugal, sendo o diplomata norte-americano, George Kennan decisivo no decorrer das mesmas.

Será Kennan o responsável pelo estreitamento da relação bilateral entre Portugal e os EUA, conduzindo as respetivas e complexas negociações. Embora esta concretização não tenha sido finalizada por Kennan, a sua boa perceção e avaliação dos portugueses, contribuiu para direcionar, com sucesso, o rumo das conversações que culminaram no Acordo de 1944, assinado em novembro por Henry Norweb e Oliveira Salazar. Este previa a construção do aeródromo de Santa Maria, para servir de Base Aérea, aos norte-americanos¹⁷⁴. Deste modo, deu-se início à presença americana nos Açores, que se estendeu até aos dias de hoje. Para Freire Antunes *firmou-se assim uma cooperação transatlântica a que Salazar obstinadamente resistiu*¹⁷⁵.

Em 1946, como já assinalado, os britânicos entregam a Base das Lajes às Forças portuguesas, o que possibilitou a transferência dos norte-americanos para a ilha Terceira. Citando José Medeiros Ferreira, *as facilidades nos Açores, durante a Segunda Guerra Mundial tiveram, assim, características que se mantiveram depois da guerra: auxílio às potências marítimas contra os “perturbadores continentais”*¹⁷⁶.

A Base das Lajes foi um ponto fulcral para a admissão de Portugal nas Nações Unidas e na OTAN, sendo os EUA os responsáveis pela sua adesão, visto terem sido os diplomatas de Washington a propor a admissão de Portugal na *malha estratégica de “protetorados” dos EUA*¹⁷⁷. Esta adesão foi resultado de um pós-guerra onde se continuou a evidenciar a importância estratégica, política e militar da Base das Lajes,

¹⁷² Rodrigues, Luís Nuno (2012), “Portugal, o Atlântico e o início da Guerra Fria”, In Mário Mesquita e Paula Vicente (Coord.) *Potências Emergentes e relações transatlânticas*. Fundação Luso-Americana, p. 83.

¹⁷³ Nogueira, Franco (2000), pp. 219-220.

¹⁷⁴ Rodrigues, Luís Nuno (2004), “George Kennan e as negociações luso-americanas sobre os Açores”, In *Relações Internacionais*, n.º 4, dezembro, pp. 60 e 61. Disponível em http://www.ipri.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/r4/RI4_LNR.pdf.

¹⁷⁵ Antunes, José Freire (1995), p.141.

¹⁷⁶ Ferreira, José Medeiros (2007), p. 88.

¹⁷⁷ Antunes, José Freire (2013), *Kennedy e Salazar – O leão e a raposa*. Alfragide: Publicações D. Quixote, p.12.

incluindo Portugal no quadro internacional. Norman Herz explica-nos: *the critical role played by the Azores bases in the defense of the free world did not end with the Victory in the Battle of the Atlantic. After war, Lajes started a new role serving, first as an air base for US and Portuguese forces, and now for NATO as well*¹⁷⁸.

A chegada das Forças norte-americanas aos Açores, suscitou um conjunto de transformações no arquipélago, com maior incidência e visibilidade na ilha Terceira¹⁷⁹. Este trabalho trata, sobretudo dos impactos sociais causados por essas transformações.

¹⁷⁸ Herz, Norman (2004), p. 327.

¹⁷⁹ Mendes, Armando (2019), *Entre o Carro de Bois e o Avião. Uma Pequena Comunidade no Centro de uma Rivalidade Global*. Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da Ilha Terceira, p. 238.

2º Capítulo – As origens da Base das Lajes e as suas consequências para a ilha Terceira

2.1. Como tudo começou: a ocupação e expropriação dos terrenos da planície das Lajes para a construção do Campo de Aviação

Foi em 1934, que iniciaram as obras de terraplanagem para construção do aeródromo das Lajes. Pelo facto de o aeródromo da Achada, inaugurado a 4 de outubro de 1930¹⁸⁰, não apresentar as devidas condições meteorológicas para dar resposta às necessidades de aviação. É, então, escolhido o “Celeiro da ilha” para a implantação do novo aeródromo.

A ilha Terceira, circunscrita ao meio insular, propiciador de isolamento e procrastinação, atinente aos valores salazaristas: conservadora, católica, nacionalista, modesta e rural, subsistia, maioritariamente, do que produzia. Os cereais – o milho e o trigo – eram a sua principal fonte de subsistência familiar, embora também fosse o meio de forragem dos animais. Na primeira metade do século XX, os agregados familiares eram muito numerosos, predominando a família clássica, coabitando avós, filhos e netos... dominava a “pobreza honrada” defendida pelo ideário do regime. A pobreza era uma realidade endémica e transversal a todo o arquipélago. A esperança média de vida à nascença, em 1940 era de 50 anos, embora no decénio de 40 se tenha verificado um declínio da taxa de mortalidade, verificando-se *um ganho médio de 6 anos*, o que se traduz nas melhorias das condições sociais, por exemplo: resultado do investimento ao nível das condições médico-sanitário, traduzindo-se na eliminação de certas epidemias que assolaram o início da centúria ¹⁸¹.

De acordo com o Anuário Estatístico de Portugal de 1950, no distrito de Angra de Heroísmo (compreendendo as ilhas Terceira e Graciosa, tendo esta última um pequeno efetivo populacional) a taxa de mortalidade infantil rondava os 3,07‰ e a taxa de natalidade 24,33%, sendo que os nascimentos no domicílio eram de 2384 bebés

¹⁸⁰ Riley, Carlos Guilherme (2019), “Um século de aviação nos Açores: contributos para o seu estudo”, In Carlos Guilherme Riley (coord.), *100 anos de aviação nos Açores*. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, p. 18.

¹⁸¹ Rocha, Gilberta (2008), “O Crescimento da População e os Novos Destinos da Emigração”, In Artur Matos, Avelino Meneses e José Reis Leite (Dir.) *História dos Açores- Do Descobrimento ao Século XX*, Vol. II, Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano da Cultura, p. 279.

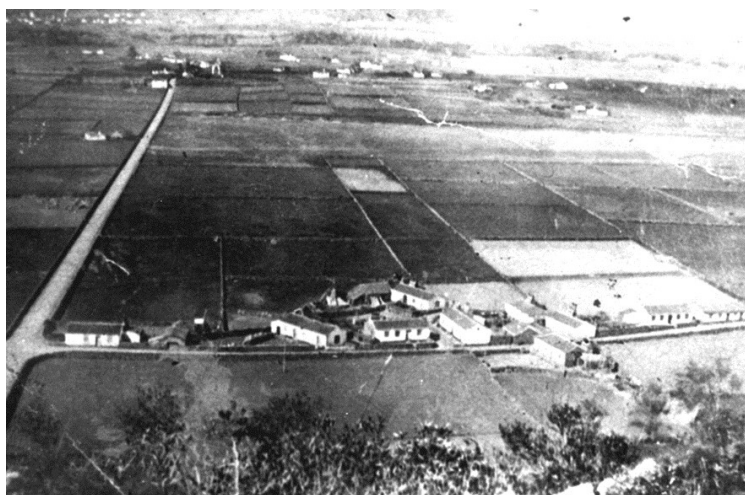
versus 75 que nasciam em instituição hospitalar, considerando-se uma discrepância flagrante em termos de cuidados e assistência neonatal¹⁸².

O analfabetismo era uma realidade premente das ilhas, 34% da população açoriana era analfabeta, e/ou a escassa escolaridade assentava na 4ª classe do Ensino Básico, ficando a frequência liceal para as classes mais privilegiadas e cidadinas das ilhas¹⁸³.

Com a chegada dos estrangeiros à ilha Terceira, em consequência da Segunda Guerra Mundial, a ilha em particular e os Açores em geral, tem acesso a uma certa modernidade, ganhando uma notória prosperidade, embora se continue a verificar um forte êxodo populacional rumo aos EUA e Canadá.

A presente investigação permitirá perceber o impacto que a presença estrangeira, sobretudo a norte-americana, teve sobre os insulares, nos anos de 1946 a 1974, em termos sociais, económicos, culturais, ideológicos, linguísticos... e que marcou decisivamente a identidade das gentes da ilha, sobretudo pela viragem que se operou na qualidade de vida e nos modos de estar e de ser.

A freguesia das Lajes é, então, a localidade escolhida, por se constituir como sendo uma densa planície, delimitada entre serras: pela Serra do Cume a Sudoeste, e pela Serra de Santiago a Este-Sudeste, e por apresentar condições meteorológicas favoráveis à aviação¹⁸⁴.



¹⁸² Instituto Nacional de Estatística (1951), *Anuário Estatístico: 1950*. Lisboa: Tipografia Portuguesa, Lda, p.19, Disponível em: www.ine.pt/xurl/pub/261971235

¹⁸³ Amaral, Roberto (2008), “O desenvolvimento regional: equilíbrios e desigualdades”, In Artur Matos, Avelino Meneses e José Reis Leite (Dir.) *História dos Açores- Do Descobrimento ao Século XX*, Vol. II, Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano da Cultura, p. 523.

¹⁸⁴ BPARLSR – Angra do Heroísmo – Destacamento norte-americano da Base das Lajes, 1.1 – Introdução, janeiro a junho de 1944, p.5

Figura 6 - "Celeiro da ilha" - Planície das Lajes nos anos antecedentes à construção do aeródromo.

Fonte: Col. Particular.

Na imagem supra, podemos ver os campos do “Celeiro da ilha”, no período antecedente à edificação do aeródromo.

Toda a comunidade que até então vivia do que a terra lhes dava, viu os seus meios de subsistência — os campos cerealíferos do Ramo Grande —, serem devastados pelos carros de bois, nas manobras de terraplanagem e de construção da nova pista de aviação que ali se começava a delinear.

Podemos inferir as mudanças operadas por força desta inovação, atestada pelas autoridades nacionais: *o estabelecimento de carreiras de navegação aérea exige a instalação de indispensável infraestrutura que é essencialmente constituída por aeroportos e aeródromos*¹⁸⁵. Por conseguinte, os novos tempos e os avanços da aviação obrigaram ao investimento num novo aeródromo, na ilha Terceira, que pudesse esbater as dificuldades de navegação inerentes ao Campo da Achada, mesmo que para isso fosse necessário sacrificar a subsistência da comunidade lajense, entendida desde logo como um mal menor.



Figura 7 - Planície das Lajes nos anos 30.

Fonte: Col. Particular.

¹⁸⁵ Arquivo Parlamentar e Debates Parlamentares, *Diário da Sessão Legislativa*, nº 54, de 13 de dezembro de 1935, <http://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/01/02/054/1935-12-13/93?q=a%25C3%25A7ores&pOffset=640&pPeriodo=r2> (14 DEZ 1935)

Tendo em conta os estudos realizados pelo terceirense Gomes da Silva, em 1934 iniciaram-se as obras de terraplanagem para a construção da nova pista, em terra batida, sob a tutela da engenharia militar portuguesa¹⁸⁶ sendo que a *responsabilidade de acompanhamento é entregue ao então Major Humberto Delgado*¹⁸⁷, como já referimos anteriormente.

Inicialmente, seria uma pequena pista, uma parcela do que viria a ser anos mais tarde, fruto das obras de ampliação, na sequência da posição privilegiada ocupada pelos Açores, no Atlântico Norte, e que ganhou grande centralidade durante a Segunda Guerra Mundial.

Estas obras, de grande envergadura, obrigaram a desapossar várias famílias das suas terras e casas, sendo também requisitada uma grande percentagem de mão-de-obra terceirense.

Os que até então viviam da agricultura, empregaram os seus recursos e ferramentas (carros de bois, por exemplo), bem como a sua força de trabalho, na construção do novo e moderno equipamento aeronáutico. *Todos por patriotismo compreenderam o que para a defesa dos sagrados direitos de Portugal representava a urgente construção daquele Campo*¹⁸⁸.

Naturalmente, o regime de então avançava com o sentimento patriótico e nacionalista para justificar o sacrifício das populações. Afinal, tudo devia concorrer para o “Bem da Nação” e, por isso, o que outrora fora conhecido como o grande “Celeiro da ilha”, viu transformadas as suas parcelas de terra fértil, numa área completamente improdutiva e reduzida a terra batida para a aterragem de aeronaves. Segundo a *vox populi*, em vez de milho e de outras culturas, passaram a ter pássaros metálicos a esvoaçar sobre a outrora verdejante planície das Lajes. Na época, as populações terão sentido a mudança, como atesta a quadra que Vitorino Nemésio publicou no conjunto de *Cantigas ao Campo das Lajes*:

*A moda da gasolina
Secou o trigo do chão;
Fez das Lajes um terreiro*

¹⁸⁶Gomes, Rui (2014), *Importância Geopolítica e Geoestratégica da Base das Lajes nas Relações Transatlânticas Portugal-Estados Unidos da América. Subsídios para a sua Compreensão*. Academia Militar: Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada, p. 15.

¹⁸⁷ Voto de congratulação da Assembleia Legislativa Regional pelos 75 anos sobre a criação da Base das Lajes. Disponível em http://base.alra.pt:82/Doc_Voto/Xvoto1764_16.pdf

¹⁸⁸ AMPV (Arquivo Municipal da Praia da Vitória) - Ata da Reunião ordinária de 27 de novembro de 1941 da Câmara Municipal da Praia da Vitória. Livro de Actas n.º 85.

Oh que dor de coração¹⁸⁹!

Como já foi referido, o acompanhamento e supervisão das obras do aeródromo das Lajes ficaram sob a tutela do então Major Humberto Delgado, que seria o elo de ligação entre Portugal e as Forças Militares Britânicas. Segundo Roland Vintras:

(...) pelo fim de 1941, tínhamos obtido deles uma concessão aparentemente inofensiva, mas que se viria a revelar infinitamente valiosa - ficou assente que os iríamos ajudar a construir os seus campos de aviação nos Açores. Embora nenhum oficial britânico estivesse autorizado a deslocar-se às ilhas, os portugueses concordaram em fornecer aos nossos peritos todas as informações necessárias (...) um tal acordo dificilmente poderia parecer valer a pena; até que o oficial português encarregado do projeto me contatou. Tratava-se do major do Estado-Maior Humberto Delgado¹⁹⁰.

Com a concessão de *facilidades* aos britânicos, a pista de terra batida do aeródromo das Lajes sofreu grandes melhoramentos e ampliações, naturalmente com o auxílio dos militares estrangeiros, tanto em termos logísticos, como materiais.

No final do ano de 1941, Humberto Delgado recebeu um documento onde os ingleses solicitavam informações detalhadas sobre vários assuntos. Segundo o próprio, *iam desde a possibilidade de construção de aeródromos nos Açores ao levantamento exaustivo de portos, estradas, serviços médicos, abastecimentos de água e eletricidade, etc. Vibrei de emoção ao pensar que ia contribuir para a queda dos nazis¹⁹¹*. Toda esta informação seria apresentada, posteriormente, às forças britânicas na forma de relatórios, os quais, por apresentarem uma capa de cor azul, passaram a ser conhecidos por *Delgado's Blue Report¹⁹²*.

Por consequência, procedeu-se a um maior investimento no aeródromo das Lajes, e todas estas obras de melhoramento e ampliação implicaram novas expropriações, tornando necessários os arrendamentos. Mais famílias ficaram

¹⁸⁹ Nemésio, Vitorino (2017), *Festa redonda*, Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano da Cultura (edição fac-similada), p.103.

¹⁹⁰ Vintras, R.E. (1974), p. 36.

¹⁹¹ Delgado, Humberto (2009), p.89.

¹⁹² Idem, (2009), p.90.

desalojadas, perdendo mesmo, os produtores cerealíferos, os seus meios de subsistência. No restrito e pobre meio insular, escasseavam alternativas e oportunidades, verificando-se um considerável impacto socioeconómico, na comunidade local. Algumas famílias enfrentaram dificuldades, pois estavam habituadas a viver daquilo que cultivavam¹⁹³.

Por outro lado, toda esta transformação também originou uma grande escassez de cereais na ilha e falta de mão-de-obra para as atividades mais típicas e correntes, tendo em conta que parte da mão-de-obra local, mais jovem e robusta, foi empregue nas obras de ampliação e melhoramento da pista. Tudo isto, condicionou a economia local, parafraseando Armando Mendes, *a instalação da Base das Lajes na planície do Ramo Grande transformou em betão a principal zona de produção de cereais, sobretudo trigo da ilha Terceira, vindo a provocar, em pouco tempo, escassez dos produtos para a alimentação das populações locais*¹⁹⁴.

Para agravar a situação, a chegada do contingente militar, à ilha, representou um acréscimo populacional¹⁹⁵ e um aumento do consumo alimentar. Não obstante, a proximidade entre a população local e os militares estrangeiros tornou-se uma realidade, forçada pelas circunstâncias, como atesta a imagem fotográfica abaixo (Fig. 8), bem elucidativa do enorme contraste entre o progresso da aviação e a rusticidade da sociedade insular, traduzida no emprego dos tradicionais carros de bois nas obras em apreço. Ao mundo moderno, vindo do exterior, contraponha-se um pobre mundo ilhéu, de modestas e ruralizantes vivências.

¹⁹³ Meneses, Avelino (2001). *As Lajes da Ilha Terceira – Aspectos da sua História*. Angra do Heroísmo: Blu edições, pp. 63,64.

¹⁹⁴ Mendes, Armando (2019), p.232.

¹⁹⁵ Veja-se: Rocha, Gilberta (1991), *Dinâmica populacional dos Açores no século XX. Unidade, permanência, diversidade*. Universidade dos Açores: Tese de Doutoramento, pp. 42, 43.

O volume populacional da ilha Terceira no ano de 1940 era de 53402 habitantes. No início da década de 50 verifica-se um acréscimo, registando-se 60608 habitantes. A densidade populacional, nos mesmo anos, era de 139,8 e 158,7, respetivamente, apresentando-se este decénio, com uma taxa de crescimento anual médio, de +1,27%.



Figura 8 - Carreiros terceirenses a trabalhar nas obras do aeródromo das Lajes, anos 30.

Fonte: BPARLSR – Angra do Heroísmo - Espólio fotográfico de Raúl Diniz Forjaz, 1943-1946.

As memórias desse tempo, ainda se afiguram bem presentes neste testemunho que aqui transcrevemos:

Os meus avôs não queriam [emoção] ... eles não queriam... ser desapropriados... O meu avô tinha muito campo, eram 6 filhos, trabalhavam todos na terra. Era uma lavoura só, e dali é que se vivia e depois iam casando e iam ficando a trabalhar ali... Eles não queriam ser desapropriados.

Aquilo... eles [proprietários] das terras não podiam fazer nada. Eles chegavam lá com os tratores “enfiavam para dentro” e... toca a demolir [emoção]... Eles [proprietários] ainda pediram, na esperança de haver uma solução para o problema... começaram a pedir aos proprietários cá de cima [da freguesia das Lajes, mais afastados da zona de construção da pista], para começarem a guardar o seu gado..., mas esses chegaram a uma altura que não podiam e, claro, que tiveram de vender ao desbarato... (cf. Anexo X, entrevista IX- Casamentos, testemunha privilegiada).

Rui, 78 anos.

O que inicialmente correspondia a um pequeno nicho de população afetada pelas obras da então “precária” pista de terra batida, construída em 1934, logo se tornou num número muito mais significativo de famílias abrangidas. Em 1944 foram requisitados a 51 proprietários de terrenos na freguesia das Lajes, deste concelho, várias parcelas

*desses terrenos numa área total de 236 152 m²*¹⁹⁶. Volta-se a requisitar terrenos para as obras de ampliação do aeródromo.



Figura 9 - Vista aérea do aeródromo das Lajes nos anos 40.

Fonte: Col. Particular.



Figura 10 - Vista aérea do Campo das Lajes, ilha Terceira - 28 de outubro de 1943.

Fonte: Col. Museu de Angra do Heroísmo, ilha Terceira.

Pelas imagens anteriores podemos perceber a evolução que o Campo das Lajes sofreu, desde o início das obras de construção da nova pista de aviação, até aos anos 40. O aeródromo foi sofrendo transformações, começando a surgir a edificação de novas estruturas, nomeadamente para alojamento, para espaços de refeição (messe), espaços de convívio, o que, no seu conjunto, fez erigir uma pequena comunidade para os militares deslocados¹⁹⁷.

¹⁹⁶AMPV, Ata da Reunião ordinária de 27 de novembro de 1941 da Câmara Municipal da Praia da Vitória, Livro de Actas n.º 85.

¹⁹⁷ Merelim, Pedro (1982), *Freguesias da Praia*. 1º Vol. Angra do Heroísmo: Secretaria da Educação e Cultura, p. 274.

Quando os militares britânicos desembarcaram no Porto das Pipas, em Angra do Heroísmo, em 1943, o aeródromo das Lajes já tinha uma pista de aviação com 3.280,8m de comprimento e 91,3m de largura¹⁹⁸, sendo já considerada uma importante e significativa pista.

Passados 3 anos, foi a vez dos norte-americanos se sediarem na Base das Lajes. Segundo Roland Vintras: *O primeiro sinal de “ocupação” americana foi a chegada de três oficiais sem prévia notificação*¹⁹⁹. Desde janeiro de 1944, já se encontravam na ilha alguns norte-americanos, fazendo-se passar por “técnicos” para auxiliar nas obras de ampliação do aeródromo²⁰⁰. Todavia, esta presença é apenas oficializada em 1946, com a saída do contingente britânico. Seja como for, a chegada e a influência destas duas forças estrangeiras, foram o motor do desenvolvimento do aeródromo e da futura Base, com todas as consequências que essa presença implicou, tanto a nível das infraestruturas materiais, como a nível social e económico. Nas palavras desta testemunha:

Primeiro foi a terra batida, depois foi a chapa e depois é que os americanos alcatroaram a pista. Os americanos “vieram-se” instalando a pouco e pouco e foram ficando definitivamente e os ingleses foram saindo. Aquela pista foi alargando e crescendo com os americanos (cf. Anexo X, entrevista IX- Casamentos, testemunha privilegiada).

Rui, 78 anos.

Em 1943 já se fazia sentir o descontentamento da população das Lajes, que havia perdido os seus terrenos. Para que fosse construído um amplo campo de aviação na Terceira, as expropriações obrigaram, aos ex-proprietários, a pagar rendas pelas terras que tiveram de arrendar para substituir as que perderam e avolumaram-se dificuldades pela escassez cerealífera e improdutividade dos terrenos que haviam sobrado.

A situação chegou a preocupar as autoridades locais. A 12 de abril de 1943 foi endereçado um ofício, de carácter confidencial, do Comando Militar da Terceira ao Governo Civil de Angra do Heroísmo, dando nota que:

¹⁹⁸ Vintras, R.E. (1974), p. 83.

¹⁹⁹ Idem (1974), p. 94.

²⁰⁰ Meneses, Avelino (2001), p. 61.

Proprietária de vastos tratos de terrenos para cultura nas regiões das Lajes, Juncal e Cabo da Praia, não cultiva as suas propriedades nem as arrenda, por nunca se conformar com o preço que por eles lhe oferecem nem que seja aquele que haja pedido, do que resulta manterem-se incultas e, portanto, improdutivas as ditas propriedades, e como tal atitude, lesiva da economia da ilha, é altamente prejudicial numa época em que, como aquela que se atravessa, a todos se impõe, para benefício da Economia Nacional, o máximo de produção²⁰¹.

Se a conjuntura internacional correspondia a um período difícil e de profunda crise, causada pela Segunda Guerra Mundial, Portugal e as ilhas também enfrentavam vicissitudes, apesar da neutralidade do governo. Ora, a situação vivida no antigo “Celeiro da ilha” Terceira, acrescida das particularidades apresentadas, pelo Comando Militar ao Governador Civil, traduziam-se em agravantes para a subsistência da comunidade.

Com a presença britânica, o Campo ganha dimensão e visibilidade, *Immediately after landing in Terceira, the British airmen, sappers and sailors, with help from local laborers, started work on the landing strip²⁰²*. A pista de terra batida é submetida a novas obras e ampliações, sendo coberta com chapas metálicas, para a aterragem das aeronaves, instalam-se tendas para alojamento do contingente militar e de apoio à sua presença²⁰³...

O registo iconográfico seguinte, ilustra a constituição metálica com que foi revestida a pista de aviação do aeródromo das Lajes.

²⁰¹ BPARLSR – Angra do Heroísmo - Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo, Correspondência Confidencial, Ofício do Comando Militar da Ilha Terceira para o Governador Civil de Angra do Heroísmo, 12 de abril de 1943.

²⁰² Herz, Norman (2004), p. 221.

²⁰³ Meneses, Avelino (2001), p. 61.

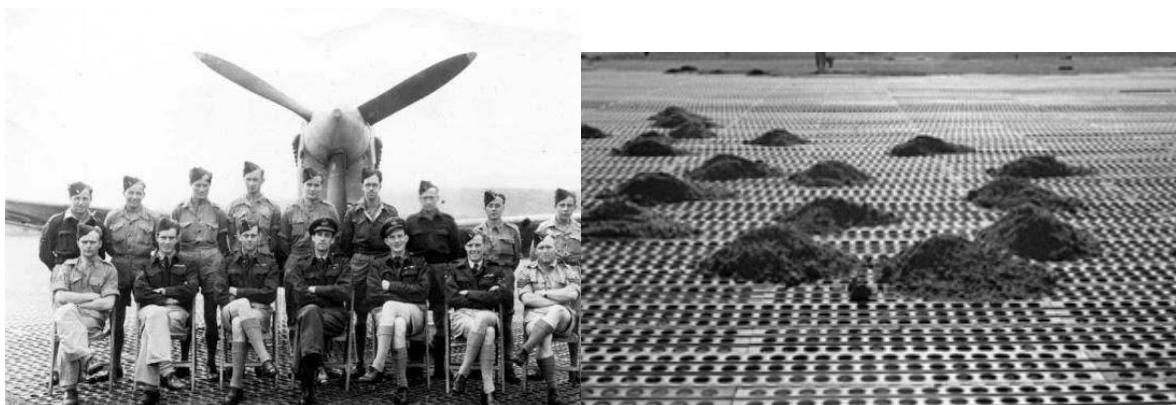


Figura 11 - Chapas metálicas sobre a pista compactada - 1943.

Fonte: Col. Junta Freguesia das Lajes.

Ainda nos nossos dias, podemos encontrar várias destas chapas metálicas, na ilha Terceira, com múltiplas utilizações. Algumas foram preservadas e recicladas, fruto de um espírito de economia, ganhando diferentes finalidades, como proteções de varandas, portões, vedações de propriedades agrícolas, entre outras.

A título de exemplo, abaixo apresentamos duas fotografias, de décadas diferentes, que atestam a reutilização das chapas metálicas, após a sua retirada das pistas de aviação, constituindo-se, assim, num recurso para os habitantes locais.



Figura 12 - Utilização das chapas metálicas da pista para muro de moradia, anos 50.

Fonte: Col. Particular.



Figura 13 – Utilização das chapas metálicas da pista para portão de moradia, 2020.

Fonte: Col. Particular.

Como já foi assinalado anteriormente, para a construção da pista do aeródromo das Lajes foi requisitada muita mão-de-obra terceirense, de diferentes ofícios, conforme podemos comprovar pela correspondência entre o Comando Militar da Terceira e o Governo Civil de Angra do Heroísmo. Em carta datada de 1 de fevereiro de 1943, são discriminadas as diferentes profissões requeridas para esta obra: *cabouqueiros, carpinteiros, pedreiros, tapadores e apontadores, trabalhadores, carreiros*²⁰⁴.

De igual modo, pelos assuntos tratados na reunião ordinária de 9 de dezembro de 1943, da Câmara Municipal da Praia da Vitória, podemos verificar que o Diretor das Obras do Aeródromo das Lajes solicitou a requisição de 30 carros de bois, e respetivos carreiros, para o serviço naquelas obras²⁰⁵.

Com esta interação laboral, nascem os primeiros laços relacionais entre comunidades, terceirenses e estrangeiras, relacionamentos estes que se vão perpetuar ao longo de anos e das gerações.

Na imagem que se segue podemos verificar a dimensão e projeção da pista de aviação das Lajes.

²⁰⁴ BPARLSR – Angra do Heroísmo - Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo, Correspondência Confidencial, Correspondência entre o Comando Militar da Terceira e o Governo Civil de Angra do Heroísmo, 1 de fevereiro de 1943.

²⁰⁵ AMPV, Ata da Reunião ordinária de 9 de dezembro de 1943 da Câmara Municipal da Praia da Vitória, Livro de Actas n.º 85.

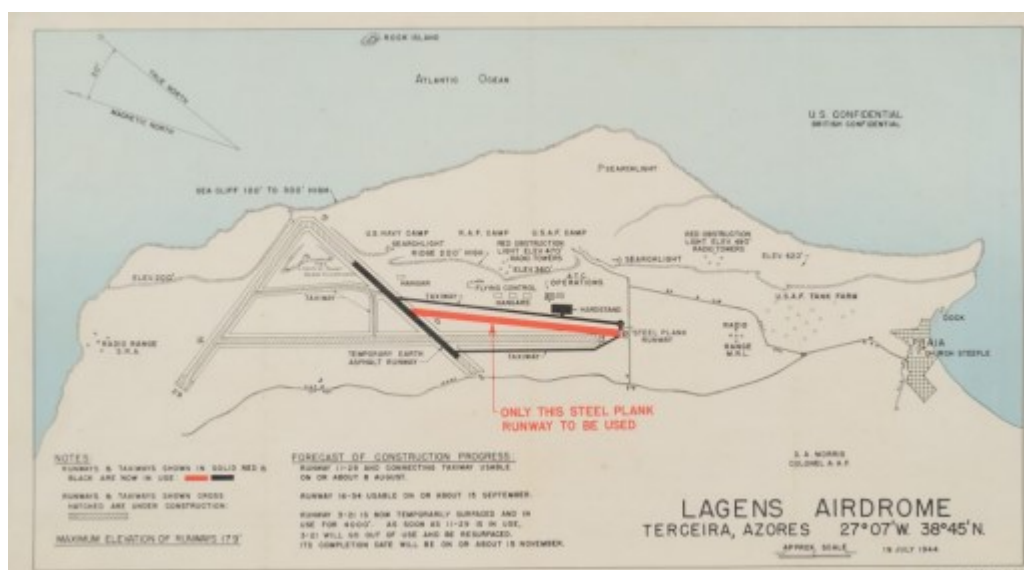


Figura 14 - Planta da pista das Lajes e previsão da conclusão dos trabalhos de expansão. Julho de 1944.

Fonte: Col. Museu de Angra do Heroísmo da Ilha Terceira.

Pelos finais de 1943, a pista do aeródromo das Lajes, estava concluída, com cerca de 2000m de chapa de aço, tendo sido inaugurado a 15 de dezembro pelo Brigadeiro Tamagnini Barbosa²⁰⁶.



Figura 15 - Missa de cerimónia de inauguração da pista das Lajes - 15/12/1943.

Fonte: Andrade, Rui (2016). *75 Anos em 75 Momentos*. Lajes: Base Aérea n.º 4.

A inauguração da pista, conforme retrata o registo iconográfico anterior, *for the new Lagens Air Field was a gala affair. A local catholic priest delivered the blessing*

²⁰⁶ Andrade, Rui (2016), p.25.

*and the governor of the Island cut the ceremonial ribbon held at each end respectively by RAF and portuguese airmen*²⁰⁷.

Como referido e verificado pelo registo iconográfico anterior, marcaram presença na cerimónia três sacerdotes, em representação dos três povos, das três diferentes histórias que coexistiam nos Açores. Esta presença é ilustradora da representatividade religiosa, os três sacerdotes representavam 2 ordens religiosas presentes na ilha: católicos e protestantes (um protestante inglês e o outro de rito escocês), unidos por uma bênção ecuménica²⁰⁸.

Apesar dos portugueses estarem a trabalhar com uma força estrangeira, nunca foi (nem podia ser) questionada a entrega ao patriotismo nacional, pois o certo é que a Base das Lajes era portuguesa e financiada pelo Estado Português²⁰⁹, somente tinha sido concessionada às forças estrangeiras. Portugal mantém a sua soberania sobre a Base das Lajes²¹⁰.

Pela Portaria n.º 11.404, de 1946, dá-se nota da importância da construção de uma Base Aérea Militar nos Açores, pois esta era *destinada à fiscalização da soberania portuguesa no céu do arquipélago (...) a base aérea n.º 4 passa a ter a sua sede no aeródromo das Lajes*²¹¹. A mesma Portaria aponta para a relevância que o Campo de Aviação das Lajes alcançou, quando em 1934 se pensava, apenas, numa pequena pista de terra batida para substituir o então aeródromo da Achada.

Assim sendo, em 1946, a Base Aérea n.º 4 já compreendia: *Comando; Formação; 1 esquadrilha de transporte.*

O Comando:

Estado-maior da Base;

4 secções.

1ª Secção:

Hangares e pistas;

meteorologia;

operações;

assistência Rádio;

torre de comando.

²⁰⁷ Herz, Norman (2004), pp. 221- 222.

²⁰⁸ Grave, José (2000), Anexo II.

²⁰⁹ *Diário Insular*, Ano I, n.º 24, 15 de março de 1946.

²¹⁰ Andrade, Rui (2016), p. 25.

²¹¹ Portaria n.º 11:404 de 27 de junho de 1946. Disponível em <https://dre.pt/dre/detalhe/portaria/11404-1946-154589>

2ª secção:

serviço de transportes;

oficinas;

incêndios;

parque de material.

3ª secção:

obras e águas;

serviços elétricos;

iluminação e telefones;

parque e material.

4ª secção:

serviço de posto;

recepção;

distribuição e reabastecimento;

lavandarias;

Imprensa;

diversões e jogos.

A Formação:

*guarda e polícia do aquartelamento*²¹².

Pela imagem que se segue, voltámos a evidenciar a evolução e dimensão que a pista de aviação do aeródromo das Lajes foi alcançando.



Figura 16 - Vista aérea da Base das Lajes nos anos 40.

²¹² Portaria n.º 11:404 de 27 de junho de 1946. Disponível em <https://dre.pt/dre/detalhe/portaria/11404-1946-154589>

Aquando da saída da *Royal Air Force* da ilha, em 1946, o jornal *Diário Insular* destacou na sua primeira página, o seguinte:

*Partiram da Terceira com saudades aqueles a quem foi dado embarcar. Fruta, prendas, recordações açorianas seguiram para Londres. Alguns vão falar português, outros querem voltar e uns tantos só desejavam que a família viesse*²¹³...

Segundo parecer da opinião publicada, os britânicos pareciam ter-se afeiçoado à ilha, partindo alguns com vontade de ficar. O bom relacionamento entre terceirenses e ingleses, e destes com as autoridades locais, ficou comprovado através da realização do “baile de despedida dos britânicos”, organizado pelo Comando da Base Aérea como podemos ler na ata da reunião ordinária da Câmara Municipal da Praia da Vitória, datada de 3 de outubro de 1946: *Do Comando da Base Aérea n.º 4, convidando para um baile de despedida e homenagem às Forças Britânicas que estacionaram nas Lajes*²¹⁴.

Ao longo da presença britânica na ilha Terceira, houve várias manifestações de parceria entre portugueses e ingleses, numa lógica de interajuda, sendo que o próprio Estado era reconhecido e grato pela ajuda que a RAF prestara à comunidade local²¹⁵.

Em 1946, oficializou-se a chegada dos norte-americanos à ilha Terceira, e com estes, não só se retomaram as obras de ampliação e melhoramento da pista da Base das Lajes, como também se começou a edificar uma pequena localidade na encosta da Serra de Santiago, com a chegada das forças técnicas norte-americanas, ainda em 1944²¹⁶. A pista metálica foi, definitivamente, substituída por asfalto, obra lembrada no testemunho que se segue:

(...) ainda me lembro de levantar as chapas da pista. Era preciso tirar as chapas para os americanos começarem a pôr o alcatrão. As chapas eram

²¹³ *Diário Insular*, Ano I, n.º 17, 8 março 1946.

²¹⁴ AMPV, Ata da Reunião ordinária de 3 de outubro de 1946 da Câmara Municipal da Praia da Vitória, Livro de Actas n.º 86.

²¹⁵ BPARLSR – Angra do Heroísmo - Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo. Correspondência entre o Governo Civil de Angra do Heroísmo para o Comando das Forças Britânicas, 31 de outubro de 1944.

²¹⁶ Veja-se: BPARLSR – Angra do Heroísmo – Destacamento norte-americano da Base das Lajes, 2.1 – Administração, Operações, Abastecimento e Serviços, julho de 1944.

todas presas com uns ganchinhos para ficarem todas juntas (...) quando cheguei o meu chefe mandou a gente arrancar as chapas da pista... foi logo no princípio de ir trabalhar para a Base... (cf. Anexo XI -Testemunhos -Testemunho 1).

Jorge, 86 anos.

Por outro lado, o novo povoado da Base, para fixação dos norte-americanos foi dispondo *de arruamentos com redes de águas, esgotos, energia elétrica, diversos equipamentos, tais como habitação, edifícios para alojamento de pessoas e instalações de serviços, quartéis, “hangares”, escolas, igrejas, hospital, cantinas, cinemas, clubes, campos de jogos, etc, etc, constituindo um perfeito núcleo urbano*²¹⁷ (cf. Anexo I).

Fruto do esforço americano, na atualidade, a Base das Lajes totaliza uma área de 4,48 km², o que é considerável face à dimensão a ilha. Incluindo o aeroporto, reportamo-nos a 2,86 km² de pista e 1,61 km² de Base Militar. Na imagem abaixo, podemos verificar, pela delimitação a vermelho, o perímetro do aeroporto, nos dias de hoje e pelo limite laranja a designada “cidade americana”, na encosta da Serra de Santiago.



Figura 17 - Planta de Localização do aeroporto e Base das Lajes, atualidade.

Fonte: Câmara Municipal da Praia da Vitória.

²¹⁷ AJFVL - Arquivo da Junta de Freguesia da Vila das Lajes - APIT (Associação dos Proprietários da Ilha Terceira), Breve memorando sobre a situação dos terrenos arrendados à Base das Lajes na ilha Terceira – Açores, 24 de fevereiro de 1992 pelo engenheiro Marcelo Bettencourt.



Figura 18 - Vistas aéreas da Base das Lajes, 2021.

Fonte: Col. Particular.

Para além disso, o perímetro da Base das Lajes começou a transpor as vedações limitativas do aeródromo, com a necessidade de implantação de estruturas de apoio à ação militar, o que implicou a ocupação e desapossamento de novos terrenos e propriedades ao longo da ilha. As imagens 19, 20 e 21, comprovam as estruturas de apoio que extravasaram a planície das Lajes.



Figura 19 - Edifício de apoio - Serra do Cume, 2021.

Fonte: Col. Particular.

Pela imagem anterior, podemos verificar a ocupação de terrenos na Serra do Cume, cujo edificado se encontra, na atualidade, quase todo em estado de abandono. Este edifício era uma estrutura de apoio ao contingente norte-americano, que foi servindo vários fins até ao seu total abandono. Ainda nos terrenos da Serra de Cume, podemos ver as antenas transmissoras que ocupam várias parcelas de terreno.

Abaixo, a imagem apresenta a ocupação dos terrenos nos Cinco Picos, já no concelho de Angra do Heroísmo, os quais ainda se encontram em processo de arrendamento, pelo facto de poderem ser restituídos aos seus proprietários. O imóvel, igualmente construído fora das imediações da Base das Lajes, ocupa várias parcelas de terreno e mantém-se em processo de arrendamento.



Figura 20 - Terrenos ocupados nos Cinco Picos e com probabilidade de restituição, atualidade.

Fonte: Comando da Zona Aérea dos Açores.



Figura 21 - Unidade Imobiliária, fora da vedação da Base das Lajes, Cinco Picos, 2021.

Fonte: Comando da Zona Aérea dos Açores.

A planta seguinte é demonstrativa do elevado número de parcelas que foram arrendadas e/ou expropriadas para a implantação do aeródromo das Lajes, bem como das suas estruturas de apoio. Esta planta, pelas suas elevadas dimensões não nos permite perceber com maior nitidez os pontos referentes a cada parcela e localização. Contudo, de forma global, podemos de imediato compreender a dimensão e impacto no

número de proprietários e terrenos abrangidos, embora a planta se cinja aos terrenos dentro do perímetro da Base das Lajes e, como acabámos de referir, muitos outros terrenos, noutras áreas da ilha, também foram arrendados para a edificação de estruturas de apoio.

Figura 22 - Levantamento dos terrenos arrendados - fevereiro de 1967.

Pela planta que se segue, que é um pequeno recorte da planta anterior, e que nos foi facultado pelo Comando da Zona Aérea dos Açores (CZAA), podemos aferir, com maior precisão, como foram categorizados os parcelamentos, ajudando a compreender a planta anterior.

Figura 23 - Parte do parcelamento.

Como se depreende, a cada proprietário foi atribuído um número correspondente a uma ou mais parcelas e pela imagem podemos comprovar que, em alguns casos, houve mesmo quem perdesse mais do que um terreno.

2.1.1. Os desalojamentos e alojamentos?

Uma vez abordada a questão das expropriações, importa compreender como se procedeu com as moradias e que rumo seguiram as famílias que perderam os seus lares.

Foi no lugar das Bugias, da freguesia das Lajes, que se verificou o maior número de desalojamentos, visto ter-se projetado que este seria o lugar de entrada para a Base Militar. O testemunho que abaixo transcrevemos é bem elucidativo do que se passou numa zona residencial de pessoas com muito poucos recursos:

As Bugias ficavam no interior da pista. Era uma zona muito pobre... Em terrenos apanhava um “bocado” de mato, a primeira entrada para a Base era em frente ao Café Vitória. ... as Bugias ficavam ali do lado de dentro da pista, no interior da pista central.... Aquilo faz ali um triângulo e ficava ali dentro. Havia ali [nas Bugias] 50 e tal casas que ficaram da primeira vez... quando fizeram as primeiras demolições... Depois da segunda vez é que foi onde eu morava. Eu era a primeira casa à entrada das Bugias. Atravessava-se a pista naquela altura.... Vínhamos à missa, tínhamos de esperar para quando a luz acendia. Havia uma luz verde e uma luz vermelha.... Havia muita gente, muitos lavradores que tinham terrenos do lado de dentro até ao mar... e iam com os seus carros [carros de bois] buscar milho e às vezes chegava-se a juntar 10 ou mais carros para atravessar a pista (cf. Anexo X, entrevista IX – Casamentos, testemunha privilegiada).

Rui, 78 anos.

O testemunho que acabamos de transcrever, é bem elucidativo das profundas transformações operadas no quotidiano das famílias daquele lugar, bem como do elevado número de casas então demolidas, face à dimensão das localidades rurais da ilha. A construção da pista obrigou também à utilização de modernos sinais de luzes

para que a população pudesse atravessar a pista de aviação, colocando, lado a lado, o antigo e o moderno. A vida pacata do lugar foi substituída por inúmeras atribulações, das quais pouco ou nada se tem dado conta nos estudos sobre a Base. As imagens que se seguem mostram algumas das casas que foram demolidas para dar lugar a esta relevante e significativa estrutura militar, num contexto de conflito armado e, posteriormente, de Guerra Fria. Não obstante, muitas dezenas de anónimos foram afetados e obrigados a mudar as suas vidas.

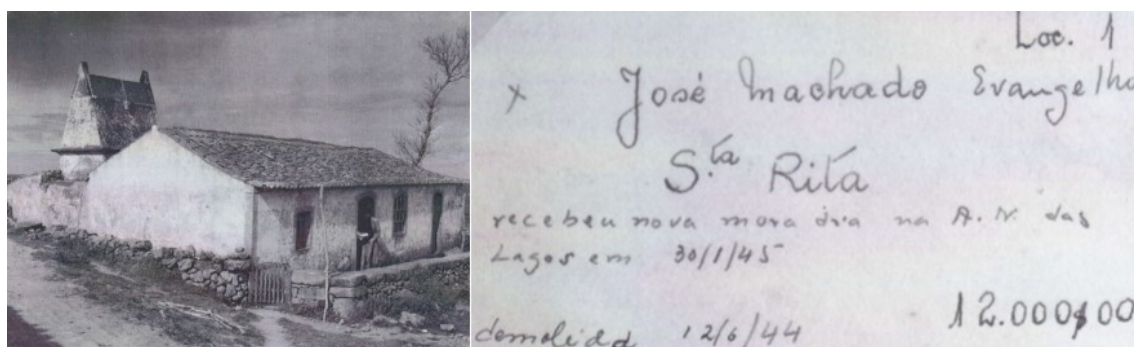


Figura 24 - Casa demolida em 1944, família realojada na Aldeia Nova, Lajes em 1945.

Fonte: Col. Particular.



Figura 25 - Casa demolida em 1944, família realojada na Aldeia Nova, Juncal em 1945.

Fonte: Col. Particular.

A demolição de habitações, impôs a *construção da Aldeia Nova, um bairro de casas (...) que alberga os moradores das Bugias, entretanto desalojados pelos trabalhos da engenharia militar*²¹⁸. Para além desta, também foi erguida a Aldeia Nova do Juncal, na freguesia de Santa Cruz. Como refere este testemunho:

²¹⁸ Meneses, Avelino (2001), p. 62.

Uns vieram para a Aldeia Nova [Lajes], outros foram para o Juncal, também se chamava Aldeia Nova, mas tem lá poucas casas, e outros acabaram por construir aqui à volta [arredores da Aldeia Nova, Lajes] Sofreram muito! Foi muito doloroso ficar sem as suas coisinhas, as suas casinhas... houve pessoas que ficaram sem nada! (cf. Anexo X, entrevista IX – Casamentos, testemunha privilegiada).

Rui, 78 anos.

Pela análise do testemunho, podemos depreender que o processo foi penalizador e moroso. Os realojamentos não foram imediatos como era intenção do chefe de governo, António Oliveira Salazar, que entendia *que as casas condenadas não deveriam ser demolidas enquanto as novas não tivessem prontas a ser ocupadas*²¹⁹. Na prática, verificou-se um período de espera entre a demolição e o realojamento, pois como se constata pelas figuras 24 e 25, as moradias foram demolidas em 1944, sendo as famílias realojadas, nas Aldeias Novas, entre 7 meses e um ano depois.

Onde viveram, entretanto, estas famílias até ao seu realojamento? Que condições e contrapartidas lhes foram facultadas? São perguntas a que não conseguimos responder, em concreto, mas que deixam adivinhar muitas dificuldades vividas.

De modo geral, podemos referir que grande parte das casas foram demolidas em 1944, quando as obras de edificação da Aldeia Nova das Lajes — o maior povoado — se iniciaram, precisamente, em fevereiro do mesmo ano²²⁰, pelo que até à sua conclusão seria impensável concretizar a solicitação, de Oliveira Salazar, de um realojamento imediato.



²¹⁹ Vintras, R.E. (1974), p.95.

²²⁰ Vintras, R.E. (1974), p.95.

Figura 26 - Placa toponímica da Aldeia Nova do Juncal, atualidade.

Fonte: Col. Particular.

No que concerne à Aldeia Nova do Juncal, esta é muito menos significativa, albergando uma parcela muito menor de famílias. Consiste num pequeno arruamento com cerca de 10 moradias, ainda hoje existente. Quase passa despercebida a quem circula na Estrada Regional. No entanto, a seu tempo, serviu como pequeno aldeamento para dar resposta a alguns dos desalojados residentes na planície das Lajes.



Figura 27 - Casa demolida em 1944 revertendo em atribuição de indemnização ao proprietário.

Fonte: Col. Particular.

Para além de realojamentos, também se verificou a prática de indemnizações, em dinheiro, para cobrir a perda da moradia demolida, como podemos verificar pelas imagens anteriores. A casa, de piso térreo, foi demolida a 6 de junho de 1944, tendo sido atribuída, ao proprietário, a quantia de 12 000\$00.



Figura 28 - Casa demolida para ampliação do Campo de Aviação das Lajes, 1953.

Fonte: Col. Particular.

As demolições não se cingiram a 1944, embora, no cômputo geral, tenha sido este o ano de maior incidência, sobretudo no tocante a moradias. Porque o Campo de Aviação foi sujeito a obras de melhoramento e ampliação, ao longo da década seguinte, outras demolições se seguiram, conforme atesta a fotografia da figura 28. Desta vez, trata-se de uma casa mais imponente, com dois pisos e pórtico lateral, pertencente à tipologia dos solares de quinta, tão típicos de certas zonas da ilha e associados a famílias mais abastadas. Como se pode ler na anotação sobre a fotografia, esta moradia pertencia a um velho morgado, da família dos *Patos Machados* e foi demolida, em 1953, *para alargar o campo de aviação*.

No tocante à edificação da Aldeia Nova das Lajes, importa debruçarmo-nos sobre alguns aspetos da sua construção. Como refere Pedro Merelim:

*A povoação começou a ser edificada em fevereiro de 1944, quando Salazar enviou às Lajes uma missão, com o objetivo de estudar os problemas relacionados com a ampliação do aeródromo, de forma a torná-lo apto a receber os tipos mais pesados de aeronaves. Bromet havia sido assediado por queixas sobre danos feitos a gado, da ocupação de valiosos terrenos agrícolas e ameaça de demolição de casas*²²¹.

Salazar encarregara o oficial britânico Geoffrey R. Bromet, da responsabilidade das demolições das moradias, bem como da orientação das obras de construção das novas casas. Como se depreende da citação anterior, a população mostrava-se insatisfeita com a perda de terras férteis e dos bens que possuíam, queixando-se àquela autoridade britânica. Não obstante, os norte-americanos também foram parte integrante no projeto de edificação e realojamento a par com a RAF e com as autoridades portuguesas, pois como é sabido e já aludimos, desde janeiro de 1944 que os norte-americanos se encontravam no Campo das Lajes envolvidos nas obras de construção do

²²¹ Merelim, Pedro (1982), p.261.

aeródromo, inicialmente partilhando os seus alojamentos com os ingleses, mas depressa foram transferidos para a parte sul do aeródromo²²².

Foram edificadas 35 novas moradias, mas apenas 10 em local escolhido pelos próprios desalojados, desconhece-se quais os critérios em que assentaram estas exceções. A nova povoação foi erguida por um construtor civil local, com a preocupação de manter as características típicas das casas terceirenses, em conformidade com as indicações dadas por Oliveira Salazar a Bromet²²³.

As fotografias seguintes, mostram, na atualidade, como foi dado cumprimento às indicações de Salazar, no concernente às características das casas. De facto, elas apresentam a volumetria e o traçado típicos das casas terceirenses. Dispondo de *um único pavimento, são abarracadas e brancas, com telhados de telha portuguesa, conformando-se as chaminés do padrão tradicional (...) e as frontarias de cimento (...) rebocadas e caiadas*²²⁴.

Apesar de assistirmos a modificações estruturais introduzidas nas moradias, a maioria ainda mantém a estrutura inicialmente definida e planeada.



Figura 29 - Praça central, fontanário e respetiva descrição, Aldeia Nova, Lajes, atualidade.

Fonte: Col. Particular.

²²² BPARLSR – Angra do Heroísmo – Destacamento norte-americano da Base das Lajes, 1.4 – Abastecimento e Serviços, janeiro a junho de 1944, p.102 e 3. – Operações, janeiro a junho de 1944, p. 24.

²²³ Merelim, Pedro (1982), p. 261 e Vintras, R. E. (1974), p.95.

²²⁴ Vintras, R.E. (1974), p.96.

De acordo com Roland Vintras, para albergar as famílias desalojadas, o novo aldeamento terá sido dotado de uma lavandaria, praça central e fontanário²²⁵. Ainda hoje, ao visitarmos este pequeno aldeamento, encontramos a praça central com o seu fontanário que ostenta a seguinte inscrição: *Este fontanário foi construído pelas forças anglo-americanas para os habitantes da Aldeia Nova das Lajes em 1945*.

No que concerne à lavandaria, esta encontra-se em ruínas, no entanto, ainda persistem alguns tanques ou pias que, na época, deram resposta à comunidade forçada a mudar de residência e de hábitos. Não obstante as vicissitudes então vividas pela população da freguesia das Lajes, seria injusto considerar que não terão existido melhorias no tocante às condições proporcionadas pelas casas construídas de raiz e por algumas estruturas circundantes. Veja-se, por exemplo, na inscrição da placa colocada na lavandaria, como uma das preocupações foi a de conferir “habitação condigna” a quem perdera a sua casa por causa da construção do aeródromo. Quando muito, era a intenção manifestada.



Figura 30 - "Lavandaria", Aldeia Nova, Lajes, 2021.

Fonte: Col. Particular.

²²⁵Vintras, R.E. (1974), p.95.

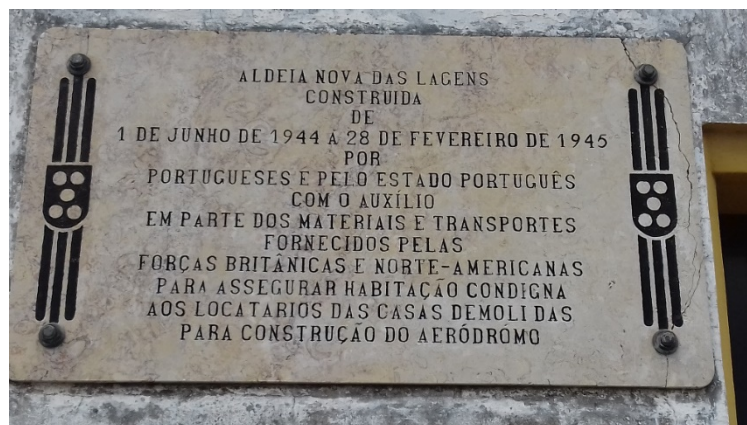


Figura 31 - Inscrição na "Lavandaria", Aldeia Nova, Lajes, 2021.

Fonte: Col. Particular.



Figura 32 - Aldeia Nova das Lajes, 2021.

Fonte: Col. Particular.



Figura 33 - Plantas de localização da Aldeia Nova, Lajes, atualidade.

Fonte: Câmara Municipal da Praia da Vitória.

Pela localização geográfica da Aldeia Nova, podemos constatar que se trata, nos dias de hoje, de um pequeno aglomerado populacional, relativamente próximo da vedação da pista de aviação. A sua essência mantém-se, apesar de, naturalmente, se poder assistir ao prolongamento de algumas artérias e à construção de novas moradias.

Uma vez que a bibliografia consultada remete apenas para a Aldeia Nova das Lajes, podemos questionar-nos se a Aldeia Nova do Juncal terá sido o local escolhido, pelos desalojados para construção das 10 moradias? Foram construídas 35 moradias para dar resposta aos desalojados. Mas esse número foi suficiente para alojar a totalidade das moradias demolidas? Apesar de ser referida a edificação de 35 novas moradias, isto não significa que tenham sido demolidas apenas 35, como vimos anteriormente, houve indemnizações e pode, até, ter existido casos de famílias que foram viver para outra zona da ilha, onde teriam familiares. Que solução foi encontrada para quem vivia nas moradias demolidas sob arrendamento?

Há questões a que não conseguimos dar resposta, até porque muita documentação encontra-se desorganizada e dispersa. Alguns documentos estão na posse de particulares, o que dificulta o acesso e a consulta. Acresce, que a maioria dos desalojados já faleceu, está doente ou com idades muito avançadas, pelo que não foi possível recolher testemunhos orais e informações numéricas mais precisas. Mais difícil ainda, se torna a perceber a situação dos arrendatários, dado que a haver expropriações ou indemnizações estas eram tratadas e, eventualmente, pagas aos efetivos proprietários.

2.1.2. As parcelas dos terrenos agrícolas ocupadas pelo Aeródromo das Lajes

No que concerne ao desapossamento, arrendamento e aquisição, pelo Estado, das propriedades agrícolas, esta foram as questões que maiores problemas levantaram, uma vez que, sendo em maior escala, abrangeram um maior número de famílias e população, em geral, motivando resoluções mais complexas e que se arrastaram por várias décadas. Ainda nos dias de hoje, existem situações pendentes, quer por se encontrarem em processo de arrendamento, com possibilidade de rescisão de contrato e efetiva restituição da propriedade, quer por desconhecimento dos respetivos proprietários, isto é, os herdeiros.

Este foi um processo que se iniciou em 1934, com as primeiras obras de terraplanagem para a construção do Campo de Aviação das Lajes. Na altura, supôs-se que os terrenos seriam adquiridos pelo Estado português, mas não foi isto que se verificou, pois, as instâncias competentes inclinaram-se para que o problema fosse solucionado por meio de arrendamento²²⁶.

Tal ideia suscitou polémica e discussões, pois, como era evidente, todos os terrenos que seriam utilizados para a construção da pista não teriam condições ou possibilidade de serem restituídos e, muito menos, reaproveitados nas tarefas agrícolas. Em 1941, a Câmara Municipal da Praia da Vitória endereçou um ofício ao Governo Civil, descrevendo o caricato da solução apontada, solicitando, pois, a aquisição dos terrenos das Lajes porque estes nunca mais poderiam ser restituídos e se tornariam totalmente improdutivos²²⁷.

Com as obras de melhoramento e ampliação do aeródromo, novos terrenos foram requisitados *determinando obrigatoriamente a quase proletarização de cerca de 200 pequenos lavradores. A partir de então, a maior parte deles apenas auferia uma renda anual*²²⁸. Muitos destes pequenos lavradores passaram, então, da situação de trabalhadores independentes, que cultivavam e subsistiam das suas terras, para uma situação de quase assalariados, pois muitos deles constituíram a mão-de-obra empregue na construção da pista de terra batida.

²²⁶ AMPV, Ata da Reunião ordinária de 27 de novembro de 1941 da Câmara Municipal da Praia da Vitória. Livro de Actas n.º 85.

²²⁷ AMPV, Ata da Reunião ordinária de 27 de novembro de 1941 da Câmara Municipal da Praia da Vitória. Livro de Actas n.º 85.

²²⁸ Meneses, Avelino (2001), p.63.

Esta situação remete-nos para a investigação de César Ayala, sobre a expropriação na ilha de Vieques, no Porto Rico, para a implantação de uma Base Naval Norte-americana nos anos de 40. Neste estudo, também é mencionado o facto da mão-de-obra dos trabalhadores rurais, das plantações de açúcar, que perderam as suas terras em consequência da implantação da Base, ter sido empregue nas obras de construção da Base Naval norte-americana²²⁹. Isto leva-nos a questionar se esta seria prática compensatória dos norte-americanos? Os locais, pela perda das suas propriedades, são retribuídos com emprego nas obras de construção das Bases? Que quantitativos foram usados na construção do aeródromo das Lajes? Quantos pequenos lavradores não se terão adaptado a esta nova realidade?

Algo que até então não conheciam, começa a emergir entre a sociedade local: o desemprego. Esta é também, uma realidade salientada na investigação de César Ayala:

*In the summer of 1943 viequenses marched with black flag demanding jobs, and effects of the expropriations finally hit home as the future looked bleak, there were no jobs, and there was no land (...) employment in militar construction dampened the impact of the expropriations*²³⁰.

Encontramos um paralelismo entre as duas realidades – Lajes e Vieques – em consequência da implantação da base militar norte-americana. O emprego da força de trabalho local será uma política norte-americana de apaziguamento do impacto da instalação de bases? O desemprego foi algo inevitável em ambas as comunidades? Pois como tivemos oportunidade de verificar, as consequências e compensações para os locais são muito semelhantes. As duas comunidades perderam os seus meios de subsistência e de riqueza – as Lajes perderam os campos cerealíferos, Vieques viu reduzida a produção açucareira.

Afigura-se que, a determinado momento, além das ocupações provocadas pela Base das Lajes, esta tornara-se a única via para conseguir um trabalho, ainda que temporário (construção).

²²⁹ Veja-se Ayala, César J. (2001), “From sugar plantation to militar bases: the U.S. Navy’s expropriations in Vieques, Puerto Rico, 1940-45”, In Centro Journal, vol. XIII, nº1, University of New York, pp. 23-43. Disponível em: <https://www.sscnet.ucla.edu/soc/faculty/ayala/vieques/web/07ayalasugaroplanttomilitary.pdf>

²³⁰ Idem, pp. 36-37.

Um ofício datado de 1 de novembro de 1951, dirigido pelo Dr. Cândido Pamplona Forjaz, então Governador Civil do Distrito, ao Ministério do Interior, dava conta da seguinte nota:

Os proprietários dos terrenos ocupados pela Base Aérea das Lajes recebem renda anual, tanto quanto possível, atualizada, desses terrenos (...) Já a perda dessa exploração deve ter causado prejuízos, pois a renda é sempre muito inferior ao produto de exploração (...) deve ter tido compensação, embora transitória, com trabalho na referida Base²³¹.

Como se constata, o arrendamento dos terrenos e as perdas causadas pelo fim da exploração agrícola, provocaram um duplo prejuízo, cuja compensação transitória (sublinhe-se) assentava em trabalhar nas construções da Base.

A título de exemplo, para melhor compreendermos o processo de arrendamento-indeminização e o valor das rendas dos terrenos, ocupados pelo aeródromo das Lajes, podemos-nos debruçar sobre o Contrato de Arrendamento n.º 4728 (cf. Anexo I). Este foi celebrado entre o Conselho Administrativo do Comando Militar da Terceira e um proprietário, a 19 de outubro de 1945, em que os outorgantes acordam o arrendamento de um terreno rústico composto por dois cerrados com 9.515m² com a vigência de um mês, sendo sucessivamente prorrogado por períodos iguais, pelo valor de 144\$00 mensais, destinando-se este arrendamento a servir o aeródromo das Lajes²³².

Pelas situações previamente apresentadas, podemos depreender, e como já referimos, que muitos terceirenses viram as suas vidas completamente alteradas. Alguns perderam mesmo a fonte da subsistência familiar, ou seja, as suas explorações agrícolas, que representavam também todo um modo de vida. Também em Vieques, em Porto Rico, a situação foi similar, os pequenos latifundiários foram expulsos das suas terras e as suas casas foram demolidas para instalação da Base militar norte-americana, revolucionando, de igual modo, os seus meios de sustento e o seu modo de vida²³³.

²³¹ BPARLSR – Angra do Heroísmo – Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo, Correspondência Confidencial do Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo. Ofício de 1 de novembro de 1951, do Governador do Distrito de Angra do Heroísmo para o Ministro do Interior.

²³² AJFVL – APIT - Contrato de arrendamento n.º 4728.

²³³ Ayala, César J. (2001), p.37.

Homens e mulheres foram afetados, mas se alguns não tinham onde empregar a sua força braçal, depois da conclusão das obras do aeroporto, outros, os que realmente conseguiram um trabalho nas Base das Lajes, acabaram por ser recompensados.

Por seu turno, o poder local também seria atingido, em termos fiscais, ou seja, no âmbito da arrecadação de receitas. A Junta Geral do Distrito de Angra foi a mais atingida, uma vez que a compra dos terrenos, por ser feita pelo Estado, não a beneficiou com a cobrança do imposto sobre os proprietários ou privados, o que deveria atingir, neste caso, umas centenas de contos, perturbando assim *gravemente a vida desse corpo administrativo*²³⁴.

Para além dos terrenos ocupados pelo aeroporto e suas infraestruturas, ainda se colocou o problema das parcelas de terreno que, embora não atingidas pelo aeródromo ou pelas obras de ampliação e melhoramentos, acabaram por se tornar improdutivos devido à proximidade do novo campo de aviação. Os respetivos proprietários entendiam que o Estado deveria adquirir o terreno, na sua totalidade, e não somente as parcelas diretamente visadas²³⁵. A tudo isto, acresciam os palheiros que ficaram inutilizados e/ou acabaram demolidos, não havendo informação quanto à sua área total.

O baixo valor dos arredamentos levou a que, ao longo dos anos, a situação dos locais ainda se deteriorasse mais, levando à criação, em 1976, de uma comissão de representantes dos proprietários de terrenos ocupados pelo aeródromo das Lajes e respetivas estruturas de apoio. Esta comissão visava a luta pela igualdade e justiça no pagamento das rendas, a preços uniformes e equitativos. A 28 de março de 1990, foi esta formalizada, passando a designar-se como APIT (Associação dos Proprietários da Ilha Terceira). O seu principal objetivo era a *defesa da propriedade e intervenção como parceiro social nas questões que a envolvam* (cf. Anexo I)²³⁶.

Por ofício dirigido pela Associação de Proprietários da Ilha Terceira (APIT) à Direção das Infraestruturas do Ministério da Defesa Nacional, datado de 5 de Junho de 1997 (cf. Anexo I), solicitava-se, por exemplo, que fossem adquiridos os palheiros por um valor de 300 000\$00, cada, tendo em conta a superfície e construção do mesmo e considerando que este seria um preço simbólico. O mesmo ofício faz referência ao caso específico de *um proprietário, dono de 7 alqueires de terra, mas que o Estado utilizou*

²³⁴ BPARLSR – Angra do Heroísmo – Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo, Correspondência Confidencial do Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo, Ofício de 1 de novembro de 1951, do Governador do Distrito de Angra do Heroísmo para o Ministro do Interior.

²³⁵ AMPV, Ata da Reunião Ordinária de 9 de maio de 1941, Ata da Reunião ordinária de 9 de maio de 1941 da Câmara Municipal da Praia da Vitória. Livro de Actas n.º 85.

²³⁶ AJFVL - APIT - Constituição da Associação dos Proprietários da Ilha Terceira (APIT).

*apenas 6, pretende que lhe seja comprado, todo o terreno. Entendo que lhe assiste razão por ter perdido as vantagens económicas asseguradas pelos 7 alqueires de terra*²³⁷.

Em suma, as questões relacionadas com os terrenos agrícolas estão, ainda hoje, longe de ser totalmente resolvidas. As negociações perduraram, para além do expectável, com retrocessos e avanços e nem sempre com os melhores resultados. Não obstante, na década de 90, o Estado português acabou por adquirir a maioria dos terrenos a um valor inferior ao proposto pela Associação de Proprietários da Ilha Terceira.

De acordo com o Comando da Zona Aérea dos Açores, em 2019, ainda se registavam cerca de 200 contratos de arrendamento de parcelas dos terrenos ocupados em determinadas zonas da ilha Terceira, quer pela Base Militar, quer pelas estruturas de apoio externas à vedação da mesma. Destes 200 contratos, 121 são pagos pela Direção de Infraestruturas da Força Aérea Portuguesa e 80 pelo Destacamento da Força Aérea norte-americana, sendo que algumas das parcelas se localizam no centro da pista de pouso e decolagem do Aeroporto Internacional das Lajes. Ainda é de referir, que este total difere todos os anos, consoante a necessidade de manter os terrenos ou de rescindir os contratos. Estas situações devem-se sobretudo ao facto de existirem terrenos que apresentam condições de serem restituídos aos seus proprietários, ou por não haver interesse por parte dos mesmos em vender as suas propriedades²³⁸.

Uma vez abordadas as consequências da construção do aeroporto das Lajes, e da Base, no âmbito da propriedade rural, da demolição de moradias e da necessidade de realojamentos, importa agora analisar o impacto da presença britânica junto da sociedade local.

2.2- A chegada dos britânicos à ilha Terceira

Consoante já referido anteriormente, o primeiro contingente estrangeiro que desembarcou na ilha foi o das forças britânicas, fazendo-se sentir as implicações em termos sociais, económicos e culturais sobre a população local.

²³⁷ AJFVL – APIT - Ofício da Associação de Proprietários da ilha Terceira à Direção-Geral de Infraestruturas do Ministério da Defesa Nacional a 5 de junho de 1997.

²³⁸ Dados de 2019, facultadas pelo Comando da Zona Aérea dos Açores.

O dia 8 de outubro de 1943, dia em que os britânicos desembarcaram no Porto das Pipas, na cidade de Angra do Heroísmo, tornou-se, na história da ilha Terceira, uma data marcante, traduzida nas palavras de Cândido Pamplona Forjaz, por um *virar de página da sua vida*²³⁹.

*Three small convoys secretly set sail from Liverpool carrying the newly formed 247th Air Group to the Azores, scheduled arrival 8 October in time to start building the air base on Terceira*²⁴⁰. É assim descrita por Norman Herz a chegada do grupo 247, que partiu de Liverpool, comandado pelo vice-marechal do Ar Geoffrey Bromet, para se instalar na Base aérea da ilha Terceira. Passados cerca de oitenta anos, ainda existe quem se lembre deste desembarque:

Eles quando vieram para cá, eu vi tudo! Porque eu tinha 13 anos quando os ingleses cá chegaram, mas eu já sabia o que é que se estava a passar no mundo e passaram-se coisas muito engraçadas (...) Eu vi-os desembarcar, eu fui ali para o alto onde está aquele monumento do António DaCosta, eu vi-os desembarcar (cf. Anexo IX, entrevista XI- Testemunha privilegiada)

Adriano, 90 anos.

Há muito que esta chegada era preparada, com um longo e controverso percurso de negociações, conversações, relatórios...entre Londres e Lisboa. No entanto, foi uma surpresa para a comunidade e para as autoridades locais, quanto mais não seja pelo alarde do desembarque. As forças eram compostas por cerca de 3000 soldados, os quais descarregaram mais de 20 toneladas de equipamento diverso²⁴¹. Tais movimentações eram algo nunca visto pela população da ilha.

O Governador Civil de Angra do Heroísmo, Dr. Pestana da Silva, apenas tomou conhecimento, por intermédio do Brigadeiro Tamagnini Barbosa, de que iria estacionar na ilha Terceira, um contingente de britânicos, com destino à Base das Lajes. Todavia, há já algum tempo que se suspeitava que algo estava a ser preparado²⁴².

²³⁹ Forjaz, Cândido Pamplona (1984), p. 88.

²⁴⁰ Herz, Norman (2004), p.193.

²⁴¹ Meneses, Avelino (2001), p.60 e Forjaz, Cândido Pamplona (1984), pp. 88- 89.

²⁴² Grave, José (2001), “Uma Base Estrangeira nas Lajes. O Alvor”, In *Arquipélago História*, 2ª Série, V, p. 403.

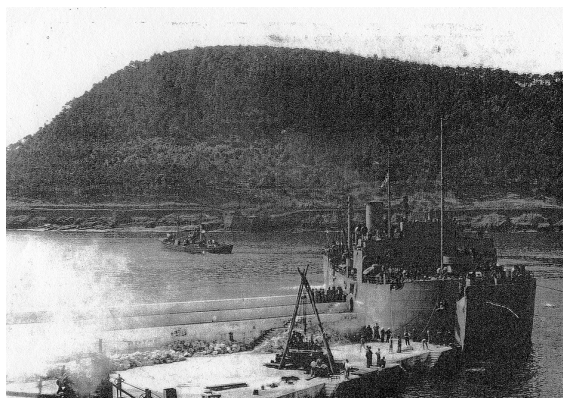


Figura 34 - Chegada do Navio *Franconia* ao Porto das Pipas, Angra do Heroísmo, 8 de outubro de 1943.

Fonte: Col. Particular.

O navio que transportou este contingente, denominado *Franconia*, ancorou na baía de Angra, conforme demonstra a imagem anterior. Esta operação recebeu o nome de código *Alacrity*²⁴³. Para além da operação em si, os próprios Açores eram reconhecidos, pelos ingleses e norte-americanos, pelo nome de código *Alacrity Area*²⁴⁴. Inúmero e pesado equipamento foi desembarcado, como mostram as fotografias seguintes, causando espanto e curiosidade entre a população.



Figura 35 - Desembarque dos britânicos no Porto de Pipas, Angra do Heroísmo, 8 de outubro de 1943.

Fonte: Col. Particular.

Ainda nos dias de hoje há quem não esqueça a envergadura e a novidade dos navios chegados à ilha:

²⁴³A operação *Alacrity* foi delineada em Casablanca, Marrocos, por Winston Churchill, Franklin Roosevelt e Charles de Gaulle.

²⁴⁴ BPARLSR – Angra do Heroísmo – Destacamento norte-americano da Base das Lajes, 1.1 – Introdução, janeiro a junho de 1944, p.6.

Quando os ingleses aqui chegaram vinham em vários navios, e vinham num pequeno porta-aviões, eu vi! Um pequeno porta-aviões de escolta. O que era um porta-aviões de escolta? Era um porta-aviões que levava cerca de 10 aviões e que acompanhava os comboios e andavam sempre no ar, ora aquilo era a pior coisa para um submarino porque eles vêm o submarino, mesmo submerso... (cf. Anexo IX, entrevista XI- Testemunha privilegiada).

Adriano, 90 anos.

Apesar de as *facilidades* terem sido concedidas aos ingleses, que muito concorreram para o desenvolvimento da ilha Terceira, com as obras de ampliação do aeródromo das Lajes e do porto militar na Praia da Vitória, também os norte-americanos negociavam, com Salazar, a ocupação dos Açores. Apenas 3 meses após o desembarque britânico, a 9 de janeiro de 1944, chegou à ilha Terceira, com entrada pelo Porto das Pipas — ainda que disfarçadamente — um grupo de 532 técnicos norte-americanos, que vinham prestar apoio às forças inglesas, com o objetivo de acelerarem os trabalhos de terraplanagem indispensáveis à ampliação do aeródromo²⁴⁵.

Os primeiros tempos foram difíceis para os ingleses, instalados em tendas de campanha, arrancadas pelo vento e pela chuva, devido às condições atmosféricas adversas. Só na primavera de 1944 se montou os abrigos pré-fabricados de chapa de zinco, pois a construção da pista era considerada prioritária, remetendo para segundo plano os alojamentos dos militares.



Figura 36- Campo das Lajes, presença britânica

Fonte: Col. Particular.

²⁴⁵ Meneses, Avelino (2001), p.61.

A imagem supra, pretende dar-nos a perceção do que era o Campo das Lajes nos anos 40, durante a estadia britânica na ilha, onde podemos ver a formação dos abrigos pré-fabricados, para a alojamento dos ingleses.

Em fevereiro de 1944, a comunidade militar, inicia a tiragem de um periódico – *Atlantic Echo* – que irá manter a sua periodicidade (semanal) até 1946, data de saída das forças britânicas da ilha Terceira²⁴⁶.

Este jornal, era uma forma dos britânicos manterem alguma relação com a sua pátria, partilhando notícias de além-mar, da evolução da guerra, mas também incluía notícias da ilha Terceira, sobretudo sobre os seus usos e costumes, acontecimentos locais...tendo em vista a aproximação à comunidade local, disponibilizando um maior conhecimento sobre esta aos militares. O *Atlantic Echo* era um periódico destinado à comunidade militar, os terceirenses não tinham acesso a este jornal²⁴⁷. Na edição de 30 de dezembro de 1944, podemos ler no editorial: *This is your newspaper. It is produced for your information and entertainment and also as a picture of your life in the Azores for the interest of those relatives and friends at home to whom many of you send the “Echo”*²⁴⁸.



Figura 37 - Periódico das forças britânicas: *Atlantic Echo*.

Fonte: *Atlantic Echo*, vol. 2, n.º 3, 24 de fevereiro de 1944.

²⁴⁶ Meneses, Avelino (2001), p.88.

²⁴⁷ BPARLSR – Angra do Heroísmo. Podem-se encontrar vários exemplares do jornal britânico *Atlantic Echo* na BPARLSR, na Secção de Periódicos.

²⁴⁸ *Atlantic Echo*, vol. 4, n.º 2, 30 de dezembro de 1944.

Desde cedo, começaram-se a traçar laços relacionais entre britânicos e terceirenses. Embora o impacto político seja o mais evidenciado, sobretudo em termos de estudos e investigações académicas, não podemos deixar de referir as repercussões sociais e económicas que a presença estrangeira proporcionou entre a sociedade local, algumas delas ainda sentidas na atualidade.

Nas memórias de um octogenário, que entrevistamos, ainda estão bem presentes as imagens dos ingleses que desciam até à Praia da Vitória:

Primeiro vieram para cá os ingleses, até temos um cemitério dos ingleses cá, e eles vinham do Campo numas carroças (risos). Havia como uma “praça” [estacionamento de táxis] para as carroças e depois eles vinham aí para a Praia, mas então os ingleses bebiam muito e faziam sempre muito barulho [brigas, desavenças, alcoolismo...]. Quando eles vinham nas carroças, era uma festa ver aquilo tudo por aí abaixo (cf. Anexo X, entrevista X- Casamentos, testemunha privilegiada).

Gabriel, 85 anos.

Nos momentos de folga e lazer, os ingleses procuravam as localidades mais próximas, frequentando as tabernas e cafés e, com facilidade, abusavam do consumo de bebidas alcoólicas. Gradualmente, foram-se aproximando da sociedade local, ajudando a promover atividades físicas, ao ar livre.

A interação com os locais permitiu aos britânicos envolverem-se na vida social da ilha, participando em várias festas, convivendo alegremente com os terceirenses. O incentivo britânico ao futebol e ao atletismo permitiu a realização de jogos entre locais e estrangeiros, assim como torneios²⁴⁹.

O futebol era um desporto já conhecido e praticado nas ilhas²⁵⁰, contudo ganhou relevo aquando da vinda de quatro grandes estrelas do futebol britânico, que se

²⁴⁹ *Jornal da Praia*, ano 31, n.º 431, 4 de outubro de 2013.

²⁵⁰ Veja-se: Silva, Susana Serpa (2010), *Ponta Delgada. Roteiros Republicanos*. Matosinhos: Quidnovi, pp. 62-63. A prática desportiva foi muito incentivada com a implantação da República e, por isso, também se foi afirmando nas ilhas. Nos inícios da década de 1920, já era uma realidade o Campeonato de Futebol de S. Miguel e, em 1924, foi fundada a respetiva Associação. Passaram a organizar-se semanas desportivas e competições inter-ilhas. Equipas de futebol do Faial e da Terceira participaram em muitas destas competições.

refugiaram na ilha Terceira, em consequência do perigo que assolava a Inglaterra no decorrer da Segunda Guerra Mundial. Sambert, Metter, Bowells e Staff, causaram uma forte impressão entre a comunidade local e incentivaram a prática deste desporto, que foi ganhando mais adeptos²⁵¹.

(...) eles tiveram uma grande equipa de futebol cá [britânicos]. O Governo deles [britânico] mandou os heróis nacionais da altura do aperto da guerra, mandou-os para aqui, os jogadores da seleção inglesa, e eles começaram a jogar cá. O Lusitânia tinha também uma grande equipa e jogava o Lusitânia contra os ingleses... (cf. Anexo X, entrevista IX – Casamentos, testemunha privilegiada)

Rui, 78 anos.

Para além do futebol, outras modalidades desportivas reuniram portugueses, ingleses e norte-americanos, como foi o caso do pingue-pongue e do ténis, *no pingue-pongue havia partidas renhidas entre portugueses e ingleses que acabavam sempre com grande jantarada no restaurante Gaspar, na rua da Esperança pelos bons bifés de vaca que servia*²⁵². Este discurso é expressivo da proximidade social entre açorianos e estrangeiros, unidos pelo desporto, mas também pelo relacionamento social e pela convivência.

No semanal britânico *Atlantic Echo*, de 23 de dezembro de 1944, podemos encontrar várias referências à interação social e ao convívio entre as duas nacionalidades:

The Jelly Puzzled Them, Force “C” Treat to Children of Angra – Christmas festivities started last Monday at Angra when some 60 children of local dockworkers were entertained at very successful party organized by members of Force “C”;

Soccer Cup Gift from Portuguese Civil Governor – Anglo-Portuguese relations, already greatly assisted by the many football matches played

²⁵¹ Martins, Manuel Meneses (2003), p. 43.

²⁵² Menezes, Manuel Sousa (2007), p. 105.

*between British and Portuguese teams, will be further strengthened over Christmas*²⁵³.

Mas para além do desporto, que até marcava as festividades natalícias, muitas outras influências se fizeram sentir até pelo aumento do número de tabernas e bares de alterne, nas proximidades do aeródromo e da freguesia das Lajes. A própria gastronomia local é marcada pela presença dos militares ingleses. Segundo Pamplona Forjaz, aumentou consideravelmente *a quantidade de tascas que se abriram na área Praia-Lajes para servir bifes com batatas e ovos fritos em pratos que pareciam picos, tal a abundância*²⁵⁴.



Figura 38 - Casa de Pasto Praiense, presença inglesa.

Fonte: BPARLSR - Angra do Heroísmo - Espólio fotográfico de Raúl Diniz Forjaz, 1943-1946.

Como podemos verificar, pela imagem anterior, facilmente o terceirense se adaptou à nova língua que os rodeava, traduzindo “Casa de Pasto” por *Eating-House* e, assim, clarificando a natureza do estabelecimento aos novos consumidores radicados na ilha. Este será um, dos muitos, botequins, casas de pasto, tabernas e cafês que surgiram, em especial na Praia da Vitória (devido à proximidade à Base), para dar resposta à procura estrangeira. De certo modo, a abertura e manutenção deste tipo de estabelecimentos terá sido uma oportunidade de negócio e de subsistência para algumas famílias terceirenses.

²⁵³ *Atlantic Echo*, vol. 4, n.º 1, 23 de dezembro de 1944.

²⁵⁴ Forjaz, Cândido Pamplona (1984), p. 325.

Junto do Governo Civil, deram entrada, só no ano de 1944, vários pedidos de licenciamento de atividades económicas, relacionadas com comidas e bebidas. Por ofício datado de 31 de março, remetido pela Câmara Municipal da Vila da Praia da Vitória, é explicitado que *desde 8 de Outubro de 1943, foram licenciados os seguintes estabelecimentos nesta vila: casas de pasto, 11 – botequins, 1 – Cafés, 4 – Tabernas, 1 (...) foram passadas mais 20 licenças para novos vendedores ambulantes*. Para além destes estabelecimentos também foram licenciados outros nos arredores do aeródromo das Lajes, entre eles: 1 estabelecimento de restauração (Casa de Pasto) e 3 mercearias em Santa Rita²⁵⁵.

De referir, que muitos outros estabelecimentos foram criados nas mediações da pista e no percurso Lajes – Praia da Vitória, por incentivo do número de estrangeiros na ilha. Os pedidos de licenciamento são em número significativo, e comprovativo do anteriormente referido, podendo ser encontrados vários exemplares na Correspondência do Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo.

Em apenas 5 meses, a chegada dos britânicos à Terceira, dinamizou a economia local, permitindo e impulsionando alguma iniciativa privada e novos empregos. Destaca-se, o consumo de bebidas alcoólicas. Alguns excessos ainda perduram nas memórias de habitantes locais, por vezes também marcadas por um irónico exagero:

Os ingleses quando estavam cá, consumiram o vinho abafado todo da nossa ilha, a pensar que era vinho do Porto [risos] Havia uma mercearia, uma coisinha pequenina, mas tinha para aí uns 3 empregados [risos], pequenina, antiga e dava para 3 empregados [risos]. Os ingleses iam lá beber o “Vinho do Porto” [risos] e bebiam vinho abafado [risos] bebiam tudo! A pensar que estavam a beber vinho do Porto... Eles [portugueses] começaram a pôr álcool para aumentar... Eles, ingleses era cada “cadela” [embriaguez]! [risos] (cf. Anexo X, entrevista IX – Casamentos, testemunha privilegiada)

Rui, 78 anos.

Se numerosos proprietários e rendeiros foram penalizados pela construção do Campo de Aviação, perdendo moradias e terrenos agrícolas, outros terceirenses terão

²⁵⁵ BPARLSR – Angra do Heroísmo – Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo, Correspondência do Fundo do Governo Civil, Ofício da Câmara Municipal da Praia da Vitória para o Governador Civil de Angra do Heroísmo, 31 de março de 1944.

tirado proveito das estadas dos estrangeiros para abrir um novo negócio ou para expandir um já existente. Assim, alguns ramos de comércio e artesanato viram a sua atividade beneficiada, como se nota pelo testemunho abaixo transcrito:

Eu apanhei os ingleses. A minha mãe tinha uma amiga, que trabalhava numa loja que tinha umas janelas para o caminho, e elas estavam a bordar lencinhos... e o que se vendia daqueles lencinhos aos ingleses e depois para os americanos! E lembro-me da gente na janela a dizer “havechief” [Corruptela de handkerchief] ... Era para eles comprarem os lencinhos (cf. Anexo IX, entrevista XVI- testemunha privilegiada)

Norberto, 83 anos.

Por outro lado, verificou-se também um aumento dos meios de transporte e, por consequência, de circulação dos meios existentes. Segundo Manuel Meneses, a área em frente ao Posto Um, tornou-se um autêntico estacionamento de carroças e de cavalos²⁵⁶.

Menos positiva, mas igualmente uma realidade incontornável, tendo em conta que os contingentes eram totalmente masculinos, foi o aumento da prostituição. Entre uma comunidade pobre e face ao acréscimo da procura, pelos estrangeiros, este também se tornou um negócio próspero. À semelhança do que se passava na ilha Terceira, em Vieques, em consequência do contingente militar sediado na ilha, verificou-se, de igual modo, um incremento da prostituição²⁵⁷. Isto leva-nos a refletir se esta era uma realidade comum em zonas de instalação de Bases militares? Ou seria somente, uma consequência do aumento populacional, da chegada de militares do sexo masculino, jovens e descomprometidos?

O número de casas de prostituição aumentou na ilha Terceira, embora continuassem a funcionar em espaços muito modestos, desprovidos de qualquer luxo. Muitas jovens terceirenses viram o seu futuro comprometido, talvez iludidas com falsas promessas:

Os ingleses bebiam muito, abusavam muito das mulheres... desgraçaram muita rapariga. Isto [a Terceira] era um “montinho” [pequeno] todos com os

²⁵⁶ Menezes, Manuel de Sousa (1987), “A defesa dos Açores no período da 2ª Guerra Mundial (1939/45)”, In *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, XLV, Tomo II, Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da Ilha Terceira, pp. 41-42.

²⁵⁷ Ayala, César J. (2001), p. 35.

olhos muito fechados... (cf. Anexo X, entrevista IX – Casamentos, testemunha privilegiada).

Rui, 78 anos.

O crescimento da atividade meretrícia, na época sujeita a inspeções sanitárias, para evitar o perigo da propagação das doenças venéreas, obrigou as autoridades a tomarem medidas, ao ponto de estipularem dias da semana para as diferentes nacionalidades presentes na ilha:

*segundas e quintas-feiras para as liberdades amorosas dos americanos, terças e sextas para os ingleses e quartas e sábados para os portugueses; o domingo, em princípio, era dia de penitência para todos. As manhãs de cada dia eram reservadas para inspeção sanitária*²⁵⁸.

Em contrapartida, no tocante às jovens de classe média ou de boas famílias, impunham-se muitas restrições na relação com os estrangeiros. Era permitido, às raparigas, irem ao cinema na Serra de Santiago, mas no que concerne a idas a bailes o controlo social era mais apertado. Quaisquer trocas de olhares eram muito mal vistas, quanto mais o dirigirem qualquer palavra. Se os estrangeiros *queriam uma lavadeira, teriam de pagar os vinte escudos ao pai ou marido (...) teriam de acordar bem cedo para se lavarem e se barbearem nos tanques ou lavadores públicos antes de as pessoas aparecerem*²⁵⁹.

O cuidado com a roupa era importante para os forasteiros e tornou-se um meio de ligação à população local, bem como um meio de rendimento. Este testemunho feminino é bem elucidativo, assim como a imagem:

E antes, como eles não tinham nada, davam a roupa a lavar cá fora [à população da ilha]. Vinha uma camioneta cheia de sacas para dar às pessoas para lavarem, para ganharem dinheiro. Naquela altura a vida era durinha! (...) As pessoas que tinham dificuldades começaram a lavar roupa para os ingleses, porque eles pagavam bem (...) Havia um senhor, que sabia falar bem inglês e ele tomou conta de uma “agência” e dava roupas para lavar. Depois elas iam

²⁵⁸ Menezes, Manuel de Sousa (1987), pp. 1515-1516.

²⁵⁹ Martins, Manuel Meneses (2003), p. 36.

levar a roupa lavada e eles [ingleses] vinham buscar à “agência” (cf. Anexo X, entrevista X – Casamentos, testemunha privilegiada).

Gabriel, 86 anos.



Figura 39 - Convivência entre terceirenses e ingleses (a roupa lavada).

Fonte: Col. Particular.

Apesar das restrições e entraves à convivência social, entre sexos e entre jovens terceirenses e militares estrangeiros, fruto do conservadorismo dominante e das imposições dos chefes de família, a interação social e amorosa tornou-se inevitável *houve namoros, sedução, procriação extra-matrimonial e também casamentos*²⁶⁰.

Outro exemplo, ainda, de novas estratégias de negócio, criadas pelos terceirenses, foi a “brigada de salvamento”. Esta era composta por populares que

*recolhiam os militares embriagados pela ilha fora. (...) Foram muitos os portugueses que fizeram parte destas “brigadas”, principalmente porque levar estes militares de volta para o Aeródromo, era sinal de que recebiam uma recompensa, um chá quente e umas bolachas, bens que grande parte da população não possuía*²⁶¹.

Apesar do lado negativo das expropriações, a oportunidade de emprego de terceirenses na Base das Lajes, sobretudo nas obras de melhoramento e ampliação da pista, representou a garantia de uma boa remuneração mensal, propiciadora de uma

²⁶⁰ Monjardino, Álvaro (1993), “Açores: 50 anos de presença estrangeira”, In *Boletim Histórico da Ilha Terceira*, Vol. LI-LII, 1993,1994, p. 44.

²⁶¹ *Jornal da Praia*, ano 35, n.º 515, de 16 de fevereiro de 2018; e Forjaz, Cândido Pamplona (1984), p. 325.

viragem na qualidade de vida das populações locais. Além de uma melhoria do poder de compra e do acesso a produtos importados. José Grave alude que *desde o início que as forças britânicas precisaram de trabalhadores para serviços e obras pertinentes (...) provoca uma alteração das relações laborais (...) apetência por melhores condições, pelo menos salariais*²⁶².

De um modo geral, a presença estrangeira representou uma abertura cultural numa época em que uma grande parte da população, dos Açores, vivia isolada e fechada sobre si própria, subsistindo do que a terra lhes dava e vivendo, maioritariamente, em condições de pobreza, desconhecendo muito dos que os estrangeiros haviam de trazer²⁶³. Os ajustamentos aconteceram de parte a parte. Os terceirenses tiveram de se adaptar à novidade que os ingleses representaram, trazendo um novo e desusado dinamismo à ilha. Os britânicos, por seu turno, encontraram um pequeno mundo muito diferente daquele a que estavam habituados, marcado pela rusticidade, pela pacatez e pelo atavismo.

Estas enormes diferenças geraram alguns conflitos e confrontos de mentalidades e comportamentos. Eram visíveis, as desconfianças entre as diferentes nacionalidades, entre os naturais e os forasteiros. Por vezes, como aponta Álvaro Monjardino, *registaram-se humilhações de que a população local se ressentiu (...) Houve, por isso, arrogâncias que não se evitaram, e despeitos locais que surgiram*²⁶⁴.

Além de dificuldades de relacionamento, decorrentes das diferenças culturais e vivenciais, também se fizeram sentir obstáculos de natureza económica. Os recursos locais eram muito limitados, pelo que o provimento de alimentos, a tão elevado contingente militar, enfrentou algumas crises. O grande “Celeiro da ilha” fora suprimido para dar lugar ao grande aeroporto. Logo, o decréscimo da produção cerealífera vai provocar escassez deste bem essencial, como já se tinha referenciado.

Para além da escassez de cereais, verificou-se escassez de outros produtos e bens essenciais – como os ovos, a fruta, a carne... – estes, também, sofrem um aumento exponencial no seu valor, deixando de estar acessíveis às franjas mais carenciadas da população, pois existia mais procura que oferta²⁶⁵, o que fazia com que inflacionasse o

²⁶² Grave, José (2001), p. 416.

²⁶³ Meneses, Avelino (2001), pp. 62 e ss.

²⁶⁴ Monjardino, Álvaro (1993), p. 44.

²⁶⁵ Grave, José (2001), p.413.

valor comercial dos mesmos. Por exemplo, uma dúzia de ovos, passou de 6 para 12 escudos²⁶⁶.

Com a conclusão das obras de ampliação e melhoramento do aeródromo das Lajes, a mão-de-obra excessiva foi dispensada, gerando desemprego. O que levou a que as autoridades locais temessem uma verdadeira crise socioeconómica²⁶⁷, mas também instabilidade em termos morais e políticos²⁶⁸.

A presença britânica na ilha Terceira acarretou um conjunto de transformações ao modo de vida da população local. Embora tenham existido alguns aspetos menos positivos, em termos económicos, sociais e culturais podemos registar alguma prosperidade, oportunidades de negócio, melhorias na qualidade de vida de alguma população terceirense, acrescidas de uma abertura ao mundo exterior. Outras fronteiras imaginárias abriram-se aos terceirenses, despertando o sonho de uma vida melhor.

Quando a 6 de junho de 1946 se encerrou, oficialmente, o período de permanência dos britânicos na Base das Lajes, um dos momentos marcantes foi o da substituição da bandeira da Grã-Bretanha pela bandeira de Portugal, numa cerimónia oficial que determinou o fim da concessão do aeródromo das Lajes à *RAF*, conforme podemos verificar na figura que se segue.



Figura 40 - Cerimónia de entrega da Base das Lajes às forças militares portuguesas, 2 de junho de 1946.

Fonte: Andrade, Rui (2016). *75 Anos em 75 Momentos*. Base Aérea n.º 4, p. 29.

²⁶⁶ Forjaz, Cândido Pamplona (1984), p. 324.

²⁶⁷ Meneses, Avelino (2001), p. 63.

²⁶⁸ BPARLSR – Angra do Heroísmo – Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo, Correspondência entre Governador Civil, Dr. Cândido Pamplona Forjaz e o Comandante da BA4, 10 de agosto de 1949.

No ano 2000, um ex-militar inglês, que havia desembarcado no Porto das Pipas, no célebre 8 de outubro de 1943, visitou a ilha Terceira, deixando o seu testemunho ao jornal *Diário Insular*. Começou por evidenciar o facto de já não reconhecer a ilha pelas transformações que esta havia sofrido ao longo de quase 60 anos e evocou várias memórias de situações a que já aludimos neste estudo, como o facto de a convivência social ser muito dificultada com o sexo oposto: *os militares eram rigorosamente proibidos de “dirigir a palavra ou um olhar mais intenso” às raparigas da terra, sob várias penas, sendo que uma delas era a de “terem mais do que garantida uma grande tarefa por parte dos pais”*²⁶⁹.

No mesmo artigo, recordou também as idas à Vila da Praia da Vitória nas carroças puxadas por um animal e estacionadas no Posto 1, sendo o valor da deslocação de 5 *scudes*. De igual forma, também foi por ele salientado o papel das lavadeiras e a necessidade que tinham do serviço prestado por estas, mas que o “negócio” era realizado com o chefe de família, não havendo possibilidade de proximidade das senhoras...Segundo afirmou, *na altura, existiam rigorosas medidas e graves punições, para os militares ingleses que infringissem as regras do bom comportamento e tentassem quebrar com as tradições e formas de vida que existiam na Terceira nessa época*²⁷⁰. Tais palavras não surpreendem se atendermos ao regime então dominante em Portugal.

A curiosidade desta reportagem, está no facto de, ao fim de um longo período (57 anos), este militar britânico ter desejado regressar à ilha, revelando uma memória muito precisa e acutilante das vivências e do período em que aqui viveu. Por outro lado, o interesse e destaque dado, pelo jornal evidencia a importância que a presença dos militares estrangeiros teve na sociedade e no desenvolvimento local.

A 27 de junho de 1946 a Base das Lajes, que até então se denominava de Base Aérea n.º 5 (BA5), passa a ser a sede da Base Aérea n.º 4 (BA4), devido à diminuição do contingente militar na Base de Santana (anterior BA4). A sede da BA4 foi transferida para o aeródromo das Lajes, pela portaria n.º. 11404, art.º 2²⁷¹, mantendo-se até à atualidade.

²⁶⁹ *Diário Insular*, Ano LIV, n.º 16418, 15 de outubro de 2000.

²⁷⁰ Idem.

²⁷¹ Portaria n.º 11:404 de 27 de junho de 1946. Disponível em <https://dre.pt/dre/detalhe/portaria/11404-1946-154589>

Mas se *nós fizéramos figura de pobres perante a libra inglesa, esta, por sua vez, fazia fraca figura perante o dólar e o poderio ianque*²⁷², esta expressão de Cândido Pamplona Forjaz, é conotadora do que se seguia à presença britânica na ilha – a chegada dos norte-americanos. Esta foi uma presença mais duradora, com um maior contingente militar – que posteriormente foi acompanhado pelas suas famílias – e que marcou decisivamente o modo de vida dos locais, em termos sociais, económicos, culturais, ideológicos...

²⁷² Forjaz, Cândido Pamplona (1984), p. 325.

3º Capítulo – A presença dos norte-americanos e o seu impacto na sociedade local

A presença britânica na ilha Terceira teve um impacto considerável a nível local, mas a chegada e fixação dos militares norte-americanos, desde logo pela permanência mais longa e marcante, veio a ter uma influência muito maior.

A 5 de janeiro de 1944, Raymond Henry Norweb, então embaixador dos EUA em Portugal, escreveu ao chefe de Estado português, António Oliveira Salazar a seguinte informação:

I have today been advised by telegram that two “Liberty Ships” and two landing barges are on the point of leaving the United States for Terceira carrying American personnal and American equipment which are needed there by the British Government²⁷³.

Norweb era o embaixador norte-americano, em Portugal, escolhido por Roosevelt para intermediar a obtenção de *facilidades* nos Açores. Nas palavras de Arnaldo Madureira, Norweb era um homem *que se caracterizava por não olhar a meios para atingir os fins*, e por isso havia sido eleito pelo estadista norte-americano para convencer Salazar. No entanto, também ele acabou por se deparar com a resistência do Chefe de Estado português²⁷⁴.

Salazar autorizou a entrada dos norte-americanos, mas sob a condição das Bases (Santa Maria e Terceira) continuarem sob o controlo dos britânicos. Contudo, este acordo, entre Portugal e os EUA, apenas é assinado a 28 de novembro de 1944, e centra a ação norte-americana na construção e utilização de uma Base naval e aérea na ilha de Santa Maria²⁷⁵.

Se as *facilidades* concedidas aos britânicos tiveram por base a velha Aliança Luso-britânica, o acordo com Washington vai-se centrar no *Quid Pro Quo*, dos

²⁷³(ANTT) - Arquivo Salazar, Documentos Relativos à Construção do Aeródromo. Correspondência confidencial datada de 5 de janeiro de 1944, enviada pelo embaixador dos EUA em Lisboa, Raymond Henry Norweb ao Chefe de Estado português, António Oliveira Salazar. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3886779>

²⁷⁴ Madureira, Arnaldo (2021), *Salazar e a II Guerra Mundial. O difícil equilibrio do Estado Novo entre os Aliados e os nazis*. Lisboa: Clube do Autor, p. 275.

²⁷⁵ Rodrigues, Luís Nuno (2004), p. 53.

americanos auxiliarem Portugal na questão de Timor, região que havia sido invadida pelos japoneses²⁷⁶.

Na correspondência entre o Ministério dos Negócios Estrangeiros e o Embaixador de Portugal, em Washington, João de Bianchi, datada de 6 de janeiro de 1944, podemos ler:

Dei conhecimento ao Presidente da Delegação Portuguesa às conversas de Estados Maiores (...) acerca dos planos para a nossa cooperação direta em eventuais operações para a reconquista de Timor. (...) V. Exa. recordar-se-á de que a boa vontade do Gen. Cheney só aguardava que o caso de Santa Maria fosse resolvido para recomendar aos Estados Maiores combinados a aceitação das nossas propostas e sugestões²⁷⁷...

Deste modo, a presença oficial norte-americana, nos Açores, irá concretizar-se, em primeiro lugar, na ilha de Santa Maria. Não obstante e como verificamos, ainda em 1944, sob a imagem de técnicos em auxílio das forças britânicas, entraram, discretamente, na ilha Terceira, algumas centenas de norte-americanos. A 9 de janeiro do mesmo ano, a bordo do *U.S.S. Abraham Lincoln*, desembarcou no porto de Pipas em Angra do Heroísmo, uma força técnica não combatente de 600 homens pertencentes ao *96th Naval Construction Battalion*. No dia 17 do corrente, volta a desembarcar na ilha Terceira, tendo por destino final o Campo das Lajes, o *926th Enginner Regiment* e o *801st Enginner Battalion*, revestindo-se numa força total de 800 homens, sob o comando do coronel D. A. Morris²⁷⁸. Pela informação registada depreendemos a dimensão norte-americana na ilha Terceira. Em apenas 6 dias chega ao *Lajes Field* 1400 homens sob o comando das forças norte-americanas.

Para além da força braçal, há também a registar a quantidade de equipamento e provisões que as forças norte-americanas traziam e que por si só eram já indicadoras do grandioso empreendimento a desenvolver na ilha Terceira. A título de exemplo, no final de janeiro de 44 e após o desembarque do *S.S. Abraham Lincoln*, já havia chegado à ilha

²⁷⁶ Proença, Maria Cândida (2021), p. 684.

²⁷⁷ ANTT - Arquivo Salazar, Documentos Relativos à Construção do Aeródromo. Ofício de 6 de janeiro de 1944 para a Embaixada de Portugal em Washington, Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/viewer?id=3886779>.

²⁷⁸ BPARLSR – Angra do Heroísmo – Destacamento norte-americano da Base das Lajes, 1.1 – Introdução, janeiro a junho de 1944, pp.1, 2.

mais de 4064 toneladas de equipamento²⁷⁹. Ora, isto é ilustrativo e vem reforçar o que anteriormente referimos, as pretensões americanas e o grandioso projeto que viriam a implementar, pois como é sabido, desde o início da contenda mundial, o presidente Roosevelt não escondera o seu enorme interesse pelos Açores, chegando mesmo a equacionar a hipótese de uma ocupação das ilhas²⁸⁰.

Porém, foi somente após o final da Segunda Guerra Mundial, que os norte-americanos transferiram as suas forças para a Base das Lajes, mais concretamente a 1 de setembro de 1946, uma vez que a Base de Santa Maria, era encarada como civil, sobretudo pelo papel que a *Pan American* teve no sentido de também garantir e transmitir esta imagem aos países do Eixo²⁸¹.

Com o evoluir dos tempos e dos interesses norte-americanos, evidenciam-se algumas diferenças prementes na forma de atuação e permanência dos militares dos EUA, nos Açores. Desde logo, o tipo de forças de defesa. O grande investimento foi na Força Aérea, com um grande número de efetivos sediados na Terceira. Acresce a longa duração da sua permanência, visível ainda nos nossos dias²⁸².

Assim, em 1946, os norte-americanos afirmam-se, definitivamente, no Campo das Lajes, concentrando aqui todas as operações militares e remetendo o grande aeroporto de Santa Maria para o plano civil²⁸³.

O *Lajes Field* é submetido a evidentes melhorias e ampliações que envolveram a população da ilha Terceira, tendo tido lugar uma autêntica viragem na qualidade de vida do povo terceirense. A presença dos americanos na Base das Lajes implicou, desde o início, a continuação da necessidade de mão-de-obra portuguesa, o que fez com que muitos terceirenses encontrassem, aqui, um emprego seguro e apetecível e vissem as suas vidas “abençoadas” pelos americanos, com a criação de novos postos de trabalho, muito bem remunerados²⁸⁴, para os padrões locais.

²⁷⁹ BPARLSR – Angra do Heroísmo – Destacamento norte-americano da Base das Lajes, 1.1 – Introdução, janeiro a junho de 1944, p. 2.

²⁸⁰ Veja-se: Silva, Tiago Henrique Magalhães da (2010), *Operação dos Açores, 1941*. Universidade do Porto, Faculdade de Letras: Dissertação de Mestrado em História Contemporânea, pp. 38 e ss. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/55797/2/TESEMESTIAGOSILVA000127030.pdf>

²⁸¹ Veja-se por exemplo: Sá, Tiago Moreira (2016), pp. 415 e ss.

²⁸² Ferreira, José Medeiros (2004), “Portugal e os EUA nas Duas Guerras Mundiais: A Procura do Plano Bilateral”, In *Cadernos Navais*, n.º 9, março, junho. p.25.

²⁸³ Telo, António José (2005) “Os Açores e o Atlântico”, In Luís Rodrigues; Iva Delgado; David Castaño (coord.) *Portugal e o Atlântico. 60 anos de Acordos dos Açores*. Lisboa, Centro de Estudos de História Contemporânea Portuguesa, p. 202.

²⁸⁴ Mendes, Tânia Santos (2018), *A Infância Abandonada*. Ponta Delgada: Letras Lavadas, pp. 75-76.

Esta situação viria a ser uma compensação para muitos daqueles que perderam as suas casas e parcelas de terra e viram ameaçadas as suas vidas, como agricultores. Tratou-se quase de uma “recompensa” por todas estas perdas.

Com o pós-guerra, a presença norte-americana nas ilhas dos Açores, assumiu ainda maior importância estratégica. De acordo com Luís Andrade,

*(...) o período que vai de 1945 até à queda do Muro de Berlim, 1989, foi, de facto, aquele que evidenciou, excetuando a Segunda Guerra Mundial, a maior relevância do Arquipélago dos Açores em termos geopolíticos e geoestratégicos. Esta região foi, na realidade, decisiva no apoio logístico aos Estados Unidos da América*²⁸⁵.

Falamos, pois, no intervalo temporal conhecido como o período da “Guerra Fria”, que ficou marcado por uma reorganização mundial, sustentada na bipolarização e na emergência de duas superpotências (EUA e URSS). Assim, os Açores continuaram a ter um papel crucial no âmbito das manobras transatlânticas, envolvendo Portugal na nova ordem internacional que começava a ser desenhada.

A presença norte-americana foi-se mantendo em regime de concessões. Estas são provisórias, e de curta duração, mas que têm sido sempre renovadas²⁸⁶. Apesar de, nos últimos anos, a Base das Lajes ter perdido alguma importância na economia e sociedade local, sobretudo pela redução do contingente militar, o certo é que a presença norte-americana ainda se mantém, uma vez que a hipótese de retirada poderá suscitar o interesse de potências emergentes. Apesar de mitigada, a presença americana continua, quanto mais não seja pela pequena “cidade” aninhada na encosta da Serra de Santiago e estende-se pelos antigos campos cerealíferos do Ramo Grande, *a base continuou a sua existência como americana no pós-guerra como confirmação da fronteira de segurança no meridiano 26°W*²⁸⁷.

A Base das Lajes, apresenta hoje evidentes sinais de degradação e abandono, no entanto, ainda permite vislumbrar a relevância e grandiosidade que teve, para a ilha Terceira, assim como toda a influência exercida pelos norte-americanos e que não só se fez sentir na ilha, como ecoou por todo o arquipélago.

²⁸⁵ Andrade, Luís (2017), *Uma Perspetiva Açoriana da política Externa dos Estados Unidos da América e o Atlântico Norte*. Ponta Delgada: Letras Lavadas, p.74.

²⁸⁶ Telo, António José (2005), p. 203.

²⁸⁷ Grave, José (2001), p. 420.

3.1. A fixação dos norte-americanos.

Efetivada a chegada dos norte-americanos à ilha, no ano subsequente ao término da Segunda Guerra Mundial, *era evidente que o interesse pelo uso activo dos Açores não se ia esgotar com a guerra*²⁸⁸. Tendo sido reconhecida a sua importância no pós-guerra, desde o início da sua chegada para auxílio nas obras do Campo das Lajes, ainda em 1944²⁸⁹.

Os norte-americanos, prosseguem e investem no melhoramento da pista, e na construção de uma *Little America* dentro do perímetro da Base, surgindo a pequena “cidade” na encosta da Serra de Santiago, a que já aludimos. Inicia-se, então, uma nova fase de transformações económicas e sociais na ilha, extensível às demais. Essas mudanças e influências estão bem patentes neste testemunho:

Na maneira de estar, na maneira de vestir, na maneira de conviver, na maneira de festejar, em termos sociais, em termos culturais, em termos pedagógicos, em termos tecnológicos, eles trouxeram para a ilha Terceira técnicos de topo, a verdade é que ... se não fossem eles tardiamente é que teríamos uma pista de aviação como a que temos.... Como sabe tínhamos uma pista construída com chapinhas, do tempo dos ingleses... e depois é que os americanos asfaltaram aquilo (...) E muito mais... a música, a influencia musical, o jazz... discos, carros, rádio, TV (...) os bares, os cafés, os restaurantes... as comidas, o acesso ao chocolate, coisas que desconhecíamos por completo... (cf. Anexo X, entrevista XVI – Casamentos, testemunho privilegiado).

Domingos, 60 anos.

Muito antes de se poder consumir, livremente Coca-cola em Portugal, na sequência das determinações do Estado Novo, já no pequeno “ilhéu” terceirense se bebia esta novidade americana... Este era um produto conhecido em todas as casas terceirenses, apesar de ter sido proibido pelo Diretor Geral da Saúde, Dr. Ricardo Jorge, uma vez que o próprio nome denunciava o emprego e o perigo da “cocaína”. Ademais, causara estranheza o slogan publicitário, da autoria de Fernando Pessoa (ligado, na

²⁸⁸ Telo, António José (2005), p. 201.

²⁸⁹ Veja-se: BPARLSR – Angra do Heroísmo- Destacamento norte-americano da Base das Lajes, 2.3.2 – Gestão, setembro de 1944, p. 1.

década de 20, ao comércio e à publicidade), relativo à comercialização da Coca-cola: *primeiro estranha-se, depois entranha-se*²⁹⁰. A bebida foi mesmo apreendida pelas autoridades e só viria a ser comercializada, em Portugal, a partir de 1977. Entretanto, há muito que na periférica ilha Terceira se utilizava a Coca-cola por introdução e influência norte-americana. Naturalmente, mais privilegiados em relação ao consumo de produtos americanos eram os próprios trabalhadores da Base e os residentes na Praia de Vitória. Mas, devido às dimensões da ilha e às redes de vizinhos, familiares e amigos, rapidamente este consumo se espalhou, partilhando-se a abundância que a chegada dos americanos acarretou. Um poucas palavras:

Trouxeram coisas que a gente não estava habituada a ter... (cf. Anexo X, entrevista XX – Casamentos, testemunho privilegiado).

João, 74 anos.

Sendo certo que a presença americana trouxe inúmeras vantagens, não deixou, porém, de implicar alguns problemas. Já referimos anteriormente que a presença de forças estrangeiras exercia uma enorme pressão sobre o mercado e o abastecimento local. Os recursos disponíveis não correspondiam ao grande aumento populacional, o que continuou a motivar a escassez de alguns alimentos, principalmente cereais, carne, ovos e fruta²⁹¹... Para além do valor comercial dos produtos ter sido inflacionado, por se verificar uma procura superior à oferta e o facto do poder de compra dos norte-americanos ser superior ao dos locais, suscitava profundas desigualdades no acesso às subsistências. Mais facilmente os americanos compravam os produtos frescos, do que os naturais da ilha.

Ainda assim, estou certa de poder afirmar que os benefícios foram muito superiores às dificuldades. A população da Terceira, desde cedo sentiu um grande impacto em termos sociais e culturais, pois, como sublinha Avelino Meneses, *o carácter das actividades económicas e o convívio social experimentam grandes transformações*²⁹².

Com o passar dos anos, novas melhorias se operam no quotidiano da população terceirense, sobretudo pela qualidade de vida que um emprego, na Base, bem

²⁹⁰ Ramos, Rui (1994), “A Segunda Fundação (1890-1926)”, In José Mattoso (dir.) *História de Portugal*. Vol. VI. Círculo de Leitores, p. 656-657.

²⁹¹ Grave, José (2001), p. 413.

²⁹² Meneses, Avelino (2001), p. 62.

remunerado, proporcionava²⁹³. Álvaro Monjardino, explica-nos que *a presença estrangeira se conotava com uma convivência pacífica, e até com bem-estar económico*²⁹⁴.

Desde cedo, além da Coca-Cola, tornou-se possível ter acesso a produtos pouco conhecidos e consumidos nos Açores, tais como: o ketchup, os hambúrgueres, os chocolates, ... os quais faziam as delícias da população. De igual modo, o estudo de Edinaldo Nunes Filho sobre a base aeronaval no Amapá, Brasil, remete para o facto da presença de estrangeiros permitir o acesso a produtos *Made in USA* e como este aspeto era tido como facilitador de conhecimento da cultura norte-americana influenciando os locais com as novidades e novas experiências que os militares proporcionavam²⁹⁵.

Perante a indigência de muitas famílias, os próprios norte-americanos faziam, com alguma frequência, distribuição destes produtos e de tantos outros, entre a população, como podemos verificar pelo testemunho seguinte, que recupera memórias do tempo de criança:

Lembro-me de passarem na rua (americanos), naqueles carros muito grandes e a “gente”, canalha, dizia “Ei! Jo Gama!” [corruptela de “Ei! Joe give me a gum!”] [risos] e eles atiravam bombons pelas janelas dos carros. “Era tudo” a correr para apanhar [risos]... (cf. Anexo X, entrevista XIV – Casamentos, testemunho privilegiado)

Mariana, 80 anos.

O espírito de interajuda para com os locais, foi por alguns encarado com uma posição de *soft power*, de estratégia diplomática, para cativar e influenciar a comunidade de acolhimento. Para Joseph Nye:

a country may obtain the outcomes it wants in world politics because other countries – admiring its values, emulating its example, aspiring to its level

²⁹³ Mendes, Tânia Santos (2018), p. 74.

²⁹⁴ Monjardino, Álvaro (1993), p. 66.

²⁹⁵ Nunes, Edinaldo, Filho (2014), “A base aeronaval norte-americana no Amapá-Brasil pós-Segunda Guerra Mundial”, In *Revista Portuguesa de História*. Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 310, 311. Disponível em https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/35377/1/RPH45_artigo15.pdf DOI:http://dx.doi.org/10.14195/0870-4147_45_13.

*of prosperity and openness- want to follow it (...) Soft Power rest on the ability to shape the preferences of others*²⁹⁶.

Ora, o *soft power* americano era evidenciado, por exemplo, na contribuição para o melhoramento da qualidade de serviços públicos, como aconteceu com a entrega de equipamento ao hospital da Praia da Vitória e com o fornecimento de luz elétrica, à mesma vila, cedida a partir da doca. Foram apoios de crucial importância, entre tantas outras situações em que os forasteiros se prontificavam para lado a lado com a população, trabalhar, reconstruir e participar na vida da comunidade. As catástrofes naturais, a que as ilhas dos Açores estão sujeitas, seja na sequência de grandes temporais ou de crises sísmicas/vulcânicas, constituíam outro motivo de monta para desencadear o auxílio norte-americano. Assim o verificamos pelo relato, na primeira pessoa, de uma testemunha americana:

I remember a catastrophe in S. Jorge... some earthquakes, like those small ones, but brought a lot of destruction. We left Terceira and went there to help them...I did not go, but lot of militaries went... there wasn't separation. We were there together, Portuguese and Americans...there wasn't difference where or who we were, we experienced together... (cf. Anexo VI, entrevista I – Pais adotivos)

Mary, 77 anos.

No *Diário Insular* de 16 de fevereiro de 1964, dá-se nota da crise sísmica que assolou a ilha de S. Jorge, conforme referido no anterior testemunho:



Figura 41 - Crise sísmica na ilha de S. Jorge, 1964.

Fonte: *Diário Insular*, ano XIX, n.º 5350, 16 de fevereiro de 1964.

²⁹⁶ Nye, Joseph S. (2004), *Soft Power. The means to success in world politics*. Nova Iorque: PublicAffairs (2004), p. 6.



Figura 42 - Sinistrados da ilha de S. Jorge, 1964.

Fonte: Arquivo Foto Íris.

O testemunho citado e as imagens da figura 42, aludem à chegada e acolhimento dos sinistrados pelo tremor de terra que assolou a ilha de S. Jorge, no ano de 1964. As fotografias ilustram o momento do desembarque e da receção, no porto da Vila da Praia da Vitória, vulgo “Doca americana”, das vítimas jorgenses, muitas das quais se radicaram na ilha Terceira, e como se pode constatar, era evidente e fundamental o apoio logístico, nestas operações, dos militares norte-americanos.

Também o periódico norte-americano *Crossroads*²⁹⁷, noticiou estes acontecimentos, fazendo notar a entreatajuda e o relacionamento entre norte-americanos e portugueses, como podemos ver nas imagens que se seguem.



Figura 43 - Chegada dos sinistrados da ilha de S. Jorge ao porto da Praia da Vitória, 1964. Tremors Rock São Jorge Island.

Fonte: *Crossroads*, vol. II, n.º 24, 21 fevereiro, 1964.

²⁹⁷ BPALSR – Angra do Heroísmo. O jornal norte-americano começou a ser publicado em 1959, tendo sido suspensa a sua tiragem em 2013.

O *Crossroads* era um jornal publicado pela comunidade norte-americana, residente na Base das Lajes. Era impresso nas instalações do jornal local *Diário Insular*, com sede em Angra do Heroísmo. Apesar de se destinar ao público residente na Base, os responsáveis recorriam à tipografia angrense, o que também evidencia a parceria existente entre as duas comunidades. O primeiro esboço do jornal, sob a forma de boletim diário noticioso, foi criado a 24 de março de 1944, visando a orientação e divulgação de informações para as forças estacionadas no Campo das Lajes²⁹⁸.

As imagens retiradas deste jornal, publicadas sob o título *Ship, U.S. Forces Assist in Aiding 1,800 Refugees*, comprovam que foi a bordo de navios americanos que os 1800 sinistrados da ilha vizinha, se deslocaram para a Terceira. Além do transporte, os norte-americanos prontificaram-se e deslocaram-se a S. Jorge, para colaborarem no processo de reconstrução, contribuindo, de igual modo, para os realojamentos e apoios humanitários às vítimas.



Figura 44 - Apoio ao Hospital da Praia da Vitória, ilha Terceira, 1966.

Fontes: *Crossroads*, vol. IV, n.º 23, 4 de fevereiro de 1966.

Também nas páginas do *Crossroads*, se registou, em 1966, a entrega de camas e de material sanitário ao Hospital da Praia da Vitória, numa prática muito comum entre os norte-americanos. O primeiro equipamento de Raio-X, deste Hospital, foi fornecido pelos norte-americanos, entre tantos outros bens que foram colmatando as lacunas existentes na ilha. Como se depreende, estas doações, de enorme relevância para o bem-estar da população, iam apetrechando as instituições locais, muitas vezes esquecidas pelo Estado português, por implicarem custos muito elevados.

²⁹⁸ BPARLSR – Angra do Heroísmo – Destacamento norte-americano da Base das Lajes, 2.2 – Gestão, janeiro a junho de 1944, pp. 93 e 94.

Outro exemplo importante, prende-se com os cuidados de saúde das crianças prematuras da ilha. Havia permissão para que estas fossem assistidas no Hospital americano, pois, nas instalações médicas da Base, existiam incubadoras e outro equipamento inexistente nos serviços de saúde da ilha.

Havia bebés que nasciam no hospital, e não havia as incubadoras no hospital cá fora, e os bebés iam para o hospital lá para dentro (Base). Eles deram muita coisa para o hospital de Angra! Ajudaram “montes” ao hospital de Angra, eu fui uma delas que levei “disparates” [muito]. E máquinas e tudo (...) quando havia acidentes cá fora, coisas graves, iam para o hospital americano, porque cá fora não havia os equipamentos que tínhamos lá! (cf. Anexo IX, entrevista XV - testemunha privilegiada).

Idalina, 60 anos.

Na figura seguinte, dá-se nota da ajuda médica prestada pelos profissionais de saúde norte-americanos, a uma criança portuguesa.



Figura 45 - Apoio médico a criança terceirense, 1965.

Fonte: *Crossroads*, vol. IV, n.º 10, 23 de julho de 1965.

Ao longo das entrevistas realizadas, há um grande destaque para o apoio às instituições de acolhimento de crianças (Orfanatos, termo utilizado pelos entrevistados). Este apoio, era prática comum da comunidade estrangeira, concretizando-se em géneros alimentares, materiais, mas também na organização de festas em recintos dentro da Base das Lajes para as crianças.



Figura 46 - Donativo ao "orfanato" (Casa de Acolhimento Residencial), Angra do Heroísmo, 1964.

Fonte: *Crossroads*, vol. III, n.º 11, december 4, 1964.

A figura 46, ilustra a participação e envolvimento dos norte-americanos nas causas sociais da ilha, como seja, o contributo com donativos para as crianças mais desfavorecidas. É notória a proximidade entre comunidades e frequência de visitas e contatos com as instituições de solidariedade social, principalmente nas destinadas à infância.

No concernente às festas, o maior relevo incide nas celebrações do Natal, que reunia crianças dos Lares Residenciais de Acolhimento da ilha, crianças carenciadas das proximidades da Base, filhos dos trabalhadores da Base e os filhos dos norte-americanos. Verifica-se igualdade e inclusão social entre os vários nichos da população.

Eles [americanos] faziam festas lá [na Base] e a “gente” [crianças do Lar] ia. Lá nos “Sargentos” [Clube dos Sargentos] e a “gente” ia nos Natais... Aquilo para a “gente” que não tinha nada... era tudo novo! Eram as ofertas, que a “gente” não tinha! Eram bombons! (...) Eles [americanos] iam buscar a “gente” naquele “buses” [autocarros] azuis, (...) Faziam jogos com a “gente” (cf. Anexo VIII, entrevista III - Famílias biológicas).

Ana, 60 anos.

A memória anterior é partilhada por um indivíduo que viveu numa Casa de Acolhimento Residencial, durante vários anos, na década de 60 inícios de 70, e que participou nas festas de Natal organizadas pelos norte-americanos nos Clubes da Base. Como o testemunho salienta *era tudo novo*, toda a experiência proporcionada pelos

norte-americanos a crianças desprovidas de amor paternal, de bens materiais, de atenção e carinho, era vista como única, como algo novo, o acesso a prendas, bombons era como uma dádiva compensatória para a infância mais desfavorecida da ilha.

O periódico *Crossroads* em várias das suas edições de dezembro e janeiro, faz referência às festas, dedicadas à infância desvalida da ilha, salientando a interação e participação das crianças provenientes dos “orfanatos” (Casas de Acolhimento Residencial), como podemos ver nos exemplos que se seguem:



Figura 47 - Festas de Natal organizadas pelos norte-americanos para as crianças carenciadas da ilha Terceira, 1963, 1966.

Fontes: *Crossroads*, vol. II, n.º 20, 20 de dezembro de 1963 e *Crossroads*, vol. IV, n.º 21, 7 de janeiro de 1966.

Nestes dois recortes do periódico norte-americano podemos comprovar o supracitado, as festas dedicadas às crianças mais desfavorecidas da ilha, sobretudo para as crianças institucionalizadas. Mas as festas eram também frequentadas pelas crianças mais carenciadas dos arredores e proximidade da Base das Lajes, pelos filhos dos trabalhadores e pelos filhos dos próprios militares norte-americanos.

De igual modo, a comunidade portuguesa associava-se a essas comemorações, enquanto organizadores e dinamizadores como podemos testemunhar pela memória seguinte:

Eu fiz 3 anos de Pai Natal, por intermédio dos americanos [risos] para as crianças do orfanato (...) Havia um casal que era muito amigo comigo e eles organizavam esta festa pelo Natal. E então, a “gente” ia para a NAVY dentro da Base, eu fazia de Pai Natal... aquilo era uma alegria para aqueles pequenos. Eram pequenos que não tinham nada, naquele dia eles tinham tudo, era comida, eu chamava pelo nome deles para dar a prenda (...) Eles [americanos] faziam isso, mas era também para os seus filhos. Eram os filhos dos casais americanos juntamente com os pequenos do orfanato. Aquilo era uma coisa fora do normal! Eles é que iam buscar e depois iam levar no “Bus”. (...) Os pequenos do “Bairro da Lata” [Serra de Santiago], de Santa Rita (...) também iam a essas festas (cf. Anexo X, entrevista IV - Casamentos, testemunhos privilegiados).

António, 67 anos.

Tal como havíamos referido, o testemunho anterior ilustra o facto de a festa ser organizada pelos norte-americanos, no entanto, o “Pai Natal” era português e a abrangência era indiscriminada de crianças, portuguesas e norte-americanas, que frequentavam as festas de Natal preparadas com o máximo de pormenor e atempadamente, sobretudo pelas esposas dos militares nos seus clubes de pertença, como vimos nas imagens anteriores, a festa dedicada a *Angra girls orphanages* havia sido preparada pelo *Officer's Wives Club*. Este era um ritual que se repetia ano após ano, e que fez a diferença na alegria, nas festividades do Natal de milhares de crianças terceirenses, ao longo dos largos anos que decorreu, e que ainda hoje, temos oportunidade de assistir à forma em como continua tão presente no imaginário das gentes da ilha Terceira.



Figura 48 - Festa de Natal na Base das Lajes, 1965.

Fonte: *Crossroads*, vol. III, n.º 21, 8 de janeiro de 1965.

Para além das festas, havia outros pequenos mimos distribuídos pela comunidade, alusivos à época festiva, *pequenas lembranças, mas de grande significado, como as meias/botas repletas de bombons; as “caixinhas”, distribuídas pela criança da terceirense e tantos outros mimos natalícios para trabalhadores, famílias e população em geral* ²⁹⁹.

O periódico local *União* também é perentório nas edições de final e princípio do ano, referenciando as várias iniciativas das esposas dos militares norte-americanos, na sua corrente de solidariedade para com as crianças terceirenses, sobretudo aquando da época natalícia. O recorte que se segue, refere-se à entrega das “meias” referidas na citação anterior:



Figura 49 - As "meias" entregues pelas esposas dos militares, Natal de 1949.

Fonte: *União*, Ano 57, n.º 16282, de 5 de janeiro de 1950.

Ainda é de referir, no tocante ao Natal, o jornal *União* dedica uma edição inteira às dinâmicas do Natal dos norte-americanos. É de destacar a manchete de primeira página do mesmo jornal *God bless you, we thank you* ³⁰⁰, conforme podemos ver pelo recorte que se segue:

²⁹⁹ Mendes, Tânia Santos (2018), p. 537.

³⁰⁰ *União*, Ano 57, n.º 16282, de 5 de janeiro de 1950.



Figura 50 - Donativo norte-americano para as crianças carentes da Praia da Vitória, 1950.

Fonte: *União*, Ano 57, n.º 16282, de 5 de janeiro de 1950.

As “caixinhas”, distribuídas na escola pela altura do Natal, são outra memória bem presente no imaginário coletivo da população terceirense, como podemos perceber pela voz dos vários testemunhos recolhidos. Diversos inquiridos quando abordados acerca da melhor memória que tem da presença norte-americana, a esmagadora maioria, remete para as saudosas “caixinhas”. Essas prendas intituladas de “caixinhas” pela população, e que ainda hoje é vulgo assim se chamar, eram umas pequenas caixas retangulares, com o símbolo da Cruz Vermelha timbrada na caixa, sendo uma iniciativa do programa *People-to-People* destinada às crianças em idade escolar. Nestas podia-se encontrar alguns brinquedos que faziam as delícias das crianças, que não estavam habituadas a ter brinquedos ou materiais escolares, como os que encontravam nas “caixinhas”: lápis de cor, borrachas, “piorrinhas”, bonecas, berlindes, livros de colorir, bolas pequenas...³⁰¹. A título de exemplo, ilustramos as referidas “caixinhas” (*Gift Boxes*) com as imagens seguintes, amavelmente cedidas por uma das crianças que as recebeu e guardou durante todos estes anos.

³⁰¹ Mendes, Tânia Santos (2018), p. 90.



Figura 51 - As "caixinhas" distribuídas na escola por altura do Natal.

Fonte: Col. Particular.

Eram os próprios militares norte-americanos e os voluntários da Cruz Vermelha norte-americana, que entregavam as “caixinhas” às crianças. Percorriam as várias escolas da ilha a distribuir estes mimos natalícios que foram evoluindo ao longo dos anos, melhorando os brinquedos atribuídos, mas diminuindo o número de escolas abrangidas. Ora, esta interação ilustra o estreitamento nas relações entre comunidades: estrangeiros e terceirenses, verificando-se um clima de proximidade à comunidade e acolhimento por parte desta mesma comunidade.



Figura 52 - Distribuição das "caixinhas" (*Gift Boxes*) nas escolas, 1965.

Fonte: *Crossroads*, vol. IV, n.º 20, 17 de dezembro de 1965.

As *Gift Boxes* eram preparadas nos EUA por crianças e para crianças, *Children-to-Children* que seria uma variante do programa *People-to-People*. O jornal *Crossroads* explica:

*It was a hands across the sea last week as a children-to-children version of the People-to-People program (...) Gift Boxes put together by 7,791 children in the United States were presented to the children of Terceira islands, 65 schools and five orphanages (...) Of the 7,791 Gift Boxes, 875 went to Angra's Infante Dom Henrique primary school*³⁰².

De igual modo, este evento é noticiado no *Diário Insular*, que refere que as “caixinhas” são a *tradicional e sempre bem-vinda oferta de Natal. Cada caixinha compreende bonecos, artigos escolares, um sabonete e uma escova de dentes. Uma renovada alegria entra nas escolas nesse dia de ofertas.*³⁰³

Ainda hoje, e pelo impacto que as prendas tiveram na infância dos entrevistados, verifica-se que esta continua a ser uma memória fortemente presente e vinculada no imaginário terceirense.

Várias foram as ajudas e a solidariedade prestada pelos norte-americanos à comunidade hospedeira, por via do programa solidário *People-to-People*. Refere-se, a título de exemplo, o donativo remetido ao Lar Santa Maria Goreti (Lar de acolhimento residencial de criança e jovens), que consistia em *thirty beds, two couches, forty serving trays and one 13 foot General Electric Refrigerator*, no valor total de \$227.75³⁰⁴ (Cf. Anexo I – Fontes documentais).

De igual modo, é evocado o “Trica-trica” (corruptela de *Trick or Treat*, quando se referem às comemorações do Halloween).

Quando era altura, a gente tinha o Pão-por-Deus, mas não tinha nada a ver o que era... o que ficou! ... o “trica-trica” [corruptela de trick or treat] não é nosso! Estas a compreender? Isso é americano, os americanos é que trouxeram. E então fazia-se na Base, e a gente, na Base, naquelas casas a pedir, eles a dar aqueles “candinhos” [corruptela de candy] ... era de saca! Aquilo era uma coisa! (cf. Anexo X, entrevista XVII – Casamentos, testemunha privilegiada).

Rodrigo, 74 anos.

³⁰² *Crossroads*, vol.II, n.º 30, december 22, 1961.

³⁰³ *Diário Insular*, Ano XX, n.º 5901, 18 de dezembro de 1965.

³⁰⁴ BPARLSR – Angra do Heroísmo – Fundo do Governo Civil – Secção de Expediente, Correspondência recebida, Caixa n.º 1967- Pasta M, processo 19, pasta 1 – Correspondência do Department of Defense, United States Forces Azores para o Governador Civil de Angra do Heroísmo, Dr. Teotónio Machado Pires, 6 de janeiro de 1967 (Cf. Anexo I - Fontes Documentais).

O testemunho anterior refere-se à festa do Halloween comemorada na noite de 31 de outubro. Esta era uma tradição norte-americana que foi adotada desde cedo pelos açorianos, resultante da influência dos estrangeiros sediados na ilha Terceira. A celebração na ilha, centrava-se, como no resto do país, apenas no Dia de Todos os Santos, a 1 de novembro, vulgo Pão-por-Deus, em que as crianças, na época pediam porta a porta, com as suas “saquinhas” de retalhos, e recebiam socas de milho, castanhas... e de repente vêm as suas “saquinhas” cheias de bombons, com uma enorme festividade e decorações alusivas ao Halloween nas mediações da Base, nas casas dos americanos. Deu-se uma fusão de usos e costumes com a introdução de novas práticas sociais e culturais trazidas pelos estrangeiros, e que continuam bem presentes no discurso dos entrevistados. A memória seguinte ilustra a fusão nos costumes e tradições do Natal e do Pão-por-Deus:

Pelo Natal... Ah! Olha culturalmente, os Natais, era galinha, inicialmente, meu pai gostava muito do bacalhau, mas era caro. Depois é que começou a aparecer o peru americano, encomendava-se na Base (...) hoje em dia o peru é usado em todas as mesas..., mas penso que a grande influência foi americana.

Depois tinha a tradição do Halloween... que é uma tradição americana, porque nós não tínhamos essa tradição... era o Pão por Deus... (cf. Anexo IX, entrevista XX – Testemunha privilegiada).

Luís, 74 anos.

Foram vários os episódios que tivemos aqui oportunidade de referir, e deixar para perpetuação nas gerações vindouras, mas tantas outras certamente existiram, e podiam ser referenciadas, pois o certo, e acreditamos que comprovado está, que a influência norte-americana foi determinante na identidade das gentes da Terceira, nos mais diferentes domínios: social, cultural, ideológico, económico... criou-se uma nova forma de estar e de ser, um novo conceito de qualidade de vida e prosperidade resultante da presença estrangeira no pequeno ilhéu açoriano, como explica Avelino Meneses, a *utilização aeroportuária da planície lajense, manifestamente caracterizada pela inovação, que redundava na transformação de procedimentos mais antigos (...) o*

*funcionamento do aeródromo provoca um rasto de mudança com implicações gerais, que motiva a revalorização da influência terceirense*³⁰⁵.

Voltamos a enfatizar que muita da ajuda social prestada era organizada pelas esposas dos militares norte-americanos, por exemplo: o Clube das Mulheres dos Oficiais; o Clube das Mulheres de Sargentos; *Airmens Wives Club*, *NCO Wives Club* e também confirmado pela memória que se segue:

Eu sempre apreciei muito as visitas das senhoras dos Oficiais americanos aos lares dos idosos. A amizade que elas tinham, com jeito, levar um bolo... Eles tinham coisas muito boas! Todas as semanas o Lar de Idosos recebia essas visitas! Não me lembro de ninguém dos Oficiais portugueses irem lá! Elas iam de vez enquanto, passavam lá, lanchavam com os idosos, a conversar com eles... uma coisa bonita! As senhoras dos Oficiais americanos faziam isso! (cf. Anexo VIII, entrevista X - Famílias biológicas).

Alberto, 73 anos.

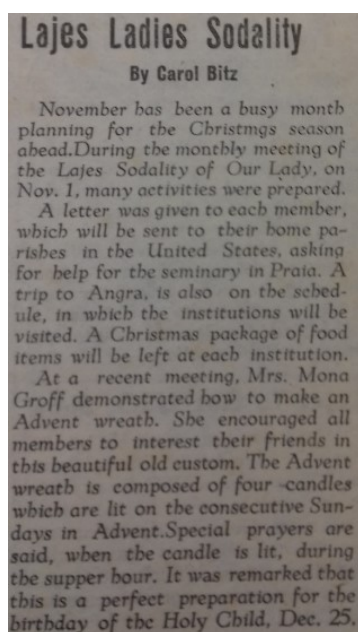


Figura 53 - Lajes Ladies Sodality.

Fonte: *Crossroads*, vol. 1, n.º 5, novembro de 1959.

A memória antecedente e a descrição das atividades do mês de novembro apresentada no periódico *Crossroads*, demonstra a organização de várias dinâmicas de

³⁰⁵ Meneses, Avelino (2001), p. 134.

foro social e comunitário e como estas responsabilidades eram assumidas pelas esposas dos militares. A maior parte do apoio social e da solidariedade para com os portugueses, era uma iniciativa, sobretudo feminina, resultante da iniciativa das esposas dos militares estacionados na Base das Lajes. Seria esta uma forma de ocupar as esposas dos militares? Será que o Comando das Forças Armadas Americanas, por intermédio da ocupação das esposas dos seus militares, transparece um *Soft Power* à comunidade de acolhimento? Será que estas iniciativas seriam, de igual modo, uma forma de evitar qualquer tipo de resistência local à presença de uma base norte-americana num território estrangeiro, garantindo a simpatia dos locais?

A dúvida permanece, porque é que os norte-americanos ajudaram a comunidade local? Porque se envolveram tanto? Que contrapartidas tiraram dessa ajuda?

Nos testemunhos recolhidos, é também denotada a ajuda prestada às empregadas domésticas, muitas delas oriundas de meios carenciados e de famílias numerosas:

Everybody who was employed in the Base, they could not save a lot of money. So, lots of us, felt it was not fair, because we thought the payment was too low for what some of them did (...) lot of times my maid got more...because I knew what she got and what she did for me... she worked a lot more (cf. Anexo VI, entrevista I - Pais adotivos).

Mary, 77 anos.

O que as criadas traziam da casa dos americanos! Misericórdia! Era outro ordenado. E os americanos quando se iam embora a quem é que davam o que não levavam? Era a elas... ficavam com a casa cheia... ajudava então muito. A mulher que trabalhava na casa dos americanos, era diferente, era conhecida, vestia-se diferente, comia melhor... era daquelas coisas que ela trazia da casa deles, dos “jeitos deles” ... Até os pequenos [filhos] eram diferentes, tinham coisas diferentes... (cf. Anexo IX, entrevista XIII - Testemunha privilegiada).

Hélio, 75 anos.

Também se verificaram casos em que a ajuda prestada às empregadas doméstica, em resultado do seu desempenho e servidão à família norte-americana, se estendeu a um embarque para os EUA. No processo de passaporte 1095/72 de 11 de maio de 1972,

verificamos um sujeito que pede o seu passaporte *desejando emigrar para os Estados Unidos da América do Norte (...) a fim de trabalhar com os antigos patrões*³⁰⁶ os quais serviu na ilha Terceira, na BA4 durante 2 anos. Por intermédio de Carta de Chamada dos seus antigos patrões, voltam a dar emprego à sua anterior serviçal, agora nos EUA. Esta situação demonstra, para além do auxílio prestado, a relação de amizade e proximidade entre as duas nacionalidades, como podemos verificar no testemunho que se segue:

She [the maid] was like a mother to me, she had a daughter of my age, and she experienced all this with us (cf. Anexo VI, entrevista I – Pais adotivos).

Mary, 77 anos.

Mas para além das empregadas domésticas, as famílias mais carenciadas eram de igual modo auxiliadas.

Os americanos chegavam a ir de carro... eu cheguei a ver... às freguesias. Eles levavam comida, bebida... e paravam os carros e perguntavam “Tu precisas de comida?” Eles... eu cheguei a ver... as pessoas ficavam assim [sinal de embarço] ... com receio... E eles pegavam nuns caixotes “Tu precisas disto?” e as pessoas diziam com a cabeça que sim e eles davam! (cf. Anexo X, entrevista II - Casamentos, testemunho privilegiado).

Albertina, 77 anos.

Oh... I know...we gave them food, we made... I don't know... we were very involved with our Units. We went to the villages to help out, the villages people. I remember doing that... you know, every Unit there had a village that we helped with things they needed... We were them support... (cf. Anexo VI, entrevista I - Pais adotivos).

Mary, 77 anos.

Pelos testemunhos anteriores, temos a comprovação da ajuda dispensada pelos norte-americanos. Como já sublinhado, a pobreza era uma realidade endémica na ilha e

³⁰⁶BPARLSR – Angra do Heroísmo – Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo, Passaporte nº 1095/72

a presença norte-americana não a suprimiu. Contudo, podemos refletir sobre a forma como a poderá ter apaziguado.

A ilha Terceira, em particular, beneficiou muito do *know-how*, dos recursos e equipamentos que existiam na Base americana. Como demonstra a imagem publicada no jornal norte-americano graças a uma grua dos militares, foi removido o sino da igreja da freguesia das Lajes.

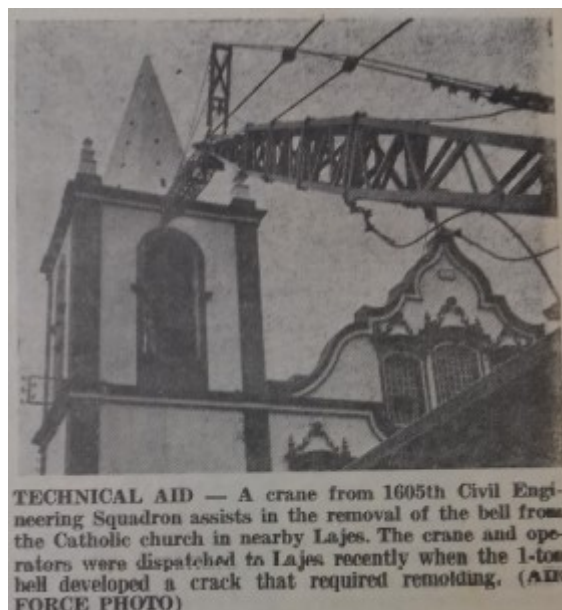


Figura 54 - Remoção do sino da igreja das Lajes, ilha Terceira, 1966.

Fonte: *Crossroads*, vol. V, n.º 13, 2 de setembro de 1966.

Este é mais um exemplo do apoio e da integração da comunidade norte-americana no seio da sociedade terceirense. Em 1966, a igreja das Lajes necessitou de remodelar e reforçar a torre sineira, sendo, por isso, necessária a remoção do respetivo sino. Se tal empresa ficasse a cargo das autoridades ou dos empreendedores locais, teria sido uma tarefa mais complexa e morosa. Mas, a ajuda estrangeira, não só agilizou o processo, como foi mais um motivo de gratidão da população residente para com os forasteiros. Uma vez mais, a potência da América do Norte fazia sentir a sua força, o seu poder e exercia uma forma de diplomacia colaborante.

Muitos destes bens e auxílios eram abrangidos pelo Projeto *People-to-People*. Este era um projeto humanitário da Cruz Vermelha Americana e que contribuía, em muito, para uma melhor qualidade de vida da população local. Esse programa *prestou*

*alguns apoios a comunidades rurais e instituições de solidariedade social, e ainda a aplicação de conhecimentos técnicos no sector agro-pecuário*³⁰⁷.

Este último aspeto é retratado na reportagem do periódico *Crossroads*³⁰⁸, que relata a entrega de material à estação de agronomia de Angra do Heroísmo, por intermédio do referido programa.



Figura 55 - *Present to the agronomy stations, Lajes Field “People to people” program, 1966.*

Fonte: *Crossroads*, vol. V, n.º 3, 8 de abril de 1966.

É comum no discurso dos terceirenses ouvirmos a expressão “eram tempos de abundância”. De facto, os americanos, *tinham tanto que até os desperdícios eram aproveitados pelas populações*³⁰⁹. O contraste entre a riqueza de uns e a pobreza de outros era, por demais, evidente. Era prática comum os militares da Base, acumularem sobras alimentares na lixeira, a céu aberto, improvisada no local da Caldeira (Lajes). Muitos destes desperdícios alimentavam famílias inteiras, pois era recorrente alguns terceirenses deslocarem-se à Caldeira para procurarem e resgatarem estas sobras de alimentos: produtos em fim de prazo de validade, embalagens em mau estado (por exemplo: amolgadas...), restos de comidas, enfim ... Ainda hoje subsiste a memória desses tempos de enormes dificuldades e, nos quais, os mais desfavorecidos não só consumiam os desperdícios depositados na lixeira, como ainda ganhavam algum dinheiro, vendendo-os.

³⁰⁷ Monjardino, Álvaro (1993), p. 67.

³⁰⁸ *Crossroads*, vol. V, n.º 3, 8 de abril 1966.

³⁰⁹ Grave, José (2001), p.417.

Muita gente que vivia no Bairro da Lata, vivam à custa da lixeira da Caldeira. Para aquela lixeira iam coisas muito boas! E dava para vender muita coisa, e ganhavam outro ordenado em cima. Eles metiam as coisas para o lixo, as coisas dentro do prazo... coisas que ainda estavam boas... acabou por matar a fome a muita gente! (cf. Anexo X, entrevista XV – Casamentos, testemunho privilegiado).

Paulo, 67 anos.

As enormes assimetrias sociais, mesmo entre os insulares, eram também visíveis no notório exemplo do “Bairro de Lata”, erguido na Serra de Santiago. De acordo com Avelino Meneses, aqui se alojava *uma chusma de naturais de outras ilhas, entretanto deslocados na vã expetativa da realização socioprofissional. Porém quando tal não acontece, a falta dos meios mais rudimentares para a sobrevivência em terra alheia motiva a difusão da pobreza e o aparecimento da exclusão*³¹⁰.



Figura 56 - "Barracas" do "Bairro da Lata" - Serra de Santiago, 2016.

Fonte: Col. Junta Freguesia de Santa Cruz

À imagem acima apresentada, acresce a descrição obtida pelo testemunho de um entrevistado:

No Bairro de Lata, era casinhas feitas de lata, eles abriam os bidões, faziam uma casinha para viver lá... havia muita miséria aí, eles ajudaram muito aí, a alguns deles (...) senão fosse os americanos a ajudar! (...) tinham vindo de outra ilha e não havia casas para vender, nem terrenos para construir, e

³¹⁰ Meneses, Avelino (2001), p. 63.

acabavam por ficar ali... vieram-se meter naquele espaço, ficaram ali [Serra de Santiago] aquilo não tinha dono e foram construindo barracas para ali. Aquela Serra, aquele alto quem chega ao Posto 1 [encosta/ entrada para Santa Rita], aquilo não tinha dono (...) foram construindo ali (cf. Anexo X, entrevista VIII – Casamentos, testemunha privilegiada).

Alberto, 69 anos.

De igual modo, a investigação de Edinaldo Nunes Filho ressalva a migração de brasileiros para as mediações da Base aeronaval de Amapá, e a construção de um bairro, à semelhança do “Bairro de Lata” na ilha Terceira. Parecem-nos situações muito semelhantes e que nos leva a questionar se as Bases norte-americanas tendiam a ser construídas em locais periféricos e em meios sociais pobres? Se o facto de demonstrarem o estilo de vida norte-americanos, acabavam por influenciar e potenciar o *American Dream*? Será que era prática comum, a migração para as mediações das Bases na expectativa de um emprego bem remunerado? Resultando em construções de bairros degradados e sem condições habitacionais? Segundo o autor:

alguns dos milhares de trabalhadores brasileiros que vieram de outros lugares do Brasil e que participaram da construção da BAA, acabaram ficando na região, pois, com o fim das obras, eles tornaram-se desempregados e viram no funcionamento da BAA uma oportunidade de ganhar dinheiro, prestando serviço ou comercializando. Assim, construíram ao redor da BAA suas moradias, sem infraestruturas e saneamento básico³¹¹.

Para as autoridades locais, entre elas o Governador Civil, foi surgindo uma manifesta preocupação com o chamado “Bairro de Lata”, onde habitavam naturais de outras ilhas, em busca de um emprego na Base. Na correspondência, confidencial, trocada, em janeiro de 1962, entre o Governador, Teotónio Machado Pires e o Ministro do Interior, faz-se referência aos problemas sociais e morais levantados pelos residentes

³¹¹ Nunes, Edinaldo, Filho (2014), p. 313.

no “Bairro de Lata”, nas imediações da Base Aérea, os quais necessitavam de resposta assistencial, uma vez que a existente era insuficiente³¹².

Somente em 2016, a Junta de Freguesia de Santa Cruz, procedeu à erradicação das “barracas”, alojando os moradores num bairro social construído para o efeito, na Serra de Santiago, freguesia das Lajes.

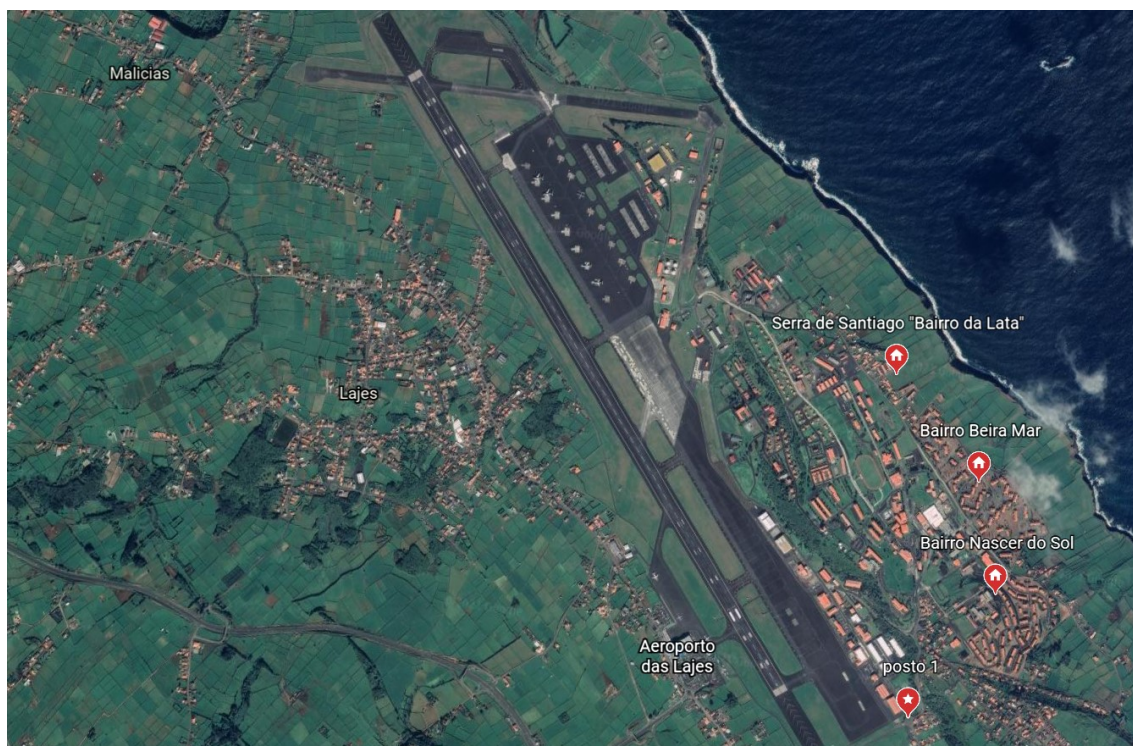


Figura 57 - Localização do "Bairro de Lata"

Fonte: <https://earth.google.com/web/search/Lajes,+A%c3%a7ores/@38.7632203,-27.08569117,61.21324311a,4558.12152376d,35y,42.83849071h,0t,0r/data=CigiJgokCRD1edhIa0NAEWlxyVAXV0NAGVoYgwvr-DrAIQLxECdQNDvA>

Como podemos ver pela imagem anterior, o “Bairro de Lata” situava-se bem perto dos alojamentos dos norte-americanos, dos bairros construídos pelos militares (bairro Beira Mar e bairro Nascer do Sol), para albergar os mesmos e suas famílias. A situação degradante destes deslocados era, pois, muito próxima e do conhecimento dos norte-americanos, reforçando a perceção que tinham da pobreza endémica que atingia avultado número de insulares, acentuada pelas enormes clivagens entre grupos e classes sociais.

³¹² BPRLSR – Angra do Heroísmo – Fundo do Governo Civil do Distrito de Angra do Heroísmo, Correspondência Confidencial do Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo. Correspondência de Teotónio Machado Pires e o Ministro do Interior, 31 de janeiro de 1962.

Em suma, a presença estrangeira na ilha Terceira gerou diferentes situações socioeconómicas às gentes da ilha: se por um lado, houve um conjunto de famílias que viu perigar a sua subsistência, em prol de um dever “patriótico” para com o Estado português; por outro lado, uma boa parcela de população viu as suas vidas melhoradas, graças aos empregos, bem remunerados, na Base das Lajes e a todo um conjunto de interações com os norte-americanos. Ainda se verificou os que da miséria fugiram e os que nela permaneceram, na esperança do “sonho americano” das Lajes, na ilha Terceira.

3.2. O impacto e a influência dos americanos na vida quotidiana

Não existe margem para duvidar que os terceirenses, em particular e os açorianos, em geral, se sentiram maravilhados com a presença dos norte-americanos, com o seu estilo de vida próprio e muito avançado em relação às ilhas³¹³. Milhares de açorianos, desde o século XIX, haviam emigrado em busca do sonho americano e, num ápice, afigurava-se que este sonho tinha vindo até à ilha Terceira³¹⁴.

Desde logo, há a referenciar o impacto que esta presença teve na economia local. Em concordância, Elisabeth Myers refere *military bases offer positive cultural benefits because they provide jobs and money to the region. By improving the economy, the communities where bases are located can have more opportunities to enjoy rich culture*³¹⁵. Como já referimos, além dos empregos com boa remuneração e garantida ao final da quinzena, tal como sucedeu aquando da presença britânica, também o comércio, a restauração, pequenos e novos negócios, como o arrendamento de casas fora da Base, motivaram um maior dinamismo do tecido social, bem como um incremento de receitas e de atividades. Como comprova este testemunho:

*Os americanos tinham, sempre tiveram esse feitio (...) com salários altos
(...) acabaram com muita miséria... pagavam bem... toda a gente queria ir para*

³¹³ *Os americanos influenciaram-nos, a nós todos de diferentes maneiras, mas influenciaram muito...em tudo!* (cf. Anexo X, entrevista IX – Casamentos, testemunho privilegiado). **Indivíduo do sexo masculino, 78 anos.**

³¹⁴ Mendes, Tânia Santos (2018), “Breves memórias de um terceirense descendente de trabalhador da Base”, In *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*. Vol. LXXVI, Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da Ilha Terceira, p. 537.

³¹⁵ Myers, Elisabeth (2010), “Cleaning up the mess: the ecomic, environmental, and cultural impacto f U.S. militar bases clousure on surrounding”, In *Military, war and peace commons*, Richmons journal of global law & business, vol. 10, University of Richmond, p.147. Disponível em: <https://scholarship.richmond.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1055&context=law-student-publications>

a Base. Temos de dizer a verdade, eles “limparam” a miséria da Terceira. Havia muita miséria, lembro-me bem e as pessoas a pedirem de porta em porta... e a passarem fome (cf. Anexo X, entrevista IX – Casamentos, testemunha privilegiada).

Rui, 78 anos.

Trabalhar na Base das Lajes passou a ser um fator de ascensão e de promoção social, bem como sinónimo de estabilidade de vida. Nas palavras de Avelino Meneses, a Base tornou-se, rapidamente, na *principal fonte empregadora, abrindo perspectivas de evolução socioprofissional a uma chusma de populares arrancados de uma existência extremamente penosa (...) traduzindo-se na melhoria efetiva das condições comunitárias de sobrevivência*³¹⁶. Trabalhar com os norte-americanos acarretava um conjunto de benefícios e de vantagens, quer a nível profissional, quer a nível material, permitindo ainda o acesso a instalações e espaços, de cariz exclusivo, como os Clubes dos Sargentos ou dos Oficiais. Era quase como se ganhasse a lotaria:

Até diziam que éramos ricos só porque o meu homem foi trabalhar para a Base (cf. Anexo IX, entrevista V – Testemunha privilegiada).

Madalena, 79 anos.

Gradualmente, a ambição dos jovens da ilha Terceira, na senda de um futuro mais promissor, passava por “ser trabalhador da Base americana”³¹⁷. Seria como emigrar, sem sair da terra natal, *their presence positively influences the sense of security of the residents, they are the employer (sometimes the largest) for the local population (...) the presence of military unit affects the quality of life*³¹⁸.

³¹⁶ Meneses, Avelino (2001), p. 67.

³¹⁷ Veja-se: BPARLSR – Angra do Heroísmo – Fundo do Governo Civil – Secção de Expediente, Correspondência recebida, Caixa n.º 1967- Pasta M, processo 19, pasta 1 – Movimento de pessoal civil ao serviço da Força Aérea Portuguesa e das Forças dos Estados Unidos nos Açores, referente ao mês de dezembro de 1961. Neste documento, remetido ao Governador Civil do Distrito de Angra do Heroísmo a 31 de dezembro de 1966, aferimos que o ano de 66 finda com 3713 funcionários civis na Base das Lajes, ao serviço das forças militares portuguesas e norte-americanas. De salientar, o número de trabalhadores para a USFORAZ, 2039. Para além destes, ainda se contabiliza 94 trabalhadores s/ particulares da USFORAZ e 585 criadas ao serviço dos militares e norte-americanos, totalizando 2718 trabalhadores, do universo dos funcionários civis da BA4 (3713), a 31 de dezembro de 1966 (Cf. Anexo I - Fontes Documentais).

³¹⁸ Sirko, Stanislaw, Kozuba, Jaroslaw e Trybull, Marzena (2019), “The military’s links with local communities in the context of sustainable development”, In *Sustainability*, 11, pp. 5,6. Disponível em:

E assim, aconteceu com sucessivas gerações, conforme atesta o seguinte depoimento:

Foi a qualidade de vida... a minha vida foi muito diferente porque trabalhei na Base, o meu pai trabalhou na Base, meu avô trabalhou na Base... a vida era melhor, nós tínhamos coisas que outros não tinham... aquela abundância. Na nossa casa não faltava nada! Ganhava-se bem (cf. Anexo X, entrevista XII – Casamentos, testemunho privilegiado).

Paula, 61 anos.

Podemos inferir que, independentemente das funções desempenhadas, o trabalhador da Base era olhado como alguém “superior”, isto é, que conseguira alcançar uma melhoria na sua qualidade e estilo de vida. Por auferirem uma remuneração superior à do trabalhador, no mercado de trabalho português, provocaram uma alteração nas relações laborais da ilha Terceira, não só pelo aumento da oferta de emprego, mas sobretudo pela *consequente procura de mão de obra acoplada a um novo painel salarial*³¹⁹.

Ainda crianças e adolescentes, os “pés descalços” das freguesias de Agualva, Vila Nova, S. Brás..., dos arredores do Campo do Golfe, dirigiam-se para o mesmo, com o intuito de contribuírem para o magro orçamento familiar com os tão desejados “dólas” (dólares). Muitos esperavam ser escolhidos como *caddies* (ajudantes de campo) dos norte-americanos, frequentadores assíduos do Campo de Golfe. Por tudo isto, e como documenta a imagem seguinte, terá sido criada uma bolsa para *caddies*, que lhes permitisse usar sapatos e comprar a farda e o equipamento. Mais importante, ainda, era o facto de que, atingindo uma certa idade, seriam “colocados” na Base e ganhariam o estatuto de trabalhador, existindo mesmo um conjunto de vagas a serem ocupadas pelos *caddies*³²⁰.

https://www.researchgate.net/publication/335236321_The_Military's_Links_with_Local_Communities_in_the_Context_of_Sustainable_Development, DOI: [10.3390/su11164427](https://doi.org/10.3390/su11164427).

³¹⁹ Grave, José (2001), p. 416.

³²⁰ Mendes, Tânia Santos (2008), pp. 535-536.

O trabalho no Campo do Golfe promovia a formação em português (para equivalência à 4ª classe) e em inglês (como preparação para o exame de admissão à Base), sendo a sua frequência obrigatória.



Figura 58 - Jovens *Caddies* - Campo de Golfe, ilha Terceira, 1962.

Fonte: Col. Particular.

Como criança, jovem, para ajudar às famílias, uma grande parte dos rapazes do “Ramo Grande” eram Caddies no Campo de Golfe. O Campo de Golfe, através da Base disponibilizou um professor... para dar aulas de inglês (...) depois quando atingiram os 18 anos (...) fomos fazer os nossos exames de aptidão de inglês... no escritório civil da Base, e quase todos passamos com bons valores, porque tínhamos aprendido o suficiente, através das 4h por semana de escola que tínhamos. O Campo de Golfe foi o pontapé de saída (...) íamos sendo chamados conforme as vagas que iam aparecendo e claro, aproveitavam aqueles que mais inglês sabiam, porque era do interesse dos próprios americanos, terem alguém a trabalhar para eles que percebesse a língua. E assim foi! Fui fazer exame “e tal” ... e tudo começou no Golfe. Hoje temos grandes jogadores de Golfe que foram Caddies naquela altura (...) e foi assim que comecei e toda a minha vida foi na Base (cf. Anexo IX, entrevista IV – Testemunha privilegiada).

Mateus, 69 anos.

O Campo de Golfe poderá ser considerado como agente de mobilidade social para as franjas mais novas e vulneráveis da sociedade, por ter dado oportunidade de ascensão social. Este preparou os jovens *caddies*, para o ingresso numa carreira profissional na Base das Lajes, conferindo-lhes o estatuto social de “trabalhador da

Base”. Atualmente como “reformados da Base” e golfistas amadores, a frequentar o Campo de Golfe da ilha Terceira³²¹.

Para alguns, o Campo de Golfe representou a grande mudança de vida, sem deixar a ilha, mas importa referir que este foi apenas inaugurado em 1954 e, já antes disso, muitos terceirenses trabalhavam na Base. Uns, requisitados por necessidade de mão-de-obra para a ampliação e melhoramento da pista; outros por se inscreverem no “5020” (escritório civil) e outros, ainda, por “sorte”, como podemos verificar no testemunho seguinte, em que o próprio afirma ter tido a ventura de ter vendido fruta à pessoa certa. Enquanto vendedor ambulante de fruta, seria uma pessoa de origens humildes e que conseguiu alcançar o “sonho” da sua vida:

Eu vendia fruta, fruta na rua, pêssegos, maçãs... e outras frutas. Um dia fui vender fruta para os lados da Base e um senhor comprou-me fruta. No outro dia, fui lá outra vez e ele disse-me se eu lhe queria vender os cestos de fruta, eu disse-lhe: “sim senhor”. No outro dia, fui buscar os cestos e “tornei” para casa com os cestos para encher, para no outro dia, tornar a ir vender fruta... até que esse senhor, perguntou-me se eu queria ir para a Base, e eu disse que gostava de ir, era uma sorte ir para a Base! E ele arranjou-me serviço para eu fazer logo naquela noite... e eu comecei logo naquela noite... aquilo eu ia fazendo uns serviços, não havia contratos...já na altura ganhava-se melhor que a vender fruta, era muito melhor que vender fruta, e eu queria era ir para a Base. Olha e tive sorte e fiquei na Base, mas foi assim que entrei na Base, tive sorte (cf. Anexo XI -Testemunhos - testemunho 1).

Jorge, 86 anos.

Se este caso foi um exemplo de sorte, outros entraram na Base pelo seu espírito de resiliência ou pela sua força de trabalho. Na realidade, os primeiros trabalhadores da Base pertenciam às franjas mais vulneráveis da sociedade, isto é, às classes sociais mais baixas, pois as elites e a classe média, mais concentradas em Angra do Heroísmo, tinham as suas ocupações ou desprezavam o trabalho manual disponibilizado na Base.

³²¹ Na obra de Joel Neto, intitulada *Uma História de Amor*, faz-se referência à qualidade dos golfistas amadores da ilha Terceira, muitos deles antigos *caddies* e ex-trabalhadores da Base. Como refere o escritor: *antigos camponeses, entretanto caddies, depois disso funcionários da Base e hoje golfistas de qualidade*. Neto, Joel (2020). *Uma História de Amor*. Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, p.29.

Os que trabalhavam na Base eram os pobres... porque os ricos da ilha não queriam ir para a Base. Os pequenos que iam descalços apanhar bolinhas para o Golfe foram trabalhar para a Base, arranjavam emprego para a Base... (cf. Anexo IX, entrevista IX – Testemunha privilegiada).

Leonor, 82 anos.

Quando os indivíduos se inscreviam no “5020” (número de identificação do escritório civil português) ou tinham de realizar entrevistas e exames de admissão, tudo era feito nestas instalações e, à maneira das sociedades mais pequenas, ter algum conhecido no “5020”, era uma via facilitadora para uma “cunha”, para um jeito que permitisse uma possível entrada na Base. Caso contrário, o esforço poderia não resultar.

Também tentei ir lá para dentro, inscrevi-me no 5020, naquele tempo era muito bom, no sentido dos que tinham “palavras boas” a dar “àquela gente” do escritório e como eu não tinha muitos conhecimentos... acabei por não ficar, arranjei trabalho cá fora, como assalariado... (cf. Anexo X, entrevista X-Casamentos, testemunha privilegiada).

Gabriel, 85 anos.

Ainda assim, nem só de estratégias foram feitas as “entradas” na Base. Havia 3 exames de acesso a realizar no “5020”: o A, B e C, cada um deles correspondendo a um nível de dificuldade. Conforme o exame a que se proponham e a pontuação obtida, o trabalhador era integrado no serviço atendendo às suas aptidões e nível de inglês. Foi o caso da seguinte testemunha:

Fui ao exame [de admissão], passei no exame B e inscrevi-me no “5020”. Passado uns tempos mandaram-me um cartãozinho para casa para ir à entrevista e comecei a trabalhar logo a seguir (cf. Anexo IX, entrevista XXI – Casamentos, testemunha privilegiado).

Avelino, 67 anos.

Importa também sublinhar que, na ilha Terceira, a Base militar foi a maior entidade empregadora de mulheres. Nos anos 50, 60 e 70 o mercado de trabalho ainda era pouco permeável ao sexo feminino. Em conformidade com a ideologia dominante

durante o Estado Novo, a mulher ideal era encarada como dona de casa, esposa submissa e mãe de família, devendo, no caso das mais abastadas, dedicarem-se às obras pias e sociais (cf. o capítulo I). Em conformidade com Antoine Prost: *Durante gerações e gerações o ideal para as mulheres consistiu em permanecer em casa e ocupar-se da vida doméstica; trabalhar fora de casa era sinal de uma condição particularmente pobre e desprezada*³²².

Raras eram as mulheres que se dedicavam a uma profissão, sendo, pois, flagrante a divisão do trabalho por género. Aos homens cabiam as atividades profissionais e públicas; às mulheres pertencia o domínio do privado e da domesticidade³²³...

Porém, na ilha Terceira, a necessidade de mão-de-obra, em diferentes áreas, acrescida dos bons ordenados pagos pelos norte-americanos, motivou o surgimento da mulher “trabalhadora da Base”, na qualidade de amas, empregadas domésticas, costureiras, lavadeiras, entre outras profissões femininas, passando estas também a prover a subsistência e a prosperidade da família³²⁴. Dá-se uma abertura em relação às ideologias conservadoras e tradicionalistas de uma sociedade rural, demonstra-se uma certa emancipação da figura feminina. Todavia, e de forma generalizada à qual a ilha Terceira não ficou indiferente, com a entrada da mulher no mercado de trabalho, sentiram-se fortes constrangimentos na vida familiar, social e cultural³²⁵.

O testemunho seguinte, retrata o percurso de uma terceirense que iniciou a sua carreira profissional enquanto jovem, na Base, primeiro no BX (Base Exchange, espaço comercial destinado aos norte-americanos) e, depois, no Hospital, contrariando, graças à sua ambição e força de vontade, os princípios e preconceitos vigentes na época:

(...) com 19 anos, com a minha 4ª Classe, fui para a Base trabalhar, a minha mãe não queria que eu fosse, mas eu fui, teimei, fui para o BX um ano, mas eu queria mais, mais, e o inglês... o meu português era muito fraquinho, eu só tinha 4ª Classe, fui para o BX, mas eu não gostava, eu queria mais. Eu queria inglês, eu não queria falar português [risos] “May I help you”, e dobrar roupa,

³²² Prost, Antoine (1991), “Fronteiras e espaços do privado. O trabalho”, In Phillipe Ariès e Georges Duby (dir.) *História da Vida Privada*, Vol. 5, Porto: Edições Afrontamento, p. 40.

³²³ Wall, Karin (2011), pp. 341-342.

³²⁴ Pimentel, Irene (2011), p. 55.

³²⁵ Barreto, António (1996), “Três décadas de mudança social”, In António Barreto (org.) *A situação social em Portugal, 1960-1995*, vol. I. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, p. 37.

eu não queria! (risos) (...) As mulheres “eram em casa”. Mas depois houve uma vaga para o hospital... olha e eu fui escolhida. (...) acabei por ficar na vaga e depois então quis mais, estudei muito lá dentro (...) E fui escolhida assim de “paraquedas” para tradutora (cf. Anexo X, entrevista XVIII – Casamentos, testemunho privilegiado).

Ricardo, 68 anos.

Também este testemunho reflete o emprego e a emancipação de algumas mulheres terceirenses, por consequência da implantação da Base Americana.

As mulheres começaram a ir trabalhar fora de casa, para a Base, eram as empregadas domésticas nas casas das americanas, as “Nannys”, era no BX e no hospital...pouco mais. As mulheres “eram em casa”, dependiam dos maridos, depois é que começaram a ter a sua independência, já contribuíam para casa...economicamente (...) o vestir das pessoas cá fora mudou, até a forma de estar, maquiagem, na altura quem era a mulher que usava maquiagem... através do BX, iam lá comprar maquiagem (...) mudou muito, a “gente” mudou muito. (cf. Anexo X, entrevista XXII – Casamentos, testemunho privilegiado)

Alvarina, 61 anos.



Figura 59 - BX (Base Exchange), anos 60.

Fonte: Coleção Particular

Como se mostra na imagem anterior, o BX era o espaço comercial destinado ao aprovisionamento do contingente militar norte-americano, mas que fazia as delícias da

população local, pela diversidade e acesso a produtos, vindos dos EUA, outrora desconhecidos ou completamente inacessíveis aos insulares.

Um outro aspeto importante, residia no facto dos norte-americanos proporcionarem formação aos seus subordinados, permitindo a progressão na carreira e o acesso a maiores escalões de rendimento. Foi o caso que relatamos de uma jovem terceirense, sem grandes habilitações, começar a trabalhar no atendimento ao público e acabar como tradutora, usufruindo, hoje, graças ao seu percurso, uma reforma acima do expectável para um profissional equivalente, no mercado de trabalho português.

Das várias entrevistas efetuadas, pudemos verificar que os inquiridos quando questionados sobre qual foi a maior vantagem da vinda de estrangeiros para a ilha, a resposta recaí, esmagadoramente, sobre as oportunidades de emprego e, naturalmente, as suas consequências:

Eles dão muitas oportunidades lá dentro, podemos ir “subindo” [na carreira], porque eles facilitam que façamos mais cursos, aprender mais, para podermos “melhorar e subir”. (...) Na Base, os americanos dão oportunidades de “subirmos”, aprendermos, que “cá fora” nunca vão dar... eles davam-nos valor e investiam na nossa formação, “na gente”! Eles dão valor aos empregados que tem e dão cursos... o que eu aprendi ali! (cf. Anexo IX, entrevista XV – Testemunha privilegiada)

Idalina, 60 anos.

A memória antecedente, remete-nos para o facto de os norte-americanos permitirem, incentivarem e investirem na formação dos seus trabalhadores, como já tínhamos mencionado. Um exemplo igualmente significativo é o do portador do passaporte n.º 465/58, com data de 20 de novembro de 1958, natural e residente na freguesia de S. Pedro de Angra do Heroísmo, que na sua qualidade de “viajante” e não de “emigrante”, obteve autorização para se deslocar ao Estado do Texas, a fim de frequentar *um curso de técnico de avião*. Anexo ao ofício, a solicitar o passaporte ao Governo Civil de Angra do Heroísmo, encontra-se a comunicação dirigida ao Sr. Secretário-Geral do Governador Civil, pelo Chefe do Estado Maior, referindo que *aquele indivíduo foi nomeado para frequentar o “Curso Técnico de Manutenção de*

*motores de avião” na Base Aérea de Sheppard, Texas (...) responsabilizando-se o respetivo Comando pelo seu regresso à Estação Americana*³²⁶.

Portanto, comprova-se o investimento americano, ao longo dos anos, nos seus colaboradores portugueses, proporcionando-lhes oportunidades de ascensão e progressão na carreira, de maior especialização nas suas áreas de trabalho, com os devidos benefícios para a Base que ia ficando, também, com mais mão-de-obra qualificada.

Os americanos investiam na formação dos seus trabalhadores, fazíamos vários cursos que nos dava oportunidades de subir [na carreira], de nós melhorarmos.... É outra maneira de ver as coisas (cf. Anexo IX, entrevista XIV – Testemunha privilegiada).

Humberta, 74 anos.

Para todos quantos não logravam obter um emprego na Base das Lajes, havia que recorrer ao engenho e à criatividade para criar novos negócios e oportunidades, ganhando dinheiro com a presença dos militares americanos. Como refere esta testemunha:

Era tudo a ver onde é que havia de fazer dinheiro com os americanos, eles tinham muito, e a gente não tinha nada, então andávamos sempre a ver como é que podíamos fazer dinheiro (cf. Anexo X, entrevista XII – Casamentos, testemunho privilegiado)

Paula, 77 anos.

Paralelamente à Base, mas por causa dela, criaram-se novos negócios, reutilizando-se, para finalidades diferentes, os poucos recursos que algumas famílias tinham. O que importava era conseguir arrecadar algum dinheiro americano. A imagem e os depoimentos que se seguem atestam o modo como os terceirenses mais empreendedores rentabilizaram meios e ganharam algum rendimento extra.

³²⁶ BPALSR – Angra do Heroísmo– Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo, Processo de passaporte 465/58 de 20 de novembro de 1958.



Figura 60 - Transporte de norte-americanos por portugueses, anos 60.

Fonte: Coleção particular.

Esta foto é o meu pai nos anos 60, o de chapéu, a levar americanos a passear por alguns dólares. Ele também alugava cavalos e assim, ganhava a vida! Minha mãe era empregada doméstica para as americanas e eu e as minhas irmãs quando chegamos à idade, também fomos trabalhar, até vir para a América em 71.

Fernanda, 72 anos.

Não deixa de ser curioso como as entrevistadas quando se referem aos trabalhos domésticos, normalmente dizem que trabalhavam para as “americanas” e não para os “americanos”, por consequência da forte associação entre as atividades do lar e o gênero feminino. Os americanos eram os militares e, portanto, nada tinham a ver com as lides domésticas. Por outro lado, como abaixo podemos verificar, além dos negócios, que incluíam cafés, bares, transportes e outros serviços, o contrabando — venda ilegal de produtos americanos — não seria uma prática despicienda, mas um expediente para angariar rendimentos extra.

Indiretamente, houve muita gente, “cá fora”, sem trabalhar na Base que se “governou” por causa dos americanos. Criaram negócios e contrabando [risos] à custa dos americanos. Vendia-se cerveja, vendia-se tabaco, vendia-se isso, vendia-se as coisas do BX (cf. Anexo X, entrevista XXI- Casamentos, testemunho privilegiado).

Avelino, 67 anos.

Os abusos e os desvios foram-se avolumando, abrangendo todos os bens e materiais a que era possível deitar a mão. Podemos dizer que existiam “redes” de angariadores e de distribuidores, que satisfaziam as muitas necessidades existentes e supriam a grande escassez que afetava amplas camadas da população. Ainda hoje se fala dos “ladrões” da Base que, longe de se poderem considerar verdadeiros criminosos, eram indivíduos levados a comportamentos desviantes, por força do atraso e da miséria. Alguns dos desvios eram quase rotineiros e feitos a pensar no próprio agregado. Ao final do dia, a família aguardava pelas “novidades” trazidas pelo pai e marido e, como se pode ler no testemunho que se segue, se este chegava sem nada era uma autêntica desilusão. Em muitas casas terceirenses podia-se encontrar os mais variados produtos e bens americanos, desde os alimentos às ferramentas.

Porque então os ladrões da Base eram todos iguais (...) ou pregos ou martelos, tudo, tudo, traziam tudo quanto podiam... mesmo o dia que não traziam, a gente já ficava de queixo caído (...) tudo há espera! (cf. Anexo IX, entrevista VII – testemunha privilegiada).

Leontina, 76 anos.

Entre a correspondência do Fundo do Governo Civil de Angra, podemos encontrar várias missivas trocadas entre o Comandante Militar da Terceira e o Governador Civil, expondo situações de furto praticado contra as forças estrangeiras da Base das Lajes. A título de exemplo, em carta de 16 de fevereiro de 1946, o Comandante Aviador Frederico de Melo informa o Governador Civil de que estavam a ser feitas todas as diligências no sentido de garantir a maior segurança e a menor gatinagem possível, dentro do Campo das Lajes, sendo que estas ações estavam a ser desenvolvidas, em parceria, com as forças expedicionárias americanas:

(...) nós iríamos ao Campo para reconhecemos os elementos maus que lá tinham, podendo mesmo ser daqueles conhecidos como gatunos (...) Foram recuperadas muitas centenas de artigos diversos e seguidas todas as pistas que apareceram. Todos os furtos comunicados a este Comando pelos americanos,

*foram descobertos, excepto uma bateria roubada de um carro americano, abandonado na estrada fora da cidade*³²⁷.

Apesar de muitos furtos serem denunciados às autoridades competentes, largas vezes, eram encarados, pelos americanos, como uma forma de ajudar as famílias carenciadas e, por isso, os militares da Base não davam grande atenção e faziam-se despercebidos. Por vezes, optavam pela partilha, evitando situações degradantes.

Muitos deixavam roubar (...) fechavam os olhos e deixavam rolar... havia muita abundância, eles abriam um caixote ponham nas prateleiras, o outro caixote mandavam dividir pelos empregados para levarem para casa (cf. Anexo IX, entrevista XIII- Testemunha privilegiada).

Hélio, 75 anos.

Sendo certo que os furtos eram resultado da miséria das gentes, não é, porém, de estranhar o deslumbramento e a cobiça provocada por tanta variedade de produtos e bens nunca vistos. Num meio pobre e periférico, como eram os Açores de então, a abundância dos americanos representava um maná providencial para muitos dos seus habitantes:

(...) lembro-me de um senhor que trazia coisas para casa... aquelas “palhinhas” que a gente dizia que era “palhinhas”, que era o cereal de milho, vinham em saquinhos e vinham muitos da Base desta maneira...Eram coisas muito diferentes do que tínhamos... Eu passei muitas semanas a pão de milho... era ouro sobre azul [risos] quando se apanhava umas coisinhas da Base (cf. Anexo IX, entrevista IV – Testemunha privilegiada).

Mateus, 69 anos.

O que para os americanos era supérfluo ou desperdício, para muitas famílias locais, por vezes com agregados numerosos, era um meio de provir uma refeição:

³²⁷ BPALSR – Angra do Heroísmo– Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo, Correspondência confidencial entre o Comando Militar da Terceira e o Governador Civil, 16 de fevereiro de 1946.

(...) ainda me lembra da Serra de Santiago e de Santa Rita de ir “pequenos” com baldinhos pedir comida, sobras para levar para casa (cf. Anexo X, entrevista XI– Casamentos, testemunho privilegiado).

Leonardo, 78 anos.

Por tudo isto, algumas datas, ainda que pouco ou nada significativas para os católicos açorianos, passaram a adquirir algum sentido pelas práticas a que estavam associadas, propiciadoras de dádivas apetecíveis. Veja o caso da tradição americana do *Thanksgiving*:

O “Dia do Peru” [Thanksgiving] (...) a gente ia para a messe ... ficava ali à espera, quando eles estavam a preparar aquilo tudo [perus], eles davam as “carcaças” [esqueleto do peru] (...) A “gente” vinha para casa, aquilo tinha que comer... aquilo tirava-se, [a carne], fazia-se [cozinhava-se] ... Depois a minha prima, já se sabe, guardava em caixas no frigorífico para ir fazendo coisas para a “gente” comer... era, era uma abundância! (cf. Anexo IX, entrevista XIX – Testemunha privilegiada).

Miguel, 74 anos.

Ao longo das entrevistas efetuadas, pudemos detetar o facto dos entrevistados recorrerem frequentemente ao termo “abundância” quando se referiam aos norte-americanos. A imagem de prosperidade era indissociável dos EUA e, na Terceira, essa representação era a Base:

O que o meu homem ganhava [trabalhador na Base] era para pagar a nossa casinha e o que ele trazia era para a gente comer. Foi o que criou os meus filhos! (...) Naquele tempo havia muita abundância (...) trazia feijão, galinha, bacalhau inteiros, “fruta encanada” [corruptela de “canned fruit”], era tudo! (cf. Anexo IX, entrevista III – Testemunha privilegiada).

Matilde, 82 anos.

Outro impacto relevante, em termos económicos, sentido sobretudo no concelho da Praia da Vitória, foi o do crescimento do mercado de arrendamento. Com o aumento do número de militares na ilha e com a chegada das suas famílias, começou-se a

verificar um aumento na procura de alojamentos, de preferência não muito afastados da Base, uma vez que esta estrutura não tinha habitações suficientes para a dimensão do contingente. O arrendamento de moradias tornou-se numa oportunidade de negócio para alguns habitantes locais, chegando algumas famílias, mais abastadas, a construir ou a ampliar casas para arrendar aos norte-americanos:

(...) as pessoas começaram a fazer casas... ficavam no rés-do-chão e a parte de cima era para os americanos... eles pagavam bem. Isso foi um grande enriquecimento. Ainda me lembro da Estrada 25 de abril não ter casas nenhuma! As pessoas é que construíram para alugar aos americanos, portanto, houve um grande desenvolvimento na construção de casas com a vinda dos americanos para cá (...) construiu-se para os americanos viverem ... e as pessoas tinham sorte de alugar uma “mão cheia” [muito] de anos aos americanos, e quando as casas estavam pagas, eles [portugueses] tornavam a fazer mais uma casa para alugar aos americanos... foi um negócio... (cf. Anexo VIII, entrevista X – Famílias biológicas).

Alberto, 73 anos.



Figura 61 – “Estrada do aeródromo”, anos 60, Praia da Vitória, (atual Estrada 25 de abril).

Fonte: Coleção particular.

A estrada hoje designada 25 de abril, e que a imagem retrata nos anos 60, era então conhecida como estrada do Aeródromo e, em poucos anos ficou repleta de habitações em que residiam famílias americanas. Por conseguinte, sinais do estilo de vida dos estrangeiros eram constantes nesta via, normalmente repleta de automóveis de

linhas aerodinâmicas e de grandes dimensões. Por força da presença americana aumentou, substancialmente, a circulação de carros por toda a ilha.

A Estrada 25 de abril era quase toda uma rua de americanos, era uma estrada com “banheiras” no lado de fora, com Chevrolets, Cadillacs...tudo pela rua abaixo... Era tudo americanos. Houve muito português que fez a sua vida do arrendamento aos americanos (cf. Anexo IX, entrevista XXI- Casamentos, testemunho privilegiado).

Avelino, 67 anos.

Para além da Praia da Vitória, outras freguesias do concelho também foram alvo do investimento no arrendamento de casas aos norte-americanos. Foram os casos de Porto Martins, Cabo da Praia e Lajes... Portanto, os americanos impulsionaram o negócio imobiliário, em diferentes zonas da ilha e, em particular, no concelho da Praia da Vitória. Os arrendamentos constituíam uma mais-valia para as famílias praienses, como comprova o testemunho seguinte.

Os meus pais, (...) também fizeram lá uma poupançazinha, aí nos anos 50, e fizeram uma casinha na Praia, que esteve anos a fio, arrendada aos americanos...e no bom tempinho em que 28\$00 era 1 dólar, e 1 dólar era 28\$00, aquilo dava 1500\$00 de renda por mês... 1500\$00 de renda por mês era um luxo, era a minha pensão em Lisboa. Eu fui estudar e fiz o meu curso à custa da casinha arrendada aos americanos. (...) Dificilmente poderia ter ido estudar sem a renda dos americanos (cf. Anexo IX, entrevista XX- Testemunha privilegiada).

Luís, 74 anos.

O próprio dólar era uma moeda forte, e o escudo na Terceira estava inflacionado, 1\$00 equivalia a \$1, mas \$1 rendia 28\$00. E os bens eram pagos por equiparação de 1 escudo a 1 dólar, mesmo atendendo que 1 dólar valia muito mais que 1 escudo. Como se pode comprovar, uma renda mensal de 1.500\$00, nos anos 50, era um valor astronómico, gerando poupanças que, naturalmente, acabavam por reverter a favor dos filhos.

A circulação dos estrangeiros pela ilha, o gosto e a necessidade de convívio fora do perímetro da Base das Lajes, operaram visíveis transformações e adaptações no comércio local. Como já tivemos oportunidade de referir anteriormente, foi elevado o número de tabernas, cafés e restaurantes, que abriram ao público, em consequência da chegada e fixação de tão numeroso contingente militar. Além disso, não se pode esquecer que, para além dos militares sediados na Base, havia uma considerável quantidade de militares em trânsito, que passavam pela ilha Terceira, pernoitando uma ou duas noites, antes de seguirem viagem para outras paragens.

As ruas da Praia da Vitória enchiam-se, pois, de transeuntes à procura de um bar ou de um café para se divertirem e beberem uns “copos” com os amigos, convivendo, ao mesmo tempo, com os locais. Se havia tempo, ainda entravam nas lojas para efetuar compras básicas ou para adquirir peças de artesanato e produto regionais. Muito do movimento que se fazia sentir, estava a cargo dos estrangeiros que viviam e passavam na ilha e, em particular, por Angra do Heroísmo e pela Praia da Vitória, cujo coração se situava na Rua de Jesus.

A Rua de Jesus, ao nível de comércio, era uma loucura. (...) tínhamos muita circulação de tripulação na Rua de Jesus, era uma loucura para o comércio. Isso era “gente” naquela altura! Havia vários cafés na Praia, quando eles chegavam cá... o comércio tinha de estar aberto para ver se vendíamos... eles paravam do lado de fora do molhe e vinham para terra (...) Até 1960 e tais, eram as arcas de madeira, chegava o avião e vinha [americanos] tudo atrás das arcas... era a nossa economia que estava em jogo (cf. Anexo X, entrevista VIII – Casamentos, testemunho privilegiado).

Alberto, 69 anos.

A gastronomia local, em especial a mais tradicional, também era um atrativo para os norte-americanos. Sempre que possível, em grupos de amigos ou com a família, os residentes na Base procuravam os restaurantes e as casas de pasto das redondezas.

The Americans loved to go out Base eat food... We took advantages of the culture that was there... There was a Bar... we went there, there was a place...they had a chicken house, we used to went there...We ate out of Base a lot... because the food was good and we like the uses of Portuguese culture. We

did our shopping in the village, we went to the market there, so all of that change. We helped the economy (cf. Anexo VI, entrevista I – Pais adotivos).

Mary, 77 anos.

Tal como referido e comprovado pelo discurso anterior, os norte-americanos gostavam de se sentir parte da comunidade, gostavam de circular livremente e tinham plena consciência de como a sua presença contribuía para o desenvolvimento da economia da ilha. Frequentavam os restaurantes locais, faziam as compras no comércio, iam aos bares, gostavam dos costumes, da cultura e da hospitalidade.

Ao longo das várias entrevistas realizadas, o “Café Açores” foi referenciado como sendo um ponto de encontro entre pessoas de diferentes nações. Era um bar muito frequentado pelos norte-americanos que eram sempre bem acolhidos por uma figura muito carismática da Praia da Vitória: *George The Crook*. Este foi um dos donos do Café Açores, não o primeiro proprietário, mas aquele que, certamente, deixou mais recordações entre a população local e estrangeira³²⁸.



Figura 62 - Café Açores, anos 60-70.

Fonte: Col. Particular

Para além do emblemático Café Açores, há a destacar outros cafés e bares frequentados por norte-americanos e portugueses, como por exemplo, a “Esplanada do

³²⁸ No decorrer da pesquisa, encontramos uma página na rede social *Facebook* intitulada *George the Crook the Aka Café*. Este é um grupo privado criado por ex-militares em passagem pela Base das Lajes.

Praense” (Sporting Clube Praense); os “Branços” (União Desportiva Praense); o “Tamara”, o “Dinamarquês”, entre tantos outros que foram impulsionados pela circulação do dólar na ilha. Tirando proveito da permanência dos estrangeiros, serviram também para promover a interação e o convívio entre norte-americanos e portugueses.

Mas, como em todos os locais de incentivo ao consumo de álcool, registavam-se situações de excessos que provocavam embriaguez e consequentes conflitos e desordens:

Quando iam ao George, The Crook [Café na Praia], os americanos iam muito para lá, de vez enquanto havia “pancadaria”. E o George, The Crook, [proprietário] dizia: “Não se chama a polícia, eu não quero aqui polícia!” Fecha-se a porta que essa gente há de parar, se chamassem a polícia, era uma chatice ... Quando acabava a “pancadaria”, ele ia ter com aqueles [americanos] que eram mais graduados: “Vocês já acabaram de brigar? Agora vamos a contas, antes que chame a polícia!” [risos] Os americanos não queriam, então eles chegavam lá a acordo, os americanos faziam uma “derrama” [juntar dinheiro] entre si, 200 ou 250 dólares, naquele tempo era muito dinheiro! Ele [dono do Café Açores] pregava aquilo tudo, mesas, cadeiras e estava pronto para abrir no outro dia e dinheiro para a algibeira (cf. Anexo X, entrevista XXI – Casamentos, testemunho privilegiado).

Avelino, 67 anos.

De forma pragmática, assim se resolvia situações de desacato, ganhando algum dinheiro e evitando problemas aos militares graduados. Estes, se fossem detidos por comportamentos violentos e inadequados, podiam ser imediatamente encaminhados para outra Base, sob possível ação disciplinar. Com esta estratégia conciliadora, os locais ainda granjeavam amizades.

3.2.1. As influências culturais proporcionadas pelos americanos

Em termos culturais, também foi notória a influência norte-americana na ilha Terceira.

O falar terceirense sofreu grandes alterações, pois os naturais facilmente adotaram os estrangeirismos, habituais, até então, entre os emigrantes. As corruptelas criadas pelos portugueses eram *sinónimo de pertença de uma classe, quase que de um estatuto adquirido, distinguia-nos das restantes ilhas*³²⁹. Surgem vocábulos que se perpetuam até aos nossos dias: “paloia” (camião) – corruptela de “*pay loader*”; “mapa” (esfregona) – corruptela de “*mop*”; “suera” (camisola) – corruptela de “*sweater*”; “closeta” (armário de arrumação) – corruptela de “*closet*”; “trela” (reboque) – corruptela de “*trailer*”, “gama” (pastilha elástica) – corruptela de “*gum*”; “candinhos” (rebuçados), corruptela de “*candies*” entre tantos outros termos que fazem parte da linguagem do quotidiano terceirense e açoriano, em geral.

Esta assimilação de vocábulos estrangeiros é também referenciada na investigação de Reverson Paula, sobre o impacto da Base militar norte-americana em Fortaleza, no Brasil³³⁰. Devemos anuir, que muitos destes termos, surgem da necessidade dos locais com baixa escolaridade, se terem “apossado” de termos e pronúncias, em conformidade com o som ouvido. Por exemplo, a expressão “Olanda” (corruptela de Laundry); é utilizada quando um dos entrevistados se refere ao serviço de Lavandaria da Base.

De igual modo, a influência da televisão “americana” contribuiu para o domínio da língua inglesa entre as camadas mais jovens da população, desde tenra idade.

A influência da televisão nas famílias terceirenses não se cingiu somente à língua. A televisão foi uma “janela para o mundo”, permitindo às famílias terceirenses ter acesso a uma nova modernidade, ao conhecimento do que se estava a passar noutras paragens. Deu acesso a programas que mostravam vivências muito díspares das que se viviam nas pequenas ilhas açorianas, mostrou novas liberdades ao meio insular. Para uma população desprovida de conhecimento e de liberdade, a televisão foi um importante meio de acesso à cultura e à informação³³¹.

A primeira televisão que eu vi, foi a televisão da Base, na altura a preto e branco, a AFRTS [risos], a saudosa AFRTS, Chanel 8, [risos] muito inglês se

³²⁹ Mendes, Tânia Santos (2018), p. 536.

³³⁰ Veja-se: Paula, Reverson (2013), “Fortaleza em cotidiano: A instalação da Base militar norte-americana e a alteração da rotina em terras alencarinas (1943-1954)”, Natal: XXVII Simpósio Nacional de História. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364928459_ARQUIVO_artigoanpuh2013.pdf

³³¹ Monteiro, Teresa e Policarpo, Verónica (2011), “Media e entretenimento”, In José Mattoso (dir.) *História da vida privada em Portugal. Os nossos dias*. Temas e Debates. Círculo de Leitores p. 313.

aprendeu a ver televisão americana. O meu padrinho, trabalhava na Base e ele tinha sempre ... e eu ia para casa dele ver televisão (cf. Anexo X, entrevista XVI- Casamentos, testemunho privilegiado).

Gabriel, 60 anos.

Desde 1954, a população da Terceira passou a ter acesso à televisão. Conforme já referido “*a saudosa AFRTS, Channel 8*”, foi a primeira estação de televisão em Portugal, uma vez que a Rádio Televisão Portuguesa (RTP) foi fundada em 1955, estreando, no ano seguinte, as emissões experimentais a partir da Feira Popular em Lisboa³³². Em 1957, a RTP passa a apresentar emissões regulares, constituindo-se como uma viragem na vida dos portugueses. Como nos explica António Reis, *pelas consequências que acarretará na transformação do quotidiano, na ocupação dos tempos livres e na abertura a outras realidades, para uma população em grande parte ainda muito limitada nos seus horizontes e nos seus conhecimentos*³³³. Se assim foi no continente, imagine-se na ilha Terceira, nos Açores!

Ainda é de salientar que a televisão foi, de igual forma, um veículo de propaganda da ideologia do Estado Novo, *verbi gratia*, o programa televisivo “Conversas em família”, que estreou em 1969, sendo da responsabilidade do próprio chefe do Governo, Marcelo Caetano³³⁴.

Porém, as ilhas ficaram de fora da cobertura televisiva nacional e, só em 1975, surgiu a RTP Açores, como o canal do arquipélago. Neste particular, foi gritante o atraso insular e, por isso, a situação excecional de algumas localidades da ilha, merece um especial destaque.

Em algumas freguesias do concelho da Praia, principalmente as pertencentes ao Ramo Grande, captava-se o sinal da televisão “americana”. As famílias que conseguiam adquirir um aparelho televisivo, podiam assistir a programas diversos, ainda que em inglês e com imagens a preto e branco. Em torno da televisão, havia momentos de convívio familiar, entre vizinhos e amigos (que não possuíam este moderno

³³² Sobral, Filomena Antunes (2012), “Televisão em Contexto Português: uma abordagem histórica e prospetiva”, In *Millenium*, 42 (janeiro/junho), pp. 143-159.

³³³ Reis, António (1990), “A televisão: a arma do poder e a janela para o mundo”, In António Reis (Dir.) *Portugal Contemporâneo*, Vol. V. Lisboa: Publicações Alfa, p. 203.

³³⁴ Mónica, Maria Filomena (1996), “A evolução dos costumes em Portugal, 1960-1995”, In António Barreto (org.) *A situação social em Portugal, 1960-1995*, vol. I. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, p.226.

equipamento) e foi graças aos norte-americanos que a TV chegou primeiro a esta comunidade açoriana.



Figura 63 – Televisão “americana” – AFRTS, 1950.

Fonte: Col. Particular.

Podemos imaginar o efeito causado pela precoce “descoberta” da televisão, em especial entre as crianças, como é revelado no testemunho seguinte:

(...) coisa que nunca tinha visto uma caixa com... eu fiquei ali [risos] que eu nunca me levantei! Quando meu pai me foi buscar, teve de me arrastar porque eu não queria sair dali para fora (...) tinha uns “macaquinhos” [desenhos animados] lá, que nunca me esqueceu, era o cowboy com o índio, o The Lone Ranger, com a mascarilha e o índio (...) A primeira televisão que tive foi comprada na Base (...) A minha primeira televisão comprei na Base, através de um funcionário meu amigo (cf. Anexo X, entrevista XX – Casamentos, testemunho privilegiado).

João, 74 anos.

Para além de fascinar e facilitar a aprendizagem da língua inglesa, a televisão, mas também a rádio, citando Armando Mendes, foram um importante *instrumento de aculturação*³³⁵ das gentes da ilha, trazendo novos conhecimentos, novos ídolos e histórias que facilmente cativam e influenciam os gostos e os desejos da população

³³⁵ Mendes, Armando (2018), p. 238.

local. Nas palavras de Antoine Prost *a irrupção da rádio e da televisão no universo doméstico constitui uma mutação social de primeira importância*³³⁶.

Para além da televisão, que abriu horizontes a uma ilha fechada, não podemos falar no impacto cultural dos norte-americanos, sem nos referirmos às influências musicais. O acesso a diferentes géneros e estilos, o conhecimento de grandes nomes mundiais, que passaram pela ilha, a fim de animar as tropas estacionadas na Base, só se tornaram realidade porque esta infraestrutura militar existiu. Por intercessão dos norte-americanos, muitos terceirenses deixaram-se contagiar por novos ritmos e novos sons, como o Swing, o Jazz, os Blues...

Esses eram os sons que se faziam ouvir nos EUA. Os Blues e o Jazz foram um modo de expressão contra a opressão racial e social. Todavia, apesar das suas raízes serem provenientes da América negra do Sul, estes sons espelhavam a nova mentalidade e a irreverência da juventude norte-americana³³⁷. *New Orleans* foi reconhecida como cidade natal do Jazz, sendo este, inicialmente, tocado nos bairros mais pobres locais e depois difundiu-se por toda a América do Norte.

Nos anos 40, o Jazz chega a Portugal, embora de forma quase clandestina, por este estilo musical ser reprimido pelas políticas vigentes do Estado Novo. É fundado o *Hot Club* Portugal, embora de forma furtiva até aos anos 70. Este era o local onde os músicos se podiam encontrar para partilhar as suas pautas e conviver ao som destes ritmos³³⁸.

Nos anos 60, nos EUA, e também, nos Açores, por via da Base das Lajes, os ritmos musicais que se faziam ouvir são uma forma de rebelião, protesto contra o capitalismo e rompimento com as convenções sociais que até então dominavam. A liberdade dos sons surge associada à liberdade adquirida no pós-guerra, período de grande prosperidade económica. Aflora um estilo de vida alternativo fortemente vinculado à música, o modo de vida *Hippie*, fundados sob a divisa do *peace and love*, contra a guerra no Sudoeste Asiático – a guerra no Vietname. Emerge o *rock and roll*³³⁹.

A influência musical que se fez sentir na ilha é-nos elucidada pela partilha que se segue:

³³⁶ Prost, Antoine (1991), p. 146.

³³⁷ Pahlen, Kurt (1993), *Nova História Universal da Música*, São Paulo: Melhoramentos, p. 485.

³³⁸ Duarte, José (2009), *História do Jazz*, Lisboa: Sextante Editora, p. 66.

³³⁹ Navarro, Joaquín (Dir.) (s/data), *O mundo da música. Grandes autores e grandes obras*. Barcelona: Oceano, pp. 142 – ss.

E a música, eles influenciaram muito os nossos gostos por música, por tipos de música... eu sempre fui doido por conjuntos [musicais], até toquei num... De todos os açorianos, a gente, os terceirenses eram os que tinham sempre primeiro os discos. Quando saíam na América a gente aqui já tinha. Havia sempre um americano amigo que comprava [risos] ... a gente aqui já conhecia o Jazz (cf. Anexo X, entrevista XV- Casamentos, testemunho privilegiado).

Paulo, 67 anos.



Figura 64 - Yankee Stadium.

Fonte: Junta de Freguesia da Vila das Lajes.

Pela imagem anterior podemos recordar o *Yankee Stadium*, edificado nas imediações da Base das Lajes. Este foi palco de grandes festivais e concertos musicais, em que atuaram grandes nomes da música internacional, como Frank Sinatra, Glenn Miller, Irving Berlin, entre tantos outros³⁴⁰.

³⁴⁰ Santos, João Moreira e Rubio, António (2008), *Jazz na Terceira. 80 anos de História*, Praia da Vitória: Blu Edições, p. 31



Figura 65 - Frank Sinatra na Base das Lajes, 1945.

Fonte: BPARLSR - Angra do Heroísmo - Espólio fotográfico de Raúl Diniz Forjaz, 1943-1946.

Lembro-me de os americanos trazerem artistas de fora para atuar na Base, bastantes que eles trouxeram... Eles trouxeram um ano um grupo de música Country, os americanos gostam muito de música Country, eu nunca na minha vida tinha ouvido nada daquilo [risos]. Eles iam tocar no hangar “Yankee” não sei quantos [Yankee Stadium] ... e quando vinham esses grupos, a “gente” ia lá, a “gente” também ia ver... vi excelentes grupos e artistas lá dentro... Os últimos que vi já tinha a vedação, era preciso tipo um passe, uma autorização, mas a “gente” arranjava sempre uma maneira de “furar” e ir ver (cf. Anexo X, entrevista XV- Casamentos, testemunho privilegiado).

Paulo, 67 anos.

Mas para além destes artistas e bandas musicais se deslocarem à Terceira para animar os militares estacionados nas Lajes, também contribuíam para uma aproximação com a população local, devido a digressões que faziam ao longo da ilha, tornando os seus espetáculos acessíveis a todos e contagiando a população com os seus novos ritmos. Esta aproximação poderia ser tida quase como que uma estratégia de *Soft Power* especialmente para apaziguar as dificuldades nas negociações entre britânicos e norte-americanos no concernente à cedência da Base das Lajes a forças estrangeiras³⁴¹.

Foi notícia no *Diário Insular*, a atuação da Banda das Forças Armadas dos Estados Unidos no Jardim Municipal de Angra do Heroísmo ao qual acorreu uma multidão de seis mil pessoas. *A batuta do maestro Arnald Gabriel, brindou o público com um programa popular executado primorosamente, em nível profissional de*

³⁴¹ Santos, João Moreira e Rubio, António (2008), p 35.

*categoria a toda a prova*³⁴². Este foi um evento muito apreciado pela população da ilha, convivendo estrangeiros e locais, lado a lado a desfrutarem de momentos musicais partilhados pelos norte-americanos:



Figura 66 - Bandas das Forças Armadas dos EUA em atuação no Jardim Municipal de Angra do Heroísmo, 1962.

Fonte: *Diário Insular*, Ano XVII, n.º 4850, 15 de maio de 1962.

Muitos dos artistas que pisaram o solo açoriano, fizeram-no no âmbito do projeto norte-americano de dinamização e animação das tropas, no sentido patriótico e de proximidade ao que se fazia nos EUA — na terra natal — trazendo-lhes um pouco das suas vivências, da sua cultura e dos seus costumes, tão díspares dos hábitos rurais terceirenses. É o que podemos verificar nas imagens que se seguem:



Figura 67 - *Duke University USO Show, Lajes Field, 1956.*

Fonte: Col. Particular.

³⁴² *Diário Insular*, Ano XVII, n.º 4850, 15 de maio de 1962.

A imagem antecedente retrata um espetáculo realizado em 1956, na Base das Lajes, no âmbito do projeto de animação das tropas deslocadas em Bases militares, ou seja, a USO (United Service Organizations). Esta organização, criada em 1941, promovia eventos em Bases militares para dinamização e entretenimento dos deslocados e das suas famílias³⁴³.

De igual modo, como se verifica na imagem seguinte, o periódico norte-americano, *Crossroads*³⁴⁴ dá nota da vinda, à ilha Terceira, de Patsey Rees, uma artista colaboradora da organização USO.



Figura 68 - USO Entertainer (United Service Organizations), 1964.

Fonte: *Crossroads*, vol. III, n.º 11, 4 de dezembro de 1964.

Quantos habitantes da ilha terão assistidos a concertos e espetáculos que, à partida, nunca imaginaram ver? Quantos músicos terceirenses se inspiraram nos novos ritmos que se ouvia no Campo das Lajes? O certo é que muitas novas bandas locais emergiram na ilha, atendendo e incorporando, nos seus sons, a influência norte-americana, que trazia em si um misto de cultura e de magia. A predisposição dos terceirenses para as artes cénicas e musicais avolumou-se com o mimetismo proporcionado pelas estrelas americanas.

³⁴³ Veja-se, por exemplo, Paula, Reversion (2013). Este refere, no seu artigo, a origem da USO e a forma em como esta foi presença assídua em Fortaleza, Brasil, no período da Segunda Guerra Mundial, em consequência da Base militar norte-americana ali instalada.

³⁴⁴ *Crossroads*, vol. III, n.º 11, 4 de dezembro de 1964



Figura 69 - Banda AeroJazz.

Fonte: Col. Particular.

Contratam da Graciosa minha avó e meu pai para formarem outras bandas. Uma delas era o “Aerojazz”, tocavam para os americanos, tocavam Jazz e outras músicas e por aí fora, durante os anos 50... (cf. Anexo XI - Testemunhos -testemunho 2).

Pedro, 64 anos.

O testemunho anterior, é ilustrativo e descritivo da fotografia supra, sendo esta imagem pertença de um entrevistado que partilhou connosco as suas memórias, enquanto artista e descendente de artistas, que experimentaram, em primeira mão, as reviravoltas musicais trazidas pelos norte-americanos e que marcou a sua performance, e o seu novo modo de fazer música, traduzindo-se nos primórdios da presença do Jazz na ilha Terceira que, ainda hoje, cultiva este género musical através de festivais e eventos que lhe são dedicados.

O certo é que a música também foi uma forte contributo para o estreitamento das relações e interação entre estrangeiros e terceirenses, unidos pela paixão e cumplicidade pela música, como podemos ver no testemunho seguinte:

Era raro o grupo aqui da Praia que não tinha um ou dois americanos a tocar, havia bandas lá dentro [Base] com americanos a tocar, (...) aliás, havia uma envolvimento naturalíssima entre portugueses e americanos (cf. Anexo XI -Testemunhos - testemunho 2).

Pedro, 64 anos.

Havia uma interação entre comunidades, pela partilha de culturas, de gostos e tradições. Curiosamente, esta partilha não se ficou, somente, pelo sexo masculino, havendo também marcantes intervenções femininas, como atesta o seguinte exemplo: *The organizer and long-time director of the Dependent Schools Choral groups, Miss Zabilka is also a community stalwart in promoting Portuguese and American music appreciation and the culture of the Azores*³⁴⁵.

Gladys Zabilka, foi realmente um elo de ligação entre as duas comunidades em termos culturais e musicais. Durante algum tempo foi maestrina da Filarmónica União Praiense, levando esta filarmónica em digressão por várias ilhas do arquipélago, divulgando a música que se fazia na ilha Terceira nos anos 60. Nas imagens que se seguem, podemos verificar a participação da maestrina Gladys Zabilka nas atuações da Filarmónica União Praiense, no ano de 1961.



Figura 70 - Maestrina da Filarmónica União Praiense, 1961.

Fonte: Arquivo Foto Irís.

A Filarmónica União Praiense, uma das maiores maestrinas que teve, foi a Miss Zabilka, que era uma professora da Base das Lajes, que era a maestrina aqui da Filarmónica. Há uma grande viagem que ela faz com a Filarmónica, para S. Jorge e Faial... (cf. Anexo XI -Testemunhos - testemunho 2).

Pedro, 64 anos.

Mas para além dos norte-americanos participarem a atuarem com portugueses e trazerem atrações estrangeiras que de alguma forma eram divulgadas e acessíveis aos terceirenses, também sucedeu que vários grupos musicais da ilha tiveram oportunidade

³⁴⁵ *Crossroads*, vol.II, n.º 6, de 1 de junho de 1963.

de subir ao palco da Base e dos seus clubes, associando, nos instrumentos, portugueses e norte-americanos, como já vimos e como estes testemunhos confirmam:

Sempre gostei de música, comecei a tocar com 13 anos. Há noite íamos tocar num café e os americanos iam para lá. Ganhávamos mais em gorjetas que um mês a trabalhar [risos].... Comecei a cantar na Base, nós tínhamos um grupo, e íamos à Base todos os fins-de-semana... para os Oficiais [Clube] portugueses, para os americanos, para o NCO que era dos sargentos americanos..., portanto “corríamos” os clubes todos... (cf. Anexo X, entrevista VIII – Casamentos, testemunho privilegiado).

Alberto, 69 anos.



Figura 71 - Country Cousins, anos 60.

Fonte: Col. Particular.

Meu pai na altura toca numa banda chamada “Country Cousins” e os músicos cá da ilha tocaram com Bandas americanas de Country Western, no NCO, no Office Club, no Airmen’s Club (...) nós tocávamos na Base... 2 ou 3 vezes, a nossa vida... nós fazíamos um ordenado superior a um chefe de família, só a tocar na Base e cá fora: no Praiense, nos Brancos, no Clube dos Oficiais americanos, no Clube dos Oficiais Portugueses, no Clube dos Sargentos portugueses, no Clube dos Sargentos americanos, Teen Center, fazíamos matiné

também no NCO, como também íamos tocar ao Golfe no antigo Golfe (cf. Anexo XI -Testemunhos - testemunho 2).

Pedro, 64 anos.

O registo iconográfico antecedente, apresenta a Banda *Country Cousins*, descrita no testemunho anterior, a atuar no Clube “Caça e Pesca”, sendo que o guitarrista era norte-americano e os restantes elementos portugueses.

Também, a título de exemplo, a imagem seguinte ilustra a “Banda de Gaita de Foles” que visitou a ilha Terceira, em 1965, e que para além de ter trazido outras sonoridades e instrumentos musicais, também se fez mostrar por outras ilhas do arquipélago.

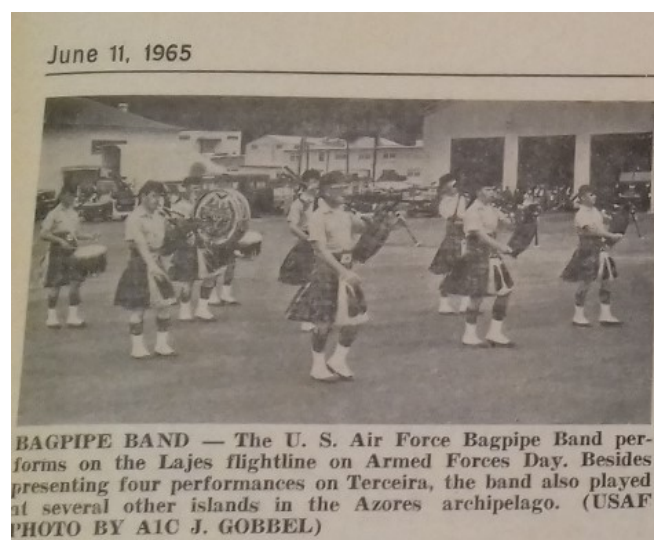


Figura 72 - US Air Bagpipe Band, atuação na Base das Lajes, 1965.

Fonte: *Crossroads*, vol. IV, n.º 7, 11 de junho de 1965.

A referida banda realizou digressões por mais 6 ilhas dos Açores que, pela primeira vez, tiveram contato com esse tipo de atuações e de paradas militares³⁴⁶. Deste modo, a Base das Lajes contribuiu, em alguns casos, para o enriquecimento e lazer das populações do restante arquipélago. Os norte-americanos proporcionavam, pois, momentos e oportunidades culturais muito para além da ilha Terceira. Era uma dinâmica holística estendida a toda o arquipélago, embora a maior incidência se verificasse na ilha onde estavam sediados os militares. A ilha *começa a ser exposta por*

³⁴⁶ Martins, Manuel (2003), p. 82.

*via da base à cultura popular anglo-saxónica, fenómeno particularmente visível na cultura musical*³⁴⁷.

A efervescência dos espetáculos, a novidade das diferentes sonoridades e os novos ritmos contagiantes, alimentados pela presença americana, tiveram uma grande repercussão local.

Como refere Avelino Meneses, os anos 60 caracterizam-se pela *febre dos conjuntos musicais*³⁴⁸ que emergiram pela ilha, como foram os “Flama Comb”; “Os Sombras”; “Os Faíscas”, “Os Bárbaros”, entre tantos outros³⁴⁹.



Figura 73 - "Os Faíscas".

Fonte: Col. Particular.

A fotografia apresentada foi cedida pelo guitarrista dos “Faíscas” e, pela sua explicação, sabemos que esta é uma atuação no NCO (Non-Commissioned Officers Club), sendo a Banda constituída por dois terceirenses e dois norte-americanos. Volta-se a evidenciar a proximidade e as amizades que se foram gerando entre estrangeiros e insulares, em boa parte resultantes do mesmo gosto pela música.

De igual modo, a Banda “Os Sombras”, era constituída por diferentes nacionalidades. Esta Banda, ainda hoje é fortemente lembrada, tendo-se já reunido e voltado a atuar nas festas de verão da ilha Terceira. Hoje podemos encontrar na marginal da Praia da Vitória, uma placa toponímica alusiva a essa memória.

³⁴⁷ Mendes, Armando (2018), p. 238.

³⁴⁸ Meneses, Avelino (2001), p. 104.

³⁴⁹ Santos, João Moreira e Rubio, António (2008), p. 83 e Testemunho 2.



Figura 74 - Placa toponímica na marginal da Praia da Vitória, 2022.

Fonte: Col. Particular.

Na imagem que se segue, de uma atuação dos “Sombras”, e pela memória partilhada, associada a esta fotografia, é sabido, que nesta atuação a vocalista é norte-americana, e a restante Banda, composta por músicos terceirenses.



Figura 75 - "Os Sombras".

Fonte: Col. Particular.

A fotografia seguinte é referente a um jovem, que cedo chegou à Terceira, descendente de artistas e que desde muito novo atuou para os norte-americanos e com os norte-americanos e que até hoje sente que esta interação cultural, muito influenciou a sua própria música e o seu gosto musical:



Figura 76 - Jovem músico, anos 60.

Fonte: Col. Particular.

Quando questionado se sentia que a sua própria música havia sido influenciada pelos norte-americanos da Base das Lajes, a resposta é:

Garantidamente! Porque... as minhas influências, vêm da música anglo-saxónica, não é... e alguma do Fado... na altura havia todo o género de música, desde a clássica à Country Western, Fado e por aí fora (cf. Anexo XI - Testemunhos - testemunha 2).

Pedro, 64 anos.

Outro privilégio que os terceirenses sentiram muito antes do restante arquipélago, foi a facilidade de aquisição de aparelhagens de som e de discos de vinil, através do BX (Base Exchange). Estes continham trabalhos dos mais recentes grupos musicais, sobretudo dos EUA e que faziam furor pelo mundo, pelo que a apetência era enorme, sobretudo entre os mais jovens consumidores deste tipo de artigos. Recorria-se a algum amigo que trabalhava na Base e que comprava a pedido, ou mesmo a algum amigo americano que facilitava a aquisição. No BX podia-se encontrar *a maior oferta discográfica (...) os músicos que tocavam nos clubes da Base tinham igualmente acesso a estas instalações, aí tendo adquirido grande parte das suas coleções discográficas*³⁵⁰.

³⁵⁰ Santos, João Moreira e Rubio, António (2008), p. 75.

A diversidade musical e cultural que se fazia sentir na ilha, impulsionou uma nova forma de estar e de vestir, influenciada pela televisão e pela tendência em copiar os modelos usados pelos artistas estrangeiros:

A rádio americana, a televisão americana, traziam-nos músicas das Américas que nós não tínhamos acesso (...) A Praia, a ilha, graças ao BX, e à rádio americana... isso é assim, para ter uma pequena ideia, lembro-me perfeitamente, isso foi em 69 ou antes... há um grupo de Chicago que lança o Disco numa sexta-feira, na segunda-feira, nós já tínhamos a bobine na rádio americana a tocar. (...) Não quer dizer que estávamos à frente ou atrás, era apenas uma condição (...) a televisão transmitia uma coisa que era o “The Ed Sullivan Show”; o Johnny Carson do Tonight Show; e aí, nós víamos muitas bandas, muita gente... a televisão ajudou-nos, o chamado Channel 8 (cf. Anexo XI -Testemunhos - testemunha 2).

Pedro, 64 anos.

Os artistas locais vestiam-se e imitavam os seus ídolos, copiavam o modo de estar no palco das bandas idolatradas, o seu modo de vestir e até a própria rebeldia. O impacto musical também foi responsável pela difusão de um padrão de moda reivindicando a diferença através de uma pertença identitária decalcada de uma sonoridade³⁵¹. Essas mudanças e influências estão bem patentes neste testemunho:

As calças à boca de sino, as sandálias romanas, essas coisas, era tudo baseado no “Peace and Love” e “por aí a fora” ... a moda dos “Hippies”, era toda trazida pelos americanos, pelos Beatles, os fatinhos, a bota à Beatles, tudo isso foi através da música, e a música em si traz também a moda. E nós aqui, comprávamos muita roupa na Base.

Eu lembro-me de ter desembarcado uma vez na Graciosa (...) e lembro-me que quando eu ponho o pé no porto, há um silêncio incrível e há uma voz que diz: “O que é aquilo?” [risos]. De facto, era isso, a roupa que nós vestíamos era uma coisa horrível, e incrível ao mesmo tempo, era brilhante, tudo, destoante do resto da ilha [risos], os coletes com franjas e nós andávamos

³⁵¹ Pappámikail, Lia (2011), “Juventude: entre a fase da vida e o tempo de viver”, In José Mattoso (dir.) *História da vida privada em Portugal. Os nossos dias*. Temas e Debates. Círculo de Leitores p. 222.

com isso na rua todos os dias, quer dizer... A Praia era um mundo, não tem nada a ver, era um mundo à parte das outras ilhas (cf. Anexo XI, testemunha 2).

Pedro, 64 anos.

Como se comprova, o acesso às compras na Base (no BX), onde chegava todo o tipo de produtos vindos diretamente dos EUA para os militares americanos, e a que muitos terceirenses tinham acesso, constituía uma marca distintiva de quem vivia nas proximidades, de quem trabalhava na Base e de quem contactava com americanos. Na ilha, facilmente se vestiam como “americanos”, com a indumentária do estilo *Hippie*, coisa que não existia na maioria do comércio local: surgem as calças à boca de sino, as saias curtas, o poliéster, a maquiagem, novos penteados... há toda uma influência na maneira de ser, de estar, inclusive da própria aparência. Como refere Sophie Body-Gondrot e Kristina Orfali *O “modelo americano” cola-se pelo processo de apropriação: a modulação leva a melhor sobre a modelização*³⁵². O português deixa-se contagiar pelo que é “americano”, pelo *american way of life*, como descrito pela septuagenária norte americana sediada na Base das Lajes nos anos de 60/70:

I think we brought our lifestyle with us...which changed a lot of things for them [risos]... I mean, they liked our lifestyles (cf. Anexo VI, entrevista I – Pais adotivos).

Mary, 77 anos.

A música destacou-se como pretexto de convívio e como veículo de influências culturais, fazendo ecoar novos sons entre a sociedade terceirense, inspirando músicos e marcando a forma de vestir, de atuar e de estar. As lojas da Base permitiram o acesso a produtos e a vestuário que não existiam no comércio local e que começam a ser presença nas residências de muitas famílias terceirenses, das mais abastadas às da classe média e, sobretudo, entre os trabalhadores da Base.

O Cinema *Azoria* (edifício com sala de cinema e espetáculos, construído ainda pelos ingleses, em 1944, com cerca de 1200 lugares sentados³⁵³), e os Clubes dos

³⁵² Body-Gondrot, Sophie e Orfali, Kristina (1991), “Modelos estrangeiros”, In Phillipe Ariès e Georges Duby (dir.) *História da Vida Privada*, Vol. 5, Porto: Edições Afrontamento, p. 542.

³⁵³ Mendes, Armando (2018), p. 235.

Oficiais e dos Sargentos, também foram palco de várias atrações e espetáculos, nos quais chegaram a participar jovens terceirenses. Eram oportunidades únicas e privilegiadas!



Figura 77 - Cinema Azoria, anos 60.

Fonte: Col. Particular.

O cinema *Azoria* conseguia proporcionar oportunidades de assistir a estreias a nível internacional, o que constituía uma experiência de grande impacto cultural para a comunidade insular.

*grande e romântico (...) tinha estreias mundiais – como em nenhum outro sítio dos Açores —, gerando à porta filas de tal ordem que muitos funcionários portugueses saíam do trabalho a correr, iam a casa tomar duche e, ao regressar, já não conseguiam arranjar bilhete*³⁵⁴.

Fruto da presença americana e graças à disponibilização deste auditório e cinema, muitos terceirenses puderam assistir à projeção de filmes e a espetáculos que muito enriqueceram a sua vivência cultural. Estas eram importantes experiências que representavam uma evolução na qualidade de vida dos insulares, acrescida de novas descobertas, de novos relacionamentos e de cruzamentos civilizacionais. O cinema instiga novos comportamentos, adaptação de modas e estilos. A influência “holliwoodiana” fez-se sentir no ilhéu açoriano³⁵⁵. O cinema, foi difusor de cultura e de ideologia em termos internacionais. Como sublinha Giulia Carluccio, *os anos de*

³⁵⁴ Neto, Joel (2020), p. 55.

³⁵⁵ Silva, Susana Serpa (2011), “Sonhos e ideais de vida. Sonhos privados/sonhos globais”, In José Mattoso (dir.) *História da vida privada em Portugal. A Época Contemporânea*. Temas e Debates. Círculo de Leitores, p. 401.

*Roosevelt coincidem portanto com uma forte retoma da indústria do espetáculo (...) a transição para o sonoro, consegue exportar e divulgar os seus produtos, mas também a sua influência cultural e ideológica (...) o impacto que a produção dos Estados Unidos exerce a nível internacional não tem qualquer precedente*³⁵⁶.

Esta influência chegou, igualmente, à ilha Terceira em consequência da existência da Base das Lajes e pelo acesso ao seu cinema. No escuro da sala, as gentes da ilha vislumbravam novas “luzes” e horizontes, aprendendo e conhecendo o típico *american way of life*.

Todavia, os valores morais incutidos pelo cinema eram uma preocupação manifesta da Igreja por esta arte corromper e influenciar negativamente os bons costumes instituídos pelo catolicismo dominante e pela ideologia do regime. Não fora por acaso que, ainda nos anos de 30, tinha sido criado o Secretariado do Cinema e da Rádio, visando a regular e/ou censurar toda a produção e consumo cinematográfico³⁵⁷.

O “problema” é que os anos 60 foram anos de grande agitação social, de confrontos geracionais e de verdadeira revolução da juventude, com novas manifestações de liberdades. Ora, essas transformações também se fizeram sentir na indústria cinematográfica envolvendo mudanças no conceito de privacidade e na exposição, na “grande tela”, do que até então era censurado e do foro íntimo, rompendo-se barreiras e espondendo-se à audiência, influenciando as grandes massas³⁵⁸. Podia-se admirar a mescla de rebelião e sexualidade desinibida de estrelas de cinema como Marlon Brando e James Dean. O decénio de 60 é um período de intensa criatividade manifesta nas artes cinematográficas.

É comum no discurso e nas memórias de ex-trabalhadores, sob o comando dos norte-americanos, a referência a jantares, festas nas casas portuguesas, a amizade e partilha, como podemos ler no testemunho seguinte:

Os americanos gostavam tanto de vir às nossas festas, as nossas tradições... havia maneira de termos um porquinho para se criar... eles gostavam de vir às nossas matanças.... Acabávamos por ser todos amigos e por conviver... entre portugueses e americanos (...) a gente conhecia bem os

³⁵⁶ Carluccio, Giulia (2019), “O cinema americano clássico, 1930-1960. Evolução e declínio do “studio system”, In Paolo Bertetto (dir.), *Uma história do cinema*. Lisboa: Texto e grafia, pp. 107-108.

³⁵⁷ Rosas, Fernando (coord) (1992), p. 245.

³⁵⁸ Moraes, Ana Bela e Duarte, José (2021) “O novo cinema americano”, In Nelson Araújo (coord.) *História do cinema*. Lisboa: Edições 70, p. 316.

americanos, eles estavam sempre aqui perto da gente (cf. Anexo IX, entrevista X – Casamentos, testemunha privilegiada).

Gabriel, 85 anos.

Abriram-se as portas terceirenses para receber os americanos que, deslocados da sua pátria, sentiram necessidade de convívio e de acolhimento, o que não era difícil no exíguo meio insular. Por outro lado, era prestigiante e estimulante para os terceirenses conviverem e receberem norte-americanos nas suas casas e festas. Muitas destes convívios acabaram selados por namoros e casamentos. Quantas portuguesas vêm no norte-americano uma oportunidade de uma vida melhor? Havia vários espaços na ilha onde portugueses e norte-americanos podiam conviver, podiam conhecer-se e traçar os primeiros laços relacionais que poderiam evoluir para algo mais que uma simples amizade.



Figura 78 - Baile em Santa Rita, pelos anos 1966-1970.

Fonte: Col. Particular.

A foto anterior, evidencia a convivência que existia entre jovens militares e jovens raparigas terceirenses. Esta fotografia foi cedida, amavelmente, por uma das frequentadoras dos Bailes em Santa Rita, localidade nas imediações da Base das Lajes, a qual nos explicou ser frequente a realização destes convívios sociais, onde rapazes e raparigas se conheciam e muitos se apaixonaram e acabaram por casar. Os bailes e as festas eram pontos de encontro e, até, de futuros compromissos mais sérios.

Nos registos iconográficos que se seguem, podemos igualmente verificar os convívios e interação entre insulares e forasteiros:



Figura 79 - Convívio entre portugueses e militares norte-americanos, Bar da Riviera, Praia da Vitória, 1961.

Fonte: Arquivo Foto Íris.

Também as festividades locais eram apreciadas e integradas pelos norte-americanos, apesar de refletirem usos e costumes desfasados das tradições estrangeiras. Mas, com alguma facilidade os de fora acabavam por participar, nas festas e como se fossem naturais da ilha.

Pela análise da missiva datada de 8 de agosto de 1969, dirigida por Ulysses S. Grant³⁵⁹, engenheiro civil na Base das Lajes, a Charles Fellows, que será deslocado para a ilha Terceira, podemos ler alguns indicadores da relação existente entre comunidades: *We enjoy excellent relations with the people of the area, and you will be welcomed and encouraged to participate in the local events and recreation activities* (cf. anexo I).

Esta afluência e interesse pela cultura local, parece-nos prática comum e incentivada pelas autoridades norte-americanas aos seus militares sediados em bases estrangeiras. Pela análise do estudo de Edinaldo Nunes Filho, também é descrita a participação dos militares nas festas em honra do Divino Espírito Santo de Amapá, Brasil, e o modo em como estas festas religiosas e o divertimento inerente eram um meio de interação entre locais e estrangeiros, comprovando-se o respeito pela cultura do país hospedeiro³⁶⁰.

Na ilha Terceira, a presença de norte-americanos nas touradas à corda era uma constante. Estas touradas eram e ainda são uma das tradições mais populares da ilha, resultando de uma prática desportiva muito antiga e de origem mediterrânica. O gosto

³⁵⁹ O nome do engenheiro Ulysses S. Grant é homónimo ao do famoso general e presidente norte-americano do século XIX, mas o documento em que nos baseamos parece genuíno e não um pseudónimo (cf. Anexo I – Fontes documentais). O documento foi-nos facultado por um familiar de Mr. Charles Fellow.

³⁶⁰ Nunes, Edinaldo, Filho (2014), p. 316.

pelo toureio terá sido introduzido, nas ilhas, pelos povoadores vindos do continente, mas foi na Terceira que as touradas se implementaram fortemente, desde os alvares do século XVII, associadas às Festas em honra de S. João. Faziam-se, assim, corridas de touros (diferentes das touradas de praça), com os animais presos por uma corda e este costume manteve-se ao longo dos tempos³⁶¹. Por todo o século XX, este tipo de tourada era um divertimento popular terceirense, decorrendo sobretudo no verão e fazendo reunir multidões, nas freguesias locais, para assistirem ao evento e conviverem. A presença de norte-americanos era muito frequente, não só para assistirem, mas também para participarem, correndo e desafiando os portentosos touros. Alguns militares eram convidados por colegas portugueses, a fim de integrarem a festa, mas outros surgiam espontaneamente, sobretudo quando a tourada se realizava nos limiares da Base das Lajes.



Figura 80 - Tradicional tourada à corda.

Fonte: BPARLSR - Angra do Heroísmo - Espólio fotográfico de Raúl Diniz Forjaz, 1943-1946.

Pelas fotografias anteriores, podemos visionar vários militares nas típicas touradas à corda. Muitos arriscavam-se bastante, aproximando-se em demasia para divertimento dos locais. Era comum comentar-se o número de americanos que eram, frequentemente, “pegados” pelo touro:

Gostavam muito, mas chegavam-se muito para o pé deles [touro], era “marrada medonha” [risos]. Depois o Comando Americano avisava-os. Na tourada do areal, o areal era mais pequeno, o touro saía e quase sempre ia para a água, e o americano ficava sempre com a máquina [fotográfica] e queria tirar

³⁶¹ Lopes, Frederico (João Ilhéu) (2003), *Notas Etnográficas*, 2.^a edição, Angra do Heroísmo, IHIT, pp. 305-310.

fotografias ao toiro, lembro-me de um que foi para a água com máquina e tudo... (cf. Anexo X, entrevista XVIII- Casamentos, testemunho privilegiado)

Ricardo, 84 anos.

No jornal norte-americano *Crossroads* são várias as referências à participação dos militares estrangeiros nas festividades da ilha, quer seja em festas de foro profano, como em festas religiosas. Das principais festividades terceirenses há a destacar, para além das touradas à corda, as festas do Espírito Santo (culminando no Bodo); o Carnaval; as festas concelhias e de freguesia em homenagem ao Santo Padroeiro... Em todas elas era manifesta a participação, o respeito e a divulgação entre os norte-americanos.

Eles respeitavam as nossas tradições e as nossas festas, ainda me lembro de uma procissão aqui na Praia, muito bonita! Diziam que era a procissão das meninas, era muito bonita, era a primeira comunhão. E os americanos respeitavam, vinham ver e até tiravam fotografias (...) Tinham uma cultura diferente, mas respeitavam a nossa (cf. Anexo X, entrevista XVIII- Casamentos, testemunho privilegiado).

Ricardo, 84 anos



AT HOME WITH A PORTUGUESE CART—Three youngsters enjoy the novelty of sitting on a cabbage-loaded Portuguese cart in the Officers' Open Mess Lisbon Room. From left: Jon LeBailly, 5, son of Brig. Gen. and Mrs. E. B. LeBailly; Ted McCallson, 5, and his sister Julie, 7, son and daughter of Capt. and Mrs. Gaylord A. McCallson. The occasion is the Officers' Wives Club January luncheon, which featured an ox cart motif.

Figura 81 - "Carro de toldo" decorado, celebração religiosa do Bodo, 1963.

Fonte: *Crossroads*, vol. I, n.º 22, 25 de janeiro de 1963.

Como a fotografia testemunha, a tradição do Bodo penetrou no perímetro da Base, para o Clube de Oficiais, onde foi mesmo exposto o Carro de Bois e o respetivo toldo de vimes, todo decorado. *O Bodo constitui um ajuntamento dominical da comunidade, que usualmente se aglomera no largo da igreja, muitas vezes acomodada em carros de bois cobertos de toldos brancos*³⁶². O branco dos toldos resultava das colchas de linho que cobriam o toldo de vimes e que eram, muitas vezes, enfeitadas com ramos de verduras. Uma vez mais, nota-se a aproximação dos estrangeiros em relação à comunidade local e às suas manifestações culturais.

A fotografia que se segue ilustra o típico “Carro do Toldo” (vulgo “Carro do Bodo”), permitindo comparar o que foi exposto no Clube americano com os que, efetivamente, eram utilizados das comemorações do Espírito Santo na própria freguesia das Lajes.



Figura 82 - Festividade religiosa do Bodo, Lajes, Terceira.

Fonte: Junta freguesia da Vila das Lajes.

As festividades atraíam, pois, os norte-americanos que procuravam vivê-las e participar, como é recordado no testemunho seguinte:

³⁶² Meneses, Avelino (2001), p. 117.

Aí em 57, 58 (...) fazia-se o Cortejo de Oferendas, aqui na Praia, e vinha “gente” de todas as freguesias com os seus carros enfeitados, e os americanos também vinham [risos], eles gostavam de participar nas nossas tradições.... Então lembro-me de um ano, o carro dos americanos vinha enfeitado de dólar [risos] (cf. Anexo X, entrevista XX – Casamentos, testemunho privilegiado).

João, 74 anos.

O Carnaval, celebrado igualmente na ilha Terceira, com manifestações muito típicas, como as danças e os bailinhos de Entrudo, também chamava a atenção dos americanos. A visita de uma Dança de Carnaval à Base das Lajes, em 1965, representou mais uma forma de acolhimento e interesse manifestado pelos militares, em relação aos costumes locais. São provas de interculturalidade entre povos diferentes, sendo que este evento, ao que parece, era semelhante a tradições de Nova Orleães, no EUA³⁶³.



Figura 83 - Dança de Carnaval a atuar para o destacamento americano, 1965.

Fonte: *Diário Insular*, Ano XX, n.º 5679, de 21 de março de 1965.

Além de chamarem ao *Lajes Field* as tradições locais, os norte-americanos publicavam, no seu jornal, notícias dos acontecimentos terceirenses — que publicitavam entre os seus conterrâneos — como as festas de S. João, realizadas na cidade de Angra do Heroísmo, aqui retratadas no ano de 1966, com a ilustrativa imagem

³⁶³ *Diário Insular*, Ano XX, n.º 5679, de 21 de março de 1965.

da “Rainha das Festas”. Curiosamente, este tipo de figura, de cariz alegórico-simbólico, assemelha-se também a algumas tradições norte-americanas.



Figura 84 - "Rainha das festas" de S. João, Sanjoaninas, Angra do Heroísmo, 1966.

Fonte: *Crossroads*, vol. V, n.º 9, 1 de julho de 1966.

Para além dos exemplos já mencionados, muitos outros podiam ser referenciados quanto à envolvimento da comunidade estrangeira nas tradições e costumes da ilha de acolhimento. Esta envolvimento estendia-se para além da ilha Terceira, pois, afinal, esta fazia parte de um arquipélago — os Açores — em relação ao qual a administração norte-americana tinha grande interesse.

Uma das maiores festas de foro religioso, nos Açores, são as festas em honra do Senhor Santo Cristo dos Milagres, celebradas em S. Miguel e ocorrendo impreterivelmente no quinto domingo depois da Páscoa. Na grande procissão, que percorre as principais artérias da cidade de Ponta Delgada, era e é comum a participação de várias autoridades e entidades representativas de instituições públicas e privadas, que prestam homenagem ao Senhor Santo Cristo. Em 1966, por exemplo, os norte-americanos fizeram-se representar como entidade integrante dos Açores, como podemos comprovar pelo recorte do *Crossroads* que se segue:

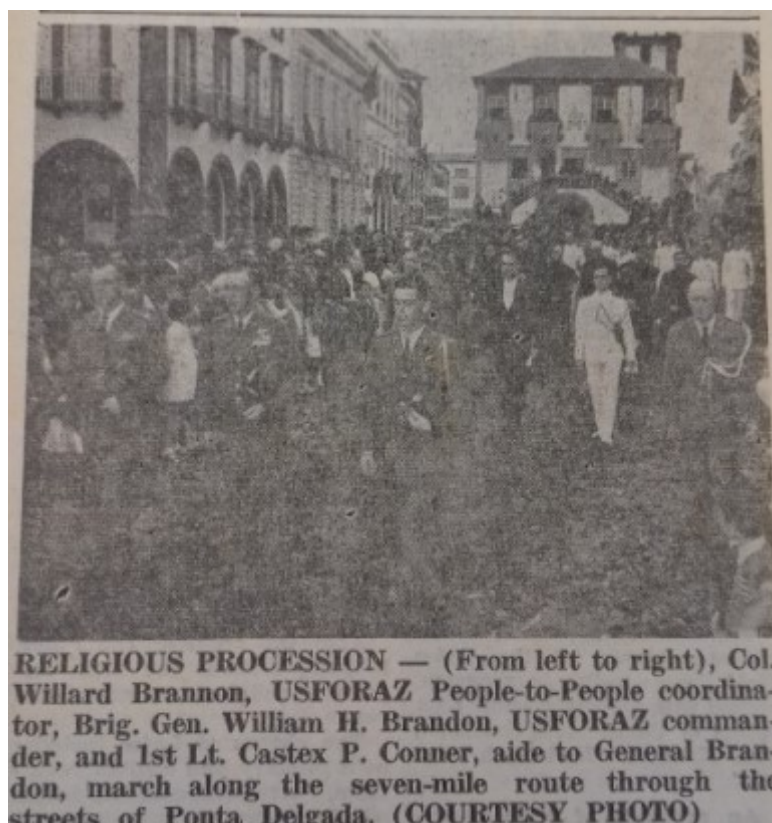


Figura 85 - Procissão do Senhor Santo Cristo dos Milagres, Ponta Delgada, 1966.

Fonte: *Crossroads*, vol. V, n.º 7, 3 de junho de 1966.

Por seu turno, a Base das Lajes abria as suas portas, os seus bens e serviços à comunidade local, sendo exemplo disto o “Dia de Apreço à Comunidade”, comumente reconhecido como o dia da “Entrada Geral”.



Figura 86 - "Entrada Geral", Base das Lajes, 1957.

Fonte: Arquivo Foto Íris.

Este era um evento anual, que gerava grande expectativa entre os terceirenses, bem como uma manifesta adesão, como podemos ver nos registos fotográficos

anteriores. No “Dia de Apreço à Comunidade”, a população local podia entrar no perímetro da Base e vivenciar experiências diferentes e únicas, como por exemplo, assistir a espetáculos aéreos de aviões e paraquedismo, espetáculos musicais, paradas militares, jogos, passeios de avião e de barco realizados no porto da Praia da Vitória, refeições típicas dos EUA, como o desusado *fast food*: *hamburguer*; *hot dog*; *corn dog*, Coca-cola... e que tão vivamente se encontra na memória da comunidade, como podemos confirmar na partilha que se segue:

Lembro-me também da “Entrada Geral”, ia a ilha inteira nesse dia para a Base, tinha aqueles jogos, era tão divertido. Da nossa casa íamos todos, era jogos, era comida, aqueles “cachorros espetados num pauzinho” [corndog] ... chocolates... e os aviões a fazerem aquelas coisas no céu... a gente chegava a casa quase que não dormia (cf. Anexo X, entrevista XIII- Casamentos, testemunho privilegiado).

Eduarda, 65 anos.

Por parte dos norte-americanos este era o testemunho deste dia: *This celebration (...) gives all the Americans stationed at Lajes Field an opportunity to repay the wonderful hospitality afforded us by the portuguese*³⁶⁴. Por conseguinte, tratava-se de uma forma de agradecimento pela hospitalidade portuguesa e, também, de um meio de cooperação entre nações. Assim o confirmava o *Diário Insular*, ao afirmar que no *gigantesco dispositivo das Lajes (...) produto de uma cooperação internacional na terra portuguesa desta ilha, a festa – uma vez mais – traduziu-se em feliz expressão mútua de duas nações (...) esteve patente à curiosidade do público uma exposição de aviões americanos*³⁶⁵.

Curiosamente, aquando do evento, o jornal norte-americano era publicado em formato bilingue (inglês e português), tornando-se mais acessível à população em geral. Neste periódico também era divulgado o programa das atividades e das principais atrações que o abrilhantariam, conforme apresentamos em seguida.

³⁶⁴ *Crossroads*, vol. V, n.º 6, 21 de maio de 1966.

³⁶⁵ *Diário Insular*, Ano XVII, n.º 4829, 13 de maio de 1962.

PROGRAMA

10 a. m. — 3 p. m. — Open House (Ramp)
10 a. m. — 10:30 a. m. — Music by Portuguese Air Force Band
10:30 a. m. — 11 a. m. — Official Opening Ceremony
11 a. m. — 11:30 a. m. — Bagpipe Band Demonstration
11:30 — Noon — Golden Knights Parajump
1:30 p. m. — 2 p. m. — Fire Fighting Equipment Demonstration
2 p. m. — 3 p. m. — Portuguese Band Concert
6 p. m. — Close

Port of Praia Activities

11 a. m. — 5 p. m. — Open House
11 a. m. — 5 p. m. — Boat Rides
2 p. m. — 3 p. m. — Bagpipe Band
3 p. m. — 3:30 p. m. — Pararescue Jump
5 p. m. — Close Area * * *

10.00 — 10.30 horas — Música pela Banda da Força Aérea Portuguesa
10.30 — 11.00 horas — Cerimónia inaugural
11.00 — 11.30 horas — Audição por uma banda de gaiteros
11.30 — 12.00 horas — Paraquedismo pelos Cavaleiros Dourados
13.30 — 14.00 horas — Demonstração pelos Serviços de Extinção de Incêndios
14.00 — 15.00 horas — Concerto pela Banda da Força Aérea Portuguesa
15.00 horas — Encerramento

Porto da Praia da Vitória

11.00 — 17.00 horas — Entrada livre
11.00 — 17.00 horas — Passelos marítimos
14.00 — 15.00 horas — Audição por uma banda de gaiteros
15.00 — 15.30 horas — Salto em pára-quedas
17.00 horas — Encerramento.



CAVALEIROS DOURADOS — Uma das muitas manobras dos Cavaleiros Dourados é unir mãos durante a sua queda livre, antes de abrirem os pára-quedas. Os Cavaleiros, que são vistos por mais de três milhões de espectadores numa época normal de 6 meses, serão hoje um dos grandes atractivos das comemorações do Dia das Forças Armadas.

GOLDEN KNIGHTS — One of the many maneuvers of the U. S. Army's Golden Knights is joining hands during their long plunge earthward before opening their parachutes. The Knights, who perform before more than three million people during a typical six month period, will be one on the feature attractions during today's Armed Forces Day activities.

Figura 87 - Programa do Evento, 1965.

Fonte: *Crossroads*, vol. IV, n.º 6, 29 de maio de 1965.

Este era um dia dedicado e preparado minuciosamente para a comunidade de acolhimento das forças estrangeiras. Incluía-se no jornal, de igual modo, o mapa de acesso aos espaços dedicados ao evento, conforme imagem seguinte.

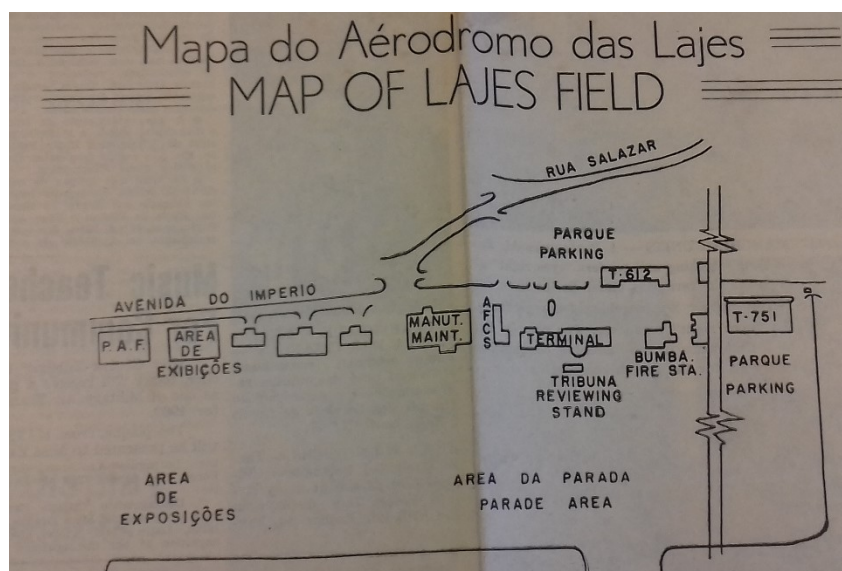


Figura 88 - Mapa da Base das Lajes com a localização dos vários recintos e espaço de animação, 1963.

Fonte: *Crossroads*, vol. II, n.º 6, 1 junho de 1963.

Pelo que tivemos oportunidade de referir, o impacto cultural da presença norte-americana junto da população terceirense foi considerável, quer no tocante à sétima arte, quer em termos musicais, na linguagem, nos costumes e no vestuário. Os militares estacionados na Terceira, proporcionaram à comunidade local novas oportunidades, novas experiências e vislumbres de um horizonte muito maior do que o circunscrito a uma pequena ilha com importância geoestratégica, no Atlântico Norte, mas rural e muito fechada.

Foi evidenciado ao longo deste breve descritivo o respeito e envolvimento dos estrangeiros nas festividades, nos usos e costumes da ilha, bem como a sua predisposição em conviver com a comunidade de acolhimento, demonstrado no “Dia de Apreço à Comunidade”. O testemunho, abaixo, é uma síntese do que acabamos de relatar, resultando da memória de um norte-americano estacionado no *Lajes Field* na década de 60, 70:

We left a new culture in the island, but we also learned a new culture...We all learn a new way of life. We had to adjust what we had. We had a lot of changes when we went to Azores (cf. Anexo VI, entrevista I – Pais adotivos).

Mary, 77 anos.

No decurso dos anos foi inegável o impacto social e de interajuda à comunidade terceirense. Ao longo das várias entrevistas realizadas a diferentes públicos e de diversas faixas etárias, o espírito de interajuda dos norte-americanos foi sempre patenteado, quer pelo auxílio às famílias mais carenciadas nas mais variadas formas, quer ao nível do apoio a famílias afetadas pelos desastres naturais que assolaram a ilha, e mesmo outras ilhas do arquipélago. Os entrevistados assinalam, amiúde, os apoios concedidos aos Orfanatos (para crianças e jovens), a Lares de Idosos, bem como a corrente de solidariedade dos Clubes das esposas dos militares estacionados na Base, acrescidos do apoio às empregadas domésticas ou a diferentes entidades, inclusive no campo da saúde. Esta realidade ficou bem viva entre o povo terceirense e açoriano, em geral, como sublinha este testemunho:

Não há uma única coisa que possamos pensar “Ah! mas não deram isso...” mas na minha opinião não houve nada que eles não dessem... deram

rigorosamente tudo (cf. Anexo X, entrevista XVI - Casamentos, testemunho privilegiado).

Domingos, 60 anos.

Como já tivemos oportunidade de anotar, era recorrente o recurso ao programa *People-to-People*. Este era um programa de solidariedade social que subsidiava grande parte dos apoios concedidos pelos norte-americanos à população insular.

*A good example (...) is the San Rafael Hospital. The patient there rehabilitated equipment provided by the People-to-People program (...) there are many similar examples throughout the entire area covered by this program (...) At Lajes, almost every organization, both official and unofficial, are represented on the People-to-People committee.*³⁶⁶

Um grande número dos testemunhos orais salienta os benefícios da presença americana em termos de solidariedade e princípios humanitários, quando, para mais, além da pobreza insular, os temporais e as catástrofes naturais eram recorrentes³⁶⁷.

Mas não só de apoio e força braçal, serviços e maquinaria era efetivada a solidariedade norte-americana, também em géneros, realojamentos, apetrechamento dos recheios das habitações dos desalojados, na recuperação dos bens dos sinistrados³⁶⁸.

Constata-se o reconhecimento da população terceirense pela ajuda dos estrangeiros sediados na Base das Lajes, um sentimento de gratidão, como demonstrado pela partilha seguinte

(...) digamos que se não fossem os americanos, éramos como as outras ilhas.... Éramos pobrezinhos como as outras ilhas eram... (cf. Anexo X, entrevista VIII- Casamentos, testemunho privilegiado).

Alberto, 69 anos.

³⁶⁶ *Crossroads*, Vol. V, n.º 8, 17 de junho de 1966.

³⁶⁷ Cf. Anexo IX, entrevista IV – Testemunha privilegiada.

³⁶⁸ cf. Anexo X, Entrevista XV – Casamentos, testemunho privilegiado.

Também os serviços de saúde e de apoio à infância desvalida da ilha, entre outras instituições, foram abraçados pela solidariedade norte-americana, com bens e equipamentos inacessíveis, como nos retrata a memória que se segue:

Nossa Senhora do Livramento [Lar de Acolhimento Residencial] beneficiou muito dos americanos. As Mónicas [Residência Geriátrica, Recolhimento Jesus Maria José], a Santa Casa de Misericórdia beneficiou... O RX do hospital da Praia que não trabalhava, os americanos é que ofereceram RX, os americanos ofereciam macas para o hospital (...) Santa Casa, aos Lares, à Casa de Saúde de S. Rafael, também beneficiou... Toda a gente beneficiou com os americanos (cf. Anexo X, entrevista XX – Casamentos, testemunho privilegiado).

João, 74 anos.

A solidariedade social norte-americana, foi uma dinâmica que influenciou e abrangeu toda a ilha, de forma generalizada. Era uma ajuda transversal, atuando em diferentes frentes.

Para finalizar, este testemunho feminino reflete bem a própria inovação e transformação que a sociedade terceirense sofreu graças à instalação da Base das Lajes e, com ela, à presença dos norte-americanos:

Eu vivi muito, tive muitas vivências com os americanos, aprendi muito com eles. “Abri muito os olhos”, eles quando chegaram a gente era uns “desgraçadinhos” sem saber nada [risos]. Por isso é que sou assim “toda para a frente”, porque estou habituada ao desassossego dos americanos [risos]... vivi muitas coisas com eles... aprendi muito! A convivência ensinava muito, e a minha casa era uma porta aberta para toda a gente... sempre tive americanos nesta casa, para dentro e para fora (...) Eu dava-me muito com eles (...) eles mostraram-me muita coisa, frequentei a casa deles, ia às festas deles... (cf. Anexo X, entrevista XII – Casamentos, testemunho privilegiado).

Paula, 77 anos.

A interação e o relacionamento entre as duas comunidades, causou ainda um maior fascínio dos terceirenses e dos açorianos, em geral, pelo “sonho americano”,

gerando mesmo relações de amizade e, em casos específicos, de enamoramento, o que contribuiu para que os locais sentissem os norte-americanos como parte integrante da comunidade insular ou, por outro lado, como um meio para ir ao encontro de uma vida melhor, no lado oposto do Atlântico. Essa nova vida podia ser tanto para as crianças pobres e desprovidas de oportunidades de futuro, como para as jovens casadoiras que procuravam, no matrimônio, prosperidade e estabilidade.

4º Capítulo – Em torno da adoção de crianças terceirenses por casais norte-americanos

As influências da presença norte-americana na ilha Terceira, fizeram-se sentir em vários domínios: económico, social e cultural, motivando mesmo alterações na vida quotidiana dos insulares.

Em termos de impacto social, há a salientar as adoções de crianças açorianas por casais norte-americanos, sediados na Base das Lajes, enquanto realidade social que acabaria por deixar marcas, profundas, na comunidade em geral, ainda que silenciadas por muitos anos.

Esta problemática foi abordada no nosso anterior estudo intitulado *Da Assistência à Adoção: A sociedade perante a infância abandonada. Séculos XIX a XX*³⁶⁹, em que analisamos, de forma mais limitada, pelas restrições inerentes a uma dissertação de Mestrado, as adoções de crianças terceirenses por casais norte-americanos. O nosso primordial intuito era o de comprovar a existência desta prática, uma vez que constituía um verdadeiro tabu entre a sociedade local.

No âmbito do presente estudo, em que nos debruçamos sobre os resultados da presença norte-americana especialmente na ilha Terceira, não só entendemos ser crucial incluirmos esta problemática das adoções, como pretendemos debruçar-nos, com maior profundidade, sobre estes processos, de modo a descortinar melhor os seus contornos e as suas particularidades. Esta abordagem implica uma análise em termos quantitativos e qualitativos, bem como a perceção das razões que motivaram a entrega de crianças a estes casais. Retomamos, de seguida, as principais questões metodológicas que enquadraram a pesquisa de terreno desta parte da dissertação.

No tocante à análise quantitativa, a investigação incidiu em fontes documentais, nomeadamente processos de passaporte existentes no Fundo do Governo Civil da Biblioteca e Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro, em Angra do Heroísmo. No que concerne à análise qualitativa, recorreremos, de forma mais sistemática e aprofundada, às metodologias próprias da História Oral, recolhendo um maior número de testemunhos e correspondentes memórias, numa amostra composta por famílias biológicas, crianças

³⁶⁹ Mendes, Tânia Santos (2017). *Da assistência à adoção: a sociedade perante a infância abandonada (séculos XIX a XX)*, Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, Universidade dos Açores.

adotadas (agora adultos), um pai adotivo e indivíduos externos ao fenómeno, constituindo-se como testemunhas privilegiadas. Face às dificuldades que se colocaram quanto à identificação e localização destas pessoas, importa sublinhar a relevância que assumiram as testemunhas privilegiadas como fonte de informação menos comprometida e, por isso, mais distanciada e imparcial. Por consequência, conseguimos abranger um maior número de narrativas e de representações sociais sobre as adoções em causa e que ocorreram nos anos de 1946 a 1974.

A adoção foi reconhecida juridicamente, como forma de “filiação natural”³⁷⁰, pela Constituição de 1966. Sendo assim, as adoções anteriores a 1966, terão sido muito mais “entregas” de crianças a famílias não biológicas, num quadro em que não existia legislação verdadeiramente reguladora desta prática. Até aqui, previam-se as chamadas perfilhações.

A constituição de 1933, faz apenas referência aos filhos ilegítimos perfilháveis, enquanto constituintes da família, sendo realizada investigação para identificação da sua parentalidade, caso assim fosse necessário, tendo estas crianças todos os direitos parentais associados à sua condição de ilegítimo³⁷¹. Não foi contemplada a possibilidade da adoção enquanto resposta social às crianças abandonadas, órfãs e/ou desvalidas.

Na Proposta de Lei sobre o Estatuto da Assistência Social, de 25 de fevereiro de 1944, podemos ler:

*Havendo família, impõe-se conservar a criança no seu meio familiar, ajudando por todos os meios os parentes a cumprir o seu dever (...) Há quem preconize a entrega de crianças órfãs e abandonadas, na idade pré-escolar, a famílias rurais que as desejem adotar (...) A caridade da nossa gente de aldeia tem sido muitas vezes posta à prova na adoção espontânea e desinteressada dos órfãos dos vizinhos*³⁷².

Atendendo à ideologia do regime, conservadora associada aos valores da família, não se poderia prever um desvio aos bons costumes e à moral da família – o

³⁷⁰ Decreto-Lei n.º 47.344/66, de 25 de novembro, art.º 1586º.

³⁷¹ Constituição de 1933, artigo 12º, alínea 2.

³⁷² Arquivo Parlamentar e Debates Parlamentares, *Diário da Sessão Legislativa*, n.º 48, de 25 de fevereiro de 1944, da Assembleia Nacional, <https://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/03/02/048/1944-02-24/71>.

abandono/entrega de crianças - incentivava-se a caridade de familiares e vizinhos para o amparo de crianças órfãos e/ou abandonadas. Ainda atendendo à explicação de Maria Rosa Tomé, *o Estado novo (con) viveu com um ambiente interno de pobreza absoluta e de exclusão social de uma grande massa populacional, que vivia sob o lema de uma pobreza honrada e nobre, mas fora da visibilidade pública*³⁷³. Na sequência desta explicitação insere-se os casos das “entregas” de crianças terceirenses a casais norteamericanos, pela ausência de legislação reguladora e dos padrões culturais e sociais impostos pelo Estado, mas também pela comunidade de inserção.

Até 1966, eram esses os pressupostos assistenciais à infância, em matéria de abandono, orfandade. Não se punha em causa a possibilidade de uma adoção legítima, visando a natural filiação. Este enquadramento legal, como já assinalado, foi contemplado no Código Civil de 1966, que reconhece a adoção como forma de relação jurídica familiar³⁷⁴, e que a define como sendo o *vínculo que, à semelhança da filiação natural, mas independentemente dos laços do sangue, se estabelece legalmente entre duas pessoas*³⁷⁵.

A adoção para além de ser uma resposta social e de proteção da criança, dando à infância desprovida de laços familiares, a possibilidade de uma família que lhe providenciará o afeto, sustento, educação, contribuindo para o seu pleno e harmonioso desenvolvimento, é de igual modo, uma forma de colmatar o desejo de uma filiação aos pais impossibilitados de uma parentalidade biológica³⁷⁶. Para David Brodzinsky, *Adoption is associated with many rewards and challenges in the lives of children and parents. On the positive side, it offers the prospect of stability, loving care, security, and lifetime family connections for boys and girls whose biological parents are unable to raise them*³⁷⁷.

O Decreto-Lei n.º 47.344/66 de 25 de novembro, prevê, e que se mantém na atualidade, dois tipos de adoção: a adoção plena e a adoção restrita. A adoção plena

³⁷³ Tomé, Maria Rosa (2012), “Justiça e cidadania infantil em Portugal (1820-1978)”. Tese de doutoramento em História Contemporânea pela faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, pp. 154,155.

³⁷⁴ Decreto-Lei n.º 47.344/66, de 25 de novembro, art.º 1576º.

³⁷⁵ Idem, art.º 1586º.

³⁷⁶ Ferreira, Silvia; Pires, António e Salvaterra, Fernanda (2004), “Filho do Coração... Adoção e comportamento parental”, In *Análise Psicológica*, 2 (XXII), p. 399. Disponível em: <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/viewFile/200/pdf>

³⁷⁷ Brodzinsky, David (2011), “Children’s Understanding of Adoption: Developmental and Clinical Implications”, In *Professional Psychology: Research and Practice*, Vol. 42, No. 2, p. 200. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/232541380_Children's_Understanding_of_Adoption_Developmental_and_Clinical_Implications

prevê o total rompimento com os laços parentais biológicos, passando o adotado à condição de filho legítimo dos adotantes. No respeitante à adoção restrita, a criança mantém os laços relacionais e filiais com a família biológica, mantendo todos os seus direitos e deveres com a família de origem³⁷⁸. Como vamos ter oportunidade de registar no presente estudo, as adoções eram decretadas judicialmente, sob a forma de adoção restrita, pelas implicações que a adoção plena teria. Esta situação manteve-se até às reformas de 1977, pelo Decreto-Lei 496/77 de 25 de novembro, onde podemos ler: *reclamava-se o alargamento do campo de aplicação da adoção plena: os pressupostos que atualmente a condicionam retiram ao instituto quase todo o significado prático*³⁷⁹. O que nos explica o facto das adoções concretizadas legalmente, após 1966, serem somente do tipo restrito, pois pelas limitações impostas, estas recaiam nesta forma de adoção, assim de acordo com Lia Romão: *a adoção plena era escassa visto que a lei impunha condições muito rigorosas à constituição do vínculo*³⁸⁰. Ora esta foi uma preocupação de imediata intervenção no pós 25 de abril, atendendo à nova conjuntura social e política que se começava a desenhar no início da era democrática.

A adoção, pelo decreto 47.344/66 de 25 de novembro previa como requisitos gerais para a sua concretização o facto de esta apresentar reais vantagens para o adotado; devendo este ser menor de 14 anos, ou ter menos de 21 anos, desde que não fosse emancipado, e o candidato a adotante não podia ter idade inferior a 35 anos³⁸¹. Não obstante, para a adoção plena, os requisitos acresciam, devendo esta ser requerida por casal unido por casamento há pelo menos 10 anos; caso a criança a adotar, fosse filha ilegítima de um dos cônjuges não se verificava a obrigatoriedade da idade mínima dos adotantes (35 anos). Para além disso, ainda se impunha o facto de só poder ser adotado plenamente quem fosse filho ilegítimo de um dos adotantes, caso o outro progenitor fosse incógnito ou falecido e os filhos de pais incógnitos ou órfãos, mas que estejam ao cuidado do casal candidato à adoção, desde que não tenha mais de 7 anos de idade³⁸².

Para a adoção restrita, era necessária a autorização dos progenitores a consentir a adoção do descendente, bem como do cônjuge do adotante e dos seus próprios

³⁷⁸ Decreto-Lei n.º 47.344/66, de 25 de novembro, arts.º 1979º, 1987º e 1990º.

³⁷⁹ Decreto-Lei n.º 496/77 de 25 de novembro, sumário, alínea 39.

³⁸⁰ Romão, Lia (2017), “Regime jurídico-processual da adoção: da eficácia ao recurso à Responsabilidade civil extracontratual do Estado”, Tese de mestrado em Direito pela Universidade Autónoma de Lisboa, p. 43. Disponível em: <https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/634/1/Lia%20Rom%c3%a3o.pdf>

³⁸¹ Decreto-Lei n.º 47.344/66, de 25 de novembro, arts.º 1974º.

³⁸² Decreto-Lei n.º 47.344/66, de 25 de novembro, arts.º 1981º e 1982º.

descendentes, desde que tivessem mais de 18 anos. Somente era retirado o consentimento dos progenitores no caso do tribunal assim o decretar, se houvesse dificuldades em obter esse consentimento ou no caso de o adotante ser filho do cônjuge do adotante³⁸³.

Atendendo aos requisitos apresentados anteriormente, detetamos de imediato que a adoção era uma resposta direcionada para colmatar a honra da família, no caso dos filhos ilegítimos e de pais incógnitos, constituindo-se como fonte assistencialista dos órfãos. Deixando de parte os enjeitados e indigentes, mas também sem prever o desejo dos pais adotivos na concretização da sua parentalidade por via da adoção.

No que concerne aos progenitores e atendendo à investigação de Manuela Veríssimo e Fernanda Salvaterra, a esmagadora maioria dos pais são tidos como sendo incógnitos, e as mães por norma são jovens raparigas solteiras e sozinhas sem meios de garantir a subsistência da criança³⁸⁴ e que vêm na adoção uma resposta às suas necessidades económicas e morais.

Mesmo com a definição jurídica das adoções, em 1966, importa ainda compreender se, na prática, terão sido registadas profundas alterações nestes procedimentos.

Este é, ainda hoje, um assunto muito melindroso e sensível, que nos obrigou, com grande cuidado, a romper silêncios e a levantar pesados véus da penumbra da memória. São muitas as questões que continuam a ser colocadas em termos sociais e éticos.

4.1. Os processos de adoção: das fontes escritas aos testemunhos orais

A investigação que desenvolvemos, permitiu-nos analisar 182 casos de adoção, mas temos a clara perceção de que, o número de casos recolhidos, não retrata a total dimensão do fenómeno. Embora, o desaparecimento de alguns documentos seja uma causa da impossibilidade de atingir o real número de casos, o motivo de maior monta reside no facto de ter havido crianças que saíram da ilha indocumentadas, ou seja, sem qualquer registo da sua partida. O número de adoções terá sido superior ao número que

³⁸³ Decreto-Lei n.º 47.344/66, de 25 de novembro, art.º 1988º.

³⁸⁴ Veríssimo, Manuela e Salvaterra, Fernanda (2008), “A adopção: O direito e os afetos. Caracterização das famílias adotivas do distrito de Lisboa”, In *Análise Psicológica*, 3, (XXVI), p. 515.

conseguimos apurar, pelo que, tal como aconteceu com os emigrantes clandestinos, podemos falar de cifras negras.

A recolha de testemunhos, através das entrevistas, assumiu enorme relevância no sentido de descortinarmos uma realidade que não encontramos cabalmente registada nos documentos oficiais e escritos. Importa frisar que grande parte dos nossos entrevistados se encontra nos EUA, alguns deles com idades bastante avançadas e outros muito renitentes em levantar o “véu ao segredo” guardado durante anos e muitas vezes ocultado no seio da família.

4.1.1. Análise dos processos de adoção tendo por base as fontes escritas

Pela análise das fontes documentais, mais precisamente dos Processos de pedido de passaporte ao Governo Civil de Angra do Heroísmo, no período de 1946 a 1974³⁸⁵, foram registadas 182³⁸⁶ crianças portuguesas que viajaram na companhia de casais

³⁸⁵ BPARLSR – Angra do Heroísmo – Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo - Registo de Passaportes - Caixas e maços 1946 – 1974: 1946 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 48; 1949 – Caixa - Processo Passaporte n.º 189 a 553; 1950 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 529; 1951 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 404; 1952 - Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 305; 1953 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 195; 1954 – Caixas - Processo Passaporte n.º 1 a 127 e do n.º 163 a 351; 1955 – Caixas - Processo Passaporte n.º 1 a 66, do n.º 87 a 133 e do n.º 201 a 269; 1956 – Caixas - Processo Passaporte n.º 1 a 74 e do n.º 164 a 220; 1957 – Caixas - Processo Passaporte n.º 93 a 200 e do n.º 241 a 550; 1958 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 435; 1959 – Caixa - Processo Passaporte n.º 181 a 569; 1960 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 900; 1961 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 571; 1962 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 565; 1963 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 745; 1964 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 880; 1965 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1021 a 1151; 1966 – Caixa - Processo Passaporte n.º 12 a 45, n.º 146 a 265, n.º 344 a 500, n.º 611 a 625 e do n.º 634 a 2024; 1967– Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 443, n.º 587 a 660 e do n.º 770 a 1531; 1968 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 65, n.º 71 a 756, n.º 772 a 1224 e do n.º 1307 a 2210; 1969 – Caixa - Processo Passaporte n.º 710 a 830 e do n.º 1881 1973; 1970 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 524, n.º 830 a 914 e n.º 1357 a 1514. Maço de abril e maço de 664 a 680; 1971 – Maço de 681 a 702; 1972 – Maço de janeiro, maço 661 e maço de 703 a 727; 1973 – Maço de 728 a 752; 1974 – Maço de 753 a 770.

³⁸⁶ Cf. Mendes, Tânia Santos (2018). A totalidade dos casos, é díspar do nosso anterior estudo, pelo facto de terem sido recuperados documentos que à data da primeira investigação se encontravam extraviados.

norte-americanos. Estes configuram, pois, casos de entregas legais ou reconhecidas legalmente, ficando as saídas registadas.

Dos vários documentos que compõem os processos de emigração, há a realçar o ofício de abertura do processo oficializando o pedido, que nos confere muita informação pertinente para a caracterização dos intervenientes nas adoções.

De referir também, a existência de 2 documentos que vigoraram, pelo menos até aos anos 70: o Termo de Consentimento assinado pelos progenitores consentindo que a criança emigrasse para

*os Estados Unidos da América do Norte na companhia do casal americano (...), que se responsabilizem a prestar à mesma criança toda a necessária assistência e cuidados durante a viagem e nos Estados Unidos da América do Norte, para onde vão residir, bem como educá-la e alimentá-la, como se sua filha fosse.*³⁸⁷

Por sua vez, o casal norte-americano assinava um Termo de Responsabilidade, assumindo a responsabilidade pela criança, comprometendo-se a educá-la e a responsabilizar-se pelo seu bem-estar. Ambos os documentos eram reconhecidos em Conservatória.

De referir, que este documento é o mais comum até finais da década de 60, sendo, também, coincidente com o período anterior à publicação das primeiras leis da adoção.

Após a década de 70, embora ainda se encontrem Termos de Responsabilidade e de Consentimento, surge um novo documento, com diferente denominação: Termo de Consentimento para Adoção e Emigração, o qual era reconhecido pelo Tribunal. Neste documento está plasmada a expressão *Adoção* ou *tendo em vista a futura adoção*. Muito excecionalmente, encontrámos a certidão que validava a adoção concretizada, mas as poucas certidões que encontramos, são referentes aos anos 70.

Neste documento identifica-se o progenitor biológico da criança; cede-se *toda a custódia, cuidados e domínio que tem* sobre o filho; e especifica-se que *por este meio expressamente e irrevogavelmente cede e denuncia todos os seus direitos maternos e*

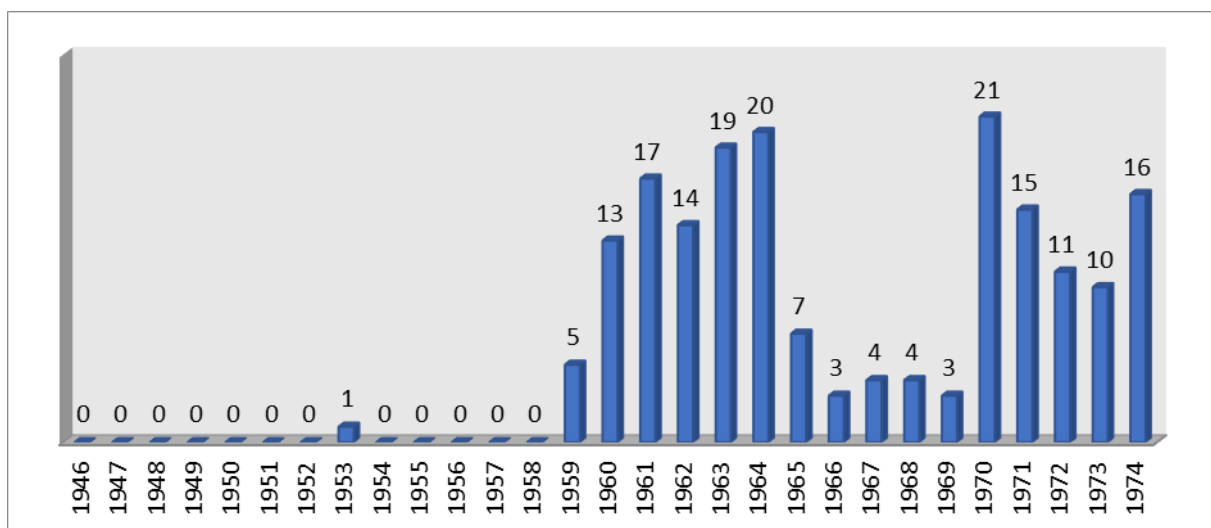
³⁸⁷ BPARLSR – Angra do Heroísmo – Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo, Processo de Passaporte 1580/63, 28 de dezembro de 1963.

*privilégios que mantém sobre a dita filha; e por fim consente na adoção (...) em qualquer tribunal da competente jurisdição dos Estados Unidos da América*³⁸⁸.

Isto leva-nos a refletir acerca do compasso de espera entre a entrada em vigor da Legislação (Decreto-Lei nº 47.344/66 de 25 de novembro) que reconhece a adoção como forma de filiação natural, e a sua real implementação, nos Açores, pois já nos anos de 70 encontramos casos em que adoção não foi oficializada, vigorando o documento: “Termo de Consentimento para Adoção e Emigração”.

Com base nos processos de passaporte, verificou-se a distribuição de adoções, por ano, no período em estudo, apresentada no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Número de crianças entregues a casais norte-americanos, por ano.



Fonte: BPARLSR – Angra do Heroísmo - Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo - Registo de Passaportes.

Pela análise do gráfico precedente, compreende-se que este não foi um fenómeno que ocorreu imediatamente com a chegada dos norte-americanos à ilha Terceira. Ora isto poderá ser explicável pelo facto de primeiramente terem chegado à ilha, os militares e, só algum tempo depois, se radicaram as famílias. Além disso, quando terminavam a comissão de serviço e regressavam aos EUA, é que se faziam acompanhar destas crianças naturais da ilha.

³⁸⁸ BPARLSR – Angra do Heroísmo – Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo, Processo de Passaporte 709/74 de 21 de agosto de 1974.

Verifica-se que o primeiro caso formal regista-se em 1953, 7 anos após a fixação oficial dos norte-americanos na Base das Lajes. Seguiu-se um interregno até 1959, em que se verificaram 5 pedidos de passaporte. A partir de 1960 até 1964 constata-se um aumento considerável, seguido de uma descida abrupta que se prolongou pela segunda metade da década. Em 1970 o número de adoções voltou a subir, mantendo-se elevado até 1974.

Nos 17 anos em que se revelam casos (1953 e de 1959 a 1974), a média é de 11 crianças entregues por ano.

Refletindo em torno dos valores apresentados por década, constatamos que, até 1959, se verifica um total de 6 crianças entregues a casais norte-americanos.

A década de 60 apresenta 104 casos. E o decênio de 70 (até 1974) conta com 73 crianças entregues a casais norte-americanos.

Os valores apresentado nos anos de 70, consideramos como sendo muito representativos atendendo que apenas incidimos a nossa investigação em 5 anos. Confrontando este valor com o número de casos da década de 60, estes diferem em apenas 31 processo. Será que estamos perante uma maior transparência nos processos de adoção, em resultado da promulgação da Lei da adoção? Ou será que o justificativo está correlacionado com os números da emigração açoriana? Como é sabido, a emigração açoriana teve um forte incremento nos anos de 50 e 60, pois com o levantamento de restrições pelos EUA, em consequência da Segunda Guerra Mundial, dá-se um exponencial fluxo emigratório rumo aos EUA, mas também ao Canadá. Na primeira metade da década de 60 (entre 1962 e 1965) emigraram 13431 açorianos enquanto que na segunda metade dos anos 60, partiram mais do dobro – 47875 naturais deste arquipélago³⁸⁹.

Torna-se pertinente a correlação entre a informação apresentada e os dados obtidos na presente investigação. A maior concentração de casos de crianças que partiram na companhia de casais norte-americanos, verifica-se nos anos de 1960 a 1964, decaindo consideravelmente na segunda metade do decênio. Ora esta situação contraria a informação supra, onde a maior incidência de emigrantes se regista precisamente na segunda parte da década de 60, sendo também no decorrer deste período que surgiram as leis da adoção. Esta situação leva-nos a refletir se não estamos perante uma extensão do desejo de emigração por parte dos progenitores, não tendo estes conseguido emigrar,

³⁸⁹ Costa, Susana Goulart (2008), *Açores: nove ilhas, uma História*. Universidade da Califórnia, Berkeley: Institute of Governmental Studies Press: pp. 122,123.

será que passaram para os descendentes esse seu ensejo? Quem não conseguiu partir poderá ter tentado melhor sorte para os filhos, por intermédio dos militares norte-americanos?

Será que o declínio verificado nos últimos anos da década de 60 estará de alguma forma correlacionado com a publicação do Decreto-lei 47.344/66 de 25 de novembro que prevê a adoção como vínculo de filiação? E em relação aos anos 70, será que estaria esta legislação na base do elevado número verificado no início do decénio? Terá impulsionado uma maior transparência e legalização na entrega de crianças? Terá contribuído para um declínio de cifras negras em torno destes processos de adoção?

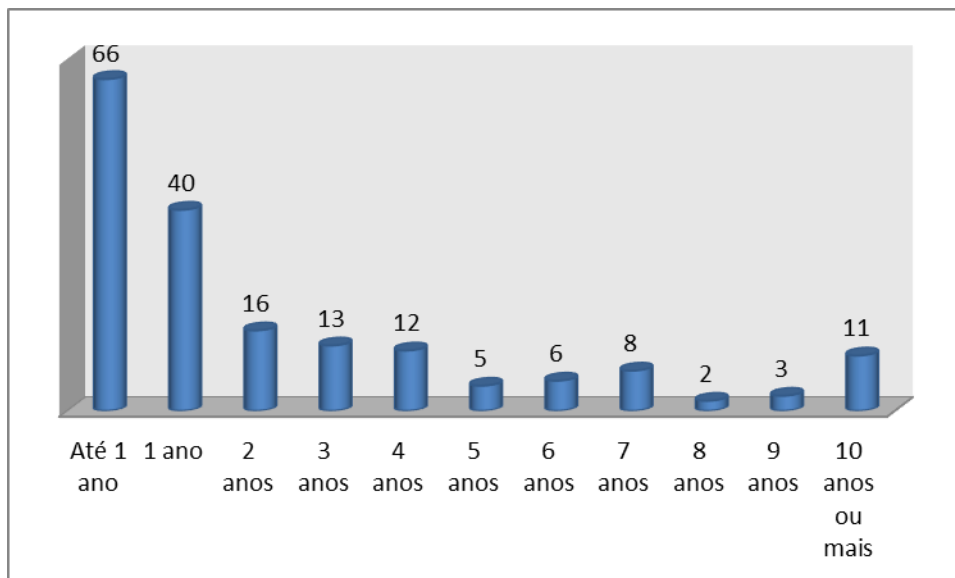
Como tivemos oportunidade de verificar, estes valores são bastante consideráveis, o que nos leva a colocar várias questões, como seja: Qual seria o efetivo militar americano na Terceira? Qual o número de casais americanos? Não obstante a questão fulcral centrar-se no porquê de os norte-americanos quando partiam de regresso ao seu país, levaram crianças açorianas na sua companhia? Porquê de tão elevado número de adoções nos Açores? Será que existia uma “cultura de adoção”, entre os casais norte-americanos da Base? Será que já tinham conhecimento prévio de alguma forma de facilitismo na entrega de crianças na ilha Terceira? Ou será que estamos perante uma forma de altruísmo e solidariedade para com a comunidade hospedeira, face a pobreza endémica que assolava as ilhas? As adoções são uma especificidade da Base das Lajes ou existiam também noutras Bases norte-americanas espalhadas pelo mundo? Essas são questões para as quais não temos resposta, mas são aqui registadas a título de reflexão³⁹⁰.

³⁹⁰ Foram feitas todas as diligências possíveis (contato com um historiador de 86th Airlift Wing, Base Aérea de Ramstein, Alemanha e com o relações-públicas do 65th Air Base Group) no sentido de perceber e apurar qual o efetivo militar americano na Base das Lajes no período de 1946 a 1974, bem como o número de famílias que acompanharam os militares. Fomos informados que em virtude da desmobilização do contingente norte-americano da Base das Lajes, vários documentos foram extraviados e outros encontram-se dispersos por diferentes arquivos, pelo que não conseguimos aceder a informação que nos permita compreender e aferir a dimensão quantitativa da presença norte-americana na ilha Terceira no período em análise, e de igual modo, refletir em torno das consequências e manobras inerentes ao volume de estrangeiros militares e famílias na ilha, bem como a sua predisposição/escolha pela Base militar nos Açores.

Todavia, com base em informação recolhida pela consulta dos documentos disponibilizados na BPARLSR- Angra do Heroísmo – Destacamento norte-americano da Base das Lajes, podemos perspetivar a dimensão do contingente militar que se terá sediado na Base das Lajes nos anos de 1946 a 1974. A título de exemplo, a 24 de janeiro de 1944 contava-se com 906 militares na Base das Lajes; a 31 de janeiro acresce mais 493 norte-americanos; a 6 de fevereiro do mesmo ano, chega à ilha Terceira mais 440. A 30 de junho de 1944, conta-se com um total de 2347 norte-americanos estacionados na Base das Lajes. De referir, que nos estamos a reportar, ainda, ao período anterior à oficialização da chegada dos norte-americanos à ilha Terceira (1946), deixamos para reflexão o elevado número que se seguiu ao longo dos anos contando com o acréscimo das famílias que acompanharam os militares deslocados. – Veja-se: BPARLSR – Angra do Heroísmo – Destacamento norte-americano da Base das Lajes, 2.2 – Gestão,

Um aspecto importante e que importa analisar, são as idades das crianças que, na época, eram entregues aos americanos. O gráfico seguinte dá-nos conta desta variável.

Gráfico 2 - Idade das crianças à data do pedido de passaporte.



Fonte: BPARLSR – Angra do Heroísmo - Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo - Registo de Passaportes.

Pela análise do gráfico 2, verificamos que a maior incidência recai sobre crianças com idades inferiores aos 2 anos (122 crianças), com destaque para os bebés até 1 ano, isto é, 66 crianças pertenciam a esta faixa etária (sensivelmente um terço do total). Esta é uma situação que continua a ser recorrente na atualidade. A preferência incide sobre crianças de tenra idade, como podemos comprovar pela investigação de Manuela Veríssimo e Fernanda Salvaterra, pois estas não transportam memórias e tornam-se mais facilmente moldáveis a novas vivências, a novos modelos de educação e de costumes³⁹¹.

Isto denota uma clara preferência dos adotantes pela primeira infância e, quase de certo, recebiam as crianças pouco tempo após o nascimento. Provavelmente, a decisão de adoção ainda era tomada no período de gravidez das mães biológicas, que seriam oriundas de baixos estratos sociais e de famílias muito pobres – apresentaremos algumas pistas nesse sentido infratexto. Para além do mais, estamos a falar de um período em que ainda havia uma desvalorização e superficialidade de sentimentos em

janeiro a junho de 1944, p. 72 e ss. Este volume de norte-americanos representava uma fração considerável da população da ilha Terceira.

³⁹¹ Veríssimo, Manuela e Salvaterra, Fernanda (2008), pp. 511, 512.

relação à própria infância “O que Deus dá, Deus leva”, os agregados familiares eram tão numerosos e a maternidade tão frequente, que facilmente uma criança seria substituída por outra que haveria de nascer logo a seguir³⁹².

A partir dos 2 anos, verificava-se um declínio considerável no número de adoções por faixa etária. Ainda se registaram 25 casos com 3 e 4 anos, mas nas restantes idades compreendidas entre 5 e 9 anos os valores são residuais. A exceção volta a ser a faixa dos 10 ou mais anos, com 11 crianças. No entanto, este último valor é empolado por representar um intervalo de idades bastante grande em relação aos restantes que estão a ser considerados.

Igualmente, os testemunhos orais são concordantes com as idades apresentadas, traduzindo-se em expressões como “bebé de colo”; “recém-nascido”; “maiorzinhos”.

Não obstante, face aos valores apresentados sobre a totalidade do número de crianças que emigraram na companhia de casais norte-americanos, leva-nos a questionar, se todos estes casos estão intimamente correlacionados com a infertilidade dos casais? Ou existiriam outras razões inerentes ao processo de adoção/entrega de crianças terceirenses? Será que estas adoções foram, de igual modo, uma forma de solidariedade para com as famílias locais, inseridas em meios de extrema pobreza? Ou como forma de proteção da criança, por esta se inserir num contexto familiar de risco moral e de perigo de abandono? Questão levantada pelo excerto da certidão que se segue:

A única finalidade do presente processo é legalizar uma situação de facto que se mantém de há meses, com manifesta vantagem para a menor [nome] de cinco meses de idade, e que consta ser filha da requerida [nome da mãe biológica] (...) - considerando em vista da reconhecida incapacidade moral e material da mesma requerida para manter e educar a dita menor, foi esta consentidamente recolhida e criada, desde os primeiros dias, pelo casal Americano já referido, e cuja guarda e cuidados, ainda se encontra entregue; (...) a requerida é mulher de mau porte e se entrega habitualmente à prostituição clandestina (...); - Considerando, que pelo contrário, o casal Americano desfruta de excelente condição económica e de melhor conceito moral, estando pronto a receber adotivamente a sobredita menor, com inteira e

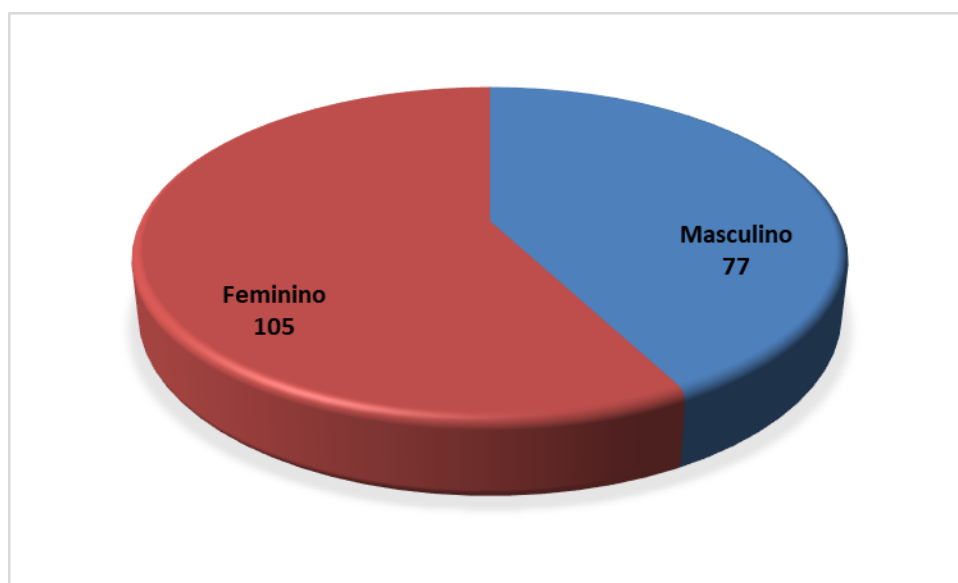
³⁹² Ariès, Philippe (1978), *História social da criança e da família*. Zahar Editores: Rio de Janeiro, p.10.

*exclusiva responsabilidade (...) é legal fundamento de declaração de perigo moral e abandono (...)*³⁹³

Pela anterior transcrição depreendemos que esta criança foi entregue poucos dias após o seu nascimento, estando desde então aos cuidados do casal norte-americano.

O gráfico seguinte refere-se aos sexos das crianças adotadas.

Gráfico 3 – Sexo das crianças adotadas por casais norte-americanos, no período de 1946 a 1974.



Fonte: BPARLSR – Angra do Heroísmo - Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo - Registo de Passaportes.

A maioria dos adotados (57%) é do sexo feminino, 105 meninas adotadas. Enquanto que, das 182 crianças adotadas durante o nosso período de análise, apenas 77 são do sexo masculino.

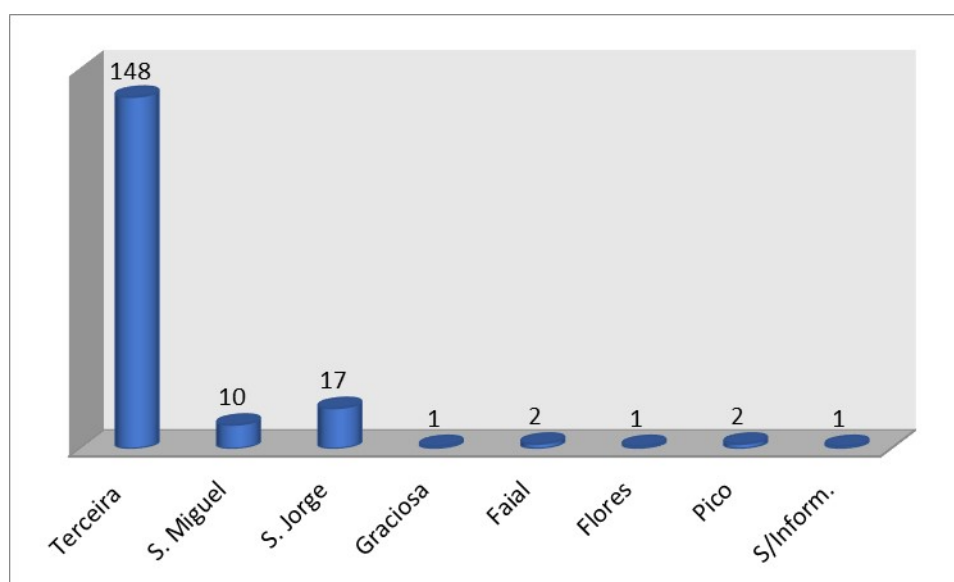
A diferença entre sexos é significativa. Uma hipótese de explicação da discrepância é que os rapazes eram uma mais valia para as famílias locais, dado que podiam contribuir para a subsistência da família, nas palavras de Ana Nunes de Almeida *a criança era rentabilizada na economia doméstica como mais um braço para o*

³⁹³ BPARLSR – Angra do Heroísmo – Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo, Processo de Passaporte n.º 695/60 de 21 de junho de 1960.

*trabalho, para o sustento da família (...) a criança era assim encarada (...) como um pequeno adulto*³⁹⁴.

Contrariamente, as meninas eram vistas como mais um encargo para a família, pois havia uma maior preocupação moral e de preservação da honra da rapariga, com o dote e preparação para o casamento, entre outros aspectos que acarretariam maiores inquietudes para as famílias, terem na prole um maior número de indivíduos do sexo feminino³⁹⁵. Em síntese, seria muito mais rentável manter os rapazes, pois estes poderiam contribuir para o sustento da família e acarretavam menores encargos e preocupações morais, o que para as raparigas era um perigo moral, para os rapazes era sinónimo de virilidade, para além do facto de a estes caber a responsabilidade de perpetuação do nome da família³⁹⁶.

Gráfico 4 - Naturalidade das crianças, por ilha.



Fonte: BPARLSR – Angra do Heroísmo - Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo - Registo de Passaportes.

Da ilha Terceira, saíram com passaporte, 148 crianças. Todavia, podemos constatar que este não foi um fenómeno que se cingiu unicamente a esta ilha, tendo sido

³⁹⁴ Almeida, Ana Nunes (2011), “Os mundos da infância: olhares, espaços e personagens”, In José Mattoso (dir.) *História da vida privada em Portugal. Os nossos dias*. Temas e Debates. Círculo de Leitores, p. 148.

³⁹⁵ Rodrigues, Julieta de Almeida (1983), “Continuidade e mudança nos papéis das mulheres urbanas portuguesas: emergência de novas estruturas familiares”, In *Análise Social*, vol. XIX, p. 921. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223465507M8cCF5kg8Oz43DK8.pdf>

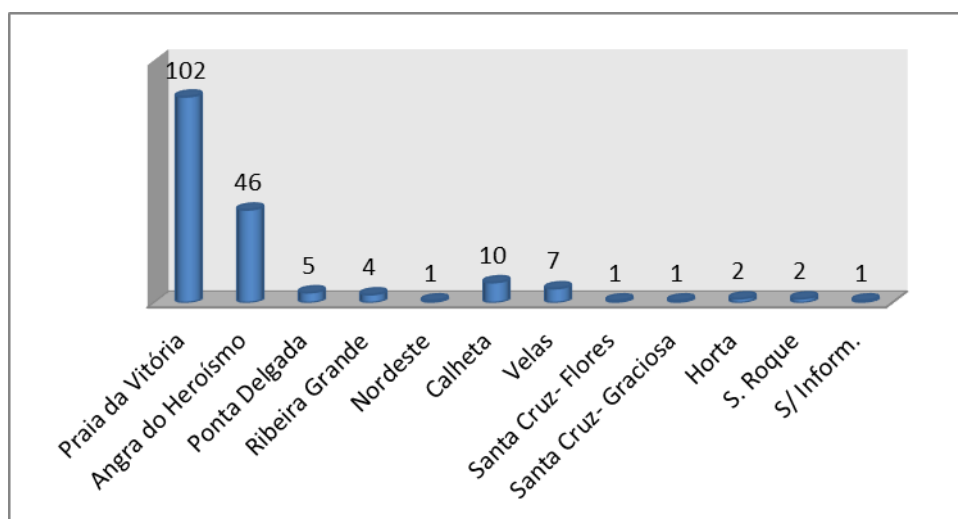
³⁹⁶ Vincent, Gérard (1991), “Uma história do segredo. Segredos de família”, In Phillipe Ariès e Georges Duby (dir.) *História da Vida Privada*, Vol. 5, Porto: Edições Afrontamento, p. 300.

³⁹⁶ Wall, Karin (2011), pp. 341-342.

transversal aos Açores, como denotamos pelo gráfico anterior. Sairam, para os EUA, crianças provenientes de várias ilhas, excetuando as dos extremos do arquipélago: Corvo e Santa Maria.

É de salientar o significativo número de crianças provenientes de S. Jorge (17) e de S. Miguel (10). Não obstante, esta última era a ilha mais populosa e, como tal, registava uma ampla camada populacional de parques recursos. Torna-se, pois, mais surpreendente o número de jorgenses. Uma explicação residirá na maior proximidade da ilha de S. Jorge em relação à Terceira. Outra explicação, e que se afigura bastante plausível, relaciona-se com o terramoto que assolou a ilha, em 1964 e que motivou, com a ajuda dos norte-americanos, a transferência de muitos desalojados jorgenses para a ilha Terceira.

Gráfico 5 - Naturalidade das crianças, por concelho.



Fonte: BPARLSR – Angra do Heroísmo - Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo - Registo de Passaportes.

Quanto à distribuição por concelhos, não surpreende que o da Praia da Vitória tenha oferecido o maior contingente de adotados, uma vez que é o que acolhe a Base das Lajes. Seguiu-se, naturalmente, o concelho de Angra do Heroísmo, o outro concelho da ilha. É de salientar, o número de crianças oriundas do concelho da Calheta na ilha de S. Jorge, 10 crianças, seguindo-se as Velas com 7 crianças. Referentemente à ilha de S. Miguel, a naturalidade das crianças reparte-se por três concelhos: Ponta Delgada com 5 crianças, Ribeira Grande com 4 e 1 criança oriunda do Nordeste. Os restantes casos

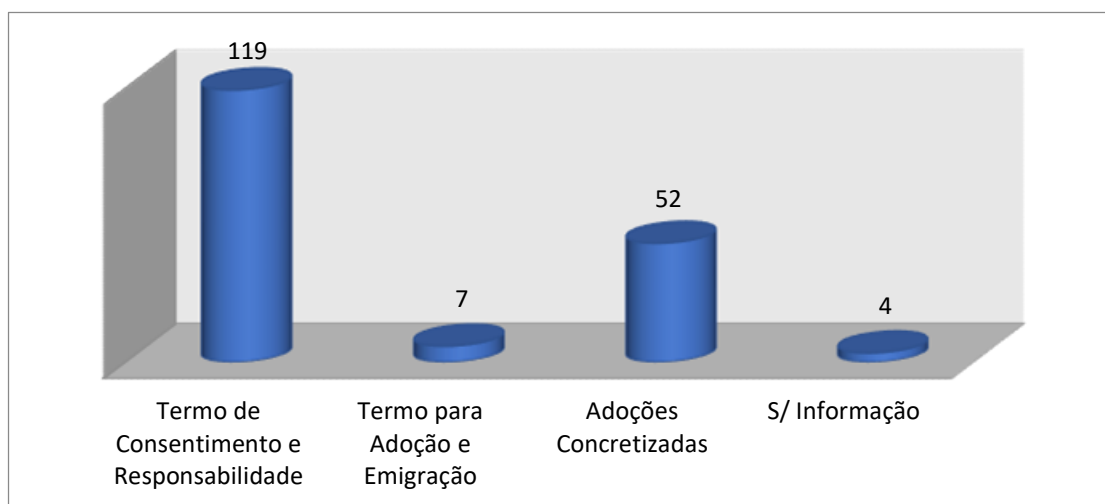
estão dispersos por diversas ilhas e respetivos concelhos, sendo muito poucos por concelho.

É de referir que da totalidade dos casos, há um em que não conseguimos apurar a naturalidade da criança entregue.

Volta-se a assinalar, o facto de estes processos terem sido transversais a todo o Arquipélago dos Açores, não se focando apenas na ilha Terceira. Poderá ter sido um fator impulsionador da disparidade insular das adoções, o facto de haver deslocações frequentes dos norte-americanos a outras ilhas, como já tivemos oportunidade de verificar anteriormente, quer por via de interajuda; como meio de divulgação da sua cultura musical; por questões laborais, ou outras. Mas também poderá ser um justificativo o facto de coexistirem na ilha Terceira, vários migrantes açorianos, deslocados da sua ilha na expectativa de um emprego na Base das Lajes.

Os dados que se seguem referem-se aos meios legais utilizados para justificar e regular a entrega de crianças aos casais norte-americanos.

Gráfico 6 - Documentos utilizados para justificar a emigração/saída da criança do país de origem.



Fonte: BPARLSR – Angra do Heroísmo - Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo - Registo de Passaportes e Assentos de Nascimento – Conservatória do Registo Civil da Praia da Vitória (consulta em 2016)³⁹⁷.

³⁹⁷ Era nosso intuito confrontar a totalidade dos registos de passaportes com os assentos de nascimento, tal como no estudo anterior, no entanto, com já referido, foi-nos negado o acesso à informação pela Conservatória do Registo Civil da Praia da Vitória. Esta impossibilidade mostrou ser um constrangimento ao nosso estudo, pelo que apenas pudemos contar com a informação recolhida em 2016, no anterior

Pela análise do gráfico anterior, registámos 119 casos em que progenitores e pais adotivos enquadraram o processo de emigração, recorrendo a documento reconhecido em tribunal, como seja, o Termo de Consentimento por parte dos pais biológicos.

Com recurso ao documento “Termo de Adoção e Emigração”, somente 7 casos o utilizam como via para a legalização da emigração da criança. Este diminuto número de casos, que recorreram a este documento que vigorou sobretudo a partir dos anos de 70, poderá justificar-se pelo facto de ter sido a partir desta década que se registou o maior número de adoções oficializadas.

No tocante ao número de adoções concretizadas, o valor ascende aos 52 processos. Na certidão do tribunal atestando a adoção, podemos ler que o casal adotante irá deixar o país de origem da criança

*e pretendem levar na sua companhia para os Estados Unidos da América do Norte seu filho (...) adotado por eles outorgantes por sentença [data] proferida pelo Tribunal desta Comarca (...) obrigando-se a garantir no país de destino ao mesmo seu filho adotivo a sua manutenção e a prestar-lhe alimentos (...) e a promover, à sua custa, a repatriação do dito seu filho adotivo*³⁹⁸.

De referir, que 50 adoções foram do tipo restrito e duas *em harmonia com as leis do Estado para onde emigram*³⁹⁹, ou seja, não se verificaram quaisquer adoções do tipo pleno, que é a adoção que previa um vínculo de filiação natural, a criança ganha a condição jurídica de filho do casal adotante, rompendo com os laços familiares biológicos⁴⁰⁰.

Como é que essas crianças emigraram para um país estrangeiro com uma adoção restrita? Sendo que neste tipo de adoção a criança adotada tem de manter a relação com a família de origem.

Esta situação leva-nos a questionar se a decisão judicial pela adoção restrita se deveu à dificuldade na interpretação e implementação de uma nova Lei, que “ameaçava” o próprio conservadorismo e tradicionalismo da ideologia do Estado Novo, a pobreza honrada e o apoio e assistencialismo dos vizinhos? Irene Pimentel explica-nos

estudo, e com as certidões de adoção, quando estas eram incluídas no processo de emigração, o que era uma prática atípica.

³⁹⁸ BPARLSR – Angra do Heroísmo – Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo, Processo de Passaporte 1850/70 de 2 de junho de 1970.

³⁹⁹ Conservatória do Registo Civil da Praia da Vitória - Assentos de Nascimento.

⁴⁰⁰ Veja-se: Código Civil de 1966.

que *O Estado Novo* considerou que o seu papel, relativamente à assistência, devia ser “supletivo” da iniciativa privada, não favorecer a “pedinchice” e contar com a “essência” caridosa dos portugueses⁴⁰¹. Também Fernanda Salvaterra refere que até à Reforma de 1977, a regra foi a adoção restrita, a adoção plena era apenas aplicada aos órfãos e aos filhos incógnitos⁴⁰².

Todavia, ainda constam 4 casos em que não conseguimos apurar em que termos as crianças saíram do seu país de origem, rumo aos Estados Unidos na companhia de casais norte-americanos, por falta de informação, sobretudo pelo facto do processo de passaporte se encontrar incompleto, ou praticamente ilegível.

No referente aos destinos para onde emigraram as crianças açorianas, o quadro abaixo expõe:

Quadro 1 - Destino de emigração das crianças adotadas/entregues, no período entre 1946 a 1974.

Local para onde emigraram	Número
Estados Unidos da América do Norte (não discriminado)	109
Estados Unidos da América, via Europa	13
Carolina do Norte	3
Califórnia	6
Dakota do Norte	1
Kansas	3
Virgínia Ocidental	3
Illinois	4
Ohio	4
Nova Iorque	6
Massachussetts	1
Texas	4
Tennessee	3
Carolina do Sul	5
Delaware	2
Michigan	1
Geórgia	3
Pensilvânia	5
Nova Jersey	1
Nevada	1
Oklahoma	1

⁴⁰¹ Pimentel, Irene (1999), “A Assistência Social e Familiar do Estado Novo nos anos 30 e 40”, In *Análise Social* Vol. XXXIV (151-152) p. 507.

⁴⁰² Salvaterra, Fernanda (2007), *Vinculação e adoção*, Tese de Doutoramento em Psicologia Aplicada, apresentada à Universidade Nova de Lisboa. Instituto Superior de Psicologia Aplicada, p.32.

Dinamarca	2
Alemanha Federal	1
Total	182

Fonte: BPARLSR – Angra do Heroísmo - Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo - Registo de Passaportes.

Assim, aferimos uma vasta dispersão de Estados norte-americanos para onde as crianças açorianas emigraram. Mau grado não termos informação sobre o estado de destino para a maioria dos casos, sublinha-se os Estados de Nova Iorque (6 crianças); Califórnia (6); Carolina do Sul (5); Nova Jersey (5); Pensilvânia (5); Illinois (4); Ohio (4); Texas (4), por apresentarem uma maior incidência. Isto leva-nos a refletir se essa proximidade poderia ter impulsionado algum contato posterior, no país recetor, entre os adotados e mesmo com os pais adotivos, pela cumplicidade que os poderia unir.

Apuramos, de igual modo, casos em que as famílias regressavam aos EUA via Europa, como exposto:

*(...) desejando regressar aos Estado Unidos da América do Norte, via Europa, onde pretende visitar vários países, entre eles Espanha, França, Alemanha, Suíça, levando em sua companhia [identificação da criança e dos progenitores], para o que tem a devida autorização [da mãe biológica] (...)*⁴⁰³.

Aferimos também, que o destino residia em países europeus, sendo aqui referenciado, 2 crianças cujo passaporte foi pedido para a Dinamarca e 1 para a Alemanha Federal. Esta situação, embora despicienda poderá ser justificável com uma possível mobilização do militar norte-americano para outra Base e não o imediato regresso ao país de origem.

⁴⁰³ BPARLSR – Angra do Heroísmo – Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo, Processo de Passaporte 935/64 de 23 de dezembro de 1964.

4.1.2. Os testemunhos orais.

Com a realização de entrevistas e recolha de testemunhos, conseguimos aceder a outro tipo de informações sobre estas adoções, descortinando um lado mais negro associado a esta realidade.

Se foi difícil contactar com adultos outrora adotados, mais difícil ainda foi entrevistar pais adotivos, pois além da sensibilidade do tema, muitos já faleceram e os demais já se encontram com idades muito avançadas. Entre as famílias biológicas, conseguimos o testemunho de irmãos, primos, sobrinhos e uma mãe, o que nos deu uma perspetiva muito próxima e direta dos casos, permitindo-nos compreender melhor impacto que esta situação teve no meio familiar. Esta trilogia comprova as palavras de Fernanda Salvaterra, quando refere que *em cada adoção estão três partes envolvidas: os pais biológicos, os pais adotivos e a criança*⁴⁰⁴.

Para acedermos a leituras e perspetivas mais generalizadas e objetivas sobre estas adoções, recolhemos um conjunto de memórias de testemunhas privilegiadas, ou seja, de pessoas que tinham alguma influência na comunidade e que lidaram diretamente com esta realidade. Neste particular, contamos com a colaboração de ex-trabalhadores da Base, de antigas empregadas domésticas de casais norte-americanos, do advogado que trabalhou nas primeiras adoções, de um conservador do Registo Civil, entre outros cidadãos terceirenses que se mostraram pertinentes para um melhor aprofundamento deste estudo.

Os testemunhos coincidiram com os dados analisados anteriormente. Referem, no geral, que as crianças eram levadas em idades diferenciadas, mas a maior incidência eram os recém-nascidos e/ou bebés de meses.

Quanto às razões que justificam a entrega de crianças terceirenses a casais norte-americanos, estas recaem, principalmente, sobre a extrema pobreza que se fazia sentir em toda a ilha, agravada pelos numerosos agregados, desprovidos de qualquer planeamento familiar. Portugal, no decorrer dos anos 50, sobressaía no cenário europeu, pela sua elevada taxa de fecundidade, resultante do desconhecimento das práticas de planeamento familiar, tão censuradas pelo regime e pela Igreja Católica, bem como da ineficácia e quase inexistência de um sistema de saúde de acompanhamento à gravidez e

⁴⁰⁴ Salvaterra, Fernanda (2007), p.16.

ao parto, bem como das más condições higiénico-sanitárias, esta era também a realidade açoriana dos anos 50 e 60⁴⁰⁵.

Aos constrangimentos sociais e económicos, associava-se a uma perspetiva de providenciar um futuro melhor para os filhos, pois nas ilhas as oportunidades eram muito mais limitadas. Para Harold Grotevant, *et al.*, *Many poor women “choose” adoption when in fact they would prefer to parent their child but feel they cannot due to limited financial means*⁴⁰⁶. A pobreza associada ao desejo por um futuro mais promissor foi o principal argumento que justificava, segundo os entrevistados, a entrega dos filhos para adoção:

Era para os pequenos [filhos] ficarem melhor... assim tiveram futuros, coisa que aqui não tinham... era a fome, era a necessidade, era o ter rapazes sem “tafulho” [possibilidades] (cf. Anexo IX, entrevista VII – Testemunha privilegiada).

Leontina, 76 anos.

Ainda que com menor predominância, alguns testemunhos também mencionam uma outra condicionante que motivava a entrega das crianças terceirenses: a filiação ilegítima. Mães solteiras, desprovidas de meios de sustento e estigmatizadas pela sua “falta”, eram impelidas a entregar os filhos a instituições ou a dá-los para adoção a troco de dinheiro. Objetivamente, estas “adoções” configuravam processos de venda de crianças, constituindo uma espécie de tráfico. O testemunho que se segue, de uma mulher adulta que foi adotada em criança, é bem elucidativo desta face mais recôndita:

I think that somebody paid for those children. It was always told to me that I cost about 5 thousand dollars... to adopted me. I don’t know who the money went to (cf. Anexo VII, entrevista II – Adotados).

Susan, 61 anos.

⁴⁰⁵ Almeida, Ana Nunes (2011), pp. 146, 147.

⁴⁰⁶ Grotevant, Harold; Grant-Marsney, Holly; French, Y.; Musante, Danila e Dolan, Jen (2012), “The Dynamic of Poverty and Affluence in Child Adoption”, In *The Oxford Handbook of Poverty and Child Development*, DOI:10.1093/oxfordhb/9780199769100.013.0011. Disponível em: https://www.academia.edu/27417294/The_Dynamic_of_Poverty_and_Affluence_in_Child_Adoption?email_work_card=view-paper, p. 7.

Contudo, a entrevistada desconhece os trâmites com que esta situação ocorreu, explicando:

(...) everything was solved with my aunt and they didn't know anybody else. But they knew lot of information...they knew what my father did for living, that my mother died...the basically story...but the condition that happen, I don't know (cf. Anexo VII, entrevista II – Adotados).

Susan, 61 anos.

Relativamente às razões da família adotiva, que tivemos oportunidade de entrevistar, estas recaem sobre a impossibilidade de uma parentalidade biológica⁴⁰⁷. Esta situação continua a ser, na atualidade, a principal razão que leva os casais a enveredar pela escolha da adoção, como via para a constituição de família⁴⁰⁸.

We were looking for adopt a child. My husband could not have children (cf. Anexo VI, entrevista 1 – Pais adotivos).

Mary, 77 anos.

Apesar desta ser a motivação principal, não significa que das 182 crianças adotadas (sem esquecer as que foram “compradas” ou levadas sem concretização da adoção), todas tenham sido uma compensação à impossibilidade de ter filhos biológicos. A sensibilização e proatividade dos norte-americanos para com a comunidade, através do chamado *soft power* (como vimos no capítulo anterior), terá sido, certamente, extensiva a certas famílias, em particular, consoantes com a miséria de alguma população local e que, por generosidade ou empatia, decidiram levar, junto com os filhos, mais uma criança, com a finalidade de lhe garantir um futuro melhor. Em caso de a adoção ser por interesse, não podemos descartar a hipótese de verem nas meninas terceirenses futuras boas empregadas domésticas ou um possível apoio no período da velhice.

Quando questionados acerca do dia da entrega e da separação da criança à família biológica, como seria exetável, os sujeitos que haviam sido adotados, não tem memória acerca da entrega e separação da família. Não obstante o facto, de mais tarde,

⁴⁰⁷ Cf. Anexo VI, entrevista 1 – Pais adotivos.

⁴⁰⁸ Salvaterra, Fernanda (2007), p. 55.

os que reencontraram as suas famílias, terem algum conhecimento sobre a sua entrega e separação da família biológica, por lhes ter sido dito pela mesma, como havia sido o processo. Na esmagadora maioria das entrevistas, foi referenciado sentimentos de tristeza por parte da família biológica aquando da partilha das memórias⁴⁰⁹.

De acordo com Fernanda Salvaterra, o processo de entrega das crianças para adoção é, para a família biológica, uma decisão geradora de sentimentos de perda, dor, culpa e condenação social, embora esta resolução seja tomada de forma consciente pelos progenitores⁴¹⁰, como tivemos oportunidade de constatar no testemunho anterior.

De igual modo, é salientado o facto de a separação e entrega da criança aos norte-americanos, ter sido muito rápida, quase como um desprendimento e para evitar arrependimentos por parte da família biológica:

The only think that I know is what my sister [biological] told me... and my “tia” said to me...it was all very fast, very... you know... matter of fact was like... “bang, bang, bang” ... and it was it... (cf. Anexo VII, entrevista III – Adotados).

Joseph, 48 anos.

Todavia, não podemos descurar de refletir se esse rápido rompimento com os laços biológicos não estaria intimamente ligado com a necessidade de reestruturação dos laços familiares com a família adotiva? Ou se também seria uma forma de romper com a ligação entre os adultos? Nas palavras de Harold Grotevant *et al.*,

Contact may place adoptive parents in an awkward situation, as their primary concern is protection of their child; (...) Further, if the adoptive parents and the child's birth relatives differ in socioeconomic status, (as is likely the case), this economic and/or educational disparity may adversely affect the development of relationships among the adults. (...) contact with poor relatives may make the adoptive parents feel that they should provide assistance of one sort or another to the family⁴¹¹.

⁴⁰⁹ Cf. Anexo VII, entrevista IV – Adotados.

⁴¹⁰ Salvaterra, Fernanda (2007), p. 51 - 52.

⁴¹¹ Grotevant, Harold, *et al*, (2012), pp. 6 - 7.

Também a mãe adotiva quando abordada acerca de como foi a separação da criança da família biológica remete para sentimentos de tristeza e para o facto de desejarem um futuro melhor para o filho, como tendo sido um ato de altruísmo, demonstrando compreensão pela decisão da mãe biológica, como é explicado na memória seguinte:

It was a very hard life, I don't think that was something that the mother...she choose to give him up, but I know it was very difficult for her...because no mother wants to give up a child, you know...If you truly carry on that child for 9 months... nobody wants to give it up...but she give it up, because she wanted the child had more...and that's the difference. You want that your kids had more than you have... (cf. Anexo VI, entrevista I – Pais adotivos).

Mary, 77 anos.

No tocante às famílias biológicas, quando questionadas sobre o dia da entrega e de como foi a separação entre adotado e família biológica, transparece no discurso dos sujeitos muita emoção, o que nos parece compreensível sobretudo se confrontarmos com a perspetiva de Fernanda Salvaterra que refere que *as famílias que entregam voluntariamente os seus filhos para adoção, fazem-no por considerarem não ter condições socioeconómicas ou psicológicas ou ambas, para criarem e educarem os seus filhos e desejarem para eles o melhor*⁴¹².

Estas memórias são muito emotivas por parte dos familiares, que evocam termos como “muito difícil”; “ficou um vazio”; “dor muito grande”; “angústia” ... entre tantos outros termos expressivos da tristeza que assolou a família com a entrega e separação da criança⁴¹³.

Estes dados corroboram outros estudos que remetem para sentimentos de dor, tristeza, desalento no decorrer do processo de entrega da criança para adoção, bem como o ensejo por um futuro mais promissor e de maior estabilidade psicoemocional e económica⁴¹⁴.

⁴¹² Salvaterra, Fernanda (2007), p. 51.

⁴¹³ *Eu depois de as ter, ... eu chorei muito [emoção], chorei muito mesmo!... [emoção] (...) Eu fiquei a chorar muito!... A senhora veja lá, eu aqui num quarto e ao lado, a ver as outras bebés a chorar, e não vejo as minhas lá! [emoção]... Por isso eu não quis mais.... Eu sabia o que ia ser a vida delas aqui ... E não era bom!* (cf. Anexo VIII, entrevista IV – Famílias biológicas). **Francisca, 74 anos.**

⁴¹⁴ Veja-se por exemplo os estudos de Brodzinsky, David (2011); Salvaterra, Fernanda (2007); Faraj, Suane *et al.* (2017), “Doeu muito em mim!”: Vivências da entrega de um filho para adoção, na visão de

Referentemente à entrega, esta decorreu nas mais variadas formas, desde mães que entregaram e/ou foram elas próprias a casa do casal norte-americano entregar a criança; podemos também assistir à descrição da chegada no carro do casal adotante para levar a criança; há, de igual modo, a evocação a um intermediário que entregou a criança ao casal americano. Encontramos, casos em que os sujeitos eram eles próprios crianças e por isso não se lembram... Não obstante, estas memórias apresentam muito sentimento e pormenor, como podemos refletir pelo testemunho que se segue:

Isso nunca me vou esquecer [emoção] ... o que mais me lembro foi quando dois americanos foram buscar, o meu irmão, “abaixo de mim” [mais novo que eu] e o outro (...) eu era miúdo, “So”, eu vim com eles e com a minha avó... [emoção] e foi quando ela deu [emoção] ... a dar os meus irmãos. [emoção] ... então o “abaixo de mim”, agarrado às saias da minha avó a chorar... para não ir para o carro com o americano... Isso foi o que me marcou mais! (cf. Anexo VIII, entrevista XVI – Famílias Biológicas).

Carlos, 63 anos.

Conforme já referido, evidenciam-se várias pausas no discurso, bem como identificações expressivas de emoção, conforme o sujeito ia recordando o momento da entrega dos irmãos mais novos, e a forma como presenciou o acontecimento. Chamamos a atenção para o início do discurso supra, em que o sujeito, ainda antes de descrever o acontecimento, já refere que este foi um episódio que nunca vai esquecer.

Antagonicamente aos testemunhos referenciados, as testemunhas privilegiadas, tendencialmente apresentam uma maior frieza e distanciamento quando abordados acerca da entrega da criança aos pais adotivos e separação da família biológica.

É visível uma maior incidência na remissão para o desconhecimento, o não terem assistido à entrega. Contudo, associam a decisão da entrega da criança, à mãe biológica, e que esta decisão foi positiva visando um melhor futuro para a criança, no entanto, este seria um gesto extremamente doloroso para a família. Para Suane Faraj *et al.*, *nesta decisão esteve presente o desejo de proteção ao filho (...) sendo esta acompanhada por sofrimento e pelos sentimentos de culpa e de impossibilidade de*

mães doadoras”, In *Estudos e pesquisas em psicologia*, V. 17, n.º 2, Rio de Janeiro, pp. 475-493. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/37127/26225>

*cuidado à criança*⁴¹⁵. A descrição que se apresenta é ilustrativa da expressão manifesta de sentimento por parte da mãe após a entrega do filho para adoção:

A mãe era novinha, ainda hoje consigo ver a cara dela... [emoção] ainda hoje vejo aquela mãe a ver aquele filho a ir embora... ela nem falava, aqueles jeitos, aquilo foi horrível! Aquilo marcou-me tanto! Mas ela é que quis, por ser o melhor para a sua filha... foi mesmo no hospital! (cf. Anexo IX, entrevista XVIII – Testemunha privilegiada).

Teresa, 68 anos.

Pelo relato salientamos a expressão *ela é que quis*, como já tivemos oportunidade de sublinhar, a adoção é uma decisão que recai significativamente sobre a mãe, é ela em primeira instância, a decisora, atendendo à sua situação social, económica, marital, familiar⁴¹⁶...

No tocante à questão relacionada com a manutenção do contato entre criança adotada e famílias biológicas, podemos novamente salientar o discurso emotivo das famílias e adotados, assumindo quase em uníssono a inexistência de contato, pelo facto dos norte-americanos terem cortado, de imediato, a ligação com a família da criança que adotaram⁴¹⁷.

Os escassos contatos referenciados por estes sujeitos, focam-se nos primeiros tempos em que ainda permaneciam na ilha Terceira. Com a partida dos casais norte-americanos da ilha, estes foram interrompidos.

Alguns destes contatos, anos mais tarde, foram retomados, com a procura da família por seus irmãos, primos, sobrinhos..., tendo algumas das crianças adotadas, hoje adultos, já visitado a família na Terceira, ou mantido esses contatos com recurso às redes sociais. Pelo incremento da globalização e consequentemente das redes sociais, muitos familiares biológicos e adotados puderam estabelecer contato e reencontrar-se. Não obstante, a convivência entre pais adotivos, adotados e familiares biológicos envolve relações que podem ser afetadas pelas dinâmicas da pobreza versus riqueza⁴¹⁸.

Dos inquiridos que já se encontraram com os seus familiares, é de referir que estes mantêm uma boa relação.

⁴¹⁵ Faraj, Suane *et al.* (2017), p. 488.

⁴¹⁶ Veríssimo, Manuela, e Salvaterra, Fernanda (2008), p. 515.

⁴¹⁷ Cf. Anexo VII, entrevista IX – Famílias biológicas

⁴¹⁸ Grotevant, Harold, *et al.*, (2012), p. 3.

Quanto aos pais adotivos, o único inquirido refere que tentou manter o contato com a família biológica do filho, mas que este acabou por se perder, devendo-se em parte à mobilidade entre Bases, comum na vida dos militares.

De igual modo, os testemunhos privilegiados, defendem que não se manteve o contato com as famílias, embora possa ter havido algum contato enquanto os norte-americanos permaneceram na ilha, mas com a sua partida estes foram interrompidos⁴¹⁹.

No que concerne às questões referentes ao tempo de permanência das crianças na Base das Lajes, com os pais adotivos e as dificuldades que estas sentiram aquando da sua chegada a um país estrangeiro, é de referir, que em termos gerais, todos os entrevistados remetem para o facto das crianças serem demasiado pequenas e que isto não suscitava dificuldades de adaptação a um país e consequentemente a uma língua estrangeira. No entanto, também se refere que as crianças que partiram com idade mais avançada, e que já dominavam bem o português, deverão ter encontrado alguns entraves comunicacionais, bem como em cortar com os laços relacionais com a família biológica, conforme descrito pelo sujeito:

Pois, há aqueles que choraram presos às saias da mãe, “há de ter” sido bem difícil. Não percebiam nada do que os americanos diziam... deviam sentir falta da sua mãe e dos seus irmãos... deve ter custado muito para eles! (cf. Anexo VIII, entrevista VIII – Famílias Biológicas).

Alberto, 66 anos.

De acordo com Andreia Ferreira, a adaptabilidade da criança continua a ser uma das maiores preocupações por parte dos pais adotivos⁴²⁰, e que pode dificultar a relação entre pais e filhos adotivos⁴²¹.

⁴¹⁹ *Eu penso que os americanos enquanto estiveram cá, foram ajudando aquela mãe, até o bebé não nascer, iam visitá-la, levavam coisas, comidas, roupa. E enquanto estiveram cá sempre ajudaram essa mãe... depois foram-se embora e acabou* (cf. Anexo IX, entrevista XIII – Testemunhas privilegiadas). **Hélio, 75 anos.**

⁴²⁰ Ferreira, Andreia (2009), “Evolução e caracterização dos processos de adoção no centro distrital de Coimbra nos últimos 10 anos”. Relatório de Estágio no âmbito do mestrado em Sociologia. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, pp. 45-46.

⁴²¹ Ramos, Nádia (2016), “A adoção e o bem-estar da criança: a perspectiva de mães e pais adotantes. Um estudo exploratório”, Dissertação de Mestrado em psicologia apresentada à Universidade de Évora, p. 28. Disponível em:

<http://www.rdp.uevora.pt/bitstream/10174/18783/1/A%20ado%C3%A7%C3%A3o%20e%20o%20bem-estar%20da%20crian%C3%A7a%20a%20perspetiva%20de%20m%C3%A3es%20e%20pais%20adotante%20Um%20estudo%20explorat%C3%B3rio.pdf>

Quanto ao tempo de permanência na Base, antes da partida, esta, apesar de diferir, os testemunhos remetem maioritariamente para o facto das adoções se verificarem no limiar do fim das comissões de serviço, dos militares na Base das Lajes, conforme refere este septuagenário:

Não ficavam muito tempo aqui... aquilo eram casais perto de se mudar de Base, já sabiam que estavam para se ir embora, “toca” a procurar um pequeno (cf. Anexo IX, entrevista XIX – Testemunha privilegiada).

Miguel, 74 anos.

No tocante ao processo da adoção, focamos a nossa investigação em quatro pontos: como se estabeleceu o contato entre famílias adotivas e pais biológicos; se as crianças/adultos tinham conhecimento de que eram adotados; a legalidade dos processos, incluindo o tipo de adoção e o país onde se concretizou a adoção; e por fim, abordam-se as questões referentes ao conhecimento dos inquiridos acerca de outros casos e quantos casos estimam ter ocorrido entre os anos de 1946 a 1974.

Assim sendo, constatamos que no ponto referente à forma como as famílias se conheceram, estes contatos foram diretos, por exemplo, por algum familiar que trabalhasse na Base, como comprova o testemunho:

Foram as minhas irmãs... Elas trabalhavam na Base, trabalhavam para as americanas, em casa delas... elas conheciam os americanos, elas é que levaram o pequeno [criança] (cf. Anexo VIII, entrevista II – Famílias biológicas).

Helena, 81 anos.

Mas também se estabeleceram contatos indiretamente, por pequenos serviços prestados aos americanos esporadicamente ou por via de um intermediário, podendo este ser trabalhador da Base:

Eu conheci uma pessoa que muito fez junto dos americanos e das famílias, para dar os pequenos [crianças] para adoção. Eu conheci uma senhora que fazia isso (...) Ela é que conhecia as famílias cá fora que podiam dar os filhos, e conhecia muitos americanos.... Havia sempre alguém cá fora,

intermediário, eles não iam bater à porta de ninguém... porque não sabiam (cf. Anexo IX, entrevista II – Testemunha privilegiada).

Alice, 87 anos.

Verifica-se também, alguma referência aos Lares Residenciais de Acolhimento de Crianças, como meio de contato com crianças, suscetíveis de adoção, e os norte-americanos. Como já tivemos oportunidade de ver, estas eram instituições fortemente visitadas e ajudadas pelos militares, o que facilitava e promovia o contato entre realidades⁴²².

Quanto às memórias dos adotados denota-se desconhecimento de como foi estabelecido o contato entre as famílias, não obstante o facto da maioria apontar para a empregada doméstica da família adotiva⁴²³.

No que diz respeito ao conhecimento que tinham sobre a sua própria adoção, é de salientar que estes, na sua maioria acabaram por descobrir a sua filiação ou pelo facto dos pais adotivos lhes terem contato ou por terem descoberto alguma documentação que tenha suscitado dúvidas sobre a sua filiação, como podemos ver no testemunho que se segue:

I discovered some papers when I was young... And later I found out that I was adopted... and my brother wasn't my brother! [emoção]. I don't know... I can't explain... They [pais adotivos] never told us... we found out for our own... (cf. Anexo VII, entrevista VII- Adotados).

Jessie, 50 anos.

De igual modo, o pai adotivo que tivemos oportunidade de entrevistar, refere que sempre contou ao filho que este era adotado. A revelação da adoção à criança é uma tarefa complexa para os pais adotivos, estando rodeada de um conjunto de aspetos normativos que a condicionam. Assim, é considerada fulcral para a criança e para a manutenção da relação familiar, sendo aconselhado os pais adotivos a ter uma postura neutral face a família biológica, sem julgamentos, culpabilização ou menosprezando-os. Por outro lado, é também considerado que estes devem aceitar a necessidade da criança

⁴²² Cf. Anexo VIII, entrevista III – Famílias biológicas.

⁴²³ Cf. Anexo VII, entrevista IV – Adotados).

em conhecer as suas origens, o seu passado e os motivos inerentes à sua própria adoção⁴²⁴.

Na explicação de David Brodzinsky, *as children learn their adoption stories from their parents, including their connections to birth stories, their lives take on new meaning*⁴²⁵.

Quanto às famílias biológicas, evidencia-se alguma hesitação e dúvida de como é que seus familiares souberam da sua adoção, referindo com frequência “Não sei”, como seria expectável. Contudo, verifica-se que nos casos onde já se deu lugar ao reencontro entre família biológica e adotado, existe um maior conhecimento sobre esta questão, pelo facto do próprio adotado já ter confidenciado à família.

Numa linha mais indireta, mas com algum conhecimento de causa, resta-nos refletir em torno das representações das testemunhas privilegiadas. A maioria, remete para as crianças sujeitas a adoção tardia terem conhecimento da situação em consequência da sua idade⁴²⁶

Não obstante, também foi notória a dúvida e incerteza por parte dos entrevistados, especulando um justificativo, como expresso na memória ulterior:

Talvez os pais adotivos lhes tivessem dito que eles eram adotados, mas a maioria acho que eles não souberam, ficou por serem filhos dos americanos...
(cf. Anexo IX, entrevista IV – Testemunha privilegiada).

Mateus, 69 anos.

A generalidade dos entrevistados, apesar de terem conhecimento de casos concretos, acabaram por não voltar a saber o que aconteceu aos intervenientes que partiram da ilha, e pressupõem o que possa ter acontecido.

Quanto à legalização dos processos de adoção, é de referir que na memória do pai adotivo temos oportunidade de perceber que este fez uma adoção legal, concretizada na ilha Terceira. Contudo em termos de tipo de adoção concretizada, o pai adotivo remete para a adoção plena, embora saliente uma nomenclatura distinta nos EUA – *open adoption*⁴²⁷.

⁴²⁴ Veríssimo, Manuela e Salvaterra, Fernando (2008), pp.507,508.

⁴²⁵ Brodzinsky, David (2011), p.206.

⁴²⁶ Cf. Anexo IX, entrevista V – Testemunha privilegiada.

⁴²⁷ Cf. Anexo VI, entrevista I – Pais adotivos.

Como já sublinhado, de acordo com o Decreto-Lei nº 47.344/66 de 25 de novembro, em Portugal, existiam dois tipos de adoções: a plena e a restrita, sendo que no período em análise, apenas constatamos a concretização da adoção do tipo restrito. Embora, nos pareça que esta terá, na prática, assumido o valor de “adoção plena”, pelo rompimento com os laços biológicos e a consequente emigração da criança adotada.

De igual modo, o discurso dos entrevistados que foram adotados remete para a adoção plena, excetuando um caso que refere ter uma adoção restrita e outro que interpela a legalidade do seu processo de adoção. Esta dúvida está patente no testemunho da adotada:

I don't know... I don't know if I was really adopted...if I was legally adopted, I should be a United State citizen, and I'm not (cf. Anexo VII, entrevista VII – Adotados).

Jessie, 50 anos.

Denota-se incerteza referentemente ao tipo de adoção concretizada. No entanto, os que reconhecem a legalidade do seu processo de adoção, assumem que esta foi realizado nos Açores.

No que concerne aos testemunhos privilegiados no tocante ao processo de adoção, são evidentes muitas dúvidas, especulações e desconhecimento, e aponta-se fortemente para a inexistência de um processo formal de adoção. Embora nalguns casos se assumia ser necessária documentação para sair da ilha Terceira, mas os entrevistados não conseguem precisar qual. Em casos mais específicos e com maior conhecimento da prática jurídica, refere-se que as adoções eram do tipo restrito, no entanto, a própria Lei era limitadora como podemos ver no exposto:

Era tudo restritas (...) a Lei portuguesa, e à boa maneira portuguesa, ela é feita “com os pés”! Ela é feita para a época, ela levou décadas a ser preparada e houve com certeza, muitas reticências (...) A aceitação da adoção como uma coisa injúria (...) saiu uma Lei de adoção, quando foi feito o novo Código Civil em 1900 e não sei quantos [1966] (...) a legislação já contemplava a adoção plena, a plena e a restrita (...) a Lei estava feita só a pensar nos portugueses, ninguém pensou nos estrangeiros (cf. Anexo IX, entrevista XI-Testemunha privilegiada).

Adriano, 90 anos.

Também é de salientar o discurso de um entrevistado, testemunha privilegiada, que descreve o processo de emigração da criança. Para que a criança pudesse viajar na companhia de um casal norte-americano, as partes tinham de se dirigir à Câmara Municipal para remeter o pedido ao Governador Civil. Este processo é descrito no testemunho seguinte:

(...) primeiro tinha de ter a cédula pessoal da criança, depois tinha que ter autorização dos pais [biológicos], fotografias, e fazia-se um processo (...) tinha também o atestado médico, era um processo pequeno. Não havia carta de chamada nem nada, eles iam com os americanos como se fossem seus pais (...). Depois eles iam para Angra, para o Governo Civil, para fazer o passaporte para o pequeno [criança] emigrar. Mas tinha de ter autorização do pai ou da mãe (...) Não se fazia nada no tribunal, era tudo feito na Câmara (cf. Anexo IX, entrevista XVI – Testemunha privilegiada).

Norberto, 83 anos.

Pelos testemunhos anteriores, dá-se nota, que as adoções, quando concretizadas, eram do tipo restritas. No entanto, esta situação apenas pode ser tida no pós '66 em consequência do já aludido Decreto-Lei n.º 47.344/66 de 25 de novembro.

É descrito como se procedia ao processo de emigração da criança, que permitia que esta viajasse na companhia do casal norte-americano, sendo este um processo mais simples e que regulava a emigração de crianças açorianas na companhia de casais norte-americanos, na ausência de legislação. Embora tenhamos consciência que estes processos de emigração, sem adoção declarada, prevaleceram para além de 1966, mesmo após a publicação do Código Civil que reconhece pela primeira vez a adoção como vínculo semelhante ao da filiação natural⁴²⁸.

Ainda é de referir que, quando questionados, no caso dos que assumiram perentoriamente a ilegalidade dos casos, de como é que estas crianças saíam da ilha sem uma adoção concretizada. Os inquiridos apontam para a clandestinidade e/ou

⁴²⁸ Decreto-lei 47.344/66 de 25 de novembro, art.º 1586º.

falsificação de documentação e a possibilidade de embarque em avião militar, como meios de contornar as vias legais ou a ausência destas.

Quando questionados sobre o conhecimento que tinham de outros casos, para além do que haviam descrito, as testemunhas privilegiadas alegam desconhecimento de casos, embora quantifiquem o número de crianças que emigraram na companhia de casais norte-americanos, utilizando expressões como: “muitos”; “50 ou mais”; “largas dezenas”; “deve ter chegado ao milhar”, “100 ou mais”. Estas expressões são conotadoras do elevado número de crianças, que terão saído da ilha Terceira na companhia de casais norte-americanos nos anos de 1946 a 1974. Contudo, pela amplitude e imprecisão dos números avançados, não é possível concluir mais nada. Apenas se pode apontar para uma consciência geral entre as testemunhas privilegiadas de que estávamos perante um elevado número de casos, na sua perceção.

O mesmo acontece com os restantes entrevistados, referem conhecer outros casos, somente em termos numéricos, mas não os quantificam, alegando desconhecimento.

Todavia, é de referir testemunhos que salientam que só recentemente tomaram conhecimento da dimensão do fenómeno, assumindo-o como tendo sido significativa⁴²⁹.

Referentemente à perspetiva dos entrevistados acerca do conhecimento da comunidade e das autoridades locais e estrangeiras sobre as adoções de crianças por casais norte-americanos, é de referir que a esmagadora maioria remete para o conhecimento comum, quer da comunidade, quer das autoridades, rejeitando a hipótese de haver denúncias da entrega de crianças. Como nos explica o testemunho seguinte:

(...) falávamos todos sobre isso (...) Aquilo, toda a “gente” fazia, e toda a “gente” sabia!... Ninguém ia dizer a ninguém!... Para quê? Era muita pobreza, só quem passa! (...) Saíram muitos nos aviões militares... eles entravam na Base, apareciam de uma hora para a outra com um filho... tinham de saber! [autoridades] (cf. Anexo VIII, entrevista XVII – Famílias Biológicas).

Fátima, 61 anos.

⁴²⁹ *I never knew this was a... big deal until recently. I never real knew this was a big issue until now. I knew my adopted sister; she was adopted with me. Our cases were the only ones that I ever knew about it. I never knew that was such a huge number of adoptions, until I found my sister, and knew my history (cf. Anexo VII, entrevista III – Adotados). Joseph, 48 anos.*

Os entrevistados referem que a comunidade local tendia a julgar as famílias, apesar de apontarem a extrema pobreza que as atingia, como justificativo da entrega das crianças, sendo assim, algo aceitável e justificável.

Denota-se especulação e racionalização acerca deste item, por parte dos entrevistados, não entanto, assume-se como sendo recorrente e do conhecimento comum.

Pois olha... uns haviam de falar bem e outros haviam de falar mal..., mas as pessoas da freguesia sabiam então que isso acontecia, e não aconteceu só a uma, aconteceu mais! Então não sabiam? Sabiam! Ninguém dizia era nada! Deu, pronto, está dado, não se falava mais nisso, depois ouvia-se falar, “fulana” deu o pequeno [criança] para a América, pronto, olha é uma sorte! E pronto, segue para a frente (cf. Anexo IX, entrevista IX – Testemunhas privilegiadas).

Leonor, 82 anos.

De notar, no testemunho anterior, a expressão *deu para a América*, como denotativo do foco da adoção na ida para os EUA em detrimento do enquadramento da criança numa família. O que está em causa, portanto, é a melhoria das condições de vida e o sonho americano, aspetos relacionados, como justificativos da adoção. Uma questão que abordaremos de seguida.

Quando questionados se queriam partilhar alguma informação que pudesse ser pertinente para a investigação, várias testemunhas, aproveitaram a oportunidade para dar opiniões, refletirem sobre a entrega das crianças a norte-americanos. Nesta fase da recolha de memórias, os entrevistados adotados reconhecem o facto de terem encontrado as suas famílias e como esta situação foi compensadora; mencionam a pertinência de terem sido adotados, embora refiram que sentem não ter uma história comum com a família biológica; partilham insucessos da adoção; sentimentos que acarretou nas famílias biológicas e em si; enaltecem os norte-americanos e as vantagens que estes trouxeram em termos de qualidade e transformação das suas vidas. Referem, também, expressões como “venda de crianças”, mas reconhecem que se estão a reportar a um período temporal com valores, crenças e modos de vida distintos dos que se vivem na atualidade...

Os processos de adoção de crianças açorianas por casais norte-americanos, continuam a ser uma realidade social que levanta muitas questões quer em termos morais, sociais e culturais, como tivemos oportunidade de verificar pelos diferentes públicos que abordamos e pelas suas representações sociais sobre os casos. Por isso consideramos extremamente pertinente a abordagem às diferentes partes integrantes nos processos de adoção, pois estes permitiram-nos aferir uma perspetiva mais sentida e direta dos casos, contrapondo com o distanciamento e com a menor sentimentalização, das testemunhas privilegiadas, o que nos facultou uma maior complementaridade de informação.

4.2. Adoções infantis: uma tipologia de emigração forçada a partir da ilha Terceira?

Ao estudarmos as adoções, uma questão emerge: As adoções terão sido uma forma de emigração antecipada? Uma emigração infantil, da ilha Terceira rumo aos EUA? Uma estratégia emigratória? Na perspetiva de um melhor futuro? Na impossibilidade da concretização da emigração pelos progenitores, este desejo terá sido alocado aos filhos? Gilberta Rocha considera que *a história dos Açores é, em grande parte, a história da sua emigração*⁴³⁰. Estarão esses dois fenómenos correlacionados?

Analizamos a memória partilhada por um indivíduo externo às adoções, mas com relação muito próxima aos casos, sendo que o entrevistado é concorrente às nossas questões, descrevendo as adoções de crianças terceirenses por casais norte-americanos como sendo:

(...) uma forma de emigração antecipada. Porque esta gente aqui, há muitos anos que ou emigra ou procura emigrar (...) é o imaginário açoriano das Américas, que é uma coisa que acompanha a nossa população (...) Porquê? Porque eu estou a viver numa terra pobre, é uma terra onde eu não tenho futuro. Se eu quero encontrar algum futuro, então o que eu tenho que fazer é ir para lá [América] ... Nos Açores emigra-se desde muito cedo! E o que regressava era rico (cf. Anexo IX, entrevista XI – Testemunhos privilegiados).

Adriano, 90 anos.

⁴³⁰ Rocha, Gilberta (2008), p. 288.

Maria Izilda Santos de Matos explica-nos que as grandes motivações inerentes à emigração portuguesa, prendiam-se com as questões sociais, económicas, mas também com a situação familiar e o ensejo por “*fazer a América*”. Assim, as partidas foram contínuas e frequentes, vinculadas aos descontentamentos, estratégias de sobrevivência, buscas de outras possibilidades e realizações de sonhos⁴³¹. Atendendo ao suprarreferido, poderemos associar a emigração infantil, resultante da adoção de crianças pelos militares norte-americanos como uma extensão do desejo migratório e das dificuldades da família biológica? Confrontando o testemunho e a explicação de Maria Izilda Santos de Matos, nos Açores o fluxo emigratório sempre esteve presente pelo desejo de uma maior prosperidade. Deste modo, estaremos perante um fenómeno emigratório desejado e passado para as crianças, na impossibilidade da sua concretização pelos progenitores?

Verificava-se uma perspectiva de melhoria na qualidade de vida de quem emigrava, e que, por isso, as famílias biológicas ao entregarem os seus filhos a uma família norte-americana estariam a providenciar um futuro socioeconómico mais favorável aos filhos, e quem sabe não trariam estes, anos mais tarde, uma melhor qualidade de vida às famílias que permaneciam na Terceira? Nas palavras de Susana Goulart Costa, *o envio de poupanças e o regresso dos emigrantes às origens gerou óbvios benefícios económicos*⁴³². O facto de se ter um familiar nos Estados Unidos da América, já seria conotador de maiores regalias e condições de vida. Ter um filho nos EUA, seria um prelúdio para um futuro mais auspicioso.

Nos anos 50 e 60 do século XX, a razão da emigração açoriana recaía sobretudo na procura por uma melhoria na qualidade de vida, quer em termos sociais quer em termos económicos⁴³³. Como tivemos oportunidade de ver no capítulo anterior, aquando se aborda as questões relacionadas com as razões da entrega das crianças aos casais norte-americanos, as principais motivações incidem na pobreza endémica e na ambição por um futuro melhor para os filhos, o que nos faz refletir acerca das motivações e da

⁴³¹ Matos, Maria Izilda Santos de (2013), “Escritos e deslocamentos: cartas correspondências e mensagens trocadas entre portugueses (São Paulo – Portugal, 1890-1950), in José Arruda, Vera Ferlini, Maria Izilda Santos de Matos e Fernando de Sousa (org.), *De colonos a imigrantes. I(E) migração portuguesa para o Brasil*. São Paulo: Alameda, p. 52. Disponível em: <https://www.cepese.pt/portal/pt/publicacoes/obras/de-colonos-a-imigrantes-i-e-migracao-portuguesa-para-o-brasil/escritos-e-deslocamentos-cartas-correspondencias-e-mensagens-trocadas-entre-portugueses-sao-paulo-portugal-1890-1950>

⁴³² Costa, Susana Goulart (2008), p.125.

⁴³³ Rocha, Gilberta; Ferreira, Eduardo e Mendes, Derrick (2011), *Entre Dois Mundos*. Edição do Governo dos Açores, p. 55.

correlação destas com o processo emigratório. Levando-nos a ponderar a possibilidade de uma forma de emigração infantil, ou nas palavras do entrevistado supra, uma emigração antecipada, e em tão tenra idade.

Para além da população da ilha já ter assistido a regressos e/ou visitas de emigrantes açorianos, demonstrando terem sido bem-sucedidos nas Américas; de poderem conviver diretamente com os norte-americanos que transmitiam um modelo de vida mais farto, estas vivências e o “imaginário” açoriano por terras americanas, fazia despoletar o desejo por emigrar e melhorar a sua condição social e económica. Nas palavras de Susana Serpa Silva: *O maior estigma de muitos açorianos era a pobreza, material e cultural, bem como a falta de meios e de oportunidades para alcançar, no arquipélago, um futuro promissor*⁴³⁴.

Das várias entrevistas podemos destacar o caso específico descrito por uma testemunha privilegiada, que nos refere que a criança entregue aos norte-americanos, facilitou, anos mais tarde, a reunião com a sua família nos EUA, por intermédio de “Carta de Chamada” que fez para toda a família que havia ficado na ilha. Este terá sido um caso esporádico, que tivemos conhecimento, mas que consideramos relevante ser analisado⁴³⁵.

Como sublinhado anteriormente, este foi um dos escassos casos apresentados em que a família biológica acabou por emigrar e reunir-se nos EUA com a pessoa adotada, que fez “Carta de Chamada” para toda a família, arrancando-a da subsistência penosa e de extrema pobreza em que se encontrava. Como nos explica Susana Serpa Silva, *o fenómeno emigratório sempre envolveu a célula familiar e não apenas o indivíduo*⁴³⁶. O que acabou por ser o caso desta criança, que foi adotada com idade mais avançada.

A “Carta de Chamada” foi um documento regulador das entradas e saídas da população visando a sua conseqüente instalação no país de acolhimento, sendo parte integrante do processo de pedido do passaporte. Estas, eram cartas de familiares sediados em país estrangeiro, que por via destas, manifestavam o seu desejo de reunificação de seus parentes no país recetor. No caso descrito anteriormente, a criança adotada – após a sua legalização nos EUA – manifesta a sua intenção de reunir com a família biológica, nos EUA, por via de uma “Carta de Chamada”. Esta carta foi

⁴³⁴ Silva, Susana Serpa (2019), p. 109.

⁴³⁵ *Ela é que mandou chamar a família toda. Foi tudo para a América (...) E depois fez Cartas de Chamadas para os pequenos [filhos] da irmã e para o homem dela... foi tudo! As irmãs, sobrinhas... tudo! (...) Ela disse-me, aí sentada: “Eu não tive sorte só para mim como tive sorte para as minhas irmãs”* (cf. Anexo IX, entrevista III – Testemunha privilegiada). **Matilde, 82 anos.**

⁴³⁶ Idem, p. 112.

reconhecida em cartório e incluída no processo burocrático exigível para a concreção do pedido de passaporte da família biológica, para se ir reunir à adotada⁴³⁷.

Como referimos no capítulo anterior, na maioria dos casos de adoção de crianças açorianas por casais norte-americanos, os contatos com as famílias biológicas eram cortados com a desmobilização do militar para outra Base ou de regresso aos EUA. Contudo, parece-nos que a manutenção dos laços relacionais é determinante para a aproximação entre famílias e a consequente emigração da família que permaneceu na ilha, como foi o caso aqui apresentado, em que os laços familiares perpetuaram para além da distância e do tempo.

De igual modo, é de referir que as famílias biológicas acentuam a esperança que tinham na entrega das crianças, como forma de estas posteriormente as poderem ajudar economicamente ou para fazerem a travessia transatlântica rumo às Américas. Nos testemunhos seguintes, é visível o ensejo das famílias pela emigração e/ou por melhores condições de vida em consequência da entrega da criança:

Eu ainda lhe disse: - “Ao menos a mãe tivesse ficado com a direção”. Talvez ele tivesse ajudado a “gente”. Talvez tivesse dado um futuro à gente ... se teve sorte (cf. Anexo VIII, entrevista V – Famílias biológicas).

Maria, 57 anos.

De salientar, na presente memória, a dúvida da família. Por um lado, esperavam que os adotados pudessem mais tarde ajudar a família que ficava na ilha, mas também concluíam que isto dependeria do futuro que teriam e da sorte que teriam.

A memória seguinte parece-nos ilustrativa do conhecimento que os norte-americanos tinham sobre o desejo insular pela emigração, e a forma em como este poderia influenciar a entrega de uma criança:

*Eles [americanos] eram muito amigos com a minha irmã, ela trabalhava na Base... e eles disseram: - “Se me deres este pequeno para levar para a América, tu também vais, que eu chamo-te” [Carta de Chamada]. E ela que se consolava em ir para a América? Ela consolava-se... **E a mãe também foi para a América? Eles fizeram a Carta de Chamada? “Cá nada!” [não] O pequeno***

⁴³⁷ Veja-se: Matos, Maria Izilda Santos de (2013), p.59.

[criança] foi..., mas a mãe ficou... nunca mais soubemos nada dele... [emocionada] (cf. Anexo VIII, entrevista II – Família biológica).

Helena, 81 anos.

Também, podemos encontrar, referência direta à preparação da criança para a emigração, para um futuro mais promissor. Referimo-nos ao caso de uma criança com idade mais avançada, adolescente, que se encontrava institucionalizada num Lar de Acolhimento Residencial da ilha Terceira, em consequência de orfandade de mãe. O irmão biológico descreve a entrega como tendo sido:

(...) uma coisa pensada para meu irmão ir para a América (...) Era mesmo a pensar num futuro melhor, ir para a América... foi uma maneira de emigrar (...) aparece uma oportunidade a um da “gente” ... uma passagem para a América... foi aproveitar (cf. Anexo VIII, entrevista VII – Famílias biológicas).

Joaquim, 57 anos.

Das várias memórias partilhadas, salienta-se a motivação das famílias para a emigração, quer para a criança quer para a restante família. Esta ambição está intrinsecamente ligada com a principal razão apontada pelos entrevistados para a entrega de crianças terceirenses a casais norte-americanos sediados na Base das Lajes, ou seja, a extrema pobreza que se sentia por toda a ilha e pelo arquipélago dos Açores. Mas não podemos descurar de referir, que na década de 60, Portugal registava os mais elevados índices de emigração referentemente à população residente⁴³⁸, o que também se fez sentir fortemente nos Açores, sobretudo numa região tradicionalmente emigrante, onde os açorianos se sentiam impelidos a perseguir o *american dream*.

4.3. O silêncio da comunidade.

Como já assinalado anteriormente, as adoções foram e continuam a ser, um dos tabus da sociedade terceirense e *quicá* açoriana. Permaneceu durante décadas nos silêncios mais recônditos da comunidade, e uma das causas prováveis deste silêncio terá

⁴³⁸ Barreto, António (2015), p. 120.

sido o próprio regime do Estado Novo, por consequência da ideologia regente. Pois, estas entregas seriam um atentado ao intuito moralizante, conservador e tradicionalista do salazarismo, seriam uma perversão aos valores da família e aos bons costumes, tão propagados nos discursos do próprio chefe de Estado⁴³⁹.

Deste modo, questionamo-nos: como a comunidade e as autoridades locais lidaram com os processos de adoção?

Como já tivemos oportunidade de analisar, a legislação reguladora da adoção surge em 1966, no entanto, detetamos que as adoções se verificaram desde inícios da década de 50 (pela análise das fontes escritas), passado pouco tempo da chegada dos norte-americanos à ilha. Assim, urgia que se criasse mecanismos reguladores desta prática, na ausência de legislação:

Esses casos dos anos 50, nem sequer podiam ser postos num tribunal português, por uma razão simples! É que em 50 não tínhamos em Portugal nenhuma lei que permitisse, sequer, a adoção. A lei que permite a adoção é dos fins dos anos 60 (...). Nos anos 50 esse problema não se punha... era um caso de uma criança que desaparecia daqui e que chegava lá [EUA], e que eles diziam que era filho deles ou qualquer coisa assim. Material e juridicamente seria impossível...sair de cá com essa coisa [adoção], nem que fosse por mais fingida que fosse... não era possível, era a lei portuguesa (cf. Anexo IX, entrevista XI – Testemunhas privilegiadas).

Adriano, 90 anos.

A adoção de crianças terceirenses por casais norte-americanos, é uma realidade social que levanta várias questões, pela sua falta de transparência e pela ausência de legislação reguladora. Surgem muitas dúvidas acerca da legalidade do processo de adoção/entrega de crianças. Também a testemunha seguinte reflete sobre o processo de adoção:

Como é que as pessoas não sabiam que os pequenos [crianças] já não estavam com as suas mães? Isso são coisas que perguntei (...) Eu às vezes pergunto-me como é que o Governo deixou esses pequenos [crianças] irem-se

⁴³⁹ Veja-se, por exemplo: Gameiro, José (1990), “Uma nova visão da família e do casamento”, In António Reis (Dir.) *Portugal Contemporâneo*, Vol. V. Lisboa: Publicações Alfa, pp. 357-366.

embora assim? (...) Ela [mãe adotiva do irmão] foi-se embora e pronto. Como é que ela se foi embora? Foi num avião português? Foi num avião americano? Como é que foi? (...) As pessoas não querem falar. É um segredo (cf. Anexo VIII, entrevista I – Famílias Biológicas).

Esmeralda, 54 anos.

São várias as reflexões e questões que se levantam em torno da adoção/entrega de crianças. Muito ficou por explicar, muitas famílias e adotados continuam a desconhecer o processo, como as crianças saíam do país... de salientar a própria expressão da entrevistada: *É um segredo*, as pessoas calavam, silenciavam o fenómeno. Mas é pertinente referir que a entrevistada aponta para o presente – *é* – Será que continua a ser?

Ao longo da recolha dos testemunhos orais, foram evidentes as renitências dos entrevistados. A investigadora teve algumas dificuldades em romper com a relutância dos entrevistados em partilhar as suas memórias, sobre o que durante décadas foi um tabu da sociedade açoriana, tendo-se verificado várias recusas em participar no estudo. Quando abordados sobre a temática, facilmente referiam que não tinham conhecimento, que não queriam falar sobre o assunto, e que a própria investigadora não deveria deixar que estas questões “saíssem as fronteiras” da ilha Terceira.

Este silêncio da população, deve-se em parte, aos valores e à moralidade da época, caracterizada pelo conservadorismo e tradicionalismo, e que se perpetuou nas mentalidades da população, sobretudo na mais idosa, onde recaí a esmagadora maioria da nossa amostra.

No artigo 11 da Constituição de 1933, podemos observar o significado, importância e responsabilidade que recaí sobre o papel da família *como fonte de conservação e desenvolvimento da raça, como base primária da educação, da disciplina e harmonia social, e como fundamento de toda a ordem política pela sua agregação e representação na freguesia e no município*⁴⁴⁰. A família tinha um papel preponderante na formação e na doutrinação do indivíduo, atendendo aos princípios do Estado e da Igreja. Nas palavras de Luís Vicente Baptista, o Estado Novo outorgou à família um *lugar privilegiado no âmbito da desejada “renovação moral da Nação”*⁴⁴¹.

⁴⁴⁰ Constituição de 1933, artigo 11.º.

⁴⁴¹ Baptista, Luís Vicente (1990), “Os discursos moralizadores sobre a família”, In António Reis (Dir.) *Portugal Contemporâneo*, Vol. IV. Lisboa: Publicações Alfa, p. 353.

Uma situação de entrega de crianças, entrando na visibilidade pública, seria um desvio inaceitável, uma quebra ao intuito ideológico da família, da sua pretensão enquanto alicerce de formação social e moral. Para além de que esta seria uma questão, facilmente associada à pobreza e em consequência desta, bem como de vulnerabilidade da própria família, perpetuando-se na trajetória geracional da mesma, associado ao nome e condição social da família.

Nas palavras de Irene Pimentel *além de reprimir os “maus pobres”, o Estado prestava uma assistência pontual aos “bons” pobres em situação de aperto*⁴⁴², pelo que surge a necessidade de se criar estratégias paralelas aos ideais salazaristas e, assim, contornar as vulnerabilidades económicas e sociais a que as famílias estavam sujeitas, em algumas situações, em conluio com a vizinha, com alguém próximo da comunidade, que apoiava como cúmplice na sua situação ou no seu “desvio”. Como explica Antoine Prost, a rede de vizinhança é um *lugar de conhecimento mútuo: cada um é conhecido por um determinado número de particularidades da sua vida privada por pessoas que lhe não são nada e que não escolheu, mas que, no entanto, lhe não são estranhas*⁴⁴³.

Pela análise dos testemunhos orais, depreende-se que os processos de adoção, eram de conhecimento comum, apesar de serem silenciados, como descreve a octogenária:

Isso era um assunto que toda a “gente” sabia, mas não se falava nisso! Não, não se falava sobre isso, não se falava nem uns com os outros... ninguém comentava! (cf. Anexo IX, entrevista II- Testemunha privilegiada).

Alice, 87 anos.

Para além da comunidade no geral, temos de incluir as autoridades portuguesas e norte-americanas, como entidades que tinham igual conhecimento sobre a existência dos casos. Pois, ao refletirmos sobre a entrada da criança na Base, e a saída desta do país de origem, é exetável que houvesse um conhecimento prévio da adoção de uma criança, estamo-nos a reportar a uma “comunidade” militar, eram colegas, vizinhos, conviviam socialmente:

⁴⁴² Pimentel, Irene (1999), p. 507.

⁴⁴³ Prost, Antoine (1991), p. 116.

I think it was very well known that Americans looked for local children. I'm sure some pretend that did not happen (...) Everybody knew...even the authorities... (cf. Anexo VI, entrevista I – Pais adotivos).

Mary 77 anos.

Pelo discurso anterior, este era um fenómeno conhecido de todos e assumido pelo único pai adotivo que tivemos oportunidade de entrevistar, as autoridades tinham conhecimento sobre os processos de adoção informal.

Todavia, o silêncio subjacente, trouxe às famílias biológicas, fortes consequências psicológicas, estigmatizadas e estereotipadas. Como também criou entraves ao reencontro entre famílias biológicas e adotados, como podemos ver na memória de um familiar que se sentiu estigmatizado e segregado pela comunidade local, em consequência da entrega dos seus irmãos:

Olha eu falo pelo que se passou comigo quando era criança. Sofri, sofri muito [emoção] ... dos outros miúdos... eles chamavam-me nomes, que eu era filho da... You know...bastardo, também ouvia... olhavam para mim diferente... Eu tinha um “grupozinho” de 3 ou 4 amigos, brincávamos juntos..., mas eu era olhado diferente.... Eu sentia-me diferente dos outros [emoção] ...

E ainda hoje, isso continua como antigamente, ninguém fala nisso... e até podia ajudar outras famílias a encontrarem os seus irmãos... (cf. Anexo VIII, entrevista XVI – Famílias Biológicas).

Carlos, 63 anos.

Outra questão que nos leva a refletir, em consequência do silêncio da comunidade, prende-se com a saída das crianças da ilha, sobretudo as entregas indocumentadas:

Como é que eles iam de avião “por aí fora”? Tinha de ter qualquer coisa, porque eles saíam... há muito mistério há volta destas adoções... porque os americanos tinham muitos acessos, e muito poder... eles tinham facilidade em contornar as coisas (cf. Anexo IX, entrevista XVIII- Testemunha privilegiada).

Teresa, 68 anos.

Salienta-se a possibilidade de existirem estratégias clandestinas para contornar a saída das crianças do país, sendo que uma das estratégias referenciadas foi o recurso ao avião militar como meio para sair de Portugal:

Uma criança para se deslocar para o estrangeiro... tem que cumprir certas regularidades (...) é certo que qualquer pessoa se mete num avião americano... “os tipos” que saem daqui nos aviões militares americanos não tem que apresentar papéis, senão os papéis para o piloto do avião..., portanto se isto foi feito por militares americanos, resolveu-se ... não foi nos aviões da Pan America nem nada disso!... Foi dentro dos aviões militares que os vinham buscar, (...) eles chegavam à América com aquele menino (...) e diziam que o menino era seu (cf. Anexo IX, entrevista XI – Testemunhas privilegiadas).

Adriano, 90 anos.

Para além da questão da saída de Portugal, coloca-se também a questão de como é que estas crianças entram nos EUA? As testemunhas privilegiadas remetem frequentemente para o facto de terem entrado no país de acolhimento como sendo filhos dos norte-americanos, como acima se refere.

Quando confrontamos essa situação com as perspectivas dos adotados, detetamos, que ainda hoje, encontramos adotados em situação precária referentemente à sua legalidade num país estrangeiro. Estes não são considerados cidadãos norte-americanos, por não terem obtido a sua cidadania. Continuam a ter, somente, o vulgo *Cartão Verde* (Cartão de Residente Permanente Legal), como se fossem meros emigrantes e não filhos adotivos de cidadãos norte-americanos⁴⁴⁴.

Nas palavras de Rafael Atalaio, *a obtenção pela criança da nacionalidade do adotante, dependerá das leis do país de acolhimento. Contudo, a Lei portuguesa não estabelece a perda de nacionalidade portuguesa*⁴⁴⁵. O que nos leva a supor, atendendo à memória anterior, que as questões de nacionalidade dos adotados estariam pendentes das Leis vigentes do Estado norte-americano para onde os adotados emigraram.

⁴⁴⁴ *I never become a citizen; I still have a “Green Card” [US Permanent Resident Card] ... until today! I should be an American citizen because an Air Force family adopted me* (cf. Anexo VII, entrevista VII – Adotados). **Jessie, 50 anos.**

⁴⁴⁵ Atalaio, Rafael (2017), “A adoção internacional e o superior interesse da criança”, Dissertação de mestrado profissionalizante, Faculdade de Direito, Universidade de Lisboa, p. 41. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/32500/1/ulfd134474_tese.pdf

Estas situações, muitas vezes, também são fruto da falta de transparência e do silêncio dos pais adotivos. Este não foi um silêncio exclusivo da população dos Açores, foi um silêncio também dos norte-americanos, o que fez erguer barreiras à relação entre pais e filhos, impossibilitando às crianças, o conhecimento das suas origens e nalguns casos, o reencontro das famílias:

I found the paperwork when I was 16 years old... My story of adoption, it had told me 3 different versions and none of them where even close to the truth. An amazing man from Terceira brought me close to the truth. I also found out that I have a sister that still lives in our island, and she is younger as me... (cf. Anexo VII, entrevista III – Adotados).

Joseph, 48 anos.

Como já foi sublinhado anteriormente, a importância de conhecimento das origens dos adotados, é um marco significativo na construção e preservação da sua identidade, o certo é que este pressuposto, pela importância que tem, hoje é reconhecido pelo Regime Jurídico do Processo de Adoção. Este consagra o direito aos adotados do conhecimento das suas origens, mediante medidas específicas⁴⁴⁶. Esta situação só será reconhecida em 2015 pelo aditamento ao Código Civil de 1966.

Nas reflexões em torno da adoção, surge um outro quesito especulativo, e que poderá, também, ser uma das razões do silêncio da comunidade. Este é referido no relato de uma testemunha norte-americana:

I'm sure that were cases that the Americans paid to the families (cf. Anexo VI, entrevista I – Pais adotivos).

Mary, 77 anos.

Será que estamos perante uma estratégia financeira em torno de crianças? E que por ter sido um meandro financeiro, um “negócio” entre famílias e futuros pais adotivos, foi silenciado durante tantos anos?

⁴⁴⁶ Lei n.º 143/2015, de 8 de setembro, art.º 1990 A.

Dava-se aquele caso, de vender ou não vender, ninguém sabia...ninguém via, já compreendeste? A “gente” não podia dizer aquilo foi vendido [criança] (cf. Anexo IX, entrevista XIX – Testemunhas privilegiadas).

Miguel, 74 anos.

Mas será que estes “pagamentos”, foram em forma de ajuda monetária às famílias, que entregavam os seus filhos na esperança de um futuro melhor? Será que os norte-americanos, vendo a pobreza extrema em que as famílias biológicas viviam, ajudavam os que ficavam?

Essas são questões referidas por algumas famílias biológicas, a forma como os norte-americanos ajudavam os irmãos, os pais biológicos das crianças que levavam. No caso das memórias orais das famílias biológicas, não há referência a pagamentos ou a ajudas financeiras, sendo que uma das entrevistadas, mãe adotiva, frisa vincadamente que:

Eu não vendi! Eu não vendi as minhas filhas! Eu dei-as! Eu dei-as! Eu não tinha poder [meios económicos] para tratar delas... Não tinha! (cf. Anexo VIII, entrevista IV- Famílias Biológicas).

Francisca, 74 anos.

Em contraposição, os testemunhos privilegiados, especulam sobre a existência de uma transação monetária entre famílias biológicas e pais adotivos⁴⁴⁷.

Também é referido que a transação era feita por intermediário, sendo que o dinheiro não chegaria às famílias biológicas e nada aponta para que estas, tivessem conhecimento de que tinha havido algum tipo de ganho:

Havia uma senhora que deu muitos bebés a troco de dinheiro, ela arranjava os bebés portugueses para dar aos americanos... coitadinhos (...) ouvia-se falar muito nela que fazia esses negócios com esses bebés. Mal nasciam, no hospital, ela ia buscá-los e já entregava, ela era a chefe [risos] da coisa (...). Aquela mulher enriqueceu à custa da desgraça de muita “gente”, pode ter a certeza! Ela podia ter ajudado muitas famílias, eu acredito que

⁴⁴⁷ Cf. Anexo IX, entrevista XVIII – Testemunhos privilegiados.

aquele dinheiro era para ajudar também as famílias, podia ser uma parte para ela, mas havia de ser também para ajudar os que ficavam atrás, mas aquilo foi tudo para ela! A família parece-me que não chegou a ver tostão (cf. Anexo IX, entrevista VIII – Testemunhas privilegiadas).

Rosa, 63 anos.

No tocante às questões da adoção de crianças terceirenses por casais norte-americanos sediados na Base das Lajes, muitas são as dúvidas e reflexões que emergem. Também em resultado do véu do silêncio que cobre estas situações e que não nos permite melhor perceber o fenómeno no seu todo.

4.4. As perspetivas dos adotados: que percursos de vida?

Ao longo desta investigação verificamos o deslumbramento pelo estilo de vida dos norte-americanos comparativamente com a pobreza endémica da ilha que os acolheu – Terceira – e a forma como este deslumbramento impulsionou estratégias de emigração e ambição por uma vida melhor, sendo ilustrativo os casos das adoções de crianças terceirenses por casais norte-americanos.

Uma questão relevante são as motivações dos terceirenses, e outros açorianos, a permitir que os seus filhos fossem adotados por norte-americanos da Base das Lajes. As entrevistas permitiram perceber que existiram diversas motivações, por vezes exclusivas, outras complementares. Uma primeira motivação, sobressaindo das outras, respeita à pobreza das famílias, com a menor capacidade de prover aos filhos o que estes necessitavam, à qual se associa a vontade de proporcionar a estes uma vida melhor, a partir do ideário da América como terra da abundância. Portanto, o jogo entre a pobreza presente e a promessa da riqueza futura motivou alguns pais.

Noutros casos, a questão que se coloca é a de a criança ser um peão numa estratégia tentada, nem sempre conseguida, de migração familiar. Nestes casos, com promessas de americanos ou com crianças mais velhas, capazes de manter o contacto com a família biológica, é o próprio adotado que consegue levar a sua família para a América, ao abrigo das leis de reagrupamento familiar. Estes casos, são, contudo, minoritários e, por vezes, são mais sonhados do que concretizados.

Um terceiro tipo de motivação passa pelo ganho monetário, ou em bens. Nem sempre os destinatários destes apoios eram os próprios pais. Contudo, esta é a motivação sobre a qual obtivemos resultados menos sólidos, considerando a delicadeza do julgamento moral da venda das crianças. Os resultados permitem perceber que existia, mas não até que ponto seria um fenómeno generalizado. A pobreza de algumas das famílias, contudo, ajudaria a facilitar a sua concretização, mesmo que os beneficiários fossem intermediários.

Por fim, uma quarta motivação, mais pressentida do que referenciada, respeita ao encargo que as crianças, em especial as raparigas, representavam para famílias caracterizadas por formas duras de pobreza – menos uma criança seria um alívio para se poder prover os restantes membros do agregado, em especial se fosse do sexo feminino, dado o menor rendimento de trabalho que proporcionaria e a maior preocupação com a honra da própria e a da família. Relembremos, a este propósito, que uma clara maioria dos adotados são do sexo feminino.

Atendendo a estes pontos, resta-nos perspetivar e refletir em torno dos percursos de vida de quem partiu, dos adotados. Será que as suas vidas corresponderam aos anseios das famílias biológicas?

De acordo com as testemunhas privilegiadas, inicialmente, aquando da partida das crianças, sobretudo no caso das crianças de faixa etária mais avançada, *as maiorzinhas* nas palavras dos entrevistados, estas tinham noção da família e da vida que deixavam para trás. Portanto as testemunhas reiteram o facto de ter sido doloroso e difícil para as crianças, sabendo o que deixavam para trás, entrar no seio de uma nova família, sem conhecer a língua, entrar num país estrangeiro, com usos e costumes completamente distintos dos que conheciam. Contudo, mesmo nestes casos, a perceção é mais uma projeção do que um conhecimento de causa:

O início deve de ser muito difícil, e para já sem o seu próprio pai, sem a sua própria mãe, com uma família estranha! Deve ser para chorar muitas lágrimas, de certeza, deve ser... de repente vê-se sem os seus familiares, deve ser terrível! Para a cabeça da criança, deve de ser (cf. Anexo IX, entrevista VIII – Testemunha privilegiada).

Rosa, 63 anos.

No tocante às famílias biológicas, no caso das crianças que foram entregues aos pais adotivos, ainda bebês, recém-nascidos, os familiares acreditam que estes não tiveram dificuldades em adaptar-se à nova família, acabaram por ser criados como filhos dos norte-americanos, enveredados desde tenra idade na língua, nos usos e costumes americanos⁴⁴⁸.

Denota-se algum desconhecimento, sendo este patenteado na narrativa dos familiares biológicos que ainda não tiveram oportunidade de reencontrar os seus parentes, desconhecendo o seu percurso de vida.

Em relação aos indivíduos, que já reencontraram as suas famílias, distingue-se um discurso mais preciso, com maior conhecimento e pormenor, como descrito pela irmã biológica que relata as dificuldades do processo de adaptação da irmã:

Não ter ninguém para falar lá a sua língua [emoção] (...) Para ela foi muito duro (...) ela não se adaptava... Eles [pais adotivos] não queriam que ela falasse português. Ela tinha de falar no inglês [emoção]. E para aprender o inglês da noite para o dia? (...) Ela teve uma vida muito difícil! (cf. Anexo VIII, entrevista III – Famílias Biológicas).

Ana, 60 anos.

Segundo as famílias biológicas, a maior dificuldade sentida, principalmente pelas crianças com uma adoção tardia, foi a adaptação a uma nova língua. Pois para além das crianças passarem a ter uma nova família, uma nova casa, passam a ter um novo país, um novo espaço geográfico e todas as questões inerentes a uma nova “vida”, quebrantando o seu passado⁴⁴⁹. Para crianças adotadas em idades mais avançadas, tendo já a sua cultura, a sua língua, as suas raízes, o processo de desenraizamento e nova aculturação, terá sido um forte entrave ao processo de adoção.

Aquela gente nunca a deixou falar português, foi sempre em inglês. E então chocava-me porque ela dizia que ela às vezes queria fazer um carinho àquela senhora [mãe adotiva] e ela não deixava (...) Eu chorava muito com coisas que ela me contava (...) Ela disse que às vezes escrevia cartas, e ela

⁴⁴⁸ Ele nunca esteve com a “gente”, foi como se fosse americano, se foi registado como filho deles... era americano! (cf. Anexo VIII, entrevista V – Famílias Biológicas). **Maria, 57 anos.**

⁴⁴⁹ Atalaio, Rafael (2017), pp. 51-52.

[americana] dizia não: - “No more família Portugal” (...) ela não tinha mais família em Portugal! (cf. Anexo VIII, entrevista XII – Famílias biológicas).

Valentina, 62 anos.

Verifica-se na memória antecedente, que as adversidades foram confidenciadas pelos próprios adotados às famílias biológicas, aquando do seu reencontro.

Em concreto, aponta-se afastamento afetivo entre adotantes e adotados, e volta-se a referenciar o obstáculo da língua, bem como a dificuldade no desprendimento da família biológica e a “necessidade” dos norte-americanos em cortar com os laços familiares.

Também é de salientar o discurso ressentido da testemunha acima citada, demonstrado pela expressão - *Aquela gente*. Isto implica que a ideia de que as famílias biológicas, que tinham a expectativa de os seus familiares adotados terem tido uma vida mais próspera e com maior qualidade, parece ter sido uma desilusão em alguns casos, pois nem todas as adoções foram bem-sucedidas. Para além disso, e como seria expectável, as adoções foram processos dolorosos tanto para as famílias biológicas como para as crianças que partiram na companhia de casais norte-americanos⁴⁵⁰.

Há a referir, de igual modo, os casos de familiares biológicos que remetem para maus-tratos e abusos por parte dos pais adotivos sobre as crianças, e a forma como estes abusos se repercutiram na vida adulta do adotado. Esta situação é descrita nos testemunhos que se seguem:

A que hoje está cá, na ilha, porque ela foi... ele descobriu-a na “valeta” [berma da estrada] deitada, bêbada e drogada... e ele “meteu a mão” [ajudou] a ela. (...) Depois ela deixa esse americano e mete-se outra vez na mesma vida... e continuou com a droga... Um belo dia, estou em casa, bate-me à porta... era da Assistência [Assistência Social], vieram duas... e perguntaram-me se eu tinha uma irmã chamada [nome da irmã] ... [emoção]... e eu disse: “Tenho, está na América”. Então elas disseram-me que ela ia chegar cá, foi no mês do Natal, e elas disseram-me que ela ia para Angra, para o “Abrigo” ... e eu fiquei sem saber o que dizer (...) “estupor” do “velho” [avô adotivo] que fez

⁴⁵⁰ Veja-se: Faraj, Suane *et al.* (2017), p.479 e ss.

mal a elas... Eu sei... fizeram mal a elas! (cf. Anexo VIII, entrevista XV – Famílias biológicas).

Sofia, 58 anos.

No caso anterior, temos um regresso, repatriação, à ilha Terceira. A criança que havia sido adotada, apresenta um percurso de vida com várias infelicidades, sendo que estas resultaram no seu repatriamento. Esta situação faz-nos questionar sobre a legalidade do fenómeno da adoção, sobretudo quando esta situação leva a um repatriamento. No caso da concretização da adoção da criança, colocar-se-ia a situação de repatriamento? Numa adoção oficializada o indivíduo seria naturalizado norte-americano estaríamos perante um cidadão norte-americano, logo não haveria lugar ao repatriamento. Será que estamos perante uma entrega? Sem que a adoção tenha sido concretizada?

Já as minhas irmãs eu soube que elas sofreram muito, uma delas acabou por fugir... e tem as pernas cheia de marcas de cigarro... e nem se sabe explicar bem... devem ter sofrido muito (cf. Anexo VIII, entrevista IX- Famílias biológicas).

Manuela, 56 anos.

Confrontamos então estas perspetivas com as dos adotados, pois são estes quem melhor nos podem clarificar sobre os seus percursos de vida.

Ao longo das entrevistas, dos adotados, verifica-se muita emoção nos seus testemunhos, muitas incertezas, muitas dúvidas em relação ao seu processo de adoção. Algumas delas vão sendo desmistificadas consoante se vão conseguindo reunir com as famílias biológicas. Nas palavras de um dos entrevistados, reconstruir o seu passado foi um *crazy puzzle*⁴⁵¹.

Este desconhecimento gerou agruras em termos de relacionamento entre pais e filhos adotivos, repercutindo-se na sua vida adulta, a falta de continuação e desconhecimento sobre o seu passado. A incerteza das razões da sua adoção, o encerrar do capítulo e poder prosseguir com as suas vidas:

⁴⁵¹ Cf. Anexo VII, entrevistado III – Adotado.

It had never told me a lot about my adoption... at all! As a matter of fact, I don't even know... I don't know nothing... about my adoption, nothing that I can believe [emoção]... is all very strange (...) I was taken away from my adopted family, for abuse. I was put in a foster care (...) It was horrible! My life here was horrible! I'm not upset, I'm hurt, I miss them [família biológica] every day (cf. Anexo VII, entrevista VII – Adotados).

Jessie, 50 anos.

A incerteza das razões inerentes à sua adoção, o desconhecimento sobre a legalidade dos seus processos de adoção e da existência de família biológica, leva a que muitos dos adotados continuam na busca pelas suas raízes, alguns sem grandes sucessos, também resultante da rutura e diversidade de versões sobre a sua adoção.

Como podemos ver no testemunho anterior, a vida da inquirida não foi o expetável pela população da ilha, principalmente pela família biológica, ela descreve a sua vida como tendo sido *horrible*.

Também o testemunho seguinte, refere os abusos na infância e o abandono precoce de casa da família adotiva, no entanto, refez a sua vida, identificando-se como sendo norte-americano:

I'm an American too (...) I have a very quiet life (...) My childhood was not very good; my mother was very abusive... my adoptive mother... that's the reason I left home when I was 17... I left; you know...we didn't talk for 10 years (cf. Anexo VII, entrevista III – Adotados).

Joseph, 48 anos.

Devemos também ressaltar, que os inquiridos reconhecem que tiveram outras oportunidades na vida, muito distintas das que seriam proporcionadas pelas famílias biológicas, no entanto, assumem sentir algum rancor pelos pais adotivos, pelo facto de este lhes terem escondido a verdade sobre a existência de irmãos biológicos nos Açores⁴⁵².

⁴⁵² *Betrayal of the things I... I had a family! ... I knew I had brothers, but I never knew how many? Or where? (...) I got and did a lot of things [sorrisos]. Other way I wouldn't be able to do, travelling for several years, was one of them...They had money, so, I was spoiled [risos]* (cf. Anexo VII, entrevista II – Adotados). **Susan, 61 anos.**

Em contraposição há também a referir, episódios em que os familiares biológicos consideram como tendo sido bem-sucedida a adoção, e ter sido uma bênção para a própria criança. Como por exemplo, a situação de doença de uma criança, que na família biológica não teria os cuidados que teve com os adotantes:

Porque uma delas, tinha problemas de... dos ouvidos, andava sempre com os ouvidos rebentados e... e então ela era muito doentinha. E a minha mãe não tinha possibilidades (...). Acabou por ser uma sorte para ela. Curou-se e teve melhor vida (...) ela não falava muito, ela quase que não falava, porque como não ouvia...então, ela adaptou-se bem ao inglês, ela fala muito bem inglês... e adaptou-se muito bem aos pais... eles dão-se muito bem e são muito bons para ela (...), eles levaram-na para a Suíça para ela ser operada (cf. Anexo VIII, entrevista XVII – Famílias biológicas).

Fátima, 61 anos.

Denota-se, no caso acima, alguma satisfação por parte da irmã biológica, assumindo que a criança adotada era doente e sem perspectivas de futuro na família biológica. Assim poderíamos referir, que estamos perante o verdadeiro sentido da adoção, a garantia do “Superior Interesse da Criança”. A saúde e oportunidade que a criança teve, só foi possível pela assistência médica facultada pelo casal norte-americano, visando o bem-estar da criança, situação que nunca seria colmatada pela família biológica, visto esta ser de um estrato social muito baixo e o tratamento médico ter sido realizado no estrangeiro, o que só foi possível pela condição económica e social dos adotantes.

Há igualmente referência, ao facto do adotado ter decidido sobre a sua própria adoção, sendo uma criança institucionalizada, órfão de mãe, no entanto, visitado pelo pai biológico no Lar onde se encontrava acolhido com os irmãos:

(...) foi uma coisa falada com todos nós (...) Ele quis, ele gostava dos americanos, e prontos e deu-se bem com eles... penso que era gente boa... ele até teve opinião sobre a sua adoção (...) ele podia dizer sim ou não, ele já respondia por si (cf. Anexo VIII, entrevista VII – Famílias biológicas).

Joaquim, 55 anos.

A partilha seguinte, demonstra a cumplicidade e sentimento de família por parte da entrevistada no que concerne aos seus pais adotivos:

(...) being adopted by a wonderful and loving family...they made sure that I knew I was portuguese... that I know my heritage (cf. Anexo VII, entrevista V – Adotados).

Emily, 61 anos.

Neste testemunho está patente a importância dos adotados conhecerem as suas origens. O facto de ter havido transparência na adoção, dos pais adotivos terem revelado a adoção, o seu processo e a sua origem, fez com que esta fosse considerada uma adoção bem-sucedida pela própria adotada. Esta transparência mostra-se como sendo facilitadora da relação entre pais e filhos adotivos e consequentemente promove uma maior qualidade de vida futura. De acordo com Manuela Veríssimo e Maria Fernanda Salvaterra, *à criança deve ser assegurada (...) uma família que sinta como sua e na qual se sinta segura e protegida, ao mesmo tempo que os pais adotivos aceitam e reconhecem as suas origens*⁴⁵³.

Em termos gerais, parece-nos que as adoções acarretaram traumas e vivências marcantes na vida dos intervenientes. A vida das famílias biológicas e dos adotados foi marcada pela ausência de seus entes queridos e por todo o processo de adoção que por si só, e em vários casos, demonstrou-se ser difícil para todas as partes implicadas e condicionante da qualidade de vida que se perspectivava para as crianças entregues aos norte-americanos.

⁴⁵³ Veríssimo, Manuela, e Salvaterra, Fernanda (2008), p. 502.

5º Capítulo – O casamento entre jovens terceirenses e militares norte-americanos sediados na Base das Lajes, 1946 – 1974

Para além das adoções de crianças terceirenses por casais norte-americanos, enquanto fenómeno social resultante da influência norte-americana na ilha, também devemos referir as relações afetivas e/ou amorosas entre jovens terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes no período de 1946 a 1974. Estes relacionamentos estão associados aos impactos da presença estrangeira, na ilha, e à possibilidade de terem existido estratégias matrimoniais atinentes ao objetivo da emigração envolvendo militares da Base das Lajes, resultante dos relacionamentos e da proximidade entre duas nacionalidades.

Na investigação de Reversion Paula, também são referidas as relações amorosas e afetivas entre os jovens militares e as raparigas locais, sustentando que estas jovens se sentiam deslumbradas pelo padrão de beleza americana e pelo *american way of life* que os militares, sediados na Base norte-americana em Fortaleza, Brasil, ostentavam. Estas eram jovens oriundas de famílias tradicionais e que por norma não se deixavam intimidar pelo julgamento social, nem pelo padrão cultural e moral imposto⁴⁵⁴. Na ilha Terceira, similarmente, este encantamento foi notório, culminando num estreitamento das relações entre militares e jovens locais, muitas destas resultando em enlaces e consequentes emigrações para os EUA, na companhia dos cônjuges estrangeiros.

Da mesma forma, a ambição por novos horizontes, por prosperidade e pelos modos de vida dos forasteiros, impulsionou muitos insulares a procurarem um meio de fuga à pobreza através de namoros e matrimónios com militares norte-americanos. Nas palavras de Susana Serpa Silva, *a descoberta e o alargamento de horizontes, sempre fizeram parte da aventura da emigração*⁴⁵⁵. No caso das jovens terceirenses que casaram com militares norte-americanos, à aventura da emigração juntou-se a do matrimónio, com tudo o que isso implica.

Para além de estudarmos os registos escritos, tendo por base os processos de pedidos de passaporte do Fundo do Governo Civil do Distrito de Angra do Heroísmo, incorporamos e cruzamos os dados obtidos com a análise dos testemunhos orais para indagar da hipótese da partida de jovens açorianas, por intermédio do matrimónio com

⁴⁵⁴ Paula, Reversion (2013), p. 3.

⁴⁵⁵ Silva, Susana Serpa (2019), p. 109.

norte-americanos sediados na Base das Lajes, ter sido uma estratégia para sair da ilha através de uma tipologia específica de emigração. Segundo Gilberta Rocha, a emigração açoriana no século XX, foi uma estratégia individual e/ou familiar visando a prosperidade económica e social e uma fuga à pobreza e à consequente falta de oportunidades e meios de subsistência no exíguo meio insular⁴⁵⁶. Por outro lado, como refere Sacuntala de Miranda, desde finais do século XIX, os fluxos emigratórios insulares sempre foram bastante elevados e facilitados pela própria posição geográfica do arquipélago, sendo sobretudo no continente americano que os emigrantes açorianos iam encontrar *os pólos económicos mais dinâmicos e capazes de atrair populações rurais*⁴⁵⁷.

De uma forma geral, a emigração recaía maioritariamente, sobre a população masculina e em idade reprodutiva, o que implicou uma considerável quebra demográfica e diminuição do crescimento natural do arquipélago. Esta situação acarretou consequências em termos de taxa de natalidade, o que poderá ter sido um impelidor da ilegitimidade⁴⁵⁸ e, sobretudo, de algum desequilíbrio entre sexos. Ora, essas situações seriam uma motivação ao namoro e matrimónio com estrangeiros. Por um lado, as jovens solteiras não só sonhavam com o casamento, como fazendo-o com um militar estrangeiro o futuro tornava-se ainda mais risonho. Por outro lado, no caso de algumas mães solteiras, o casamento com norte-americanos era um meio de “lavar” a honra familiar, de legitimar o/os descendente(s) e, talvez ainda mais, de deixar a ilha onde o estigma do “passo em falso” as marcaria para sempre.

No excerto que se apresenta, verificamos o enlace de um militar com uma jovem mãe solteira:

*(...) [identificação do militar norte-americano], casado, sargento das Forças Aéreas norte-americanas, em serviço no aeródromo das Lajes, tendo contraído casamento nesta ilha e desejando regressar aos Estados Unidos da América do Norte, levando na sua companhia a sua esposa [identificação da esposa] (...) e a filha da mesma sua esposa [identificação da criança], de 2 anos de idade (...) filha de pai incógnito*⁴⁵⁹

⁴⁵⁶ Rocha, Gilberta (2008), p. 288.

⁴⁵⁷ Miranda, Sacuntala de (1999), p.36.

⁴⁵⁸ Costa, Susana Goulart (2008), pp. 123 - 124.

⁴⁵⁹ BPARLSR – Angra do Heroísmo – Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo, Processo de Passaporte 1071/70 de 5 de março de 1970.

Atendendo à doutrina moral e social do Estado Novo, a família, no decorrer deste período, era assegurada, unicamente, por via do matrimónio⁴⁶⁰, bem como a filiação legítima⁴⁶¹. Como refere Antoine Prost *casar era fundar um lar, lançar as bases de uma realidade social perfeitamente definida e claramente legível na coletividade*⁴⁶². A união entre duas pessoas consistia na relação homogâmica do casal, sendo que os filhos eram legitimados pela concretização do casamento. Como explica Chiara Saraceno, *ao lado da produção de uma filiação legítima, o casamento como instituição social, em que se definem antes de mais os estatutos de homens e mulheres e as suas relações recíprocas de forte assimetria*⁴⁶³.

O casamento definia de imediato o papel da mulher no espaço da domesticidade, enquanto mãe, educadora, passiva, subordinada ao marido — o chefe da família. Sobre este recaía o dever de subsistência da família e os papéis relacionados com o espaço público, enquanto a mulher se cingia ao mundo privado. O matrimónio visava também a saída das jovens de casa dos pais e a sua passagem para a casa do cônjuge⁴⁶⁴, transitando, com elas, as obrigações/preocupações que uma filha acarretava. Essas inquietudes e cautelas morais eram, então, transferidas para o marido.

Patenteia-se a forte discriminação de género sofrida pelo sexo feminino, vincada e legitimada pela legislação portuguesa⁴⁶⁵. Na explicação de Virgínio Ferreira, *do discurso oficial do Estado Novo sobre a separação e complementaridade dos sexos decorria inexoravelmente que o lugar das mulheres era no espaço doméstico*⁴⁶⁶.

As diferenças sexuais eram instituídas desde a adolescência, bem como o próprio casamento e a definição dos diferentes papéis a assumir pelos cônjuges, *a família exercia um rigoroso controlo sobre os seus próprios membros (...) a partilha de papéis entre homem e a mulher, atribuía a esta última o interior da família, reservando àquele o domínio exterior*⁴⁶⁷.

⁴⁶⁰ Veja-se: Segalen, Martine (1999), *Sociologia da Família*. Lisboa: Terramar, p. 152.

⁴⁶¹ Código Civil de 1933, art.º 12, alínea 1.ª.

⁴⁶² Prost, Antoine (1991), p. 87.

⁴⁶³ Saraceno, Chiara e Naldini, Manuela (2003), *Sociologia da Família*. Lisboa: Editorial Estampa, p.83.

⁴⁶⁴ Segalen, Martine (1999), p. 141.

⁴⁶⁵ Código Civil de 1933, art.º 15º: *A igualdade perante a lei envolve o direito de ser promovida nos cargos públicos, conforme a capacidade ou serviços prestados, e a negação de qualquer privilégio de nascimento, nobreza, título nobiliárquico, sexo ou condição social, salvas, quanto à mulher, as diferenças resultantes da sua natureza e do bem da família (...)*

⁴⁶⁶ Ferreira, Virgínio (2000), “Portugal: Mudança social, políticas estatais e mobilização social das mulheres”, In António Costa Pinto (Coord.), *Portugal contemporâneo*, Madrid: Sequitur, p. 182.

⁴⁶⁷ Prost, Antoine (1991), pp. 77 - 78.

Os ritos do namoro também estavam sujeitos aos padrões fortemente moralizadores, era expectável de uma futura esposa o recato e a virtude, devendo a jovem manter-se pura e casta até à consumação do matrimónio. A libertinagem consentida e aceite, bem como o recurso à prostituição, eram apanágio da masculinidade e associados à virilidade do jovem rapaz⁴⁶⁸.

O matrimónio, na época, foi o principal ideário feminino⁴⁶⁹, o desejo pela domesticidade e pela maternidade, como transposição para um novo estatuto – de esposa e de mãe. Esperava-se, que as raparigas cassassem cedo, sendo a adolescência o marco da idade núbil, enquanto para os rapazes era previsto um casamento em idade mais tardia, de modo que garantisse o amadurecimento e a estabilidade. Por um lado, visava-se que uma jovem se consorciasse entre os 18 e os 25 anos, garantindo, com esta precocidade, a manutenção da honra da rapariga e a consequente entrega ao marido, sem comprometer a fertilidade. Por outro lado, esperava-se, dos rapazes, a sua autonomização e independência financeira para assegurarem a provisão da família e segurança socioeconómica, o que justificaria a idade mais tardia do futuro marido (entre os 20 e os 30 anos)⁴⁷⁰.

O namoro correspondia a um conjunto de ritos que visavam, sobretudo, a preservação da honra da futura esposa. Inicialmente ocorria a fase do encantamento, começando o jovem rapaz a percorrer a rua de residência da moça, numa manifestação de apreço, a que esta atendia espreitando por entre a cortina. Se o enamoramento era correspondido e consentido pelos pais da jovem, iniciava-se o namoro à janela⁴⁷¹, permanecendo a rapariga no interior da moradia e o jovem no exterior, mantendo o afastamento e evitando qualquer impulso afetivo mais ousado. Com a passagem ao noivado, os pais já consentiam a presença do noivo em casa, mas sempre sob o olhar atento dos familiares da noiva⁴⁷². Estas etapas precedentes à concretização do consórcio eram duradoras, perpetuando-se por alguns anos. Não era bom sinal apressar o casamento.

Os sentimentos e a afetividade eram relegados para segundo plano, prevendo-se que viriam a existir ou a manifestar-se mais tarde, com o convívio diário e mais íntimo.

⁴⁶⁸ Gameiro, José (1990), pp. 364.

⁴⁶⁹ Silva, Susana Serpa (2011), p. 384.

⁴⁷⁰ Alão, Ana Paula (1990), “As práticas afetivas”, In António Reis (Dir.) *Portugal Contemporâneo*, Vol. IV. Lisboa: Publicações Alfa, p. 381.

⁴⁷¹ Silva, Susana Serpa (2011), p. 385.

⁴⁷² *Idem*, pp. 377 e 378.

Porém, não eram prioritários nem decisivos para a união matrimonial, privilegiando-se o socialmente instituído em detrimento do domínio afetivo⁴⁷³.

Ainda é de referir que, pela Concordata de 1940, assinada pela Santa Sé e pelo Estado Português, o divórcio não se aplicava aos casamentos canónicos⁴⁷⁴. De acordo com o Código Civil de 1966, o *casamento é um contrato celebrado entre duas pessoas de sexo diferente que pretendem constituir legitimamente a família mediante uma comunhão plena de vida*⁴⁷⁵. O matrimónio, contrato/sacramento era vitalício e só devia dissolver-se, portanto, na sequência do falecimento de um dos cônjuges.

É neste quadro epocal que procuramos perceber e refletir em torno dos processos de namoro e casamento entre cidadãos das duas nacionalidades, integrados no processo do impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira. Parece-nos pertinente, desde logo, verificar se os padrões culturais e normativos da época eram uma realidade no tocante a estes namoros e casamentos. Ou será que estes rituais eram influenciados pelos costumes e a presença estrangeira na ilha?



Figura 89 - Casamento entre jovem açoriana e militar norte-americano da Base das Lajes, Praia da Vitória, em 1956.

Fonte: Arquivo Foto Íris.

Pela fotografia anterior, que retrata a entrada na Igreja Matriz da Vila da Praia da Vitória, no ano de 1956, de uma jovem noiva terceirense e de um militar norte-

⁴⁷³ Prost, Antoine (1991), p. 89.

⁴⁷⁴ Concordata entre a Santa Sé e a República Portuguesa, 7 de maio de 1940, art.º XXIV.

⁴⁷⁵ Decreto-lei 473447/66, de 25 de novembro de 1966, art.º 1576.º.

americano, fardado a preceito, verificamos que tudo indica tratar-se de uma cerimónia tradicional portuguesa e insular. A noiva enverga um longo vestido branco, com cauda e um véu que lhe cobre a cara, segurando o tradicional ramo de flores, seguindo, atrás do casal de noivos, os familiares e também curiosos que assistem ao cortejo nupcial. Por conseguinte, trata-se, à partida de um casamento “à portuguesa”, enquadrado nos padrões inerentes à classe média baixa. Esta imagem leva-nos a pressupor que nem todos os casamentos de jovens terceirenses com norte-americanos abrangessem jovens de baixos estratos sociais, mas podemos igualmente pressupor que as despesas com o vestido e a cerimónia podiam ser asseguradas pelo noivo, com toda a certeza mais abonado do que as famílias locais. Para não defraudar o sonho do dia do casamento era possível que o jovem noivo se encarregasse de algumas despesas, se não mesmo de muitas delas.

Numa vila como a Praia da Vitória a pobreza de muitas famílias seria uma realidade, assim como o anseio por uma maior qualidade de vida e por um futuro melhor para os mais jovens. Todavia, não podemos descurar de ponderar sobre o fascínio feminino pela ostentação da farda militar⁴⁷⁶, impulsionando o sonho do matrimónio com um “garboso militar” que abriria as portas de um dos mais desejados destinos de emigração açoriana: os EUA. Como refere Susana Serpa Silva, o matrimónio entre açorianos e norte-americanos, de ambos os sexos, *era um meio usado para garantir a entrada e residência nos EUA*⁴⁷⁷.

Na ilha Terceira tinha-se um vislumbre do que se poderia alcançar com a emigração para os EUA, desde logo por intermédio da presença e influência norte-americana que se fazia sentir a vários níveis, como vimos anteriormente. No entanto, nem sempre o passaporte era acessível a todos e, por isso, a emigração e consequente legalização nos EUA, podiam vir a ser alcançadas pela via do matrimónio. Assim, um casamento destes podia transformar, completamente, a vida de uma mulher terceirense.

Se partirmos do pressuposto que os norte-americanos seriam “imigrantes” nos Açores, podemos dizer que estamos perante um fenómeno muito curioso, pois, por norma, são as comunidades de acolhimento que têm o maior impacto sobre os imigrantes, são estes que vão *interiorizando novos costumes, adotando outros hábitos de consumo e de vida quotidiana, em conformidade com o novo status social que esse*

⁴⁷⁶ Silva, Susana Serpa (2011), p.417.

⁴⁷⁷ Silva, Susana Serpa (2019), p.112.

*nível de vida lhes conferia*⁴⁷⁸. No caso aqui apresentado, da presença norte-americana na Base das Lajes, é a comunidade “imigrante” que transforma a comunidade hospedeira, pois eram os norte-americanos que tinham o poder económico, os empregos seguros, o bom nível de vida e a possibilidade de retornarem aos EUA, levando consigo as esposas açorianas, já enleadas no sonho americano. Alguns contactos com a Base permitiam vislumbrar (e deslumbrar) o desenvolvimento, a tecnologia, os bens materiais, e toda a qualidade de vida associada aos norte-americanos.

Neste sentido, pretendemos analisar o matrimónio entre as jovens açorianas e os militares sediados na Base das Lajes, enquanto fenómeno resultante e/ou associado ao impacto social da presença norte-americana e a forma em como este impacto, e a influência dos “imigrantes” militares sobre a comunidade de receção impulsionou os enlances entre jovens das duas nacionalidades e as garantias e possibilidades que por via destes poderiam ser alcançadas.

5.1. Das fontes escritas aos testemunhos orais

Para estudarmos os processos de casamento entre jovens terceirenses e norte-americanos, recorreremos ao acervo do Fundo do Governo Civil do Distrito de Angra do Heroísmo, depositado no Arquivo Regional de Angra do Heroísmo, mais precisamente os processos de passaporte⁴⁷⁹.

⁴⁷⁸ Silva, Susana Serpa (2002), “Em busca de novos horizontes. Açores, emigração e aculturação nos finais do séc. XIX, inícios do séc. XX”, In *Arquipélago História*, 2ª Série, VI, p. 356.

⁴⁷⁹ BPARLSR – Angra do Heroísmo – Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo - Registo de Passaportes - Caixas e maços 1946 – 1974: 1946 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 48; 1949 – Caixa - Processo Passaporte n.º 189 a 553; 1950 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 529; 1951 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 404; 1952 - Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 305; 1953 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 195; 1954 – Caixas - Processo Passaporte n.º 1 a 127 e do n.º 163 a 351; 1955 – Caixas - Processo Passaporte n.º 1 a 66, do n.º 87 a 133 e do n.º 201 a 269; 1956 – Caixas - Processo Passaporte n.º 1 a 74 e do n.º 164 a 220; 1957 – Caixas - Processo Passaporte n.º 93 a 200 e do n.º 241 a 550; 1958 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 435; 1959 – Caixa - Processo Passaporte n.º 181 a 569; 1960 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 900; 1961 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 571; 1962 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 565; 1963 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 745; 1964 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 880; 1965 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1021 a 1151; 1966 – Caixa - Processo Passaporte n.º 12 a 45, n.º 146 a 265, n.º 344 a 500, n.º 611 a 625 e do n.º 634 a 2024; 1967 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 443, n.º 587 a 660 e do n.º 770 a 1531; 1968 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 65, n.º 71 a 756, n.º 772 a 1224 e do n.º 1307 a 2210; 1969 – Caixa - Processo Passaporte n.º 710 a 830 e do n.º 881 1973; 1970 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 524, n.º 830 a 914 e n.º 1357 a 1514. Maço de abril e maço de 664 a 680; 1971 – Maço de 681 a 702; 1972 – Maço de janeiro, maço 661 e maço de 703 a 727; 1973 – Maço de 728 a 752; 1974 – Maço de 753 a 770.

Este acervo, permitiu-nos perceber o número de jovens que emigraram na companhia de seus cônjuges norte-americanos. De referir, que nalguns dos processos podemos encontrar a certidão de casamento e a referência a *contraíram casamento nesta ilha*, mas foram escassos os processos de passaporte que incluíam a certidão de casamento, motivo que nos levou a confrontar essa informação com o Registo da Cúria Diocesana de forma a melhor precisarmos a real efetivação do matrimónio.

Assim sendo, foram registados 481 casamentos concretizados no período de 1946 a 1974. Todavia, é pertinente ponderarmos a possibilidade de não termos a totalidade dos dados, quer por estes se terem extraviado, quer por se encontrarem em mau estado, ou simplesmente por não constarem como casamento concretizado na ilha Terceira. Ou ainda, por não ter sido solicitado passaporte pela jovem nubente ou pelo marido, pois a presença de aviões militares poderá ter facilitado a saída de jovens indocumentadas.

A presença dos aviões militares e a possibilidade de uma emigração quase que “clandestina”, à semelhança do referido aquando da análise e reflexão em torno das adoções de crianças terceirenses por casais norte-americanos, é uma hipótese que não podemos descurar sobretudo pelo facilitismo que se verificava no embarque e que foi por várias vezes referenciado pelos entrevistados.

Apesar de os resultados aqui apresentados não retratarem a dimensão total do fenómeno, eles são muito representativos desta realidade social, sobretudo em termos quantitativos.

Para além de termos trabalhado os dados quantitativos obtidos nos acervos anteriormente referidos, também tivemos oportunidade de recolher várias memórias orais através das entrevistas de testemunhos privilegiados, que conheceram casos concretos de casamentos entre jovens açorianas e militares norte-americanos e, também, de familiares diretos das jovens nubentes. Estas entrevistas permitiram-nos aceder à dimensão das representações sociais face o fenómeno dos casamentos e relacionamentos afetivos e amorosos entre portugueses e estrangeiros. Não obstante, o estudo sobre as memórias obriga-nos a ter alguma prudência, sobretudo com a subjetividade em torno do que é lembrado. Nas palavras de Philippe Joutard *a memória sabe também transformar, consciente ou inconscientemente, o passado em função do presente, apresentando a tendência particular de embelezar este passado*⁴⁸⁰. Atendendo ao

⁴⁸⁰ Joutard, Philippe (2007), p. 223.

referido, devemos manter um espírito criterioso e de rigor científico para triar as memórias partilhadas, tendo sempre consciência da subjetividade que lhe está subentendida.

Apesar das dificuldades de localização e contato, foram concretizadas 22 entrevistas, 10 pertencentes ao sexo feminino e 12 ao sexo masculino, com idades compreendidas entre os 60 e os 86 anos. Sendo que a escolaridade dos entrevistados oscila entre a 2.^a classe e o ensino universitário. Em termos de naturalidade dos sujeitos, estes são oriundos de várias ilhas dos Açores: S. Miguel, Graciosa e Terceira, embora se encontrem a residir na ilha Terceira, com exceção de um dos casos, que reside atualmente nos EUA.

Quanto à profissão dos entrevistados, a esmagadora maioria é reformada (18 sujeitos), sendo que metade (9) dos reformados são ex-trabalhadores da Base das Lajes, incluindo ex-empregadas domésticas das famílias norte-americanas. De igual modo, é de referir que entrevistamos várias esposas de ex-trabalhadores e indivíduos de referência da comunidade sem qualquer ligação à Base das Lajes, sendo estes considerados como testemunhas privilegiadas, totalizando 15 indivíduos.

Para além disso, ainda tivemos oportunidade de conhecer as perspetivas de familiares de nubentes (6 indivíduos), bem como um sujeito que concretizou matrimónio com um militar em serviço na Base das Lajes.

Releve-se que não foi possível entrevistar os nubentes (para além do caso referido, cuja sua concretização foi possível por este residir na ilha Terceira), por estes se encontrarem dispersos nos EUA e/ou por terem idades muito avançadas, o que condicionou o estabelecimento do contato à distância.

5.1.1 Das fontes escritas

Como já foi assinalado, neste ponto focaremos a análise nos dados quantitativos recolhidos no acervo do Fundo do Governo Civil do Distrito de Angra do Heroísmo, que posteriormente foram confrontados com os dados da Cúria Diocesana, por forma a obtermos a informação o mais ampla e completa possível.

Voltamos a frisar que os dados recolhidos poderão não corresponder à totalidade dos casos, pois como sabemos, a saída da Base das Lajes, rumo a outras Bases norte-americanas, em avião militar era prática comum, o que implicava a possibilidade de

saída do país sem passar pelos habituais controlos de fronteira. Não conseguimos aferir se nestes casos específicos haveria lugar ao processo de pedido de passaporte. Também é uma realidade quando se trabalha a historiografia e se pesquisa em fundos, que uma parte da informação poderá ter sido extraviada, encontrar-se demasiado degradada ou dispersa por várias entidades.

É de referir que a investigação sobre os casamentos entre militares norte-americanos e jovens açorianas, maioritariamente terceirenses, recai, como o resto do trabalho, sobre o período de 1946 (data oficial da chegada dos norte-americanos à ilha) e 1974 (fim do período denominado de Estado Novo).

O casamento normalmente era realizado na ilha Terceira, embora se possa encontrar escassos casos em que o jovem casal concretizou o matrimónio na freguesia de naturalidade da noiva – nos casos das jovens naturais de outras ilhas –, seguindo os ritos católicos (predominou a religião da noiva) e posterior emigração do casal para os EUA, em regra um ano após o enlace.

Não podemos ficar indiferentes ao facto dos registos de passaportes nos terem facultado a informação referente a um casamento concretizado em 1945, pois como é sabido e anteriormente referido no presente estudo, apesar de se oficializar a presença dos norte-americanos no aeródromo das Lajes no ano de 1946, já estes se encontravam na ilha como técnicos a apoiar os britânicos nas obras de requalificação do aeródromo, pelo que não é impeditivo de imediata manifestação de relacionamentos amorosos entre comunidades.

Por forma a apurarmos e limitarmos quais os passaportes pertinentes ao nosso estudo, tivemos de analisar os dados referentes ao noivo, pois somente nestes casos podíamos perceber quais eram os noivos norte-americanos (naturalidade) e quais estavam sediados na Base das Lajes (pela morada e pela profissão).

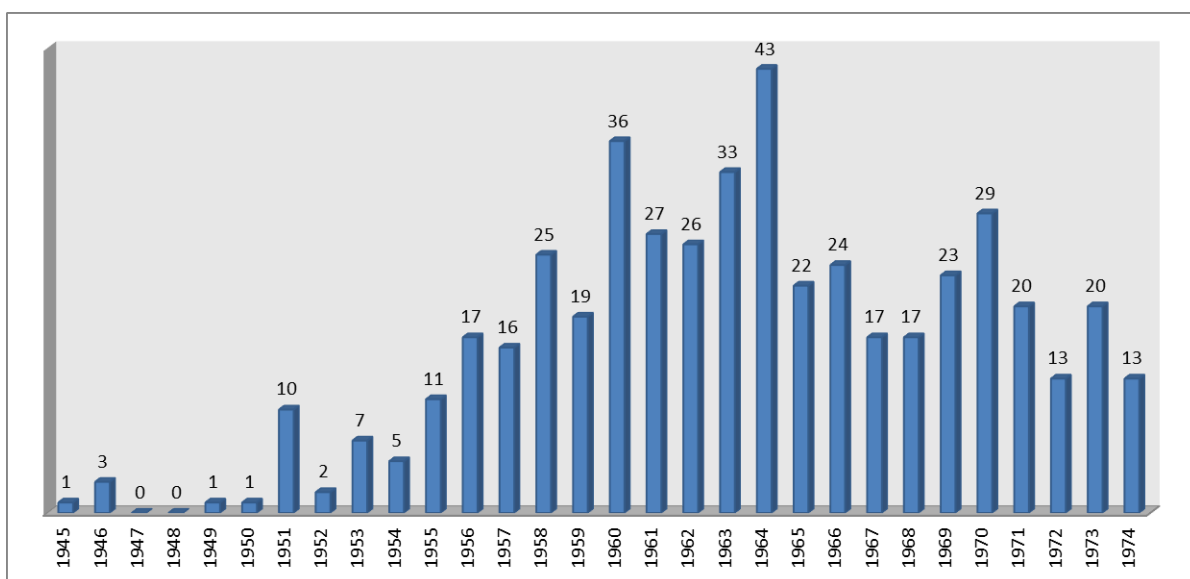
É de referir, que estes dados se encontram descritos no processo de passaporte, mais precisamente no requerimento feito pelo noivo ao Governador Civil a solicitar o passaporte para a esposa, como podemos verificar no registo seguinte:

Robert Maulden, de 21 anos, cidadão americano, sargento das Forças americanas estacionadas no Aeródromo das Lages do concelho da Praia da

*Vitória, tendo realizado o seu casamento nesta ilha e desejando, em breve, regressar ao seu país de naturalidade, levando na sua companhia sua esposa*⁴⁸¹.

Assim sendo, e passando à análise dos dados recolhidos aquando da pesquisa documental. Pela observação do gráfico 7 podemos ver a distribuição de casamentos concretizados, por anos.

Gráfico 7 - Número de casamentos realizados entre jovens açorianas e norte-americanos, por ano.



Fonte: BPARLSR – Angra do Heroísmo - Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo - Registo de Passaportes.

Pelo estudo do gráfico precedente, aferimos que no nosso período de estudo, onde incluímos o casamento realizado em 1945, constatamos que se concretizaram 481 matrimónios entre jovens terceirenses e militares norte-americanos sediados na Base das Lajes, até ao ano de 1974.

De principal incidência, há a salientar a década de 60, onde a predominância de matrimónios é bastante evidente, concretizando-se 268 casamentos (mais de metade do total). O decénio de 50 apresenta-se com 113 matrimónios concretizados. Os cinco anos de análise da década de 70, consideramos muito relevantes, pois em apenas cinco anos de análise constatamos que 95 jovens terceirenses casaram com norte-americanos. Este

⁴⁸¹ BPARLSR – Angra do Heroísmo – Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo, Processo de passaporte n° 327 de 17 de setembro de 1951.

valor é muito significativo para metade de uma década. Os anos de 1970 atingem quase a totalidade de casos dos anos 50. Nos anos 40 verificam-se apenas 5 casamentos. Nos anos de 47 e 48 não se realizaram pedidos de passaportes para jovens nubentes acompanharem os seus maridos na desmobilização da ilha Terceira.

Na década de 60 releve-se os anos de 1960 e 1964. Neste último atinge-se o pico dos pedidos de passaporte para as esposas dos militares, 43 passaportes, enquanto em 1960 verificam-se 36 casos.

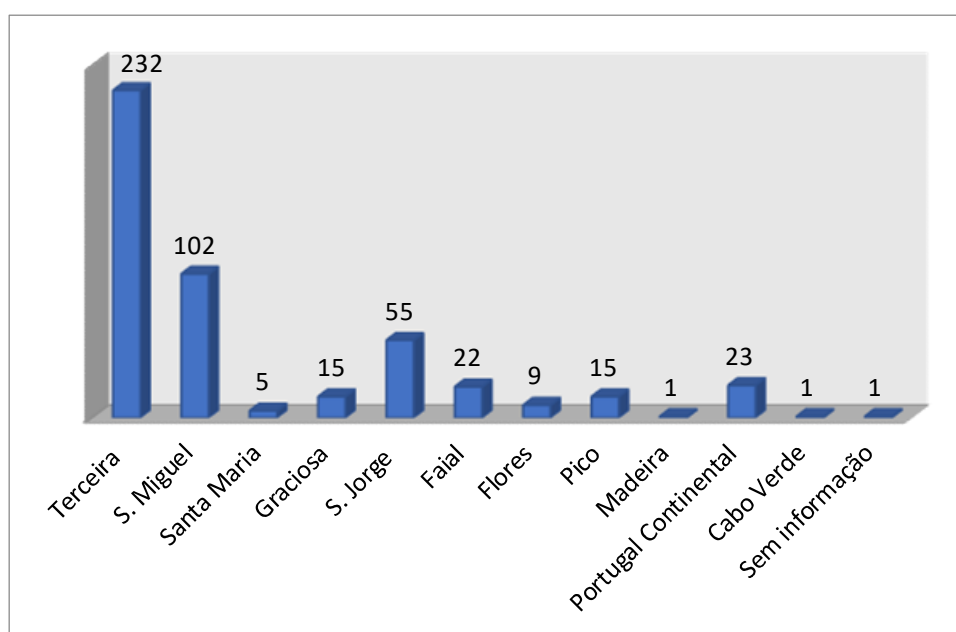
Se atendermos ao número médio de casamentos realizados nos 28 anos de análise⁴⁸², aferimos uma média de 17 matrimónios por ano. Este é um valor considerável de casos, sobretudo se atendermos à realidade demográfica da ilha Terceira e mesmo do arquipélago dos Açores, bem como o que se pode projetar no que respeita ao quantitativo do contingente norte-americano, a partir dos escassos dados que pudemos apresentar anteriormente.

Interessa-nos então considerar a naturalidade das jovens noivas, atendendo o que já tivemos oportunidade de verificar ao longo deste estudo, que a influência norte-americana não se cingiu unicamente à ilha Terceira, tendo sido transversal a todo o arquipélago, pelo que se torna pertinente perceber se os casamentos entre jovens portuguesas e norte-americanos em comissão na Base das Lajes, também foi um fenómeno arquipelágico.

Para a melhor compreensão da naturalidade das nubentes foi necessária a complementação e confrontação da informação dos registos de passaporte do Fundo do Governo Civil do Distrito de Angra do Heroísmo, com o acervo da Cúria Diocesana, por forma a termos a informação o mais vasta possível.

⁴⁸² Não incluímos na contagem os anos de 1947 e 1948 por não se terem registado pedidos de passaporte.

Gráfico 8 - Naturalidade das nubentes, por ilha.



Fonte: BPARLSR – Angra do Heroísmo - Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo - Registo de Passaportes e Cúria Diocesana.

Quanto à naturalidade das nubentes por ilha, como seria expectável e como já referimos, a maior incidência recai sobre a ilha Terceira, com 232 jovens naturais desta ilha que contraíram casamento com jovens norte-americanos em comissão de serviço na Base das Lajes, até ao final da ditadura, o que corresponde a 48% do total de casamentos registado no período.

Verifica-se, novamente, a proveniência de jovens oriundas de outras ilhas do arquipélago dos Açores, voltando-se a refletir em torno da transversalidade da influência norte-americana para além das fronteiras da ilha Terceira.

De realçar o significativo fluxo de jovens oriundas da ilha de S. Miguel, 102 (21%), pedidos de passaportes para esposas naturais desta ilha, seguindo-se S. Jorge com 55 jovens (11%), 22 são naturais do Faial (5%), 15 da Graciosa e em igual número, são naturais da ilha do Pico (3%). As ilhas que apresentam um número menos predominante de jovens são as ilhas das Flores com 9 e Santa Maria com apenas 5 jovens naturais desta ilha. Não há casos referentes ao Corvo.

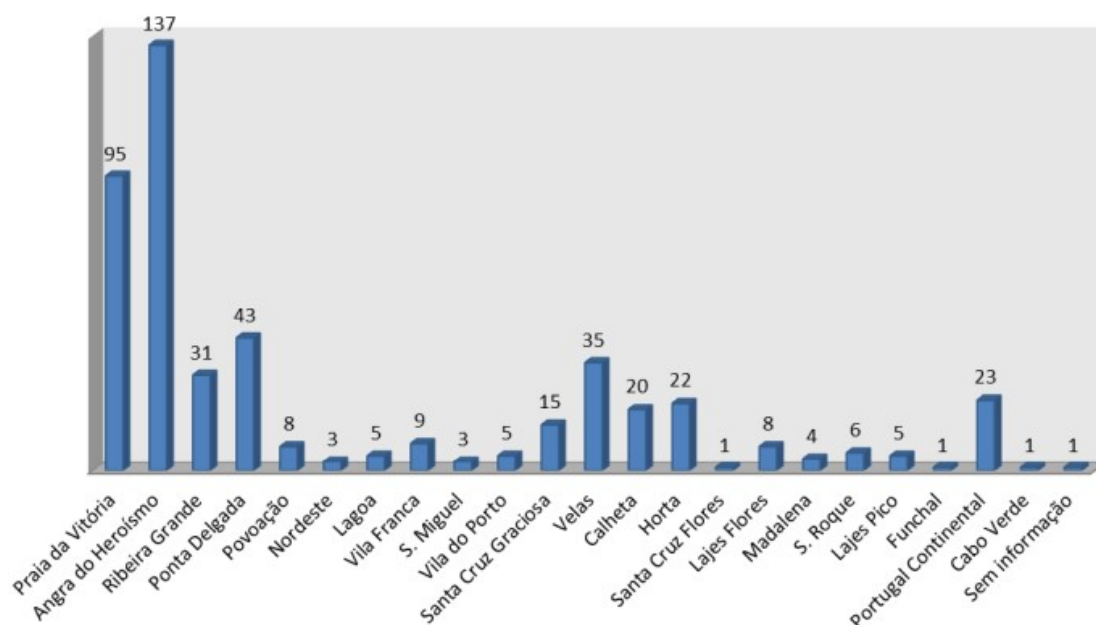
Como constatamos, comprova-se a extensão do fenómeno a quase todas as ilhas dos Açores, e para além deste Arquipélago com 1 jovem nubente originária da Madeira, 1 de Cabo Verde e 23 jovens naturais de Portugal Continental, que correspondem a 5%, tantas como as faialenses. Ora se olharmos para esta proveniência, facilmente

justificamos com o contingente continental que se encontrava na Base das Lajes, ao serviço da Força Aérea Portuguesa. É provavelmente plausível, a justificação do facto de terem existido jovens que pediram o seu passaporte ao Governo Civil de Angra do Heroísmo, por se encontrarem a viver na ilha Terceira e por serem filhas de militares portugueses do continente.

Ainda é de referir, que em um dos casos estudados, não conseguimos comprovar a sua proveniência, pelo que se encontra discriminado no gráfico supra como sendo um caso “sem informação”.

Importa então analisar, dentro da naturalidade da nubente, o seu concelho de origem, informação facultada pelos dados quantitativos que se seguem.

Gráfico 9 - Naturalidade das nubentes, por concelho.



Fonte: BPARLSR – Angra do Heroísmo - Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo - Registo de Passaportes e Cúria Diocesana.

Ao contrário do que seria esperado, a maior incidência na ilha Terceira, verifica-se no concelho de Angra do Heroísmo com 137 casos, em oposição ao concelho da Praia da Vitória onde se regista um número inferior de casos, 95. No caso particular da ilha Terceira, seria expectável que a predominância de casos recaísse no concelho da Praia da Vitória, pela sua proximidade à Base das Lajes e às residências dos norteamericanos, a situação não se verificou, embora seja sabido que o concelho de Angra do

Heroísmo em termos demográficos, tem maior dimensão populacional, o que poderá explicar a distribuição dos casos por concelho.

Relativamente a S. Miguel, a primazia verifica-se em Ponta Delgada com 43 jovens nubentes naturais deste concelho, enquanto 31 são provenientes do concelho da Ribeira Grande, 9 de Vila Franca, 8 da Povoação, 5 do concelho da Lagoa e 3 do Nordeste. Em suma, no tocante a S. Miguel podemos referir que em termos gerais, os processos de casamentos entre jovens portuguesas e norte-americanos, estendeu-se a todos os concelhos da ilha e que respeitou aproximadamente os diferentes pesos demográficos dos vários concelhos.

Em Santa Maria, Graciosa e Faial, os casos cingem-se naturalmente ao concelho único de cada ilha, respetivamente 5 casos na Vila do Porto, 15 em Santa Cruz da Graciosa e 22 na Horta.

As jovens oriundas de S. Jorge, repartem-se pelos dois concelhos, Velas com 35 casos e Calheta com 22 nubentes naturais deste concelho.

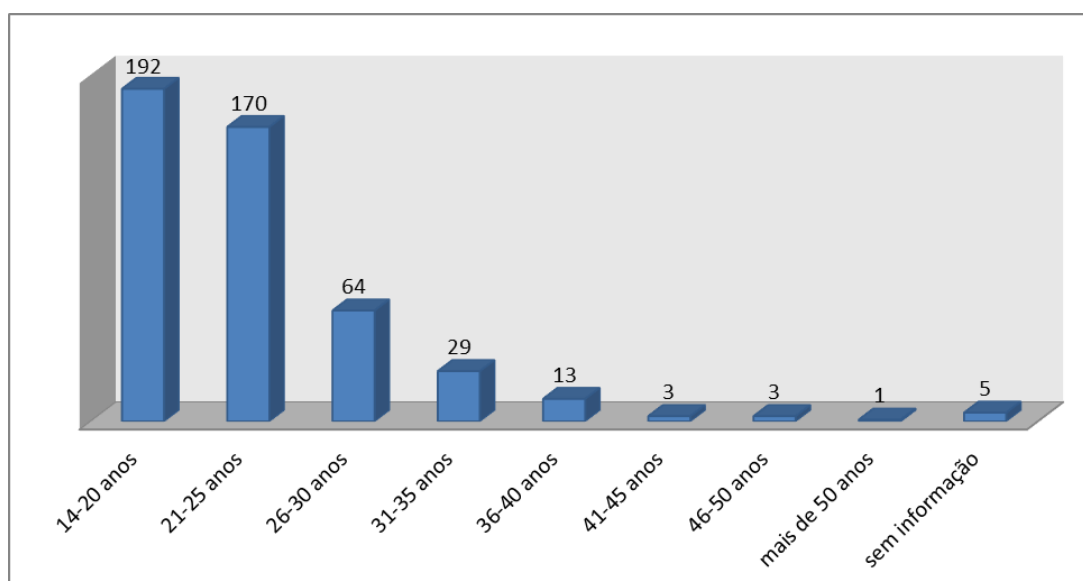
Também a ilha das Flores abrange nubentes dos dois concelhos, 1 de Santa Cruz e 8 das Lajes.

Por fim e também com uma abrangência por toda a ilha, no caso das nubentes naturais do Pico, estas são provenientes dos três concelhos: 4 na Madalena, 5 nas Lajes e 6 em S. Roque.

No caso da ilha da Madeira, o único caso refere-se ao concelho do Funchal. No tocante ao continente português e Cabo Verde, as referências encontradas foram, exatamente, Portugal Continental e Cabo Verde, sem qualquer outro detalhe.

Passemos então a estudar a idade das nubentes aquando do pedido de passaporte, conforme o gráfico seguinte.

Gráfico 10 - Idade da nubente, por faixa etária.



Fonte: BPARLSR – Angra do Heroísmo - Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo - Registo de Passaportes e Cúria Diocesana.

Analisando o gráfico supra, constatamos que a maior incidência de casamentos se concretizou por jovens pertencentes à faixa etária dos 14 aos 20 anos, ou seja, 195 jovens (41% do total). Comparativamente com a média nacional da idade da mulher ao primeiro casamento que, entre os anos de 1960 e 1974, era de 24 anos⁴⁸³, verificamos que de certo modo, as jovens açorianas contrariavam a média nacional, visto que a maioria dos casamentos incidiu em faixas etárias bastante inferiores.

No que concerne à faixa etária dos 21 aos 25 anos — aquela onde se enquadra a média nacional —, verificamos que 170 jovens nubentes se incorporam neste intervalo etário (35% do total).

A incidência seguinte, foca-se na faixa etária dos 26 anos aos 30 anos, com 64 jovens portuguesas (13% do total) que casaram com norte-americanos sediados na Base das Lajes, no período em estudo.

De vincar também, que quanto mais elevada a idade, menor é o número de matrimónios. Na faixa etária dos 31 aos 35 anos, contabilizámos 29 nubentes. Com menor representatividade ainda são as 13 mulheres que casaram no intervalo etário dos 36 aos 40 anos. Por último, entre os 41 e os 45 anos, encontraram-se 3 açorianas e na fração dos 46 aos 50 anos registaram-se 4 casos. Com mais de 50 anos, detetamos

⁴⁸³ Pordata. Fundação Francisco Manuel dos Santos. Idade média ao primeiro casamento, por sexo.

Disponível em:

<https://www.pordata.pt/Portugal/Idade+m%C3%A9dia+ao+primeiro+casamento++por+sexo-421-5200>

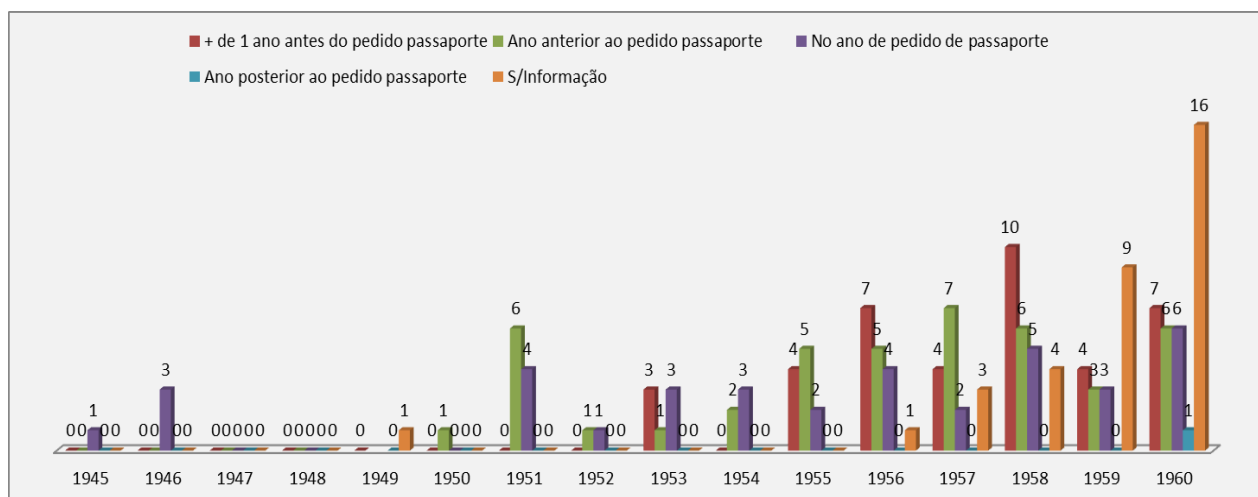
apenas um caso e para os restantes 5 casos não temos informação sobre a idade da noiva.

O que se verifica, portanto, é que a grande maioria das noivas são jovens até aos 35 anos (95% do total dos casos) e dentro destas assumem particular relevo as jovens até aos 25 anos (75% do total). Ainda assim 4% das noivas tinha mais de 35 anos.

O que estaria na génese dos matrimónios tardios? O mero interesse? O consórcio como via para a emigração? Ou estamo-nos a reportar a jovens que já não teriam oportunidade de concretizar o casamento com um rapaz português? Em resultado da idade avançada ou por alguma adversidade na sua virtude, e viam no norte-americano a oportunidade de constituir família e fugir ao estigma associado à idade avançada das noivas e/ou da sua desonra?

Quanto ao tempo de espera da jovem, após o casamento até à data do seu pedido de passaporte, para emigrar na companhia do cônjuge norte-americano, verificámos os seguintes resultados, vertidos nos gráficos seguintes.

Gráfico 11 – Tempo de espera entre o casamento e a data de pedido de passaporte, por ano, entre 1945-1960.



Fonte: BPARLSR – Angra do Heroísmo - Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo - Registo de Passaportes e Cúria Diocesana.

De referir que esta análise será compartimentada em dois momentos, devido à quantidade de informação facultada pelos dados, sendo que iremos então incidir a reflexão, num primeiro momento nos anos de 1945 a 1960 e num segundo de 1961 a 1974.

Assim sendo, pela observação do registo anterior, constata-se a disparidade de situações, verificando-se uma maior incidência na falta de informação sobretudo nos anos em que se registam mais casos de casamentos, como sejam os anos de 58 a 60, sendo que 58 apresenta-se com 4 casos em que não se consegue especificar a duração do tempo de casamento e consequente permanência na ilha Terceira, até à data da sua emigração. Em 1959 destacam-se 9 casos e 1960, com maior predominância nas ocorrências sem informação, detetam-se 16 situações.

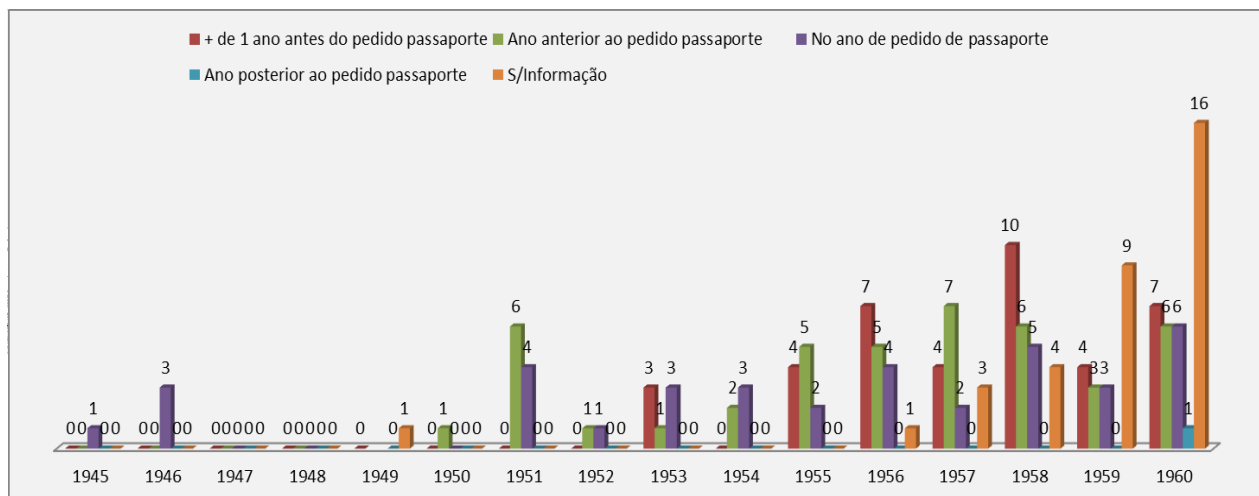
Pelo estudo do gráfico 11 e pela vastidão de informação, passaremos apenas a enumerar sucintamente as principais conclusões.

De referir que, principalmente, após 1955 foi mais comum o jovem casal casar e permanecer na ilha, mais de um ano, antes do seu processo de emigração para os EUA. Poderá ser um justificativo desta duração o facto de o militar ter de terminar a sua comissão de serviço ou de ter solicitado uma nova comissão na Base das Lajes, permitindo assim à jovem esposa um período de adaptação ao seu novo estado civil e de preparação para a separação da família e posterior emigração.

Nos anos antecedentes a 55, embora estes anos apresentem um menor número de matrimónios concretizados, regista-se de igual modo, um menor período de permanência entre a concretização do consórcio e o seu processo de emigração, sendo que estes seriam concretizados ou no ano exatamente anterior ao pedido de passaporte ou no mesmo ano, perfazendo alguns escassos meses entre o casamento e a emigração da nubente.

Ainda há a destacar 1 caso, em 1960, de um matrimónio contraído em data posterior ao pedido de passaporte.

Gráfico 12 – Tempo de espera entre o casamento e a data de pedido de passaporte, por ano, entre 1961-1974.



Fonte: BPARLSR – Angra do Heroísmo - Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo - Registo de Passaportes e Cúria Diocesana.

Conforme referido, centremos então a nossa reflexão no segundo momento dos dados recolhidos sobre a duração do casamento até à data da emigração e consequente permanência na ilha Terceira do jovem casal.

Contrariamente ao gráfico anterior, no período de 61 a 74, é maior a generalização de casos em que não conseguimos apurar a data da concretização do casamento, pelo que se apresenta no presente registo como “sem informação”, sendo notória essa evidência em todos os anos.

Também é de enfatizar que no período em estudo, não se verificou qualquer caso de matrimónio posterior à data de pedido de passaporte, sendo que todas as datas de casamento que conseguimos apurar, realizaram-se antes da emigração, no mesmo ano, no ano anterior ou há mais de 1 ano antes da data de pedido, o que se traduz num curto período de tempo de residência do jovem casal na ilha.

Referentemente aos números de casamentos, por ano, concretizados num período superior a 1 ano antes da data do processo de passaporte, destaca-se o ano de 1964 com o maior número de casos: 6; os restantes anos apresentam-se com valores mais irrisórios, levando-nos a concluir que foram escassos os números de matrimónios realizados que permitiram uma maior permanência na ilha antes da partida do jovem casal.

Podemos refletir que após o casamento dos jovens nubentes o tempo de permanência na ilha era muito reduzido, demonstrado pelo maior número de casamentos concretizados no máximo até 1 ano antes do pedido de passaporte.

É também de referir que aquando da recolha destes dados, detetamos de imediato a sua escassez, embora tenhamos confrontado os Registos de Passaportes com o acervo da Cúria Diocesana, ainda assim verificamos a existência de vários elementos que permaneceram sem informação, o que se mostrou ser um constrangimento e limitação ao nosso estudo, quer pela escassez de dados, como pela dispersão da informação por diferentes instituições, como já tínhamos sublinhado.

Para finalizar a análise quantitativa dos dados, interessa-nos perceber os destinos de emigração das jovens açorianas, conforme podemos apurar no quadro ulterior:

Quadro 2 – Destino de emigração das jovens nubentes, no período de 1946 a 1974

Local para onde emigraram	Número	Local para onde emigraram	Número
Estados Unidos da América do Norte (não discriminado)	257	Nova Jersey	3
Califórnia	25	Novo México	3
Nova Iorque	19	Colorado	3
Pensilvânia	17	Oklahoma	3
Europa	15	Rhode Island	2
Texas	13	Otava	2
Virgínia	12	Maryland	2
Florida	11	Tennessee	2
Illinois	8	Wyoming	2
Missouri	7	Minnesota	2
Ohio	7	Porto Rico	2
Washington	6	Idaho	1
Louisiana	6	Kansas	1
Arkansas	5	Dakota do Norte	1
Kentucky	5	Carolina do Norte	1
Carolina do Sul	5	Iowa	1
Geórgia	5	Nevada	1
Indiana	5	Wisconsin	1
Michigan	5	Utah	1
Massachussets	4	Montana	1
Mississípi	4	Nebraska	1
Connecticut	3	Alabama	1
Total			481

Fonte: BPARLSR – Angra do Heroísmo - Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo - Registo de Passaportes.

Deste modo, e em traços muito gerais, verificámos de imediato a proeminência de destinos de emigração. Para além de haver pedidos de passaporte para os EUA, também se verificou pedidos para outros destinos, como seja a Europa (15). De referir, que esta evidência, em alguns casos, poderá ter ficado a dever-se ao facto de o militar ter sido destacado para outra Base militar no perímetro europeu, por o casal ir em viagem de lua-de-mel ou ainda para deslocação para consulta médica de especialista, como é o caso exposto:

Tendo necessidade de deslocar-se, para tratamento em especialista Urologista à Alemanha Ocidental, vem mui respeitosamente requerer a V. Exa. que se digne mandar averbar no referido passaporte o seu novo estado de casada e torná-lo válido para o referido país⁴⁸⁴.

Também é referido como destino, Porto Rico (2 processos), todos os restantes pedidos, são direccionados aos EUA. Todavia, na grande maioria dos processos não está especificado o destino concreto da emigração, cingindo-se a referir *Estados Unidos da América do Norte*. Esta situação foi registada em 257 processos. Os restantes pedidos estão agrupados por Estados, os quais, pela sua incidência, devemos destacar: Califórnia, com 25 processos de passaporte identificados como localidade de acolhimento; Nova Iorque com 19; para a Pensilvânia constam 17 pedidos; com destino ao Estado do Texas, contamos com 13 jovens; para a Virgínia, 12 e 11 partiram rumo à Florida. Os demais dados, repartem-se entre 8 e 1 pedidos para os mais variados Estados norte-americanos.

Pela análise dos processos de passaporte, ainda se regista jovens que emigraram para ir fixar a sua residência noutra base militar: visto o marido já se encontrar ao serviço nesta. No processo de passaporte consta a Carta de Chamada para a esposa ir reunir-se com o marido:

⁴⁸⁴ BPARLSR – Angra do Heroísmo – Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo, Processo de Passaporte 1025/62 de 8 de outubro de 1962.

*(...) membro das Forças Aéreas dos Estados Unidos da América do Norte, residente em McClellan Air Force Base, Califórnia, o qual se obrigou a prestar alimentos (...) e a promover, à sua custa, à repatriação da sua mulher e filha, indivíduos a que chama, respetivamente*⁴⁸⁵.

Ainda devemos referir, no caso das esposas que viajaram sozinhas, mesmo que seja para se reunir ao marido, no processo de passaporte é incluída a autorização do mesmo para que esta possa viajar para o estrangeiro:

*[nome do marido], casado, sargento das Forças Aéreas norte-americanas, residente no lugar de Santa Luzia, freguesia de Santa Cruz, concelho da Praia da Vitória, para os devidos e legais efeitos declara que autoriza sua esposa [nome da esposa], de 20 anos de idade, natural da freguesia dos Biscoitos, concelho da Praia da Vitória, filha de [nome dos progenitores], a emigrar para os Estados Unidos da América do Norte*⁴⁸⁶.

Este é um aspeto bem vincado e saliente dos valores do Estado Novo, a mulher era submissa e dependente do homem, com poucos direitos individuais. Embora os estrangeiros tivessem outros padrões culturais e uma maior abertura para a igualdade de género, a mulher mesmo assim, estava sujeita às normas institucionais portuguesas sobre as suas liberdades e sob as políticas salazaristas. A saída da mulher do país dependia da autorização do marido, que deveria ser formalizada e anexada ao processo de passaporte. Para Salazar a *campanha pela domesticação da mulher (...) fazia parte da cruzada pela moralização do país*⁴⁸⁷.

No caso seguinte, podemos observar a desvalorização da figura feminina, em sujeição do espírito da época e das políticas vigentes, no caso específico de um divórcio e na falta da autorização do marido para a deslocação da esposa ao estrangeiro. Foi anexado ao processo de passaporte uma informação do Comando da Polícia de Segurança Pública, dando nota que:

⁴⁸⁵ BPARLSR – Angra do Heroísmo – Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo, Processo de Passaporte 203/68 de 20 de fevereiro de 1968.

⁴⁸⁶ BPARLSR – Angra do Heroísmo – Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo, Processo de Passaporte 448/64 de 24 de abril de 1964.

⁴⁸⁷ Mónica, Maria Filomena (1996), p. 218.

- 1- (...) [nome], goza de fraca idoneidade moral. Contudo nos ficheiros deste Comando nada consta em seu desabono;
- 2- A impetrante era casada com um súbito americano, de quem se divorciou há pouco tempo, e consta que apenas pretende ir àquele país a fim de vender uma pequena propriedade que lhe coube em ação de divórcio⁴⁸⁸(...)

Os registos anteriores são ilustrativos das vivências e políticas impostas à mulher sob os valores e ideais salazarista, apesar de nos reportarmos a um matrimónio com um estrangeiro, este continuava a regular-se pelas normas legais e sociais de Portugal. E assim, continuava a corresponder aos estereótipos femininos da época.

5.1.2. O que nos revelam os testemunhos orais

Pela recuperação de memórias, conseguimos melhor perceber os processos de matrimónio entre jovens açorianas e norte-americanos. De forma complementar, recorremos à entrevista e ao testemunho oral, para acedermos ao lado mais recôndito dos matrimónios realizados. Todavia, devemos referir, que na historiografia trabalhar as memórias enquanto fontes históricas requer muito prudência. Pois como expõe José D'Assunção Barros, a memória não é estática, ela é *também uma construção de referências do passado e sobre o presente de diferentes grupos sociais e sob a perspetiva de diferentes grupos sociais, ancorados nas tradições e intimamente associados a mudanças culturais*⁴⁸⁹.

As memórias são, pois, uma importante e rica fonte de investigação, tida como complemento a outras fontes, e que refletem mais do que percursos individuais, as vivências e construções de grupos sociais. Simbolizam resistências e mudanças; persistências e ruturas e, neste caso particular, o que os entrevistados puderam ou quiseram partilhar sobre um assunto que marcou um tempo e a comunidade. Segundo Júlia Silveira Matos e Adriana Kivanski Senna,

⁴⁸⁸ BPARLSR – Angra do Heroísmo – Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo, Processo de Passaporte 2267/70 de 31 de agosto de 1970.

⁴⁸⁹ Barros, José D'Assunção (2009), p.41.

*a História oral busca registros – e, portanto, perpetuar – impressões, vivências, lembranças daqueles indivíduos que se dispõem a compartilhar a sua memória com a coletividade e dessa forma permitir um conhecimento do vivido muito mais rico, dinâmico e colorido de situações que, de outra forma, não conheceríamos*⁴⁹⁰.

Conforme previamente assinalado, a reflexão incide sobre 22 testemunhos orais. O guião de entrevista, à semelhança dos referentes às entrevistas analisadas anteriormente, constituía-se por duas partes, sendo que a primeira diz respeito às representações sobre o impacto que os norte-americanos tiveram na comunidade local e a segunda parte, neste caso específico, recai sobre as representações dos indivíduos face os casamentos entre jovens terceirenses e norte-americanos.

Esta reflexão assenta, apenas, sobre a segunda parte das entrevistas, uma vez que já tivemos oportunidade de analisar a primeira parte, quando refletimos e estudámos o impacto que a presença estrangeira teve sobre a população da ilha Terceira, no segundo capítulo do presente estudo.

Após analisarmos os relatos dos testemunhos, verificamos que o maior número de casamentos, verificou-se sobre as jovens portuguesas, ou seja, eram mais as jovens mulheres que casavam com os militares norte-americanos do que os rapazes. Embora haja referência a casos de jovens rapazes que terão casado com raparigas norte-americanas, estes casos são pouco significativos⁴⁹¹

Aliás, a própria população da Base das Lajes determinava esta prevalência feminina neste tipo de casamentos, dado que a maior parte dos americanos presentes eram homens jovens, como é habitual nas forças militares naquele tempo, eram primordialmente masculinas.

Os casamentos entre norte-americanos sediados na Base das Lajes, nos anos de 46 a 74, com jovens açorianas, são evidenciados pelo testemunho dos entrevistados como sendo um caso ainda bem presente e vincado nas memórias das gentes da ilha Terceira.

⁴⁹⁰ Matos, Júlia Silveira e Senna Adriana Kivanski (2011), p.97.

⁴⁹¹ *Era o sexo feminino, penso que ainda chegou a casar homens, mas eram muito poucos e nem tenho a certeza! Foram muitas mulheres* (cf. Anexo X, entrevista II – Casamentos, testemunha privilegiada).

Albertina, 77 anos.



Figura 90 - Celebração do matrimónio entre portuguesa e norte-americano, 1961.

Fonte: Arquivo Foto Íris.

A fotografia mostra-nos a proximidade entre comunidades, verifica-se a participação de outros militares norte-americanos na celebração matrimonial do jovem casal. É notória a alegria manifesta quer pelo noivo quer pela nubente e convidados, sendo visível o convívio entre pessoas de duas nacionalidades distintas.

Nos testemunhos, é também salientado a regularidade dos matrimónios ao longo dos anos e o facto destes se terem concretizado desde a chegada dos norte-americanos à ilha. Portanto esta foi uma questão recorrente e que se prolongou pelos vários anos de permanência das forças estacionárias americanas na ilha Terceira, como salienta a testemunha seguinte:

Foi sempre que os americanos começaram a meter cá o “nariz”, que isso sempre aconteceu [risos]... Os mais novos era um tal casar [risos]... (cf. Anexo X, entrevista X – Casamentos, testemunha privilegiada).

Gabriel, 85 anos.

Nas entrevistas, há referência a várias ocorrências de familiares – filhas, sobrinhas, irmãs, primas, tias – como também há referência a vários casos de pessoas conhecidas, por exemplo, vizinhas.

No caso dos familiares das nubentes, estes referem que os matrimónios foram concretizados nos anos de 1956 e 1970, sendo pertencentes à faixa etária dos 17 e dos

22 anos. É de mencionar que em relação a estes últimos dados, verifica-se alguma hesitação e falta de precisão no ano de realização do matrimónio, bem como na idade da nubente, fazendo com que facilmente apontem para duas datas, quase que numa aproximação. Regista-se também os inquiridos que vagamente apontam para os anos 60 e anos 70⁴⁹².

Nas memórias partilhadas regista-se, por vezes, uma certa propensão para associar os matrimónios a prostituição, como se pode verificar na memória subsequente:

Muita prostituta casou com americanos, eles não faziam caso destas coisas... refaziam as suas vidas... foram muitas, muitas!... Eles têm uma postura muito mais aberta a tudo isso... (cf. Anexo X, entrevista XVI – Casamentos, testemunha privilegiada).

Domingos, 60 anos.

Das 22 entrevistas concretizadas, 11 entrevistados remetem, textualmente, nos seus testemunhos para expressões como: “prostitutas”, “mulheres da vida”, “casas de prostituição”. Embora nos estejamos a remeter a metade das entrevistas, temos de ter precaução com a análise das perceções dos testemunhos privilegiados, pois estamos-nos a reportar a representações sociais e opiniões de quem ficou na ilha e não das próprias nubentes nem dos norte-americanos. Estamos a analisar a perspetiva de quem é externo ao fenómeno, podendo ser levado a criar juízos de valor ou preconceitos. Para além disto, e de acordo com José de Assunção Barros, as memórias são *um processo parcial e limitado de lembrar factos passados (...) não permite precisão, uma vez que envolve esquecimentos, distorções, reconstruções, omissões, parcialidades, hesitações*⁴⁹³, e por isso, é preciso usar de espírito crítico e de precaução na interpretação das mesmas.

Estas observações sobre o casamento com prostitutas remetem mais para representações sociais sobre a moral pública vigente na altura por parte dos entrevistados do que propriamente para casos reais. Interpreta-se essas referências como respeitando a jovens que não seguiam a estrita moral da época, sendo apesar disso apelativas para os norte-americanos, dada a sua diferente forma de olhar para as relações entre sexos. Não nos parece que estes fossem indiferentes à eventual condição

⁴⁹² Cf. Anexo X, entrevista XII – Casamentos, testemunha privilegiada.

⁴⁹³ Barros, José D’Assunção (2009), p. 39.

de prostituta de uma potencial esposa, mesmo que isso tenha realmente acontecido num caso.

A memória que se segue é representativa do pensamento da época, e dos estereótipos associados à moral feminina:

Algumas pessoas pensaram, pronto, como era uma rapariga da vida, que já não casava mais, mas ela casou! E com um oficial [risos]! Mas nunca escondeu a sua vida! Os americanos não olhavam a essas coisas... Eles tiraram muita rapariga dessa vida, casaram com eles e foram grandes senhoras (cf. Anexo X, entrevista XX - Casamentos, testemunha privilegiada).

João, 74 anos.

Na época em estudo, a manutenção da honra familiar era uma prioridade, e às jovens exigia-se a preservação da sua virtude e do seu bom nome⁴⁹⁴, para mais em meios pequenos, limitados e de forte controlo social. A prostituição seria encarada como sendo um desvio aos bons costumes e estas jovens estariam condenadas a não casar e a subsistir na pobreza e prostituição. Segundo, Maria Filomena Mónica *durante anos o regime fechou os olhos à “devassidão”, pretendendo ignorar o que toda a gente, a partir do sol-posto, via nas ruas (...) Mas havia coisa que nem Salazar conseguia extirpar: a prostituição*⁴⁹⁵.

Poderão algumas das jovens nubentes, terem sido prostitutas, e os norte-americanos recorrerem aos seus serviços e acabarem por se afeiçoar a elas, mas como iam para terras distantes, este estigma já não pesaria sobre elas ou sobre os seus maridos e por isso os norte-americanos relevavam a situação.

É também apresentado como justificativo da concretização do casamento com um estrangeiro, a manutenção da honra da família. Pois verificaram-se jovens que já eram mães e que casaram com o norte-americano. Aos olhos da comunidade local e do estigma social, esta situação seria impeditiva da concretização do casamento, pois à mulher eram impostas rigorosas condutas morais, de virtude e castidade⁴⁹⁶.

⁴⁹⁴ Aboim, Sofia (2011), “Vidas conjugais: do institucionalismo ao elogio da relação”, In José Mattoso (dir.) *História da vida privada em Portugal. Os nossos dias*. Temas e Debates. Círculo de Leitores, p. 8.

⁴⁹⁵ Mónica, Maria Filomena (1996), p. 220.

⁴⁹⁶ Aboim, Sofia (2011), p.81.

As que não eram virgens... tinham de casar! E cá já ninguém as queria!... Antigamente namorávamos à janela, se não fossem virgens viravam logo para casa... e às vezes a melhor maneira era casar com um americano. Os americanos já não se importavam se era virgem ou não (cf. Anexo X, entrevista I – Casamentos, testemunha privilegiada).

Lourenço, 62 anos.

Novamente, enfatiza-se nos testemunhos algum julgamento por parte das testemunhas privilegiadas, o que nos leva a refletir sobre o que estaria na génese efetiva destes casamentos. Que motivações teriam os norte-americanos para casarem com jovens terceirenses, que como tivemos oportunidade de ver, nalguns casos não seriam as jovens mais puras e virtuosas a concretizar o casamento? Os norte-americanos estariam iludidos? Ou tão apaixonados que relevariam o passado e “origem” da jovem? Ou os testemunhos privilegiados estariam friamente a julgar os casamentos entre as jovens açorianas e os militares? Bem como a moral da jovem nubente?

Mas a intencionalidade amorosa nem sempre era dominada pelas jovens raparigas, também os norte-americanos procuravam conhecer e aproximar-se das jovens terceirenses, recorrendo a intermediários – amigos, conhecidos, trabalhadores da Base – que preparavam o encontro e aproximação entre a jovem e o norte-americano:

O americano trabalhava com o meu pai e queria casar com uma portuguesa. Ele perguntou ao meu pai: - “Não tens nenhuma parente que queira casar com um americano?” E a minha tia, coitadinha, estava a “penar” muito, vivia com a madrastra, doida para sair de casa, e meu pai falou com e ela disse: - “olha eu quero casar” (cf. Anexo X, entrevista XIX – Casamentos, testemunha privilegiada).

Natália, 69 anos.

Esta é uma questão que nos faz ponderar, que interesses e incitações estariam inerentes aos matrimónios, entre as duas comunidades que coexistiam na ilha Terceira? Seriam estes casamentos um interesse, algo tratado para que mais tarde a jovem nubente pudesse proceder às Cartas de Chamada para a família que permanecia na ilha?

Pois se as raparigas viam no militar uma oportunidade de selar o seu futuro, com a perspetiva de prosperidade, o norte-americano que propósito teria na procura por

uma jovem açoriana, para contrair o matrimónio? O que levaria os norte-americanos a quererem casar com uma jovem portuguesa? Os norte-americanos viam nessas raparigas boas esposas? Enamoravam-se pela sua presença física, mas também vislumbravam uma jovem preparada para uma vida de casada? Essas são questões que não nos foi possível abordar, uma vez que o presente estudo se foca nas representações sociais de testemunhos privilegiados que permaneceram na ilha, não aborda as perspetivas dos militares norte-americanos e/ou cônjuges das nubentes açorianas.

Apesar da distância temporal dos casos, muitos dos inquiridos referem o facto dos casais ainda hoje serem casados, como sendo um sinal de felicidade e amor. Se o casamento, por parte das jovens poderia ser interpretado como uma estratégia de emigração para os EUA, o que suscita dúvidas em relação à natureza amorosa do casamento, o continuarem casados é um indicador da afetividade na relação. Uma vez adquirida a nacionalidade norte-americana pelo casamento este poderia ser quebrado depois com facilidade – se nos anos 60 e 70 o divórcio era mal visto na sociedade portuguesa (e até proibido para os casamentos católicos), atualmente a conjugalidade é encarada de uma forma radicalmente distinta e, para mais, o contexto social destes casais é a sociedade norte-americana onde a questão se colocava com mais facilidade, desde mais cedo. Pois o certo é que as relações amorosas são muito complexas, e o que poderia ter sido impulsionado primeiramente por um interesse manifesto pelo “bom partido” norte-americano, com a convivência e cumplicidade facilmente poderá ter evoluído para uma relação amorosa⁴⁹⁷.

Coloca-se por várias vezes, a questão e o entrave da língua, mas que apesar de poder ser um obstáculo ao relacionamento, este era superado:

Mas ela não sabia falar inglês nem nada, o meu pai é que dizia umas palavras, é que ia traduzindo o que eles diziam (...) casou com aquele americano, sem falar inglês (...) Eu lembro-me de meu pai gravar coisas numa cassete para ela aprender, para quando estivesse em casa ela dizer ao marido [risos]... (cf. Anexo X, entrevista XIX – Casamentos, testemunha privilegiada).

Natália, 69 anos.

⁴⁹⁷ Cf. Anexo X, entrevista VI – Casamentos, testemunha privilegiada.

No entanto, é pertinente o facto das testemunhas remeterem para a qualidade de vida proporcionada pelos norte-americanos às famílias das noivas, referindo-se a “abundância” repartida com a família da nubente, como no caso da memória apresentada que foi parte integrante deste compartilhamento:

Quando essa minha prima namorou com o americano, ela morava ao “pé” da minha casa, era uma abundância. Então eu e a irmã dela, pequeninas, a gente consolava-se as duas, furtávamos os chocolates, as pipocas e as coisas que ele trazia.... Depois ela casou com ele e foram viver para casa da mãe dela, até não se irem embora. Ah, muito que a gente se consolava com aquelas coisas todas americanas [risos]... ele “acartava” disparates [trazia muito], e a gente furtava [risos]...Ah! Ricos tempos... (cf. Anexo X, entrevista XII – Casamentos, testemunha privilegiada).

Paula, 77 anos.

Essa transposição de qualidade de vida para a família da noiva, também é referenciada na memória seguinte, e como sendo uma possibilidade para a posterior emigração de familiares que haviam permanecido na ilha. Nas palavras de Susana Serpa Silva *o sonho de uma vida melhor, que obrigou tantas gerações a partir, era quase sempre partilhado com aqueles que ficavam atrás*⁴⁹⁸. Por exemplo, no discurso seguinte, faz-se menção à irmã da noiva, que havia ficado na ilha, posteriormente esta emigrou, possivelmente em consequência de Carta de Chamada da jovem nubente⁴⁹⁹.

No que concerne às formas de contato e proximidade entre jovens terceirenses e norte-americanos, salientam-se os eventos sociais e locais de convívio que permitiam a fácil interação e relacionamento entre jovens estrangeiros e portugueses, como é o caso dos cafés e bailes realizados na Praia da Vitória, no Sport Club Praiense, na União Desportiva Praiense, vulgo Brancos, já mencionados neste estudo. Mas também, pela relação de amizade entre norte-americanos e trabalhadores portugueses que os convidavam a frequentar as casas açorianas, para participarem nas festividades e

⁴⁹⁸ Silva, Susana Serpa (2011), p. 422.

⁴⁹⁹ *Ela levou a irmã também para fora, ela [irmã] acabou por casar por lá...* (cf. Anexo X, entrevista VIII- Casamentos, testemunha privilegiada). **Alberto, 69 anos.**

tradições da comunidade⁵⁰⁰. De acordo com Susana Serpa Silva, *as festividades (...) constituíam primordiais momentos de folguedo feminino, em contato com o género masculino*⁵⁰¹.

O facto de os norte-americanos residirem no exterior da Base e frequentarem a comunidade local, também era facilitador do contato com as raparigas e o estabelecimento de relações amorosas:

Eles conheciam-se em qualquer lado... eles andavam na Praia no meio de nós... acabavam por se conhecer... (cf. Anexo X, entrevista XVI – Casamentos, testemunha privilegiada).

Domingos, 60 anos.

Outra forma de contato e estreitamento dos laços relacionais com os norte-americanos, foi o caso de os portugueses trabalharem com os norte-americanos, o que permitia que as filhas conhecessem jovens forasteiros. Pelos testemunhos que se seguem, podemos depreender o facilitismo que existia na frequência de jovens raparigas na Base e no círculo social norte-americano:

Também casou muita gente com as raparigas que trabalhavam lá dentro [na Base]. Muitas mulheres iam para lá trabalhar e levavam as suas filhas que acabavam por conhecer outros americanos e casavam com eles... (cf. Anexo X, entrevista XVIII – Casamentos, testemunha privilegiada).

Ricardo, 84 anos.

(...) naquele tempo havia muita rapariga nova que trabalhava na Base... muitas iam tomar conta dos filhos de casais americanos... que estavam a trabalhar e elas iam tomar conta. Depois conheciam outros americanos, viam-nas, gostavam delas e eles casavam. E era assim! (cf. Anexo X, entrevista II – Casamentos, testemunha privilegiada).

Albertina, 77 anos.

⁵⁰⁰ *Era nas festas que havia, nos bailes... eles andavam aqui no meio da gente (...)* Havia os bailes: nos Brancos, nos Encarnados, nas esplanadas, bailes nos clubes, e os “come on’s” [americanos] vinham todos para a esplanada, consolavam-se com os seus “drinkzinhos” [bebidas], consolavam-se [risos]. E as raparigas dançavam com eles. Eles apaixonavam-se com facilidade! (cf. Anexo X, entrevista XII – Casamentos, testemunha privilegiada). **Paula, 77 anos.**

⁵⁰¹ Silva, Susana Serpa (2011), p. 389.

Nos testemunhos anteriores há a enfatizar o enamoramento dos jovens, apesar de poder haver um interesse subjacente ao casamento como forma de promoção social, não podemos descurar de referir o amor como estando presente no matrimónio, temos de salientar o processo de enamoramento notório na memória anterior. Não obstante, e como já sublinhado, no espírito da época, a afetividade e os sentimentos amorosos eram secundários, priorizava-se a estabilidade do casamento – económica e socialmente – que um “bom partido” poderia proporcionar⁵⁰².

Os entrevistados referem que por vezes a aproximação amorosa por parte das jovens portuguesas era incentivada e facilitada pela família visando a partida da jovem para os EUA e a expectativa de uma futura emigração para a família da nubente. Bem como as próprias jovens que viam na relação com os jovens militares um passaporte para a América, arrancando-as da vida penosa na ilha Terceira, na esperança da qualidade de vida ostentada pelos norte-americanos em comissão de serviço na Base das Lajes:

Muitas raparigas casaram com americanos, era uma maneira de sair daqui, de emigrar (...) E elas expunham-se, elas metiam-se lá dentro [Base]. E às vezes era mesmo as mães que diziam: - “tens de ir para veres se tens sorte de ir para a América” ... umas tinham sorte e outras não... (cf. Anexo X, entrevista IX – Casamentos, testemunha privilegiada).

Rui, 78 anos.

Volta-se a notabilizar o papel das mães na aproximação e incentivo à relação amorosa com o jovem militar, expectando um futuro promissor para as filhas solteiras. O testemunho seguinte é ilustrativo deste incentivo, sobretudo porque é a memória de uma mulher terceirense que emigrou da ilha Terceira para os EUA na companhia do seu jovem marido, nos anos 70, tendo-o conhecido quando ele se encontrava estacionado na Base das Lajes, em comissão de serviço:

Posso falar-te do meu [risos]... casei em 74 (...) Foi a minha mãe... ela e que tratou de tudo... [emoção] (...) Muitas mães é que fizeram os

⁵⁰² Alão, Ana Paula (1990), p. 370.

casamentos das filhas... (cf. Anexo X, entrevista I – Casamentos, testemunha privilegiada).

Susana, 62 anos.

Interessa então perceber como eram os processos de namoro, se estes seguiam os padrões culturais, sociais e morais impostos pela época e pelas mentalidades conservadoras e tradicionalistas das gentes da ilha. O namoro, no período do Estado Novo, era normalmente longo (aproximadamente 2 anos), namorava-se à janela, sob a vigilância apertada dos familiares e vizinhos. Seguia-se o noivado, sendo, nesta fase, permitida a entrada do noivo na casa da futura esposa⁵⁰³.

Os inquiridos são unânimes em referir que o namoro entre jovens açorianas e militares norte-americanos não seguiam os padrões impostos pela época e pela comunidade, ou seja, não era comum o namoro à janela, com um longo compasso de espera entre o namoro, noivado e finalmente a concretização do casamento. A memória seguinte enfatiza e ironiza a quebra dos padrões culturais resultante da relação entre o jovem estrangeiro e a rapariga açoriana:

[risos] Eles? Qual janela? Eles queriam era logo um sofá para se sentar [risos]. Não conheci ninguém que andasse a namorar um americano à janela... o noivado, pronto um jantar com a família, isso talvez..., mas o namoro, cá nada [não]! (cf. Anexo X, entrevista XIX – Casamentos, testemunha privilegiada).

Natália, 69 anos.

Tal como tivemos oportunidade de verificar, as relações amorosas entre jovens açorianas e norte-americanos, não atendiam à tradição matrimonial portuguesa, os norte-americanos traziam consigo uma nova cultura, que contagiava as jovens que facilmente se adaptavam aos seus hábitos sociais e aos costumes norte-americanos. Esta situação também é salientada por Reversion Paula que descreve o impacto da presença norte-americana nos costumes dos locais de Fortaleza, Brasil, em consequência da Base ali instalada no decorrer da Segunda Guerra Mundial⁵⁰⁴.

⁵⁰³ Aboim, Sofia (2011), p.84.

⁵⁰⁴ Veja-se: Paula, Reversion (2013).

O tempo de permanência dos militares sediados na Base das Lajes era naturalmente limitado, pela duração das suas comissões de serviço, facto de que as famílias e restante comunidade tinha consciência, o que poderá ter ajudado a que os rituais vigentes da época não fossem seguidos, no caso concreto do casamento. Por terem sido matrimónios com rapazes estrangeiros terá tido impacto na comunidade, levando a que esta se tivesse acomodado a outros costumes de namoro, noivado e casamento.

Mas coloca-se a questão dos pais, da comunidade, como encaravam esses novos padrões que se instalavam? Como eram aceites as jovens raparigas nas suas famílias, não atendendo aos costumes e tradições impostas pela sociedade, pela manutenção e preservação da honra da mulher e da própria família? Pelo testemunho que segue podemos refletir em torno destas questões:

Quais padrões culturais! Eles tinham os seus padrões... salta e vamos embora...E os americanos comparados com os nossos portugueses? [risos] Credo, eles eram lindos! Bem vestidos, a cheirar... os nossos andavam na lavoura, sujos e a cheirar ... era um futuro bom, ele andava limpinho, o americano vestia bem, os nossos portugueses coitadinhos era uma tristeza [risos] não tinham dinheiro, eles [americanos] já tinham carro, já tinham tudo... iam para a América... era outra liberdade... e estimavam mais as mulheres! Os pais facilitavam porque era uma chance para o futuro de um filho! Chamavam a família [Carta de Chamada] ... (cf. Anexo X, entrevista XXII – Casamentos, testemunha privilegiada).

Alvarina, 61 anos.

A memória anterior demonstra a contraposição entre o estilo de vida dos norte-americanos e o dos jovens terceirenses, a oposição entre a qualidade de vida e a rudeza do açoriano, resultante da árdua vida no campo e a forma como esse vislumbre norte-americano impressionava as jovens e famílias. Refere-se inclusive, que os norte-americanos valorizavam mais a mulher, cuidavam, esta não seria somente vista como a submissa educadora e dona de casa.

A inquirida atribuí como justificativo do casamento e do facilitismo na aceitação dos padrões culturais e sociais dos norte-americanos o facto de este ser encarado com

um investimento num melhor futuro, num passaporte para a jovem e a esperança de que este se estendesse a toda a família, por intermédio da “Carta de Chamada”.

(...) se era um americano tentavam era despachar a coisa... a família até ajudava, “Espera aí que vais para a América” (...) e eles casavam e depois lá se iam embora (...) “toca” a casar depressa... já percebeste? (cf. Anexo X, entrevista XVII – Casamentos, testemunha privilegiada).

Rodrigo, 74 anos.

Pela partilha antecedente, podemos depreender e refletir que para a família o valor da emigração, da qualidade de vida proporcionada por um casamento com um norte-americano, sobrepunha-se a todo o contexto cultural e tradicionalista do matrimónio e da comunidade conservadora da época. Era preciso seguir os padrões dos forasteiros, de se adaptar a esta nova cultura e modernidade que se instalava na ilha (sem perdermos de vista a questão do tempo limitado do jovem militar na Base), porque o norte-americano:

Era um bom partido...os pais nem sequer olhavam a isso (cf. Anexo X, entrevista XIX – Casamentos, testemunha privilegiada).

Natália, 69 anos.

Interessa perceber as motivações inerentes ao casamento entre estrangeiros e jovens portuguesas, quais as razões apontadas pelas testemunhas como sendo o maior impulso para a concretização do casamento entre indivíduos de comunidades com padrões culturais tão distintos.

Quando questionados de qual a razão para a realização de um casamento entre jovens açorianas e norte-americanos, as respostas incidem nas melhores oportunidades e qualidade de vida que o casamento com um norte-americano poderia proporcionar. Refere-se, vincadamente, a emigração e o que esta poderia suscitar para a jovem e consequentemente para a família. O matrimónio com o estrangeiro permitia ajudar a família que ficava na ilha, e traria a possibilidade de concretizar uma emigração abrangente a toda a família. Este aspeto é descrito no testemunho abaixo, como uma estratégia vivida na primeira pessoa:

Era dinheiro... O desejo por uma vida melhor. Até para os que ficaram... a gente mandava dinheiro. Tínhamos a obrigação de cuidar da nossa família, dos que ficaram cá... eu ajudava a minha família, mandava dinheiro para cá, para os ajudar... mandava cheques... Eu não tinha preocupações de dinheiro, não me faltava nada...fui trabalhar para ajudar a minha família cá... para mandar dinheiro para a minha família, porque eu não precisava. (cf. Anexo X, entrevista I – Casamentos, testemunha privilegiada).

Susana, 62 anos.

Apesar da pobreza e da prostituição terem sido apontados como justificativos da concretização dos matrimónios entre comunidades, o amor entre jovens como razão para a união matrimonial do casal, também é referido (embora em menor número de entrevistados – cinco).

A questão do enamoramento, da sentimentalização, da vida amorosa, remete-se para segundo plano. Note-se que, mesmo quando o amor é relevado como razão para o casamento, como no excerto abaixo, esta não é uma razão apresentada como absoluta – *muitas (...) casaram por amor* -, o que significa que outras casaram por outros motivos, sendo que esses fundamentos podem ser interpretados como os referenciados pelos demais entrevistados, a melhoria das condições de vida, sua e da sua família, através da emigração para os EUA⁵⁰⁵.

Estamo-nos a reportar a uma época em que os processos de sentimentalização da vida amoroso eram menosprezados, mais que o afeto e o amor, o estatuto e a prosperidade ganhavam relevo, tem muito mais força no período em análise, onde todos os outros tipos de questões são relevantes, como já tínhamos sublinhado. Nas palavras de Anália Torres, *é a família através da “conveniência” ou do “interesse” que impõe aos mais novos o casamento (...) as preocupações patrimoniais e económicas sobressaem a todas as outras*⁵⁰⁶. O casamento era um contrato, era tido como uma instituição dos ideais Salazaristas, *o casamento e a família são encarados como destino natural (...) passar ao estatuto e ao “estado” de adulto, surge como pretexto e motivo*

⁵⁰⁵ *Há muitas raparigas que casaram por amor! (...) conheço muitas que casaram e ainda hoje vivem com os seus maridos, é porque foi com amor, com certeza* (cf. Anexo X, entrevista VIII – Casamentos).

Alberto, 69 anos.

⁵⁰⁶ Torres, Anália (2001), *Sociologia do casamento. A família e a questão feminina*. Oeiras: Celta Editora, p. 35.

*fundamental para o casamento*⁵⁰⁷. O desvincular da família de origem, ganhar autonomia e prosperidade estariam nos horizontes das jovens nubentes, sendo estes adquiridos pelo casamento com um estrangeiro e a posterior emigração para os EUA, onde alcançariam a prosperidade.

Os entrevistados são unânimes em assumir que todas as raparigas açorianas que casaram com norte-americanos sediados na Base das Lajes, emigraram na companhia do cônjuge, tendo por destino os EUA⁵⁰⁸. Como já sublinhamos, quando refletimos em torno das razões impulsionadoras do casamento, a emigração foi uma das principais razões para a concretização dos matrimónios entre jovens portuguesas e militares norte-americanos, pelo que a resposta unânime dos inquiridos é expectável, ou seja, era esperado que todas as jovens nubentes tivessem nos seus planos de vida a emigração para os EUA. Todavia, é referido nos testemunhos que os jovens casais ainda permaneciam na ilha, até à finalização das suas comissões de serviço, e que só após a sua conclusão, partiam. Nalguns casos, não de imediato para os EUA, mas para outras Bases onde se podiam encontrar militares norte-americanos, como descreve o entrevistado:

Foi tudo para a América. Eles acabam a sua comissão, uns iam para a Alemanha, outros para a América... iam para outras Bases (cf. Anexo X, entrevista XX – Casamentos, testemunha privilegiada).

João, 74 anos.

Nos testemunhos encontramos alusão ao facto de vários casais já terem regressado à ilha, embora não seja algo muito comum, é referido que quando passam à vida civil têm maior predisposição para o regresso aos Açores, como recorda a testemunha:

Conheci um casal assim... Ele era tropa americano e ela de cá [portuguesa], eles vieram para cá. Não sei se ainda estão por aí, mas eles estiveram cá muito tempo. Ele já estava reformado... e vieram para a terra dela. Eles quando passam à vida civil, a mulher tem família cá, acaba por puxar... (cf. Anexo X, entrevista V – Casamentos, testemunha privilegiada).

Alvarino, 83 anos.

⁵⁰⁷ Torres, Anália (2002), *Casamento em Portugal. Uma análise sociológica*. Oeiras: Celta Editora, p. 38.

⁵⁰⁸ Cf. Anexo X, entrevista X- Casamentos, testemunha privilegiada.

Mas nem todos os casos mantiveram a sua permanência nos Açores, após um período na ilha, regressam aos EUA, para lá se voltarem a reunir com os filhos e netos, porque nos EUA alicerçaram as suas vidas⁵⁰⁹.

No tocante à questão da parentalidade do jovem casal, é de salientar que as testemunhas remetem para casos em que os filhos do casal nasceram na ilha, referindo a existência do hospital americano, na Base, sendo isto corroborado pela testemunha seguinte cujo filho nasceu nesse mesmo hospital:

O meu nasceu no hospital americano... é americano... Ele nasceu no hospital americano, e eu registei-o no Tribunal da Praia. Tem passaporte português e tudo... Mas o meu filho é muito terceirense [risos], gosta muito de vir cá... come chicharros com cabeça e tudo, desde um ano e meio [risos] ... O meu adora vir cá (...) ficam as raízes [emoção]... (cf. Anexo X, entrevista I-Casamentos, testemunha privilegiada).

Susana, 62 anos.

Refere-se a dupla nacionalidade adquirida pelos filhos do casal e a forma em como a cultura e as tradições da ilha permaneceram nas suas raízes.

A imagem que se segue, comprova o facto de alguns dos filhos terem nascido na ilha Terceira e terem seguido os procedimentos da fé católica, estamo-nos a reportar ao sacramento do Batismo. A figura 91, refere-se ao batizado de uma criança fruto do casamento entre uma jovem açoriana e um militar norte-americano, sediado na Base das Lajes, em 1967.

⁵⁰⁹ Quando eram mais velhos, muitos vieram para cá, alguns ficavam, mas havia outros que depois iam-se embora, porque já tinham os filhos lá, e cá já não tinham ninguém. A sua vida depois foi lá (cf. Anexo X, entrevista XIX- Casamentos, testemunha privilegiada). **Natália, 69 anos.**



Figura 91 – Batizado no ano de 1967.

Fonte: Arquivo Foto Íris.

Também se relata a circunstância de os filhos regressarem aos Açores, como sendo uma forma de manter a ligação com a terra da mãe, e com os familiares maternos:

Alguns vem cá conhecer a terra da sua mãe, acabam por também ter uma ligação aqui com a terra, porque eles vêm cá com os seus pais de visita. Gostam de vir visitar os familiares que ficaram cá (cf. Anexo X, entrevista XVIII- Casamentos, testemunha privilegiada).

Ricardo, 84 anos.

Há referência, a título de exemplo, de um caso concreto em que o filho do casal acabou por ir viver para a ilha Terceira, manifestando assim a sua ligação aos Açores⁵¹⁰.

Contudo, consideramos haver alguma dúvida referentemente ao item da ligação que os filhos possam ter com a ilha Terceira, inclusive porque em alguns casos, as próprias mães quebravam com o elo à terra natal. Em poucas palavras:

(...) algumas delas nunca mais quiseram vir, sequer, cá, e outras hão de ter vindo cá para os filhos conhecer a terra das suas mães... (cf. Anexo X, entrevista XI – Casamentos, testemunha privilegiada)

Leonardo, 78 anos.

⁵¹⁰ Cf. Anexo IX, entrevista XVI – Casamentos, testemunha privilegiada.

Quando solicitamos às testemunhas a indicação de um número total de casamentos realizados entre jovens portuguesas e militares norte-americanos em comissão de serviço na Base das Lajes, nos anos de 46 a 74, é notória a imprecisão na quantificação, como seria expetável. No entanto, apontam para um número considerável de casos, recorrendo a expressões como: “muitas”, “centenas”, “dezenas”, “milhares”, “*Não tem tafulho [não tem fim]*”, “*Não tem conta*” ... sendo estas, ilustrativas da dimensão dos casos e da falta de precisão numérica⁵¹¹.

A referência a um número tão significativo de casamentos, é corroborado pelo estudo de Marilyn Yalom, que refere que:

*(...) durante a Segunda Guerra Mundial, e após esta, quase um milhão de mulheres estrangeiras desposou militares. Se bem que o governo dos EUA desencorajasse tais conúbios e lhes erguesse barreiras burocráticas infinitas, os GIs atingidos pela paixão não se deixavam dissuadir*⁵¹².

Assim, podemos aludir sobre as tendências maritais dos jovens rapazes norte-americanos, deslocados em Bases militares, e o seu interesse sentimental pelas jovens locais. Será que estamos perante um atrativo cultural? Resultado da disparidade sociocultural? Será que os jovens rapazes, sozinhos, afastados do seu ambiente natural, procuravam nas raparigas locais alguma forma de amparo e conforto? Estreitando assim laços sentimentais? Ou será que estamos face uma estratégia mundial de emigração para a superpotência económica dos EUA? Será que por via do matrimónio com os militares norte-americanos, deslocados em bases militares, localizadas geograficamente em zonas rurais, extremamente pobres e de fraco desenvolvimento, faziam destes jovens rapazes a alavanca impulsionadora da emigração de jovens raparigas, por via do consórcio?

No que concerne à imprecisão do número de casamentos concretizados, é apontado como justificativo a falta de conhecimento da localização da cerimónia e consequente registo do matrimónio, bem como do tipo de casamento concretizado: canónico, civil ou união de facto⁵¹³.

⁵¹¹ Cf. Anexo X, entrevista XIX – Casamentos, testemunha privilegiada.

⁵¹² Yalom, Marilyn (2004), *História das mulheres casadas*. Lisboa: Editorial Teorema, p. 356.

⁵¹³ *Foram muitos, umas boas centenas [risos] uns 800 [risos].... Há um elemento a acrescentar, é que não sabemos se os casamentos foram fora da Base, se foram nas igrejas da freguesia, outros casaram só por civil, se houve sequer casamento...* (cf. Anexo X, entrevista XVI- Casamentos, testemunha privilegiada). **Indivíduo do sexo masculino, 60 anos.**

Não obstante, é referenciado a consistência de casamentos ao longo dos anos em análise, bem como a sua incidência se registar desde que os norte-americanos chegaram à ilha Terceira. É, de igual modo, assumida a transversalidade do fenómeno ao arquipélago, o que também tivemos oportunidade de corroborar no subcapítulo anterior, pela análise dos resultados obtidos referentes à naturalidade das jovens nubentes.

Só no ano que casei penso que fomos para aí umas 10, das que eu sei... foram muitas (...) Oh... todos os anos casavam americanos com portugueses [risos], foram muitos. Sempre que houve americanos, houve casamento [risos] (cf. Anexo X, Entrevista I – Casamentos).

Susana, 62 anos.

Para finalizar a recolha de memórias, questionou-se os entrevistados se teriam mais alguma informação que considerassem pertinente partilhar com a investigadora e consequentemente enriquecer o presente estudo. De salientar que a maioria não referiu qualquer outro dado, argumentando não ter mais informações.

Contudo, consideramos pertinente referenciar o testemunho da inquirida que contraiu casamento com um militar norte-americano sediado na Base das Lajes, que refere:

Sou emigrante! ... Sou emigrante regressada, mas sou emigrante! [emoção].... Vivi na América mais de 40 anos. Gosto muito da América... foi a América que me deu a oportunidade de ser quem sou.... Deu-me oportunidade de ir para a Universidade... de ter a vida que tive... de ter casa, carros... trabalhar... não precisar de homem para viver... foi bom, foi muito bom! Mas, quantas vezes cheguei ao avião para embarcar para a América... já no “bus” americano e eu a dizer que não ia... Eu tinha de ir, mas não queria... custava-me muito deixar a ilha... (cf. Anexo X, entrevista I – Casamentos, testemunha privilegiada).

Susana, 62 anos.

Não podemos deixar de destacar o sentimento de emigrante manifesto na memória anterior, apesar de ter tido melhores oportunidades e qualidade de vida, não

deixou de sentir a saudade, o que tanto caracteriza os emigrantes açorianos da segunda metade do século XX – o desejo pelo regresso à terra natal⁵¹⁴.

Apesar da inquirida ter feito uma escolha, não significou que abandonasse a sua terra e quisesse esquecer as suas origens, manteve de alguma forma, o seu desejo por voltar, o que acabou por concretizar passados 40 anos.

O testemunho anterior é ilustrativo das várias perspetivas em torno das representações sociais em relação aos casamentos entre jovens açorianas e militares norte-americanos, como seja a prosperidade, a liberdade, a mobilidade social. Também a memória partilhada comprova as razões apontadas anteriormente pelos inquiridos como sendo impulsionadoras do matrimónio com os norte-americanos, a qualidade de vida que este casamento acarretaria, a melhoria de vida, o fugir da pobreza e as oportunidades de ascensão social, por exemplo, pelo acesso à educação, o que não teria sido concretizado se permanecesse na ilha. No entanto, voltamos a focar, que ao longo dos vários testemunhos foi referido, de igual modo, o enamoramento como motivação ou desencadeado com o conhecimento e ajustamento da relação.

De igual modo, é de referir que dos escassos entrevistados que partilharam outras informações que consideraram pertinentes, estes aproveitaram a oportunidade para enquadrar o seu contexto de interação com os norte-americanos, a forma como acabaram por ir trabalhar para a Base e/ou reforçaram o impacto que os norte-americanos tiveram nas suas vidas e na comunidade terceirense.



⁵¹⁴ Rocha, Gilberta e Ferreira, Eduardo (2011), “Traços gerais da emigração açoriana da segunda metade do século XX à atualidade” In Rocha, Gilberta (Coord.) *Entre dois mundos. Emigração e regresso aos Açores*. Direção Regional das Comunidades, p. 53.

Figura 92 - Matrimónio entre jovem terceirense e militar norte-americanos, ilha Terceira, Açores, 1970.

Fonte: Arquivo Foto Íris.

A figura antecedente retrata o momento do matrimónio destinado ao registo do mesmo. Este procedimento realizou-se na sacristia da igreja tendo por testemunha o pároco da freguesia.

Os registos fotográficos aqui apresentados evidenciam a concretização de casamentos entre jovens açorianas e militares norte-americanos sediados na Base das Lajes, no período de 1946 a 1974. Foi nossa preocupação selecionar vários registos que demonstrassem diferentes décadas, especificamente, conseguimos recolher registos iconográficos ilustrativos de matrimónios nos anos 50, 60 e 70. As fotografias, segunda Susana Serpa Silva, são uma importante fonte histórica *inerentes à esfera do privado e das memórias pessoais ou coletivas (...) permitem humanizar o fenómeno (...) permite tanto quanto possível, contruir uma história total*⁵¹⁵. A conjugação de diferentes fontes, testemunhos e memórias, tal como tivemos oportunidade de confrontar no presente estudo, para além dos acervos documentais, permite a construção de uma História aglomeradora das várias perspetivas, mais completa, mais totalizante e humana.

Pelo que temos verificado ao longo deste capítulo, destinado aos casamentos entre as duas nacionalidades e o modo em como estes foram resultado do impacto e da influência que se fazia sentir na ilha Terceira, em consequência da presença militar, não podemos deixar de refletir que ao longo das memórias aqui partilhadas não se coloca a questão das diferenças religiosas entre as duas nacionalidades. Embora, os açorianos fossem conservadores, tradicionalistas, predominantemente católicos, sobretudo numa época fortemente vincada pela doutrina cristã e pelos ideais do Estado Novo, e os norte-americanos, mais liberais, provavelmente muitos deles protestantes por opção religiosa, o que poderia ser um impeditivo à realização do matrimónio. Apesar desta disparidade, não vemos aqui colocada a questão das diferenças religiosas. Seria esta uma prova da força do sonho americano? Não encontramos descrição, nos testemunhos orais, a qualquer impedimento ao matrimónio por razões de divergência religiosa. Somente um entrevistado faz referência ao noivo ser *de outra religião*, mas esta situação não foi um entrave à concretização do casamento:

⁵¹⁵ Silva, Susana Serpa (2019), p. 40.

(...) a gente via os casamentos, quando eram de outra religião, o noivo ficava no meio da igreja, quando ela era católica, mas fazia um juramente e os filhos eram batizados nas nossas igrejas. (cf. Anexo X, entrevista XVIII – Casamentos, testemunha privilegiada).

Ricardo, 84 anos.

Fica a questão, à qual assumimos como limitação, pois este item não foi o enfoque do estudo, todavia, não podemos deixar de referenciar e refletir sobre o mesmo. Se é evidente que os norte-americanos aceitavam casar na fé católica mesmo sendo protestantes, para a igreja católica o noivo permanecer no meio da igreja era suficientemente aceitável para a concretização do matrimónio? Será que estamos apenas perante uma celebração e não uma concretização efetiva do matrimónio católico? Estas são questões às quais não conseguimos obter resposta, mas permitem-nos refletir o quanto os norte-americanos aceitavam as imposições religiosas, morais e sociais das jovens nubentes, das suas famílias e da comunidade hospedeira. Que estaria no cerne dos matrimónios para os noivos? Que estariam dispostos a aceitar pela concretização matrimonial com uma jovem terceirense? Como já foi referido, este estudo não se foca na perspetiva dos norte-americanos, mas este seria um importante complemento e continuidade à presente investigação.

O certo é que nos dados quantitativos que tivemos oportunidade de analisar, verificam-se várias referências à concretização do matrimónio civil, muitos dos quais não conseguimos apurar se posteriormente houve a concretização do matrimónio religioso na fé católica. Será que os dados que não conseguimos confrontar com os registos da Cúria Diocesana serão casos de noivos não católicos? Ou será que esta questão simplesmente se justifica pelo enorme avolumado de documentação e dispersão da mesma, não nos tendo sido possível confrontar toda a informação?

5.2. Viver o sonho americano ou o casamento como via para a emigração?

Como tivemos oportunidade de perceber pela análise dos testemunhos orais, frequentemente foi remetido como justificativo da concretização dos casamentos entre

jovens açorianas com milhares norte-americanos, a emigração, o casamento como meio para a posterior emigração, que se esperava que fosse extensível a toda a família.

(...) eu não vou dizer que não havia amor no meio disto tudo, mas havia emigração, claro, era uma entrada para os EUA, era a “Estátua da Liberdade” à vista [risos] (cf. Anexo X, entrevista XVI- Casamentos, testemunha privilegiada)

Domingos, 60 anos.

A emigração sempre esteve nos desígnios dos açorianos, como uma miragem de melhor qualidade de vida. Atendendo a Carlos Cordeiro e Susana Serpa Silva, *o povo açoriano cedo se viu impelido a deixar as ilhas, rumando às mais diversas paragens em busca de um futuro que parecia arredado do meio insular*⁵¹⁶.

Grosso modo, a esmagadora maioria dos entrevistados, ao longo da sua partilha, associa o casamento ao passaporte para a América, tanto para a jovem nubente como para a restante família. A memória seguinte refere-nos o encantamento pela abundância, e o incentivo ao namoro com um norte-americano, por parte dos familiares, tendo em vista a sua futura emigração:

Naquele tempo era uma desgraça, os pais não se importavam (...) achavam que era uma grande sorte para as filhas casar com um americano, e depois achavam tudo bom. E depois eles [americanos] traziam, traziam bombons, e cerveja e gelados... para as famílias. E ficava tudo, não era “comprado”, mas ficavam encantados com a abundância. Porque o principal disto tudo, era a fome, a necessidade (...) elas estavam uns anos na América, e acabavam por chamar as famílias... continuava a ligação através dos americanos. Era também uma maneira de ajudar. Se a minha filha casar com um americano, a gente vai todos para a América... muitos, muitos emigraram assim... (cf. Anexo X, entrevista XII- Casamentos, testemunha privilegiada).

Paula, 77 anos.

⁵¹⁶ Cordeiro, Carlos e Silva, Susana Serpa (2010), “Perspetivas sobre a emigração açoriano no século XIX”, In Fonseca, Maria Lucinda (coord.) *Aproximando Mundos: Emigração, Imigração e Desenvolvimento em Espaços Insulares. Actas da Conferência Internacional*. Fundação Luso-Americana, p. 237.

Abandonavam os padrões culturais e sociais inerentes ao namoro e ao casamento, por verem neste uma oportunidade de melhorar a sua qualidade de vida, de emigrar e podendo com isso fugir da miséria e ajudar os que permaneciam na ilha, quer por uma possibilidade de uma emigração abrangente a toda a família, quer pela ajuda que poderiam providenciar aos familiares que na ilha ficavam. A memória seguinte é referente a um sujeito que viveu em primeira mão as situações de casamentos entre nacionalidades:

(...) a gente mandava dinheiro. Tínhamos a obrigação de cuidar da nossa família, dos que ficaram cá... eu ajudava a minha família, mandava dinheiro para cá, para os ajudar... (cf. Anexo X, entrevista I – Casamentos, testemunha privilegiada).

Susana, 62 anos.

Também o testemunho seguinte é ilustrativo do supramencionado, especialmente no tocante ao interesse dos pais em providenciar e facilitar um bom casamento às filhas:

Aquilo quando elas arranjavam um americano aquilo era logo “cercar para dentro” [prender] [risos]... levavam logo para casa. Um americano tinha tanta fama de ter tantos dólares que elas não os queriam deixar escapar! Até os pais “cercavam para dentro” [prendiam] para ver se as filhas iam para a América... se fosse um desgraçado de um português ficava na janela (cf. Anexo X, entrevista XIII – Casamentos, testemunha privilegiada).

Eduarda, 65 anos.

Destaca-se novamente a ilusão do sonho americano, idealizado pelo contato e conhecimento da comunidade estrangeira na ilha, mostrando os seus usos, costumes e poder económico, que fez com que muitas jovens ambicionassem um futuro mais promissor.

As principais razões apontadas por João Peixoto para a emigração, são *o nível de desenvolvimento económico dos países (...) os contextos sociais e culturais, incluindo as oportunidades de mobilidade social e profissional e o grau de conhecimento*

*existente (ou percebido) das condições do país desejado*⁵¹⁷. Essas situações eram já do domínio dos açorianos, estes mantinham uma proximidade e relação com a comunidade estrangeira na ilha, o que permitia que estes tivessem a analogia do poder económico que a América poderia proporcionar, detinham conhecimento e nalguns casos, já se tinham acomodado a certos padrões culturais e sociais dos estrangeiros. De igual modo, tinham algum domínio da língua inglesa, o que facilitaria a integração no país de acolhimento⁵¹⁸.

O testemunho anterior é representativo da ilusão criada pela Base das Lajes, o facto da comunidade norte-americana sediada na ilha mostrar, pelos seus modos de vida, o que poderia ser o futuro na América, a qualidade de vida que se poderia alcançar e como estes indícios eram impulsionadores da concretização de matrimónios entre militares norte-americanos e jovens açorianas. Os terceirenses vislumbravam a América e o desejo de emigrar para os EUA, para alcançar o que os norte-americanos deixavam transparecer nos Açores.

A qualidade de vida conquistada por intermédio do casamento e a sua consequente emigração para os EUA, está bem patente nesta memória:

(...) eu na América era rica (...) a vida na América é muito diferente disto aqui! ... A mulher lá tem direitos... não era escrava como aqui... temos muito poder ... olha eu... fui para a Universidade... cá nunca ia! Ganhava muito bem, cá nunca tinha sido assim!... (cf. Anexo X, entrevista I – Casamentos, testemunha privilegiada).

Susana, 62 anos.

Os entrevistados reconhecem a qualidade de vida que alcançaram e/ou poderiam alcançar por intermédio do casamento e deste como via para a emigração, onde estaria o tão desejado sonho americano.

Todavia, há quem refira os matrimónios como resultado de uma relação amorosa, e com esta sim, viria a inevitável emigração:

⁵¹⁷ Peixoto, João (2000), “A Emigração”, In Francisco Bettencourt e Kirti Chaudhuri (dir.) *História da Expansão Portuguesa*, Vol. 5, Temas e Debates, p. 167.

⁵¹⁸ (...) *verem aquela Base, o estilo de vida dos americanos, a Base era uma América, fez muita rapariga ir atrás daquilo...* (cf. Anexo X, entrevista XVII – Casamentos, testemunha privilegiada). **Rodrigo, 74 anos.**

(...) conheço algumas que foi por amor... tomaram-lhes amizade e depois veio o amor. E também conheço algumas que no princípio foi por interesse e depois ficaram muito bem... (cf. Anexo X, entrevista VII – Casamentos, testemunha privilegiada).

Conceição, 86 anos.

É apontado como justificativo do matrimónio o amor, embora possam ter surgido casos de interesse por uma vida melhor, afinal o norte-americano era tido como sendo um “bom partido”, pelo que essa razão poderia ser impulsionadora de aproximação das jovens açorianas aos militares, mas que evoluiria para o enamoramento e consequente casamento por amor. Na expressão de Anália Torres,

o facto de se dizer que há outros aspectos, para além dos aspectos sentimentais e emocionais, que pesam na relação conjugal não significa (...) relegar para a inexistência daquela dimensão e desprezar as suas consequências (...) da mesma forma que em relações iniciadas numa lógica de conveniência poderia surgir a afetividade⁵¹⁹.

As motivações são um processo complexo, não se podendo dissociar umas das outras, as razões inerentes são dispare, mas não são estanques, quanto mais não seja pela própria complexidade das relações humanas e amorosas. Sucintamente, explica-se da seguinte forma:

Era o amor que ela tinha por ele e era a boa vida... pois era uma pequena nova...aqui... não era por ela não ter namorados aqui! ... Porque ela tinha!... mas quis foi aquele [americano] (cf. Anexo X, entrevista III – Casamentos, testemunha privilegiada).

Lúcia, 83 anos.

A testemunha anterior é familiar de uma nubente, pelo que demonstra conhecimento direto, e esta refere que apesar da jovem ter tido oportunidade de namorar e casar com um português, ela optou por um estrangeiro. Esta situação leva-nos a

⁵¹⁹ Torres, Anália (2002), “Casamento: conversa a duas vozes e três andamentos”, In *Análise Social*, Vol. XXXVII (163), p. 576.

refletir acerca do desejo da emigração, da vida que poderia ser proporcionada por um casamento com um estrangeiro ao invés de um português.

No entanto, voltamos a focar que tanto o enamoramento como o interesse que possa ter estado inerente ao relacionamento entre jovens podem ter surgido em simultâneo, ou que um poderá ter levado ao outro. Podemos falar de jovens que se conheceram e se enamoraram, pois, o contato entre comunidades era muito frequente e corriqueiro. As motivações são complexas e há lugar para ambas as dimensões: o interesse por uma vida melhor e o enamoramento por um jovem estrangeiro. Para além do mais, os norte-americanos certamente teriam conhecimento das motivações das jovens açorianas, no entanto eles estariam dispostos a aderir a essas situações, talvez porque eles próprios teriam motivações complexas, claramente que um dos motivos terá sido o amor.

Não podemos firmar as motivações inerentes ao matrimónio, como tendo sido um fenómeno simplista, atendendo que o próprio ser humano e as suas relações, são elementos complexos e contraditórios e em interação com o outro a complexidade aumenta exponencialmente, não se pode reduzir comportamentos e motivações a dimensões unívocas, pelo que podemos sempre associar várias motivações inatas aos propósitos do matrimónio entre jovens açorianas e militares norte-americanos.

Contudo, os sonhos poderiam ser desfeitos, como em todos os casos de emigração, pelo *embate inicial, muitas vezes bem difícil (...) o choque cultural e civilizacional. Sobressaem os atrasos tecnológicos das ilhas; as diferenças linguísticas e das vivências comunitárias e sociais insulares (...) Daí, a sensação de isolamento, as saudades (...) a ingenuidade e a rusticidade perante um mundo desconhecido*⁵²⁰.

A memória seguinte, de uma ex-esposa de um militar norte-americano, cujo matrimónio se realizou no período em análise, evidencia as dificuldades sentidas pelo propósito da emigração e o casamento como via para a alcançar esta finalidade:

Fomos todos para a América... nenhum ficou cá... era por isso que casávamos... Alguns chegaram lá... e a vida não é como sonhamos... nem tudo corre bem... A vida é muito difícil lá... levei 10 anos a adaptar-me àquela vida... Eu tinha muito medo da América... estás fora do teu país... chega a um

⁵²⁰ Silva, Susana Serpa (2019), p. 108.

ponto... pronto... tens de te habituar... (cf. Anexo X, Entrevista I – Casamentos, testemunha privilegiada).

Susana, 62 anos.

Para além da manifestação dos receios sentidos por essa jovem nubente, aquando da sua emigração, é igualmente pertinente salientarmos a expressão: *Fomos todos para a América... nenhum ficou cá... era por isso que casávamos*. A própria entrevistada, ex-esposa de militar sediado na Base das Lajes, admite que a emigração foi o grande propósito e objetivo da concretização dos casamentos entre jovens açorianas e militares norte-americanos.

O que nos leva a refletir e por assim dizer, a concluir, que os casamentos entre jovens terceirenses e norte-americanos tinha na sua génese o projeto de emigração. O testemunho seguinte comprova a conclusão supra, as jovens raparigas viam no casamento com um estrangeiro, o passaporte para a terra prometida, para uma melhor qualidade de vida, uma maior prosperidade para o futuro.

Naquele tempo, toda a gente queria ir para a América e aquilo era como um passaporte para ir para a América. E os pais até ajudavam, havia aqueles que pensavam que por as filhas casarem com os americanos, mais tarde também haviam de ir lá ter... e olha que depois foram muitos, famílias inteiras, porque depois elas faziam Cartas de Chamada para a família toda! (cf. Anexo X, entrevista XIII – Casamentos, testemunha privilegiada).

Eduarda, 65 anos.

Consideramos que o excerto anterior é ilustrativo de todo o imaginário, intencionalidade e estratégia de emigração intrínseco aos casamentos.

No Portugal do período do Estado Novo a principal intencionalidade do casamento não se prendia com o sentimento. Atendendo às convenções tradicionalistas e conservadoras da época, era mais prestigiado o estatuto, a qualidade de vida, o material em detrimento do afetivo. O casamento era uma instituição, o processo de sentimentalização não era valorizado. Como nos explica Sofia Aboim,

a entrada na vida a dois correspondia na esmagadora maioria das vezes a um ritual de passagem marcado pela cerimónia católica (...) Segundo o ideal

*corporativo da família, para elas estava reservada a maternidade, para eles ganhar o pão e vigiar o comportamento da mulher, agora a seu cargo*⁵²¹.

O matrimónio, nos anos 50 e 60, para além de ser um rito de passagem para a vida adulta, para o estatuto de mulher esposa, era também a passagem das filhas aos cônjuges que seriam agora os responsáveis e provedores das esposas. Interessava fazer um “bom casamento”, entregar bem a filha e garantir o seu sustento e um lar, secundarizando o sentimento na relação matrimonial.

Portanto, o norte-americano era o “bom partido”, o bom casamento, e nele as jovens raparigas teriam o futuro garantido, e acima de tudo qualidade de vida que poderia ser extensível a toda a família. Era quase como um investimento que os pais faziam nas suas filhas, ao consentirem no seu casamento com o jovem norte-americano. O importante era o contrato e a vida material, os sentimentos vinham em segundo lugar, nesse sentido, as decisões das jovens nubentes e dos seus pais correspondiam ao espírito da época.

Não obstante, é importante refletirmos sobre as estratégias convencionais da escolha do cônjuge. Esta triagem, na época em análise, atendia aos princípios da homogamia, a escolha recaía sobre um companheiro que correspondesse às características da jovem, em termos sociais, culturais, religiosos, económicos, de idade⁵²²... Mas, como podemos concluir, o matrimónio com os estrangeiros em nada se assemelha ao expectável não correspondendo ao princípio da homogamia, pois os estratos sociais eram muito distintos, os padrões culturais completamente dispares, a prática religiosa nalguns casos, também não era compatível, as noivas eram católicas e os noivos pertencentes a outras confissões...

Parece-nos que o facilitismo que se verificou ao longo dos testemunhos, referentemente aos processos de namoro, à quebra de padrões sociais e culturais que se prendiam com o namoro e matrimónio da época, seriam quebrados em prol de um futuro casamento, e uma promissora emigração que poderia vir a ser extensível a toda a família.

No entanto, não podemos deixar de referir, que para além dos norte-americanos serem o “passaporte” para o sonho americano, não deixam de ser os maridos que as jovens terceirenses escolheram para se unirem e partilharem a sua vida. É certo, que

⁵²¹ Aboim, Sofia (2011), p.85.

⁵²² Saraceno, Chiara e Naldini, Manuela (2003), p. 93.

atendendo à prosperidade que se prometia, as famílias afrouxaram as regras do namoro, para não deixar escapar a oportunidade de emigrar, mas também a eventualidade de concretizar um matrimónio com um homem de meios. Como já referimos, torna-se pertinente equacionarmos o que os norte-americanos pensavam deste seu estereotipo? Porque estavam dispostos a ser o “passaporte” de fuga à pobreza? Que motivações teriam os norte-americanos para consentir com as estratégias migratórias intrínsecas ao casamento? Isto num contexto em que o número de militares americanos que encontrou noivas de guerra é muito elevado, como vimos acima.

Outro ponto que não podemos deixar de refletir é o impacto que a presença norte-americana teve em termos de emigração na ilha Terceira e em todo o arquipélago dos Açores.

Ao analisarmos a questão dos casamentos, constatamos de imediato um considerável número de jovens nubentes que emigraram na companhia de seus cônjuges (481). Se confrontarmos essa informação com os dados demográficos referentes à evolução do número de emigrantes dos Açores, apresentados e analisados no estudo de Gilberta Rocha e Eduardo Ferreira, verifica-se que *a partir da década de cinquenta (...) a intensidade e as características dos fluxos migratórios em direção aos Estados Unidos e ao Canadá assumiram contornos de forte intensidade no quadro dos movimentos populacionais de saída do arquipélago*⁵²³.

Isto leva-nos a considerar até que ponto os casamentos e o impacto da presença norte-americana nos Açores, não influenciou os fluxos migratórios rumo aos EUA? Os norte-americanos chegam oficialmente à ilha Terceira em 1946 (a Santa Maria a chegada é anterior, em 1944) e a partir de 1950 o fluxo migratório aumenta exponencialmente, até atingir o seu pico nos anos 60. Não estarão estas questões correlacionados? A chegada e influência estrangeira nos Açores terá despoletado o aumento do fluxo migratório para os EUA nos anos de 50 a 70, sendo que a partir de meados de 70 volta a decair⁵²⁴. O facto é que existem outros fatores condicionantes desta inclinação migratória, como seja por exemplo, a fuga à guerra colonial, a erupção do vulcão dos Capelinhos em 1957, bem como uma tradição histórica de emigração para os EUA, entre outros. Todavia, não podemos descurar de refletir sobre o impacto migratório que poderá ter tido a presença norte-americana nos Açores, para além da questão mais circunscrita dos casamentos aqui relevada.

⁵²³ Rocha, Gilberta e Ferreira, Eduardo (2011), p. 49.

⁵²⁴ SREA – Demografia, Emigração dos Açores segundo o país de destino, por ano.

5.3. Os processos de namoro e de casamento.

Várias foram as motivações inerentes ao processo de casamento entre jovens açorianas e militares norte-americanos, contudo, a principal recaí primordialmente sobre a perspetiva da futura emigração, portanto o casamento entre nacionalidades poderia ser encarado como uma via para a emigração.

Torna-se pertinente descortinar como era o processo de namoro e o consequente matrimónio enquanto fenómeno resultante ou indissociável do impacto que a presença estrangeira teve sobre a comunidade local e a forma em como esta presença influenciou a qualidade de vida, mas também a ambição por um futuro melhor e a conseguinte emigração.

Para a melhor perceção do que nos propomos, devemos criar uma linha norteadora e sequencial desde o estabelecimento de conhecimento e relacionamento entre as jovens terceirenses, passando pelo namoro até à concretização do casamento.

Apraz-nos então, refletir sobre o estreitamento das relações entre nacionalidades. Como tivemos oportunidade de ver, aquando da análise dos testemunhos orais, verificou-se alguma “emancipação” da jovem mulher que namorou o norte-americano em contraposição com a jovem que namorou um português e manteve os padrões culturais e sociais impostos e exigíveis para a manutenção da sua honra e virtude. Como explicitado por Antoine Prost, *as relações se inscrevem num quadro folclórico e se desenrolam à vista de toda a gente da aldeia, sob o controlo da opinião pública*⁵²⁵.

Para a época em estudo seria expectável, uma certa retidão casta e virtuosa por parte da mulher, uma visão tradicionalista da figura feminina⁵²⁶, seriam estas as escolhidas como boas esposas e boas mães. Na explicitação de Maria Helena Santana e de António Apolinário Lourenço, *as raparigas namoradeiras eram apontadas como levianas, exemplos de duvidosa reputação*⁵²⁷. As políticas Salazaristas imponham um modelo de família tradicional e conservador, onde se reprimisse a mulher e condenasse o que fosse impulsionador da emancipação feminina que atendesse contra a moral dos usos e dos costumes vigentes⁵²⁸. Ora, o casamento com os forasteiros impulsionou um

⁵²⁵ Prost, Antoine, (1991), p.79.

⁵²⁶ Aboim, Sofia (2011), pp.82-83.

⁵²⁷ Santana, Maria Helena e Lourenço, António Apolinário (2011), “No leito. Comportamentos sexuais e erotismo”, In José Mattoso (dir.) *História da vida privada em Portugal. A época contemporânea*. Temas e Debates. Círculo de Leitores, p 257.

⁵²⁸ Baptista, Luís Vicente (1990), p. 360.

certo rompimento com o instituído e exigiu uma adaptação e acomodação a novos modelos de família e de padrões sociais e culturais.

Pelos testemunhos, detetamos julgamento na narrativa dos entrevistados, no tocante às jovens raparigas que namoravam um militar norte-americano e rompiam com os tradicionalismos e conservadorismo morais da comunidade, chegando a ser referido que:

Elas expunham-se, elas metiam-se lá dentro [Base]. E às vezes era mesmo as mães que diziam: - “tens de ir para veres se tens sorte de ir para a América” (cf. Anexo X, entrevista IX – Casamentos, testemunha privilegiada).

Rui, 78 anos.

Como vimos, era a própria família a instigadora e cúmplice na rutura com os padrões de namoro impostos, pois a finalidade era muito apelativa.

Seria expectável, no tempo e no espaço, uma forma de estar padronizada e imposta por género, por exemplo, à jovem rapariga imponha-se a reserva perante o sexo masculino, as saídas noturnas seriam quase que uma utopia e no caso de existirem seria na companhia de outras jovens ou de familiares. De acordo com Anália Torres, *espera-se, com efeito, que a pertença sexual esteja necessariamente associada a desejos específicos, formas de ser, de estar e de se comportar. Trata-se dos padrões específicos e “naturalizados” do que é adequado no “masculino” e no “feminino”*⁵²⁹.

Não era apropriado para uma jovem rapariga, honrada e virtuosa, frequentar bares noturnos e relacionar-se com jovens forasteiros. Mas era sobretudo nos *nightclubs* que se desenvolviam os primeiros contatos e conhecimentos entre jovens das duas nacionalidades⁵³⁰.

Tal como referido, na época a que nos reportamos não seria muito convencional encontrar jovens mulheres, solteiras, em bares noturnos, não seria moralmente aceitável nem respeitável para o sexo feminino ou para a sua família, pois estes espaços eram

⁵²⁹ Torres, Anália (2002), p. 29.

⁵³⁰ *Bares, nightclubs, havia na Praia, na Rua de Jesus... havia muitos, aquilo [Bares] enchia... e pronto... e ia tudo atrás (...). Tanto eles como elas já sabiam onde é que iam (...). Eles eram diferentes da gente, lá na sua terra estavam mais habituados a ir a Bares e Cafés* (cf. Anexo X, entrevista IV – Casamentos, testemunha privilegiada). **António, 67 anos.**

facilmente associados a comportamentos desviantes e a frequentadores de índole duvidosa, suscitando ceticismo na comunidade⁵³¹.

Todavia, a necessidade de se adaptar à nova cultura que emergia na ilha, tornava inusitado o conservadorismo intrínseco aos padrões de namoro exigidos, como refere o testemunho seguinte.

Os americanos não queriam nada dessas coisas... queriam “lá nada”! Eles não estavam habituados a isso lá na América [risos] (cf. Anexo X, entrevista V- Casamentos, testemunha privilegiada).

Alvarino, 83 anos.

Inclusive a própria família consentia e por vezes até facilitava a quebra do padrão imposto. Segundo Anália Torres: *os pais acabavam por ser decisivos na escolha do futuro cônjuge ao controlarem os locais, as formas de sociabilidade, ou seja, a enquadrarem socialmente a “inclinação amorosa” dos seus filhos*⁵³². Esta situação é reforçada pela partilha que se segue:

(...) eles [norte-americanos] metiam-se lá em casa dela. O pai era vivo e a mãe era viva, mas davam um jeitinho, saiam pela porta de trás para a filha entrar pela porta da frente (cf. Anexo X, entrevista XII – Casamentos, testemunha privilegiada).

Paula, 77 anos.

Como já assinalado, o norte-americano era entendido como sendo o “bom partido”, o que traria o futuro e a qualidade de vida que os pais ambicionam para os filhos. Em conformidade com Antoine Prost, *a norma social não fazia do amor nem uma condição do casamento nem um critério do seu sucesso (...) a valorização institucional do casamento encobria as realidades afetivas*⁵³³. Em poucas palavras:

⁵³¹ Pappámikail, Lia (2011), p. 222.

⁵³² Torres, Anália (2001), p. 55.

⁵³³ Prost, Antoine (1991), p. 89.

Tinha de se “cercar” [prender] aquilo para casa. Era um bom partido. Um americano! Deixa andar... diziam que era o futuro... (cf. Anexo X, entrevista XV- Casamentos, testemunha privilegiada).

Paulo, 67 anos.

É evidenciado o escasso tempo de namoro com os jovens militares da Base das Lajes. No caso particular dos namoros com os norte-americanos, este era curto, resultante também da efêmera permanência dos jovens militares nas suas comissões de serviço na Base das Lajes, e nalguns casos, o jovem casal, num breve período de tempo, passava a viver maritalmente⁵³⁴.

As jovens raparigas seguiam os pretendentes, situação que não aconteceria num típico namoro tradicional, frequentavam bares e cafés, saíam de carro com os jovens forasteiros, sem supervisão familiar, o que era visto como sendo situações desviantes aos padrões de namoro impostos pela sociedade. Os jovens de diferentes sexos, deviam permanecer afastados, garantindo a preservação moral, não sendo permitidas liberdades entre sexos. Para as raparigas o contato com a figura masculina, colocaria em causa a sua reputação e a sua virtude. Aos jovens rapazes era transmitida a desvalorização do feminino e acautelados das relações fora do casamento, como sendo um perigo moral e social⁵³⁵.

Denota-se, novamente, o desconhecimento e/ou a não concordância dos norte-americanos na aceitação dos padrões culturais açorianos, e com isso, as jovens raparigas e suas famílias, teriam de se “modernizar” e de se adaptar à nova cultura que se propagava pela ilha.

Ia tudo para o “Café Açores”, era um bar onde os americanos iam muito e elas iam para ali e acabavam por se meter uns com os outros... havia também os bailes (...) muitos conheceram os americanos foi nesses lugares... Eles iam até lá e elas iam atrás (...) Elas iam, era para os carros com eles, e saíam com eles, não havia nada destas coisas da janela [risos]... Os americanos nem sequer sabiam o que era isso [risos]... (cf. Anexo X, entrevista X – Casamentos, testemunha privilegiada).

Gabriel, 85 anos.

⁵³⁴ Cf. Anexo X, entrevista VIII- Casamentos, testemunha privilegiada.

⁵³⁵ Alão, Ana Paula (1990), p. 372.

Ora essas “liberdades”, leva-nos a refletir se essas jovens seriam facilmente associadas a estereótipos que poderiam denegrir a imagem da família e da própria mulher, principalmente se o matrimónio não se concretizasse. A memória que se segue é concordante com o referido:

Se tivesses o azar de dar um “mau passo”, de namorar e o namoro acabar, estavas “despachada” [condenada socialmente]! Era porque “não prestavas” [não eras virtuosa], eras isso, eras aquilo... “estavas despachada”!... (cf. Anexo X, entrevista XXII – Casamentos, testemunha privilegiada).

Alvarina, 61 anos.

Se a jovem rapariga não concretizasse o casamento, poderia facilmente ser ajuizada e condenada pelos padrões da sociedade, ficando marcada e condenada a permanecer solteira, por ser considerada não digna do papel de esposa, mãe e dona de casa, o que exigia um certo nível de pureza e virtude.

Mas se o namoro apresentava características distintas do padronizado pela sociedade, devemos, pois, analisar se esta situação trazia implicações aos rituais do casamento e assim percecionarmos se este foi influenciado pela cultura norte-americana.

Pela análise dos dados quantitativos, anteriormente estudados, verificamos que a maioria dos casais concretizava o seu casamento na ilha Terceira, antes da sua emigração. Não obstante, pelo estudo dos testemunhos orais, deparamo-nos com situações de jovens que previamente coabitaram com o jovem nubente norte-americano e só então concretizaram o casamento⁵³⁶.

Esta situação, seria impensável, atendendo às normas nupciais instituídas, seria inaceitável, moralmente, uma jovem viver com o seu futuro esposo, antes da celebração matrimonial. Até 1974, esta situação contrariava as normas morais do casamento canónico⁵³⁷. No caso dos casamentos com os norte-americanos, nem sempre se

⁵³⁶ Cf. Anexo X, entrevista IV- Casamentos, testemunha privilegiada.

⁵³⁷ Aboim, Sofia (2011), p. 85.

concretizou o casamento católico, por vezes, as núpcias cingiram-se ao contrato civil, pelo casamento na Conservatória do Registo Civil⁵³⁸.

Como já sublinhamos, volta-se a levantar a questão em torno da opção religiosa dos norte-americanos, será que a justificação da não concretização do matrimónio canónico se deve ao facto dos norte-americanos não serem católicos? E um casamento fora da sua fé seria um impeditivo à concretização nupcial?

Ao longo das entrevistas também temos oportunidade de refletir em torno do interesse manifesto pelos norte-americanos em casar e conhecer jovens terceirenses, podemos afirmar que o interesse era recíproco, apesar de nos termos focado sobre os interesses femininos, estes também eram manifestados pelos norte-americanos, o desejo por desposar uma jovem açoriana, embora não consigamos aferir as motivações que estariam inerentes a esses interesses. Este aspeto é claramente descrito no discurso seguinte:

(...) havia um americano que disse que gostava de casar com uma rapariga portuguesa, e havia um trabalhador da Base que conhecia o americano (...) E o americano depois foi à matança em casa dessa tia, isso foi coisas que eu assisti, era criança, mas lembro-me, eles começaram a falar (...) casaram e foram para a América (...) Havia trabalhadores que davam conhecimento das raparigas para casar com eles... e coisas assim, e levavam os americanos às touradas para conhecerem as raparigas (...) eu trabalhava na Base, conhecia um americano que me dizia que gostava de casar com uma portuguesa, e eu levava-o a casa de uma portuguesa que quisesse casar com um americano... havia muitos casos assim! (cf. Anexo X, entrevista XXII – Casamentos, testemunha privilegiada).

Alvarina, 61 anos.

Em suma e no tocante aos processos de namoro e casamento, o que até então era visto como algo determinado e institucionalizado pela sociedade, sobretudo nas

⁵³⁸ BPARLSR – Angra do Heroísmo – Fundo do Governo Civil – Registos de Passaporte. Quando o processo de emigração incluía a certidão de casamento, tivemos oportunidade de aferir que nem todos os casamentos foram concretizados por via canónica. Nalguns casos deparamo-nos com a certidão de casamento passada pela Conservatória do Registo Civil, sem qualquer referência ao matrimónio católico. Também na confrontação dos mesmos, com os dados da Cúria, registamos a sua inexistência. Todavia, esta situação não é finita, pois o matrimónio poderá ter-se concretizado após a emigração, ou não acedemos à informação pretendida por esta se ter extraviado, deteriorado, pela dispersão de fontes... justificativos comuns a um trabalho de investigação.

comunidades mais rurais e fechadas, como era o caso da ilha Terceira, foi quebrado em prol da possibilidade de um futuro casamento com um norte-americano. Em conformidade com Sofia Aboim, até ao final da ditadura salazarista,

*os encontros entre jovens do sexo oposto eram objeto de vigilância apertada. O namoro era antes de mais uma instituição pública de regras rígidas, a bem da virtude feminina. Controlada pela autoridade paterna e pelo olhar dos parentes e da vizinhança, namorava-se para casar, à soleira da porta ou no interior da casa se a relação fosse aprovada pela família da mulher*⁵³⁹.

O típico namoro longo e à janela, controlado pelos olhares atentos dos familiares, foi desvalorizado, o afastamento entre sexos, que se impunha, também ele foi abandonado. Pelos testemunhos dos entrevistados, depreendemos que os relacionamentos entre as jovens açorianas com os militares norte-americanos não iam de encontro ao moralmente padronizado.

Para além de termos percecionado o interesse das jovens açorianas em estabelecer um relacionamento com os jovens forasteiros, verificamos que estes, de igual modo, tinham interesse neste relacionamento, sendo estes muitas vezes os primeiros a manifestar vontade num casamento com uma portuguesa, embora não nos tenha sido possível analisar as motivações intrínsecas ao noivo norte-americano.

Podemos inferir pela análise dos processos de namoro e casamento, e atendendo à época em que se situaram, que estes não correspondiam aos valores e costumes morais e sociais instituídos quer no namoro, quer no matrimónio. Havia um maior despreendimento e consentimento no relacionamento amoroso, desde que se conseguisse, ou que mostrasse ser uma oportunidade para a obtenção de um passaporte para os EUA, e que preferencialmente este fosse extensível a toda a família.

Este aspeto evidencia a influência em termos culturais e sociais que os estrangeiros trouxeram à comunidade hospedeira, no sentido em que os terceirenses tiveram de adaptar os seus usos e costumes, o seu conservadorismo, a sua ruralidade e o seu tradicionalismo, ao tempo de permanência do futuro noivo na ilha. As comissões de serviço na Base das Lajes tinham uma certa duração, terminado esse período os jovens militares teriam de partir, o que poderia comprometer o futuro casamento. Outra

⁵³⁹ Aboim, Sofia (2011), p. 84.

questão, e pensamos que a mais determinante, prende-se com os próprios usos e costumes dos militares, também estes tinham os seus padrões culturais e sociais de namoro e, em nada se assemelhavam aos portugueses, o típico namoro à janela, por um longo período de tempo, com vigilância apertada de familiares e vizinhança... essas eram normas sociais e morais, completamente desconhecidas dos americanos e para além do mais, desadequadas à liberdade cultural e social norte-americana.

Estas questões levam-nos, novamente, a indagar da imensa dimensão do impacto da presença estrangeira na ilha Terceira, por intermédio da Base das Lajes. Este foi um impacto que se fez sentir em várias frentes, e no caso dos namoros e consequentes casamentos, também esta influência foi notória, quer pela aspiração da concretização de um bom casamento, com um “bom partido”, como pelo impacto e transformação/adaptação nos usos e costumes açorianos, na moralidade e nos valores sociais incutidos pela sociedade, visível nas questões do namoro e do próprio matrimónio.

5.4. Percursos de vida das jovens noivas

Para além de refletirmos sobre as motivações inerentes à conjugalidade de jovens açorianas com militares norte-americanos, pretendemos analisar as expectativas de vida das jovens nubentes. Substancialmente, conclui-se que a principal motivação do matrimónio está intrinsecamente ligada à emigração e consequente ascensão social e económica da vida da jovem nubente e da sua família, pela possibilidade que esta teria de ajudar as famílias, por meio da emigração da mesma, ou pela ajuda que poderia ser prestada aos que ficavam na ilha. Mas também tivemos o ensejo de analisar o processo de enamoramento, o amor viria com o tempo, com o conhecimento que teriam um do outro, embora no cerne da situação estivesse a ambição por uma maior qualidade de vida, esta motivação não pode ser descurada dos aspetos afetivos intrínsecos a uma relação matrimonial.

Analisando, então, as representações sociais das testemunhas, acerca dos percursos de vida das jovens que casaram com norte-americanos, sediados na Base das Lajes, nos anos de 1946 até ao final do Estado Novo. Podemos constatar alguma incerteza no que concerne aos seus percursos de vida, como seria expetável, visto termos focado a

nossa pesquisa nos testemunhos privilegiados que permaneceram na ilha Terceira, como é o caso da testemunha que demonstra dubiedade na sua memória:

Era uma maneira de ir para a América, de sair daqui... agora se corria bem, isso então já não sei ... era sempre à procura de uma vida melhor... tu casas com o americano, não sabes ao que vais, esperas ser para melhor... mas pode ser pior... (cf. Anexo X, entrevista XVII – Casamentos, testemunha privilegiada).

Rodrigo, 74 anos.

Há quem assente o seu testemunho no facto das jovens terem alcançado o desejado, emigraram, mas chegaram aos EUA e foram fazer a sua vida fora do contrato de casamento. Outras que foram felizes nos seus casamentos e que permanecem casadas até aos dias de hoje, como referido na partilha que se segue:

Muitas tiveram pouco tempo casadas, depois de chegar lá fora algumas iam à sua vida, arranjavam outro...isso era um passaporte para a América... E outras, ainda hoje estão casadas com eles...tiveram sorte, arranjam bons maridos... (cf. Anexo X, entrevista XV – Casamentos, testemunha privilegiada).

Paulo, 67 anos.

E outras houve ainda, em que a emigração e o casamento não correram como o expectável, como podemos ver pelo exposto na memória seguinte:

Umas foram felizes, muito felizes com eles, e outras coitadinhas não tiveram sorte nenhuma e não vem para cá porque têm vergonha e acabam por ficar por lá ... (cf. Anexo X, entrevista XVIII – Casamentos, testemunha privilegiada).

Ricardo, 84 anos.

Do mesmo modo, é notório no discurso dos entrevistados uma menor depreciação de género, os norte-americanos manifestavam uma maior valorização da mulher e do seu papel, e isso poderia ser arrebatador para as jovens raparigas, sujeitas à rusticidade da cultura masculina de submissão e domesticidade da figura feminina:

(...) Ela ficou com uma boa vida, ela e tantas outras... Quem soube estimar aqueles rapazes [americanos], acabou por ter boas vidas... Elas foram muito estimadas pelos seus maridos americanos... (cf. Anexo X, entrevista XX - Casamentos, testemunha privilegiada).

João, 74 anos.

A incerteza sobre os percursos de vida das jovens é evidente, ficamos apenas pelas representações de que estas possam ter alcançado o que desejavam e de terem prosperado na vida.

Os entrevistados continuam a ser unânimes em relação às motivações inerentes ao matrimónio: a emigração para os EUA. Parece-nos que este objetivo foi concretizado por quem casou com os norte-americanos sediados na Base das Lajes – emigrou. No tocante ao estilo e estatuto de vida que alcançaram bem como a duração do casamento, somente temos representações e opiniões por parte dos inquiridos, ficando a incerteza sobre o sucesso do percurso de vida das jovens terceirenses e açorianas.

Em suma, refletimos em torno do enlace entre jovens insulares e militares norte-americanos em comissão de serviço na Base das Lajes. Pelo que constatamos foram várias as motivações das jovens para a aproximação aos estrangeiros e à concretização matrimonial. A motivação mais relevada foi sem dúvida a intencionalidade por maior prosperidade e qualidade de vida, consubstanciando-se no desejo pela emigração para os EUA. O que se concretizou, pois conclui-se que todos as jovens que casaram na ilha Terceira com militares norte-americanos, acompanharam os seus maridos, quando terminaram as suas comissões de serviço nos Açores, partindo para outras Bases e/ou para os EUA.

Não podemos deixar de ler este resultado à luz de três aspetos relevantes, por um lado, a questão de à época a dimensão instrumental se impor com facilidade à emocional, de acordo com a moral vigente; o facto de nas entrevistas o amor entre os nubentes ser mencionado com regularidade, pelo que esta dimensão não está ausente; e, finalmente, o lado dos americanos: por um lado, certamente estes não ignoravam as motivações das suas nubentes e, por outro lado, o fenómeno das noivas de militares americanos ter uma grande amplitude, transcendendo em muito a Base das Lajes.

Não obstante, ficaram várias questões por responder, resultando, em parte, da seleção e exequibilidade do estudo, ou seja, focámos a nossa amostra na população

residente na ilha Terceira e que tinham conhecimento de casos de concretização de matrimónios entre as duas nacionalidades, o que não nos permitiu confrontar as motivações, processos, relacionamentos...dos intervenientes diretos, uma vez que não focamos a nossa análise na perspetiva dos nubentes (com uma exceção). Assim, não temos a totalidade dos casos, no entanto, temos informação que nos permite aferir o impacto que a presença estrangeira na ilha acarretou para a população local, inclusive na concretização de um casamento com um norte-americano como passaporte para a América, podendo este ser extensível a toda a família.

É inegável o impacto social que a presença norte-americana teve na população local, pois como referimos, este impacto foi impulsionador e facilitador de estratégias de emigração, com base no matrimónio entre as duas nacionalidades. Como é sabido, a entrada para os EUA e consequente legalização da emigração nem sempre é fácil, mas por intermédio de um casamento esta seria concretizada e legalizada.

Considerações Finais

Com esta investigação foi nosso intuito deixar um contributo à História Social e das Mentalidades, versando o caso particular do impacto sociocultural da presença estrangeira na ilha Terceira, nomeadamente dos contingentes norte-americanos sediados na Base das Lajes. Associados a este impacto, surgiram dois fenómenos muito marcantes na sociedade local: a adoção de crianças terceirenses por casais norte-americanos e os matrimónios entre jovens insulares e militares estrangeiros.

Observou-se ao longo da investigação uma escassez de bibliografia e de estudos académicos que abordassem este tipo de influência, uma vez que a relevância da Base das Lajes para a História Militar, para os estudos de geoestratégia ou no âmbito das Relações Internacionais tem-se sobreposto, pela sua relevância mundial, a abordagens desta natureza, mais focadas nas relações humanas e na própria dimensão insular. Estas particularidades permitiram-nos trazer alguma informação nova e diferente sobre a presença norte-americana na ilha Terceira, nos Açores, contribuindo, de forma não exaustiva (dados os constrangimentos indicados na introdução), para uma outra visão do papel da Base das Lajes na História da sociedade açoriana.

Esta temática levou-nos a pesquisar e a confrontar diferentes fontes, como sejam espólios particulares – sobretudo registos iconográficos – e os testemunhos orais, a partilha de memórias, nas palavras de Alberto Vieira, a *História da Vida Privada*⁵⁴⁰. Estas fontes permitiram-nos complementar e perceber os percursos de vida e as influências que se fizeram sentir na comunidade insular resultante da presença norte-americana, pois *as fontes orais podem trazer novas perspectivas à historiografia, numa dimensão mais viva e participativa. A História Oral pode e deve ser empregue em estudos sobre temas ou períodos contemporâneos, que a memória ainda alcance e possibilite o depoimento de actores e testemunhas*⁵⁴¹.

As fontes orais foram cruciais para a consecução desta pesquisa, destacando-se a sua relevância no estudo das adoções por casais norte-americanos, onde tivemos oportunidade de recolher o testemunho das três partes envolvidas no processo de adoção: família biológica, pais adotivos e adotados. Incluímos ainda as testemunhas privilegiadas que nos deram a visão externa (fora das famílias) das adoções. Esta

⁵⁴⁰ Vieira, Alberto; Faria, Cláudia e Alves, Graça (2018), p.9.

⁵⁴¹ Silva, Susana Serpa (2016), p. 460.

metodologia, materializada na realização das entrevistas, permitiu-nos uma melhor perceção e confrontação de representações, em virtude das memórias que foram partilhadas. Procuramos ter cuidado e espírito crítico para discernir entre o que seria realidade e o que seriam reconstruções de recordações e vivências, pois as memórias são seletivas e intrinsecamente afetivas⁵⁴². Todavia, a História e a memória cruzam-se e complementam-se.

Ao recorrermos às memórias enquanto fonte e ao complementarmos com os tradicionais métodos historiográficos estamos a enriquecer o campo de trabalho do historiador. De acordo com José D'Assunção Barros, *a história e a memória entrelaçam-se nas “memórias históricas” para preencher uma função importante: quando a memória viva de determinados processos e acontecimento, começa a se dissolver através do desaparecimento natural das gerações que os vivenciaram*⁵⁴³. Desta forma, foi de sobeja importância, recuperar as memórias da influência norte-americana na ilha Terceira, pois estas tendem a desaparecer com a renovação das gerações.

Para a melhor contextualização e enquadramento da temática que nos propusemos estudar, fizemos uma sucinta caracterização do regime do Estado Novo, período no qual se centra a presente investigação, balizada, por isso, entre 1933 e 1974. Além das questões em torno da política externa e da própria Guerra de 1939 a 1945 — cruciais para explicar o surgimento e implantação da Base das Lajes —, privilegiamos a abordagem aos valores salazaristas, que marcaram esta época e que enalteciam uma sociedade conservadora, sustentada nas tradições e no catolicismo, alicerces de uma ideologia assente nos ideais da pobreza honrada, da família, da virtude da mulher enquanto dona de casa, mãe e educadora. Não obstante, na ilha Terceira vivia-se alguns sinais de modernidade resultantes do impacto que a presença norte-americana teve na população local, desde o comum consumo de produtos importados, à entrada da mulher no mercado de trabalho ao serviço dos norte-americanos, aos tipos de relacionamentos entre jovens rapazes forasteiros e raparigas açorianas, aos modos de vestir e de falar, à música que se ouvia e que se tocava, ao modo de vida que alguns assumiam na ilha açoriana, sob influência do *american way of life*.

Foi também pertinente perceber os interesses britânicos e norte-americanos inerentes à instalação de bases militares nas ilhas dos Açores, sublinhando a

⁵⁴² Joutard, Philippe (2007), p. 223.

⁵⁴³ Barros, José D'Assunção (2009), p. 53.

importância geopolítica e estratégica que o arquipélago dos Açores detinha, fortemente salientada com o decorrer da Segunda Guerra Mundial, tanto para os Aliados como para os Nazis. Assim, ao longo de um controverso percurso moroso de conversações entre EUA, Reino Unido e Portugal, Salazar aceita conceder *facilidades* aos ingleses tendo por base a secular aliança luso-britânica, aspeto este que levou a que a neutralidade portuguesa passasse a ser reconhecida como colaborante, pela concessão dessas mesmas *facilidades* aos Aliados, nos Açores.

Os britânicos chegam aos Açores, a 8 de outubro de 1943, permanecendo até 1946, ano em que transferem a Base das Lajes para as Forças portuguesas. Com a saída da RAF, as forças norte-americanas instalam-se na Base, mantendo a sua presença até à atualidade.

Com a chegada das forças estrangeiras, o aeródromo das Lajes foi sofrendo melhorias e ampliações, tendo sido sacrificado o “Celeiro da ilha”, em prol do patriotismo nacional. Esta situação culminou num considerável desalojamento e expropriação de casas e terrenos dos moradores das Lajes, o que provocou sentimentos contraditórios e até ressentimentos que, ainda hoje, são visíveis nos testemunhos orais. Este não foi um processo linear, nem de fácil resolução, dados os constrangimentos provocados aos habitantes e proprietários — para mais numa ilha pequena e sem grandes alternativas — e os quais, “patrioticamente”, foram desapossados das suas terras, para que a ilha Terceira tivesse um digno Campo de Aviação.

Ao analisarmos o processo de ocupação da planície das Lajes, para implantação do aeródromo, incidimos em dois aspetos: os desalojamentos resultantes da demolição das moradias e a expropriação dos terrenos agrícolas. No tocante aos desalojamentos, concluímos que estes moradores foram alojados num novo aldeamento edificado para o efeito — a Aldeia Nova, como também se verificou a indemnização monetária pela propriedade. Em contrapartida, a questão dos terrenos, levantou fortes questões socioeconómicas, e ainda hoje se verificam situações de difícil resolução, sobretudo porque atualmente os legítimos proprietários ou já faleceram, e os terrenos pertencem aos herdeiros, ou em alguns casos houve emigração da família, que agora se encontra em parte incerta, e/ou os herdeiros não foram identificados... São, pois, ainda, várias as situações que continuam a levantar problemas e dificuldades.

Os proprietários receberam rendas-indemnização pelas suas parcelas de terrenos ocupados, sendo que em 1992, pelo Decreto-Lei n.º 200/92, de 29 de setembro foi decretado que estes seriam adquiridos pelo Estado Português. Contudo, as negociações

inerentes ao processo de compra e venda perduraram vários anos acabando estes por serem adquiridos por um valor muito inferior ao de mercado. Atualmente, ainda se encontram terrenos em processo de arrendamento, visto terem condições de serem restituídos aos seus proprietários. No entanto, parece-nos despropositado que dos atuais arrendamentos, conste terrenos no interior da pista de aviação, ou seja, no centro da pista de pouso e decolagem do Aeroporto Internacional das Lajes (sem qualquer hipótese de restituição).

Desde a presença dos britânicos, que investiram no aeródromo, se notou algum relacionamento e aproximação à comunidade, pois iam usufruindo de bens e serviços, e com isso iniciou-se um processo de transformação na ilha, resultante do impacto social e económico da presença estrangeira. De imediato a mão-de-obra terceirense foi empregue nas obras de melhoramento e ampliação do aeródromo e, para além da força braçal, também foram empregues os equipamentos e recursos da comunidade, como sejam, os típicos carros de bois que, apesar da sua rusticidade, foram úteis. Todo este empreendimento permitiu o acesso, por parte de muitos trabalhadores locais, a um emprego bem remunerado e a um salário garantido. Da mesma forma, a interação social que se gerou entre estrangeiros e insulares, contribuiu para que se comesse a delinear os primeiros laços relacionais entre as duas comunidades.

Por outro lado, também verificamos neste estudo a facilidade com que o terceirense se adaptou à nova cultura e modos de vida que se iam instalando, como por exemplo, a língua, que podendo ser um entrave comunicacional e consequentemente social, motivou a criação de estratégias para o contornar.

Surgiram novas oportunidades de negócio resultantes do elevado contingente militar que circulava na ilha. Foram vários os espaços comerciais e sobretudo de restauração e similares que abriram portas no concelho da Praia da Vitória. Para além do comércio e da restauração terem visto a sua atividade ampliada, outras estratégias foram criadas para dar resposta às solicitações britânicas. É exemplo, a “brigada de salvamento” que consistia num conjunto de locais que circulavam pela ilha a recolher os jovens estrangeiros que se encontravam fora do perímetro do aeródromo, por vezes em situações de embriaguez, levando-os de volta ao Campo em troca de algumas moedas, chá e bolachas estrangeiras. Podemos, igualmente, referir as carroças que estacionavam no Posto Um (saída do Campo), como uma autêntica paragem de táxis, para ajudar a deslocar os forasteiros à Vila da Praia da Vitória, dando assim uso aos seus recursos (cavalos e carroças) e prestando um serviço remunerado às forças estrangeiras.

Em consequência, surgiram ainda várias casas de prostituição em resposta às carências dos forasteiros. A procura foi tão elevada que as autoridades sentiram necessidade de estipular dias da semana para as “liberdades amorosas” das diferentes comunidades que habitavam na ilha Terceira.

Resultante do elevado aumento populacional provocado pelos contingentes militares, surgiram dificuldades em termos económicos e de subsistência, pois perdeu-se o grande “Celeiro da ilha” em prol do campo de aviação. Consequentemente, a produção cerealífera decaiu consideravelmente. Além disso, o preço dos produtos e bens essenciais aumentou, pois, a procura era muito maior do que a oferta, acrescendo que o poder de compra dos estrangeiros superava o dos portugueses, contribuindo para o incremento da inflação.

Mas se a presença britânica fez desencadear um conjunto de alterações sociais e económicas e introduziu algumas novidades culturais, materiais e comportamentais, a chegada dos norte-americanos, aquando da saída da *Royal Air Force*, marcou definitivamente uma viragem na identidade terceirense. Gradualmente, foi-se verificando uma maior prosperidade e qualidade de vida entre a população local, sobretudo por parte daqueles que conseguiram um emprego, bem remunerado, ao serviço das forças norte-americanas. Paradoxalmente, se para uns a Base passou a ser sinónimo de melhoria de vida, desencadearam-se também fortes assimetrias sociais, desde logo a destacar o caso do “Bairro de Lata”, localizado na Serra de Santiago. Este albergou um conjunto de indivíduos, provenientes de outras ilhas, que migraram rumo à ilha Terceira, na expectativa de obtenção de emprego na Base das Lajes, o que nem sempre se concretizou. Acabaram por se aglomerar nesse local, construindo as suas habitações com os restos das chapas metálicas da Base, uma particularidade que justifica a designação do bairro.

Um emprego na Base das Lajes, ao serviço dos norte-americanos, passou a ser algo ambicionado por todos. Desde cedo começou-se a delinear um futuro como “trabalhador da Base”, o que conferia um certo estatuto social a quem podia usufruir deste “título”. É o caso dos jovens *caddies* terceirenses, que saíam cedo, “pés descalços”, rumo ao Campo de Golfe, com o intuito de ganhar uns dólares extra para a subsistência da família. O Golfe foi uma porta de entrada para outras funções na Base, uma vez que permitia aulas de inglês, como preparação para o exame de admissão para a Base, o que suscitava uma maior acessibilidade ao mercado de trabalho norte-americano. Assim, consideramos que o Campo de Golfe, e as oportunidades que este

proporcionou às franjas mais carenciadas da população, constituiu-se como um meio de mobilidade social, impulsionando a ascensão de jovens nascidos em meios socioeconómicos vulneráveis. O certo é que grande parte dos praticantes amadores que, atualmente, frequentam o Campo de Golfe, são reformados da Base das Lajes e antigos *caddies*.

Entretanto, e ao longo dos anos, foram inúmeras as consequências económicas e sociais, bem como as influências culturais e as práticas de interajuda que resultaram da presença americana na ilha. É exemplo disto, o impacto musical que ecoou por todo a Terceira e restante arquipélago, pois tratou-se de uma dinâmica transversal e com expressão alargada, devido às digressões que as bandas estrangeiras faziam pelas diferentes ilhas. Estas bandas atuavam na Base das Lajes, no âmbito do projeto USO, com o intuito de animar as tropas deslocadas, influenciando, assim, as melodias compostas por açorianos, bem como os gostos musicais. Cedo os terceirenses aderiram à música anglo-saxónica (e ao cinema), criando os seus próprios grupos, amiúde misturando locais e norte-americanos nas atuações que faziam.

Em contrapartida, foi evidente a preocupação dos norte-americanos em colaborar e manterem uma relação com a comunidade, respeitando os usos e costumes, como foi o caso de levarem para dentro do perímetro da Base, para os seus espaços de convívio, as tradições terceirenses. Foram exemplo as danças de Carnaval, a decoração de um carro de toldo, aquando das festividades do Espírito Santo, a sua participação nas festas, locais e arquipelágicas, como era o caso da presença das entidades norte-americanas na procissão em honra do Senhor Santo Cristo dos Milagres, em Ponta Delgada, o reporte das mesmas no seu periódico *Crossroads*, divulgando a cultura da ilha e do arquipélago.

Nos anos de permanência norte-americana na ilha Terceira foi inegável o impacto social e de interajuda à comunidade. Tivemos oportunidade de verificar nas fontes diferentes ocasiões em que a solidariedade norte-americana esteve muito presente, incluindo ajudas a várias instituições públicas. São exemplos, o Hospital da Praia da Vitória, a ajuda médica concedida no hospital da Base, o auxílio aos sinistrados aquando das catástrofes naturais (um pouco por toda a Região), o apoio a famílias carenciadas de várias freguesias, o auxílio às casas de acolhimento residencial de crianças e idosos, entre tantos outros gestos de boa vontade. Este apoio tinha como foco o projeto *People-to-People*, um programa de solidariedade social do exército norte-americano. Acresce que este espírito e mecanismos de auxílio social, podem ser

explicados como uma estratégia diplomática — o chamado *Soft Power* — para influenciar e moldar o país hospedeiro. Para Joseph Nye, *Soft Power rests on the ability to shape the preferences of others (...) the indirect effects of attraction and a diffuse influence can make a significant difference in obtain favorables outcomes*⁵⁴⁴. Este poder de atração era praticado sobre a comunidade pelos mecanismos de auxílio e de solidariedade para com os locais, que se deixavam encantar com os programas de ajuda que os norte-americanos disponham e aplicavam.

Foi notório o sentimento de gratidão e reconhecimento da população insular pelas ajudas prestadas pelos militares estrangeiros, reconhecendo o papel que a presença norte-americana acarretou para as gentes da ilha. A influência estrangeira tornou-se numa dinâmica generalizada e transversal a toda a ilha Terceira, atuando em diferentes frentes. Ora este sentimento que despertava nos locais, fez com que se criassem laços relacionais de amizade entre as duas comunidades, sendo que algumas destas, ainda nos dias hoje, mantém-se por intermédio das redes sociais ou pelo facto dos norte-americanos já terem regressado, em visita à ilha.

Em consequência do fascínio pelos costumes e qualidade de vida norte-americanas e à ânsia de fuga à pobreza endémica que se vivia na ilha Terceira, no período do Estado Novo, surgiram estratégias migratórias de relevo. É o caso das adoções de crianças terceirenses por casais norte-americanos e os matrimónios entre jovens insulares e estrangeiros, enquanto realidades sociais associadas e/ou resultantes do impacto social da presença norte-americana na comunidade.

No tocante às adoções é de referir que esta é uma realidade ainda muito presente nas memórias dos sujeitos, mas como questão sensível que é, persistem muitos silêncios entre a comunidade local, levantando várias questões quer em termos morais, quer em termos legais.

Este foi um fenómeno de grande escala, tendo sido registadas 182 crianças que emigraram na companhia de casais norte-americanos no período do Estado Novo. Todavia, este número não espelhará a realidade total, pois várias crianças terão saído da ilha sem qualquer documento ou adoção concretizada, o que nos leva a ponderar sobre a verdadeira dimensão destas adoções. Tratou-se de uma situação transversal a todo o arquipélago, pois, nesta matéria a atratividade dos norte-americanos fez-se sentir para

⁵⁴⁴ Nye, Joseph S. (2004), p. 6 e 16.

além do perímetro da ilha Terceira. Embora com particular incidência nesta ilha, foram adotadas e levadas crianças de outras ilhas dos Açores.

Das várias razões justificativas e motivadoras deste tipo de adoções, há a referir a extrema pobreza que se fazia sentir, sendo que grande parte destas crianças eram provenientes de famílias muito carenciadas, de agregados familiares numerosos e incapazes de garantir um futuro risonho aos filhos. Em alguns casos ainda há a relevar as situações em torno da natalidade ilegítima e os casos de mães solteiras que, ao doarem as crianças, ajudavam a salvaguardar a honra da família perante uma pequena e controladora comunidade.

Através dos testemunhos, foi-nos permitido perceber que o “sonho americano” esteve presente nas decisões das famílias aquando da entrega das crianças, quer pela ambição de uma melhor qualidade de vida e prosperidade, quer pela ilusão de uma possível futura emigração extensível à família que permanecia na ilha. Ficava a ideia de que, talvez um dia, também pudessem partir Como é possível verificar, esta não é uma investigação que se encerra aqui, pois se muitas questões ficaram por responder, outras tantas foram surgindo no decorrer da pesquisa. Quando estudamos indivíduos e comportamentos o certo é que, pela sua complexidade, muitas são as justificações e razões inerentes a cada pessoa, pelo que se torna árduo tentar descortinar o que faz parte da subjetividade do comportamento humano. Apesar de termos abordado as três partes envolvidas num processo de adoção (família biológica, família adotiva e adotado) para melhor triangularmos o fenómeno e assim obtermos uma maior fidelidade de relatos e factos, e de termos confrontado esses relatos com as representações sociais externas aos casos, partilhadas pelas testemunhas privilegiadas, esta é uma investigação que, a continuar, poderá trazer ainda mais informações e dados. Desde logo, importa referir o facto de se continuar a verificar adoções/entregas de crianças para além dos anos 80, após a publicação das primeiras leis nacionais de adoção (decreto-lei 47.344/66 de 25 de novembro).

No entanto, acreditamos ter dado um passo significativo para a compreensão desta realidade social – adoções de crianças terceirenses por casais norte-americanos –, contribuindo assim para um registo académico e científico sobre o impacto da presença estrangeira na ilha Terceira e os fenómenos sociais que esta impulsionou.

No que concerne ao matrimónio entre jovens terceirenses e militares norte-americanos, não podemos deixar de relevar o número de casamentos concretizados no período compreendido entre 1946 e 1974, perfazendo um total de 481. Não deixa de ser

considerável tendo em conta a realidade demográfica da ilha. Ainda assim, a presente pesquisa poderá não contemplar a totalidade de matrimónios concretizados no decorrer do período em análise, porque poderão ter-se extraviado ou degradado alguns registos, o que é uma limitação comum da historiografia, mas também há a considerar a possibilidade de algumas jovens terem partido antes do casamento (que se terá realizado ou não no país de acolhimento), dadas as facilidades proporcionadas pelos aviões militares, que permitiam a saída de Portugal, sem necessidade de qualquer registo documental, contornando assim, a burocracia e toda a regulamentação fronteiriça. No entanto, é de salientar a dimensão e representatividade dos casos, que a análise documental nos permitiu aferir. Este foi um fenómeno de grande escala, e novamente, transversal ao arquipélago dos Açores, embora com especial incidência na ilha Terceira.

Quanto às justificações e razões intrínsecas aos matrimónios, pudemos aferir, pelos discursos dos entrevistados, e de uma forma enfática, que estes tinham nos seus desígnios o intuito da emigração. Seriam, pois, muitos deles, casamentos por interesse e em busca da qualidade de vida que um “bom partido” poderia proporcionar, como era o caso dos militares norte-americanos. Porém, não podemos deixar de equacionar os enamoramentos e os afetos desenvolvidos na sequência dos convívios entre as raparigas locais e os militares da Base, quer em festas e bailes, quer em outras ocasiões de contacto e relacionamento.

Deste modo, podemos concluir que a concretização de um matrimónio com um norte-americano seria o passaporte para a terra prometida, com a vantagem de poder vir a ser extensível a toda a família e, por isso, era mais fácil a quebra dos padrões morais e culturais vigentes, quebrando-se regras no processo de namoro e noivado, com o consentimento da própria família. Uma futura carta de chamada era muito mais viável nestes casos do que nos casos de adoção de crianças, dado que estas, maioritariamente perdiam os laços de ligação à família biológica.

De igual modo, temos de ter em atenção a necessidade que os locais devem ter sentido de adaptarem-se ao modo de vida do jovem militar, bem como ao tempo de duração da comissão de serviço, e à forma como estes aspetos, poderiam ser um constrangimento no cumprimento, por exemplo, dos padrões culturais do namoro, típicos do período e das mentalidades do Estado Novo. Esta é uma questão muito relevante, dado respeitar à moral sexual e a outros valores que se abriram à influência estrangeira.

Em suma, podemos referir que a presença norte-americana, na ilha Terceira, teve um impacto muito significativo nas vivências, na cultura e na sociedade local, no período em estudo, deixando marcas profundas entre as gerações do passado, prologando-se às gerações seguintes, até ao presente. Como tivemos oportunidade de comprovar ao longo da investigação que sustentou esta tese, várias foram as influências que se fizeram sentir, desde a vertente económica e social, à parte cultural, linguística e mental, estando todas elas bem nítidas nas memórias das gentes da ilha. Resultado da presença estrangeira surgiram dois fenómenos muito significativos, mas que encerram uma grande complexidade e até, podemos dizer, alguma controvérsia: a adoção de crianças e os matrimónios entre locais e americanos.

Esta investigação — que foi a possível, atendendo aos constrangimentos dos anos em que foi feita e da própria temática abordada — representa um contributo para a História Social e das Mentalidades, nos Açores do século XX, em particular, na ilha Terceira. Temos consciência de que muitas questões ficaram por responder, mas muitas outras se colocaram ao longo do trabalho. Procuramos olhar o papel da Base das Lajes através de uma leitura e perspetiva diferente das que predominam ter a maioria dos estudos já defendidos ou publicados.

Fontes e Referências Bibliográficas

Fontes:

Fontes Digitais

Arquivo Nacional da Torre do Tombo:

- Arquivo Salazar:

- Documentos Relativos à Construção do Aeródromo. Disponível em:
<https://digitalq.arquivos.pt/viewer?id=3886779>
 - Correspondência confidencial datada de 5 de janeiro de 1944, do embaixador dos EUA em Lisboa, Raymond Henry Norweb para o Chefe de Estado português, António Oliveira Salazar.
 - Ofício de 6 de janeiro de 1944 para a Embaixada de Portugal em Washington.
 - Correspondência confidencial datada de 1 de julho de 1944, do presidente norte-americano Roosevelt para o Chefe de Estado português, António Oliveira Salazar.

- Arquivo Parlamentar e Debates Parlamentares:

- *Diário* da Sessão Legislativa, n.º 54, de 13 de dezembro de 1935, da Assembleia Nacional. Disponível em:
<http://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/01/02/054/1935-12-13/93?q=a%25C3%25A7ores&pOffset=640&pPeriodo=r2> (14 DEZ 1935)
- *Diário* da Sessão Legislativa, n.º 48, de 25 de fevereiro de 1944, da Assembleia Nacional. Disponível em:
<https://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/03/02/048/1944-02-24/71> .
- *Diário* da Sessão Legislativa nº12, de 19 de janeiro de 1946, da Assembleia Nacional. Disponível em:
<http://debates.parlamento.pt/catalogo/r2/dan/01/04/01/017/1946-01-18/242?q=roosevelt%252C%25Ba%25C3%25A7ores&pPeriodo=r2>

- Imprensa:

- *Avante!* ano 38, série VI n.º 398 (especial), janeiro 1969. Disponível em:
http://casacomum.org/cc/arquivos?set=e_7693/p_2

- *Avante!* ano 44, série VI, n.º 464, abril de 1974. Disponível em:

<http://casacomum.org/cc/visualizador?pasta=09704.001.025>

- Legislação:

- Constituição de 11 de abril de 1933. Disponível em:
<https://www.parlamento.pt/Parlamento/Documents/CRP-1933.pdf>
- Portaria n.º 11404, 27 de junho de 1946. Disponível em
<https://dre.pt/dre/detalhe/portaria/11404-1946-154589>
- Decreto Lei 47.344/66 de 25 de novembro. Disponível em:
https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra Estrutura.php?tabela=lei_velhas&artigo_id=&nid=775&nversao=1&tabela=lei_velhas&so_miolo=
- Lei n.º 143/2015, de 8 de setembro, art.º 1990 A. Disponível em
https://www.pgdlisboa.pt/leis/lei_mostra_articulado.php?tabela=leis&nid=2423&pagina=1&ficha=1

- Voto de congratulação da Assembleia Legislativa Regional pelos 75 anos sobre a criação da Base das Lajes. Disponível em:

http://base.alra.pt:82/Doc_Voto/Xvoto1764_16.pdf

- Concordata entre a Santa Sé e a República Portuguesa, 7 de maio de 1940. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/archivio/documents/rc_seg-st_19400507_santa-sede-portogallo_po.html

- Acordo Missionário, 7 de maio de 1940. Disponível em:

https://www.vatican.va/roman_curia/secretariat_state/archivio/documents/rc_seg-st_19400507_missioni-santa-sede-portogallo_po.html

- Pordata - Fundação Francisco Manuel dos Santos:

- Idade média ao primeiro casamento, por sexo. Disponível em

<https://www.pordata.pt/Portugal/Idade+m%C3%A9dia+ao+primeiro+casamento++por+sexo-421-5200>

SREA – Serviço Regional de Estatística dos Açores:

- Demografia, Emigração dos Açores segundo o país de destino, por ano.
Disponível em <https://srea.azores.gov.pt/>

- Instituto Nacional de Estatística (1951), *Anuário Estatístico: 1950*. Lisboa: Tipografia Portuguesa, Lda, Disponível em: www.ine.pt/xurl/pub/261971235.

Fontes manuscritas e impressas

BPARLSR:

- Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo:
 - Correspondência Confidencial do Fundo do Governo Civil de Angra do Heroísmo.
 - Circular de 24 de janeiro de 1934, Gabinete do Ministério do Interior para o Governador Civil de Angra do Heroísmo.
 - Correspondência entre o Comando Militar da Terceira e o Governo Civil de Angra do Heroísmo, 1 de fevereiro de 1943.
 - Ofício do Comando Militar da Ilha Terceira para o Governador Civil de Angra do Heroísmo, 12 de abril de 1943.
 - Ofício da Câmara Municipal da Praia da Vitória para o Governador Civil de Angra do Heroísmo, 31 de março de 1944.
 - Correspondência entre o Governo Civil de Angra do Heroísmo para o Comando das Forças Britânicas, 31 de outubro de 1944.
 - Correspondência entre Governador Civil, Dr. Cândido Pamplona Forjaz e o Comandante da BA4, 10 de agosto de 1949.
 - Ofício do Governador do Distrito de Angra do Heroísmo para o Ministro do Interior, 1 de novembro de 1951.
 - Correspondência confidencial entre o Comando Militar da Terceira e o Governador Civil, 16 de fevereiro de 1946.
 - Correspondência do Governador Civil de Angra do Heroísmo, Teotónio Machado Pires e o Ministro do Interior, 31 de janeiro de 1962.
 - Secção de Expediente,
 - Correspondência recebida, Caixa n.º 1967- Pasta M, processo 19, pasta 1 – Correspondência do Department of Defense, United States

Forces Azores para o Governador Civil de Angra do Heroísmo, Dr. Teotónio Machado Pires, 6 de janeiro de 1967.

- Processos de Passaporte:
 - Caixas e maços 1946 – 1974.
 - 1946 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 48
 - 1949 – Caixa - Processo Passaporte n.º 189 a 553
 - 1950 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 529
 - 1951 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 404
 - 1952 - Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 305
 - 1953 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 195
 - 1954 – Caixas - Processo Passaporte n.º 1 a 127 e do n.º 163 a 351
 - 1955 – Caixas - Processo Passaporte n.º 1 a 66, do n.º 87 a 133 e do n.º 201 a 269
 - 1956 – Caixas - Processo Passaporte n.º 1 a 74 e do n.º 164 a 220
 - 1957 – Caixas - Processo Passaporte n.º 93 a 200 e do n.º 241 a 550
 - 1958 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 435
 - 1959 – Caixa - Processo Passaporte n.º 181 a 569
 - 1960 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 900
 - 1961 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 571
 - 1962 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 565
 - 1963 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 745
 - 1964 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 880
 - 1965 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1021 a 1151
 - 1966 – Caixa - Processo Passaporte n.º 12 a 45, n.º 146 a 265, n.º 344 a 500, n.º 611 a 625 e do n.º 634 a 2024
 - 1967 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 443, n.º 587 a 660 e do n.º 770 a 1531
 - 1968 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 65, n.º 71 a 756, n.º 772 a 1224 e do n.º 1307 a 2210

- 1969 – Caixa - Processo Passaporte n.º 710 a 830 e do n.º 1881 1973
- 1970 – Caixa - Processo Passaporte n.º 1 a 524, n.º 830 a 914 e n.º 1357 a 1514. Maço de abril e maço de 664 a 680.
- 1971 – Maço de 681 a 702
- 1972 – Maço de janeiro, maço 661 e maço de 703 a 727
- 1973 – Maço de 728 a 752
- 1974 – Maço de 753 a 770

- Destacamento norte-americano da Base das Lajes

- 1.1 Introdução, janeiro a junho de 1944.
- 1.4 – Abastecimento e Serviços, janeiro a junho de 1944.
- 2.1 – Administração, Operações, Abastecimento e Serviços, julho de 1944.
- 2.2 – Gestão, janeiro a junho de 1944.
- 2.3.2 – Gestão, setembro de 1944.
- 3. – Operações, janeiro a junho de 1944, p. 24.

- Imprensa:

- *Atlantic Echo* - Base das Lajes- 1944
- *Diário Insular* – Angra do Heroísmo – 1946 – 1965 e 2000.
- *Jornal da Praia* - Praia da Vitória – 2013 e 2018.
- *União* – Angra do Heroísmo - 1950.
- *Diário de Notícias* - Lisboa - 1971.
- *Crossroads* – Base das Lajes – 1959 – 1966.

Arquivo Municipal da Praia da Vitória:

- Ata da Reunião ordinária de 27 de novembro de 1941 da Câmara Municipal da Praia da Vitória. Livro de Actas n.º 85, Arquivo Municipal da Praia da Vitória.
- Ata da Reunião ordinária de 9 de dezembro de 1943 da Câmara Municipal da Praia da Vitória. Livro de Actas n.º 85. Arquivo Municipal da Praia da Vitória.

- Ata da Reunião ordinária de 3 de outubro de 1946 da Câmara Municipal da Praia da Vitória. Livro de Actas n.º 86. Arquivo Municipal da Praia da Vitória.

Arquivo da Junta de Freguesia da Vila das Lajes:

- Documentos da Associação dos Proprietários da ilha Terceira
 - Contrato de arrendamento n.º 4728.
 - Constituição da Associação dos Proprietários da Ilha Terceira (APIT).
 - Ofício da Associação de Proprietários da ilha Terceira à Direção-Geral de Infraestruturas do Ministério da Defesa Nacional a 5 de junho de 1997.
 - Breve memorando sobre a situação dos terrenos arrendados à Base das Lajes na ilha Terceira – Açores, 24 de fevereiro de 1992 pelo engenheiro Marcelo Bettencourt. Associação dos Proprietários da Ilha Terceira.

Legislação:

- Decreto-Lei nº 22:465 de 11 de abril de 1933.
- Decreto-Lei 22 469 de 11 de abril de 1933.
- Decreto-Lei nº 23054 de 25 de setembro de 1933.
- Decreto-Lei nº 34 133 de 24 de novembro de 1944.
- Decreto Lei nº 47.344/66 de 25 de novembro.
- Decreto-Lei n.º 496/77 de 25 de novembro.

Fontes iconográficas:

- Arquivo Foto Íris;
- Biblioteca Pública e Arquivo Regional Luís da Silva Ribeiro; Espólio Fotográfico Raúl Diniz Forjaz, 1943-1946.
- Câmara Municipal da Praia da Vitória;
- Coleções particulares;
- Junta de Freguesia das Lajes;
- Junta de Freguesia de Santa Cruz, Praia da Vitória;
- Museu de Angra do Heroísmo;

[-https://earth.google.com/web/search/Lajes,+A%c3%a7ores/@38.7632203,-27.08569117,61.21324311a,4558.12152376d,35y,42.83849071h,0t,0r/data=CigiJgokCRD1edhIa0NAEWIxyVAXV0NAGVoYgwvr-DrAIQLxECdQNDvA](https://earth.google.com/web/search/Lajes,+A%c3%a7ores/@38.7632203,-27.08569117,61.21324311a,4558.12152376d,35y,42.83849071h,0t,0r/data=CigiJgokCRD1edhIa0NAEWIxyVAXV0NAGVoYgwvr-DrAIQLxECdQNDvA)

Fontes Orais:

- Adoção:

• Adotados:

- Entrevista I – Jack – 51 anos.
- Entrevista II – Susan – 61 anos.
- Entrevista III – Joseph – 48 anos.
- Entrevista IV – Alfred – 47 anos.
- Entrevista V – Emily – 61 anos.
- Entrevista VI – Lily – 63 anos
- Entrevista VII – Jessie – 50 anos.

• Famílias Biológicas:

- Entrevista I – Esmeralda – 54 anos.
- Entrevista II – Helena – 81 anos.
- Entrevista III – Ana – 60 anos.
- Entrevista IV – Francisca – 74 anos.
- Entrevista V – Maria – 57anos.
- Entrevista VI – Laura – 84 anos
- Entrevista VII – Joaquim – 55 anos.
- Entrevista VIII – Alberto – 66 anos.
- Entrevista IX – Manuela – 56 anos.
- Entrevista X – Fernando – 73 anos.
- Entrevista XI – Inês – 56 anos.
- Entrevista XII – Valentina – 62 anos.
- Entrevista XIII – Alfredo – 58 anos.
- Entrevista XIV – Lurdes – 55 anos.
- Entrevista XV – Sofia – 58 anos.
- Entrevista XVI – Carlos – 63 anos.
- Entrevista XVII – Fátima – 61 anos.

• Pais Adotivos:

- Entrevista I – Mary - 77 anos

• **Testemunhas Privilegiadas**

- Entrevista I – Lourenço – 66 anos.
- Entrevista II – Alice – 87 anos.
- Entrevista III – Matilde – 82 anos.
- Entrevista IV – Mateus – 69 anos.
- Entrevista V – Madalena – 79 anos.
- Entrevista VI – Isabel – 63 anos
- Entrevista VII – Leontina – 76 anos.
- Entrevista VIII – Rosa – 63 anos.
- Entrevista IX – Leonor – 82 anos.
- Entrevista X – Guilherme – 66 anos.
- Entrevista XI – Adriano – 90 anos.
- Entrevista XII – Carlos – 54 anos.
- Entrevista XIII – Hélio – 75 anos.
- Entrevista XIV – Humberto – 74 anos.
- Entrevista XV – Idalina – 60 anos.
- Entrevista XVI – Norberto – 83 anos.
- Entrevista XVII – Paulina – 60 anos.
- Entrevista XVIII – Teresa – 68 anos.
- Entrevista XIX – Miguel – 74 anos.
- Entrevista XX – Luís – 74 anos.

- Casamentos:

• **Testemunhas Privilegiadas:**

- Entrevista I – Susana – 62 anos.
- Entrevista II – Albertina – 77 anos.
- Entrevista III – Lúcia – 83 anos.
- Entrevista IV – António – 67 anos.
- Entrevista V – Alvarino – 83 anos.
- Entrevista VI – Sãozinha – 72 anos
- Entrevista VII – Conceição – 86 anos.
- Entrevista VIII – Alberto – 69 anos.
- Entrevista IX – Rui – 78 anos.
- Entrevista X – Gabriel – 85 anos.

- Entrevista XI – Leonardo – 78 anos.
- Entrevista XII – Paula – 77 anos.
- Entrevista XIII – Eduarda – 65 anos.
- Entrevista XIV – Mariana – 80 anos.
- Entrevista XV – Paulo – 67 anos.
- Entrevista XVI – Domingos – 60 anos.
- Entrevista XVII – Rodrigo – 74 anos.
- Entrevista XVIII – Ricardo – 84 anos.
- Entrevista XIX – Natália – 69 anos.
- Entrevista XX – João – 74 anos.
- Entrevista XXI – Avelino – 67 anos.
- Entrevista XXII – Alvarina – 61 anos.

- Testemunhos:

- Testemunho 1 – Jorge – 86 anos.
- Testemunho 2 – Pedro – 64 anos.

Bibliografia:

- Aboim, Sofia (2011), “Vidas conjugais: do institucionalismo ao elogio da relação”, In José Mattoso (dir.) *História da vida privada em Portugal. Os nossos dias*. Temas e Debates. Círculo de Leitores, pp. 80 – 111.

- Afonso, Aniceto (1993), “A guerra e o fim do regime ditatorial”, In João Medina, *História de Portugal*, Vol. XIII – O Estado Novo. Alfragide: Ediclube.

- Alão, Ana Paula (1990), “As práticas afetivas”, In António Reis (Dir.) *Portugal Contemporâneo*, Vol. IV. Lisboa: Publicações Alfa, pp. 377 – 382.

- Almeida, Ana Nunes (2011), “OS mundos da infância: olhares, espaços e personagens”, In José Mattoso (dir.) *História da vida privada em Portugal. Os nossos dias*. Temas e Debates. Círculo de Leitores, pp. 142 – 276.

- Amaral, Roberto (2008), “O desenvolvimento regional: equilíbrios e desigualdades”, In Artur Matos, Avelino Meneses e José Reis Leite (Dir.) *História dos Açores- Do Descobrimento ao Século XX*, Vol. II, Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano da Cultura, pp. 513-550.

- Antunes, José Freire (1995), *Roosevelt, Churchill e Salazar. A luta pelos Açores 1941-1945*, Alfragide: Ediclube.
- Antunes, José Freire (2013), *Kennedy e Salazar – O leão e a raposa*. Alfragide: Publicações D. Quixote.

- Andrade, Luís (1988), “Alguns tópicos sobre as relações entre os Açores e a Grã-Bretanha (durante a Segunda Guerra Mundial)”, In *Arquipélago História*, número especial, pp. 195-201.

- Andrade, Luís (1995), “A neutralidade e os pequenos estados: o caso de Portugal (1939-1945)”, In *Arquipélago. História*, 2ª série, vol. 1, nº 1, p. 319-331.

- Andrade, Luís (1999), “Os Açores no século XX. Um contributo para a sua História Militar”, In *Arquipélago História*, 2ª Série, III, pp. 447-456.

- Andrade, Luís (2017), *Uma perspetiva açoriana da política externa dos Estados Unidos da América e o Atlântico Norte*. Ponta Delgada: Letras Lavadas.

- Andrade, Rui (2016), *75 anos em 75 momentos*. Lajes: Base Aérea n.º 4.

- Ariès, Philipe (1978), *História social da criança e da família*. Zahar Editores: Rio de Janeiro.

- Atalaio, Rafael (2017), “A adoção internacional e o superior interesse da criança”, Dissertação de mestrado profissionalizante, Faculdade de Direito, Universidade de Lisboa. Disponível em:
https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/32500/1/ulfd134474_tese.pdf

- Ayala, César J. (2001), “From sugar plantation to militar bases: the U.S. Navy’s expropriations in Vieques, Puerto Rico, 1940-45”, In *Centro Journal*, vol. XIII, nº1, University of New York, pp. 23-43. Disponível em: <https://www.sscnet.ucla.edu/soc/faculty/ayala/vieques/web/07ayalasugaroplanttomilitary.pdf>

- Baldin, Nelma e Munhoz, Elzira, (2011), “Snowball (Bola de Neve): Uma técnica metodológica para a pesquisa em educação ambiental comunitária”, In *Actas do X Congresso Nacional de Educação*. Curitiba: Universidade Católica do Paraná, pp. 329 - 341.

- Baptista, Luís Vicente (1990), “Os discursos moralizadores sobre a família”, In António Reis (Dir.) *Portugal Contemporâneo*, Vol. IV. Lisboa: Publicações Alfa, p. 353-360.

- Barreto, António (1996), “Três décadas de mudança social”, In António Barreto (org.) *A situação social em Portugal, 1960-1995*, vol. I. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, pp. 35-58.

- Barreto, António (2015), “População e sociedade”, In António Costa Pinto, (Dir.) *História contemporânea de Portugal – 1808-2010. A Busca da democracia, 1960-2000*. Vol. 5. Fundación Mapfre, p.113-143.

- Barros, José D’Assunção, (2012), “Fontes Históricas: revisitando alguns aspetos primordiais para pesquisa histórica”, In *Moussein*, n.º 12, maio-agosto, pp. 129-159.

- Barros, José de Assunção (2012), “Os *Annales* e a história-problema – considerações sobre a importância da noção de “história-problema” para a identidade da Escola dos *Annales*”, In *História: Debates e Tendências*, v. 12, n.º 2, jul./dez, pp. 305-325.

- Bockorni, Beatriz e Gomes, Almira (2021), “A amostragem em snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração”, In *Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR*, v. 22, n. 1, p. 105-117, jan./jun. Umuarama, p. 105-117.

- Body-Gondrot, Sophie e Orfali, Kristina (1991), “Modelos estrangeiros”, In Phillipe Ariès e Georges Duby (dir.) *História da Vida Privada*, Vol. 5, Porto: Edições Afrontamento, pp. 527-613.

- Brodzinsky, David (2011), “Children’s Understanding of Adoption: Developmental and Clinical Implications”, In *Professional Psychology: Research and Practice*, Vol. 42, No. 2, pp. 200-207. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/232541380_Children's_Understanding_of_Adoption_Developmental_and_Clinical_Implications

- Burke, Peter (1992), *A Revolução Francesa da Historiografia: A Escola dos Annales (1929-1989)*. S. Paulo: Editora UNESP.

- Cabreira, Pamela (2018), “Percepções coloniais do salazarismo ao marcelismo: guerra de libertação em África e a vaga revolucionária na metrópole”, In *Outras Fronteiras*, Cuiabá- MT, vol. 5, n.º 1, jan.-jul. pp. 63-84.

- Caetano, Marcello (2000), *As minhas memórias de Salazar*, (4ª Edição). Lisboa: Verbo.

- Campos, Ângela (2007) “Vozes do Douro: A importância da História Oral na recuperação de memórias”, In Francisco Silva (Dir.) *Douro 22, Estudos & Documentos*, n.º 22, Ano 12, pp. 299 - 311.

- Cardoso, Débora (2017), “A neutralidade colaborante e a propaganda em Portugal durante a Segunda Guerra Mundial”, In *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, nº17, Imprensa da Universidade de Coimbra. Disponível em https://impactum-journals.uc.pt/rhsc/article/view/1645-2259_17_16

- Carluccio, Giulia (2019), “O cinema americano clássico, 1930-1960. Evolução e declínio do “studio system”, In Paolo Bertetto (dir.), *Uma história do cinema*. Lisboa: Texto e grafia, pp. 107-148.

- Chartier, Roger (2022), “Verdade e prova: História, retórica, literatura, memória”, In *Revista de História*, n.º 181, São Paulo. Disponível em <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/issue/current>

- Churchill, Winston (2011), *Memórias da II Guerra Mundial*. Alfragide: Texto Editores.

- Cordeiro, Carlos e Silva, Susana Serpa (2010), “Perspetivas sobre a emigração açoriano no século XIX”, In Maria Lucinda Fonseca, (coord.) *Aproximando Mundos: Emigração, Imigração e Desenvolvimento em Espaços Insulares*. Actas da Conferência Internacional. Fundação Luso-Americana, pp. 237- 245.

- Costa, Susana Goulart (2008), *Açores: nove ilhas, uma História*. Universidade da Califórnia, Berkeley: Institute of Governmental Studies Press.

- Dacosta, Fernando (2012), *As máscaras de Salazar*, Alfragide: Leya.

- Delgado, Humberto (2009), *As memórias de Humberto Delgado*, Alfragide: Dom Quixote.

- Diogo, Fernando (2019), “Algumas peculiaridades da pobreza nos Açores”, In *Sociologia Online*, nº 19, pp. 81-101.

- Duarte, Herlânder (1999), *Salazar e a Santa Igreja*, Lisboa: Nova Arrancada.

- Duarte, José (2009), *História do Jazz*, Lisboa: Sextante Editora.

- Faraj, Suane *et al.* (2017), “Doeu muito em mim!”: Vivências da entrega de um filho para adoção, na visão de mães doadoras”, In *Estudos e pesquisas em psicologia*, V. 17, n.º 2, Rio de Janeiro, pp. 475-493. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/37127/26225>

- Ferreira, Andreia (2009), “Evolução e caracterização dos processos de adopção no centro distrital de Coimbra nos últimos 10 anos”. Relatório de Estágio no âmbito do mestrado em Sociologia. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra.

- Ferreira, José Medeiros (1994), “Portugal em transe (1974-1985)”, In José Mattoso (dir.) *História de Portugal*. Vol. VIII. Círculo de Leitores.

- Ferreira, José Medeiros (2004), “Portugal e os EUA nas duas guerras mundiais: A procura do plano bilateral”, In *Cadernos Navais*, n.º 9, março, junho.

- Ferreira, José Medeiros (2007), “Ilhas e Arquipélagos: neutralidade e zonas de influência”, In *Os Açores e a II Guerra Mundial – Actas do colóquio internacional comemorativos dos 60 anos sobre a capitulação alemã*. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura.

- Ferreira, Marieta, Fernandes, Tânia e Alberti, Verena (org.) (2000), *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

- Ferreira, Marieta (2002), “História, tempo presente e História Oral”, In *Topoi*, Rio de Janeiro, pp. 314-332. Disponível em:
http://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Historia_tempopresenteehistoriaoral.pdf

- Ferreira, Silvia; Pires, António e Salvaterra, Fernanda (2004), “Filho do Coração... Adopção e comportamento parental”, In *Análise Psicológica*, 2 (XXII), p. 399-411. Disponível em: <http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/viewFile/200/pdf>

- Ferreira, Virgínio (2000), “Portugal: Mudança social, políticas estatais e mobilização social das mulheres”, In António Costa Pinto (Coord.), *Portugal contemporâneo*, Madrid: Sequitur.

- Forjaz, Cândido Pamplona (1984), *Memórias*, Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da Ilha Terceira.

- Gameiro, José (1990), “Uma nova visão da família e do casamento”, In António Reis (Dir.) *Portugal Contemporâneo*, Vol. V. Lisboa: Publicações Alfa, pp. 357-366.

- Garrido, Álvaro (2014), “População e sociedade”, In António Costa Pinto, (Dir.) *História contemporânea de Portugal – 1808-2010. Olhando para dentro 1930-1960*. Vol. 4, Fundación Mapfre, pp. 145 – 175.

- Gomes, Rui (2014), *Importância geopolítica e geoestratégica da Base das Lajes nas relações transatlânticas Portugal-Estados Unidos da América. Subsídios para a sua compreensão*. Academia Militar: Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada.

- Gómez, Hipólito de La Torre (2010), *O Estado Novo de Salazar*. Alfragide: Leya.

- Grotevant, Harold; Grant-Marsney, Holly; French, Y.; Musante, Danila e Dolan, Jen (2012), “The Dynamic of Poverty and Affluence in Child Adoption”, In *The Oxford Handbook of Poverty and Child Development*, DOI:10.1093/oxfordhb/9780199769100.013.0011. Disponível em: https://www.academia.edu/27417294/The_Dynamic_of_Poverty_and_Affluence_in_Child_Adoption?email_work_card=view-paper.

- Grave, José (2000), *Os Açores na Segunda Guerra Mundial. A visão interna*, Dissertação de mestrado apresentada à Universidade dos Açores.

- Grave, José (2001), “Uma Base Estrangeira nas Lajes. O Alvor”, In *Arquipélago História*, 2ª Série, V, pp. 403-420.

- Herz, Norman (2004), *Operation Alacrity. The Azores and the War in the Atlantic*. Maryland: Naval Institute Press.

- João, Maria Isabel (2005), “Memória e História: os problemas do método”, In Maria Beatriz Rocha Trindade e Maria Christina Siqueira de Souza Campos (org.) *História e Imagens nas imigrações*. Oeiras: Celta Editora. Disponível em

https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/8342/1/MJ%20%20Mem%C3%B3ria%20e%20Hist%C3%B3ria_os%20problemas%20e%20o%20m%C3%A9todo.pdf

- Joutard, Philippe (2007), “Reconciliar história e memória?”, In *Escritos/um*. Revista da Fundação Casa de Rui Barbosa, ano 1, nº 1. Rio de Janeiro pp. 223-235. Disponível em http://escritos.rb.gov.br/numero01/FCRB_Escritos_1_9_Philippe_Joutard.pdf.

- Leiria, Luís (2012), “25 de abril: a guerra para conseguir a paz”, In Raquel Varela, (coord.), *Revolução ou transição? História e memória da Revolução dos Cravos*. Lisboa: Bertrand Editora.

- Le Goff, Jacques, (1990) *História e Memória*, S. Paulo: Edições Unicamp. Disponível em <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Hist%C3%B3ria-e-Mem%C3%B3ria.pdf>

- Lima, João (2018), *De Leiria à Gabela. Memórias de um Soldado da Guerra Colonial (1971-1974)*, Porto: Edições Afrontamento.

- Lopes, Frederico (João Ilhéu) (2003), *Notas Etnográficas*, 2.^a edição, Angra do Heroísmo, IHIT, pp. 305-310.

- Madureira, Arnaldo (2021), *Salazar e a II Guerra Mundial. O difícil equilíbrio do Estado Novo entre os Aliados e os nazis*. Lisboa: Clube do Autor.

- Matos, Júlia Silveira e Senna, Adriana Kivanski (2011), “História oral como fonte: problemas e métodos”, In *Historiæ*, 2 (1). Rio Grande, pp.95-108. Disponível em <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2395/1286>.

- Matos, Maria Izilda Santos de (2013), “Escritos e deslocamentos: cartas correspondências e mensagens trocadas entre portugueses (São Paulo – Portugal, 1890-1950), in José Arruda, Vera Ferlini, Maria Izilda Santos de Matos e Fernando de Sousa (org.), *De colonos a imigrantes. I(E) migração portuguesa para o Brasil*. São Paulo: Alameda, pp. 49-65. Disponível em: <https://www.cepese.pt/portal/pt/publicacoes/obras/de-colonos-a-imigrantes-i-e-migracao-portuguesa-para-o-brasil/escritos-e-deslocamentos-cartas-correspondencias-e-mensagens-trocadas-entre-portugueses-sao-paulo-portugal-1890-1950>.

- Mattoso, José (dir.) (1994), *História de Portugal*. Vol. VI, VII e VIII, Círculo de Leitores.

- Marques, A.H. de Oliveira (1998), *Breve História de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença.

- Martins, Ernesto Candeias (2009), “A política portuguesa de educação e de assistência social no período do Estado Novo (1930-1974)”, In *Série – estudos – periódico do mestrado em educação da UCDB*. Campo Grande, nº 27, jan-jun. pp. 151- 176.

- Martins, Manuel Meneses (2003), *Base Aérea das Lajes (Contributos para a sua História)*. Edição de Autor.

- Meneses, Avelino (2001), *As Lajes da Ilha Terceira – Aspectos da sua História*. Angra do Heroísmo: Blu edições.

- Menezes, Manuel de Sousa (1987), “A defesa dos Açores no período da 2ª Guerra Mundial (1939/45)”, In *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, XLV, Tomo II, pp. 1399-1516.

- Menezes, Manuel Sousa (2007), “As facilidades concedidas nos Açores a ingleses e americanos em 8 de outubro de 1943”, In *Os Açores e a II Guerra Mundial – Actas do colóquio internacional comemorativos dos 60 anos sobre a capitulação alemã*. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, pp. 97-106.

- Mendes, Armando (2018), *Entre o carro de bois e o avião. Uma pequena comunidade no centro de uma rivalidade global*. Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da Ilha Terceira.

- Mendes, Tânia Santos (2018), “Breves memórias de um terceirense descendente de trabalhador da Base”, In *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, Vol. LXXVI, Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da Ilha Terceira, pp. 531-540.

- Mendes, Tânia Santos (2018), *A Infância Abandonada*. Ponta Delgada: Letras Lavadas.

- Mendonça, Luís e Ávila, José (2002) *Emigração açoriana (Séculos XVIII a XX)*. Lisboa: Artes Gráficas

- Merelim, Pedro (1982), *Freguesias da Praia*. 1º Vol. Angra do Heroísmo: Secretaria da Educação e Cultura.

- Miranda, Sacuntala de (1999), *A Emigração Portuguesa e o Atlântico, 1870-1930*, Lisboa, Salamandra.

- Mónica, Maria Filomena (1996), “A evolução dos costumes em Portugal, 1960-1995”, In António Barreto (org.) *A situação social em Portugal, 1960-1995*, vol. I. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, pp 215-230.

- Monjardino, Álvaro (1993), “Açores: 50 anos de presença estrangeira” In *Boletim Histórico da Ilha Terceira*, Vol. LI-LII, pp. 33 – 75.

- Monteiro, Isilda (2011), “A Guerra Colonial (1961-1974) – Memória e História. Um balanço”, In Comunicação apresentada no XXXVIII Congresso Internacional de História Militar, Descolonização. Guerras coloniais e de Independência, do século XVIII até o presente. Rio de Janeiro. Disponível em:
<http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/2295/1/A%20guerra%20colonial.pdf>

- Monteiro, Teresa e Policarpo, Verónica (2011), “Media e entretenimento”, In José Mattoso (dir.) *História da vida privada em Portugal. Os nossos dias*. Temas e Debates. Círculo de Leitores pp. 308-339.

- Moraes, Ana Bela e Duarte, José (2021) “O novo cinema americano”, In Nelson Araújo (coord.) *História do cinema*. Lisboa: Edições 70, pp. 315-331.

- Myers, Elisabeth (2010), “Cleaning up the mess: the economic, environmental, and cultural impact of U.S. military bases closure on surrounding”, In *Military, war and*

peace commons, Richmons journal of global law & business, vol. 10, University of Richmond, pp.135-150. Disponível em: <https://scholarship.richmond.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1055&context=law-student-publications>

- Navarro, Joaquín (Dir.) (s/data), *O mundo da música. Grandes autores e grandes obras*. Barcelona: Oceano.

- Nemésio, Vitorino (2017), *Festa redonda*, Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano da Cultura (edição fac-similada).

-Neto, Joel (2020), *Uma História de Amor*. Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento.

- Nogueira, Franco (2000), *Salazar, As grandes crises (1936-1945)*, 5ª edição, Vol. III, Coimbra: Civilização Editora.

- Nogueira, Franco (2000), *O Estado Novo, 1933-1974*, Porto: Livraria Civilização Editora.

- Nora, Pierre (1993), “Entre memória e história. A problemática dos lugares”, In *História e cultura*, Vol. 10, Jul./Dez., São Paulo. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101/8763>

- Nunes, Edinaldo, Filho (2014), “A base aeronaval norte-americana no Amapá-Brasil pós-Segunda Guerra Mundial”, In *Revista Portuguesa de História*. Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 300-323. Disponível em https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/35377/1/RPH45_artigo15.pdf

DOI:http://dx.doi.org/10.14195/0870-4147_45_13

- Nye, Joseph S. (2004), *Soft Power. The means to success in world politics*. Nova Iorque: PublicAffairs.

- Oliveira, César (1990), “Da ditadura militar à implantação do salazarismo”, In António Reis (Dir.) *Portugal Contemporâneo*, Vol. IV. Lisboa: Publicações Alfa, pp. 13-32.

- Oliveira, Pedro Aires (2002), “Uma mão cheia de nada? A política externa do marcelismo”, In *Penélope*, nº 26, pp. 93-122.

- Oliveira, Pedro Aires (2014), “Portugal no mundo”, In António Costa Pinto, (Dir.) *História contemporânea de Portugal – 1808-2010. Olhando para dentro 1930-1960*. Vol. 4, Fundación Mapfre, pp. 73-107.

- Pahlen, Kurt (1993), *Nova História Universal da Música*, São Paulo: Melhoramentos.

- Pappámikail, Lia (2011), “Juventude: entre a fase da vida e o tempo de viver”, In José Mattoso (dir.) *História da vida privada em Portugal. Os nossos dias*. Temas e Debates. Círculo de Leitores, pp.209-241.

- Paula, Reverso (2013), “Fortaleza em cotidiano: A instalação da Base militar norte-americana e a alteração da rotina em terras alencarinas (1943-1954)”, Natal: XXVII Simpósio Nacional de História. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1364928459_ARQUIVO_artigoanpuh2013.pdf

- Peixoto, João (2000), “A Emigração”, In Francisco Bettencourt e Kirti Chaudhuri (dir.) *História da Expansão Portuguesa*, Vol. 5, Editora: Temas e Debates, p. 152-181.

- Pereira, Maria (2013), “A Escola Portuguesa ao serviço do Estado Novo: as lições de história de Portugal do boletim do ensino primário oficial e o projeto ideológico do salazarismo”, In *Da Investigação à Prática*, 4, pp. 63-85.

- Pimentel, Adelino (2013), *Nos inícios da Guerra do Ultramar, doutrina, informação e propaganda. Ecos na imprensa açoriana (1961-1965)*. Universidade dos Açores: Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais.

- Pimentel, Irene (1999), “A Assistência Social e Familiar do Estado Novo nos anos 30 e 40”, In *Análise Social* Vol. XXXIV (151-152) pp. 477-508.

- Pimentel, Irene (2011), *A cada um o seu lugar. A política feminina do Estado Novo*. Temas e Debates. Círculo de Leitores.

- Pinto, António Costa (2007), “O Estado Novo português e a vaga autoritária dos anos 1930 do século XX”, In Francisco Palomanes Martinho e António Costa Pinto (org.) *O corporativismo em português*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

- Pinto, António Costa (2015), “As chaves do período 1960-2000”, In António Costa Pinto (Dir.) *História contemporânea de Portugal – 1808-2010. A busca da democracia 1960-2000*. Vol. 5, Fundación Mapfre, pp.19 – 23.

- Pinto, Joaquim da Silva (1993), “Algumas considerações e evocações sobre os anos finais do salazarismo e a fase marcelista do regime da Constituição de 33”, In João Medina *História de Portugal*, Vol. XIII – O Estado Novo. Alfragide: Ediclube.

- Proença, Maria Cândida (2021), *Uma História concisa de Portugal*, 5ª Edição. Lisboa: Temas e Debates, Círculo de Leitores.

- Prost, Antoine (1991), “Fronteiras e espaços do privado. O trabalho”, In Phillipe Ariès e Georges Duby (dir.) *História da Vida Privada*, Vol. 5, Porto: Edições Afrontamento, pp. 13-153.

- Quivy, Raymond e Campenhoudt, LucVan (1995), *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva.

- Raimundo, Orlando (2015), *António Ferro: O inventor do salazarismo*. Alfragide: D. Quixote.

- Ramos, Rui (1994), “A Segunda Fundação (1890-1926)”, In José Mattoso (dir.) *História de Portugal*. Vol. VI, Círculo de Leitores.

- Ramos, Rui (coord.) (2015), *História de Portugal* (8ª edição). Lisboa: Esfera dos livros.

- Reis, António (1990), “Os valores salazaristas”, In António Reis (Dir.) *Portugal Contemporâneo*, Vol. IV. Lisboa: Publicações Alfa, pp. 333-338.

- Reis, António (1990), “A abertura falhada de Caetano: o *impasse* e a agonia do regime”, In António Reis (Dir.) *Portugal Contemporâneo*, Vol. V. Lisboa: Publicações Alfa, pp. 45- 60.

- Reis, António (1990), “A televisão: a arma do poder e a janela para o mundo”, In António Reis (Dir.) *Portugal Contemporâneo*, Vol. V. Lisboa: Publicações Alfa, pp. 203 - 206.

- Riley, Carlos Guilherme (2019), “Um século de aviação nos Açores: contributos para o seu estudo”, In Carlos Guilherme Riley (coord.), *100 anos de aviação nos Açores*. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, pp. 13-19.

- Rocha, Gilberta (1991), *Dinâmica populacional dos Açores no século XX. Unidade, permanência, diversidade*. Universidade dos Açores: Tese de Doutoramento.

- Rocha, Gilberta (2008), “O Crescimento da População e os Novos Destinos da Emigração”, In Artur Matos, Avelino Meneses e José Reis Leite (Dir.) *História dos Açores- Do Descobrimento ao Século XX*. Vol. II, Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano da Cultura, pp. 265-305.

- Rocha, Gilberta e Ferreira, Eduardo (2011), “Traços gerais da emigração açoriana da segunda metade do século XX à atualidade”, In Gilberta Rocha, (coord.) *Entre dois mundos. Emigração e regresso aos Açores*. Direção Regional das Comunidades, pp. 49-67.

- Rodrigues, Julieta de Almeida (1983), “Continuidade e mudança nos papéis das mulheres urbanas portuguesas: emergência de novas estruturas familiares”, In *Análise*

Social, vol. XIX, pp. 909-938. Disponível em:
<http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223465507M8cCF5kg8Oz43DK8.pdf>

- Rodrigues, Luís Nuno (2004), “George Kennan e as negociações luso-americanas sobre os Açores”, In *Relações Internacionais*, n.º 4, dezembro, pp. 53- 63. Disponível em: http://www.ipri.pt/images/publicacoes/revista_ri/pdf/r4/RI4_LNR.pdf.

- Rodrigues, Luís Nuno (2012), “Portugal, o Atlântico e o início da Guerra Fria”, In Mário Mesquita e Paula Vicente (Coord.) *Potências Emergentes e relações transatlânticas*. Fundação Luso-Americana, pp. 83-102.

- Romão, Lia (2017), “Regime jurídico-processual da adoção: da eficácia ao recurso à Responsabilidade civil extracontratual do Estado”, Tese de mestrado em Direito pela Universidade Autónoma de Lisboa, Disponível em:
<https://repositorio.ual.pt/bitstream/11144/634/1/Lia%20Rom%20c3%a3o.pdf>

- Rosas, Fernando (Coord.) (1992), “Portugal e o Estado Novo (1930-1960)”, In Joel Serrão e A.H. de Oliveira Marques, (Dir.), *Nova História de Portugal*, Vol. XII. Lisboa: Editorial Presença

- Rosas, Fernando (1994), “O Estado Novo (1926-1974)”, In José Mattoso, (dir.) *História de Portugal*. Vol. VII. Círculo de Leitores.

- Rosas, Fernando (2001), “O salazarismo e o homem novo: ensaio sobre o Estado Novo e a questão do totalitarismo”, In *Análise Social*, Vol. XXXV (157), pp. 1031-1054.

- Sá, Tiago Moreira de (2016), *História das Relações Portugal- EUA (1776 –2015)*. Alfragide: D. Quixote.

- Salvaterra, Fernanda (2007), “Vinculação e adoção”. Tese de Doutoramento em Psicologia Aplicada, apresentada à Universidade Nova de Lisboa. Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

- Saint-Georges, Pierre (1997), “Pesquisa e crítica das fontes de documentação nos domínios económico, social e político”, In Luc Albarello *et al*, *Práticas e métodos de investigação em Ciências Sociais*, Lisboa: Gradiva, pp. 15- 47.

- Sampieri, Roberto; Colado, Carlo e Lucio, Pilar (2014), *Metodologia de la Investigación*. 6ª Edição, México: Mcgraw-Hill Editores.

- Santana, Maria Helena e Lourenço, António Apolinário (2011), “No leito. Comportamentos sexuais e erotismo”, In José Mattoso (dir.) *História da vida privada em Portugal. A época contemporânea*. Temas e Debates. Círculo de Leitores, pp. 254-289.

- Santos, João Moreira e Rubio, António (2008), *Jazz na Terceira. 80 anos de História*, Praia da Vitória: Blu Edições.

- Saraceno, Chiara e Naldini, Manuela (2003), *Sociologia da Família*. Lisboa: Editorial Estampa.

- Seipp, Adam (2008), “Chegar como conquistadores: As bases americanas e o teatro europeu”, In Luís Nuno Rodrigues, (Coord.) *Franklin Roosevelt e os Açores nas Duas Guerras Mundiais*, Fundação Luso-Americana, pp. 107-122.

- Segalen, Martine (1999), *Sociologia da Família*. Lisboa: Terramar.

- Serrão, Joaquim Veríssimo (2000), *História de Portugal. Da 1ª Legislatura à visita presidencial aos Açores (1935-1941)*, vol. XIV, Lisboa: Verbo.

- Silva, Tiago Henrique Magalhães da (2010), *Operação dos Açores, 1941*. Universidade do Porto, Faculdade de Letras: Dissertação de Mestrado em História Contemporânea. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/55797/2/TESEMESTIAGOSILVA000127030.pdf>

- Silva, Andreia (2013), *Propaganda Política do Estado Novo. Análise de conteúdo dos discursos presidenciais da tomada de posse (1926-1974)*. Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa: Dissertação para obtenção de grau de Mestre em Comunicação Social.

- Silva, Rui Ferreira da (1989), “O advento do Estado Novo e o Acto Colonial”, In Albuquerque, Luís (dir.), *Portugal no mundo*, Vol. III. Lisboa: Seleções do Reader’s Digest, p.628-639.

- Silva, Isabel Alarcão (1990), “Modernidade e tradição nos cartazes de propaganda política do Estado Novo”, In António Reis (Dir.) *Portugal Contemporâneo*, Vol. IV. Lisboa: Publicações Alfa, pp. 321-330.

- Silva, Susana Serpa (2002), “Em busca de novos horizontes. Açores, emigração e aculturação nos finais do séc. XIX, inícios do séc. XX”, In *Arquipélago História*, 2ª Série, VI, pp. 347-360.

- Silva, Susana Serpa (2010), *Ponta Delgada. Roteiros Republicanos*. Matosinhos: Quidnovi.

- Silva, Susana Serpa (2011), “Sonhos e ideais de vida. Sonhos privados/sonhos globais”, In José Mattoso (dir.) *História da vida privada em Portugal. A Época Contemporânea*. Temas e Debates. Círculo de Leitores, pp. 382-427.

- Silva, Susana Serpa (2016), “Açorianos na guerra do Ultramar: memórias no feminino”, In Manuel Conde e Susana Serpa Silva (Coord.), *História, Pensamento e Cultura. Estudos em homenagem a Carlos Cordeiro*. Ponta Delgada: Nova Gráfica, pp. 457-496.

- Silva, Susana Serpa (2019), “Emigração Açoriana. Entre a História e a Memória”, In Chaves, Duarte Nuno (Coord.) *Memória e Identidade Insular. Religiosidade, Festividade e Turismo nos Arquipélagos da madeira e Açores*. Edição CHAM - Centro de Humanidades, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de

Lisboa e Universidade dos Açores e Santa Casa da Misericórdia das Velas, S. Jorge, pp. 89-116.

- Soares, Manuela Goucha (2009), *Marcello Caetano. O homem que perdeu a fé*. Lisboa: Esfera dos Livros.

- Sirko, Stanislaw, Kozuba, Jaroslaw e Trybull, Marzena (2019), “The military’s links with local communities in the contexto of sustainable development”, In *Sustainability*, 11. Disponível em:
https://www.researchgate.net/publication/335236321_The_Military's_Links_with_Local_Communities_in_the_Context_of_Sustainable_Development ,
DOI: [10.3390/su11164427](https://doi.org/10.3390/su11164427) .

- Teixeira, Nuno Severiano (2000), “Entre a África e a Europa: a política externa portuguesa 1890-1986”, In António Costa Pinto (Coord.), *Portugal contemporâneo*, Madrid: Sequitur, pp. 61-90.

- Telo, António José (1993), *Os Açores e o Controlo do Atlântico: 1898 – 1948*. Porto: Edições Asa.

- Telo, António José (2005), “Os Açores e o Atlântico”, In Luís Rodrigues; Iva Delgado; David Castaño, (coord.) *Portugal e o Atlântico. 60 anos de Acordos dos Açores*. Lisboa: Centro de Estudos de História Contemporânea Portuguesa, pp. 189 – 210.

- Telo, António José (2007), “Os Açores e a neutralidade portuguesa na 2ª Guerra Mundial – a disfunção em ação”, In *Os Açores e a II Guerra Mundial - Actas do colóquio internacional comemorativo dos 60 anos sobre a capitulação alemã*. Angra do Heroísmo: Instituto Açoriano de Cultura, pp. 15-44.

- Tomé, Maria Rosa (2012), “Justiça e cidadania infantil em Portugal (1820-1978)”. Tese de doutoramento em História contemporânea pela faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

- Torgal, Luís Reis (2009), *Estados Novos, Estado Novo. Ensaio de história política e cultural*. Vol. I, Universidade de Coimbra.

- Torres, Anália (2001), *Sociologia do casamento. A família e a questão feminina*. Oeiras: Celta Editora.

- Torres, Anália (2002), “Casamento: conversa a duas vozes e três andamentos”, In *Análise Social*, Vol. XXXVII (163), pp. 559-602.

- Torres, Anália (2002), *Casamento em Portugal. Uma análise sociológica*. Oeiras: Celta Editora.

- Veríssimo, Manuela e Salvaterra, Fernanda (2008), “A adoção: O direito e os afetos. Caracterização das famílias adotivas do distrito de Lisboa”, In *Análise Psicológica*, 3, (XXVI), pp. 501-517.

- Vieira, Alberto (coord.) (2015), *Cartas no Intervalo de Guerra*. Funchal: Edição Centro de Estudos de História do Atlântico.

- Vieira, Alberto; Faria, Cláudia e Alves, Graça (2018), *Eu tenho uma carta escrita*. Centro de Estudos de História do Atlântico, Ponta Delgada: Letras Lavadas.

- Vincent, Gérard (1991), “Uma história do segredo. Segredos de família”, In Philippe Ariès e Georges Duby (dir.) *História da Vida Privada*, Vol. 5, Porto: Edições Afrontamento, pp. 155-390.

- Vintras, R.E. (1974), *História secreta da base dos Açores*, Lisboa: Ulisseia.

- Vinuto, Juliana (2014), “A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto”, In *Revista Temáticas*, n.º 44, agosto-setembro. Campinas, pp. 201-220. Disponível em <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/10977>

- Wall, Karin (2011), “A Intervenção do Estado: políticas públicas de família” In José Mattoso (dir.) *História da vida privada em Portugal. Os nossos dias*. Temas e Debates. Círculo de Leitores, pp.340 – 374.
- Warner, Guy (2017), *Under The Goshawk's Wings. A History of Aviation in the Azores*. Ponta Delgada: Letras Lavadas (edição bilingue).
- Yalom, Marilyn (2004), *História das mulheres casadas*. Lisboa: Editorial Teorema.
- 65th Air Base Wing (s/data), *A short history of Lajes Field*, History Office. Disponível em:
<https://static1.squarespace.com/static/5e25b3811195f14156e54b35/t/5f0b74220f4f095f7e6ec608/1594586150735/Lajes+Field.pdf>

Anexos

Índice de Anexos

Anexo I – Fontes Documentais	352
Anexo II – Folhetos Informativos – Adoção e Casamento	364
Anexo III – Termos de Consentimento – Adoção e Casamento	366
Anexo IV – Guiões de Entrevista – Adoção	375
Anexo V – Guião de Entrevista – Casamento	394
Anexo VI – Entrevistas Transcritas – Pais Adotivos	398
Anexo VII - Entrevistas Transcritas – Adotados	418
Anexo VIII - Entrevistas Transcritas – Famílias Biológicas	499
Anexo IX - Entrevistas Transcritas – Testemunhas Privilegiadas	640
Anexo X - Entrevistas Transcritas – Casamentos: Testemunhas Privilegiadas	829
Anexo XI – Testemunhos	980

Anexo I

Fontes Documentais

Doc. 1 - Breve memorando sobre a situação dos terrenos arrendados à Base das Lajes na Ilha Terceira – Açores em 24 de fevereiro de 1992 pelo engenheiro Marcelo Bettencourt, Associação dos Proprietários da Ilha Terceira.

24/2/92

Breve memória descritiva da autoria do Sr. Eng. Marcelo Bettencourt.

BREVE MEMORANDO SOBRE A SITUAÇÃO DOS TERRENOS ARRENDADOS
A BASE DAS LAJES NA ILHA TERCEIRA - AÇORES.

1- A Base das Lajes está instalada na zona Nordeste da Ilha Terceira, no Concelho da Praia da Vitória, ocupa uma área de terrenos da ordem dos 650 hectares, sendo talvez, cerca de metade ainda propriedade privada, cujos terrenos se encontram arrendados pela Força Aérea Portuguesa, há cerca de 50 anos.

A zona onde se encontra a Base era constituída na maior parte, por terrenos ricos e planos, com boa aptidão agrícola para as culturas de trigo e milho, por isso designada " celeiro da ilha", no entanto actualmente, além das pistas de aviação, que foram lá construídas, dispõe de arruamentos com redes de águas, esgotos, energia eléctrica, diversos equipamentos, tais como, habitações, edifícios para alojamento de pessoal e instalação de serviços, quarteis, " hangares", escolas, igrejas, hospital, cantinas, cinemas, clubes, campo de jogos, etc, etc, constituindo portanto um perfeito núcleo urbano.

a)- Além destes terrenos a Força Aérea também tem, fora da Base outros terrenos ocupados, nomeadamente, nos Cinco Picos, no Cabrito, Vila Nova e Agualva, com instalações de tele-comunicações.

2- Nas conversações tendentes à resolução do problema dos terrenos arrendados, com vista a encontrar-se uma solução viável e consensuada, deverá ter-se em atenção os seguintes pontos:

a)- Na determinação do valor da indemnização a atribuir aos proprietários, dever-se-á fixar o mesmo valor por m² para todos os terrenos situados dentro da Base e os que tiverem características semelhantes, para facilidade de avaliação e acordo de todos os proprietários, considerando ainda que actualmente se destinam ao mesmo fim.

b)- Admitindo que os terrenos não vão ser adquiridos todos na mesma altura, deverá ser acordada uma indemnização mensal ou anual, a atribuir aos proprietários dos terrenos que continuarem ocupados, até à celebração das respectivas escrituras, em princípio correspondente ao rendimento do valor do terreno, que vier a ser acordado.

c)- As aquisições deverão ser feitas pela seguinte ordem:

1º- Os terrenos que se encontrem devidamente inscritos em nome dos seus proprietários.

2º- Os terrenos pertencentes às pessoas ou famílias mais carenciadas economicamente.

3º- Aos proprietários que possuam terrenos com menor área (inferior a um hectare).

4º- Aos restantes proprietários, de forma equitativa, conforme as disponibilidades financeiras de cada ano

5º- As transacções dos terrenos, cujas aquisições, ou direitos de transmissão, tenham sido efectuados depois da entrada em vigor do Decreto - Lei nº 46.373 de 9 de Junho de 1965, não ficarão sujeitos a pagamento de mais - valias.

6º- Considerando que muitos dos terrenos se encontram em comum e não foram feitas as respectivas transmissões e inscrições na Conservatória do Registo Predial na altura própria, deverão ser dadas facilidades burocráticas, à semelhança do que foi feito, quando da reconstrução do sismo de 1980. (G.A.R.)

acordo de todos os proprietários, considerando ainda que actualmente se destinam ao mesmo fim.

7º- O montante das indemnizações a atribuir aos proprietários dos terrenos será calculado por uma Comissão Arbitral, constituída por um representante do Ministério da Defesa Nacional, um da Associação dos Proprietários da Ilha Terceira e outro da Direcção de Finanças de Angra do Heroísmo.

Todas as negociações terão lugar na Ilha Terceira.

Angra do Heroísmo, 24 de Fevereiro de 1992

Doc. 2 - Contrato de Arrendamento n.º 4728

Comando Militar da Terceira 4728
CONSELHO ADMINISTRATIVO
AUTORIZADO

543

*Francisco Pires
Americano*

Em 19/11/1945

Em 28/11/1945
C.M.T.
Visão
M.º Comandante

Contrato de arrendamento

O abaixo assinado Sr. Francisco Cardoso Pires Mendonça de 48 anos de idade, casado, proprietário natural da freguesia de Vila Nova e residente Vila Nova

e o Conselho Administrativo do Comando Militar da Terceira, como representante do Ministério da Guerra, composto pelos Senhores Capitão João Baptista de Lima como Presidente, Tenente do S.A.M. Manuel Silva Marques de Sá como chefe contabilidade e Alferes do Q.S.A.M. Manuel Canha Fernandes, como Tesoureiro

nos termos da autorização verbal de S. Ex.º Brigadeiro Comandante Militar dos Açores, ajustem entre si o arrendamento de um prédio rústico composto de 2 cerrados com as n.ºs. 1.069 e 1.070 com 9.515 metros quadrados (9,82 alqueires de terra)

de que o primeiro outorgante na qualidade de proprietário é administrador e nas condições seguintes:

PRIMEIRA

1945 Este arrendamento é pelo prazo de um mês com princípio em 1 de Abril de de harmonia com o Telegrama n.º 63 de S. Ex.º o Ministro da Guerra, de 21 de Março de 1941, supondo-se sucessivamente prorrogado, findo aquele prazo, por períodos mensais.

SEGUNDA 153.90

A renda é da quantia de (144,00) cent. e quarenta e quatro es-
cudos....., devendo ser paga no primeiro dia útil do mês a que a mesma disser respeito, no Conselho Administrativo do Comando Militar da Terceira mediante recibo legal.

TERCEIRA

O arrendatário obriga-se, quando quiser fazer cessar o arrendamento, a pôr escritos nos termos do decreto n.º 5411 de 17 de Abril de 1919 ou das demais leis em vigor nesta data.

QUARTA

O senhorio sujeita-se a todas as condições estabelecidas no Decreto com força de lei n.º 5411 supracitado e demais leis em vigor sobre o inquilinato.

QUINTA

O Prédio Rustico sito no Paúl, freguesia de S. Sebastião composto de 2 c com os números 1.069 e 1.070 com 9.515 metros quadrados, (9,82 alqueila terra)

destina-se a servir de Aerodromo de esta Ilha

SEXTA

A renda será paga pela verba consignada no Capitulo , Artigo do Orçamento do Ministério da Guerra despesa excepcional derivada da guerra, nos termos do telegrama n.º 63 de Sua Excelência o Ministro da Guerra, já citado.

SÉTIMA

Ficam a cargo do senhorio todas as obras de conservação de que o prédio necessite durante o arrendamento.

OITAVA

Este contrato vai ser assinado pelo senhorio, membros do Conselho Administrativo, e pelas testemunhas. Manuel Pereira das Neves Jr. e Furriel Miliciano, Emanuel Enes Raposo. Quartel em Angra-do-Heroismo, 31 de Agosto de 1945.

Francisco Cardoso Pires Mendonça
Francisco Cardoso Pires Mendonça

O Conselho Administrativo.

João Baptista de Lima
João Baptista de Lima
Capitão

Manuel Silva Marques de Sá
Manuel Silva Marques de Sá
Tenente

Manuel Canhaes Fernandes
Manuel Canhaes Fernandes
Alfere

As testemunhas

Manuel Pereira das Neves Jr.
Manuel Pereira das Neves Jr.
Furriel

Emanuel Enes Raposo
Emanuel Enes Raposo
Furriel Miliciano

Doc. 3 - Ofício da APIT à Direção – Geral das Infraestruturas do Ministério da Defesa Nacional, 5 de junho de 1997.

RUA DR.SOUSA MENESES, Nº 6-1º
TELEFONES: 23898/27461
FAX: 628693
9700 ANGRA DO HEROÍSMO

DIRECÇÃO-GERAL DE INFRA ESTRUTURAS
MINISTÉRIO DA DEFESA NACIONAL
AV. ILHA DA MADEIRA, Nº 14
1400 LISBOA

ASSUNTO: Terrenos da Base das Lajes

Conforme ficou assentado na reunião de trabalho de 2/6, em Angra do Heroísmo, junto fotocópias da 1ª lista que nos foi cedida, e que contém referência aos palheiros que existiam nos terrenos situados na área do perímetro da Base das Lajes.

Como é sabido, esses palheiros foram destruídos, não se sabendo a área de cada um.

Não é altura de nos fixarmos nas diferenças de área ou de construção, mas, antes, acordarmos numa solução uniforme.

Nesse sentido, vimos, desde há anos, propondo o preço de 300.000\$00, por cada unidade, por julgarmos ser um preço justo, que inclui a superfície e a construção, daí que consideremos os 300.000\$00 um preço simbólico.

Em regra, os palheiros, porque foram destruídos, estão assinalados na lista que nos foi cedida pelo Ministério da Defesa, e de que junto fotocópias. Julgo que sempre houve a preocupação de o Estado vir a indemnizar os donos dos palheiros.

No meu caso, talvez porque o contrato é relativamente recente (1959), e porque não houve necessidade de destruir o palheiro existente no meu terreno, e a prova da sua existência poder ser facilmente comprovada, não vem assinalado na lista.

Aliás, enviei fotografias, tiradas recentemente, que sei terem sido anexadas ao meu processo.

Em separado, exponho o único caso que conheço, em que um proprietário, dono de 7 alqueires de terra, mas que o Estado utilizou apenas 6, pretende que lhe seja comprado, todo o terreno.

Entendo que lhe assiste razão, por ter perdido as vantagens económicas asseguradas pelos 7 alqueires de terra, e ter ficado privado do acesso que dantes tinha.

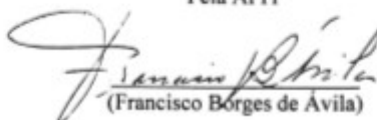
Em relação a alguns casos, em número insignificante, um relacionado com um poço de água, e outros com prédios, em parte rústicos e em parte urbanos, junto as folhas da lista a eles referentes.

Sobre eles vou tentar obter alguns elementos.

Com os melhores cumprimentos,

Angra do Heroísmo, 5 de Junho de 1997.

Pela APIT


(Francisco Borges de Ávila)

Doc. 4 – Constituição da Associação dos Proprietários da Ilha Terceira (APIT).

Associação
fundada em 28/3/70

-----"CONSTITUIÇÃO DE ASSOCIAÇÃO"-----

----- No dia vinte e oito do mês de Março de mil novecentos e noventa
no Cartório Notarial de Angra do Heroísmo, perante mim Licenciada ANA
BELA DA COSTA GIL DE MORAIS SARMENTO, Notária Interina deste mesmo
Cartório, compareceram como outorgantes: -----

----- PRIMEIRO: - JOSE MARTINS BERTÃO, viúvo, natural da freguesia do
Raminho, habitualmente residente na freguesia de São Pedro, ambas des
concelho; -----

----- SEGUNDO: - JOSE PINTO LEITE, casado, natural da freguesia de Vi
la Boa do Bispo, do concelho de Marco de Canaveses, habitualmente re
sidente na freguesia da Conceição, deste concelho de Angra do Heroís
mo; -----

----- TERCEIRO: - ANTONIO PEDRO MENESES SIMÕES, casado, natural da
freguesia da Sé, deste concelho, residente na freguesia de São Bento,
deste concelho. -----

----- Verifiquei a identidade dos outorgantes por serem do meu conhe
cimento pessoal. -----

----- E POR ELES FOI DITO: - Que constituem uma Associação sem fins
lucrativos, com a denominação de "ASSOCIAÇÃO DE PROPRIETARIOS DA ILHA
TERCEIRA", que tem a sua sede na Rua Direita, desta cidade e concelho
de Angra do Heroísmo, e que tem por objecto a defesa da propriedade



15-8
LIVRO

EL

e intervenção como parceiro social nas questões que a envolvam, que se regerá pelos Estatutos constantes do Documento Complementar, elaborado nos termos do número dois do Artigo setenta e oito do Código do Notariado - parte integrante desta escritura - documento este de cujo conteúdo têm perfeito conhecimento, pelo que dispensam a sua leitura.

----- Assim o disseram e outorgaram.

----- Foi-me exibido o Certificado de Admissibilidade de firma ou denominação, emitido pelo Registo Nacional de Pessoas Colectivas, em 25 de Janeiro último.

----- Arquivo o mencionado Documento Complementar.

----- Esta escritura foi lida e explicado o seu conteúdo, tudo em voz alta aos outorgantes e na sua presença simultânea.

Reuni: ento.

João António Cortes
João Vítor Leit
António Luís Carmo e Almeida

A Notário,

Anabela da Costa Af de Moraes Almeida

CONTA REGISTADA 538 O NÚMERO: - 110. EL

Doc. 5 – Donativo ao Lar Santa Maria Goreti

DEPARTMENT OF DEFENSE
United States Forces Azores
Headquarters of the Commander
APO New York 09406

SER: P 1 4
6 JAN 1967

J30

CT: People to People Program.

TO: His Excellency
Dr. Teotônio Machado Pires
Civil Governor of the Autonomous
District of Angra do Heroísmo
Terceira, Azores

1. Reference is made to Commander Azores Air Zone letter No. 97 Po. 201 of 7 September 1964.
2. This command proposes to donate thirty beds, two couches, forty serving trays and one 13 cu foot General Electric refrigerator to the Maria Garretti Home for Wayward Girls of Angra through the People to People Program. Total value of these items is \$227.75.
3. In accordance with the above reference, the Commander Azores Air Zone has been informed of this proposal.
4. Request your concurrence.

J.E. Woolam
J.E. WOOLAM
LCDR, USN
People to People Project Officer

Governo Civil do Distrito Autónomo
de Angra do Heroísmo
ENTRADA
Em ____ de 11. JAN. 1967 de 19 ____
REGISTADO
N.º 101 Proc.º M - 43/3

Doc. 6 – Mapa do movimento de pessoal civil ao serviço da Força Aérea Portuguesa e das Forças dos Estados Unidos nos Açores, dezembro de 1967

MOVIMENTO DE PESSOAL CIVIL AO SERVIÇO DA FORÇA AÉREA PORTUGUESA E DAS FORÇAS DOS ESTADOS UNIDOS NOS AÇORES, REFERENTE AO MES DE DEZEMBRO DE 1966:

ENTIDADES PATRONAIS	ANTECEDENTE	AUMENTADOS	ABATIDOS	EXISTENTES
Comando da Z. Aérea dos Açores	59	-	1	58
Base Aérea Nº. 4	158	1	2	157
DDSI nos Açores	75	8	-	83
Criadas da Força A. Portuguesa	150	8	2	156
C/Própria do Comando da ZAA	104	2	2	104
Mobil Oil. Portuguesa	214	2	-	216
USFORAZ	2.050	7	18	2.039
S/Particulares do USFORAZ	98	8	12	94
Criadas do USFORAZ	588	18	21	585
Cª. Segu. A. Mundial	2	1	-	3
Eduardo Rosa Jr.	7	-	-	7
Cª. A. W. Cross Inc.	75	-	11	64
Empª. Bento S. Vaz	59	-	-	68
" Francisco C. Ferreira	3	-	-	3
" Francisco A. dos Santos	1	-	-	1
" Pedro da Câmara	-	9	-	9
" Manuel M. Toste	6	3	-	9
" Pedro C. Coelho	33	-	-	33
" José C. Martins	4	-	-	4
" Manuel D. Valadão	6	-	-	6
Vampac - Oceânica	10	-	-	10
Empª. F. C. Leandro	4	-	-	4
S O M A	3.706	78	69	3.713

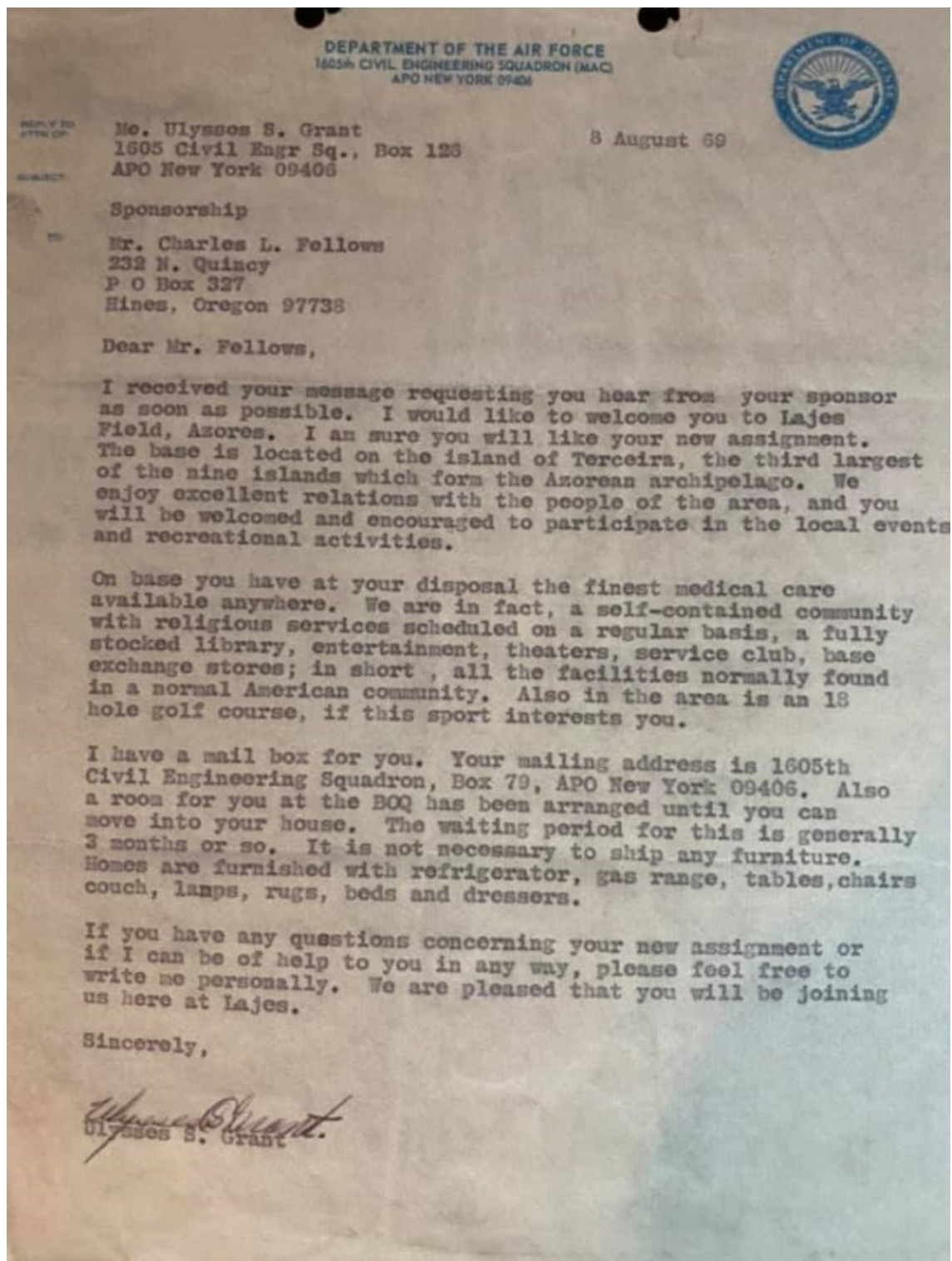
Lajes, 31 de Dezembro de 1966

Pa' O CHEFE DA SECÇÃO

José Humberto de Sousa
Capitão

Manuel D. Valadão

Doc. 7 - Carta de Boas Vindas à Base das Lajes



Anexo II

Folhetos informativos - Adoção e Casamento

Folheto Informativo - Adoção

Informação para os participantes no estudo

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores, durante o período do Estado Novo (1933-1974)

Em que consiste este estudo?

Esta investigação, de natureza científica, está enquadrada no nosso projeto de tese de Doutoramento em História Insular e Atlântica (Séculos XV-XX), oferecido pela Universidade dos Açores, e vem na sequência do nosso anterior trabalho — dissertação de Mestrado em Ciências Sociais —, que completamos na mesma Universidade. O estudo em causa tem como objetivo compreender de que forma a presença norte-americana, na ilha Terceira e no período entre 1933-1974, terá influenciado e marcado a sociedade local, a vários níveis: nos empregos, na qualidade de vida, nas estratégias de negócio, nas formas de convívio, nos comportamentos e mentalidades, na linguagem, bem como nos relacionamentos humanos e sociais e no espírito de interajuda entre as duas comunidades... Além disso, ao estudarmos esta presença e influência, deparamo-nos com um fenómeno social marcante: a entrega de filhos de famílias terceirenses carenciadas a famílias norte-americanas. Sobre esta realidade, tem-se mantido um véu de silêncio, que é preciso levantar, para compreendermos melhor o que se passou e deixar um alerta para memória futura.

Ora, para analisarmos melhor este fenómeno social, pretendemos realizar várias entrevistas, a diferentes intervenientes, como sejam adultos que em criança foram adotados, famílias biológicas e famílias adotivas.

E de referir que não contribuímos, participamos ou temos qualquer relação com a atividade desenvolvida pelo Sr. Paulo ~~Ormonde~~ no tocante aos reencontros. Não forneceremos qualquer informação que possa facilitar essa ação. O nosso intuito é somente documentar o fenómeno da adoção, por casais norte americanos, de crianças terceirenses ocorrido no período

de 1946 a 1974, de constatar factos, sem fazer quaisquer julgamentos ou juízos de valor.

Porque é que a sua participação é importante?

A sua participação é muito importante porque contribuirá para que haja uma maior compreensão do fenómeno das adoções de crianças por casais norte-americanos, sediados na Base das Lajes, bem como, da forma como se alteraram percursos de vida, em consequência da presença norte-americana na ilha Terceira. Com o seu testemunho pretendemos resgatar as memórias passadas, para que estas não caiam no esquecimento, e assim, possamos preservar a nossa história local e contribuir para que fenómenos desta natureza não se repitam.

Em que consiste a sua participação?

A sua participação traduz-se em dar uma entrevista que terá a duração aproximada de uma hora, embora este tempo possa ser ultrapassado ou ter menor duração. A entrevista deverá ser gravada em suporte áudio e posteriormente transcrita, garantindo-se a fidedignidade do seu discurso. Posteriormente, a gravação áudio será destruída.

Consentimento informado e a garantia de confidencialidade

A sua participação é voluntária, consentida e com base nas informações que constam do documento que descreve os moldes da sua participação e os seus direitos enquanto participante (Termo de Consentimento). Após a assinatura do Termo e todos os esclarecimentos necessários, passaremos à recolha da informação que será estritamente utilizada apenas para fins científicos.

E garantido que o seu nome, ou qualquer dado identificativo, serão sempre confidenciais em qualquer produto que surja desta investigação.

Quem somos?

Chamo-me Tânia Mendes, sou natural da ilha Terceira (Açores), aluna do Doutoramento em História Insular e Atlântica (séculos XV a XX), pela Universidade dos Açores, e estou a desenvolver a minha tese, tendo por orientadores a Professora Doutora Susana Serpa Silva e o Professor Doutor Fernando Diogo.

Para mais informações contacte p.f.:

Telemóvel – 965734980

Correio eletrónico – tgmendes@gmail.com

Folheto Informativo - Casamentos

Informação para os participantes no estudo

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores, durante o período do Estado Novo (1933-1974)

Em que consiste este estudo?

Esta investigação, de natureza científica, está enquadrada no nosso projeto de tese de Doutoramento em História Insular e Atlântica (Séculos XV-XX), oferecido pela Universidade dos Açores, e vem na sequência do nosso anterior trabalho — dissertação de Mestrado em Ciências Sociais —, que completamos na mesma Universidade. O estudo em causa tem como objetivo compreender de que forma a presença norte-americana, na ilha Terceira e no período entre 1933-1974, terá influenciado e marcado a sociedade local, a vários níveis: nos empregos, na qualidade de vida, nas estratégias de negócio, nas formas de convívio, nos comportamentos e mentalidades, na linguagem, bem como nos relacionamentos humanos e sociais e no espírito de interajuda entre as duas comunidades... Além disso, ao estudarmos esta presença e influência, percebemos ter existido vários casamentos entre jovens terceirenses com militares norte-americanos.

Ora, para analisarmos melhor este fenómeno social, pretendemos realizar várias entrevistas, a pessoas que têm conhecimento do fenómeno e a familiares diretos dos jovens terceirenses que casaram com militares norte americanos no período de 1946 a 1974.

Porque é que a sua participação é importante?

A sua participação é muito importante porque contribuirá para que haja uma maior compreensão do fenómeno do casamento entre jovens

terceirenses e militares norte-americanos, sediados na Base das Lajes, bem como, da forma como se alteraram percursos de vida, em consequência da presença norte-americana na ilha Terceira. Com o seu testemunho pretendemos resgatar as memórias passadas, para que estas não caiam no esquecimento, e assim, possamos preservar a nossa história local e contribuir para que fenómenos desta natureza não se repitam.

Em que consiste a sua participação?

A sua participação traduz-se em dar uma entrevista que terá a duração aproximada de uma hora, embora este tempo possa ser ultrapassado ou ter menor duração. A entrevista deverá ser gravada em suporte áudio e posteriormente transcrita, garantindo-se a fidedignidade do seu discurso. Posteriormente, a gravação áudio será destruída.

Consentimento informado e a garantia de confidencialidade

A sua participação é voluntária, consentida e com base nas informações que constam do documento que descreve os moldes da sua participação e os seus direitos enquanto participante (Termo de Consentimento). Após a assinatura do Termo e todos os esclarecimentos necessários, passaremos à recolha da informação que será estritamente utilizada apenas para fins científicos.

E garantido que o seu nome, ou qualquer dado identificativo, serão sempre confidenciais em qualquer produto que surja desta investigação.

Quem somos?

Chamo-me Tânia Mendes, sou natural da ilha Terceira (Açores), aluna do Doutoramento em História Insular e Atlântica (séculos XV a XX), pela Universidade dos Açores, e estou a desenvolver a minha tese, tendo por orientadores a Professora Doutora Susana Serpa Silva e o Professor Doutor Fernando Diogo.

Para mais informações contacte p. f.:

Telemóvel – 965734980

Correio eletrónico – tgmendes@gmail.com

Anexo III

Termos de Consentimento - Adoção e Casamento

Form of agreement due to a participation on one investigation project

Adoption

This interview pretends to better understand the social impact from the North American presence in Terceira Island community, specially, about the adoption of Island children by North American couples, in Lajes Air Force Base, between years 1946 and 1974.

We would like to thank you in advance for your participation answering to our questions during the interview, we also want to inform you that all the answers will be used only as a scientific purpose. Regarding data processing, it is guaranteed that your name will always be omitted, as well as any other data susceptible to disclosure of identification, in any information that emerges from the present investigation.

We would like to hear your statement about different subjects related with the North American presence in Terceira Island, to better understand the way this presence made changes to the live of local society, between 1946 and 1974.

There are no right or wrong answers to the questions we are going to ask you. Your participation is very important and essential for us to develop our research work.

Thank You!

I agree to participate in this project and I understand that:

My participation is voluntary;

My participation means answering to an interview;

The final purpose of this interview is for an investigation and will take about an hour, although it can last more or less depending on my answers;

This interview will be recorded in audio, and later transcribed by the researcher who guarantees the reliability of my speech and the destruction of the recording after the transcription;

I can end the interview at any time, if I want to, it will always be guaranteed the confidentiality of my name and any other way that can identify me, the record will be immediately destroyed;

The information will be used for the investigation, but might also be used in congresses, publications and scientific articles...

My name, or any data that can identify me, will always be confidential in any final result (publications or scientific articles) that arises from the investigation;

I can stop my participation in the project at any time. If I want to withdraw my interview or in case of any doubt that I need some clarification, I should call to the cell phone 965 734 980, or preferably send an e-mail to: tggsmendes@gmail.com

This document will be signed in duplicate, with a copy for the participant and another for the researcher.

I have read and accept to participate

_____ (local), aos _____, _____, de 20 _____

(participant signature)

(investigator signature)

Termo de consentimento de participação em projeto de investigação

Adoção

A presente entrevista visa contribuir para uma maior compreensão sobre o impacto social da presença norte-americana sobre a sociedade da ilha Terceira, em especial, no tocante às adoções de crianças terceirenses por casais norte-americanos, sediados na Base das Lajes, nos anos de 1946 a 1974. Agradecemos a sua participação e as suas respostas à nossa entrevista, tendo esta objetivos de natureza estritamente científica. Em relação ao tratamento de dados é garantido que o seu nome será sempre omissivo, bem como qualquer outro dado suscetível de identificação, em qualquer produto que surja da presente investigação.

Gostaríamos de ouvir o seu testemunho sobre diversos assuntos relacionados com a presença norte-americana na ilha Terceira, de modo que possamos compreender melhor a forma como esta presença provocou alterações na vida da sociedade local, no período entre 1946 e 1974.

Não existem respostas certas ou erradas às questões que iremos colocar. A sua participação é muito importante e fundamental para que possamos desenvolver o nosso trabalho de investigação.

Obrigada!

Aceito participar neste projeto e compreendo que:

A minha participação é voluntária;

A minha participação traduz-se em responder a uma entrevista;

A entrevista serve para efeitos de investigação e tem uma duração aproximada de uma hora, embora possa, em função das minhas respostas, ter duração maior ou menor;

A entrevista será registada em gravação áudio, e posteriormente transcrita pela investigadora que garante a fidedignidade do meu discurso e destruição da gravação após a sua transcrição;

Posso terminar a entrevista a qualquer momento, se assim o entender, sendo sempre garantida a confidencialidade do meu nome e dos dados suscetíveis da minha identidade, sendo imediatamente destruída a gravação da entrevista;

A informação recolhida será utilizada apenas para investigação, e poderá ser utilizada para efeitos de congressos, publicação de artigos científicos, etc...

O meu nome, ou qualquer dado que me possa identificar, será sempre confidencial em qualquer produto que surja da investigação;

Posso deixar de participar no projeto a qualquer momento. Se quiser retirar a minha entrevista ou caso tenha qualquer dúvida que necessite de esclarecimento, devo ligar para o telemóvel 965834980 ou, preferencialmente, mandar um e-mail para tggsmendes@gmail.com

O presente documento será assinado em duplicado, ficando uma cópia para o(a) participante e outra para a investigadora.

Li e aceito participar

_____ (local), aos _____, de 20 _____

(assinatura do participante)

(assinatura da investigadora)

Termo de consentimento de participação em projeto de investigação

Casamentos

A presente entrevista visa contribuir para uma maior compreensão sobre o impacto social da presença norte-americana sobre a sociedade da ilha Terceira, em especial, no tocante aos casamentos entre jovens terceirenses e norte-americanos, sediados na Base das Lajes, no período temporal de 1946 e 1974. Agradecemos a sua participação e as suas respostas à nossa entrevista, tendo esta objetivos de natureza estritamente científica. Em relação ao tratamento de dados é garantido que o seu nome será sempre omissos, bem como qualquer outro dado suscetível de identificação, em qualquer produto que surja da presente investigação.

Gostaríamos de ouvir o seu testemunho sobre diversos assuntos relacionados com a presença norte-americana na ilha Terceira, de modo que possamos compreender melhor a forma como esta presença provocou alterações na vida da sociedade local, no período entre 1946 e 1974.

Não existem respostas certas ou erradas às questões que iremos colocar. A sua participação é muito importante e fundamental para que possamos desenvolver o nosso trabalho de investigação.

Obrigada!

Aceito participar neste projeto e compreendo que:

A minha participação é voluntária;

A minha participação traduz-se em responder a uma entrevista;

A entrevista serve para efeitos de investigação e tem uma duração aproximada de uma hora, embora possa, em função das minhas respostas, ter duração maior ou menor;

A entrevista será registada em gravação áudio, e posteriormente transcrita pela investigadora que garante a fidedignidade do meu discurso e destruição da gravação após a sua transcrição;

Posso terminar a entrevista a qualquer momento, se assim o entender, sendo sempre garantida a confidencialidade do meu nome e dos dados suscetíveis da minha identidade, sendo imediatamente destruída a gravação da entrevista;

A informação recolhida será utilizada apenas para investigação, e poderá ser utilizada para efeitos de congressos, publicação de artigos científicos, etc...

O meu nome, ou qualquer dado que me possa identificar, será sempre confidencial em qualquer produto que surja da investigação;

Posso deixar de participar no projeto a qualquer momento. Se quiser retirar a minha entrevista ou caso tenha qualquer dúvida que necessite de esclarecimento, devo ligar para o telemóvel 965834980 ou, preferencialmente, mandar um e-mail para tggsmendes@gmail.com

O presente documento será assinado em duplicado, ficando uma cópia para o(a) participante e outra para a investigadora.

Li e aceito participar

_____ (local), aos _____, de 20 _____

(assinatura do participante)

(assinatura da investigadora)

Termo de consentimento de participação em projeto de investigação

Memória oral

A presente entrevista visa contribuir para uma maior compreensão sobre o impacto social da presença norte-americana sobre a sociedade da ilha Terceira, no período temporal de 1946 e 1974.

Agradecemos a sua participação e partilha de memórias, tendo esta objetivos de natureza estritamente científica. Em relação ao tratamento de dados é garantido que o seu nome será sempre omissivo, bem como qualquer outro dado suscetível de identificação, em qualquer produto que surja da presente investigação.

Gostaríamos de ouvir o seu testemunho sobre diversos assuntos relacionados com a presença norte-americana na ilha Terceira, de modo que possamos compreender melhor a forma como esta presença provocou alterações na vida da sociedade local, no período entre 1946 e 1974.

Não existem respostas certas ou erradas às questões que iremos colocar. A sua participação é muito importante e fundamental para que possamos desenvolver o nosso trabalho de investigação.

Obrigada!

Aceito participar neste projeto e compreendo que:

A minha participação é voluntária;

A minha participação traduz-se em partilhar as minhas memórias;

A minha participação serve para efeitos de investigação e tem uma duração aproximada de trinta minutos, embora possa ter duração maior ou menor;

A minha partilha será registada em gravação áudio, e posteriormente transcrita pela investigadora que garante a fidedignidade do meu discurso e destruição da gravação após a sua transcrição;

Posso terminar o meu contributo a qualquer momento, se assim o entender, sendo sempre garantida a confidencialidade do meu nome e dos dados suscetíveis da minha identidade, sendo imediatamente destruída a gravação da entrevista;

A informação recolhida será utilizada apenas para investigação, e poderá ser utilizada para efeitos de congressos, publicação de artigos científicos, etc...

O meu nome, ou qualquer dado que me possa identificar, será sempre confidencial em qualquer produto que surja da investigação;

Posso deixar de participar no projeto a qualquer momento. Se quiser retirar a o meu testemunho ou caso tenha qualquer dúvida que necessite de esclarecimento, devo ligar para o telemóvel 965834980 ou, preferencialmente, mandar um e-mail para tggsmendes@gmail.com

O presente documento será assinado em duplicado, ficando uma cópia para o(a) participante e outra para a investigadora.

Li e aceito participar

_____ (local), aos _____, _____, de 20 _____

(assinatura do participante)

(assinatura da investigadora)

Anexo IV

Guiões das Entrevistas -Adoção

Interview Screenplay

The social impact of the North American presence in Terceira island, Azores during the period of Estado Novo (1933-1974).

Name: _____ **Gender:** M _____ F _____ **Age:** _____

Schooling: _____ **Job:** _____ **Place of birth:** _____

(Foster parents)

Part I –General character

- 1- In your opinion what was the influence of the North American presence in Lajes Base on the terceirense population?
- 2- Did the North Americans help local population? Can you describe any episode?
 - 2.1 - What the North Americans did for the low-income families of the island? Specially for children and younger people?
- 3- How did you adapt of living in an island in the middle of the Atlantic? What was the more complicated?
- 4- What is the best memories you keep of your staying in Lajes Base? And the worst?
- 5- What advantages do you think that the North Americans presence in Lajes Base, had to the Terceira Island? And disadvantages?

Parte II – Adoção

- 6- How old were the child when you adopted her?
- 7- Why did you adopt? Why an Azorean child?
- 8- How did you know the biological family and the child to adopt? How was made the contact between families?
- 9- Do you remember the day of the adoption? Can you describe us?

- 10-** How was the separation of the biological family?
- 11-** Did you keep contact with the biological family? Yes _____ No _____
How do you keep this contact?
- 12-** Before you left to the USA did you live in Lajes Base with the child? How long did you live in the base before leaving the Azores?
- 13-** Did the child have difficulties to adjust to a different country? What was the biggest difficulties that she had?
- 14-** Your adopted child knew that he was adopted? Did you tell him? Or he found out by other way?
- 15-** Did you allow the child to have contact with her biological family? How they do it? How was their relationship?
- 16-** How was the adoption process? Was it legalized? Where was the process? Was it in the Azores or in another country?
- 17-** What kind of adoption did the child have? Full or restricted?
- 18-** Do you know of other occurrences of North American adoptions? Yes, or no? How many?
- 19-** All the other occurrences that you know of, were they legal? In case they weren't, how did the adopted person leave Portugal?
- 20-** Why do you think the biological families delivered children to North American couples? What do you think were the reasons they had to deliver children over to adoption?
- 21-** How were these adoptions viewed by the local community? Were these adoptions acknowledged by the local population? Were there any kind of reports registered at the time? Were the American and local authorities aware of the situation?

22- Can you give us a number of children that were adopted by North Americans couples, between 1946 and 1974?

23- Do you have any more information that you think can be helpful to this investigation?

Thank you very much for your collaboration.

Guião de Entrevista
O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: _____ Sexo: M _____ F _____ Idade: _____
Escolaridade: _____ Profissão: _____ Naturalidade _____

(Pais adotivos)

Parte I – Caráter Geral

- 1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população terceirense?
- 2- Os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?
- 3- O que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?
- 4- Como se adaptou à vivência numa ilha em pleno atlântico? O que foi mais complicado?
- 5- Quais as melhores memórias/recordações que guarda da sua estada na Base das Lajes? E as menos boas?
- 6- Que vantagens acha que teve para a ilha Terceira a presença dos norte-americanos na Base das Lajes? E desvantagens?

Parte II – Adoção

- 7- Que idade tinha a criança quando a adotou?
- 8- Porque adotou? Porquê uma criança açoriana?

- 9- Como teve conhecimento da família biológica e da criança para adotar? Como foi feito o contato entre as famílias?
- 10- Lembra-se do dia da adoção? Consegue-nos descrever?
- 11- Como foi a separação da família biológica?
- 12- Manteve contato com a família de origem? Sim _____ Não _____
Como manteve esse contato?
- 13- Antes de partir para os Estados Unidos viveu na Base com a criança? Quanto tempo antes de sair dos Açores?
- 14- A criança teve dificuldades em adaptar-se a uma região / país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que sentiu?
- 15- O seu filho adotivo sabia que era adotado? Contou-lhe que ele tinha sido adotado? Ou ele descobriu por outra via?
- 16- Permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica? Como mantinha o contato? Como era a relação da criança com a família biológica?
- 17- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado? Onde decorreu o processo? Nos Açores ou no país de acolhimento?
- 18- Que tipo de adoção teve a criança? Plena ou restrita?
- 19- Conhece outros casos de adoção de crianças açorianas por casais norte-americanos? Pode descrever outros casos que conheça?
- 20- Os casos que tem conhecimento foram legalizados? No caso de não serem, como estas crianças saíam do país?
- 21- Porque acha que as famílias biológicas entregavam as crianças aos norte-americanos? Que razões aponta como justificação das entregas?

- 22-Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum? Havia denúncias? As autoridades locais e as norte-americanas tinham conhecimento?
- 23-Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças açorianas que terão sido adotadas por casais norte-americanos entre 1946 e 1974?
- 24-Tem mais alguma informação que ache importante revelar para o estudo que estou a desenvolver?

Muito obrigada pela colaboração.

Interview Screenplay

The social impact of the North American presence in Terceira island, Azores during the period of Estado Novo (1933-1974).

Name: _____ **Gender:** M _____ F _____ **Age:** _____

Schooling: _____ **Job:** _____ **Place of birth:** _____

(Adopted)

Part I –General character

- 1- In your opinion what was the influence of the North American presence in Lajes Base on the terceirense population?
- 2- What advantages do you find in the North Americans coming to Terceira? And disadvantages?
- 3- What do you think that North Americans did for the low-income families of the Island? Specially for children and younger people?
- 4- Do you think that Americans helped the local population? Can you describe any episode?
- 5- Was your life influenced by the North American presence in the island? How?
- 6- What is the best memories you keep from the North Americans? And the worst?

Part II – Adopted

- 7- How old were you when you were adopted?
- 8- Why do you think you were adopted?
- 9- Do you remember the day of your adoption? Can you describe us?
- 10- How was the separation between you and your biological family?

- 11- Do you keep contact with your biological family? Yes _____. No _____
How do you keep this contact?
- 12- Before you left to the USA did you live in Lajes base with your foster family?
How long did you live in the base before leaving the Azores?
- 13- Did you have difficulties to adjust to a different country? What was the biggest difficulties that you had?
- 14- How do you know you were adopted? And when you know?
- 15- Do you have contact or know your biological family? How is your relationship?
Did your foster parents allow you to kept contact with your biological family?
- 16- How was your adoption process? Was it legalized? Where was the process? Was it in the Azores or in another country?
- 17- Do you know how your foster parents knew your biological family? How was the contact made between families?
- 18- What kind of adoption did you have? Full or restricted?
- 19- Do you know of other occurrences of North American adoptions? Can you describe other situations that you know?
- 20- All the other occurrences that you know of, were they legal? In case they weren't how did the adopted person leave Portugal?
- 21- Why do you think the biological families delivered children to North American couples? What do you think were the reasons they had to deliver children over to adoption?
- 22- Can you give us a number of children that were adopted by Americans couples, between 1946 and 1974?

23-Do you have any more information that you think can be helpfully to this investigation?

Thank you very much for your collaboration.

Guião de Entrevista

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: _____ **Sexo:** M _____ F _____ **Idade:** _____

Escolaridade: _____ **Profissão:** _____ **Naturalidade** _____

(Adotados)

Parte I – Caráter Geral

- 1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos da base das Lajes na população terceirense?
- 2- Que vantagens encontra na vinda dos norte-americanos para a Terceira? E desvantagens?
- 3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?
- 4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?
- 5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira? Como?
- 6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos? E as menos boas?

Parte II – Adoção

- 7- Que idade tinha quando foi adotado?
- 8- Porque acha que foi adotado?
- 9- Lembra-se do dia da adoção? Consegue-nos descrever?

- 10- Como foi a separação da sua família biológica?
- 11- Manteve contacto com a sua família de origem? Sim _____ Não _____
Como manteve esse contacto?
- 12- Antes de partir para os Estados Unidos viveu na Base com a sua família adotiva?
Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?
- 13- Teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que sentiu?
- 14- Como soube e quando soube que foi adotado?
- 15- Tem contacto/conhece a sua família biológica? Como é a vossa relação? Os seus pais adotivos permitiram que mantivesse contacto com a família biológica?
- 16- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado? Onde decorreu o processo? Nos Açores ou no país de acolhimento?
- 17- Sabe como os seus pais adotivos tiveram conhecimento que a sua família biológica tinha uma criança para adotar? Como foi feito o contato entre as famílias?
- 18- Que tipo de adoção tem? Plena ou restrita?
- 19- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever outros casos que tenha conhecimento? Alguém da sua família foi adotado por norte-americanos?
- 20- De todos os casos de que tem conhecimento foram legalizados? No caso de não terem sido, sabe como estas crianças saíam do país?
- 21- Porque acha que as famílias biológicas entregavam as crianças aos norte-americanos? Que razões aponta como justificação da sua entrega para adoção?

22- Consegue fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos, entre 1946 e 1974?

23- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Muito obrigada pela colaboração.

Guião de Entrevista

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: _____ Sexo: M _____ F _____ Idade: _____

Escolaridade: _____ Profissão: _____ Naturalidade _____

(Famílias biológicas)

Parte I – Caráter Geral

- 1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população Terceirense?
- 2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira? E desvantagens?
- 3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?
- 4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?
- 5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira? Como?
- 6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos? E as menos boas?

Parte II – Adoção

- 7- Alguém da sua família foi adotado por norte-americanos?

- 8- Que idade tinha a criança quando foi adotada?
- 9- Por que motivo optaram por dar a criança para adoção?
- 10-Lembra-se do dia da entrega da criança? Consegue-nos descrever?
- 11-Como foi a separação da família biológica?
- 12-Manteve contato com a criança? Sim_____ Não_____
- Como manteve esse contato?
- 13-Antes de partir para os Estados Unidos da América, a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?
- 14-Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, ela terá sentido?
- 15-A criança sabia que tinha sido adotada? Como soube/descobriu que tinha sido adotada?
- 16-Tem contato com a pessoa que foi adotada? Como é a vossa relação? A família adotiva permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica?
- 17-Como foi o processo de adoção? Foi legalizado? Onde decorreu o processo? Nos Açores ou no país de acolhimento?
- 18-Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?
- 19-Que tipo de adoção a criança teve? Plena ou restrita?

- 20-Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever-nos outros casos que conheça?
- 21-Os casos de que tem conhecimento, foram legalizados? No caso de não serem, como estas crianças saíam do país?
- 22-Por que motivo esta criança foi dada para adoção a um casal norte-americano?
- 23-Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum? Havia denúncias? As autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?
- 24-Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?
- 25-Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Muito obrigada pela colaboração.

Guião de Entrevista

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: _____ **Sexo:** M _____ F _____ **Idade:** _____
Escolaridade: _____ **Profissão:** _____ **Naturalidade** _____

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de adoção de crianças terceirenses por casais norte-americanos)

Parte I – Caráter Geral

- 1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população Terceirense?
- 2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira? E desvantagens?
- 3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?
- 4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?
- 5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira? Como?
- 6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos? E as menos boas?

Parte II – Adoção

- 7- Conhece algum caso em que os norte-americanos tenham adotado/levado alguma criança portuguesa? Sim____ Não____
Pode-nos descrever os casos que conhece?
- 8- Que idade tinha a criança quando foi adotada?
- 9- Por que motivo as famílias optaram por dar a criança para adoção?
- 10- Lembra-se do dia da entrega da criança? Consegue-nos descrever?
- 11- Como foi a separação da família biológica?
- 12- No caso que conhece sabe se houve contato com a família biológica? Sim____
Não____
Como mantiveram esse contato?
- 13- Antes de partir para os Estados Unidos da América, sabe se a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?
- 14- Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, ela terá sentido?
- 15- A criança sabia que tinha sido adotada? Como soube/descobriu que tinha sido adotada?

- 16- A família tem contato com a pessoa que foi adotada? Como é a relação? A família adotiva permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica?
- 17- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado? Onde decorreu o processo? Nos Açores ou no país de acolhimento?
- 18- Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?
- 19- Que tipo de adoção a criança teve? Plena ou restrita?
- 20- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever-nos outros casos que conheça?
- 21- Os casos de que tem conhecimento, foram legalizados? No caso de não serem, como estas crianças saíam do país?
- 22- Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum? Havia denúncias? As autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?
- 23- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?
- 24- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Muito obrigada pela colaboração.

Anexo V

Guião da Entrevista - Casamento

Guião de Entrevista

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: _____ **Sexo:** M _____ F _____ **Idade:** _____

Escolaridade: _____ **Profissão:** _____ **Naturalidade** _____

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de casamentos entre portugueses e norte-americanos e/ou familiares diretos)

Parte I – Caráter Geral

- 1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população terceirense?
- 2- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira? Como?
- 3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?
- 4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?
- 5- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos? E as menos boas?
- 6- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira? E desvantagens?

Parte II – Casamentos

- 7- Tem conhecimento se houve casamentos entre jovens terceirenses e norte-americanos? Eram mais do sexo feminino do que masculino, certo?
- 8- Consegue-nos descrever algum caso que tenha conhecimento e em que ano, aproximadamente, acha que ocorreu?
- 9- Como é que as jovens terceirenses conheciam os seus noivos norte-americanos?
- 10- Havia locais e/ou eventos em que jovens terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes, pudessem conviver/conhecer-se socialmente?
- 11- E o namoro? Como era o namoro? Era longo, seguindo os padrões culturais da época (por exemplo, namoro à janela, noivado...)?
- 12- Que razões aponta para a realização de um casamento entre jovens terceirenses e norte-americanos?
- 13- Acha que o desejo de emigrar e ter uma vida melhor terá motivado alguma das jovens que casaram com americanos? Porquê?
- 14- Tem algum familiar que tenha casado com norte-americanos, sediados na Base das Lajes? Sim ____ Não ____
Qual o parentesco: _____
Que idade tinha quando casou? _____
Em que ano casaram: _____
- 15- Conhece algum caso de uma jovem terceirense casada com um americano das Lajes que tenha regressado à ilha? Que motivos terão tido as jovens terceirense ou o casal para regressar?
- 16- Conhece algum caso em que o casal tenha ficado a residir na ilha Terceira? Ou todas as terceirenses emigraram na companhia dos maridos?

- 17- Os casais tiveram filhos? Os filhos têm alguma ligação ou interesse pelos Açores? Costumam visitar os Açores?
- 18- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de casamentos que terão ocorrido entre terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes? E mais ou menos em que ano terão ocorrido (entre 1946 e 1974)?
- 19- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Muito obrigada pela colaboração.

Anexo VI

Entrevistas Transcritas - Pais Adotivos

Interview I

The social impact of the North American presence in Terceira island, Azores during the period of Estado Novo (1933-1974).

Name: Mary **Gender:** M ☐ F ☒ **Age:** 77 **Schooling:** Two Associate Degrees (Higher Education) **Job:** Business Advisor/retired **Place of birth:** New York.

(Foster parents)

Part I –General character

1- In your opinion what was the influence of the North American presence in Lajes Base on the terceirense population?

I know, we brought jobs and employment to the island.

2- Did the North Americans help local population?

Yes.

Can you describe any episode?

... I remember a catastrophe in S. Jorge... some earthquakes, like that small ones, but brought a lot of destruction. We left Terceira and went there to help them...I did not go, but lot of militaries went... there wasn't separation. We were there together, Portuguese and Americans...there wasn't difference where or who we were, we experienced together...

3- What the North Americans did for the low-income families of the island? Specially for children and younger people?

Oh... I know...we gave them food, we made... I don't know... we were very involved with our Units. We went to the villages to help out, the villages people. I remember doing that... you know, every Unit there had a village that we helped with things they needed... We were them support... Yes, because we had a lot of people working on the Base... for us...

When I was young, 21, I worked probably with 23 Azoreans, and I still remember all of them...

So... I had a lot of good memories... I know, like I said, in the low-income families, we were there for help and support them by... you know... gave them jobs, you know... we had a car washer, we had a maid, we had... and I don't say it on the negative way... There was just how they were called at that time frame.

The guy that was our car washer...I mean, he knew where our car was, all the time... he was amazing for us... And he did such a good job... We never had to worry about that or anything, and I know, if he didn't have that kind of work, he couldn't be able to live...

And for the children and younger people?

There's a lot of memories that I had...We make parties for the families of the workers and gave them some stuffs for the kids.

Everybody who was employed in the Base, they could not save a lot of money. So, lots of us, felt it was not fair, because we thought the payment was too low for what some of them did, and...but they didn't want that us gave to one person and not gave to all, you know...So, we had to do it fairly...but a lot of times my maid got more...because I knew what she got and what she did for me... she worked a lot more.

But the Americans loved to go out Base eat food... We took advantages of the culture that was there... There was a Bar... we went there, there was a place...they had a chicken house, we used to go there...We ate out of Base a lot... because the food was good and we like the uses of Portuguese culture.

We did our shopping in the village, we went to the market there, so all of that change. We helped the economy.

4- How did you adapt of living in an island in the middle of the Atlantic? What was the more complicated?

Well, it's funny, when I think about that. When I first got there, when I got there, I lived outside the Base and babysitting ... When I got there, my husband was very weak and sick, so we weren't allowed to live on Base... So we lived out Base, so I worked in "Commissary" grocery, I kept busy... and I don't know... I learned crochet while I was there, I learn how to do ceramic while I was there...

There were always enough people in the complex where I lived that we could do things...So, we were very busy and then I started working on Base, because I was the only one that had skills that they needed... and when they found out that I had that skills, I was hired right away... and so, I started working on Base.

5- What are the best memories you keep of your staying in Lajes Base?

I have a lot of good memories, but I think the best memories was the day we adopted my son. I told him this all the time. The day I walked out with my son. When his mother gave me (son's name), the first person, this is the true, the very first person we went to see, was my maid. We went to see her, and she came running, I mean running down that hill... and she grab my son and she said "muito bom, muito bom" (laughs), she checked him all out... and I can remember her... she used to get at the home like 9 o'clock in the next day she arrived like 6 o'clock (laughs)... She was so excited to meet my son, and be able to take care of all of that... We had given him a home...

It's amazing when I stop and think about that, you know...there we were, standing in the street, because there was no place to park in Santa Rita Hill...

She (the maid) was like a mother to me, she had a daughter of my age, and she experienced all this with us... It was, like I said, I was so excited.

The next day was a Portuguese holiday, and we had nothing for the child, no diapers, no baby formula (milk), no nothing... and we had to run around to make phone calls around people who had babies... so like that we could go get some of the stuffs (laughs), because out Base was all closed, on Base was closed too, and we couldn't do it anything... So we had to borrowed from some people, because we had nothing to feed him...

I didn't have my family around me to help me with the baby, it was all myself, I didn't have any kind of guidance from my family... To tell me what I should do... because we were limited in our communications, and I lived there about 10 years, so we were far away from our families ... So, this was our home, you know...

And the worst?

I don't have bad memories... not at all...

6- What advantages do you think that the North Americans presence in Lajes Base, had to the Terceira Island?

Expansion to the island. We left a new culture in the island, but we also learned a new culture... We all learn a new way of life. We had to adjust what we had. We had a lot of changes when we went to Azores.

And for the people of the island?

We brought the economic advance, we brought the jobs, we brought the money... I think we brought our life style with us...which changed a lot of things for them (laughs)... I mean, they liked our life styles... they liked our food.

I had a lady named... (Her name) and she loved everything. She always asked "What can I eat? What can I get out of the refrigerator?" and I used to say "Help yourself of what I have" (laughs). This lady, she had a pig, and she always asked for the scraps for her pig...she wanted that I went to see the pig (laughs)... and it was a big pig! (laughs)

That was a very big difference between the accommodations we had...you know...we had light all the time, we had water, we had sheets... A lot of Azoreans homes did not have that...

And disadvantages?

No, I did not have bad experiences when I was there...at all...everything I experienced, was good...even in bad things...I remember a catastrophe in S. Jorge... some earthquakes, like that small ones, but brought a lot of destruction. We left Terceira and went there to help them...I did not go, but lot of militaries went... there wasn't separation. We were there together, Portuguese and Americans...there wasn't difference where or who we were, we experienced together...

Parte II – Adoção

7- How old were the child when you adopted her?

His mother told me... this is what she told me... he had been on birth in March 17, but you had to register the birth yourself down town... and she failed the register birth on time. So, she registers the birth on April 30, and he was born on April 17. But, in reality he was born on March 17... And that we got him in June. So, technically, he was 3 months old...

But, I understand, she had to register the birth and she didn't had the money... to register the birth there, in Praia...they had to pay... they had to pay the stamps...and she didn't have the money to register the birth... so she had to change the day... he born at march 17 and she register one month later...

8- Why did you adopt? Why an Azorean child?

Azorean or not, did not make any difference. We were looking for adopt a child. My husband could not have children. I was not looking for an Azorean or Portuguese child, I was looking for a child who needed a home... I guess because I'm from a large family... I have always been very open to the concept of adoption.

9- How did you know the biological family and the child to adopt? How was made the contact between families?

In that time was the family we found out. My husband could not have children... happened there, we could find a child. He did not want an older child, and that would make a big difference! So, found an infant was a little harder, because there wasn't many infants. But the lady who helped me find my son, she worked for the Base General ...She was the one that help me found the infant... She had connections. I met the family through this lady.

You would be surprised how these things happen... once some Portuguese found out that an American couple was looking for a child, the rumor pass very quickly... because they knew there was a lot of children who needed a home... And so, they (Portuguese) realized that the Americans could give a good home... and a lot of them knew us, because they worked on Base...

And then the lady...and she told us about my son's mom... his mother was on the street corner. She was begging to anybody take her son. She didn't have the means to take care of her son. I mean, the baby didn't have a diaper on... she didn't have any means or any food... he didn't have any clothes on... So, there was very limited that she had for the kid... She was already divorced when she had the baby... and the father... He kept on tell us, that he wasn't the father, but we knew otherwise, we knew he was the father... was the father, but they were divorced...He was a street cleaner on Praia...

10- Do you remember the day of the adoption? Can you describe us?

Yeah! I had to pick up his father, because we had to go to Praia court and my maid stayed at home with the baby. I had to drive to go get his father, because I had to brought his father to the court house... and his dad (foster father) went get his mother, because she had no way to get to the court house... and then, we were in there... I don't remember everything, because was in Portuguese... but then they asked to the mother and father if they agreed with the adoption... and both said yes... and then, they said

they had to sign the paper, and then we had the paperwork and we sign too... and then we left the court house and his father (biological) took his way and we take the mother to home... **Your son was already living with you?** Yes, my son was already with us. He stayed at home with the maid.

11- How was the separation of the biological family?

It was a very hard life, I don't think that was something that the mother...she chooses to give him up, but I know it was very difficult for her...because no mother wants to give up a child, you know...If you truly carry on that child for 9 months... nobody wants to give it up...but she gives it up, because she wanted the child had more...and that's the difference. You want that your kids had more than you have...

And we found out that his mother...gave up another boy. We didn't know at the time, just later we knew... and had the same name as my son...we did not know that, until this year... the same name, she only changes the last name...that's the only difference.

12- Did you keep contact with the biological family? Yes, X No _____

How do you keep this contact?

We kept contact with the mother... but I didn't come immediately to USA, so we lost contact and didn't contact again... I mean, we wrote letters and we knew she had been relocated, she had left the island and went to the USA, but we didn't get together until 1998... and my son's brothers called me, because she had our address and they get our phone number. One of them call and said that he will drive the mother and the other brothers out...and we said yes. That when she came out to see us...

13- Before you left to the USA did you live in Lajes Base with the child?

Yes.

How long did you live in the base before leaving the Azores?

We were there... about a year.

14- Did the child have difficulties to adjust to a different country? What was the biggest difficulties that she had?

No, he was so young.

15- Your adopted child knew that he was adopted? Did you tell him?

Yes, he always knew, since the day one.

16-Did you allow the child to have contact with her biological family? How they do it?

We lost contact when he was very young. When we left Terceira, we when to Germany, and his mother was relocated and came to USA. So, he just found them now... he knew the brothers that live in USA with the mother in 1998, but just in last year he went to Terceira meet the rest of the family. But we had lost contact for many years...my husband did not want. But I always felt that my son had the right to know who his mother was. As long as we kept contact, I felt that she had the right to know who he was...So, I never felt afraid, because it was an open adoption. We knew who they were, so why she couldn't not know my son? Since day one that my son knows he was adopted, we never hide from him... I always told him where I pick him up. So why should not allowed his mother had contact with him?

How was their relationship?

I think was good. Now, he has another age. He has a great relationship with his brothers and sisters.

17-How was the adoption process? Was it legalized?

Yes.

Where was the process? Was it in the Azores or in another country?

In Terceira. All the documents had to be translated to English. We took a translator to the court, to translate everything that was necessary.

18-What kind of adoption did the child have? Full or restricted?

Maybe full. We classified as an open adoption.

19-Do you know of other occurrences of North American adoptions? Yes, or no?

Oh yes! (laughs)

How many?

Lot of them.... We had another family in our Unit... they adopted two brothers. And I wish I know where they are... because they were both military and they adopted 2 boys. But, yeah, we knew a lot of families who had adopted children in Azores.

20- All the other occurrences that you know of, were they legal?

Yes. But we lost contact with this people when we left the Azores, so I don't know details of them adoptions or where they are and what happened with them.

21-Why do you think the biological families delivered children to north-American couples? What do you think were the reasons they had to deliver children over to adoption?

Well, I definitely know... no money, no food, to take care of all...and they were large families. I know the Azores is predominantly catholic too, so the birth control was not there (laughs)... Now in our days I'm sure have more forms of birth control, but back then, they couldn't...

22-How were these adoptions viewed by the local community?

I know... the people I worked with, they thought it was great for some families and for the kids... they thought it was the best thing that could happen... so, everybody... I never experienced the negative perspective... that was always something very positive... about all the adoptions... because they knew the children were going to good homes... and they always wanted to believe that children gone to good homes... But, for a long time, I did not know the horrors of some stories, but that doesn't happen just there in Azores or with the Azorean kids and Americans, it happens everywhere... there are bad parents everywhere...even today.

Were these adoptions acknowledged by the local population?

Yes, in that time frame. I think it was very well known that Americans looked for local children. I'm sure some pretend that did not happen, but most knew that children would have more opportunities. And that it was what they wanted for his child, they wanted they had good jobs, they wanted they had successful in life, they wanted they had better education...

I'm sure that were cases that the Americans paid to the families... it happens here in the US! Didn't happen in our situation, there wasn't exchange of money or anything like that... he was given. I did ask to his mother if she needed anything...in that time frame, she only survived... but she said, legally she couldn't take anything... So, we did not give her nothing in change... anything at all... money, food...nothing.

Were there any kind of reports registered at the time?

No. I don't think so... there wasn't any kind of reports.

Were the American and local authorities aware of the situation?

Oh yeah! I think so. Everybody knew...even the authorities...

23-Can you give us a number of children that were adopted by north-Americans couples, between 1946 and 1974?

No, I can't give you a number. I don't know...but I believe there was lot of adoptions, you'll be surprise. There was lot of people who couldn't have children...And I think there was cases that happened only for help the families, lots of poverty around Base, and nobody like to see a child in the street run, playing...with no clothes on. No one wants to see that.

24-Do you have any more information that you think can be helpful to this investigation?

I think the families don't talk a lot about that. They don't want to put out all of this. Maybe because of embarrassment, they didn't want the others persons knew that they couldn't take care the children...and they had to give the child up... I think... it's against your culture, I mean, you are predominantly a catholic country...Why did you give your child? ...Your moral believes... children are a gift from God. Why did you do something like that? In our case I think it came out well, because my son, now know all his brothers and sisters... He has, now, a big family... And they never knew the whole story, what happened with my son... They (biological brothers) just got home and the younger brother wasn't there... anymore. Nobody explained to his brothers and sisters. But now they know, I mean, they knew about my son, but they never knew him. Now, they know how my son is. They are also his family, I mean, we are his family, but they are his family too. And I think... he (son) needed that. He is happy, so we are all happy.

Thank you very much for your collaboration.

Entrevista I

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Mary Sexo: M ☐ F ☒ Idade: 77 Escolaridade: Ensino Superior

Profissão: Consultor de negócios/reformada Naturalidade: Nova Iorque

(Pais adotivos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população terceirense?

Eu sei, trouxemos trabalhos e empregos para a ilha.

2- Os americanos ajudavam a população local?

Sim

Consegue-nos descrever algum episódio?

... Lembro-me de uma catástrofe em S. Jorge...alguns terremotos, daqueles pequenos, mas provocou muita destruição. Saímos da Terceira e fomos para lá ajudar... Eu não fui, mas muitos militares foram...não houve separação. Estávamos lá juntos, portugueses e americanos...não havia diferença de onde ou quem éramos, experienciamos juntos...

3- O que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Oh... Eu sei...nós demos comida, nós fizemos... Eu não sei...estávamos muito envolvidos com as nossas Unidades. Íamos às freguesias para ajudar as pessoas da freguesia. Lembro-me de fazer isso... Sabe, cada unidade tinha uma freguesia que ajudava com coisas que eles precisavam... Nós éramos o suporte deles.... Sim, porque tínhamos muita gente a trabalhar na Base...para nós...

Quando eu era jovem, 21 anos, trabalhei provavelmente com 23 açorianos, e ainda me lembro de todos eles... então... Eu tinha muitas boas memórias... Eu sei, como disse, nas famílias carenciadas, nós estávamos lá para ajudá-los e apoiá-los... sabes...demos-lhes empregos sabes... tínhamos um lavador de carros, tínhamos uma empregada,

tínhamos...e eu não digo isso de forma negativa.... Era como eles eram chamados naquele período de tempo.

O homem que era nosso lavador de carros... quero dizer, ele sabia sempre onde estava o nosso carro... Ele foi incrível para nós... E ele fazia um trabalho muito bom... Nós nunca tivemos que nos preocupar com isso ou qualquer coisa, e eu sei, se ele não tivesse esse tipo de trabalho, ele não conseguiria viver...

E pelas crianças e jovens?

Tenho muitas recordações... fazíamos festas para as famílias dos trabalhadores e dávamos coisas às crianças.

Todos os que trabalhavam na Base, não conseguiam economizar muito dinheiro. Então, muitos de nós, não achávamos justo, porque pensamos que o que recebiam era pouco para o que alguns deles fizeram, e ..., mas eles não queriam que nós dessemos a uma pessoa e não dessemos a todos, sabes.... Então, tivemos que fazer isso de forma justa...mas muitas vezes a minha empregada ficou com mais...porque eu sabia o que ela tinha e o que ela fez por mim...ela trabalhou muito mais.

Mas os americanos adoravam sair da Base para comer... Nós tirámos vantagem da cultura de lá... Havia um bar...íamos lá, havia um lugar...eles tinham uma “Casa da Galinha”, nós costumávamos ir lá... Comemos muito fora da Base...porque a comida era boa e nos fez usar da cultura portuguesa.

Fazíamos as nossas compras na vila, íamos ao mercado de lá, então tudo mudou. Ajudámos a economia.

4- Como se adaptou à vivência numa ilha em pleno atlântico? O que foi mais complicado?

Bem, é engraçado, quando penso nisso. Quando cheguei lá, morei fora da Base, e cuidava de crianças... Quando lá cheguei, o meu marido estava muito fraco e doente, então não podíamos viver na Base... Então morávamos fora da Base, eu trabalhava no supermercado "Comissário", mantinha-me ocupada... E eu não sei... aprendi crochet enquanto lá estava, aprendi a fazer cerâmica enquanto lá estava...

Havia sempre pessoas suficientes no complexo onde vivia, podíamos fazer coisas, juntos.... Então, estávamos ocupados e então eu comecei a trabalhar na Base, porque eu era a única que tinha as habilidades que eles precisavam...e quando descobriram que eu tinha essas habilidades, fui contratada de imediato...e assim, comecei a trabalhar na Base.

5- Quais as melhores memórias/recordações que guarda da sua estada na Base das Lajes?

Eu tenho muita boa recordação, mas acho que as melhores memórias foram do dia em que adotamos meu filho. Eu digo sempre isso a ele.

O dia em que fui buscar o meu filho. Quando a mãe dele me deu (nome do filho), a primeira pessoa, esta é a verdade, a primeira pessoa que fomos ver, foi a minha empregada. Fomos vê-la, e ela veio a correr, quero dizer, descendo aquela colina...e ela pegou no meu filho e disse "muito bom, muito bom" (risos), ela viu-o tudo... e lembro-me dela...ela costumava chegar a minha casa às 9 horas, no dia seguinte ela chegou às 6 horas (risos)... Ela estava tão animada por conhecer o meu filho, e para cuidar de tudo... Nós demos-lhe um lar...

É incrível quando paro e penso nisso sabe...lá estávamos nós, parados na rua, porque não havia lugar para estacionar em Santa Rita...

Ela (a empregada) era como uma mãe para mim, ela tinha uma filha da minha idade, e ela experienciou tudo connosco.... Foi, como eu disse, eu estava tão animada.

No dia seguinte foi feriado português, e não tínhamos nada para a criança, nem fraldas, nem leite, nem nada...e tivemos que correr para telefonar para as pessoas que tinham bebés...para podermos ter algumas das coisas (risos), porque fora da Base estava tudo fechado, na Base estava fechado também, e não podíamos fazer nada... Então tivemos que pedir emprestado a algumas pessoas, porque não tínhamos nada para alimentá-lo...

Eu não tinha a minha família perto para me ajudar com o bebé, era tudo eu, eu não tinha nenhum tipo de apoio da minha família... Para me dizer o que eu deveria fazer... porque as nossas comunicações eram limitadas, e eu vivi lá cerca de 10 anos, então estávamos longe das nossas famílias Então, essa era nossa casa, sabe...

E as menos boas?

Eu não tenho más memórias... De modo algum...

6- Que vantagens acha que teve para a ilha Terceira a presença dos norte-americanos na Base das Lajes? E desvantagens?

Expansão para a ilha. Deixamos uma nova cultura na ilha, mas também aprendemos uma nova cultura... Todos aprendemos uma forma nova de vida. Tivemos que ajustar o que tínhamos. Sofremos muitas mudanças quando fomos para os Açores.

E para as pessoas da ilha?

Trouxemos desenvolvimento económico, trouxemos empregos, trouxemos dinheiro.... Acho que trouxemos o nosso estilo de vida... que mudaram muitas coisas para eles (risos).... Quero dizer, eles gostavam do nosso estilo de vida... eles gostavam da nossa comida.

Eu tinha uma senhora chamada... (nome) e ela adorava tudo. Ela perguntava sempre: "O que posso comer? O que posso tirar do frigorífico?" E eu costumava dizer "Sirva-se do que eu tenho" (risos). Esta senhora tinha um porco, e ela pedia sempre os restos para o porco...ela queria que eu fosse ver o porco (risos)...e era um porco grande! (risos)

Era uma grande diferença entre as acomodações que tínhamos...sabes.... Tínhamos sempre luz, tínhamos água, tínhamos lençóis.... Muitas casas açorianas não tinham isso...

E desvantagens?

Não, eu não tive experiências más quando estive lá... absolutamente... tudo o que eu experienciei, foi bom... mesmo nas coisas más... Lembro-me de uma catástrofe em S. Jorge...alguns terremotos, daqueles pequenos, mas trouxe muita destruição. Deixámos a Terceira e fomos para lá ajudar... Eu não fui, mas muitos militares foram...não houve separação. Estávamos lá juntos, portugueses e americanos...não havia diferença de onde ou quem éramos, experienciamos juntos...

Parte II – Adoção

7- Que idade tinha a criança quando a adotou?

A mãe disse-me... Isto é o que ela me disse...que ele tinha nascido a 17 de março, mas eu tinha que registar o nascimento na cidade...e ela não registou o nascimento a tempo. Então ela registou o nascimento a 30 de abril, e ele nasceu a 17 de abril. Mas, na verdade, ele nasceu em 17 de março... E nós recebemo-lo em junho. Então, tecnicamente, ele tinha 3 meses...

Mas, eu entendo, ela tinha que registar o nascimento e não tinha dinheiro...para registar o nascimento, na Praia...eles tinham de pagar...eles tinham que pagar os selos...e ela não tinha dinheiro para registar o nascimento...então teve que mudar o dia... ele nasceu a 17 de março e ela registou um mês depois...

8- Porque adotou? Porquê uma criança açoriana?

Açoriano ou não, não fazia diferença nenhuma. Queríamos adotar uma criança. O meu marido não podia ter filhos. Eu não estava à procura de uma criança açoriana ou portuguesa, eu estava à procura de uma criança que precisasse de um lar.... Acho que porque sou de uma família grande.... Sempre fui muito aberta ao conceito de adoção.

9- Como teve conhecimento da família biológica e da criança para adotar? Como foi feito o contato entre as famílias?

Nesse tempo foi a família que descobrimos. O meu marido não podia ter filhos...aconteceu lá, encontramos uma criança. Ele não queria uma criança mais velha, e isso faria uma grande diferença! Então, encontrar um bebé era mais difícil, porque não havia muitos bebés. Mas a senhora que me ajudou a encontrar o meu filho, ela trabalhava para o General da Base.... Foi ela que me ajudou a encontrar o filho... Ela tinha contatos. Eu conheci a família através desta senhora.

Ficaria surpresa como essas coisas aconteciam...quando um português sabia que um casal americano estava à procura de uma criança, o rumor corria rapidamente...porque eles sabiam que havia muitas crianças que precisavam de um lar... E então, eles (portugueses) sabiam que os americanos podiam dar-lhes um bom lar...e muitos deles conheciam-nos, porque trabalhavam na Base...

E então a senhora...ela contou-nos sobre a mãe do meu filho...a sua mãe estava na esquina. Ela implorava para que alguém lhe levasse o filho. Ela não tinha os meios para cuidar do filho. Quero dizer, o bebé não tinha fralda...ela não tinha meios ou comida...ele não estava vestido.... Então, era muito limitado o que ela tinha para o menino... Ela já estava divorciada quando teve o bebé...e o pai...Ele continuou a dizer-nos que não era o pai, mas sabíamos que era, sabíamos que ele era o pai...era o pai, mas eles estavam divorciados... Ele era um varredor de rua, na Praia...

10- Lembra-se do dia da adoção? Conseguem-nos descrever?

Sim! Tive que ir buscar o pai, porque tivemos que ir ao tribunal da Praia e a minha empregada ficou em casa com o bebé. Tive que conduzir para ir buscar o pai dele, porque tive que o levar ao tribunal...e o pai (pai adotivo) foi buscar a mãe, porque ela não tinha como chegar ao tribunal...e então, estávamos lá... Não me lembro de tudo, porque era em português...mas perguntaram à mãe e ao pai se concordavam com a adoção...e ambos disseram que sim...e então, eles disseram que tinham que assinar o

papel, e nós também tínhamos papéis para assinar...e saímos do tribunal, o pai (biológico) tomou o seu caminho e levamos a mãe a casa...

O seu filho já vivia com vocês?

Sim, o meu filho já estava connosco. Ele ficou em casa com a empregada.

11- Como foi a separação da família biológica?

Era uma vida muito difícil, não acho que foi algo que a mãe... Ela escolheu entregá-lo, mas eu sei que foi muito difícil para ela...porque nenhuma mãe quer entregar um filho, sabes... Se realmente carregas a criança por 9 meses... Ninguém quer entregar...mas ela entregou, porque queria que a criança tivesse mais... e é essa a diferença. Tu queres que os teus filhos tenham mais do que tu tens...

E descobrimos que a mãe dele....entregou outro menino. Não sabíamos na época, só mais tarde é que soubemos...e tinha o mesmo nome do meu filho... nós não sabíamos disso, até este ano...o mesmo nome, ela só mudou o sobrenome... é a única diferença.

12- Manteve contato com a família de origem? Sim X Não

Como manteve esse contato?

Mantivemos contato com a mãe...mas eu não vim imediatamente para os EUA, então perdemos o contato e não nos voltamos a contatar... Escrevemos cartas e sabíamos que ela tinha se tinha mudado, tinha deixado a ilha e ido para os EUA, mas não nos voltamos a ver até 1998...e os irmãos do meu filho ligaram-me, porque ela tinha a nossa morada e eles conseguiram o nosso número de telefone. Um deles ligou e disse que ia trazer a mãe e os outros irmãos...e nós dissemos que sim. Foi quando ela veio ver-nos...

13- Antes de partir para os Estados Unidos viveu na Base com a criança?

Sim

Quanto tempo viveram na Base antes de sair dos Açores?

Nós ficámos lá... cerca de um ano.

14- A criança teve dificuldades em adaptar-se a uma região / país estrangeiro?

Quais as maiores dificuldades que sentiu?

Não, ele era muito novo.

15- O seu filho adotivo sabia que era adotado? Contou-lhe que ele tinha sido adotado? Ou ele descobriu por outra via?

Sim, ele sempre soube, desde o primeiro dia.

16- Permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica? Como mantinha o contato?

Perdemos contato quando ele era muito novo. Quando saímos da Terceira, fomos para a Alemanha, e a mãe mudou-se, veio para os EUA. Então ele encontrou-os agora...ele conheceu os irmãos que vivem nos EUA com a mãe em 1998, mas no ano passado ele foi à Terceira para conhecer o resto da família. Mas perdemos o contato durante muitos anos...o meu marido não queria. Mas sempre senti que o meu filho tinha o direito de saber quem era a sua mãe. Enquanto mantivemos contato, senti que ela tinha o direito de saber quem ele era.... Então, eu nunca senti medo, porque era uma adoção aberta.

Sabíamos quem eles eram, então por que é ela não podia conhecer o meu filho? Desde o primeiro dia que o meu filho sabe que foi adotado, nunca escondemos dele... Eu sempre lhe disse onde o tinha “adotado”. Então por que não permitir que a sua mãe tivesse contato com ele?

Como era a relação deles?

Acho que era boa. Agora, ele tem outra idade. Ele tem uma ótima relação com seus irmãos e irmãs.

17- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado?

Sim.

Onde decorreu o processo? Nos Açores ou no país de acolhimento?

Na Terceira. Todos os documentos tiveram de ser traduzidos para inglês. Levamos um tradutor ao tribunal para traduzir tudo o que era necessário.

18- Que tipo de adoção teve a criança? Plena ou restrita?

Talvez plena. Nós classificamos como uma adoção aberta.

19- Conhece outros casos de adoção de crianças açorianas por casais norte-americanos? Pode descrever outros casos que conheça?

Oh sim! (risos) **Quantos?** Muitos deles... tínhamos outra família na nossa unidade...eles adotaram dois irmãos. Eu gostava de saber onde eles estão...porque ambos eram militares e adotaram dois meninos. Mas, sim, conhecíamos muitas famílias que tinham filhos adotados nos Açores.

20- Os casos que têm conhecimento foram legalizados? No caso de não serem, como estas crianças saiam do país?

Sim. Mas perdemos contato com essas pessoas quando deixamos dos Açores, por isso não sei pormenores das adoções ou onde estão e o que aconteceu com elas.

21- Porque acha que as famílias biológicas entregavam as crianças aos norte-americanos? Que razões aponta como justificação das entregas?

Bem, eu sei, definitivamente...sem dinheiro, sem comida, para cuidar de tudo...e eram famílias grandes. Eu sei que os Açores são predominantemente católicos também, então o controlo de natalidade não existia (risos)... Agora, nos nossos dias, tenho certeza de que há mais formas de controlar a natalidade, mas naquela época, eles não podiam...

22- Como eram vistas estas adoções pela comunidade local?

Eu sei...as pessoas com quem trabalhei, achavam ótimo para algumas famílias e para as crianças...eles achavam que era a melhor coisa que poderia acontecer.... Então, todos... Eu nunca experienciei uma perspetiva negativa...isso sempre foi algo muito positivo...sobre todas as adoções...porque eles sabiam que as crianças iam para boas casas...e sempre acreditaram que as crianças iam para boas casas... Mas, por muito tempo, eu não conheci os horrores de algumas histórias, mas isso não acontece apenas nos Açores ou com crianças açorianas e americanos, isso acontece em todos os lugares...há maus pais em todo o lado...até hoje.

Essas adoções eram do conhecimento da população local?

Sim, nesse tempo. Acho que era muito conhecido, que os americanos procuravam crianças locais. Tenho a certeza que alguns fazem de conta que isso não aconteceu, mas a maioria sabia que as crianças teriam mais oportunidades. E era o que eles queriam para os seus filhos, eles queriam que tivessem bons empregos, eles queriam que tivessem sucesso na vida, eles queriam que tivessem uma educação melhor...

Tenho certeza de que houve casos em que os americanos pagaram às famílias...acontece aqui nos EUA! Não aconteceu na nossa situação, não houve troca de dinheiro ou algo assim....ele foi dado.

Perguntei à mãe dele se ela precisava de alguma coisa... Nesse período de tempo, ela só sobrevivia..., mas ela disse, legalmente ela não podia receber nada.... Então, não lhe demos nada em troca...nada... dinheiro, comida... Nada.

Havia algum tipo de denúncias?

Não, acho que não...não havia qualquer tipo de denúncia.

As autoridades locais e as norte-americanas tinham conhecimento?

Oh sim! Eu acho que sim. Todas as pessoas sabiam... Até as autoridades...

23- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças açorianas que terão sido adotadas por casais norte-americanos entre 1946 e 1974?

Não, não te posso dar um número. Eu não sei..., mas acredito que houve muitas adoções, ficarias surpresa. Havia muita “gente” que não podia ter filhos... E eu acho que houve casos que aconteceram apenas para ajudar as famílias, muita pobreza à volta da Base, e ninguém gosta de ver uma criança na rua a correr, a brincar...sem roupa. Ninguém quer ver isso.

24- Tem mais alguma informação que ache importante revelar para o estudo que estou a desenvolver?

Acho que as famílias não falam muito sobre isso. Eles não querem deitar para fora isso. Talvez por causa da vergonha, eles não queriam que as outras pessoas soubessem que não podiam cuidar dos filhos...e eles tiveram que entregar a criança... Eu acho... É contra a tua cultura, quero dizer, vocês são predominantemente um país católico...Por que deu o seu filho?...Na vossa crença...as crianças são uma dádiva de Deus. Por que fez algo assim? No nosso caso, acho que correu bem, porque o meu filho, agora conhece todos os irmãos e irmãs... Ele tem, agora, uma família grande... E eles nunca souberam da história toda, o que aconteceu com o meu filho...

Eles (irmãos biológicos) apenas chegaram a casa e o irmão mais novo não estava lá...nunca mais. Ninguém explicou aos irmãos e às irmãs. Mas agora eles sabem, quero dizer, eles sabiam sobre o meu filho, mas nunca o conheceram.

Agora, eles sabem como é o meu filho. Eles também são a sua família, quero dizer, nós somos a família dele, mas eles também são a sua família. E acho...ele (filho) precisava disso. Ele está feliz, então estamos todos felizes.

Muito obrigada pela colaboração.

Anexo VII

Entrevistas Transcritas - Adotados

Interview I

The social impact of the North American presence in Terceira island, Azores during the period of Estado Novo (1933-1974).

Name: Jack **Gender:** M X F **Age:** 51 **Schooling:** High School

Job: Disabled **Place of birth:** Terceira, Azores

(Adopted)

Part I –General character

1- In your opinion what was the influence of the North American presence in Lajes Base on the terceirense population?

Maybe, I don't have any answer for that, because I leave the island when I was very young. I was like 4 years old when I left. So, I don't know much about it (...) other than the 8 mm movies I watch ...from my mom and dad.

And you ever visit the island?

No, I never go.

2- What advantages do you find in the North Americans coming to Terceira? And disadvantages?

I do not have a direct opinion about that...I mean, I see both...positive and negative of it...having the Base there was good for economic but...what I am learning about it... has a separate and destroy lots of families too.

Why do you say that?

Because I am one of this case, I was separate of my family and I felt...when I found, I was adopted... I felt that miss something. So, I think the American presence was good for economy of the island but negative for a lot of families.

3- What do you think that North Americans did for the low-income families of the Island? Specially for children and younger people?

I think for the families in the island...I know my parents were there we had a housekeeper and nanny... and that's the way they help... so...they help the economy by the employing of some people of the island...while they stay there.

4- Do you think that Americans helped the local population?

Must likely yes.

Can you describe any episode?

Oh, no. I can't remember. I was so young when I leave the island.

5- Was your life influenced by the North American presence in the island?

Oh, must definitely. **How your life was influenced?** I'm not...I was raised like an American child. I was realized when I was 9 or 10 years old...I was actually Portuguese. When I found out I was adopted...So and then...I start learning more understanding more that.

6- What are the best memories you keep from the North Americans?

Ah!... The best memories from my North American family (thrilled)... Certain things when...we did together as a family, we were going to the park, somethings like that and different things...those been good memories...

And you have memories from here, Terceira?

I do have some memories of over there, not many... me very young, before moving...

And the worst?

For there, no (smiling). Here...few.

Part II – Adopted

7- How old were you when you were adopted?

2 days old! In 1968.

8- Why do you think you were adopted?

We try keep some pieces to solve... together, with the family... and all that...they not say much, but...the little I can figure it out about... is someone in my biological mother family... basically told her that she couldn't raise the child... and it will be better for the child, to go with American parents, he will have a better life... we still... will still trying get to somebody... other family, like the... uncles, rest of the family that I doesn't met yet... and get his stories, and approach about it... it's all a rush-rush. My siblings never knew that I was out there (thrilled). The one daughter, the one sister...

her godmother, when she was 7 or 8 years old, told her “you know you have a brother out there. He was put for adoption.” And everybody thought... your mother gave your brother away and... and the rest of the family didn’t believe, they told: is just a story that she told.

9- Do you remember the day of your adoption?

No... to much young.

And someone talk about that day?

No. When I finally met my biological mother, she was very quiet about that, the silence, don’t talk about gave a child to adoption it...She won’t say much about it... the silence means something.

10- How was the separation between you and your biological family?

I can’t remember. I know I was with my biological family, about a year, before the adoption was finish.

11- Do you keep contact with your biological family? Yes___No__X

Your foster parents didn’t allow you to kept contact with your biological family?

No. There wasn’t contact. Found my biological family was a great help.

12- Before you left to the USA did you live in Lajes base with your foster family?

We actually lived in a house Base.

And you remember how long do you lived in Base? Before leaving to USA?

We lived almost 4 years, there.

13- Did you have difficulties to adjust to a different country?

No. As I said, I was raised like an American child.

14- How do you know you were adopted?

It was my mom (foster mother) who told me...I don’t remember exactly how it happen... but I do remember my mom told me ... and... we were sitting talking about it... I guess I found something or I question a few things...because they had a lot...they had a lot of...stuff, things hang up in the house from Portugal, like bullfighting stuff...I

have two senses of bullfighting spears... that they had... I have a lot of that... They have different things from Azores...I still have.

15- Do you have contact or know your biological family?

Now, I have.

How is your relationship?

Oh! Great (smiling).

How do you keep this contact?

They (siblings) are all in Toronto, Canada. Just cousins and distant family stay in Terceira. I just find my biological family last year. And ... Sense that we communicate every day. We talk by “WhatsApp”, sometimes all family, others individual. Just before Christmas, last year, we spent 4 or 5 days there ... and met everybody, face to face (thrilled). I have 5 siblings. I have an older brother; I have a younger brother and 3 sisters. The sister that’s closer to me is about 15 months apart, she was the one, when we met...I saw her first, and she was the stronger connection I ever have with anyone in a long time (thrilled)... It was just... I can’t define what it was...

I start this process 20 years ago, with my ex-wife. She had family in the island, and they try talk with the lawyer who has the adoption... but he didn’t say anything...he didn’t came off with anything... so I basically start recollected... I might find a great stone, I might find something like that...maybe a few scary family, that doesn’t speak any English... but I got very luck, I still found her (thrilled)... I had a family to watch me...

16- How was your adoption process? Where was the process? Was it in the Azores or in another country?

Everything was done in Azores. I have all paperwork’s.

Was it legalized?

As far as I know, was all legalized...because I’m naturalized American citizen.

17- Do you know how your foster parents knew your biological family? How was the contact made between families?

Oh, no, no. What I understand this is a story...we kind do a... keep the pieces together. When my mother was over there, she wants have a child or adopt a child...and basically, she couldn’t found. So, the housekeeper knew she want to adopt a child and

...a few days later I show at the door (laughs). My mother (foster mother) kept the adopting paperwork. She even has the receipt from the lawyer that handle the adoption. I have a lot of paperwork. I know that... I know that my biological mother's family... when she put me for adoption, one of her requests was that my name kept the same: (Portuguese name) ...

18- What kind of adoption did you have? Full or restricted?

Completely full ... as long as I know.

19- Do you know of other occurrences of North American adoptions? Yes, or no?

No, I do not.

20- Why do you think the biological families delivered children to North American couples? What do you think were the reasons they had to deliver children over to adoption?

I think the families think the child's leaved the island for a better situation. Not all, but some, probably did. Myself, my situation... from learning with my biological family, in the last few months, my adopted situation was just a little better than what my biological...situation had been... I mean, by the financial aspects. So, I think poverty and financial reasons is the answer.

21- Can you give us a number of children that were adopted by Americans couples, between 1946 and 1974?

I can't.

22- Do you have any more information that you think can be helpful to this investigation?

Well, I know that... I know that all my biological mother's family...when she put me for adoption, one of his requests was that my name kept the same (Portuguese name) ... everything else from there is always a rush-rush. You know? Is like nobody talk about it, nobody says anything... I know when my brother try spoke with some members of the family, they kept very reserved, very quiet. When he mentions that I ... I appear, and all that... his facial expression said a lot, even they didn't say many words... he got the feeling they knew all what was going on...things like that. When I talk with my

biological mother, we...we do know that I born in hospital, I don't know which one...so, I did know that... She had a little bit of dementia... so get in all the truth is very, very difficult (thrilled).

The story that my mom (foster mother) told me is...is kind a correlation with the time line with my siblings, I was adopted and about 15 months later, show up a little girl in the house (base house), it was my supposedly sister... this probably little girl, brought by the housekeeper... that was supposedly my sister...but my mom didn't want to adopted...another child, at the time...so...there's a good chance that... that probably my biological sister...that's probably her, at that time... (very thrilled).

The one think that my mother (biological) said... she was afraid that I was angry with her... And I wasn't! ... And, once with my sister translating for us... the look that came over her face was just calm and relaxation, because she thought all these years that I was angry (thrilled) it brought her a lot of peace... (thrilled)... She... when... they (siblings) first told her, because I send a picture of the adoption paperwork's, I send a copy to my sister, with my mother signature on it, and she show it to my mother, and... she just chance. She knew what the papers was, she knew what the signature was... And then she starts asking questions: is he alive? Is he angry? Is he mad? This, that... and my sister tell her: I wasn't...She always thought I was angry, mad... I wasn't... (very thrilled).

Thank you very much for your collaboration.

Entrevista I

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Jack Sexo: M X F Idade: 51 Escolaridade: Ensino
médio
Profissão: Incapacitado Naturalidade: Terceira, Açores

(Adotados)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos da base das Lajes na população terceirense?

Talvez, não tenha resposta para isso, porque deixei a ilha quando era muito novo. Eu tinha 4 anos quando parti...então, eu não sei muito sobre isso ... para além dos filmes de 8 mm que vi ... de minha mãe e de meu pai.

E já visitou a ilha alguma vez?

Não, eu nunca fui.

2- Que vantagens encontra na vinda dos norte-americanos para a Terceira? E desvantagens?

Eu não tenho uma opinião direta sobre isso.... Quero dizer, eu vejo ambas... Positivas e negativas...Ter a Base lá era bom para a economia, mas...O que eu aprendi sobre isso.... Foi também o separar e destruir de muitas famílias.

Porque diz isso?

Porque fui um destes casos, eu fui separado da minha família e senti... Quando descobri, que fui adotado... sentia falta de algo. Então, acho que a presença americana foi boa para a economia da ilha, mas negativa para muitas famílias.

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Eu acho que para as famílias da ilha... Eu sei que meus pais quando estavam lá tínhamos uma empregada doméstica e ama... E é assim que eles ajudavam... então... Eles ajudavam a economia dando emprego a algumas pessoas da ilha... enquanto estiveram lá.

4- Acha que os americanos ajudavam a população local?

Definitivamente.

Pode descrever algum episódio?

Não me lembro. Eu era tão novo quando saí da ilha.

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Oh, definitivamente.

Que influência teve na sua vida?

Não sou.... Fui criado como uma criança americana. Quando tinha 9 ou 10 anos percebi... eu era realmente português. Quando descobri que tinha sido adotado... então... comecei a aprender e a compreender isso melhor.

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Ah!... As melhores lembranças da minha família norte-americana (emocionado) ... certas coisas quando... que fazíamos juntos como uma família, íamos ao parque, coisas assim e outras coisas ... essas foram boas lembranças...

E tem memórias da Terceira?

Eu tenho algumas memórias daí, não muitas... Eu era muito novo, antes de partir...

E as menos boas?

Daí, não (sorrisos). Aqui... algumas.

Parte II – Adoção

7- Que idade tinha quando foi adotado?

Dois dias. Em 1968

8- Porque acha que foi adotado?

Tentamos juntar as peças para solucionar... com a minha família...e tudo mais... Eles não dizem muito, mas... o pouco que consegui descobrir É que alguém da minha família biológica.... Basicamente disseram-lhe que ela não podia criar o filho...E que seria melhor para o filho ir com os pais americanos, ele teria uma vida melhor.... Nós

ainda... ainda tentamos encontrar alguém... outro familiar, como...tios, o resto da família que eu ainda não conheci...E ouço as histórias deles, e abordo isso.... É tudo à pressa.

Os meus irmãos nunca souberam que eu existia (emocionado). A única filha, a única irmã...A sua madrinha, quando ela tinha 7 ou 8 anos, disse-lhe “sabes que tens um irmão. Ele foi dado para adoção.” E todos pensaram... a tua mãe deu o teu irmão e...e a restante família não acreditou, eles disseram: é só uma história que ela está a contar.

9- Lembra-se do dia da adoção?

Não...era muito novo.

E alguém já lhe falou sobre esse dia?

Não. Quando finalmente conheci a minha mãe biológica, ela ficou muito calada e em silêncio, não falava sobre ter dado uma criança para adoção... Ela não fala sobre isso... o silêncio significa alguma coisa.

10- Como foi a separação da sua família biológica?

Não me lembro. Sei que estive com a minha família biológica, cerca de um ano, antes de a adoção ser finalizada.

11- Manteve contacto com a sua família de origem? Sim ____ Não__X

Os seus pais adotivos não permitiram que mantivesse contacto com a família biológica?

Não. Não houve contacto. Encontrar a minha família biológica foi uma grande ajuda.

12- Antes de partir para os Estados Unidos viveu na Base com a sua família adotiva?

Nós realmente vivemos numa casa na Base.

E lembra-se de quanto tempo viveu na Base? Antes de partir para os EUA?

Vivemos lá quase 4 anos.

13- Teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que sentiu?

Não. Como eu disse, eu fui criado como uma criança americana.

14- Como soube e quando soube que foi adotado?

Foi a minha mãe (mãe adotiva) que me contou... Eu não me lembro exatamente quando foi..., mas lembro-me da minha mãe me contar... e... nós estávamos sentados a falar sobre isso... eu acho que encontrei algo ou fiz algumas perguntas... porque eles tinham muitas... eles tinham muitas... coisas penduradas em casa, de Portugal, como coisas de touradas... eu tenho um par de bandarilhas... que eles tinham... eu tenho muitas coisas destas... eles tinham diferentes coisas dos Açores... eu continuo a tê-las.

15- Tem contacto/conhece a sua família biológica?

Agora tenho.

Como é a vossa relação?

Oh! Ótima (sorrisos).

Como mantêm o contato?

Eles (irmãos) estão todos em Toronto, Canada. Apenas primos e família distante ficaram na Terceira. Eu apenas encontrei a minha família biológica o ano passado. E... desde isso que falamos todos os dias. Falamos pelo “WhatsApp”, por vezes a família toda, outras vezes individualmente. Pouco antes do Natal, o ano passado, passamos 4 ou 5 dias lá... e conheci todos, cara a cara (emocionado). Eu tenho 5 irmãos. Tenho um irmão mais velho, tenho um irmão mais novo e 3 irmãs. A irmã com idade mais próxima da minha, dista 15 meses, foi ela, quando nos conhecemos... eu via-a primeiro, e foi a ligação mais forte que alguma vez tive em muito tempo (emocionado) ... foi apenas... Não consigo definir.

Comecei este processo há 20 anos, com a minha ex-mulher. Ela tinha família na ilha, e eles tentaram falar com o advogado que tinha tratado da adoção..., mas ele não disse nada... ele não se saiu com nada... então eu basicamente comecei a recordar-me... Eu podia ter encontrado uma grande pedra, ou algo parecido...talvez uma família assustadora, que não falasse inglês..., mas eu tive muita sorte, eu encontrei-a (emocionado) ... eu tinha uma família para olhar por mim...

16- Como foi o processo de adoção? Onde decorreu o processo? Nos Açores ou no país de acolhimento?

Foi tudo feito nos Açores. Eu tenho toda a documentação.

Foi legalizado?

Pelo que sei, foi tudo legalizado... porque eu sou naturalizado cidadão americano.

17- Sabe como os seus pais adotivos tiveram conhecimento que a sua família biológica tinha uma criança para adotar? Como foi feito o contato entre as famílias?

Oh, não, não. Pelo que percebi, isto é uma história...é do tipo... juntar peças.

Quando a minha mãe esteve lá, ela queria ter um filho ou adotar um filho... e basicamente ela não conseguia. Então a empregada doméstica sabia que ela queria adotar uma criança e... alguns dias depois eu apareci à porta (risos). A minha mãe (adotiva) guardou os documentos da adoção. Ela até tinha o recibo do advogado que tratou da adoção. Eu tenho muitos documentos. Eu sei isso... eu sei que a família da minha mãe biológica... quando ela me deu para adoção o seu único pedido foi que mantivessem o meu nome de nascença: (nome em português)

18- Que tipo de adoção tem? Plena ou restrita?

Plena... pelo que sei.

19- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos?

Não. Não sei.

20- Porque acha que as famílias biológicas entregavam as crianças aos norte-americanos? Que razões aponta como justificação da sua entrega para adoção?

Eu acho que as famílias pensavam que as crianças que deixavam a ilha por uma situação melhor. Não todas, mas algumas, provavelmente foi. Eu próprio, a minha situação... pelo que soube com a minha família biológica, nos últimos meses, a minha situação de adotado foi um pouco melhor que a minha situação... biológica teria sido... quer dizer, no aspeto financeiro. Então, eu penso que a pobreza e as razões financeiras são a resposta.

21- Consegue fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos, entre 1946 e 1974?

Não consigo.

22- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Bem, do que sei... sei que toda a família biológica da minha mãe... quando ela me deu para adoção, um dos pedidos foi que mantivessem o mesmo nome: (nome

português) ... tudo o resto é sempre á pressa. Sabe como é? É como se ninguém falasse sobre isso, ninguém diz nada... eu sei quando o meu irmão tentou falar com alguns familiares, eles mantiveram-se muito reservados, muito calados. Quando ele referiu que eu... eu apareci e tudo mais... as expressões faciais disseram muito, mesmo que eles não tenham dito muitas palavras... ele teve a sensação que eles sabiam de tudo que se tinha passado... coisas assim. Quando eu falei com a minha mãe biológica, nós... nós sabemos que nasci num hospital, não sei qual... então eu saba isso... Ela tinha um pouco de demência... então chegar à verdade é muito, muito difícil (emoção).

A história que a minha mãe (adotiva) contou-me é... é como uma correlação com a linha temporal dos meus irmãos. Eu fui adotado e aproximadamente 15 meses depois, apareceu uma menina na casa (casa da Base), era supostamente minha irmã... provavelmente esta pequena menina, trazida pela empregada doméstica... era supostamente minha irmã..., mas minha mãe não a quis adotar... outra criança ao mesmo tempo...então...há uma boa probabilidade que...que provavelmente tenha sido a minha irmã biológica... provavelmente era ela, no momento... (muito emocionado).

A única coisa que a minha mãe (biológica) disse...ela tinha medo que eu estivesse zangado com ela... eu não estava!... e, uma vez com a minha irmã a traduzir para nós...o olhar dela foi de calma e descanso, porque ela sempre pensou, todos estes anos que eu estava zangado (emoção) trouxe-lhe muita paz... (emoção)...ela...quando...eles (irmãos) primeiro falaram com ela, porque eu mandei uma fotografia dos documentos da adoção, eu mandei uma cópia para minha irmã, com a assinatura da minha mãe, ela mostrou-lhe e...ela simplesmente mudou. Ela sabia o que eram os papéis, ela sabia o que era a assinatura... e depois ela começou a fazer perguntas: ele está vivo? Ele está zangado? Ele está furioso? Isto e aquilo... e a minha irmã disse-lhe: eu não estava... ela sempre pensou que eu estava zangado, furioso...eu não estava... (muita emoção).

Muito obrigada pela colaboração.

Interview II

**The social impact of the North American presence in Terceira island, Azores
during the period of Estado Novo (1933-1974).**

Name: Susan **Gender:** M ☐ F ☒ **Age:** 61 **Schooling:** High
School
Job: Disable **Place of birth:** S. Jorge, Azores

(Adopted)

Part I –General character

1- In your opinion what was the influence of the North American presence in Lajes Base on the terceirense population?

I don't have any opinion about that. I left Azores with a few weeks old.

2- And you have any opinion about the advantages of the North Americans coming to Terceira? And disadvantages?

I don't know.

3- What do you think that North Americans did for the low-income families of the Island? Specially for children and younger people?

I know that lot of people worked for Americans. **And do you think this is a way to help the low-income families?** I think it's a way...a financial way.

4- Do you think that Americans helped the local population?

I don't know...

5- Was your life influenced by the North American presence in the island?

Of course, yes (laughs).

How?

I had a very unusually life. The people that adopted me... He was retired of the US Government... So, we went to Germany about 5 years, and we did travel a lot. That's a think I... I'll never had the chance of doing there...

Betrayal of the things I... I had a family! ... I knew I had brothers, but I never knew how many? Or where? I start looking them, when I was 18 years old, years and years...and I found my brother 4 years ago (thrilled).

6- What are the best memories you keep from the North Americans?

Oh!!! I got a lot of good memories... same bad memories, but a lot of good memories. I got and did a lot of things (smiles). Other way I wouldn't be able to do, travelling for several years, was one of them...They had money, so, I was spoiled (laughs). Yes, I got and do lot of things, otherwise...I would never had done.

And the worst memories?

My father was very abusive, not to me but with my mother... lot of fighting, lot of arguing.

Part II – Adopted

7- How old were you when you were adopted?

It was told me; I was about 2 months old...a little baby.

8- Why do you think you were adopted?

... There're two versions I heard. I grew up been told that my father (biological) couldn't handle a baby, he couldn't take care of me. My mother died of childbirth...of me... and my brothers were resentful about it, they didn't want me around... and then...After I get my adoptions papers and talk with my brother, I discover that an aunt had taken me... She worked for...the couple that adopted me...and...my father signed... He didn't know what he was signed... I heard two different stories ... I don't think he knew what he was signed... and I know, the couple I grew up with... for them there wasn't nothing that money couldn't buy...and I know, was always told me, that they spent a lot of money with my adoption...

9- I know you can't remember the day of your adoption. But someone told you about that day? How it was it?

No. Nobody told me about that, but I know I leaved S. Jorge and gone to Terceira. And my aunt take care of me in Terceira... I did understand that my aunt worked for the couple that adopted me. She was the maid...she knew they were looking for a baby to adopted, and... she arranged everything...she take care of all.

10- Did you keep contact with your biological family? Yes: ____ No: X

Your foster parents didn't allow you to kept contact with your biological family? Neither with your aunt?

No. I didn't knew where they were... they (foster parents) knew where they were..., but they didn't know who they were... everything was solved with my aunt and they didn't know anybody else. But they knew lot of information...they knew what my father did for living, that my mother died...the basically story...but the condition that happen, I don't know. And your foster parents allowed you kept contact with your aunt? No! No, they didn't.

11- Before you left to the USA did you live in Lajes Base with your foster family?

I don't know...I can't remember.

12- Did you have difficulties to adjust to a different country?

Not really. I don't know a lot. I was very, very young. I didn't remember anything, honestly. I'm a US citizen. I remember when I was about 5 years old, I went to the court and I raise my hand and I repeat after them, to come a US citizen, it was a big deal (laughs).

13- How do you know you were adopted?

They always told me, I was adopted, since I was very little. I knew I had brothers, was told me that my mother died birth me...and that's all they told me... and I knew I came from the Air Force Base, from Azores...was told me when I was very young. It was told...many of information. Was told me...I was adopted, where I came from...

When I was 18, I finally...they gave me the adopted file...and so...that's when I knew my name, where I was born... and things like that...so...

14- Do you have contact or know your biological family?

Just recently...about 4 years.

And how is your relationship?

I have a good relationship with my brother, as long as I can. It's hard, because we don't speak the same language. We talk a little bit...is hard...we don't talk the same language (emotion)...it's very hard...we talking in Facebook...it's difficult. I don't have computer, right now, is everything by telephone. Is very hard.

15- How was your adoption process? Was it legalized?

I'm not sure, but I had a passport to come to US...and as far as I know, it was a lawyer who take care of it... a lawyer handle of it.

Where was the process? Was it in the Azores or in another country?

Some of both. I had a portuguese passport for me... to come from the azores to US... and then, was in the court of US. So, I think that was legalized in USA.

16- Do you know how your foster parents knew your biological family? How was the contact made between families?

What was told me, it was my aunt...I don't know if it's my father's or my mother's sister... she works as maid and she knew that they want to adopted a child... and when I was born, she talks to them about it...it was all set up...it was told me, this happen because my mother died and my father didn't know how raise a baby... and he already had several boys, and he didn't want a girl... That was I grew up, hearing...this was what I grew up believing.

17- What kind of adoption did you have? Full or restricted?

I think it was a full adoption. I never had any contact with my biological family.

18- Do you know of other occurrences of north-american adoptions? Yes or no?

Yes.

How many?

Some. I talk with some people in Facebook, and they are also from Azores. A couple of people, I met on Facebook, but I don't really know them...we just talking. I know about 3 or 4, but I think it was a large number of children that came to USA from Azores.

19- All the other occurrences that you know of, were they legal? In that cases they weren't how did the adopted person leave Portugal?

As far as I know, they were legal. But I know just a few cases.

20- Why do you think the biological families delivered children to north-american couples?

I'm sure that some of them thought they gave them for a better chance for the children's...Americans had more money to took care of the child's...

What do you think were the reasons they had to deliver you over to adoption?

Poverty. I think that somebody paid for those children. It was always told me that I cost about 5 thousand dollars... to adopted me. I don't know who the money went to.

21- Can you give us a number of children that were adopted by americans couples, between 1946 and 1974?

Oh...no.

22- Do you have any more information that you think can be helpful to this investigation?

I went to the Azores in 1974, when we came from Germany... my father took me to meet Azores... So, I could see where I was born... we were in every island, except the one I was born of... And was the once that my mother had afraid to travelling... She traveled everywhere. She stays in USA and my father took me there, just the two of us... Then we return to USA...

A couple years before that, a woman in Azores was accused of kidnapping to take a child... I don't know if she (foster mother) had afraid to go back... She died before I had the chance to found out... I didn't have the chance to ask her...something wasn't right...always missing something...

It was hard...it was hard knowing that I had a brother and I couldn't found them. And I was growing up lonely, all my childhood...And I wanted so bad, found them...I remember begging to my parents to adopt my brothers also. I was about 7 years old. I couldn't understand why they didn't adopt my brothers too... I was the only child, so I was very spoiled (smile)...

I know that finding him was more than I ever expect to happen...being able to talk to him, knowing what he's doing... is more than I even thought I would have. I know I have that. So, he is the truth that I have... and I love him very much...

Thank you very much for your collaboration.

Entrevista II

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Susan Sexo: M ☐ F ☒ Idade: 61 Escolaridade: Ensino médio
Profissão: Inválida Naturalidade: S. Jorge, Açores

(Adotados)

Parte I – Caráter Geral

- 1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos da base das Lajes na população terceirense?

Eu não tenho opinião sobre isso. Eu deixei os Açores com poucas semanas de vida.

- 2- Que vantagens encontra na vinda dos norte-americanos para a Terceira? E desvantagens?

Eu não sei.

- 3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Eu sei que muitas pessoas trabalharam para os americanos.

E acha que isso era uma ajuda para as famílias carenciadas?

Acho que era uma maneira...uma maneira financeira.

- 4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Eu não sei.

- 5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira? Como?

Claro que sim (risos).

Como?

Eu tive uma vida muito incomum. As pessoas que me adotaram... ele era reformado do Governo do Estado Unidos.... Então, nós fomos para a Alemanha cerca de 5 anos, e viajamos muito. Isto é uma coisa que eu... eu nunca teria tido a oportunidade de fazer aí...

Traição das coisas que eu... Eu tinha uma família! Eu sabia que tinha irmãos, mas nunca soube quantos? Ou onde? Eu comecei a procurar por eles, quando tinha 18 anos, anos e anos... e eu encontrei o meu irmão há 4 anos (emocionada).

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Oh!!! Eu tenho muitas boas memórias...algumas más, mas muitas boas memórias. Eu tive e fiz muitas coisas (sorrisos). De outra forma não teria sido capaz de fazer: viajar vários anos, foi uma delas... Eles tinham dinheiro, então, eu fui mimada (risos). Sim, eu tive e fiz muitas coisas que de outra forma...eu nunca teria feito.

E as menos boas?

Meu pai era muito abusivo, não comigo, mas com a minha mãe...muitas brigas, muitas discussões.

Parte II – Adoção

7- Que idade tinha quando foi adotado?

Foi-me dito que eu tinha dois meses de idade... um bebé pequeno.

8- Porque acha que foi adotado?

... Eu ouvi duas versões. Eu cresci a ser-me dito que o meu pai (biológico) não era capaz de cuidar de um bebé, ele não podia cuidar de mim. Minha mãe morreu de parto...de mim... Depois de ter os meus documentos da adoção e falado com meu irmão, eu descobri que uma tia me tinha levado...Ela trabalhava para...o casal que me adotou...e...meu pai assinou... Ele não sabia o que estava a assinar... e eu sei, que o casal com quem cresci...para eles não havia nada que o dinheiro não pudesse comprar...e eu sei, sempre me foi dito, que eles gastaram muito dinheiro com a minha adoção...

9- Eu sei que não se lembra do dia da sua adoção. Mas alguém lhe contou algo sobre esse dia? Como é que foi?

Não. Ninguém me falou sobre isso, mas eu sei que deixei S. Jorge e fui para a Terceira. E a minha tia tomou conta de mim na Terceira... Eu percebi que a minha tia trabalhou para o casal que me adotou. Ela era a criada... ela sabia que eles estavam à procura de um bebé para adotarem, e... ela arranhou tudo... ela tratou de tudo.

10- Manteve contacto com a sua família de origem? Sim _____ Não: X

Os teus pais adotivos não permitiram que mantivesse contato com a sua família biológica? Nem com a sua tia?

Não. Eu não sabia onde estavam... eles (pais adotivos) sabiam onde eles estavam..., mas não sabiam quem eram...foi tudo resolvido com a minha tia e eles não conheciam mais ninguém. Mas eles tinham muita informação... eles sabiam o que o meu pai fazia para viver, que a minha mãe tinha morrido de parto... o básico da história..., mas as condições em que aconteceu, eu não sei.

E os seus pais adotivos permitiram que mantivesse contato com a sua tia? Não!
Não deixaram.

11- Antes de partir para os Estados Unidos viveu na Base com a sua família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Não sei... Não me lembro.

12- Teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que sentiu?

Nem por isso. Não sei muito. Eu era muito, muito nova. Não me lembro de nada, honestamente. Sou cidadão dos Estado Unidos. Lembro-me quando tinha cerca de 5 anos, fui ao tribunal ergui a minha mão e repeti depois deles, para ser cidadã dos Estados Unidos, foi uma grande coisa (risos).

13- Como soube e quando soube que foi adotado?

Eles sempre me contaram que eu era adotada, desde muito pequena. Eu sabia que tinha irmãos, foi-me dito que a minha mãe morreu no meu parto... e foi tudo o que eles me contaram...e eu sabia que tinha vindo da Base da Força Aérea, dos Açores... foi-me dito quando era muito pequena. Foi-me dito...muitas informações. Foi-me dito... Eu era adotada, de onde eu vinha...

Quando tinha 18 anos, finalmente...eles deram-me o meu processo de adoção...e então... foi quando eu soube o meu nome, onde tinha nascido... e coisas assim... então...

14- Tem contacto/conhece a sua família biológica?

Apenas recentemente... cerca de 4 anos.

E como é a vossa relação?

Eu tenho uma boa relação com o meu irmão, quanto possível. É difícil, porque não falamos a mesma língua. Falamos um pouco...nós não falamos a mesma língua (emoção) ... é muito difícil... falamos pelo Facebook... é difícil. Eu não tenho computador, agora, é tudo por telefone. É muito difícil.

15- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado?

Não tenho a certeza, mas tinha um passaporte para vir para os Estados Unidos... e pelo que sei, foi um advogado que tratou disso... um advogado resolveu isso.

Onde decorreu o processo? Nos Açores ou noutro país?

Nos dois. Eu tenho um passaporte português... para vir dos Açores para os Estados Unidos... e depois foi no tribunal dos Estados Unidos. Então, penso que terá sido legalizado nos EUA.

16- Sabe como os seus pais adotivos tiveram conhecimento que a sua família biológica tinha uma criança para adotar? Como foi feito o contato entre as famílias?

O que me foi dito, foi a minha tia... Eu não sei é irmã do meu pai ou da minha mãe... Ela trabalhava como criada e sabia que eles queriam adotar uma criança... e quando nasci, ela falou com eles sobre isso... foi tudo combinado... foi-me dito, que isto aconteceu porque a minha mãe morreu e meu pai não sabia como cuidar de um bebé... e ele já tinha vários rapazes, e não queria uma rapariga... Foi isso que cresci a ouvir... cresci a acreditar nisso.

17- Que tipo de adoção tem? Plena ou restrita?

Penso que foi uma adoção plena. Nunca tive qualquer contato com a minha família biológica.

18- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Sim ou não?

Sim.

Quantos?

Alguns. Eu falo com algumas pessoas no Facebook, e eles também vieram dos Açores. Algumas pessoas. Eu conheci no Facebook, mas não as conheço na realidade... nós apenas falamos. Eu sei cerca de 3 ou 4, mas penso que terá sido um número grande de crianças que vieram para os EUA dos Açores.

19- De todos os casos de que tem conhecimento foram legalizados? No caso de não terem sido, sabe como estas crianças saíam do país?

Pelo que sei, eles foram legais. Mas conheço poucos casos.

20- Porque acha que as famílias biológicas entregavam as crianças aos norte-americanos?

Tenho a certeza de que alguns pensaram que as crianças teriam melhores oportunidades... americanos tinham mais dinheiro para criarem as crianças...

Que razões aponta como justificação da sua entrega para adoção?

Pobreza. Eu acho que alguém pagou por essas crianças. Sempre me foi dito que custei 5 mil dólares...para adotarem-me. Eu não sei para quem foi o dinheiro.

21- Consegue fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos, entre 1946 e 1974?

Oh... não.

22- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Eu fui aos Açores em 1974, quando viemos da Alemanha... meu pai levou-me para conhecer os Açores Então eu pude ver onde nasci... fomos a todas as ilhas, exceto aquela onde nasci ... E foi a primeira vez que minha mãe teve medo de viajar... Ela viajou por toda a parte. Ela fica nos EUA e meu pai levou-me lá, apenas nós dois... Depois voltamos para os EUA...

Alguns anos antes, uma mulher nos Açores foi acusada de raptar uma criança... Não sei se ela (mãe adotiva) teve medo de voltar... Ela morreu antes que eu tivesse a oportunidade de descobrir... eu não tive a oportunidade de lhe perguntar ... algo não estava certo... faltava sempre alguma coisa ...

Foi difícil... foi difícil saber que tinha um irmão e não o encontrava. E eu cresci sozinha, toda a minha infância... E eu queria tanto, encontrá-los... Lembro-me de implorar aos meus pais para também adotarem os meus irmãos. Eu tinha cerca de 7 anos. Eu não conseguia perceber porque eles não adotaram também os meus irmãos ... eu era a única filha, então fui muito mimada (sorrisos) ...

Eu sei que encontrá-lo foi mais do que esperava que acontecesse... poder falar com ele, saber o que ele faz ... é mais do que eu pensava que teria. Eu sei que tenho isso. Então, ele é a verdade que eu tenho... e eu amo-o muito...

Muito obrigada pela colaboração.

Interview III

The social impact of the north American presence in Terceira island, Azores during the period of Estado Novo (1933-1974).

Name: Joseph **Gender:** M X F **Age** 48 **Schooling:** High School and some college **Job:** Manager **Place of birth:** Terceira
(Adopted)

Part I –General character

1- In your opinion what was the influence of the north American presence in Lajes Base on the terceirense population?

... A lot of jobs. I assume they gave lots of jobs to Portuguese... in the Base. When my dad was station there... and they employed a maid that worked for them... So, I assume the Americans gave lots of jobs... But I am not so sure if the Americans interacting with the Portuguese... outside of the Base... I never heard my parents talk about that... or neither if they went to outside Base...but they had a Portuguese maid.

But I don't know a lot about the influence of the Americans in Portuguese community. So, my answer is employed Portuguese... jobs.

2- What advantages do you find in the north Americans coming to Terceira?

I think... to the military... because they...because the island was a very strategic place... helped the Portuguese Forces... it was good... economically for the island, and the Portuguese, you know, helped the Portuguese, employed Portuguese, helped the economy... But I think it was very important to... for both sides. For Portuguese but for Americans too.

And disadvantages?

... The most negative think... I think... maybe the Americans take advantages from de Portuguese as far as ... knowing that... you know, backing to the 60's, and early 70's... because there wasn't much money, for example, to medical care, and Americans had money and they take advantages of that... and I think lots of Americans adopted lots of children because it was cheap, and they had the money...

I always wondered why my mother (biological)... you know, put me for adoption. But now I understand why... she put me up for adoption. But I also know... the Americans knew that was so easy and cheap to get a child...it wasn't the adoptions

of our days. No. It takes a year or two to adopt a child, thousands of dollars, you know... In that time, a couple of hundred dollars and they get the child... so... I think they take advantages from Portuguese...

3- What do you think that north Americans did for the low-income families of the Island? Specially for children and younger people?

Well... talking with my dad, like I said... he and my mother employed a lady from the island... to work at their house, a maid... clean the house, cook, helping take care of the children's... you know... They helped poor people and my mother's (adoptive) friend also had a maid... was very cheap, a maid, 15 or 16 dollars a month... which is nothing... but I guess, back in that time, it was a lot of money...

4- Do you think that Americans helped the local population?

I assume they helped people, specially by the economics ways... helped employing people and stuff like that.

Can you describe any episode?

My dad told me that they used to give some things to the maid, like food, candies... you know, stuff like that... He always said that she as very friendly. They said when they went out the Base, there's a bakery... they used to go their lot of times... So, I know they shopped outside... that was good for economy... so... you know... I don't know a lot, but if my parents did that, I assume that other militaries and his families did too.

**5- Was your life influenced by the north American presence in the island?
How?**

My life? Oh yeah! (Laughs)... I grew up here, very, very poor. We were very poor. When I was 17 years old, I left the house and join to the military... I was military for 14 years... and the military life helped me a lot... I went to school...went to college... And when I got out of the military... I had other jobs, good jobs...

Yes, influenced me a lot... you know. I always wondered about where I came from...and you know, I never knew that I had a sister...

I found out 4 days ago that I had another brother and another sister of my father side, so... this have been, very... shocking...it been a lot to take... (Thrilled).

6- What are the best memories you kept from the north Americans?

I left Terceira when I was very young. I don't remember...

I live in a small peaceful country, we know everybody, all very nice people... but about that time frame, I don't have memories of north Americans. I'm an American too... I like to live in a small town, and I really like... I went to New York and I saw in one day in New York, more people than I see here in two months (Laughs). I have a very quiet life.

And the worst?

Maybe, when I went to war. That was very bad. But my worst memories happened here in US... My childhood was not very good, my mother was very abusive... my adoptive mother... that's the reason I left home when I was 17... I left, you know...we didn't talk for 10 years... and then finally we talk... and she changed, she changed a lot. That's good! But my childhood was very abusive... my mother was very, very straight... you know, very straight... if she says to you do something, you do it right now, right there... and it's better to be perfect... you know...I didn't have a good childhood, so...

Part II – Adoption

7- How old were you when you were adopted?

I was 9 months old.

8- Why do you think you were adopted?

At first... I thought I was adopted because... I thought my mom did not want me... you know... but I know now, it's totally different, because I know my mother was sick... and she was dying... and she wanted what was the best for me... you know... and adoption was the best... the best option, because my mother... What I heard, my mother (biological) was alcoholic... and when I was little... I just found out later, that was not true.

But, I understand, now, why she put me up for adoption... she was very, very sick, and she knew she was dying... and she wanted a better life to me... It was the best thing, even... I had a very hard life... a very rough life...it was the better for all of us... better than I am staying on the island... If I was her, I would have done the same think...

9- I know you don't remember the day of your adoption, but do you know something about that day? Or someone told you about that? Can you describe us?

I know what my sister told me and for what my adopted mother told me, and my "tia" told me. The day they got... I know that my sister did not want that I go, she yelled with my mother (adoptive)... My aunt told me that was very quick... a very quick moment... And was the last time that my family saw me (thrilled)...It was very rude...I think they thought that was for the best for all... I don't remember. I was very young. So... this is what they told me.

My adopted mother told me that they tried to adopt my sister (biological) too, but they couldn't because my mother's (biological) brother, who adopted my sister... didn't allowed to take my sister too, because she spoke Portuguese and... she did not spoke English, so...they (biological family) did not let they (adopted parents) adopted her too... She was older... they said something about her age, and she spoke Portuguese, and she wouldn't understand any English... and other stuffs, you know... so it was better adopted only me... (Thrilled).

But my adopted parents adopted another child at the same time ...

10- And about the separation between you and your biological family, someone talked about that? Do you know how it happen?

The only think that I know is what my sister (biological) told me... and my "tia" said to me...it was all very fast, very... you know... matter of fact is like... bang, bang, bang... and it was it...

I didn't know nothing about my mother (biological), I didn't know nothing about my father... it had told me when I grow up, that my mother dies when she was birth me... that is not true!... And I heard that my father had die also... that's not true either! My father still alive... So, they (adopted parents) didn't tell me the true, they lied... They never told me that I had a sister (biological)... They never told me nothing about my adoption, nothing about my adoption papers... I only had my papers when I join to the military and I started find out my adoption papers... I found the paperwork when I was 16 years old... My story of adoption, it had told me 3 different versions and none of them where even close to the truth. An amazing man from Terceira brought me close to the truth. I also found out that I have a sister ...

It had told me that the girl they adopted at the same time as me, that she was my real sister that's not true!... you know... she was just another local girl that they adopted... It was always told me that we had the same mother and the same father... everything... you know. So, they lied about everything about my adoption... So, I don't know very much, but I know, it wasn't... it was very fast, it was like... everything happened so fast, and... it was it.

I found the paperwork when I was 16 years old... My story of adoption, it had told me 3 different versions and none of them were even close to the truth. An amazing man from Terceira brought me close to the truth. I also found out that I have a sister that still lives in our island, and she is younger as me...

11- Did you keep contact with your biological family? Yes _____ No X

12- Before you left to the USA did you live in Lajes base with your foster family? How long did you live in the base before leaving the Azores?

No. We left immediately. In the same day.

13- Did you have difficulties to adjust to a different country?

No, as I said, I was very young.

14- How do you know you were adopted?

I knew something was wrong... When I was growing up. Because I was very darker and my brothers and sisters... my skin was darker (laughs)... and I knew something, you know... something was up... and my oldest brother someday told me and my sister... probably when I had 7 or 8 years old, that we were adopted. My oldest brother told us. And... then we ask to our mom, and she said, yes, we were adopted, and our mom (biological) died when she births me, and... she said me and my sister we were adopted there together... you know... she wanted keep us together... But when I was 8 years old, she told me I was adopted.

I knew when I was younger then. Something was different. My skin was very, very darker and then skins was very white (laughs)... something was missing.

15- Do you have contact or know your biological family?

Yes. Now I have a sister, lots of cousins, second cousins, my aunt. So, I have a big family now. They are all very nice people...

And how is your relationship?

My relationship... with my sister and her family is pretty good. With my cousins, pretty good, you know... Me and my sister we talk every day... I don't use Facebook or Messenger to much... you know (laughs)... and she use Facebook a lot. She talks with my wife... I don't use those things... I'm from the old school (laughs). We use the phone... me and my sister we text all time and we call a lot... With my cousins we don't talk much... just in Thanksgiving, I call them, or on Christmas... I have been with my sister a few times, and she has been here a few times... so...

Did your foster parents allow you to keep contact with your biological family?

No. Like I said, I didn't know about my sister until 2 years ago, so... they didn't allow the contact with my biological family.

16-How was your adoption process? Was it legalized? Where was the process?

Was it in the Azores or in another country?

...I don't know much... I did not... everything is really crazy, because... my paperwork's missed up. My birthday in my adoption papers is different from the birthday that I knew... and when I went to... When I went to military, it was a big problem with my birthday, because is two different days... I did not have my citizenship until I had 17 years old... So, I didn't come a citizen of USA until 17... you know... it was...it was a lot of problems, because the birthday, was...

Has one month difference between the two dates... They said the reason I got... was because a lot of babies back in 70's did not register immediately the babies... and lot of babies die, so...And they only made my birth certification until... one month later.

Only I have is my adoption papers... my Portuguese birth certificate and... I don't have anything else.

This is what my adopted parents gave me ... when I join to the military, I had to have my papers to join to the military... and there was when I found out that kind of crazy puzzle.

And my sister (biological) is the same way. Are different days like me...you know... so... it's all that I know... is very little what I know about my adoption... you know. I only have one picture of me baby, just one until I have 6 or 7 years...

17-Do you know how your foster parents knew your biological family? How was the contact made between families?

... For what I understand is... they heard that adoption rate in Portugal was very high, you know... a lot of kids got adopted, and they were looking for adopt ...two more kids, and...

I think I was the maid that worked for my mother and dad... and told them... she knew my birth mother and that's how they found out. Through the maid, they knew that my mother (biological) was dying, and she had a child that she wanted to ... put up for adoption ... that's how they found out my biological family.

18-What kind of adoption did you have? Full or restricted?

I have no idea... I supposed is a full adoption, because I did not have any contact with my biological family...until now. So, I assumed it was a full adoption.

19-Do you know of other occurrences of north American adoptions? Can you describe other situations that you know?

I never knew this was a... big deal until recently. I never real knew this was a big issue until now. I knew my adopted sister; she was adopted with me. Our cases were the only ones that I ever knew about it. I never knew that was such a huge number of adoptions, until I found my sister, and knew my history...

20-All the other occurrences that you know of, were they legal? In case they weren't how did the adopted person leave Portugal?

No. After I found out my sister, and heard about other cases... I made some research about... adopted in Azores, and adopted in Portugal, adopted in Terceira... I made a lot of research about that... and for what I know, a lot was not legal... a lot was like the black market... some cases were illegal, some was like legal and illegal at the same time... that's the reasons are so hard to... a lot of people find out his families or reunited with the families... They can't find out documents, they can't found out this...they can't found out that... you know... they haven't no prove of...where they came from, or who they were... And if you don't have no proves, then... there's something illegal for sure. So, I don't think that all cases were legally done.

21-Why do you think the biological families delivered children to north American couples? What do you think were the reasons they had to deliver children over to adoption?

In generally, I think... they want to provide the best for his children, and...for what I understood, that... you know... is very hard to raise a family, specially if you have 2 or 3 kids, you know... with very, very little money... And I can understand... my son and my daughter, they are my pride and my joy, they are my heart, my life, and if I knew that I...could not, physically take care of them, I will want what is the best interest. And I think, that's what... a lot of Portuguese wanted to his sons... the best for the kids... I don't think this was... necessarily about money...they wanted their children had a better life... you know. Of course, there were some that made that because of money... but honestly, I think it was because they wanted the best for his kids... came to America, had a good life... and you know... don't have to worry about that... Probably broke those hearts, probably it was the hardest thing that they ever had to do...

22-Can you give us a number of children that were adopted by Americans couples, between 1946 and 1974?

If I have to guess... I tell 10 thousand... I don't know. It's a big number, that's I'm sure, you talked about 30 years of adoptions... So, I think it was a big number.

23-Do you have any more information that you think can be helpful to this investigation?

A lot of people like me or my sister, in my situation right now... or lot of people like me, was in my situation, where I was 2 years ago... not knowing... and reconnect the family... sometimes it works, sometimes it doesn't, you know...

But I think we need to know, and still together... make sure that people know this happened, because there's lot of people out there, just like me... you know... that don't know who they are or even know their histories, don't know the background, you know...don't know anything... But I tell you, is unpriceless, I have my family now...I have my sister in my life... now... (Thrilled) and her family too...it's unpriceless. You can't put money in something like that...So, you must keep your work, don't let people forget this happen...let more people knows this happened, and maybe get to other persons like me, and help them understand his histories... please keep doing your

research and thank you for doing that. The better it will be... and the truth, all truth it will be come out...

Thank you very much for your collaboration.

Entrevista III

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Joseph Sexo: M X F Idade: 48 Escolaridade: Ensino Médio e alguns anos de universidade Profissão: Gerente Naturalidade: Terceira .

(Adotados)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos da Base das Lajes na população terceirense?

... Muitos empregos. Suponho que deram muitos empregos aos portugueses...na Base. Quando meu pai lá estava... e, eles empregaram uma criada para trabalhar para eles... então, suponho que os americanos deram muitos empregos... Mas, não tenho a certeza se os americanos

Mas, não tenho certeza se os americanos interagiam com os portugueses... fora da Base... Nunca ouvi meus pais falarem sobre isso... nem se eles iam para fora da base... mas eles tinham uma criada portuguesa.

Mas, eu não sei muito sobre a influência dos americanos na comunidade portuguesa. Então, a minha resposta é dar empregos aos portugueses... Empregos.

2- Que vantagens encontra na vinda dos norte-americanos para a Terceira? E desvantagens?

Eu acho... para os militares... porque eles... porque a ilha era um lugar muito estratégico... ajudou as Forças Portuguesas...foi bom... economicamente para a ilha, e para os portugueses, sabes, ajudaram os portugueses, empregaram portugueses, ajudaram a economia..., mas acho que era muito importante para...ambos os lados. Para os portugueses, mas para os americanos também.

E desvantagens?

... O mais negativo... Eu acho... talvez os americanos tirem vantagens dos portugueses, tanto quanto...sabendo que... sabes, voltando aos anos 60, e início dos anos 70... porque não havia muito dinheiro, por exemplo, para cuidados médicos, e os

americanos tinham dinheiro e eles tiraram vantagem disso...e eu acho que muitos americanos adotaram muitas crianças porque era barato, e eles tinham o dinheiro... Sempre me perguntei porque é que a minha mãe (biológica)... sabes, me deu para adoção. Mas agora entendo porque...me deu para adoção. Mas eu também sei... os americanos sabiam que era tão fácil e barato ter um filho...não era a adoção dos nossos dias. Não. Leva um ano ou dois para adotar uma criança, milhares de dólares, sabes... Nesse tempo, algumas centenas de dólares e eles tinham a criança.... Então... acho que eles tiraram vantagens dos portugueses...

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha?

E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Bem... em conversa com meu pai, como eu disse... ele e minha mãe empregaram uma senhora da ilha... para trabalhar em sua casa, uma empregada... limpar a casa, cozinhar, ajudar a cuidar das crianças... tu sabes... Eles ajudavam pessoas pobres e uma amiga da minha mãe (adotiva) também tinha uma empregada... era muito barato uma empregada, 15 ou 16 dólares por mês... o que não é nada..., mas acho que naquela época, era muito dinheiro...

4- Acha que os americanos ajudavam a população local?

Suponho que eles ajudaram as pessoas, em especial economicamente... ajudaram empregando pessoas e coisas assim.

Consegue-nos descrever algum episódio?

Meu pai disse-me que eles costumavam dar algumas coisas à empregada, como comida, doces... tu sabes, coisas assim... Ele sempre disse que ela era muito amigável. Eles disseram que quando saíam da base, havia uma padaria... eles costumavam ir lá muitas vezes.... Então eu sei que eles fizeram compras fora (da Base) ... isso foi bom para a economia.... Então... sabes... Não sei muito, mas se os meus pais faziam isso, suponho que outros militares e suas famílias também o fizessem.

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Como?

Minha vida? Oh sim! (Risos)... Eu cresci aqui, muito, muito pobre. Éramos muito pobres. Quando eu tinha 17 anos, saí de casa e fui para o exército.... Fui militar 14

anos... e a vida militar ajudou-me muito... Eu fui para a escola... fui para a universidade... E quando saí do exército... tive outros empregos, bons empregos...

Sim, influenciou-me muito... sabes. Sempre me perguntei de onde vinha... E sabes, eu nunca soube que tinha uma irmã...

Descobri há 4 dias que tinha outro irmão e outra irmã do lado do meu pai, então... isso tem sido, muito... chocante... tem sido muito... (Emocionado).

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Quando deixei a Terceira era muito novo. Não me lembro...

Eu vivo numa pequena e pacífica região, conhecemos todas as pessoas, todas as pessoas muito boas..., mas sobre esse período de tempo, eu não tenho memórias dos norte-americanos. Eu também sou americano...

Eu gosto de viver numa cidade pequena, realmente gosto... Fui a Nova York e vi num dia em Nova York, mais pessoas do que vejo aqui em dois meses (Risos). Eu tenho uma vida muito tranquila.

E as menos boas?

Talvez, quando fui para a guerra. Isso foi muito mau. Mas as minhas piores lembranças aconteceram aqui nos EUA... A minha infância não foi muito boa, a minha mãe era muito abusiva... a minha mãe adotiva... foi por isso que saí de casa quando tinha 17 anos... Eu saí, sabes... Não nos falamos durante 10 anos... e então finalmente falamos... e ela mudou, ela mudou muito. Isso é bom! Mas a minha infância foi muito abusiva... a minha mãe era muito, muito reta... sabes, muito direta... Se ela te disser para fazeres alguma coisa, é para fazeres agora, ali mesmo... e é bom que fique perfeito... sabes... Eu não tive uma infância boa, então...

Parte II – Adoção

7- Que idade tinha quando foi adotado?

Eu tinha 9 meses de idade.

8- Porque acha que foi adotado?

No princípio... pensei que tinha sido adotado porque... pensei que minha mãe não me queria... sabes..., mas eu agora sei, que é totalmente diferente, porque eu sei que minha mãe estava doente... e ela estava a morrer... e ela queria o que era melhor para mim...

sabes... e a adoção foi a melhor... a melhor opção, porque minha mãe... O que eu ouvi, a minha mãe (biológica) era alcoólica... e quando eu era pequeno... descobri mais tarde, que não era verdade.

Mas, eu entendo, agora, porque é que ela me deu para adoção... Ela estava muito, muito doente, e sabia que estava a morrer... e ela queria uma vida melhor para mim... foi a melhor coisa, mesmo... Eu tive uma vida muito difícil... uma vida muito dura.... Foi o melhor para todos nós... melhor do que eu ficar na ilha... Se eu fosse ela, teria feito o mesmo...

9- Eu sei que não se lembra do dia da sua adoção, mas sabe alguma coisa sobre esse dia? Ou alguém lhe falou sobre isso? Consegue-nos descrever?

Eu sei o que minha irmã me disse e pelo que a minha mãe adotiva me disse, e minha "tia" me contou. O dia em que eles... Eu sei que minha irmã não queria que eu fosse, ela gritou com a minha mãe (adotiva)... Minha tia disse-me que foi muito rápido... um momento muito rápido...E foi a última vez que minha família me viu (emocionado)... Foi muito rude... Acho que eles pensaram que era o melhor para todos... Eu não me lembro. Eu era muito novo. Então... Isto é o que eles me disseram.

A minha mãe adotiva disse-me que também tentaram adotar a minha irmã (biológica), mas não puderam porque o irmão (biológico) da minha mãe, o que adotou a minha irmã... não permitiu levar minha irmã também, porque ela falava português e... ela não falava inglês, então... eles (família biológica) não deixaram que eles (pais adotivos) a adotassem também... Ela era mais velha... eles disseram algo sobre sua idade, e ela falava português, e ela não entenderia qualquer inglês ... e outras coisas, sabes... então foi melhor adotar-me só a mim... (Emocionado).

Mas os meus pais adotivos adotaram outra criança ao mesmo tempo...

10- E a separação da sua família biológica, alguém lhe contou sobre isso? Sabe como isso acontece?

A única coisa que sei é o que minha irmã (biológica) me disse... e minha "tia" me disse... Foi tudo muito rápido, muito... sabes... Na verdade, é como... bang, bang, bang... e foi isso...

Eu não sabia nada sobre a minha mãe (biológica), eu não sabia nada sobre o meu pai... foi-me dito enquanto crescia, que minha mãe morreu ao meu nascimento... isso não é verdade!... E ouvi dizer que o meu pai também tinha morrido... Isso também não é

verdade!...meu pai ainda está vivo.... Então eles (pais adotivos) não me disseram a verdade, eles mentiram... Eles nunca me disseram que eu tinha uma irmã (biológica)... Nunca me disseram nada sobre minha adoção, nada sobre os meus papéis de adoção.... Eu só tive os meus papéis quando entrei para o exército e descobri os meus papéis de adoção.... Eu descobri os meus documentos quando tinha 16 anos de idade... A minha história da adoção, foi-me contada de 3 formas diferentes e nenhuma estava perto da verdade. Um impressionante homem da Terceira aproximou-me da verdade. Eu descobri que tinha uma irmã...

Foi-me dito que a rapariga que eles adotaram ao mesmo tempo que eu, que ela era a minha verdadeira irmã isso não é verdade!...sabes.... Ela era apenas outra rapariga local que eles adotaram... Sempre me disseram que tínhamos a mesma mãe e o mesmo pai... Tudo... sabes. Então, eles mentem sobre tudo da minha adoção... Então, eu não sei muito, mas eu sei, não foi... Foi muito rápido, foi como... tudo aconteceu tão rápido, e... era isso.

11- Manteve contacto com a sua família de origem? Sim_____ Não__X

12- Antes de partir para os Estados Unidos viveu na Base com a sua família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Não. Saímos imediatamente. No mesmo dia.

13- Teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que sentiu?

Não, como eu disse, eu era muito novo.

14- Como soube que foi adotado?

Eu sabia que algo estava errado... enquanto fui crescendo. Por que eu era muito mais escuro que os meus irmãos e irmãs...a minha pele era mais escura (risos)... e eu sabia que algo, sabes... algo se passava... e o meu irmão mais velho um dia disse a mim e à minha irmã... provavelmente quando tinha 7 ou 8 anos de idade, que éramos adotados. O meu irmão mais velho contou-nos. E.... então perguntamos à nossa mãe, e ela disse, sim, fomos adotados, e nossa mãe (biológica) morreu quando me deu à luz, e... Ela disse que eu e minha irmã tínhamos sido adotados juntos... sabes... Ela queria manter-nos juntos... Mas quando eu tinha 8 anos, ela disse-me que eu era adotado.

Quando era mais novo já sabia. Algo era diferente. A minha pele era muito, muito mais escura e as peles deles eram muito brancas (risos)... faltava algo.

15- Tem contacto/conhece a sua família biológica?

Sim. Agora tenho uma irmã, muitos primos, primos em segundo grau, minha tia. Então, agora tenho uma família grande. São todas pessoas muito boas...

Como é a vossa relação?

O meu relacionamento... com a minha irmã e a sua família é muito bom. Com meus primos, é muito bom, sabes... Eu e a minha irmã conversamos todos os dias... Eu não uso muito o Facebook ou o Messenger... sabes (risos)... e ela usa muito o Facebook.

Ela fala com a minha mulher... Eu não uso essas coisas... Eu sou da velha escola (risos). Usamos o telefone... eu e minha irmã mandamos mensagens a toda a hora e ligamos muito... Com meus primos não falamos muito... apenas no Dia de Ação de Graças, eu ligo para eles, ou no Natal... estive com minha irmã algumas vezes, e ela esteve aqui algumas vezes... então...

Os seus pais adotivos permitiram que mantivesse contacto com a família biológica?

Não. Como eu disse, eu só soube da minha irmã há dois anos atrás, então... Eles não permitiram o contato com minha família biológica.

16- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado? Onde decorreu o processo?

Nos Açores ou no país de acolhimento?

... Eu não sei muito... Eu não... é tudo muito louco, porque... os meus papéis desapareceram. O meu aniversário nos papéis de adoção é diferente do aniversário que eu conhecia... e quando eu fui para... Quando fui para o exército, foi um grande problema com meu aniversário, porque são dois dias diferentes... Eu não tive a minha cidadania até os 17 anos.... Então, eu não fui um cidadão dos EUA até os 17 anos... sabe... foi... foram muitos problemas, porque o aniversário, foi...

Há um mês de diferença entre as duas datas... Eles disseram-me que a razão pela qual eu tenho... foi porque muitos bebés nos anos 70, não registavam imediatamente os bebés... e muitos bebés morriam, então... E só fizeram a minha certidão de nascimento até... um mês depois.

Só tenho os meus papéis de adoção...a minha certidão de nascimento portuguesa e... não tenho mais nada.

Isto é o que meus pais adotivos me deram... Quando entrei para o exército, tive que ter os meus papéis para me alistar no exército... e foi quando descobri essa espécie de puzzle maluco.

E minha irmã (biológica) é igual. São dias diferentes como eu...sabes... então... é tudo o que eu sei... é muito pouco, o que sei sobre a minha adoção... sabes. Eu só tenho uma foto de mim bebé, só uma até eu ter 6 ou 7 anos...

17- Sabe como os seus pais adotivos tiveram conhecimento que a sua família biológica tinha uma criança para adotar? Como foi feito o contato entre as famílias?

... Pelo que eu percebo é.... eles ouviram que a taxa de adoção em Portugal era muito alta, sabes... muitas crianças eram adotadas, e estavam a tentar adotar... mais dois filhos, e...

Acho que foi a empregada que trabalhava para os meus pais... e disse-lhes... Ela conhecia a minha mãe biológica e foi assim que descobriram. Através da empregada, eles sabiam que minha mãe (biológica) estava a morrer e ela tinha um filho que queria... dar para a adoção ... foi assim que eles descobriram a minha família biológica

18- Que tipo de adoção tem? Plena ou restrita?

Não faço ideia... suponho que seja uma adoção plena, porque eu não tive qualquer contato com minha família biológica... até agora. Então, eu suponho que foi uma adoção plena.

19- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever outros casos que tenha conhecimento? Alguém da sua família foi adotado por norte-americanos?

Eu nunca soube, isso era um... grande número, até recentemente. Eu nunca soube que isso era um problema tão grande, até agora. Conhecia a minha irmã adotiva, ela foi adotada comigo. Nossos casos eram os únicos que conhecia sobre isso. Eu nunca soube que era um número tão grande de adoções, até que eu encontrei a minha irmã, e conheci a minha história...

20- De todos os casos de que tem conhecimento foram legalizados? No caso de não terem sido, sabe como estas crianças saíam do país?

Não. Depois que descobri a minha irmã, e ouvi sobre outros casos.... Fiz uma pesquisa sobre... adotados nos Açores, e adotados em Portugal, adotados na Terceira.... Pesquisei muito sobre isso... e pelo que eu sei, muita coisa não era legal... Muito era como o mercado negro... alguns casos eram ilegais, alguns eram legais e ilegais ao mesmo tempo... Essa é a razão por que é tão difícil de... muitas pessoas descobrirem as suas famílias ou de se reunirem com as famílias.... Eles não conseguem descobrir os documentos, eles não conseguem descobrir isso... eles não conseguem descobrir que... sabes... eles não têm nenhuma prova de... de onde vem, ou quem eram... E se não tens provas, então... há algo ilegal com certeza. Então, eu não acho que todos os casos foram legalizados.

21- Porque acha que as famílias biológicas entregavam as crianças aos norte-americanos? Que razões aponta como justificação da sua entrega para adoção?

No geral, eu acho... eles queriam dar o melhor aos seus filhos, e.... pelo que eu entendi, que... sabes... é muito difícil criar uma família, especialmente se tens 2 ou 3 filhos, sabes... com muito, muito pouco dinheiro... eu entendo... o meu filho e a minha filha, são o meu orgulho e a minha alegria, eles são o meu coração, a minha vida, e se eu soubesse que ... não podia, fisicamente, cuidar deles, queria o que era do maior interesse deles. E eu acho, isso é o que... muitos portugueses queriam para os seus filhos... o melhor para as crianças... Eu não acho que isso foi... necessariamente sobre dinheiro... eles queriam que as crianças tivessem uma vida melhor... sabes. Claro que houve alguns que fizeram isso por causa do dinheiro..., mas honestamente acho que foi porque eles queriam o melhor para os seus filhos ... vir para a América, ter uma boa vida... e sabes... não precisa preocupar-se com isso... Provavelmente partiu os seus corações, provavelmente foi a coisa mais difícil que eles já tiveram que fazer...

22- Consegue fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos, entre 1946 e 1974?

Se eu tiver que adivinhar...digo 10 mil.... não sei. É um número grande, tenho a certeza, falaste em 30 anos de adoções.... Então, eu acho que foi um número grande.

23- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Muitas pessoas como eu ou a minha irmã, na minha situação agora... ou muita “gente” como eu, estavam na minha situação, que eu estava há 2 anos atrás... não saber... e reaproximar-se da família... às vezes funciona, outras vezes não, sabes...

Mas acho que precisamos saber, e ficar juntos... certifique-se que as pessoas saibam que isso aconteceu, porque há muitas pessoas por aí, assim como eu... sabes... que não sabem quem são ou nem conhecem as suas histórias, não conhecem o fundo, sabe... Não sei de nada...

Mas eu digo-te, não tem preço, eu tenho agora a minha família... tenho a minha irmã na minha vida... agora... (Emocionado) e a família dela, também... Não tem preço. Não “há dinheiro que pague” uma coisa assim...

Então, tens que continuar o teu trabalho, não deixes que as pessoas esqueçam que isso aconteceu.... Deixar que mais pessoas saibam que isso acontece, e talvez chegar a outras pessoas como eu, e ajudá-las a entender as suas histórias... por favor, continue a sua pesquisa e obrigado por fazer isso. Quanto maior for.... e a verdade, toda a verdade virá à tona...

Muito obrigada pela colaboração.

Interview IV

The social impact of the North American presence in Terceira island, Azores during the period of Estado Novo (1933-1974).

Name: Alfred **Gender:** M ☒ X ☐ F **Age** 47 **Schooling:** High School

Job: First Driver **Place of birth:** Terceira, Azores

(Adopted)

Part I –General character

1- In your opinion what was the influence of the North American presence in Lajes Base on the terceirense population?

... I think it was a good thing... I think, them...militaries brought money for there...to Terceira and...lot of help...jobs...financial.

2- What advantages do you find in the North Americans coming to Terceira?

Economics, they bring a different culture, jobs... I believe the American culture stayed there...

And disadvantages?

... Yes...

Can you give me some examples?

I don't know. But I believe that they were not all good things.

3- What do you think that North Americans did for the low-income families of the Island? Specially for children and younger people?

They probably gave them money and food... some clothes...

I heard the Americans gave a lot of candies to Portuguese child, especially on Halloween...they made a big celebration to Americans and Portuguese child's...I heard stories...

4- Do you think that Americans helped the local population?

I think so...

Can you describe any episode, an example?

My adopted mom had a maid, like a nanny... she cleaned the house in change of money...

5- Was your life influenced by the North American presence in the island?

Yes.

How?

I heard that my biological mother was very, very poor, and couldn't take care of me... I think it was a good thing... I was adopted by a North American couple...family.

6- What are the best memories you keep from the North Americans?

Probably... good health care, and...good education...

And the worst?

No. I have a good life (laughs)... some cases were so bad...but not me.

Part II – Adoption

7- How old were you when you were adopted?

I was 3 months old when I was adopted.

8- Why do you think you were adopted?

Because my biological mother was very poor...and probably couldn't take care of me... probably...

9- I know you don't remember the day of your adoption, but do you know something about that day? Or someone told you about that?

Yes.

Can you describe me?

I think my mom's maid told her about a baby, that... could be adopted, that the mother couldn't take care of him anymore... So, I think they went to the house to see me and then they take me home...It was so simple.

10- And about the separation between you and your biological family, someone talked about that? Do you know how it happen?

I think that my mom told me that was hard when I was adopted. They were all sad and crying... all my sisters and brothers, I think.

11- Do you keep contact with your biological family? Yes X No _____

My adopted mother kept contact with them. But...we lost contact...with my biological mother... she (biological mother) came here once.

And you? You kept the contact?

Not really. I think they kept the contact by letters... and phone.

12- Before you left to the USA did you live in Lajes base with your foster family? How long did you live in the base before leaving the Azores?

I think they lived there for 1 more year... and then they came back to América.

13- Did you have difficulties to adjust to a different country?

No, I was a little baby.

14- How do you know you were adopted?

I think I was about 12 or 13 years old, and they told me the whole story... and I thought “uauu” ...that’s weird... But then, I was happy... I was adopted and had good cares...but at the same time, I thought... Why my real family gave me up? For adoption...but then I think they gave me because they loved me (thrilled)...

Know my family help me understand. My brothers and sisters they went to orphanages... and had a bad luck... they didn’t had love.

15- Do you have contact or know your biological family?

Yes, yes!

And how is your relationship?

Good, very, very loving. I already went to Terceira...that was very good...lots of good memories.

And how do you feel knowing that you have brothers and live so far from them?

I have 2 more brothers and 6 sisters, but 2 passed away for a long time ago. One brother and one sister, they live here in USA...and another brother and 3 sisters in Terceira...

Did your foster parents allow you to kept contact with your biological family?

We lost contact...

16-How was your adoption process? Was it legalized? Where was the process?

Was it in the Azores or in another country?

Yes, I think they went to the court with a translator... and then they had to go to America consulate... something like that.

And where was the process happened?

I think it was in Terceira.

17-Do you know how your foster parents knew your biological family? How was the contact made between families?

The maid helped. I think...one day...when they tried adopting me, they went... I think the maid went with them. The maid knew my real family.

18-What kind of adoption did you have? Full or restricted?

I don't know. Maybe full adoption. I think so.

19-Do you know of other occurrences of north-american adoptions?

Yes... Just few.

Can you describe others situations that you know?

I don't know them stories.

20- All the other occurrences that you know of, were they legal?

I think so.

And where do you think the other cases where legalized? Here in Terceira or in USA?

Probably they started there and finished in USA.

21- Why do you think the biological families delivered children to north-American couples? What do you think were the reasons they had to deliver children over to adoption?

I don't know. They had lots of kids (laughs). Maybe poverty.

My mom and dad, they couldn't had babies... so they wanted to adopt a kid, to them own. They knew they could give me a better life...and take care of me, more... They told me I was a beautiful baby (laughs), they really wanted a baby.

22-Can you give us a number of children that were adopted by Americans couples, between 1946 and 1974?

I believe it was a lot of them.

23-Do you have any more information that you think can be helpful to this investigation?

I know it was a good for me been adopted, because my mother and father couldn't take care of me. If you got kids and you know you can't take care of them..., what can you do? If you can't afford to take care of them... Maybe is a good give up for adoption, because, you know... make sure that he will be good care...maybe she (biological mother) loves me, because she did that...I think she do it for love...

And how do you felt to growing up not meeting your biological family? Not knowing where they were.

It's difficult, know that I have another family and don't know them...I was adopted very young, so... I grow, knowing that I had a family...

I was alone for a long time, then I found that I had a big family...lot of sisters and brothers...I have a big family, now. Is good!

I ask them about my background...and they got good stories to tell me...

And how do you feel not making part of this stories?

Sad. Sometimes I think that...if I wasn't adopted, maybe... I would...you know? Maybe I had that stories too...I passed a long time far of my brothers and sisters...I hope go again at Terceira and stay with them...

The past, our biological family is our background...

Thank you very much for your collaboration.

Entrevista IV

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Alfred Sexo: M X F Idade: 47 Escolaridade: Ensino Médio
Profissão: Primeiro Condutor Naturalidade: Terceira, Açores

(Adotados)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos da base das Lajes na população terceirense?

... Acho que foi uma coisa boa... Eu acho que...os militares levaram dinheiro para lá...para a Terceira e... muita ajuda... empregos...o financeiro.

2- Que vantagens encontra na vinda dos norte-americanos para a Terceira?

Economia, eles trazem uma cultura diferente, empregos... acredito que a cultura americana ficou lá...

E desvantagens?

... Sim...

Pode dar-me um exemplo?

Não sei, não sei. Mas eu acredito que não foi tudo coisas boas.

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Eles provavelmente deram-lhes dinheiro e comida...algumas roupas...

Ouvi que os americanos davam muitos doces às crianças portuguesas, especialmente no Halloween...eles faziam uma grande festa para os americanos e para as crianças portuguesas.... Ouvi histórias...

4- Acha que os americanos ajudavam a população local?

Acho que sim.

Consegue-nos descrever algum episódio?

A minha mãe adotiva tinha uma empregada, como uma ama...ela limpava a casa em troca de dinheiro...

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Sim.

Como?

Ouvi dizer que minha mãe biológica era muito, muito pobre, e não podia cuidar de mim... acho que foi uma coisa boa... fui adotado por um casal norte-americano... família.

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Provavelmente...bons cuidados de saúde, e....boa educação...

E as menos boas?

Não. Eu tenho uma vida boa (risos)...alguns casos eram tão maus..., mas eu não.

Parte II – Adoção

7- Que idade tinha quando foi adotado?

Eu tinha 3 meses de idade quando fui adotado.

8- Porque acha que foi adotado?

Porque minha mãe biológica era muito pobre... e provavelmente não podia cuidar de mim...provavelmente...

9- Eu sei que não se lembra do dia da sua adoção, mas sabe alguma coisa sobre esse dia? Ou alguém falou-lhe sobre isso?

Sim.

Consegue-nos descrever?

Acho que a empregada da minha mãe lhe contou sobre um bebé, que...podia ser adotado, que a mãe não podia cuidar dele... Então, eu acho que eles foram à casa para me ver e eles levaram-me para casa... Era tão simples.

10- E a separação da sua família biológica, alguém lhe contou sobre isso? Sabe como isso acontece?

Acho que a minha mãe me disse que foi difícil quando fui adotado. Estavam todos tristes e a chorar...todas as minhas irmãs e irmãos, eu acho.

11- Manteve contacto com a sua família de origem? Sim X Não

A minha mãe adotiva manteve contato com eles. Mas...perdemos o contato...com a minha mãe biológica...ela (mãe biológica) veio aqui uma vez.

E o senhor? Manteve o contato?

Nem por isso. Acho que mantiveram o contato por cartas...e telefone.

12- Antes de partir para os Estados Unidos viveu na Base com a sua família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

... Acho que eles viveram lá mais 1 ano...e voltaram para a América.

13- Teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que sentiu?

... Não, eu era um bebé pequeno.

14- Como soube que foi adotado?

Acho que eu tinha uns 12 ou 13 anos, e eles contaram-me a história toda...e eu pensei "uauu"...isto é estranho... Mas então, eu fiquei feliz... Fui adotado e tive bons cuidados...mas ao mesmo tempo, eu pensei... Por que minha verdadeira família me entregou? ...para adoção...mas acho que eles me deram porque me amavam (emocionado)...

Conhecer a minha família ajuda-me a perceber. Os meus irmãos e irmãs foram para orfanatos...e tiveram pouca sorte...eles não tinham amor.

15- Tem contacto/conhece a sua família biológica?

...Sim, sim!

Como é a vossa relação?

Boa, muito, muito amorosa. Eu já fui à Terceira...foi muito bom.... Muitas lembranças boas.

E como se sente sabendo que tem irmãos e vive tão longe deles?

Tenho mais dois irmãos e 6 irmãs, mas dois morreram há muito tempo. Um irmão e uma irmã vivem aqui nos EUA...e outro irmão e 3 irmãs na Terceira...

Os seus pais adotivos permitiram que mantivesse contacto com a família biológica?

Perdemos o contato...

16- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado? Onde decorreu o processo?

Nos Açores ou no país de acolhimento?

Sim, acho que foram ao tribunal com um tradutor...e tiveram que ir ao Consulado Americano...qualquer coisa assim. **E onde decorreu o processo?** Acho que foi na Terceira.

17- Sabe como os seus pais adotivos tiveram conhecimento que a sua família biológica tinha uma criança para adotar? Como foi feito o contato entre as famílias?

A empregada ajudou. Eu acho... Um dia...quando me tentaram adotar, eles foram... acho que a empregada foi com eles. A empregada conhecia a minha família verdadeira.

18- Que tipo de adoção tem? Plena ou restrita?

Não sei. Talvez adoção plena. Acho eu.

19- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever outros casos que tenha conhecimento? Alguém da sua família foi adotado por norte-americanos?

Sim... apenas alguns!

20- De todos os casos de que tem conhecimento foram legalizados?

Acho que sim.

E onde acha que os outros casos foram legalizados? Aqui na Terceira ou nos EUA?

Provavelmente eles começaram aí e terminaram nos EUA.

21- Porque acha que as famílias biológicas entregavam as crianças aos norte-americanos? Que razões aponta como justificação da sua entrega para adoção?

Não sei. Eles tinham muitos filhos (risos). Talvez pobreza. A minha mãe e o meu pai, eles não podiam ter filhos...eles queriam adotar uma criança, para eles próprios. Eles sabiam que me podiam dar uma vida melhor... e cuidar melhor de mim, ... Eles disseram-me que eu era um bebê lindo (risos), eles realmente queriam um bebê.

22- Consegue fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos, entre 1946 e 1974?

Acredito que foram muitos.

23- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Sei que foi bom para mim, ter sido adotado, porque minha mãe e o meu pai não podiam cuidar de mim. Se tens filhos e sabes que não podes cuidar deles... O que podes fazer? Se não podes proporcionar o cuidado deles... Talvez seja melhor dar para adoção, porque, sabes...garantir que ele será bem cuidado...talvez ela (mãe biológica) fez isso porque me ama.... Acho que ela faz isso por amor...

E como se sente por ter crescido sem conhecer a sua família biológica? Não saber onde estavam?

É difícil, saber que tenho outra família e não os conheço... fui adotado muito novo, então... Eu cresci a saber que tinha uma família...

Estive sozinho por muito tempo, então descobri que tinha uma família grande...muitas irmãs e irmãos... Eu tenho uma família grande, agora. É bom!

Eu pergunto-lhes sobre o meu passado...e eles têm boas histórias para me contar...

E como se sente por não fazer parte dessas histórias?

Triste. Às vezes acho que...se eu não tivesse sido adotado, talvez... Eu podia.... Sabes? Talvez eu também tivesse essas histórias.... Passei muito tempo longe dos meus irmãos e irmãs... Espero ir de novo à Terceira e estar com eles... O passado, a nossa família biológica é o nosso fundo...

Muito obrigada pela colaboração.

Interview V

The social impact of the North American presence in Terceira island, Azores during the period of Estado Novo (1933-1974).

Name: Emily **Gender:** M ☐ F ☒ **Age:** 61 **Schooling:** High School, one-year university **Job:** Retired **Place of birth:** Terceira, Azores

(Adopted)

Part I –General character

1- In your opinion what was the influence of the north American presence in Lajes Base on the terceirense population?

I think... the Base brought jobs... jobs and other sources of income to the island... many children were adopted by Americans... one of my older brothers and an older sister too...were also adopted.

2- What advantages do you find in the north Americans coming to Terceira?

... Economics advantages... jobs...they employ lots of Portuguese...

And disadvantages?

The only disadvantages... I think... was when the Americans left the Base...

3- What do you think that north Americans did for the low-income families of the Island? Specially for children and younger people?

They adopted younger children... and provide jobs to some of the older children. Also, by hiring the parents for various jobs, they provided income to families... and his children...families with children.

4- Do you think that Americans helped the local population?

Yes! ...Oh, yeah!

Can you describe or know any episode or something that your parents told you?

I can't remember I was a baby, but... I think...my parents always talked about shopping on the local shops... I think that was good for the economy of the island... they ate at local restaurants... and Americans employed island people... for different jobs... they had maid... gardener... I don't know...

5- Was your life influenced by the north American presence in the island?

Yes. Absolutely.

How?

I was adopted... and I had lucky...my adopted parents...they were wonderful parents... (Thrilled). I was extremely lucky and blessed with them.

6- What are the best memories you kept from the north Americans?

The best... being adopted by a wonderful and loving family...they made sure that I knew I was Portuguese... that I know my heritage. I was so young...when I was Adopted, I only had one year old... I don't remember anything... any of my adoption process, or anything of that frame time.

And the worst?

The worst... well... is that I didn't know about my two sisters, and my two brothers... and my family...my family history... I just find my older sister in 2018...so... there were a lot of waste years... that I could not spend with her... She now lives in Faial, and... we already see each other! (Smiles) Is good, very good.

I have yet to find my other sister... My mother and two brothers have died so I never had the opportunity to meet them again (Thrilled).

Part II – Adopted

7- Was someone of your family adopted by north Americans?

Me (Laughs)... one of my brothers and a sister were also adopted.

8- How old were you when you were adopted?

One year old.

9- Why do you think you were adopted?

Definitely, poverty!... My adoptive dad found me wandering the street... with nothing... just a dirty diaper. He went door-to-door trying find my mother... then he found my mother. That's when they discussed adopting me...

10- Do you remember the day of your adoption?

No... I was such a little baby (smiling).

11- How was the separation between you and your biological family?

I don't know... I was too young.

12- Do you keep contact with your biological family? Yes _____ No X.

Just recently I contact with my oldest sister... just two years ago... 2018.

13- Before you left to the USA did you live in Lajes base with your foster family? How long did you live in the base before leaving the Azores?

I'm not sure if we lived at Lajes... in Base, or in Praia... but we left the island six months after my adoption... that's I know.

14- Did you have difficulties to adjust to a different country?

No, I was a little baby.

15- How do you know you were adopted? And when?

Oh... my adoptive family always told me that I was adopted. As I got older, they shared more information with me... about my biological family.

16- Do you have contact or know your biological family? And how is your relationship?

I know my sister in 2018... (Thrilled) and... and we traveled to Terceira to meet her... the following year we traveled to Faial to spend time with her. I have also met her two daughters... they live a few hours away from us (smiles)...

And how do you keep contact with your sister?

We keep contact by telephone, Facebook and Skype...

Did your foster parents allow you to keep contact with your biological family?

My parents did not give me enough information to keep contact with my biological family... until much... much later in life.

17-How was your adoption process? Was it legalized?

My adoption record is on file in Praia, and... and it was legalized.

And where was the process legalized? Was it in the Azores or in another country?

The adoption process took place in Praia...but I'm a naturalized citizen of the US. And I'm working to obtain dual citizenship.

18-Do you know how your foster parents knew your biological family? How was the contact made between families?

Yes...like I said to you... my adoptive father found me on the street, and... then he looks for my biological mother... he went door-to-door until found her. And... and it was that... they agree adopt me... in that moment.

19-What kind of adoption did you have? Full or restricted?

Full adoption.

20-Do you know of other occurrences of north American adoptions? Can you describe other situations that you know?

One of my older brothers was adopted when I was... about 10 years old. An older sister too... she was adopted about the same time I was... the brother has passed away and... we have not yet found the sister.

And you know how they were adopted?

No, I don't know... maybe when I find my sister...

21-All the other occurrences that you know of, were they legal?

As far as I know, the other adoptions were legal too.

22-Why do you think the biological families delivered children to north American couples? What do you think were the reasons they had to deliver children over to adoption?

I had told me that my birth mother wanted me to have a better life. I think is the most probably reason for all the adoptions.

23-Can you give us a number of children that were adopted by Americans couples, between 1946 and 1974?

Oh! ... I just know... only those adopted from my family... one brother, one sister and me.

24-Do you have any more information that you think can be helpful to this investigation?

No. Just... thank you for including my history in your research.

Thank you very much for your collaboration.

Entrevista V

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Emily **Sexo:** M F **X** **Idade:** 61 **Escolaridade:** Ensino Médio e 1 ano de frequência universitária **Profissão:** Reformada **Naturalidade:** Terceira, Açores

(Adotados)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos da base das Lajes na população terceirense?

Eu acho... a Base trouxe empregos... empregos e outras fontes de rendimento para a ilha... muitas crianças foram adotadas por americanos... um dos meus irmãos mais velhos e uma irmã mais velha também... também foram adotados.

2- Que vantagens encontra na vinda dos norte-americanos para a Terceira? E desvantagens?

... Vantagens económicas... empregos... eles empregavam muitos portugueses...

E desvantagens?

As únicas desvantagens... Eu acho... foi quando os americanos deixaram a Base...

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Eles adotaram crianças mais novas... e deram empregos para algumas das crianças mais velhas. Além disso, ao contratar os pais para vários empregos, eles davam rendimento às famílias... e aos seus filhos... às famílias com crianças.

4- Acha que os americanos ajudavam a população local?

Sim!.... Oh sim!

Consegue-nos descrever algum episódio?

Não me lembro eu era bebé, mas... eu acho... os meus pais falavam sempre sobre compras nas lojas locais.... Acho que foi bom para a economia da ilha... eles comiam em

restaurantes locais... e os americanos empregavam pessoas da ilha... para diferentes trabalhos... eles tinham empregada doméstica... jardineiro... Eu não sei...

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Sim. Absolutamente.

Como?

Eu fui adotada... e eu tive sorte... os meus pais adotivos... eles eram pais maravilhosos... (emocionada). Tive muita sorte e fui abençoada por tê-los.

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

O melhor... ter sido adotada por uma família maravilhosa e amorosa... eles garantiram que eu soubesse que era portuguesa... que eu conhecesse a minha herança. Eu era tão nova... quando fui adotada, eu só tinha um ano de idade... Não me lembro de nada... nada do meu processo de adoção, ou qualquer coisa desse período de tempo.

E as menos boas?

O pior... bem... é que eu não sabia sobre as minhas duas irmãs, e os meus dois irmãos... e a minha família... a minha história familiar.... Encontrei a minha irmã mais velha em 2018... então... houve muitos anos perdidos... que eu não pude passar com ela... Ela agora vive no Faial, e nós já nos vimos! (Sorrisos) É bom, muito bom.

Ainda não encontrei a minha outra irmã... A minha mãe e dois irmãos morreram, então nunca tive a oportunidade de voltar a encontrá-los (emocionada).

Parte II – Adoção

7- Alguém da sua família foi adotado por norte-americanos?

Eu (risos)... um dos meus irmãos e uma irmã, também foram adotados.

8- Que idade tinha quando foi adotado?

1 ano de idade.

9- Porque acha que foi adotado?

Definitivamente pobreza!...O meu pai adotivo encontrou-me a vaguear na rua... sem nada... só uma fralda suja. Ele foi de porta em porta para tentar encontrar a minha mãe... então encontrou a minha mãe. Foi quando acordaram adotar- me...

10- Lembra-se do dia da adoção?

Não...eu era um bebé pequeno (sorriso).

11- Como foi a separação da sua família biológica?

Não sei... era muito nova.

12- Manteve contacto com a sua família de origem? Sim _____ Não X

Só recentemente, contatei com a minha irmã mais velha... só há dois anos... 2018.

13- Antes de partir para os Estados Unidos viveu na Base com a sua família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Não tenho a certeza se vivemos nas Lajes... na Base, ou na Praia..., mas saímos da ilha seis meses após a minha adoção... isso eu sei.

14- Teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que sentiu?

Não, eu era bebé.

15- Como soube e quando soube que foi adotado?

Oh... a minha família adotiva sempre me disse que eu era adotado. À medida que fui crescendo, eles partilharam mais informações... sobre a minha família biológica.

16- Tem contacto/conhece a sua família biológica? Como é a vossa relação?

Conheci a minha irmã em 2018... (emocionada) e.... e fomos à Terceira para a conhecer... no ano seguinte fomos ao Faial para passar tempo com ela. Eu também conheci as suas duas filhas... elas vivem a algumas horas de distância de nós (sorrisos)...

E como mantém contacto com a sua irmã?

Nós mantemos contacto por telefone, Facebook e Skype...

Os seus pais adotivos permitiram que mantivesse contacto com a família biológica?

Meus pais não me deram informações suficientes para ter contato com a minha família biológica... até muito... muito mais tarde na vida.

17- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado?

O meu registo de adoção está arquivado na Praia, e.... e foi legalizado.

E onde decorreu o processo? Nos Açores ou no país de acolhimento?

O processo de adoção ocorreu na Praia..., mas eu sou cidadã naturalizada dos EUA.
E estou a tentar obter a dupla cidadania.

18- Sabe como os seus pais adotivos tiveram conhecimento que a sua família biológica tinha uma criança para adotar? Como foi feito o contato entre as famílias?

Sim... Como lhe tinha dito... o meu pai adotivo encontrou-me na rua, e.... então procurou pela minha mãe biológica... ele foi de porta em porta até encontrá-la. E.... e foi isso... eles concordam em me adotar... naquele momento.

19- Que tipo de adoção tem? Plena ou restrita?

Adoção Plena.

20- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever outros casos que tenha conhecimento? Alguém da sua família foi adotado por norte-americanos?

Um dos meus irmãos mais velhos foi adotado quando eu era... tinha cerca de 10 anos de idade. Uma irmã mais velha também... ela foi adotada na mesma altura que eu... o meu irmão faleceu e... ainda não encontramos a minha irmã.

E sabe como eles foram adotados?

Não, não sei... talvez quando encontrar a minha irmã...

21- De todos os casos de que tem conhecimento foram legalizados? No caso de não terem sido, sabe como estas crianças saíam do país?

Pelo que sei, as outras adoções também foram legais.

22- Porque acha que as famílias biológicas entregavam as crianças aos norte-americanos? Que razões aponta como justificação da sua entrega para adoção?

Disseram-me que a minha mãe biológica queria que eu tivesse uma vida melhor. Acho que é a razão mais provável para todas as adoções.

23- Consegue fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos, entre 1946 e 1974?

Oh! ... Só sei... apenas os que foram adotados da minha família... Um irmão, uma irmã e eu.

24- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Não. Apenas... agradecer por incluir a minha história na sua investigação.

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista VI

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Name: Lily Sexo: M ☐ F ☒ Idade: 63 anos Escolaridade: 7º ano
Profissão: Desempregada Naturalidade: Terceira

(Adotados)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos da base das Lajes na população terceirense?

A Terceira não era nada sem os americanos...

2- Que vantagens encontra na vinda dos norte-americanos para a Terceira?

Oh... eles foram muito bons! Ajudaram muito, muito... financeiramente...muito, muito. Esta ilha não era na sem eles...

E desvantagens?

Não vejo nada mal, eles sempre foram bons, a “gente” é que se aproveitou deles, roubamos tudo (risos).

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Eles eram pessoas de coração... davam muito...davam roupa...mataram muita fome...davam comida...as empregadas dos americanos levaram muito...

4- Acha que os americanos ajudavam a população local?

Eles ajudaram muito...foram muito bons para a “gente”... não faziam mais porque não podiam.

Consegue-nos descrever algum episódio?

Eles davam muita roupa e comida... as empregadas traziam muito...ajudava... muitos portugueses foram trabalhar para a Base...os empregos... iam pelas freguesias ajudar...

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Ah foi... muito mesmo

Como?

Vivi com um casal americano... eles queriam-me adotar...sempre convivi muito com americanos...A minha mãe trabalhava para eles, e punha a “gente” a trabalhar para eles no lugar dela (risos).... Minha mãe “vendia-me” aos americanos, ela ficava com o dinheiro e antes de meu pai chegar a casa eu tinha de estar em casa... Durante o dia eu ia para casa deles... “pechinchinha”!...Limpar a casa, tomar conta dos filhos... era a empregada dos americanos.

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

(Risos)... Quando fui viver com o casal americano, eles tinham 3 pequenas e costumava ir com as pequenas patinar... na Base...eu não sabia patinar..., mas eu ia com as pequenas, eu até gostava...e aprendi a patinar.

E as menos boas?

Passei muita “fominha” ... passávamos muita fome (risos). No dia de receber... eles recebem de 15 em 15 dias... no dia de receber, aquilo é que era (risos)...era hambúrgueres, coca-cola, pizza... íamos ao NCO..., mas depois... era esparguete com “Miracle Whip” (risos)... o resto do mês... não era só para mim! Era para todos...para as pequenas também... passamos muita “fominha”.

Parte II – Adoção

7- Que idade tinha quando foi adotado?

A primeira vez que a minha mãe em deu, eu não me lembro do ano, eu tinha 7 anos. Mas ainda não fui dessa vez, o meu pai salvou-me! E depois foi aos 14 anos, então desta fui mesmo viver para a Base.

8- Porque acha que foi adotada?

Porque minha mãe nunca gostou de mim... Ela queria era dinheiro...

9- Lembra-se do dia da adoção? Consegue-nos descrever?

Da primeira vez, eu tinha 7 anos, eu estava em casa, tinha lavado o chão... tinha lavado “montes de pancadaria” que ela (mãe) me deu (emocionada)... tinha lavado tudo, tratado dos meus irmãos (emocionada)... A “gente” tinha uma cama muito grande...a “gente” dormia todo lá... num colchão de palha (emocionada)... e ela (mãe) levantou-me da cama...dá-me um “carreto” de pancadaria (emocionada), lembro-me bem! E mandou-me para casa da vizinha... Chegou lá... coitadinha (vizinha), deu-me um “banhinho”, tinha sangue na boca da pancadaria que levei... vestiu-me um pijaminha... sentou-me no seu colo, deu-me uma tigela de cereais, daqueles americanos, sabes o que é? ... E disse-me “não vais penar mais! ... Ela não te vai bater mais!” (emocionada)

Dali a bocado, estava na cama a chorar, no outro dia ela ia-me levar para os americanos (vizinha trabalhava para os norte-americanos). De repente senti meu pai a entrar em casa...e ouço o meu pai a perguntar a minha mãe - “Onde está a minha filha?” e a dar-lhe pancadaria...

Ela disse onde eu estava, ele vai pelas escadas acima, bêbado, a vizinha já tinha ouvido...E eu já estava fora da caminha. Havia uma janela, eu abri a janela e disse - “Oh pai! Estou aqui!” Ele pega-me ao colo pela janela levou-me para casa... quando chegamos a casa vimos um triciclo verde escondido. Ia ser trocada por um triciclo. Ela quando me deu já era para ir para os americanos. A vizinha trabalhava para os americanos... estava na 1ª classe, nunca mais me esqueço... O meu pai é que não deixou e foi-me buscar. Essa foi a primeira vez.

Mas antes disso, ela tentou dar-me quando nasci. Eu nasci em casa, não foi no hospital. Quando nasci... meu pai estava a trabalhar... quando eu nasci ela atirou-me para o chão, cortou o umbigo bem cortado a ver se eu morria. Meu pai quando chegou a casa é que me amarrou o umbigo, coitadinho! (Emocionada) ... bêbado que mete medo, com um fio de seda... era para vir uns americanos, buscar-me, um casal... mas eles não vieram... Ela costumava dizer que nem os americanos me quiseram...

Depois quando fui estudar... os meus padrinhos é que me pagaram, eu era muito inteligente na escola, eles é que pagaram para eu ir para o liceu...era muito dinheiro... Então por essa altura ela vendeu-me... outra vez..., mas já tinha 14 anos, já estava “desimportada”! Já não tinha medo dela!

Então, fui para a escola, quando cheguei... a casa estava vazia (emocionada) ... e ninguém em casa... - “Para Onde é que foi essa gente?” Fui até à doca... Então uma

peessoa disse-me: - “O teu pai e tua mãe, estão a morar ali” ... E eu disse: - “Aí estão?”
...

Eu vinha por aí acima, e dois americanos pararam o carro... um casal de americanos, e chamaram-me, sabiam o meu nome e tudo... - “What?” ... e eles disseram: - “Come here!” ... Olha, eu fui. Anda cá com a “gente” que tu vais para a nossa casa – disseram os americanos... e eu disse: - “OK”. Eles moravam na Base.... Fui para casa deles, chego lá... triste por dentro... triste e malcriada!... Sabes minha querida...

Estava em casa deles e perguntei como é que sabiam o meu nome. E eles responderam: - “Oh! Your mother... your mother work for my friend”. A “gente” vai-te adotar... E eu disse: - “OK”. Eles mostraram-me o meu quarto, o meu quartinho. Eles tinham mais três pequenas.

Eles levaram-me ao Comando Americano, fizeram-me papéis...

Porque acha que a adotaram? Já tinha 14 anos?

Eles compraram-me a minha mãe! Eles queriam era que eu fosse criada deles! Eles iam-me adotar para me levar para a américa...eu já estava muito velha para ser filha! Mas sabes? Eu era espertinha... pensei... desta vez... pensei que eles nunca me chegavam a adotar, estava quase a fazer 16 anos, mais um ano e pouco...e os papéis ainda levam tempo para fazer... ia demorar a papelada... até lá fazia os 16 anos, sabia que eles ainda tinham de estar mais uns tempos na Terceira...

10- Como foi a separação da sua família biológica?

Ela não queria saber nada disso... meu pai...um dia meu pai bateu à porta (casa dos norte-americanos) ... abri a porta... sentamo-nos nas escadas do lado de fora e ele perguntou: “Então?” ... “Olha a mãe vendeu-me outra vez” ... “Mas como é que tua mãe te vendeu?” ... “Então como é que estou aqui?” Mostrei-lhe os cartões todos que eu tinha... disse-lhe “desta vez vou-me embora. Desta vez acabou-se!” ... “Daqui a uns meses vou-me embora, vou deixar esses americanos fazerem a papelada... e vou para a América... e quando fizer a idade... mando-os à... Assim minha mãe já não manda mais em mim” ...

Meu pai ia assinar os papeis... meu pai e minha mãe não mandavam mais em mim, quem mandava era os americanos. O meu pai perdeu os direitos, todos a mim...meu pai e minha mãe! E eu preferia estar lá e ir para a América com os americanos e passar fome, que estar com minha mãe... Eu tinha planos para mim!

11-Ainda viveu na Base com a sua família que a queria adotar? Quanto tempo viveu na Base?

Ainda estive uns meses, quase um ano.

12-Durante o tempo que viveu com os americanos manteve contato com a sua família biológica?

Sim. Até vim procurar meu pai. Eu já era grandinha... Eu, depois de uns meses em casa dos americanos, já estava farta daquilo, ainda não sabia bem onde é que meu pai vivia.... Vim à Praia! Encontrei meu pai... - “O pai sabe que estou a viver com uns americanos?” Ele fazia-se que não sabia! – “Os americanos pegaram-me ali e disseram que vão-me adotar. O pai já conheceu os americanos? ... O pai sabe que agora o meu nome é americano?” Ele baixou a cabeça...

- “Que coisa é essa de eu não ser teu pai e os americanos é que serem?”

- “Ah, o pai não sabe? Não falou com a mãe? Então fala lá com ela para veres quanto dinheiro é que ela recebeu.”

- “Ela disse ao pai que estavas em casa dos teus padrinhos... para ires acabar a escola.”

- “O pai não seja mentiroso! O pai sempre me ensinou a não ser mentirosa...”

Ele fazia-se que não sabia... Ele ainda me disse: - “Anda cá ver a nossa casa.” E eu disse-lhe que essa casa já não era minha, que se fosse ele tinha-me levado para lá como levou os meus irmãos, não me tinha deixado ir com os americanos.

Os americanos que a queriam adotar permitiam que mantivesse contacto com a família biológica?

Foi só com meu pai. Eu vim procurá-lo... Eu já era grandinha, fazia o que queria. Agora eu é que queria ser adotada.

13- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado?

Chegamos ao Comando americano, tinha um senhor que traduzia aquilo tudo... ele é que tratava da parte portuguesa...

Meu rico pai... a chorar... de manhã... (emocionada) “Oh filha, mas tu tens a certeza?”, “Tenho sim senhor, eu não quero brigar com o pai... hoje não vamos brigar...Agora, anda cá.” Ele não queria ir... “Anda cá!” ...

Ele agora já ia porque eu é que disse que queria ser adotada... queria ir com os americanos... “Anda cá!” ...

Fomos ao Comando americano... aquele corredor muito comprido!

Chegamos lá, a um quarto... estava lá os americanos, o advogado americano, estava o tal senhor, traduzia... é que traduzia e tratava da papelada toda... e estavam os americanos que me iam adotar... O homem todo fardado, e a mulher... E chega à altura que meu pai vai assinar...meu pai sempre chorou... Ele tremia todo...

E a sua mãe? Ela esteve presente?

Ela nem se chegava para o pé de mim! ... Só precisava a assinatura do meu pai, dava... eram tempos de Salazar.... Era só preciso mesmo o meu pai... Ele chorava tanto! (emocionada) Eu estava chateada com ele, mas aquilo estava-me a matar aqui por dentro... E eu disse a ele “O pai não quer assinar?”, “Não, não vou assinar!” E vou e digo “O pai que assine!” ... viro-me para o português que estava lá e digo “O pai sabe que daqui a uns meses faço 16 anos... e este português e estes americanos todos aqui vão para a cadeia! Porque eu vou levá-los todos para a cadeia e dizer a minha história e dizer que os americanos andam aqui a comprar crianças portuguesas” ... “Eh pequena!” o português que traduzia (risos) ele era gordinho (risos) se tivesse uma cova tinha ido por ela abaixo (risos).

Os americanos já sabiam que o que tinha dito, pela minha cara, não era bom...O americano mando-o traduzir, o que eu tinha dito (risos) o português ficou a “papejar” ... O meu pai falava um bocadinho de inglês, muito mal, mas falava. O meu pai vira-se para o americano, o advogado, ele é que estava encarregue da parte dos americanos... “She will put you in jail” (risos). Quando o meu pai diz isto... os americanos levantaram-se todos e foram-se embora... (risos) deixaram o português para ali.... Meu pai disse a ele “Eu não tenho contratos nenhuns! Vocês não fizeram contato nenhum comigo. Eu estou aqui porque a minha filha pediu para eu estar aqui. Vocês fizeram contatos foi com a minha mulher! Vai lá falar com ela! Eu não tenho contratos nem contigo nem com americano nenhum! Eu estou aqui porque a minha filha pediu para eu estar aqui...”. Levanta-se! E vira-se para mim: - “Vamos embora!” Ele chorava por aquele Comando fora... Meu rico pai (emocionada), agarrei-me a ele... “não se chora pai” ...

14- Sabe como os americanos que a queriam adotar tiveram conhecimento que a sua família biológica tinha uma criança para adotar? Como foi feito o contato entre as famílias?

Foi a minha mãe, ela sempre trabalhou com americanos e dava-se com americanos. Ela era empregada na Base. Ela é que fazia esses negócios todos. Ela é que arranjava

tudo, ela é que procurava os americanos, é que tratava de tudo. Ela vendia-me, meu pai ia-me buscar, mas ela ficava com o dinheiro (risos).

15- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever outros casos que tenha conhecimento?

Conheço alguns, de ouvir falar... foi tudo mesma coisa, mães que não queriam saber da “gente”... havia umas lá para Santa Rita... que também foram... foi tudo mais ou menos igual, as mães vendiam e os americanos pagavam e pronto os pequenos desapareciam... não sei a história deles...

16- De todos os casos de que tem conhecimento foram legalizados?

Não me parece... foram muitos desviados...(risos) alguns foram legalizados..., mas muitos desapareceram...

E como é que estas crianças saíam do país?

Elas tinham os rapazes e os americanos iam buscá-los à porta... mais ninguém sabia deles... levam-nos aí para fora, e eles nem sabiam que tinham nascido cá...

17- Porque acha que as famílias biológicas entregavam as crianças aos norte-americanos? Quais as razões que encontra para a entrega das crianças?

Pobreza...muita pobreza! Mas sabes, eu hoje sou pobre, meu pai sempre me disse: quem faz um prato, faz dois.... Eram mulheres sem coração... não tinham amor! Uma mãe não é uma mulher que carrega um filho 9 meses e depois pega e dá.... Quantas coitadinhas, tinham montes de filhos e criava-se... minha avó teve 25 e não deu nenhum a americano nenhum...

18- Consegue fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos, entre 1946 e 1974?

Muito, muitos... e tantos que a “gente” nem sabe, nem imagina! Eu nasci em 57 e eles fizeram aquilo comigo, imagina o que eles não fizeram...

19- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Muitas juvenzinhas como eu foram vendidas a americanas, muitos pequenos, muitos dados e vendidos...montes, montes... Há casos de crianças que foram adotadas, e os americanos quando chegaram à América puseram-lhes em orfanatos... e coitadinhos,

ainda hoje andam à procura... e não há registos destes pequenos, não há nada... nada...
Eu pelo menos sei quem sou e de onde sou... sou mais afortunada que muitos.

Muito obrigada pela colaboração.

Interview VII

The social impact of the North American presence in Terceira island, Azores during the period of Estado Novo (1933-1974).

Name: Jessie **Gender:** M ☐ F ☒ **Age:** 50 **Schooling:** High School

Job: Business owner **Place of birth:** Terceira

(Adopted)

Part I –General character

1- In your opinion what was the influence of the North American presence in Lajes Base on the terceirense population?

Probably, economic development. They brought money to the island.

2- What advantages do you find in the North Americans coming to Terceira?

Economic advantages.

And disadvantages?

I think they took advantages from the island people. What you don't know, you don't miss... they brought the american dream...

3- What do you think that North Americans did for the low-income families of the Island? Specially for children and younger people?

I can't talk about that. I leave the island very young.

4- Do you think that Americans helped the local population? Maybe your foster parents talk with you about it?

No. I see my adopted parents, but... we don't really have... I don't know... we don't have a very close relationship. I mean, they are there and I ... I don't know... we see like once or twice a month... but we don't have the relationship that a child should...

5- Was your life influenced by the North American presence in the island?

Yeah...

How?

I lived in America all my life and I'm still not being an US citizen... They (American couple) brought me here. They take me off from my family, and they not even talked to me about it...

Even when we were adopted, we have the right to know who our biological family was... we lived a lot of abused when we are growing up... a lot... it makes me who I am today and makes me know how kind of parent I want to be (thrilled)...

6- What are the best memories you keep from the North Americans?

None. I don't have ... not even a picture with my adopted parents (thrilled)... not even a picture!

I have a good life, in some ways, but some... I don't had... As a child, it was better for us, but as adults... it's not, because we still wondering... we don't have the sense of belong here...

Part II – Adopted

7- How old were you when you were adopted?

Months! Less than a year, very little.

8- Why do you think you were adopted?

It had never told me a lot about my adoption... at all! As a matter of fact, I don't even know... I don't know nothing... about my adoption, nothing that I can believe (thrilled)... is all very strange...

9- Do you remember or your parents told you about the day of your adoption?

Can you describe us?

No, as I said, I was very little. I don't really understand, is very confused for me, because... they (adopted parents) don't tell me nothing about it. I know she knows (adopted mother) ... and I knows... it makes me think, there was something wrong about it... they don't talk to me about it.

10- Do you know something about the separation between you and your biological family?

I only can imagine. I don't want that my mom (biological) feels bad, because of what she did (thrilled)... I can only imagine what she got through... I know she loved me... And I believe that she never forgot...

11- Do you keep contact with your biological family? Yes _____ No X

I would love to find my biological family; I would love to...I've tried... I've tried 3 times... but always ended unresult... The Azores is so far behind us, it's hard to get the paperwork, in the time you guys didn't have computers... I have the adoption papers, but I don't understand. They (adopted parents) made my adoption in a State that I never lived there. And that was done when I was 4 years old... not when I came to US... And I never become a citizen; I still have a "Green Card" (US Permanent Resident Card) ... until today! I should be an American citizen because an Air Force family adopted me.

12- Before you left to the USA did you live in Lajes base with your foster family?

I don't know.

13- Did you have difficulties to adjust to a different country? What was the biggest difficulties that you had?

I was taken away from my adopted family, for abuse. I was put in a foster care... and then we found out they (adopted parents) didn't legally change my name, it still my Portuguese name (nome complete em português). I have the same name as my biological mother... and my grandmother too.

It was horrible! My life here was horrible! I'm not upset, I'm hurt, I miss them (biological family) ... every day.

14- How do you know you were adopted? And when you know?

I discovered some papers when I was young... And later I found out that I was adopted... and my brother wasn't my brother! (thrilled). I don't know... I can't explain... They (adopted parents) never told us... we found out for our own...

We thought we were brothers, at least we had each other's... we still very close, but it seems that someone took a part of our heart... (thrilled). I would love to... at least know what happened. It's not only roses and candies, and joy... it was a hard life... but it could be worst, you know... I'm grateful for what I have, you know...but I wish, I could... find something else (thrilled)...

15- Do you have contact or know your biological family? Did your foster parents allow you to kept contact with your biological family?

There wasn't any contact. It was like... they didn't want that we remember. It's like the lady (adopted mother) want that we think that she was our real mother, and that's it. This is what we call selfish!...

16- How was your adoption process? Was it legalized? Where was the process? Was it in the Azores or in another country?

I don't know, if it was legalized I should be citizen... and I still have my "Green Card" until today...

I only had my birth certificate... and my passport, that's it... nothing more else, all in portuguese (nome em português). I want to keep that! That's who I am. That's my mother name and my grandmother's name...

They (american couple) changed my name, but they didn't do it legally... (thrilled) it's all very strange...

When I asked to my foster parents... they didn't say nothing... she (adopted mother) prefer to get the information to her death bed, then tell me! I can't understand. Why? I told her "Can you imagine gone all your live without knowing who's your mother looks like?" I said "I do it every day." (thrilled)

She do not break... that's why I know that something was very wrong...

17- Do you know how your foster parents knew your biological family? How was the contact made between families?

I don't know. I can't even imagine.

18- What kind of adoption did you have? Full or restricted?

I don't know... I don't know if I was really adopted...if I was legally adopted, I should be a United State citizen, and I'm not...

19- Do you know of other occurrences of North American adoptions? Yes or no? How many?

I don't know. I just know about my case. I know that happened, but I don't know the peoples or his stories.

20- And do you think other cases were legal?

No, because mine wasn't. If it was, I should be an American citizen...

In case they weren't how did the adopted person leave Portugal?

I think it was a rush-rush think. I think was something under ned of the carpet, and nobody knew about it... so, you know, that's why I'm not an USA citizen... Why my process wasn't legal here? It's very strange, especially when you became from an Air Force Base... it's like... I don't understand!

21- Why do you think the biological families delivered children to North American couples? What do you think were the reasons they had to deliver children to adoption?

I don't know, that makes me wonder so many questions. Maybe poverty...that's the only reason that I can imagine to a mother give a child a way, because she couldn't take care of her... I know in my heart, that my mom (biological mother) had to give me away, because she couldn't take care of me.

Financial... that's the reason!

22- Can you give us a number of children that were adopted by Americans couples, between 1946 and 1974?

I can, I know, is horrible... it's a big number... thousands...I believe so.

23- Do you have any more information that you think can be helpful to this investigation?

I said to my friends, loved your families, because family, to me, is what worth more in the world (thrilled)...

Thank you very much for your collaboration.

Entrevista VII

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Jessie Sexo: M ☐ F ☒ Idade: 50 Escolaridade: Ensino
Médio Profissão: Empresária Naturalidade: Terceira

(Adotados)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos da base das Lajes na população terceirense?

Provavelmente, desenvolvimento económico. Eles trouxeram dinheiro para a ilha.

2- Que vantagens encontra na vinda dos norte-americanos para a Terceira?

Vantagens económicas.

E desvantagens?

Acho que tiraram vantagens do povo da ilha. O que não sabes, não sentes falta... eles trouxeram o sonho americano...

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Eu não posso falar sobre isso. Eu deixei a ilha muito nova.

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Talvez os seus pais adotivos tenham falado consigo sobre isso?

Não.

Eu vejo os meus pais adotivos, mas... nós não temos, realmente... Eu não sei... não temos uma relação muito próxima. Quero dizer, eles lá e eu... Eu não sei... vemo-nos uma ou duas vezes por mês..., mas não temos a relação que uma criança deveria...

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Sim

Como?

Vivi na América a minha vida toda e ainda não sou cidadã americana... Eles (casal americano) trouxeram-me para cá. Eles tiram-me da minha família, e até falaram comigo sobre isso...

Mesmo quando somos adotados, temos o direito de sabermos quem é a nossa família biológica... vivemos muitos abusos quando erámos crianças... muitos... isso faz-me ser o que sou hoje e faz-me saber o tipo de mãe que quero ser (emocionada)...

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Nenhuma. Eu não tenho... nem uma fotografia com os meus pais adotivos (emocionada)...nem uma fotografia!

Em alguns aspetos, eu tenho uma vida boa, mas noutros... não tive... Como uma criança, foi melhor para nós, mas como adultos... não é, porque continuamos a pensar...não temos o sentimento de pertencer aqui...

Parte II – Adoção

7- Que idade tinha quando foi adotado?

Meses! Menos de um mês, muito pequena.

8- Porque acha que foi adotado?

Nunca me falaram muito sobre a minha adoção... de todo! Na verdade, eu nem sei... Eu não sei de nada... sobre a minha adoção, nada que eu possa acreditar (emocionado)... é tudo muito estranho...

9- Lembra-se ou os seus pais falaram-lhe sobre o dia da adoção? Consegue-nos descrever?

Não, como lhe disse, eu era muito pequena. Eu não entendo, é muito confuso para mim, porque... eles (pais adotivos) não me dizem nada sobre isso. Eu sei que ela sabe (mãe adotiva) ... e eu sei... faz-me pensar que havia algo de errado sobre isso... Eles não falam comigo sobre isso.

10- Sabe como foi a separação da sua família biológica?

Eu só posso imaginar. Não quero que a minha mãe (biológica) se sinta mal, pelo que fez (emocionada)... só posso imaginar o que ela passou... Eu sei que ela me amava... E acredito que nunca se esqueceu...

11-Manteve contacto com a sua família de origem? Sim _____ Não X

Eu adorava encontrar a minha família biológica, eu adorava.... Tentei... tentei três vezes..., mas acabava sempre sem resultados... Os Açores estão tão atrás de nós, é difícil conseguir a papelada, no tempo vocês não tinham computadores... Eu tenho os papéis de adoção, mas não entendo. Eles (pais adotivos) fizeram minha adoção num Estado onde nunca morei. E isso foi feito quando eu tinha 4 anos... não quando vim para os EUA... E eu nunca me tornei cidadã; ainda tenho um "Cartão Verde" (Cartão de Residente Permanente dos EUA) ... até hoje! Eu deveria ser cidadã americana, porque uma família da Força Aérea adotou-me.

12-Antes de partir para os Estados Unidos viveu na Base com a sua família adotiva?

Eu não sei.

13-Teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que sentiu?

Eu fui retirada da minha família adotiva, por abuso. Fui colocada num orfanato... e então descobrimos que eles (pais adotivos) não mudaram o meu nome, legalmente, ainda tenho meu nome em português (nome completo em português). Tenho o mesmo nome da minha mãe biológica... e da minha avó, também.

Foi horrível! A minha vida aqui foi horrível! Não estou chateada, estou magoada, sinto falta deles (família biológica) ... Todos os dias.

14- Como soube e quando soube que foi adotado?

Descobri alguns papéis quando era nova... E depois descobri que fui adotada... e que o meu irmão não era meu irmão! (emocionada). Eu não sei... Não posso explicar... Eles (pais adotivos) nunca nos disseram... descobrimos para nós mesmos...

Pensávamos que éramos irmãos, pelo menos tínhamo-nos um ao outro... ainda somos muito próximos, mas parece que alguém tirou uma parte do nosso coração... (emocionada). Eu adorava... pelo menos saber o que aconteceu. Não são só rosas, doces e alegria.... Foi uma vida difícil... mas poderia ser pior, sabe... Sou grata pelo que tenho, sabe... mas eu gostava, eu podia... encontrar outra coisa (emocionada)...

15- Tem contacto/conhece a sua família biológica? Como é a vossa relação? Os seus pais adotivos permitiram que mantivesse contacto com a família biológica?

Não houve contato nenhum. Foi como... eles não queriam que nos lembrássemos. É como se a senhora (mãe adotiva) quisesse que nós pensássemos que ela era a nossa mãe verdadeira, e é isso. Isso é o que chamamos de egoísta!...

16- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado? Onde decorreu o processo? Nos Açores ou no país de acolhimento?

Não sei se foi legalizado, eu deveria ser cidadã... e ainda tenho o meu "Cartão Verde", até hoje... Eu só tinha a minha certidão de nascimento... e o meu passaporte, é isso... nada mais, tudo em português (nome em português). Quero ficar com isso! Isso é o que eu sou. É o nome da minha mãe e da minha avó...

Eles (casal americano) mudaram o meu nome, mas não o fizeram legalmente... é tudo muito estranho... Quando perguntei aos meus pais adotivos... Eles não disseram nada... ela (mãe adotiva) prefere levar a informação para o leito de morte, então que me diga! Não consigo entender. Porquê? Eu disse-lhe: "Consegue imaginar o que é passar a sua vida toda sem saber quem é sua mãe?" Eu disse: "Faço isso todos os dias." (emocionada) Ela não quebra.... É por isso que sei que algo foi muito errado...

17- Sabe como os seus pais adotivos tiveram conhecimento que a sua família biológica tinha uma criança para adotar? Como foi feito o contato entre as famílias?

Eu não sei. Não consigo imaginar.

18- Que tipo de adoção tem? Plena ou restrita?

Eu não sei... Não sei se fui realmente adotada ... Se eu fosse legalmente adotada, eu deveria ser cidadã dos Estados Unidos, e eu não sou...

19- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever outros casos que tenha conhecimento? Alguém da sua família foi adotado por norte-americanos?

Eu não sei. Só sei sobre o meu caso. Eu sei que isso aconteceu, mas eu não conheço as pessoas ou as suas histórias.

20- De todos os casos de que tem conhecimento foram legalizados?

Não, o meu não foi.

No caso de não terem sido, sabe como estas crianças saíam de Portugal?

Acho que foi uma coisa à pressa. Eu acho que foi algo sob o tapete, e ninguém sabia sobre isso.... Então, sabes, é por isso que eu não sou cidadã dos EUA ... Porque é que o meu processo não foi legal, cá? É muito estranho, especialmente quando vens de uma Base da Força Aérea.... É como... Eu não entendo!

21- Porque acha que as famílias biológicas entregavam as crianças aos norte-americanos? Que razões aponta como justificação da sua entrega para adoção?

Não sei, faz-me pensar em tantas perguntas. Talvez a pobreza... essa é a única razão que eu posso imaginar para uma mãe dar uma criança, porque não podia cuidar dela... Eu sei no meu coração que a minha mãe (mãe biológica) teve que me dar, porque ela não podia cuidar de mim.

Financeira... essa é a razão!

22- Consegue fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos, entre 1946 e 1974?

Eu posso, eu sei, é horrível... é um número grande... Milhares... acredito que sim.

23- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Eu digo aos meus amigos, amem as suas famílias, porque a família, para mim, é o mais valioso do mundo (emocionada)...

Muito obrigada pela colaboração.

Anexo VIII

Entrevistas Transcritas - Familias Biológicas

Entrevista I

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Esmeralda **Sexo:** M FX **Idade:** 54 **Escolaridade:** High School **Profissão:** Nanny (I take care of childrens) **Naturalidade:** Praia da Vitória

(Famílias biológicas)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população Terceirense?

... Aí, aí... isso é uma pergunta... O meu pai era americano, trabalhava na Base... ele foi para a América e deixou a minha mãe sozinha..., mas eu achei o meu pai, o ano passado. Ele já morreu. Mas, eu tenho um irmão, ainda não o conheci, só falamos ao telefone (irmão de pai).

... Às vezes eu preferia que os americanos não tivessem ido para a Terceira... para não acontecer o que está a acontecer agora, irmãos à procura de irmãos, tios e tias sem saberem dos sobrinhos... coisas que não sabíamos.

É uma pergunta difícil, porque às vezes estou contente e outras vezes não estou...

Mas e em relação à população da ilha Terceira, em geral?

Aqueles que ficaram... a lavar carros aos americanos e a limpar-lhes as casas (risos), se calhar ficaram melhor.... Acho que foi só.

Então acha que a influência foi ao nível de empregos?

Sim, só isso.

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira? E desvantagens?

Eu não sei essas coisas. Era muito pequenina quando saí da Terceira.

**3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha?
Especialmente pelas crianças e jovens da ilha?**

Eu falei com a mãe adotiva do meu irmão e ela disse que não pagou dinheiro... não deu dinheiro a minha mãe, não fez nada assim. Sabes, a minha mãe tinha diabetes, ela (mãe adotiva do irmão) diz que dava comida à minha mãe, coisas que ela não tinha.

Eu fui criada no “Bairro da Lata” (Serra de Santiago) ... Eu quando fui à Terceira fui lá, ia ver se a minha barraca ainda estava lá, mas já meteram para baixo (mostrou uma foto da barraca), esta era a minha barraca. O meu padrinho ponha alcatrão por cima do teto, não era das barracas piores! Mas eu lembro-me quando vinha vento, as janelas abriam e abanava tudo (risos). Eu vim para a América, eu só tinha 7 anos, mas lembro-me disso tudo. Nunca me hei de esquecer. Eu era pequenina, por isso eu não sabia muita coisa dos americanos, são coisas que eu não sei. Se eles ajudaram ou não, eu não sei. Eu saí de lá pequenina... Depois do meu irmão ir embora, levou mais ou menos 1 ano e meio...e depois o meu tio adotou-me e eu vim para a América. Eu vim no avião com uma senhora que ia para o Canadá. Fiquei em Boston e o meu tio e minha tia é que pegaram em mim. Eu nem os conhecia. Eles já estavam aqui há anos...

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Eu não me lembro. Era muito pequenina. Saí da Terceira ainda não tinha 8 anos.

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira? Como?

... A minha vida foi diferente porque a minha mãe conheceu o americano, o meu pai. Ele deixou lá a minha mãe comigo na Terceira, ele nunca mais veio para trás... A minha vida não era boa na Terceira. Era pobre. Ele (pai) disse que vinha para trás com dinheiro para casar com ela (mãe), para ficar com ela... nunca mais apareceu.

O meu irmão, o pai dele é mesmo português, ele é meu meio-irmão. Ele é que é mesmo português e é que foi com os americanos (risos). Ele ainda tem uma tia aí na Terceira. Eles abem dele e falam com ele.

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Não tenho boas recordações...

E as menos boas?

Eu, não sei, eu era muito pequenino. Se calhar eu não gosto dos americanos porque eles foram buscar o meu irmão. Eu queria era dar pancadaria neles. Eu era pequenina, mas não queria que ele fosse. Eu quase que dei uma dentada na perna da americana, na mãe dele, a dizer a ela para não levar o pequeno (risos). Eu queria defendê-lo.

Parte II – Adoção

7- Alguém da sua família foi adotado por norte-americanos?

O meu irmão foi.

8- Que idade tinha o seu irmão quando foi adotado?

Ele tinha 9 meses. Eu estive com ele quando ele era bebé. Ele estava comigo.

9- E por que razão optaram por dar o seu irmão para adoção?

A minha mãe estava muito doente... e eu não sei se eles deram dinheiro a ela... nunca ninguém disse nada.... Só sei que ela estava doente, muito doente...e já tinha que tomar conta de mim e do seu pai, meu avô também morava com a “gente”... depois ela estava sempre no hospital... ela tinha tuberculose, ela morreu de tuberculose. Morreu muito nova.... Éramos muito pobres.

Ela sabia que não o podia criar. Ela teve que o dar, para ele ficar melhor (emocionada) ... O americano disse que vinha para trás, vinha ter com ela. Ele podia criá-lo... E ela ficou a criar um bebé... era difícil! A “gente” sabe essas coisas, mas... A minha mãe nunca me disse muito... eu era criança. Mas sempre... nunca desisti. Eu quando estive na Terceira, eu fui ao tribunal..., mas lá eles não me quiseram dar nada... Eu fui ao Civil da Praia... Eu até queria pagar. Pedi qualquer informação, qualquer coisa que me ajudasse... Ele disse que não... eu disse: “Eu pago.” E ele disse se eu queria que ele chamasse a polícia (risos). “A senhora está a dar-me dinheiro?” ... Eu disse: “Eu não me importo” ... Foi difícil, é que nunca tinha pensado sequer que ele já tinha nome americano... Eles (pais adotivos) mudaram o nome... Eu pensava que eles tinham levado o meu irmão (nome em português do irmão), então eu sempre procurei com o mesmo nome...

10- Lembra-se do dia da entrega do seu irmão? Consegue-nos descrever?

Estava um homem português e dois americanos, que levaram o pequeno. E o meu avô também estava comigo. A minha mãe estava no hospital. Só quem estava em casa com o pequeno era eu e o meu avô...e... foi difícil. Quando eles levaram... eu não queria. Eu disse que a minha mãe não estava em casa. Como é que vão levar o pequeno? Para onde é que ele ia? E nunca mais o vi...

Nunca me hei de esquecer. Foi um dia... eu não sabia o que estava a acontecer... à primeira. Eu tinha mudado a fralda dele... eu estava lá fora com meu avô... meu avô tinha apanhado caranguejo...estávamos todos sentados lá fora, e... depois vem um homem... e eu disse a meu avô: “Quem são essas pessoas?” E meu avô disse: “Eles vêm buscar teu irmão”. E eu disse: “Hem? Eles vêm buscar meu irmão? Porquê? Para onde é que ele vai? A mamã está no hospital” Meu avô disse: “Eles vão levá-lo. Ele vai viver com essa senhora e com esse senhor da América.” E eu disse: “Hem? Ele vai morar? E onde é que a “gente” vai, vavô?” E ele disse: “Não. A “gente” vai ficar aqui.”

E depois ela pegou nele, e eles foram-se embora.... Eu não me lembro... O homem que estava com eles falava português, os outros só falavam americano. Ele era um homem mais velho que os americanos... Eles pegaram no pequeno e foram-se embora.... Foi quando eu, agarrei-me às pernas dela... e eles foram-se embora com o pequeno. Foram num táxi, eles não tinham carro. O carro nem chegava perto de casa...aquilo era tudo de terra, nem era uma rua... e foram-se embora. E foi a última vez que o vi.

Eu tinha 6 anos quando a minha mãe me deu um retrato dele. Ela disse-me: “A americana mandou este retrato” (mostrou a fotografia), este retrato foi tirado na Terceira.

E foi há pouco tempo que acabei por o encontrar. Aqui na América. O primeiro dia que falamos ao telefone eu disse-lhe: “Eu tenho de ver a tua cara” ... (emocionada). Ele é o mesmo! Agora eu estou muito contente... eu estou. Da minha mãe somos só nós os dois. A “gente” fala todos os dias, vivemos a 2 horas de distância. Eu já fui lá passar uma semana e ele já veio cá uma semana. Ele quer ir à Terceira.

11- Como foi a separação da família biológica?

O meu avô entregou-o aos americanos. Eu só tinha 6 anos. Eu era pequenina. Eu não queria. Prendi-me às pernas dela a dizer que não. O meu avô é que o entregou. A

minha mãe já estava no hospital. Ela passou uns meses lá. Estava sempre lá e depois vinha para casa e depois voltava para o hospital, passou uns tempos assim.

Mas a sua mãe é que autorizou que fossem buscar o menino ou foi o seu avô?

Não. A minha mãe sabia, ela é que autorizou e tratou de tudo com meu avô. Quando foram buscar o pequeno, ela (mãe) era para estar em casa, não era para estar no hospital. Mas ela sabia.

O meu avô foi comigo lá dizer a ela. O meu padrinho também estava lá no hospital, o irmão dela. Ele também tinha tuberculose. A “gente” ia ver os dois. E o meu avô disse a ela que o pequeno já se tinha ido embora. E ela disse que já sabia quem era a família. A mãe dele (mãe adotiva) ia sempre ao hospital levar coisas a minha mãe: sumo, fruta, uma camisa de dormir, que minha mãe não tinha... Ela ia lá, enquanto estive na Terceira. Ela não levava o pequeno, mas ia lá (ao hospital) e ajudava, ela levava: sumo, fruta, o pão para a minha mãe. Foi quase um ano e meio que ela fez isso, enquanto ela esteve na Terceira. Ele saiu da Terceira com 2 anos... A americana visitava minha mãe, mas nunca mais levou o pequeno. Nunca mais o vimos...

Eram coisas que eu era muito pequenina e não me lembro de tudo. Há coisas que não me esqueço e que minha mãe me foi contando. Lembro-me de ela me dizer: “Um dia a “gente” vai para a América. A “gente” vai ver se a “gente” acha o pequeno”, a “gente” vai fazer isso e aquilo..., mas ela nunca mais... Ela só teve um retrato dele, porque a mãe dele (mãe adotiva) deu-lhe, foi o primeiro retrato, e era só aquilo...um retrato (emocionada)... Antes de ela morrer, ela deu-me este retrato... Ela deu-me o retrato do meu irmão e ela disse-me o nome do meu pai... Eu andei à procura dele (pai) e achei-o... Eu fiz o teste de ADN... aqui temos isto... E a filha dele, de outro casamento, fez a mesma coisa, e eu achei-a..., mas ele já tinha morrido, quando o achei já tinha morrido..., mas costumo dizer, um dia a “gente”... Ele também não quis saber de mim quando eu era pequena, por isso... também não me importo.

Mas, o meu irmão é diferente. Eu estive com ele os 9 meses que ele esteve em casa. Eu é que lhe mudava as fraldas, com meu avô. Eu é que fazia tudo... Dele eu lembro-me e cuidei dele...

12- Manteve contato com a criança? Sim _____ Não X .

13- Antes de partir para os Estados Unidos da América, a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

A minha mãe disse que eles ficaram na Terceira mais 3 anos, ali na Base.

E nunca mais se viram? Moravam tão perto da Base?

A minha mãe não queria, ela sabia que eles tinham tirado o pequeno... ela não queria vê-lo... Se fosse eu, também não queria vê-lo... devia doer muito.

14- Sabe se ao seu irmão teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro?

Ele era muito pequenino. Acho que não. Não sei.

15- O seu irmão sabia que tinha sido adotado?

Sabia.

Como é que ele soube que tinha sido adotado?

Eu acho que a mãe dele lhe disse quando ele tinha 14 anos... não sei muito bem como foi..., mas eu acho que foi ela que lhe contou quando ele tinha à volta dos 14 anos...

Ela tem mais uma (filha adotiva) que é portuguesa também, ela tem mais uma filha. Ela não sabe da família... aí na Terceira. Ela adotou dois: o meu irmão e mais uma pequena. Foram os dois na mesma altura. Eu acho que eles contaram aos pequenos... Eu acho que ele tinha 14 anos. Ele sabia que era adotado, mas não sabia que tinha uma irmã... Ele não sabia nada de mim...

E ele sabia que era da Terceira, dos Açores?

Acho que não. Acho que só disseram que era adotado, não contaram nada da “gente”... não sei.

16- Tem contato com o seu irmão que foi adotado pelos americanos?

Tenho (risos).

Como é a vossa relação?

Não tenho palavras...a “gente” dá-se bem... a “gente” dá-se muito bem. É como se nunca tivéssemos sido separados. É de coração. Quando uma coisa acontece... alguma coisa com ele, eu sinto... eu sei... até parece que somos gémeos (risos). Ele cortou um dedo no outro dia e eu disse ao meu marido aconteceu alguma coisa com ele, e o meu marido disse: “O que é que aconteceu?” E eu disse: “Eu não sei, mas alguma coisa

aconteceu com ele”. Então eu falei com a mulher dele, e ele tinha cortado um dedo... Alguma coisa me deu que eu senti que ele estava pisado... parecemos gémeos. O que ele sente, eu sinto.

A família adotiva permitiu que o seu irmão mantivesse contato com a sua família biológica?

Não! Nunca mais o vimos.

17- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado?

Eu acho que sim

Onde decorreu o processo? Nos Açores ou nos EUA?

Eu acho que foi na Terceira... e também na América. Porque ele tem papéis americanos, por isso acho que fizeram na América também. Ele deu-me os papéis que eles fizeram (pais adotivos) e da outra menina também, e estava tudo em americano.

18- Como é que os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar?

Isto é que é uma coisa que ninguém me sabe responder! Ninguém sabe de nada disto. É uma pergunta que já fiz tantas vezes: como é que os americanos acharam a “gente”? Já não posso perguntar a meu avô porque ele já morreu. Perguntei a minha madrinha... mas na altura ela já estava na América. Mas, ainda ouvi falar num senhor que é que sabia da “gente”. Deve ser aquele que foi com os americanos buscar o meu irmão. Lembro-me que foi o casal americano, mas ia um português com eles... Isto é uma coisa que não consigo perceber... E já não tenho ninguém para me responder.

Cheguei a perguntar a meu tio: “Mas porque é que foram buscar o meu irmão e não me foram buscar a mim?”

E como terá sido feito o contacto entre as famílias?

O meu avô estava sempre em casa. Eu tinha era um padrinho que trabalhava para os americanos, mas ele estava no hospital, sempre doente... e ele estava no hospital quando o meu irmão foi dado...

Alguém deve ter dito alguma coisa aos americanos... Que ela (mãe) tinha um pequeno e estava doente. Mas ela (mãe) também tinha uma menina, podia também ter sido eu.

Ainda disse a meu tio que me adotou, porque é que eles não ficaram também com o meu irmão? Porque é que não pegaram nele também? “Vocês pegaram em mim que era mais velha... porque é que não pegaram nele?” ..., mas eles nunca disseram nada.

19- Que tipo de adoção a criança teve? Plena ou restrita?

Eu acho que foi restrita. Não foi muito clara, não sei os nomes certos (dos tipos de adoção), mas não deve ter sido muito claro. Quando fui aí (à Terceira) procurar, eles não me podiam dizer nada. Não sei muito destas coisas, mas minha mãe assinou papéis aí. Mas eu sei, que eles (pais adotivos do irmão) quando chegaram aqui à América eles tiveram que ir também ao tribunal de cá.

20- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever-nos outros casos que conheça?

Não. Eu não sabia de nada disto, pensava que era só o meu irmão é que tinha ido com americanos. Eu não sabia nada, nada disto. A minha madrinha falava de uma senhora que tinha tantos pequenos e eles foram todos para a América com os americanos. Se calhar isso foram muitos pequenos. Ela dizia que havia uma mulher na Serra (Serra de Santiago) e que ela tinha tantos filhos e que ela deu os filhos aos americanos. E eu disse a ela: “Agora é que me dizes? Agora que já achei o meu irmão.” Não eram coisas que falassem sobre isso, agora é que ela me fala sobre isso. Ela nunca me falava ou respondia quando fazia perguntas...

21- Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum? Havia denúncias? As autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?

É um choque, era melhor não falar, para onde é que os pequenos iam... a ilha não é grande... e faziam de conta que não sabiam. Como é que as pessoas não sabiam que os pequenos já não estavam com as suas mães? Isso são coisas que perguntei. Agora ela já fala nisso, “Vocês nunca diziam nada. Nunca falavam nada. Era só levar um pequeno e pronto?” ... Eu tive 41 anos sem saber do meu irmão. São coisas que as pessoas não percebem, não sabem o que é.

Este meu tio é irmão da minha mãe! Ele nunca quis falar comigo sobre isso. Adotou-me a mim, mas nunca falavam do meu irmão!... É como se tivesse desaparecido.

Eu às vezes pergunto-me como é que o Governo deixou esses pequenos irem-se embora assim?

Eles têm que sair da ilha e ninguém sabe como é que saíram. Eles saíam e pronto... foram-se embora... Nos aviões americanos, nos aviões portugueses, iam-se embora e ...OK.

Ela (mãe adotiva do irmão) foi-se embora e pronto. Como é que ela se foi embora? Foi num avião português? Foi num avião americano? Como é que foi? Foi embora e pronto. A “gente” nem soube quando é que eles se foram embora. Ninguém sabe. As pessoas não querem falar. É um segredo. Aida há pessoas que não querem... não querem dizer nada.

Ninguém falava de nada... Eu ainda me lembro de muita coisa, eu era pequenina, mas lembro-me... acho que quando o meu irmão foi embora, ninguém falava sobre isso...

E as autoridades? Acha que sabiam?

Eu era pequenina, mas eu acho que sabiam, mas ninguém queria falar nisso. Como eu disse, meu tio e minha tia, ele é irmão da minha mãe! Eles não falavam em nada.

22- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos? Consegue-nos dar um número?

Devem ter sido muitas, mas um número não sei.

23- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Só que eu estou contente porque eu achei o meu irmão. Todos os dias falo com o meu irmão, e o que digo a ele é que eu não me importo... Eu agora tenho uma família, tenho-o a ele, ele tem uma filha, a minha sobrinha, uma coisa que nunca tive... É muito bom... eu tenho uma família é muito bom...Eu estou sempre contente. A “gente” fala todos os dias. Eu quero ir à Terceira com o meu irmão.

Foi a melhor coisa que me aconteceu.

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista II

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Helena Sexo: M ☐ F ☒ Idade: 81 anos Escolaridade: Sem escolaridade Profissão: Pensionista Naturalidade: Praia da Vitória

(Famílias biológicas)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população Terceirense?

Acho que foi muito importante para a “gente” Empregaram muita “gente” naquele tempo... eram muito bons, os americanos... eram muito bons para a “gente”.

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Foi muito bom... o meu pai ganhava 20 escudos, mas ia à Base fazer uns trabalhinhos, trazia mais um dinheirinho... A vida ficava logo mais aliviada... ficava uma coisinha melhor

E coisas menos boas?

Canada!... Foi muito bom... não me lembro de nada “ruim”...

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? Pelas crianças e jovens da ilha?

Oh fizeram muita coisa... eles fizeram muita falta... Os filhos que eles perfilharam? Mães que não tinham nada... outras que desprezavam os pequenos, ou não gostavam deles... não se importavam com eles... e os americanos levaram... ajudaram essa “gente”, esses pequenos!

4- Acha que os americanos ajudavam a população local?

De que maneira! Muito... muito mesmo.

Consegue-nos descrever algum episódio?

Olha, eles davam roupinhas, comida... muita “gente” trabalhou para eles (americanos), já se sabe que se ganhava melhor, a vida ficou melhor...

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Ah sim!...

Como é que foi influenciada?

Olha as minhas irmãs trabalharam para os americanos... trabalhavam muito... Elas trabalhavam na casa dos americanos, faziam limpezas... As americanas compravam comida nas “*estoas*” e elas também comiam lá... Eu acho que foi muito bom.

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Eles andavam nesta freguesia para cima e para baixo, eram muito boas pessoas... sempre a dar... eu era muito amiga de uns deles, ainda nos escrevemos depois de se irem embora ... mas depois perdeu-se... era uma vida nestas ruas, aqueles carros muito grandes... ajudaram tanto, davam sem a “gente” pedir sequer... ricos tempos!

E as menos boas?

Não tenho nada... nada que dizer a essa “gente”... foram sempre bons para mim ... ainda fui viver para a América, vivi lá uns 5 ou 6 anos ... mas nunca gostei daquilo... mas eles eram muito bons para a “gente”... as minhas filhas andavam sempre muito por lá, com eles, davam-se muito com os americanos...

Parte II – Adoção

7- Alguém da sua família foi adotado por norte-americanos?

Eles levaram o meu sobrinho...

8- Que idade tinha a criança quando foi adotada?

O pequeno era pequenino... tinha uns 2 anos.

9- Porque deram a criança para adoção?

Eles (americanos) eram muito amigos com a minha irmã, ela trabalhava na Base... e eles disseram “se tu me deres este pequeno para levar para a América, tu também vais, que eu chamo-te” (Carta de Chamada). E ela que se consolava em ir para a América? Ela consolava-se... **E a mãe também foi para a América? Eles fizeram a Carta de**

Chamada? Canada! O pequeno foi..., mas a mãe ficou... nunca mais soubemos nada dele... (emocionada).

10-Lembra-se do dia da entrega da criança? Consegue-nos descrever?

Não... não me lembro... até acho que minha irmã é que foi levar o pequeno... Ela trabalhava lá... e ao depois ela deu-lhe.... Então não sei se eles é que vieram buscar se ela é que o foi levar... isso então não sei!

Eles ficaram com ele... prontos. - “A senhora não se agonie que o seu filho vai muito bem...” Aí coitadinho do meu rico menino... Aí lindo que ele era (emoção)... todo “frisadinho” ... Ele ficava na minha casa... ele vinha para aqui... para a mãe poder ir trabalhar para as americanas... Ela dizia-me: - “Tu queres ficar com o meu pequeno?” e eu dizia-lhe: “Quero minha amiga”, arranjei-lhe um colchãozinho enchi de esponja, meti no quarto de cama ao pé da minha cama, que ainda hoje lá está... ele comia açordinhas com ovo, eu dava-lhe leiteinho para beber pelo biberão... Aí que coisa mais asseada (emoção).

11- Como foi a separação da família biológica?

Ela ficou... (emocionada) coitadinha...ela chorou muito! Muito... ficou com muita pena... porque eles tinham levado o pequeno... Ela dizia-me “Aí..., mas eu quis, tu sabes se ele não tivesse ido eu nem sequer tinha nada para se comer” ... Ela era viúva... E ela disse “Coitadinho... ele foi à conta de Nosso Senhor, mas eles disseram-me que me chamavam...” Canada! Ela nunca mais soube um “pisco” dele...

Ela estava na Base, ela trabalhava em casa de uma americana. Ela depois foi ver o pequeno a casa da americana... E eu fui mais ela... e o pequeno...o pequeno a meter-se debaixo da mesa a “*guindar*” os brinquedos todos... preso às pernas da mãe... Ele queria era a mãe...

12-Manteve contato com a criança? Sim _____ Não X

Sei lá... não sei se ele é vivo se não é... se ele for vivo tem talvez uns 48 ou 49 anos, mas sabe-se lá o que é que aconteceu a ele... se fosse agora... eles descobriam... se minha irmã fosse viva a “gente” descobria. Sei lá, nunca se sabe... a “gente” não sabe se foi para melhor...nada!

13- Antes de partir para os Estados Unidos da América, a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Ele logo para a América não foi. Ele ainda esteve cá uns tempos. A mãe ia visitá-lo... “coitadinha”! “Preta” de arrependida que o tinha dado...

14- Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro?

Canada! Ele “coitadinho” não sabe de nada... ele foi com 2 anos...

15- A criança sabia que tinha sido adotada?

Ah não sei... nunca mais soubemos dele...

16- Tem contato com a pessoa que foi adotada?

Nada! ... “cá nada” ... ele tinha 2 anos... ele se aparecesse aí, eu já não o conhecia...

17- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado? Onde decorreu o processo? Nos Açores ou no país de acolhimento?

Isto então não sei. Isto foi há muito ano... Ele hoje há de ter 49 anos, ele é pouco mais velho que o meu filho...

18- Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?

Foram as minhas irmãs... elas trabalhavam na Base, trabalhavam para as americanas, em casa delas... elas conheciam os americanos, elas é que levaram o pequeno.

19- Que tipo de adoção a criança teve? Plena ou restrita?

Aí não sei... Isso então não sei.

20- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever-nos outros casos que conheça?

Sei de uma pequena, ela já havia de ter dado a primeira comunhão, já era grandinha, deram a pequena. Mas eu já não me lembro muito bem. Sei que tinha uma (irmã da criança) que trabalhava na Base e que fez tudo.

Mas ela não teve muita sorte, parece que os americanos deram-lhe má vida... mas ela era esperta! Eles davam-lhe má vida que era um “disparate.” Mas ela vingava-se deles. E depois ela saiu deles para fora. Enquanto não pode sair não saiu, ia levando a vida que eles lhe davam. Mas, depois ela casou com um americano, ah que rico americano, que Deus o guarde. Agora está muito bem... o americano estima-a muito... ela já veio cá!

21- Os casos de que tem conhecimento foram legalizados?

Não sei. **Como acha que estas crianças saiam do país?** Era com os americanos...

22- Por que motivo esta criança foi dada para adoção a um casal norte-americano?

Era o melhor para o pequeno... a minha irmã não tinha condições de criar o pequeno...

23- Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum? Havia denúncias? As autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?

As pessoas não achavam nada! (risos) Não sei muito bem...isto já foi há muito anos...também não me lembro. Naquele tempo o que diziam é que se fosse sua filha não davam... “coitadinha”, ela era viúva não tinha que dar de comer àquele pequeno.

24- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Há de ter sido “montes” deles!

25- A senhora tem mais alguma coisa que ache que é importante partilhar para este estudo?

Já não me lembro... isso já foi tudo há tanto tempo...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista III

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Ana Sexo: M ☐ F ☒ Idade: 60 Escolaridade: 6º ano

Profissão: Empregada doméstica Naturalidade: Angra do Heroísmo

(Famílias biológicas)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na Base das Lajes na população terceirense?

Pois eu acho que na ilha Terceira, principalmente na Praia da Vitória, eles (americanos) é que faziam isso andar... a Praia desde que os americanos começaram a andar daqui para fora, a Praia começou a desaparecer.

Foram postos de trabalho que a Base criou. E é só vermos agora, “montes” de “gente” desempregada... o que saiu desta Base!

Quantos foram para a reforma antecipada? E os novos? Muitos ficaram desempregados!

Os americanos é que faziam a Praia andar...

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Postos de trabalho, sem dúvida!

E desvantagens?

Eles foram-se embora e levaram tudo (risos), levaram tudo e muitos americanos ainda ficaram com filhos que se calhar nem sequer os podiam ter (risos).

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Eles (americanos) faziam festas lá (na Base) e a “gente” (crianças do Lar) ia. Lá nos “Sargentos” (Clube dos Sargentos) e a “gente” ia nos Natais... Aquilo para a “gente” que não tinha nada... era tudo novo! Eram as ofertas, que a “gente” não tinha! Eram bombons! A “gente” pensava que era assim, éramos crianças. Aquilo era uma festa para a “gente”!

Eles (americanos) iam buscar a “gente” naqueles “*buses*” (autocarros) azuis, parece que estou a ver, iam buscar a “gente” e traziam a “gente” todas... Faziam jogos com a “gente”, faziam... eram festas só para a “gente”!

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Ajudavam! Talvez àquelas pessoas que trabalhavam para eles (americanos) ... Eles davam roupa, comida... A minha tia trabalhou muito anos para eles... as empregadas (domésticas) vinham então muito bem... de roupas, e eles pagavam bem! Ninguém pagava (ordenado) como os americanos! Era o melhor patrão. E mesmo hoje em dia, que vai para a casa de um americano fazer limpezas ainda ganha bem, melhor que para os portugueses...

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira? Como?

... A minha vida! Tiraram-me o melhor que eu tinha (emoção). Tiraram-me o melhor que eu tinha! A minha vida tinha sido totalmente diferente! (emoção) Eu não tinha saído dali (do Lar) porque não tinha ninguém...

Levei muitos dias... eu chorava por ela, eu não dormia (emoção)... Ela só percebeu o que estava a acontecer quando chegou lá (EUA), quando se viu sozinha, quando viu que não via mais a “gente” (emoção).

Com o passar dos dias... quando se começou a ver sozinha, ela mesmo diz, “Eu não comia, não dormia, eu chorava que queria...” (emoção)

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Eram as festas, os bombons (risos) eram as prendas, eles eram então muito bondosos para dar prendas... e se a “gente” tinha uma coisinha melhor na altura... eram os americanos que davam... íamos ao ringue de patinagem... coisas que a “gente” não tinha. Para a “gente” isso era tudo! Para quem não tinha nada, era muito! A “gente” era estudas, rezar e comer... então rezar! (risos) Era de manhã à noite... (risos)

E as menos boas?

Foi ter ficado sem a minha irmã... (emoção)

Parte II – Adoção

7- Alguém da sua família foi adotado por norte-americanos?

Sim, a minha irmã foi.

8- Que idade tinha a criança quando foi adotada?

A minha irmã era já uma mulherzinha quando foi com os americanos. Ela tinha 12 anos.

9- Por que motivo optaram por dar a criança para adoção?

Porque eu acho que isso teve muito a ver com o lar... eu acho que fizeram muito a cabeça dela (mãe). Num certo aspeto minha mãe não teve hipótese. Mas depois ela teve hipótese de ficarmos juntos, ainda fomos viver com ela, minha irmã já se tinha ido embora, mas depois ela tornou a abandonar a “gente”... E depois eu culpo um bocado a minha mãe. Sinto-me muito abandonada pela minha mãe.

Os meus filhos estão acima de tudo. Eu nunca tive pai nem mãe... sei bem o que isso é...

O meu pai bebia muito e foi por isso que fomos para o orfanato. A “gente” passava fome! A “gente” passava muita necessidade. Eu cheguei a dizer a minha mãe “Eu tenho fome. Eu quero comer.” Lembro-me bem, eu era a mais velhinha... os outros eram mais pequenos.

Quando a minha irmã foi adotada, ainda fiquei no orfanato, até um dia que fui passar férias com minha mãe e ela queria-me mandar para lá outra vez. Eujá era grande e disse a ela que fugia... e já não fui mais, fiquei com minha mãe, mas passado uns tempos ela abandonou a “gente” outra vez...

Naquela altura era a ilusão, acho que era a ilusão por uma vida melhor... Mas eu acho que vai também das mães... Eu fui mãe aos 16 anos e fui para o Lar e lá tentaram que eu desse a minha filha... e eu sempre disse que não... ela era minha... era minha (emoção) e eu acabei por sair de lá...

10-Lembra-se do dia da entrega da criança? Consegue-nos descrever?

Lembro-me do dia do aeroporto (emoção)... foi muito difícil... era a minha bebé... (emoção) apesar de eu ser só 2 anos mais velha que ela, era a minha bebé... a minha

vida mudou por completo, não queria ficar mais no orfanato... depois conheci o pai das minhas filhas... muito novinha...

E como é que a senhora vai ao aeroporto?

A “gente” foi ao aeroporto através dos americanos, ele levou-nos ao aeroporto, porque ela (irmã) foi com a americana (para os EUA), mas o americano como era militar ainda ficou cá.

11- Como foi a separação da família biológica?

Pois para ela, na altura foi... ela era uma criança, uma vida diferente... ela só teve noção quando chegou lá (EUA), quando soube que não ia ver mais a “gente”...

Eu culpo muito a minha mãe. Muito! Porque ela sabia que era a única coisa (irmã) que eu tinha... A “gente” tem mais irmãos, mas os rapazes foram para um lado, e eu e a minha irmã estivemos sempre juntinhas... Quando foi essa coisa da adoção... (emoção) tínhamos ficado sequer juntas. A minha vida tinha sido diferente. O pai adotivo dela queria levar a “gente” as duas, a mulher não queria, só queria uma. Já tinham dois rapazes... eu era mais velhinha...

Ela quando foi embora nem parecia ter 12 anos, ela sempre foi muito “mineirinha” (pequena)... nem sequer parecia (emoção).

12- Manteve contato com a criança? Sim: X Não

Como manteve esse contato?

Eles (americanos) moravam na Estrada 25 de abril. Eles iam buscar... a “gente” não entendia muito bem... eu pelo menos. Eu não tinha noção que ela (irmã) ia-se embora..., mas eles iam buscar a “gente”, mesmo a minha mãe, os meus irmãos, ao orfanato, e a “gente” convivia com ela...

Os últimos tempos dela a “gente” convivia muito, os irmãos todos juntos... Isso eles (americanos) fizeram! Fizeram a “gente” estar todos juntos... a preparar a despedida (emoção)... Isso eles fizeram... Ainda cheguei a ficar uns dias com ela na casa dos americanos, depois eles iam-me levar ao orfanato e ela ficava (emoção).

No princípio a “gente” ainda escrevia, ainda mantivemos contato, mas depois a americana cortou... As cartas vinham devolvidas para trás (emoção)... Ela escrevia para mim...

Ela agora está mais... e esteve aqui e tudo (visitou a Terceira) ... e a “gente” está mais (emoção)... a “gente” está sempre a dizer a ela para aprender a falar português... ela já diz umas “coisinhas” (sorrisos).

Foi para mim, principalmente para mim, foi muito complicado. Se eu já estava sozinha, se já não tinha pai nem mãe... ainda me senti mais sozinha (emoção). Sem ela ainda me senti mais sozinha. Com ela sentia-me... ainda nos tínhamos uma à outra...

13- Antes de partir para os Estados Unidos da América, a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Foi coisa de meses... Ela foi com a americana, mas o americano ainda ficou, ele ainda estava de serviço...

14- Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro?

Muitas, muitas...

Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, ela terá sentido?

Não ter ninguém para falar lá a sua língua (emoção)... ela penou (sofreu) um bocado.... Para ela foi muito duro... Ela lá passou uma fase muito complicada! O pai tentou abusar dela... ela também foi lá para outra instituição... Ela chegou a fugir de casa!... Com 18 anos engravidou e foi aquele “*pézinho*” (desculpa) para não voltar para casa... Ela penou muito, muito...

Ela na América penou mais, depois ela não se adaptava... Eles (pais adotivos) não queriam que ela falasse português. Ela tinha que falar no inglês (emoção). E para aprender o inglês da noite para o dia? Ela inquietou-se (foi difícil) ... E depois teve uma vez que foi, “*amodes*” (parece) que foi negra para a escola ... (emoção) e uma das professoras... há coisas que eu sei falar inglês com ela, e há outras que eu não sei muito bem...e, através destes maus-tratos é que ela foi outra vez para uma instituição.

Depois eles (americanos) foram buscá-la outra vez lá (à instituição) ... (emoção). E por ironia do destino ela hoje é que toma conta do pai! Ele (pai adotivo) nos últimos anos tem-na ajudado, a vida dela lá (nos EUA) também não é fácil. Ela teve uma vida muito difícil!

15- Então a sua irmã sabia que tinha sido adotada?

Sim, ela depois de fazer 18 anos quis que a mãe lhe desse os papéis da adoção. E a mãe até aos 40 e tal anos, nunca lhe deu os papéis da adoção. Empurrava de uma banda (lado) para a outra. Dizia que o pai é que tinha. O pai dizia que não tinha, porque eles hoje são separados, que o pai não tinha. O pai dizia que não tinha papéis nenhuns que ela (mãe) é que tratou sempre de tudo, que ela é que ficou com os papéis da adoção.

E ela (irmã), só descobriu os papéis da adoção... quando ela veio à Terceira, porque a mãe nunca lhe deu! Nem gostou que ela fosse buscar os papéis... Ela quando veio cá (Terceira), foi buscar os seus papéis...

16- Então, hoje, tem contato com a sua irmã? E como é a vossa relação?

Olha se eu pudesse, eu estava lá com ela. Mas eu às vezes penso que ia bem ter com ela..., mas agora tenho os meus filhos... Se eu pudesse entrar pelo telefone (risos). É todo o dia ao telefone uma com a outra... falámos praticamente todos os dias.

A família adotiva permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica?

No princípio ainda escrevemos cartas, mas depois a americana cortou tudo... ela depois é que nos procurou. Já era diferente porque ela sabia... que tinha irmãos. (emoção) Agora quando é aqueles pequenos que vão pequeninos, é diferente, que não sabem que têm irmãos, que foram muito bebês, esses não... Agora ela já era grandinha...

17- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado? Onde decorreu o processo?

Nos Açores ou no país de acolhimento?

Tirando o meu pai não ter assinado, eu acho que... pronto... foi duvidoso. A minha irmã diz, eu não tenho essa noção, porque eu não estava no tribunal... a parte do tribunal eu não fui!

A minha irmã, a assinatura da minha irmã está lá (na documentação da adoção). Como é que naquele tempo punham uma criança a assinar que queria ir (para os EUA)? Como fazem isso?

Só mesmo vendo o processo, sabes? Mas hoje podemos ver, mas não podemos trazer essa parte. A “gente” só trás o resumo da audiência. Ela tem uma cópia do resumo da audiência! E como é que uma criança, daquela idade, naquela altura, assina a dizer que quer ir? E o pai não assina! A mãe assina, a filha assina e o pai não assina! Tinha de

estar... Ela ainda disse ao homem do tribunal (aquando da sua visita à ilha Terceira) porque não estava pelo menos a impressão digital, meu pai não sabia assinar, tinha que ter o dedo do meu pai nesses papéis... Era o que se fazia. Ainda hoje quem não sabe assinar, é o dedinho... a impressão digital, é a prova que é a pessoa! Só está o nome da minha mãe...

Meu pai já morreu, já há alguns anos, mas meu pai tinha aquela dor de não ver a sua filha...

18- Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?

Foi tudo tratado com o Lar... foi tudo através do Lar. Apareciam tantos americanos no Lar. Eles iam para lá, faziam festas para a “gente” como se a “gente” fosse uma amostra..., mas depois parece que escolhiam... tem um “monte” (muitas) de raparigas da minha altura, que foram adotadas, “montes” (muitas)... Uma delas, que está lá fora, ainda hoje temos contato, e ela foi adotada por um pai e uma mãe, muito bons!... Teve uma vida muito boa. Nem todos os casos foram ruins. Teve muito ruins, muito ruins, mas também teve bons.

19- Que tipo de adoção a criança teve? Plena ou restrita?

Pois eu não sei.

O nome da minha irmã no processo, cá (Terceira) é diferente do da América. A americana quando chegou lá (EUA), registou-a com um nome diferente. Lá ela (americana) teve de fazer papéis novos, papéis americanos, e registou-a com um nome diferente, mudou logo o nome.

Ela confrontou a mãe com o nome, quando chegou lá (depois de ter visitado a Terceira e ter regressado aos EUA). A mãe não gostou nada que ela tivesse ido ao tribunal buscar os papéis da adoção.

Ela tem dupla nacionalidade. Ela tem... ela é mesmo cidadã americana.

Eles quando chegaram à América têm de fazer um novo registo. O nome dela em português era (...) (nome em português) então eles mudaram o primeiro nome e meteram o nome (...) (nome em inglês semelhante ao português) porque o seu nome era difícil, mas deixaram o segundo que era mais fácil.

A minha irmã tem o processo com isso, ela quis! Não é o processo todo, porque se a “gente” visse o processo todo, eu não sei o que íamos achar mais lá... mas aquilo

escrito à mão é muito difícil de se ler. E o nome das testemunhas e tudo, está lá no resumo também. E os generais da Base! E pessoas da Praia!

O pai dela (irmã) não era soldado! Ele era um daqueles da alta, ele tinha patente...

20- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos?

Sim. Tantos...

Pode descrever-nos outros casos que conheça?

Não sei muito bem, mas lembro-me que na altura havia uma senhora na Fonte Bastardo que tinha muitos filhos e também “num instantinho” dava pequenos... E teve filhas comigo no Lar...

Lá no Lar onde eu estive, na minha altura, foram muitas, muitas raparigas adotadas pelos americanos, muitas mesmo! Tem umas que nunca mais soubemos delas... houve umas que ficaram bem.... Conheço uma que os pais deram-lhe os seus papéis da adoção e ela teve uma boa vida... Foram tantas, tantas...

21- Os casos de que tem conhecimento, foram legalizados?

Pois através do Lar, a “gente” pensa sempre que é tudo legal... Mas também houve casos cá fora (externos ao Lar) que não foram legais...

Nesses casos, os que não seriam legais, como é que estas crianças saíam do país?

Alguns há de ter sido registados mesmo no nome dos americanos... houve bebés que nem sequer tiveram hipótese de saber quem era o pai ou a mãe.

Eu pelo menos sabia que a minha irmã tinha sido adotada, e eu sabia que muitos... mas quando se levantou essas coisas todas (na comunicação social), quando se começou a falar na televisão, disso... aí é que eu me arrepiei... ainda disse “Oh, meu Deus!” e comecei a juntar coisas que vi e ouvi...

22- Porque motivo esta criança foi dada para adoção a um casal norte-americano?

A “gente” estava num orfanato. Iam lá muitos americanos. Sabe o que é que parecia? Parecia que a “gente” era pessoas em exposição para eles escolherem... ofereciam ofertas à “gente”, e a “gente” como crianças... tudo tinha graça, a “gente” não tinha nada!

23-Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum? Havia denúncias? As autoridades tinham conhecimento?

... Isto não havia controlo, não havia nada... as autoridades não queriam saber, fechavam os olhos a isso tudo... Naquela altura os americanos era tudo para essa ilha, ninguém fazia nada contra eles... era tudo deles. Tanto que eles foram-se embora e a Praia está a “morrer” ... Quem viu essa Praia e quem a vê... isto eram só americanos nessa Praia.

Tem muita “gente” que não fala, até mesmo mães que deram e não querem sequer falar nisso... Isso andava tudo ligado, eram freiras, eram padres, era tudo! Acha que o governo tinha dinheiro suficiente para estar a sustentar 60 e tal raparigas num Lar? Acha que eles (americanos) não davam um dinheirinho para a casa?...

Há muita coisa aí, muita coisa podre! Ninguém quer falar e muita “gente” já morreu.

24-Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Oh tantas. Isso na zona da Praia, foi uma coisa muito séria... tantos que foram!

25-Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Tem muita “gente” que sabia. Toda a “gente” sabia! E deviam ganhar muito com isso... E vinha tudo (pessoas) à Base por causa do (sinal de dinheiro) e muita “gente” enriqueceu nesta Praia, muita “gente” ficou com muito dinheiro nessa Praia à conta disso! À conta da venda de crianças! Porque isso chamava-se venda de crianças! Apesar de ter papéis e apesar de eles inventarem os papéis todos que inventaram e assinarem e irem para o tribunal e tudo... naquela altura não havia metade do que há hoje! Isso foi muito dinheiro que rolou aí.

Isso tem muita coisa podre no meio disso. E precisava que houvesse pessoas sérias que dissessem assim “Não, naquela altura era assim, assim e assim”. Mas como devem ter muito a perder, não falam.

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista IV

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Francisca Sexo: M ☐ F ☒ Idade: 74 Escolaridade: Sem escolaridade Profissão: Pensionista Naturalidade: Praia da Vitória

(Famílias biológicas)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na Base das Lajes na população terceirense?

Os americanos... ajudaram à “gente”, ajudaram... A Praia é o que é por causa deles.

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Foi a vida que ficou diferente... ficou melhor então...

E desvantagens?

Não sei...

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Ajudavam! Eles às vezes andavam aqui a dar coisas à “gente”... Eles fizeram falta à “gente”... fizeram falta, eles ajudavam muito.

Como é que eles ajudavam?

Vinham trazer coisas, roupa, comida...

4- Acha que os americanos ajudavam a população local?

Ajudavam sim senhora, muito!

Consegue-nos descrever algum episódio?

Isso então, eu já não sei...

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Pois eles deram uma vida melhor às minhas filhas... nunca lhes faltou nada, não deixaram faltar nada... fez muita diferença para mim... pelo menos essas duas ficaram bem...

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Era aquilo que eles davam à “gente”... era bom... a “gente” não tinha nada...

E as menos boas?

Foi a americana que não me deixou ver a minha filha... ela deu-me com a porta na cara. Aí tal coisa de má (americana)...

Parte II – Adoção

7- Alguém da sua família foi adotado por norte-americanos?

Eu tenho duas pequenas para lá, porque eu as dei. Eu sei que são duas pequenas, eu sei porque eu é que as tive (risos).

8- Que idade tinham as suas filhas quando foram adotadas?

Foi logo quando nasceram. Elas estão registadas. Elas estão bem.

9- Porque motivo a senhora optou por dar as suas filhas para adoção?

Eu era muito nova e tive aquelas pequenas, não tinha ninguém que me ajudasse. Fui tê-las ao hospital, a senhora enfermeira tinha já uns americanos que eram seus amigos e queriam bebés. Eu trabalhava para o pai delas. Eu só tinha 20 anos. Eu tola e ele, também, tolo (risos) tolices das nossas cabeças...

Olha eu cá senti-me obrigada a dar, porque eu não tinha “poderes” para lhes dar de comer... naquele tempo havia muita fome...

Olha à conta destas tolices (relações extramatrimoniais) que eu fiz, foi mais para ajudar os meus filhos. Os filhos que eu tinha, eu ia às vezes dar o “meu passo” (prostituir-se) para ter dinheiro para eles comerem... Foi melhor dar aquelas duas do que estarem aqui a passar fome...

A minha outra filha diz “Ah mãe que tolice teres dado as pequenas” ... Eu não tinha hipótese de cuidar delas e de tratar delas. E ele não me ajudou, por causa da família (do pai das filhas) ... Elas estão bem! Se tivessem aqui, que vida é que tinham tido? A

minha outra filha que vida teve? E ela estava para ir (ser adotada por um americano), ela agora tem pena.

O meu filho mais velho é que não quis que desse... eu já estava casada, o meu homem era homem da “pinga” dava-me muito má vida! Eu ainda falei com a tal senhora enfermeira. Eu disse-lhe: “Oh senhora enfermeira arranja-me mais um americano para esta pequena andar. “Mas o meu filho mais velho não quis, ele disse “Oh mãe, tu não dás mais nenhuma!” E ele, coitadinho, foi trabalhar para ajudar a cuidar dela... Ele chegava a casa e ia procurar a menina para ver se eu não a tinha dado... Ele (filho) foi um pai para ela... O meu homem estava em casa comigo, mas era sempre na “pinga” ...

10-Lembra-se de entregar as crianças ao casal americano? Consegue-nos descrever?

Eu fui tê-las no hospital da Praia, acabaram de nascer, os americanos já estavam na porta para as irem buscar. Agora há pouco tempo é que soube delas.

A senhora enfermeira telefonou para os americanos, eles foram ter comigo ao hospital. Quando eles chegaram lá, eu não os vi, porque a senhora enfermeira disse: “Ela (mãe biológica) agora não pode atender que vai para a sala de partos para ter a bebé, por isso a senhora americana não pode chegar cá hoje” (casal americano aguardaram o nascimento, foram avisados que tinha entrado em trabalho de parto).

Quando tive a menina, ligaram para a americana.

Eu tinha levado as minhas roupinhas para a menina, tinha tudo em cima da cama para vestirem. Mas não quiseram (americanos), não vestiram aquelas roupinhas que eu tinha, era tudo novo e tudo limpo! Mas os americanos não quiseram, vieram então com roupas das suas casas, cobertores estampados, coisas lindas, lindas...

Nunca faltou nada a elas, ficaram bem...

Eu não vendi! Eu não vendi as minhas filhas! Eu dei-as! Eu dei-as! Eu não tinha poder (meios económicos) para tratar delas... Não tinha!

E esta (apontou para foto de outra filha), teve para seguir (para casal americano) ..., mas depois de eu dar as duas, eu não dei mais...

A senhora deu as duas filhas de uma só vez?

Não senhora! Era conforme iam nascendo. Elas foram, as mais velhas, dei uma, depois fiquei grávida outra vez, e dei outra vez no hospital...

11- E como foi separar-se das suas filhas?

A enfermeira conhecia os americanos, foi as duas assim, ela conhecia americanos e já sabia como era... Eu depois de as ter, elas só fazem diferença de 1 ano, eu depois, eu chorei muito (emoção), chorei muito mesmo... (emoção). Elas (enfermeiras) depois deram-me 2 injeções para não me “subir o parto à cabeça” (depressão pós-parto), eu fiquei a chorar muito... A senhora veja lá, eu aqui num quarto e ao lado, a ver as outras bebés a chorar e não vejo as minhas lá (emoção)... Por isso eu não quis mais...

Eu sabia o que ia ser a vida delas aqui ... E não era bom!

12- E voltou a ver as meninas? Sim _____ Não X .

Eu fui chamada a casa dela (americana, para ver a filha) e depois doutra vez (voltou a casa da americana) ... nunca mais me abriram a porta.

Nunca mais... Eu quando fui a casa da americana... tentei vê-la. Ela nunca deixou... Mas depois eu disse à criada “diga lá à americana que nunca mais assino para essa pequena andar, porque eu não vou lhe tirar a pequena, eu quero só ver a minha filha” ...

Qualquer uma delas, acabou de nascer e eles (americanos) levaram-nas logo, eu nem vi (emoção) eu nem sequer as vi (emoção). Eu não vi elas nascerem...

Mas depois a criada foi dizer à americana “Olha que ela (mãe biológica) não vai assinar para ela (criança) seguir para a América” ... Eu não assinava mesmo!

Lá vi a pequena. O americano chorava “poderes” (muito) (emoção)... Ela não me queria deixar ver (emoção)...

E com a outra menina? Manteve contato?

Também não, uma das americanas mandava-me coisas, escrevia-me cartas, mas nunca recebi nada disso! A americana mandava as coisas para casa da criada (ex-empregada doméstica do casal que adotou a filha), eu soube pela boca de uma neta dessa criada... “Oh senhora a minha avó recebia coisas para si e ela nunca dava à senhora”, as coisas que a americana mandava para mim.

A minha filha (anos mais tarde), quando falei com ela (reencontro por intermédio das redes sociais) em casa da minha filha (outra filha, residente na Terceira) pelos computadores, já as vi, mas não posso falar com elas, porque eu não sei, só as vi... elas são americanas! São filhas de portuguesa, mas foram criadas por aquela “gente” (americanos). Não percebo nada!

13- Antes de partir para os Estados Unidos da América, a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Aqui ainda estiveram um tempo aqui. Não era na Base, era fora da Base. Uma delas, que me deixava ir ver a pequena, a outra não quis ficar mais cá fora, foi-se fechar para a Base para eu não ir ver... Aqueles americanos são desconfiados!

14- Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, ela terá sentido?

Elas foram pequeninas, são americanas...

15- Elas souberam que tinham sido adotadas?

Souberam, souberam. Elas sabiam que tinham uma mãe cá...

Como soube/descobriu que tinha sido adotada?

Os americanos hão de ter dito a elas...

16- Tem contato com as suas filhas que foram adotadas? Como é a vossa relação?

Elas há pouco tempo é que encontraram a “gente”. Elas estavam para vir cá este ano, não vieram por causa dessa doença. Pode ser que venham para o ano, elas estavam com vontade de vir conhecer a “gente”.... Olha aqui as fotos delas... Esta é enfermeira e esta é professora (mostra fotos).

Eu vejo-as pelo computador, em casa da minha filha..., mas eu não percebo nada! Mas ao menos vejo-as.

Ela chora quando me vê. As duas vinham cá este ano... agora não sei se vem, só se for para o ano, por causa desta doença (COVID-19) que anda aí...

Elas já pediram a minha direção, pediram à minha filha.

Eu estou sempre “cismada” que gostava de ir à América vê-las... uma para já, eu consolava-me em ver a América e outra consolava-me em vê-as... Gostava tanto de vê-las...

As famílias adotivas deixaram que as suas filhas tivessem contato com a senhora?

Canada senhora! Nunca mais soube nada delas. Elas é que acharam a “gente”, mas foi só há 2 ou 3 anos...

Mas a minha filha agora é que me diz que a mãe sua mãe (adotiva) mandava coisas para mim, roupas... mandava as coisas, mas nunca recebi nada. A minha filha garante que a americana mandava coisas para a “gente”, mas nunca vimos nada.

Estes ainda me deixaram ver a pequena, eu ainda fui visitá-la, mas os da outra bateram-me com a porta na cara. O americano até me deixou uma fotografia dela pequenina com eles (americanos). É a única fotografia que tinha dela pequenina, da outra não tenho nada.

Da outra nunca me escreveram nem mandaram nada, levaram a pequena e acabou-se de vez... essa americana era má que mete medo, nunca me deixou ver a pequena.

17- Como foi o processo de adoção?

Elas estão registadas (na Conservatória do Registo Civil).

Fui ao tribunal com um senhor da Base e os americanos. O senhor do tribunal virou-se para mim: “A senhora sabe que é que vem aqui fazer? Vem aqui assinar para a sua filha poder seguir para a América”.

Então o processo foi legalizado? O processo decorreu aqui na ilha?

Sim, elas até estão registadas na Praia. Eu tive de ir ao tribunal, foi com as duas (nos 2 casos), assinar os papéis com os americanos... “A senhora agora vai assinar aqui, para dar a pequena”, foi assim com as duas, assinava os papéis para elas seguirem. “Vai perder o domínio delas. Os americanos vão-se embora e vão levar a pequena.”

Acabei de assinar no tribunal e eles viraram-se para mim “A senhora já assinou, a menina já não é sua, agora é desta senhora”. E não faltou nada a elas. Nunca faltou. E elas têm as suas mães (adotivas). Elas já morreram (mãe adotivas)! Ainda têm aquela que as teve!

18- Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?

As minhas os americanos vieram buscar a mando da enfermeira... A enfermeira é que era amiga daquela “gente” e é que arranjava os americanos.

Eu tive informação dessa “gente” foi pela enfermeira do hospital.

19- Que tipo de adoção a criança teve? Plena ou restrita?

Não sei dizer à senhora...

20- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever-nos outros casos que conheça?

Tem uma que também deu uma pequena, a pequena já veio vê-la, as minhas nunca vieram, a dela já veio e aquela tola foi brigar com a pequena! “Oh rapariga tu és minha filha porque é que não falas como eu? Eu é que te tive!” Coitadinha da pequena. Ela ainda se virou para a mãe, que não podia falar porque... ela coitadinha não sabe falar como a “gente”. Eu cá não tenho a mal das minhas filhas não saberem, pois se elas estivessem aqui, falavam como eu, mas se foram para lá, criadas de pequeninas, elas só sabem essa língua. Olha eu cá estou contente, que elas foram para a América, elas estão muito bem... estou contente... não as matei...

Para quê, senhora? Para estarem aqui na má vida como muitas andam por aí e a passar fome? Nunca lhes faltou nada. Não me arrependi de dá-las... Eu vou dizer uma coisa à senhora... como a outra que ficou cá, metida com “gente” sem prestar, com droga... foi uma desgraçada. Foi pior! As outras (filhas adotadas) estão bem!

Eu tenho uma irmã minha, ela já morreu, ela também deu uma pequena... Ela (sobrinha) está na América... Também deu, coitadinha! O marido dava-lhe muito má vida...

Os casos de que tem conhecimento, foram legalizados? No caso de não serem, como estas crianças saíam do país?

Ah, isso não sei, mas eu assinei os papéis todos. Elas estão registadas aqui, que eu fui registá-las, então!

21- Por que motivo esta criança foi dada para adoção a um casal norte-americano?

E eu vou dizer uma coisa à senhora, a vida era muito difícil, e eu casei e pensei que ia ficar melhor, mas não. Não me melhorei nada. Nada! Eram tempos muito difíceis...

Era muita pobreza, muito má vida que a “gente” levava...

22- Como eram vistas estas adoções pela comunidade local?

A mim ninguém olhava para mim que eu fazia o que queria que as filhas eram minhas... não me importo se falavam ou não.... Mas haviam de falar... Mas não sei nunca me importei...

A senhora então acha que as pessoas sabiam que se davam crianças para adoção aos americanos? E havia denúncias? As autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?

Eu sabia de outras... toda a “gente” sabia! Todos...

23- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

olha foram as minhas, a da minha irmã... mas ouvia-se falar de muitas... muitas...

24- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Ainda tive uma outra filha, esta foi para o orfanato. A senhora sabe a polícia americana... é que a apanhava porque ela fugia de casa de noite. E a polícia americana vinha-me trazer-la a casa... ela não queria parar e eu disse-lhe: “Eh rapariga vê se paras, tu não saís mais daqui de noite...” Mas ela andava sempre a fugir e a polícia americana a vir entregar a casa.

Então, um dia disse “Tu não vais sair mais de casa”. Então internei-a no orfanato. Ela endireitou! Eu ia vê-la ao orfanato... Todas as semanas eu ia lá... E disseram-me que lá, no orfanato, adotavam crianças... “Não vai mais nenhuma!”.

Ela, coitadinha, dizia-me “oh mãe, eu quero ir para casa”, mas fui sempre enganando-a, dizia que o tribunal não deixava, era mentira, fui sempre enganando-a, coitadinha...

Então um dia, veio um senhor português com umas americanas altas, com um cesto cheio de comidas..., mas eu dei-lhe uma má resposta... “A senhora quer dar a sua filha a esses americanos” e eu disse “Olha senhor, eu já dei duas, eu não dou mais nenhuma... Eu não quero dar mais filha nenhuma, a senhora sabe porque é? Eu dei duas e nunca mais tive recado delas, nunca mais me escreveram. Eu não dou mais nenhuma” e ele disse “Está bem”, mas apertou ainda mais um bocado...

Mas esses americanos andavam no orfanato atrás de pequenos. A tal americana morreu-lhe uma pequena, que dizia que era a cara desta (mostra a foto da filha que havia estado no orfanato). A americana não podia ver esta rapariga! Ela virava-se para o americano a falar em americano a dizer que era parecida com a sua, que ia dar o nome da sua filha e a chorar... que era a sua filha. E eu disse: “Mas essa não é tua, essa é minha!” (risos) ...

Dali a uma semana, vou ao orfanato, estavam as freiras na porta. E eu disse: “Ah senhora, eu vinha ver a minha filha” e elas olhavam uma para a outra. E eu disse: - “O que é que se passa aqui”,

- “Oh senhora a sua filha não está aqui”,

- “Como é que a minha filha não está aqui? A senhora quer ver que vou chamar a polícia?”

- “A sua filha está na América.”

- “A que respeito a minha filha está para a América? Sem a minha assinatura? Eu quero a minha filha cá!” – eu atirei com a porta e vim-me embora a chorar.

Ela (filha) depois veio. Quando veio, as freiras telefonaram-me para ir vê-la. Eu disse à minha filha “A que respeito é que foste para a América?” Ela coitadinha só me dizia “Oh mãe foram elas (freiras) que me mandaram para lá, com os americanos”.

O americano era piloto de aviões... levou-a à América para ir conhecer a casa... mas ela não gostava do americano. O americano queria dar-lhe beijos na boca... Ela disse-me! E eu disse a ela: “para a América, tu não vais!”

Fui ter com as freiras: “Esta é minha, ela daqui não saí... Ela não vai mais para a América...”. Coitadinha...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista V

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Maria **Sexo:** M ☐ F ☒ **Idade:** 57 **Escolaridade:** 4ª Classe

Profissão: doméstica **Naturalidade:** Praia da Vitória.

(Famílias biológicas)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população terceirense?

Eles fizeram muita coisa aqui na Terceira, tanto fizeram bem como fizeram mal. Deu trabalho a muita “gente” daqui, mas também apanharam muita “gente” pobrezinha, sem ter onde cair mortos e aproveitaram-se e levaram muita “gente” daqui para fora.

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Pois isto, realmente, foi vantajoso para a Terceira. Tu sabes que a Base fechou e os trabalhos foram todos embora, as pessoas foram-se todas embora, ficaram sem trabalho. A verdade é para ser dita, teve bom e teve ruim, estás a perceber?

O que teve de ruim?

... Pois foi esses desempregos agora... a falta que a Base faz à Terceira...

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Lembro-me das caixinhas que iam levar às escolas, era assim lá em casa, levavam uns brinquedos, até parece que estou a ver...

Eles iam a sua casa?

Sim, eles iam mesmo à casa da minha mãe... Depois foi falado que a minha mãe tinha dado o mais moço (irmão mais novo) aos americanos. Foi nascer e deu logo, não ficou registado nem nada... Nada disso!

Lembro-me de eles irem lá (a casa) uns homens americanos, um casal, levar comidas e levar brinquedos... a “gente” era “canalha”, eu havia de ter, sei lá, uns 5 ou 6 anos. Saí da freguesia com 9 anos, havia de ter 5 ou 6 anos, mas lembro-me disso... Quando passava o “bus” e atirava rebuçados para o caminho... Ah! Que rico tempo!

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

A nível de dinheiro eu não sei, mas em coisas de comidas, eles davam muito, roupas e coisas assim...

Lembro-me de os americanos irem a nossa casa, mas não sabia o que se passava. A recordação que tenho muito... foi de umas bonecas que nos levaram, eu não sabia o que era... minha mãe fazia à “gente” era umas bonecas de pano... lembro-me de levarem uma bola com duas orelhas para a “gente” saltar em cima (risos) e dar “pinchos”. Os americanos é que iam levar à “gente”.

Ia um casal americano (que adotou o irmão), de vez enquanto, levar coisas à “gente”... éramos muito pobres... acabava por ajudar a “gente”, que ficou para trás...

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?
Não... não, não...

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Tenho uma, lá em baixo (NSGA) a “gente” ia lá e eles davam muitas coisas à “gente”, para a “gente” comer (risos) ... A “gente” ia muito para ali, era eu e o meu irmão, íamos muito para ali (risos)...

A “gente” ia pedir Pão-por-Deus, naquele tempo, aquilo era uma alegria, os americanos davam “candinhos” (rebuçados) à “gente”. As pessoas (portugueses) esses davam era socas de milho... eram coisas que a “gente” precisava, estou vendo! Minha mãe debulhava as socas e ia à venda, deixava e trazia o queijo, trazia o açúcar... trocava, era assim na altura...

Eu conheço esta freguesia (onde atualmente reside) da cabeça aos pés. A “gente” saía de casa e vínhamos a pedir (esmola) por aí abaixo, sempre a pé, de porta em porta...

Minha mãe trabalhava na fábrica de tabaco, o meu irmão mais velho tomava conta da “gente”...

Lembro-me quando a “gente” via o “*bus*” azul, era uma loucura (risos)... a “gente” era como “bichinhos” à espera de atirarem um “candinho” (rebuçado) para a “gente” comer... e quando a “gente” sabia... toca tudo à roda da Base brincar a ver se eles davam umas coisinhas para a “gente” comer... foi a minha infância...

Quando a “gente” se mudou (para outra freguesia) então aí não fui pedir mais (esmola)...

E as menos boas?

Não, não tenho razão de queixa. Quando se batia à porta, os americanos queriam era que a “gente” entrasse e davam de comer à “gente”. Ninguém obrigou a dar ninguém. Meu irmão hoje pode estar melhor que a “gente” todos aqui, pode ter uma vida melhor que a minha, a viver dia-a-dia...

Parte II – Adoção

7- Alguém da sua família foi adotado por norte-americanos?

Tivemos um irmão mais novo que foi dado aos americanos, mas a minha mãe nunca quis falar sobre isso.

E lembra-se em que ano ele foi adotado?

Isto há de ter sido há 50 anos (1970). Ele hoje há de ter uns 50 anos...

8- Que idade tinha a criança quando foi adotada?

Acabado de nascer...

9- Porque acha que a sua mãe optou por dar a criança para adoção?

Ela só dizia à “gente” que havia muita pobreza e não havia meios de criar mais um filho. Já tinha a “gente” a pedir de porta em porta e criar mais um filho para pedir... Antigamente não havia as coisas que há hoje, não havia seguranças sociais nem nada...

Era muita pobreza. Ao todo éramos 4 com o que está para fora, éramos 5. O que está lá fora, não sei se é vivo se é morto, não te sei dizer...

Minha mãe sempre foi uma mulher muito fria. Ela era muito má. Tive uma infância muito triste. Muita pancadaria, muitos maus-tratos e muita fominha (emoção). Ainda foi

uma coisa muito boa, aquele pequeno ter ido (sido adotado). Há de ter tido uma vida muito melhor que a nossa.

Minha mãe penou muito, ela teve uma vida muito difícil.

10- Lembra-se do dia da entrega da criança? Consegue-nos descrever?

Pelo que os meus irmãos me contaram, este meu irmão nasceu e os americanos estavam já à espera para o levar. Na altura, a parteira da minha mãe é que o entregou, ele nasceu e ela pegou nele e deu aos americanos, acho que foi um rapaz.

11- Como foi a separação da família biológica?

Não sei, a parteira é que sabia isso tudo, ela já morreu, mas ela sabia isso tudo, porque elas eram como duas irmãs, ela era o braço direito da minha mãe...

A minha mãe teve o bebé e entregou e pronto “a modos” que minha mãe nem o quis sequer ver. A parteira é que pegou logo nele e entregou aos americanos.

Minha mãe contou à “gente” e mesmo assim disse logo que aquilo era para encerrar ali e não era para falar mais no assunto. E nunca mais se falou no assunto.

E que idade tinha a senhora quando a sua mãe vos contou? Eram pequeninos?

Não, eu já era grande quando soube essas coisas todas... já havia de ter uns 12 ou 13 anos. Ela disse: “Há um irmão de vocês que está aí para fora e vocês haviam de ter ido todos! Vocês é só para me tirarem anos de vida!” Eu ainda lhe disse “Ao menos a mãe tivesse ficado com a direção”. Talvez ele tivesse ajudado a “gente”, talvez tivesse dado um futuro à “gente”... se teve sorte, se foi por um bom caminho, que a “gente” não sabe...

12- Manteve contato com a criança? Sim _____ Não X .

Não, não sei nada deles, se é vivo se é morto... não sei nada dele...

13- Antes de partir para os Estados Unidos da América, a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Não faço ideia... não sei nada dele...

14- Acha que essa criança chegou a saber que tinha sido adotada? Qual a sua opinião? Acha que os americanos lhe contaram?

Pois pode os americanos nunca lhe terem dito nada, e ele nem sequer sabe da “gente”. Foi recém-nascido, aprendeu a língua deles... e às tantas os americanos sempre lhe disseram que ele era filho dos americanos. É bem capaz...

15-Então é possível que ele não tenha tido dificuldades em adaptar-se aos EUA?

Não me parece. Ele nunca esteve com a “gente”, foi como se fosse americano, se foi registado como filho deles... era americano!

16-E hoje tem contacto com o seu irmão? Já procurou saber dele?

Nada! Nem sei bem se é rapaz se é rapariga... pensei sempre que era rapaz, mas nem tenho a certeza...

17-Esse menino chegou a ser registado como filha da sua mãe?

Não, esse meu irmão foi registado mesmo no nome dos americanos. Foi registado como filho dos americanos.

Então não houve processo de adoção? Não foi um processo legalizado?

Não. Antigamente havia muita aldrabice, a nossa casa não tinha escritura, não se paga finanças... antigamente, faziam-se muitas aldrabices...

Naquela altura, no registo civil faziam coisas incríveis... antigamente não registavam a “gente” na data certa, às vezes ao fim de 2 ou 3 meses e para não pagarem multa diziam que tinha acabado de nascer... assim é que minha mãe me contou... Não havia dinheiro para pagar os selos... os americanos depois é que tratavam de tudo...

18-Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?

Minha mãe nunca falava nisso...

19-Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever-nos outros casos que conheça?

Sim, na altura ouvi falar de mais um lá na freguesia..., mas então não sei como aconteceu... lembro-me de se dizer que fulana tinha dado um pequeno aos americanos, mas eu era novinha, não sei como é que foi...

20- E acha que houve casos legalizados? No caso de não serem, como estas crianças saiam do país?

Pois eu não sei... naquele tempo aquilo era tudo um atraso de vida...

21- E como é que um casal americano entra na Base com um bebé, de uma hora para a outra e ninguém pergunta nada? O comando americano, os amigos que o conheciam, mesmo as nossas autoridades, ninguém dizia nada?

Naquele tempo era assim, ninguém queria saber. Como foi o meu irmão, foram tantos assim... Ele quando foi para a Base, quando entrou para dentro, já ia registado no nome dos americanos...

E não havia denúncias? As pessoas da freguesia da sua mãe haviam de saber, e não diziam nada?

As pessoas naquele tempo não se queriam meter. Ninguém dizia nada! As pessoas cuidavam da sua vida... naquele tempo abafava-se o assunto.

Naquele tempo usava-se saias grandes e xailes, encobria as gravidezes.

22- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Ah! Então foram muitos... isso foi uma loucura...

23- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Quando minha avó soube que minha mãe estava grávida, minha avó pôs minha mãe na rua. Para as pessoas não falarem, meu pai, que era casado, casou minha mãe com o sogro, que acabou por morrer quando eu tinha 15 dias, para todos os efeitos minha mãe era viúva...

Minha mãe fez de mãe e de pai, ela é que mandava... meu pai continuou sempre casado com a sua mulher e minha mãe era viúva... Ele (o pai) ia uns dias morar com minha mãe e outros voltava para casa da mulher... O meu irmão mais velho foi criado pela mulher de meu pai. A “gente” pensava que ele era mesmo filho deles, mas era nosso irmão, a mulher do meu pai não podia ter filhos, e filho com o mais velho (irmão) para criar.

Não fomos criados com o mais velho, quem o criou foi a mulher do meu pai, mas minha mãe é que o teve, foi como se o tivesse dado! E o mais novo foi para os americanos! A “gente” só depois de grande é que percebeu isso tudo!

Minha mãe juntava-se com uma amiga, a parteira, eram muito amigas, bordavam à noite à luz de petróleo, e iam roubar galinhas para se comer, que não se tinha...

Quando eu nasci, tinha raquitismo, a minha mãe ia de porta em porta a pedir (esmola), ela ia até à Praia, a pedi dinheiro para pagar umas injeções para eu levar... Eu era muito pequenina, com 3 anos era um bebé de colo e minha mãe ia comigo nos braços a pedir porta à porta... Imagina o sacrifício... o que antigamente elas faziam para criar um filho! Sofria-se muito!

Minha mãe não gostava muito de falar nessas coisas... dizia sempre que não tinha meios... Ela era uma mulher muito má... também derivado à vida que a “gente” levava, para criar a “gente”. Antigamente era muito complicado, sabes como é. Eu tenho para mim, que aquela revolta, aquela “malcriação” ... Eu há uns anos é que dei valor à minha mãe, é que comecei a ver a vida, o passado...

Aquela mulher devia viver naquela revolta, a “gente” hoje é que dá que pensar... “Eu dei aquele filho e não sei nada dele”. E a “gente” é que ficou cá, é que fomos “levando nas orelhas”, a “gente” levou muito! Ela sofreu muito, sozinha para criar 4 filhos, mais 1, era mais 1 para criar...

Eu lembro-me de ir para os cerrados apanhar trevo, mais minha mãe. Íamos ganhar o dia a apanhar trevo... a minha mãe levava a “gente” pequeninos. A senhora (proprietária) dizia a minha mãe “Vai dar de comer àqueles pequenos” e minha mãe dizia “Eles têm a barriga cheia” e a “gente” “mortos” de fome...

Era mais um para passar fome, para ir pedir.... Antigamente era muito difícil...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista VI

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Laura **Sexo:** M F X **Idade:** 84 **Escolaridade:** Sem escolaridade **Profissão:** Reformada **Naturalidade:** Angra do Heroísmo.

(Famílias biológicas)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população Terceirense?

Fez muito bem, já estão a fazer falta. Toda a minha vida trabalhei para os americanos. Criei os meus filhos e fui sempre trabalhar...

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Ah foi muito bom para a “gente” eu toda a vida trabalhei nos americanos. A vida mudou!

E desvantagens?

Não... foi tudo bom, então...

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Ajudaram-me muito, eu aproveitava as roupinhas deles para os meus filhos... se me davam uma peça maior, eu tinha máquina de costura, chegava a casa “desmanchava” e fazia camisinhas aos meus filhos, com os botões à frente, fazia calcinhas... Eu fazia isso tudo!

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Eles ajudavam às pessoas k precisavam, iam levar às igrejas... até coisas... e eles iam levar... e pessoas que pediam para outras que tinham muita pobreza, eles também davam...

Lembro-me de eles irem à escola levar brinquedos, era uma alegria... E o Pai Natal! E as botinhas com os rebuçadinhos ... aí! Consolava! Os americanos, então, foram muito bons...

Na Agualva havia uma Base (NSGA), cheguei a ir lá a “páris” (corruptela de “parties”), que eles faziam lá, mesmo no Natal, festas para os trabalhadores, a “gente” ia... levávamos a família. A entrada geral (Dia de Apreço à Comunidade), aquilo era uma coisa, uma “doideira” para ver aqueles aviões... aqueles chocalatinhos... Ah rico tempo!

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Então não!

Como?

A nossa ilha, antes de eles chegarem era uma pobreza “franciscana” ... e isso está a ficar outra vez uma desgraça... Aqueles carros a passar, e aquelas lindas casas ao pé do “Bairro da Lata”, aí ricas casas! Eu trabalhei ali... trabalhei cá fora... onde eles tinham casas, eu corri essas casas todas...

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

(...) Ah filha, o que te hei-de dizer? As festas, coisas que nunca tínhamos visto... das minhas casas onde trabalhei... da minha idade (risos) porque tinha idade para trabalhar (risos)...

Tive então americanas muito boas... era quase família. Eu também acabava uma casa, eu quase sempre já tinha outra.... Aquilo era mais ou menos 2 anos, 2 anos e ia para outra casa (empregada doméstica), eles iam-se embora e eu já tinha arranjado outra casa...

E as menos boas?

Esta última vez, enganei-me bem (risos)... eu tinha 2 casas para ir... nunca mais me esqueço disso. Disseram-me “Olha tem 2 casas para ti, tens de escolher 1 casa. Esta (casa) tem 3 pequenos maiores e esta tem 2 mais pequenos”. Eu escolhia os 2 mais pequenos, foi pelos pequenos... pois ela (americana) era o demónio! (risos). Mas eu aguentei até ao fim. Eu entrei duro com ela. Eu não sabia falar inglês, mas eu fui buscar palavras para falar com ela, nem sabia bem o que estava a dizer (risos)... na outra casa ainda por cima tinha ganhado mais dinheiro, isso ficou-me mesmo atravessado!

E foi isto a pior coisa que me lembro...

Parte II – Adoção

7- Alguém da sua família foi adotado por norte-americanos?

A minha sobrinha...

8- Que idade tinha a criança quando foi adotada?

Talvez, uns 6 meses... era muito bebé.

9- Por que motivo optaram por dar a criança para adoção?

Ela (mãe) não tinha condições de a criar... Ela (mãe da criança, irmã da entrevistada) estava na minha casa... Ela não podia ir trabalhar com 3 filhos... Eu ajudei.

10-Lembra-se do dia da entrega da criança? Consegue-nos descrever?

Não me lembro... Eu acho que ela é que foi a casa dos americanos levar a pequena...

11- Como foi a separação da família biológica?

A minha irmã ficou muito chorosa (emoção). Aguentou ali muito tempo, chorosa. Muito chorosa... Mas até que a americana deixava a “gente” ir ver a menina. Íamos visitar a menina. E a roupinha dela, eu estava para ter a minha filha quando a roupinha, já não ia servindo à pequena, a senhora americana dava-me... as roupinhas muito asseadas... e as coisinhas que ela tinha comprado para a menina que não levou para a América, deu-me tudo...

12-Manteve contato com a criança? Sim _____ Não X .

Nunca mais soube nada da menina, depois de ela ir para a América...ela hoje há de ter uns 57 ou 58 anos. Eu nunca mais soube nada (emoção)... Eu não queria que a minha irmã desse (emoção)... eu dizia a ela, “Deixa ficar, eu ajudo-te a criar a pequena” ...

13- Antes de partir para os Estados Unidos da América, a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Ela esteve cá mais uns meses, mas quando foi para a América ainda era muito pequenina.

14- Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, ela terá sentido?

Não me parece, ela saiu daqui bebé... é como se fosse americana...

15- A criança sabia que tinha sido adotada? Como soube/descobriu que tinha sido adotada?

Ela sabe tudo. Eu acho que ela descobriu lá... Eu nunca soube dela... Mas ela depois contou à minha filha (prima). Eu via uma vez no computador e nunca mais disse à minha filha que a queria ver... Eu fiquei muito mal! Era a minha irmã quando era rapariga nova (emoção)...

16- Então tem contato com a pessoa que foi adotada? Como é a vossa relação?

Não, talvez há um ano ou dois, em casa da minha filha, e ela tinha descoberto a prima. A minha filha entrou em contato com a prima, pelos computadores. Uma vez a minha filha perguntou “Oh mãe tu conheces essa rapariga que está aqui?” Eu dei em gritar, isso é a minha irmã (mãe da criança) ... Ela é toda a mãe...dei em chorar, comecei a gritar... Isto é a minha sobrinha... Ela coitadinha disse que não tinha possibilidades de vir cá, gostava de vir conhecer a terra da sua mãe, onde tinha nascido..., mas nunca mais veio cá...

Só a vi no computador. Eu falei com ela, disse-lhe que era a sua tia, irmã da mãe (emoção), foi em casa da minha filha que falamos para fora (videochamada para os EUA). Ela chorou muito, ela disse que trabalhava num bar, que não tinha dinheiro para vir cá...

Acho que ela não ficou lá muito bem. Ela diz que a vida... Ele (pai adotivo) ele aqui já era um senhor de idade... Mas ele, quando pediu a menina, já tinha dois filhos, já grandinhos, e a mulher não podia ter mais filhos e eles queriam uma menina...

E mantém relação com ela?

Nunca mais falei com ela...

A família adotiva permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica?

Enquanto estiveram cá, ainda fomos ver a menina várias vezes, mas depois de ir para a América, acabou-se!

17- Como foi o processo de adoção?

Olha eu não sei como é que aquela pequena foi (para os EUA) ... Aquela pequena estava batizada, estava registada no civil (Conservatória), pelo seu pai e pela sua mãe.

Mas terá havido processo de adoção?

O pai não assinou nada! Nada, nada! A minha irmã assinou, agora o pai não!

Ele até ficou muito chocado quando soube, ficou mesmo chocado. Ele nunca se esqueceu... Mas ele então não assinou nada! Ele pensava que ela (filha) nunca se ia sem em assinar... Ele não assinava!

Ela (irmã), coitadinha, não tinha condições, com 3 (filhos) para criar, não podia ir trabalhar com os pequenos, era eu a ganhar sozinha... era muito difícil.

Então foi legalizado?

Eu acho que sim, a minha irmã assinou papéis...

E onde decorreu o processo? Foi cá na ilha ou nos EU?

Acho que foi tudo aqui! Mas lá na América eles devem também ter feito qualquer coisa... para a menina entra na América... pois não sei...

18- Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?

Ela (irmã) tinha três meninas, ele (marido) tinha-lhe batido, naquele tempo davam pancada medonha. Ela fugiu, veio até minha casa e eu recebia. Teve muito tempo em minha casa, só que... depois eu trabalhava nas americanas.

Uma americana não sabia que ela tinha 3 meninas e a americana disse: “Aí a tua irmã não quer dar 1 menina”.

A minha irmã era muito bonita... e ele era um bocadinho mais velho que ela... e era muito ciumenta dela e batia-lhe muito... Ele tinha o seu emprego e ganhava muito bem! Mas também tinha a sua mulher e tinha de dividir o dinheiro pelas duas casas.... Eram tempos diferentes... E foi por isso...

E esta americana, tirou o juízo e eu contei a minha irmã. Ela ficou a pensar e depois disse: “estamos aqui a comer à tua custa... a “gente” está todos aqui... Eu não posso ir

trabalhar porque tenho os pequenos...” e essas coisas todas. Eu ainda lhe disse: “Não faz mal, enquanto eu puder aguentar, a “gente” vai-se aguentando.”

E assim foi... a minha amiga americana, levou-me a casa da outra americana que queria a menina. E disse que a minha irmã fosse lá mostrar a menina. A menina era uma coisa linda! E ela (irmã) acabou por dar a menina à americana e ela... tanto tirou o juízo, que ela (irmã) acabou por dar a menina. Ele (pai adotivo) era Sargento na Base. E a pequena foi para a América...

Naquele tempo a minha irmã veio para a minha casa com os pequenos, mas eu não tinha ninguém, trabalhava sozinha para viver... se eu já tivesse o meu homem, eu tinha ajudado melhor, mas eu não tinha, e tinha os meus filhos também.... Era muito difícil! Pagar renda, viver... era duro!

19- Que tipo de adoção a criança teve? Plena ou restrita?

Não sei...

20- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos?

Não.

A senhora nunca ouviu falar de outros casos?

Na altura eu ouvi falar de uma outra rapariga que deu duas gémeas, mas já grandinhas..., mas não sei então como é que foi...

21- E acha que esse caso foi legalizado? No caso de não ser, como estas crianças saiam do país?

Ah isso então não sei...

22- Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum?

Ah ficavam a olhar mal para as pessoas... as pessoas falavam “Aquela deu as filhas...” As pessoas falavam por trás..., mas olha que falavam mal, “fulana deu a filha”
...

Então as pessoas sabiam da entrega de crianças aos americanos?

Ah sabiam, sim senhora! Se sabiam! Isto aconteceu a muita “gente”. As pessoas sabiam...

E acha que havia denúncias?

“Cá nada”! As mães davam porque queriam, não eram obrigadas, ninguém era obrigado! E depois, as pessoas não falavam nisso... acontecia e pronto.

E as autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento desses casos?

Ora se tinham!

23- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Ah filha... pois não sei... mas há de ter sido alguns...

24- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

A senhora sabe, aqui há uns tempos dava na televisão sobre esses pequenos. Aí o que eu corria depressa para ver isso, dizia ao meu marido: “despacha-te que vai dar” Tinha sempre aquela coisa que um dia via a minha menina na televisão... Eu queria era ver na televisão, tinha sempre para mim que a ia ver...

Mas a minha irmã não queria, ela nunca procurou ou pediu para a ajudarem a encontrar, ela nem queria ver aqueles programas na televisão, eu acho que ela até tinha medo...

Mas mesmo assim, eu queria era ver, parecia-me que a ia ver...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista VII

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Joaquim Sexo: M X F Idade: 55 Escolaridade: 7º
ano Profissão: Pintor de construção civil Naturalidade: Praia da Vitória

(Famílias biológicas)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na Base das Lajes na população terceirense?

Epá, a influencia foi muita... economicamente e em tudo o que seja, economicamente, dar trabalhos, foi uma mais-valia para a ilha... desenvolveu muito a ilha. Ganhei muito com ele Era o melhor patrão. Ainda hoje quando aparece um buraquinho para a Base, toda a “gente” quer ir. Eu tenho amigos meus, da minha idade que já estão reformados!

Toda a “gente” daquela zona, Serra (de Santiago), Santa Rita... toda a “gente” sabia falar inglês... rapazes de 7, 8 anos sabiam falar inglês melhor que um adulto... é verdade...

As pessoas arrendavam casas caríssimas a americanos... quem pagava essas rendas não era o americano, era o Estado americano! Era muito dinheiro a circular... e a “gente” tirou muito proveito disso! E só isso deu um empurrão na vida... só o eles estarem aqui, fez a “gente” de cá arranjar maneiras de ganhar dinheiro com os americanos, foram as casas que se fez de propósito para arrendar aos americanos e tantas outras coisas... evolui toda a “gente”, economicamente, foi da noite para o dia...

Os portugueses se tinham a sorte de trabalhar para os americanos, mesmo que trabalhe para um empreiteiro de cá de fora, mas em obras americanas, ganhava-se muito dinheiro... eram balúrdios de dinheiro a trabalhar para os americanos.

Quando se fala em trabalhar para os americanos, as pessoas só pensam nos que são empregados dos americanos (os que trabalham na Base), mas houve muita “gente”, que indiretamente trabalhava para eles... os que faziam as obras para eles, o empreiteiro, o subempreiteiro, os fornecedores da Terceira, o comércio... não tens uma ideia do que

estes indiretos ganhavam à conta dos americanos...aquilo chegava ao dia certo e não falhava nada, pagavam no dia certinho e era para toda a “gente”...

Muita influência, mesmo!

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Económica!

E desvantagens?

Não, na minha opinião não. Toda a “gente” fala, como eles foram-se embora, toda a “gente” agora fala mal, das águas, dos solos, prontos, mas agora já todos se calaram, ninguém se veio embora para casa sem o seu dinheiro... e vieram bem...

Para a nossa ilha, para mim, só teve benefícios...

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Muita coisa, vou-lhe dar um exemplo, eu em criança, pequeno, eu infelizmente, éramos 6 irmãos menores, meu pai ficou viúvo, eu e mais 3 irmãos fomos para o Centro Juvenil Beato João Batista Machado. Não que o meu pai financeiramente não nos pudesse sustentar, antes pelo contrário. E eles (americanos) ajudavam toda a “gente” e no Natal, festas de anos, eles (americanos) carregavam material para essas casas onde eu estive... isso é verdade... eles faziam isso, havia o centro juvenil dos rapazes e o asilo das raparigas, e eles (americanos) durante vários anos! Eles quando eram no Natal estavam sempre lá... e isto foi logo quando chegaram... começaram logo a ajudar as pessoas...

Os americanos, dos seus quintais viam a pobreza do lado de fora, ali na Serra de Santiago, em Santa Rita, eu graças a Deus não vivi aquela pobreza, eu vivi na Praia até ir para o orfanato..., mas eram tempos de muita pobreza, e eles viam e ajudavam...

O meu pai ficou sozinho com 6 filhos, ele não conseguia criar de 6 filhos, e nem estamos a falar economicamente, mas como podia ele cuidar de 6 filhos e a trabalhar.

E as empregadas domésticas? Eles davam tudo e mais alguma coisa a elas e toda a “gente” queria ser empregada doméstica dos americanos, toda a “gente” queria ir trabalhar para casa deles, ninguém queria trabalhar para as portuguesas. Pagavam melhor e depois traziam tudo e mais alguma coisa. Enchia uma casa. Isso ajudava muito!

4- Acha que os americanos ajudavam a população local?

Ah sim! Eles estavam sempre prontos, eles até gostavam de fazer parte das nossas coisas...

Consegue-nos descrever algum episódio?

Eu sei... ouvi muita coisa, quando havia catástrofes aqui na ilha, cheias, eles ajudaram muita “gente”, mas eu era pequenino..., mas sempre ouvi falar deles terem ido ajudar quando houve as cheias na Casa da Ribeira, que a ribeira subiu e entrou em casa de muitas pessoas. Houve “gente” que ficou sem nada, e eles iam ajudar a limpar e a ajudavam com o recheio da casa...

Lembro-me de se falar do vulcão no Faial (vulcão dos Capelinhos), que eles ajudaram, e para além de terem ajudado, emigrou muita “gente” na altura. Eles criaram, tipo uma bolsa, para as pessoas do Faial poderem ir para a América...

Agora ver, já não era bem do meu tempo, mas lembro-me de se falar em várias ajudas...

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Sim, sim...

Como?

Foi tanta coisa... foi a televisão, eu tive acesso a televisão em 72, já tinha televisão americana, posso me dar ao luxo de dizer que vivia aqui na Praia e tivemos televisão primeiro que muitos... e a “gente” aprendia a falar inglês a ver televisão americana, teve muita influência...

Os americanos também me ajudaram a ver as coisas de maneira diferente, mostrou-me que havia muito mais do que a Terceira... mexeu com a minha maneira de ser... influenciou-me muito...

Essa zona aqui da Praia, foi muito influenciada com a maneira, o estilo deles... talvez o lado de Angra não tenha sofrido tanto, mas a “gente” daqui, fomos muito influenciados... tinha muita influência, até numa coisa básica (risos), casa de banho, deixamos de ter as “retretes” e lembro-me de meu pai fazer uma casa de banho com duche! (risos) não teve nada a ver. A nossa sorte eles terem caído aqui na Terceira, chegam aqui, e a “gente” estava completamente “fechados”, de olhos fechados e trazem toda aquela mudança, aquela vida... nós também queríamos ter as coisas que eles tinham... e aprendíamos com eles...eles abriram-nos...

Eles trazem o “trica-trica” (corruptela de *trick or treat*), a “gente” tinha o Pão-por-Deus.

A estrada 25 de abril, subíamos por aqui acima, até Santa Luzia ao largo, era só americanos por ali a cima... eles até moravam ao pé da “gente”.

Quando íamos pedir o “trica-trica”, por ali acima, era de saco cheio... hoje os rapazes já não têm nada disso. O meu rapaz já nem quer ir pedir o Pão-por-Deus, eles não tiveram nada disso, do que a minha geração teve... era sacas cheias, eram chocolates, rebuçados... e depois a “gente” aqui não tínhamos os chocolates que eles tinham, hoje em dia a “gente” sabe o que é um *Snickers* (chocolate), naquele tempo a “gente” sabia lá o que era isso... não é igual ao deles (risos)! Mas na altura não tinhas! Não sabias o que era um *Snickers*, não sabias o que era uma Coca-cola, e rebuçados de tanta coisa... a manteiga de amendoim... quem é que sabia isso o que era! Mas, a “gente” sabia!

Os americanos tiveram muita influência na minha vida, e quem diz na minha vida, diz na vida da zona toda...Praia, Lajes, Agualva, Vila Nova... Os americanos tiveram muita influência, mesmo nas mentalidades, foi tudo, tudo...

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Tenho tantas boas... uma deram-me bastante trabalho, economicamente evoluíram a ilha e...

A “gente”, os pequenos do orfanato íamos para a Base nos *Bus* dos americanos... eles iam buscar a “gente”... lembro-me de a “gente” ir todos, eram vários *Bus*, levavam a “gente” para um clube dentro da Base, uma festa com a “gente” todos, muitas prendas para todos...era uma loucura... nem imaginávamos que aquilo acontecia...era uma loucura...

E as festas que a “gente” ia? E a Entrada Geral (Dia de Apreço à Comunidade)? Fui a muita festa lá dentro. A Entrada Geral era um espetáculo! Eles tinham tanta coisa lá, coisas que nunca tínhamos visto... comboios, era fogo preso, vários quiosques com *Hotdogs*, “hamburgas” (corruptela de *Hambúrguer*) aí tanta coisa! Os jogos! Jogos de atirar a bola para o gajo cair dentro da água... sei lá...

Depois tinha o convívio e amizade que se fazia com eles, porque é assim: os americanos além da influência económica que teve na ilha, aquilo é um país de abundância e depois eles estão aqui e gostam de estar aqui... e davam muito a

“gente”... eram muito próximos... gostavam de estar com as pessoas... pois isso aqui é um país de paz... essa Base aqui, para eles, é quase um parque de diversões (risos) e nós somos o parque de diversões (Terceira)... além de eles estarem bem aqui... e ainda se divertiam e conviviam cá...

E as menos boas?

Não vejo nada, só vejo grandes influências... só vejo melhorias na vida das pessoas. Não, não...

Parte II – Adoção

7- Alguém da sua família foi adotado por norte-americanos?

Eu tenho um irmão que foi.

8- Que idade tinha a criança quando foi adotada?

Devia estar a fazer os 12 anos.

9- Por que motivo a sua família optou por entregar o seu irmão para adoção?

Muito simples! Estávamos no Centro Juvenil, um casal americano, “gente” muito boa, não sei então se já tinham filhos se não. Estávamos todos no Centro e meu pai chegou lá... o meu pai não deu para adoção, assim por dar... meu pai veio ter com a “gente”, disse assim e assim, falou com a “gente”... o que era para ser adotado, se estávamos de acordo, meu pai e a “gente”. Eramos todos crianças, mas já eramos “discritinhos” (espertos) e então, se o meu irmão quisesse, isso é bom para ele... ir para a América...era um futuro! Então o meu irmão quis, agora ele já nem tem nome português, e então concordou. Ele ainda esteve aqui uns tempos na Base...e depois passado um tempo, foi embora. Mas meu pai falou com a “gente” todos e todos concordamos... e foi assim...não foi uma coisa escondida, foi uma coisa pensada para meu irmão ir para a América. E porque o meu irmão quis. Porque havia aqueles que quase que davam os rapazes, que os vendiam..., mas não foi o caso, foi uma coisa falada com a “gente” todos. Era mesmo a pensar num futuro melhor, ir para a América...foi uma maneira de emigrar. Ele quis, ele gostava dos americanos, e prontos e deu-se bem com eles... penso que era “gente” boa... como já te disse, o meu pai não tinha problemas económicos, ficou foi viúvo com 6 rapazes para criar, por isso fomos

para o Centro e aparece uma oportunidade a 1 da “gente”... uma passagem para a América... foi aproveitar..., mas meu irmão também quis ir...

10-Lembra-se do dia da entrega da criança? Consegue-nos descrever?

Epá, não me recordo... acho que a “gente” despediu-se dele, porque ele não foi logo para a América... acho que o meu pai é que foi lá (ao Centro) buscá-lo... ele despediu-se da “gente”... ou melhor, despediu-se e não se despediu, porque ele ainda esteve aqui muito tempo, aqui na Base, ele acabou por ir para a Base. Depois então quando ele foi mesmo embora, para a América... porque ele acabou por estar aqui na Base e a “gente” foi vê-lo...já estava legalmente adotado...

11-Como foi a separação da família biológica?

Epá! A “gente” sempre... mas fiquei contente por ele, mas sentir a falta, a “gente” sente, é meu irmão, a “gente” sente sempre... eu até tinha gostado de ter ido no lugar dele (risos)... hoje não queria... se quisesse ir para a América já tinha ido (risos) mas hoje então não ia... mas naquele tempo, aí tinha então ido (risos)... se era eu, tinha ido, tinha, tinha... Tinha ido porquê? Não era por não gostar dos meus irmãos, nem da minha ilha... era a situação! Era um futuro. Aquilo é o mundo isso aqui é uma ilha! Na altura tinha ido... era uma situação muito diferente... tinha ido...

12-Manteve contato com a criança? Sim X Não

Como manteve esse contato?

A “gente” ia vê-lo à Base, deixaram-nos vê-lo, até nos recebiam bem, e faziam maneiras para estarmos com ele...

13-Antes de partir para os Estados Unidos da América, a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Ele depois de sair do Centro, ele ainda esteve na Base uns tempos... não te sei dizer ao certo, mas para aí 1 ano, eramos pequenos, não tenho ideia de quanto ao certo, mas ainda teve uns tempos, porque a “gente” ainda o foi ver algumas vezes... foi à volta de 1 ano.

14-Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, ela terá sentido?

Não me parece, porque ele quando saiu do centro, começou logo a ir para a escola americana. E antes de ir para a América ele já viveu cá com esse casal para aí quase 1 ano e dentro daquela Base, aquilo é uma América em ponto pequeno, estás a perceber? O sistema, as casas... acabou por aprender a viver como um americano... por isso acho que não houve dificuldades. Se ele, talvez, se sai daqui e vai logo para a América, era uma coisa, mas ele viveu aqui... esteve aqui, um bom bocado de tempo...

15- Então o seu irmão sempre soube que tinha sido adotada?

Sim, claro, ele até teve opinião sobre a sua adoção. A pergunta foi feita, isso é assim e assim, se quiseses ir... esse casal até esteve lá (no Centro), na altura, via-se que era “gente” boa, não sei então é se tinham mais filhos se não... e ele podia dizer sim ou não, ele já respondeu por si... meu pai não ia decidir nada por ele... meu pai também perguntou à “gente” o que achávamos... meu pai não manobrou nada e depois perguntou se a “gente” estava de acordo... ele até podia dizer que sim e a “gente” dizer que não estava de acordo e a coisa ficar assim mesmo... meu pai não o deu para adoção para se despachar dele, foi mesmo uma opção... foi mesmo para ter uma vida melhor...

16- Tem contato com a pessoa que foi adotada? Como é a vossa relação?

Ele depois de ter ido para a América, passado 5 anos, ele veio cá. Veio mesmo sozinho, esteve 5 semanas cá...

A “gente” vai-se falando, agora tem esse Facebook, ainda é melhor, fica mais fácil...

A “gente” dá-se bem, já se sabe que estamos longe, não é?

Já não estou lá com ele porque hoje não ia para a América. Porque ele já disse para irmos ter com ele... ele pode fazer cartas de chamada à “gente”...

Então a família adotiva permitiu que o seu irmão mantivesse contato com a família de cá?

Sim, sim, sempre deixaram...

17- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado?

Oh! Mulher! Eu não te posso responder a isso, eu era uma criança na altura... mas foi um processo legal, isso é assim, aquilo foi legal... aquilo foi quando meu pai falou com a “gente” e quando foi para ele (irmão) ir ter com o americano, claro... meu pai era um homem inteligente, tinha um bom trabalho, meu pai sabia de leis... e quando ele

(irmão) foi para a Base ter com o americano, já foi... aquilo já estava praticamente tudo resolvido, já estava uma adoção legal... não teve nada a ver com esses que se ouve de darem e não saberem quem são... a “gente” sempre soube, e ele sabia de tudo...

Aquilo foi um processo legal.

Onde decorreu o processo? Nos Açores ou no país de acolhimento?

Foi tudo feito aqui (Terceira), quando ele foi para a Base ter com os americanos, já estava tudo feito... todo na ilha Terceira... Ele quando saiu da Base (para EUA) já saiu como cidadão americano. Ele ainda viveu na Base, à volta de 1 ano. E quando saiu da Base já era como se fosse um cidadão americano.

E isso era tratado com as autoridades portuguesas ou com as americanas?

Tinha de ser das duas partes, tinha de haver conhecimento das duas autoridades, dos portugueses, porque ele era de cá, mas também com os americanos... porque eles eram americanos, tinha de haver uma recomendação da parte portuguesa e se calhar os americanos despachavam aquilo. Aquilo foi um processo rápido... 3, 4 meses se calhar não levou tanto (tempo)... as duas partes estão de acordo, o filho está de acordo... e depois tem uma coisa... e isto é real, meu pai se fosse uma pessoa que não tivesse possibilidade de sustentar o filho..., mas meu pai tinha maneira de sustentar a “gente” todos! Não podia era estar com a “gente” todos..., mas tinha possibilidades financeiras... infelizmente ficou viúvo com 35 anos e com 6 filhos menores... aquilo foi tudo legal, não houve cá despachar o filho...

18-E como é que os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como entraram em contato com o seu pai?

Isso é capaz de ter sido através do orfanato... eu acho... aquilo é assim, o orfanato, são pessoas órfãos, se uma pessoa quer adotar, aquilo é uma casa de instituição de crianças. Quero adotar um rapaz, e para mim, foi através do orfanato que foram lá, e devem ter comunicado depois com o meu pai... só pode ter sido... os americanos iam muito lá e aqueles (casal) gostaram do meu irmão e o orfanato falou com o meu pai... eles iam lá durante anos... levavam a “gente” para a base nos *Bus*, conheciam a “gente” todos... Isso só pode ter sido falado com a instituição e depois então teve o casal que queria adotar a criança, e devem ter falado também com o meu pai... e meu pai, antes sequer de falar com o meu irmão, falou com a “gente” primeiro, depois com a “gente” todos juntos, antes de dizer alguma coisa aos americanos... ele disse que queria ir... ele

não era obrigado a ir, ele foi porque disse que queria ir...estávamos todos de acordo, meu pai perguntou a “gente”... o contato só pode ter sido através do orfanato.

19- Que tipo de adoção a criança teve? Plena ou restrita?

Acho que foi plena, mas não sei...deve ter sido porque ele mudou o nome e tudo... foi tudo pleno, foi como lhe disse, ele quando saiu daqui já ia como se fosse cidadão americano.

20- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever-nos outros casos que conheça?

Não conheço... havia o orfanato...nunca me recordo... aquilo tinha 80 e tal rapazes de 1 aos 16 ou 18 anos... nunca me lembro de ouvir falar em nada disso lá dentro... a respeito disso de darem rapazes nunca ouvi casos concretos. Mas havia várias casas, pode ter acontecido noutras... naquele orfanato era para órfãos, de pai ou de mãe, não quer dizer que fosse por necessidade, já no outro dos rapazes, era diferente, eram freiras e padres que mandavam naquilo, era diferente, falam mais desse outro...havia mais regime...mais duro...

21- E acha que todos os casos foram legalizados? No caso de não serem legalizados, como estas crianças saíam do país?

Isso então já não te sei responder..., mas houve disso! Como é que isso é possível? Mas essa “gente” para sair desta terra para fora isso tem muito a ver com as entidades portuguesas... e também das americanas! Isso tem de haver as entidades bem caladinhas, de uma parte e doutra!

Só que a situação é tão diferente das de hoje, naquele tempo, vamos ver, aí em 60’s, se calhar até foi bom para a criança... era menos um para passar fome, ou andar a pedir de porta em porta. Que está mal? Está..., mas se calhar era bom... e se calhar hoje estão arrependidos de ter dado... são tempos diferentes, mas eles aqui nunca iam conseguir ter a vida que tem lá... nessa altura... muitos deles saíram daqui de famílias muito pobres e alguns deles hoje são doutores...

22-Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum? Havia denúncias?

Na altura, eu acredito que as pessoas tenham dito que foi uma esmola, porque era! Hoje não, não se dá um filho assim... na altura, vamos ver aí em 60, 70, para a altura do meu irmão, para mim era uma esmola para essa “gente”... isso aqui era uma tristeza... ninguém ia denunciar nada disso...porque perante essa “gente”, naquela altura, pois a cultura também não era muita... o americano levou o pequeno, olha isso foi uma esmola, era um futuro! Ele cá nunca conseguia ter uma vida como a que os americanos lhe iam dar... era impossível dar a esses filhos um futuro como o que eles podiam ter com os americanos.

Acha que as autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?

Toda a “gente” se calava, também não havia a burocracia que há hoje, não havia papeis para nada... toda a “gente” se calava e deixava passar e pronto...

23-Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Ah! Isso deve ter sido umas boas centenas! Devem ter levado umas boas centenas...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista VIII

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Alberto **Sexo:** M ☒ X ☐ F **Idade:** 66 **Escolaridade:** 4ª Classe .
Profissão: Reformado **Naturalidade:** Praia da Vitória .

(Famílias biológicas)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na Base das Lajes na população terceirense?

Bastante! Senão fosse os americanos o que que teria sido da “gente”!

Aquilo era uma América em ponto pequenino...mexeu muito então com a nossa terra...

Foi uma pena acabar-se porque eles deram vida a isso tudo!

Senão fosse os americanos, a terceira nunca mais era o que é hoje!...

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Olha foi os trabalhos...

E desvantagens?

Não me parece...

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

A minha avó quando trabalhava na Base, sempre trazia mais uma coisinha, mas a “gente” erámos muito pobres! Eles ajudavam as mulheres que iam trabalhar para as americanas.

Eles eram muito amigos de ajudar... faziam cabazes e juntavam dinheiro de uns e outros para irem levar a quem era mais pobrezinho. Eu lembro-me de minha avó receber 2 cabazes americanos...

O irmão da minha mulher, trabalhava no golfe, e tinha o seu americano sempre certinho (*Caddy*) e ele ia a casa deles e minha sogra... ele gostava muita da nossa comida, e ele comia..., mas quando se “apocatava” (de repente) aquele homem “acartava” caixote que era coisa séria, para aquela casa!

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Eram as pessoas que trabalhavam na Base, sempre iam trazendo umas coisinhas da Base, ganhava-se melhor... à vista das outras ilhas que eram uma tristeza... mexeu então muito com a “gente”.

E quando havia uma coisa qualquer, nesta terra, eles “aparelhavam-se” todos e iam ajudar.

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Ah foi!

Como?

A minha avó trazia roupas, trazia comida que as americanas davam, fruta, trazia pão com a manteiga e o queijo..., mas ficamos sempre com aquela mágoa dos meus primos. Eu fui criado com meu primo, erámos como irmãos...

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Era as caixinhas dos americanos da Base, qua a “gente” perdia o juízo... na escola, vinha o *Bus*, trazer aquelas coisas todas à “gente”. Elas traziam uns brinquedos, um lápis de pau, uma borracha, um blocozinho, berlindes. Nem todas eram iguais, umas traziam brinquedo outras não. E eu ficava louco para apanhar as piorrinhas! Hoje aquilo não tinha valor nenhum, mas aquilo para a “gente” era uma alegria...

As mães quando sabiam que as caixinhas vinham, iam se pôr no lado de fora da escola, e eles mandavam entrar tudo! E davam também a elas... lembro-me disso

E as meias vermelhas! Cheias de “candinhos” (corruptela de *Candy*), quem é que comia “candinhos” naquela altura! Eles tinham um “candinhos” tanto saborosos, que era uns que vinham riscadinhos, que vinham dentro de umas latinhas (risos), parece que ainda temos o gostinho na boca (risos).

E as menos boas?

Foi saber que eles tinham levado os meus primos... saber que isso aconteceu à “gente”...

Parte II – Adoção

7- Alguém da sua família foi adotado por norte-americanos?

Os meus primos. A mãe deu-os, mas ela não os queria dar... e depois ela deu 5, um ficou com o meu avô cá, porque eram 6: 2 raparigas e 3 rapazes.

E em que ano foram esses casos?

... Eu tenho 66 anos, eu havia de ter 6 ou 7 anos... (1960,1961). Já foi há muito ano...

Eu só me lembro de um, o mais velhinho (dos que ficaram com a mãe. O filho mais velho já vivia com os avós) dos que ficaram, que era o (nome da criança), os outros sei que foi tudo seguido, mas não dou razão (emoção).

8- Que idade tinha a criança quando foi adotada?

Aquilo era tudo em escadinha, 1, 2,3,4... por aí. Não sei bem a idade...

9- Por que motivo optaram por dar a criança para adoção?

Minha tia trabalhava nos americanos, mais a minha avó. Elas não tinham coisa para dar aos pequenos, não tinham coisa para dar às crianças. Minha avó “amanhou” uns americanos e vieram buscar as crianças. O último (mais velho), foi o primeiro a ir para casa da minha avó. Porque meu avô e minha avó nunca quis... porque ainda veio um americano para o vir buscar, mas esse, meu avô não deixou. Já tinham ido 5, a minha avó e meu avô criaram o mais velho. Senão ele tinha ido também.

Sabe eu fui criado com ele... é o que te posso contar.

10- Lembra-se do dia da entrega da criança? Consegue-nos descrever?

Ela não os queria dar, mas coitadinha, o pai nunca quis saber dos pequenos, o meu avô e minha avó disse que era muitos filhos para criar, não podia! Disse que ficava com o mais velho...

O mais velho foi o primeiro a vir para casa do meu avô, e depois minha avó arranjou americanos para levar os pequenos... Mas ela ficou muito sentida...

Eles foram todos juntos, com o mesmo casal?

Não, aquilo foi um de cada vez, cada um com o seu americano. Aquilo foi preciso arranjar muita família (risos). Um foi adotado aqui na Terceira, por uma família de cá, mas depois acabou por ir ter com a mãe para a América e os outros 4 foram com 4 americanos diferentes.... Minha avó trabalhou na Base, e conhecia americanos, e ela arranjou...

11- Como foi a separação da família biológica?

Minha tia contou que então teve os seus filhos tudo com o mesmo homem. Isso foi assim: ela estava casada, com o seu homem e depois o padrinho do casamento, depois o homem batia-lhe muito e o padrinho é que lhe punha a mão. O padrinho um dia disse-lhe que “eu vou-te arranjar um quarto para ires morar para a cidade (Angra)” – “Mal pensava eu que era para ele ir lá de vez enquanto” ... lá ficou, teve os seus filhos todos do padrinho do casamento (risos)...são todos irmãos. Oh depois, ela disse “Eu não tinha nada para dar para eles comerem, minha mãe não queria tratar deles e mais meu pai”, coitados com quê? Para lhe ajudar e ela disse: “Minha mãe, Deus lhe perdoe que eu nunca lhes perdoei, “amanharam” uns americanos para dar os meus filhos!” ... a mãe trabalhava na Base.

Minha tia falava muito com a minha mulher e ainda lhe disse, que o último que saiu, chorava pela canada (rua) acima, que não queria ir, não queria ir, (emoção), não queria ir, não queria deixar a mãe...

Ela disse mesmo, custou, mas eles foram..., mas também ela disse: “Foi a melhor coisa que eu fiz, porque eles ficaram todos com as suas vidas lindas!”.

12- Manteve contato com a criança? Sim _____ Não X .

13- Antes de partir para os Estados Unidos da América, a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Eles estiveram sempre na Base, depois então é que foram para a América. Eles ficaram uns tempos na Base, mas então não sei quanto tempo...

Quando acabou o tempo dos americanos, eles (assobia e sinal de partida) ...foi-se embora tudo.

14-Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro?

Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, ela terá sentido?

Pois, há aquilo que choraram presos às saias da mãe, há de ter sido bem difícil. Não haviam de perceber nada do que os americanos diziam... deviam sentir falta da sua mãe e dos seus irmãos... deve ter então custado muito para eles!

15-E essas crianças sabiam que tinham sido adotadas? Como souberam ou descobriram que tinham sido adotados?

Sempre souberam. Os americanos disseram a eles. E eles já eram grandinhos, haviam de se lembrar que tinham mais família.

Aqueles que adotaram sempre disseram, tua mãe é assim e teu pai é assim...

16-Tem contato com a pessoa que foi adotada? Como é a vossa relação?

Eu só falo com o que ficou cá, ele hoje está na América, mas eles já se encontraram todos. Já estiveram todos juntos. Depois meu primo, já lá fora, é que começou a descobri-los, os irmãos e mais a mãe, a mulher dele é que os encontra! ... Minha tia não chegou a conhecer a última, ela já morreu. O meu irmão já falou com ela ao telefone, mas agora é que vai estar com ela. Essa doença não deixou, eles moram todos muito longe..., mas já estive com os outros. Mas o (nome do irmão que iniciou a procura, o que havia permanecido na Terceira), eu falo muita vez com ele ao telefone, a “gente” fomos criados juntos, e ele esteve aqui há pouco tempo, e ele diz-me “Eu sou o homem mais feliz do mundo” (emoção), por que encontrou os seus irmãos, ele está muito contente. Agora falta uma, ele está muito contente para a ver, eles já falaram ao telefone, mas ela é americana “legítima”, tem de ser quando ela quiser e bem entender...e ele não quer nada reforçado.

A mãe dizia, que Deus não a matasse sem ver os filhos, ela não viu uma rapariga e um rapaz que a morte a apanhou, eles já estavam encontrados, mas ela já não os conseguiu vir (emoção).

A mãe acabou por ir para a América, por isso conhecê-los, porque eles nunca mais vieram cá... eles têm-se encontrado porque estão os 6 irmãos na América...

Ela ainda foi antes do filho mais velho, para a América...amanharam-lhe um homem, ela casou-se e foi para a América com ele. Ele era um rico homem e muito amigo dela. Mas quando começou a aparecer o primeiro filho, ele só disse: “Será que é para aparecer mais?”. Coitadinha! E depois quando apareceu o segundo ele disse: “mas

tu dizias que era só um e já vai aparecer mais um” ...olha ele morreu primeiro que ela, não chegou a saber as trapaças todas...Ele também não se podia opor a essas coisas porque foi antes dele...

A família adotiva permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica?

Não, eles nunca mais se viram... nunca mais vieram ver o que ficou... eles depois foram-se embora para a América e acabou de vez. Eles eram crianças (assobio) limpou tudo... nunca mais vieram ver a mãe, nem a mãe os foi ver.

Deve ter sabido, porque houve um irmão que também já procurava, e ele sabia que era daqui (freguesia), que tinha umas famílias cá, deu o nome do irmão, entrou em contato com uma pessoa de cá, e esse senhor, que era daqui (da freguesia) veio aqui à nossa casa, ele conhecia bem a “gente” e é que o pôs em contato com o (nome do irmão mais velho, o que ficou na Terceira). Ele deu as informações certas, até a profissão do meu avô.

Por isso, devem-lhe ter dito ele quem era e as suas famílias porque ele sabia.

Eles querem vir cá, ver onde a família morava e para conhecer a “gente”, eles queriam ver se vinham todos juntos (emoção).

17- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado? Onde decorreu o processo?

Nos Açores ou no país de acolhimento?

Isto, uma coisa, eu não sei falar nisso então, mas eu acho que isso, sabe como é, naquele tempo, a meu ver, era como quem dava um cachorro... pega lá e cria-o. Eu acho que era assim...naquele tempo não se assinava nada...

18- Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?

Foi minha avó, que trabalhava na Base e é que arranjou os americanos para virem buscar os pequenos.

19- Que tipo de adoção a criança teve? Plena ou restrita?

Cá nada! Não sei nem essas coisas, mas só se foram adotados na América, e há de ter sido..., mas aqui foi pega e anda...

20- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos?

Oh! Senhora, não sei...

21- Se o senhor acha que a adoção dos seus primos não foi legal, como é que eles saíram do país?

Eu não sei, eu acho que isso foi tudo por “baixo da mesa” (ilegal), não dou razão de minha avó ou minha tia falarem em assinar nada. Mas aquilo da parte dos americanos, eles devem ter arranjado uma maneira... os americanos então era tudo muito certo! Aquilo eles devem ter arranjado alguma maneira, algum papel para eles saírem de daqui!

Eu até parece-me com os últimos nem estavam registados, no registo civil. Os americanos tiveram que resolver isso... aquilo eles foram registados foi na América, porque aqui registava-se ao fim de anos... Eu nasci, a 13 de maio e no bilhete de identidade eu estou em novembro, mas só conto com o 13 de maio...

22- Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum?

Os americanos deram a vida aos meus primos... e foi o que muita “gente” falou, eles olhavam de lado para a “gente”... mas eu era pequenino, a “gente” brincava nessa altura e não estava a perceber o que estava acontecer...

Com certeza que as pessoas não olhavam bem! Haviam de falar... “Que pachorra de dar os filhos! Que desgraça é essa!”

Mas agora, até eu já percebo melhor, eles tiveram vidas boas... melhor que aquilo que eram para ter. o que é que minha tia tinha para dar aos pequenos? Nada!

Havia denúncias?

Naquele tempo, não havia nada disso... aquilo era por todo o lado... Ninguém ajudava... cada um cuidava das suas vidas! Fizeste por que quiseste e pronto.

As autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?

Tinham de ter, senão como é que aqueles pequenos iam para a Base, e como é que iam para a América? Naquele tempo toda a “gente” sabia, ninguém se metia, olha era uma sorte para aqueles pequenos...

Toda a “gente” sabia, pois se eu tinha um filho e ele desaparecia... tudo sabia, as pessoas davam pela falta dos pequenos...

23- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Ah! Deve ter havido mais “gente”... deve ter havido...

Senhor acha que foram muitos ou poucos?

Deve ter sido uns quantos! Porque isto foi por todo o lado...

24- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Um deles já morreu, e estava bem perto do irmão. Estava tudo na América e ninguém sabia uns dos outros, com outros nomes...

Eles têm um estilo de vida americana, o meu primo (o que permaneceu na Terceira e emigrou mais tarde), diz-me que eles são todos americanos... pois se eles foram criados como americanos!

Mas a senhora sabe isso custa muito! (emoção) Mataram o meu pai eu tinha 3 anos, (emoção) e fui criado pelo meu avô e com aquele primo... foi muito triste... perdi a minha mãe cedo... Eu não tenho ninguém, é só eu a minha mulher e a minha filha... não tenho mais ninguém!

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista IX

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Manuela **Sexo:** M ☐ F ☒ **Idade:** 56 **Escolaridade:** 5º ano .
Profissão: Doméstica **Naturalidade:** Ponta Delgada .

(Famílias biológicas)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na Base das Lajes na população terceirense?

Não sei falar sobre isso... o que eles fizeram foi roubar crianças e levar daqui para fora... Eles diziam que era para lhes dar um futuro... belo futuro!

2- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Para lhe ser sincera, alguns tem bom coração, alguns tem mau... e outros com interesse, ajudaram com interesse...,mas devem ter ajudado.

Eles ajudaram muito aos orfanatos, por isso é que depois havia esses contatos com os americanos e as freiras e aquilo tudo. A “gente” pensava que estavam a ajudar, mas se calhar estavam era a comprar a “gente” (risos).

Parte II – Adoção

3- Alguém da sua família foi adotado por norte-americanos?

Foram os meus 5 irmãos. Ainda me falta encontrar 2. Já encontrei as 3 raparigas, mas os rapazes não sei nada deles (rapazes).

4- Que idade tinha a criança quando foi adotada?

A mais moça tinha 1 ano e meio quando foi para a América, essa foi a primeira! E os outros foram a seguir. **E em que ano ela foi para a América?**... Ela hoje tem 50 ou 51 (1971 ou 1972) ... depois os outros foram a seguir...erámos uma escadinha. Mas os outros já eram maiorzinhos. Mas não sei muito bem a história, é muito complicado!

5- Por que motivo optaram por dar a criança para adoção?

Tenho a impressão de que o meu padrasto tinha interesse em dinheiro... Ele sabe que os pequenos estão bem, e que estão todos para a América... o meu padrasto ainda me disse: “Eles estão todos para a América” ...

Eles aproveitavam-se das pessoas, a “gente” não tinha dinheiro, e eles aproveitaram-se da nossa pobreza...

6- Lembra-se do dia da entrega da criança? Conseguem-nos descrever?

A “gente” quando fomos para ir vê-los ao orfanato, já não estavam lá... e nem sabíamos que minha mãe estava para a Terceira ... a “gente” só soube depois de tudo acontecer...

7- Como foi a separação da família biológica?

Nós fomos todos dados ao orfanato, mas fomos conforme as idades, fomos para Lares diferentes e depois tinha os rapazes que tinham de ir para outro... a minha mãe ficou doente e foi para um Lar... que não sei qual era o Lar, mas lembro-me que tinha umas senhoras vestidas de castanho, mas não sei o que era, não me lembro, só tenho a imagem delas vestidas de castanho...

Depois a “gente” foi para o Lar, o meu avô e a minha avó não podia ter a “gente”... (emoção), depois a minha mãe, foi para o hospital dos tuberculosos e o meu padrasto, quando fomos lá para ir ver a minha mãe, a minha mãe tinha fugido mais o meu padrasto. O meu padrasto tinha ido buscar as minhas irmãs ao Lar e tinha dito às freiras que ia com elas comer um gelado e nunca mais apareceu. E foram no “Ponta Delgada” que estava no cais e meteram-se no barco e foram para a Terceira.

A minha mãe depois acabou por morrer na Terceira (emoção)... na Praia da Vitória, com a tuberculose, e depois o meu padrasto com as duas filhas estava lá sempre enfiado lá na doca, com as pequenas a pedir esmola para ele e houve um senhor de um barco que levava as coisas para os americanos, que disse a ele: “Que meninas de bonitas.

Queres-me dar essas meninas?” e ele disse: “Não, não... só se me deres dinheiro para ir para Ponta Delgada”, mas o americano disse que não, que não, mas ele virou para trás e disse que sim, e as pequenas foram dados para o americano, do barco cargueiro.

Tanto que a minha irmã me perguntou se eu sabia de que era aquelas marcas de cigarro que ela tinha nas pernas, queimadas e eu disse que não sabia e que ela perguntasse ao próprio pai, porque ele é que vendeu as próprias filhas... por dinheiro para ir para S. Miguel... isto é que me está mesmo atravessado.

Estes barcos iam à Terceira em trânsito para levar as coisas para a Base das Lajes, a minha irmã depois contou-me que tinha também muitos mexicanos. Ela mandou-me uma foto com o pai que a adotou, mas eu tenho a impressão de que aquele senhor fez alguma coisa às minhas irmãs...

A “gente”, eu e os meus irmãos, ficamos em S. Miguel e a “gente” nem sabia onde é que estavam, que eles tinham ido para a Terceira...

Quando fui procurar os meus irmãos, os rapazes, eles já não estavam no Lar... e a freira já faleceu. E há pessoas que estiveram lá do tempo dos meus irmãos e que se lembram da história... e que me disseram que os meus irmãos foram dados para a América, como filhos adotivos de um casal americano. Mas sem autorização dos pais... como é que faziam isso? E nunca mais soube nada deles. Sem autorização de ninguém... as freiras pegaram neles e arranjaram uns americanos para os levar e pronto.

8- Manteve contato com a criança? Sim_____ Não X.

9- Antes de partir para os Estados Unidos da América, a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Eu não sei. Eu nem sei como é que eles foram parar aí? Como é possível vender? Houve também outras crianças que foram vendidas, que ouvi falar, mas esses tinham pai e mãe. Mas eu não tinha! Os meus irmãos foram dados, não tinha mãe, mas tinha pai, como é que eles vão para aí (Terceira), sem assinatura e sem nada!...

Os rapazes foram até aí à terceira e daí é que seguiram para a América, isso foi tudo feito foi aí... tenho para mim, eles foram mandados para aí, já com contato de alguém e aí é que os americanos arranjaram maneira de eles embarcarem...

10- Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, eles terão sentido?

Pois devem ter tido, eles já falavam português, eles sabiam que tinham irmãos e deviam-se lembrar dos pais.

Já as minhas irmãs eu soube que elas sofreram muito, uma delas acabou por fugir... e tem as pernas cheia de marcas de cigarro... e nem se sabe explicar bem... devem ter sofrido muito.

11- A criança sabia que tinha sido adotada? Como soube/descobriu que tinha sido adotada?

Claro, os mais velhos sabiam, eles já saíram daqui grandes, o mais velho dos rapazes, eu penso que eles devem-se lembrar dos pais e dos irmãos... eles estavam no orfanato eles sabiam..., mas também não sei. Tem também a ver com os pais adotivos... será que tiveram a maneira de dizer, quem são os teus pais e os teus irmãos... podiam pelo menos ter deixado ter contato com os irmãos...

12- Tem contato com a pessoa que foi adotada? Como é a vossa relação?

Com a mais novinha, a que foi adotada pelo casal americano, esta fala comigo, não consegue vir a Portugal porque tem dois gémeos... Mas a “gente” ainda se fala. Ela agora tem nome americano..., mas esta fala bem comigo...,mas eu tenho muita dificuldade em perceber bem o inglês...

Eu estive duas semanas a sonhar com a minha mãe, eu não via o corpo dela, eu só via o rosto dela... e vinha uns cavalos que era para matar as crianças que vinham para matar as crianças e nesse sonho a minha mãe escondia os filhos todos debaixo das saias para os esconder do cavalo... E eu vi aquilo, como sou a mais velha, para proteger as minhas irmãs... e isso fez-me procurar as minhas irmãs.

A “gente” tem uma relação um pouco distante, quando as procurei elas não gostaram muito, acharam que ficaram expostas, as pessoas souberam do que lhes aconteceu, mas eu disse a elas: “Não, eu sou a mais velha, eu fui pedir esmola para matar a fome a vocês, descalça a pedir esmola”. Uma delas nunca mais falou comigo, a outra às vezes vamos falando.

Mas ainda me falta achar dois irmãos... e destes a “gente” só sabe os registos de cá, mas não se encontra nada do nome dos americanos... não há nada nos registos...nada

de adoção... o nome já é diferente... e mete americanos, mudaram nome para americanos.

A família adotiva permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica?

Não houve mais contato nenhum! Nada! Até eu ir procurar, e encontrar as minhas irmãs, onde elas estavam... eu ainda não estive com elas porque eu não tenho dinheiro para ir América. Elas pensam em vir cá, mas gostavam de ir à terra onde nasceram...

13- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado? Onde decorreu o processo?

Nos Açores ou no país de acolhimento?

Em nenhum dos casos acredito que tenha havido adoção, a mais moça, não sei muito bem a história dela, mas para ela foi como sendo filha dos americanos, porque ela era tão pequenina, não sei.

As outras foram dadas ao homem do barco, não houve processo nenhum... e os rapazes saíram do Lar sem autorização de ninguém... que é isso que não percebo!

O rapaz mais moço, até o nome já tiraram, e não sei como podem tirar o último nome, ninguém assinou nada! Ninguém assinou, isto foi dar os meus irmãos... sem papel nenhum...

As raparigas, as mais velhinhas, elas depois foram adotadas, mas por aquilo que sei, já foi lá fora, isso aí na Terceira foi tudo muito clandestino, muito escondido...

Elas são vendidas na doca, ao homem do barco, mas depois são adotadas, porque elas mandaram fotos de um casal que elas dizem que são os seus pais adotivos e tem outros irmãos do casal... elas ficaram as duas juntas com esse casal americano...

14- Então no caso de não terem sido legalmente adotados, como é que estas crianças saíram do país?

Pois eu não sei... eu lembro-me de ir ao Canadá ter com a minha tia e teve de ter a assinatura do meu pai, senão eu não ia. Agora como é que os meus irmãos saem daqui para fora sem ninguém assinar nada? Como é que estas crianças vão para a América, a minha mãe já tinha morrido, mas pelo menos com a autorização do pai ou da irmã mais velha? Mas tinha família! Tinha irmãs mais velhas... agora como é que eles entram na América? Eu para ir ao Canada, foi um problema porque a “gente” nem sabia do meu pai, e depois é que viemos a descobrir que ele estava no faial e como é que ele não assina nada para os meus irmãos se irem embora? Quem é que autorizou? E como é que

os meus irmãos tão pequeninos foram para lá sem assinatura de ninguém? Isso aqui há qualquer coisa debaixo da mesa, e está bem escondido que ninguém me sabe ou quer responder...

Porque até para ir no avião militar era preciso papéis? E como é que o meu padrasto sabe que eles estão bem e que foram todos para a América... ele (padrasto) sabe, ele não quer é dizer..., mas ele sabe que está tudo para a América.

15- Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?

A pequenina vai para a América porque a freira a deu... como foi para a América? Pega e deu a minha irmã, sem assinatura do pai, ela não era órfã. O pai estava vivo.

As minhas irmãs foi meu pai que as vendeu ao senhor que estava na doca.

Os meus irmãos chegamos ao orfanato e ninguém sabe deles e a única coisa que se sabe é que foram para a América com um casal americano... e ninguém sabe mais nada. Isso foi o orfanato é que fez o contato. A minha mãe já tinha falecido, o meu pai andava sempre sem se saber dele, mas existia pai!

Isto há aí qualquer coisa aí! Qualquer coisa que não se percebe! Isto até custa-me a crer.

Agora esses americanos como é que vieram buscar os que estavam em S. Miguel? Tinha de haver alguém que conhecesse. Eu tenho sempre para mim que o orfanato resolveu isso tudo, ou com os orfanatos na Terceira ou com alguém que as freiras conheciam aí na Terceira...

E as minhas irmãs mais velhas, as que já estive com elas, elas nem sabiam muito bem... duas irmãs que estão juntas, uma foge, deixa a outra irmã e perdem-se... estas crianças sofreram muito...

16- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever-nos outros casos que conheça?

Já ouvi falar, mães que deram porque passavam fome, ou porque pensavam que era um futuro... aí na Terceira sei que foi muitos, mas aqui foram poucos, mas como o meu padrasto e a minha mãe foram para a Terceira...

Mas as minhas irmãs foram mesmo vendidas! E acho que cheguei a ouvir que aí na Terceira também houve uns vendidos...

17- Os casos de que tem conhecimento, foram legalizados?

Não! Isso ia toda a “gente” para a cadeia. Isso há aqui muita falcatura, muita aldrabice, houve muita “gente” que ganhou dinheiro com isso. Ia tudo para a cadeia...

18- Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum?

Isso era uma coisa muito calada, muita “gente” não sabia..., mas aqueles que souberam, ficaram a olhar muito mal para o meu padrasto, até a família dele nunca esperou que ele fizesse uma coisa destas! Há muita coisa escondida... as pessoas antigas estão muito caladas e não contam nada, e essas pessoas sabem muito!

Havia denúncias?

Ninguém queria saber da “gente”... nem dessas coisas que se fazia, era muita falcatura!

As autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?

Tinham de saber, era tudo muito escondido, mas tinham de saber, senão como é que esses pequenos saiam daqui para fora. Sair de S. Miguel para a Terceira e da Terceira embarcar para a América... isso tinham de saber, havia dinheiro por baixo da mesa!

19- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Isso foram muitas, muitas...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista X

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Fernando Sexo: M X F _____ Idade: 73 anos Escolaridade:
4ª Classe Profissão: Reformado Naturalidade: Praia da Vitória .

(Famílias biológicas)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na Base das Lajes na população terceirense?

Eu acho que foi muito importante. Eu nasci em 1947, sou do tempo em que começam a aparecer as primeiras famílias americanas. Nessa altura, aí é que se começam a construir casas.

A vinda dos americanos para a Terceira foi um enriquecimento, porque as pessoas começaram a fazer casas... ficavam no rés-do-chão e a parte de cima era para os americanos... eles pagavam bem. Isso foi um grande enriquecimento. Ainda me lembro da Estrada 25 de abril não ter casas nenhuma! As pessoas é que construíram para alugar aos americanos, portanto, houve um grande desenvolvimento na construção de casas com a vinda dos americanos para cá.

Eu sou do tempo que na estrada da Cruz de Marco tinha 4 casas, hoje tem... nos anos 58, 59, a Praia começou a desenvolver-se graças vinda das famílias dos americanos, construiu-se para os americanos viverem ... e as pessoas tinham sorte de alugar uma “mão cheia” (muito) de anos aos americanos, e quando as casas estavam pagas, eles (portugueses) tornavam a fazer mais uma casa para lugar aos americanos... foi um negócio...

Depois houve também uma coisa engraçada, que foi a vida deles, era diferente da nossa! Eles tinham hábitos de comida diferentes da nossa, viviam diferente da nossa “gente”...

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Olha a maior vantagem foi para a economia. Mas olha que a sua maneira de viver, a “gente” também aprendeu muito com eles.

Ainda sou do tempo que as senhoras iam tomar banho de manhã de vestidos e aquilo ficava tudo pegado ao corpo (risos), eles trouxeram fatos de banho.

A coisa modificou-se... as roupas... depois davam muitas dessas roupas às pessoas...

Teve muitas coisas boas, mas a “gente” também manteve a nossa tradição...

Eles eram muito nossos amigos de ir às nossas festas. Havia uma matança, eles vinham, vinham aos nossos anos... colaboravam muito com as pessoas

E desvantagens?

Não, não. Eu penso que até a “gente” que estava na Terceira enriqueceu mais com os americanos.

Quem estava na Terceira eram os ingleses, mas não é do meu tempo, mas sei que os ingleses não tinham... eram diferentes dos americanos, mais rebeldes, muito orgulhosos, ligavam-se muito a si, não eram abertos como os americanos, havia uma relação de amizade com os americanos.

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Os americanos, os nossos irmãos “mais escurinhos” eram muito simpáticos (sorrisos), eram os que tinham os carros mais bonitos... tinham cada carro! Eram muito amigos de oferecer charutos às pessoas de idade. Os velhotes quando sentiam um carro muito grande, começavam logo a dizer adeus e eles paravam e davam charutos.

Eram muito amigos de dar às crianças, bombons... os americanos eram amigos de dar!

Era muito engraçado quando um americano se ia embora, a empregada que o serviu, ficava-se consolando. Ficava com a televisão, ficava com a “aparelhagem” muito grande (sistema de som) ... Elas depois vendiam... Eles iam-se embora e as pessoas ficavam muito bem...

Quando havia uma senhora grávida, que tivesse necessidades, eles também eram muito simpáticos e ofereciam muita coisa...

A “gente” não tinha “fruta encanada” (fruta enlatada, corruptela de *canned fruit*). No meu tempo não tinha nada disso, quem estava fora da Base não sabia o que era “fruta encanada”, sabia quem trabalhava para os americanos...

Agora temos maçãs e laranjas todo o ano, naquela altura o que a “gente” tinha todo o ano, eram laranjas azedas (risos) e bananas...

Então, aquela “gente” era amiga de dar a pessoas necessitadas e então havia algumas pessoas que também diziam: “Ah! Pois eu não posso criar, se quiseres eu dou-te o meu filho”, então se elas diziam que davam o filho, nunca mais faltava comida naquela casa..., mas elas (americanas) não pagavam para eles (portugueses) terem os filhos! Elas (portuguesas) é que ofereciam e depois tinham mais abundância para os outros filhos.

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Eu sempre apreciei muito as visitas das senhoras dos Oficiais americanos aos lares dos idosos. A amizade que elas tinham, com jeito, levar um bolo... Eles tinham coisa muito boas! Todas as semanas o Lar de Idosos recebia essas visitas! Não me lembro de ninguém dos Oficiais portugueses irem lá! Elas iam de vez enquanto, passavam lá, lanchavam com os idosos, a conversar com eles... uma coisa bonita! As senhoras dos Oficiais americanos faziam isso!

Depois também, pronto era um país (EUA) orgulhoso, mas também beneficiou muito o nosso concelho, muito!

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Eu acho que não... nunca trabalhei na Base, e tinha também... Eles eram sempre muito simpáticos para a “gente”. Eu trabalhei 40 anos no comércio e nunca aprendi inglês. Eles vinham à loja e diziam lá o que queriam, mas eu nunca me esforcei para aprender inglês..., mas aprecio aquela “gente”.

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Ainda sou do tempo que pelo Natal os americanos vinham à Praia e a Angra levar uns sacos, umas meias muito grandes, com bombons, chocolates, pastas de dentes, escovas de dentes... traziam coisas que não eram costume a “gente” ter.

Depois ainda houve aí em 55 e 56, um dia à noite, ali no Largo da Luz, enchia-se aquela “gente” toda ali de roda, tinham o nome das crianças, fulano tal... ia com o seu filho buscar uma prenda.

Depois passou e penso que ficou melhor, passaram a dar em todas as escolas uma caixinha da Cruz Vermelha. Eram umas caixinhas pequeninas, mas como é que aquela caixinha trazia tanta coisa? (risos) E então, acho muita graça, trazia escovas e pastas de dentes. Quem é que naquele tempo lavava os dentes? (risos)

E as menos boas?

Eu não gosto de ouvir criticar os americanos, eles foram bons para a “gente”!

Parte II – Adoção

7- Alguém da sua família foi adotado por norte-americanos?

Eu tinha uma prima minha que deu 2 filhas aos americanos, mas ela é que quis dar!

8- Que idade tinha a criança quando foi adotada?

Eram bebezinhas... muito bebés.

9- Por que motivo optaram por dar a criança para adoção?

Pois ela coitadinha não estava casada ainda, mas depois casou. Ela tinha um filho deste e depois tinha um filho daquele.... Então ofereceu aquelas duas... Depois ela casou e adora os seus filhos que tem agora!

Havia muita necessidade, a “gente” tinha a Ação Social, mas a Ação Social não funcionava como funciona hoje em dia... O que é que elas (famílias) podiam fazer. As senhoras da Ação Social só diziam: “O meu pobre, o teu pobre” ... e mais nada! O pobre não era delas! Não pode ser! Graças a Deus que isto está diferente. O 25 de abril trouxe muita coisa boa. Abriu os olhos às pessoas.

A minha prima passava muita necessidade. Eu acho que essas famílias tinham necessidade e era para dar uma vida melhor aos filhos. O meu filho vai para a América, vai ter uma vida melhor.

10- Lembra-se do dia da entrega da criança? Consegue-nos descrever?

Não, eu era muito novo.

11- Alguém lhe disse como foi a separação da família biológica?

Não se falava muito sobre isso na nossa casa.

12- Manteve contato com a criança? Sim _____ Não X.

13- Antes de partir para os Estados Unidos da América, a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Ah! Isso iam logo para a América, talvez por causa das pessoas não procurarem, iam-se logo embora. Os próprios americanos também podiam dar com a “língua nos dentes” e eles queriam que os filhos fossem só deles... eu penso que alguns talvez não se importassem..., mas nas vésperas de se irem embora é que pegavam nesses pequenos...

14- Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, ela terá sentido?

Elas saíram daqui muito bebés... nunca mais soube nada delas!

15- A criança sabia que tinha sido adotada? Como soube/descobriu que tinha sido adotada?

Algun pode ter contado, mas outro eram seus filhos e pronto... nunca chegavam sequer a saber que tinham família cá...

16- Tem contato com a pessoa que foi adotada? Como é a vossa relação?

Não. E até sei que há anos ela (mãe biológica) tentou... porque naquele tempo (adoção) fazia-se a “escritura de doação” das meninas. E ela tentou saber isso e o notário foi muito malcriado com ela! Ela não tinha direito ... Ela foi na altura, ela não pensou, ela foi saber, e se aquelas pequenas pensaram toda a vida que eram filhas dos americanos?

Então a família adotiva não permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica?

Não... nunca mais se soube destas pequenas.

17- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado? Onde decorreu o processo? Nos Açores ou no país de acolhimento?

A certeza que eu tenho é que era com “escritura”.

18- Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?

Eram as empregadas deles (americanos), elas é que sabiam onde é que estavam esses pequenos... Eles diziam às suas empregadas... então lá elas diziam: “A minha vizinha teve um bebé e coitadinha não pode criar o pequeno” e pronto... e era por “intermeio” das suas empregadas... era com muita descrição. Eram as empregadas que levavam as notícias...

19- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever-nos outros casos que conheça?

Lembro-me de uma que também deu 2 pequenas, uma já era grandinha, essa lembro-me bem de ela ter dado. Mas não critico essas famílias que deram!

Cheguei a ouvir que tinha dado mais um antes, mas deste então não me lembro. Mais tarde uma filha dela (que ficou na ilha) casou com um americano daqui, e então achamos graça porque a mãe disse-lhe: “Vê se tem lá algum parecido contigo.” (risos). Agora cá!

Aqui na Praia foi essa minha prima, conheci mais pessoas, mas tudo com seriedade.

20- Os casos de que tem conhecimento, foram legalizados?

Depois é que começou a haver documentação, eu ouço dizer, que depois passados anos, é que começou a haver documentação. Até ali não havia nada... não tenho a certeza.⁴

Então se não havia documentação como é que estas crianças saiam do país?

Não havia nada. Os americanos arranjavam lá uma maneira de se dar uns dólares a uns fulanos para passarem, e também havia os aviões militares..., mas eu não tenho a certeza disso...

21- Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum?

Depois então havia pessoas que criticavam muito, mas eram muitos filhos naquela altura! E para dar de comer a eles todos era uma dificuldade... e comida para essa “gente”?

As pessoas sabiam, claro que sabiam!

Havia denúncias? As autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?

Havia “gente” a denunciar, mas geralmente toda a “gente” sabia que se fazia... E depois também tivemos, a “gente” tem de ser justa, também tivemos bons polícias, tivemos sempre um bom Delegado de Saúde, um Delegado de Justiça bom... Era Procurador, mas era boa pessoa...

O mais importante nisso tudo, era o Delegado da República, naquele tempo ele era bom e tivemos a sorte de ter bons chefes de polícia que mantinha a ordem e acabava por proteger as famílias.

22-Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Foram então alguns...

23-Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista XI

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Inês **Sexo:** M F X **Idade:** 56 **Escolaridade:** 4ª Classe .
Profissão: Esteticista **Naturalidade:** Praia da Vitória .

(Famílias biológicas)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na Base das Lajes na população terceirense?

É assim... eu acho que eles ajudaram a “gente”, foi a dar muitos empregos... isso foi a coisa boa que eles fizeram. Dar empregos ao pessoal de cá.

Se a ilha avançou muito, devemos agradecer a eles. Claro que pode haver coisas menos boas, mas acho que beneficiou muito a nossa ilha.

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

O emprego e a economia, sem dúvida, porque ganhava-se bem. Por exemplo sempre me lembro do meu pai, toda a vida, trabalhar na Base e de receber muito bem. Eu acho que com a vinda dos americanos, toda a ilha ficou toda a ganhar. E foi o que se viu quando isto tudo fechou, quando a Base, começaram a ir-se embora... fez muita falta a muita “gente”. Pode ter tido coisas menos boas, mas para a “gente”, terceirenses, que trouxe vantagens, trouxe. Abundância, aquele grande aeroporto mexeu com muita coisa aqui e mesmo ao nível de Portugal.

E desvantagens?

Eu acho que não, sinceramente eu acho que não.

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Eu era muito novinha, não tenho grandes recordações... Eu não me lembro como, mas acredito que ajudaram muito...como não sei...

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Sempre me lembro dos americanos quando havia alguma coisa nessa ilha, quando a “gente”, terceirenses, precisava alguma coisa, eles eram os primeiros a chegar. Estavam sempre prontos a ajudar... desse tempo não me lembro de nada específico, eu era muito novinha, mas lembro-me por exemplo do sismo de 80, sei que muita “gente” foi ajudada pelos americanos, com tudo que precisaram, casas, a limpar o que se destruiu... sei lá.... Mas sempre me lembro que qualquer coisa nesta ilha, os americanos ajudavam sempre... Eles tinham coisas que nós não tínhamos, e por isso conseguiam ajudar em mais... por exemplo, as máquinas que eles tinham, cá fora não havia, até mesmo para limpar as casas destruídas...

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Exatamente.

Como?

Do tempo que vivia em casa dos meus pais, o meu pai tinha um bom ordenado, se calhar havia quem estivesse melhor, mas também havia bem pior! Nunca nos faltou nada! E acredito que foi pelo meu pai trabalhar na Base que fomos muito bem-criados. Acabamos por ser uns privilegiados.

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

As caixinhas! Oh! Com as piorrinhas e as bolinhas cor de laranja. Eles iam num *Bus* azul-escuro, levar as caixinhas à escola... Isso era uma alegria, um dia de desassossego (risos)...

Outra boa recordação, e vou-lhe ser muito sincera...eles eram muito certinhos a pagar o ordenado ao meu pai (risos) e aos outros! Eram muito certinhos a pagar.

Lembro-me também de umas festas que faziam lá dentro (na Base) ... e a Entrada Geral! Mas a minha mãe não gostava muito destas coisas... e a “gente” ia muito poucas vezes...

Mesmo o BX, os clubes...eu tinha possibilidades de ir..., mas nunca me seduziu... ou porque não fui habituada, minha mãe nunca foi destas coisas...

E as menos boas?

Não, não...

Parte II – Adoção

7- Alguém da sua família foi adotado por norte-americanos?

O meu sobrinho. O meu rico sobrinho!

8- Que idade tinha a criança quando foi adotada?

Ele havia de ter meses... ele era muito pequenino. Não te sei precisar, mas era mesmo bebezinho.

9- Porque motivo optaram por dar a criança para adoção?

Na altura que a mãe do meu sobrinho engravidou, eu era miúda, e lembro-me só daquele “zoom, zoom” (sussurrar) da minha mãe, daquelas pessoas de mais idade, de dizerem: “Foste agora engravidar essa rapariga” e não sei quê... E o que me apercebei foi que a minha mãe, no fundo, não estava muito de acordo e, eu era novinha, e apanhava só alguma coisa por alto.

Aquela mãe ficou sozinha, pobre, doente, com filhos para criar... a falta de incentivo do próprio pai, do meu irmão, porque ele, entretanto, o meu irmão (pai biológico) foi para o Canadá e depois a mãe do meu sobrinho faleceu, e ele foi adotado (sobrinho), isto eram assuntos que não se falava, lá em casa, mas eu não tenho a certeza se o meu irmão deu consentimento... Isso não tenho bem a certeza. E eu sabia que tinha um sobrinho. Passou estes anos todos e nunca falava disso, só muito mais tarde, com a minha filha... e lembrava-me de vez enquanto pensava, “Eu tenho um sobrinho, como será que ele é? (emoção) Adorava vê-lo... adorava falar com ele...

10- Lembra-se do dia da entrega da criança? Consegue-nos descrever?

Eu era pequenina, mas imagino, eu sei! Aquilo foi com uma dor terrível, principalmente para aqueles irmãos que se separaram... isso deve ser uma coisa horrível de se fazer... a mãe já estava no hospital, ela faleceu pouco depois, mas alguém deve ter pegado nos bracinhos daquele pequeno e entregado aos americanos, deve ter sido o avô.

11- Como foi a separação da família biológica?

Deve ter sido uma dor muito grande. A última vez que o meu irmão esteve cá, ele foi tentar saber do filho...

O meu pai era um santo, a minha mãe é que decidia tudo. Eu era muito novinha, muito mais novinha que o meu irmão, eu tenho 56 ele tem 71, já vê diferença? Eu apanhava só aqueles “zooms, zooms”. Se eu fosse já uma mulher! Eu podia aprofundar o assunto, mas eu era uma criança, naquele tempo nem se podia perguntar! As mentalidades eram diferentes. Pelo meu pai não! ele era um santo. Tenho a certeza de que se a minha mãe não se tivesse oposto que o meu irmão tinha ficado com aquela rapariga. Ele gostava muito dela... Lembro-me de o ver com ela (mãe biológica), ela grávida do meu sobrinho... parece que os estou a ver. Ele não os abandonou! Ele foi quase forçado a abandonar... Eu tenho a certeza de que a minha mãe é que o impediu de ele ficar com aquela rapariga, porque ele gostava muito daquela rapariga.

Eu lembro-me de ele estar na cama a chorar, e eu criança, de lhe perguntar porque estava a chorar e ele me responder: “Mal de amores” (emoção). Eu estou vendo. Isso é uma coisa que me marcou para o resto da minha vida! (emoção)

Mas eu garanto-lhe que tenho a certeza que foi a minha mãe que impediu isso! Eu fui crescendo, nós somos de família muito unida, a “gente” erámos todos muito unidos... Eu não queria morrer sem o abraçar (sobrinho)! (emoção)... isto marcou-me para a vida toda! Lembro-me das discussões da minha mãe, era sempre a minha mãe: “Deixa essa mulher!” Está a perceber? Eu sei, tenho a certeza de que a minha mãe é que impediu o meu irmão de ficar com aquela mulher, porque ele adorava aquela mulher!

Ela não teve escolha, ela ficou sozinha... aquilo deve ter sido uma dor...

Meu irmão tinha montes de fotografias da senhora... Ele adorava aquela mulher.

12-Manteve contato com a criança? Sim _____ Não X.

13-Antes de partir para os Estados Unidos da América, a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Não sei, eu era muito pequena... E isso foi uma coisa que era proibido falar lá em casa... não se falou mais no assunto.

14-Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, ela terá sentido?

Imagino, que bem ou mal, ele foi levado por aquele casal, não foi? Foi criadinho foi ali. Habitou-se com aquela família. Foi como se tivesse nascido ali, não é?

Nesse aspeto, acho que talvez não tenha sentido dificuldades... Agora acredito que ele deve ter sentido dificuldades, na adolescência, quando começou a sentir, quando soube, aí acredito... principalmente o psicológico, deve ter sido uma dificuldade. Mas descobrir tudo de uma hora para a outra... não conseguimos imaginar, só quem passa...

15-A criança sabia que tinha sido adotada? Como soube/descobriu que tinha sido adotada?

Ele foi criado a vida toda por aquele casal americano e foi enganado a vida toda. Ele descobriu mais tarde, já grandinho.

16-Tem contato com a pessoa que foi adotada? Como é a vossa relação?

Há coisa de 2 anos, tive uma mensagem de uma senhora, com um estilo meio “americanado”, mas ela é portuguesa, e na mensagem ela perguntava se eu tinha um irmão chamado (nome do irmão) e eu respondi que tinha, e é o mesmo nome do meu pai. E eu fiquei com aquele pressentimento, e eu pensei, será que é por causa do meu sobrinho.

No mesmo dia à tarde, voltei a receber uma mensagem dessa senhora a perguntar se tinha um familiar com o nome (nome da pessoa) e eu respondi que tinha, o meu pai e o meu irmão que tem o mesmo nome. E ela disse-me que tinha de me contar uma história, e eu fiquei logo em pulgas... e dei-lhe o meu número para a senhora me ligar... eu fiquei tão nervosa e feliz ao mesmo tempo que não atinei a fazer mais nada.

Então falamos e ela disse que era amiga de um rapaz que é o seu sobrinho de certeza. Mas ela estava na dúvida, porque eu quase que tenho idade para ser sobrinha do meu sobrinho (risos)... e pedi à senhora para falarmos pessoalmente com a senhora.... Olha, eu fui falar pessoalmente com a senhora, ela vive uns tempos cá outros na América, olha eu chorei tanto, tanto... que ela coitadinha acabou por ter pena de mim (risos), mas era de feliz, eu queria saber tanta coisa... eu queria saber se ele queria falar comigo, como ele era...tanto...

Entretanto a meia irmã dele pediu-me amizade no Facebook, e mandou-me uma mensagem muito grande em inglês e eu respondi... ela disse-me que eu tomasse calma, porque isto tinha sido um choque para ele, que tinha descoberto muitas coisas, entretanto, e então... Ele acabou por me mandar uma mensagem e a mulher dele a “gente” fala de vez enquanto... Quando isto tudo passar, essa pandemia quando acabar,

eu quero que venha tudo cá, ela a mulher e os filhos, nem que eu ajude a pagar as passagens... quero estar com o meu sobrinho antes de eu morrer...

Ele pediu-me fotografias do pai, eu mandei-lhe tudo. Depois ele perguntou-me se procurasse o pai, se ele o aceitava... Eu fui sincera com ele e disse-lhe eu não sei. Porque eu não tenho muita convivência com o meu irmão.

Ele (irmão) veio cá no ano passado, no início deste ano a mulher faleceu, na altura que falei com o meu sobrinho, a mulher ainda era viva. Se ela não fosse eu dizia para ele procurar, mas com a mulher, se ele havia de levar uma “patada” e ficar dececionado... Mas isso é assim, tem os meus outros sobrinhos, são irmãos dele (meios irmãos), estou ainda a pensar se, que eu tenho a certeza absoluta de que os irmãos não sabem...

Agora, eu não tenho o contato dele (irmão)... mas agora vou dizer ao meu sobrinho que a mulher do pai já faleceu, o pai está sozinho... agora, digo-lhe, eu quero muito abraçar o meu sobrinho.

Eu quero tanto que ele venha cá!

Quando a minha mãe faleceu, eu vi lá, na casa dela, numa caixa, umas cartas muito amarelas e era a letra do meu irmão. E não me deu para abrir! Eu olhei para aquilo, eram cartas... e depois de isto se passar e pensar naquelas cartas, eu tenho a certeza de que aquilo eram cartas do meu irmão para aquela mulher! Eu tenho a certeza! E eu nem abri! E eu tenho tanta pena que pus aquilo fora (emoção)..., mas tinha um monte de cartas!

Eu quando falei com a senhora da América que me falou do meu sobrinho, eu pedi-lhe uma fotografia, fosse o que fosse. Quando eu vi a foto, eu disse: “Meu Deus!” Eu quando vi a foto, eu tive a certeza que era o meu sobrinho! Naquele dia eu nem conseguia falar, eu só chorava, chorava (emoção)..., mas era de felicidade! Eu só dizia: “Oh! Meu Deus obrigada, obrigada!”.

O meu marido foi o primeiro a dizer-me: “Não o percas mais de vista”, ele incentivou-me e apoio-me sempre... é o meu sangue! Os meus filhos estão a par de tudo, eles já são amigos dele no Facebook, são seus primos, gostam dele como primos... Longe do meu pensamento que eu ia encontrar o meu sobrinho, eu pensava tanto nele...

Aí eu adoro quando ele me chama de tia (risos)... e ele escreve mesmo em português... eu fico de coração cheio... os meus filhos estão sempre a dizer-me para lhe dizer para ele vir cá...

Falamos por mensagem, mas tenho a certeza de que o vou conhecer pessoalmente... eu não quero morrer sem ver o meu sobrinho e a minha sobrinha neta...(risos)

A família adotiva permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica?

Eu nunca soube nada disso, mas pelo menos eles chegaram a levar o menino a ir ver a sua mãe...

17- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado? Onde decorreu o processo?

Nos Açores ou no país de acolhimento?

Ele não teve processo de adoção, foi só um papel assinado pela sua mãe... Ele (sobrinho) não conhece o pai, mas pelo menos ele agora sabe que a família que tem cá, que o queremos muito bem!

Eram tempos diferentes. Famílias sérias, agora o filho dá-se com uma mulher que já tinha filhos...

Aquela adoção não foi legalizada... tenho a certeza... principalmente, não acredito que legalizaram na América a adoção dele...

Isto foi “tudo ao molhe e fé em Deus” (risos)...

O meu irmão, nem soube muito bem... ele não estava cá, estava no Canadá... Ele tem o registo de nascimento com nome do meu irmão, mas meu irmão não assinou nada... pode ter sido só resolvido com a mãe..., mas sem autorização do meu irmão!

18- Se a senhora acha que o caso do seu sobrinho não foi legal. Como é que ele saiu do país?

No tempo, tudo era diferente... facilmente o americano entra na Base e vai-se embora. Os americanos tinham uma cultura diferente, os pensamentos eram diferentes... as facilidades eram outras... não havia tanta exigência...

19- Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?

Era fácil. A mãe morava em Santa Rita, aquilo era tudo perto, eles sabiam que ali iam encontrar crianças... E acredito também, que havia alguém no meio que indicava as casas certas, acredito que sim! Isso então não era nada difícil... O dinheiro fala sempre mais alto...

20- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever-nos outros casos que conheça?

Naquela altura, ouvia-se falar que os americanos queriam adotar crianças, porque se falava muito nisso.

Sempre na minha vida ouvi dizer que os americanos queriam era levar crianças e que pagavam... era o que eu ouvia na altura...

Agora pormenores não te sei dizer... agora que acontecia muito acontecia.

E porque acha que davam estas crianças para adoção casais norte-americanos?

Sabes havia muita pobreza, e se calhar, quando não se tem para dar um filho, dever ser... deve ser uma coisa... terrível... e se calhar muita mãe deu a pensar... que era para melhor... basta dizer “América”; “Para a América”, não é? Afinal foi a infelicidade de muitos...

21- Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum?

Sabes, mesmo na minha casa, nunca mais se falou no assunto, eu era criança quando aconteceu, mas nunca mais se ouviu falar... foi um assunto que acabou! Nunca mais ouvi... Se realmente minha mãe, que eu acho que foi, que é que causou isto tudo, Deus lhe perdoe, porque eu nunca a vou perdoar... Não se admite, aquele pequeno é sangue do meu sangue, se for o que penso que foi, que Deus me perdoe, mas... se eu fosse uma mulher na altura, talvez eu tivesse impedido, mas eu era uma criança... a minha opinião contava, meu pai ouvia-me muito... podia até ele ter ido, mas a minha opinião podia ter contado...

Se calhar até houve alguém que pensou que tinha sido uma obra de caridade, a pensar no bem que podia ser para aquelas crianças, conhecendo as situações, e se calhar outros foram criticados..., mas isso, era como na minha casa, não se falava nisso...

Havia denúncias?

Ninguém dizia nada... eram assuntos que ninguém se metia...

As autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?

É capaz, é capaz de saberem... O que é que eles (americanos) não sabiam naquela Base? Tinham de saber, se não havia processos, não havia legalidades... tinham de saber, a meu ver, tinham de saber. Não entravam na América sem passaporte, tinham de ter algum documento, por isso, os mais altos (patentes) tinham de saber... se calhar algum dos mais altos também fez o mesmo... (risos)

22- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Deve ter sido muitos! Muitos mesmo!...

23- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Sabes, eu sou de famílias muito unidas e talvez por isso, isso foi uma coisa que me marcou muito... eu não percebo a ideia, de mesmo no meio do piorio, uma vida não se descarta... por isso lhe digo, que se eu tivesse a certeza de que a minha mãe está no meio disso... devia ter dado outro apoio! A minha mãe tinha condições de ter ficado com aquele pequeno..., mas mesmo assim as pessoas são humanas e ela devia ter visto o lado das pessoas, lá por a senhora (mãe biológica) ter outro tipo de vida, por já ter filhos...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista XII

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Valentina Sexo: M ☐ F ☒ Idade: 62 Escolaridade: 4ª Classe .

Profissão: Cozinheira Naturalidade: Praia da Vitória .

(Famílias biológicas)

Parte I – Caráter Geral

20- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na Base das Lajes na população terceirense?

O meu pai era de S. Miguel, e então foi para aí, foi trabalhar para a Base da Lajes aí. E a minha mãe trabalhava com os americanos (empregada doméstica). E foi assim que tudo se passou. Eu saí daí com 14 meses. Não me lembro de nada...

21- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Não, tenho impressão, que não... naquela altura os americanos ajudaram um bocadinho aos açorianos, às pessoas que trabalhavam lá... Eu ouvia dizer que tinham poder para comprar alguma coisa lá (Base), das coisas que eles tinham...mas não sei...

E desvantagens?

22- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Eu não sei, eu não tenho grandes recordações, eu saí da Terceira muito cedo... só ouvia assim...

23- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Já se sabe...

Como?

Foi muito difícil estar separada das minhas irmãs, eles levaram as minhas irmãs e eu fiquei cá sozinha... a minha mãe faleceu e só tinha ficado a “gente”... e eles levaram as

minhas irmãs... e hoje eu já falo com uma, mas uma delas, ainda não quer falar com a “gente”... ela não está preparada. Levei tantos anos a achar a minha irmã. Os anos que perdemos... e vamos falando mas eu falo pouco inglês...mas eu tenho uma senhora que me ajuda e a “gente” vai-se falando... vou sequer vendo a cara dela...

Parte II – Adoção

24- Alguém da sua família foi adotado por norte-americanos?

As minhas 2 irmãs.

25- Que idade tinham as suas irmãs quando foram adotadas?

Uma tinha 3 semanas e a outra de 9 anos.

26- Por que motivo optaram por dar a criança para adoção?

Eles (americanos) pegaram na minha irmã mais novinha, porque a minha mãe morreu do parto, e a minha mãe, deixou uma bebé com 3 semanas, e nesta altura nunca registavam logo e já... registavam mais tarde.

A outra, que também está na América, porque eramos 3, eu tinha 14 meses, tinha 1 de 3 anos e a 3 semanas. Essa de 3 semanas a “gente” nunca chegou a saber, até agora. A de 3 anos, veio comigo para S. Miguel, e eu já tinha mais ou menos 6 anos e ela já tinha 9. Meu pai sempre se lembra que era um americano da Força Aérea que ficou com a pequenininha. E então eles ficaram com ela e a “gente” viemos as duas para aqui (S. Miguel). E então a minha irmã ficava assim sem saber bem...

27- E a senhora lembra-se do dia em que o seu pai entregou a sua irmã? Conseguem descrever?

Lembro-me, lembro-me. Lembro-me do meu pai lhe dar um chocolate para ela não chorar. E lembro-me da senhora que a levou. A “gente” tivemos aqui num outeiro... eu sempre fui mais fortinha, desde criança, eu era assim mais cheinha. E a minha irmã era assim, mais fininha...e estava uma senhora a escolher, da “gente” qual é a que queria! E a “gente”, eu lembro-me da casa que eu tive, de onde a senhora nos viu e o dia que ela se foi embora... eu levei-a a casa de onde ela partiu (emoção)... Há coisas que marcam, que não esquece! Eu tinha 6 anos não percebia bem, ela tinha 9 já era mais

compreendida... e depois a “gente” era pobres, passávamos necessidades... sempre a ver se ela depois nos podia ajudar. Meu pai quando a deu pensou que ela depois nos podia ajudar, e ela, também pensava, mas ela era criança...

28- Como foi a separação da família biológica?

Houve muita coisa que a marcou na vida, porque... ela lembra-se do meu pai lhe dar um chocolate para ela não chorar, quando a deu aos americanos, teve coisas que a marcou muito. Ela já era uma pequena. E houve qualquer coisa com a senhora que a levou para a entregar aos americanos, que a levou daqui ela não queria ouvir falar no nome desta mulher.

29- Manteve contato com a criança? Sim _____ Não X .

30- Antes de partir para os Estados Unidos da América, a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Tenho impressão, que não ficaram cá muito tempo... aquilo foi coisa rápida!

31- Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, ela terá sentido?

Aquela “gente” nunca a deixou falar português, foi sempre em inglês. E então chocava-me porque ela dizia que ela às vezes queria fazer um carinho àquela senhora (mãe adotiva) e ela não deixava. Eu tinha coisas que eu chorava muito com coisas que ela me contava... Ela para o português é uma coisinha difícil, ela aprendeu espanhol, porque ela tomava conta de crianças mexicanas e ela aprendeu o espanhol. Porque ela trabalha com crianças com problemas familiares e então sempre deu para nos entendermos.

Ela disse que às vezes escrevia cartas, e ela (americana) dizia não: “*No more família Portugal*” que ela dizia que ela não tinha mais família em Portugal!

Mas acho que o mais difícil para ela foi o não saber nada da família, ela diz que tinha pesadelos de noite... ela disse-me que tinha pesadelos... esta sabia de tudo... a mais pequeninha foi criada como americana, como se fosse filha deles, nunca conheceu a “gente”, não sabia o que aconteceu...

32- A criança sabia que tinha sido adotada? Como soube/descobriu que tinha sido adotada?

A pequenina não sabia, porque o casal registou-a no seu nome. E ela não sabia disso! Ela já deve saber, porque através de um senhor daí, ele contactou com amigas dela e a “gente” conseguiu a direção dela e porque a “gente” ficou sem saber dela...

A outra, o meu pai já a deu com 9 anos. E ela nunca se esqueceu do nome de meu pai e do meu... ela já era grande. Há uns anos atrás, ela andava na internet à procura do nome do meu pai, e um primo meu da califórnia disse: “Porque é que perguntas pelo nome desse homem? Ele era meu tio.” E ela disse: “E ele era o meu pai!”.

Depois a minha família da Califórnia contactou comigo e depois a “gente” falamos as duas. Foi um choque.

33- Tem contato com a pessoa que foi adotada? Como é a vossa relação?

Com a minha irmã de 9 anos tenho, eu já fui lá... aventurei-me e fui, eu tomei 3 aviões para chegar lá (risos). Custa muito quando a “gente” não sabe falar, e então eu pegava no bilhete e dizia: “*Help me please*” (risos) e eles diziam para onde eu havia de ir. Mas consegui ver a minha irmã. Foi uma emoção muito grande, porque a “gente” tivemos momentos de alegria, tristeza... e eu disse a ela que o meu pai gostava muito de crianças. Porque o meu pai gostava muito de crianças... e ela ficava com o olho para mim: “Então porque é que ele me deu?” E então, eu disse a ela, na altura em que a minha mãe faleceu, minha mãe morreu com 22 anos e meu pai tinha 29 e meu pai ficou com a “gente” as 3, e ficou sem saber o que é que havia de fazer com a “gente”...

A “gente” já se encontrou na Terceira, ela foi à Terceira e eu fui lá (Terceira)...

Ela já veio aqui 3 vezes, os filhos também já vieram, adoraram isso aqui (risos).... Ela é muito calma, não tem nada a ver comigo, eu sou mais despachada que ela. E eu dizia anda (nome português da irmã), anda”. Ela aqui tinha um nome, mas lá fora mudaram-lhe o nome. O meu pai quando faleceu, ele... a “gente” não sabia do registo da minha irmã. Porque quando eles foram para a Terceira, ela foi a única que nasceu aqui (S. Miguel), ele já a tinha levado consigo. E eu e a bebé nascemos na Terceira. A minha mãe quando teve a bebé, o “parto subiu-lhe à cabeça” e deu-lhe desmaios, desmaios e ela foi-se... nunca meu pai nunca mais teve ninguém na vida, ele falava sempre nela... Eu às vezes dizia: “Nosso senhor enganou-se” e ele coitadinho dizia-me “Antes querias que eu tivesse morrido”, - “Não! Mas a galinha é que agasalha os pintos”. Uma mãe faz sempre diferença... a “gente” ficou separadas... muitos anos. Eu

fui criada por uma tia. E ela era muito pobre, e ela não me podia adotar porque se pagava dinheiro para se adotar, e ela não tinha dinheiro. Depois ela foi para o Canadá e não me pode levar porque eu não estava adotada por filha. E então, ela coitadinha dizia que me queria deixar amparada. Foi muito complicado, saber que estava separada das minhas irmãs... fiquei sozinha.

Com a mais nova não temos contato. Uma amiga dela, disse que não convinha falar mais nesse assunto... agora depende tudo dela! Porque senão fosse essa coisa dessa doença agora, eu ia ter com a minha irmã e de repente a “gente” aventurava-se e ia atrás dela, porque a “gente” tem a direção dela. Íamos as duas procurá-la...só Deus é que sabe.

Foi muitos anos sem saber das minhas irmãs. E dessa pequenina a “gente” não tinha esperança. Ela não tinha nome, que não tinha sequer sido registada quando foi levada, meu pai não se lembrava do nome do homem ou da senhora que a levou, e eu dizia sempre que ia ser muito difícil. Mas a “gente” começou a pelo ano que a minha faleceu, as semanas que ela tinha, ela tinha 3 semanas, e por essas datas é que se foi para os registos e encontrou-se 2 casais que registaram 1 menina só nesse ano, da Base das Lajes. E através daí é que a “gente” tentou procurar... e esta é que dizia tudo... é que batia certo... ela até é parecida comigo (risos). Eu não sei falar inglês, já estive para escrever e pedir para me traduzirem para mandar para o endereço, mas já comentei coisas que ela põe no Facebook...

Mas também é difícil para ela... ela foi criada a pensar que aqueles eram os seus pais verdadeiros, também não se pode... Eu sabendo de tudo, eu fiquei em choque, imagina ela?

Com a minha outra irmã (a mais velha), ela já teve cá, a “gente” fala muita vezes, ela liga para mim, diz-me “Quero-te muito” ...”Amo-te”... “Estou sempre contigo no pensamento”... é muito bom!

E em que ano isto aconteceu?

Eu nasci em 1958, eu tinha 14 meses isso foi em 1959.

A de 9 anos ainda viemos para S. Miguel, eu tinha 6 anos e ela tinha 9 quando o meu pai a deu, então foi em 64.

A família adotiva permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica?

Não, nunca, nunca!

34- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado? Onde decorreu o processo?

Nos Açores ou no país de acolhimento?

Quando a minha mãe faleceu, a bebé ainda não estava registada e aquele casal pegou nela e registou-a no seu nome... ficou logo tudo resolvido.

Mas meu pai, dessa minha irmã que foi para a América (a mais velhinha), meu pai nunca recebeu nada... minha irmã julgava que ele tinha recebido dinheiro dela, por a ter dado. E meu pai nunca teve nada dela. Eu disse a ela, que meu pai a deu, porque ele sempre julgou que um dia ela podia fazer um bem à “gente”... para mandar a “gente” para lá (América)...

Eu acho que isso não foi nada legal... aqui não foi... aquela senhora levou-a, deu-a aos americanos... chegaram lá (América) eles passaram-na para o seu nome... e mais nada. Eles fizeram isso foi lá fora (América). Ela aqui tem um registo e lá (América) tem outro... Ela até tem outro nome... Ela é cidadã americana, ela lá está legal... Ela tem o seu registo lá, mas aqui continua registada no nome do meu pai e da minha mãe...

Mas a sua irmã mais velha, foi mesmo adotada pelo casal de americanos?

Sim, eles adotaram-na, ela tem o nome deles. E mudaram o nome dela...

Agora a pequeninha, acho que nunca soube, ela foi logo registada como americana, porque agora quando se tentou falar com amigas delas, eu tenho a morada dela, da área onde ela está, do nome do senhor e da senhora que pegou nela, o nome dela... a “gente” tem isso tudo dela.

35- Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?

Os que pegaram na pequeninha, eles moravam nas Lajes, trabalhavam na Força Área, e depois foram-se embora e registaram-na na Base como se fosse filha deles. E foram embora e levaram...

A mais velha foi através de uma senhora que se chamava (nome da senhora) que havia um casal de americanos que queria adotar uma criança. Eles saíram da Terceira para vieram buscá-la. Eles estavam na Base das Lajes e através desta senhora é que vieram buscar a minha irmã.

36- Que tipo de adoção a criança teve? Plena ou restrita?

Eu não sei... a pequenina não foi adotada, foi mesmo registada pelos americanos...

A mais velha, só se foi lá fora (no EUA), porque aqui os registos continuam no nome do meu pai e da minha mãe...

37- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever-nos outros casos que conheça?

Lembro-me de se falar, mesmo até de crianças que nasciam aqui (Açores) e eram dadas mesmo no hospital aos americanos... davam muitas crianças naquela altura... havia muita facilidade em levar crianças de qualquer maneira. Por exemplo, agora, porque eu sou contra dar crianças... ou porque eu pensava por alguém e pensava: “Será que é a minha irmã”... eu pensava assim. Por exemplo, davam as crianças, e havia possibilidade de dar sem registo... agora não sai criança nenhuma do hospital sem o seu registo.

Há uns anos atrás, não registavam logo a criança, às vezes era ao fim de um mês ou mais... por exemplo, eu tinha uma criança, que ninguém soubesse que eu tinha, ou eu dizia que tinha morrido, ou que não tinha, ou escondia a gravidez... e podia ter a criança, dá-la a sai e a senhora registava-a no seu nome... sempre problema nenhum, porque não sabiam... Era fácil registar crianças assim... do nada... muitos saíram daqui já filhos dos americanos...houve muitas crianças até daqui de S. Miguel... eles (americanos) andavam por todo o lado. Tenho muitas dúvidas...

38- Os casos de que tem conhecimento, foram legalizados? No caso de não serem, como estas crianças saíam do país?

Por exemplo a minha irmã eles pegaram nela, registaram no seu nome e pronto, ninguém sabia, era filha dos americanos... saíam daqui com a sua filha, não é?

Aquilo era meter a pequena no avião e toca para a América... a minha irmã (mais velha) foi assim... Isso não foi nada legal!

Eu lembro-me de um senhor que ajudava ao padre na Igreja que mandava pessoas daqui (S. Miguel) para o estrangeiro, no nome de outras pessoas, até no nome de pessoas que já tinham morrido! Fazia-se muita trifulhice... não havia nada...então dava para se fazer essas trifulhices.

Quando eu me criei nem sequer polícia havia, era um regedor na freguesia! E ele é que mandava e fazia o que queria...

39- Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum?

Eu tenho impressão, que ficavam sempre com aquela coisa, “Ah! Coitadinho foram dados, ninguém sabe” ... Eu tive tantos anos, porque a “gente” foi criados numa freguesia e as pessoas diziam “Ah! A “gente” nunca mais soube da (nome da criança)”. Porque nunca mais mandaram dizer nada “*No more família Portugal*”.

Havia denúncias? As autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?

Essas fechavam os olhos... acredito... há de ter havido quem pensou que até pode ser bom para eles e depois mandam buscar as famílias..., mas não foi isso que aconteceu...

40- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Ah! Deve ter sido uns quantos... talvez 20!

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista XIII

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Alfredo **Sexo:** M X F **Idade:** 58 **Escolaridade:** 4ª Classe
Profissão: Pintor de construção civil **Naturalidade:** Praia da Vitória .

(Famílias biológicas)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na Base das Lajes na população terceirense?

Muita coisa, minha amiga, olha por exemplo, o emprego foi uma delas... acima de tudo, o emprego... O número 1 foi o emprego... e quem diz isso, diz outras coisas... Também eram boas pessoas, davam coisas à “gente”, que é assim mesmo.

Também trabalhei na Base, estive lá 6 meses e pouco, acabou o contrato e vim-me embora... Para mim, foi sempre “gente” boa. Não há que “cramar” (reclamar) daquela “gente”, porque eles sempre ajudaram as pessoas de cá.

E para o comércio, foi muito bom...

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Para mim foram os empregos!

E desvantagens?

Que eu saiba, não!

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Teve então, alguns que ajudaram, por exemplo, havia pessoas que trabalhavam lá (Base) e eles sabiam que aquelas casas eram pobres, e ajudavam naquilo que podiam... principalmente com comida, roupa... coisas assim...

As empregadas domésticas foram muito ajudadas, por exemplo levavam a sua roupa para lavar lá, traziam “sequinha” (seca)... A minha mãe fazia isso, até cheirava! (risos) E não lavavam na pia...(risos). Davam “disparates” (muito)!

As crianças era no dia do “trica-trica” (corruptela de *trick or treat*), era uma loucura, então...e aquilo na altura, era sacos cheios, a “gente”, canalha, ia despejar para ir buscar mais (risos), era assim...

Os jovens, muitos iam para o golfe, aprendiam inglês e depois iam para a Base... apanhavam bolas (*Caddy*) e ganhavam mais que o ordenado que alguns tinham cá fora.

Era muita abundância... era de mão cheia que eles davam...

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Quando havia fogo, aí vinha sempre a bombaria americana ajudar... chegaram a alojar pessoas lá dentro...

Houve um incêndio cá em cima e eles foram os primeiros a chegar (bombeiros americanos) ... e carregaram muito material para aquelas casas, eles ficaram sem nada e os americanos “acartaram” (deram) muitas coisas para a casa... material para casa.

Eles então quando podiam ajudar, ajudavam sempre, estavam sempre prontos a ajudar...

Aqui de roda era só americanos... eles moravam ao nosso lado... por aqui fora era só americanos, podia haver uma ou outra casa portuguesa no meio, mas o resto era tudo americano... 90% era americano. Eles ajudaram muito...

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Sim.

Como?

Principalmente na altura que trabalhei lá dentro, fez toda a diferença (risos)... Muita diferença... até mesmo trabalhos, eu tinha um padrão que pintava para eles (americanos) e eles deram-nos muito trabalho.

Eu quando trabalhei mesmo lá dentro... era uma casa cheia... era queijo, era fiambre... era tudo... antigamente fosse quem fosse que trabalhasse lá tinha uma vida diferente, era comida, aquilo que se trazia... era uma casa cheia... Hoje vemos a diferença, compramos cá fora (comércio local), compra-se um frasco de “*pinabara*”

(corruptela de *peanut butter*”), não tem nada a ver... o sabor nem é o mesmo... e a coca-cola? Não tem o mesmo gosto (risos)...

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Pois olha foi a altura que trabalhei na Base... Já convivia mais com eles e também na altura trabalhei no Café “Açores” de empregado de mesa, e lá também convivi muito com os americanos. Aquilo quando foi vendido e tiraram aquelas fotografias e as coisas da parede, aquilo nunca mãos foi a mesma coisa! Era como o “*Peter’s*” no Faial... Quem ensinou ao “*Peter’s*” do Faial foi o “*George, The Crook*” ...

Minha mãe também trabalhou 35 anos para os americanos, também acabei por conviver com eles, e às vezes ia com ela para casa dos americanos... e a melhor maneira de se aprender a falar americano, era com eles! A melhor maneira de se aprender é a conviver com eles... mais aprendemos...

E as menos boas?

A mim não! Não digo que alguém não tenha, mas eu, não...

Parte II – Adoção

7- Alguém da sua família foi adotado por norte-americanos?

A minha irmã.

8- Que idade tinha a criança quando foi adotada?

7 ou 8 anos, acho eu, não sei bem, mas era pequena...

9- Por que motivo optaram por dar a criança para adoção?

Pois na altura faltava muito para comer... havia falta... era mais um para passar fome. Era para ter um futuro melhor... na altura era muito complicado!

10- Lembra-se do dia da entrega da criança? Consegue-nos descrever?

Ela era mais velha que eu, não me lembro... ela deve estar a bater os 60 anos... Eu sei que minha mãe, tinha um casal americanos conhecido e é que a levou...

Teve uma altura que soubemos dela, mas nestes últimos anos que não sabemos dela.

11- Como foi a separação da família biológica?

Eu lembro-me de a ver (mãe) a falar com a minha tia e era sempre com as lágrimas nos olhos... minha mãe costumava dizer que foi a melhor ela ir do que ficar aqui a passar fome ou se calhar a morrer à fome ou coisa que se pareça...

12- Manteve contato com a criança? Sim X Não

Como manteve esse contato?

Teve uma altura que a americana escrevia-se com a “gente”, mas depois deixou. Não sei se morreu, senão, porque a “gente” não sabe nada dela (irmã)...

Ainda tivemos, mas já há alguns anos que não sabemos dela. Naquele tempo escrevia-se. Os americanos mandavam cartas a minha mãe, agora é que a “gente” não sabe nada dela.

13- Antes de partir para os Estados Unidos da América, a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Eu acho... não sei..., mas por aquilo que percebi, talvez tenha ficado cá pouco tempo, e depois foi para a América... aquilo foi rápida...

Acho que aquilo na altura não havia muitas complicações... depois da minha mãe assinar, aquilo não havia muita confusão. Se fosse agora, era mais complicado.

14- Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, ela terá sentido?

Talvez eu não.... Pelo que ouvi, não! Pelo menos quando ela escrevia à “gente”, já era em inglês... a zona onde ela estava eram só americanos... Eu também não sei se meteram em escola americana...

Uma vizinha que morava ao pé da minha mãe é que lia as cartas à “gente”... e ela (vizinha) é que escrevia pela minha mãe e depois mandávamos para fora, naquele tempo a “gente” não sabia. A minha mãe não sabia ler nem escrever, muito menos em americano... Essa mulher (vizinha) trabalhou na Base e sabia ler bem em inglês...

15- A criança sabia que tinha sido adotada? Como soube/descobriu que tinha sido adotada?

Ela deve ter sabido, ela já era grandinha, e escrevia para a “gente”, é porque sabia...

16- Tem contato com a pessoa que foi adotada? Como é a vossa relação?

Agora não temos relação nenhuma, a “gente” nem sequer sabe dela.

A família adotiva permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica?

Durante algum tempo a família (adotiva) deixava que ela escrevesse para a “gente”. A “gente” recebia cartas dela.

17- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado?

Isso ao certo, ao certo, eu não sei, mas por aquilo que ouvia a minha mãe falar, na altura, acho que eles (americanos) arranjavam papéis, minha mãe assinou a autorização para a pequena ir... e foi assim...

Onde decorreu o processo?

Acho que era no Comando da Base... era no Comando.... Lá é que arranjavam os papéis e depois a pessoa assinava em como entregava a criança, a autorização para ir...

Então isto era tudo feito com o conhecimento das autoridades americanas?

Ah! Sim, sim, pelo menos por aquilo que sei, era assim. Sei que os americanos é que traziam os papéis, agora se havia mais coisas, isto aí já não sei dizer nada... Mas pelo que sei, daquela altura, era assim...

O processo acontecia aqui ou na América?

Pelo que eu sei, era tudo aqui...

18- Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?

Foi um casal que a minha a minha mãe conhecia, é que a levou... Ela está lá fora... Minha mãe tinha um casal amigo que é que conhecia o casal americano que levou a minha irmã, foi por “intermeio” deste casal que eles conheceram a minha mãe... e por “intermeio” deste casal é que a levou (irmã) ...

19- Que tipo de adoção a criança teve? Plena ou restrita?

Isso então não sei... naquela altura nem devia haver nada destas coisas (risos) é provável que não!

20- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever-nos outros casos que conheça?

Conheço famílias (biológicas) que chegaram a dar alguns... depois saber deles nunca mais souberam... foram para fora, nunca mais vieram cá. Do que eu soube, dos 3 ou 4 casos que soube, estão lá fora... e parece que estão bem!

A pobreza, foi a principal razão, para a minha irmã e parece-me que para os outros todos! No lugar de estarem a passar fome, ao menos esse (filho) não passava fome. Antigamente, era muito complicado!

Eu conheço um que a mãe deu 1 irmão mais novo. É outro que está há anos para a América e nunca mais veio cá.

Naquela altura a mãe desse rapaz era cancerosa... e na altura a coisa... e depois havia um casal americano que queria adotar e ela deu o pequeno... tanto que ela acabou por morrer e os outros foram criados no orfanato...

Tem uma outra que também deu duas raparigas... foram as duas também...

21- Os casos de que tem conhecimento, foram legalizados?

Isso é complicado..., mas para aqueles que eu sei, isso foi tudo tratado em papel...

No caso de, por exemplo, haver algum caso que não tenha sido legalizado, como é que essas crianças saíam do país?

Os americanos haviam de arranjar maneira... havia os aviões militares e dentro da Base quem manda, são os americanos e lá eles conhecessem-se todos... cobrem-se todos...

22- Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum?

Pois uns olhavam bem e outros olhavam mal... há sempre aquele... havia sempre aquele que dizia: “Olha, deram um pequeno ou deram uma pequena” e não sei quê. E havia outros que compreendiam... é a tal coisa...

Cada um é que sabia das suas necessidades. Há sempre aquele que fala mal e há aquele que fala bem...

Havia denúncias?

Cá nada! Toda a “gente” sabia... ninguém ia dizer nada, ninguém se metia nessas coisas, cada um sabia de si...

Como já me referiu isto era feito com o conhecimento das autoridades norte-americanas. Eas autoridades portuguesas, também tinham conhecimento?

Ora se tinham... era tudo feito com papéis, também tinha de haver portugueses (papéis) ...

23- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Ah! Pois isso foi “uma mão cheia” deles. A conta certa não sei, mas foram muitos, isso foi muita “gente”. E isso há aqueles casos que a “gente” sabe e os outros que a “gente” nem sequer sabe...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista XIV

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Lurdes **Sexo:** M ☐ F ☒ **Idade:** 55 **Escolaridade:** 4ª Classe .
Profissão: Doméstica **Naturalidade:** Santa Cruz., Flores .

(Famílias biológicas)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na Base das Lajes na população terceirense?

Oh, isso vai ser muito complicado, eu não sei falar muito nessas coisas, nessas palavras... pois não sei bem... em certos pontos fez bem, a Base da Terceira, desenvolveu muito a ilha Terceira... mias na Terceira... deu muito emprego... muita “gente” foi trabalhar para a Base e ficaram diferentes das pessoas das outras ilhas...

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Foi os empregos...

E desvantagens?

Eu não sei...

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Faziam, era mais negócios com as pessoas, se calhar como os americanos não tinham filhos, se calhar ajudavam a ficar com os filhos daquelas pessoas mais pobres que não podiam criar os filhos...

Eles às vezes diziam que iam criar como um filho e às vezes, a “gente” revoltamos contra eles, são situações muito difíceis... a “gente” quando começa a crescer a “gente” começa a perguntar pelos pais e saber quem somos... e torna-se mais difícil perceber que afinal não somos filhos deles... quando a “gente” começa a ter idade para perceber...

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Se calhar eles faziam mais à base daqueles que trabalhavam na Base das Lajes. Eu não sei eu era muito pequena e estava no Lar no Faial, só comecei a perceber algumas coisas depois de sair de lá... e ainda tenho muitas dúvidas, muita coisa que não consigo explicar...

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Não... Eu era muito pequena quando aconteceu e eu não sei como aconteceu...

Parte II – Adoção

6- Alguém da sua família foi adotado por norte-americanos?

Foi uma das minhas irmãs.

7- Que idade tinha a criança quando foi adotada?

Devia ter uns 4 aninhos, talvez menos até.... Eu tenho aqui a certidão dela e ela é capaz de ter ido... ela nasceu em 1968...

8- Por que motivo optaram por dar a criança para adoção?

Por aquilo que eu sei, a minha mãe, pela idade (cronológica) dela... ela não tinha a capacidade (idade mental) igual à idade, não sei que nome se dá a essas pessoas... ela não tinha capacidade para nos ter... há quem diga que eu e os meus irmãos, não somos do mesmo pai, tanto que nós somos de pai incógnito. Portanto... por aquilo que eu sei, como se diz, andava hoje com um e amanhã com outro, por aquilo que o meu irmão me diz, e como somos filhos de pais diferentes e ela não tinha capacidade (intelectual) para nos criar, fomos retirados à minha mãe. O meu irmão foi para o Faial, para a casa do Gaiato e eu e as minhas irmãs fomos para outra casa, também no Faial. Não sei bem como fui parar ao Lar... há muita coisa que não sei explicar como aconteceu, porque quando somos adotados e temos aqueles pais que nos ajudam, mas como a minha irmã e eu, não tivemos essa sorte...separamo-nos...

Elas lá no orfanato, tentavam-nos dar para adoção, a outras pessoas... e então a mim mandaram-me para casa de uma senhora que não tinha filhos e queria ter um filho para

deixar os seus bens quando morresse. Eu não gostei e acabei por fugir...e vim para casa da minha madrinha em S. Miguel.

A minha irmã, foi mandada para uns senhores estrangeiros, da Base das Lajes...

Eu tenho uma fotografia dela, a senhora está a ver? Aqui nesta fotografia, se reparar tem um canto dobrado se reparar aqui, tem um ombro ao lado, falta aqui o irmão adotivo da minha irmã.

Já a minha outra irmã, e essa eu lembro-me de ela estar no Lar comigo, mas essa acabou por ir para a Terceira com a minha mãe... elas ficaram na casa de saúde da ilha Terceira...

Depois mais tarde, essa minha irmã engravidou, e ela depois foi para outro Lar que era tipo um abrigo de mães e crianças. Mas ninguém me disse nada, porquê, porque as freiras tentaram fazer a mesma coisa ao meu sobrinho que fizeram com a minha irmã... queriam dar o meu sobrinho para adoção, queriam dar o meu sobrinho aos americanos... só que eu não deixei...

Eu meu sobrinho também tem problemas, não é normal... já é um homem... mas ele acabou por ser adotado, elas tiraram o miúdo a minha irmã para fazer a adoção... ela sabe que tem um filho mas não o pode ver, porque ela não tem capacidade para tomar conta dele...

9- Lembra-se do dia da entrega da criança? Consegue-nos descrever?

Eu não tenho ideia de ela estar comigo... não me lembro de ela estar no Lar comigo... eu sabia que a tinha..., mas eu nunca mais chegava lá, porque ela, ainda por cima, mudou de nome, foi para a América, aquilo (EUA) é um mundo... como é que ia chegar a ela?

Quando eu saí do Lar, as Irmãs entregaram-me esta foto, foi porque ela, pelo menos, entrou no Lar comigo..., mas não me lembro dela no Lar... é estranho, porque depois não tenho ideia dela no Lar..., mas depois entregam-me esta foto... diziam-me sempre que eu tinha uma irmã e que tinha sido adotada... aquilo era um tabu naquele tempo... ninguém me respondia, só me diziam que tinha tido uma irmã chamada (nome da irmã) e que tinha sido adotada...

Por aquilo que me chegou aos ouvidos, ela estava no Faial no mesmo Lar que eu, mas ela saiu muito cedo de lá, talvez mal tenha chegado, porque não tenho lembrança dela no Lar... e é capaz de ela ter saído do Faial para ir para a Terceira... ou de a terem ido lá buscar... ela praticamente desapareceu...

10- Como foi a separação da família biológica?

Foi uma angústia... porque eu sempre gostava de a vir a conhecer... ela coisa, se um dia a conhecer, ela vai-se lembrar de mim? Ela vai falar português? Ela vai ter ligação comigo? O que é que afinal lhe aconteceu? Será que vamos ser amigas? Contar-lhe a minha história, ela contar-me a sua... o que eu passei, o que ela passou...

Não tem explicação aquilo que vivemos, só quem passa... é muito difícil... a “gente” não sabe se chora, se ri... se devemos gritar ao mundo o que se passou... é uma situação bem complicada...

Ficou os traumas, aquele vazio... sair de um Lar e dizerem-me olha aqui está a tua irmã e mais nada... ficou os traumas..., mas pronto já estou feliz porque agora já a tenho, Deus escreve certo por linhas tortas, ela é que veio à minha procura... Eu nunca perdi a esperança!

11- Manteve contato com a criança? Sim _____ Não X.

12- Antes de partir para os Estados Unidos da América, a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva?

Não sei o que lhe aconteceu... nem sequer como saiu daquele Lar, e como é que não me lembro dela, lá (no Lar)?

13- Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, ela terá sentido?

Eu por aquilo que eu sei, ela adaptou-se bem, porque ela era pequenina... foi como se fosse filha daquele casal

14- A criança sabia que tinha sido adotada? Como soube/descobriu que tinha sido adotada?

Ela sabe que foi adotada por um casal, mas depois ela não sabe muitos pormenores...

Ela sempre soube que era adotada e que tinha uma irmã, tanto que ela é que me achou...

15- Tem contato com a pessoa que foi adotada? Como é a vossa relação?

Dessa minha irmã eu nunca mais soube nada dela... ainda procurei, mas depois acabei por desistir, até que conheci um senhor que me ajudou através de uma amiga dela, que fez com que a “gente” se encontrasse. Foi há coisa de dois anos que a “gente” se encontrou.

Agora quando a “gente” se conheceu, a “gente” vai-se falando pelo Facebook, ela já esteve cá! Agora é que se nota de querer vir ter comigo... quer vir ter comigo, como se fosse aquela pessoa que é dela... pronto, ela tem os seus filhos e tudo, mas está sempre inquieta para vir cá...

Eu não sei muita coisa porque ela não fala português... mesmo no Facebook ela não faz a tradução bem... a emoção foi tanta que não deu para perceber muitos pormenores...(risos)

Ela não gostava muito da senhora que a adotou, tirou o seu curso, e pronto a vida dela continua lá na América e pronto...

A família adotiva permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica?

Não... nunca mais soube nada dela.... Cortaram logo os contatos, porque tanto da parte da senhora que a adotou como da parte das freiras. As freiras quando entregavam aquilo era como um saco de batatas, pega e desaparece... afastaram a “gente” de maneira que nem me lembro dela no Lar... não tenho grandes memórias... tenho memória da que está na Terceira, da que foi para a América não me lembro... tenho para mim, que ela quando saiu das Flores já foi destinada para esses americanos... porque fomos separadas no mesmo Lar, não é possível... tenho para mim que foi chegar ao Lar e andar... da outra até me lembro de ela de mão dada com a freira e ela (freira) me dizer: “Está é tua irmã”. Olhei assim para ela e dei-lhe a mãozinha...e lembro-me de ficarmos nos Lar, eu até aos 16 e ela até aos 14, e da pequenina não me lembro? É muito estranho.

16- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado? Onde decorreu o processo?

Nos Açores ou no país de acolhimento?

Eu acho que não... porque se fosse legal, acho que as freiras tinham dito: “Olha tens uma irmã, mas a X tempo a senhora que a adotou vai mandar contato, vocês vão falar...” não era só desaparecer... nunca houve isso nada disso, nem da parte da senhora que a levou nem da parte das freiras...

Por aquilo que tenho aqui, não há qualquer registo de adoção... só tenho o registo de nascimento... eu acho que não havia legalidade nenhuma... aquilo foi como pegar num cão ou num gato e enfiar num saco e dar aos americanos, pega e levem daqui para fora...

A “gente” sabe lá, eles antigamente “pintavam o caneco” ... eles faziam coisas que ninguém queria saber... arranjavam maneira de fazer como queriam o que queriam...

17-Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?

Eu não faço a mínima...aquilo foi entre os Lares e o casal estrangeiro... sei que foi do Lar...

Por aquilo que vejo, aquele casal, procurou o Lar para adotar uma menina, eles já tinham um rapaz... os americanos sabiam onde é que estavam as crianças que não tinham famílias... e sabiam que no Lar podiam encontrar crianças e que os pais nem iam perceber... as freiras sabiam as que deviam dar... elas é que resolviam isso tudo com os americanos... Agora não sei se teve alguma coisa a haver com os Lares da Terceira, porque se calhar até foi, porque a minha irmã não deve ter estado muito tempo no Lar (no Faial) porque não me lembro dela lá... o que é muito estranho... mas antes de sair deram-me a fotografia dela, pequenina já com a família adotiva, ao lado do irmão adotivo... esta aqui na fotografia... cortaram e deram-me só a fotografia dela...

A “gente” não tinha acesso a nada...nada! Ninguém nos dizia nada!... Foi uma tristeza...

18-Que tipo de adoção a criança teve? Plena ou restrita?

Nos papéis que tenho dela não fala em nada de adoção... da conservatória do registo Civil de Santa cruz das Flores, não fala nada em adoção, só fala mesmo no seu nascimento, nome da mãe e resto incógnito.... Depois há uma referência a 1970, mas ela nasceu em 1968, não percebo...

19-Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever-nos outros casos que conheça?

Fiquei muito revoltado quando soube que queriam fazer o mesmo com o filho da minha, iam dar o filho, estavam os dois no Lar, e iam dar o filho para os americanos, só

porque ela não tinha condições para o criar...queriam fazer o mesmo aí na Terceira que fizeram com a minha irmã no Faial.

Tem uma vizinha minha que também teve uma tia da mãe, que foi dada, ela por acaso, também foi encontrada através desse senhor... ela também foi dada aos americanos..., mas não falo muito assim com ela sobre este assunto...

20-Os casos de que tem conhecimento, foram legalizados? No caso de não serem, como estas crianças saíam do país?

... Sei lá... a “gente” vê essa “gente” a sair, clandestinamente... aquilo foi clandestino, tudo escondido.

Na altura a “gente” pensava, que eles davam algum dinheiro às freiras ... para poder, não digo vender, mas se calhar vendiam... era o que a “gente” pensava... mas aquele dinheiro para onde é que ia...era o que a “gente” pensava ...e chega-se a uma altura... isso é muito complicado, porque a “gente” não sabe se realmente o dinheiro, o que é que faziam ao dinheiro... não sei...

E ainda tem o problema de a minha mãe não saber escrever, nem sequer sabia assinar o seu nome... não tenho nada (documento) que a minha mãe tenha assinado... e minha mãe nem foi com a “gente” para o Faial, não havia maneira de ela assinar qualquer papel... Por isso eu digo à senhora, toda a essa coisa da adoção da minha irmã, a “gente” chega a um ponto que a “gente” revolta-se contra a situação... porque não se consegue explicar...

21-Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum?

As pessoas quando vão para adoção, as pessoas pensam que vamos para melhor, para uma vida melhor.

Eu acho que... as freiras, no meu ver, elas tinham preferências, aquelas pessoas, eu não tinha família. A minha família não tinha aquela capacidade de tomar conta de nós... essas pessoas assim, como eu e como as minhas irmãs eramos postas de lado, tomavam mais conta daquelas que os pais podiam depois ir buscá-las. Aquelas que estavam eternamente... à espera de uma adoção ou da idade para irem à sua vida...

Isso era um tabu, não se falava do que acontecia a essas meninas... nós nem tínhamos as nossas fotografias... a “gente” se quisesse uma fotografia nossa tínhamos de invadir onde elas guardavam as nossas coisas...

Por isso se calhar ganhavam uns prémios (risos)...

Havia denúncias?

Não, não...

E as autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?

Nem pensar! Hoje há mais conhecimento disso...naquele tempo, não faziam sequer caso disso, era tudo tapado, vai-te embora e pronto... e passava por baixo da mesa e está feito...

22-Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Isso quanto mais dessem mais vazios ficavam os Lares, elas (freiras) queriam era dar as crianças..., mas deve ter sido muitos... havia interesse em despachar as crianças... e se podiam ganhar com isso, melhor... e quem melhor que os americanos que, entre aspas, ajudavam tanto os Lares...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista XV

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Sofia Sexo: M ☐ F ☒ Idade: 58 Escolaridade: 4ª Classe .
Profissão: Doméstica Naturalidade: Angra do Heroísmo .

(Famílias biológicas)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na Base das Lajes na população terceirense?

Foi uma influência boa.... Foram bons... sim a nível de empregos, foi bom, deu para desenvolver também as pessoas, em si mesmo, ajudou a desenvolver mesmo as pessoas. Éramos muito “atrasadinhos”, com os olhos muito fechados. A nível de desenvolvimento, foi muito bom, foi sim senhora.... Aprendeu-se muita coisa com eles... aprendeu-se muito, muito com eles... muita coisa que a “gente” nem sonhava, que é assim mesmo... Também trabalhei para as americanas, cá fora...

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Acho que foram muitas, mexeu com tudo, deu à população... Isso parecia uma América pequenina, tal e qual!

Quem convivia com eles era como se estivesse na América, era coisas que a “gente” nem imaginava que existia. Credo senhora! Foi tanto!

E essa coisa da televisão! Tivemos televisão primeiro que muita “gente”... principalmente aqui na zona Praia, víamos televisão americana e aprendíamos a falar inglês a ver televisão... canalha! (risos) A “gente” aprendia a ver os “macaquinhos” (desenhos animados) ...Ai a “Rua Sésamo” (risos) ... consolava... Aprendíamos muito com isso. Eu adorava ver os “macacos” (desenhos animados).

Às vezes víamos filmes de terror à noite e depois tínhamos pesadelos (risos)... Naquele tempo comprava-se uns plásticos verdes e azuis para pôr à frente da televisão para dar uma corzinha à televisão (risos)...

E desvantagens?

Cá nada!

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha?

Eles ajudavam muito... temos então que dizer! Ajudavam muito... com comidas, em roupas... até petróleo ia-se pedir a eles, e eles davam petróleo para os candeeiros. Ali na 25 de abril (Estrada), cada varanda tinha um bidão dado pelos americanos... na altura cada casa tinha o seu bidão (risos). Era muita abundância.... Era tudo em grande...

Cheguei a ver pessoas a pedir esmolas e coisas... e saiam de casa dos americanos de sacos cheios daquilo que eles davam... Eu fui uma delas, eu e mais o meu irmão fomos uns deles (a pedir esmola) ... descalça a pedir... nunca mais me esqueço. Meu Deus! Fosse o que fosse que se pedisse, eles davam... Os sapatos eram para a escola, os que a “gente” tinha... e depois o resto, era sempre descalça.

Eu criei os meus filhos “a bem dizer” (sobretudo) com roupa tudo dado...

E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Ajudou muito, também... lembro-me de os pequenos dos orfanatos irem à Base para as festas de Natal e de irem levar aos orfanatos, levarem os cabazes grandes, para aquelas crianças... Mesmo em Santa Rita, lembro-me de virem trazer...

E as caixinhas na escola! Aquilo era uma alegria. Para quem não tinha nada, receber aquelas caixinhas com aquelas ofertas, consolava!

A minha mãe trabalhou na casa de uns americanos, mas depois ficou doente, como eu ia com ela, já sabia das lides da casa... então quando eles se foram embora, queriam-me levar com eles, como empregada deles ou como estudante... Mas o tribunal tinha de me “comprar” 2 anos, porque eu já tinha 12 anos. Se eu tivesse 10, podia ter ido, mas o tribunal não aceitou...

Mas também, quando eles se foram embora, deram tudo o que tinham, tudo à “gente”... tudo! Também foi uma maneira de ajudar... Nessa altura, as minhas irmãs já tinham seguido viagem, com um outro casal...

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Quando havia uma desgraça (catástrofe), eles ajudavam. Se as pessoas ficavam sem casas, eles montavam barracas para alojar as famílias... iam a casa das pessoas levar comidas, roupas, sacos-camas... Nisso, eles ajudavam muito à população, nessas desgraças, as cheias na Casa da Ribeira, as da Aqualva, no sismo de 80, eles estavam ao nosso lado...

Quando perdiam tudo, quando perdiam as suas casas, eles ajudavam, davam coisas para a casa, aquilo que as pessoas perdiam... a desaterrar casas, quando ficavam inundadas...

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Sim, a minha foi!

Como?

Olha, pronto... tive ajuda... principalmente quando trabalhei para as americanas, eu era nova, trabalhei para elas... aprendi muitas coisas com elas, desde... o falar inglês (risos), quanto mais a “gente” labuta com eles mais a “gente” se entende com eles... O meu interesse era saber o nome das máquinas, como é que aquilo trabalhava, para saber fazer o trabalho... o meu interesse não era fazer conversa, que eu estava lá era para trabalhar... mas pronto, que percebo muitas coisas que eles dizem, isso sim... não tenho esse problema, agora posso fazer conversa (risos) ...

Coisas modernas que eles tinham... Onde é que a “gente” tinha uma máquina de lavar, uma máquina de secar a roupa, um aspirador... a “gente” não tinha nada disso, e tive de aprender a trabalhar com isso... e quem diz isso, diz as loiças lindas que eles tinham, máquinas de café lindas... roupas lindas, sapatos lindos... e a “gente” não tinha nada! Uma pessoa ficava triste (risos), uma pessoa não tinha nada.... Ai aqueles perfumes que elas usavam! Tanto bons, aquelas pinturas (maquilhagem) (risos) ...

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Tenho tantas... assim de repente... gostei muito de um casal, muito bom, onde trabalhei, eles eram muito bons para a “gente”...

E as menos boas?

Não, não...

Parte II – Adoção

7- Alguém da sua família foi adotado por norte-americanos?

Ok... Duas irmãs minhas.

8- Que idade tinham as suas irmãs quando foram adotadas?

Uma tinha 7 anos e a outra 9, elas fazem diferença de 2 anos uma da outra.

9- Por que motivo optaram por dar a criança para adoção?

A minha mãe e o meu pai tinham-se separado... e a minha mãe, na altura, uma vez tinha trabalho, outras vezes não tinha...e passávamos muita fome (emoção). Secava musgo, a minha mãe e outras senhoras... A vida não foi fácil! A vida foi muito... muita fominha que se passou! Muita fominha! Muita fome... (emoção). Minha mãe tinha de se desenrascar... minha mãe não ia aguentar... não ia!

Correu mal, mas podia ter corrido bem! Mas, pronto... foi a sorte. Lá (nos EUA) não correu bem, mas cá também podia não ter correr...

10- Lembra-se do dia da entrega da criança? Consegue-nos descrever?

Não me lembro.... Lembrar? Lembro-me. Eu não estava era cá. Estava em S. Miguel. Eu tinha ido a S. Miguel com uma tia minha e quando cheguei cá... Eu acho que isto já foi feito de propósito para eu não estar cá... Eu já era grandinha, já não pude fazer nada! (emoção)

11- Como foi a separação da família biológica?

Para mim, não foi nada fácil, não foi nada fácil (emoção) ... nada, nada! Eu andei com as minhas irmãs ao colo, eu criei as minhas irmãs, andei com elas ao colo... não foi nada fácil...

Eu chorei muito.... Levei uns dias ali que não foi nada fácil... E a minha mãe também! Foi uma dor muito forte!

E meu pai no Tribunal ainda começou a mandar vir com a minha mãe..., mas ele não ajudava em nada.... Abandonou 3 filhas.

Fiquei sozinha, na altura, sozinha com a minha mãe. Claro que a partir daí as coisas ficaram mais fáceis... Ela trabalhava muito, mas ficou mais fácil... muito se penava... não o foi nada fácil.

12- Manteve contato com a criança? Sim _____ Não X.

A americana foi logo, cortou tudo.... Foi uma “gente” muito má...

13- Antes de partir para os Estados Unidos da América, a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

A avó (mãe da mãe adotiva) é que as veio buscar, depois os americanos acabaram cá o seu tempo e foram-se embora, aquilo depois...

Foi pouco tempo, eles foram-se logo embora, ficaram cá pouco tempo...

Elas só tiveram um mês e alguns dias com o casal, depois a “velha” (avó adotiva) é que as veio buscar... O casal ficou cá a acabar o seu tempo de tropa, mas elas (irmãs) seguiram com a “velha”, ela veio logo cá buscá-las.

14- Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, ela terá sentido?

Pois é capaz, elas já eram grandes, falavam português... mas não sei... elas nunca me disseram...

15- A criança sabia que tinha sido adotada? Como soube/descobriu que tinha sido adotada?

Adotadas, elas nunca foram, elas a todo o momento podiam ir para onde quisessem porque os americanos não as podiam prender!

16- Tem contato com a pessoa que foi adotada? Como é a vossa relação? A família adotiva permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica?

Elas foram no contrato de depois entrarem em contato com a “gente”, e... cortaram logo o contato, nunca mais... nunca mais as vimos.

Passou-se anos, grandes, (emoção) há uns anos, vim a saber de uma rapariga que andava... andava um americano à procura, que sabia que a companheira tinha família na Terceira, na Praia da Vitória, e telefonou para a Junta de Freguesia (de Santa Cruz).

Então é assim, quando elas foram para fora, há uma certidão de nascimento, tem o nome da minha mãe e do meu pai... tem a nossa morada daqui.... Qual é a melhor maneira de eles (adotados) lá poderem descobrir aqui alguma coisa? Através da Junta de Freguesia. E isto foi parar à Junta de Freguesia, através de um rapaz que trabalhava lá e

fala com a sua mãe. Diz que tinha falado com o americano e deu o nome das minhas irmãs e da minha mãe. A mãe dele conhecia a minha mãe e apanhou (percebeu) logo quem era.

E assim foi, ela mandou chamar a minha mãe, e eu também fui, e disse à “gente” o que o filho tinha dito... Eu é que depois fui à Junta (de Freguesia), depois deram-me a morada dela e o contato deste americano (companheiro da irmã). Eu cheguei a ter um intérprete para falar com ele (companheiro da irmã) ao telefone... passou-se.

Esse americano ajudou a minha irmã. A que hoje está cá, na ilha, porque ela foi... ele descobriu-a na valeta deitada, bêbada e drogada... e ele “meteu a mão” (ajudou) a ela. Ele era divorciado e tinha um Snack-bar. “Amodes” (parece) que quando ele saiu do Snack-bar deu por ela e levou-a para casa e tratou dela... e ele conseguiu... falamos (emoção).

Esse americano depois de falar comigo, nessa altura a “gente” não tinha telefone em casa para falar... então ele mandou dinheiro para pormos telefone em casa..., mas eu tinha de arranjar todas as vezes um intérprete...

Depois ele desgostou-se dela, afinal... depois consegui que a minha irmã viesse para o telefone falar comigo, falava com um intérprete..., mas como a “gente” não se conhecia, quase 40 anos já tinham passado... não foi nada fácil. Ela disse que não sabia da outra (irmã), contou-me o que fazia lá fora e a “gente” não gostou muito... não correu lá muito bem!

Depois ela deixa esse americano e mete-se outra vez na mesma vida... e continuou com a droga...

Um belo dia, estou em casa, bate-me à porta... era da Assistência (Social), vieram duas... e perguntaram-me se eu tinha uma irmã chamada (nome da irmã) ... (emoção)... e eu disse: “Tenho, está na América”. Então elas disseram-me que ela ia chegar cá, foi no mês do Natal, e elas disseram-me que ela ia para Angra, para o “Abrigo” ... e eu fiquei sem saber o que dizer.

O meu marido só me dizia que aquilo (Abrigo) lá em baixo (Angra) era uma desgraça... ela tinha estado presa 4 meses e da prisão vinha direita para aqui (Terceira).

Ela chegou aqui de chinelos de meter o dedo, fato de treino vestido e um saquinho de plástico pequenino com o passaporte e meia dúzia de papéis lá dentro... Ela não trouxe mais nada consigo... mais nada consigo!

Eu quando vi aquilo... eu conhecia, porque claro, ela quando a “gente” se falava, quando ela estava com o americano, ela mandou-me retratos com ele e ela e os pequenos...

Olha, minha amiga, fui buscá-la (emoção) ... fui buscá-la. Mas a Assistência (Social) chamou-me a atenção, que ela tinha sido presa por cauda da droga e do álcool... será que eu ia saber lidar com ela?

Ela veio para aqui, teve aqui 1 ano e 2 meses... tentei bastante..., mas não consegui (emoção). Português, ela nunca quis aprender, conselhos meus, nem ouvir... o meu marido e o meu filho sabem falar inglês... iam ajudando... isto foi andando...

Ela foi criada de uma maneira que eu não sei explicar. Ela diz que aquele homem que a criou também lhe fez mal e não sei o quê...

E a sua outra irmã? Já a conheceu? Ela ficou sempre com a família adotiva?

Não, essa foi a primeira que abandonou a família, muito nova! E a que está cá, foi atrás, mas foi ter com ela... Mas ao menos a mais nova (a que continua a residir nos EUA) as “cabeçadas” (contratempos) não foram tão grandes como os da que está cá... Ela sempre se safou um bocadinho melhor... E hoje ela está bem...

E pronto, ela foi à sua vida... não quis, tentei ajudá-la... foi a maneira como foi criada lá fora! Não há nada a fazer.

E hoje, a senhora tem contato com as suas duas irmãs? Como é a vossa relação?

A “gente” vai falando no *Facebook*. Essa que está aqui, sempre está mais perto. E a da América, já esteve cá, ela veio ver a outra e veio-me conhecer, a mim...~

E como foi esse reencontro?

Ah! Não foi mau, foi muito bom..., mas pronto, nem ela me conhecia a mim, nem eu a conhecia a ela... mas sim, ela (a que reside nos EUA) tem parecidos aos meus... agora a que está cá, é reguila (risos).

17- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado? Onde decorreu o processo?

Nos Açores ou no país de acolhimento?

Isto foi um casal... havia um casal, um casal novo. Esse casal morava na Praia, um casal americano.

Foi assim, eles ficaram com as minhas irmãs. A mãe dela (da mãe adotiva), ficou de vir buscá-las, as minhas irmãs... mas para elas poderem viajar e como a minha mãe estava separada do meu pai, teve de haver um papel assinado... Não foram adotadas!

Foi só um papel assinado para elas poderem seguir viagem... agora, elas foram! Com esse papel... e nunca mais se soube mais nada delas... não se soube mesmo mais nada.

O processo delas nunca foi legalizado. E vou-te dizer qual foi a maior prova que eu tive. Foi quando descobri que esta que está cá (a residir na Terceira), quando ainda estava lá fora (nos EUA), o americano pediu a Certidão (de nascimento) dela, daqui... com a data daquela altura... E eu fui ao Registo Civil, levantei uma certidão dela e mandei para ela..., portanto, vê-se que não foram adotadas. Nem uma nem a outra... continuaram sempre no nome da minha mãe e do meu pai, e ainda hoje estão!

O processo delas, foi só um papel com autorização dos pais para elas poderem viajar, só! Não houve mais nada!

18- Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?

Portanto, isso foi através de uma empregada que a americana teve... uma portuguesa que trabalhava para a americana, foi através dela que a americana soube. Havia uma outra que tinha um rapaz, mas a americana não queria rapazes, então foi ter com a minha mãe, que tinha só raparigas...

Mas a minha mãe também falou, ou vão as duas ou não vai nenhuma... para não as separar... Se é hoje? Dá para desconfiar! Então quer é raparigas, não quer rapazes? Isso já... Isso foi por causa do “estupor” do “velho” (avô adotivo) que fez mal a elas... Eu sei... fizeram mal a elas!

19- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever-nos outros casos que conheça?

Sim, eu já ouvi falar de outros casos, mas então não sei a história, nem pormenores, assim... Mas sim, conheço...

Havia uma rapariga que deu, ela até era uma bebé de colo... e deu...

20- Os casos de que tem conhecimento, foram legalizados?

Então não sei se esta pequena foi adotada, se foi... Isto foi pouco depois das minhas irmãs, isto se calhar também foi só papel de autorização, oh, credo!

Isso era por causa de não dar a saber, também os pormenores a tribunais, fazia-se e pronto... está feito.

No caso de não serem legalmente adotadas, então como é que estas crianças saiam do país?

Naquele tempo era só um papel com autorização e dava... “o pai de menores” é que dava esse papel... não precisava mais nada, naquele tempo... se fosse hoje, não!

Eu não sei é como é que elas entravam na América. Só com esse papel? Como é que a América, na altura... não sei..., mas será que era mais fácil que agora? Não sei...

A minha irmã (a que reside nos EUA) só tem o Cartão Verde (Cartão de Residência Permanente dos EUA) ... porque é assim. Esta (a que reside na Terceira) foi posta cá, mas essa é assim, ela não pode, o resto da sua vida, pôr os pés na América! É porque não era americana! Porque não estava legal! Porque nunca foi adotada legalmente!

Então a outra (irmã residente nos EU) ficou com medo, para não lhe acontecer o mesmo, tratou logo do assunto, e agora está legal! Tanto que ela depois veio cá... Ela pode andar à vontade que ninguém mexe com ela. Ela deve estar legal `7 ou 8 anos, depois de uma vida toda na América!

21- Por que motivo esta criança foi dada para adoção a um casal norte-americano?

Parece-me que também era “gente” muito pobre...

22- Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum?

Pois isso era assim, a minha mãe era uma pessoa que não fazia caso destas coisas! Foi a melhor coisa que fez, levou a sua vida para a frente!

Havia pessoas que falaram mal, e outras diziam que era uma esmola, em vez de estarem aí a passar fome e não sei quê...

Havia denúncias?

As pessoas calavam-se, porque também, pronto, sabiam que a maior parte era por causa da miséria... Penso que no meu caso foi isso.

E acha que as autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?

Claro que tinham, e faziam de conta que não era nada com eles...

23- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Oh! Não consigo (risos). Foram muitos, muitos... Por aquilo que a “gente” ouve, eu acho que isto começou logo no início, quando a base veio para aqui..., portanto vê lá há quantos anos foi... quantos pequenos não terão ido nestes anos todos...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista XVI

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Carlos Sexo: M X F Idade: 63 Escolaridade: 4ª
Classe Profissão: Ourives Naturalidade: Praia da Vitória .

(Famílias biológicas)

Parte I – Caráter Geral

1-Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na Base das Lajes na população terceirense?

Acho que sim, eles tiveram uma influência muito grande, na ilha Terceira... em trabalhos... no comércio... mexeu com a vida das famílias dos que trabalhavam na Base... até minha avó chegou a trabalhar para as americanas, ela trabalhava na casa deles... e ajudou muito, naquela altura...

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Foi os empregos.

E desvantagens?

Eu acho que não teve desvantagens...

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Eu que conheça, eles ajudavam... eu achava eles muito amigos dos portugueses. Eu, ainda me lembro, quando eramos crianças, de eles passarem na minha freguesia e quando viam os miúdos no caminho, eles davam gamas (corruptela de *gum*), chocolates, *You know?* ... (risos). Eu achava, e acho que eles naquele tempo eram bastante amigos dos portugueses...

A minha avó trazia muita coisa para casa, que eles davam, a “gente” eramos pobres, e eles mandavam muita coisa... e eu cheguei a ir com ela para casa da americana. O

americano, ele gostava de mim (risos), e eu passava dias, quando ia com a minha avó, e gostava de estar lá com eles...

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Eu não me lembro, eu era muito novo...

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Sim, foi diferente... foi diferente...

Como?

Porque, eramos 6 irmãos e fui criado sem irmão nenhum, *So...* aí fez muita diferença... *You know?*... Foi logo tudo diferente, eu fiquei sozinho...

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Lembro-me das caixinhas que eles iam levar às escolas, com lápis, borrachas (risos) ... lembro-me... aquilo era uma alegria, estávamos sempre à espera daquela altura (risos)...daquela altura do ano, pelo Natal que eles iam levar aquelas caixinhas...

E as menos boas?

Eu penso que não... eu era muito novo, *So...*, mas não... não tenho. E mesmo para compreender certas coisas, aquilo que estava a acontecer...

Parte II – Adoção

7- Alguém da sua família foi adotado por norte-americanos?

5 Irmãos...

E eles foram todos juntos? Ou foram com casais diferentes?

Foi cada um com o seu americano, ficaram todos separados.

8- Que idade tinham os seus irmãos quando foram adotados?

Um tinha 4 anos, outro 3 e os outros fui tudo mais pequenino...

E em que ano isso aconteceu?

Isso foi tudo ali à volta dos anos 60... 64, 65... foi tudo mais ou menos seguido, não foi tudo no mesmo ano, mas foi mais ou menos seguido.

9- Porque motivo optaram por dar a criança para adoção?

Naquele tempo, as famílias nunca diziam a verdade. Eu tive sempre dúvidas, porque uns diziam uma coisa, e os outros diziam outra... era sempre um segredo... ninguém falava a verdade... (emoção)

A “gente” estava em casa da minha avó, mas quem deu os meus irmãos, foi a minha mãe! A minha mãe é que foi lá e trouxe, nesse dia que eu estava também, minha mãe é que foi a casa da minha avó e levou-os (emoção)... nesse dia que eu estava também, a minha mãe é que foi a casa da minha avó e levou-os (emoção)... a minha avó, não podia fazer nada, nem o meu avô... eles não podiam... o meu avô ganhava ao dia... ele não podia ficar com a “gente” todos (emoção)...era muita pobreza...

You know... por um lado foi o melhor que fez, tentar dar-lhes uma vida melhor *You know...* porque não podiam, mas no meu pensamento... quando falavam assim (emoção) ..., mas agora se não se pode criar os filhos porque é que todos os anos tem de ter um filho! (emoção) ...

Talvez não fosse bem o que ela queria..., mas deixou marcas muito grandes... e é disso que não se lembram... a “gente” ficou marcados, ficam para o resto da vida (emoção).

10- Lembra-se do dia da entrega da criança? Consegue-nos descrever?

Isso nunca me vou esquecer (emoção) ... o que mais me lembro foi quando dois americanos foram buscar, o meu irmão, abaixo de mim e o outro... e a “gente” morava numa canada e tivemos que vir até cá baixo, eu era miúdo, *So*, eu vim com eles e com a minha avó... (emoção) e foi quando ela deu (emoção) ... a dar os meus irmãos. (emoção) ... Então o abaixo de mim, agarrado às saias da minha avó a chorar... para não ir para o carro com o americano... Isso foi o que me marcou mais!

Felizmente eu tive sorte, o meu avô era pobre, ele não podia ficar com os netos todos.... Então ficou comigo, eu era o mais velho, eu já estava em casa do meu avô desde os 3 meses. Eu também era para ir, mas o meu avô não deixou... (emoção)

Os outros já não me lembro bem como foi... o mais novo eu nem conheci, porque os outros não saíram de casa da minha avó, *So*...

Estes dois que me lembro bem, porque eu vi, eles estavam também em casa da minha avó...

11- Como foi a separação da família biológica?

Foi muito difícil, o mais velho, o abaixo de mim, já tinha 4 anos, ele sabia o que estava a acontecer... eles sofreram muito... Eu quando falei com ele. Ele lembra-se daquele dia... da situação.

A minha mãe, no fim dos anos 60, ela veio de visita à América, porque tinha uma irmã aqui, e arranjou um homem aí, casou e ficou cá... não sei como... o que é que ela pensou, ou como se sentiu... embora eu fizesse perguntas, ela não respondia... era difícil falar para ela...

(emoção) Eu fiquei manchado, até hoje... eu vivo, e fui-me habituando, mas tenho sempre uma ferida aberta (emoção) ... faltou-me sempre... tenho um espaço vazio (emoção) ... *You know*, é um vazio que nunca se preencheu... mesmo agora (após reencontro), é difícil! A “gente” não tinha relacionamento nenhum! Ao fim de 50 anos é que a “gente” fala uns com os outros (emoção), a “gente” não se sente tanto confortáveis... ficamos assim um bocadinho... (emoção) ... há uma distância... falta o sermos criados juntos! (emoção) ... é uma distância grande! (emoção)

Mesmo aqui, estão todos longe! Vivemos longe uns dos outros!

Foi uma vida assim, foi uma vida difícil... não foi fácil aceitar a partida dos meus irmãos... eu acho que nunca aceitei...

A minha avó ficou muito triste, e chorava (emoção) ... mas ela também compreendia que não podia ficar com todos... ela não podia sustentar todos...

12- Manteve contato com a criança? Sim _____ Não X -

13- Antes de partir para os Estados Unidos da América, a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Os 2 abaixo de mim, até moraram perto uns dos outros, na Base, porque eles eram vizinhos ou lá o que era... mas foi por pouco tempo... Eles ainda puderam estar juntos uns tempos (emoção).

Alguns ainda ficaram cá na Base, uns tempos... a minha irmã depois contou-me, quando a encontrei, e o americano que a adotou também o conheci, e eles contaram-me que eles ainda estiveram aí uns tempos e como é que tinha sido tudo...

14- Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, ela terá sentido?

Eu acho que não, eles nunca me falaram em ter problemas em adaptar-se... mas talvez tenham... mas nunca falamos sequer falamos sobre isso... Eles querem sempre saber mais coisas daí, da família... *You know...*

15- A criança sabia que tinha sido adotada? Como soube/descobriu que tinha sido adotada?

Sim, eles sempre souberam... os americanos sempre contaram. Ele (um dos irmãos) até me mostrou os papéis de quando foi a adoção... Eles (americanos), deixaram eles saber que eram adotados. Tinham os papéis todos...

16- Tem contato com a pessoa que foi adotada?

Já encontrei todos. Um, infelizmente, quando encontrei a família dele, ele já tinha falecido. Esse não cheguei a conhecer, agora os outros 4, já conheci. Falta-me só estar com uma das minhas irmãs, já falamos, mas ainda não estive com ela. Ela vive muito longe, ainda não tivemos possibilidade. Eu não quero entrar na sua vida... ela tem a sua família e tem de a deixar saber primeiro (a família da irmã).

É muito difícil! Para os lados todos.... É uma grande alegria quando nos encontramos...

A primeira, foi a minha irmã, já foi há uns anos, a minha mãe ainda estava viva e fomos a Oklahoma vê-la e depois ela esteve cá com a “gente” também... foi uma alegria... (emoção) ... agora é aproveitar o melhor da vida... Agora estão todos na América, a minha mãe é que já faleceu..., mas os meus irmãos estão todos aqui...

E como é a vossa relação?

É normal. Não falamos todos os dias... é mais pelo Facebook...

A família adotiva permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica?

Não, eu depois daquele dia, eu nunca mais os vi! Não...aquele dia foi o fim... *You know*, houve sempre esperança... Eu depois de chegar aqui à América, eu tinha esperança de os encontrar, eu até para todo o lugar que ia, eu olhava sempre para ver se via alguém mais ou menos parecido comigo (risos). Havia sempre aquela esperança. E depois felizmente, a minha esposa, ela gosta de procurar antepassados, e começou a

tentar descobrir pelos nomes dos americanos, porque eu depois apanhei o nome dos americanos que os tinham levado. E ela através daí foi descobrindo...

17- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado? Onde decorreu o processo?

Nos Açores ou no país de acolhimento?

Foi toda legal. Isso fizeram na Terceira, porque eu sei que era em português que tinha... que estavam as coisas feitas..., mas eu não sei como era o processo...

18- Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?

Na minha freguesia, morava eu e os 2 que foram primeiro... a minha mãe morava noutra freguesia, ela não morava com a “gente”... os americanos conheceram foi a minha mãe, foi através da minha mãe ou talvez pessoas amigas da minha mãe ou... a minha mãe era com se diz, “não parava em ramo verde”, ela não parava, ora morava num lado, ora ia para outro... *You know*... Ela foi uma vez buscar-me a casa do meu avô e mais os meus dois irmãos e formos para a Fonte Bastardo e depois o meu avô foi-me buscar para casa, e depois eu nunca mais tive relacionamento com a minha mãe...

Foi alguém que teve relacionamento com a minha mãe que achou os americanos, ou mesmo a minha mãe... Ela também tinha uma cunhada que vivi em Santa Rita, e ela trabalhava no Hospital americano e elas eram muito amigas... histórias que fui ouvindo...

E o seu pai? Também participou nessa decisão?

Eu acho que foi só da minha mãe... eu falei depois com o meu pai... eu tive um relacionamento... enquanto garoto, não tive (relação com o pai), mas o meu pai ele quis... meu pai quando eu era miúdo, ele era artista, pintava... teve numa escola do continente e tudo... e ele queria-me levar e pagar a escola (emoção), mas o meu avô não quis, porque pensou que ele me queria roubar, me levar... mas depois tive, já depois maior, talvez com 14 ou 15 anos, eu tive relacionamento com ele, cheguei a ficar em casa dele... eu fiquei em casa do meu pai, 2 ou 3 noites (emoção)... o meu avô era muito cioso de mim (risos)... eu sempre os tive como pai e mãe, foram eles que me criaram... eu tinha respeito de pais era a eles...

Já depois de estar na América, fui aí, (à Terceira), e tive em casa do meu pai, ele mostrou-me, ele tinha as cédulas pessoais dos meus irmãos... tinha, mostrou-me, eu

acho que a decisão foi da minha mãe... (emoção) A minha mãe não vivia com ele, *You know, so...* a decisão foi dela, não foi dele...

19- Que tipo de adoção a criança teve? Plena ou restrita?

Eu, não sei...

20- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever-nos outros casos que conheça?

Eu tenho um amigo que a mulher deu filhos, tem 1 ou 2 na América... eles nem falam português e não conhecem os pais nem nada... Mas sim, ouve outras pessoas que deram filhos...

21- Os casos de que tem conhecimento, foram legalizados? No caso de não serem, como estas crianças saiam do país?

Eu penso, o que eu entendo, alguns foram por baixo da mesa... houve de tudo... Era nos aviões militares faziam papéis falsos para entrar aqui, ou passavam mesmo por filhos dos americanos... São coisas que nunca vamos conseguir imaginar... ou explicar...

22- Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum?

Olha eu falo pelo que se passou comigo quando era criança. Sofri, sofri muito (emoção) ... dos outros miúdos... eles chamavam-me nomes, que eu era filho da... *You know*...bastardo, também ouvia... olhavam para mim diferente... eu tinha um “gruposinho” de 3 ou 4 amigos, que brincávamos juntos..., mas eu era olhado diferente.... Eu sentia-me diferente dos outros (emoção) ...

E ainda hoje, isso continua como antigamente, ninguém fala nisso... e até podia ajudar outras famílias a encontrarem os seus irmãos...

Havia denúncias?

Oh! Não... Naquela altura sabiam que isso acontecia, claro que sabiam, e não aconteceu só a mim! Calavam-se, era bem “caladinhos”! Isso houve na ilha inteira, por todo o lado... aquilo o pai assina, aqui, o americano assina ali, está feito, talvez dessem algum dinheiro e calava-se tudo...e talvez até ajudasse a matar a fome a algum que ficasse atrás...

As autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?

Eu não sei... talvez soubessem, mas os da Base chegaram-me a contar que meteram, com um piloto da NAVY ou da AIR FORCE, ou qualquer coisa assim, quando iam levar carga lá, chegou a trazer, sem autorização militar ou daí da terceira, chegou a trazer crianças... aquilo resolvia-se no avião militar... pois eles eram amigos (emoção) ... iam lá e traziam para cá.... Ouvia-se essa história...

23- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Eu acho, que nesse tempo, foram muitos, na Terceira, que foram dados aos americanos... muitos! Talvez, daquilo que ouço e que agora é que se está a ver, talvez umas centenas... dados aos americanos...

24- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

O meu irmão que morreu, ele era militar, ele ainda foi aí à Terceira, e foi lá à freguesia para tentar descobrir alguma coisa..., mas infelizmente, eu não sei, porque isso foi-me contado... ele foi a casa da minha avó... mas eu acho que ele foi a casa da irmã do meu avó, que era a casa apegada (germinada), e a senhora que estava lá, não conhecia, ele deve ter falado inglês, ou qualquer coisa, e ele foi-se embora sem saber de nada. Mas esse chegou a ir à Terceira, os outros nunca foram...

Eu acho que quem passou por situações dessas, nunca pode ter tido uma vida fácil, *You know*... e não podem dizer que esqueceu..., mas nunca é, falta sempre um bocadinho da “gente”... nunca é uma vida fácil... eu fiquei sozinho, eles foram sozinhos.... Acredito que eles também sofreram... Alguns... o americano já tinha um filho e a minha irmã é adotada, *You know*, são irmãos, mas um é adotado! Falta o sangue (emoção)...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista XVII

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Fátima **Sexo:** M F X **Idade:** 61 **Escolaridade:** 4ª Classe
Profissão: Cabeleireira **Naturalidade:** Angra do Heroísmo

(Famílias biológicas)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população Terceirense?

Eu penso que a Base foi... que foi uma coisa boa... eles levaram muita criança de lá, mas também ajudaram muita “gente”... e deram muitos empregos... acabou por as vidas serem diferentes...

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Eu penso que foi os empregos... as vidas mudaram muito...

E desvantagens?

Eu acho que não houve...

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Sim, eu penso que sim, eles ajudaram muita coisa. Quando eu estava no Lar, eles iam levar muita coisa, eles iam Lar e iam ver as meninas... faziam festas de anos, traziam um bolo e faziam uma festa lá... grande para a “gente”... levavam roupinhas...

Ajudavam muita “gente”...lá na Terceira... muitas casas foram ajudadas.

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Eles ajudavam... levar os pequenos para uma vida melhor era uma maneira de ajudar...eles davam uma vida melhor a esses pequenos, eles deram uma vida melhor às minhas irmãs...

E à população em geral? Acha que eles ajudavam?

Ajudavam, davam empregos, fazia as vidas ficarem melhores... mas eu era pequena e vivia no Lar, não sei muita coisa...

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Bem, a mim não me afetou muito... a única coisa que me afetou mais, foi deles terem ajudado as minhas irmãs.

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Foram aquelas festas que eles faziam para a “gente” no Lar... aquilo era um dia diferente... era feliz...

E as menos boas?

Foi ter ficado sem as minhas irmãs (emoção).

Parte II – Adoção

7- Alguém da sua família foi adotado por norte-americanos?

Forma 2 irmãs minhas.

8- Que idade tinham as suas irmãs quando foram adotadas?

A mais pequenina tinha 1 ano e a outra que era doentinha tinha 8 anos.

9- Porque acha que optaram por dar as crianças para adoção?

Porque uma delas, tinha problemas de... dos ouvidos, andava sempre com os ouvidos rebentados e... e então ela era muito doentinha. E a minha mãe não tinha possibilidades, porque o meu pai morreu, em 1970 e minha mãe ficou com 5 crianças. E ela nunca trabalhou, e claro, naquela altura, sabes, passava-se muita necessidade...

Então depois, o meu pai morreu em dezembro de 1970, depois em janeiro de 1971, depois morreu um irmão mais bebezinho, então ficamos com 4. Acontece que ... esta que foi adotada primeiro foi a que nunca fizeram papéis para ela, de adoção.

A outra, a bebé de um ano, foi depois. Aí, então já fizeram tudo... era a mais pequenina da “gente”.

A minha mãe ficou viúva e não tinha condições de criar a “gente”...

10-Lembra-se do dia da entrega da criança? Consegue-nos descrever?

Eu não... porque eu não estava lá. Eu já estava no Lar, só soube depois... porque a menina maiorzinha, a “gente” estava à espera de ela fazer 9 anos, para depois vir para o Lar comigo. As crianças só entravam no Lar aos 9 anos.... Acabou por ser uma sorte para ela. Currou-se e teve melhor vida...

11-Como foi a separação da família biológica?

A minha mãe, coitadinha, ela sofria, ela rezava muito por elas, para pedir que elas tivessem boas. Depois de eu vir para aqui (EUA) ela, cada vez que a “gente” conversava, ou quando eu ia lá (Terceira), ela dizia sempre: “Oxalá que as minhas filhas estejam bem, tenho tanta pena que elas foram...” Mas ela (mãe), coitadinha, ela não podia, não tinha outra maneira... Ela pensava sempre muito nelas e pedia-me para eu encontrá-las. Ela dizia-me: “Procura as tuas irmãs” ... (emoção). A minha mãe não teve outra escolha... não... ela (emoção)... ela não teve...

A minha mãe era analfabeta, não sabia ler nem escrever, mas ela tinha tanta pena de não as conhecer!

12-Manteve contato com a criança? Sim _____ Não X .

A “gente”, antes (de irem embora)... eles (americanos) foram-me fazer uma visita ao Lar e foram-se despedir de mim, os americanos já com a minha irmã, mas eu não tive a ideia de perguntar nomes ou informação nenhuma a eles, naquela altura... fiquei sem informação nenhuma... ficamos sem informação nenhuma... eu perguntava à minha mãe, ela não sabia...Eles (americanos) prometeram à minha mãe que iam mandar informação sobre elas, de vez enquanto iam dizer como é que ela estava e isso tudo... Mas depois...depois de saírem da Terceira... acabou-se...nunca mais se soube nada das meninas.

13-Antes de partir para os Estados Unidos da América, a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Elas ficaram porque a senhora que adotou a mais nova, diz que eles tiveram de ficar, porque precisaram da assinatura da mãe e do pai, foi antes do pai morrer... e então ainda levou tempo...

A mais velhinha, saiu... a minha mãe deu licença para ela sair e eles levaram-na... (emoção), mas essa acho que foi logo, para ir fazer as operações... essa não deve ter ficado muito tempo...

14-Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro?

Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, ela terá sentido?

A maiorzinha adaptou-se bem, como lhe disse, ela não falava muito, ela quase que não falava, porque como não ouvia...então ela adaptou-se bem ao inglês, ela fala muito bem inglês... e adaptou-se muito bem aos pais... eles dão-se muito bem e são muito bons para ela. Ela não se lembra de quase nada de quando era pequenina. Ela diz que só se lembra de brincar lá num quintal, e mais nada... e não se lembra de mais nada...

15-A criança sabia que tinha sido adotada? Como soube/descobriu que tinha sido adotada?

Elas não souberam sempre... uma delas, o irmão (adotivo) dela casou eles foram ao casamento e a minha outra irmã também foi ao casamento, os pais (adotivos) delas eram amigos... aquilo que te disse, de terem trocado as crianças... eram amigos... e foram ao casamento juntos e a minha mais nova foi, e a outra também foi... e encontraram-se... as mães que já se conheciam apresentaram as duas filhas, as pequenas uma à outra...diz que passaram um dia juntas, mas depois disso não se comunicaram mais...

A mais nova, aos 14 anos é que lhe disseram a ela... ela ficou um bocadinho revoltada... ainda mesmo, agora hoje, ela tem um ressentimento, porque pensa que ninguém queria saber dela... e ela, ela não tem problema nenhum, problema mental nenhum... já a outra tem... mas ela continua ressentida... ela fica muito tempo sem falar com ninguém... ela ficou muito ressentida... ela ficou muito contente quando eu as encontrei... mas fica muito tempo sem falar com a “gente”... esta ficou muito sentida, não entendeu...

Eu cá penso assim, tal pena não ter sido eu (risos), eu tinha aproveitado muito mais coisas do que elas aproveitaram (risos) ... pois eu também já tinha outra idade e percebia porque a minha mãe fez o que fez, teve de ser... e ela não soube o que era...

Sabe, eu já contei a elas, mas elas vêm que eu estou aqui, estou bem “situada” na vida, e então ela pensa: “Olha, elas não quiseram saber de mim”. Eu estou aqui, mas não foi pela minha mãe, eu fui para o Lar e do Lar é que vim para a América... e também tenho sofrido o meu bocado...tenho lutado muito...

16- Tem contato com a pessoa que foi adotada?

Eu vim para a América em 1983, comecei a procurar, a ver se conseguia... Procurei através do nascimento...tanta coisa... fiz uma carta, mandei cartas para oficiais da Base a ver se alguém sabia... fiz muitas pesquisas e nada de aparecer ninguém... e depois também, aquilo foi um impacto muito grande na minha vida... porque, eu vim para cá (EUA) depois casei-me ... agora tenho 2 filhas já grandes (emoção)... e durante a minha vida (emoção)...eu sonhava muitas vezes com elas (irmãs)... Agora a mais novinha, eu só tinha visto uma vez, que a minha mãe foi me fazer uma visita ao Lar.

E então, elas foram adotadas aquele tempo todo, eu tive esse tempo todo à procura delas... e então eu lembrava-me bem da mais velhinha e assim que via pessoas de olhos azuis (risos) e assim, eu perguntava quando era o nascimento delas, porque eu sabia a data de nascimento da minha irmã! Eu perguntava..., mas eu tinha a certeza que se eu a visse eu a conheço... de certeza..., mas nada! Procurei anos e anos!

E a coisa mais interessante, é que a minha irmã mais nova, os pais (adotivos) dela viveram a 30 minutos da minha casa, quando ela esteve no *High School*... e eu sem saber que eles estavam aqui... tivemos pertinho anos e anos e agora estamos a 4h de diferença uma da outra e 1h30 de avião da outra (irmã).

Eu nunca desisti de as procurar. Eu no dia que soube que as ia encontrar, eu chorei toda a noite... (risos). O meu marido sempre me ajudou a por coisas no computador a ver se encontrávamos coisas delas..., mas nunca aparecia nada. Então daquela que não foi adotada, não aparecia informação nenhuma de certeza. Era difícil porque elas mudaram de nome! (emoção)

Um dia, eu fiquei em contato com uma das irmãs do Lar, e eu de vez enquanto chamava (telefonava) para ela... e eu em outubro de 2012... mas antes disso, eu tinha falado com os meus padrinhos de batismo...a conversar com ela por telefone, e ela disse-me: “Tu ouviste alguma coisa?” e eu disse: “Não madrinha, eu ainda ando à procura das minhas irmãs”. E ela disse-me: “Eu ouvi que um senhor que diz que ajuda a encontrar os familiares” e eu pedi-lhe “Oh madrinha! Por favor arranja-me o contato deste senhor” então ficou assim.

Dali a uns dias falei com a Irmã e disse-lhe o que se passava e a Irmã disse-me: “Se ele estiver na Terceira, eu vou achá-lo”. Portanto isto foi em outubro de 2012. Passou-se uns meses... no dia de Natal, estávamos aqui a jantar, chama-me a Irmã, atendo o telefone, diz-me ela que tinha encontrado a pessoa que... procura os americanos adotados... Eu fiquei tão contente, pedi números e contato dele... e eu telefonei para ele... no dia a seguir tocou eu a chamar para a Terceira... dei-lhe lá a minha informação e ele disse-me para lhe mandar a informação toda... e daí então... mandei tudo o que tinha, mas não sabia que uma não tinha sida adotada, pensei que as duas tinham sido adotadas... (emoção)

Dali a uns dias... ele deixa-me uma mensagem... no dia 5 de janeiro de 2013, ele manda-me a informação dos pais de uma delas... agora da outra não tinha informação nenhuma..., mas deu-me os nomes dos pais da que tinha encontrado... deu-me idade que tinham quando adotara, e de onde eles eram, aqui na América.

Depois eu fui à internet procurar pelo nome deles, paguei para conseguir o número de telefone deles, foi coisa pouca, mas paguei e logo no outro dia, chamei à noite e então uma menina atendeu-me o telefone e eu disse: “Posso falar com a senhora (nome da irmã)? E diz ela assim: “Ela não está aqui. Está aqui, é a minha avó.” Foi o que a menina me disse e passou o telefone à avó. Ela quando atendeu eu disse o meu nome e que não estava a telefonar para vender nada (risos). Disse o meu nome e que estava à procura da minha irmã. Quando eu disse que estava à procura da minha irmã, ela começa a fazer perguntas... quem eram os meus pais, qual era a idade da minha irmã, se eu tinha mais irmãos, se eu tinha mais irmãos na América, ela pensava que eu estava na Terceira... depois quando falamos a conversar, disse que já estava na América há muito tempo e que estava à procura das meninas. Disse que gostava de me encontrar com a minha irmã e que não era para “estorvar” nada a vida deles, não quero fazer nada disso. Só queria saber se elas estavam bem, que já há muitos anos que não sabia nada delas e que já há tantos anos que não sabia nada delas... e também para ficar descansada, havia noites que não dormia, pensava muito nelas.

Ela então diz-me assim: “Olha, eu sou a mãe adotiva dela” ... e (emoção) ... então ela depois disse-me: “Ela já sabe que foi adotada... e depois então eu vou dar o teu número a ela e depois vocês entram em contato e depois conversam uma com a outra, quando ela estiver preparada, porque isso vai ser um choque para ela” (emoção).

Depois ela perguntou-me pelos meus irmãos e pela minha mãe, e eu disse-lhe que os meus irmãos estavam na Terceira e que a minha mãe já tinha morrido. E ela depois

perguntou-me: “Mas tu não tinhas mais uma irmã?” e eu disse: “Tinha, e também estou à procura dela, mas não consigo encontrar informação dela. A senhora não conhecia mais americanos que adotaram crianças?” (emoção) E, ela disse-me, assim: “Não te preocupes que eu conheço a outra família que adotou a tua irmã” (emoção)...

Falamos muito tempo ao telefone, e depois ela disse-me, ela tinha as coisas guardadas com o nome do outro casal e ficou de me ligar a dar o contato e nome deles.

No outro dia a seguir, eu chorei toda a noite, (emoção)... ela telefona-me a dar os contatos e os nomes dos americanos. Eu telefonei logo para eles. Disse que era a irmã de (nome da irmã) e que estava à procura dela e que só queria saber se ela estava bem, não queria que pensassem que queria alguma coisa... só queria saber da minha irmã (emoção) gostava de a conhecer!

A primeira coisa que ela me diz... (emoção) ela diz assim: - “Como é que encontraste a gente?” (risos)

Depois ela contou-me que tinham sofrido tanto com a menina, tantos doutores e tiveram tanto... a menina como tinha aqueles problemas, ela não falava, quando estava na Terceira. Ela não ouvia, coitadinha! Eles tiveram muitos problemas com ela! Ela tinha terapias especiais, professores que vinham a casa ensinar a ela... mas ela agora está boazinha... Então essa senhora, tinha dois filhos e eles adaptaram-se bem à minha irmã e ela a eles.

Dois dias depois, a mais nova chamou (telefonou) para mim, estava muito contente por ter encontrado a “gente”. E passado uns tempos, combinamos, houve um feriado, aqui na América, e combinamos virem todos aqui. Vieram as duas! Conhecemo-nos, e tivemos as famílias todas juntas aqui num fim-de-semana. E agora de vez enquanto a mais velhinha vem aqui, e eu às vezes vou eu lá... e é assim,

Então como é a vossa relação?

Agora de vez enquanto estamos juntas, vamos falando várias vezes...às vezes falo com os pais delas, dizemos muitas vezes “Quero-te muito” ..., mas até temos uma boa relação com os pais adotivos, eles estão contentes que agora estamos todas juntas... que já nos encontramos todas... até pelo menos se acontecer alguma coisa sabem que as meninas têm uma família com quem podem contar...

A família adotiva permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica?

Agora, nós temos, e as famílias não se importam, até ajudaram... mas quando elas eram pequenas não tivemos mais contato com elas. Nunca mais soube nada delas, depois de elas se irem embora.

A minha mãe e a minha avó, antes delas virem para a América, elas iam vê-la lá à Praia, elas (americanas) deixavam elas (família biológica) ir lá vê-las... ela (irmã) escondia-se atrás da senhora (norte-americana) para minha mãe não a levar! Ela adaptou-se bastante bem.

Enquanto elas tiveram na Terceira, as americanas deixaram a minha mãe ir vê-las, depois quando se foram embora é que nunca mais soubemos delas.

Elas hoje já não dizem uma palavra em português.

A mais pequenina então não teve problema nenhum, ela era uma bebé de 1 aninho.

17- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado? Onde decorreu o processo?

Nos Açores ou no país de acolhimento?

A minha irmã, a mais velha, foi sem papéis... ela foi levada em avião militar e eles levaram-na para a Suíça para ela ser operada, ela fez 4 operações, aquela menina... E os doutores disseram aos pais (adotivos) dela, que se ela não tivesse sido operada, à roda dos ... talvez não chegasse aos 10 anos. Ela já não falava, ela tinha quase... eu penso que uns 8 anos.

Esta, da maneira como ela saiu, não foi nada legal... isto não é legal... Quando eu ia à Terceira, todos os anos eu ia ao Registo Civil de Angra, porque elas estavam registadas em Angra, para ver se sabia alguma informação e ninguém me dava... fui para a Praia, eu andei, eu fui aqui e ali... a ver se eles tinham crianças adotadas a ver se encontrava o nome deles (americanos). Então uma vez eu encontrei uma prima minha (adotada por norte-americanos), mas eu pedi para me darem as informações dela, mas eles diziam que aqui eram arquivos fechados e que não podiam dar... das minhas irmãs, não tinha o nome delas, fui ver se eles (americanos) tinham tirado passaportes e tudo... só diziam: "Oh! Senhora, não temos nada." Não havia nada delas terem sido adotadas.

Eu desde 83 até 92, eu fui todos os anos à Terceira, e todas as vezes que eu fui aí eu fui ao registo de Angra, e perguntava... e nada! Nos anos que eu não ia à Terceira, eu chamava para o Registo Civil (risos), as pessoas já diziam que tinham tanta pena..., mas eu dizia: "Mas se elas foram adotadas na Praia e como é que elas não deram informação aqui em Angra?" Elas diziam que não tinham nada delas (irmãs) terem sido adotadas...

Elas estavam registadas em Angra, mas não tinha nada escrito da adoção... então eu ia à Praia também, mas também não tinha nada.... Aí o que a “gente” passa!

18- Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?

No princípio a minha mãe não queria que elas fossem, a minha avó... mais o senhor padre que trabalhava na Base, ele é que foi falar...e uma senhora portuguesa que foi para traduzir, é que falou...

Antes das minhas irmãs, foram outras crianças adotadas... e então eles falaram na minha irmã e o padre levou, a um grupo de americanas, que tinham dito que gostavam de adotar uma menina. E havia um casal que gostava de adotar uma menina, eles já tinham 2 filhos, mas gostavam de uma menina. E então esse casal foi com o padre, a casa da minha mãe, foram buscar a minha avó e então é que disseram a minha mãe: “Essa menina é muito doente, é bom que deixe os americanos levarem essa menina, porque eles vão dar uma vida boa a ela e vão tentar ver..., portanto, se ela não... se ela fica melhor!”

Depois de eles fazerem várias visitas a minha mãe. A minha mãe então disse: “Boa ideia, porque pelo menos os pequenos depois podem-se defender, mas as pequenas, principalmente se tiverem doentes, já ... eu não posso tomar conta delas, porque não temos possibilidades...”

Esta que era doente, é que era para ir, mas ela já era um bocadinho maiorzinha... a senhora quando foram ver as crianças outra vez, eles viram a minha irmã mais novinha, que tinha 1 ano (emoção) ... e então, começaram a ver se minha mãe mudava de ideias e dava era a pequenina.

E então, o que é que acontece, eles (americanos) levaram a maiorzinha, primeiro, e a senhora que ficou com ela, quando vi que a pequena tinha muitos problemas, quis levá-la para trás... E então, uma outra senhora americana, que ouviu a história, porque havia várias americanas que estavam a adotar crianças, ele ouviu e disse: “Oh não! Isto é um pecado, essa criança ir para trás, se eles não podem cuidar dela, ela não vai sobreviver...” e então, falou com o marido, ela também tinha dois filhos... e ela falou com o marido, e então decidiram e foram buscar a menina. Eles trocaram as meninas, trocaram a menina e depois então é que falaram com a minha mãe por causa da outra (a menina de 1 ano), e a outra foi ver a bebé, e disse: “Eu preferi então ficar com a bebé do

que ficar com a grande”. E foi assim, ela adotou a menina a mais novinha e o outro casal ficou com a maiorzinha.

Elas estão bem na vida! Até eu tinha gostado de ter tido a oportunidade que elas tiveram. Elas têm uma boa relação com os pais adotivos. Apanharam umas famílias muito boas, eles adoram as meninas.

Havia um casal que trabalhava na Base e com o padre é que começaram a tratar disso, depois souberam por outras famílias, e mandavam informação uns aos outros... aquilo passava duns para os outros... E depois então é que falaram... eles é que fizeram isso tudo.

19- Que tipo de adoção a criança teve? Plena ou restrita?

A pequenina é que foi mesmo adotada, mas eu não sei... a outra não foi, esta foi sem papéis...

20- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever-nos outros casos que conheça?

Também encontrei uma prima minha que também foi adotada, já falei com ela e ela já encontrou alguns dos irmãos. Ela é muito meiguinha, também está muito bem na vida...é muito boa pessoa.

Conheci também uma outra pequena, que foi adotada no Lar pelos americanos. Eles levaram-na e não fizeram papéis nenhuns... ela deve ter sido parecido com o que fizeram com a minha irmã, mas ela diz que com ela nunca fizeram papeis para ela, e parece-me que foi aos 19 anos, ela foi mandada para a Terceira. E coitadinha trabalhou como “burra” para os americanos e parece que abusaram dela... foi uma coisa séria...

Eu penso que muitos dos americanos que levaram crianças, não foi para ajudar, foi mesmo para as usar para trabalharem em casa, para servirem de casa...

Eu às vezes eu tinha medo, a imaginar o que podia ter acontecido às minhas irmãs....

Por isso eu andava sempre com medo, eu ouvi tantas histórias terríveis... tenho ouvido tantas coisas...

21- Os casos de que tem conhecimento foram legalizados? No caso de não serem, como estas crianças saiam do país?

Eles saem daí (Terceira) num avião militar, eles chegam, aqui (EUA) vão diretamente para as suas casas.

A minha irmã, a mais velhinha, ela tem os papéis todos legais daqui (EUA), ela saiu daí sem nada, mas depois os pais adotivos dela fizeram tudo daqui! Ela tem o *Social Security*, ela recebe, porque ela é “deabilitada” ... Tem pessoas que vieram para cá (adotadas) e não fizeram nada disso... mas há coisas que eu não sei. Essa pequena (irmã), quando eu for lá outra vez, eu vou-me sentar com os irmãos a saber o que são os papéis que ela tem, porque essa pequena (irmã) um dia que aconteça alguma coisa aos pais, que a casa que eles tem, pertence também a ela, porque ela vai precisar de ajuda... mas eu vou falar agora com eles, ara saber como é essa coisa dos papéis dela... por exemplo eu não sei se ela tem passaporte e isso tudo, mas não sei se eles registaram como filha deles, cá (EUA). Ela tem papéis para trabalhar cá e o “*Social Security*”, a Assistência, mas não sei bem...

A mais nova tem os seus papéis todos, como filha deles. A mais velha é que foi diferente, ela saiu daí (Terceira) sem nada, não se fez papéis. Há muitos que não estão legalizados e agora não tem maneira de resolver! É uma tristeza!

22- Como eram vistas estas adoções pela comunidade local?

As pessoas às vezes pensavam que uma pessoa que entregava os filhos era porque não queria saber dos filhos. Mas se pensarem na situação da pessoa, tem de perceber que fizeram foi para o bem dessa criança... eu acho que é um amor muito grande, foi um sacrifício muito grande! Mas foi uma dor grande, um sacrifício grande... mas saber que era o melhor para esses pequenos...

Era do conhecimento comum?

Eu acho que era... pelo menos a “gente” falava todos sobre isso...

Será que houve denúncias?

Não! Aquilo, toda a “gente” fazia, e toda a “gente” sabia... Ninguém ia dizer a ninguém... para quê? Era muita pobreza, só quem passa!

Acha que as autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?

Tinham de saber... saíram muitos nos aviões militares... eles entravam na Base, apareciam de uma hora para a outra com um filho... tinham de saber!

23- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Aí quantos? Cá para mim, isso foram uns 200... ou muito mais... eu penso que para cima disso... está a aparecer muita “gente” à procura disso...

24- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Eu tenho uma prima minha, que também tem 2 irmãos adotados por americanos, e ainda não sabem nada deles... ainda não os descobriu.... É triste... é muito triste... só eu sei o que eu passei... e quando as encontrei (irmãs) foi como se tivessem tirado um peso de cima de mim... eu até fiquei mais feliz, mais...

Muito obrigada pela colaboração.

Anexo IX

Entrevistas Transcritas - Testemunhas Privilegiadas

Entrevista I

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Lourenço Sexo: M X F Idade: 66 Escolaridade: 4ª
classe Profissão: Reformado Naturalidade: Praia da Vitória

**(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de adoção de crianças
terceirenses por casais norte-americanos)**

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população terceirense?

O emprego foi a melhor coisa que aconteceu, para mim foi, na altura, quando saí da tropa pensei em ir para a polícia, pensei em emigrar... Mas tinha sempre aquela coisa. Na altura estava na Base, depois saí para fazer a tropa, fiquei arquivado lá (emprego da Base), quando fizesse a tropa reabria o processo. Fiquei sempre naquela de experimentar... quando vim da tropa, fui para a Base e foi o resto da minha vida.

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Foi para a economia toda!

E que desvantagens acha que teve para a ilha a vinda dos norte-americanos?

Nenhuma. Nada. Eu acho que não...

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Faziam muito... eu acho que faziam muito. Quando a “gente” fala dos americanos em geral havia organizações, havia ajuda... ajudaram muito! Quando havia alguma desgraça na ilha estavam sempre prontos para ajudar. Davam muito. Davam comida, roupa... principalmente a quem trabalhava na Base... Na minha casa nunca faltou comida... nunca faltou nada em casa. Não faltava o hambúrguer, não faltava o “*Hot dog*”, não faltava pão, não faltava fiambre... não faltava nada!

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Sempre que acontecia alguma coisa eles estavam sempre ao lado da população. Lembro-me quando houve as cheias na Agualva (1962) que levou uma família pela ribeira abaixo, lembraste disso? Os americanos ajudaram muito aquela população, as pessoas que perderam as suas casas, os recheios das casas... Eles ajudavam muito, sempre que viam necessidade chegavam-se logo.

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

De que maneira!

Como?

Tudo mudou! Eu não sei bem explicar. Comecei ali (na Base) e... ordenado era bom... a vida ficou logo mais fácil...

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Sei lá.... Tive tantas boas (risos) ... a abundância... (risos)

E as menos boas?

Não me lembro nada mau... sempre foi “gente” boa.

Parte II – Adoção

7- Conhece algum caso em que os norte-americanos tenham adotado/levado alguma criança portuguesa? Sim X Não

Pode-nos descrever os casos que conhece?

Tive uma prima da minha mãe, ela tinha um bocado de pequenos e ela deu um para a América... só conheço essa... Eu era muito pequeno, não me lembro de muitos pormenores, mas lembro-me de minha mãe contar... Mas sei que houve mais...

8- Que idade tinha a criança quando foi adotada?

Era bebé de colo.

9- Porque motivo as famílias optaram por dar a criança para adoção?

Muita “fominha”. Eram muito pequenos. Isto há de ter sido para aí em 60 ou 61, eu era pequeno. Era muita necessidade! E era um garantir um futuro melhor.... Mais um

para passar fome... Eles não tinham... Eu cheguei a vê-los já grandinhos (primos da mãe, irmãos da criança adotada) ... e enquanto a “gente” era pobre, também, a “gente” comia pão com manteiga, eles comiam pão com gordura!

10- Lembra-se do dia da entrega da criança?

Lembro-me de os americanos irem buscar a pequena. São coisas que nunca mais esquecemos!

Consegue-nos descrever?

Só tenho uma vaga imagem daquele casal na porta, do carro grande parado na porta...

11- Como acha que foi a separação da família biológica?

Isto então não sei, eu era muito pequeno, nem percebia bem o que estava a acontecer.

12- No caso que conhece sabe se houve contato com a família biológica? Sim: _____

Não: X.

13- Antes de partir para os Estados Unidos da América, sabe se a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Se calhar... Mas não deve ter sido muito tempo.

14- Acha que a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro?

Ela era bebé, é como se fosse americana, foi criada como americana. Acho que não teve dificuldades, ela era, para todos os efeitos, americana.

15- A criança sabia que tinha sido adotada? Como soube/descobriu que tinha sido adotada?

Pois eu não sei... nunca mais soube nada dessa pequena.

16- A família tem contato com a pessoa que foi adotada?

Nunca mais houve contato nenhum. Ela foi bebé, se calhar nem sabe que tem outra mãe...

A família adotiva permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica?

Os americanos cortaram logo a ligação. Esses americanos tiveram aqui, levaram a pequena e acabou-se. Isso aconteceu nos princípios de 60 e esses nunca mais vieram cá. Mas sei que ainda houve americanos que disseram aos filhos depois de grandes... a origem deles. Acredito que houve muitos que fizeram isso e houve outros que esconderam tudo.

17- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado?

Não acredito... não me parece... e naquela altura eu nem tinha noção disso e nem sei como é que faziam essas adoções...

18- Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?

Eu penso que o pai dessa pequena vendia umas coisas lá dentro (na Base) e penso que foi assim que conheceu os americanos. Foi metendo uns contatos ...e há de ter dito que tinha um pequeno para dar...

19- Que tipo de adoção acha que essa criança teve? Plena ou restrita?

Nem sei se foi adotada!

20- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos?

Não me lembro...

21- Os casos de que tem conhecimento foram legalizados?

Não sei.

No caso de não serem, como é que estas crianças saiam do país?

Muito fácil. O nosso sistema ainda hoje é atrasado, imagina naquela altura. Aquela criança, até na altura, nem sei se foi registada. Nasceu em casa, não se regista e pronto.

Para registar era preciso ir à Praia, para fazer o registo. Não havia dinheiro para o registo. Nem sei se ela foi registada! Se foi registada, ela está registada no Tribunal, mas eu nem sei o nome dela. Os irmãos eu sei, os que ficaram cá... agora essa que foi... não sei nada dela.

22- Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum? Havia denúncias? As autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?

Eram outros tempos. Aquilo era tudo.... Estavam à vontade, não era nada escondido. Aquele casal chegou ali, levou a pequena, os vizinhos viram, toda a “gente” viu.... Era normal... naquela altura mesmo que quisesse fazer uma participação ia onde? Chegavas lá, contavas uma coisa destas, o que é que eles te iam dizer? É o normal... (risos) Mesmo na Base, com os americanos era igual... era tudo normal e pronto...

23- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Oh! Um número não..., mas que foram muitos, foram... muitos, muitos...

24- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Eu era muito pequeno. Não me lembro.

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista II

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Alice Sexo: M ☐ F ☒ Idade: 87 Escolaridade: 4ª Classe .

Profissão: Reformada Naturalidade: Praia da Vitória .

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de adoção de crianças terceirenses por casais norte-americanos)

Parte I – Caráter Geral

25- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população Terceirense?

As coisas na ilha evoluíram muito. Eles (americanos) chegaram e depois mandaram vir as famílias... a ilha toda teve de crescer...

Eles alugavam quartos e casas cá fora. Eu trabalhei na casa de americanos. Na altura as americanas metiam mulheres de trabalho (empregadas domésticas) e eu trabalhei para eles, era um dinheirinho bom, 350 escudos no fim do mês era um rico dinheirinho, não se podia perder (risos).

E depois as coisas foram evoluindo assim desta maneira...

Houve esses empregos na Base, eles depois começaram a dar empregos na Base, às pessoas, e... e já se sabe a vida vai continuando assim.

Eles mudaram tudo, por completo.

26- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Foi a vida melhor que trouxeram...

E desvantagens?

Não teve...

27- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Isso então, fizeram muito. Eles ajudavam os pequenos que andavam ali de roda, davam comida, roupas... ajudavam nos orfanatos, levavam muito! Iam buscá-los para irem a festas na Base, davam prendas e comida...

28- Acha que os americanos ajudavam a população local?

Eles eram muito chegados às pessoas, estavam sempre prontos a ajudar....
Consegue-nos descrever algum episódio?

29- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Ah foi!

Como?

Pois a vida começou logo a mudar, ficamos melhor... apareceu trabalho e não era só para os homens, eu também fui trabalhar na casa dos americanos, era mais um dinheirinho...fazia diferença.

30- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos? E as menos boas?

A melhor recordação que tenho dos americanos ... eram aquelas caixinhas que davam na escola (risos) ... é a minha melhor recordação era dum tempo que não tínhamos nada e aquilo era tão bom! Coisas que não tínhamos, que nunca sequer tínhamos visto.... Aquilo trazia uns brinquedos que nunca tínhamos visto. E o cheiro! Levavam às escolas. Aquilo era uma alegria! Aquelas caixinhas são a melhor recordação que a “gente” tinha (risos). Aquelas caixinhas eram muito boas.

Aí eles, também tinham, era assim: eles levavam as crianças da escola à Base, a uns barracões e ofereciam comida, faziam uma festa pelo Natal, para as crianças... Davam comida para a “gente” comer, eram bolos, era “*Hot dogs*” (risos) a “gente” nem sabia aquilo o que era... era carne “intermeio” de pão (risos), para a “gente” comer... e depois no fim também davam... doces e assim...

Parte II – Adoção

31- Conhece algum caso em que os norte-americanos tenham adotado/levado alguma criança portuguesa? Sim X Não

Pode-nos descrever o caso que conhece?

Eu assisti... não foi por vontade própria, mas fui com uma amiga minha para o hospital para ela ter o seu bebé... e estava lá uma senhora a ter a sua filha... e quando a filha nasceu, ela disse, parece que ainda estou a ouvir, ela disse: “Tira-me esta pequena daqui para fora que eu não a quero ver” ... Ela foi dada para adoção.

Aquilo meteu-me uma impressão! Fui ao quarto dela e disse “ah senhora isso é a sua filha, a senhora tem coragem...” “Eu não a quero ver, eu não a quero ver, tirem-me daqui do quarto, tirem-me daqui do quarto!” ...

Pois essa pequena, uns “pretos” é que a adotaram e é que a levaram... Este é o único caso que eu conheci.

32- Que idade tinha a criança quando foi adotada?

Foi mesmo recém-nascida.

33- Por que motivo as famílias optaram por dar a criança para adoção?

Eu não sei, porque nunca falei com ninguém a respeito disso, mas no meu entender acho que foi assim: os americanos tinham vidas muito boas. Aqui eram pessoas que viviam muito bem! De maneira que tinha algumas pessoas que não podiam dar aos filhos aquilo que gostavam de dar, e lembravam-se que talvez eles indo para a América iam ter uma vida melhor. Eu não acredito que dessem os pequenos para se verem livres deles (filhos)... isso não senhora. Agora se era para dar uma vida melhor? Isso, eu acredito que sim!

34- Consegue-nos descrever como foi a entrega da criança?

Os americanos já estavam à espera da pequena, aquilo foi tirar da mãe e dar a eles.

35- Como descreve então a separação da mãe biológica?

Pois foi a mãe nem querer ver a pequena, aquilo foi logo dada aos americanos, eles estavam lá (no hospital), logo para levar a pequena. A mãe nem queria ver a pequena. Aquilo meteu-me uma impressão!

36- Nesse caso, sabe se houve contato com a família biológica?

Não sei

37- Antes de partir para os Estados Unidos da América, sabe se a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Ah sim, ela ainda esteve uns tempinhos com o casal, ela era mesmo para ser adotada por eles, mas o governo americano depois não deixou...

Então ela acabou por não ser adotada?

Não porque o governo americano não aceitou a pequena porque os pais eram de cor e a pequena era branca. E o governo americano não aceitou que eles adotassem a pequena... esse caso eu sei bem!

E o que aconteceu a esta menina? Ela voltou para a mãe?

Ela era bebé. A mãe não tinha condições... Uma pessoa que conheço é que acabou por ficar com ela, é que a adotou...

38- A família tem contato com a pessoa que foi adotada? Como é a relação? A família adotiva permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica?

Ela hoje dá-se muito bem com os seus irmãos, mas também viviam todos cá, eles conheciam-se todos... houve sempre qualquer coisa..., mas pais são os que a criaram...

39- Como a senhora acha que eram os processos de adoção das crianças portuguesas pelos americanos? Eram legalizados?

Eles faziam papéis... essa pequena, os americanos fizeram os papéis para ela ir, o governo americano é que não deixou, eles prepararam tudo para ela ir..., mas como eram de cor e ela branca, o governo americano não deixou... Isso já foi há tanto ano!

Então esses processos eram feitos aqui nos Açores?

Ah sim... foi tudo feito cá, a pequena é que não chegou a sair daqui.

40- Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, naquela família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?

Ah havia então “intermeios”!

Eu conheci uma pessoa que muito fez junto dos americanos e das famílias, para dar os pequenos para adoção. Eu conheci uma senhora que fazia isso... Eu não sei se ela ganhava alguma coisa com isso, isso eu não sei...

Ela é que conhecia as famílias cá fora que podiam dar os filhos e conhecia muitos americanos...

Havia sempre alguém cá fora “intermeio”, eles não iam bater à porta de ninguém... porque não sabiam. Podiam era dar a entender a essa senhora, porque ela conhecia muitos americanos e convivia muito com eles.... Podiam era dizer (americanos) que gostavam (de adotar) e ela por si é que se informava quem é que queria e quem não queria. Isto é uma ideia minha.

Eu falei com ela muitas vezes porque a “gente” era amigas, mas não falávamos nesse assunto.

41- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever-nos outros casos que conheça?

Não sei... Talvez na altura eu soubesse de mais algum, mas agora não me lembro...

42- Os casos de que tem conhecimento, foram legalizados? No caso de não serem, como estas crianças saiam do país?

Pessoalmente não posso dizer grande coisa porque eu não sei como era feito esses processos, ou como é que esses pequenos saiam daqui..., mas eu acho que havia papéis...

43- Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum?

Isso era um assunto que toda a “gente” sabia, mas não se falava nisso. Não, não se falava sobre isso, não se falava nem uns com os outros... ninguém comentava!

E não havia denúncias? As autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?

Não te sei dizer... as autoridades talvez até soubessem... acho que sim.

44- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Não faço a mais pequena ideia.

A senhora acha que foram muitos, poucos, só o caso que conheceu?

Pois não sei..., mas sei que não foi só essa pequena. Eu não estava muito dentro dessas coisas, mas ouvia falar que eles (americanos) adotavam pequenos, nessa altura...

45- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Eu até gostava de saber mais... mas não sei...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista III

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Matilde **Sexo:** M ☐ F ☒ **Idade:** 82 **Escolaridade:** Sem
escolaridade **Profissão:** Pensionista **Naturalidade:** Praia da Vitória

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de adoção de crianças terceirenses por casais norte-americanos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população Terceirense?

Eles deram a vida à Terceira!

Como é que eles deram a vida à Terceira?

Por tudo, por dinheiro, por a “gente” estar empregados na Base...

2- Que vantagens teve a vinda dos americanos para a ilha Terceira?

Ah foi então os trabalhos na Base! Deu vida à ilha toda. Foi o melhor patrão... de 15 em 15 dias...a “gente” estava a receber. Foi a melhor coisa que aconteceu na nossa ilha.

E desvantagens?

Só tenho coisas boas...

3- O que acha que os americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E principalmente pelas crianças e jovens da ilha?

Olha, eles vinham buscar os pequenos, quando era no Natal, de “trela” (transporte para deslocação dos trabalhadores para a Base) ... levavam os pequenos para a Base, faziam uma festa, davam prendas de Natal... passavam pelas freguesias a ir buscar os pequenos e à noite vinham trazer... Não te lembras das méis cheias de chocolate? **Lembro-me sim senhora.** Davam umas meias vermelhas cheias de “massame” (muito) aos pequenos...

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Eles ajudavam coisa séria... iam levar aos orfanatos, davam nas igrejas... Eles (entidades e trabalhadores) pediam na Base coisas que passavam de prazo e outras coisas para irem levar, para darem aos pobrezinhos da freguesia...

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Ah sim... e de que maneira.

Como?

O que o meu homem ganhava (trabalhador na Base) era para pagar a nossa casinha e o que ele trazia era para a “gente” comer. Foi o que criou os meus filhos! Esta casa, criei os meus filhos muito bem, porque tínhamos muito e bom! Não faltava nada! Naquele tempo havia muita abundância. E dava para mim e eu dava muito à minha irmã... Ela coitadinha passava muita necessidade, então! Até para os meus netos... Ficou tudo mais fácil... a vida ficou melhor.

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Foi ter criado os meus filhos, é que criou os meus filhos... Não foram só os meus! Foram os meus e os da minha irmã. O meu homem trazia sacas de arroz, de farinha... ele trabalhava de noite a descarregar barcos para levar as coisas para a Base, olha ele estava ali... trazia feijão, galinha, bacalhaus inteiros, “fruta encanada” (corruptela de “*canned fruit*”), era tudo! Tu não sabes o que era, não sabes o que foi!

E as menos boas?

Não, nada disso! Nossa Senhora faça aos americanos o que eles fizeram à minha vida.

Parte II – Adoção

7- Conhece algum caso em que os norte-americanos tenham adotado/levado alguma criança portuguesa? Sim X Não

Pode descrever os casos que conheceu?

Eu só me lembro de uma que deu, mas há de ter havido mais... a “gente” é que não soube.

8- E que idade tinha essa criança quando foi adotada?

Já era grandinha, já havia de ter uns 12 ou 13 anos.

9- E porque é que as famílias entregavam as crianças aos americanos, para adoção?

Porque antes queriam dar, como o caso da “tia” (nome da senhora), do que deixar a passar fome ou “desmanchar” (abortar). Olha ela morava no mato (casa muito afastada do centro da freguesia) ... aquilo era um mato. Só tinha duas casas, a dela e a da sogra, mas aquilo não eram casas, eram palheiros! Ela é que era muito limpinha... Era então muito limpa! Ela teve “massame” (muitos)! Foi um monte deles... (enumeração do nome dos filhos da senhora em causa) ...

Era muita pobreza... não sabes a pobreza e a fome que se passava naquele tempo! Um monte de filhos para se criar e tudo a morrer à fome!

Eles nem sequer tinham pão para dar a esses pequenos... Ela (mãe biológica) mesmo dizia que queria uma “codeazinha” de pão para os pequenos comerem e não tinha. Tomara que ela tivesse arranjado americanos para os mandar todos (filhos)... Aqueles pequenos que ficaram cá, acabaram por ser uns desgraçados... casaram para fugir à fome... antes tivesse dado tudo!

10- Lembra-se do dia da entrega da criança? Consegue-nos descrever?

Eles (americanos) passaram por aqui (na rua) naqueles carros muito grandes... para irem buscar a pequena. Lembro-me de no outro dia se falar que a pequena tinha ido com os americanos. Mas então não vi, a casa ficava lá para cima, no meio do mato (afastada).

Foi então os americanos que vieram buscar a pequena... ao “cabo de dias” (ao fim de dias) é que se soube que a “tia” (nome da senhora) “amanhou” (arranjou) passaporte para a filha ir para a América, um casal americano veio buscá-la...

11- Como foi a separação da família biológica?

Coitadinha! Pois há de ter sido ruim. Anos depois lembro-me de ela dizer “Que ninguém fizesse o que eu fiz”. Coitadinha, há de se ter arrependido “poderes” (muito)... o que ela há de ter chorado...

12- No caso que conhece sabe se houve contato com a família biológica? Sim X.

Não _____

Ela já veio cá muitas vezes.

E como mantiveram esse contato?

Naquele tempo para a pessoa ir para a América tinha de ser de carta de chamada... Ela diz que os americanos foram muito bons para ela. Ela é que mandou chamar a família toda. Foi tudo para a América... A mulher que a veio buscar foi muito boa para ela.

E manteve sempre contato com a família que ficou cá?

Sempre e ajudou a levar essa “gente” toda para a América (enumeração do nome dos irmãos).

Ela é que mandou as cartas de chamada para as que podiam ir...e não foi muitos anos depois, porque as irmãs eram muito novas quando foram para a América...

Ela veio cá, ver a casa onde tinha nascido, ela veio ver-me (vizinha).

E depois fez cartas de chamadas para os pequenos da irmã e para o homem dela... foi tudo! As irmãs, sobrinhas... tudo!

A americana deixou ela sempre falar com a família... Ela também já era grandinha! Ela disse-me, aí sentada: “Eu não tive sorte só para mim como tive sorte para as minhas irmãs”.

Ela foi muito feliz na América... no casamento é que então não foi feliz... coitadinha... Mas levou as suas irmãs, tudo para a América!

13- Antes de partir para os Estados Unidos da América, sabe se a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Pois talvez... não sei, só tornei a ver essa pequena, já mulher, quando veio cá...

14- Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, ela terá sentido?

É capaz, ela já era grande, tinha aqui as suas coisinhas e para falar lá com aquela “gente”? Falar americano! Deve ter sido difícil...

15- Essa criança sabia que tinha sido adotada?

Ela sempre soube... Era já uma pequena quando foi para a América... sempre soube de tudo!

16- A família tem contato com a pessoa que foi adotada?

Ah sim...

Como é a relação? A família adotiva permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica?

Sempre e ajudou a levar essa “gente” toda para a América (enumeração do nome dos irmãos). Ela é que mandou as cartas de chamada para as que podiam ir...e não foi muitos anos depois, porque as irmãs eram muito novas quando foram para a América...

Ela veio cá, ver a casa onde tinha nascido, ela veio ver-me (vizinha).

E depois fez cartas de chamadas para os pequenos da irmã e para o homem dela... foi tudo! As irmãs, sobrinhas... tudo!

A americana deixou ela sempre falar com a família... Ela também já era grandinha! Ela disse-me, aí sentada: “Eu não tive sorte só para mim como tive sorte para as minhas irmãs”.

Ela foi muito feliz na América... no casamento é que então não foi feliz... coitadinha... Mas levou as suas irmãs, tudo para a América!

17- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado, com “papéis passados”? Onde decorreu o processo? Nos Açores ou na América?

Cá nada! Não me parece... naquele tempo não era legal como hoje em dia, não havia papéis para isso, nada disso! Era tudo aldrabado, dava-se os pequenos e prontos.

18- Como os pais adotivos, os americanos, tinham conhecimento da existência de uma criança, naquela família, para adotar? Como era feito o contacto entre as famílias?

Olha, muito bem... deram-se em falar uns com os outros... isso ouvia-se, falava-se. Os americanos andavam por aí e iam vendo a pobreza, muitos filhos.... Havia, também, os que trabalhavam lá dentro (na Base) e que iam dizendo onde é que essa “gente” estava. As mulheres não podiam ter filhos, e eles queriam... então procuravam, haviam de perguntar e havia alguém que dizia e falava com essa “gente” (portuguesa) ...

19- Sabe que tipo de adoção a criança teve? Plena ou restrita?

Ah isso então não sei...

20- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever-nos outros casos que conheça?

Ouvi falar de uma que também já veio cá (Terceira) e ela não conheceu a sua mãe, ela saiu novinha, mas dizia-se que ela tinha ficado muito bem, havia de ter pena de não ter conhecido a mãe, porque ela já tinha morrido quando ela veio cá, ela (mãe biológica) morreu muito nova.

Essa pequena foi vendida! A sua mãe é que a vendeu e as outras irmãs foram trabalhar para as americanas e deram-se com montes de homens, era um filho de cada pai...

21- E achas que esses casos de que tem conhecimento, foram todos legalizados?

Cá nada! ...

Então como é que estas crianças saiam do país?

Havia de ser nos aviões militares...

22- Como eram vistas estas adoções pela comunidade local?

Olha era uma “dita” (coisa boa) para aqueles pequenos...

Era do conhecimento comum? Havia denúncias? As autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?

Então naquele tempo, deram em dizer uns aos outros... aquilo tudo se sabia... “assim que a pocata” (de repente) ... “ala poqueira” (partiam)... Toda a “gente” sabia, então...

Uns iam conhecendo os outros... e era aquela “gente” que trabalhava lá dentro (Base), as empregadas dos americanos e os trabalhadores...

Os americanos tinham filhos, mas gostava de adotar pequenos, ajudavam aqueles pobrezinhos... Era muita pobreza... e eles ficavam com aqueles pequenos, coitadinhos...

23- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Ah! Foi então muitos! Muitos, muitos.

24- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Isso de dar pequenos não é nada do outro mundo.... Davam aos americanos, mas quantos tinham rapazes e davam para madrinhas, vizinhos, irmãos criarem?... Os que iam para a América ainda ficava era bem melhor!

Queres ouvir uma coisa? Havia uma “tia” (senhora)... ficava grávida, e fazia aqueles abortos, pegava naqueles pequenos (fetos) e “botava” (colocava) pelo “regio” abaixo.

O que era o regio?

O “regio” era onde passava a água para o moinho, passava um “regio” onde tinha as pedras para lavar a roupa, e a “gente” ia lavar a roupa lá no “regio”, a água passava nesse “regio” e trazia aqueles corpinhos...

A água passava no “regio” para ir para o moinho para andar com a roda (azinha), a água bata nesta roda e a “gente” via os corpinhos a irem pela ribeira abaixo.

Não era melhor dar esses pequenos? Para mim era melhor...

Ela não ficava a gravidez toda, ela quando sentia que estava para bebé, fazia logo aqueles abortos e “botava” (colocava)... naquele tempo fazia-se um aborto como quem faz... como nada... Eram outros tempos... fazia-se filhos como nada e desfaziam-se deles assim (bate as costas das mãos em sinal de facilitismo, desinteresse).

Apanhava-se (via-se) pequenos “chinchinhos” (pequeninos) dessa maneira (utiliza as mãos para identificar o tamanho do corpo). Antes dar! Quando era do homem (marido) estava ok, quando não era... ninguém podia saber... Antes dar!

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista IV

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Mateus Sexo: M X F Idade: 69 Escolaridade: 6º ano,
como aluno auto-proposto Profissão: Reformado Naturalidade: Praia
da Vitória.

**(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de adoção de crianças
terceirenses por casais norte-americanos)**

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na Base das Lajes na população Terceirense?

Isso é indiscutível, no tempo foi a maior entidade empregadora da ilha, foi... por assim dizer uma das maiores influências em termos económicos. Na ilha, hoje, já não é tanto porque está relativamente reduzido, mas naquele tempo foi!

A “gente” era cerca de 3000 empregados... da Base e havia cerca de 2000, 2500 militares com famílias e tudo, que também eram capazes de se chegar para perto dos 3000... hoje está reduzido!

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

São enormes... enormes... (risos).

Portanto, tudo começou com os ingleses que já trouxeram alguma coisa. Mas quando os ingleses deixaram esta Base e vieram os americanos, trouxeram muito mais, muito mesmo...

Da ilha inteira havia trabalhadores da Base... na maioria residentes no “Ramo Grande”: Agualva, S. Brás, Fontinhas, Lajes, Praia, Cabo da Praia, Casa da Ribeira, enfim... Toda esta parte do concelho da Praia, em que tinha muito civis a trabalhar para eles (americanos)... acontece que havia também das Doze (Doze Ribeiras), de Angra, da Serreta, da ilha inteira!... Isso foi ramificado e acabou por ajudar, praticamente, a ilha inteira... no seu todo, mais concentrado no “Ramo Grande”, como acabei de dizer, mas estendeu-se a toda a ilha... podiam ser só 5 ou 6 numa freguesia, de uma freguesia mais

distante..., mas estas famílias, claro, apareciam no conceito da própria freguesia, como pessoas com mais poder de compra, com mais vantagem, com... não ricos, mas mais à vontade na vida... com mais poder económico com toda a certeza.

E desvantagens?

A poluição... que naquele tempo nem se sabia bem o que era... não posso descrever mais nada para além disso...

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Eles faziam muito! Havia um programa que eles chamavam “*People to People*” em que eles ajudavam muito as famílias pobres e brindavam as crianças, todos os anos com umas caixinhas, a “gente” chamava as caixinhas do Natal que os americanos davam, com brinquedos e miniaturas que nós como crianças no tempo, não tínhamos possibilidade de ter, e quando aquelas caixinhas chegavam, era uma alegria para toda a criançada escolar. Eles deixavam montes de coisas: piorrinhas, berlindes, ioiós e outras coisas parecidas...

E, portanto, eles tiveram uma influência muito grande... não vou dizer que os americanos foram Deuses... não são! O factor dólar, para eles é muito importante... Mas eles souberam conquistar a população com as suas dádivas e com a sua maneira de ser, apesar de ser uma cultura completamente diferente da nossa, eles conseguiram cativar os terceirenses.

E acho que os terceirenses devem muito a eles... hoje em dia com as políticas e as “mariquices” começaram a querer descobrir aquilo e aquele outro...nomeadamente as contaminações dos terrenos, com isto... Mas isso é quase cuspir no prato onde comeram... não vou dizer que eles não têm razão... não vou dizer que os americanos não poluíram bastante a ilha. Poluíram sim senhor! Mas no tempo, não se reparava nisso, quem é que falava em poluição? É claro que eles estragaram bastante, ambientalmente, a ilha, mas era uso e costume, toa a “gente” o fazia, mas pelo menos havia recolha de lixo, não havia lixo no caminho, hoje em dia, vemos muito lixo pelos caminhos, sem necessidade, porque hoje há recursos... Naquele tempo, é que nem havia recursos!

A lixeira da Caldeira, por exemplo, hoje acho aquilo péssimo, naquele tempo... normal! E muita “gente” vivia do lixo que era posto na Caldeira, matou a fome a muita “gente”.

Havia um senhor que tinha um curral de porcos, e lá bem ao pé da lixeira, ele largava-os (soltava os porcos) quando os carros de lixo iam lá despejar e eles (porcos) iam lá chafurdar naquilo tudo e era de lá que se alimentavam e se comia a “carninha” do porquinho (risos).

Comia tudo dali (da lixeira), eu lembro-me de pessoas, os americanos eram muito restritos em relação a coisas que passavam da data limite de consumo e que ainda estavam muito boas, ou então latas de conserva ou de compota ou outra coisa qualquer e levavam um toque ou que ficavam “cambadas” (amolgadas), as pessoas aproveitavam aquilo e levavam para casa e comiam... não sei, não é do teu tempo, mas lembro-me de um senhor que trazia coisas para casa... aquelas “palhinhas” que a “gente” dizia que era “palhinhas”, que era o cereal de milho, vinham em saquinhos e vinham muitos da Base desta maneira...

Eram coisas muito diferentes do que tínhamos... Eu passei muitas semanas a pão de milho... era ouro sobre azul (risos) quando se apanhava umas coisinhas da Base.

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Eles eram bastante solidários, sempre que acontecia uma pequena catástrofe, eles (americanos), estavam lá para ajudar, inclusivamente quando fui para os bombeiros... a “gente” ainda tinha um perímetro de cerca de 6 km fora da Base a que atendíamos chamadas ou incêndios ou a qualquer outra coisa que acontecesse, que pudéssemos ser solidários com a população... Depois apareceram os bombeiros voluntários e aí nós ficamos como uma segunda ajuda, num caso de incêndio ou de alguma catástrofe.

Mesmo quando... a 12 de dezembro e não me lembro agora do ano em que foram as cheias na Agualva (08/12/1962), os americanos saíram à rua, arregaçaram as mangas e foram trabalhar juntamente com a população..., portanto eu não posso... tenho algumas coisas em que poderia dizer mal, mas são pessoais... não abrangem a totalidade da população...

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Sem dúvida.

Como?

Como criança, jovem, para ajudar às famílias, uma grande parte dos rapazes do “Ramo Grande” eram *Caddies* no Campo de Golfe.

O Campo de Golfe, através da Base disponibilizou um professor... para dar aulas de inglês, para que a “gente” aprendesse o inglês... Quase todos, aqueles que souberam aproveitar bem, aprenderam o inglês e depois quando atingiram os 18 anos, que era quando não podia ser mais *Caddy*... fomos fazer os nossos exames de aptidão de inglês... no escritório civil da Base, e quase todos passamos com bons valores, porque tínhamos aprendido o suficiente, através das 4h por semana de escola que tínhamos (no Campo de Golfe).

O Campo de Golfe foi o pontapé de saída para uma grande parte dos jovens que trabalhavam lá em cima no Campo de Golfe.

Aí fizemos os nossos exames e íamos sendo chamados conforme as vagas que iam aparecendo e claro, aproveitavam aqueles que mais inglês sabiam, porque era do interesse dos próprios americanos, terem alguém a trabalhar para eles que percebesse a língua. E assim foi! Fui fazer exame e tal... e tudo começou no Golfe.

Hoje temos grandes jogadores de Golfe que foram *Caddies* naquela altura.

E depois fui chamado para uma vaga, fui entrevistado e fiquei... fiquei a trabalhar na Base... e foi assim que comecei e toda a minha vida foi na Base.

E diria que foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida... eu hoje sou aquilo que sou... não sou... um abastado, mas vivo muito bem, tenho uma pensão muito boa que dá para eu viver à-vontade e à grande. A rico nunca vou chegar porque não tenho os milhões (risos) e esses milhões não dão grandes felicidades. Viver com o que a “gente” tem, bem gerido, é aquilo que sou.... Muita boa qualidade de vida! Eu não vinha de famílias ricas, eu vinha era das famílias mais pobres! E fiz de tudo e mais alguma coisa na minha vida, com batalhas que a minha mãe conseguiu vencer, eu fiz de tudo e mais alguma coisas. Comecei a trabalhar muito cedinho, não tive juventude... foi duro, minha vida começou a ser diferente a partir do momento que entrei na Base.

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

... Eu lembro-me... como recordação... de eles passarem nos carros para virem para a Agualva, para aquele posto de observação que tinham na Agualva, o NSGA, e que passavam e a “gente” saía para a rua e dizia “*Ei Jo Gama*” (corruptela de *Ei! Joe give me a gum*) e eles atiravam umas “gamas” (pastilha elástica) para os miúdos)... isso é uma recordação bastante infantil... mas eu sei lá, tem imensas coisas que agora não me ocorrem, que marcaram muito a minha vida, relativamente aos americanos... não os vou

pôr num altar, porque eles não são santos nenhuns e culturalmente tem uma cultura diferente da nossa e por isso mesmo há confrontos de culturas que... não nos caem muito bem, derivado ... eles não tem palavra. Há coisas que não nos “cabem” (entendem) a nós portugueses... não nos cabem... são culturas diferentes. Mas em termos gerias só posso é dizer bem daquela “gente”...

E as menos boas?

... Não! Não me recordo...

Parte II – Adoção

7- Conhece algum caso em que os norte-americanos tenham adotado/levado alguma criança portuguesa? Sim X Não

Pode-nos descrever os casos que conhece?

Não, porque eu não estava assim tão por perto e como ficávamos (viviam) mais distantes, não sabíamos disso. Mas todo o pessoal que vivia ali na área de Santa Rita, na área das Lajes, na área da... Serra de Santiago, etc... com muitas famílias pobres, algumas delas tem tendo vindo de outras ilhas, para cá... com muitas necessidades e cheias de filhos, chegaram a “doar” ... E houve de facto! Pode ter sido pequenos de outras freguesias, mas a maioria foi dali da Serra de Santiago e Santa Rita.

8- Que idade acha que essas crianças tinham quando eram adotadas?

Alguns eram bebés e outros já tinham talvez 2 ou 3 anos... os mais pequeninos...

9- Por que motivo as famílias optaram por dar a criança para adoção?

Falta de recursos... muita pobreza, muita miséria, não tinham com que sustentar os filhos... pois havia alguns que tinham filhos demais, porque não havia planeamento familiar (risos). Pois quando não havia planeamento familiar, aquilo era um tal fazer filhos por aí abaixo (risos).

10-No caso que conhece sabe se houve contato com a família biológica?

Sim Não X .

11-Antes de partir para os Estados Unidos da América, sabe se a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Se permaneceram, foi muito pouco tempo, provavelmente eles mostravam este interesse muito perto do fim das suas comissões de serviço, para os pais não se arrependessem ou irem lá bater...

12-Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, ela terá sentido?

Pois depende, se foram bebés, pois não conheciam outra forma de ser senão a americana, era como se fossem filhos dos americanos e terem começado desde muito cedo a serem americanos, com seus usos e costumes... e quando aprenderam a falar, já só aprenderam o inglês...

O problema, foi o caso de algum ter ido com mais idade e ter de esquecer as suas raízes, o que ficou cá na olha, adaptar-se a uma nova língua e uma nova forma de vida... não sei...

13-A criança sabia que tinha sido adotada? Como soube/descobriu que tinha sido adotada?

Alguns não... provavelmente outros... uma minoria. Talvez os pais adotivos lhes tivessem dito que eles eram adotados, mas a maioria acho que eles não souberam, ficou por serem filhos dos americanos...

14-A família tem contato com a pessoa que foi adotada?

Através dos programas que passou na televisão, percebi que um senhor cá da ilha desenvolve o reencontro das famílias, através dele soube de algumas coisas, e de alguns que se reencontraram...

Como é a relação?

Pois alguns aceitavam bem a coisa, porque já estavam bem na vida. Acha que... os pais biológicos como não tiveram na ocasião, recursos suficientes para tratar deles “ao fim e ao cabo” (no fim) foi um bem para eles terem sido “doados” pelos próprios pais...

E acha que a família adotiva permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica?

Isso aí, eu tenho muitas dúvidas em relação a isso porque não... não sei... mas, e provavelmente, tentavam cortar logo contatos para não haver ... para não perderem os filhos (adotivos)... Até um determinado ponto... quando eles eram de maior idade e sabiam que eles não eram os pais biológicos, alguns que tinham curiosidade em saber quem eram os pais biológicos, esses sim, tentarem entrar em contato com alguém que soubesse dos pais biológicos, nem que fosse só para os conhecerem. Não por quererem retaliações relativamente aos pais biológicos, mas porque gostariam de os conhecer...

15- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado? Onde decorreu o processo?

Nos Açores ou no país de acolhimento?

Algumas se calhar não... A maioria não... Eu desconheço essa parte, não na totalidade, mas sei que alguns foram resolvidos cá, mas se calhar outros, em determinadas circunstâncias foi um “vamos embora” em avião militar sem... sem precisar de grandes identidades, como era bebé...tinha nascido à pouco tempo, ainda não tinha tido tempo de legalizar e etc... Se calhar alguns foram sem a devida legalidade...

16- Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como era feito o contacto entre as famílias?

É normal da ilha (risos)... quem é que não conhece, seja lá em que ponto da ilha for? Ou de vista ou de bisbilhotice ou por se falar ou por se visitar ou por outra coisa qualquer...

Os americanos faziam parte disso quando estavam cá... quando estavam cá eram parte integrante da ilha Terceira... e depois sabiam através dos empregados civis de dentro da Base, e também daqueles que lhes interessavam... deste tipo de coisa, procuravam saber. E procurando saber basta perguntar aqui e ali... e algum vai dizer onde é que está...

17- Os casos de que tem conhecimento, foram legalizados?

Não me parece...

Então como é que estas crianças saíam do país?

Saíam com bilhetes de identidade passados pelos próprios americanos como se fossem pais deles... registados na Base através do escritório que eles tinham que era o “*Legal Office*” que é quase como um cartório... e eles iam lá registavam os pequenos iam com a papelada de... adoção, registavam como filhos e ficavam com os nomes dos pais adotivos... e suponho que tenha sido assim, não tenho a certeza porque nunca vi, mas para quem trabalhou lá dentro (na Base) tem uma certa perceção disso.

A “gente”, por exemplo, houve uma grande parte de americanos que compraram casas ou fizeram casas no tempo, em que não havia casas à venda, nem lotação dentro da Base para militares e civis ao serviço das Forças Armadas dos EUA, e então fez-se casas que foram as tais casas clandestinas em que em parceria com o Governo Regional e o Governo da República, deixaram construir.

As casas foram construídas, por exemplo, por 25 anos, e ao fim deste tempo as casas se calhar teriam de ser demolidas. Mas como eles compravam essas casas, os americanos vendiam de um para o outro e então as escrituras eram passadas nesse tal Escritório Legal (*Legal Office*) ... vulgo Cartório em que era passado um papel, dos quais eu tenho alguns, porque tenho 2 casas lá, que ainda estão no “ar”, porque fui teimoso e nunca deixei demolir... tenho 2 casas em Santa Rita...

Eram passados documentos “legais” à vista dos americanos porque passavam por esse tal “Cartório” e depois ia-se andando... E depois a Força Aérea “pôs o nariz” e foi até às Finanças e disse que a “gente” (proprietários) não pagavam mais IMI porque aquilo estava em terreno do Ministério da Defesa... enfim... o chão pode ser deles, mas o imóvel é meu...

18-Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum?

Alguns devem ter dito: “Fez muito bem, coitadinha não podia tratar do filho” e outros haviam de dizer: “Tal pena, quem dá um filho não tem consciência nenhuma, porque é assim e é assado” ... Mas acho que as pessoas entre si, no tempo em que isto aconteceu, não se podiam ajudar uns aos outros, nem mesmo os familiares, nem as outras pessoas... e quem podia não estava na disponibilidade de ajudar fosse quem fosse, estás a perceber? Depois uns diziam bem e outros diziam mal...

E será que havia denúncias? As autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?

Denúncias? Não! Mas que sabiam? Sabiam com toda a certeza... ninguém dizia nada, pois ninguém dizia nada, porquê? Não é comigo, estas a perceber? Era o encolher de ombros “Que é que eu vou fazer? Não me vou meter, nem vou denunciar. Vou denunciar para quê?”

As autoridades... faziam vista grossa! Sabiam com toda a certeza... e deixavam seguir... com toda a certeza...

19- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Epá... não faço ideia..., mas eu dou um número (risos)... aí uns 50 (risos), do meu ponto de vista... foram andando, se calhar até foram mais...

Mas, se calhar até foi mais... isto há de ter saído das “fronteiras” da ilha Terceira, os Açores são 9 pintinhas no meio do oceano e só não podemos é ir de carro (risos). Mas viaja-se de ilha para ilha com muita facilidade e se calhar alguns souberam noutras ilhas que haveria esta possibilidade e saltaram para um avião e foram procurar a ver se calhava... e se calhar a alguns até calhou...

20- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Eu desconhecia muitas coisas sobre a Base que só comecei a descobrir quando me empreguei lá (na Base) em 1970. Tinha 19 anos, foi aí que comecei e que tive o meu primeiro emprego.

Depois fui chamado para a tropa, no entanto, fui mobilizado para a Guiné e passei lá 20 meses... a guerra estava no auge... não sei como escapei!

Quando voltei... voltei para o mesmo emprego, porque tinha direito a reemprego, e a seguir deram-me opção de mudar para outro emprego, e eu disse “Eu vou seja lá para onde for, nem que seja para o carro do lixo, eu não quero é sair daqui” (risos)...

Fui para a secção de relvas, caminhos... cortei relvas, distribuí pessoal pelas obras... a partir daí, mais tarde, tive uma proposta para ir trabalhar para os carpinteiros, arranjei um amigo que me passou uma declaração, porque nunca tinha feito nada de carpinteiro (risos)... Eles ao fim ao cabo queriam era alguém que conduzisse e tivesse carta de pesados, para andar a distribuir pessoal pelas obras... mais tarde, fui a uma

entrevista para os bombeiros e fui bombeiro... fui andando, fui andando e cheguei ao topo de carreira. Fui fazendo cursos, fui mandado para a América... não éramos obrigados a ir, mas eu aceitei o desafio e fui fazer o curso de bombeiro e depois a partir daí fiz mais cursos... os americanos investiam nos portugueses para fazerem formação...

Progrei na carreira ... fui subindo, mas para subir também tive de “marrar”, reivindicar direitos... e foi assim, acabei por ficar à frente de um grupo de portugueses e americanos, cheguei ao topo...

Depois tive oportunidade de me comprarem o contrato de trabalho (deixar de trabalho com direito a indemnização) que eu aceitei, claro... pagavam, era o tal caso da indemnização...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista V

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Madalena Sexo: M ☐ F ☒ Idade: 79 Escolaridade: 4^a
Classe Profissão: Reformada Naturalidade: Praia da Vitória.

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de adoção de crianças
terceirenses por casais norte-americanos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população Terceirense?

Foram os trabalhos. Os homens foram trabalhar e já se sabe que se ganhou mais dinheiro... A vida então mudou para alguns! Os que puderam ir para lá (Base) esses ficaram melhor, agora os outros ficaram na mesma!

O meu homem trabalhou na Base, acabou por ser uma vida melhor para os meus filhos... Até diziam que éramos ricos só porque o meu homem foi trabalhar para a Base.

Ele foi trabalhar para a Base, ainda solteiro! Ele trabalhava a servir mestres, era mais sofrido e depois acabou por ir trabalhar para a Base, mas ele era solteiro, não sei como é que foi para lá (trabalhar para a Base) Deve ter dado o nome lá, porque ele nem é do tempo dos pequenos que iam para o golfe e depois iam para a Base... Ele ainda foi antes disso...

Já o meu filho, foi por causa do golfe, foi assim que ele (filho) foi para a Base...

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Foi os trabalhos... ah foi então...

E desvantagens?

Não, não...

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Lembro-me dos dias do pão por deus, o “trica-trica” (*TreatorTrick*) que eles iam aos americanos pedir e eles davam muitos “candinhos” (corruptela de *Candy*). Eles (crianças) iam pedir ao campo dos americanos.

Lembro-me de eles (americanos) darem as meias... Eles vinham trazer de ano a ano aquelas meias cheias de rebuçados... Mas não era para toda a “gente”, era para os mais pobrezinhos... Lembro-me de estar na porta da igreja para apanhar uma (saco em forma de meia com rebuçados) ...vinha “gamas” (corruptela de *Gum*), vinha chocolates, vinha coisas de lavar dentes, que a “gente” nem tinha nem sequer sabia para que servia (risos)... e foi assim, vinha aqueles rebuçados e “chocolatinhos”, aquelas coisinhas todas... “candinhos” (corruptela de *Candy*).

Quando o meu homem estava a trabalhar, vinha à minha casa os colegas e amigos americanos do meu homem, era um rancho deles... Ele tinha muitos amigos lá em baixo (Base).

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Antigamente, havia os que tinham os seus ganhos e outros era uma miséria medonha...

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Pois foi, como a de toda a “gente”...

Como?

Pois o meu homem trabalhou na Base e o que ele trazia ajudava muito. Ganhava-se à quinzena... era um rico dinheirinho... fez então diferença...

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

... Era o Natal... aquelas prendas... as meias... aquilo era uma alegria...

E as menos boas?

Não me lembro de nada!

Parte II – Adoção

7- Conhece algum caso em que os norte-americanos tenham adotado/levado alguma criança portuguesa? Sim X Não

Pode-nos descrever o caso que conhece?

Lembro-me de uma pequena que morava aqui na rua, a mãe morreu e ela ficou a morar na casa da tia. E foi para fora porque não tinha ninguém para tomar conta dela, e... eles eram muito pobres, muita miséria- e ela tinha uma tia que trabalhava para os americanos, acabou por dá-la a uns americanos. E ela acabou por ir para lá (EUA)...

8- Que idade tinha a criança quando foi adotada?

Ela já era grandinha, talvez uns 8 anos...

9- Por que motivo as famílias optaram por dar a criança para adoção?

Era para ter uma vida melhor, para ter alguém para tomar conta destes pequenos, porque elas (famílias) não podiam tomar conta de tanta rapariga, porque eles eram então uma “mão cheia” (muitas) delas...

Passava-se muita fome... naquele tempo passava-se muita fome e “não tinham com quê”, era mais uma boquinha para comer...

10- Lembra-se do dia da entrega da criança? Consegue-nos descrever?

Não me lembro, ela nessa altura já estava para casa da tia, lembro-me de se dizer que ela tinha sido dada aos americanos, mas então não vi nada. Ela quando a mãe morreu, foi morar para casa da tia, já morava aí para baixo, não sei onde é, era nas Lajes ou no Bairro da Lata (Serra de Santiago), não sei onde é... ela morava lá para baixo...

11- Como seria a separação da família biológica?

Pois havia de custar, então... havia de se pensar nisso, então... não se dava filhos assim... era muita “fominha”... tinha que se arranjar uma maneira...

12- No caso que conhece sabe se houve contato com a família biológica? Sim X Não

Essa rapariga, depois fez cartas de chamada para as irmãs todas, ela ajudou a família toda. Ela quando era grande mandou chamar tudo... Ela salvou aquela família toda. Eles cá viviam numa miséria medonha.

Então a criança manteve contato com a família?

Eu acho que sim, deve ter tido, ela sabia que tinha irmãs cá... Já era grande quando foi....

E como acha que mantinham esse contato?

Pois isso então não sei, naquele tempo havia de ser por carta, talvez...

13-Antes de partir para os Estados Unidos da América, sabe se a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Não me lembro, ela morava aí para baixo, mas a tia, não sei... Depois ouvimos dizer que ela tinha seguido (para os EUA), mas não sei os pormenores... E também foi há muito ano, não sei bem das vidas delas... elas estavam aí para baixo, saíram daqui e a “gente” ficou sem saber de nada!

14-Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, ela terá sentido?

Pois se calhar... falar o americano não há de ter sido fácil... deixar as irmãs atrás... se calhar foi por isso que depois as chamou todas para o pé de si...

15-A criança sabia que tinha sido adotada?

Ela então já era grande... já sabia, então, o que estava a acontecer... ter com aquela “gente” sem saber sequer que “gente” era aquela... ela então já havia de perceber...

16-A família tem contato com a pessoa que foi adotada? Como é a relação?

Pois elas agora estão todas juntas na América... elas são amigas... elas até já vieram cá... estão então bem!

Então a família adotiva deixou que a criança mantivesse contato com a família que ficou cá?

Pois deve ter deixado, porque ela levou essa “gente” toda para fora... ela é que fez as Cartas de Chamada... Agora está tudo juntinho aí para fora.

17-Como foi o processo de adoção? Foi legalizado?

Aí... não me parece... desaparecia tudo naquele tempo (risos). Naquele tempo, era só pegar e andar, não havia mais nada, não havia pessoas... não me parece... não era tempo destas coisas como há agora...

18- Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?

A tia trabalhava na Base... naquele tempo, lembro-me dessa pequena, ela até era uma pequena “fortinha”, era gordinha... estou vendo! Muito lindinha!... E essa tia é que arranhou esses americanos...

Ela era a filha mais novinha... as irmãs também trabalharam na base... aquilo era muita pobreza. O pai e a mãe já tinham morrido, e elas foram viver com aquela tia ..., mas as irmãs também trabalharam na casa das americanas, mas penso que foi a tia que arranhou os americanos... era muita “gente” naquela casa! Aquilo há de ter sido a alguns americanos que a tia conhecia, daqueles de lá de dentro da base...

19- O caso que tem conhecimento, foi legalizado?

Cá nada!

Então como é que esta criança saiu do país?

Pois eu sei lá! Essas coisas, a “gente” não sabia... a “gente” ouvia: olha fulano deu um pequeno aos americanos, e pronto, a “gente” não sabia então como é que eles faziam estas coisas... e a “gente”, também, não perguntava! ... Não se sabia deles, nunca mais os víamos, nem se falava mais deles! Iam aí para fora..., mas depois, a “gente” não sabia mais nada...

20- Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum? Havia denúncias? As autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?

Não me parece... ninguém dizia nada! ... Isso era uma coisa que não se falava... olha deu, pronto, acabou-se. Faziam o que queriam nas suas casas e pronto, ninguém se metia! Ninguém falava... só me lembro... deram e pronto... não se falava mais...

21- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Pois eu não sei, isso não se havia de se dar muitos filhos... Mas eu também, nunca fui uma pessoa de perguntar muito pela vida das pessoas... e de falar...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista VI

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Isabel **Sexo:** M ☐ F ☒ **Idade:** 63 **Escolaridade:** 6º
ano **Profissão:** Doméstica **Naturalidade:** Ponta Delgada .

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de adoção de crianças terceirenses por casais norte-americanos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população Terceirense?

Pois foi uma influência muito grande, eles é que deram trabalho a muita “gente”! Pessoal que está todo aí de São Miguel, está aí porque veio para trabalhar para os americanos. De Santa Maria, Graciosa, S. Jorge, várias ilhas, das 9 ilhas veio “gente” para trabalhar para os americanos. Foi uma influência muito grande, foram muitos trabalhos para essa “gente” toda... inclusive, esta casa onde eu moro, que agora está diferente, foi tudo feito com materiais que os americanos é que deram para bem das pessoas... esta casa era uma barraca, agora já está diferente.

Os americanos trouxeram muita influência... à ilha toda.

E a economia? Isso mexeu com tudo... tínhamos melhores empregos, podíamos comprar mais, e mesmo os americanos compravam muito no nosso comércio... eles fizeram muita falta. Ainda hoje passou ali (junto à Base) e doí-me o coração, trabalhei para muito boas famílias! Eu sempre vivi ao pé de americanos, vivi na rua A, de onde aquelas casas eram tudo americanos, depois fomos para a Cruz e era só americanos até à 25 de abril... eram tudo casas arrendadas aos americanos, e só aos 8 nos é que vim para a Serra.

Estas casas eram todas arrendadas para os americanos..., mas as casas todas aí por fora era tudo para americanos: Rua A, 25 de Abril, Cruz, Praia... esses arredores todos...

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Foi o emprego para esse pessoal todo...

E desvantagens?

Eu acho que não, eu acho que só houve vantagens.

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Muito, muito, muito... por exemplo iam a Angra, aos orfanatos levar não 1, nem 2, nem 3, era caixotaria medonha de roupas e calçado e comidas e tudo! Quanto se pedia por boca, eles iam levar aos orfanatos, ajudavam muito, muitas pessoas... vou terminar dizendo assim: eles não davam as casas porque não eram deles... tudo!

Inclusive a minha mãe, trabalhou numa americana, eu ainda estava na escola, mais as minhas outras duas irmãs, e neste dia, choveu, torrencialmente. Acabou a escola e chovia torrencialmente... olha como não tínhamos agasalhos, não tínhamos nada, ficamos ali..., mas estava a aproximar-se a hora do meu pai chegar mais a minha mãe. Metemo-nos a caminho, chegamos ali ao posto (entrada/saída Base), chegamos ali, a americana a chegar para vir trazer a minha mãe ali. E ela perguntou à minha mãe: “De quem são aquelas crianças que estão todas alagadas, sem um agasalho, sem nada?” – “São as minhas filhas.”

Não levou muitos dias, a americana... não trouxe um caixote, a americana trouxe caixotão, foi gabardines, foi sapatos, foi guarda-chuva, foi... tudo quanto se pediu por boca, aquela mulher trouxe para a “gente”, tudo, tudo...

Não se via nas escolas, aí dentro da Base, senão os americanos a ir levar prendinhas à “gente”, de vez em quando. A minha escola era dentro da Base... a “gente” aqui atravessávamos neste posto aqui e íamos a pé para a escola diretamente pela Base dentro... íamos a pé... E cheguei a sair daqui de onde moro para ir trabalhar para as americanas na 25 de abril... uma grande viagem, mas muitas vezes não havia dinheiro para a urbana... a “gente” levava sempre um saquinho, com uma muda de roupa, uns “shorts” e uma camisola para trabalhar nas casas das americanas, em Santa Luzia, na 25 de abril... Chegávamos lá todas alagadas e elas então, a “gente” despia-se, vestia aquela roupinha que tínhamos levado e elas davam autorização para secarmos nas máquinas, a roupinha que estava molhada... elas eram muito boas! Tivemos americanas muito boas! A “gente” acabava de trabalhar, e eu dizia assim: “Epá, agora tenho pena de vestir a

minha roupa porque estou toda suada” – “Não há problema, não há problema! Podes ir tomar duche na minha casa de banho e vestes a tua roupinha depois de estares lavada.”

Quem são as portuguesas que fazem isso à “gente”...se for preciso ainda falam mal da “gente”.

Eu trabalhei para americanas arrematadas, limpas, trabalhei para umas menos limpas e trabalhei para outras mesmo porcas (risos). Mas elas pagavam-me, eu tinha era de fazer! Mas que levavam todo o dia agradecer aquilo que a “gente” fazia, não havia dúvida, elas reconheciam o nosso trabalho...

Elas pagavam muito melhor que as portuguesas. Ganhamos muito dinheiro só em serões, aos fins de semana, que as americanas iam até às tantas para aí para a “ramboiada”. Depois elas chegavam, elas nem sequer contavam, elas pegavam no dinheiro e davam à “gente”... Credo, credo, o que isso não ajudava!... Eu digo mesmo, já se foi o tempo da galinha gorda...

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Nosso hospital de Angra, estou bem lembrada, estive com falta de oxigénio por causa do barco que não saía de S. Miguel porque estava muito ruim o tempo, e os americanos é que foram acudir... os americanos tinham um hospital enorme... eles ajudavam ali a muita “gente”.

Nunca se via nos hospitais ao fim de semana visitas, a não ser os americanos. Pelo Natal, qualquer festa que havia, quem aparecia no hospital a levar uma prendinha aos doentes, eram os americanos.

Quando vim para aqui com 8 anos, esta casa era uma barraca, esta casa já existia, isto quando havia fogo numa destas barracas, isto ardia tudo! E depois quem aparecia, os primeiros socorros eram os americanos com roupas, com comidas, com louças, com tudo o que era, porque as pessoas perdiam tudo!

E ajudaram-me muito e a muitas famílias, foi os americanos.

Eles estavam sempre ao nosso lado! Em tudo! Houvesse o que houvesse, os americanos, eles estavam prontos, eram os primeiros a chegar...

Lembro-me de um dia que choveu muito, muito... eu fiquei muito nervosa, minha mãe fez-me logo uma aguinha com açúcar...e no outro dia ouviu-se que na Casa da Ribeira tinha havido umas cheias, a ribeira tinha transbordado e tinha levado tudo... os

americanos foram os primeiros a chegar... e não faltou nada àquela “gente”, foi tudo e mais alguma coisa àquela “gente” que precisava...

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Ah foi, muito...

E como se sentiu influenciada?

Em tudo! Em termos de ajudas, de amizade, sei lá muita coisa... a minha vida foi muito melhor... Eu vim aqui para o Bairro, eu tinha 8 anos, a “gente” morava nas Figueiras do Paim, ali num molhinho de casas que havia... e lembro-me que foi o dia do “trica-trica”, a “gente” chamava o “trica-trica” (corruptela de “*treat or trick*”) e “gente” não fomos, porque meu pai não deixou a “gente” ir! Então esta americana, que a minha mãe trabalhava, soube que a “gente” não ia... hoje já não se vê muito destes sacos, eram uns sacos de papel grandes, castanhos, e ela então, encheu... foi ter com as americanas suas amigas... encheu um saco de papel e deu à minha mãe para ela levar para casa para a “gente”... para termos como os outros tinham...

A nosso respeito, eu e a minha mãe, que sempre trabalhamos para as americanas, nunca tivemos razão de queixa. Sempre tivemos boas pessoas... amigas, sempre muita amizade...

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Pois eu tenho muitas, mas a melhor de todas, tenho uma que me tocou muito. Eu fui convidada para ir fazer.... Houve umas americanas da Igreja, uma patroa minha que eu trabalhei, ela pediu-me se eu queria ir, porque elas iam para um convento (retiro) ali no Convento de Santa Catarina, em Angra... que elas foram para lá fazer um retiro num fim de semana. E esta americana pediu-me se eu queria ir para lá cozinhar o fim de semana para aquelas pessoas todas. E eu fui. Só que no sábado, elas vieram ter comigo e disseram: “A “gente” sabe que vocês estão muito cansadas de estar a cozinhar, lavar loiças e isso tudo... mas a “gente” vai-se reunir ali, naquela sala, para toda contar a sua história mais triste e a sua história mais alegre.” E assim que comecei a contar, coisas que passei na vida, eu fiz aquela “gente” chorar baba e ranho!

E memórias boas mesmo, era aquelas festas lindas que eles davam, que a “gente” ia ali para o Campo, onde eles tinham seus jogos de bola e Basebol e essa coisa toda... e depois davam aquelas festas muito grandes, e vinham aquelas grandes caixas de galinha

e de tudo quanto era comida. E eles quando acabava, eles não deitavam nada fora, eles chamavam a “gente” e davam!

Eles iam à escola, a meio do ano, levar uma caixinha, que a “gente” dizia a caixinha escolar, levavam lápis de escrever, lápis de cor... tudo o que pertencia assim à escola, levavam as “piorrinhas” e bolinhas para a “gente” jogar... Quando era pelo Natal, faziam uma festa muito grande ali no “Azoria”, faziam uma festa muito grande e davam uma prenda a todas as crianças da escola. Até, não sei se te lembras, mas havia a “Móbil”, aqueles trabalhadores, também eram convidados para aquela festa e tudo tinha prendas... era tudo ali no “Azoria”, ia a família toda, dos trabalhadores...

E quando era no “Dia do Peru” (*Thanksgiving*), convidavam sempre a minha família para ir para a casa deles... havia uma amizade... até tive muitas que diziam que eu fazia parte da família deles...

Eram sempre muito reconhecidas pelo nosso trabalho. Era desde o princípio do dia ao fim do dia, era sempre “obrigada, obrigada” ...

E as menos boas?

Não tenho nada a dizer, não tenho!

Parte II – Adoção

7- Conhece algum caso em que os norte-americanos tenham adotado/levado alguma criança portuguesa? Sim X Não

Pode-nos descrever o caso que conhece?

(risos)... Eles não adotavam, eles não ajudavam (risos)... Teve uma rapariga, aqui perto, ela já morreu, que aquilo era como quem desse uma laranja a uma criança que chegasse a porta e pedisse...

Eu via... a “gente” morava aqui, isso era tudo muita barraquinha, muita barraca, tudo muito juntinho... havia aqui perto uma mulher da vida, e ela deu muitos filhos! Não sei precisar quantos, mas ela deu muitos filhos aos americanos! E também deu a portugueses..., mas muitos a americanos! Agora adotar, adotar?

Trabalhei numa casa de uma americana, que adotou duas crianças portuguesas e depois veio a adotar mais dois, mas eu aí já não estava a trabalhar para ela. Esses pequenos acabaram por ir para a América..., mas estes foram adotados... mas teve outros que eram dados e prontos. Essa outra dava-os mesmo, como quem desse um bocadinho de pão...

8- Que idade tinha a criança quando foi adotada?

Essa daqui ela tinha-os e dava logo, eram recém-nascidos... era ter e dar... A americana adotou o primeiro, que a mãe lhe deu, ela tinha 3 meses, agora o irmãozinho já estava no orfanato, quando a americana o adotou, teve de ir buscar ao orfanato. Mas levou os dois irmãos. E ela ia todos os fins de semana ver o irmãozinho, levava-o sempre coisinhas... ele levava-lhe roupinhas novas, e então o tempo que a americana estava lá com ele (criança), estava com a sua roupinha nova vestida, enquanto a americana o visitava...ela levava-lhe guloseimas e coisas assim... e quando ela dizia que se ia embora, o pequeno dizia espera só um bocadinho e ele ia ao quarto, tirava a roupa e dava a ela. E ela dizia: “Não, eu trouxe isso foi para ti”, e o menino dizia: “não, não, elas vão pegar” ... ele tinha o corpinho todo marcado, quando a americana o foi buscar, ele tinha sido muito maltratado... ele dizia, que quando fazia xixi na cama, que as senhoras que estavam lá que o obrigava a tomar banho em água fria... ele contou muita coisa, a mim e à “nanny” (ama) deles...

9- Por que motivo as famílias optaram por dar a criança para adoção?

Pelo menos essa daqui de baixo, dava-os porque não os podia criar, não trabalhava, os homens que iam a ela, não assumiam nada, não lhe davam nada. Uma miséria! Muita fome, que ela passou, e por isso é que ela os dava.

10- Lembra-se do dia da entrega da criança? Conseguem nos descrever?

Isto eu nunca vi, porque naquela altura a “gente” andava na escola... e depois quando a “gente” vinha da escola é que ouvia essas coisas... a criança já tinha ido... já tinham andado...

Agora que eu me lembro de ver uma americana aqui, porque vinha buscar uma pequena, que ia dar a ela (americana), uma senhora de um capitão, uma rapariga nova, de famílias, eles tinham um menino, mas ela tinha uma irmã que não podia ter filhos, que não estava cá, e ela já tinha adotado três meninas, a minha mãe trabalhou na casa dela. Ela mostrou fotografias das pequenas que a irmã já tinha adotado..., mas eram três princesas... aqueles vestidos lindos, os cabelos muito ondulados, lindos... e ela veio para adotar a um casal que morava aqui, umas barracas mais abaixo...só que esta pequena tinha problemas, ela veio buscar a pequena..., mas só que disse logo a eles, mal olhou para a pequena, “Eu vou levá-la, vou levá-la ao médico, para saber se ela é saudável e depois eu resolvo e venho cá falar com vocês”. Ela levou, essa pequena tinha

problemas e ela acabou por vir trazer a pequena de volta. Mas era para ser dada... ela depois ia tratar das coisas para seguir, a pequena é que tinha problema, não sei então o que era, e ela desistiu. Eu lembro perfeitamente dela vir a casa deles (pais biológicos) ... Eles (americanos) andavam aqui na rua...

A minha mãe trabalhava para ela e a minha mãe é que veio com ela dizer onde é que morava essa pessoa...

11- Como foi a separação da família biológica?

Isso havia de custar, mas eu penso que ela ficava contente porque eles iam para uma vida melhor..., mas eu não sei bem, porque antigamente as pessoas nem expressavam bem as suas emoções...

12- No caso que conhece sabe se houve contato com a família biológica? Sim X

Não _____

Como mantiveram esse contato?

A mãe aparecia em casa da americana, enquanto a pequena não foi adotada, isso daquela que eu acompanhei, onde eu trabalhava, nos outros não sei. Mas enquanto a pequena não foi adotada, ela aparecia lá de vez enquanto, a pedir também uma coisinha... mas depois ela desapareceu...o pai desta pequena, era uma bebé linda, com 3 meses, muito cor de rosa, uma coisa linda, e o irmão também era lindíssimo. E penso que o pai destes pequenos, chegou a vir com a mãe a casa da americana.

13- Antes de partir para os Estados Unidos da América, sabe se a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Pois... alguns era quase em cima da hora...era uma coisa rápida.

Mas houve outros que sempre ficavam aí até irem embora... bem eles tinham que terminar algum processo para irem nos aviões! Mas antigamente havia muito os aviões militares que ... entrava-se e andava-se e pronto... esses, se calhar, eram os que iam mais em cima da hora... (risos)

14- Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro?

Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, ela terá sentido?

Isso eu não sei, eles iam e nunca mais se sabia nada deles... nem eles contatavam mais... mesmo naquele tempo não havia contato possível...

15- A criança sabia que tinha sido adotada? Como soube/descobriu que tinha sido adotada?

Pois elas diziam que eram seus filhos..., mas quando eles chegavam a uma certa idade e tinham uma conversa com elas, eu então não sei... eu nunca trabalhei para nenhuma que, esta que eu trabalhei que adotou mesmo esses pequenos, esses eu sei que foram mesmo adotados... agora houve outros que deram, foram outras americanas, a “gente” sabia, porque aconteceu muito aqui de roda... conhecíamos essas pessoas!

16- A família tem contato com a pessoa que foi adotada?

Que eu me lembro, não, nunca vi nenhum aqui à procura da mãe... essa senhora que deu muitos, aqui mais abaixo, ela também já morreu há uns anos... não me lembro de nada disso...

E as famílias adotivas permitiam que as crianças mantivessem contato com as famílias biológicas?

Não, elas levavam e pronto, acabou-se! Acabou por ali...

17- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado?

(risos)... era como quem dava um bocado de pão, isso não havia papéis nem nada...davam e pronto. E depois as americanas iam registrar em seu nome, pronto, e aquilo, não se importavam! ... as pessoas, aquilo, como ei de explicar, aquilo era assim, a americana chegava ali, ela dava a criança, pronto acabou-se! Agora desenrasca-te que o problema é da americana, acabou-se! Naquele tempo, não havia papéis. Quando eu era criança, que me lembro desta, desta mulher, ter dado esta criança.

Agora quando trabalhei na americana, havia um advogado em Angra que é que tratava disso, aí já não se fazia isso (dar) e ela foi a esse advogado, a “nanny” ia muito com ela por causa de conduzir em Angra, eles tinham aqueles carros muito grandes e ela não gostava de conduzir em Angra, então levava a “nanny” consigo (risos). Nessa altura, ainda não havia muitos casos, mas já não se podia fazer isso (dar), ela fez um processo nesse advogado... as coisas mudaram. Tanto que ela deu a pequena de 3 meses

à americana, e quando a americana foi falar com esse advogado por causa da papelada, ele disse a ela, mas vais ter de pôr essa pequena no orfanato, e depois faz de contas que a foste lá buscar...

Onde decorreu o processo? Nos Açores ou no país de acolhimento?

Isso foi tudo resolvido cá, eles quando saíam daqui, já levavam as coisas feitas... isso quando havia coisas para fazer (risos), porque antes era pegar e andar.

18- Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?

Como é que elas se conheciam? Era através das empregadas, das pessoas daqui de roda que sabiam onde é que estes bebés estavam... iam para lá limpar, como a minha mãe. A minha mãe, era assim... a “gente” era muito pobre, íamos descalços para a escola, sem agasalhos nem nada, até fomes passamos, mas a minha mãe dizia, eu sei de quem é que quer dar, agora os meus filhos eu não dou a ninguém...

Era tudo contatos com as pessoas que trabalhavam para eles...

19- No caso da criança que a senhora conheceu, que foi legalmente adotada, a senhora sabe que tipo de adoção a criança teve? Foi uma adoção plena ou restrita?

Isto não sei, naquela altura a “gente” nem sabia isso o que era, estava adotada e pronto.

20- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever-nos outros casos que conheça?

Antigamente, que me lembre de adotar, adotar mesmo, foi só mesmo esses pequenos que te falei. Esta é que foi tudo legal.

Agora, antigamente, os filhos todos que deram, deram e pronto e nunca mais se falava nisso...

21- Se esses casos não eram legalizados, como é que estas crianças saíam do país?

Eles saíam, e eles entravam na América! Não sei como é que elas resolviam isso... não falo sequer ideia... eu era uma criança, a minha mãe trabalhava para eles, mas era de costura, não estava propriamente... a minha mãe também não compreendia, ela compreendia algumas coisas, e falava bem pouco de inglês... a minha mãe dizia que

nem queria saber, mas que aqueles pequenos iam ficar muito melhor, iam... “Não sei como é que ela consegue dar esses filhos, mas que eles vão para um melhor caminho, vão.” Lembro-me da minha mãe dizer isso!

22- Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum?

Pois na altura, que elas faziam isso, as pessoas ficavam com uma “quezilhazinha” (quezila), mas prontos, mas depois passava, os filhos eram dela, ela fazia o que queria... e também havia quem dizia, “olha fez muito bem, é menos um para passar fome” ...

Havia denúncias?

Nunca, nada disso.

As autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?

Toda a “gente” sabia...

23- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Ahhh! Algumas, muitas!!! Muitas, mesmo... sem ser só daqui, mas da ilha toda...daqui eu sei que foram bastante...

24- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Há muita “gente” que não gosta dos americanos, mas é porque não conviveu com eles. E como hoje já temos muita coisa, mas se fosse naquele tempo, na pobreza do meu tempo, de quando eu era crianças, eles aí davam valor a eles... eram tempos muito diferentes.

Mesmo esses pequenos, se fosse hoje era diferente, mas naquele tempo não havia ajudas, era uma saída... ela (mãe biológica), passou tanta fome... ela vivia tão mal. Eu lembro-me de irem para o Comando americano, irem pedir camas para ela, traziam comidas, para ela e para os filhos...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista VII

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Leontina **Sexo:** M ☐ F ☒ **Idade:** 76 **Escolaridade:** 4ª
Classe **Profissão:** Reformada **Naturalidade:** Praia da Vitória .

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de adoção de crianças terceirenses por casais norte-americanos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na Base das Lajes na população terceirense?

Muito boa. A influência dos americanos para a “gente”, foi uma riqueza. Isto aqui, vinha os imigrantes das outras ilhas para aqui, era uma emigração entre os Açores. Eles vinham para cá, por causa dos americanos. Tenho um cunhado que veio com 16 anos, veio a mãe, que era viúva, veio as irmãs, emigrados para aqui. Ele foi trabalhar para a Base portuguesa e elas trabalhavam nas americanas.

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Tudo! Foi a abundância toda desta ilha foi esses americanos. Mexeu com tudo.

Antes dos americanos, foram os ingleses, eu era bebé... A minha mãe lavava muita roupa para eles (ingleses), e eles já me davam chocolates... as primeiras coisas que as pessoas da Terceira começaram a fazer foi a lavar roupa para os ingleses. Eles chegaram cá, não tinham nada, então começaram a pedir para lhes lavarem a roupa. A minha mãe também lavava para eles. Muitos anos depois, eu já casada, ela também trabalhou para umas americanas, que eram nossas vizinhas, moravam ali ao lado. A minha mãe saía da sua casa, passava duas casas e ia para casa das americanas... foi sempre em casa daquela, que era nossa vizinha. Olha excelentes pessoas.

Eu também trabalhei para elas. Eu também trabalhei na Base, mas para as americanas, de costureira, mas tinha os meus papéis, fazia as minhas análises, uma vez por ano, a “gente”, as empregadas de lá, tínhamos de fazer os exames gerais. Íamos ao

hospital americano e... Uma vez inquietei-me, porque elas achavam que eu tinha uma faringite, e elas acharam que tinha a garganta inflamada, mas não era. Era mesmo uma faringite que eu tinha, inquietei-me com eles de roda de mim (no Hospital), um via, o outro via, (médicos), por causa da garganta... era R-X, era análises, era peso... era isto tudo... para a “gente” ter o nosso “passe” para podermos ir trabalhar... os nossos contatos era através da Base americana.

Eu ainda fiz o exame do A e do B, na Base, mas era para ir para a lavanderia americana, mas uma “excomungada” meteu outra e eu fiquei para trás. Naquele tempo, quem tivesse o A ou o B (exames de acesso) era o essencial. O C já era para outras coisas, escritórios ..., mas para aquelas primeiras bases, que era o meu caso, o A e o B dava. Fui tirá-lo ao 5020. Eles lá no 5020, faziam o queriam, oh credo, metiam quem queriam... O 5020, era ali antes de entrar no Posto 1, era fora da Base... era uma casa de fora, ali é que a “gente” dava os nossos nomes, inscrições, os exames e através dali é que depois eramos chamadas...

E desvantagens?

Não houve! O quê? A “gente” estava tanto bem... o meu pai trabalhou para os americanos, mal eles vieram, meu pai foi empregado da Câmara Municipal, à noite conduzia o carro do lixo, meu pai trabalhava a vir buscar a mercadoria que ia toda para a Base, vinha aqui à doca.

O meu tempo ainda é do tempo, chamavam anfíbios, era terra e mar, eles tanto voavam como aterravam, andavam no mar como um barco, chegavam aqui à areia, vinham para cima como um carro e iam até à Base e transportavam mercadoria para cima e para baixo. A seguir disto, é que meu pai começou com este serviço. Depois teve a doca, eles ficavam aqui no meio da avenida... aquelas barcaças grandes é que trazia as coisas para a Base.

Depois o meu homem foi trabalhar, quando eu namorei o meu homem, eu tinha 13 ele tinha 22 anos, e a ele já tinha entrado para a Base a “gente” já se namorava, ele tinha 18 anos. Quando ele foi a primeira vez para a Base.

Eu sempre tive em muito contato com americanos, através de meu pai, pois meu pai ia levar para os aviões, transportava os lanches, para os tripulantes levarem... havia muita tripulação, era um disparate!

E dos tempos dos “ajatos” (corruptela de “Avião a Jato”) pequeninos que vinham e caíam aqui no Juncal, caíram pelo menos 3 seguidos, ali perto uns dos outros, foi, caiu ali perto daqueles bidões de gasolina... ali perto naqueles cerrados. Eles eram

pequeninos, mas faziam uma zaragata e a “gente” tinha medo quando eles passavam, não estávamos habituados àqueles barulhos...agora cá... quando vinham aqueles aviões grandes com as mercadorias para a Base, que a “gente” dizia: “Olha os aviões das encomendas” (risos).

Tão engraçado! Arranjei tantas amigas americanas, muitas... depois quando fiquei grávida, vim para casa e depois passei a trabalhar em casa para elas... então trabalhava para as mulheres de militares. Eu então tinha medo de trabalhar era para as “pretas”, elas eram exigentes, que mete medo! É verdade! Boas “pagadeiras” (pagavam bem) e boas pequenas, mas muito exigentes nas suas roupas...

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Tudo! Olha nas rendas das casas, muitos moravam cá fora.

E depois era a abundância que eles tinham e eram amigos de dar, às empregadas, das empregadas passava para a amiga da empregada.

E depois no lixo. Tudo o que eles não queriam deitavam fora. O meu pai trabalhava no lixo. Ele ia despejar o lixo à noite para a Caldeira e recuperava deles praticamente coisas novas... coisas que ainda usávamos... aquelas coisas dos Comissário quando era próximo de acabar o prazo, eles deitavam fora... meu pai às vezes trazia era as caixinhas dos lanches das tripulações...aí eles roubavam 2 ou 3 e traziam... porque então os ladrões da Base foram todos iguais (risos)... todos, todos... ou pregos ou martelos, tudo, tudo, traziam tudo quanto podiam... mesmo o dia que não traziam a “gente” já ficava de queixo caído (risos). Quando meu pai trazia, aqueles lanchinhos, com aqueles docinhos muito quentinhos, muito saborosos... aí tudo há espera!

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Havia o “trica-trica” (corruptela de *Trick or Treat*), lá vinham os pequenos todos cheios de sacos até às orelhas (risos). Elas compravam e davam. Os pequenos vinham despejar e iam outra vez buscar mais... agora não se nota nada disso, mas naquele tempo!

Depois começaram a comprar mobílias lá em cima na Base, quando fechavam os BOQ (alojamento militar), então as pessoas compravam: salas, carpetes, havia aqueles descontos grandes. E lindos que eles eram!

Tinha um que vinha aqui (americano) que gostava muito da minha irmã, fomos uma vez a um baile e ele era instrutor de pilotos e de vez enquanto vinha cá naqueles “ajatos” (aviões a jato) grandes. Ele queria mesmo casar com ela “deveras” (de verdade), mas depois ele teve de se ir embora, e foi esquecendo... Um dia aparece-me ele à porta, queria saber da minha irmã, e eu disse-lhe que ela já estava para a América, foi para lá para casar. Olha ela para a América e ele cá à procura dela. Queria por força a direção dela lá fora... eu às vezes dizia a minha irmã “Para que foi essa pressa em casar” ... ele era muito fino... Ele uma vez foi em viagem à Holanda e trouxe um molhe de túlipas para ela, as túlipas são a flor principal da Holanda! E ele trouxe um grande molhe de túlipas para oferece a ela (risos). Mas uma vez ele veio cá com uma cadela braba que ela ficou desgostosa “poderes” (risos). Tal pena (risos) ele tinha um posto altíssimo, tinha sido um melhor marido para ela, ela casou com o seu homem e ele não foi grande coisa...

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Foi em tudo!

Como?

Olha, eles desde que começaram a vir a vida começou logo a mudar, mais abundância.

Já no tempo do meu pai, a “gente” já tinha mais abundância por causa do que ele trazia, a “gente” era 9 filhos, erámos muitos! A Base ajudava a ter uma vida melhor, tudo, tudo!

Sabes eu quando me casei, o meu homem ganhava 400\$00, e dava para pagar a renda da casa, depois dava à Base portuguesa, à cantina, fazer as minhas compras, dava para isto tudo, 400\$00!

E depois eu também fiz muitas amizades com americanos, eles eram quase como família, a “gente” também mudava, começamos a fazer coisas como eles, a ter as coisas que eles tinham... mudou muito. A minha vida foi então muito diferente por causa dos americanos, senão fossem eles, a nossa vida então tinha sido bem mais difícil. Como é que minha mãe ia criar 9 filhos, como criou? E olha, criamo-nos bem... não nos faltava nada em casa. Meu pai trazia muita coisinha para a “gente”... foi então muito diferente!

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Foi de tudo... tudo o que já te contei, dá-me uma saudade. Tudo o que era deles eu gostava. Na Base, nas Passagens de Ano que eu ia para os Sargentos americanos, na ida ao B-X, desde que meu homem começou lá a trabalhar..., mas eu passava as Passagens de Ano, passava o dia da NAVY, o dia da Força Aérea, o “4th of July” íamos para a Base ver o fogo e a seguir os jantares...eu era muito virada para essas coisas (risos). Eu ia a tudo! Aquelas grandes festas da NAVY, era lindo, eles todos fardados, ia àqueles bailes, mas eram bailes com grandes orquestras que vinham de Angra, finas... era tudo finório...eles traziam coisas que nunca tínhamos visto... e que de outra maneira não íamos conhecer ... era tudo! Tudo!

Naquela altura, quando eu fui trabalhar, eu ganhava 45\$00 por dia, já ganhava que uma doméstica porque uma doméstica ganhava 20 e tal (escudos) eu como costureira ganhava 45\$00.

Houve uma americana, que vinha aqui, que eu fazia-lhe as coisas, foi casar à América e cismou que havia de levar as roupas todas feitas, para as damas de honor, para a mãe, para tudo. Pois, mas eu... os tamanhos é que eram a minha complicação. Então eu disse a ela se tive os moldes com os tamanhos delas, se tiveres o “size” certo delas eu faço, sei lá se são gordas se são magras (risos)... Ela levou tudo daqui feito! O seu vestido de noiva e as suas coisinhas todas! O que será feito dessa “gente”? Cria-se amizades. Eu tinha uma que era tal e qual como uma irmã minha. Contava-me as suas coisas, falava muito comigo, a “gente” éramos muito amigas! Ela quando se foi embora, ela ainda escreveu à minha mãe uma serie de vezes... era uma relação familiar...

Quando eu vim para casa grávida, teve uma daquelas pequenas, lá da Base, americana, uma delas antes de se ir embora, ela deu-me tudo para a minha filha: o leite, as fraldas, as roupas... ela comprou-me tudo. Ela ainda chegou a ver a minha filha quando nasceu. Só isso o que não ajudava!

Eu quando me casei, em 63, já levei os lençóis da Base, que o meu homem já trabalhava na Base, as minhas ofertas foi quase tudo coisas americanas, foi carpetes, foi candeeiros, foi isto, foi aquilo... foi tudo!

Eu já quando me casei, eu já tinha fogão, o frigorífico, não havia, mas eu tinha! A minha televisão americana! A minha antena estava em cima da maternidade do hospital da Praia (risos) que era para apanhar a televisão americana, não havia outra coisa... Vinha os rapazes para aqui ver boxe, os cowboys, “Bonança”, o “General Hospital” ...

muito via na televisão, eram coisas lindas. E aprendia-se muito através da televisão americana... aprendia-se muito inglês... eu tinha um gira-discos americano, ele toca todo o dia (risos)... eu sempre que me casei, eu sempre estive muito ligada a isso tudo!

E as menos boas?

Cá nada! Nada disso!

Parte II – Adoção

7- Conhece algum caso em que os norte-americanos tenham adotado/levado alguma criança portuguesa? Sim X Não

Pode-nos descrever os casos que conhece?

Eu não conhecia diretamente as pessoas, mas ouvia falar que elas pediam aos americanos para levar os pequenos.

Há pouco tempo é que me contaram, o meu avô se fosse vivo já tinha cento e tal anos, ele teve uma amante, ele era viúvo, e teve muitos anos com uma mulher que morreu. Depois ele esteve com uma mulher, ela tinha umas várias filhas, meu avô fez o parto a ela, e teve filhos com ela. Na altura essa mulher deu duas filhas, que a “gente” sabia, uma delas a mais nova, já não deve ser filha de meu avô porque era uma mulher que qualquer um (homem) servia, ela deu essas pequenas para a América. Ele acabava de fazer o parto e a criança já era enrolada e já era levada pelos americanos... não chegava sequer a fazer mais que aquilo. Uma vez a minha mãe pegou-se com ela e dizia que ela fazia isso (dar crianças), ela queria era matar a minha mãe... mas era verdade, ela dava pequenas, foram duas para américa e meu pai, que se dava com ela, fez-lhe vários partos, mas acho que a última, a mais novinha já não era filha do meu pai. E a irmã desta mulher também deu pequenas para a América... também deu. A que se deu com o meu avô era mais velha. O meu avô é que diziam que ele era pai destas pequenas... ele fazia partos a vacas e a tudo e fazia à sua mulher (risos)... ela tinha as pequenas mesmo em casa e meu avô só fazia os partos a ela!... era sempre um monte de rapazes, essas eram safadas (risos), azedas (risos)! ... tinham montes de rapazes...

8- Que idade tinha a criança quando foi adotada?

Recém-nascidas, era nascer e andar. Acabavam de fazer os partos e os americanos já estavam à espera para as levar.

9- Por que motivo as famílias optaram por dar a criança para adoção?

Pois eu acredito que isso era para os pequenos ficarem melhor... assim tiveram futuros, coisa que aqui não tinham... era a fome, era a necessidade, era o ter rapazes sem “tafulho” (muitos).

Na “rua de baixo” (Rua Padre Cruz), havia casa sim, casa não de mulheres que não prestavam, eram seguidas ..., mas as “macacas” não tinham rapazes, havia muitos abortos e muitas que iam entregar os pequenos...

10- Chegou a assistir a alguma entrega de alguma criança, ou de ouvir falar?

Oh! Não isso então não sei, lembro-me de se falar nisso, quando era mais nova, mas aquilo era um assunto que se sabia, olha deu e ali morria, não se sabia pormenores... sabia-se que os pequenos iam para a América e pronto...

11- Como é que a senhora acha que era a separação da família biológica?

Pois eu sei lá... elas davam aqueles pequenos logo à nascença, acabava de nascer e o americano já estava à espera ..., mas não acredito que ao longo do tempo não pensasse naqueles pequenos... deve ter custado!

12- No caso que conhece sabe se houve contato com a família biológica?

Sim _____ Não X .

13- Antes de partir para os Estados Unidos da América, sabe se a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Naquela altura, deviam ficar com eles aqui até acabarem as suas comissões... até embarcarem, pois quase sempre o tempo máximo que eles estavam cá, era 5 anos. Vinham por 2 (anos) e iam pedindo e renovando e o máximo era 5 anos e depois tinham mesmo de se ir embora para outra Base e levavam os pequenos consigo. Parece-me que haviam de procurar mais perto de se irem embora, para os levarem consigo... algumas já tinham filhos seus mesmo..., mas levavam mesmo assim...

14- Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro?

Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, ela terá sentido?

Muitos já eram grandinhos, também penavam, coitadinhos, iam para países diferentes, com pessoas diferente... e outros foram bem! Houve aqueles que iam bebés...

15- A criança sabia que tinha sido adotada? Como soube/descobriu que tinha sido adotada?

Algumas (americanas) contavam que tinham ido daqui, que eram adotadas... contavam que eram mães do coração... Mas outras não, nem sequer diziam nada...

16- A família tem contato com a pessoa que foi adotada?

Acho que não...

A família adotiva permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica?

Não me parece, aquilo era nova mãe, novo pai, nova nacionalidade, novas escolas, e acabava por esquecer e cortava-se tudo...

17- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado? Onde decorreu o processo?

Nos Açores ou no país de acolhimento?

Não! Eu acho que a maior parte foi tudo ilegal!

Até podiam legalizá-los aqui na Base, tinham de passar por aeroportos e mostrar declarações, isso resolvia-se aqui na Base, ou arranjavam maneira de passar ou mesmo por filhos dos americanos ou com um papel da Base e pronto...

18- Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?

Era bem. Havia sempre alguém que tinha um que queria dar, pois outra não os podia sustentar, depois havia muita pobreza, muita fome e era dado de qualquer maneira. Pois também legalidade havia pouca...

Aquilo alguém dizia aos americanos que ia nascer para os americanos irem buscar, isso era tudo combinado.

Conhecia, era num instante, eles sabiam! Havia empregadas das americanas, havia trabalhadores da Base, havia o Bairro da Lata, havia Santa Rita... as pobresas

maiores estavam encostadas à Base, era um passo dentro, um passo fora, sabia-se tudo... as partes... daquelas áreas foi de onde embarcou mais, era o que estava mais perto.

Uma filha deste meu avô, foram 7 filhos da segunda mulher, uma filha dessa mulher foi mãe de um americano da Base e depois casou com um pretinho e depois foi para a América com ele, e ele (americano) perfilhou essa pequena, já era uma filha adotiva deste americano.

19-Que tipo de adoção as crianças tiveram? Plena ou restrita?

Não tiveram (risos). Isso foi tudo ilegal.... Foi dar aquelas pequenas e prontos, agora os americanos que tomem conta, está feito!

20- Os casos de que tem conhecimento, foram legalizados?

Cá nada!

Então como é que estas crianças saiam do país?

Era muito bem. Era nos aviões militares! E davam o nome dos pequenos e toca a andar. Oh! Mulher, aquilo era tudo... eles (americanos) eram donos de tudo, tinham tudo nas suas mãos!

21-Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum?

Sabes o que é que eles diziam? Ah que sorte que estes pequenos tiveram... olha foi um futuro que ele teve, olha estas a ver aquela criança vai ter um futuro! Nunca vi ninguém a falar mal!

Isso eram casos que ficavam encerrados e não se falava mais nisso. Morriam por ali...

Havia denúncias? As autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?

Não, não acho que ninguém fazia nada disso. Era desgraça era tanta... claro que sabiam, mas o que é que iam fazer? Era uma sorte para aqueles pequenos, deixa rolar...

22-Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Ah! Não faço ideia. Naquela altura havia muitos que davam, mas então não sei quantos foram...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista VIII

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Rosa **Sexo:** M ☐ F ☒ **Idade:** 63 **Escolaridade:** 4ª classe
Profissão: Assistente Operacional **Naturalidade:** Praia da Vitória.

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de adoção de crianças terceirenses por casais norte-americanos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na Base das Lajes na população terceirense?

Que eles tiveram muita influência, eles tiveram... desde levar esses rapazes daqui para fora, darem trabalho e isso tudo... mexeu com a nossa terra toda, ficamos mais desenvolvidos... a nossa economia ficou tudo melhor...e veio muita “gente” das outras ilhas para cá, por causa desta Base e tudo. Isso também é verdade... na época, ajudou a muita “gente”.

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Pois foi a economia, para a economia isso foi muito bom! Deu muito jeito e muito trabalho a muita “gente”!

E desvantagens?

Fizeram algumas coisas menos boas, segundo aquilo que eu ouço, por causa destas águas, está tudo contaminado para aí... dizem que esse cancro e tudo tem muito a ver com isso, mas eu então não sei se é verdade ou não.

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Sim, ajudavam. Olha, aqui na escola sempre houve festa de Natal naquela escola, são miúdos muito carenciados, com falta de carinho, desde comida, muita coisa, hoje em dia talvez não tanto, mas naquele tempo era muita fome, havia uma grande

diferença. E eles (americanos) iam levar sempre prendas, todos anos, levam prendas, levam comida, levavam sempre comida para eles, tudo, tudo... sempre ajudaram muito aqueles pequenos... neste sentido...

Também estávamos aqui pertinho dos americanos, eles sabiam que aqui de roda havia muita “gente” pobrezinha, muito pequeno a passar “fominha”, vinham ajudar muito as famílias daqui de roda.

Eu cheguei a trabalhar para os americanos, e eles ajudavam muito às empregadas. Também trabalhei para eles, e ainda hoje, eu tenho pessoas que se correspondem comigo, através do “Face” ... e ainda hoje tenho uma americana, que quando o meu marido faleceu, naquela época, ela veio cá (dos EUA) de propósito me ver, e olha que o meu marido já morreu há 26 anos. Eu tinha trabalhado para ela muito tempo antes, e a “gente” sempre se correspondeu, ela era muito minha amiga, depois foi-se embora, mas ela nunca se esqueceu de mim.

E tive uma vez uma pequena americana, que eu criei, ela saiu daqui com 7 anos, já me veio ver, esteve aqui e veio-me ver... ficou cá dentro, ficou sempre a amizade e a “gente” continua com contatos...

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Ah! Quando havia uma desgraça nesta terra, os americanos é que metiam a mão para aí... estavam sempre prontos e ali ao nosso lado a arregaçar mangas e a ajudar... os bombeiros da Base e os militares eram sempre os primeiros a chegar!

Eles ajudaram sempre, eles são pessoas de ajudar! Só que agora que se foram embora, isso está tudo para aí que é uma miséria!

E ajudou muitas famílias cá na ilha, sem dúvida!

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira? Como?

Pois, eu tinha um nível de vida mais ou menos bem..., mas pronto..., eu fui trabalhar para também ajudar para a vida, porque eramos 5 pessoas em casa, está a entender? A mim ajudou, e ajudou muito...

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Olha quando eu era criança e íamos às portas deles pedir o “trica-trica” (corruptela de “*Treat or Trick*”) ... (risos). E vinha as sacas cheias. Mesmo já depois de estar a viúva, vinha crianças para a minha casa, filhas de pessoas amigas minhas, e levava os pequenos a ir pedir o “trica-trica”, íamos todos! Aquilo era uma alegria!

E as menos boas?

Não tenho más recordações, então.

Parte II – Adoção

7- Conhece algum caso em que os norte-americanos tenham adotado/levado alguma criança portuguesa? Sim X Não

Pode-nos descrever os casos que conhece?

Ouvia-se muito falar, conhecer pessoalmente, não conheço, mas ouvia-se muito falar nisso, principalmente quando eu era criança. Ouvi muitos casos...

Sei de uma que era mulher da vida, ela era mãe solteira, e se não me engano ela teve duas filhas que depois foram criadas num lar em Angra, a ideia que me ficou na minha memória, que me lembro das pessoas mais velhas a falarem. E sei que uma outra pequena então foi dada aos americanos. E essa pequena tinha o mesmo nome que a mãe. A mãe dela era uma pessoa de “porta aberta” como se dizia naquele tempo, sempre com muitos homens por ali..., mas ela era uma joia de pessoa. Mas tinha aquela vida. Foi a vida que teve. Ela já morreu. Ela veio de fora, penso que era de S. Jorge e veio para cá morar.

Ouvia também que eles iam muito aos orfanatos buscar pequenos, outros iam ter com os próprios pais a casa e levavam os pequenos, eles prometiam isto e aquilo e eles (crianças) lá iam. E os pais caíam na cantiga, pensando que iam dar um futuro melhor a eles, só que no meio deles todos houve muita “gente” que sofreu bastante!

8- Que idade tinha a criança quando foi adotada?

Era quase sempre os mais pequeninos, eles preferiam os bebés...

9- Porque motivo as famílias optaram por dar a criança para adoção?

Era porque não tinham posses... umas não tinham nada! Naquele tempo não havia pílula, era só fazer filhos (risos)... era muitos rapazes para sustentar, olha queres um, pega... era mesmo a pobreza, não havia posses para criar tanto filho.

Aquilo eles (americanos) prometiam o mundo e se calhar a maior parte deles foram uns tristes. Muitos americanos aqui eram ricos, tinham boas vidas, e chegavam lá fora e eram uns tristes, e ainda tinham menos que a “gente” (risos), mas cá tinham uma boa vida, e a “gente” gostava da vida deles, pensavam que os filhos iam ter aquelas vidas.

10- Como acha que era a separação da família biológica?

Eles talvez ficassem com a sua dor, com a sua marca... quem é mãe, é mãe... por mim não dava nenhum dos meus... nem que eu passasse fome, Deus me livre, mas naquele tempo era diferente, não havia mesmo maneira... às vezes não havia outra maneira, era muita pobreza!

11- No caso que ouviu sabe se houve contato com a família biológica? Sim_____
Não X.

12- Antes de partir para os Estados Unidos da América, sabe se a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Aquilo era perto de eles se irem embora, que era para ninguém por o “gadanho” (os tirar) em cima deles, aquilo era pegar e andar...rapazes para dentro do avião e “ala coleiro” (levar embora) e quanto mais depressa melhor! Foi rápido de certeza...

13- Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, ela terá sentido?

O início deve de ser muito difícil, e para já sem o seu próprio pai, sem a sua própria mãe, com uma família estranha! Deve ser para chorar muitas lágrimas, de certeza, deve ser... de repente vê-se sem os seus familiares, deve ser terrível! Para a cabeça da criança, deve de ser...

14-A criança sabia que tinha sido adotada? Como soube/descobriu que tinha sido adotada?

Eu acho que alguns descobriram por si próprios que foram adotados, pelo que fui ouvindo. Os americanos talvez não diziam, porque no meio desta “gente” toda, destes americanos todos, pode ter escapado alguma família americana muito boa, que tenha dado uma vida linda a uma criança, mas a maior parte, depois estava-se a marimbar para esses pequenos... nem queriam saber deles. E até sei, porque já ouvi, também, que até houve um (americano) que chegou a abusar de uma criança!

15-A família tem contato com a pessoa que foi adotada? Como é a relação?

Sim eu já ouvi, pessoas comentarem que tentarem encontrar as suas famílias, sei de pessoas que já vieram cá conhecer as suas famílias e tudo, já ouvi... eu penso que eles agora dão-se bem..., mas isso depende do coração de cada um. Deve haver um certo distanciamento e deve haver aqueles que querem mesmo abraçar aquilo que é seu ao fim de anos... depende de cada um...

A família adotiva permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica?

Não, eu acho que os americanos cortavam logo os contatos, eles iam-se logo embora... aquilo é como quem corta um cordão umbilical, aquilo ficava cortado de vez... também para não haver procura dos pais, senão eles iam bater à porta dos americanos “pedilhar” (pedir)... para não haver mais nada...

16-Como foi o processo de adoção? Foi legalizado? Onde decorreu o processo?

Nos Açores ou no país de acolhimento?

Oh! senhora, cá nada! Isto foi tudo com dinheiro debaixo da mesa (risos) o papel naquele tempo era pouco (risos) e custava dinheiro! Isso foi adoções por baixo da mesa...

17-Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?

Havia de ser algumas informações que alguém havia de dar, ou vizinhos ou mesmo alguém que trabalhasse em casa dos americanos, ou coisa assim... havia sempre alguém no meio destas coisas! Claro! Claro!

Havia uma senhora que deu muitos “babies” a troco de dinheiro, ela arranjava os bebés portugueses para dar aos americanos... coitadinhos. Ela é que fazia ali os negócios todos (risos)... Na época ouvia-se falar muito nela, eu conhecia pessoalmente, mas ela também já morreu já há muitos anos, mas ouvia-se falar muito nela que fazia esses negócios com esses “babies”. Mal nasciam, no hospital, ela ia buscá-los e já entregava, ela era a chefe (risos) da coisa. Eles nasciam, e a outra (intermediária) ia buscá-los e entregava logo aos americanos, as mães mal viam esses pequenos. Era tirar e andar... Ela própria é que ia buscar. Aquela mulher enriqueceu à custa da desgraça de muita “gente”, pode ter a certeza! Ela podia ter ajudado muitas famílias, eu acredito que aquele dinheiro era para ajudar também as famílias, podia ser uma parte para ela, mas havia de ser também para ajudar os que ficavam atrás, mas aquilo foi tudo para ela! A família parece-me que não chegou a ver tostão. Aquilo era para ela! Então não!

18-Mas será que houve casos legalizados? E que tipo de adoção estas crianças teriam? Uma adoção Plena ou restrita?

Há isso foi tudo por baixo da mesa... principalmente aqueles mais antigos... não tinham nada destas coisas de adoção... isso era mais ou menos troca por troca.

19-Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever-nos outros casos que conheça?

Eu conheci uma, que era também daqui perto, ela também deu um filho para a América..., mas ela antes de morrer, ela conseguiu saber dele. Ele depois começou a ter ligação com ela, com a mãe. Mas ela deu mais filhos, porque ela dizia que não sabia onde é que eles estavam... Ela às vezes dizia assim, eu não queria dar, mas aquela disse “dá, dá, que vai ser um futuro”, e ela coitadinha ia iludida pela outra. Ela coitadinha era assim uma pessoa mais para o “fraco”, esta a perceber? Era assim uma “serva de Deus”, como a “gente” costuma dizer. E ela foi dando naquela ilusão de um futuro. Muitos (filhos), ela não sabia deles!

20-Se os casos de que tem conhecimento, foram todos ilegais, como é que estas crianças saiam do país?

Oh! Senhora, era muito fácil, eles metiam-nos nos aviões militares, aquele avião levantava aqui “poisava” na América e já está! Estava feito. Vão para uma Base militar

para a América, não precisa cá passaportes nem nada... era de Base em Base, e iam passando como filhos dos americanos e pronto.

21-Então a senhora acha que as autoridades portuguesas e americanas tinham conhecimento?

Pois eu não sei eles sabiam, mas... se eles vinham para cá com 1 filho e levavam 2? Não sei... podia nascer cá algum (americano), mas se nascesse tinha de ficar cá registado “quemadado” (como deve ser)! Não sei, isso eu não sei... eles tinham o *Legal Office* mesmo na Base? De repente até sabiam e resolviam lá entre si essas coisas todas...

Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum? Havia denúncias?

Eu acho que elas não olhavam muito bem. Pois talvez não olhassem muito bem. As que eram mais discretas (espertas) ficavam com os seus em casa, não haviam de achar piada às outras a darem.

22-Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Não faço ideia, mas saíram muitos de certeza! Saíram muitos daqui para fora, muitos, muitos...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista IX

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Leonor **Sexo:** M ☐ F ☒ **Idade:** 82 **Escolaridade:** 3ª Classe
Profissão: Reformada **Naturalidade:** Praia da Vitória .

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de adoção de crianças terceirenses por casais norte-americanos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na Base das Lajes na população terceirense?

Foi nas nossas vidas todas. A vida melhorou para muita “gente”. Naquele tempo vivia-se muita pobreza, chega os americanos cheios de abundância a dar trabalhos a tanta “gente”... A “gente” não tinha nada... tínhamos o nosso porquinho, as batatinhas da terra, as couves... para fazer as nossas sopinhas... e eles chegam cheios de coisas novas, muita coisa... aquilo foi um mundo.... Era uma América!

As vidas ficaram melhores, veio mais dinheiro... as pessoas que trabalhavam na Base traziam muita coisa...

Os americanos andavam no meio da “gente”... com os seus carros muito grandes, a dar coisas a toda a “gente”. Quando sabiam que havia “gente” pobre, lá iam eles levar coisas aquela “gente”...

Foi um desenvolvimento para esta ilha.

Lembro-me de eles arranjam o sino da igreja da Agualva... aquilo foi um dia de festa no meio do adro (junto à igreja).

Eles andavam sempre no meio da “gente”... fez então muita diferença!

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Se os americanos não tivessem vindo para a terceira, tinha morrido de fome... em vez de darem rapazes aos americanos tinham posto tudo pela ribeira abaixo. Sabes é que antigamente, quando se lavava a roupa na ribeira, as pessoas que faziam os abortos, elas

provocavam abortos em casa dos pequenos que não eram dos homens, metiam os corpinhos pela ribeira abaixo...

E desvantagens?

Eu não vi desvantagens, só vi vantagens...

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Ajudavam às pessoas que trabalhavam lá dentro da Base... até acho que davam cabazes aos trabalhadores... davam muitas coisas a eles. Davam o trabalho. Os que trabalhavam na Base eram os pobres... porque os ricos da ilha não queriam ir para a Base. Os pequenos que iam descalços apanhar bolinhas para o Golf foram trabalhar para a Base, arranjavam emprego para a Base... acabou por matar a fome as pessoas da ilha com os empregos, e ajudavam muito os trabalhadores, faziam festas para os filhos e famílias dos trabalhadores... eles recebiam as prendas, lápis, cadernos... coisas para ajudar os pequenos...

Quando veio aquela “gente” toda das outras ilhas para cá viver, foram os americanos que deram as chapas até para fazerem as barracas... e deu emprego aquela “gente” para os tirarem da miséria.

Aproveitavam tudo o que os americanos davam. Lembro-me das latas, que se pedia aos americanos, usávamos para guardar a gordura, as latas “encanadas” , fazia-se comida, servia para pôr os torresmo, como forma de bolo... até serviu de penico para muita “gente” (risos). As latas eram muito apreciadas (risos). Era tudo a pedir latas uns aos outros, e os trabalhadores que iam arranjando nos americanos, davam a quem lhes pedia.

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Foi as rendas, só se queria alugar casas aos americanos eles é que pagavam bem... os ricos da cidade (Angra) fizeram casas de propósito para alugar aos americanos...

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Eu acho que não... nunca ninguém da minha família trabalhou na Base... era mesmo só aquelas coisas que davam quando a “gente” era canalha!

6- E o que eram essas coisas que davam quando era criança? Qual são então as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Olha era aquelas meias que davam pela altura do Natal, quando eramos canalha! Aquilo era uma festa, receber aqueles “candinhos” (corruptela de *candy*) todos! A “gente” que não comia 1 chocolate o ano inteiro, naquele dia tínhamos uma meia cheia deles (risos) aquilo é que era comer “chocolatinhos” ...

Eles quando iam à escola, primeiro foi essas meias e depois foi as “caixinhas”, a “gente” na noite antes não dormíamos... esperávamos aquele dia o ano todo (risos), vestíamos a nossa melhor roupinha para ir para a escola, porque os americanos iam levar as “caixinhas”.

E o que eram essas caixinhas?

Aquilo era assim umas caixinhas de papelão azuis e vermelhas, senão me enganou, e era as nossas prendas de Natal. Aquilo trazia “piorrinhas”, lápis, pasta de dentes (risos), livros, umas bonequinhas pequeninas..., mas essas caixinhas, já foi mais para o fim... Lembro-me bem é das meias... e o mais engraçado, é que era mesmo os americanos que vinham trazer essas coisas, naqueles carros que a “gente” dizia que eram banheiras (risos), eram muito grandes!

E as menos boas?

Pois foi como lhe disse, eu nunca tive muita relação com os americanos, era só mesmo naqueles tempos de canalha. Não tem nada contra eles.

Parte II – Adoção

7- Conhece algum caso em que os norte-americanos tenham adotado/levado alguma criança portuguesa? Sim X Não

Pode-nos descrever o caso que conhece?

Lembro-me então de muitos... de ouvir falar, volta e meia a “gente” ouvia dizer, olha fulano deu o pequeno para os americanos...

Havia uma que teve muitos pequenos e ela deu a mais novinha.... Acabou por dar, era mais uma para passar fome... Ela ficou viúva com aquelas pequenas todas para criar... teve que dar... era muita miséria...

Eu penso que tinha alguém que trabalhava na Base, alguém da família, ou a mãe dela (avó da criança) não sei bem... e penso que é que arranjou um casal americano que gostou da pequena e levou-a...

8- Que idade tinha a criança quando foi adotada?

Era muito pequenina.

9- Por que motivo as famílias optaram por dar a criança para adoção?

Algumas pareciam-se que se os americanos adotassem os pequenos, estavam a fazer bem a eles (crianças), elas (mães/famílias) eram muito pobrezinhas, era uma ajuda para esses pequenos... Ela (mãe biológica) chegou-me a dizer que ia ser bom para a pequena, porque ela ia para a América...

10- Lembra-se do dia da entrega da criança? Consegue-nos descrever?

Não vi nada disso, quando soube isso já estava tudo feito...

11- Como foi a separação da família biológica?

Pois então deve ter custado muito, lembro-me de se dizer que ela tinha chorado muito..., mas que era melhor, era mais uma para andar a passar fome... ela queria dar de comer aos pequenos e não tinha.... Aquilo era uma tristeza!

12- No caso que conhece sabe se houve contato com a família biológica? Sim X

Não _____

Como mantiveram esse contato?

Enquanto estiveram cá, deixarem que a mãe visse, mas depois acabou-se...

Enquanto estiveram cá, trataram sempre bem a mãe, mas depois não quiseram mais saber do que ficou atrás...

13- Antes de partir para os Estados Unidos da América, sabe se a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

A americana andou logo, com medo da mãe não lhe levar a pequena. Uma vizinha que sabia falar bem americano, ela é que foi explicar à americana que ela só queria ver a pequena..., mas eu sei que ela (americana) nunca deixou, ela levou logo a pequena daqui para fora...

14- Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro?

Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, ela terá sentido?

Pois eu não sei, mas eles eram tão bebés que era como se já fossem filhos dos americanos... não sabiam de outra vida...

15- A criança sabia que tinha sido adotada? Como soube/descobriu que tinha sido adotada?

Ah! Não sei! ... Não sei se os americanos contavam essas coisas aos pequenos...

16- A família tem contato com a pessoa que foi adotada? Como é a relação? A família adotiva permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica?

Desde que conheci nunca mais se soube nada dela, a mãe deu-a para América, e pronto, acabou-se nunca mais se soube dela.

17- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado?

Eles então, ficava tudo assinado. Era tudo legal então...

E onde decorreu o processo? Nos Açores ou no país de acolhimento?

... Isso era tudo tratado aqui, quando ela deu a pequena, fez logo os papéis, ficou logo tudo assinado.

18- Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?

Eram as empregadas dos americanos, elas moravam nas freguesias e é que diziam aos americanos quem eram as pessoas que tinham pequenos para dar...

Isso então era com as empregadas, umas com as outras e as americanas. Elas sabiam que os americanos queriam e conheciam as famílias mais pobres e também as mais “pobres de espírito” que haviam de querer dar, ou que já tinham dado... Era a falar umas com as outras, aquilo ia passando de boca em boca...

19- Que tipo de adoção a criança teve? Plena ou restrita?

Sei que teve papéis! Mas então não sei essas coisas...

20- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever-nos outros casos que conheça?

Havia uma que foi amante (nome do homem) e teve um pequeno desse homem... e ele tinha a sua mulher... olha ela ficou sozinha com o pequeno para criar, o homem (pai biológico) não a ajudava com nada... o que é que ela havia de fazer? Ela não tinha poderes para criar aquele pequeno... olha apareceu o americano, e ela deu o pequeno e pronto... e ele hoje há de estar nessas Américas e nunca mais ninguém soube dele. A mãe nunca mais soube dele... eu até acho que ela já morreu..., mas coitadinha, o que é que ela havia de fazer?

21- Os casos de que tem conhecimento, foram legalizados?

Pois, o que eu conheci melhor foi, e muitas foram! Mas eu acho que não foram todos... Naquele tempo havia muita pobreza e muita ignorância... esta que te contei, não me parece que tenha sido... não sei.

No caso de não serem, como estas crianças saiam do país?

Havia de ser naqueles aviões militares, aquilo na Base era tudo deles, eles (americanos) é que mandavam... e havia de haver aquele que registava o pequeno como seu e pronto... ou depois haviam de resolver quando chegassem à América, olha nasceu na Terceira, é americano e pronto...

22- Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum?

Pois olha... uns haviam de falar bem e outros haviam de falar mal..., mas as pessoas da freguesia sabiam então que isso acontecia, e não aconteceu só a uma, aconteceu mais!

Então não sabiam? Sabiam! Ninguém dizia era nada! Deu, pronto, está dado, não se falava mais nisso, depois ouvia-se falar, fulana deu o pequeno para a América, pronto, olha é uma sorte! E pronto, segue para a frente.

Havia denúncias?

Cá nada!

E as autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?

Toda a “gente” sabia! O que é que se havia de fazer? Aquilo era uma esmola, aqueles pequenos irem para a América... deixa seguir.

23- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Ah! Foi muitos, então... se fosse para contar tudo a miúdo, e mais todos os que nunca se chega a saber... foi então muito pequeno para a América...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista X

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Guilherme Sexo: M X F Idade: 66 Escolaridade: 8º ano .

Profissão: Reformado Naturalidade: Praia da Vitória .

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de adoção de crianças terceirenses por casais norte-americanos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população Terceirense?

Oh! Foi uma grande influência. Deram muito emprego a muita “gente”...

Mexeram com a nossa economia toda, e com a ilha toda. Só que os portugueses pensaram que aquilo era eterno, mas não era! Nada é eterno!

Houve uns que fizeram casas de propósito para alugar aos americanos e agora está quase tudo fechado. Eu morei numa casa, que ali de roda, tinha 6 casas todas iguais, tudo fechado...

Fizeram muita falta. Aquilo nos anos 60 é que foi a maior abundância! 60's e 70's, eu vivi ali até 70's, apanhei a altura forte dos americanos... de 56 a 70, eu tinha 14 anos quando saí de Santa Rita. Mas aquilo era uma abundância! Uma coisa terrível!

E muita “gente” a trabalhar lá dentro. Aquilo de manhã era carros, que parecia Lisboa! Parecia era mesmo uma América (risos)! Era os carros dos americanos, era os *Bus* dos trabalhadores...era uma coisa muito séria!

Aquilo era uma América em ponto pequeno.

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Foi o desenvolvimento da ilha... e das outras ilhas também. Como veio muita “gente” de S. Miguel... de todas as ilhas veio “gente” para aí! Para arranjam emprego na Base.

E foi por isso também que se fez aqueles bairros, o Bairro da Lata, porque não havia lugar para essa “gente” morar... eles faziam uma barraca em qualquer canto.

E então, os donos dos terrenos aproveitavam-se e alugaram o chão, nada daquilo era daquela “gente”, era só o ar e as tábuas. Eu conhecia alguns donos daquelas terras... ele todos os anos ia lá cobrar as rendas... houve “gente” que fez fortuna à conta dos americanos e da Base, daquilo que os americanos trouxeram. Não era preciso trabalhar na Base para ganhar dinheiro com os americanos. Olha essa “gente”, precisava chão, alugou-se chão, porquê? Porque queriam ficar ali ao pé da Base a ver se arranjavam trabalho, e não havia casas. As que havia já estavam os ricos da cidade (Angra) a ganhar com elas, alugadas aos americanos... e era assim... todos ganhavam com os americanos. Arranjava-se maneira de fazer negócios à conta deles, às vezes uns (negócios) mais ao lado (risos). Roubava-se e vendia-se (risos), não tinha “tafulho” (conta). Eles arranjavam um americano, para ir lá dentro ao comissário, então comprava e eles vinham cá fora e vendiam pelo dobro ou o triplo.

E traziam “montes”! E roubavam outro tanto (risos).

Os meus tios todos trabalharam dentro da Base e o meu avô, das mulheres, do lado da minha mãe, só ela é que trabalhou na Base, também era a que morava mais perto da Base.

E desvantagens?

Não houve desvantagem nenhuma! Para mim, só coisas boas.

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Eles faziam muito! Davam roupa... Havia um programa que era o “*People to People*”, eles ajudavam muito. Esse programa que eles tinham, que até davam aulas de inglês em Santa Rita havia uma escola à noite, e era patrocinada por esse programa.

Ah! E tinha as caixinhas! Essa também, aquilo era uma coisa! Aquilo não tinha nada de especial lá dentro. Era umas bolinhas de vidro, uns ioiós, umas coisinhas de cruzinhas de rodar, uns lápis de cor... Ah! Consolava! E aquele cheiro! Aquilo tinha um cheirinho! Cheirava a América...

Aquele pessoal ali de roda, Santa Rita, Juncal, Santa Luzia, Lajes... a “gente” era os mais privilegiados... eles ali de roda davam tanto, tanto, ajudavam muito!

Eu tinha um primo meu, que fugiu num avião para a América (risos) e o americano que estava lá a tomar conta do avião ajudou-o ele a esconder-se lá dentro. E ele foi para

a América. Ele chegou lá. Ainda hoje está lá (risos). Teve vários pequenos que tentavam fugir para a América em aviões militares, eles queriam fugir daqui para fora, á pobreza e ir para a América. E ele conseguiu! Esse meu primo era de S. Miguel, veio para cá pequenino, havia uma coisa para ir para a América! Era uma ilusão muito grande!

Ele foi num daqueles aviões que vinham aqui em trânsito, nos anos 60, de hora a hora era aviões que era uma coisa louca, e então em 67 que foi a “Guerra dos Seis Dias” em Israel... era uma coisa feia. Eu nunca vi tanto avião na minha vida! Eu não sei bem como é que ele foi, sei que o americano escondeu no avião, como é que chegou lá não sei, mas ao fim de 2 ou 3 dias mandaram-no para cá! Mas ele tentou fazer mais uma tentativa, a cegueira dele era ir para a América. Ele acabou por conseguir, ele era maluco! Ele era mesmo maluco. Eu era miúdo e ele já era um rapazote. Aquilo antigamente, não... só talvez em 65 ou 66 é que vedaram aquilo tudo com rede, porque antes era tudo aberto. A “gente”, os rapazes, andava para dentro e para fora, a “gente” ia para ali brincar, andava ali de roda... A “gente” conhecia aquela Base melhor que ninguém!

O que era aquela Base, era uma coisa louca!

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

A maioria das pessoas ali de roda (da Base), era de S. Miguel, meu pai também era de S. Miguel, a minha tia e aquelas vizinhas, era tudo empregadas dos americanos, e ganhavam 20 dólares por mês, dava 560\$00, era 28\$00 a dólar. Era muito dinheiro! Quem é que ganhava 560\$00 por mês? Ninguém! E então, ainda por cima, aquelas que tinham muitos rapazes, levavam sacos de roupa, lavavam e secavam em casa da patroa, e eles (americanos) não diziam nada! E “amanhava-se” (resolvia-se) tudo. E traziam comida, aquelas 560\$00! Dava para montes de coisas, porque ainda traziam muitas coisas, praticamente só se comprava açúcar, e mesmo assim às vezes vinha da Base (risos).

O meu pai e os vizinhos entravam de manhã para o serviço de mãos a abanar (vazias) quando saíam, traziam sempre um saco (risos). E então aqueles daquelas messes, daquelas coisas que restavam, havia muito transito naquela altura, havia muitos aviões! Faziam muita comida para as pessoas que estavam em transito, e eles não comiam, eles queriam era beber, quando estavam aí de passagem... então aquilo restava “montes” e eles dividiam pelos funcionários, traziam... chegavam ao Posto Um, davam

à polícia aérea (portuguesa), porque eles também eram uns mortos de fome, do continente... O meu pai chegava ao Posto Um via muita “gente” pobrezinha, dava tudo! Meu pai era dessa maneira, despiu a camisa para dar!

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Eu sempre lidei com americanos, tanto em Santa Rita, como em Angra. Toda a minha vida.

Como?

Eu naquele tempo vivi com os meu pais naquela zona e era então um pequeno feliz que tinha tudo de bom: era matinés no cinema “Azoria”, as hambúrgueres, “hotdogs”, coca-cola, os “*Baby Ruth*” e sapatilhas “*All Star*” (risos). Ah! Que saudades que tenho daqueles tempos...

Eu vivi até aos 14 anos lá, em Santa Rita. Com 14 anos fui para Angra. Eu fui trabalhar para o Diário Insular (periódico local) e a “gente” fazia lá, o “*Crossroads*”, (periódico da responsabilidade dos norte-americanos da Base das Lajes, primeira edição foi em 1959). Em 2013 acabou o “*Crossroads*”. O “*Crossroads*” teve alturas que é que ganhou os prémios do melhor jornal...

O meu pai era de S. Miguel, ele primeiro foi para Santa Maria trabalhar para o aeroporto e depois veio para cá com os americanos, com um contrato de trabalho para trabalhar na Base. E minha tia, ficou em S. Miguel, para lá meia para os caídos (pobreza), e ele fez-lhe carta de chamada para ela vir para cá.

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Íamos para ali (campo da Base) jogar basebol, de vez enquanto havia umas “galhetas” (pancadas), mas os americanos no outro dia era bolachas, era “candinhos” (corruptela de *candy*), era coca-cola que eles traziam...e no intervalo era um tal comer (risos). Eles futebol não jogavam, a “gente” é que teve de aprender a jogar basebol, a “gente” queria era ir ter com eles (risos), então aprendemos basebol (risos).

Quando a “gente” ia à Base, a Força Aérea, os portugueses, eles nunca deixavam... eles andavam sempre a marcar. Então a “gente”, espertos! Canalha. O que é que a “gente” fazia? Um boné, um taco de basebol, uma luva e a “gente” entrava e saía como se fôssemos americanos (risos).

A “gente” a falar inglês, a “gente” “arranhava” umas coisas, então a “gente” entrava e saía daquela Base, íamos aos gelados (risos)... os funcionários eram portugueses, eles conheciam a “gente” e eles diziam: “Já está aqui os piratas!” (risos). E eles ainda diziam a “gente”: “Vocês que abram o olho, olha que a polícia anda aí” ... a polícia passava pela “gente”... eram americanos! A “gente” vestia-se com roupa dos americanos, passávamos por americanos.

A minha tia e a minha mãe, eram empregadas das americanas, quando eles se iam embora, ficava a roupa toda: sapatilhas “*All Star*”! Tudo do bom e do melhor, e a “gente” comia tudo do que era bom.

Mas a “gente” “pintava o diabo” com aquela canalha! Os rapazes americanos, davam-se bem com a “gente”. Às vezes é que o jogo não corria bem (risos).

Quando era o dia da entrada geral, ali à entrada do Posto Um, tinha um hangar ali muito grande, e os escuteiros montavam ali umas barracas, daquelas americanas, sabes o que é? E a “gente” ia por lá fora, a “gente” não podia entrar!

Então era bolachas, era tudo, eles davam à “gente” pelos buracos da rede (risos). Oh! Ricos tempos...tenho muitas recordações daquilo.

E as menos boas?

(risos) Tenho uma (risos), que os meus colegas me fizeram. Os meus vizinhos tinham um cão. A “gente” ia apanhar comida para os coelhos, a “gente” levava umas sacas de lona, mas as sacas muitas vezes traziam outras coisas, não era sempre só para os coelhos (risos).

A “gente” só ia apanhar a comida para os coelhos depois das 3 da tarde, as americanas estavam todas fora de casa, só estavam as empregadas e elas enchiam o fundo da saca à “gente” (risos), íamos passando pelas casas e elas iam “botando” para dentro (risos).

E um deles, levava sempre o cachorro. Ao pé de onde tinha a escola dos americanos, a “gente” podia entrar lá, tinha aqueles baloiços e aquelas coisas de andar de roda... e estava uma pequena, uma miúda! A andar de roda, com uma sainha e o cachorro estava só a marcar. Aquilo abanava, o cachorro... olha o cão “bota-se” para a pequena e dá-lhe uma dentada! A “gente” larga-se a correr por aquelas ladeiras acima, o pai veio atrás da “gente” com uma espingarda. O que vale é que a “gente” conhecia aqueles buracos todos! E escondemo-nos. O americano também tinha razão, a “gente” também era não prestar, só não precisava era levar a espingarda...

No outro dia fomos aquela coisa de encher o balão, de ver a meteorologia, a “gente” via eles a encher aquele balão e eles usavam muito daquele papel químico. Então o que é que a “gente” se lembrou, o cão era branco e ele esfregou o cão todo com aquele papel... que era para o cão não ser conhecido, a ver se o americano não dava um tiro na “gente” (risos)... Mas depois o pai deles, soube, deu uma tarefa neles, uma coisa “discreta”. E eles arrumaram o cão, que o cão nunca mais foi com a “gente”...

Parte II – Adoção

7- Conhece algum caso em que os norte-americanos tenham adotado/levado alguma criança portuguesa? Sim X Não

Pode-nos descrever os casos que conhece?

Os meus pais tinham uma casa alugada a uma senhora (nome), que vendia bordados e vendia rapazes!

E havia vizinhas minhas que, uma delas, que deu uma data deles... e havia uma outra que era prima dela, todos anos ela estava à “espera” (grávida) de uma criança e todos os anos, as pessoas já diziam, mais uma para fazer umas “dolas” (dólares)...

Uma destas, só ficou com uma filha, de resto deu tudo. E era filha de um americano. Ela era de cor, mas tinha olho azul, lembro-me bem desta pequena... Ela (vizinha) só tem um filho de um português, o resto era tudo filhos de americanos... talvez uns 6 ou 7 (filhos) e ela deu isso tudo! Menos a pequena.

Pois elas tinham lá os pequenos, a maioria deles eram mesmo filhos de americanos, mas a “gente” não sabia, apareciam grávidas, quando tinham o menino ou menina, arranjavam logo maneira deles embarcarem!

Aquilo até foi uma salvação para aquelas crianças, coitadinhas, era para ficarem aí a pedir e a passar fome... porque eles não tinham futuro cá nem nada...

A maioria dos americanos que os levavam, já eram americanos com uma certa idade, não eram os rapazes novos que iam a casa delas. Os que levavam já tinham as suas mulheres e era mais para pôr a mão àquelas crianças.

Havia muitas mais, algumas eram senhoras da vida, um filho de cada um, e alguns deles, um filho de cada um.

Havia uma casa no juncal, onde havia uma casa destas senhoras, e onde iam muitos americanos lá, como havia em todos os contos...

8- Que idade tinha a criança quando foi adotada?

Eram recém-nascidos! Aquilo ficavam poucos dias... alguns nasciam em casa e o americano já estava do lado de fora à espera. E teve outras que nasceram no hospital e pronto, também seguiam...às vezes era mesmo as enfermeiras que tinham o contato, outras era a tal senhora que ia buscá-los e dava aos americanos.

9- Por que motivo as famílias optaram por dar a criança para adoção?

Muitas delas viviam sozinhas, eram solteiras, mães solteiras, outras eram mulheres da vida. Mas era tudo “gente” muito pobre, a maioria “gente” de S. Miguel. Muita pobreza, muitos filhos!... era uma coisa louca...

10-Lembra-se do dia da entrega da criança? Consegue-nos descrever?

Nunca assisti a nada disso, eu era miúdo... aquilo chegou a uma altura que já era recorrente, olha foi mais um!... era uma coisa muito normal, ali nos arredores já era!

11-Como foi a separação da família biológica?

Deve ter sido duro, mas aquilo depois passava, e vinha outro (criança) para o lugar. Eram muitos filhos... Elas conformavam-se e pensavam sempre que eles iam para ser melhor para eles, iam ter um futuro melhor do que o que tinham aqui.

12-No caso que conhece sabe se houve contato com a família biológica?

Sim _____ Não X .

13-Antes de partir para os Estados Unidos da América, sabe se a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Alguns ainda chegaram a viver, mas era muito pouco tempo...

14-Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, ela terá sentido?

Não me parece, eles eram bebés, nem sabiam o que lhes estava a acontecer. Os únicos pais que conheceram foi os americanos...

15- A criança sabia que tinha sido adotada? Como soube/descobriu que tinha sido adotada?

Provavelmente é capaz de terem dito, mas acho que muitos saíram daqui registados como filhos dos americanos!

16- A família tem contato com a pessoa que foi adotada?

Acho que não, não me parece...

A família adotiva permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica?

Aquilo, eu acho que eles levavam os pequenos já em vésperas de se irem embora, eles estavam aqui era só 2 anos e tal... e quando estavam perto de se ir embora é que iam procurar esses pequenos.

17- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado?

Isso não me parece que tenha havido sequer processo. Naquela altura isso era muito fácil, hoje em dia é que é muito complicado, antigamente era fácil.

Naquele tempo aquilo era tudo ilegal, não havia nada disso. Era dar os pequenos e pronto.... Cá nada! Não havia nada daquilo era pegar e andar.

18- Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?

Havia uma “tia” que ela falava muito bem inglês, e ela era uma mulher vivida, muito esperta, e viu nisso um negócio... Ela tinha vários negócios com os americanos, ela alugava casas, procurava pequenos...

Havia sempre um intermediário, isso ninguém me tira da cabeça, de certeza, era “gente” que conhecia o caso destas senhoras, ou era elas próprias (mães biológicas) que procuravam alguém que trabalhasse lá dentro, ou que conhecesse americanos para se resolver... “Dá-me uma ajuda, a ver se algum americano quer.”

E era a troco de dinheiro, não era de borla, que eles ajudavam... e mesmo as famílias... houve quem fez de propósito para dar... não era só por caridade!

Muitas vezes os americanos nem sabiam onde essa “gente” morava, alguém é que ia buscar por eles.

Eu vi muita coisa...naquele tempo as pessoas faziam coisas ... incríveis!

19- Então se os casos não eram legalizados, como é que estas crianças saiam do país?

Antigamente, o cerrado (Base) era muito grande... aquilo era sempre a andar.... Eles enfiavam-se nos aviões militares, e ninguém pedia papéis nenhuns...

E como é que entravam na América?

Eles eram militares, ninguém mexia com eles... tinham toda a liberdade... e naquele tempo a América estava com guerra em todo o lado, era Vietname, era Israel... e eles não tinham tempo para se preocupar com isso.

E eles quando saiam daqui, iam para outra Base, era tudo igual...

20- Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum?

Vou-te contar uma história, a minha mãe, também era pobre, eu na altura havia de ter 11 anos... a minha irmã quando faleceu com 6 anos, minha mãe estava grávida, e estava assim um bocado em baixo. E a minha tia, teve a celebre ideia de lhe dizer: “Olha o que vier, hás de dar aos americanos”. A minha mãe ficou mal com ela para o resto da vida (risos). E não deu. A minha mãe de vez enquanto falava nisso, eu lembro-me!

Aquilo, ali naqueles arredores era uma coisa muito normal, era recorrente, falava-se assim, como a minha tia, não havia problema nenhum chegar ao pé da minha mãe e dizer dá o pequeno ao americano... era uma coisa normal.

Havia denúncias?

Cá nada!

E isso era do conhecimento das autoridades locais e americanas?

Ninguém mexia uma palha com isso... era normal, dava-se pronto, assunto encerrado, não se falava mais nisso, venha outro... naquele tempo Salazar e companhia, aquele Marcelo, nunca se importaram saber com os Açores iam-se lá importar com as crianças...

21- Conseguem-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Aí! Umas boas dezenas deles! Dezenas...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista XI

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Adriano **Sexo:** M X F **Idade:** 90 **Escolaridade:**
Ensino Superior **Profissão:** Reformado **Naturalidade:** Angra do Heroísmo .

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de adoção de crianças terceirenses por casais norte-americanos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população Terceirense?

Oh! Filha, evidentemente que eles quando vieram para cá, eu vi tudo! Porque eu tinha 13 anos quando os ingleses cá chegaram, mas eu já sabia o que é que se estava a passar no mundo e passaram-se coisas muito engraçadas.

Olha os ingleses vinham cheios, eu não direi de fome, mas vinham cheios de desconsolo de comida. Você não imagina o que foi isso nos primeiros tempos.

Eu vi-os desembarcar, eu fui ali para o alto onde está aquele monumento do António DaCosta, eu vi-os desembarcar.

Eles quando chegaram aqui, eles vinham da batalha de Inglaterra. A Inglaterra tinha problemas, tinha sido bombardeada selvaticamente. A Inglaterra recebia muitos abastecimentos dos americanos que vinham em navios, em comboio, e eram afundados quase sistematicamente pelos submarinos alemães. E a desculpa que eles deram para fazerem a força para Portugal, daquilo que no fundo não era para eles (ingleses), porque os americanos já se estavam a preparar.

Os americanos depois deram uma volta à guerra submarina através de uma intervenção que fizeram, que fizeram através dos porta-aviões de escolta.

Quando os ingleses aqui chegaram vinham em vários navios, e vinham num pequeno porta-aviões, eu vi! Um pequeno porta-aviões de escolta. O que era um porta-aviões de escolta? Era um porta-aviões que levava cerca de 10 aviões e que acompanhava os comboios e andava sempre no ar, ora aquilo era a pior coisa para um

submarino porque eles vêm o submarino, mesmo submerso ... Quando os ingleses cá chegaram, a batalha do Atlântico já estava praticamente resolvida. Os ingleses a partir daqui só afundaram 3 submarinos, não havia mais para afundar, o resto já estava tudo no fundo, percebe? De maneira que a coisa se passou...

Os americanos estavam cá e foram considerados por toda essa “gente” como uma bênção porque começaram a dar empregos ... Mas isto não é bem assim, os americanos são arrogantes, eles não nos tomam a sério, eu sei, é uma vergonha, é uma tristeza ter de dizer isso, mas eles têm-nos numa conta muito fraca.

Eles (americanos) quando vinham, eu não sei, eles quando vinham, vinham com um tal apetite por comidas... não faz ideia da quantidade de restaurantes de vão de escadas que abriram nesta cidade, e era com fogões primos, sabe o que são fogões primos? Era uma coisa que se dava à bomba, era uma coisa feita com petróleo, pronto. Aquilo fazia lume e era ali que se cozinhava, era bifes com ovos a cavalo depois regavam com, imagine... champanhe português (risos), mas era assim!

Isto criou nas autoridades locais uma reação, um pouco preocupante, é que isto, aquela procura, provoca um aumento do preço ao consumidor. Então criou-se uma comissão chamada a “Comissão dos Abastecimentos”. O presidente era um Coronel.

Na véspera do Natal, o Comandante vai apresentar o “*Merry Christmas*”, porque no dia seguinte não estaria em condições de o fazer, pois tinha preparado uma bebedeira geral, dele e de todos os seus colegas graduados (risos). No dia de Natal, eu andei nas ruas da cidade (Angra) e nunca imaginei... as ruas da cidade estavam todas vomitadas, os ingleses tomaram uma bebedeira “de caixão à cova”, mas uma coisa geral! (risos). Além da abundância que já tinham metido desde outubro até dezembro, embebedaram-se todos! Eles já tinham tudo preparado, haviam avisado que iam precisar, nos dias tais, não sei quantas caixas (risos) do tal champanhe e essas coisas todas e pediram camas de campanha por que comeram, beberam e enfrascaram-se e deitaram-se nas camas a dormir...(risos), mas pronto isto é uma coisa que dá vontade de rir e pouco mais.

De resto eles deram-se bem com essa “gente” jogavam futebol, tinham bons futebolistas ingleses, e tal ...

Os americanos começaram a facultar muitos empregos, isto era tudo tratado através da Base portuguesa ... De uma maneira geral eram muito atentos aos portugueses que trabalhavam com eles, quando encontravam algum que eles achavam que era bom, davam-lhe um tratamento especial, facultavam viagens aos Estados Unidos, foi cursos

nos Estados Unidos e essas coisas todas ... Eles (trabalhadores) faziam várias viagens à América.

Os americanos quiseram fazer um campo de golfe, mas tinha de ser aberto aos portugueses.

Os americanos têm muita preocupação com a higiene alimentar, traziam sempre com eles um batalhão de veterinários, que nos Estados Unidos é que fiscalizam essas questões alimentares Toparam com um bom veterinário de cá, avaliaram-no e devem ter dado boa conta dele. Este veterinário fez não sei quantas viagens aos Estados Unidos ... E aprendeu lá. Uma das coisas, foi a inseminação artificial nas vacas, foi pioneiro disso em Portugal, nos Açores. Teve essa coisa, eles escolhiam e avaliavam em quem investir.

Evidentemente eles também faziam uns bailaricos, iam lá dentro umas meninas dançar com eles, talvez na esperança de alguma coisa, algumas aquilo depois deu em casamento...

Agora a influência foi isso, atrás disso vieram aquelas multiplicidades religiosas, pois eles também quando vinham, vinham com aquela coisa à moda da América, havia a capela que era para tudo, para todos os cultos ...

Eu não acho que a vida dos americanos aqui tenha sido má para a população. E a população ficou muito aflita quando eles começaram a dizer que se iam embora, e fizeram falta.

Eram tipos organizados, era assim mesmo, claro que deve ter havido situações em que eles se mostravam arrogantes e tudo mais, essas coisas acontecem quando há quem manda e como quando não há quem não tem outro remédio se não ser mandado.

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Quando eles vieram, ali a seguir à guerra, nós tivemos a invasão dos tipos de São Miguel, eles vinham, porque vinham trabalhar! A maior parte deles ficaram cá, vinham trabalhar.

Pronto, havia emprego, antes disso vivia-se aqui em pobreza. Filha, eu nasci em 1930, isso era no tempo de Salazar.

Trouxeram abundância, trouxeram aquilo tudo... O que eu acho, é que os que trabalhavam lá, ganhavam certos hábitos deles (americanos), traziam para casa as mesmas coisas, faziam aquelas iluminações no Natal, era à moda deles (americanos), fazerem o “*Halloween*”, (risos). podem ter tido este efeito! Não é um efeito, digamos,

positivo. De alguma maneira é, na medida em que as pessoas se sentiam melhores, sentiam-se apoiadas ... E havia uma proximidade, se houvesse um evento oficial eles (colaboradores) também participavam.

E desvantagens?

Os acordos que existem dizem que certos prejuízos são de responsabilidade deles (americanos), mas que os portugueses têm de andar metidos nisto e eles tem de pagar aos portugueses. E os portugueses é que ganham... eu acompanhei processos que tiveram de se resolver e eu tive que contar ao tribunal administrativo o que é que se passava!

Quando eles começaram numas obras mesmo ali à entrada da Base ... E para encherem aquilo, tiveram de fazer grandes desaterros, e depois queriam atirar aquilo ao mar. Já havia preocupações ambientais ... E depois fizeram outras coisas ... e deixaram lá os buracos abertos, criaram os desvios nas linhas de água. As linhas de água apareceram, invadiram a padaria que lá havia e eu é que fui advogado deles (proprietários). Fez-se um pedido de indemnização ao Estado português, que era de acordo com o que havia com os americanos. O estado português contestou, perdeu e bem! E depois eu perguntei ao Estado português e agora? Vocês já fizeram contas com os americanos, que é o que diz a lei. “Ah isso é complicado” ... Não fizeram nada! É o problema dos portugueses, acobardarem-se! É culpa não foi deles (americanos), acobardaram-se!

Agora a Base, já não há B-X, e não há mais nada que fazer. Tem as evacuações que são pagas, pela Região Autónoma e pronto!

Evidentemente, que no meio disto tudo, apareceram abusos, deve ter havido situações desse género... não foi coisa que eu tivesse conhecimento direto, eu só tinha conhecimento daquilo que profissionalmente vinha cá ter.

Eu ouvia, de vários casos que não falavam, de situações de arrogância deles (americanos). Injustiça no tratamento dos seus dependentes, mas eu não via que eles reagissem muito. Era uma zona pobre e tudo mais, e eles (americanos) tinham aquela abundância, portanto tinham também aquela soberba, digamos assim...

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Sim eles tinham, desde logo, tinham um programa chamado “*People to People*”, fazia parte daquele “*Soft Power*,” o que os tornava simpáticos: eles iam às escolas, iam

aos asilos, levavam prendas para os meninos no Natal... Mas isto fazia parte daquela coisa do darem de si uma boa imagem.

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Eles tinham uma boa relação com a comunidade.

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

A minha? A minha não foi nada, minha filha. Nada disso!

E em termos sociais e de ideologias acha que o influenciou?

Quando quis saber mais fui estudar a história Americana... mas é verdade é que mandei os meus filhos para América, os meus filhos graduaram-se lá.

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Sobretudo, a convivência, conhecia muitos norte-americanos, trabalhei com eles e eu também fui avaliado por eles, por isso é que eles vinham todos ter comigo a partir de uma certa altura, era assim ...

E as menos boas?

Oh! Minha filha eu não posso dizer que tenha havido recordações menos boas, quer dizer haverá “gente”, enfim, pode ter havido situações, eu não conheci nenhuma assim, nenhuma situação que fosse verdadeiramente grave, mas deve ter havido situações de algum abuso daquela superioridade que eles têm e que a Base portuguesa não soube lidar com elas.

Parte II – Adoção

7- Conhece algum caso em que os norte-americanos tenham adotado/levado alguma criança portuguesa? Sim X Não

Pode-nos descrever os casos que conhece, que teve contato?

... Há aqui uma coisa que eu queria que você soubesse, porque o primeiro caso de adoção que eu tive, era um sargento... um homem muito modesto... morava ali na Estrada do Aeroporto... ele e a mulher, não tinham filhos e adotaram uma primeira criança, foi o primeiro caso. E depois desse vieram os outros... e, eu não sei, mas penso

que foi 2 anos depois, ou coisa parecida, ele aparece-me aqui a dizer que queria adotar outra criança... isto é para vocês verem.... Essas histórias ninguém as conta!

E eu disse, “Mas você já tem uma pequena”, e ele diz-me: “Mas este é um anormal” ... “Mas vocês vão adotar um anormal?” – “Pois vamos, porque se não formos nós, não sei o que é que vai ser desta criança” ...e esta história ninguém a conta! ..., mas este homem fez isto.

Tive outros, tive um que era médico casado com uma rapariga muito bonita e sem filhos e com um grande desgosto... lá arranjam um bebé...olha filha, no dia em que foi feita a adoção, que foi declarada pelo tribunal (risos) ... eu sei que fiz as contas foi, 9 meses antes de ela ter o primeiro filho (risos), não tenho dúvida nenhuma (risos), eu sabia a data. Quando ele me disse, passado algum tempo depois, eles quando me procuraram estavam num desespero, não tinham filhos (risos) e eu disse, bem isso acontece, ela agora estava à espera do primeiro filho. Eu tive 2 casos desses.

Isso são tudo casos benignos, tive alguns, mas esses até não foram bem com americanos ...

Tive uns terríveis, e teve uns que correram muito bem... e que ainda hoje estão na América. Ainda no outro dia a mãe de um deles veio cá e tudo mais...

Agora não tive nada, mesmo nada que ver com o “arranjo” dos meninos... agora aquilo (“arranjo” dos meninos) começou com os americanos, em que por causa de “ratices” da justiça portuguesa ...começou a haver dificuldades em que se aceitasse... aquela coisa de não haver adoção restrita...e eu cheguei a recorrer para o tribunal da relação, mas os nossos juízos não tiveram visão para isso... foi preciso que passassem uns anos e o país percebesse que não haver, ou que só haver, que a adoção restrita era um disparate e hoje já não há.

8- Das adoções que fez, lembra-se que idades tinham as crianças?

Oh, filha! A maior parte delas eram de recém-nascidos, porque era isso que eles preferiam e era o mais fácil de arranjar, para eles (americanos) arranjam. Os outros ... eram crianças pequeninas. Não me lembro de nenhum caso das crianças serem já adolescentes. Não me lembro!

9- Porque motivo as famílias optaram por dar a criança para adoção?

Olha filha...eu nunca fiz um exame a isso, mas eu acho... eu acho que aquilo era tudo uma questão resultante da pobreza em que elas viviam (famílias). Eram frutos da

miséria... era o fruto da miséria... a maior parte dos casos, senão eram frutos da miséria eram frutos da pobreza porque de resto, o natural... não era assim...

Evidentemente que uma mãe que renuncia a um filho Digamos que uma mãe Basta que vejamos uma gata com gatinhos, uma galinha com pintos e tudo mais, há um instinto.... Da mãe relativamente à cria, pronto... E o que é que acontece? Perante uma situação destas e perante uma situação difícil, a tendência é dar uma oportunidade ao filho, e livrar-se daquela situação por não poder fazer aquilo, enfim, que devia ser feito. Eu penso que só pode ser isto.

Era como uma forma de emigração antecipada. Porque esta “gente” aqui, há muitos anos que ou emigra ou procura emigrar. Isto tem muito que ver com uma coisa que já digo há muito tempo, quando se fala no separatismo aqui nos Açores, eu digo sempre... o separatismo tem de ser encarado sobre 2 aspetos: uma coisa é o separatismo político e outra coisa é aquilo a que ninguém chama de separatismo e que é a apetência pela América (risos)... e isso era assim...é o imaginário açoriano das Américas, que é uma coisa que acompanha a nossa população... esta ideia que eles tem de sair daqui, isto ninguém lhe chama, mas é uma forma de separatismo... Porquê? Porque eu estou a viver numa terra pobre, é uma terra onde eu não tenho futuro. Se eu quero encontrar algum futuro, então o que eu tenho que fazer é ir para lá (América) ...

Nos Açores emigra-se desde muito cedo! E o que regressava era rico. Mas esquecem o “ir penar” para a América, muitos começam nas vacarias...e é muito duro!

10- Os americanos alguma vez lhe descreveram como foi feita a entrega da criança?

Não, porque isso nunca era feito na minha presença, Nem ouvi que eles tivessem encontrado problemas ou dificuldades, por que se tivessem encontrado alguma coisa, era natural, uma vez que eu estava trabalhar para eles, era natural que me dissessem, para ver se havia coisa ... Não, não tenho ideia!

11- E ao nível da separação das famílias? As mães procuravam os americanos depois? Procuravam ver os seus filhos?

Pois eu não sei, por que eu não seguia isso.

Quando a coisa chegava às minhas mãos já era para desenrascar a questão juridicamente , portanto a questão já estava resolvida. Porque se fosse então isso, estaria então a entrar num negócio, e isso então eu não... eu nunca quis isso!

12-Antes de partir para os Estados Unidos da América, sabe se a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Eu acho que eles quando faziam isso, eles vinham para aqui em comissões que geralmente eram de 2 anos, e pronto, portanto era uma coisa que eles... eles estavam cá todos precariamente...

Agora quando eles faziam isso?... Eu tive um que fez uma, quando já estava de partida, porque também queria levar mais um filho consigo, foi talvez a última que fiz para americanos da Base. Ele dizia que estava com pressa para resolver porque se ia embora.

Dos outros, como eram comissões curtas, acabava sempre por ser ao cabo de 2 anos a partida, mas só me lembro deste dizer que queria aquilo resolvido porque já tinha marcado a altura, que tinha que se ir embora ...

13-Sabe se essas crianças tiveram dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, elas terão sentido?

Nunca soube, e aqueles que as levaram, de uma maneira geral, alguns tinham contato comigo, mandavam Boas Festas. De uma maneira geral, mostravam-se felizes... Sinceramente, não me lembro de algum caso de algum que se tivesse queixado que as coisas tivessem corrido mal. Todavia sei que terá havido casos em que também ... correu mal .

14-A criança sabia que tinha sido adotada? Como soube/descobriu que tinha sido adotada?

Esses pequenos que eu fiz adoções já são casados e com cursos. Eles foram criados e oficialmente, nunca lhes disseram quem eram os pais deles... acho eu. Mas nunca mais soube deles.

15- Destes casos que o senhor acompanhou, principalmente os primeiros e até 1974, sabe se alguma destas crianças voltou a ilha à procura das suas famílias, ou manteve contato com a família? Ou será que os americanos cortavam esses contatos?

Daqueles que eu falei, conheci uns que vinham cá por gosto e sei que enquanto o avô foi vivo, eles vinham cá visitá-lo. A mãe era uma mulher muito fértil (risos), o marido batia-lhe e bebia, depois faziam as pazes ela engravidava imediatamente, dali a 9 meses tinha mais um menino (risos) e voltava tudo ao princípio... Essa mulher andava por aí no Lar de Santa Maria Goretti, de vez em quando era corrida à pancadaria e não sei quê, mas esses pequenos quiseram conhecer os seus pais ... e os pais adotivos trouxeram-lhes cá, e possibilitaram-lhes isso. Não levantaram qualquer problema, ninguém levantou problemas jurídicos, porque no fundo isto estava proibido, mas eles quiseram conhecer. Quiseram ou porque ouviram falar, percebiam que eram adotados então quiseram saber quem eram ... e vinham cá porque os pais viviam cá, e eles gostavam de vir cá de férias quando já estavam grandotes e tudo o mais, e vinham cá... e pronto e foi assim.

De maneira que, as recordações que eu tenho dessa “gente” são recordações positivas... E agora sei lá, há de tudo ...

16- Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?

Ouvia dizer que eles quando sabiam que estava uma mulher para ter uma criança e tal e tal... entravam em contato com ela e depois assumiam as despesas disso, foi o que eu ouvi. Mas isso eu ouvi porque foi uma coisa que se dizia por fora, porque eu nem sequer lhes perguntava ... A primeira coisa que perguntava era: “Você já tem o menino arranjado ou não? Ou prometido? Se tem muito bom, o resto eu não faço nada! Absolutamente nada!”

17- E que tipo de adoção as crianças tinham? Plenas ou restritas?

Era tudo restritas.

Quem começou a fazer adoções, suponho que nos Açores todos, fui eu! E fui eu porque a Lei portuguesa, e à boa maneira portuguesa, ela é feita “com os pés”! Ela é feita para a época, ela levou décadas a ser preparada e houve com certeza, muitas reticências por parte ... enfim, de figuras grandes da magistratura portuguesa, em aceitar... A aceitação da adoção com uma coisa injúria... pronto, não gostaram... e em consequência disto é que saiu uma Lei de adoção, quando foi feito novo Código Civil em 1900 e não sei quantos (1966). Queriam uma coisa que hoje já não existe, chamada a adoção restrita.... Era um disparate!...

Mas nessa altura, a legislação já contemplava a adoção plena, a plena e a restrita..., mas a restrita era uma desculpa que eles arranjam para convencer os outros a aceitar aquilo, porque eles não queriam, achavam que aquilo era blasfémia, eram coisas horrorosas... e meteram aquela coisa a “martelo” que era um disparate. Era e não era, porque eram filhos adotivos, mas não eram porque tinham os pais e... e o que é que acontece? Quando me aparece o primeiro caso... era um Sargento americano.... Era preciso alguém para fazer o processo de adoção.

A Lei estava feita só a pensar nos portugueses, ninguém pensou nos estrangeiros, já viu o que é? E eu comecei, porque eu conhecia os advogados americanos que estavam aqui no *Legal Office*. Até me dava muito bem com eles... Ainda hoje os americanos têm o *Legal Office* nas Lajes...

E o que é que eu fazia? O que é que a lei exigia? Tem de se fazer prova no tribunal que a pessoa está em condições para adotar e pronto... E o que é que eu fiz? Fui para o *Legal Office* na Base, percebes? E disse fulano tal, do Estado de tal... quer adotar, e “Vocês devem saber disso porque eles fazem isso tudo com o conhecimento de vocês (*Legal Office*), eu preciso que vocês me deem colaboração.” E eles deram, sempre!

E o que era essa colaboração? Era um parecer que eles davam, dizendo que o senhor fulano tal, com o seu conhecimento, estava em condições de adotar, segundo as exigências da Lei do Estado dele. Porque era isso que dizia o Código Civil, que era a Lei da nacionalidade. Olha lá (EUA) é dada a adoção não por ser norte-americano, mas por ser do Estado tal. Cada Estado tem as suas Leis..., portanto o que eu juntava ao processo era isso, agora... os norte-americanos, para eles só existe a adoção, não existe adoção restrita.

As primeiras adoções que fiz para americanos, o tribunal aceitou-as, percebes? O tribunal aceitou-as e (risos)... as primeiras adoções fizeram-se e atrás delas vieram outras...

Nunca foi revogado (adoção restrita) expressamente o que diz a Lei, mas aquilo nunca mais se aplicou. Eles (legisladores) não têm coragem de engolir aquilo que fizeram... olha filha, aquilo é a vergonha dos portugueses perante os americanos.... Uma era para não escandalizar os locais, os nacionais e outra é porque está decidido...

Eu lembro-me perfeitamente no *Legal Office*, “Vocês façam um esforço para perceberem isto”, - “Mas isto não se entende”, dizia ele.

A adoção restrita, era uma má consciência de quem fez aquelas leis e ficou numa situação de timidez, perante isto põe-se aquela coisa da restrita...

18- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever-nos outros casos que conheça?

Eu ao longo da minha vida profissional, fiz cerca de 40 adoções, nem todas era de americanos, mas começaram todas pelos americanos, e atrás disso houve algumas portuguesas, mas que não tinham nada que ver com a América...

A última que eu fiz era um americano que estava em Londres com a mulher, eram diplomatas, veio cá com a mulher e vieram cá fazer a adoção, já não tinha nada a ver com a base americana, mas também fui eu com eles a casa de onde saiu.... Olha os avós dessa criança, que eles adotaram, moravam no Cerrado do Bailão... Mas isso já estava tudo negociado com eles... era uma menina que levaram para Inglaterra e deve ter tido uma vida de luxo, porque aquela “gente” não tinha filhos e era “gente”, enfim, de um estatuto social grande... não faço ideia, nunca mais soube nada...

19- De todos os casos que teve conhecimento, todos foram legalizados?

Sim daqueles casos que acompanhei, sim... quando o processo acabou, acabou! Eu desliguei e arquivei...

20- Nos processos de passaporte que consultei até meados dos anos 70, só encontramos praticamente, termos de consentimento e de responsabilidade? Consegue-me explicar porquê?

Certo. Isso é o que aconteceu, isso passou a acontecer mas eu não tive nada a ver com isso.

Quando os tribunais portugueses fizeram aquela “Pérola” (lei sobre adoção – Código Civil de 1966), tinha que haver sempre a adoção restrita. Os americanos que queriam fazer mais, perguntaram e agora? Como é que nós fazemos? E eu disse: “Nada!” Eu não posso, já recorri, já perdi o recurso e tudo mais, não se pode fazer mais nada... dizem eles pronto, “Nós vamos resolver o problema”.

E isto foi uma solução dele (americanos). E o que é que eles encontraram, eles quando levavam o miúdo de cá, não o levavam adotado, levavam com autorização dos pais e depois chegavam aos Estados Unidos e faziam a adoção, a única coisa (risos), o único defeito que aquilo tinha (adoção nos EUA) é que era muito mais caro, porque aqui não era caro! Nós portugueses, não sabemos que pudemos levar muito dinheiro aos estrangeiros (risos), percebe? E a razão é esta! A solução foi deles (americanos)! Não fui eu que a dei.

Oh! Aquilo é “gente” prática! Deve ter sido o próprio “*Legal Office*” que lhes disse. Eles (no *Legal Office*), na altura, tinham 6 juristas e um deles era português.

Portanto foi uma solução que foi encontrada, e eu percebo perfeitamente o desprezo com que eles fizeram aquilo...

21-E será possível algum destes americanos quando saiu de cá não ter legalizado a situação da criança nos Estados Unidos ?

Se foi como filho adotiva e tiver.... se ele era filho adotivo de cá e se tinha documentos disso, eu penso que teria condições para ser Cidadão Americano...

Mas não sei no caso de não terem sido legalizados. Mas mesmo que não fizessem a adoção os americanos podiam chegar lá (EUA) e fazer lá. Os que saíam com isso (adotados), tinham que legalizar... senão eles chegavam lá ... tinham lá era uma criança estranha, não podia ser!...E portanto tinham que fazê-la lá... mas eles também levavam isso de cá e depois... nunca mais deram mais eco nenhum disso... e eu parti do princípio que eles tinham resolvido isso... é porque assim, isso é um problema para eles... que justificação dão daquela criança... Isso é um problema grande e eles têm fiscalizações medonhas! Eles tem “gente” que vai a casa deles e pinta o diabo, se os pais fumam...

Já há muitos anos, assisti a um julgamento (nos EUA), com juri e uma das coisa que vi é que tem lá uns tipos que são umas feras e estavam-se a queixar de um tipo que fumava charuto em casa diante de um filho! ...

Aqueles que saíam de cá, e diziam “Olha leva que a “gente” resolve”... Agora tinham de chegar lá (EUA) e tinham de instaurar o processo lá...

Mesmo aqueles que as adoções eram concretizadas cá, legalmente, tinham de retomar o processo nos EU?

Não, porque se eles saíam de cá... com documentos portugueses... não me parece que eles colocassem isto em causa. Agora aqueles que iam só com termos (de consentimento e responsabilidade) isso então era um estrangeiro que estava lá (EUA).

22-Então nos casos em que não houve termo de responsabilidade e consentimento ou mesmo processo de adoção? Como é que estas crianças saíam da ilha Terceira?

Olha filha, não faço ideia (risos)... isso não faço mesmo ideia se levavam ... para saírem de cá eles tinham que levar qualquer coisa! Ou então as nossas autoridades eram de tal maneira nulas (risos) que os tipos metiam quem queriam a bordo.

Eu sei de um rapazinho que andou comigo aqui na escola, que quando era miúdo fez uma viagem à América, pendurado num avião!!! (risos) Enfim... daqueles que tinham as rodas retradas, e eu não sei como o rapaz escapou! Dos apertos que aquilo deve ter dado (risos).

23-Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum? Havia denúncias? As autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?

Eu nunca... talvez tenha ouvido comentários dessa coisa de vender os filhos e tudo o mais..., mas eram comentários críticos e tudo o mais..., mas que tenha sido exposto a qualquer factuality não fui...não me lembro de nenhuma...

Esses casos dos anos 50, nem sequer podiam ser postos num tribunal português, por uma razão simples! É que em 50 não tínhamos em Portugal nenhuma lei que permitisse sequer a adoção. A lei que permite a adoção é dos fins dos anos 60... e é a tal... e é por isso que eu comecei a fazer, que foi quando eles (americanos) começaram a aparecer para isso... percebes? Nos anos 50 esse problema não se ponha... era um caso de uma criança que desaparecia daqui e que chegava lá (EUA) e que eles diziam que era filho deles ou qualquer coisa assim... deve ter sido isso...

Portanto o senhor acha, que antes de ter saído a Lei da Adoção, não havia justificação jurídica para a entrega destas crianças?

Material e juridicamente seria impossível...sair de cá com essa coisa (adoção), nem que fosse por mais fingida que fosse... não era possível, era a lei portuguesa. Só era possível se fosse um furto, um rapto, a criança desaparecia de cá porque nunca tinha sido registada, porque na altura não se registava logo a criança, podia nem dar tempo para a registar... essas crianças com certeza, que não constam dos registos civis, pronto... nasceu, foi entregue... podia ser um gatinho, um cachorrinho...

Pode ter havido situações anteriores, mas eles (americanos) só começam isso, efetivamente, quando há a lei portuguesa. Ia a tribunal...os outros casos se aparecesse uma coisa destas no tribunal, o tribunal rejeitava, quer dizer... não recebia o processo... Repara, este é o ano em que eles começam vir para cá em força e é quando começam a fazer os tais contratos, porque estão a precisar de alojamentos... e a coisa aparece 10 anos depois e aí era preciso justificar... outros casos, eram meninos... é o que eu digo, desapareciam... e pronto... mas eu nunca tinha ouvido falar nisso...

Os anos 50 são importantes, porque para mim é uma fronteira, as adoções têm de ser depois disso! Tem de ser um bocado depois disso, pelo menos 10 anos depois disso ... porque até lá deviam fazer isso de uma forma muito esquisita...

Uma criança para se deslocar para o estrangeiro... tem que cumprir certas regularidades... agora sair de Portugal nesses anos com termos de consentimento... é certo que qualquer pessoa se mete num avião americano... os tipos que saem daqui nos aviões militares americanos não tem que apresentar papéis, senão os papéis para o piloto do avião..., portanto se isto foi feito por militares americanos, resolveu-se ... não foi nos aviões da *Pan America* nem nada disso!... Foi dentro dos aviões militares que os vinham buscar, porque os americanos saem de cá quando querem ... isso faz parte do acordo ... Se eles davam uma criança, e levavam com um documento... quem tinha que fiscalizar esse documento era o próprio piloto do avião... e pronto... eles chegavam à América com aquele menino, o menino, aquilo (termos de consentimento) não servia de nada para apresentar e eles (americanos) chegavam lá e diziam que o menino era seu... não faziam mais nada... isso é que eles devem ter feito! Não há outra coisa...

Só a partir de finais de 60 com a lei da adoção é que a coisa... antes disso os tribunais ignoravam a situação... e quanto a entrarem na América... eles metiam era aqueles meninos num embrulho e chegou lá, e registam como filho ou coisa parecida e não tiveram de fazer adoção nenhuma...

Esses termos eram para os próprios americanos, era um acordo entre eles... isto não tem nada que ver com as autoridades portuguesas... não, não...

Eu nunca intervim em coisas dessas, termos de responsabilidade e consentimento, só comecei, quando sai a Lei da Adoção, que era aquela coisa medonha!

E isso não tem nada a ver com as adoções... e isto foi o que eles começaram a fazer quando surgiram as dificuldades... que não permitia aquela coisa... foi a maneira que eles tiveram de fugir com o “rabo à seringa”... Olha vamos assim e depois chegamos lá e fazemos... ou faziam a adoção ou faziam o registo do menino como filho deles e ninguém ia fazer ou... testes ADN ou coisa parecida... foi a maneira de fugir à coisa e foram eles (americanos), e aquilo deve ter sido o próprio *Legal Office* que lhes deu...e resolveu...

Eu para isso, se me disseram isso, eu só posso ter dito... se eles (*Legal Office*) disseram isso a vocês (casal americano), eu não tenho nada a ver com isso...

Outra coisa eram processos que conduzia, que fazia... eram precisas declarações e tal... isso fazia... isso eu fazia...

Se eu fizesse a coisa com termos, eu não fazia! Mas se fizesse, estaria a colaborar com uma coisa... e o que era a coisa? Era justamente a fuga do “gatinho” ...

24- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Não faço ideia... nunca me passou pela cabeça fazer contas... eu tomava nota, tinha notas de todos os casos que entraram... e quem era o nome do adotante que geralmente era o homem que aparecia, mas... não...

Houve ali uma altura em que eu estive na moda (risos)... e depois passou (risos), na altura que eu estive na moda, foi no princípio, foi antes daquelas primeiras dificuldades, quando começou a haver dificuldades eu continuei a fazer as adoções, mas era uma coisa já... eles já se defendiam um bocadinho e já alguns davam um salto por fora ou coisa assim...

25- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

As casas de Santa Rita foi um processo que foi criado numa altura em que eu estava a começar a minha vida profissional, não tive nada a ver com aquilo, ou seja, nos anos 50. Não tive nada a ver com isso mas era um caso jurídico muito interessante... muito interessante porque isto acontece, eu tive que contar isso até ao Supremo Tribunal de Justiça, é bom que saiba isso.

Os americanos começaram a vir para cá com os ingleses, ou melhor, os inglês vieram para cá por causa dos americanos. Os ingleses não precisavam de vir para cá. Os americanos, que ainda não estavam na guerra, é que os empurraram para cá, porque os americanos tinham um projeto para ocupar estas ilhas ... pronto ... e só não vieram para cá porque foram avisados pelos ingleses.

Os ingleses tinham ocupado preventivamente a Islândia ... Quando os alemães avançaram pela Noruega acima por razões estratégicas, quando eles souberam, quando souberam o que ia acontecer, guardaram segredo enquanto puderam, avisaram os americanos porque isso...a nós, precisávamos de “gente” para a guerra no Norte de África sugerimos que vocês ocupem a Islândia...

Os americanos foram para a Islândia onde construíram o aeroporto de Keflavík, e tudo mais ... e pronto ... Enquanto estavam lá, penso que não estimularam isso, mas a verdade é que foi nessa altura que eles tornaram independente a Dinamarca ... De

maneira que, o que é que acontece?Acontece que, isto é tudo a propósito de que os americanos é que queriam vir para aqui . Mas depois, quando a guerra acabou os ingleses queriam ir-se embora! O Salazar que tinha medo dos americanos fecha o que pode para os ingleses saírem mais o tarde possível, porque já sabia que atrás deles vinham os americanos (risos) e que vinham em força.

E o Salazar sabia, porque tinha instinto e sabia que isto ia pôr em causa o sistema político português, iria pôr em causa o Império Português, que era a grande obsessão de Salazar . Mas lá não teve outro remédio se não concordar e fez-se um acordo, e eu lembro-me bem, porque eu estava na universidade quando isto foi feito ...

É um acordo, foram 2 acordos, foi um no princípio do ano, no ano de 1951 ... E foi desse acordo que os americanos começaram a vir para cá em força, eles já tinham vindo... de maneira que é nesta altura, depois da assinatura destes acordos que eles vem para cá em força ... vem com mulheres, vem com filhos, vem com tias, vem com avós, vem a família toda, vem tudo para aí e não encontravam casas, pronto.

Aquelas casas da estrada do aeroporto foram feitas depois.

Vem uns irmãos da América com umas dólares e compram 3 terrenos (risos)e , não sei quem é que lhes encontrou esta solução.E o que é que eles fazem? Alguém encontrou uma solução: olha façam contratos de arrendamento mas ponham essas condições ... O que acontece efetivamente, fizeram este contratos de arrendamento por tanto tempo, renovável, renda boa, os proprietários disseram logo que sim, as rendas eram melhores do que as que se praticavam, e com direito a construir uma casa, casa essa que podia passar de mão em mão com conhecimento sempre do senhorio ...

Pronto, ao cabo de algum tempo aquilo voltava com casa e tudo para a propriedade dos donos. As autoridades portuguesas fizeram uma figura digna delas ... Toca a olhar para o lado, assobiar para o lado. Ninguém soube nada, os americanos fizeram loteamento, foram aqueles cerrados, traçaram, fizeram isso tudo... Como estavam obrigados,pelos acordos com Portugal, a única autoridade com quem falaram foi com o Comando da Zona Aérea dos Açores.

Quando a “gente” chegou ao fim disto tudo,o loteamento, os americanos é que o fizeram! Foi tudo feito perante a ignorância das autoridades portuguesas, e tudo mais. Estes processos duraram cerca de 25 anos.

Quem é que ia morar para lá? Iam gajos graduados, moraram lá Coronéis, claro. Com o tempo, foi baixando (as graduações dos moradores)pois já não eram Coronéis, já eram

menos e tudo mais, já eram os Sargentos, depois eram “pretos”... E depois passaram a ser portugueses. Está a ver?

Aquelas casas foram feitas, e ninguém tirou licenças de obras, a Câmara da Praia nunca deu por nada, só ali, filha, foram 90 e tal casas percebes, e a Câmara olhou para o lado.

Só quando as leis do Cavaco Silva alteraram as finanças portuguesas, as finanças acordaram e vão ter com os tipos que estão a morar nas casas. E mandou-lhes inscrever as casas como se fossem suas, nas matrizes prediais. Por isso é que eu digo, as autoridades portuguesas fizeram uma figura repugnante no meio disto tudo, cobardia, incompetência e tudo mais...

Os americanos entregaram isso aos portugueses, procurei no Ministério, porque eu já vi uma planta disto, mas não! Os documento oficiais, ninguém sabe disto, ninguém sabe onde estão os documentos. Pegaram naquilo mandaram para uma gaveta e depois perderam, é repugnante!

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista XII

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Carlos **Sexo:** M X F **Idade:** 54 **Escolaridade:**
Frequência universitária. **Profissão:** Reformado **Naturalidade:** Praia da Vitória

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de adoção de crianças terceirenses por casais norte-americanos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população Terceirense?

Ora muito bem, a influência ... os americanos começaram a ter influência, obviamente nas pessoas da ilha Terceira, e efetivamente a partir do momento que eles começam a vir para a Base das Lajes, porque a presença americana nos Açores é muito anterior a isso, foi Santa Maria, S. Miguel, os hidroaviões que aterravam no Faial...

Bem, a partir do momento que chegam à ilha influenciaram as populações não só da Praia da Vitória, mas também de todos os Açores... Desde sempre, a Força Aérea Norte Americana sempre foi uma força muito bem organizada, muito bem estruturada, toda ela muito bem equipada e muito bem formada, obviamente interfere com as pessoas que lidam com eles.

A partir do momento que eles vêm para cá começam a influenciar as pessoas, começam a empregar, de cá, as de fora, mas em tudo o que sejam profissões! Desde *nanny's* que são as amas, as empregadas domésticas, os carpinteiros, os canalizadores, os pedreiros...toda a sociedade da ilha começou a ser influenciada ou afetada por essa presença de forma positiva, desde que vieram para cá...

Outra coisa engraçada, aqui nessa ilha - o surf. Começou com os americanos da Base das Lajes, ninguém fazia surf aqui... nem sabiam isso o que era...

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Acho que a maior vantagem tem a ver com a qualidade de vida da ilha terceira, qualidade de vida, engloba muita coisa.

E desvantagens?

Nenhuma!

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Fizeram muito, se nós considerarmos o que uma família precisa para viver: estabilidade financeira, uma casa, precisa roupa, precisa comida... precisa de tudo que... uma família se olharmos para a vida, para uma família sobreviver. Eles (americanos) deram tudo isso... na minha opinião. Deram emprego, deram casas, móveis, eletrodomésticos, roupas, dinheiro, oportunidades de emprego, comida, tudo!

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

São N situações, mas posso contar uma... Uma família em Angra, isto é apenas uma, houve largas centenas, houve uma família que estava a viver no carro e pernoitavam dentro do carro, para serem ajudadas pelos americanos, era necessário contato com alguém com contato dentro da Base. O casal tinha 4 filhos, mais o casal, tudo a viver dentro do carro... essa “gente”... foi levada a situação deles às pessoas que coordenavam a ajuda dos americanos aos portugueses e essa “gente” até passou umas noites dentro da Base...

Muitas das iniciativas digamos que humanitárias e sociais dos americanos, foram mobilizadas pelas esposas dos militares americanos. Elas acompanhavam os maridos, vinham viver com eles para cá e organizavam ajudas a orfanatos, casos de acolhimento, lares de idosos... as esposas tiveram um papel muito ativo nas ajudas americanas. Eles (americanos) tinham o Clube das mulheres dos Sargentos, o Clube das esposas dos oficiais: O “*Officers Wife’s Club*”; eles tinham tudo, tudo... os oficiais têm os seus postos... e cada grupo de escalão tem as suas esposas... até tinha o “*Top Three Wife’s Club*”, as mulheres reuniam-se consoante o escalão do marido (risos). E elas gostavam muito de ajudar as crianças portuguesas... tudo, tudo...

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Sim, claro que sim.

Como?

A minha família desde sempre teve contato com americanos. A minha família desde muito cedo lidou com os americanos, o meu pai, o meu pai é que instalou o primeiro posto de venda de gás na base. O meu tio foi chefe da maior oficina de manutenção de viaturas.

A primeira cerveja que bebi foi dentro da Base, houve uma festa dentro da Base e assim foi... bebi um Heineken... comecei a trabalhar na Base com 20 anos e reformei-me com 52 anos (risos) ... melhor trabalho não há...

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

... São várias... Eu tenho muito boas memórias. Mas a minha melhor memória, foi eu ter feito a tradução na integra do espetáculo de acrobacia aérea dos “*Thunderbirds*”. São uma equipa de demonstração de aviões a jato topo de gama, são os F16, são os considerados, aliás os pilotos são considerados pilotos de elite, porque representam a Força Aérea nos seus espetáculos. Bom, eu trabalhava como tradutor... e convidaram-me para traduzir o espetáculo. Para mim foi um grande desafio, eu gosto de aviação, gosto da Força Aérea Americana, gosto dos “*Thunderbirds*” ... Epá, aceitei! Foi absolutamente incrível!!! Foi a única tradução em simultâneo com o dia de apreço à comunidade na televisão e na rádio americana... foi memorável...

E as menos boas?

A inveja dos portugueses (risos).

Parte II – Adoção

7- Conhece algum caso em que os norte-americanos tenham adotado/levado alguma criança portuguesa? Sim X Não

Pode-nos descrever os casos que conhece?

Eu era miúdo, tinha 9 ou 10 anos e foi uma coisa que me marcou... eu lembro-me de umas crianças... eles eram amigos dos meus pais... então o casal convidou-nos para ir a casa deles e conhecemos uns amigos lá... eram umas casas fabulosas... e eu vejo lá 2 miúdos em casa deste casal, e eles tinham mesmo carinhas de portugueses, parece que

tive um “*feeling*”, eu era miúdo... Comecei a falar com os miúdos, em português, ...os miúdos negavam-se a responder... e eu perguntei, mas eles não respondiam...

Então vim a saber que eles (miúdos) não queriam falar português, que tinham vergonha de falar português. Os miúdos estavam a adotar uma posição de defesa, aqueles miúdos queriam obviamente pertencer àquela família, queriam... eu não conheço nenhuma história de nenhum americano que tenha ficado com alguma criança contra a sua vontade... as políticas de segurança, sociais... que a Força Aérea Americana tinha e o respeito pela comunidade... se houvesse algo gravoso... eles eram expulsos daqui para fora e nunca mais voltavam..., portanto seria impensável, os miúdos queriam estar ali...

8- Que idade tinham essas crianças quando foram adotadas, ou quando as conheceu?

6, 7 anos. Eles tinham vergonha de falar português, obviamente porque eles não queriam saber dos pais e eu não acredito que os americanos os tenham roubado, comprado ou seja o que for... eu não acredito! Porque havia muita “gente” que pagaria para que os americanos salvassem o seu filho. Percebe? Os americanos não andavam aí a dizer, queres-me vender o teu filho? Ou não iam a casa de pessoas e roubavam... Agora sei que havia muitas situações...

É claro que no meio disto tudo, há sempre situações, daquelas famílias, que agora tem a sua vida organizada, e hoje já existe apoio às famílias, assistência social, não tem nada a ver com o que havia antigamente... aliás, se não fosse adotado por uma família, era mais um desgraçado que andava aí, descalço, sem casa, a pedir na rua, a passar fome...

9- Por que motivo as famílias optaram por dar a criança para adoção?

Vinham de famílias carenciadas, era sobretudo a pobreza, sem dúvida!

Muita “gente” que se desconhece... pobreza há em todo o lado e formas de contornar essa pobreza também as há por todo o lado...

10- Lembra-se do dia da entrega da criança? Alguém já lhe descreveu como era feita essa entrega?

Não! Isso então não sei, eu era muito pequeno nessa altura.... Eram pormenores que nos passavam...Não, porque eu vivia no centro da Praia da Vitória, e graças a deus a minha família sempre pôde dar-nos uma vida estável...

11- Como acha que era a separação da família biológica?

Para a família deve ter sido difícil, deve ser duro, mas acredito que o fizeram pelo desejo de uma vida melhor para os filhos...

12- No caso que conhece sabe se houve contato com a família biológica?

Sim _____ Não X .

13- Antes de partir para os Estados Unidos da América, sabe se a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Sim, os miúdos, que eu saiba, aqueles miúdos antes de serem adotados iam muita vez a casa daquela “gente”, já frequentavam a casa... já há algum tempo, penso que chegaram a ficar lá a dormir, mesmo antes de serem adotados...

14- Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, ela terá sentido?

A língua poderá ter sido uma dificuldade, mas alguns ainda viveram cá com os americanos e acabaram por aprender o inglês. Começávamos desde muito novos a falar inglês, aprendíamos facilmente, estávamos muito próximos dos americanos e da sua influência... os americanos ajudaram de certeza...

15- A criança sabia que tinha sido adotada? Como soube/descobriu que tinha sido adotada?

Pois não sei, alguns hão de ter contado e outros não e acabaram por descobrir... ou não... não sei.

16- A família tem contato com a pessoa que foi adotada? Como é a relação?

É normal que passados 40 ou 50 anos tenham alguma curiosidade em saber das suas famílias, quem eram os pais... é perfeitamente normal...

A família adotiva permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica?

Talvez fosse mais fácil, até para as próprias crianças, que houvesse um afastamento das famílias. Ou também as famílias não saiam da porta dos americanos (risos)

17- Como acha que eram esses processos de adoção? Foram legalizados? Onde decorria o processo? Nos Açores ou no país de acolhimento?

Eu não sei! Eu acho que houve aqui uma intenção humana, uma intenção de ajuda, muito, muito grande... eu acho que o valor de uma adoção não está na legalidade, ou melhor, não está no valor de se fazer tudo de forma legal, está na razão por detrás da adoção... Eu não acredito que tenha havido casos de ilegalidade, aliás, eu nunca ouvi falar em nenhum americano que tivesse sido preso por adotar nenhuma criança de forma ilegal.

Mas eu não tenho conhecimento de nada assim...

18- Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?

Eu acho que, lá está, os americanos... isso é uma pergunta um bocado difícil... porquê? Porque eu acho que os americanos não tinham uma vontade expressa, uma vontade diabólica de adotar. Os americanos não tinham esta vontade fora do normal de adotar, ou teriam alguns, não sei. Mas eu acho que não estava neles o “*Will to adopt*”. Isto estava cá! O “*Will to be adopted*”. E aposto que quando alguém soubesse que havia uma família ... quem ia à “caça” da adoção eram as famílias de cá que iam entrar em contato com um americano para tentar as adoções...

Então acha que as famílias portuguesas é que procuravam os americanos?

Indiscutivelmente... para eles (portugueses) era importantíssimo, aliás era tão ou mais importante envolver-se com uma família americana do que ter um emprego na própria Base. Pois ficaria eternamente ligada à família, família é família, um empregado que se empregue na Base sai às 5 da tarde, volta para a família cá para fora, para o mundo “portuguinha”, para a família da “treta”, para o whiskey, para o dominó, para as prostitutas, para as touradas e essas coisas todas...

E como é que essas famílias chegavam aos americanos?

Elas chegavam lá... haviam de os procurar, havia contatos, tinham pessoas dentro da Base que conhecia algum americano... havia de haver alguém no meio ... tinha que haver...houve um intermediário para a causa... para resolver a situação da causa... “Olha conhece alguém? Olha, daqui a dias chega um...Ah sim! Então, leva-me até lá”.

Isso há bons e maus intermediários em tudo, mas acredito que houve boa vontade, se calhar ganhavam um mimo, até mais das famílias, olha oferece-me um bolo de massa sovada... (risos)... ou uma renda que a filha fez... era “gente” pobre!

Alguém dizia aos americanos, quase que pediu ou implorou para ficarem com estas crianças...

Os americanos não vinham para aqui há procura de crianças para levar, acredito que foi mais para ajudar, a ver a miséria toda que por aí havia.

19-Que tipo de adoção acha que essas crianças teriam? Plena ou restrita?

Provavelmente plena.

20-Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever-nos outros casos que conheça?

O que eu sei é que ... aliás o que eu sei, é muito recente... porque agora é que se começa a saber destas coisas, porque até então sabia-se muito pouco sobre isso... ou sabia-se e não se falava... os tais preconceitos sociais...

Agora eu estaria a mentir se estivesse a contar de situações... agora sei e sempre pressenti que as empregadas domésticas, normalmente, que estavam a fazer as limpezas nas casas, aliás, eram muitas mulheres, que trabalhavam para esta “gente”. Não me admira nada que elas dissessem quem me dera que levasses a minha filha, ou...

21-Os casos de que tem conhecimento, foram legalizados?

Eu o que eu sei é que muitas coisas começavam com as próprias mães, com as mulheres de limpeza, elas quase que pediam para ser adotadas pelos americanos (risos)... e eram mulheres grandes, adultas (risos)... não me admira nada que houvesse uma empregada doméstica que dissesse leva-me daqui para fora (risos)...

As adoções acabaram por ser uma forma de emigrar, de sair daqui, era uma forma de se emigrar legalmente...

E no caso de não serem, como é que estas crianças saiam do país?

... Isso entra nas regras da emigração... talvez, talvez... as tripulações conheciam-se, quem é que oferece o melhor prato, é o cozinheiro! Portanto, se houvesse um conhecimento, todos a viver no mesmo espaço e condições e fosse preciso embarcar uma criança... eu conheço situações do género: de americanos que se interessavam de tal maneira pelo artesanato que se fazia cá que as coisas saiam da loja e entravam diretamente no avião... daquelas arcas de madeira, as mantas das camas...

22-Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum? Havia denúncias? As autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?

As mais carenciadas iam à procura dos americanos, isso faz-me lembrar um pouco a casa da roda de antigamente, só faltava ter uma rodinha à entrada do posto um ..., portanto felizes daquelas crianças que foram viver, efetivamente adotadas, porque os americanos trata-los mal, nunca os tratariam... os militares! Uma coisa são os civis, outra coisa são os militares... por isso acho que até seria bem aceite pela comunidade. Ao fim ao cabo, os americanos que adotavam, acabavam por ser os salvadores da Pátria (risos)... algum poderá ter corrido mal, mas também corre nas famílias biológicas...

O Comando encarava isso como sempre encarou a relação dos americanos com o povo da ilha Terceira, eles sempre quiseram ser amigos desta “gente”, ele por si “*whatever*”, a família está contente, a “gente” pode ajudá-los... os americanos da Base sempre, sempre quiseram ajudar, sempre! Em tudo! É transversal!

23-Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Não sei (risos) ... umas largas dezenas...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista XIII

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Hélio **Sexo:** M X F **Idade:** 75 **Escolaridade:** 4ª Classe .
Profissão: Reformado **Naturalidade:** Praia da Vitória .

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de adoção de crianças terceirenses por casais norte-americanos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na Base das Lajes na população terceirense?

A “gente” sonhava com a América... por causa dos americanos... tanto que acabei por emigrar para a América e estive lá uns anos.

Os americanos foram uns pais para a “gente”. Mas as pessoas de cá não deram o valor do que era os americanos. Muitos não roubavam o americano para trazer para casa, porque não podia... e sustentava a família nada.

E quem é que ia trabalhar para a Base? Eram os pequenos que iam descalços para o golfe apanhar bolas a ver se arranjavam um trabalhinho na Base, eram os pobrezinhos aqui dos arredores da Base... Mas depois de estarem lá, eram as pessoas mais ricas da freguesia. Ficaram depois diferentes daquilo que eram. Mas dos primeiros trabalhadores da Base, antes das pessoas pensarem que a Base ia ser uma mina, os primeiros a ir trabalhar para a Base era os pobres... depois tiveram foi vidas muito melhores, porque ganhavam bem, o ordenado era certinho, não falhava...

Ninguém ganhava tanto como quem trabalhava na Base...

E as pessoas que vieram de fora, de outras ilhas, era como uma emigração. Não havia trabalhos e vinham das outras ilhas todas, todas! Por isso é que deu as barracas no Bairro da Lata, tudo à procura de um empregozinho na Base..., mas até para fazerem as barracas, os americanos é que davam as chapas e as coisas todas para eles fazerem aquelas barracas...era tudo de lá de dentro... daquelas barracas era quase tudo trabalhador da Base.

As pessoas quando saíram da Base é que dão valor ao que tinham...

Os americanos pagavam para os seus empregados irem fazer cursos, irem à escola, para aprenderem mais, serem melhores trabalhadores... muitos foram à América fazer esses cursos... ninguém cá fora, patrão nenhum pagava para os seus empregados aprenderem mais... queres vais às tuas custas! Eles não. Mesmo a “gente” ia trabalhar para a Base sem escola praticamente nenhuma, mas eles queriam que fossemos mais, e mandavam os trabalhadores, aqueles que valia a pena, e que cá não tinham oportunidade de estudar, para a América, para a Alemanha... sei lá... fazer cursos...davam hipótese dos trabalhadores se melhorarem.

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Foi os trabalhos... não houve nada melhor que os trabalhos na Base. Quem tinha a sorte de ir trabalhar para a Base, a sua vida nunca mais era a mesma... ficava logo diferente.

E desvantagens?

Acho que não teve nada.

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Ajudavam... que ajuda maior que era os salários dos americanos... sabes, as pessoas que iam trabalhar para a Base, os do meu tempo de canalha... eram os pobres, esses é que iam para a Base, fazer fosse o que fosse... os ricos não queriam trabalhar na Base, a cortar relva, a lavar carros, a abrir valas... esses não queriam... os pobres é que iam... ter um ordenado de quinze em quinze dias, certinho... a senhora que ajuda maior!

Eles (trabalhadores), no princípio iam trabalhar na “trela” com um pano de tenda por cima, os ricos não queriam andar assim! Depois é que veio os “*buses*” dos trabalhadores da Base, mas isso já foi bem para a frente...

O que as criadas traziam da casa dos americanos! Misericórdia! Era outro ordenado. E os americanos quando se iam embora a quem é que davam o que não levavam? Era a elas... ficavam com a casa cheia... ajudava então muito.

A mulher que trabalhava na casa dos americanos, era diferente, era conhecida, vestia-se diferente, comiam melhor... era daquelas coisas que ela trazia da casa deles, dos jeitos deles... Até os pequenos (filhos) eram diferentes, tinham coisas diferentes...

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Eles por si ajudavam a todos!

Eles muitos deixavam roubar, e deixavam roubar, fechavam os olhos e deixavam rolar... havia muita abundância, eles abriam um caixote ponham nas prateleiras, o outro caixote mandavam dividir pelos empregados para levarem para casa... Eles davam... tinham alma de dar...

Quando era pelo Natal, passavam nas escolas, a deixar umas “caixinhas”, vermelhas e azul, com coisinhas para as crianças, eram borrachas, lápis, livros de pintar...sei lá, era tanta coisinha... aquilo era uma alegria. Eles iam a todas as escolas da ilha. Era para toda a “gente”.

Vinha uns carros a atirar gamas (corruptela de *gum*) e a “gente” quando via aqueles carros muito grandes, que pareciam banheiras, a “gente” gritava “Ei! Jo gama!” (Corruptela de “*Ei! Joe give me a gum!*” Era uma abundância!

Eles gostavam de morar aqui!

Havia uma amizade com a “gente”, eles eram nossos amigos. Fez-se muita amizade.

Muita “gente” emigrou por causa da Base, a “gente” via a vida deles aqui e íamos atrás disso! Hoje temos na América grandes senadores, doutores, engenheiros, muita “gente” que subiu na vida e são filhos de famílias que aqui eram uns desgraçados.

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Sim, fez diferença.

Como?

Acabei por ir para a América, vivi lá 26 anos, para fazer uma vida melhor, para poder dar às minhas filhas uma vida melhor. Quem vai para a América com juízo, endireita a sua vida. E eu fui, porque via essa “América” aqui (Base). Essa “América” daqui, não é muito pequenina, eu acho até bem grande...

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Aqueles tempos eram muito diferente de agora. Se fosse hoje eu nunca mais me meto num avião. Os aviões ficavam quase até ao Posto 1, ficávamos ali a ver. Eles fechavam o avião e iam-se embora..., mas não fechavam à chave! E a “gente” já sabia.

Havia um Tenente Aviador, que o meu colega namorava a filha e ela disse ao pai que se não se cassasse com ele que se matava (risos). E os americanos que são meio cismados. Ele (pai) falou com o meu colega, o meu colega falava muito bem inglês, sempre morou de roda da Base, em Santa Rita. A pequena era mesmo americana. A “gente” era como irmãos... pronto... e o pai da pequena disse: “Olha se quiseres casar com a minha filha, eu arranjo maneira de tu ires para Tennessee”. Conseguia metê-lo num avião... ele já tinha ensinado à “gente” como é que tínhamos de fazer.

No dia à noite, tínhamos de entrar no avião antes das 5 da manhã, para ninguém saber que a “gente” estava dentro do avião, porque os pilotos vinham sempre mais em cima da hora, para o avião sair.

A “gente” aparelhou-se para seguir (risos). O tenente disse a ele para ir, mas ele ficou com medo de ir sozinho, ele tinha 15 anos e eu tinha 13... ele disse ao Tenente que ia levar um colega.

Pronto, o Tenente ia arranjar as coisas para a “gente” ficar lá, ele casava com a filha do Tenente e havia de se arranjar uma “velha” para eu casar (risos).

Toca a “gente” para o avião, já sabíamos como é que se abria a porta, já sabia onde íamos sentados e tudo... e vamos embora... e toca a andar.

Aquilo era um avião de carga, um 124, daqueles muito gordos, muito grandes, qua andavam muito devagar... aquilo só tinha 2 pilotos e mais 2 rapazinhos novos. Ninguém sabia a “gente” quem era, nem que ia ali... não era um avião de passageiros, era de carga...

Ele já tinha explicado, quando a luz apagar, vocês podem entrar que não tem ninguém lá, e quando vocês chegarem a Tennessee, eu estou lá e vou buscar vocês e resolvemos o problema. Ele (amigo) casa com a filha do Tenente e eu com a “velha” ... uma coisa para resolver o problema, para eu ficar legal (risos).

Mas a carga que tinha para ir para a América, precisava despachar e alfandega e essas coisas. E o que é que eles resolvem? Ir para Inglaterra, porque tinha um piloto que estava doente.

A “gente” sabia a que horas íamos chegar à América e já estávamos com uma diferença de 1 hora, isto está mal!

Chegamos lá. Quando chegamos, esperamos para a luz apagar, sentimos mesmo o motor do avião a parar, um carro a parar a levar os pilotos... e saímos para fora.

Mas a “gente” não sabia que estava em Inglaterra, a “gente” pensou que estava na América! (risos)... fomos lá a uma bomba de gasolina... tinha lá um rapazinho e

perguntamos a ele se ele sabia aquela direção. E ele disse: “Ei essa direção não é aqui, Tennessee é na América, não é aqui. Isto não é Tennessee, isto é, Inglaterra.” (risos)

Bom, e agora? Ficamos lá sentados... acabamos por ficar lá 6 dias, para trás e para a frente, e não estávamos a gostar daquilo. Antes estar nos Açores, do que estar aqui!

Ao fim de 6 dias, voltamos ao avião, estava na pista o mesmo avião. Mas já não sabíamos quando é que saía, quando é que saía, se ia ficar lá muito tempo... Aqui, na Base a “gente” sabia tudo! Tínhamos os conhecimentos todos... lá “gente” não sabia nada. A “gente” também já não se importava, o dinheiro já se tinha acabado (risos)... e a “gente” lá encontrámos 2 militares que trabalhavam no avião, viram a “gente”. Um deles até se assustou bastante quando viu essas duas “alminhas” na pista (risos). O meu amigo, falava inglês corretamente e lá disse a ele: “A “gente” já vem dos Açores neste avião e eramos para ir para Tennessee, mas acabamos por vir até aqui!”

Conclusão, um daqueles militares nem tinha divisas e o outro tinha 1 divisa ... o que não tinha, não se importava de a “gente” ficar e ir para a América, mas o que tinha “divisazinha” ficou com medo se fosse apanhado, iam dizer que ele sabia e ele ficava sem a divisa ou podia ser preso... Então a “gente” fica para ir para a Terceira.

No outro dia já vinha o avião, mas já viemos tipo repatriados, para vir para trás. E chegamos aqui à Base das Lajes, era ambulância, era polícia, era sirenes por todo o lado... era uma coisa séria!

As pessoas já sabiam aqui que a “gente” estava... eles ligaram mesmo lá da Inglaterra a dizer que a “gente” estava lá, que não se preocupassem que a “gente” estava bem... e uma “gente”, que vou-te dizer, impecável, fomos primeiro a um hospital ver se tínhamos alguma doença, depois para a messe comer... eu tinha 13, ele tinha 15 anos... canalha!

Quando chegamos era comandante da polícia da Praia, o Comandante da Base, era uma coisa séria, bombeiros, ambulância...

Toca para casa. No outro dia fomos à Base, o comandante da Base, declarou que a “gente” tinha saído daqui, não era para fugir, era com a ideia de procurar um lugar melhor para viver... que aqui estava muito mal, não havia trabalhos...

Isso aconteceu em que ano?

É muito fácil, eu tinha 13 anos, eu tenho 75 anos, já foi há... 60 anos, 60 e tal anos... (1958). A nossa sorte, foi que não era tempo de guerra, (Ultramar), senão a “gente” tinha ido presos.

E prontos, o Comandante da Base disse que ia arranjar trabalho na Base, porque a “gente” dizia que não tinha trabalho e por causa disso é que tínhamos ido no avião...foi a desculpa que demos.

Bom já se arranjassemos um trabalhinho dentro da Base já não era ruim... mas o trabalho que ele me quis arranjar trabalho era a abrir valas, a “gente” não quis...

A “gente” estava para ir de segunda vez... (risos) eu podia ir porque ainda estava na idade que não se passava nada, mas o meu amigo, já era considerado fugir à tropa, já não podia...podia apanhar cadeia. Então a “gente” desistiu da ideia.

A “gente” era canalha, mas a “gente” já sabia o que é que queria (risos)!

E as menos boas?

Isso não tenho...

Parte II – Adoção

7- Conhece algum caso em que os norte-americanos tenham adotado/levado alguma criança portuguesa? Sim X Não

Pode-nos descrever o caso que conhece?

Lembro-me de se ouvir falar. Havia uma que era mãe solteira, passava misérias, passava fome, muitas vezes. Ela ficou grávida e os pais meteram-na na rua. Ficou sozinha para criar a criança, sem ter que comer, ela não trabalhava, não havia ajuda como há hoje em dia. Hoje uma mãe solteira, tudo se cria. Mas naquele tempo, aquela rapariga estava desgraçada, não casava mais... o pai da criança não ajudava, tinha a sua família, e ela ficou sozinha. O que é que ela havia de fazer?

Arranjou-se um americano e lá levou o pequeno...

8- Que idade tinha a criança quando foi adotada?

Eu acho que foi logo quando nasceu. Porque os americanos já iam a casa dela.

9- Por que motivo as famílias optaram por dar a criança para adoção?

Eu acho que era porque as famílias pensavam que os americanos podiam ajudar aquelas crianças a terem uma vida melhor, aqui iam ser uns desgraçados, como aqueles que ficaram para aí. Era uma maneira de ajudar, principalmente a essas crianças, se ficassem com os pais.

Era a necessidade...

10- Lembra-se do dia da entrega da criança? Consegue-nos descrever?

Isso então eu não assisti, não me lembro..., mas sei que os americanos foram acompanhando a gravidez, de vez enquanto iam a casa dela, a ajudavam com coisas... eles eram bons e ajudaram muito essa rapariga.

11- Como foi a separação da família biológica?

Pois olha foi uma dita para essa rapariga. Naquele tempo foi a melhor coisa que lhe aconteceu. E penso que ela depois até casou com um americano. Os americanos casavam com as raparigas mais bonitas (risos), e não olhavam a essas coisas... Mas deve ter custado a essa mãe..., mas o que é que ela ia fazer. Ela não o podia criar.

**12- No caso que conhece sabe se houve contato com a família biológica? Sim X
Não _____**

Como mantiveram esse contato?

Eu penso que os americanos enquanto estiveram cá, foram ajudando aquela mãe, até o bebé não nascer, iam visitá-la, levavam coisas, comidas, roupa. E enquanto estiveram cá sempre ajudaram essa mãe... depois foram-se embora e acabou, então.

13- Antes de partir para os Estados Unidos da América, sabe se a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

É capaz... porque eles tinham de acabar as comissões, não se iam embora quando queriam... devem ter levado a criança e ter ficado cá até poderem ir-se embora...

14- Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, ela terá sentido?

Não me parece, ele era um bebezinho, os pais foram os americanos...

15- A criança sabia que tinha sido adotada? Como soube/descobriu que tinha sido adotada?

Pois então não sei, nunca mais ouvi falar nisso...tem para mim que ainda hoje há pequenos que pensam que os seus pais são mesmo os americanos...não sei. Mas aquilo os americanos faziam por esquecer a família de cá, não lhes deixavam passar

necessidade, aquilo não lhes faltava nada. Eram casais que a maioria, nunca chegava a ter filhos e aquele pequeno é que era o seu filho.

16-E hoje, o senhor acha que a família tem contato com essa criança que foi adotada? Como é a relação?

Eu acho que aquela mãe nunca mais soube nada do seu filho... ele nunca mais veio cá... não me parece.

A família adotiva permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica?

Enquanto estiveram cá, eu parece-me que a ainda vieram com o pequeno ver a mãe, mas depois de se irem embora, parece-me que nunca mais se soube nada deste pequeno. Acabou-se...

17-Como foi o processo de adoção? Foi legalizado? Onde decorreu o processo? Nos Açores ou no país de acolhimento?

Aquele pequeno, tem para mim, foi registado mesmo como americano... a mãe nem sequer tinha dinheiro para registar o pequeno, os americanos ficaram logo com ele... aquilo foi filho dos americanos e pronto...

Naquele tempo, não havia papéis nenhuns ... era pegar e andar e pronto...

18-Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?

Aquilo eram as empregadas das americanas ou alguém que trabalhasse na base, é que conhecia essa rapariga, ela com certeza que não conhecia nenhum americano... tinha de ser alguém com o pé lá dentro e teve dó dela e arranjou um americano para ficar com aquele pequeno.

19-Que tipo de adoção a criança teve? Plena ou restrita?

Naquela altura, eu sei lá se foi sequer adotado. Aquilo foi a criança a nascer e os americanos a levar... eles sabiam quando ia nascer, porque eles estiveram sempre por lá... iam levar muita coisa à mãe, mesmo comida, para a criança não vir doente... para não faltar nada.... Eles então prepararam bem a coisa (risos).

20- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever-nos outros casos que conheça?

Não sei, esse foi o que me lembro melhor... de ouvir falar... sei que aconteceu muitos, mas então não sei como é que aconteceu...

21- Se não havia uma adoção legalizadas? O senhor dizia-me que a criança foi logo entregue aos americanos, como é que estas crianças saiam do país?

Era fácil, foi como eu que entrei num avião e fui parar a Inglaterra em vez de ir para Tennessee (risos). Só tinhas de conhecer alguém lá dentro que te metesse no avião, o resto era fácil...

Os próprios americanos tratavam disso tudo, chegavam lá e diziam esse pequeno é meu, nasceu aqui, e problema resolvido...

22- Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum? Havia denúncias?

Pois as pessoas haviam de falar..., mas coitadinhos, cada um sabia de si... muitos haviam de dizer que até era uma sorte para esses pequenos...

As autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?

olha o que é que haviam de fazer... aquilo até era uma esmola para aquelas crianças!

23- Conseguem-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Isso há de ter sido muitos... muitos e a maioria ainda hoje estão vivos, e não sabem nada dos filhos. E há filhos aí para fora que não sabem nada do que ficou cá.

Mas há de ter sido, então, um número grande.

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista XIV

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Humberto **Sexo:** M X F **Idade:** 74 **Escolaridade:** 7º
ano **Profissão:** Reformado **Naturalidade:** Angra do Heroísmo .

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de adoção de crianças terceirenses por casais norte-americanos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população Terceirense?

É uma influência enorme como não há outra em Portugal, trabalhar com americanos. Trabalhei na Base americana e trabalhei fora da Base (portugueses), e trabalhar fora é sair do céu e ir para o inferno.

Quando comecei na Base, em 66, com o 5º ano, era 2 ou 3 e toda a “gente” me dizia: “Tu és maluco!” o que é que eu com estudo ia fazer para a Base... e eu respondia: “Tenho de ir para a tropa e enquanto não vou, estou aqui e vou aprendendo umas coisinhas.”

Havia instrução, havia escola para a informática, naquela altura, isso em 66, ninguém sabia o que era um computador sequer. Eu nunca tinha visto coisa semelhante. A escola era à noite, com um instrutor americano, eu tinha feito o exame C (Exame de admissão para a Base).

Devo ter sido das pessoas, naquela altura, que entrou para a base com mais escolaridade. O meu chefe tinha a 3ª Classe... ele falava inglês, era um “Dr.” e desempenhava as suas funções com uma perna às costas e tinha a 3ª Classe! As chefias daquela altura, olhavam-nos de lado porque tínhamos estudo.

A maior influência foi ao nível de empregos, da economia e da formação profissional que recebíamos, cá fora, em Portugal, nem havia...

Havia pouca população instruída que ia trabalhar para a Base, porque tinha aquela coisa de levantar às 6 da manhã para ir trabalhar para a Base às 8h, era de noite! “Então não vou!”, preferiam ir para a Repartição que só abre às 10h da manhã (risos)...

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

A vantagem foi o desenvolvimento que eles trouxeram, principalmente na Praia, durante os primeiros tempos. A pena foi não saberem aproveitar mais aquilo que eles trouxeram.

O hospital americano tinha a maternidade, que desapareceu por volta da década de 90. Nessa maternidade, nasceu cerca de 10 000 bebés americanos. O passaporte deles dizia nascido nas Lajes e já muitos vieram cá só para conhecer o lugar onde nasceram.

Foi umas centenas de milhares de rapazes e raparigas na escola americana.

Havia vários negócios paralelos criados a partir do que se trazia ou desviava da base (risos), depois vendiam cá fora: era gasóleo, mobílias... Eles (portugueses) perdiam mais se tirassem do que se pedissem...

E desvantagens?

Fora as pessoas da Terceira não saberem aproveitar as vantagens que eles trouxeram, por exemplo, tirar partido da formação profissional que eles davam... e a aplicação, falta de pessoal português habilitado para interpretar a legislação laboral, havia muita falta neste campo. O Comandante português estava-se a marimbar para isso.

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Havia, no tempo que havia muitos americanos cá, havia as Associações das Esposas de Oficiais, as Associações das Esposas dos Sargentos e também de alguns Cabos e Soldados.

Havia aquele programa *People to People*... isso ajudou nas escolas... levavam as “caixinhas” pelo Natal. A minha irmã apanhou, lembro-me bem... e às vezes trazia para mim, que eles mandavam. Estudei numa escola particular de rapazes, ela é que andou na escola pública.... Aquilo era uma alegria, naquela altura, não havia nada!

Aquilo que me diziam, era sobre a questão dos “Bairros da Lata”, eles facilitavam muito, ao nível da água e da luz dos bairros, era dada pelos americanos.

Pois tinha também a questão da censura do Governo Português e mais tarde do Governo Regional, da extensão da televisão americana... As pessoas aprendiam inglês a

ver televisão americana. Foi uma pena não ter sido extensiva a toda a ilha ou a todas as ilhas como eles (americanos) queriam. Via-se só no concelho da Praia, mas mesmo assim foi com grande relutância do Governo Português...

Os americanos investiam na formação dos seus trabalhadores, fazíamos vários cursos que nos dava oportunidades de subir (na carreira), de nós melhorarmos.... É outra maneira de ver as coisas.

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Era à base do programa *People to People*. O *People to People* era um programa deles verem que havia mais pessoas necessitadas que eles e de eles prestarem apoio... era o financiamento deles... eram equipamentos para escolas... iam levar mobílias e roupas ao orfanato... aos lares de idosos... acho que davam a clubes, equipamentos, bolas...

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Não... nunca fiquei deslumbrado por os americanos serem uma coisa do outro mundo.... Eram pessoas como a “gente”, falavam outra língua, tinham outra cultura...mas a “gente” não lhes ficava atrás.

Mas o senhor acha que se não tivesse ido, por exemplo, trabalhar para a Base, onde teve contato com os americanos, que a sua vida tinha sido diferente?

Acho difícil... quando cheguei do serviço militar, ao fim de 3 dias já estava a trabalhar..., mas vim para a base e no início até não estava muito interessado... fui trabalhar para a aviação. Aí é que comecei a ver as coisas como eram... eu vi coisas na pista... vi muita coisa...

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Ah! São tantas... Uma vez chego ao terminal, estava lá uma rapariga loira com 3 metros de altura (risos), uma mulher alta, mas muito tímida, ela nunca tinha saído da América para lado nenhum.... Apresentou-se... tudo rapaziada nova... Ela acabou por ficar cá uma série de tempo, até poder.... Era uma excelente pessoa... Ela quando tinha alguma coisa, conversava comigo... eramos amigos! Havia uma relação de amizade.... Foi as amizades...

E o ter podido aprender, progredir no trabalho, quem quisesse estudar, tinha tudo!

E as menos boas?

Só se for de algum colega português (risos) dos americanos não tenho nada a dizer.

Mas mesmo uma má recordação, foi de um americano, numa festa de Natal, o Coronel veio à mesa dos empregados portugueses com o Capelão português “Olha esses são os meus empregados portugueses”. Ele é que era o Comandante e o padre vira-se e diz: “Oh! Mas aquele ali foi meu aluno...” – “O quê? Foi seu aluno? Mas ele estudou no Liceu?” Eu disse mesmo em inglês: “Oh! Meu Comandante, isso fica mal da sua parte, o senhor não conhece as habilitações dos seus empregados?” Foi essa desvalorização... a minha má recordação.

Parte II – Adoção

7- Conhece algum caso em que os norte-americanos tenham adotado/levado alguma criança portuguesa? Sim X Não

Pode-nos descrever o caso que conhece?

Logo muito no início... em... 72, lembro-me de dois que tinham sido adotados, eles tinham o processo. As saídas eram controladas pela PIDE, eles tiveram lá a ver os papéis e os passaportes... aquilo tudo...deram meia dúzia de “carimbadelas” e pronto.

8- Que idade tinham essas crianças?

Eram grandinhos, 6 ou 7 anos. Eles não se interessavam por pequenos muito grandes, já tinham vivências, iam-lhes fazer perguntas...

9- Por que motivo as famílias optaram por dar a criança para adoção?

Davam crianças para a adoção porque sabiam que aqui...

O aparecimento dos Bairros da Lata foi por várias necessidades. A maioria eram pessoas que vinham de outras ilhas. Era “gente” pobre que estava cá para ter uma vida melhor e fugir à pobreza. E era “gente”... mesmo dentro destes bairros, houve muita “gente” que progrediu com os americanos e com bons ordenados e boas coisas, mas estavam acostumados ao Bairro da Lata e não saiam de lá de maneira nenhuma.

Os que não tiveram oportunidade de melhorar, e que tinham muitos filhos, porque naquela altura o controlo de natalidade era uma fantasia (risos) achavam que mandando

os filhos para a América que eles iam melhorar e que mais tarde poderiam ir lá ter... mas entretanto as leis de emigração mudaram e isso não era bem definido.

10-No caso que ouvia falar sabe se houve contato com a família biológica?

Sim ☐ Não ☒.

11-Antes de partir para os Estados Unidos da América, sabe se a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Naquela altura eu acho que a maioria dos morava na Base seriam civis de um certo escalão para cima... e de oficiais de americanos outros viviam cá fora, em Santa Rita, 25 de abril. Acham que... normalmente, um ano antes de acabaram (as comissões), já sabem a data que vão e aí nessa altura já começavam a preparar as coisas para ir (América).

Então o senhor acredita que era mais perto dos fins das comissões de serviço?

Sim, eles... os americanos não são nada tolos, eles sabiam como é as coisas são. Isso ia ser muita confusão, para afastar das famílias, para a criança não “estranhar” muito...

12-Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro?

Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, ela terá sentido?

Os bebés eram os mais fáceis. Praticamente só conheciam a realidade americana.

Acho que os mais velhinhos também já não iam completamente estranhos porque se calhar até já sabiam falar inglês... o português deve-se ter perdido quase completamente, e a pressão de estarem sempre metidos com americanos, acabava por se assumirem como americanos, ao fim de algum tempo, e... mudavam de nome para algum nome em inglês.

13-A criança sabia que tinha sido adotada? Como soube/descobriu que tinha sido adotada?

Alguns, principalmente os “maiorzinhos” sabiam, percebiam o que estava a acontecer ... já os bebés não sei se alguma vez chegaram a saber...

14- A família tem contato com a pessoa que foi adotada? Como é a relação? A família adotiva permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica?

Algum que tivesse sorte, tivesse crescido e tivesse tido juízo e qualquer coisa... eu acho que até podia ter levado a família para fora, mas eu acho que não! Aquilo acabava por se perder o contato...

15- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado? Onde decorreu o processo? Nos Açores ou no país de acolhimento?

Legal, legal? Eu não me parece. Eles para entrarem na América... pois tinha de ter no mínimo um passaporte e com o visto e terem tratado com o consulado... depois de terem documentação... embarcavam e pronto. Mas isso tinha de ser tratado cá... Quando chegavam lá, era como um emigrante, tratava diretamente do cartão de residente e destas coisas...

O que os colegas mais antigos contavam, diziam que isto era tratado através do comando português e do Governo Civil... Depois tinha um advogado...

Nessa altura, soube que a Lei portuguesa para a adoção era muito vaga e eles tinham uma maneira de ver as coisas de acordo com os interesses da criança e a falta de meios. O Governo civil concordava e despachava favoravelmente para viajarem...

16- Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?

Os americanos eram vizinhos de rua dos portugueses, aquilo era só atravessar a rua e estavam em casa uns dos outros.

As empregadas deles, essas eram diretamente contratadas por eles (americanos), tinham assistência jurídica do escritório civil, para ajudar a resolver problemas de leis portuguesas do trabalho. Oficialmente, não eram empregadas da Base, era empregada particulares das famílias americanas. Depois aí, é claro, criavam-se e faziam-se os tais laços, havia os tais conhecimentos de quem tinha bebés e quem é que estava disposto a dar... havia sempre alguém no meio... havia sempre alguém que sabia como fazer as coisas...

Havia também os trabalhadores da Base, era quase tudo da zona da Praia, Agualva e arredores (Concelho da Praia), e depois havia sempre “gente” disposta a ganhar uns trocos sem ninguém chatear e para dar um jeito ao americano.

Então, o senhor acha que havia um intermediário que fazia a ligação entre as famílias?

Tinha de haver, sempre... e havia de receber qualquer coisinha, um prémio em troca...

E acha que esse “prémio” chegava às famílias?

Tenho impressão que não. As famílias o prémio que tinham havia de ser enquanto a família americana estivesse cá, ajudasse em roupas, comida, coisas assim... quando se iam embora, cortavam, desapareciam...

17- Que tipo de adoção acha que essas crianças tinham? Plena ou restrita?

Algumas nem foram adotadas... e as que foram... não sei...

18- No caso de não serem legalizados? Como é que estas crianças saiam do país?

Vão pela porta do cavalo.

Era fácil, ir em avião militar ou mesmo em avião contratados pelos americanos. A “gente” ia se quisesse, havia “montes” de lugares não ocupados que estavam fora do contrato...

Havia “gente” que dizia que havia “gente” que recebia dinheiro para pôr pessoas nos aviões militares americanos, e era fácil, porque não havia fiscalização nenhuma da parte portuguesa. E naquela altura era tudo azul, qualquer pessoa tinha uma viatura azul, chegava ao pé do avião, conversando com o piloto “master” ou com alguém de bordo, combinado, era fácil. Depois tinham de ter contatos lá (EUA) para o controlo das fronteiras. Mas, também... pelo que me contavam, aquilo era coisa fácil...

Aquilo no princípio, desde 46, aquilo era pega e anda, não havia nada que saber... não havia controlos de nada nem de ninguém. Até ao 25 de abril, não havia praticamente militares portugueses no Terminal na parte da aviação, não havia qualquer controlo. Até ao 25 de abril, não era preciso muita coisa (documentação), era só conhecer alguém na pista e embarcar.

19-Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum? Havia denúncias? As autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?

Pois, os americanos estavam num país estrangeiro, eles oficialmente, não podem falar nada, e tanto é que em 70 anos, quantas entrevistas fizeram a um americano no jornal ou na televisão? Mas a “gente”, depois, falando com eles, a “gente” vai sabendo coisas. Por esses, esse que pagaram... A Base funciona como uma cidade, e o “Presidente da Câmara” é o Comandante da Base e essa parte nunca foi falada.

Isto era um assunto que não interessava falar..., entretanto, havia uma outra coisa, que os portugueses nunca controlaram, o tráfego de passageiros, só que às vezes vinham congressistas, senadores, vinham com um passaporte normal e não dava nas vistas...

O controlo de passageiros era feito pela PIDE, eles é que acabavam por controlar a saída destes pequenos...

A PIDE era como o controlo de fronteiras, havia o passaporte, estava OK, os PIDE's não estavam para se chatear... havia os PIDE's que o partido comunista diaboliza e havia o PIDE que era o funcionário público e não tinha sequer patente...

Havia muita facilidade, ninguém controlava nada, ou controlavam aquilo que queriam...

20-Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Não faço ideia, deve ter sido uns quantos, deve ter chegado ao milhar, senão mais...

21-Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Alguns acredito que terão ido por bondade dos americanos, a adoção... e outros se tivessem sido adotados, pois tinha sido uma sorte...

Os americanos têm muito aquilo de ajudar. Havia muitas casas de meninas, os arredores da Base, a Praia, era um grande centro de prostituição e foram muitos adotados destas casas.

A decisão de adoção do americano por um rapaz português, pode ser também uma hipocrisia religiosa... (risos). Há outras que são educadas...adotam uma criança porque vêem que ela está a passar mal e eles (americanos) tem possibilidades e levam-nas.

Só que há uma coisa, é o rendimento deles aqui e o rendimento deles lá, é muito diferente, eles aqui tinham outro estilo de vida, eram ricos, lá não. E houve muita “gente” que foi nessa ilusão... pensavam que o nível de vida que eles tinham aqui era igual ao que eles tinham lá. E às vezes eles estavam lá pior do que estavam aqui!

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista XV

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Idalina **Sexo:** M F X **Idade:** 60 **Escolaridade:** Frequência Universitária . **Profissão:** Reformada **Naturalidade:** Praia da Vitória .

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de adoção de crianças terceirenses por casais norte-americanos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população Terceirense?

Os americanos quando vieram para cá, eu acho que deram 1 revolução à ilha Terceira. No princípio muita família dependia dos americanos para viver. Aquela estrada 25 de abril, aquilo ali, veio “gente” de Angra fazer casas; houve emigração que veio de S. Miguel para cá. Deu muito trabalho.

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Eles dão muitas oportunidades lá dentro, podemos ir subindo, porque eles facilitam que façamos mais cursos, aprender mais, para podermos melhorar e subir.

O meu avô veio para cá de tradutor, para a Base, ele veio de S. Miguel, ele veio de tradutor para a Base, foi no princípio da Base, e aí meteu os filhos todos a trabalhar na Base.

E desvantagens?

A única desvantagem que eu acho, era muita aviação! A “gente” morava ali naquela linha junto à pista e, portanto, eu lembro-me de a “gente” abrir a porta da cozinha da minha mãe e cheirar gasolina ou gasóleo.

Um médico, uma vez disse à minha mãe, que naquela rua, que o cancro que havia nas Lajes, ele queria fazer uma investigação, que era por causa da Base. A aviação. A percentagem de cancros a nível de Terceira e a nível de concelho da Praia.

Havia o amianto, veio pela Base e depois é que veio cá para fora... mas naquela altura ninguém sabia que essas coisas podiam-nos fazer mal.

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

A primeira coisa, quando deitavam comida do comissário fora, iam pôr para a Caldeira, para as pessoas irem buscar, já era uma boa ajuda. Ia muita comida para o lado da Caldeira e as pessoas iam buscar...

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Havia bebés que nasciam no hospital, e não havia as incubadoras no hospital cá fora, e os bebés iam para o hospital lá para dentro (Base). Eles deram muita coisa para o hospital de Angra! Ajudaram “montes” ao hospital de Angra, eu fui uma delas que levei disparates (muito). E máquinas e tudo...

Os americanos, a “gente” tem de dizer, tinham coisas muito boas, quando havia acidentes cá fora, coisas graves, iam para o hospital americano, porque cá fora não havia os equipamentos que tínhamos lá! Eles estavam muito avançados, comparado com a nossa medicina, imagina naquela altura! Não tinha nada a ver! Na altura éramos uma miséria...

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Aí influenciou, sem dúvida nenhuma.

Como?

Eu lembro-me de ir à entrevista, e tentarem-me lixar, que queriam o lugar, e lembro-me de me fazerem perguntas de medicina, que se eu não tivesse a sorte que eu tive em questão de ter algum conhecimento. Eu ainda hoje, a entrevista que tive de 1 hora e tal, eu não sei como é que passei naquela entrevista e fiquei logo no lugar. Eu não sei como é que passei... como eu consegui... eu tinha alguma formação, fiz 2 anos de enfermagem..., mas mesmo assim, saber aqueles termos em inglês! ...

Nós fazíamos de tudo, era acompanhar grávidas, era fazer exames, era tudo, quando chegava ao médico, já tinha feito os exames todos que eram precisos... foi uma grande experiência de vida.

Na Base, os americanos dão oportunidades de subirmos, aprendermos que cá fora nunca vão dar... eles davam-nos valor e investiam na nossa formação, na “gente”! Eles dão valor aos empregados que tem e dão cursos... o que eu aprendi ali! Não tinha nada a ver com os conhecimentos que eu trazia. Tu cá fora vias a tensão (arterial) com a borracha a desfazer, lá tu tens de aprender logo é com máquinas. Eu tive uma Major que me meteu nos cuidados intensivos, sozinha. Eu tinha uma Capitão e ela ia para lá e deixavam-me sozinha. Aquilo era uma responsabilidade..., mas eles acreditavam na “gente”! E o hospital tinha tudo, não faltava nada!

Os americanos eram muito amigos, eles eram muito amigos da “gente”...eram muito amigos dos portugueses... não havia doutor, enfermeiro, como há cá fora, lá era tudo igual, trabalhava-se tudo para o mesmo, em equipa...não havia distinção. Eu lembro-me de termos casos gravíssimos, lá na cirurgia, e eles não distinguiam, eles ajudavam-nos...trabalhávamos todos em conjunto, era para salvar aquela pessoa e pronto!

Eu notava muito, como a “gente” se dedicava muito àquilo, eu mesmo adorava, eles diziam mesmo, eles ensinavam... a “gente” não tinha a experiência, mas eles ensinavam-nos.

Eu lembro-me de uma Major, e ela, chegávamos a ter a 8 e a 10 pessoas internadas ao mesmo tempo, aquilo era muito grande, estava sempre cheio de “gente”. E eu lembro-me dela, vinha por exemplo, uma urgência a “gente” tinha de fazer papéis, tínhamos de fazer muita coisa! E ela depois sentava-se comigo, vê lá, tu? Sentava-se e ia buscar um livro e dizia: “Este doente entrou, o que achas que este doente tinha, o que é que achas que deves fazer?” Eu tive de aprender inglês, assim (estala os dedos, sinal de rápido), tive de saber aqueles nomes todos, aquilo tudo... a “gente” tinha treinos.

Nunca pensei que a minha vida ia ser isso... nunca podemos desvalorizar! A “gente” tinha doentes de tudo, de toda a qualidade, chegava doentes de todas as qualidades e feitios, não era só uma especialidade... a “gente” tinha de saber de tudo... tinhas de saber de todas as especialidades.

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Olha com a minha idade, cá fora ainda estava a trabalhar, já estou reformada, eu nunca ganharia o que estou a ganhar, nunca ganharia o conhecimento de enfermagem que eu ganhei... o que eu ganhei no meu período de trabalho, o que aprendi, nunca tinha

ganhado... a oportunidade de conhecer “gente” belíssima que conheci... conheci muita “gente” que me ajudou em muita coisa...

Eu lidava com eles todos... e ajudei bastante “gente” de cá de fora, com os conhecimentos que tinha nos hospitais, bastante “gente”...bastante “gente” portuguesa.

A bagagem que a “gente” trazia, a “gente” tinha bagagem de tudo... trabalhei em enfermagem... hoje se me chamassem para trabalhar em qualquer especialidade no hospital, eu não tinha medo nenhum de ir para qualquer uma... qualquer uma especialidade, mesmo hoje...

Eu tenho de agradecer a eles, porque eu tive uma oportunidade de... tudo, de ganhar muito dinheiro, de cuidar das minhas filhas sozinha da maneira que cuidei, dar estudos, pela experiência profissional que ganhei, nas mais variadas especialidades... a “gente” sabia de tudo... a “gente” fazia a ligação entre americanos e portugueses.

Não há patrão melhor! Trabalhávamos muito, mas não nos ficavam a dever 1 minuto. A “gente” não tinha vida, não havia tempo para a família...

E as menos boas?

Nenhuma. Eu quero trabalhar com os americanos e não quero trabalhar com os portugueses (risos).

Parte II – Adoção

7- Conhece algum caso em que os norte-americanos tenham adotado/levado alguma criança portuguesa? Sim X Não

Pode-nos descrever os casos que conhece?

Disparates (muitos) deles. Eu lembro-me de casos de quando era canalha, de ouvir pessoas que deram os filhos.

Houve muitos casos...conheci um advogado que veio cá, eu estava na enfermaria, logo ali nos princípios, e ele era um senhor já de alguma idade, isso já foi há tanto ano! Estávamos na enfermaria e ele andava à procura de descobrir os pais... como eu era portuguesa, mandaram-me a mim, na altura, conheci o senhor, e houve alguém, ele disse-me o nome em americano e as coisas todas. E eu disse a ele: “olha podes ir saber”, mas ele não tinha registo nenhum. Ele dizia que a única recordação que tinha, os pais americanos, antes de morrer disseram-lhe, que ele era dos Açores, que na ilha Terceira havia uma Base e que a mãe era da Serra de Santiago. Os pais disseram-lhe isso, mas ele não sabia mais nada. Olha, ele meteu-se para cá, foi ao hospital americano a pensar

que havia registos... não havia registos. Mas foi engraçado que este senhor depois veio e eu depois mandei-o ir ter com uma colega, eu até fui com ele, a casa dessa colega, e ela lembrava-se deste caso... lembrava-se do caso...e ela é que foi com ele a casa da mãe dele e a mãe ainda estava viva. E ele encontrou-a... lembro-me disto, eu estava a trabalhar, ela ainda conheceu o filho, mas ele não tinha registo nenhum, nascido não sei a onde, e aquilo foi dado àquele casal americano e ele só soube quando o americano estava para morrer e é que disse a ele que ele era de cá. Ele nunca descobriu que era filho de portugueses, só quando estavam os pais a morrer. Mas ele veio logo, e na altura, ele já era um senhor para uns 60 e tal anos. E ele meteu-se para cá... a minha colega tinha conhecimento, não sei como.

8- Que idade tinha a criança quando foi adotada?

Ele era bebé, bebé, quando saiu daqui. Que eu conhecesse, eram mais bebés. Para adotar era mais os bebés! No passado acredito que também era mais fácil levar bebés. Mais para a frente, já soube de uns já grandinhos.

9- Por que motivo as famílias optaram por dar a criança para adoção?

Eu conheci uma mãe que deu porque não tinha capacidade para criar o filho. A mãe e o pai meteram-na na rua, ela, acho que o primeiro filho até era de um americano. E ela depois teve mais 3 ou 4, e ela dava, mas ela adorava os filhos! Mas ela nunca mais soube nada deles... Essa mulher morreu comigo em Angra e ela não sabia nada dos filhos... ela tinha esse remorso... Ela não tinha condições. Essa deu sem querer dar! Ela não tinha hipóteses. Tu sabes que antigamente aqui, as mulheres que tinham filhos, solteiras, não prestavam, iam para a “vida” (prostituição) ...resumindo e concluindo, a forma que elas tinham de salvar os filhos era dá-los! Elas não tinham hipótese. Pelo menos dar a um americano a “gente” pensa que eles vão ficar melhor. A “gente” pensa que sim! Mas também conheci 2 casos que eles não ficaram nada bem lá fora.

10- Lembra-se do dia da entrega da criança? Consegue-nos descrever?

Eu vi, uma pequena com 14 anos, que a mãe era parteira no hospital americano e ela, a pequena engravidou de um rapaz da Praia, essa pequena ficou grávida, e mãe já tinha criado os filhos com muita dificuldade, não tinha condições para criar mais um. A filha tinha 14 anos, não tinha condições para o criar, e o bebé nasceu no hospital americano, nunca mais me esqueço. A mãe sentada a olhar para o bebé, o pai, era um pequeno,

também novinho. E o bebé nasceu, veio um casal americano e pegou no bebé e levo-o, e o português coitadinho, ficou ali a ver o bebé a ir embora, os olhos deles a ver o pequeno a sair... e andou!

11- Como foi essa separação para esses pais?

Os pais ficaram a olhar para o pequeno a ir embora, nunca me hei de esquecer! Nem tiveram oportunidade de “abrir bico”, e o bebé andou com esse casal americano. A cara da rapariga e do rapaz, do pai e da mãe (biólogicos)! Foi o maior trauma que eu tive! Nunca tinha vista uma coisa igual! E aquela mãe nunca mais soube do bebé, porque o bebé foi registado, tudo, como filho dos americanos... acabou de nascer, ela teve o bebé, lavadinho, “arrematadinho”, vestidinho e veio o casal, andou e acabou! O bebé foi registado no nome dos americanos, nunca mais ninguém sabe nada daquele bebé! E isso aconteceu a muitos... andou!

12- No caso que conhece sabe se houve contato com a família biológica?

Sim _____ Não X .

13- Antes de partir para os Estados Unidos da América, sabe se a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Alguns, eu sei que iam-se embora logo. Era quando estavam perto de se ir embora...

14- Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, ela terá sentido?

Mas acho que eles adaptavam-se. Aprendem depressa o inglês. E outros eram pequeninos era como se fossem americanas.

Mas já viste bem a cabecinha daqueles pequenos. Estás aqui com pai e mãe, agora vais parar para ali, não conheces aquela “gente”, não falas aquela língua... a cabecinha daqueles pequenos! ...

É normal que até possa correr mal a adoção, eram pequenos que já tinham dado tanta volta na vida, não sabiam falar inglês. Conheci uns que vieram para trás, um tinha 6 e o outro tinha 4 anos, o que eles já tinham penado, e deixar tudo para trás para seguir com dois estranhos, porque é verdade, eles não sabiam quem era aquela “gente” e deixar

atrás pais, irmãos...deve ter sido uma grande confusão naquelas cabecinhas. Eles voltaram para trás já mais velhinhos...

Eram famílias, muito diferentes, umas foi por pobreza por não ter como os criar, outros porque eram muitos filhos e um de cada pai, outros porque os pais as metiam na rua porque era uma vergonha, e não tinham hipóteses... eram pessoas que não tinham grandes escolhas.

15-A criança sabia que tinha sido adotada? Como soube/descobriu que tinha sido adotada?

Pois havia de tudo. Alguns hão de ter sabido e outros ainda hoje pensam que são filhos dos americanos...

16-A família tem contato com a pessoa que foi adotada? Como é a relação?

Eu tenho conhecimento de 3 casos que já vieram cá à procura das suas famílias. Teve aquele caso do senhor que foi mesmo ao hospital ter comigo. Depois conheci um outro que, uma rapariga, ela procurou-me como eu tinha estado no hospital, se eu sabia alguma coisa, e eu para te ser sincera, eu não sabia nada dela, na altura eu não tinha conhecimento nenhum dela, de ela ter sido adotada, nada! Ela já tinha quase 70 anos... como é que eu ia saber! Eu disse: “Oh! Senhora, eu não a posso ajudar”, mas disse-lhe que havia uma outra senhora que tinha trabalhado no hospital americano, já velhota, ela já morreu, indiquei-lhe para ela ir para lá, mas então não sei o resultado. E sei de uma outra, ela era para os lados de Angra, ela descobriu que a família era desses lados... mas como é a relação dele não te sei dizer.

A família adotiva permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica?

Não! Acabou! Não havia mais contato nenhum. Não conheci nenhum assim. Os americanos não mantinham contato com as famílias.

Eu acho que a maioria deles, os pais (adotivos) nem contava que eles eram portugueses. Dos conhecimentos que eu tenho!

17-Como foi o processo de adoção? Foi legalizado? Onde decorreu o processo? Nos Açores ou no país de acolhimento?

Isso eu não tenho conhecimento, nenhum. Eu acho que na altura, eles pegavam neles e levavam e ninguém sabia... no princípio nem sequer havia registos... talvez no princípio, eu acho que não havia nada... depois não sei então como é que eles faziam...

18- Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?

Isso era “gente” dos arredores da Base, “gente” próximo da Base. Pode ter havido algum mais afastado, mas os americanos também moravam fora da Base... mas muitos casos era arredores. E havia também os trabalhadores da Base que conheciam nas suas freguesias e davam a indicação...

19- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever-nos outros casos que conheça?

Eu tenho conhecimento de uma que, ela deu 3 filhos.

Portanto, um irmão ficou cá, a “gente” convivia, ele lembra-se de correr para ir atrás deles, para ir roubar os irmãos aos americanos, porque a mãe deu, ele lembra-se, ele viveu sempre desgostoso a lembrar-se dos irmãos, a idade estava a avançar e ele não sabia nada dos irmãos, ele sofreu muito com essa perda. Ele pediu-me, para procurar, como estava na Base. E eu descobri os 2 irmãos, depois falei com uma conhecida sobre isso, e nós encontramos-os porque eles eram militares (os irmãos).

Ele não falava inglês, mas a mulher dele, chegou a falar com eles. A irmã dele, casou com um médico americano.

A mãe desses pequenos teve 5 filhos, ela ficou com 2 e deu 3! E o irmão que ficou cá, trouxe consequências para a vida toda...portanto ele recordava-se da mãe dar! A mãe vendeu! De certeza! E ele teve sempre esse desgosto. E ele nunca descobriu a irmã! Só sabia que ela era casada com um médico, ela “manquejava” de uma perna, ele dizia sempre que ela tinha um defeito numa perna..., mas nunca a encontrou.

Mas houve muito caso... aquilo começou logo quando os americanos chegaram cá. Esse caso que te contei agora é de 50's, esse homem para a idade que tinha, ele já morreu, isso foi caso muito, muito antigo, não foi dos primeiros, porque de certeza que houve mais atrás, mas é dos anos 50, não te sei precisar o ano, mas é 50's. E não havia registo nenhum! Aqueles pequenos não existiam nos Açores, porque a “gente” procurou! Nada!

Houve também aquela que levou 2 pequenos, que estavam aqui na... havia 2 pequenos que foram adotados por 1 médico, eles estavam num Lar. Um médico levou-

os, e aquilo parece que não correu bem e ele veio-os trazer de volta para trás... e depois outro médico é que os adotou... houve 1 médico que os levou, eles já eram grandinhos, não sei o que é que se passou, vieram os 2 para trás, e depois outro médico é que os levou. Isso durou anos sem fim...

Depois teve uma pequena, que adotou várias pequenas, ... tu não fazes ideia, não tens noção... foi uma coisa muito séria. Mas aí já foi mesmo adotado.

Lembro-me na altura da minha infância, que eram raparigas novas, eu conheci, e conheci casos depois, conheci um caso de uma rapariga, essa rapariga dava crianças, eu penso que ela vendia! Mas não tenho a certeza... nunca assisti, isso sou eu a pensar pela vida que ela levava. Mas ela deve ser mãe de muito filho, muito filho, porque ela era mãe de muitos rapazes, que deu ou vendeu... isso foi muito lá para trás, eu era nova! Ela tinha rapazes de pais diferentes e ela dava! Tinha de se desfazer deles...

20-Os casos de que tem conhecimento, foram legalizados? No caso de não serem, como estas crianças saiam do país?

Não eram legalizados. Nos princípios, nada disso era legal!

Então como é que essas crianças saiam do país?

Eu vou-te ser sincera, eu sei, veio uma mulher do Iraque num avião que ela não tinha registo nenhum, porque tinha perdido tudo na guerra, e depois ela não podia sair da nossa Base, porque ela não tinha registo nenhum. Como é que eles trouxeram aquela mulher para aqui? Isso para dizer, se nessa altura ela chegou cá sem nada, imagina em 50, 60? Eles arranjavam sempre maneira de contornar... depois para sair daqui ela meteu-se num avião militar... num avião militar, eles conseguem fazer o que quiserem!

E se calhar quando nasciam, já registavam como filhos dos americanos e pronto, eram seus filhos, faziam-lhes os papéis no consulado como nasceu cá e pronto... registavam logo como seus filhos... era mais fácil...

21-Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum?

Isso era um segredo. Era um segredo da família! Aquilo a vizinha, uma amiga sabia, o resto... não se metia... desapareceu, desapareceu! Ficavam grávidas encobriam, uma amiga ajudava no parto e nem se chegava a saber de metade, para ninguém saber...

E havia denúncias? As autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?

Ninguém se metia nisso...

22-Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Davam, “adotavam” (risos) ... nasceram muitos em casa, e era fácil de dar, nessa altura, muitos nasceram e andaram... os americanos na porta à espera dos pequenos e entregava-se e pronto...houve muita criança que andou daqui para fora!

Foram disparates (muitos)! Números? Não faço ideia. Muitos! Agora, houve muita criança que nunca se há de saber, nunca se chega a saber... foram muitos, muitos mesmo.

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista XVI

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Norberto **Sexo:** M X F **Idade:** 83 **Escolaridade:** 4ª
Classe **Profissão:** Reformado **Naturalidade:** Praia da Vitória .

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de adoção de crianças terceirenses por casais norte-americanos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população terceirense?

Os americanos foram muito bons, empregaram muita “gente”, as pessoas viviam da Base quem saia para fora não queria trabalhar, ainda hoje não quer, mas também não havia trabalho.

Foram muitos para a Base trabalhar, sachavam milho e foram para lá... tiveram sorte e hoje estão muito bem na vida.

Houve um senhor aqui na Praia que também era empregado lá de cima da Base, fez um casarão, uma coisa lindíssima..., mas por que ganhava bem na Base. e depois fez 2 estufas, plantou ananases que eram os melhores ananases...

A vida mudou muito, muito, muito, por causa dos americanos... cá fora havia muita miséria!

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

As vantagens na minha opinião foram os trabalhos que trouxeram, as vidas ficaram melhores, passamos a ter mais coisas, porque tínhamos mais dinheiro, tínhamos uma vida melhor. Eles gastavam muito no nosso comércio, a Rua de Jesus era só americanos para cima e para baixo, de dia e de noite (risos)... mexeram muito com a vida das pessoas da nossa terra. Foi, mais desenvolvimento para a Terceira.

E desvantagens?

Não vejo desvantagens. Acho que eles só trouxeram coisas boas...pena é que as pessoas já se esqueceram disso.

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Eu ainda apanhei os ingleses, e eles também fizeram festas para as crianças, dava uns pequenos mimos, mas com os americanos é que foi tudo.

Eu apanhei os ingleses, a minha mãe tinha uma amiga, que trabalhava numa loja que tinha umas janelas para o caminho, e elas estavam a bordar lencinhos, e o que se vendia daqueles lencinhos aos ingleses e depois para os americanos. E lembro-me da “gente” na janela é dizer “havechief” (Corruptela de *handkerchief*) ... Era para eles comprarem os lencinhos.

Depois íamos para a praça com o meu pai, eles (americanos) atiravam dinheiro e aí a “gente” parecia algozes (risos) em cima uns dos outros para ver quem chegava primeiro às moedinhas.

A minha madrinha fazia uns robes de cetim, bordados, para eles levarem para as suas senhoras... e a “gente” era os modelos (risos).

Lembro-me também, com os americanos, deles passarem e nós crianças dizíamos “Eh! Jo Gama” (corruptela *Ei Joe Give me a Gum*) ... e eles atiravam os “candinhos” (corruptela de *Candy*) para a canalha... era tudo por cima uns dos outros... (risos).

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Ajudavam, ajudavam ...

Ajudavam por “*People to People*”, não sei bem como é que se diz, davam farinha, davam coisas, comida. E a Praia tinha 2 conferências: a do São Vicente de Paulo e a da Nossa Senhora da Conceição, a “gente” tinha os nossos pobres, ao fim de semana reunimos, 8, 9 jovens, também fui na conta, íamos levar farinha e leite em pó que os americanos davam para distribuímos, pelo “*People to People*”, davam à “gente” e a “gente” sabíamos quem eram os pobres e íamos lá levar, a casa de cada um.

Dávamos aos mais pobres, os muito pobres que ajudávamos, arranjavamos trabalhos, para muitos, dávamos farinha e leite em pó, tudo que os americanos nos davam íamos levar, e davam (americanos) muito!

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Como?

Os americanos deram um pontapé grande nas nossas vidas... isto aqui em casa não era nada disto, isto aqui era a cozinha, ali era o quarto da minha mãe e na parte de cima era a sala... Foi aqui que fui criado, tínhamos as nossas galinhas, os nossos porcos, tudo de casa, tínhamos um pomar e um quintal, de onde tirávamos as nossas cebolas, couves ... tínhamos tudo de casa... mas quando os americanos vieram, ficou tudo diferente, eles trouxeram mais abundância, chegamos a alugar a casa a um casal de americanos e a renda era muito boa... fez muita diferença nas nossas vidas.

A minha mãe costurava e bordava para a tal loja que lhe falei e eles pagavam bem, compravam muito e pagavam bem... era uma abundância.

Quando os americanos chegaram tudo foi diferente, foi, muito mais abundância. Nesta casa teve um americano morar... pagavam rendas boazinhas, essas rendas ajudavam muito e assim íamos vivendo ... depois fizeram os bairros e eles foram para lá viver, ir para dentro da base.

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

A melhor memória eram as festas para as crianças, naqueles hangares muito grandes, aquelas caixinhas com coisas que nunca tínhamos tido, trazia borrachas, lápis, brinquedos, bolas que pinchavam muito, aquilo era um dia muito especial, esperávamos o ano todo por aquele dia!

E as menos boas?

Olha eu, eles nunca me fizeram mal nenhum, não tenho nada a dizer eles ... O maior contacto que tive com eles foi com o que viveu aqui ...

Parte II – Adoção

7- Conhece algum caso em que os norte-americanos tenham adotado/levado alguma criança portuguesa? Sim X Não

Pode-nos descrever os casos que conhece?

Teve uma aqui da Praia, que teve a criança no hospital. Quando a criança acabou de nascer, começou a gritar para a enfermeira: “Retira, tira essa criança que eu não a quero ouvir, o gritar dela, retira-a de pé de mim (filho), nem quero ver”. Um americano “de

cor” pegou nessa criança, levou-a para casa, e os colegas dele ... começaram a dizer que ela era branca e ele era negro, vais para fora como ela, ela é assim e é assado, e depois a menina acabou por ficar cá.

Tudo o que o americano tinha, as coisas da pequena, o que já lhe tinha comprado, deu tudo à família que ficou com essa pequena. Era uma família daqui, porque a mãe não a quis, ele deu tudo a essa senhora para tomar conta daquela pequena.

Tinha outra que morava aqui em cima, o que deu um filho, mas esse caiu em boas mãos, fez os seus estudos e está bem na vida ... Uns tiveram sorte e outros não correu tão bem...

Tem uma outra aqui na praia, que já não está cá (mãe biológica), que esteve no Lar, havia um americano que ia lá todos os fins de semana, engraçou com a menina e levou-a... e eu disse a ela (à mãe) vê lá o que estás a fazer...

Foram muitos...

8- Que idade tinham as crianças quando foram adotadas?

Bebés pequenos, outros “maiorzinhos”, talvez com 2 ou 3 anos... Mas eram sempre os mais pequenos.

9- Por que motivo as famílias optaram por dar a criança para adoção?

Olha era por que não podiam tê-los consigo, não podiam criá-los, sustentá-los e a passar miséria, e então assim, eles entregavam... Se calhar houve quem ganhasse algum dinheiro (risos)...

Mas isso era tudo em segredo, ninguém sabia, fechavam os olhos, chegavam a Câmara a “gente” fazia o processo e tudo ... Mas a “gente” não sabia do que estava por detrás disso.

10- Como é que acha que essas mães ficavam no dia da entrega da criança?

Era como quem pega numa boneca e entrega, era mesmo assim, e as pessoas que trabalhavam lá no Hospital da Base, falavam muito bem inglês ajudavam com o inglês... chegavam à Câmara falavam com o responsável e pronto resolvia-se o processo e está feito.

11- Como foi a separação da família biológica?

Eu só via já com os americanos, mas não deve ser fácil uma mãe dar um filho, mas naquele tempo, olha davam e pronto..., mas nunca vi...dali a tempos faziam mais um e pronto...

12-No caso que conhece sabe se houve contato com a família biológica?

Sim _____ Não X .

13-Antes de partir para os Estados Unidos da América, sabe se a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Era por pouco tempo, iam-se logo embora. Às vezes, pagavam mais, no Governo Civil para ser mais rápido (o processo). Pagavam, porque embarcavam dali a 15 dias ou um mês, tinham que fazer também os papéis deles lá no consulado na Base, para a criança se puder ir embora.

Tratavam dos papéis quando já estavam para se ir embora. E às vezes iam à Câmara, o americano, a esposa e a criança. Era uma pequena com 1 ano ou 2 anos, outras vezes bebezinhos de colo, é o que a “gente” via. Naquele tempo era assim, não havia essas coisas que há hoje.

14-Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro?

Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, ela terá sentido?

Não sei, nunca mais soube nada desses meninos.

15-A criança sabia que tinha sido adotada? Como soube/descobriu que tinha sido adotada?

Ah! Isso então eu não sei.

Havia aqui uns também, que a mãe os deu, eu nunca vi, estavam talvez com medo que eu dissesse alguma coisa, mas eu não tenho nada a ver com a vida de cada um, e a pequena também não sabe... não sei se agora já sabe, mas não sabia que tinha pais portugueses. Uns tiveram sorte caíram em boas mãos e outros estão é ir para fora que não sabe nada deles.

16-A família tem contato com a pessoa que foi adotada? Como é a relação?

Olha, eu vou dizer uma coisa à menina, por que eu fui padrinho de uma criança, um bebé, e o meu compadre, trabalhava comigo e convidou-me para ser padrinho da criança. A mãe faleceu e ele (afilhado) foi adotado por um americano. Eu não gostei! Não achei graça ... E nunca mais soube dele (afilhado). Eles iam-se embora e acabou-se.

Não sei que nome tem agora, ele agora tem nome americano... ele tem irmãos cá... eu nunca mais soube nada dele.

Um dos irmãos fala com ele e diz que ele está muito bem lá fora.

Então ele mantém contato com os irmãos?

Sim, ele fala com um dos irmãos, mas é muito pouco. O pai e a mãe já faleceram, andam uns irmãos por aí, coitadinhos... se calhar o meu afilhado teve mais sorte ... Os que ficaram cá ficaram pior. Este foi o único que foi para fora... os outros foram para o orfanato.

A família adotiva permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica?

Não me parece, porque os portugueses depois não saíam da casa dos americanos. Andavam sempre lá a pedir, e a bater à porta ... e assim cortava logo ... com a família, que às vezes, iam lá (casa dos americanos) com a desculpa de ver os filhos, mas queriam era que os americanos lhe dessem coisas Era preciso desaparecer depressa, deu está dado, não tem nada que vir para minha casa ver ou fazer de contas que vinha ver ...

17- Como foi o processo de adoção? Onde decorreu o processo? Nos Açores ou no país de acolhimento?

Olha primeiro tinha de ter a cédula pessoal da criança, depois tinha que ter autorização dos pais (biológicos), fotografias, e fazia-se um processo. Como é que hei de dizer, tinha também o atestado médico, era um processo pequeno. Não havia carta de chamada nem nada, eles iam com os americanos como se fossem seus pais.

Os processos de emigração eram feitos na Câmara, para a América, para o Canadá para o Brasil, para a África do Sul ... faziam-se os vários processos.

Depois é que se vem a perceber de crianças que vieram fazer, porque era tudo pessoal grado (adultos), e aparecem em crianças... faziam-se os atestados médicos... E depois o médico assinava... pagavam na Câmara, a autoridade de saúde, que era na Câmara, registávamos e depois dávamos à pessoa que estava como o americano para

irem a casa do médico. E às vezes eu ia para ser mais depressa. Batia à porta, entrava e eu fazia as coisas todas...ele só tinha de assinar.

Naquele tempo, a “gente” preenchia e íamos a casa dele, ele assinava e pronto. (risos) Naquele tempo era dessa maneira, pagava-se na Câmara, salvo erro, não sei se era 10 escudos se era 20 escudos, para a delegação de saúde.

Depois, de terem a criança é que iam para a Praia fazer o passaporte (processo) para a criança. Depois eles iam para Angra para o Governo Civil para fazer o passaporte para o pequeno emigrar. Mas tinha de ter autorização do pai ou da mãe.

Às vezes os pais iam lá (Câmara), na Câmara é que se fazia tudo, os pais assinavam as autorizações, todo o processo. Não se fazia nada no tribunal, era tudo feito na Câmara. Às vezes ia para o tribunal, mas eram casos mais complicados, mas de resto era tudo feito na Câmara, tudo, tudo Tanto adultos como crianças, era tudo feito na Câmara, fazias um processo, tem a fotografia da criança muito pequeninos, e depois mandava-se para o Governador Civil ... Eu às vezes pensava: “Nosso Senhor oxalá tenhas sorte” ... que tivesse uma boa família, é que aqui era uma coisa, mas lá fora era outra.

E no caso de não ir fazer o processo à Câmara? Ou senhor acha que todos fizeram processos? Todos os casos foram legais?

Não, não ninguém embarcava sem ter estes papéis ... tinham de ter o passaporte e autorização dos pais. Fazias um termo de responsabilidade, o americano assinava ia ao notário fazer reconhecimento, depois voltavam para a Câmara com os papéis, até ter tudo (documentos) faziam o processo com 4 fotografias, ainda me lembra, uma ficava na Câmara e o resto ia para o Governo Civil.

18-Como é que os pais adotivos tinham conhecimento da existência de uma criança, naquela família, para adotar? Como era feito o contacto entre as famílias?

Eles achavam porque isso era como as raposas que estão à espera, saí um e vai apanhá-lo, e assim eram essas pessoas que andavam com os americanos, iam para o hospital saber...

Às vezes eram prostitutas, desculpa o termo... a “gente” nasce umas com mais força de hormonas e outras com menos (risos).... Saiu muita criança da “Casa 25” (casa de prostituição) era assim que a tratavam, de lá era tudo filho de pai incógnito, desta casa

saiu muito pequeno para os americanos ... nessa rua fizeram um abaixo assinado para aquilo sair dali, havia muitos de barulhos (confusão) e os moradores não queriam.

Apareciam à espera de darem à luz, os americanos das Lajes, lá ferviam, no hospital aqui da praia, também no hospital de Angra! Eles iam lá por que já sabiam, é a pessoa que ia com eles, essa pessoa é que fazia os contatos todos, é que procurava, agora eu não sei o nome dela e não interessa era amiga deles, e ia ter consigo e tu dizias: “Aí eu quero dar” ... pronto davam, pegavam na criança levavam consigo para a Base e acabou-se.

Havia raparigas aqui na Praia, elas pareciam umas coelhas, desculpa o termo (risos), percebeu. Conheci um rapaz que deu filhos a americanos, toda a “gente” que queria rapazes (crianças) ele resolvia...

Isto acontecia aqui no hospital da Praia, no orfanato, no Santa Maria Goretti e mesmo em casa... pegavam direitos e andavam.

19- E estas crianças, com os processos feitos na Câmara, passavam por mais algum tipo de processo para adoção a criança teve? Para terem uma adoção plena ou restrita?

Naquele tempo era mesmo só o processo da Câmara e com a autorização do Governador Civil, e a criança passava a ser filha dos americanos e a ter os mesmos direitos... podiam viajar. O consulado também tinha de fazer um papel..., mas era o que se fazia, não havia mais processos! Era só mesmo o processo de emigração que se fazia na Câmara.

20- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever-nos outros casos que conheça?

Foi aqueles que te fui contando... Agora, não me lembro de mais, foram tanto que passaram lá pela Câmara, mas a “gente” não perguntava, a “gente” só tinha de fazer o processo...

21- O senhor acha que esses casos foram todos legalizados?

Foi, foi! Tudo legal porque a Câmara e o funcionário da Câmara não podiam fazer de outra forma. Mas pode ter havido quem fez (adoção) sem ir a Câmara Aí já pode ter acontecido, pegar direito..., mas de todos que passaram pelo processo na Câmara foram legais. Fazias tudo na Câmara. Eram um processo numa capa azul e depois, um

ofício do Presidente da Câmara para o senhor Teotônio Machado Pires, que era o Governador Civil, para dar o despacho. Os americanos é que iam levar pessoalmente, porque se fosse por correio demorava mais ... o envelope era lacrado, depois entregávamos ao americano e ele ia-se embora entregar no Governo Civil.

Mas pode ter havido casos, que sem a “gente” saber, nem sequer terem passado pela Câmara. Pode ter acontecido casos assim!

22-E supondo que um caso não fazia processo na Câmara, não tinham papéis, como é que estas crianças saiam do país?

Pois, se era com americanos, com as suas leis... pegavam e andava, é possível, havia o “*Legal Office*”... coisas de lá de cima da Base, para não passarem cá (Câmara), para não sabermos como eram as coisas, por que houve quem deu para ninguém saber.

Faziam em segredo, faziam muito isso em processos de emigrantes, as crianças eram uma doação que faziam, os pais faziam uma doação e às vezes quem não tinha pai, pronto lá vai, entre as mulheres resolvia-se mesmo assim (risos).... Havia muito pai incógnito, era triste, era então.

23-Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum?

Hoje já sabe que ninguém gosta de ver essas situações, mas as pessoas sabiam que quem dava não tinha condições e preferiram não se meter. Havia quem olhasse bem e quem olhasse mal.

Havia denúncias? As autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?

O que é que quer? Os americanos queriam! O que é que as autoridades haviam de fazer ... aquilo era apanhar e levar, as leis de lá são muito diferentes das nossas, havia conhecimento de toda a “gente” era uma esmola que se fazia àquelas famílias e àquelas crianças.

Naquele “*Legal Office*” eles haviam de se resolver, porque os americanos não podiam entrar pela Base dentro e dizer que o filho era deles...

Pois ninguém dizia nada, o que é que se havia de dizer?

24- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Ah! Foram muitos, muitos pequenos. Consegue-me dizer um número? Credo... 100?
Ou muito mais que 100.

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista XVII

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Paulina **Sexo:** M ☐ F ☒ **Idade:** 60 **Escolaridade:** 4ª Classe
Profissão: Empregada de mesa **Naturalidade:** Praia da Vitória

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de adoção de crianças terceirenses por casais norte-americanos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população Terceirense?

Naquele tempo foi muito! Foi muito bom! Eles ajudaram muito, muito à comunidade, na Terceira, a criaram muitos empregos, eles ajudaram em geral. A “gente” dizia que a Terceira era como a América pequena...eles deram muito trabalho... agora nesses últimos anos, já não pensamos tanto nisso, porque a Base já não é nada do que era.

A “gente” dava-se muito bem com eles. Agora já é diferente, os americanos já não são o que eram. Eles pensam que são os melhores do mundo... mas naquele tempo eles eram nossos amigos...

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Criou muitos trabalhos.

E desvantagens?

A poluição, o uso das coisas químicas, que usaram naquele tempo, agora está a deixar as pessoas doentes.

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Eles ajudavam muito às famílias, eles ajudavam tanto às famílias, e tanto às pessoas...

Eles davam muita coisa às pessoas pobres, roupa, comida... muita coisa. Muita “gente” trabalhava muitas mãos, trabalhavam em casa das americanas de *cleaning* empregadas domésticas), vinham para casa cheias de coisas, elas (americanas), compravam roupas, compravam comidas para elas... muito... a maior parte eram pessoas boas...

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Sempre que havia alguma coisa, alguma desgraça eles vinham sempre ajudar cá fora... sempre, sempre... ajudavam muito. Ajudava em geral, *Oh! My God*, ajudavam sempre...quando havia aquelas tempestades, era casas, ou água vinha pelas ribeiras, eles ajudavam muito, em tudo! Era a fazer casas novas, a dar o recheio para as casas, roupas... *everything!*

Vinha muita “gente” das outras ilhas a ver se arranjava um trabalho na Base, na Terceira havia muito trabalho, e muita “gente” vinha a ver se a vida ficava melhor...

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Talvez um pouco.

Como?

Em criança, quando eu morava na 25 de abril, tive uma infância, que dou graças a Deus, maravilhosa! Bons pais, e nós brincávamos na rua toda o dia, éramos livres, mas os meus amigos, que moravam de roda da minha casa, eram todos americanos (risos). Naquela área era tudo americanos, tudo! Os nossos vizinhos eram americanos, e eu brincava com as crianças, e depois eu já sabia um pouco de inglês, aprendíamos com as crianças e quando eu queria alguma coisa... eu lembro-me eu tinha uma amiga muito boa, e eu queria sempre que ela trouxesse bolachas americanas para a rua para comermos (risos)... “*cookie, cookie*” (risos) ... Nós entendíamos-nos tão bem! Era à base de sinais (risos)... sinais, foi uma infância maravilhosa, brinquei tanto e os vizinhos (americanos) eram maravilhosos!

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Foi a minha infância! Eu tive uma infância maravilhosa... se pudesse voltar a trás eu voltava.

E as menos boas?

Nem pensar nisso. Eu olho para aqueles tempos e só me lembro de coisas boas. Naquele tempo era bom!

Parte II – Adoção

7- Conhece algum caso em que os norte-americanos tenham adotado/levado alguma criança portuguesa? Sim X Não

Pode-nos descrever os casos que conhece?

Eu comecei a procurar famílias em 2012, quando estava a procurar num site “*We Survived the Rock*” onde ele põe muita coisa sobre a ilha..., mas de qualquer maneira, é um site, não sei se é assim que se diz em português, é uma página de memórias sobre quando os americanos tiveram lá (Base das Lajes). De qualquer maneira, eu estava naquela página e vejo a fotografia de um homem de 52 anos e ele pôs uma mensagem por ali abaixo, a dizer que tinha sido adotado, com 6 anos, o nome dele era (nome do senhor), ele já faleceu, ele estava à procura dos seus pais, tal e tal, ele queria saber as suas raízes! Foi adotado por um casal americano... e eu disse a ele: “manda-me uma mensagem privada, porque eu costumo ir à Terceira todos os anos e conheço muita “gente” lá. E manda-me a informação que tiveres” e tal e tal... ele só tinha a sua data de nascimento e o nome de nascimento, não tinha o nome de mãe, nada... e eu pensei: “Como é que eu posso ajudar esse homem, tenho de ver uma maneira de ajudar, a ilha é tão pequena...” *so*, eu pus na minha página no *Facebook*, pedi a alguém da Terceira se me podia ajudar, se reconheciam aquele nome, ou que pudesse ir ao *Birth Registry*, não sei o nome deste lugar em português, onde se regista os bebés – **Conservatória do Registo Civil** – é isso, e pedi se alguém me podia ir lá informar. Então um amigo manda-me uma mensagem para trás e ele disse para eu entrar em contato com o senhor (nome do senhor). *Ok, so*, eu fiz isso tudo por *Facebook*. No outro dia logo de manhã ele manda-me uma mensagem a dizer, “Já encontrei a mãe”, eu disse: “*What?*”. Eu arrepiei-me toda. Eu pensei foi num instante e esse homem esperou 50 e tal anos para encontrar a família... Ele tinha a informação toda. Ele disse-me o nome da mãe é (nome da senhora), mas eu conheci uma (nome da senhora) ... “*What?*” vê-la bem onde essa história foi parar...depois logo a seguir ele disse-me e ele tinha uma irmã... e eu respondi logo: “Era (nome da irmã)” ... Eu fiquei chocada, eu disse: “*Oh! My God,*” eu conhecia. Sabes que era minha vizinha de porta! Antes de eu vir para o Canadá, a mãe

deu, eu fiquei de boca aberta. E a minha irmã é que olhava pela irmã dele, uma miúda de 12 anos... porque a mãe ia trabalhar. Elas eram muito pobres, e a minha mãe é que ficava com a menina de graça, claro. *So*, eu fiquei de “boca aberta”, com essa história. Acabou-se a história e a mãe vivia só a 3h de distância da casa dele, lá nos EU... parece que é Deus dá qualquer coisa à “gente”! Foi através de mim, ele ficou chocado. Eu telefonei depois a ele, eu disse-lhe: “Estás sentado? (risos) tenho uma história para te contar.” Foi difícil de acreditar...

A mãe, teve este filho e outra rapariga, deu aos americanos, ao fim de uns anos, que ela foi para Santa Rita, havia uma vizinha que teve uma menina de um americano, e depois ela junta-se com outro português e já não quis a menina. E ela então, adotou a filha da vizinha! Imaginas? Ela deu os seus e ficou com a filha da vizinha! (risos), mas depois ela não ficou com ela, porque essa menina acabou depois por ir para o orfanato! Ela é irmã dele, mas não é irmã verdadeira, e eu disse isso ao irmão.

A mãe era muito pobre, tinha 2 filhos, ela deu os dois, mas penso que ela também andava na vida.

Teve outro, que eu ajudei a encontrar as irmãs. Eram duas irmãs gémeas!

Uma vez coloquei num site, a dizer que se alguém tivesse sido adotado na terceira e precisasse de ajuda, que eu podia ajudar. Logo dali a bocado, uma rapariga mandou uma mensagem a dizer que a mãe tinha adotado um rapaz, a minha mãe adotou um rapaz, mas eu não falo com ele, se quiseres saber mais manda uma mensagem a minha mãe... Eu? Eles se quiserem que mandem mensagem, eu não vou estar à procura deles, se quiserem ajuda eu ajudo, alguns podem nem querer saber... *anyway*, nisso um homem manda-me uma mensagem a pedir ajuda... fiquei toda contente, eu queria rir eu queria chorar... eu fico muito emocionada... “*bang*” no dia a seguir, falei com amigo da Terceira, e no dia a seguir já tínhamos respostas..., mas esse foi uma adoção que correu muito bem...

8- Que idade tinha a criança quando foi adotada?

Este que te falei tinha 6 anos. As gémeas, essas eram mesmo bebés.

9- Por que motivo as famílias optaram por dar a criança para adoção?

Naquele tempo havia muita pobreza, e por vezes elas tinham que ser prostitutas porque não tinham outro meio de angariar dinheiro e depois acabavam por dar os filhos.

E em Santa Rita, foram muitos, naquele tempo havia muita casa de prostituição lá, era quase casa sim, casa não. E saiu muitos meninos de lá (risos). Os americanos levaram muita prostituta para a América, e eram pais de tantos pequenos... muitas crianças foram dadas aos americanos filhos dessas mulheres.

Eu acho que muitas também acreditavam que era para os filhos terem uma vida melhor, para não terem uma vida como as delas (mães)... para fugir à pobreza que se vivia. Havia “gente” que vivia numa grande pobreza!

10- Lembra-se do dia da entrega da criança? Consegue-nos descrever?

Não por acaso. Não sei esses pormenores...

11- Como foi a separação da família biológica?

Não sei..., mas acredito que as pessoas (famílias biológicas) culpam-se a si mesmas..., mas eram tempos muito difíceis... E não havia ajudas, ninguém ajudava... A “gente” tinha uma vizinha que era prostituta, e os filhos dela vinham muito para a nossa casa, a minha mãe cuidava muito daqueles pequenos. Eles vinham pedir comida, a minha mãe dava, dava o lanche todos os dias para levarem para a escola.

Essa acabou por ir para a América, casou-se com um americano e deixou os filhos atrás com a sua mãe, a criá-los. Havia muita disso lá (na Terceira). Quando viam uma oportunidade de se melhorar ou de melhorar a vida de um filho, davam... iam... havia muita pobreza, mas também havia muita ignorância... muita ignorância, quem é que dá um filho?

12- No caso que conhece sabe se houve contato com a família biológica?

Sim _____ Não X.

13- Antes de partir para os Estados Unidos da América, sabe se a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva?

Eu acho que ainda ficavam algum tempo, lembro-me de ouvir casos, que os meninos eram dados aos americanos e ainda ficavam na ilha.

Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Não era muito tempo, aquilo era, talvez, perto de acabarem as comissões e de irem para outra Base.

Eles também não podiam ficar muito tempo, eles costumavam ficar à volta de 2 anos, e depois podiam pedir uma *extension* não sei dizer isso em português (risos) ...prolongamento? *Yes*, prolongamento do tempo, para ficar mais tempo.

14-Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro?

Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, ela terá sentido?

Pois ele já era grande, mas acabou por perder a Língua (português), porque nunca mais falou a Língua. Talvez se os pais tivessem sido bons, talvez tivessem deixado o miúdo manter a Língua, mas também não era fácil, ele teve de aprender inglês, os pais não falavam português, ele não falava inglês, deve ter sido mesmo muito difícil.

Mas deve ser difícil, a criança não fala a Língua, a criança é tirada para um *enviroment*, como é que se diz isso em português? **Ambiente?** *Yes*, posto noutro ambiente diferente, isso vai traumatizar a criança imenso. Eu não imagino, uma criança levada assim... a criança não se pode expressar, tem de aprender inglês quer queira quer não, é muito difícil, principalmente para os maiores que já falavam o português, já conheciam a sua família, os seus irmãos, e deixar isso tudo atrás.... É muito difícil!...

Ainda um bebé, aqueles é que são os seus pais, quando aprender a falar, já vai aprender inglês... agora para uma criança com 5 ou 6 anos, que horror! O que eles fizeram a essas crianças! Eles destruíram a criança...

Há muita criança! Houve muitos que abusaram essas crianças, adotaram para fazer mal a essas crianças...

15-A criança sabia que tinha sido adotada? Como soube/descobriu que tinha sido adotada?

Mas eles, nos EU é tão fácil, o teste do ADN, dá-nos “montes” de familiares... com esse ADN vai se buscar tanta coisa, tanta família, de repente podem descobrir que tem um irmão, ou tio ou algum *relative*.

É muito importante serem abertos, deixarem eles saber, deviam ter deixado eles saberem!

Ainda há muitos que ainda pensam que são filhos dos americanos... alguns souberam, acabaram por descobrir com papéis antigos...

Quantos e quantos não foram dados e não sabem que foram dados, e não tem papéis nenhuns, e pensam que são filhos dos americanos. Quantos?

Não tem acesso aos seus registos, não sabem como procurar, por onde começar...os que sabem alguma coisa, ou que acabam por descobrir, tem muito pouca informação... eles pedem ajuda, e dizem que não sabem como. Como ter acesso aos seus documentos, não sabem com quem falar, todos tão longe...

E depois ainda tem aqueles que nem registos tem...naquele tempo muitos foram dados sem sequer serem registados, nunca mais encontram ninguém.

Tem histórias muito tristes!

16- A família tem contato com a pessoa que foi adotada? Como é a relação?

A mãe foi vê-lo, porque ele estava muito doente, a mãe também estava a viver nos EU e é que foi vê-lo porque ele não conseguia andar de carro...

Tem uma rapariga, que já tentamos ajudá-la ela conheceu o irmão que está nos EU, mas como ela não fala inglês, ela manda as mensagens em português e ela nunca lhe dá a resposta, e ela pediu por favor se eu a podia ajudar a mandar uma mensagem a dizer que ela o ama e tal... e ele nunca vê as mensagens e nunca dá respostas. E eu vejo que ele anda desencaminhado... ele está afetado pelo seu passado, afetou a vida toda deles!

Tem alguns que vão há Terceira conhecer a sua família e hoje dão-se bem. Tem um que eles ficaram todos muito contentes. Eu o ano passado conhecia a irmã dele, a que está na terceira, fui tomar café com ela e esse meu amigo daí... ela estava tão contente, só foi pena não ter sido há mais tempo. E foi tudo por causa de eu ter posto um *post*...

Ajudou, porque as pessoas não sabem a quem recorrer...

Tem uns que mantêm a relação com a família... tem também um outro que... esta é de S. Miguel, ela deu 2 filhos. Um está em contato com a mãe, sempre para trás e para a frente, o outro não quer saber da família... às vezes só querem saber o que lhes aconteceu e depois acabou!

A família adotiva permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica?

Oh! Não! Eles (americanos) cortavam logo o contato. Pelo menos daqueles que sei... Nunca mais houve contato.

Mas também conheci uma família, daquele que fui tomar café com a irmã... a mãe dele (adotiva), ela ficou muito contente pelo filho... dele ter encontrado as suas irmãs, porque ela depois mandou-me uma mensagem a dizer que queria que o filho conhecesse a sua família e tal...

Penso que depende da família... aquilo se era um *Top Secret*, que não quisessem que ninguém soubesse, talvez eles não gostam muito da ideia, dos filhos irem procurar as suas famílias...

17- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado? Onde decorreu o processo?

Nos Açores ou no país de acolhimento?

Muitos ainda hoje não sabem quem são sequer os pais, e ainda hoje continuam a ter o Cartão Verde (Cartão de Residente Permanente), não são cidadãos americanos, é porque algo não foi legal.

Não me parece que isso fosse muito legal...

18- Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?

Havia uma mulher, essa, fazia muito negócio com os americanos, ela encontrava as mães... ela ficou rica à custa deste negócio. Essa mulher ganhou muito dinheiro, sempre me lembro de ouvir falar nessa mulher, quando se falava em pequenos dados ou vendidos, o nome dessa mulher aparecia sempre... (risos).

Havia sempre alguém que é que arranjava e que procurava para os americanos, havia sempre alguém no meio disso, e que ganhava muito dinheiro à conta disto. Naquele tempo havia muita pobreza!...

Acabava por ser fácil. Queres ouvir uma história? A minha mãe ficou viúva muito nova e teve de ir trabalhar, éramos 4 irmãos e ela estava de grávida de um quando o meu pai morreu. Ela foi trabalhar, naquele tempo o Governo não ajudava e ela teve de ir trabalhar. Ela levava a “gente” com ela, alguns porque ela limpava casas. O meu irmão, era bebé ficou em casa do meu tio, com os outros irmãos. Um dia a minha mãe chega do trabalho e vê uma americana com o meu irmão ao colo. A minha mãe ficou doida! (risos) Ela ia pegando de cabeça, ela queria o meu irmão. A minha mãe pôs-lha na rua!...

Mas naquele tempo, era tudo dado, não havia muitos problemas, era mais um, então arranja-se um americano e dá-se. As pessoas... havia muita pobreza, e muitos filhos (risos).

As empregadas domésticas, através das empregadas eles sabiam onde é que estavam os pequenos, e sabes que é os americanos, eles estavam localizados na Base Aérea, mas a maior parte dessas crianças foram todas daquela área, dentro da Praia e arredores.

Também houve muita criança do orfanato, que eles iam buscar!

Eles moravam no meio da “gente”...

Mas lembro-me sempre de falar daquela senhora que é que fazia muitos negócios, e arranjava muitos pequenos para os americanos...

**19-Se esses casos não eram legais como é que estas crianças saiam do país?
Como entravam nos EUA?**

Isso é que eu não percebo... havia muitas falsidades! Pagavas a um, pagavas a outro... pagava-se a um para fazer um papel qualquer... eram tantas falsidades! Aquilo como havia muita pobreza, se alguém vai oferecer 2000€ para me resolveres um papel... ficava tudo resolvido, isso é um exemplo... e os americanos tinham posses para isso! Eles ganhavam muito mais que os portugueses... e para essas famílias que não tinham nada, uma coisinha que dessem era muito!

Tinha de haver falsidade aí... tinha de haver, senão eles não saiam... um papel falso...

Depois tinha os aviões militar, mas eles mesmo assim quando chegam à América, eles têm de passar a fronteira... agora eu não percebo como é que eles faziam isso... por isso é que te digo que tinha de haver falsidades.

Quando eu era nova, eu sei que havia falsidades, anos atrás, os próprios homens para escaparem à tropa, para não irem para Angola, as pessoas faziam documentos falsos, a fazer parte que tinham trabalho na América e aquilo emigrava tudo! Por isso se havia para os adultos fugirem à tropa, se eles arranjavam maneira, para as crianças se calhar ainda era mais fácil...

20-Conhece outros casos de adoção por norte-americanos que queria partilhar?

Eu conheço mais uma, esta é bastante recente, achamos há pouco tempo. O meu amigo mandou-me a informação a ver se eu encontrava cá fora... tinha um monte de irmãs... Eu entrei em contato com uma delas... ela não sabia que a mãe tinha dado um filho. Essa foi um choque... o irmão estava nos EUA. E eu pensei: “Como é que eu vou falar com essa mulher, dizer que ela tem um irmão?” Porque eu não sou psicóloga como é que digo a essa rapariga que ela tinha um irmão (risos). Eu telefono a ela, ela estava no trabalho, e eu disse és fulana... nasceste em tal, tens uma irmã que se chama tal... e ela perguntava-me: “Mas porquê?” e eu: “É que eu tenho uma informação para te dar,

mas não sei como é que te vou dizer isso”. E eu disse: “Tu sabes que tens um irmão?” E ela disse: “*What?*” ela disse: “O quê?” (risos) ... ela disse quem és tu, ela pensou que era uma aldrabice, e eu a tentar explicar-lhe que era verdade e disse que tinha a informação toda... e ela nunca acreditou..., mas ela estava curiosa, ela todos os dias ligava-me! E queria saber mais, levou uns 4 dias até ela acreditar. Depois ela entrou em contato com o meu amigo da Terceira e tal.... Agora ela já conheceu o seu irmão, ele já veio ao Canadá ver a mãe, ele veio conhecer a sua mãe. A mãe agora está num Lar de idosos, porque ela tem Alzheimer. Mas a mãe lembrou-se deles e deu-lhe um grande abraço... hoje somos muito amigas...(risos)...

21-Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum?

Isso era um segredo, não se podia falar sobre o assunto..., mas toda a “gente” sabia.

As pessoas eram muito atrasadas na altura... as pessoas não pensavam bem. Aqueles juízos! Quem é que dá um filho? Bem, tinha de haver pobreza... eu nunca tive naquela pobreza nem sequer posso dizer essas coisas... porque havia muita pobreza, mesmo muita pobreza...

Mas não era normal dar um filho! Naquele tempo, aquelas mentalidades atrasadas, não havia nada para ajudar ou educar as pessoas... foi da maneira como foram criadas.

Havia denúncias?

Não... para quê? Ninguém ia fazer nada.

As autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?

Pois claro que sim. 100%, eles sabiam... Eles fechavam os olhos... eles sabiam, mas faziam de conta que não se passava nada. E para eles (autoridades) e para o Governo, aquilo era um alívio, mais uns para o orfanato para ser sustentados pelo Governo (risos).

22-Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Não tenho ideia, mas pelo menos 100 (risos), pelo menos 100..., mas foi muito mais que isso, sei que foi...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista XVIII

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Teresa **Sexo:** M F X **Idade:** 68 **Escolaridade:** 4ª classe .
Profissão: Reformado **Naturalidade:** Praia da Vitória.

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de adoção de crianças terceirenses por casais norte-americanos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população Terceirense?

Tiveram muita, mesmo muita. Trabalhos, muitos trabalhos. Para além dos trabalhos, muitas casas arrendadas aos americanos, também... muitas pessoas fizeram casas já de propósito para os americanos, e restaurantes...mexeu com tudo. Até comigo! As vidas mudaram muito. A qualidade de vida mudou de um dia para o outro... quem foi para a Base teve muita sorte em empregos, em patrões... pagar bem e muito certinhos. Ali não falha.

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Trabalhos, empregar muita “gente” ali, éramos à volta de 3000 empregados. Era da ilha toda, muitos da Praia, mas tinha também pessoal de Angra a trabalhar na Base... no princípio que fui para a Base, eu fui para a Base em 71 ou 72, na altura, se não me engano, na altura só tinha 5 mulheres a trabalhar na Base. E eram de Angra, a força de Angra. E até aí houve alteração, porque na altura, as mulheres não trabalhavam fora, e as primeiras mulheres que trabalharam, foi na Base. Mas dentro da Base, eu fui das primeiras mulheres. Ganhava-se bem. Os ordenados da Base, eram muito bons!

A minha filha ainda hoje me diz, “Oh! Mãe, eu estudei tanto, tanto, para tu ganhares mais que eu!” e eu tenho a 4ª Classe!

E desvantagens?

Muitos trabalhadores vieram para casa quando houve a redução dos americanos. Mas muitos foi uma coisa boa, porque vieram para casa com os seus anos e o seu dinheiro e deu oportunidade a muita “gente” que entrou para a Base. Nunca mais foi a mesma coisa, mas entrou agora muita “gente” para a Base. A ambição de ter um bom ordenado, mas se voltar a haver redução, já não vem como vieram esses últimos, vai vir muita “gente” para casa.

Isso cá fora nem empregos há.

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Elas (americanas) iam levar muita coisa, porque eu ia com elas, aos orfanatos...roupas, e coisas que juntavam... adotaram crianças... ajudaram muita “gente”, de muita maneira (risos).

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Eu tive uma pequena que teve um aneurisma, uma pequena americana, eu acompanhei essa pequena, trabalhei 24h seguidas, com 8 anos, tiveram de fazer uma punção para a pequena poder viajar, e os nossos médicos, de cá de fora, trabalharam toda a noite! Temos grandes médicos cá... tínhamos já na altura muito bons médicos, alguns deles na altura a começarem, mas prestavam muito serviço no hospital americano e mesmo quando algum americano tinha de ir ao hospital de Angra, eles (americanos) gostavam, eram bem atendidos.

Veio uma equipa da Alemanha de propósito buscar essa criança cá, e alguns dos médicos da Base foram para baixo (Angra), mas ela tinha de fazer a punção para aliviar a pressão que tinha na cabeça para poder viajar. Os médicos entraram, já estava tudo pronto, e isso foi falado na Base, a maneira como trabalharam em conjunto, americanos e portugueses, sem se conhecerem... isso foi falado. Parecia que trabalhavam todos juntos.

Houve uma vez um grande acidente no Posto Um, um acidente com um português e um americano, e foi um avião de propósito da Força Aérea levar a criança a Lisboa. E chamaram para mim, para eu falar para Lisboa para fazer, essa criança teve um derrame. Eu telefono para fora... eles ficaram para receber a criança lá. Esta criança foi em avião

americano, no C140, foi caso raro, na altura não se fazia evacuações, mas como envolveu americanos e foi mesmo no Posto 1, os americanos intervieram e salvaram a vida a essa pequena... Os americanos atacaram lá... há muita coisa.

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

De que maneira!

Como?

Com a 4ª classe que eu tinha, com 19 anos, com a minha 4ª Classe, fui para a Base trabalhar, a minha mãe não queria que eu fosse, mas eu fui, teimei, fui para o BX um ano, mas eu queria mais, mais, e o inglês... o meu português era muito fraquinho, eu só tinha 4ª Classe, fui para o BX, mas eu não gostava, eu queria mais. Eu queria inglês, eu não queria falar português (risos) “*May I help you*”, e dobrar roupa, eu não queria! (risos) Eu não queria, eu queria mais. As mulheres eram em casa. Mas depois houve uma vaga para o hospital... olha e eu fui escolhida. Concorri, penei um bocadinho, sabes, numa entrevista para o hospital, são aqueles “palavrões” grandes que te vão perguntar! Mas eu também, em medicina, não é fácil... eu acabei por ficar na vaga e depois então quis mais, estudei muito lá dentro, eles tinham lá a universidade, e fui.

Trabalhei com médicos, eu fiz um dicionário, só meu, (risos) com aqueles “palavrões” ... vinha médicos de fora, especialistas, eu é que ia trabalhar com eles. Eu escrevia a palavra como se pronunciava e em português e fiz um dicionário assim (risos)... era só com as minhas palavras..., mas não fui para a escola e universidades estudar como tu foste, foi na escola da vida, bem ali no meio das coisas...mas tive muito médico que me ajudou... o meu maior problema foi quando me meteram de tradutora. Porque faltava-me o português. Eu tinha o inglês, mas o português era muito fraquinho...ninguém me passava a inglês, agora português eu não tinha, e em medicina precisava muito, porque estávamos a trabalhar com tantas especialidades.

E fui escolhida assim de “paraquedas” para tradutora. Uma vez fui levar um doentinho ao hospital de Angra, agora existe enxaquecas, mas nalgum tempo não havia enxaquecas, era dores de cabeça fortes. Eu sabia o que era uma “*Migrane*”, mas não sabia que era uma enxaqueca, sabia que era dores cabeça fortes, e a americana tinha uma “*Migrane*”, e o doutor disse-me assim: “Tem vómitos?”, “Tem”, “Tem tontura?” “Tem”, “Então isso deve ser uma enxaqueca”. E eu no meio deles os dois, e eu não queria que a americana soubesse que eu não sabia, e disse baixinho “Dr. o que é uma

enxaqueca?”, diz ele assim: “É dores de cabeça fortes” - “Então é um *Migrane!*” (risos). Portanto, eu sabia o que eram as palavras em inglês, mas não as tinha em português!

Penei um bocadinho ali, para traduzir, fazer relatório... Eu penei muito, muito. Porque eu fui das primeiras ali. Eu é que ia a Angra, eu é que ia buscar os médicos para trabalhar para a Base. Havia médicos de cá de fora que eram convidados para fazer serviço lá dentro... A “gente” levava os doentes aos médicos, àqueles que a “gente” via mais ao nosso jeito, aqueles que sabiam mais inglês..., mas a “gente” tinha de estar ali sempre a traduzir, dia e noite. Aí foi mais difícil para mim porque eu não tinha o inglês de medicina, mas pronto foi tudo bem...penei muito, penei muito!

Na minha entrevista vieram-me logo perguntar como é que se escrevia: hemorragias, diarreia... essas coisas assim..., mas eu entrei bem, entrei bem no assunto (risos).

Houve uma vez que, fui para a pediatria, e a “gente” media a temperatura, pesava... e um dia o médico disse-me: “Essa doente precisa de um *CBC*”, e eu pensei “Um *CBC*? O que é um *CBC*?” Um *CBC* era um hemograma... Mas na altura o que era isso?... Fui ter com a enfermeira que me explicou aquilo o que era, ela a falar e eu sempre a escrever...

Eu tirei vários cursos, eu tirei o de ambulâncias, o IMT, tudo o que tinha para tirar...deram-me um curso de medicina da Base e eu fui tirar o meu exame na Universidade da Base, eu tinha de socorrista, eu tinha daquilo tudo...

Primeiro fui enfermeira e depois fui para tradutora...com a 4ª Classe! Havia oportunidades...

Quando o presidente Bush esteve cá, fui eu a tradutora, eu tenho dois alfinetes da Casa Branca... isto para os americanos tem muito valor. Eles davam oportunidades... fui com o guarda-costas dele para o hospital, no meu carro! (risos) Tive este privilégio...

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

A vantagem de conhecer médicos, como conheci, através da Base, eu conhecia os médicos todos de cá de fora! A “gente” já sabia tanta, não era médica, credo! Mas, a “gente” aprendeu muito! Olha havia uma pomada que era que quando tínhamos uma infeção, com a mudança de tempo, dá aquelas borbulhas (frieiras). Havia aquela pomada, aquilo era bom. E eu tinha uma amiga, mas aquela pomada era uma grande coisa, mas já era um medicamento descontinuado, mas eu tinha uma bisnaga em casa,

eu gostava daquela pomada, tinha uma americana com aquela infeção e fui ter com o doutor e disse: “Senhor doutor, dá-lhe aquela pomada que vai-lhe fazer bem!” e ele dizia: “Não pode ser, que já está descontinuada”, eu disse à rapariga, eu tenho em casa, mas não digas a ninguém, eu dei-lhe e começou a sarar. A prática que a “gente” tinha... as enfermeiras cá fora, não tem a experiência que a “gente” tinha.

Então de tradutora, ainda tive de aprender mais, porque tinha de saber os termos médicos, e além disto fazíamos as traduções para um advogado, porque se era um braço não podia ser uma perna (risos) ...

A “gente” ia para S. Miguel com doentes, também, acompanhávamos o doente. Aquilo era férias! (risos) Porque olha, tudo pago e bem pago. Não era só as horas de trabalho. Tu quando saias daqui (Terceira) já estava a contar, de dia, de noite, as horas rolavam sempre e todas pagas... davam a comidinha, pagavam as horas todas. Quando o telefone tocava, começava logo a contar e depois o resto.

E as festas da Praia? Uma bebedeira, consolava. Quando eu saia, e via um já com os copos, só dizia, vou para casa já, que eles estão chamando (risos), consolava... os americanos iam “cozer” as bebedeiras na Base... para o hospital, muitos deles.

E as menos boas?

Eu só tenho coisas boas.

Parte II – Adoção

7- Conhece algum caso em que os norte-americanos tenham adotado/levado alguma criança portuguesa? Sim X Não

Pode-nos descrever os casos que conhece?

Eu cheguei a ir traduzir para pessoas que chegaram a adotar pequenos legais... houve ilegais, alguns davam-nos, mas os que eu ia traduzir já eram legais, senão eles não precisavam de mim (risos).

Elas (americanas) iam a consultas com os pequenos antes de adotar, e eu cheguei a ir para traduzir, iam ao Lar com os pequenos e lá ia eu, era tudo traduzido assim, e as mães assinavam, os americanos assinavam, isso eu lembro-me... agora o resto, antes disso...E cheguei a ir a tribunal mais de uma vez, na altura alguns eram ilegais, talvez aqueles mais no início... os que eu ia, eram então legais, senão eu não estava lá a fazer nada!

Em Santa Rita, foram dados assim, do “pé para a mão” ... e não era preciso traduzir nada, o dinheiro traduzia melhor que ninguém... (risos), nos primeiros anos, isto depois parou e começaram a adotar.

Houve um casal, adotou um rapaz já grande e depois lá fora andou em muito má vida...mandaram-no para cá...houve muitas coisas... tinha sido a salvação para muitos. Trabalhei para um doutor que adotou um pequeno e uma pequena, a pequena havia de ter uns 8 anos, ela chorou que queria que o seu irmãozinho também fosse, estavam os dois no Lar, ele juntou os dois pequenos. E ela veio cá, mais tarde, com a pequena, para a pequena ver o lugar onde nasceu. Eu é que fui com eles a Angra para ela ver... eu fui e a pequena não queria ir, com medo da mãe aparecer e levá-la, porque ela não queria a mãe! Ela não queria! Ela quando veio cá, a minha filha até ficou com ela uns tempos para a ajudar e estar com ela, duas crianças. O irmão tinha 2 anos quando foi adotado, ele hoje é médico... e cá era um desgraçado. Ela (americana) veio cá com os dois e a pequena não queria ir ao Lar com medo de encontrar a mãe! Não queria!... Era só para ver onde tinha estado, eu fui com eles e a pequena sempre atrás...sempre atrás e a olhar de roda a querer sair dali para fora.

Havia um outro, que foi meu chefe, ainda no outro dia falei com ele, eu falo com eles no Facebook, ele adotou uma pequena cá com 3 anos, a pequena hoje é médica, portanto, tiveram oportunidades que cá não tinham a sorte de ficar bem como ficaram...alguns podem não ter tido sorte, mas muito tiveram muita sorte!...

8- Que idade tinham essas crianças quando foram adotadas?

Apanhei de várias idades: bebés e “maiorzinhos” ... como esses que te falei: 2, 3 8 anos...

9- Por que motivo as famílias optaram por dar a criança para adoção?

Sabes que naquele tempo também havia muita “canalha” (crianças) nascida dos americanos! E muitos foram filhos de americanos... muito pai incógnito... isso é só o que eu penso.

Muita “gente” trabalhava como empregadas dos americanos, se calhar não podiam tomar conta dos filhos e viam que eles tinham uma vida melhor... se calhar é melhor para o meu filho, eu não tenho possibilidades de lhe dar nada, eu estou a ver que ele pode ter uma vida melhor...

Muita Pobreza...

10-Lembra-se do dia da entrega da criança? Consegue-nos descrever?

Lembro-me também de uma pequena que ela saiu diretamente do hospital, o casal é que ia adotar o bebezinho..., mas adotou, o advogado à porta. E lembro-me da cara daquela mãe à porta assim a ver o bebé a sair. Foi entregue logo no hospital. Ela é que quis dar, naquele tempo diziam que era do tio...

Os bebés que nasciam no hospital da Base, quem fazia os seus registos de nascimento, era o Cônsul de S. Miguel que vinha cá registá-los. Os de cá, muitas vezes nem eram registados...

11- Como foi a separação da família biológica?

Vi uma outra, a mãe era novinha, ainda hoje consigo ver a cara dela... (emoção) ainda hoje vejo aquela mãe a ver aquele filho a ir embora... ela nem falava, aqueles jeitos, aquilo foi horrível. Aquilo marcou-me tanto! Mas ela é que quis, por ser o melhor para a sua filha... foi mesmo no hospital!

12-No caso que conhece sabe se houve contato com a família biológica?

Sim _____ Não X .

13-Antes de partir para os Estados Unidos da América, sabe se a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Aí, eu não sei! Isso já foi há tanto ano, se calhar ainda ficaram cá, para ir talvez a uma ou outra consulta, acabar de resolver alguma coisa... não sei.

14-Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, ela terá sentido?

Adaptam-se. Eles adaptavam-se...

15-A criança sabia que tinha sido adotada? Como soube/descobriu que tinha sido adotada?

Um casal que conheci, ambos os pequenos sabiam que eram portugueses, e sabiam a sua história. Os pais (adotivos) contaram a eles. Mas ela era já era maiorzinha, e os pais até vieram cá com eles. Mas hoje, um médico, o pequeno aqui não era nada, ele na altura já estava num Lar, o que é que ia ser o futuro dele aqui? Ela nem queria ir ver o

Lar, com medo, porque ela nem queria sair daquele casal (americano)... eles (americanos) não tinham filhos, era só mesmo aquele caszinho.

Era para ser só a pequena, mas ela coitadinha chorou pelo seu irmãozinho e eles levaram os dois. O casal ficou a ver aquilo, os pequenos a chorar, e levaram os dois. Foi bonito!

16- A família tem contato com a pessoa que foi adotada? Como é a relação?

Não sei... nunca ouvi falar.

A família adotiva permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica?

Talvez não... era mais fácil até para as crianças...

17- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado? Onde decorreu o processo?

Nos Açores ou no país de acolhimento?

Isso eu não sei, porque isso já era muito fora do meu serviço...a “gente” não ia com eles para a Câmara para adotar os pequenos...eles tinham de fazer qualquer coisa, porque eles tinham de ter registos para embarcar... não era qualquer pessoa que ia num avião sem ter nada! Na parte dos processos já não era a “gente” que ia, porque aquilo depois diziam que havia um lugar em Angra, porque a “gente” quando ia, era a parte do hospital, saber se estava ok, o resto a “gente” não acompanhava.

Os que me passaram pela minha mão, não veio nenhum para trás (risos), eles iam e acabavam por ficar bem, e são hoje alguém na vida, coisa que não seriam cá.

Cheguei a acompanhar alguns pais (americanos) para fazer as traduções, para poder fazer a documentação, para ir ao tribunal, ao advogado...

Aqueles que eu sei, foi tudo com o consentimento dos pais (biológicos)...que assinavam, alguns na presença das freiras, quando eles já estavam no Lar, não é muitos...

18- Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?

Isso deve ter sido “gente” que andava ali sempre metida na Base. Aquela “gente” que morava ali de roda, andava sempre metida na Base, de roda do Posto 1... muitos casos foram dali de Santa Rita, da Serra (Serra de Santiago), Lajes ... desses lados é que há muita “gente”!

19- Que tipo de adoção a criança teve? Plena ou restrita?

Isso eu não sei...

20- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever-nos outros casos que conheça?

Foi esses que te contei... contatei com muito poucos.

21- Os casos de que tem conhecimento, foram legalizados?

Os que conheci foi tudo legal, eram mesmo adotados.

Para muitos foi uma sorte, eles terem ido com os americanos, tinham ficado cá a penar...os americanos deram sorte a muitos pequenos dessas mães.

É uma opinião minha, mas eu acho que daqueles casos que se fala que as coisas não correram bem, que ficaram mal com os americanos, saiam fora, não levavam bom caminho, e a pessoa (pais adotivos), haviam de pensar olha também não é meu porque é que hei de me preocupar... isso sou eu a pensar, não sei! Há muita coisa que a “gente” nem sabe. Havia uns que vieram para trás, mas eles portaram-se mesmo muito mal lá fora, eles fizeram um inferno da vida daqueles pais (adotivos).

E no caso de algum não ter sido legalmente adotado, como é que estas crianças saiam do país?

Pois é como disse... como é que eles iam de avião por aí fora? Tinha de ter qualquer coisa, porque eles saiam... há muito mistério há volta destas adoções... porque os americanos tinham muitos acessos, e muito poder... eles tinham facilidade em contornar as coisas...

22- Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum?

Muitos falam, agora! Mas, na altura “acaçapavam-se” (calavam-se) e ninguém abria a boca.

Havia denúncias? As autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?

Isso era tudo “acaçapado” (calado).

A “gente” tinha de telefonar para a Base a procurar o nome das pessoas. Na altura a “gente” não sabia... e eles estavam lá, porque tem de se fazer registo, não havia

coordenação, e a “gente” para os apanhar na Base era uma dificuldade. Era uma cultura muito diferente da nossa.

23- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Daqueles com que trabalhei, foram muito poucos, mas soube que houve mais..., mas não deve ter sido assim coisa por aí além...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista XIX

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Miguel Sexo: M X F _____ Idade: 74 Escolaridade: 4ª
Classe Profissão: Reformado Naturalidade: Santa Cruz, Graciosa .

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de adoção de crianças
terceirenses por casais norte-americanos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população Terceirense?

Oh, filha! A influência dos americanos, para mim, tu sabes que os americanos vieram dar uma revolução muito grande aqui, aqui na ilha, já percebeste? E eu digo que a “gente” vai ver quais foram as freguesias mais beneficiadas com os americanos: Vila Nova, Agualva e as Lajes, essas 3 eram as principais... de onde tinha mais “gente” que trabalhava na Base... cá para baixo para a Praia já não era tanto...

Depois, sabes, aquela coisa dos americanos, muitos se aproveitavam... vamos ver coisas boas, coisas que a “gente” não conhecia... muita abundância... Toda a “gente” trazia coisas da Base...

Eu por acaso sei como eram as coisas ali na Base, eu conhecia! Eu tinha um carrinho americano, mais ou menos dessa altura, tinha uma mãozinha para puxar... havia um senhor lá (na Base) que trabalhava nas carnes, onde partiam as carnes que vinham da América... vinha já os t-bones, os filé-mignon, aquelas coisas... e eu ia lá para ir buscar os ossos, mas o fundo da caixa trazia, sabes o que era? Era bifés, era t-bones... e os ossos eram as caixas por cima... passava a polícia americana “*Ei! What’s this?*” e eu respondia “*This my dog*” (corruptela de “*This is for my dog*”), mostrava um osso, “*Oh! That’s ok*” e eu dizia, anda toleirão o melhor está em baixo (risos) ... aquilo não era só para mim, aquilo era para mim e para o senhor que me dava. Naquele tempo era assim, podes ficar crendo, aquilo era uma abundância, uma coisa por demais.

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Foi o desenvolvimento da ilha, aquela abundância, a ilha cresceu...

E desvantagens?

Não, nada!

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Eu vim com uma prima minha (da Graciosa para a Terceira), meu primo trabalhava na Base a fazer os BQ's que chamavam assim, que era aquelas casas para os militares, que era... por cima e por baixo (rés-chão e 1º andar) que era onde os americanos ficavam. Então ele estava lá a trabalhar a fazer aquilo e a minha prima veio para cá depois mais eu, e ela ia então, trabalhar para casa das americanas, já percebeste? E que tinha... as americanas davam sempre muito! A verdade tem de se dizer, bons ordenados e ajudavam de outras maneiras: comidas, restos de coisas... e depois tinham uma coisa, tu precisavas de coisas da Base que querias comprar, dizias a ela (americana) e ela ia buscar, ou toalhas, ou lençóis, fosse o que fosse... aqueles serviços de mesa com a barra dourada.... Lembras-te? "*Home*" (levava para casa) aquilo era... Toda a "gente" tinha...Estou-lhe a dizer, a Base... por exemplo quando era "O Dia do Peru" (*Thanksgiving*) ...O Dia do Peru, era um espetáculo... porque sabe os americanos, o que querem é o peito (do peru) e mais uma coisa aqui e outra ali, e de resto mais nada... Era assim! Então a "gente" ia para a messe (messe militar) ... e a "gente" ficava ali à espera, quando eles estavam a desmanchar aquilo tudo (perus), eles davam as carcaças, já percebeste? Oh, mulher! A "gente" vinha para casa, aquilo tinha que comer... aquilo tirava-se, fazia-se... Depois a minha prima, já se sabe, guardava em caixas no frigorífico para ir fazendo coisas para a "gente" comer... era, era uma abundância, vou-te dizer... A "gente" pode falar e a "gente" vê... podem reparar na Praia por exemplo, os americanos foram-se embora a Praia caiu... Já percebeste?... Porque, por exemplo, a Estrada 25 de abril, tu começavas a contar, tu ias talvez um ou dois que fossem portugueses, de resto estava tudo arrendado aos americanos... foi uma loucura! Depois eles fizeram aquelas casas lá... aqueles bairros lá em baixo (bairro Beira Mar e bairro Nascer do Sol), é que tirou muitos (americanos), mas mesmo assim eles não gostavam, eles gostavam era de estar cá fora (exterior da Base), à sua vontade... Mas olha, pois foi assim...

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Eles ajudavam a população, em muita coisa, muita “gente” governava-se dos americanos, muita “gente” ia à Base fazer compras para si...os americanos foi uma coisa formidável, foi uma coisa tão formidável que até eles compravam quase as crianças para ir para América...aquilo, prontos, naquela altura, eu vou-te dizer, tu já vieste noutra geração.

Como, também, era uma oportunidade, muitas raparigas casarem e foram-se embora para a América. Agora não sabiam, era quando chegassem à América, o que é que lhes esperava, o que é que iam fazer...o que era o estilo daquilo...

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

De que maneira!

Como?

Eu hoje não fazia uma coisa destas... não fazia, não... não fazia... aquilo foi uma coisa, sabe... eu fui uma pessoa, prontos...eu vim... porque eu não sou de cá, sou da Graciosa ... e depois vim para aqui, era miúdo, aí com os meus 7 anos, para onde é que fui? Para a Base, para o Bairro da Lata (Serra de Santiago) ... já percebeu, fui para ali, e dali fui...ora o que era para mim... a Base? Era a América! Digam o que disserem, podem disser o que quiserem... ali tinha tudo, tinha tudo! Já percebeu, aquilo era uma loucura... e a “gente” tinha uma coisa, do Bairro da Lata, a “gente” tinha acesso à Base. A “gente” era só, vamos embora...aquilo estava aberto, não tinha rede, não tinha nada, só o que tinha redes, era os “salvides” ... onde metiam as coisas velhas que eles (americanos) tinham e metiam para ali..., portanto era a única coisa que tinha rede do Bairro da Lata, e a “gente” íamos.

Tinham uma estrada de “mcdame” (macadame, pavimento) ia até à Caldeira, que era para onde ia o lixo dos americanos, para lá. E os aviões, também iam quase para lá, para o pé da Caldeira, para serem limpos, está a perceber? Iam a limpar e depois vinha umas equipas nuns carros para vir limpar os aviões e aquilo tudo. Ora, os rapazes do Bairro da Lata, que já sabiam mais ou menos quando os aviões vinham, então a “gente” fugia para a Caldeira... Para quê? Para esperar para quando os aviões viessem para ali. A “gente” entrava para dentro (do avião), para ir buscar as caixas, que era espécie de ração de combate, uma coisa do género disso, que trazia sumos e chocolates, que eles era o que eles comiam, como eles não comiam a “gente” limpava (risos). Entrávamos mesmo

dentro dos aviões, os aviões ficavam abertos! Para quando viesse os homens limparem... antes disso, já a “gente” tinha limpado (risos). Oh, meu amigo! Quando eles chegavam, eles viravam-se, e diziam assim: “Aquela canalha do Bairro da Lata, filhos da puta... já vieram aqui buscar...” e a “gente” nos cerrados na banda de lá a rir e a bom comer... aquilo era uma coisa louca.

A Base para mim foi uma América, para mim que não conheci uma América que fosse tão bom como a Base.

E eu, pois já se sabe, depois eu vim-me embora, a minha prima foi para a Graciosa e eu vim para aqui com os meus 12 anos, vim para Angra para casa de uma tia minha que estava em casa da minha madrinha a trabalhar, e eu vim para aqui... Deu-me na cabeça, eu ia já a caminho dos 13 (anos) e pensei, eu vou mas é à Base, vou ver aquilo... quero ver a Base, quero ver aquilo...quero ver a Base, quero ver aquilo tudo... Foi então que comecei a olhar, foi na altura que fiz a asneira... Vi, que eu sabia mais ou menos naquela altura, os aviões que iam partir, que não iam, está a perceber? Os que ficavam para trás... e eu quando vi a carregarem, os aviões da NAVY carregavam, entravam os carros para dentro... já sabe eu comecei a ver eles lá a fazerem... a encherem o carro, eles a fecharem (avião) aquilo dali a piscar (assobia) ... lá fui eu...lá fui eu para dentro, aquilo tudo, já era tarde, estava já a começar a anoitecer e toca andar... peguei em mim e lá vou eu, por aí fora... para a América. Vou-te dizer: (risos) passei frio! Que nem um burro...

Mas o senhor foi dentro do avião?

Não, eu fui praticamente numa embalagem que os aviões tinham, era uma espécie de uma cápsula ao pé das rodas, onde a pessoa se metia, ou então ia na roda, tinha era de ter cuidado, senão... e aqueles aviões... e aguentar? E frio? Frio era de perder o juízo...não fazes uma pequena ideia..., mas eu tinha, naquele tempo havia umas blusas de lã com uma gola alta e aquilo é que me foi aguentando e tinha também um casaco americano, que um amigo meu me tinha dado, e ...lá fui eu.

Cheguei lá... hoje não me lembro bem qual era o nome da cidade que fomos... eu sei que eles saíram, que eu senti, eu senti eles a saírem. E tinha mais um, eu via-os quando queria. Porque havia uma portinhola em cima, que era dos americanos, quando as rodas ver se não estavam bem, coisa e tal, eles abriam aquilo para verem aquilo, e viam, e eu sabia. E eu abria, metia a cabeça, não via ninguém...qualquer coisa eu fujo para cima (risos). Olha assim fui...

Cheguei lá, a polícia veio... olha minha filha... eu fiquei que nem um melro-preto (risos), estás a ver? Veio a polícia, aí, aí... (assobia) eu era só “ok, ok”, eu era pequenino, eu era uma coisa pequena... eles ficaram assim de boca aberta de onde é que vem esse “espanta leão”? Lá fomos para lá, mas era a polícia americana, mas era da Força Aérea... eles pegaram em mim eu disse: “*I no speak*” (*I don’t speak*) ... (risos) e ele:” *ok, ok*” ... e toca a andar... a “gente” fomos para lá, chegamos lá, eles (americanos) foram logo chamar um sargento que falava americano e português. Onde ele tinha estado aqui na Base, ele conhecia-me, e vira-se ele assim... “Ah! Então vens da BA4”, e eu disse “é, é de lá que eu venho, mas eu não sei como é que fiz isso, não sei como foi, eu sei que me “caldeei” (misturei) nisso, meti-me nessa engrenagem” e comecei a chorar. Já percebeste? Oh! Um pequeno! Comecei a chorar e aquilo tudo, e eles a dizerem, tem calma, não chores. E vira-se ele assim para mim: “Tu tens parentes aqui?” e eu viro-me assim: “Tenho, tenho tios em Califórnia, eles têm barcos de pesca, são pescadores...e isso tudo!” E já se sabe, eles começaram ali a falar, a dizer e coisa, e ele disse para mim: “Não tens contato, o número ou qualquer coisa deles?” ... e disse: “não, não”, - “Então a “gente” não pode fazer nada” ... se tivesse tido o contato podia ter ficado lá fora... disse ele: “Ok, sabe o vosso Governo pôs uma lei, todo aquele que fugisse era preso, portanto tu agora vais ter de ir para trás... A “gente” agora vai entrar em contato para saber qual é o dia que tem avião...” foi dali a 1 ou 2 dias, parece-me, que tinha o avião. Um avião que ainda hoje, esse avião para se ver, está no Clube dos Sargentos Portugueses (na Base) que é o avião de 3 rabos, (exemplifica) 1,2,3, era o avião de passageiros que vinha da América para aqui, para os americanos, e já sabe e eu vim. Mas ele deu-me uma carta e diz-me: “Tu vais cumprir tudo o que está aqui nessa carta”, e eu disse logo que sim - “Então tu não vieste para a América, tu tiveste foi a andar à volta dos aviões” e eu disse “ok, ok” ... eu quero é ir-me é embora (risos). Eu quero, é ir-me embora!

Então pronto, lá foi, eles vieram trazer-me ao avião, entrei para o avião, depois a seguir vim para trás. Cheguei aqui, já tinha um carro da polícia (americana) à minha espera, ele (polícia) chegou, ele perguntou-me se eu tinha uma carta, eu disse “*This for you*” (risos). Ele pega em mim, (assobio) polícia da Praia. A polícia da Praia, (assobio) polícia de Angra. Polícia de Angra, Tribunal.

Lá vou eu para o Tribunal ... o “pai de menores”, eu era menor, foi a minha salvação. Vira-se ele assim, “Mas então foste para a América?” e eu viro-me assim: “Eu? Fui! A América que eu conheço é a Base, que eu estive lá muito ano, eu conheço

aquilo, e aquilo não há América nenhuma que combata aquela... e ele vira-se assim: “Ah! Mas, eu não estou a falar nisso, não estou a falar nessa” – “É a que eu conheço, eu cá vivia a andar de roda dos aviões e gostava daquilo, consolava-me a ver aquilo” – “Ok, vai lá fora que eu já te chamo”. Vou para dentro, vira-se ele tal e coisa como é que vai ser... “Olha, você vai para o orfanato 3 anos de castigo” ... Eu disse “Está bom! Está bom! Não vou para Lisboa”, eu estava com medo não fosse para uma casa de correção.

Para o orfanato, vem o polícia, o chefe (identifica o nome), já morreu, é que me foi levar de mota.

Lá fui eu para o orfanato..., mas o mais interessante é que eu estava lá, chega-se um rapaz ao pé de mim... um rapaz mais velhinho que eu! Talvez tivesse uns 15 (anos) ... ele disse, (sussurra) “Epá, tu fugiste para a América?” ... Eu disse “Não, não, não... Ei! Calma aí”, naquele tempo, era o tempo de Salazar, era a PIDE, era uma coisa que a “gente”, vocês não sabem o que era isso! Aquilo era teso!... E eu disse: “Eh home” (Ei homem), mas ele respondeu logo, “Não te preocupes, eu também fugi, eu fugi à coisa de uma semana” (risos). O rapaz era do Juncal. Já percebeste? - “E agora vou-te dizer uma coisa, mas fica só entre nós”. Eu disse. “Oh, meu amigo, fica descansado” - “Eu vou este fim-de-semana a casa, e vou-me embora e não venho cá mais!” ...Meio dito, meio certo...Ele foi e até hoje, nunca mais cá apareceu! Nunca mais, nem soube nada dele, nem nada..., mas era um rapazinho, que ele dizia assim “Epá! Porque eu fui e assim... e fui apanhado, e isso e aquilo” e eu disse-lhe: “Olha e eu também, eu fiquei como um melro na pista, fiquei sem saber de nada, dali a pisca só ouvi foi carros...” Toca a navegar (risos) ... e lá fui eu na aragem... vim para cá e pronto.

Depois deu-me para ir para as vacas, porque o orfanato tinha vacas, tinha pastos onde antigamente foi a pista dos ingleses, aí é que eram os pastos do orfanato, e eu fui para lá, olha... era 3 anos de castigo, tive 3 anos de castigo! ... Chegou ao fim dos 3 anos, eu vou ter com o “pai dos menores”, ao tribunal, e disse: “Eu sou aquele rapaz que estive de castigo, que o senhor me pôs no orfanato, já cumpri, não fiquei a dever um escudo ao orfanato, que eu trabalhava na lavoura...” Eu saí aos 15, 16 anos do orfanato...

Em que ano foi esta “aventura”?

Olha, esta aventura, foi mais ou menos, se não estou em erro, em 1960, 60 para 61, coisa assim... Já percebeste? Lembro-me na altura, tinha ido também um rapaz de Santa Maria na mesma aventura... Aquilo, naquela altura, eu sabia que havia um que tinha ido

em Santa Maria, e eu, prontos, daqui (da Terceira), naquela altura, fui eu e o do Juncal, aquele rapaz ele bem que disse “Eu vou a casa e não venho mais” e eu ainda lhe disse “Epá! Vê se tens essa sorte” – “Epá! E tu também havias de ir”.

Eu dei em ir para as vacas com essa ideia (nova tentativa) mas olha, fui gostando daquilo, fui ficando, acabou-se os 3 anos, olha, vou à minha vida, como assim... Já naquela altura, eu pus-me a pensar...

Mas eu nunca descobri isso a ninguém! Eu levei mais de 40 anos sem nunca abrir a boca disso. Nunca! E só disse a uma pessoa, passado tantos anos, e essa pessoa depois é que me descobriu... foi a um médico meu amigo. Eu quando o ouvi a contar a outro “Olha sabes a história daquele ali?”, eu pensei logo “Aí Jesus! Já estou tramado!” ..., mas vou-te dizer, aquilo foi uma coisa, uma aventura, prontos... que se fosse hoje eu nunca fazia aquilo! Não fazia, não fazia. Porque sabes, aquilo chama-se fazer uma coisa sem se pensar... eu quando saí de casa nunca pensei... cá nada, eu nem sequer pensei...olha vamos embora, vamos ver o avião a levantar... quando dei por mim estava a chegar à América que nem um melro-preto para lá... eu fiquei todo, pior que não sei quê, vou-te dizer uma coisa... Mas prontos, passou-se... Mas eu vou-te dizer foi uma coisa que aquilo ficou rolhado, que eu nunca disse, nunca, nunca! Nunca ninguém sonhou. Olha, eu fui para a tropa, fui para o Ultramar, vim para trás, e depois comecei a trabalhar, nunca abri a boca! Eu, nunca disse nada... o ano passado é que foi a descoberta...o meu amigo já sabia isso há muito tempo, mas o ano passado é que ele me descobriu.

A “gente” tem de ver uma coisa, eu venho criado de uma outra geração, uma coisa que a “gente” tinha era respeito, e que hoje não existe, a “gente” tinha respeito, a “gente” não podia falar, a “gente” não podia dizer, não podia abrir a boca.... Havia respeito, havia um respeito perante a sociedade, que hoje não há! Eu acho que o 25 de abril devia ter sido dado, mas era assim (imita parcelas com as mãos) ... aos bocadinhos. Porquê? Porque tivemos 40 e tal anos duma maneira, e eu cá nunca tive problemas, isso é a realidade, eu dava-me bem, o Salazar nunca a mim me fez mal, que é isso, a “gente” tínhamos... falava-se que se passava fome... é mentira! Quem quisesse trabalhar, tinha trabalho, sempre constantemente, sabes que naquele tempo as pessoas tinham um bocadinho de quintal, tinham as suas couves, as suas curiosidades de casa...ali tinha-se os nossos arranjos de casa, era isso, tinha-se sempre o nosso porco, matava-se o porco para o ano e essas coisas assim. Por isso eu digo, não achei que fosse

assim tanto mal. Hoje tens tudo e não vale nada... naquele tempo não havia tanta doença como há hoje...

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

A melhor recordação que tenho foi a Base! A Base em si era uma América, aquilo é que era a América. Para mim! Porque a “gente” tinha tudo... tinhas as roupas que gostavas, tinhas as sapatilhas que gostavas, tu tinhas... elas davam! As americanas tinham filhos, e elas davam, eram sapatilhas, davam roupas, calças, samarras, davam tudo à “gente”... e a “gente” ali. Eu para mim, da minha infância, desde pequeno, o melhor tempo, não sei se foi 7 ou 8 anos que vivi na Base, no Bairro da Lata. Aquilo para mim era o mundo, um mundo que não tem explicação!

E as menos boas?

Essa foi uma coisa que fiz, que não me orgulho, se fosse hoje eu nunca fazia... eu depois de ir, eu já ia a chorar, eu já ia arrependido... já, já...já ia arrependido, isso é uma realidade, porque eu disse, para onde é que vou, não conheço ninguém... comecei logo a fazer um filme. Eu disse: tal desgraça...

Parte II – Adoção

7- Conhece algum caso em que os norte-americanos tenham adotado/levado, alguma criança portuguesa? Sim X Não

Pode-nos descrever os casos que conhece?

Eu praticamente, ouvia-se falar... aquilo no Bairro da Lata, Santa Rita, não era tanto como as pessoas pensam. Mas tu sabes, aquilo era uma coisa muito escondida, muito fechada! A “gente” não chegava lá. Mas lembro-me perfeitamente de se ouvir falar, fulano foi dado aos americanos, como é que acontecia, não me lembro e nunca vi, era pequenino...

Naquela altura, as raparigas eram uma coisa séria por causa dos americanos, umas que queriam se aproveitar para ir para a América, outros elas davam-se com eles, ficavam grávidas, uns queriam, pois outros não queriam e depois elas coitadas... e quando se “apoucatar” (de repente) ... (assobio) vamos embora, rapaz para a América. Dava-se aquele caso, de vender ou não vender, ninguém sabia...ninguém via, já compreendeste? A “gente” não podia dizer aquilo foi vendido (criança) ... Eu compreendo, eu não vou dizer, quando uma pessoa vê que ele pode ter uma

oportunidade melhor que a nossa, a “gente” tem é aproveitar... havia muita “gente” que fazia isso...

8- Que idade tinha a criança quando foi adotada?

La meninos pequenos e outros “maiorzinhos” ...

9- Porque motivo as famílias optaram por dar a criança para adoção?

Oh! Filha, às vezes, sabes era o estilo que “gente” tinha, de pobreza. Porque a “gente” tem de dizer, naquele tempo tínhamos pobreza e tu sabes que naquela altura, a mulher caía que nem uma patinha... os americanos com aquela desgraça toda...

Pois tu sabes, o que é naquela altura... por ex. o que era o namoro... eu vou por exemplo 50 ou 60 anos para trás... o namoro era uma desgraça autêntica. Namorava-se, mas eu falava com ela era aqui na janela, e afastadinho senão ele (pai da namorada) vinha por lá fora com um cacete e aquecia mala à “gente” e depois casava-se ... e depois o que é que acontecia, não havia preparação, o que era e o que não era o sexo, como era e como não era... nada disso. Aquilo era todo o mundo, vamos embora, para a frente é que é caminho... e depois nasce um rapaz, dali a tempos nasce outro, e depois outro...e pronto... e o que é que acontecia, é que depois ficava-se com 3,4,5 filhos para aí. E agora para se dar comida a essa “gente”? É que naquela altura não se pensava... hoje está diferente... naquele tempo não existia pílulas nem nada disso... e depois ainda havia outra coisa, que eu ainda achava pior, era homens casados ... que se metiam com raparigas novas e às vezes engravidavam e depois era um bico-de-obra. E depois ela tinha um filho, e ela não queria fazer mal ao pequeno, era o pai incógnito, tantos! E tantos foram para a América assim... pais incógnitos, não sabiam quem eram os pais... isto tudo se vivia!

10- Lembra-se do dia da entrega de alguma criança, ouviu falar? Consegue-nos descrever?

Eu era muito pequeno não me lembro... ouvia falar que davam, mas nunca assisti...

11-No caso que conhece sabe se houve contato com a família biológica?

Sim _____ Não X .

12- Antes de partir para os Estados Unidos da América, sabe se a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Aquilo praticamente, não ficavam muito tempo aqui... aquilo eram casais perto de se mudar de Base, já sabiam que estavam para se ir embora, toca a procurar um pequeno, toma lá esses dólares, e tal e coisa (assobio) ala... toca a andar..., mas tu vias? Não! Ninguém via, ninguém sabia!

Depois falava-se, onde está fulano, “cadê” (onde está) o rapaz... aí ele foi para a América com umas pessoas e... e pronto, até hoje...

13- Sabe se a criança teve dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, ela terá sentido?

Deve ter sido a Língua, principalmente os “maiorzinhos”, sair daqui a falar português, sem perceber nada do que eles estavam a dizer, credo! O que hão de ter sofrido! Por isso é que eu acho que eles preferiam os bebés, ao menos já só aprendiam inglês, e pronto não chateava mais...

14- A criança sabia que tinha sido adotada? Como soube/descobriu que tinha sido adotada?

Eu não sei. Aquilo, eu quero crer, que eles pudessem descobrir, porque é preciso que percebas, um miúdo que, por isso é que eles não engraçavam muito com miúdos, assim “maiorzinhos”, porquê? Porque eles falavam já o português, para lhe “encavar” (impingir) o inglês, ele já tinha 2 pontas, mais tarde, ele (criança) pensa eu falava português, eu era português e como é que agora sou americano? E aí é que se dava essas engrenagens...

15- A família tem contato com a pessoa que foi adotada? Como é a relação? A família adotiva permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica?

Agora cá... cortavam logo o mal pela raiz. Os americanos, vou-te dizer uma coisa, os americanos podem ser muito coisa..., mas como aquilo para não prestar, não existe (risos), podes ficar crendo. Os americanos são todos, os poderosos! Fazem tudo e mais alguma coisa, mas no fim, minha filha, saí debaixo...

16- Como foi o processo de adoção? Foi legalizado? Onde decorreu o processo?

Nos Açores ou no país de acolhimento?

Legais? A “gente” se fosse à espera de um processo legal, antes do 25 de abril (risos), morria à espera (risos). Aquilo lá para trás (no tempo), aquilo era muito complicado. Aquilo era tudo por baixo da mesa... aquilo era uma coisa, toma lá, pega e anda...aquilo era rápido. A pessoa que quisesse fazer isso, fazia!

17- Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, na sua família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?

Pois aquilo, eles deviam ter alguém que de facto andasse na “cola”, saber nas suas freguesias onde é que eles estavam. “Não queres dar? Não queres dar o rapaz para ir para a América?”

Porque naquela altura, tu sabes, a “gente” até dizia, e eu também tinha essa mania de dizer... ah, tu tens muitos filhos porque não vês televisão... olha tu já viste, por exemplo uma mulher com 5 ou 6 filhos, tudo tipo escadinhas...e que se vêm sem coisa para se dar de comer e a chegar à noite e uma sopinha e uma coisa e às vezes nem sequer... oh, mulher! Se aparecer uma oportunidade daquelas, deixa andar, menos um para passar fome! E isso tudo, portanto eu acho que aquilo muitos... e também muita rapariga nova que se via com a barriga e aquilo, ela diz, como é que me vou desenrascar, se aparecer um americano ou uma oportunidade, deixa andar...uma mulher grávida daquela altura, era uma desgraça...e não era só isso, era a freguesia... aquela pequena estava desgraçada, não é como hoje!

18- Se os casos que ouvia falar, não eram legalizados, então como é que estas crianças saíam do país?

Eles saíam ... como é que eu saí daqui sem papel? Sem nada, explica-me? (risos) É muito fácil, e eles também eram da mesma maneira... enfiavam-se dentro do avião militar, vamos embora e tal... pronto... eles é que eram os donos daquilo... eles já tinham papéis, já tinham passaportes... tinham tudo... aquilo resolvia-se, o que resolvia era mesmo o americano... nem o escritório (*Legal Office*) se metia muito, podia ajudar, mas o americano é que resolvia aquilo tudo.

Aquilo era dos americanos, eles é que faziam estas cenas, não eram os portugueses! Eles (portugueses) não tinham capacidade para isso, nem eles davam sequer autorização

para eles se meterem nessas engrenagens... e olha aquilo passava-se, digo eu, porque aquilo, como a “gente” vê as coisas como a “gente” via, era isso...

Tu se querias entrar para o avião, tu entravas, não havia problema nenhum, ninguém perguntava, e depois de estares lá dentro, minha filha, esconde-te só...mais nada... e deixa andar (risos).

Era fácil levar o pequeno: “De quem é? Olha, é da minha mulher?” Prontos tiveram o pequeno cá e pronto...

Eles vão ao hospital americano, “Olha, ela teve agora um pequeno... tal e tal... ok, ok... e eles todos cobrem-se com a mesma manta e aí foi... foram muitos que se foram embora.

E como é que entra nos EUA sem documentos, ou processo de adoção?

Ele não entra na América sem documentos, eles já levam os seus documentos, eles fazem esses documentos, eles levavam a cama toda feita cá, a falcatrua já ia toda feita. Mas porquê? Porque era fácil aqui... e os bebês, olha, era filho do americano e toca a andar... Se isso fosse uma coisa como agora! Isso é uma hipótese: eu sou americano... e faço um filho, e o que é que faço... ou desvio-me ou coisa assim... o que é que tu fazes com um filho nos braços... agora fico aqui com as mãos amarradas, vais lá e dás a um americano... não é? Automaticamente dás em pequena (bebé), ora o americano já vai fazer tudo, dentro da coisa dos americanos (na Base), não é nos portugueses (autoridades) que eles não têm nada a ver. Toca a fazer a papelada registar o pequeno como se fosse seu, nasceu aqui, tá feito... é americano (bebé)!

19-Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum?

Ah! Pois, aquilo sabes, olhavam um bocadinho de lado, mas depois aquilo é assim, tudo o que seja, na altura tudo fala e todo mundo já esqueceu. E depois havia o que olhava e dizia “Olha menos um para passar fome”. Isso também era uma frase que existia muito... eu por exemplo, era um destes... eu pensava “Olha era mais um que vinha para passar fome... coitado”. E coitado dos pais, porque às vezes, queriam dar aos filhos, e eles ficavam a ver navios e não comiam... já percebeste? Isso aconteceu com muitas famílias!

Havia denúncias? As autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?

Eu não sei..., mas sabes as pessoas naquela altura, toda a “gente” tinha medo, e isso é que era a realidade ... porque as pessoas, naquela altura, antes do 25 de abril, quando havia a PIDE e aquilo tudo, eu se quisesse, eu lixava-te, mas era em menos de 3 segundos, era só passar por um polícia da PIDE, que eu conhecia bem aqui... e passar por ele e dizer: “Aquela rapariga que está ali, está a falar mal do Salazar”. Minha filha! Estavas desgraçada, estavas entregue ao bife! ... Nunca mais tinhas salvação. Isto era a pior coisa! Por isso, toda a “gente” se calava! À noite, tudo fechado, portinhas fechadas, tudo! E falar baixinho. O rádio a tocar e falava-se baixinho...

20- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos?

Eu não sei filha, eu não te posso dizer! Não te posso dizer se foram 10 se foram 20..., mas também não acredito que fossem muitas! Não foram muitas. Mas que saiu, saiu! Mas agora dizer que foi uma grande quantidade, eu acho que não! Eu não acredito muito, mas se saiu uns 7 ou 8 saiu, agora dizer que saiu 30 ou 40... isso eu não acredito! Acho um exagero.

Poucos, porque eu estou a dizer-te porque eu sei, aquilo era tão encoberto que mal tu sabias! Mas foram, crianças que se foram embora... agora não vou dizer um número porque não sei.

Naquela altura, pronto, os americanos davam tanto, e depois tu já viste o que é tu veres um montinho de notas que fosse mesmo de 20 ou de 100 (dólares), tu... quantos meses não matava a fome dos que estavam em casa... e depois levavam os sacos com a comida e mais isto e mais aquilo...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista XX

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Luís **Sexo:** M X F **Idade:** 74 **Escolaridade:** Ensino Superior **Profissão:** Reformado **Naturalidade:** Angra do Heroísmo.

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de adoção de crianças terceirenses por casais norte-americanos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população Terceirense?

Os americanos vêm para cá em 46, salvo erro, eu nasci em 46, não me lembro da ilha, antes, lembro-me daquilo que os meus pais me contavam.

A Praia da Vitória não era nada antes dos americanos! A ilha toda era um “vilarejinho” que não te digo nada, a Estrada do aeroporto que hoje é a 25 de Abril, aquilo não havia, aquilo era cerrado! Cerrados, não era nada!

O americano, era um senhor! Ele aparecia por exemplo na Serreta, aparecia o senhor americano, quer dizer, ele com uns dólares, não quer dizer que fizesse isso ou aquilo...

Só me lembro de um rapaz que, pronto, coitadinho, ele era, enfim, tinha uma idade mental inferior à idade física. Ele a primeira vez que viu um “preto”, foi um “preto” americano, que foi lá às festas. Ele nunca tinha visto então ele dizia: “olha, olha... Está todo queimado!” (risos) ... ele nunca tinha visto na sua vida uma pessoa de “raça preta” de maneira que, para ele aquela pessoa estava queimada (risos).

Durante muito tempo, o dólar era sempre 28\$00 (risos), e quilo corria como moeda comum, se fulano fosse lá (à Base), ou o trabalhador da Base, pagava 28\$00 o troco era dado era de 28\$00... se era oficial... eu não sei... era 28\$00...

Bom, eles desenvolveram em termos socioeconómicos, sem dúvida, foi uma influência que não se restringiu à ilha Terceira e muito menos só ao concelho da Praia. Espalhou-se pelo arquipélago, porque assim que correu a notícia de que havia empregos na Base... daí a “gente” ter na praia, ainda hoje, eu conheci vários “fermentos” vindo do

pico, vindos de S. Miguel, vindos da Graciosa... acho que praticamente de todos os Açores. Porque não havia empregos nos Açores em 1940's, no pós-guerra, não havia nada... de maneira que assim que correu isso, rapaziada nova... aventurou-se para cá...

Portanto, o primeiro impacto terá sido socioeconómico, em termos de emprego, de negócios, ainda hoje em dia, por sermos bons católicos, quem consegue fazer um negócio com os americanos, vai acender uma vela a Nossa Senhora dos Milagres (risos), pois os americanos, apesar de todos os defeitos que tem, pagam bem e a horas... o contrato que fazem pagam e pagam bem, e tentam cumprir... essa é a ideia que tenho deles é "*By the book*", se a "gente" sair "*By the book*" aí fora daquela regra a coisa complica-se... (risos)

Depois, também terão tido um efeito cultural, porque aqueles trabalhadores e respetivas famílias, que ali estavam contactavam com realidades culturais diversas, não é?

O meu pai trabalhava na Federação das Cooperativas da Ilha Terceira, atualmente é a Unicol, e claro que forneciam queijo, manteiga e leite aqui para o destacamento norte-americano. Então quando eu tinha, não sei, aí 7, 8 anos, gostava de estar com meu pai, ia para lá, via despejarem as bilhas de leite... então ele trouxe-me à Base das Lajes, nunca tinha vindo, naquela altura, atravessar a Achada e vir por aí fora era uma viagem!

Ele (pai) foi lá às suas reuniões e deixou-me lá num clube, não sei em qual, não sei de oficiais se de quê, mas americano e fiquei lá com um empregado a tomar conta de mim. Ele (empregado), senta-me numa cadeira e põe lá a televisão a trabalhar, coisa que nunca tinha visto uma caixa com... eu fiquei ali (risos) que eu nunca me levantei! Quando meu pai me foi buscar, teve de me arrastar porque eu não queria sair dali para fora (risos) e ainda levei para casa, que aquele empregado me deu, 3 ou 4 revistas em inglês, mas que tinha uns "macaquinhos" (desenhos animados) lá, que nunca me esqueceu que era o cowboy com o índio, o "*The Lone Ranger*", com a mascarilha e o índio... eu durante semanas e meses, eu não queria outra coisa, aquela revista era uma bíblia.

Portanto, houve um impacto cultural, não creio que tenha havido, e às vezes até se atribui em termos de linguajar, o efeito da Base das Lajes. Até porque o maior impacto cultural veio da emigração e o linguajar. Os "alvarozes" (corruptela de *overall*) não vem da Base, o "alvarozes" a meu ver, vem é dos nossos emigrantes que mandavam as roupas para cá e diziam que eram os "alvarozes" ... acredito que houvesse confluência das duas coisas, o americano trazido pelo trabalhador da Base e dos nossos emigrantes.

E depois então, já não falo em termos de equipamento, porque o “cerrado grande” (Base), abastecia muita coisa nesta ilha (risos). Legalmente, ilegalmente... portanto... a mim, por exemplo, não há tabaco de cachimbo na ilha Terceira, nem nos Açores, portanto quando viajava é que me abastecia, na metrópole ou em Espanha... o “cerrado” (Base), abastecia à vontade, do bom e do melhor e a preço...

A primeira televisão que tive foi comprada na Base, tinha um botãozinho que dava para a televisão portuguesa e dava para a americana, tocava-se num dava americana, tocava-se noutra dava português (risos) ... bom, influência a Língua inglesa... não sofria tanto esta influência porque tinha inglês no Liceu, mas influenciou algumas das pessoas da ilha.

Houve sem dúvida uma influência cultural grande, na maneira de ser deles (americanos), por exemplo em termos de vestuário. As primeiras mulheres de calças aqui na ilha Terceira, foram emigrantes americanos, e as esposas dos americanos da Base das Lajes, mas a emigração influenciou bastante, também, porque se as primas vinham cá de calças, as calças ficavam cá... ou vinham nas sacas da América. Aí as calcinhas americanas, credo! (risos)

Das primeiras, mas isso então é dos ingleses, aquelas placas de metal, de ferro... aquilo serviu anos e anos para andaimes, para porões de cerrados, varandas...

Na Fonte Bastardo havia um senhor, eles (americanos), depois faziam aquelas vendas de usados em segunda mão, que os americanos já não queriam... e ele vendia esses usados...

Houve uma influência socioeconómica indubitável e uma influência cultural, pronto... essa influência também dos nossos emigrantes, mas as duas coisas confluíram...

As empregadas domésticas, aquilo foi gradualmente reduzindo, não foi só agora, a pouco e pouco, tirando-lhe importância, mas mesmo assim ainda tinha um “contin” gente”, sei lá de 1000 ou 1000 e tal, mas foi reduzindo..., mas no auge, aquilo tinha efetivamente uma influência! Havia firmas que viviam dos americanos, por exemplo, havia uma firma de mudanças que trabalhava 99% para os americanos, não me lembro de nenhum português contratar essa empresa para fazer uma mudança (risos) ... a “gente” arranjava uns amigos e familiares e “acartávamos” e pronto...

E houve influência em termos políticos... a “gente” aqui nos Açores pouco mandava nisso, mas no período do Estado Novo terá conseguido aguentar a guerra de África durante 13 anos, no Governo do Salazar, terá conseguido aguentar, com a

influência da Base das lajes, que era o trunfo, digamos... era a moeda de troca. Aliás quando veio a Base das Lajes, já foi como moeda de troca da invasão. Porque os ingleses e os americanos estavam preparados para invadir os Açores... ao contrário do que se diz... Salazar era um homem inteli"gente" e um patriota à sua maneira, quer se concordo ou não. agora portuguesinho ele era todo inteiro (risos). E cá estão os americanos, até hoje!

2- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

A vertente socioeconómica terá sido e se calhar ainda é, a maior vantagem de todas. É claro que estou a pensar em termos de ilha Terceira e de Açores. Se pensarmos em termos nacionais de país, aí não sei se não ia para a geoestratégica... porque eu duvido muito que a República Portuguesa pague à NATO, alguma coisa que se veja, tenho impressão que formalmente que é a contrapartida da Base das Lajes é a participação portuguesa na NATO. De resto não estou a ver na metrópole onde é que há uma Base que se veja, eles NATO, Organização dos Países do Atlântico Norte, não conheço... e em termos de fornecimento ao exército português, nomeadamente à Força Aérea Portuguesa, os F16, foi tudo fornecido em contrapartida da Base das Lajes... Sem a Base das Lajes, se calhar também diziam a Portugal, "Vocês também têm de pagar uma coisinha, não é só a "gente"..." (risos)... há aquele que vão missões portuguesas para o Kosovo e outros, não são os portugueses que pagam! Aquilo é a ONU ou a OTAN... alguém está a pagar, mas não são os portugueses! Agora cá!

Mas em termos locais, direi que foi a vertente socioeconómica, não creio que os termos culturais, a grande força da influência cultural será norte-americana se será mesmo pelo nosso emigrante..., mas a verdade é que as ilhas não crescem...

E desvantagens?

Desvantagens, desvantagens? Bom, dentro do choque, choque talvez seja demasiado, mas do encontro cultural entre civilizações e culturas, há sempre vantagens e desvantagens. A tropa americana quando veio para cá, era só masculina. A tropa não tinha, tropa mista. Só aí em 80's ou 90's é que dever ter começado a vir mulheres militares, e aí é que começou a deixar de haver tanto casamento entre portuguesas e americanos... havia, creio eu, por isso havia muita prostituição, mas naquelas alturas, quando havia só tropa masculina, havia a "Coreia do Norte e a Coreia do Sul", como a "gente" dizia, na Serra, aquilo um café que havia lá, era famoso por isso... em Angra, tantos... no Corpo Santo, quem alimentava esses locais, embora os da terra também

frequentavam, mas eram sobretudo os americanos...e esses pagavam em dólares, pagavam bem, e davam chocolates e gamas (corruptela de *Gum*) e cerveja e perfumes...

Brincávamos ali de roda, aos policias e ladrões e brincávamos ali de roda...e eles (americanos que frequentavam as casas de prostituição) davam chocolates e gamas à “gente”... e depois a minha mãe, eu chegava a casa a “mascar gama” (mastigar *gum*), minha mãe dizia: “O que é que tens na boca?” – “Uma gama” – “Eu já te disse não quero que vás para ali!” e eu um rapazinho de 8 ou 9 anos, não entendia o que era aquilo, a senhora tinha sido tão simpática dar-me uma gama (risos) e eu ficava minha mãe está maluca (risos)... Só depois mais tarde é que vim a entender... Portanto, essa parte será socialmente negativa, se bem que nalguns casos até resultou positivamente, porque conheci raparigas que acabaram por casar com americanos. Porque ele (americanos) ao contrário da ilha, tenho impressão que não havia alguém da ilha que casasse com uma prostituta ou que tivesse fama disso, enquanto os americanos se se apaixonasse ou gostasse da mulher, não olhava a isso, e algumas sei que casaram com americanos... e que ficaram bem, porque depois vieram cá visitar a família e fizeram favor de me visitar e via-as com os seus filhos e os seus maridos... belissimamente...

Depois que havia umas bebedeiras, havia na Praia o Café Açor, havia... a tropa, qualquer contin”gente” militar, tem isso... jovens... nós queremos é rebentar de qualquer forma (risos), chegava a haver brigas e bebedeiras entre eles...

Eram muito rigorosos, a polícia era mista, havia os carros com polícia americana e polícia portuguesa militar, e os americanos aquilo ali não havia... e o que fosse apanhado naquilo (brigas) apanhava forte e feio... alguns até foram mandados embora, se a coisa fosse mais grave, se houvesse repercussão social, ou coisa que tivesse dado escândalo, eles eram mandados embora...

Terá sido isso, não vejo outra coisa, mas considero essa coisa das bebedeiras e tal, algo comum de jovens...

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Eles davam muita coisa... aliás a Serra de Santiago, a água que ia para lá era da Base, e tinham uma central elétrica ali na Base que fornecia a luz para a Serra. Nunca faltava a luz no porto da Praia, porque na altura faltava muito a luz, a luz vinha da doca...

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Eles prestavam muita ajuda, sim senhora... o hospital, creio que o primeiro equipamento, não vou afirmar, (risos) creio que o primeiro equipamento de RX que houve aqui no hospital da Praia, que foram os americanos que terão cedido... e não só... nas escolas, apesar de poderem dizer que era por interesse... não interessa! Bom, a verdade é que a “gente” não tinha nada, e eu ainda era de família relativamente burguesa, havia “gente” que não tinha nada. E eles (americanos), chegavam ali todos os anos, e davam umas caixinhas com bolas de berlindes, que a “gente” adorava aquilo, uns chocolatinhos, com umas coisas... é verdade, eles davam aquilo.

E recordo-me em 1980, os meus pais, andava desvairado à procura dos meus pais que tinham fugido com o sismo, e eles estavam no tribunal que era um edifício valente que se aguentou com o sismo... o dr. Gervásio, que era o conservador de Angra, abriu as portas, porque tinha instalações sanitárias, não só aos meus pais mas a centenas de pessoas que se protegeram ali... e o primeiro socorro que eu testemunhei e vi foram os americanos da Base das Lajes que vieram com colchões, cobertores, com leite, com chocolate... Ainda hoje deve haver muita caminha na Terceira, com colchões quantos queira, desta altura (risos), porque aquilo foi agarrar quanto puderam (risos), mas aqueles colchões deram muito jeito, principalmente naquela primeira noite.

E portanto, aliás sempre houve um bom relacionamento, de uma forma geral, entre as populações locais e americanos... não sei se pela nossa emigração para a América, não sei se pela maneira aberta dos americanos, recebe na sua casa, dá... Quando a “gente” convida, a “gente” fazia aquela cerimónia de aceitarmos e agradecermos o convite, o americano se oferecermos e ele senta-se e come mesmo (risos) ... são maneiras de ser diferentes, a tal influência cultural..., mas sempre houve de uma forma geral, poderá ter havido de forma pontual, como há sempre “gente” boa e “gente” ruim, é em todo o lado..., mas de uma forma geral, eram boas pessoas..., mas sempre “*By the book*” (risos) ... Eu recordo-me, por exemplo, os americanos faziam regularmente, convidavam pessoas de destaque da comunidade, foram convidados, ia-se no avião militar, até à América, uma Base qualquer, conhecer, ver outras coisas, e eu, como Conservador fui convidado... a minha esposa tinha família na América, então pensei, ela seguia e eu aproveitava e ficava logo lá (na América) e ia ter com a família. Eles foi logo, nem pensar, o senhor vai, mas volta (risos) “*By the book*”. Mas em termos de segurança, de relações internacionais acabamos por compreender..., portanto isso a

propósito do “*By the book*”, se a coisa for à maneira deles muito bem, senão, já não vai lá muito bem (risos) ...

5- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Pessoalmente, não, não sou muito premiado da grande amizade e influência dos americanos e o pouco por força das funções que desempenhava.

Como?

Mas tem um ponto, que me estava a esquecer, os meus pais, terceirenses legítimos (risos), também fizeram lá uma poupançazinha, aí nos anos 50, e fizeram uma casinha na Praia, que esteve anos a fio, arrendada aos americanos...e no bom tempinho em que 28\$00 era 1 dólar, e 1 dólar era 28\$00, aquilo dava 1500\$00 de renda por mês... 1500\$00 de renda por mês era um luxo, era a minha pensão em Lisboa. Eu fui estudar e fiz o meu curso à custa da casinha arrendada aos americanos. Indirectamente pelos americanos (risos). Dificilmente poderia ter ido estudar sem a renda dos americanos, éramos 4 filhos...pronto os dois (pais) trabalhavam, mas a vida não era fácil. Mas nisso, sim fui influenciado pelos americanos, só nisso!

De resto em termos culturais não creio. Talvez o uso da Língua inglesa, embora os conhecimentos que tinha os devesse aos estudos liceais, mas talvez me tenha levado... como havia o contato com os estrangeiros... havia tradutores oficiais que acompanhavam. Mas o saber inglês ajudava..., mas não pensando só em mim, mas em termos da comunidade, há com certeza o inglês espalhou-se por toda a ilha...

A minha primeira televisão comprei na Base, através de um funcionário meu amigo e foram uns “dolarzinhos” a mais para mimar a coisa (risos)...

6- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Pelo Natal... Ah! Olha culturalmente, os Natais, era galinha inicialmente, meu pai gostava muito do bacalhau, mas era caro. Depois é que começou a aparecer o peru americano, encomendava-se na Base...minha mãe ficava muito contente, e hoje em dia o peru é usado em todas as mesas..., mas penso que a grande influência foi americana.

Depois tinha a tradição do *Halloween*... que é uma tradição americana, porque nós não tínhamos essa tradição... era o Pão por Deus...

Mas a minha melhor memória é sem dúvida a primeira vez que vi televisão... que nunca tinha visto na minha vida, e nem sabia que existia aquilo... até ali era o cinema

na Recreio (Recreio dos Artistas), que chegou a haver para crianças e os meus pais levaram-me... eu já tinha visto um filme e adorava aquilo, nunca tinha visto uma “caixinha” (televisão) que dava cinema, de maneira que para mim... isso e aquela literatura que nesse mesmo dia também veio, a literatura aos “quadrinhos” (banda desenhada) que também desconhecia que havia e que depois fiquei freguês mesmo então em Língua portuguesa, comprávamos ali no “Atanásio”, vinha o “Cavaleiro Andante”, o “O Mosquito” e aquilo quando chegava, que vinha o barco, que era de 15 em 15 dias, lá ia eu, ter com a minha avó que me dava 2\$50 para comprar o “Cavaleiro Andante”, mas já em português, fiquei fã da banda desenhada, merece da experiência que tive na Base.

E as menos boas?

Francamente, não. Dos americanos da Base das Lajes até fico feliz por serem eles...

Parte II – Adoção

7- Conhece algum caso em que os norte-americanos tenham adotado/levado alguma criança portuguesa? Sim X Não

Pode-nos descrever os casos que conhece?

No meu tempo, conheço, se foram legalmente feitas... recordo-me de se falar num caso, não sei em que é que isso de, ou não deu, de um rapazinho do Porto Martins, que encontraram as roupas e tal... e depois não se encontrava... o pai era um recluso, cadastrado... falava-se... a criança caiu ao mar, morreu... há casos indissolúveis... mas houve muita suspeita... isso do ilegal, não me passava pelas mão, não me contatava. Pelas mãos não acho de ter sido assim algum significado... havia! De estrangeiros eram os únicos, eram os americanos, não me lembro de ter havido adoções para outros países... só cidadãos americanos ligados à Base das Lajes. Foram todos militares, mas também houve civis, porque havia cá vários civis, havia, professores, engenheiros, havia técnicos de várias coisas... que aquilo demorava nos tribunais, demorava ... às vezes demorava 3 meses, 4 meses, 6 meses, porque às vezes havia as informações... tinha lá as suas regras... Nós recebíamos quando vinha já a decisão do tribunal e, entretanto, pediam-nos certidões... o tribunal ou advogados... ou o que fosse...

8- Que idade tinha a criança quando foi adotada?

Novinhas! Alguns bebés, mas não seriam a maioria. Agora os outros, seguramente ainda na fase da escola primária. Até porque havia um limite para a idade...a maioria andaria talvez, pelos 3,4 ou 5 anos, mas recordo-me também de bebés...

9- Por que motivo as famílias optaram por dar a criança para adoção?

O que posso dizer, a vida era muito diferente, não tem comparação nenhuma com o que vivemos hoje. A pobreza, a pobreza era mesmo pobreza. Hoje em dia a pobreza, a sociedade, bem ou mal, tem meios de ir fazendo face, mais ou menos, nessas coisas, os Rendimentos Sociais de Inserção, “Abrigos Amigos” ... naquele tempo havia albergues, mas os albergues davam um bocadinho de pão com café com leite, e uma sopinha quando conseguiam ter com uma esmolinha que davam. Conheci um albergue porque a minha mãe ia lá levar algumas coisas pelo Natal e outras senhoras... tinha-se muito menos e portanto, umas seriam de famílias disfuncionais pelas mais variadas razões, sei lá, muito pai incógnito, haviam muitos filhos de pai incógnito, o que hoje em dia é mais ou menos impensável nem que seja pelo ADN... As condições, não condeno o que fizeram, não atiro pedras a ninguém, e, portanto, desconheço em cada caso concreto a razão, mas suponho, por exemplo, de raparigas solteiras, outros de pais incógnitos, outros porque já tinham uma filharada “levadíssima” da breca, que nem sequer consigam sustentar... na altura não se falava muito em laqueação, nem controlos de natalidade... não havia obstetra...

Portanto, a situação socioeconómica e as questões disfuncionais nas famílias, é que suponho que explicariam essas entregas.

10-Na sua opinião como seria a entrega da criança à nova família americana?

Nunca assisti e foi uma coisa da qual nunca tive noção... imagino algo doloroso, mas atendendo à situação socioeconómica das famílias seria uma boa oportunidade para as crianças.

11-No caso que conhece sabe se houve contato com a família biológica?

Sim_____ Não___X___.

12-Antes de partir para os Estados Unidos da América, sabe se a criança viveu na Base das Lajes com a família adotiva? Quanto tempo permaneceu na Base antes de sair dos Açores?

Eu acho que eles até na maior parte dos casos iam viver com as famílias americanas, não necessariamente na Base. Eu cheguei a ver processos desses, os colegas (advogados) para não haver problemas, eles tinham o cuidado de fazer um documento notarialmente reconhecido pelos pais em como autorizavam que a criança vivesse com fulano e tal, isto antes a adoção propriamente dita, enquanto decorria o processo... nos casos que conheço tenho impressão de que foram logo viver com eles (americanos), não ficavam à espera da resolução do tribunal.

As comissões eram pequenas, mas não sei se depois da adoção, ou por política deles, se saíam logo... tenho a impressão que eles ficavam pouco tempo, se era por coincidir com o termo das comissões se era mesmo uma política, digamos do Estado ou do Comando norte-americano, ou vontade deles... a “gente” quer se afastar... talvez, lá está, até por causa da família natural... não é? Porque eles depois habituavam-se àqueles “mesinhos” em que a coisa corria bem e depois... ouvi depois algumas queixas que apareciam lá no registo civil já depois da adoção feita: “Ah porque eles enganaram a “gente””, a mandar umas boquinhas... fiquei com a ideia de que faltou aquela ajudinha... se calhar as pessoas (americanos) foram-se embora e cortaram com e faltou (risos) ... nunca me passou, nunca fui testemunha disso, que desse razão essas afirmações... pode haver o arrependimento legítimo da decisão que tomamos... pode uma mulher quando tinha 20 anos ter dado um filho e quando tem 50 ou 60 ter-se arrependido disso...

Acho que em termos dos meninos e das meninas, acho que eles (americanos, os tratavam muito bem, nunca ouvi falar mal, pelo contrário, educavam-nos tal e qual como filhos...

13-O senhor há pouco falava-me em crianças em idade escolar, 4, 5 anos, crianças que já tem noção de um passado familiar, de uma Língua, acha que essas crianças sentiram dificuldades em adaptar-se a um país estrangeiro? Quais as maiores dificuldades que, na sua opinião, elas terão sentido?

Mas deve ter sido levado da breca.... É claro que, o afeto e o amor também são muito importantes, as crianças precisam muito do afeto, aquela criança deve ter ajudado a superar e também o aspeto material, por exemplo, a comer o que nunca tinha comido, sem faltar, a ter as bicicletas e os triciclos, a ver televisão (risos)... sei lá, talvez isso ao mesmo tempo, isso fosse preenchendo uma parte.

14-E acha que as crianças sabiam que tinham sido adotadas? Como sabiam/descobriam que tinha sido adotada?

Houve casos, não muito frequentes, de uns escreverem ou aparecerem na conservatória para saberem das suas origens, é claro que ficávamos renitente e aconselhávamos a procurar um advogado... havia e sempre haverá, há pessoas que tem o interesse de procurar a sua família... conseguiram, obtiveram? Não sei, mas sei que teve alguns casos, raros que procuraram saber na conservatória.

Mas eles arranjam outras estratégias para se procurar as raízes, os registos de paroquiais, às vezes chegava-se lá... por vezes deixávamos umas dicazinhas (risos).

15-Sabe se as famílias têm contato com a pessoa que foi adotada? Como é a relação?

Não sei, apesar de ter assistido a pedidos de consulta no registo Civil e das dicas que dávamos (risos), não tive conhecimento do resultado final, se realmente encontravam alguém da família....

A família adotiva permitiu que a criança mantivesse contato com a família biológica?

Não sei se por imposição ou não, em alguns casos continuava a haver visitas, contatos com os pais enquanto decorria o processo. Dava-me a impressão de que eles não gostavam que a família que adotava não gostava muito disso, já a família que dava para adoção, gostava porque ia buscar mais umas coisinhas para casa. Mas que havia uns contatos, pelo menos até a adoção... enquanto estavam cá, e penso que ficavam pouco tempo..., mas não sei se era por comissão se era por opção deles (do casal adotante), não sei...

16-Como eram feitos esses processos de adoção? Foi legalizado? Onde decorreu o processo? Nos Açores ou no país de acolhimento?

Enfim... o colega (advogado) fazia a descrição da situação da família, juntava o consentimento dos pais, só mesmo se era caso de óbito, mas mesmo assim juntava-se consentimento dos que estavam a tomar conta da criança. Isso depois era analisado...se havia capacidade socioeconómica, idoneidade da família que seria atestada pelo Comando norte-americano, e pronto e seguia os seus trâmites e quando estava pronto, seguia para decisão do juiz.

Suponhamos que a criança nasce em casa e o americano está na porta desta casa para receber a criança. E esta criança desaparece. Na sua perspetiva enquanto jurista, como podemos justificar essa situação? Como é que esta criança saí de Portugal e entra nos EUA?

Posso dizer que nunca ouvi falar de situações assim... não tenho conhecimento oficial... agora suponhamos que... o tal rapazinho do Porto Martim? Também se falava nessas coisas... que aconteciam situações assim..., mas como é que saía de Portugal... Os americanos eram rígidos também... havia o consulado americano ali em Ponta Delgada e não era pegar numa criança e metê-la num avião e andar, isso não podia ser assim... tinha de entrar nos EUA... sempre houve passageiros clandestinos...

No avião militar..., mas não sei, só vejo por uma questão clandestina, porque legalmente não acredito que os legisladores e as autoridades norte-americanas pactuassem com situações destas... legalmente não creio... agora que um ser humano não é capaz de fazer isso? Acredito que possa ser feito isso, mas a meu ver só clandestinamente... a não ser com fraudes, quer dizer arranjando passaportes falsificados... também sempre houve.... Pois nos anos 50, 60 talvez fosse mais fácil a tal clandestinidade, porque também se iam para Lisboa frigoríficos e televisões e arcas e sei lá mais o quê (risos) ... porque não uma criança...

Mas por aquilo que conheço e repito, daquilo que conheço das autoridades quer portuguesas quer norte-americanas, não acredito que pactuassem com isso. Agora, se foi feito uma fraude, que seria um documento falsificado, ou se foi feita a utilização de uma via clandestina, aí acredito. Não tive conhecimento disso, mas... ouvíamos falar. Não ponho em dúvida... legalmente não encontro justificação..., mas que se ouvia que acontecia... Como também podemos colocar a questão de o registo da criança ser diretamente, feito como filho do casal adotante.

Se conseguiam sair daqui, quer por via de clandestinidade, quer por via de fraude, se conseguia sair da ilha ... não sei como, mas a conseguir a dar entrada nos EUA, aí então já seria relativamente fácil. Porque uma cidadã norte-americana já iria constar como mãe.

Eram os pais e estaria o problema resolvido.

17-Como os pais adotivos tiveram conhecimento da existência de uma criança, naquela família, para adotar? Como foi feito o contacto entre as famílias?

Aquilo devia se ir espalhando de boca a boca, também havia de haver, nas tais questões disfuncionais, ou que aparecesse na Serreta ou nas Doze, se bem que os fornecedores eram aqui mais próximos (risos) ... da Serra de Santiago, de Santa Rita, talvez das Lajes, bateria, dumas zonas assim, mais desfavorecidas. Se calhar até o próprio Porto Martim, antigamente o Porto Martim era uma miséria, hoje é que é aquela beleza, mas aquilo era uma miséria, o porto de S. Fernando era uma miséria, era viver pessimamente... a situação socioeconómica havia de ser conhecida.

Alguns de boca a boca, acontecia na família tal, a pequena teve um pequeno, não se sabia de quem era e está desgraçada e coisa... e não quero saber e um pai de família... e aparece um olha ouvi falar disso assim... e que talvez desse...

As tais empregadas domésticas, eram capazes de serem uns correios privilegiados, porque elas aprendiam uma coisinha a inglês, a dizer 2 ou 3 coisinhas lá com as americanas, suas senhoras, mas ao mesmo tempo elas, contatavam lá com a freguesia, era capaz... acredito mais nestas, porque estas estavam nas casas deles (americanos) diretamente. Mais do que propriamente, os empregados da Base, não creio que os empregados fossem os intermediários privilegiados. Creio mais nas empregadas domésticas. Não digo que depois, não houvesse algum caso de algum chefe que dissesse: “Olha, conheces alguém?”

E até porque algumas famílias americanas tinham filhos! Para não dizer muitas, quer dizer não era por não poderem ter filhos, quer dizer eles adotavam por vontade. Creio que a maioria deles eram famílias com descendência sua... talvez um instinto maternal, de ajuda... talvez convenções religiosas... não tenho elementos para afirmar isso... o principal seria a condição socioeconómica da altura que era efetivamente miserável... havia famílias, que a pobreza de hoje, o nível de pobreza de hoje... não tem nada a ver! Tem acesso à saúde, hoje temos resposta social... e naquela altura não havia!

E havia os Lares, onde iam buscar também muitos meninos. Por vezes falava-se, mas para mim sempre foi conversa de café, porque não acredito nisso, que seria uma compra por parte dos americanos, não acredito nisso... acredito que fizessem doações a essas famílias, enquanto aquilo (processo) decorria, até por conselho de advogado, digo eu, enquanto não se encerra o processo mantém-se a barriga cheia... acredito que naqueles meses que decorria, que àquela família não faltasse nem cervejinha, nem “carninha”, nem coisíssima nenhuma, nem brinquedos para os filhos e roupinhas para eles e essas coisinhas todas. Mas, daí até dizer que foi uma compra, não tive conhecimento absolutamente nenhum disso...

Do que me passou, até onde pude ter conhecimento, acredito que nessa história, para não dizer sei! As famílias passavam bem (durante processo), se depois de se irem embora (americanos) se continuavam a dar, isso aí já não sei... até à resolução do processo sei que davam..., mas isso é naquele espírito de interajuda e ao mesmo tempo por conselho dos colegas que estavam à frente do processo... leva-se umas coisinhas da Base... quem é que não gostava de uma coisinha da Base, com adoção ou sem adoção (risos) ...

18- Que tipo de adoção essas crianças tinham? Plena ou restrita?

Eram restritas. As plenas eram muito complicadas naquele tempo, os tribunais eram muito relutantes para a plena. Para ser uma plena, tinha de ser... sei lá... os pais tinham morrido ou coisa qualquer, ainda assim, talvez, agora com pais vivos, era complicado...

19- Conhece outros casos de adoção por norte-americanos? Pode descrever-nos outros casos que conheça?

Conheço casos muito bem-sucedidos... hoje já são mulheres casadas... tem os seus riscos, como tudo na vida tem...

20- Nos registos de passaporte que consultei, sobretudo anteriores a 70, encontrei com muita frequência, termos de consentimento dos pais biológicos e de responsabilidade dos adotantes. Como é sabido anterior a 66 não havia legislação em Portugal reguladora da adoção. Que validade teriam esses documentos nos EUA?

Não teria qualquer validade. Eles (americanos) teriam de obter na altura, através do consulado em Ponta Delgada, o documento norte-americano, próprio para que a criança pudesse viajar para os EUA, e se calhar nos EUA iniciar um processo de adoção..., mas não sei porque as sentenças, a decisão judicial é capaz de não ser reconhecida pelos EUA, na altura não havia. A não ser que o Estado português tenha talvez protocolado com os norte-americanos sobre a matéria... não sei se o reconhecimento da sentença de cá seria validado pelos EUA. Mas nessa situação específica, essa situação não seria reconhecida ou validade pelos EUA.

21- Na sua opinião jurídica, como se justifica uma criança que saí da ilha, com termo de consentimento e termo de responsabilidade devidamente assinado

por ambas as partes, nos anos 70, havendo já leis sobre adoção, e casos concretizados na Terceira, e hoje ainda não é considerada cidadã norte-americana? Que justificação encontramos para estas situações?

Porque os pais não a adotaram lá, ou seja, não fizeram processo nem cá nem lá, porque estes documentos que se fazia, por si só não tinham qualquer validade. É realmente uma situação estranha, porque hoje já deveria ser cidadã americana. Não consigo imaginar sequer uma justificação jurídica... principalmente em anos 70... já deveria ter sido pelo menos cá, um processo de adoção.

É preciso ter cuidado com os EUA, porque nós falamos em EUA de forma geral, mas os EUA, tem cerca de 50 Estados, salvo erro, e cada Estado tem legislação específica... é muito esquisito, porque como ela terá ido para lá já é dúvida, a não ser que o tal consulado com base nisso, tivesse arranjado alguma autorização, passaporte norte-americano para essa criança poder ir com aquela família. Mas o consulado só passaria este documento, pelo que tenho conhecimento, findo o processo de adoção.... Eu sabia que os norte-americanos, independentemente de o processo ser cá, tinham de obter das suas autoridades um passaporte, ou qualquer documentação do consulado norte-americanos que lhes permitisse levar a criança para lá (EUA), mas seria somente depois de findo o processo de adoção.

Ali anos 60, até pronto, percebesse, ou esses pequenos ficavam para aí, ou ao cuidado dos vizinhos, sempre seria melhor que seguissem com os americanos, pobrezinhos, sempre iam para lá (EUA), havia alguém que desenrascava e, portanto, até aí, talvez a questão de falta de legislação, pronto... a partir daí não sei... a não ser que tenha sido inércia do Consulado, que vinha fazendo e continuou a fazer... isso às vezes acontece...

Pelo conhecimento que tenho das autoridades norte-americanas, pelo menos voluntariamente não iriam infringir ou violar a legislação onde estejam, isso não... pelo contrário, eles eram muito rigorosos...

22-Como eram vistas estas adoções pela comunidade local? Era do conhecimento comum?

Talvez fosse hipocrisia da nossa parte, mas eu acho que nós até víamos como um alívio e um bem para aquelas crianças...quer dizer, não é que se quisesse mal nenhum à família que desse, mas via-se como uma boa solução para aquelas crianças...

Vejo essas situações como uma questão familiar. Há “gente” boa neste mundo, mas no meio deste cão, há “gente” boa. E eu quero crer que a maioria das pessoas que adotam neste mundo, adotam com boa intenção e são famílias boas para essas crianças...

Claro que nalguns casos há problemas. Normalmente, via-se como uma coisa boa, e a comunidade não se preocupava muito ... era do conhecimento comum, mas ninguém se metia.

Havia denúncias?

Se pediam informação, ainda diziam: “Olha isso é famílias muito pobres, já tem 5 ou 6 filhos, andam para aí e tal... de cuequinha, cheios de ranho. Oh! Senhor por amor de Deus, isso é uma obra de Deus” e deixa ir... era um bocadinho a perspectiva que a “gente” tinha...não chocava muito.

As autoridades locais e norte-americanas tinham conhecimento?

Pois... teriam o tal consentimento, assinado e reconhecido, olha os pais dizem que sim...

23- Conseguem-nos fazer uma estimativa do número de crianças que terão sido adotadas por casais norte-americanos, entre 1946 e 1974?

Adoções, houve-as, lembro-me de várias, mas dizer assim, por ano havia tantas... num ano havia 2, num ano havia 4... ou no outro ano, não sei! Perspetivar um número... não sei.... Diria, portanto, estamos a falar em 28 anos... por palpite... 90, 100...eu acho um número mais significativo em relação à tal situação socioeconómica, não diria esse número depois de 74, mas depois de 74 não é significativo, de forma nenhuma, nada comparada com o período do Estado Novo.

Muito obrigada pela colaboração.

Anexo X

Entrevistas Transcritas- Casamentos: Testemunhas Privilegiadas

Entrevista I

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Susana **Sexo:** M F X **Idade:** 62 anos **Escolaridade:** Degree, University **Profissão:** Chef Executive **Naturalidade:** Praia da Vitória

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos e/ou familiares diretos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população terceirense?

Eles foram muito bons para os portugueses... os portugueses é que foram uns mal-agradecidos... roubaram tudo... a ilha está aqui à conta deles.

2- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira? Como?

Foi a melhor coisa que me aconteceu... para o meu futuro e o futuro do meu filho...

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Ajudavam muito... lembro-me como era casada com um americano, de ajudar, de levar comida... a velhinhos, iam levar comida para dar a crianças... dávamos roupas...

4- Acha que os americanos ajudavam a população local?

Oh sim!

Consegue-nos descrever algum episódio?

É como já lhe disse, íamos levar comida... dava-se muito às empregadas elas levavam muito... e era um ajuda..., mas eu era muito nova, já foi há tantos anos que não me lembro assim, assim de uma historia para lhe contar... sei que ajudavam muito...

5- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Eu acho que eles foram a melhor coisa que me aconteceu... na minha vida, tirar-me daqui para fora...

Viajei muito tive uma boa vida, não me faltava nada.

E as menos boas?

Eu penei muito na América... Eu era muito nova... tinha medo da América que me “pelava” ... imagina sair daqui e ir para um lugar daqueles... Muitas saudades! (emocionada).

Não me faltava nada... ele sempre foi muito bom para a minha família... até hoje eles gostam dele..., mas ele batia-me e tratava-me mal... quando chegamos à América... Ele aqui era muito bom para mim.... Estivemos aqui estacionados uns tempinhos... Mas chegou à América... aí chorar que chorava... pela minha terra... a minha rica terrinha.

6- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Eu gosto muito dos americanos... teve coisas boas... Eu vivi com eles mais de 40 anos, os americanos são muito bons... para ser sincera... na América, aquilo é um mundo num país... tem pessoas de todo o mundo... Eu gosto de estar lá...

E desvantagens?

Racismo! Eu vivi muito em Bases militares e na... não podem demonstrar nas Bases..., mas vi muito racismo... chocava-me muito. Eu sou casada com um negro. O que ele penou! Porque era casado comigo. A própria mãe dele não queria que eu casasse com ele... Ela disse-lhe que a “gente” só queria passaporte e visto para ir para a América...

Parte II – Casamentos

7- Tem conhecimento se houve casamentos entre jovens terceirenses e norte-americanos? Eram mais do sexo feminino do que masculino, certo?

Sim, sim..., mas só conheço raparigas.

8- Conseguem-nos descrever algum caso que tenha conhecimento e em que ano, aproximadamente, acha que ocorreu?

Posso te falar do meu (risos)... casei em 74.

Ele tinha um carro vermelho, daqueles muito grandes, americanos... (risos)... passeávamos pela areia fora... Um dia cheguei ao pé do meu pai e disse-lhe “O teu futuro genro” (risos).

E como o conheceu?

Foi a minha mãe... ela é que tratou de tudo... (emoção).

Que idade tinha quando casou?

Eu tinha 16 anos. Ele gostava de mim. Engravidei logo... tinha 16 anos.

E casaram cá na ilha? Ou foi nos EUA?

Não, eu saí daqui já casada e mãe do meu filho... Ainda vivemos na Base uns tempos... Eles deram ao meu marido mais uns tempos cá... Ele era “Navy” ... porque ele era casado com uma portuguesa...e também por causa da minha idade... Eu não queria deixar isto aqui... então o comandante deu-lhe mais um tempo cá... eu já falava bem inglês..., mas para me habituar!...

9- Como é que as jovens terceirenses conheciam os seus noivos norte-americanos?

As mães!...muitas mães é que fizeram os casamentos das filhas...

Antigamente, já não é do teu tempo..., mas, a “gente” aos domingos vínhamos passear para a muralha... Santa Rita acima, Santa Rita abaixo...

E as que não eram virgens... tinham que casar e cá já ninguém as queria... antigamente namorávamos à janela, se não fossem virgens viravam logo para casa... e às vezes a melhor maneira era casar com um americano. Os americanos já não se importavam se era virgem ou não.

10-Havia locais e/ou eventos em que jovens terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes, pudessem conviver/conhecer-se?

Era nas festas de freguesia... E às vezes resolvia-se com quem trabalhava lá dentro (Base)...

Havia uma casa em Santa Rita... os americanos iam muito lá... e tinha muitas pequenas lá que acabaram por casar com americanos. Como também houve os que as deixaram atrás... Lembro-me de uma que andou muito tempo com um americano, e acabou por descobrir que ele era casado e com filhos...

11-E o namoro? Como era o namoro? Era longo, era à janela, com noivado?

Como era?

Qual namoro? (risos) Era tudo a despachar... iam logo viver com eles para a Base...e depois para a América...

12-Porque acha que havia casamentos entre as jovens terceirenses e os americanos?

Era dinheiro... O desejo por uma vida melhor. Até para os que ficaram... a “gente” mandava dinheiro. Tínhamos a obrigação de cuidar da nossa família, dos que ficaram cá... eu ajudava a minha família, mandava dinheiro para cá, para os ajudar... mandava cheques...

Eu não tinha preocupações de dinheiro, não me faltava nada...fui trabalhar para ajudar a minha família cá... para mandar dinheiro para a minha família, porque eu não precisava.

13-Acha que o desejo de emigrar e ter uma vida melhor terá motivado alguma das jovens que casaram com americanos? Porquê?

Acho que sim.... Era uma vida melhor para todos... para os que iam e para os que ficavam...

14-Conhece algum caso de uma jovem terceirenses casada com um americano das Lajes que tenha regressado à ilha?

Olha, eu regresssei...

E porque regressou?

Sempre tive saudades da minha terra...estava a viver muito mal com o meu marido...ainda estamos casados..., mas eu agora estou aqui. Sempre soube que vinha para cá... Eu sabia que ia regressar. Depois chegou ao dia... Um dia decidi que me vinha embora... e vim... Depois voltei a ir-me embora... e foi então que voltei, arranjei trabalho... depois, olha, decidi... agora vou à América de visita... não tenho saudades da América... tenho dupla nacionalidade... Agora sou feliz... não sou rica, mas sou feliz...E eu na América era rica, mas não era feliz...

Mas conheço muitos casos que nunca mais vieram, coitadinhas! Tornaram-se americanas. Algumas até perderam a nacionalidade portuguesa... houve uns tempos na

América, que não podias ter dupla nacionalidade, e ... e muitas destas... A “gente” cresce (emoção) ... A “gente” sai daqui muito novinhas, com 16 ou 17 anos, a maior parte da “gente” já com filhos, pronto... foi o nosso destino... muita saudade... e pronto... ou o americano farta-se da “gente” ou a “gente” farta-se do americano... é muito diferente disto aqui! ... Ou a “gente” chega à América a aprende a viver na América... a vida na América é muito diferente disto aqui! ... A mulher lá tem direitos... não era escrava como aqui... temos muito poder ... olha eu... fui para a Universidade... cá nunca ia! Ganhava muito bem, cá nunca tinha sido assim!...

Sempre vivi em Bases americanas... tive essa sorte... também decidi que não ia ser vítima... e que um dia (emoção) ... e que um dia, tinha esperança... regresssei... à minha terra...

15- Conhece algum caso em que o casal tenha ficado a residir na ilha Terceira?

Ou todas as terceirenses emigraram na companhia dos maridos?

Fomos todos para a América... nenhum ficou cá... era por isso que casávamos... Alguns chegaram lá... e a vida não é como sonhamos... nem tudo corre bem... A vida é muito difícil lá... levei 10 anos a adaptar-me àquela vida... Eu tinha muito medo da América... estás fora do teu país... chega a um ponto... pronto... tens de te habituar...

16- Os casais tiveram filhos?

Sim, sim... Alguns ainda nasceram cá.

E os filhos têm alguma ligação ou interesse pelos Açores? Costumam visitar os Açores?

O meu nasceu no hospital americano... é americano... Ele nasceu no hospital americano, e eu registei-o no Tribunal da Praia. Tem passaporte português e tudo... Mas o meu filho é muito terceirense (risos), gosta muito de vir cá... come “charrinhos” (chicharros) com cabeça e tudo, desde que tinha 1 ano e meio (risos) ... O meu adora vir cá... tem muitos... ficam as raízes (emoção)...

17- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de casamentos que terão ocorrido entre terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes?

Só no ano que casei penso que fomos para aí umas 10, das que eu sei... foram muitas.

E mais ou menos em que ano terão ocorrido (entre 1946 e 1974)?

Oh... todos anos casava americanos com portugueses (risos), foram muitos. Sempre que houve americanos, houve casamento (risos).

18- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Sou emigrante! ... Sou emigrante regressada, mas sou emigrante! (emoção).... Vivi na América mais de 40 anos. Gosto muito da América... foi a América que me deu a oportunidade de ser quem sou... deu-me oportunidade de ir para a Universidade... de ter a vida que tive... de ter casa, carros... trabalhar... não precisar de homem para viver... foi bom, foi muito bom! Mas, quantas vezes cheguei ao avião para embarcar para a América... já no “bus” americano e eu a dizer que não ia... Eu tinha de ir, mas não queria... custava-me muito deixar a ilha...

Mas agora vive cá?

Sabes... ainda hoje penso que é mentira!

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista II

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Albertina Sexo: M ☐ F ☒ Idade: 77 Escolaridade: 4ª
Classe **Profissão:** Reformada **Naturalidade:** Praia da Vitória .

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casamentos entre portugueses e norte-americanos e/ou familiares diretos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população terceirense?

O que é que eu hei de dizer... eles não influenciaram a “gente”... eles ajudaram muita “gente”! E se todos compreendessem... e se todos tivessem um bocadinho de... que eles a levarem crianças... e “deitaram a mão” (ajudaram) a muitas casas! Muitas famílias! Não foi só à criança, foi à casa toda... eles “deitavam a mão à família toda! Eu era amiga de uma pessoa, ela era casada com um americano, ela era daqui (Terceira), e ela tinha 2 filhos... e os pequenos já eram homens feitos... e ela ajudava muita “gente”...muita “gente”...

Eles (americanos) ajudavam, iam de porta em porta levar às pessoas. No tempo do Natal, as crianças tinham prendas de Natal. Eles davam muito, muito...

Eu cá só tenho a dizer bem dos americanos... eles ajudaram muita “gente”.

2- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Sim.

Como acha que foi influenciada, porque acha que foi diferente?

Pois a “gente” tinha um negócio... e enquanto tivemos esse negócio a “gente” vendia muito aos americanos. Vinha estes aviões, que vinham com... como hei-de dizer, eles, a tripulação daqueles aviões, iam sempre lá... iam homens e mulheres... tinha uma que me chamava de mãe. Ela quando chegava cá, ela a primeira coisa que perguntava era “Onde é que está a minha mãe?” (risos). Eu cheguei a fazer frango com batatas cozidas para ela levar no avião (risos). Belas pessoas, sim senhora... criou-se amizades. Tenho só coisas boas a dizer daquela “gente”! Só digo bem!

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? Principalmente as crianças e jovens da ilha?

Muito bem... muito bem... pelas crianças, pelos seus pais que eles ajudaram... os que levaram consigo também ajudou os pais...

E os que ficaram cá, jovens e tudo, eles ajudavam muito!

E como é que eles ajudavam?

Com tudo! Com comida, com roupa, com caixotes com comida que eles compravam no “Comissário” (hipermercado na Base) e levar às casas das pessoas. Eu sei disso! Muito bem!

Havia uns rapazes, eles iam à Caldeira, os americanos punham coisas da Base para a Caldeira (lixeria a céu aberto na zona da Caldeira, Lajes) ... e eles iam buscar lá as coisas e vendiam... mas eram coisas boas... Os americanos davam novo, metiam no lixo as coisas novas. Mesmo comidas que mandavam para a Caldeira, latas amachucadas, quase a acabar o prazo... e mataram a fome a muita “gente”, e deu muito dinheiro as coisas que iam buscar à Caldeira para vender...

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Ajudavam sim senhora... houve muita coisa que ficou aqui feita e que os portugueses estão a usar e que foram os americanos a fazer, como esse quebra-mar...

Eles ajudaram em muito... na Base, as casas, coisas para as pessoas que não tinham “onde cair mortas”, eles ajudaram...

Isso até agora, há uns tempos para cá que as coisas já estão a ficar diferentes, mas no meu tempo, e eu já tenho a minha idade! Já não sou criança nenhuma (risos). No meu tempo.... Oh ajudavam mas era ajudar! Muito mesmo!

Os americanos chegavam a ir de carro... eu cheguei a ver... às freguesias. Eles levavam comida, bebida... e paravam os carros e perguntavam “Tu precisas de comida?” Eles... eu cheguei a ver... as pessoas ficavam assim (sinal de embaraço) ... com receio... E eles pegavam nuns caixotes “Tu precisas disto?” e as pessoas diziam com a cabeça que sim e eles davam!

Eu lembro-me do senhor Padre ir a nossa casa, dar um papelinho (emoção) que era para mim e para minha irmã... e o senhor Padre foi a nossa casa levar o papelinho. E esse papelinho era dos americanos... (emoção) para dar coisas à “gente”... às casas que tinham crianças. E a “gente” foi à escola... lá é que os americanos foram levar as coisas

para as crianças e... Não é que a “gente” vivesse na miséria, mas também não vivíamos na largueza...

Os americanos fizeram muito bem nessa terra... muito bem! Mesmo muito bem!

5- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Quando tive o meu negócio, os anos que tive lá, sempre tive americanos, sempre “gente” muito educada... um espetáculo.

A melhor recordação que eu tenho é deles fazerem muito bem a essa “gente”, principalmente às crianças. Muitos deitaram a mão a crianças... a crianças praticamente abandonadas e eles deitaram a mão a esses pequenos... e ajudaram muito... eram muito boas pessoas!

E as menos boas?

Eu acho que não há... pode haver pior, pessoas que não sabem dar o valor às coisas... se souberem dar bem o valor... não há coisas más...

Havia umas coisinhas quando eles iam para bares, em “rebanho” (risos), tomavam uns copos e às vezes podiam fazer uns certos barulhos... mas eu acho que isto nem sequer é uma coisa má... não é... era “gente” nova, “gente” que se ia divertir...

6- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Valeu muito a pena os americanos terem vindo para cá, valeu muito... muita vantagem... se eles voltassem para cá ainda valia muito mais... Há tanta “gente” a viver mal... e agora com isso que se está a viver... Nossa Senhora!

E desvantagens?

... Eu acho que não? Eu acho que não se deve condenar os americanos. Mesmo essa coisa das águas contaminadas... foi tudo os americanos!... Os americanos assim, os americanos “limparam” vocês e agora estão a falar dos americanos por causa das águas... Vejam bem as coisas! A “gente” também já teve águas que ninguém as podia beber... Agora qualquer coisa são os americanos... é lá nada disso! Precisava os portugueses serem mais responsáveis, mesmo nos hospitais, aquilo é uma vergonha!

Parte II – Casamentos

7- Tem conhecimento se houve casamentos entre jovens terceirenses e norte-americanos? Eram mais do sexo feminino do que masculino, certo?

Ah sim! Era o sexo feminino, penso que ainda chegou a casar homens, mas eram muito poucos e nem tenho a certeza! Foram muitas mulheres. Eles tiraram muita mulher da “má vida” ... tiraram sim senhora! Eu conheci algumas.

8- Consegue-nos descrever algum caso que tenha conhecimento e em que ano, aproximadamente, acha que ocorreu?

Isso já foi há muito anos, sessentas, setentas e antes com certeza!... Os americanos não olhavam muito a essas coisas (moralidade) ... os portugueses é que olhavam muito a essas coisas (honra da mulher) ... se uma rapariga tivesse má sorte ou uma infelicidade... pronto aquela rapariga ficava logo para trás.

Eu conheci tanta rapariga que casou com americanos. Havia uns espetáculos, eles iam à Base... cada vez que iam à Base, eles (americanos) namoravam-se com uma das raparigas dos espetáculos (risos). Casaram-se muitas raparigas dos espetáculos! (risos). Casaram-se muitas delas... e elas eram bonitas também... os americanos iam mais... não era por seres uma mulher “arrematada”, era pela “boniteza” pela maneira como te arranjavas... isso é que interessava para eles.

9- Como é que as jovens terceirenses conheciam os seus noivos norte-americanos?

Eles saíam... e elas também... naquele tempo havia muita rapariga nova que trabalhava na Base... muitas iam tomar conta dos filhos de casais americanos... que estavam a trabalhar e elas iam tomar conta. Depois conheciam outros americanos, viam-nas, gostavam delas e eles casavam. E era assim!

Havia também bailes... aqueles espetáculos que iam à Base... a “gente” ria-se porque cada vez que iam à Base, vinha uma namorada (risos). Eu por acaso conhecia a mãe de uma rapariga que casou com um americano e eu dizia a ela: “Cada vez que vocês vão há Base, vocês deixam lá uma rapariga” (risos). E essa rapariga foi para a América com o marido e tudo por causa da filha que casou com o americano (Carta Chamada para os pais). Isso aconteceu muito! Um à frente e o outro atrás, como a “gente” costuma dizer (filhas que casaram com americanos e depois faziam Carta de Chamada para a família que cá ficava).

Foram muitas famílias para a América porque as filhas casavam com os americanos da Base... acabava por ir todos. Conheci muito que foi assim...

10- Havia locais e/ou eventos em que jovens terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes, pudessem conviver/conhecer-se socialmente?

Às vezes a “gente” ouvia que eles as conheciam em bares... mas muitas foram... estavam na prostituição. Quando vinha aqueles barcos, descarregar... barcos que vinham descarregar as coisas para a Base... coisas americanas... esses americanos que estavam no barco, estavam em serviço, mas saíam do barco, enquanto o barco estava a descarregar. Os portugueses é que trabalhavam e os americanos saíam, iam passear... e eu sei de dois que levaram duas raparigas da prostituição para a América... Eles foram-se embora e disseram a elas, eu lembro-me bem delas, moravam para os meus lados.... Esses americanos falaram com elas, gostaram delas e depois disseram que elas iam para a América... iam-se sujeitar a ir para a América com eles, iam fazer Cartas (Chamada) para as buscar... E mandaram! E elas foram! **E lembra-se em que ano aconteceu?** Eu tenho 77 anos, eu havia de ter, talvez, nesse tempo, os meus 14, 15 anos (1957/1958). Eu era pequena, meu pai não me deixava ir por aqueles caminhos, tinha sempre carros ao pé desta casa... Eu era uma pequena, já uma mulherzinha... pois ele dizia para eu não passar por ali ou que fosse com um dos meus tios ou coisa assim...

11- E o namoro? Como era o namoro? Era longo, seguindo os padrões culturais da época (por exemplo, namoro à janela, noivado...)?

Canada! (risos) Não havia nada disso. Aquilo era logo, eles escolhiam, pegavam e andavam... **E elas iam morar com eles para a base? Ou iam logo embora?** Umas casavam cá na ilha. Casavam, uns chegavam a ir morar para a Base, outras moravam em casas cá fora, que o casal alugava. **Então ainda chegavam a morar na ilha enquanto casal?** Ah sim! E a ter filhos cá na ilha e tudo...

12- Que razões aponta para a realização de um casamento entre jovens terceirenses e norte-americanos?

Oh! Por uma vida melhor! Claro! Acho que elas iam ter uma vida melhor do que com os portugueses. Uma rapariga, mesmo uma rapariga daquelas da vida, nunca casada com um português, eles não as queriam... eles só as desprezavam... **Mas a senhora acha que só casou com americanos “mulheres da vida”?** Não, não... foram muitas raparigas sérias, de famílias sérias, que também casaram com os americanos. Foi de tudo, os americanos é que não se importavam se era da “vida” ou não, os portugueses é que olhavam a isso...E já se sabe, os americanos quando chegavam ao pé delas,

sempre muito bem arranjadas, eles quase que caíam aos pés delas (risos). Parece que estou a vê-las, muito bonitas, bonitas então!

13- Acha que o desejo de emigrar e ter uma vida melhor terá motivado alguma das jovens que casaram com americanos?

Talvez sim, algumas sim....

Porquê?

Era por uma vida melhor...

Eu fui cabeleireira e ia lá muitos americanos... e ia também umas raparigas da vida, e... e iam lá arranjar o cabelo. Cheguei a conhecer raparigas que estavam aqui na miséria e chegaram a ir lá (ao cabeleireiro) já casadas com os americanos e já estavam bastante bem na vida. Aquilo eram tempos muito ruins, vivia-se muito mal...

14- Tem algum familiar que tenha casado com norte-americanos, sediados na Base das Lajes? Sim ____ Não X

15- Conhece algum caso de uma jovem terceirense casada com um americano das Lajes que tenha regressado à ilha?

Conheci um casal que veio, mas depois acabaram por voltar para lá. Ela queria ficar mesmo cá, mas ele... acabaram por ir embora... Era por causa dos filhos... eles foram para trás (América). Ela queria ficar cá.

Que razões levaram esse casal a regressar à Terceira?

Olha, ela dizia que era tudo mais calmo. Eles estavam reformados, é mais sossego... ela chegou-me a dizer que gostava de ter ficado cá. Ela ainda me chegou a escrever da América, mandou cartas, com fotografias deles... éramos amigas. Ainda estiveram cá uns aninhos...os filhos chegaram a vir cá...

16- Conhece algum caso em que o casal tenha ficado a residir na ilha Terceira? Ou todas as terceirenses emigraram na companhia dos maridos?

... Não conheço... não. Até pode ter havido, mas não me parece... elas queriam ir para a América... que me lembre de ficarem cá... não! Uns anos até acabarem as comissões dos Homens, mas depois iam para a América.

17- Os casais tiveram filhos?

Sim, alguns até nasceram cá.

Os filhos têm alguma ligação ou interesse pelos Açores? Costumam visitar os Açores?

Sim, alguns já chegaram a vir cá...

18- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de casamentos que terão ocorrido entre terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes? E mais ou menos em que ano terão ocorrido?

Ah!... Então casou muitos... agora um número? Talvez umas 200 ou 300, bem à vontade... se não for mais. Eu quando trabalhei no cabeleireiro, ia lá muita rapariga casada com americanos, muitas, muitas...

E em que anos esses casamentos terão ocorrido?

Já foi há tanto tempo, sempre me lembro... desde que houve americanos na Terceira...

19- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Os americanos ajudaram muito, ajudaram muita família, muitas casas de família, isso é que as pessoas deviam guardar... isso! Os americanos merecem ser estimados, não merecem que digam coisas como dizem para aí, os americanos isso, os americanos aquilo... Os americanos fizeram muito bem. E os que lá trabalhavam?!

Os americanos fizeram muito bem nesta ilha...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista III

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Lúcia **Sexo:** M ☐ F ☒ **Idade:** 83 **Escolaridade:** 2ª Classe
Profissão: Pensionista **Naturalidade:** Aqualva

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos e/ou familiares diretos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população terceirense?

Fez muita diferença... era mais dinheirinho. Havia os empregos...quem trabalhava na Base naquele tempo, era rico...

2- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira? Como?

Meu pai trabalhou na Base... ele gostava... trabalhava à semana... na nossa criação, ele ganhava 20 escudos por semana, 20 escudos cada vez que ia lá fazer uns trabalhinhos... e então ele foi para ali trabalhar... então a “gente” já se amanhava melhor... pois já trazia mais um dinheirinho para casa... eram tempos muito difíceis.... Coitadinho! Ele morreu muito novo...

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Eles ajudavam muito... ajudavam!

4- E como é que eles ajudavam?

Ah... pois eu não sei muito bem ... empregavam muita “gente”... muitas mulheres, homens... empregaram muita “gente”... fizeram muita falta...

5- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Eu tenho uma americana, ela gostava muito da “gente” e dos meus pequenos... ela trazia comida para eles... era bebida, era comida...davam brinquedos...Ah! Que rica americana! A minha filha ia lá lavar-lhe a roupa... ainda estava solteira...

E as menos boas?

Nada! Não tenho nada que lhes dizer...Não fizeram senão bem...não tenho nada contra eles... ricas pessoas. Nada, nada!

6- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira? E desvantagens?

Os americanos, então, foram muito bons... “bastante bons” ... Dá-me saudades!

Parte II – Casamentos

7- Tem conhecimento se houve casamentos entre jovens terceirenses e norte-americanos? Eram mais do sexo feminino do que masculino, certo?

Sim, mas eram só raparigas, não me lembro de os homens casarem com americanas...

8- Consegue-nos descrever algum caso que tenha conhecimento e em que ano, aproximadamente, acha que ocorreu?

Sabes a minha filha foi assim... casou com um americano da Base...

E lembra-se em que ano ela casou?

Eu não sei bem o ano, ela tinha 18 anos, talvez aí pelos anos 60, 70.

9- Como é que as jovens terceirenses conheciam os seus noivos norte-americanos?

Tinha uma americana que era muito amiga da minha filha... Ela ainda é viva! Ele (futuro namorado da filha) trabalhava na Navy (NSGA), e “coitado” chamava por ela... ele gostava dela! Rapazes novos! Ele gostava dela... e então... iam para aí, e então ele dizia “senta-te aqui um bocadinho mais eu... que a gente vai-se casar” ... E assim foi!

10-Havia locais e/ou eventos em que jovens terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes, pudessem conviver/conhecer-se socialmente?

Pois havia os bailes... a minha filha ia para o baile... havia bares, tudo... era nesses lugares que eles se conheciam.

11-E o namoro? Como era o namoro? Era longo, eles namoravam à janela, faziam o noivado...?

Não, não... qual janela, qual nada (risos) ... Ele pediu a minha filha ao pai, ele ainda era vivo, e ele fez o “casamento” (noivado), ali na mesa, com o seu bolo, tudo como devia ser... Casaram, fizeram uma festa... foram para desertos tiraram retratos lindos! (lua-de-mel) ... eles casaram aqui na nossa igreja!

12-Que razões aponta para a realização de um casamento entre jovens terceirenses e norte-americanos?

Era o amor que ela tinha por ele e era a boa vida... pois era uma pequena nova...aqui... não era por ela não ter namorados aqui! ... Porque ela tinha!... mas quis foi aquele (americano).

13-Acha que o desejo de emigrar e ter uma vida melhor terá motivado alguma das jovens que casaram com americanos? Porquê?

Era para terem uma vida melhor, para irem para a América...

14- Tem algum familiar que tenha casado com norte-americanos, sediados na Base das Lajes? Sim X Não _____

Qual o parentesco: filha

Que idade tinha quando casou? 18

Em que ano casaram: não sei bem, acho que 60's ou 70's.

15-Conhece algum caso de uma jovem terceirenses casada com um americano das Lajes que tenha regressado à ilha?

Oh! Isso ficou tudo para lá, ficou tudo na América... a minha (filha) vem cá... mas a vida dela é lá... na América.

- 16- Conhece algum caso em que o casal tenha ficado a residir na ilha Terceira?
Ou todas as terceirenses emigraram na companhia dos maridos?**

Nada disso. Foi-se tudo embora... Eles ficaram para lá porque a vida deles agora é lá... tem os seus filhos com elas... e os maridos...

- 17- Os casais tiveram filhos? Os filhos têm alguma ligação ou interesse pelos Açores? Costumam visitar os Açores?**

Já vieram cá..., mas não sei se “importam-se” muito... lá é que é a vida deles...

- 18- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de casamentos que terão ocorrido entre terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes?
E mais ou menos em que ano terão ocorrido (entre 1946 e 1974)?**

Há de ter sido “poderes” deles...

- 19- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?**

Oh! Minha rica amiga, eu não sei mais nada... os americanos foi a melhor coisa que nos aconteceu...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista IV

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: António Sexo: M X F Idade: 67 Escolaridade: 4ª Classe

Profissão: Reformado Naturalidade: Praia da Vitória

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de casamentos entre portugueses e norte-americanos e/ou familiares diretos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população terceirense?

Muita. A nossa vida mudou muito... a “gente”, isso era uma ilha que se focou na Base, naquela “gente”. Quando eu entrei para a Base, a “gente” tinha cerca de 3000 empregados portugueses...

A “gente” dizia que a Base era uma América em ponto pequeno. A Estrada 25 de Abril, era de uma ponta à outra, tu não vias um português... era tudo americano.

2- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Sim.

Como?

Na altura éramos *caddies* no Golfe, a “gente” tinha prioridade...eu fui *caddy* no Golfe, eu havia de ter os meus 13 anos, e saí dali (Golfe) para a Base com 19 anos.

A “gente” no Golfe tinha escola de português e de inglês. Eu não precisei de português porque tinha a 4ª classe... mas tive inglês. Eu era um bocadinho rude no inglês (risos) mas fui andando, fui andando e fiz a minha vida. E dali (Golfe) saí para a Base.

Íamos a pé para o Golfe, pequeninos e a ver se íamos para a Base. Podíamos ganhar um “lugarinho” na Base como podíamos não ganhar, por exemplo, tiveram “montes” no Golfe e nem todos foram para a Base... alguns não tiveram oportunidade de ir.

Tirei o exame na altura e depois fui chamado... concorria-se a uma vaga na Base, por exemplo primeiro para o *Bowling*, mas eles tinham a piscina, que ainda hoje está lá, e nessa piscina tinha um *Snack-Bar* e fui trabalhar para lá. Ricos tempos!

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Por aquilo que eu sei, eu fiz 3 anos de Pai Natal, por intermédio dos americanos (risos) para as crianças do orfanato... eu acho que era para a parte das pequenas... Eles ajudavam muito!

Havia um casal que era muito amigo comigo e eles organizavam esta festa pelo Natal. E então, a “gente” ia para a NAVY dentro da Base, eu fazia de Pai Natal... aquilo era uma alegria para aqueles pequenos. Eram pequenos que não tinham nada, naquele dia eles tinham tudo, era comida, eu chamava pelo nome deles para dar a prenda... era tudo de roda de mim! (risos)

Eles (americanos) faziam isso, mas era também para os seus filhos. Eram os filhos dos casais americanos juntamente com os pequenos do orfanato. Aquilo era uma coisa fora do normal! Eles é que iam buscar e depois iam levar no “Bus”.

Na altura na Base não havia o controlo que há hoje, depois começou a haver. Andava-se dentro da Base sem precisar muita coisa. Os pequenos do “Bairro da Lata” (Serra de Santiago), de Santa Rita andavam lá dentro, para trás e para a frente, também iam a essas festas.

Na altura era muito facilitado, queria ir ver um filme lá dentro (Base), ias ao Posto Um, pedias uma guia para ires ver o filme e pronto...

4- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Acho que os amigos que fiz... tive aí uns casais amigos... dávamos a volta à ilha, e vinham a minha casa e a “gente” ia à casa deles. Saíamos com eles, éramos amigos. Era assim! Na altura nem tínhamos carro, eles é que vinham buscar a “gente” e tudo...

E as menos boas?

Não tenho. Nada! Com os americanos nunca tive razões de queixa!

5- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Foi o trabalho. Precisa não esquecer, os benefícios não foram só para a Terceira, nunca esquecer, foi para os Açores todos! Tu nunca te esqueças que a “gente”... vou falar por exemplo de S. Miguel, vieram muitos e muitos da ilha de S. Miguel, para cá... trabalhar na Base. Às vezes nem, sabíamos o que era para fazermos e havia certas coisas, carpinteiro, pedreiro... que nem precisava saber inglês, era um trabalhador...e pronto tudo se aprendia (risos)

E desvantagens?

Não vejo nenhuma!

Parte II – Casamentos

6- Tem conhecimento se houve casamentos entre jovens terceirenses e norte-americanos?

Oh sim! Vários...

Eram mais do sexo feminino do que masculino, certo?

Só me lembro de raparigas.

7- Consegue-nos descrever algum caso que tenha conhecimento e em que ano, aproximadamente, acha que ocorreu?

Oh sei lá... lembro-me de um que já eram casados, quando comecei na Base em 72, já eram casados, já há algum tempo... não sei então o ano que casaram...

Agora daquelas zonas de Santa Rita, “Bairro da Lata” (Serra de Santiago) ... ali de roda (arredores) do Posto Um, foi “disparate” (muito).

Tinha um, que me lembro bem... ele aqui não casou, mas levou-a para fora para casar... não sei como, ela era da Praia. E acabou por não dar certo porque ele sabia que não podia ter filhos e ela apareceu grávida (risos) e então, ele era um “gajo” espetacular, e ele pegou nela e veio trazê-la (risos)

Eles tinham por exemplo uma comissão de 2 anos, se eram solteiros era menos de 2 anos, era 16, 18 meses, 1 anos..., mas depois podias requerer para voltar. Mas para requerer tinha de ir ao comando americano, o de lá de fora da América, não era este aqui! E tinhas de ter autorização do comando português para poderes ficar cá mais tempo. Às vezes pediam mais 1 ano, se eram casados, o casal vinha por 2 anos, se queria pedia e ficava mais 2 anos, dava 4, a partir daí eles tinham de ir fazer outra Base, ou para a América, ou para a Alemanha, Itália... mas tinham de ir. Estavam mais 2 ou 4 anos lá fora... e muitas vezes requeriam e tornavam a vir (para a Terceira) ... Isso então aconteceu muita vez, muita vez...

8- Como é que as jovens terceirenses conheciam os seus noivos norte-americanos?

Muito fácil, Bares, “*nightclubs*”, havia na Praia, na Rua de Jesus... havia muitos, aquilo (Bares) enchia... e pronto... e ia tudo atrás... Eles também iam para Angra, era mais fácil e frequente irem para a Praia, mas também iam a Angra, também havia “*nightclubs*” em Angra...

Isso era Bares que enchia. Tanto eles como elas já sabiam onde é que iam...

9- Havia locais e/ou eventos em que jovens terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes, pudessem conviver/conhecer-se socialmente?

É como te disse, era nos Bares, principalmente... Eles eram diferentes da gente, lá na sua terra estavam mais habituados a ir a Bares e Cafés...

Eles também iam às festas nas freguesias, touradas, mas não era muito aí... Acho que era mais nos Bares, no “*nightclubs*”.

Lembro-me também de uns (namoros) aqui perto de minha casa, essas (raparigas) não eram de ir para Bares, e eles passavam por aí e metiam conversa com elas e... antigamente, as raparigas andavam muito em grupo, os rapazes a mesma coisa. Iam para uma freguesia, ia aí uns 3 ou 4 em grupo. Elas a mesma coisa, juntavam-se num grupo de amigas, iam para a casa de uma e depois para outra e depois eles metiam-se com elas e pronto, sabes como é... (risos)

10- E o namoro? Como era o namoro? Era longo, seguindo os padrões culturais da época?

Canada! Nem sequer sonhes (risos). Aquilo era começar como amigos e falavam e daqui e dali e “juntavam os trapinhos” (coabitar), uns “*drinks*” ... E no outro dia outra vez... E depois davam um jeitinho e iam lá para dentro (Base)...

Havia também aquela rapariga, também não vou dizer que foram todos “vamos embora”, agora namoros à janela, pedidos (de casamento) ... nem sonhes... (risos)... nada disso!

O sistema deles não tinha nada a ver com o nosso...

11- Que razões aponta para a realização de um casamento entre jovens terceirenses e norte-americanos?

Olha, eles gostavam um do outro ... Eles (americanos) então, quando namoravam eles gostavam, era amor... via-se que era amor.

E as raparigas? Também era por amor?

Uma parte era, outra parte era o passaporte...

12- Então o senhor acha que o desejo de emigrar e ter uma vida melhor terá motivado alguma das jovens que casaram com americanos?

Muitas...muitas...muitas...

Porquê?

Era uma vida melhor, o sonho americano...

13- Tem algum familiar que tenha casado com norte-americanos, sediados na Base das Lajes? Sim ____ Não X.

14- Conhece algum caso de uma jovem terceirense casada com um americano das Lajes que tenha regressado à ilha?

Sim, conheço.

Que motivos terão tido as jovens terceirense ou o casal para regressar?

Primeiro eles foram para a América. Namoraram cá e foram para a América. Quando ele se reformou, vieram para cá e ficaram até morrer. Isso é mais calmo!

15- Conhece algum caso em que o casal tenha ficado a residir na ilha Terceira? Ou todas as terceirenses emigraram na companhia dos maridos?

Não, foi tudo para a América!

16- Os casais tiveram filhos?

Eu para ser sincero, não tenho a certeza, mas acho que alguns chegaram mesmo a ter (filhos) cá.

Os filhos têm alguma ligação ou interesse pelos Açores? Costumam visitar os Açores?

Pois isso eu não sei, mas acho que há aquele que tenha aquela coisa de vir conhecer a terra da sua mãe.

Eu conheço um que nasceu cá e tem dupla nacionalidade. Ele disse que queria vir à terra onde nasceu. Ainda no outro dia, ouvi um casal destes que veio cá, que nunca tinham vindo, e veio cá com a mulher, filhos e até netos... Portanto já estás a ver como é...

E há outros que não vem cá mais... às vezes também não querem que vejam onde as mães nasceram... querem esquecer...

17- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de casamentos que terão ocorrido entre terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes? E mais ou menos em que ano terão ocorrido (entre 1946 e 1974)?

Oh um “bocado” muito grande. Não posso dizer números... mas um “bocado” grande... Foram muitos... uma parte grande. Umas dezenas grandes de mulheres foram para fora, se calhar esses anos todos passou as centenas. E nunca te esqueças, mas não foram só terceirenses, foi também muita rapariga de outras ilhas...

18- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Pois eu não sei mais nada!

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista V

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Alvarino **Sexo:** M X F **Idade:** 83 **Escolaridade:** 4ª classe, exame de adultos **Profissão:** Reformado **Naturalidade:** Ponta Delgada .

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de casamentos entre portugueses e norte-americanos e/ou familiares diretos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população terceirense?

Os americanos foram uma riqueza para aqui. Se esses americanos não vêm para aqui, essa ilha não era como é. Não tenho dúvida nenhuma! Os americanos, se dá na cabeça irem para S. Miguel ou outra ilha, isso não era a mesma coisa!

2- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Pois foi.

Como é que acha que a sua vida foi influenciada, diferente?

Quem dá valor aos americanos é quem vai trabalhar primeiro para os portugueses. A “gente” vai trabalhar para os portugueses, eles não dão nada (equipamento, ferramentas de trabalho), os americanos dão tudo! Davam messe (almoço), bons ordenados... ajudava muito! Eles davam coisas que não queriam e a “gente” trazia.... Trazíamos muito da Base (risos).

Eu não tinha nada... só damos valor quando trabalhamos primeiro para os portugueses e depois para os americanos, assim é que vemos a diferença. Quem vai logo para os americanos não sabe o que é...

Os americanos é que me ajudaram para poder criar os meus filhos... Eles é que me deram aquilo que tenho.

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Os americanos para já pagavam bem. Os portugueses pagavam por uma criada 13\$00 e os americanos pagavam \$1, 2... nunca deram 13\$00, porque eles sabiam que era pouco dinheiro, era sempre de \$1 para cima.

Ia-se ao “5020” (número do edifício onde se contratava trabalhadores) fazer a papelada para trabalhar para os americanos... E os portugueses não aceitavam que os americanos pagassem mais, porque depois faltava para os portugueses. Olha naquele tempo \$1 era 28\$00, era mais do dobro, todos queriam ir para os americanos... Depois não tinham pessoal para si (portugueses).

Os americanos ajudavam essa ilha toda.

Eu comia na messe, eu já tinha a minha filha e família para sustentar, também ajudava. Eu ganhava 55\$00 e no fim do mês descontava 6\$00. Isso dava um jeito! Não ia a casa comer, eu morava em Santa Rita, em casa havia pouco e do almoço ainda dava para levar para casa, a fruta...

O senhor falou no “5020”, pode-me explicar o que era o “5020”?

Era o lugar onde a “gente” se ia inscrever para ir trabalhar para a Base. Depois mandavam um cartãozinho para casa a dizer se ficávamos, para irmos trabalhar. O “5020” é que decidia quem ia e quem não ia trabalhar para os americanos.

O “5020” era da Base portuguesa. Era lá que tinha aquela papelada toda. A “gente” começava lá e depois de lá é que íamos para o escritório civil tratar do resto para a “gente” ir para os americanos...

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Os americanos foram uma riqueza. E para quem trabalhava para eles ainda era melhor. Foi para tudo...tudo.

A minha sogra era criada dos americanos, assim que ela apanhava uma patroa boa, a roupinha ia para secar nas máquinas de secar delas (americanas). A “gente” levava a roupinha para lavar e secar lá dentro (Base) ... (risos) a nossa vida foi começando a mudar pouco a pouco...

Quando me casei era com ferro a carvão a soprar (risos) ... penava-se muito. Já viu uma casa de família sem máquina de lavar? Lavava-se tudo à mão. E máquina de secar? Aquilo dá um jeito “medonho” (risos) ... Isso tudo ajudava...

5- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

A melhor recordação que tenho dos americanos era quando eles me pagavam no final da quinzena (risos).

A “gente” (trabalhadores) todos os anos tínhamos uma festa, por exemplo no Natal, eu ia mais a minha mulher. Eles davam comida, davam tudo!

E as menos boas?

Isso então eu não sei, eu não tenho nada a dizer sobre isso, nada a dizer deles.

6- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Foi o desenvolvimento desta ilha... Essa ilha tinha sido uma tristeza. As ruas da Praia eram cheias de americanos. Então os fins-de-semana! Era um “disparate” ... os taxistas não paravam...

E desvantagens?

Não vejo nenhuma...

Parte II – Casamentos

7- Tem conhecimento se houve casamentos entre jovens terceirenses e norte-americanos? Eram mais do sexo feminino do que masculino, certo?

Sim, mas não me lembro de rapazes. Acho que foi só raparigas.

8- Consegue-nos descrever algum caso que tenha conhecimento e em que ano, aproximadamente, acha que ocorreu?

Pois a “gente” acabava por conhecer, éramos amigos deles. Os meus genros são americanos, eles eram tropas aqui na Base. Aquilo a primeira casou com um americano e as outras foram atrás (risos). Só o que dizia a elas era assim: “Vocês que arranjem coisa para não se chatear”. Pai nenhum quer ver os filhos mal encaminhados.

E em que ano casou a sua primeira filha?

Epá, para lhe dizer a verdade, isso vai ser meio difícil, sei lá, talvez em meados de 70, 70's e poucos...

9- Como é que as jovens terceirenses conheciam os seus noivos norte-americanos?

Aquilo, às vezes, juntavam-se por exemplo, as minhas raparigas (filhas) falavam muito bem inglês. Os meus vizinhos era tudo em inglês... quando começam pequeninos é que aprendem... isso ajudava muito entre eles, a falarem com eles... entendiam-se melhor. Os meus vizinhos eram todos americanos e elas tomavam conhecimento com eles e com amigas americanas e lá iam a um serão, a uma festa com americanos... e pronto.

Aquilo, em Santa Rita, eram muitos americanos “ali de roda” ... acabavam por se conhecer.

A primeira começou a casar e pronto...

10- Havia locais e/ou eventos em que jovens terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes, pudessem conviver/conhecer-se socialmente?

Havia de ser, talvez, nessas casas de baile, os “Branços” ... Eu não lhe sei explicar isso muito bem...

Em Santa Rita, havia um clube que fazia baile ao fim de semana... Dentro da Base também havia festas que as raparigas iam, no “Praense” também havia bailes, nos “Branços” ... e era nesses lugares, talvez...

11- E o namoro? Como era o namoro? Era longo, seguindo os padrões culturais da época (por exemplo, namoro à janela, noivado...)?

Não me parece, talvez houvesse alguma, mas não me parece. Os americanos não tinham pachorra dessa maneira (risos). Os americanos não queriam nada dessas coisas... queriam lá nada! Eles não estavam habituados a isso lá na América. (risos)

12- Que razões aponta para a realização de um casamento entre jovens terceirenses e norte-americanos?

Era por uma vida melhor, para ir para a América. Isso aqui era muita pobreza.

13- Então acha que o desejo de emigrar e ter uma vida melhor terá motivado alguma das jovens que casaram com americanos?

Ah sim! Sem dúvida nenhuma.

Porquê?

Era ir à procura de ficar melhor, de sair daqui... para terem um futuro melhor...

14- Tem algum familiar que tenha casado com norte-americanos, sediados na Base das Lajes? Sim Não ____

Qual o parentesco? Filhas

Que idade tinham quando casaram? Não sei bem, 18 ou 19 anos

E em que ano? Foi como lhe disse, isso foi para os anos 70 não me lembro muito.

15- Conhece algum caso de uma jovem terceirense casada com um americano das Lajes que tenha regressado à ilha? Que motivos terão tido as jovens terceirense ou o casal para regressar?

Conheci um casal assim... Ele era tropa americano e ela de cá (portuguesa), eles vieram para cá. Não sei se ainda estão por aí, mas eles estiveram cá muito tempo. Ele já estava reformado... e vieram para a terra dela. Eles quando passam à vida civil, a mulher tem família cá, acaba por puxar...

16- Conhece algum caso em que o casal tenha ficado a residir na ilha Terceira? Ou todas as terceirenses emigraram na companhia dos maridos?

Canada! Aquilo foi tudo para a América.

17- Os casais tiveram filhos? Os filhos têm alguma ligação ou interesse pelos Açores? Costumam visitar os Açores?

Alguns tiveram filhos cá... mas então não sei se costumam vir cá...

18- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de casamentos que terão ocorrido entre terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes? E mais ou menos em que ano terão ocorrido (entre 1946 e 1974)?

Epá eu sei lá... casaram muitas, mas não lhe sei dizer quantas foi... não é fácil...

19- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Olha eu comecei a trabalhar na Base com 18 anos, comecei em 1955... comecei a trabalhar para os portugueses a ganhar 16\$00 por dia e depois é que fui para os americanos.

Eu vim para a Terceira com 10 anos. Eu tinha uma irmã cá... meu pai nunca quis vir, mas depois ele faleceu e eu vim com a minha mãe. Viemos de Carta de Chamada! Na altura para vir para a Terceira era preciso Carta de Chamada!

Então viemos para casa da minha irmã e depois mudamo-nos para o “Bairro da Lata” (Serra de Santiago). A minha mãe veio primeiro uma semana e eu vim depois por causa dos bilhetes de identidade, aquilo antes do 25 de Abril era uma coisa muito séria!

Naquele tempo vínhamos de S. Miguel de Carta de Chamada. Vinha para cá muita “gente” naquela altura, e muita “gente” não tinha onde ficar (habitar) e ficava em qualquer lado a dormir. Então era preciso ter alguém que se responsabilizasse pelo pessoal que vinha, que tivesse sequer “cama e mesa” ...

Quando comecei a trabalhar para os americanos, eu sabia pouco inglês, ia percebendo, mas fazer uma conversa era uma desgraça (risos). Então, mais tarde, quando mudei de serviço e tive de conferir material, tudo em inglês, não percebia nada. (risos) Mas eu já tinha um genro americano, então ele... tinha noites que não dormia a pensar nisso (risos). Então arranjei um “blocozinho” e ele (genro) escreveu aquilo tudo em inglês (risos). No princípio chateou muito, mas depois fui fazendo com uma perna às costas... (risos).

A minha vida, se tivesse ficado em S. Miguel, não sei como tinha sido, mas aqui foi melhor por causa dos americanos. Devo muito a eles. Os americanos é que me deram a vida... podia ter ido trabalhar para outro lugar, mas não há emprego melhor que os americanos...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista VI

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Sãozinha **Sexo:** M F X **Idade:** 72 **Escolaridade:** 4ª classe;
GED- Sawyer Business School **Profissão:** Secretary **Naturalidade:** Praia da Vitória

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de casamentos entre portugueses e norte-americanos e/ou familiares diretos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população terceirense?

Foi uma influência enorme... os americanos da Base... Eles deram-nos trabalhos, bons trabalhos, deu-nos uma melhor vida, avançamos por causa deles...Foi muito importante para a ilha Terceira... a ilha cresceu...

2- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Sim, de que maneira.

Como?

Eu adorava aprender com eles. Aprendia a escrever, a ler, a falar americano... isso também fez-me melhorar nos trabalhos que tive... e quando vim para a América também ajudou muito, já falava bem o inglês. Eu e as minhas irmãs viemos para a América por Carta de Chamada. Cá casamos com americanos. O inglês que aprendi na Terceira, a trabalhar para os americanos ajudou-me muito cá... tirei o *GED (General Education Development)* e avancei para a *Sawyer Business School*, sempre para ter uma vida melhor, e eles ajudaram-me a conseguir isso.

Saí da Terceira em 1971 e regressei pela primeira vez em 2006, agora vou todos os anos.

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Oh! Eles mataram a fome a muita “gente”. Davam-nos roupa, comida... e não olhavam com desprezo para as “gentes que era pobre”... fazíamos parte da vida deles, éramos quase família... vivíamos todos ao pé uns dos outros. As nossas casas ficam nos quintais deles (risos).

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

De que maneira! Muita “gente” teve bons trabalhos, tanto no hospital como no escritório... é como já disse, eles fizeram mais caso dos pobres sem se fazerem melhores que a “gente”, o mesmo não acontecia com os portugueses ricos. Posso falar porque primeiro trabalhei como criada para o nosso povo e era tratada como criada. Com os americanos não! Eu sentava-me à mesa deles, comíamos com eles... era como se fizéssemos parte da família...

5- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Acho que era a amizade deles, o que eles faziam pela “gente”, o não tratar diferente por sermos pobres...

E as menos boas?

Honestamente, não tenho más recordações dos americanos, enquanto estive na Terceira, só tenho coisas boas e positivas a dizer deles. As menos boas, é agora eles já não estarem lá...

6- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

As vantagens são enormes para os que mesmo necessitavam. Todos se aproveitaram... e tiraram partido dos americanos... todos ganharam com os americanos na ilha.

E desvantagens?

As desvantagens é agora com eles (americanos) a saírem de lá. Tantos a ficarem sem emprego...

Parte II – Casamentos

7- Tem conhecimento se houve casamentos entre jovens terceirenses e norte-americanos? Eram mais do sexo feminino do que masculino, certo?

Oh sim! Muitas raparigas casaram com americanos. Eram mais raparigas, eu não soube sequer de nenhum homem ter casado com uma americana. Só conheço raparigas.

8- Consegue-nos descrever algum caso que tenha conhecimento e em que ano, aproximadamente, acha que ocorreu?

Não me lembro... não sei como aconteceu, mas conheço algumas que casaram nos anos de 66 e 71 e que ainda estão felizes com os seus maridos. Vivem aqui na América.

9- Como é que as jovens terceirenses conheciam os seus noivos norte-americanos?

Acho que da mesma maneira como conheciam portugueses (risos) ... Havia umas que o inglês era pouco, mas lá se entendiam (risos) ... e outras eram apresentadas por amigos ou pelos vizinhos...

10- Havia locais e/ou eventos em que jovens terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes, pudessem conviver/conhecer-se socialmente?

Que eu saiba era em bailes e ajuntamentos... e algumas eram às escondidas dos pais (risos). Aquilo, eram outros tempos!

11- E o namoro? Como era o namoro? Era longo, seguindo os padrões culturais da época (por exemplo, namoro à janela, noivado...)?

(risos) Canada! Quando namoravam aquilo não era então muito longo... mas alguns iam a casa dos pais...

12- Que razões aponta para a realização de um casamento entre jovens terceirenses e norte-americanos?

Na minha opinião era para virem para a América, para terem uma vida melhor... mas também era uma maneira de ajudar a família que ficava aí ...(Terceira).

13- Acha que o desejo de emigrar e ter uma vida melhor terá motivado alguma das jovens que casaram com americanos?

Tenho a certeza!

Porquê?

Vinham à procura de uma vida melhor. Na América a vida era melhor do que a que tinham aí (Terceira), era muita pobreza. Mas não quer dizer que não gostassem deles de verdade... ainda muitas estão casadas com os seus maridos...

14- Tem algum familiar que tenha casado com norte-americanos, sediados na Base das Lajes? Sim ____ Não X.

15 - Conhece algum caso de uma jovem terceirense casada com um americano das Lajes que tenha regressado à ilha? Que motivos terão tido as jovens terceirense ou o casal para regressar?

Só sei que regressaram porque os maridos eram tropas, mas era o máximo de 2 anos...

Voltavam em comissão de serviço?

Sim, umas depois de saírem iam para outras Bases e às vezes voltavam a pedir para ir para a Terceira..., mas era só para cumprir mais uma comissão, depois iam-se embora outra vez.

Mas algumas continuam a ir de férias à Terceira, ver a família... ir à sua terra...

16- Conhece algum caso em que o casal tenha ficado a residir na ilha Terceira? Ou todas as terceirenses emigraram na companhia dos maridos?

Não. Não conheço... Todas, que eu saiba, que casaram, foram para as América... emigraram com os maridos...

17- Os casais tiveram filhos?

Sei de algumas que tiveram os seus primeiros filhos na Terceira.

E acha que os filhos têm alguma ligação ou interesse pelos Açores? Costumam visitar os Açores?

Algumas que tiveram filhos cá já os levaram de férias à Terceira, para irem conhecer a ilha da sua mãe.

Acho que mostram interesse na nossa ilha. Daqueles que conheço adoram ir à Terceira e às outras ilhas também...

18- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de casamentos que terão ocorrido entre terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes? E mais ou menos em que ano terão ocorrido (entre 1946 e 1974)?

Não posso dizer com certeza... mas acredito que foram muitos... talvez tenha sido umas boas centenas... muitas mesmo.

19- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Não tenho, mas tenho pena de não saber mais nada...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista VII

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Conceição **Sexo:** M F X **Idade:** 86 **Escolaridade:** 4ª Classe .

Profissão: Reformada **Naturalidade:** Praia da Vitória

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de casamentos entre portugueses e norte-americanos e/ou familiares diretos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população terceirense?

As nossas vidas mudaram muito. Eu lembro-me do princípio... que eles vieram para aqui... eles (americanos) não tinham nada, era só as barracas na Base, não tinham mais nada... Lembro-me dos ingleses primeiro e depois dos americanos, que depois é que fizeram aquelas barracas e aquelas coisas todas.

E “dantes” como eles não tinham nada, davam a roupa a lavar cá fora (à população da ilha). Vinha uma camioneta cheia de sacas para dar às pessoas para lavarem, para ganharem dinheiro. Naquela altura a vida era durinha! E de que maneira... (emoção)

As pessoas que tinham dificuldades meteram-se a lavar roupa para os ingleses, porque eles pagavam bem...

Havia um senhor, que sabia falar bem inglês e ele tomou conta de uma “agência” e dava roupas para lavar. Depois elas iam levar a roupa lavada e eles (ingleses) vinham buscar à “agência”.

Muita dificuldade se passou naquela altura!

2- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

A minha também foi.

Como?

O meu marido comprou uma loja. O meu cunhado trabalhava em fotografia para os americanos e...e depois o meu cunhado entusiasmou o meu marido a comprar uma loja

para se estabelecerem, naquela altura dava muito dinheiro. Os americanos davam muitos rolos a revelar e muitas coisas...

E depois, também nessa altura, foi trabalhar para a Base, por conta dos americanos, quando tinha 18 anos. Foi só para... primeiro foi para experiência e depois então eles gostaram dele e ele ficou... E é claro, a “gente” tinha uma vida mais ou menos normal. Depois casamos e ele continuou lá em cima (Base). Trabalhou 40 anos na Base... Ele saiu de lá para trabalhar na loja porque a “gente” tinha muito serviço dos americanos.

Foi uma altura muito boa para a “gente”... eles davam muito serviço para fazer...

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Eu não tenho ideia nenhuma disso. Eu não tenho ideia, mas eu acho que eles iam aos orfanatos e ajudavam nesses lugares e a esses pequenos...

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Eu sei que ajudava mas então não sei como era...

5- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

As coisas foram evoluindo e eles (americanos), uma coisa que tinham muito, era pelo Natal, irem às escolas (risos) e dar às criancinhas as caixinhas com rebuçados, aquilo era uma coisa séria! (risos) A “gente” estava sempre inquieta pelo Natal, foi do meu tempo... aquilo era muito bom.

E as menos boas?

Oh isso não tenho...

6- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Isso tudo evoluiu por causa dos americanos... Essa Praia ficou cheia de vida... foi trabalhos... apareceu logo mais trabalho, foi na Base e foi cá fora...

E desvantagens?

Acho que não...

Parte II – Casamentos

7- Tem conhecimento se houve casamentos entre jovens terceirenses e norte-americanos? E eram mais do sexo feminino do que masculino, certo?

Ah sim, conheci. Foram tantas! Eram mais raparigas, mas lembro-me de também casar rapazes portugueses com americanas.

8- Consegue-nos descrever algum caso que tenha conhecimento e em que ano, aproximadamente, acha que ocorreu?

Morou um casal aqui na minha casa, esses eu conheci. Ele (americano) era casado com uma rapariga de cá, ela era de S. Jorge. Moraram aqui na minha casa.

9- Como é que as jovens terceirenses conheciam os seus noivos norte-americanos?

Pois eu não sei, era em festas que eles iam. Também por intermédio de senhoras que trabalhavam em casa dos americanos. Talvez tivessem filhas que conhecessem os americanos...

Tive um casal que morou na minha casa, ele (americano) era engenheiro e veio para a Base para umas obras que fizeram na Base e é que a conheceu cá, casou com ela... Já eram casados quando vieram morar na minha casa.

10- Havia locais e/ou eventos em que jovens terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes, pudessem conviver/conhecer-se socialmente?

Pois não sei, mas havia de haver..., mas acho que conheciam os americanos era por intermédio de outras pessoas... as que trabalhavam na Base... eles depois eram todos amigos e vinham às nossas casas...

11- E o namoro? Como era o namoro? Era longo, seguindo os padrões culturais da época (por exemplo, namoro à janela, noivado...)?

Nada disso! Elas saíam com eles, então. Eles entravam em casa (dos pais das noivas), casavam e pronto.

Mas lembro-me de casamentos mesmo na igreja, como é dado!

E como era o casamento, a cerimónia?

Alguns era um casamento católico como o nosso e outros tinham lá a sua religião. Eu até me lembro de um, que foi assim: ela entrou na igreja para casar e ele entrou e

ficou no meio da igreja... ele tinha outra religião e a nossa (Católica) não aceitou de certeza... não sei.

Mas teve muitos que conhecia que casaram pela igreja, como é dado... E faziam tudo, festa, boda e tudo...

12- Que razões aponta para a realização de um casamento entre jovens terceirenses e norte-americanos?

Pois eu conheço algumas que foi por amor... tomaram-lhes amizade e depois veio o amor. E também conheço algumas que no princípio foi por interesse e depois ficaram muito bem...E também conheci algumas que depois de estarem casadas, separaram-se deles. Eram uns casamentos como os nossos, se acertar acertou senão acertar cada um para o seu lado (risos) ...

13- Acha que o desejo de emigrar e ter uma vida melhor terá motivado alguma das jovens que casaram com americanos?

Ah sim... de certeza.

Porquê?

Queriam ter uma vida melhor, ir para a América era ter uma vida melhor.

14- Tem algum familiar que tenha casado com norte-americanos, sediados na Base das Lajes? Sim ____ Não X.

15- Conhece algum caso de uma jovem terceirense casada com um americano das Lajes que tenha regressado à ilha?

Eu não conheço. Pode ter havido alguns que vieram para cá, mas eu não conheço.

16- Conhece algum caso em que o casal tenha ficado a residir na ilha Terceira? Ou todas as terceirenses emigraram na companhia dos maridos?

A maior parte, primeiro, ficavam a viver cá, mas depois eles (americanos) acabavam as comissões e ia tudo para a América.

17- Os casais tiveram filhos?

Tiveram. Alguns até nasceram cá.

Os filhos têm alguma ligação ou interesse pelos Açores? Costumam visitar os Açores?

Ah isso não sei... Os que moraram aqui na minha casa, tiveram um filho aqui... eu até ajudei a criar esse pequeno. Ele até quando se foi embora, foi uma desgraça, agarrado a mim...

E esse rapaz já veio cá? A senhora acha que ele tem alguma ligação aos Açores?

Eu soube que ele gostava de cá vir. A mãe dele mesmo é que me disse, porque a “gente” tinha comunicação, eu com a mãe dele... Ele gostava de vir aqui conhecer a terra da mãe, mas era se a mãe viesse, mas ela nunca mais veio...

18- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de casamentos que terão ocorrido entre terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes? E mais ou menos em que ano terão ocorrido (entre 1946 e 1974)?

Ah não faço ideia, mas foram muitas...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista VIII

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Alberto Sexo: M X F Idade: 69 Escolaridade: 9ºano .

Profissão: Comerciante Naturalidade: Praia da Vitória .

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de casamentos entre portugueses e norte-americanos e/ou familiares diretos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população terceirense?

Para a economia isto foi uma loucura. Os americanos... digamos que se não fossem os americanos, éramos como as outras ilhas... éramos pobrezinhos como as outras ilhas eram...

Olha, eles (americanos) trouxeram coisas boas, trouxeram coisas más..., mas a nossa ilha viveu sempre à volta dos americanos, se não fossem os americanos não éramos nada...

A Terceira, principalmente, a Praia da Vitória aliás... os Açores! Desenvolveram-se e estão como estão graças à Base e aos americanos.

Há muita “gente” que fala mal dos americanos. Eu fico chateado! Porque os americanos têm os seus defeitos como toda a “gente”, havia americanos bons e havia americanos maus... tive grande amigos americanos, daqueles mesmo amigos... Portanto, no meio disto tudo a “gente” ouve coisas que eles trouxeram boas e coisas más.

Agora que dos Açores, todos, veio “gente” de todas as ilhas, veio... veio mesmo muita “gente” de todas as ilhas.

Fazia muita diferença, ser trabalhador da Base e mesmo os filhos ficavam melhor na vida...

A Rua de Jesus, ao nível de comércio, era uma loucura. Chegamos a ter porta-aviões estacionados na Praia, porta-aviões aqui estacionados para ir para o Vietname.

Os americanos foram os primeiros a fazer o molhe na Praia e no lado de fora do molhe, não tínhamos ainda porto. Os americanos quando fizeram o molhe “empurraram” o mar um bocadinho e “comeu” um bocado do areal.

Quando os americanos fizeram o porto, apertou o mar e deu em “comer” na areia, isso aí pelos anos 60, tempos de guerra. E por isso tínhamos muita circulação de tripulação na Rua de Jesus, era uma loucura para o comércio. Isso era “gente” naquela altura! Havia vários cafés na Praia, quando eles chegavam cá... o comércio tinha de estar aberto para ver se vendíamos... eles paravam do lado de fora do molhe e vinham para terra, os que vinham nos porta-aviões...

O Café “Açores”, que hoje já não existe, era muito frequentado pelos americanos. Havia várias lojas, por isso era uma loucura em termos de americanos. Até 1960 e tais, eram as arcas de madeira, chegava o avião e vinha (americanos) tudo atrás das arcas... era a nossa economia que estava em jogo.

A “gente” vivia bem, precisamente porque tínhamos esse movimento de americanos. Todo o comércio ganhava com isso! Todos tivemos que aprender americano... fomos aprendendo palavras, aquilo que a “gente” precisava no dia-a-dia.

O Café “Açores” era uma referência na Praia, todos os americanos, quando chegava um avião do “*transit people*”, claro que eles chegavam à Base e vinham depois para a Praia... Eles bebiam muito e era o vinho Rosé... isso no Café “Açores” lembro-me bem. Embebedavam-se e davam problemas, depois vinha a polícia..., mas toda a “gente” ganhava com isso. Eram os taxistas que os vinham trazer.

Naquela altura a Praia deu um “salto”. Eles não iam muito para Angra, porque o “*transit people*” só passavam aqui algumas horas, antes de se irem embora, só dava para vir até à Praia.

Portanto, o Café “Açores” ficava aberto toda a noite... Havia um rapaz, que toda a sua vida... ele ficava no princípio da Rua de Jesus, o ordenado dele... os americanos quando chegavam já sabiam, esse rapaz toda a vida viveu na Rua de Jesus, os americanos chegavam e ele dizia a eles para irem com ele que ele lhes mostrava onde deviam ir. Quando os levava a uma loja, ganhava uma comissão, outra loja, outra comissão... e ele levou a vida nisto, a viver da gorjeta que lhe davam à conta dos americanos (risos).

Estas a ver o que se inventava para ganhar dinheiro com os americanos...

O “*George, the Crook*” era outra figura muito conhecida na Praia. Ele começou a vida no Café “Açores” a engraxar sapatos, todos os americanos já o conheciam... Ele ganhava muito dinheiro com os americanos e eles gostavam dele.

Portanto, a Praia até eu ir para a tropa, e eu fui para a tropa em 1972, a Praia naquela altura era uma loucura e vinha “gente” de todas as ilhas, todos queriam vir para cá. Isto era uma América!

2- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Ah sim!

Como?

Eu comecei a trabalhar na Praia, eu tinha 11 anos, quando comecei a trabalhar na Praia... e comecei a trabalhar com americanos. Trabalhei numa sapataria e daí a minha experiência com americanos.

Essa sapataria fazia os sapatos, portanto eram os “*handmade shoes*” tudo feito à mão. Os americanos naquela altura apreciavam muito o trabalho... as botas à “*cowboy*”...

Fui para lá trabalhar como aprendiz, aprendi a falar americano, inglês ninguém falava inglês, era americano! Íamos aprendendo palavras... aquilo que a “gente” precisava para o dia-a-dia. O que eu sei hoje, principalmente em americano, devo a eles (americanos). Comecei a trabalhar pequeno e não sabia muito bem falar e os próprios americanos ajudavam-me e diziam não é assim é assim...

Fazíamos amizades, dava-me bem com eles... cheguei a ir para festas na Base, com eles, eles levavam-me para os clubes... isso os que conheci ao nível do comércio.

Mas depois tínhamos os que moravam nas freguesias, alugavam casas cá fora. Fazíamos festas... tínhamos americanos que queriam era morar fora da Base, fazíamos amizades, íamos a casa deles comer, eles vinham às nossas casas comer... Eles faziam muitas festas, como eles tinham muito dinheiro toda a “gente” ia comer para lá (risos)...

Sempre gostei de música, comecei a tocar com 13 anos. Há noite íamos tocar num café e os americanos iam para lá. Ganhávamos mais em gorjetas que um mês a trabalhar (risos)... comecei a cantar na Base, nós tínhamos um grupo, e íamos à Base todos os fins-de-semana... para os Oficiais (Clube) portugueses, para os americanos, para o NCO que era dos sargentos americanos... portanto corríamos os clubes todos...

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Os pobres... havia muita miséria. Eu sou de uma família pobre... ganhava o dia-a-dia. Quando acabamos a escola, tanto eu como os meus irmãos, nós queríamos estudar, mas não podíamos... só tinha a 4ª classe só fiz 9º ano depois de casado...

Todos os dias saía um autocarro da Base às 6h (18h), os militares que estavam cá a estudar, para irem para o liceu para estudar. E o que é que faziam, também para ajudar, passavam nas freguesias todas, aqueles que tinham menos rendimentos, eles levavam-nos e depois traziam às 11h e tal da noite...

Mas quem trabalhava na Base, o lavrador não tinha ordenado certo, eram os ricos das nossas freguesias, os que na altura mandavam nos pobres, esses tinham direito ao autocarro, o trabalhador da Base não tinha direito...

Os americanos ajudavam muito! Eles levavam brinquedos à escola, eram as caixinhas... aquilo era uma alegria, naquele dia! Cheirava a americano que consolava... havia de tudo, eu sei lá... e era para a ilha toda...

Eles também ajudavam muito a instituições: Santa Maria Goretti, O Livramento, os Gaiatos... eles ajudavam muito, era uma loucura o que eles “acartavam” para lá... eles apoiavam muito essas instituições, davam “disparates” para lá. Agora essas instituições “morreram” quase todas...

4- Acha que os americanos ajudavam a população local?

De que maneira!

Consegue-nos descrever algum episódio?

No Bairro da Lata, era casinhas feitas de lata, eles abriam os bidões, faziam uma casinha para viver lá... havia muita miséria aí, eles ajudaram muito aí, a alguns deles.

A “gente” aqui na Praia, tínhamos a Assistência, que eram só duas senhoras, era o que havia, davam um dinheirinho... senão fosse os americanos a ajudar! ...

Mas quando falamos em Bairro da lata, pensamos logo em muita miséria, mas não era assim para todos... uns tinham os seus trabalhos e muitas das mulheres trabalhavam para os americanos, homens e mulheres trabalhavam na Base. Eles tinham os seus salários, alguns não saíam de lá, tinham vindo de outra ilha e não havia casas para vender, nem terrenos para construir, e acabavam por ficar ali... vieram-se meter naquele espaço, ficaram ali (Serra de Santiago) aquilo não tinha dono e foram construindo barracas para ali. Aquela Serra, aquele alto quem chega ao Posto 1 (encosta/ Entrada

para Santa Rita), aquilo não tinha dono. Depois vieram as famílias (das pessoas que vieram de outras ilhas dos Açores), foram construindo ali...

Agora que havia muita “gente” naquelas barracas que tinham os seus trabalhos, criaram os seus filhos... era a cortar relvas, lavar carros, era para tudo... e ganhavam o seu dinheiro. Quantos rapazes foram trabalhar para os americanos? A Base deu tudo!

Também havia miséria! Os filhos em casa a passar fome!...

Claro que no meio disso tudo, havia de tudo... havia aldrabice, havia casamentos para fugir à miséria, havia pais que davam filhos, faziam-nos e não pensavam no que vinha atrás e acabavam por dá-los aos americanos... percebes? Tudo com a ideia de que iam ter vidas melhores...

5- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Tenho tantas... vivi sempre muito com os americanos, muitas festas que fui com eles, tive grandes amigos. Acho que o melhor, foi mesmo a amizade que tenho com eles e muita parte da minha vida, enquanto jovem, passei com eles... íamos para casa deles, cantar toda a noite, folia... os grandes momentos que passei em casas que eles moravam a cantar e a conviver com eles.

E as menos boas?

Não tenho nada, nenhum americano que me tratasse mal... Nada!

6- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

A vantagem foi na nossa economia, eu acho que a “gente”... senão fosse os americanos éramos tal e qual como a Graciosa e S. Jorge, e isso é sem dúvida nenhuma! Eles é que vieram desenvolver a nossa ilha, começou com os ingleses, mas foram os americanos que deram toda a força a isso aqui... é que nos deu, o que a “gente” tem.

O trabalhador da Base tinha o seu ordenado garantido e era um ordenado bom! E aquilo que eles traziam... Eu tinha um familiar que trabalhava nos Oficiais (Clube) e eu consolava-me em ir a casa deles comer, porque eles tinham de tudo naquela casa. Tinham “*hot dogs*”, hambúrgueres, que ele trazia da cozinha, tinham de tudo.

Alugávamos casas aos americanos... eles adoravam estar no meio rural, juntamente com a “gente”... Até ao 25 de Abril... foi o auge aqui na Praia, depois começou a fazer diferença... quando eles começaram a ir embora, a nossa economia começou logo a diminuir, começou tudo a ir abaixo.

E desvantagens?

Eles hoje falam na contaminação e não sei quê... toda a vida a “gente” viveu com contaminação e nunca tivemos problemas nenhuns. Hoje que os americanos estão a sair, já se fala que os americanos fizeram isso e aquilo.

Os problemas do ambiente estão em todo o mundo, não é só aqui, isso está tudo contaminado... a “gente” aqui nem deu por isso. Toda a vida morreu “gente”.

O que me chateia mais é que muitos que trabalharam na Base, enquanto trabalharam lá dentro e se “amanharam”, tiveram tudo dos americanos, hoje são os primeiros a atirar a pedra, deviam era estar calados, porque se hoje são alguém, devem aos americanos... Acredito que devem ter tido alguma coisa, foi em tempos de guerra e... pronto, eles fizeram muita coisa.

E os que trabalhara de sol a sol sem ter comida, cá fora, por conta dos lavradores e dos mais ricos, que cá fora trabalhavam de manhã até à noite e não recebiam quase nada! E morreram sem ter nada...

Contaminaram, pois pode ter acontecido, mas agora é tudo culpa deles! Mas também tudo o que temos devemos a eles. E não temos mais porque... como aquelas casas lindas abandonadas na Serra (Serra de Santiago, Bairro Nascer do Sol e Bairro Beira Mar) que podiam estar a ser ocupadas por portugueses. Aquilo vai-se perder tudo!

Parte II – Casamentos

7- Tem conhecimento se houve casamentos entre jovens terceirenses e norte-americanos? Eram mais do sexo feminino do que masculino, certo?

Eu conheço raparigas que estão na América, casaram aqui com os americanos e que vem cá... foram várias.... Conheci muitas raparigas daqui que casaram com americanos, da minha idade e mais novas que eu, e hoje são mulheres com os seus filhos e vivem perfeitamente com os seus maridos (americanos).

8- Consegue-nos descrever algum caso que tenha conhecimento e em que ano, aproximadamente, acha que ocorreu?

Lembro-me de uma rapariga, essa pequena está na América. Era uma pequena novinha, muito lindinha, e ia trabalhar... e ia um americano, ele era tenente, passava onde ela trabalhava e gostou muito dela... claro que ela era novinha... e ela não queria... mas ele gostou logo logo, quando a viu...

Ele andava atrás dela que era uma coisa séria... e ela não queria... e depois o que é que acontece? Começaram a entusiasma-la pois viu-se que era... Ele era médico, era uma pessoa que parecia ser muito boa pessoa... Ele era um rapaz novo, mas também era muito metido consigo (tímido) ...

Ele comprou um dicionário e trazia o dicionário para ir falando com ela, já percebeste? E foi falando com ela, e... Ela depois acabou por namorar com ele. Ele foi a casa dela... era uma pessoa espetacular, ele é um bocadinho mais velho que ela...

Mas depois ele acabou por ir para a América, escrevia-se com ela...e ficaram namorados. Depois veio cá, vieram os pais dele, veio casar cá... casaram lá na igreja da freguesia. E pronto, hoje é uma pessoa feliz, ainda estão casados, tem os seus filhos... e pronto...

Ela levou a irmã também para fora, ela acabou por casar por lá...

9- Como é que as jovens terceirenses conheciam os seus noivos norte-americanos?

Era em festas que eles se conheciam... havia, também, muita prostituição, era muita miséria! Aqui fora, fora da Base, aos fins-de-semana havia o Praiense, a esplanada do Sport Clube Praiense e havia a esplanada dos Brancos (clubes desportivos). Havia pancadaria todos os fins-de-semana (risos), era garantido! Eles (americanos) namoravam com as raparigas de cá, e os rapazes de cá ficavam chateados, dava sempre pancadaria! Embebedavam-se, metiam-se nas festas..., mas pronto...

10- Havia locais e/ou eventos em que jovens terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes, pudessem conviver/conhecer-se socialmente?

As festas eram nos Brancos e no Praiense, aí é que eles se conheciam... Eles não iam muito a festas nas freguesias. Iam a touradas, mas depois embebedavam-se e os touros pegavam neles, acabava por não ser um local onde mais conheciam as raparigas ou que namorassem...

Normalmente era mais nos bailes que havia... podia haver numa freguesia ou outra, alguém que estivesse a viver na freguesia e lá conhecesse uma rapariga... mas a maior parte quando iam morar para as freguesias já eram casados. Os rapazes solteiros ficavam mais na Base.

Os americanos também levaram muita rapariga “sem prestar” (prostitutas), a “gente” sabia onde eram as casas onde elas estavam. Quando os americanos chegavam “*women, women*”, eu só telefonava para os taxistas porque eu sabia onde eram as casas

onde elas estavam. Nunca mais fui a pé para casa (risos) era só chamar o taxista que eles iam-me levar. Isso fazia parte da vida naquela altura... era uma forma delas viverem... muitos namoravam essas raparigas, conheciam-nas nessas casas. Elas não tinham hipótese... morriam à fome. Eram muito discriminadas, cá não tinham mais oportunidade...

Antigamente não havia as liberdades que temos hoje, era tudo muito diferente. Uma rapariga que desse um mau passo ficava marcada ara sempre, não casava mais... havia muitas casas destas... tantas...

11- E o namoro? Como era o namoro? Era longo, seguindo os padrões culturais da época (por exemplo, namoro à janela, noivado...)?

Não, não (risos)... nada disso! Era namorar e andar... Elas iam logo viver com eles... ficavam cá até acabarem as suas comissões e depois iam-se embora. Algumas casavam e viviam com eles aqui, cá fora, não era na Base... Quando casavam viviam fora da Base. Dentro da Base era só os solteiros.

12- Que razões aponta para a realização de um casamento entre jovens terceirenses e norte-americanos?

Há muitas raparigas que casaram por amor! Há muitas que casaram e depois separaram, mas conheço muitas que casaram e ainda hoje vivem com os seus maridos, é porque foi com amor, com certeza.

E nós estamos a falar aqui... os americanos não namoravam só prostitutas, havia pequenas boas daqui (da ilha Terceira) que eles namoravam, iam a casa dos pais e elas eram raparigas sérias... casaram e hoje tem as suas vidas, com os seus filhos...

13- Acha que o desejo de emigrar e ter uma vida melhor terá motivado alguma das jovens que casaram com americanos? Porquê?

Sim, também teve muita influência, o quererem uma vida melhor... por exemplo quando os cabos especialistas estavam aqui... eles diziam que o pai tinha uma fábrica, ou tinha isso e tinha aquilo, e afinal não tinham nada (risos). Elas chegavam lá fora e não era nada daquilo. Mas também há muita “gente” que casou muito bem!

Isso é sempre muito subjetivo. Há sempre bom e há sempre mau. Havia os que vinham, casavam e eram bons... muita “gente” foi assim...

Mas também acredito que seja por amor, mas claro que a ilusão de uma vida melhor fez com que muita “gente” casasse... e acredito que depois o amor apareceu...

Sabes, na altura havia uma aspiração por uma vida melhor. Os jovens como eu e outros... eu também queria sair daqui para fora. A nossa vida hoje está melhor, mas naquele tempo... isso só começou a melhorar lá para 75 e depois do sismo de 80 ainda melhorou mais... porque até aos anos 70 isso era uma tristeza, eu vivi numa casa que o chão era de terra e a casa de tabiques... Claro que quando víamos essa “gente” de fora (americanos) ... o que é que se pensava... era em sair daqui para fora, era o mesmo que elas pensavam... muitas conseguiram ir e muitas ficaram pelo caminho.

Sempre tivemos a intenção de emigrar, no nosso tempo, hoje se calhar já não pensamos assim. No nosso tempo não tínhamos nada... trabalhávamos de manhã à noite...

14- Tem algum familiar que tenha casado com norte-americanos, sediados na Base das Lajes? Sim ____ Não X .

15- Conhece algum caso de uma jovem terceirense casada com um americano das Lajes que tenha regressado à ilha? Que motivos terão tido as jovens terceirense ou o casal para regressar?

Eles vêm cá de visita! Muitas ainda têm cá as suas famílias e vem cá vê-los. Isso sim...

16- Conhece algum caso em que o casal tenha ficado a residir na ilha Terceira? Ou todas as terceirenses emigraram na companhia dos maridos?

Não! Ia tudo para a América, não conheço nenhuma que tivesse ficado cá. Claro os americanos vinham cá, faziam a sua comissão, casavam e iam-se embora.

17- Os casais tiveram filhos? Os filhos têm alguma ligação ou interesse pelos Açores? Costumam visitar os Açores?

Sim, eles vêm cá de visita com os pais e aqueles que conheço, os pequenos até gostam de vir cá.

18- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de casamentos que terão ocorrido entre terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes? E mais ou menos em que ano terão ocorrido (entre 1946 e 1974)?

Isso é muito difícil de dizer um número, mas casaram umas dezenas grandes... umas dezenas para não dizer centenas... até se calhar muitas centenas...

19- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Os americanos sempre deram trabalho... e pessoal das outras ilhas e tudo... portanto a Terceira foi, nos anos 40's, 50's o mesmo que ir para a América. As pessoas de outras ilhas vinham para aqui como quem ia para a América, é verdade! Chegavas ali ao Posto Um e só tinhas, do lado direito, era tudo cheio de barracas, onde viviam as pessoas que vinham de fora, principalmente de S. Miguel... vinha muita "gente" de S. Miguel.

Nos anos 40, quando os americanos vieram para cá, porque primeiro estiveram os ingleses, até temos cá o cemitério dos ingleses... A Base era inglesa e depois passou para os americanos, ali no princípio de 40, depois da Segunda Guerra Mundial... Mas já no tempo dos ingleses, começaram a vir pessoas trabalhar para aqui. A pista era feita de chapas de ferro com buracos.

O meu contato com os americanos foi sempre no aspeto... como hei-de dizer, eles iam à loja e, eu aí também ia aprendendo com eles, estamos a falar aqui no tempo da guerra do Vietname (1955-1975), nesta altura havia um movimento enorme... muita "gente" a trabalhar, milhares de portugueses na Base. Daí a vinda de pessoas de outras ilhas... não se podia ir para a América, então vinham para aqui, ganhava-se bem! Porque a Base era um bom emprego, tinham um ordenado garantido, quando noutros trabalhos não tinham. As pessoas vinham das ilhas todas, trabalhar para a Base, aí para 1940 e tais, toda a "gente" vinha, a Base era uma fonte de trabalho para toda a "gente"!

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista IX

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Rui Sexo: M X F Idade: 78 Escolaridade: 2º grau .
Profissão: Reformado Naturalidade: Praia da Vitória .

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de casamentos entre portugueses e norte-americanos e/ou familiares diretos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população terceirense?

De início a Base das Lajes prejudicou muito os lavradores e a quem vivia da terra, ficaram sem as suas casas e nunca foram indemnizados como deve ser... convenientemente.

Mas deram empregos, quem queria empregos, tinha empregos! Não havia mão-de-obra, eles precisaram da “gente”, isto era uma América pequenina.

A “gente” sabe bem que as Bases americanas, em todo o mundo deixam um pouco a desejar ao nível de abusos, prostituição, álcool, mas há mais dinheiro e tal... e há mais abusos, mas isso é em todo o lado...

Mas foi uma abundância, passou-se a viver melhor, sem dúvida nenhuma! Eles deixaram esta ilha muito dinheiro! Para a economia foi muito bom... com a saída deles, a ilha ressentiu-se muito...mas ainda há empregos, para mim, ainda é dos melhores empregos que se pode ter...

2- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira? Como?

Eu era filho único e a “gente” tinha terrenos... A casa do morgadio, eles pagaram-me na altura... só que os terrenos, a renda nunca compensou ... Eu fiz parte da Associação dos Proprietários da Ilha Terceira (APIT).

Fui trabalhar para a Base (risos) porque... eu gostava de mecânica e havia aqui uns vizinhos que eram mestres lá na Base... e meu pai o meu pai chamou-me e perguntou-me o que é que eu queria ser... E eu disse que gostava de ser mecânico... então (risos)

foi falar com esses mestres e eles falaram lá dentro (na Base) e eu fui trabalhar de aprendiz na Base... foi a minha vida. Toda a minha vida trabalhei na Base, para os americanos.

Dos melhores contratos que a Força Aérea (portuguesa) fez com os americanos foi a Doca da Praia, onde trabalhei grande parte da minha vida... aquilo andava à deriva para ali, ninguém sabia a quem é que aquilo pertencia, se era da capitania se de quem era... Mas a Força Aérea agarrou-se sempre àquilo, dava X% da despesa global da exploração do Porto. Eles não queriam largar aquilo. Até que apareceu aí um oficial, um indivíduo que sabia o que fazia, e fez um contrato com os americanos, um contrato mesmo a sério...

Naquela altura havia os pescadores na Praia... eles “inquietaram-se” para “desenrizar” aquilo. A Câmara e eles (pescadores) agarraram-se a esses papéis (contrato) ... isto, foi assinado a nível internacional...

O Pontão, tinha ali um bocado que os americanos é que fizeram aquilo quando vieram, para salvaguardar as suas barcas e embarcações que serviam para fazer as descargas de material...

Antes de fazerem o quebra-mar... os pescadores varavam os barcos na areia. Ao pé do Pontão, a areia fazia um remoinho e tapou a parte dos pescadores... então os pescadores revoltaram-se! Fizeram manifestações e isso deu azo a uma grande reunião a nível internacional! Entre portugueses e americanos... e então fizeram um contrato, os americanos comprometeram-se a meter uma draga a limpar aquilo a tempo inteiro, para os pescadores terem acesso... Os americanos inquietaram-se para se desembaraçar daquilo (risos)... começaram a fazer um quebra-mar novo, gastaram uns bons milhões ali... e acabamos por ficar com aquilo tudo (risos).

Os americanos influenciaram-nos a nós todos de diferentes maneiras, mas influenciaram muito...em tudo!

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Os americanos tinham, sempre tiveram esse feitio, para qualquer parte que iam... com salários altos... em toda a parte, onde tinham Bases, acabaram com muita miséria... pagavam bem... toda a “gente” queria ir para a Base. Temos de dizer a verdade, eles “limparam” a miséria da Terceira. Havia muita miséria, lembro-me bem e as pessoas a pedirem de porta em porta... e a passarem fome...

Até a lixeira da Caldeira matou a fome a muita “gente”, parecendo que não, mas matou muita fome...

Havia muita “gente” que vinha de outras ilhas, vinham para cá, atrás do emprego na Base... Quem trabalhava na Base, naquela altura, era rico...

Em 62, quando melhorei o ordenado, eu com o 2º grau de escola, ganhava mais que uma professora. Eu ganhava 1800\$00 e a professora penso que ganhava 1200\$00.... Era assim...

Os americanos ajudavam muito! Davam escola às pessoas, o golfe conseguiu formar muita rapaziada ali no golfe e dali foram para a Base...

Havia uma bolsa para os rapazes que iam trabalhar para a Base, aprendiam inglês e depois tinham trabalho na Base. Tinha professor de inglês lá no golfe e tudo... Eles tinham 2 ou 3 horas por dia de escola lá em cima (no golfe), para os que queriam, não eram obrigados..., mas geralmente todos queriam... não ganhavam nada! Os americanos eram à base da gorjeta e atrás, na esperança, do emprego na Base...

Melhoramentos de estradas... os americanos ajudavam muito... E o que se trazia da Base! (risos) Era a galinha, os chocolates...

Houve um ano que a Árvore de Natal foi toda feita com bolas de Natal dos americanos (risos). Aquilo no NCO, eles enfeitavam as Árvores de Natal, e aquilo no “desmanchar” da árvore, deitavam aquilo para lá sem ligar mais aquilo, e meu pai, foi trazendo bolas, que depois dizemos uma árvore só com as bolas da Base (risos). Era tudo mais bonito! Não tínhamos nada... Agora temos de tudo, felizmente...

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Geralmente, eles ajudavam. Se houvesse alguma catástrofe qualquer, eles eram os primeiros a chegar, estavam sempre presentes...

Ainda me lembro, umas cheias que houve na Casa da Ribeira, eles foram levar pessoal, muitos! Não obrigavam ninguém a ir, mas era só dizerem e ia americanos e trabalhadores portugueses, também iam, ninguém dizia que não.

Lembro-me também das Cheias na Agualva, que morreu uma família inteira, (8 de dezembro de 1962), os americanos foram ajudar nas limpezas e até a dar coisas às pessoas, material para reconstrução... íamos todos...

No abalo de 80, a mesma coisa, e cheguei a ver pessoas de cá da ilha, a irem a uma tourada e eles (americanos) a “acartar” (levar) pessoal para ajudar.

Os americanos montaram um posto de aproximação de pista na Graciosa – a Rádio Farol... tinha lá 18 empregados, criaram na Graciosa 18 postos de trabalho. E tinha um outro no Pico Vigário em S. Miguel. Era um posto que o avião quando se aproximava da zona norte, quando passasse a zona da Graciosa, dava um sinal direitinho à pista... ele vinha ter direitinho aqui. Foi um na Graciosa e um em S. Miguel... Era dos americanos, íamos lá levar combustível para os aviões e para S. Miguel também. A “gente” daqui é que abastecia lá.

Havia também em Santa Maria, um posto avançado para detetar submarinos alemães.... Na altura da Guerra Fria.

Presenciei, pessoalmente, pelo menos 3 desastres de aviões, quando morava nas Bugias (local nas Lajes - infância) ... foi logo no princípio, esses B17 estavam a levantar, bem por cima da pista, e ao levantar pegou fogo e a torre mandou-o para o mar, para não cair na Praia... estavam a ir de Norte para Sul, e eu lembro-me de vir à janela ver... ainda apanhei a explosão no quartel da Base 4...

Apanhei outro no Juncal, caiu ali a seguir à ponta da pista.

E houve um que caiu na Canada das Vinhas, mas já foi muito depois... era o da Venezuela (3 de setembro de 1976), os corpos a passar em sacos... Mas lá estavam os americanos e população da ilha e das Lajes a trabalharem juntos...

5- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Epá... o salário que eles me pagavam (risos).

E as menos boas?

Talvez as viagens... Eu ia de rebocador... os americanos a vomitar e eu tinha que ir deitado no chão... eu fazia aquilo bem (a viagem). Eram uns 6 dias no mar... íamos para os estaleiros reparar as máquinas que era preciso... Mas eles (americanos) ainda pagavam um subsídio (risos) ... eles então pagavam bem.

E havia também as amizades com os americanos. Chegaram a vir cá a casa comer alcatra... teve um americano que comeu uma alcatra inteira! (risos) Onde é que aquele homem “arrumou” (comeu) uma alcatra inteira? (risos) Ele não era muito gordo, era um tipo alto... Mas o homem comeu! (risos), ele gostou muito de alcatra (risos)...

6- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

O desenvolvimento que eles davam... Eles davam inglês às pessoas, davam cursos às pessoas, mandavam as pessoas para os EUA, para aprenderem... para fazer

formação... Também usavam muito o nosso comércio local. Eles quando se foram embora, tudo se ressentiu...

E desvantagens?

Só mesmo o que aconteceu com os terrenos, só mesmo aquele princípio. Agora de resta, uma coisa nunca teve nada a ver com a outra.

Naquele tempo chorou-se muita lágrima...muito choraram. Havia “gente” que tinha muitos terrenos, mesmo nas Bugias e as suas casas. Havia uma casa que era chamada “A Quinta” que era uma casa nobre, foi-se embora tudo (emoção) ...

Parte II – Casamentos

7- Tem conhecimento se houve casamentos entre jovens terceirenses e norte-americanos? Eram mais do sexo feminino do que masculino, certo?

Sim, mas não eram só mulheres...

Mas houve também muita desgraça, muita coisa contra...

8- Consegue-nos descrever algum caso que tenha conhecimento e em que ano, aproximadamente, acha que ocorreu?

Lembro-me bem, mesmo ali na doca, eu trabalhava com eles, eu era o único português, e alguns namoravam na Praia e depois vinham-me perguntar coisas... (risos).

Teve uma vez um que chegou, um dia e diz que namorava uma rapariga e como é que ia dizer a ela (risos)... “*I Love You*” (risos), queria dizer coisas a ela e perguntava-me (risos). Eu disse a ele “Eu amo-te” (risos) ele levou toda a manhã a perguntar por mim e todo o dia “Eu amo-te” (risos) e eu disse: “A mim não! (risos) Hás de dizer isso a ela” (risos). No outro dia fui trabalhar e ele veio-me dizer que ela tinha gostado muito (risos)... E casou com ela!

Muitas raparigas casaram com americanos, era uma maneira de sair daqui, de emigrar...

Lembra-se, mais ou menos, em que ano aconteceu este caso?

Isso foi ali pelos anos 60, meados de 60.

9- Como é que as jovens terceirenses conheciam os seus noivos norte-americanos?

As raparigas expunham-se um bocadinho (risos) aos americanos.

Eu sei, um dia chegou um (militar) nesse dia, ele estava fardado com a farda n.º1, nesse dia, estava a chover e ele não entrou para o barco, ficou em cima do caís. E eu

disse-lhe: “Epá, não vens para dentro?”, e eu: “Aquele gajo está tolo... Não está bem discreto, agora a apanhar chuva?”

Finalmente, ele tinha estado na recruta, num Estado na América, agora não me lembro qual era, e não chovia lá há mais de 6 meses (risos), começou a chover e ele estava a gostar da chuva.

E nesse dia, eles apresentaram-se (ao serviço) e foi-se embora, vestiu-se à civil e foi passear para a Praia... olha, e acabou por conhecer uma rapariga.

10- E o senhor lembra-se se havia locais ou festas onde os jovens terceirenses e os americanos pudessem conviver ou conhecer-se socialmente?

Eles iam mais a bares e iam também aos bailes dos brancos.

Havia também um café Rua de Jesus que eram só americanos, e eles aí acabavam por as conhecer. E elas exponham-se, elas metiam-se lá dentro (Base). E às vezes era mesmo as mães diziam “tens de ir para veres se tens sorte de ir para a América” ... umas tinham sorte e outras não...

11- E o namoro? Como era o namoro? Era longo, seguindo os padrões culturais da época (por exemplo, namoro à janela, noivado...)?

Não, não (risos) os americanos não iam nisso (risos). Não... era logo morar com eles...

12- Que razões aponta para a realização de um casamento entre jovens terceirenses e norte-americanos?

Interesse pela boa vida, a procura de uma vida melhor...

Aquelas que casaram, muitas pode não ter corrido bem, mas muitas ainda acabaram por fazer bem à família que ficou cá... faziam cartas de chamada e levavam a família toda para lá... conheci casos assim, a filha casou com o americano e a família acabou por ir toda para a América.

Era uma maneira de fugirem à miséria. Naquele tempo, aqueles que tinham a sorte de ir trabalhar para a Base, ainda ficavam com uma vidinha mais ou menos, mas outros... ainda havia muita miséria!

13- Acha que o desejo de emigrar e ter uma vida melhor terá motivado alguma das jovens que casaram com americanos?

Sem dúvida nenhuma...

Porquê?

Era aquela coisa de ir para a América... aquilo era um mundo para nós que não conhecíamos nada daquilo (ir para a América) era o céu... A “gente” achava que eles é que tinham tudo... e era (risos). Havia produtos, que se não fosse os americanos, a “gente” nem sequer os conhecia.

14- Tem algum familiar que tenha casado com norte-americanos, sediados na Base das Lajes? Sim ____ Não X.

15- Conhece algum caso de uma jovem terceirense casada com um americano das Lajes que tenha regressado à ilha? Que motivos terão tido as jovens terceirense ou o casal para regressar?

Não, elas não vinham mais, se vinham era de visita.

16- Conhece algum caso em que o casal tenha ficado a residir na ilha Terceira? Ou todas as terceirenses emigraram na companhia dos maridos?

Ah isso foi tudo para América, elas queriam era sair daqui para fora (risos). Fosse como fosse...

17- Os casais tiveram filhos? Os filhos têm alguma ligação ou interesse pelos Açores?

Tinha o Hospital americano, mesmo dentro da Base, muitos nasceram mesmo cá, outros chegaram a ir à América ter os pequenos e voltavam para cá até acabarem as comissões.

E acha que esses pequenos têm alguma ligação ou interesse pelos Açores? Costumam visitar os Açores?

Não me parece!

18- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de casamentos que terão ocorrido entre terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes? E mais ou menos em que ano terão ocorrido (entre 1946 e 1974)?

Foram muitas então... então na Praia foram muitas... isso foi desde que os americanos vieram para cá.

19- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Primeiro foi a terra batida, depois foi a chapa e depois é que os americanos alcatroaram a pista. Os americanos vieram-se instalando a pouco e pouco e foram ficando definitivamente e os ingleses foram saindo. Aquela pista foi alargando e crescendo com os americanos.

Os ingleses quando estavam cá, consumiram o vinho abafado todo da nossa ilha, a pensar que era vinho do Porto (risos) Havia uma mercearia, uma coisinha pequenina, mas tinha para aí uns 3 empregados (risos), pequenina, antiga e dava para 3 empregados (risos). Os ingleses iam lá beber o “Vinho do Porto” (risos) e bebiam vinho abafado (risos) bebiam tudo! A pensar que estavam a beber vinho do Porto... Eles (portugueses) começaram a pôr álcool para aumentar... Eles, ingleses era cada “cadela”! (risos)

Eu morava nas Bugias. A “gente” para vir à missa vinha pela Rua Direita acima. As Bugias ficavam no interior da pista. Era uma zona muito pobre... Em terrenos apanhava um bocado de mato, a primeira entrada para a Base era em frente ao Café Vitória. Havia ali um engenho de escora que empregava muita “gente”. Salazar mandou fechar, indemnizou o proprietário, para pagar aos trabalhadores...

Portanto as Bugias ficavam ali do lado de dentro da pista, no interior da pista central... aquilo faz ali um triângulo e ficava ali dentro. Havia ali (nas Bugias) 50 e tal casas que ficaram da primeira vez... quando fizeram as primeiras demolições... Depois da segunda vez é que foi onde eu morava. Eu era a primeira casa à entrada das Bugias.

Atravessava-se a pista naquela altura. Havia um posto da Guarda Nacional Republicana no lado de cima... vínhamos à missa, tínhamos de esperar para quando a luz acendia. Havia uma luz verde e uma luz vermelha... Quando o avião vinha, às vezes, havia uns oficiais, e da torre acendiam a luz, havia uns que abusavam um bocadinho... O avião vinha na graciosa e a luz já estava vermelha (risos). Havia muita “gente”, muitos lavradores que tinham terrenos do lado de dentro até ao mar... e iam

com os seus carros (carros de bois) buscar milho e às vezes chegava-se a juntar 10 ou mais carros para atravessar a pista.

No tempo da guerra da Coreia (1950-1953) ... os B17, aquelas fortalezas que largaram, o tipo de avião que largou a bomba atômica no Japão... aterravam aos 40 e 50 atrás uns dos outros. Enquanto eles aterravam, não havia nada para ninguém... ficavam ali à espera para atravessar. Muitas vezes eu não vinha para a escola, chegava quase a meio do dia porque não conseguia atravessar a pista (risos).

Ao princípio era assim... morei aí até aos 11 ou 12 anos.

E quando ficou sem a sua casa? Foi alojado numa das casas da Aldeia Nova das Lajes?

Uns receberam casas, outros não quiseram e ficaram com o dinheiro... o meu avô não quis, ficou com o dinheiro porque quis fazer à sua maneira... os meus avôs não queriam (emoção) ... eles não queriam... ser desapropriados... O meu avô tinha muito campo, eram 6 filhos, trabalhavam todos na terra. Era uma lavoura só, e dali é que se vivia e depois iam casando e iam ficando a trabalhar ali... Eles não queriam ser desapropriados.

Aquilo... eles (proprietários) nas terras não podiam fazer nada. Eles chegavam lá com os tratores enfiavam para dentro e... toca a demolir (emoção)... Eles (proprietários) ainda pediram, na esperança de haver uma solução para o problema... começaram a pedir aos proprietários cá de cima (da freguesia das Lajes, mais afastados da zona de construção da pista), para começarem a guardar o seu gado... mas esses chegaram a uma altura que não podiam e, claro, que tiveram de vender ao desbarato...

E as rendas? Dos terrenos que foram arrendados?

Foram sempre umas rendas baratinhas, nunca houve atualização dos preços. Alguns não estavam em dia (registos dos terrenos) e aquilo tinha de ser vendido com o consentimento de todos (herdeiros), se havia um que não queria, pronto, já não se vendia...

Pois, então ouvia os meus avôs, ao domingo para virem à missa, tinham que esperar que o sinal deixasse passar a pista e depois tinham o problema deles... quando apanhavam as pessoas para a missa... (emoção)... metiam a tropa lá dentro e metiam as casas para o chão, metiam os “tarecos” (recheio da casa) para a rua e casa para o chão!

E o que acontecia a essas pessoas? Que de uma hora para a outra ficavam sem casa?

Uns vieram para a Aldeia Nova (Lajes), outros foram para o Juncal, também se chamava Aldeia Nova, mas tem lá poucas casas, e outras acabaram por construir aqui à volta (arredores da Aldeia Nova, Lajes). Havia pessoas que tinham terrenos seus, estes acabaram por fazer as suas casas nos seus terrenos. Sofreram muito! Foi muito doloroso ficar sem as suas coisinhas, as suas casinhas... houve pessoas que ficaram sem nada!

E depois então, os meus avôs começaram a vir à missa, só (emoção) ... um de cada vez... (emoção) para guardarem a sua casinha...

Eles (avôs) tinham (emoção) ... na Serra (Serra de Santiago), a maior parte das terras... Eles (família) mudavam-se de verão para a Serra... tinham terras grandes ali... tinha lá uma casa, essa casa até não foi paga, não sei lá porquê, mas acabaram por não pagar a casa, mas era uma coisa grande!

Eles (família) mudavam-se todos para lá e éramos umas 7 ou 8 pessoas, para fazerem as colheitas e as sementeiras... mudavam-se mesmo... então, teve um dia, um deles (tio) não sei qual, mas chegou mais cedo (à casa nas Bugias) para ordenhar as vacas e chegaram lá... a casa estava a acabar de arder... (emoção)... Ainda foi no meu tempo, os ingleses, começaram a abusar da casa com umas “tipas” quaisquer.... Eles começaram a usar a casa (prostituição) ... e depois aquilo começou a criar pulgas e não sei quê... e os ingleses, um qualquer foi lá, viu aquilo daquela maneira, e o que é que fez? Largou lume e aquilo ardeu tudo! (emoção)

Então o senhor lembra-se da presença dos ingleses na ilha? Sabe me contar algum episódio de como era a relação deles com a ilha e com as pessoas?

Os ingleses bebiam muito, abusavam muito das mulheres... desgraçaram muita rapariga. Isto (a Terceira) era um “montinho” (meio pequeno) tudo com os olhos muito fechados...

Havia um episódio naquela altura... ouvíamos dos mais velhos... começou a cair aviões dos Aliados, naquela altura caíram muitos, eles (britânicos) não sabiam porquê. Pensavam que eram os submarinos alemães que andavam aqui... finalmente era um individuo, ele era um grande jogador de futebol esse “gajo”, eles tiveram uma grande equipa de futebol cá (britânicos). O Governo deles (britânico) mandou os heróis nacionais da altura do aperto da guerra, mandou-os para aqui, os jogadores da seleção inglesa, e eles começaram a jogar cá. O Lusitânia tinha também uma grande equipa e jogava o Lusitânia contra os ingleses... E esse tal individuo, o jogador inglês, foi

apanhado por vários lavradores, a transmitir, num transmissor para... era espião! E sabotava os aviões... os aviões levantam e às “duas por três” (de repente) deixavam de comunicar e não se sabia porquê..., mas ele foi apanhado, esse individuo era para ser morto aqui, os ingleses queriam-no fuzilar aqui, só que Salazar na altura não autorizou... e ele foi para Inglaterra...

Tivemos de tudo aqui (risos) ... foi uma grande reviravolta nas nossas vidas...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista X

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Gabriel Sexo: M X F Idade: 85 Escolaridade: 4ª
Classe .
Profissão: Reformado Naturalidade: Praia da Vitória .

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de casamentos entre portugueses e norte-americanos e/ou familiares diretos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população terceirense?

Sabes, os americanos quando vieram não traziam logo as mulheres e obrigaram-se a fazer a sua vida cá e isso deu um grande movimento por cá... porque a “gente”... pronto... muita “gente” arranjou emprego para ir trabalhar para lá... a tomar conta de crianças, também...

Começamos a ver que eles estavam a movimentar muito cá a ilha, o nosso comércio e tudo.

As casas que foram feitas na Estrada 25 de Abril quase todos foram feitas para eles, para alugar aos americanos... E dava um bom dinheiro.

O que tinha dinheiro de se safar e ter dinheiro para poder investir, eles faziam uma casa e depois, os gajos de Angra, faziam casas de propósito para alugar aos americanos. E isso rendeu bom dinheiro.

Nós também, aqui da Praia, também começamos a fazer essa aventura e também alugamos casas.

E depois as senhoras que começaram a trabalhar, porque tinham necessidade disso e ganharam bom dinheiro, endireitaram as suas vidas.

A partir daí, tudo mudou, melhorou a situação daqui, da nossa ilha. Realmente é uma coisa que é de louvar, os americanos não só vieram para a Base, como eles trouxeram ainda mais “gente” para cá, trouxeram as famílias que tinham lá e os que

viviam nessas freguesias: Porto Martins, Cabo da Praia, Lajes, Praia... arranjaram emprego para eles e melhoraram-se...

2- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira? Como?

A minha vida, acho que nem por isso... Também tentei ir lá para dentro, inscrevi-me no 5020, naquele tempo era muito bom, no sentido dos que tinham “palavras boas” a dar àquela “gente” do escritório e como eu não tinha muitos conhecimentos... acabei por não ficar, arranjei trabalho cá fora, como assalariado...

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Pois... no Natal, os americanos às vezes juntavam-se e faziam umas ofertas às pessoas que trabalhavam lá dentro e mesmo cá fora, havia uns com muitas necessidades, davam sempre muita coisa...

Ajudaram muita “gente” aqui na Praia e arredores. Onde eles sabiam que havia “gente” pobre, eles iam lá ajudar!

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Havia umas companhias que faziam contratos com a Base e com os americanos para fazerem as obras que eles tinham. E veio um senhor para trabalhar na brita e os americanos ajudaram muito a construir a casa do senhor eles ...

Eles ajudavam muito, sempre que a “gente” precisava, eles estavam prontos para ajudar...

Eles ajudaram muito aqui o Hospital da Praia, deram muito material para lá... a luz (eletricidade) era da Doca, nunca faltava luz lá... e deram camas... eles ajudaram a muito as pessoas da nossa terra...

5- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos? E as menos boas?

Eles iam para a doca e quando o barco vinha, eles descarregavam a mercadoria. Eles passavam ali pela rua de baixo e por ali fora atiravam coisas para a canalha apanhar. Eram “gamas” (corruptela de *Gum*), rebuçados, e até mesmo moedinhas...

E as menos boas?

Não me lembro de nada...

6- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Os americanos gostavam tanto de vir às nossas festas, as nossas tradições... havia maneira de termos um porquinho para se criar... eles gostavam de vir às nossas matanças.... Acabávamos por ser todos amigos e por conviver... entre portugueses e americanos...

Eles eram pessoas de largas abundâncias... a “gente” conhecia bem os americanos, eles estavam sempre aqui perto da “gente”...

E desvantagens?

Não, não...

Parte II – Casamentos

7- Tem conhecimento se houve casamentos entre jovens terceirenses e norte-americanos? Eram mais do sexo feminino do que masculino, certo?

Era as raparigas...

8- Conseguem-nos descrever algum caso que tenha conhecimento e em que ano, aproximadamente, acha que ocorreu?

Havia uma pequena que morava ao pé da “gente”, que casou com um americano. Foi um casal, eles ainda viveram cá e até tiveram um filho cá... e depois foram para a América.

Também conheci um casal, ela era de cá, casaram e tiveram um filho cá, ainda antes de irem para a América, mas o pequeno era deficiente, eles foram-se embora para a América e deixaram o pequeno atrás. Lembro-me que se falou muito na altura. Uma senhora é que ficou cá com ele, é que o criou...

No princípio, ainda mandavam coisinhas para o pequeno, mas depois deixaram de mandar..., mas a senhora que ficou com ele, sempre o criou e não deixou faltar nada àquele pequeno...

Em que ano aconteceram esses casamentos?

Oh isso, foi sempre que os americanos começaram a meter cá o “nariz” que isso sempre aconteceu (risos)... Os mais novos era um tal casar (risos)...

9- Como é que as jovens terceirenses conheciam os seus noivos norte-americanos?

Os americanos iam ao Praiense, havia uma esplanada, havia os bailes... e eles lá conviviam com a “gente” de cá de fora, e com as raparigas...

10- Havia locais e/ou eventos em que jovens terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes, pudessem conviver/conhecer-se socialmente?

Ia tudo para o “Café Açores”, era um bar onde os americanos iam muito e elas iam para ali e acabavam por se meter uns com os outros... havia também os bailes nos encarnados (praiense) e nos brancos, dava sempre brigas (risos), mas muitos conheceram os americanos foi nesses lugares... Eles iam até lá e elas iam atrás...

Quando dava brigas chamavam logo as duas polícias: a portuguesa e a americana...

11- E o namoro? Como era o namoro? Era longo, seguindo os padrões culturais da época (por exemplo, namoro à janela, noivado...)?

Elas iam, era para os carros mais eles, e saíam com eles, não havia nada destas coisas da janela (risos)... Os americanos nem sequer sabiam o que era isso (risos)...

12- Que razões aponta para a realização de um casamento entre jovens terceirenses e norte-americanos?

Era para fugir da pobreza... eles então tiraram muita rapariga da vida, casaram com elas, eles (americanos), não olhavam a essas coisas... uma rapariga da vida cá, nunca mais casava...

13- Acha que o desejo de emigrar e ter uma vida melhor terá motivado alguma das jovens que casaram com americanos? Porquê?

Ah era então... Naquele tempo toda a “gente” queria ir para a América...

14- Tem algum familiar que tenha casado com norte-americanos, sediados na Base das Lajes? Sim ____ Não X.

15- Conhece algum caso de uma jovem terceirense casada com um americano das Lajes que tenha regressado à ilha? Que motivos terão tido as jovens terceirense ou o casal para regressar?

Umas já vieram cá com os maridos e algumas até vieram viver para cá, depois de reformados, mas depois acabavam por se ir embora. Muitas vezes têm filhos lá (nos EUA) e acabam por se ir embora.

16- Conhece algum caso em que o casal tenha ficado a residir na ilha Terceira? Ou todas as terceirenses emigraram na companhia dos maridos?

Isso ia tudo para a América, mas era então quando eles acabavam as suas comissões de serviço. Quando acabavam o seu tempo obrigatório cá, ia tudo para a América. Depois então de estar lá, então... algumas já iam à sua vida.

17- Os casais tiveram filhos? Os filhos têm alguma ligação ou interesse pelos Açores? Costumam visitar os Açores?

Sim, alguns até nasceram cá. Algumas já vieram cá mostrar aos seus filhos a terra onde nasceram... Mas a vida deles é lá fora... cá só de passeio...

18- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de casamentos que terão ocorrido entre terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes? E mais ou menos em que ano terão ocorrido (entre 1946 e 1974)?

Não te posso então dizer um número... mas foram muitas raparigas. Umas de dentro da Praia e outras de fora da Praia e até de fora da ilha! ... Era dos Açores inteiros.

19- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

Primeiro vieram para cá os ingleses, até temos um cemitério dos ingleses cá, e eles vinham do Campo numas carroças (risos). Havia como uma “praça” (estacionamento de táxis) para as carroças e depois eles vinham aí para a Praia, mas então os ingleses bebiam muito e faziam sempre muito barulho (brigas, desavenças, alcoolismo...).

Quando eles vinham nas carroças, era uma festa ver aquilo tudo por aí abaixo.

Os americanos, já foi diferente... eles davam os dólares que tinham... uns amanhavam-se (melhoravam-se) bem e para arranjar algum dinheiro para se comer...

Eu conheci um senhor que era latoeiro, e ele depois arranjou uma carroça para transportar americanos para cima e para baixo...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista XI

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Leonardo **Sexo:** M X F **Idade:** 78 **Escolaridade:** 4ª
Classe de adultos **Profissão:** Reformado **Naturalidade:** Praia da Vitória .

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de casamentos entre portugueses e norte-americanos e/ou familiares diretos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na Base das Lajes na população terceirense?

Oh! Os americanos ajudaram muito à nossa ilha e aos Açores todos. Lembra-me da minha mãe dizer que ia passar milho com o sachador para as Bugias e passava muita avioneta a motor e que houve um que disparou por ali fora que ela ia morrendo de susto... era um serrado que tinha vacas pois ela contou-me que a avioneta começou às “cambrelas” (despiste de avião) pelos serrados fora e já estava perto dela, e esbagaçou o milho todo... tem muita “gente” que tinha a sua fortuna ali naquela zona (Bugias, localização da pista), ficaram sem nada... ficaram com a casa à borda do caminho... pois aquilo foi uma tristeza, foi umas rendas... pois sabe uma coisas eles pagavam conforme a tabela e era muito baixinha. Não evoluíram (valor) conforme as coisas estavam a passar, eles tinham de acompanhar (valor da renda) porque a “gente” todos temos de viver... as pessoas perderam os seus meios de viver... a “gente” vivia da terra e ficamos sem terra... mas ao depois aquilo, os americanos quando se colocaram cá deram muitos empregos e abriram para emigração para a América e essas coisas para ir ajudando àquelas famílias. E muita “gente” foi para fora (América) e ficaram bem! E outros ficaram a trabalhar na Base, então a Agualva, tinha “gente” a trabalhar na Base que era uma coisa séria!

Fez muita diferença! A “gente” ficou aqui com pessoal das ilhas todas, até nos palheiros morava “gente”, era barracas... eles vieram e depois quando essas companhias vieram para fazer a pista e fazer os hangares e essas coisas. Depois quando fechou eles

apanharam dinheiro para ir para essas Américas, para o Canadá, para as Bermudas...deu para comprarem a sua passagem, quando apanharam dinheiro para emigrar, emigraram...

Sabe uma coisa? A “gente” não tinha nada, a “gente” ainda tinha a nossa lavoura, mas naquele tempo era muito mau!

A “gente” tem de respeitar os americanos como eles respeitaram a “gente” ... a “gente” somos mais pequenos, eles são americanos mas a “gente” somos portugueses... Eles gostavam da “gente”... a “gente” também apresentava simpatia para eles e eles também eram para a “gente”. A “gente” falava e ria com eles, para ali, uns com os outros... a “gente” conhecia-se... a “gente” até eramos amigos.

2- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Oh! Rapariga, quando os americanos vieram para cá eu trabalhava na lavoura, mas depois trabalhei coisa que não se diz, então depois entrei para a Base em 68, havia de ter 26 anos, foi depois de casar..., mas a vida ficou melhor... ainda trabalhava na lavoura, mas ficou então melhor... fiquei com dois trabalhos... trabalhei aos turnos, aproveitar enquanto se podia.

Como a sua vida foi melhor?

Eu quando fui para a Base trabalhar em 68, fui para lá ganhar 300\$00 de 15 em 15 dias... eu fui-me desenrascando. Eu quando saía da Base, eu ia trabalhar para as terras, eu ia para depois... aquilo não dava para tudo, eu tinha feito esta casa também...as coisas não eram fáceis, e depois começa a nascer filhos é despesa por todos os cantos... fui trabalhar para aquelas barracas, os *BOQ* (edifícios para alojamento de militares comissionados), fazer camas, aquilo foi no tempo da guerra do Vietname, isso era pessoal aos “montes”... mas a “gente” o que fazia quando chegava um Bus com os passageiros, e a “gente” ia ao pé do *Bus* buscar as malas, e subia aquelas escadas, tinha 2 andares. Cada *BOQ* tinha 300 e tal quartos...eles faziam o *check in* e levávamo-los aos quartos. Aquilo depois um dava meia dólar, outro um quarto de dólar... a gorjetazinha dava jeito, depois íamos comprar umas cervejas, lá vinha mais uma gorjetazinha, depois metia-se roupa a lavar, eles davam mais uma gorjeta e assim é que se ganhava mais uns dinheirinhos... eu saía de casa com dinheiro para a urbana e chegava a casa com dinheiro para comprar um leitão (risos).

Eles vinham ali só para pernoitar, estar ali acomodados... e iam comer ao NCO Clube.

Ganhei então mais um dinheirinho... ficou mais fácil, até para se criar os pequenos...

Mas eu gostei de trabalhar para eles... e dava-me bem com eles...

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Sabe uma coisa? Aquilo, ainda me lembra da Serra de Santiago e de Santa Rita de ir pequenos com baldinhos pedir comida, sobras para levar para casa, estás a perceber? Os americanos não havia autorização para entrar pessoas lá dentro a pedir, então eles vinham cá para fora ajudar... os americanos, as mulheres que iam trabalhar para casa dos americanos, essas, sim! Essas depois iam aproveitando aquilo que eles não queriam, e essas coisas todas e tornou-se casas de abundância com aquilo que eles ajudaram a essas mulheres...

Eles pelo Natal, davam uns “candins” (corruptela de *Candy*), os pequenos iam lá dentro buscar uns saquinhos, era umas meias chegas de “candins” ...

Havia umas festas para as famílias dos trabalhadores... e mandavam coisas para os velhinhos, para os orfanatos... para ajudar aquela “gente”. Quando era uma coisinha da Base toda a “gente” gostava...

E a lixeira da Caldeira! Aquilo matou a fome a muita “gente”! As pessoas iam lá buscar as coisas à lixeira, alguns para comer e outros até vendiam e ganhavam dinheiro com as coisas dos americanos. Naquele tempo, tudo se aproveitava, ninguém tinha nada, tudo se aproveitava, era garrafas, era latas, era verga, era tudo, a “gente” dava utilidade a tudo... umas coisas davam para vender cá fora e ganhava-se um dinheirinho, ajudava muita “gente”... e os americanos metiam comida ainda boa, para se comer... muita “gente” ia lá buscar comida para matar a fominha aos pequenos...

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Eu lembro-me, isso foi em 62 no dia 8 de dezembro, se não me engano, houve umas cheias na Agualva, a ribeira veio acima, eu tive ficando na ribeira, tive de a atravessar de cavalo... aquela ribeira veio alta, e levou casas e tudo... morreu uma família inteira, eu até me arrepiei todo, quando vi aquela desgraça toda na Agualva... e lembro-me dos americanos estarem lá a ajudar, ajudaram a construir as casas, dar recheio para as

casas... eles então foram todos logo para cima, eles botavam-se logo ajudar quando havia essas desgraças, eles iam ajudar as pessoas...

Toda a “gente” queria ir trabalhar para a Base, ficou toda a “gente” beneficiada.

5- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Olha eu só tenho boas recordações, olha eu saí de lá recebi um diploma bem classificado... com a bandeira portuguesa e a bandeira americana... eles nunca me ficaram a dever um escudo, tudo o que trabalhei eles pagaram e pagaram bem (risos)...

Mas o melhor, era quando era pequenino. E eles iam levar aquelas caixinhas às escolas, ah rico tempo! As caixinhas traziam uns rebuçadinhos, eram então saborosos, aquilo não dava era para nada que a “gente” comia tudo de uma vez (risos)... trazia uns lápis, umas piorrinhas, umas coisinhas, que a “gente” não tinha!

Quando eles passavam, a canalha era toda a correr a grita “Ei! Jo gama! Ei! Jo Gama” (corruptela de *Ei Joe give me a gum*) para eles atirarem aquelas gamas (*Gum*)...

E as menos boas?

Não, não tenho!

6- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Mais abundância, mais trabalho... isto era uma miséria, era tudo poupadinho...

E desvantagens?

Não vejo nada...

Parte II– Casamentos

7- Tem conhecimento se houve casamentos entre jovens terceirenses e norte-americanos? E eram mais do sexo feminino do que masculino, certo?

Ah houve então, bastantes (risos). Os americanos preferiam então raparigas (risos)... era mais as raparigas que casavam com os americanos...

8- Consegue-nos descrever algum caso que tenha conhecimento?

Eles levaram mulheres daqui para fora que foi um disparate...

Conheci uma que, olha conheceu um americano e às 2 por 3, já estava a morar com ele e toca a andar para a América...

Isso namorava-se e pronto... era como a “gente”, namoravam, gostavam um do outro e depois era casar, mas depois iam com os seus maridos para América, eles iam trabalhar para outras Bases...

E em que ano, mais ou menos, é que acha que este casamento aconteceu?

Foi pouco depois de ir para a Base (1968), pois antes eu não sabia nada destas coisas, era a lavoura e as vaquinhas e pronto...

9- Como é que as jovens terceirenses conheciam os seus noivos norte-americanos?

Eles andavam pelo caminho! (risos) Muitos deles moravam cá fora e acabavam por conhecer raparigas. Havia a estrada 25 de abril que aquilo por ali abaixo, eram só americanos...

Eles não percebiam nada, mas eles lá se entendiam...

10- Havia locais e/ou eventos em que jovens terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes, pudessem conviver/conhecer-se socialmente?

Olha elas iam atrás dos seus interesses (risos)... havia as festas nas nossas freguesias... havia umas festas na Praia, bailes e eles depois tomavam conhecimento e andavam ali uns tempos, casavam por civil e depois iam para a América.

11- E o namoro? Como era o namoro? Era longo, seguindo os padrões culturais da época (por exemplo, namoro à janela, noivado...)?

Oh isso, nada disso... isso era pessoal muito despachado (risos)... era juntar (coabitar) e andar...

Nalgum tempo, no tempo de Salazar, havia muitas casas de raparigas, casas fechadas (casas de prostituição), e vinha muita rapariga para aquelas casas, os americanos iam a essas casas e casaram com muitas destas raparigas... Eles tiraram muita rapariga destas casas! Eles também casaram com raparigas aqui das freguesias, mas não foi então tantas como as que foram destas casas...

12- Que razões aponta para a realização de um casamento entre jovens terceirenses e norte-americanos?

Aquilo era para se ver livres daquela vida, aquilo era uma vida triste, sofrer homens bêbados, serem maltratadas... era para fugir aquela vida. Aparecia um americano: “Vamos embora para América” e elas andavam logo (risos)...

13- Acha que o desejo de emigrar e ter uma vida melhor terá motivado alguma das jovens que casaram com americanos? Porquê?

Pois elas queriam era sair daqui para fora... elas queriam era ir para a América... era um passaporte...

14- Tem algum familiar que tenha casado com norte-americanos, sediados na Base das Lajes? Sim___ Não X.

15- Conhece algum caso de uma jovem terceirense casada com um americano das Lajes que tenha regressado à ilha?

Elas foram para a América e outras voltaram para cá quando eles entravam na reforma, conheci algumas.

Que motivos terão tido as jovens terceirense ou o casal para regressar?

Pois vieram para aqui porque já estavam na reforma e isso aqui é uma terra calma.

Isto aqui é um meio sossegado. Mas depois a “gente” vê-los daqui a uns anos, e acabam por se ir embora... acho que não se aguentam muito tempo cá... depois ficam os filhos lá e aquilo dá a saúde e vamos se embora, tudo para trás...

16- Conhece algum caso em que o casal tenha ficado a residir na ilha Terceira? Ou todas as terceirenses emigraram na companhia dos maridos?

Cá! Nada! Isto ia tudo para a América!

17- Os casais tiveram filhos? E acha que os filhos têm alguma ligação ou interesse pelos Açores? Costumam visitar os Açores?

Sim, alguns até nasceram cá... Não me parece... algumas delas nunca mais quiseram vir sequer cá, e outras hão de ter vindo cá para os filhos conhecerem a terra das suas mães...

18- Consegue-me dizer quantos casamentos terão ocorrido entre terceirenses e americanos da Base? E mais ou menos em que ano terão ocorrido (entre 1946 e 1974)?

Oh! Isso foi um número jeitoso... isso foi desde que chegaram...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista XII

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Paula **Sexo:** M ☐ F ☒ **Idade:** 77 **Escolaridade:** 4ª Classe

Profissão: Reformada **Naturalidade:** Praia da Vitória .

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de casamentos entre portugueses e norte-americanos e/ou familiares diretos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população terceirense?

Era muita abundância! A “gente” tinha muitos militares aqui na nossa Base, isso tudo a mexer com o nosso comércio, foi uma coisa muito séria.

2- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Muito, muito...

Como?

Eu sempre fui criada aqui nesta área, muito ligada a americanos, depois muitas amigas minhas casaram com americanos, parentes, primas... Quando se começou a falar inglês, era de morrer (risos), eles não percebiam a “gente” e a “gente” não os percebia a eles (risos)..., mas eles aprendiam também o português, mal dito, mas aprendiam... eu às vezes dizia vocês não tenham vergonha de falar mal porque eles também falam mal o português... eles lá se iam entendendo.

Eu vivi muito, tive muitas vivências com os americanos, aprendi muito com eles. Abri muito os olhos, eles quando chegaram a “gente” era uns desgraçadinhos sem saber nada (risos). Por isso é que sou assim toda para a frente, porque estou habituada ao desassossego dos americanos (risos)... vivi muitas coisas com eles... aprendi muito! A convivência ensinava muito, e a minha casa era uma porta aberta para toda a “gente”...

sempre tive americanos nesta casa, para dentro e para fora... isto é uma casa de história (risos)...

Eu dava-me muito com eles, trabalhei para eles... por isso tenho os olhos mais abertos, vejo pessoas da minha idade que não são assim como eu (risos) ... porque eles mostraram-me muita coisa, frequentei a casa deles, ia às festas deles... aprendi muito, mesmo a falar o inglês... e tudo!

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Bastante! Olha havia uma americana, ela não tinha filhos e adorava crianças, e ela era muito amiga de ajudar as crianças. Ela levava-as para a sua casa, fazia sopas, fazia comida, vesti-as, muito amiga de ajudar, muito, muito! Fazia as suas festas e convidava sempre a “gente”.

E quando eu estava na escola, que a Cruz Vermelha vinha trazer brinquedos e meias de Natal. A “gente” ponha-se todas com as nossas batas na escola, pequenas, todas à espera, a nossa árvore de Natal, as professoras, tudo à espera. E era uma alegria, porque nas caixinhas, ou nas “meinhas” tinha sempre o nome de quem tinha feito na América, trazia sempre os nomes das americanas que trabalhavam para a Cruz Vermelha, porque aquilo era através da Cruz Vermelha.

E as empregadas domésticas, o que elas (americanas) ajudavam essa “gente”! Era comida, era rouparia, era sapatos... era tudo quanto precisassem... e quando se iam embora (os americanos) davam tudo a elas, ficavam com as casas recheadas.

Os pequenos nos orfanatos, era festas para eles, era levar brinquedos, e cestas cheias de comida para aqueles pequenos... eles iam então muito aos orfanatos, ajudavam muito essas instituições...

E mesmo aquela “gente” lá de cima, de Santa Rita, do Bairro da Lata, era tanto... não podiam ver um pequeno na rua descalço que já não faltava mais nada aquela “gente”!

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Pois então não? Eles ajudaram muito aqui ao Hospital da Praia, era camas, era macas, foi a luz da doca, nunca faltava a luz no Hospital...

Se havia uma desgraça, aqui de roda, a bombaria da Base era a primeira a chegar! Eles iam ajudar as pessoas, davam coisas para as casas, quando perdiam tudo, se pagava lume a uma casa, eles vinham logo com o recheio todo para a casa... foi em tudo quanto podiam, eles iam...

5- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Foi tudo muito bom! Olha as minhas amigas americanas... sinto muitas saudades da minha prima que casou com um americano. Às vezes penso no americano que queria casar com a minha irmã..., mas lembro-me dele. Tenho saudades das minhas amigas americanas, tinha umas que era como irmãs, dá-me muitas saudades delas, penso muitas vezes delas. Pelos nossos anos, ela (americana) mandava sempre os parabéns à “gente”, nunca se esqueceu da “gente”, era muito meiguinha. Gostava muito dela!

Havia uma outra, morava aqui perto da “gente”, ela era enfermeira americana na Base, ela tinha um caszinho de filhos. Ela gostava muito da Terceira, gostava muito de voltar um dia para cá. Ele uma vez veio cá, agora ela nunca mais a vi, ela nunca mais veio. Gostava muito deles...

E as menos boas?

Não tenho, só tenho a dizer bem daquela “gente”.

6- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Os americanos andavam nessa Praia, para cima e para baixo, compravam as coisas cá fora, isso mexia com essa Praia toda... deram muito de ganhar aos nossos comerciantes!

E depois os ricos da nossa ilha, deram em fazer casas para alugar aos americanos, já não queriam alugar aos portugueses. Os americanos davam muito dinheiro, era para americanos, todos queriam era alugar aos americanos.

Era tudo a ver onde é que havia de fazer dinheiro com os americanos, eles tinham muito, e a “gente” não tinha nada, então andávamos sempre a ver como é que podíamos fazer dinheiro (risos). E eles davam boas gorjetas, ao que fosse que a “gente” fizesse.

E desvantagens?

Só vejo coisas boas para a nossa ilha. Só fizeram bem à nossa “gente”.

Parte II – Casamentos

7- Tem conhecimento se houve casamentos entre jovens terceirenses e norte-americanos? Eram mais do sexo feminino do que masculino, certo?

Aí! Tantos! (risos) Não, era raparigas com americanas. Acho que chegou a haver rapazes, mas muito pouco e talvez nos anos mais para a frente. No princípio só vinha homens.

Eu conheci muitas pequenas que casaram com os americanos, que os namoravam e depois iam para a América, eu conhecia bem...

Eles casavam com elas, e algumas até já com filhos e eles perfilhavam os pequenos e tudo.

8- Consegue-nos descrever algum caso que tenha conhecimento e em que ano, aproximadamente, acha que ocorreu?

Olha uma prima minha, namorou um americano, ela até estava de casamento feito com um português, e americano começou aqui a andar de roda, porque isto aqui é o *Love Boat*, o *Love Boat* é a minha casa (risos). Ele começou a andar por aqui, para trás e para a frente e ela começou a ver o americano atrás dela, e ela dizia-me: “Olha tem aquele americano atrás de mim”, ele até era um rapaz perfeito (bem parecido), e a... “atrás de mim, mas eu estou de casamento feito”. Eu disse a ela: “Se eu fosse a ti, eu aproveitava era a americano” (risos). E ela vinha aqui para a minha janela namorar para baixo, falar com o americano... “foi andando, andando” e mandou o outro embora... Ela inquietou-se porque estava de casamento feito... Ele (português) foi dizer ao meu tio que lhe tinha feito mal (prima) e que ela o tinha deixado para casar com o americano... Mas ela casou com ele (americano) aqui e ainda lhe nasceu dois pequenos aqui na Terceira, e depois então é que se foi embora e teve então os outros pequenos na América. Já está há muitos anos para a América.

A senhora sabe em que ano é que isso aconteceu?

Ela deve estar para a América aí há uns 55 ou 56 anos (1964 ou 1965). Ela foi para Mississippi, ele era da Força Aérea, e ela então dizia: “Ah mulher, a gente quando ia a casa da minha mãe que a retrete era no quintal e a gente tinha tanta vergonha dele entrar e ver os nossos cómodos. Ah mulher quando eu vim para Mississippi para casa da família dele, era uma retrete à mesma, só que era volante, quando estava cheio, mudava

de lugar, outra retrete (risos), ainda é pior que as nossas”. Tanta vergonha que ela passava e afinal foi pior do que aqui (risos) Há que anos que ela está para a América!

E a minha irmã mais moça, casou com um americano, a minha irmã tinha 17 anos. Também namorou com um americano, era um rapazinho novo, andava por aí. E então ele dizia “Ela é linda, ela é linda! Eu amo-a... *I love you*” (risos) e ela ficou desassossegada, ela era novinha, mas era muito namoradeira! Olha casou com ele, ele foi mandado para outra Base, olha ela novinha, sem ninguém, ela casou aqui na Praia. Depois ela foi com ele, coitadinha, depois teve muitos anos lá. Ele era assim, tipo *cowboy*, atravessaram quase a América de carro, os aventureiros (risos), e foi morar para casa do sogro, ela nunca se entendeu lá muito bem com aquela “gente”. Pois o pai é que mandava neles todos, o homem dizia sempre que sim... A minha mãe chegou a ir lá à América e teve em casa dela, e viu bem que aquilo não estava para grande coisa. Um dia ela disse a ele que se queria ir embora, não queria estar mais ali, com a família toda...ela deixou-o, mas ele nunca lhe quis dar o divórcio, eles eram casados pela igreja, e ele era muito católico, nunca lhe quis dar o divórcio..., mas ela coitadinha estava a penar. Ele um dia teve um acidente, e acabou por morrer, ela ficou viúva, porque ele nunca lhe deu o divórcio. Ela tinha direito ao seguro da morte dele e à pensão, o sogro aldrabou aquilo tudo, negou tudo, fez papeis falsos... e ela só teve direito a 1000 dólares e nunca foi considerada viúva. E ele nunca lhe deu o divórcio.

Acabou por vir para cá, mas depois voltou para a América, já casou e teve uma filha. A pequena até já está casada. Mas ela penou muito, a minha irmã penou muito, então!

Mas então amigas minhas, foi coisa séria. Tive uma outra, era nossa vizinha, novinha, casou também com um americano. O americano era muito bom rapaz, mas ela era uma estupora. Trabalhou tanto para os americanos, casou ficou uma tola, mamona sem pachorra para fazer nada. Teve 4 filhos. Vinha tudo até à minha casa (risos). Um dia vieram da América, para dormir aqui até não ter casa na Base, *Love Boat* (risos), inquietei-me com as pequenas bebês, os biberões, ele sempre cheio de fome (risos) que ela não fazia nada!

Ela depois arranjou uma casa aqui na Praia, e eu fazia costura também para ela... chegava a casa o homem para comer e perguntava “*Honey*” o que é que temos para comer? - “*Sandwich*”; “*Tuna fish sandwich*”. E ele disse: “*Again!*” Outra vez, “*Tuna fish sandwich!*” (risos)... aquilo penava tanto, ela vivia num quatinho com duas tias,

num quartinho que era menos que isso, viam-se naquelas abundâncias e naquilo tudo, não sabiam agradecer a Nosso Senhor, o bem que os rapazes coitadinhos lhes faziam...

A minha casa foi o acolhimento disso tudo (risos)... Eu ainda fui madrinha de casamentos com americanos, mais do que um (risos)...

Aí! Ainda tenho mais uma prima minha, mais antiga ainda, casado com um americano (risos). Casou, ele era francês, estava na América, mas era francês, era militar e veio para a Base. Olha ele morreu com 90 e tal anos. Isso já foi há tanto ano! Essa minha prima tem 80 anos e ainda hoje está na América. O filho deles, veio para a tropa para a Terceira, para a Base, era sargento na bombaria americana. Olha eu era a sua segunda mãe... ele dizia que eu era: *"you are my second mother"*. Ele vinha a minha casa comer, então eu fazia-lhe sopa de couves que ele gostava muito. "Tupperwares" (caixas plásticas) para a Base (com a sopa) que era para almoçar. Vinha cá quase todos os dias... queria namorar a minha filha por força (risos)... eu ajudei-lhe tanto, que ele coitadinho dizia sempre que eu era a sua mãe!

Ele estive cá há 2 anos, com a mulher e os filhos. Ele nasceu cá. Depois é que foi para a América com os pais. Mas ele tem uma paixão pela nossa terra... as irmãs dele é que já nasceram na América.

Quando essa minha prima namorou com o americano, ela morava ao pé da minha casa, era uma abundância. Então eu e a irmã dela, pequeninas, a "gente" consolava-se as duas, furtávamos os chocolates, as pipocas e as coisas que ele trazia.... Depois ela casou com ele e foram viver para casa da mãe dela, até não se irem embora. Ah muito que a "gente" se consolava com aquelas coisas todas americanas (risos)... ele "acartava" (trazia) disparates, e a "gente" furtava (risos)... Ah! Ricos tempos...

9- Como é que as jovens terceirenses conheciam os seus noivos norte-americanos?

Era nas festas que havia, nos bailes... eles andavam aqui no meio da "gente"...

Essa minha casa foi um *"Love Boat"* (risos), às vezes elas vinham para aqui falar com eles. E eu deixava elas falarem que eu não me importava e deixava falar...

10- Havia locais e/ou eventos em que jovens terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes, pudessem conviver/conhecer-se socialmente?

Havia os bailes: nos Brancos, nos Encarnados, nas esplanadas, bailes nos clubes, e os *"come on's"* (americanos) vinham todos para a esplanada, consolavam-se com os seus *"drinkzinhos"* (drink), consolavam-se (risos). E as raparigas dançavam com eles.

Eles apaixonavam-se com facilidade! Mas também havia muita excomungada que casava com eles e depois pregava-lhe os “cornos”, a torto e a direito (risos), também era um pecado.

11- E o namoro? Como era o namoro? Era longo, seguindo os padrões culturais da época (por exemplo, namoro à janela, noivado...)?

Cá janela nenhuma! (risos) Os “*come on's*” (americanos) à janela? Cá nada!

Eles vinham com os seus carros para aí, e elas saltavam para os carros e davam as suas voltas, ou entravam para casa e falavam com elas, comiam com a família, eles adaptavam-se muito bem à “gente”. Naquele tempo era uma desgraça, os pais não se importavam. Eles não sabiam falar inglês, como é que eles iam falar de janela? Depois achavam que era uma grande sorte para as filhas casar com um americano, e depois achavam tudo bom. E depois eles (americanos) traziam, traziam bombons, e cerveja e gelados... para as famílias. E ficava tudo, não era “comprado”, mas ficavam encantados com a abundância. Porque o principal disto tudo, era a fome, a necessidade. Os que tinham “palheta” (dinheiro), as raparigas não queriam os americanos... muitas, muitas pequenas saíram desta terra...

E muitos emigravam por familiares chamarem, elas estavam uns anos na América, e acabavam por chamar as famílias... continuava a ligação através dos americanos. Era também uma maneira de ajudar. Se a minha filha casar com um americano, a “gente” vai todos para a América... muitos, muitos emigraram assim...

12- Que razões aponta para a realização de um casamento entre jovens terceirenses e norte-americanos?

Acabava, esses casamentos, por ser uma continuação para as famílias que ficavam cá. Iam à procura de uma vida melhor e acabavam por levar a família toda mais tarde. Eram as Cartas de chamada para a família toda. Porque elas depois eram americanas, por casamento, mas era como se fossem americanas.

Eram pobres e era uma maneira de melhorar a vida e a da família.

13- Então, acha que o desejo de emigrar e ter uma vida melhor terá sido o principal motivo destes casamentos?

Toda a “gente” queria emigrar.

Porquê?

Porque a vida aqui era muito difícil, era muita fome, muita pobreza... e quantos tiraram mulheres da vida. Isso aqui havia muita casa de “putedo”, era às “filas”, os americanos faziam fila (risos). Mas casaram com muitas destas mulheres, era uma salvação para elas... tiravam-nas da vida... era uma vida melhor, casar com um americano.

Havia uma na canada da areia, que recebi muitos dos que vinham nos barcos, e eles (norte-americanos) metiam-se lá em casa dela. O pai era vivo e a mãe era viva, mas davam um jeitinho, saiam pela porta de trás para a filha entrar pela porta da frente. E um dia, veio um destes de bordo, mas havia alguns que já sabiam alguma coisa de português, e modo que estava com ela e vira-se para ela e dizia a ela: “Tu sentes, tu sentes” e ela dizia: “Não! Eu quero é “two” dólares” (risos). Mas era uma coisa séria, os pais até davam o jeitinho a ver se as filhas tinham sorte, uma tristeza!

Aqui mais acima havia também uma, a “gente” via de manhã eles a saírem de lá...

Era uma abundância em todos os sentidos! (risos)

14- Tem algum familiar que tenha casado com norte-americanos, sediados na Base das Lajes? Sim X Não _____

Qual o parentesco: 2 irmãs e 1 primas

Que idade tinha quando casou? A minha irmã tinha 17, a outra tinha 18 e a minha prima também havia de ser pelos seus 18.

Em que ano casaram: minha irmã há de ter sido aí em 60’s e poucos que ela ainda ficou cá uns tempos, a outra foi mais tarde, a mais moça, talvez finais de 60 e minha prima foi mais ou menos a mesma coisa. Não me lembro bem os anos.

15- Conhece algum caso de uma jovem terceirense casada com um americano das Lajes que tenha regressado à ilha? Que motivos terão tido as jovens terceirense ou o casal para regressar?

Pois a minha irmã acabou por vir para aqui uns anos, mas depois acabou por se ir embora. Mas não, por elas principalmente. Havia muitos militares americanos que gostavam muito de vir para cá.

Depois de passarem à vida civil conhecia uns que vieram, ele era militar, era oficial, e ela era de S. Miguel, tiveram muitos anos na América, depois foram para a Alemanha, a saltar de Base em Base, regressaram para a Terceira, compraram uma casa cá. Os pequenos dela cresceram aqui, porque na Base havia tudo, havia escola, universidades,

havia tudo... então vieram para cá, estiveram cá uns anos ela, ele já era civil, arranjaram uma mulher para limpar a casa, ela meteu-se com ele. Olha acabou por se ir embora, os filhos estavam lá fora na América e ele ficou cá com a outra. Mas acho que acabaram por ir para a América, também...

16- Conhece algum caso em que o casal tenha ficado a residir na ilha Terceira? Ou todas as terceirenses emigraram na companhia dos maridos?

Não, a minha prima vem muitas vezes cá à Terceira, mas é só de visita. Ficar aqui então não ficou nenhum! Era acabar as comissões deles e irem embora. Às vezes quando elas os namoravam, já estavam perto de acabar (a comissão). Havia outros que pediam para ficar mais tempo... Até mesmo os próprios casais americanos tinham sempre, gostavam de ficar aqui, acabavam por pedir sempre para ficar mais tempo. Até os militares americanos gostavam muito de vir aqui de visita! Veio aqui um casal, ele foi comandante aqui da Base, que ainda vem cá, um senhor de idade, 80 e tal anos, ainda vem cá, lá uma vez por outra, vem aqui para o Hotel, ver os seus antigos amigos, já há poucos, mas ele ainda vem cá vê-los! Portugueses que eram amigos deles. Depois havia as amizades, havia o dar “jeitos”, havia as direções deles para mandar as encomendas da América para cá, através dos americanos era caixotes, não vinha barris, porque tinha limite de peso. Eu cheguei a receber “montes” deles, arranjavam a direção deles, depois a “gente” convidava-os para um jantar..., mas eles eram serviçais!

17- Os casais tiveram filhos?

Ah sim, muitos nasceram cá, no Hospital americano.

Os filhos têm alguma ligação ou interesse pelos Açores? Costumam visitar os Açores?

Alguns tem, aqueles que foram criados cá, tem aquela coisa de serem um bocadinho de cá. Na Base havia tudo, muitos fizeram escola cá, fizeram amigos e gostavam de estar cá. E há aquele que esteve cá e foi embora, mas que era americano, já tinha nascido na América e depois voltaram para cá, que tem sempre aquela paixão pela ilha Terceira, gostam sempre de vir cá.

18- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de casamentos que terão ocorrido entre terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes? E mais ou menos em que ano terão ocorrido (entre 1946 e 1974)?

Ah filha! Não tem “tafulho” (muitos)! A ilha toda, de fora da ilha, do Faial, da Graciosa, daqui, dali... dos Açores todos...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista XIII

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Eduarda **Sexo:** M F X **Idade:** 65 **Escolaridade** 4ª
Classe **Profissão:** Doméstica **Naturalidade:** Praia da Vitória

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de casamentos entre portugueses e norte-americanos e/ou familiares diretos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população terceirense?

Desenvolveu muito a ilha. Trouxe muito emprego... isso fez um bem à nossa economia! Isso era só americanos nessas ruas da Praia. Mexia com o comércio, eles compravam muito fora da Base, iam aos restaurantes, bares, cafés... trouxe muito desenvolvimento para a nossa ilha. Evoluiu muito...

2- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

A minha e a de toda a “gente”.

Como?

Trabalhei para as americanas muitos anos, e elas ajudavam muito à “gente”... elas eram muito boazinhas, davam-nos coisas para os pequenos, era quase como se fôssemos família. Ainda hoje sou amiga de algumas... e ajudei a criar muito pequeno americano...

O que eu trazia das americanas ajudou muito à “gente”. A minha vida até era mais ou menos, o meu homem tinha o seu trabalho e ganhava bem, mas fui trabalhar para ajudar em casa, tínhamos os pequenos para criar, casa para pagar... e ganhava-se bem na Base, elas pagavam bem e eram amigas de ajudar, de dar... aí roupa que deram para os meus filhos! Comida, roupa, tanta coisa... ajudava muito.

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Eles ajudavam muito aos pequenos dos orfanatos e daqui de cima... lembro-me de irmos a umas festas que eles faziam no hangar, vinha esses pequenos, eles iam buscá-los e a “gente” também ia... tinha o Pai Natal, muita comida, muita prenda... aquilo era uma alegria para a “gente”.

As pessoas que trabalhavam na Base, eles também ajudavam muito, principalmente às criadas, elas vinham cheias para casa, era comida, era roupa, era tanta coisa... e isso ajudava a criar os pequenos... os restos, eles quando não queriam alguma coisa davam...

Lembro-me dos clubes das mulheres (americanas), elas é que preparavam essas coisas e depois iam pelas freguesias distribuir às pessoas mais pobres das freguesias... iam visitar os velhinhos... eu lembro-me...

Eles ajudavam muito! Muito, muito... mesmo...

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Pois... quando alguém precisava ajuda eles iam ajudar... eles tinham lá dentro de tudo, era bombeiros, era hospital, era os próprios militares... ajudavam com tudo quanto fosse preciso.

5- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

São tantas... principalmente de quando era pequenina... aquelas festas, aquelas luzes, a “gente” não tinha nada disso... aquelas árvores de natal muito grandes, tudo enfeitado... A canalha toda a brincar, a correr, depois chegava o Pai Natal, aquilo consolava!

Lembro-me também da entradageral, ia a ilha inteira nesse dia para a Base, tinha aqueles jogos, era tão divertido. Da nossa casa íamos todos, era jogos, era comida, aqueles cachorros espetados num pauzinho... chocolates... e os aviões a fazerem aquelas coisas no céu... a “gente” chegava a casa quase que não dormia... (risos)

Ah! E tinha as “caixinhas”, não sei se sabes o que é? No Natal, os americanos iam pelas escolas, mas então era para as escolas todas, eles iam para Angra e vinham para a Praia, passavam pelas escolas todas, a deixar umas caixinhas assim deste tamanho (exemplifica com as mãos o tamanho da caixa). E trazia uns brinquedos lá dentro... às

vezes uns tinham mais sorte que outros (risos), mas era sempre coisas que a “gente” não tinha, era: borrachas, lápis, brinquedos, berlindes, sei lá... vinha tanta coisinha naquelas “caixinhas” ...

E no tempo que trabalhei para as americanas, também eram bons tempos, eram pessoas amigas, lembro-me bem delas e daquelas pequenas, a “gente” depois toma amizade a eles, porque eles eram bons para a “gente”.

E as menos boas?

Não me lembro de nada, assim... não tenho nada que me queixar deles. A mim eles só me ajudaram...

6- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Foi a economia dessa ilha, levou toda um empurrão (risos). E os trabalhos... muita “gente” foi trabalhar para a Base, e quem trabalhava na Base tinha uma vida mais à larga...

E desvantagens?

Para mim, não teve... pode ter tido para outras pessoas, mas essas são pessoas que não trabalharam com eles, que não conviveram com eles. Eram boas pessoas...

Parte II – Casamentos

7- Tem conhecimento se houve casamentos entre jovens terceirenses e norte-americanos? Eram mais do sexo feminino do que masculino, certo?

Sim, aí tantas! Era as raparigas. Rapazes não me lembro de se ouvir sequer...

8- Consegue-nos descrever algum caso que tenha conhecimento?

Eu conheci uma aqui ao pé da minha porta, já há muitos anos, ela, pronto, era uma mulher da vida, ainda está na América, essa, mas já é então muito velhinha, eu era pequenina, mas lembro-me bem. Ela já tinha um filho seu... e ao fim de anos ela arranjou um americano muito perfeito, até parece que o estou a ver na minha frente, era um homem alto, muito perfeito. Olha ele acabou em casa dela assim, muito mansinho (risos)... ele é que fazia tudo em casa! E ela não tinha graça nenhuma (risos), até para a pia, ele é que ia lavar a roupa... nada, nada. Ela “chupava-lhe” tudo o que ele tinha... Mas ele depois foi para a América, tinha acabado o tempo de estar aqui. Mas antes de se

ir embora, ele casou, aqui, com ela, aqui na Igreja de Santa Rita. E ela casou vestida de noiva, e com flor de laranjeira! (risos) Pura! Pura!

Eles depois ela foi ter com ele, e ainda hoje estão na América... não sei então como é que as coisas correram por lá, mas sei que essa “tia” ainda é viva.

Eu tenho uma amiga minha, mais velha que eu, a mãe dela era do Faial e foi uma mulher que andou para aí com muitos homens, mas foi uma pessoa que respeitávamos, mesmo quando ia a casa da minha mãe, e tudo. E ela saía de noite, para ir dar os seus “pontos para fora” (prostituição), e ela tinha um casal de filhos e ela pedia a minha mãe para ficar com os pequenos... ela era o que era, mas não queria que nada acontecesse aos pequenos... de maneira nenhuma. Depois a filha casou com um americano e ainda hoje está casada com o mesmo americano e ela quando casou, os meus pais foram os padrinhos do casamento dela.

Também teve pequenas boas que saíram daqui, não foi então só mulheres da vida, mas que os americanos fizeram uma limpeza a esta terra, fizeram (risos), levaram muita mulher da vida, eles não faziam caso destas coisas, a “gente” é que era uns atrasadinhos (risos).

E em que ano, aproximadamente, acha que ocorreram esses casos que conhece?

Pois isso eu não sei bem certo, eu era pequenina, nasci em 55, eu era pequenina, talvez com os meus 8, 9 anos (1963,1964) ... não sei bem, mas lembro-me tanto bem. Até parece que estou a ver a cara do americano, alto, perfeito.

Já a minha amiga, foi mais tarde, eramos já umas mocinhas, talvez nos fins dos anos 60, princípios de 70, para aí, havíamos de estar já com os nossos 15, 16 anos, ela era mais velha que eu... deve ser para aí.

9- Como é que as jovens terceirenses conheciam os seus noivos norte-americanos?

Elas iam para as festas na Base e mesmo cá fora, havia Bailes mesmo em Santa Rita, e os americanos iam e acabavam por conhecê-las por lá... havia de ser para aí onde eles as haviam de conhecer...

10- Havia locais e/ou eventos em que jovens terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes, pudessem conviver/conhecer-se socialmente?

Havia. Certamente... Os Brancos! Cheguei a ir aos Brancos dançar e para a esplanada e aquilo eram só americanos lá... consolei-me...

11- E o namoro? Como era o namoro? Era longo, seguindo os padrões culturais da época (por exemplo, namoro à janela, noivado...)?

Agora cá (risos)! Aquilo quando elas arranjavam um americano aquilo era logo “cercar para dentro” (prender) (risos)... levavam logo para casa. Um americano tinha tanta fama de ter tantos dólares que elas não os queriam deixar escapar! Até os pais “cercavam para dentro” (prendiam) para ver se as filhas iam para a América... se fosse um desgraçado de um português ficava na janela como um lindo (risos).

12- Que razões aponta para a realização de um casamento entre jovens terceirenses e norte-americanos?

Era um bom partido (risos). Muitas foi para sair daquelas vidas, eles tiraram muitas mulheres da vida! E depois os americanos tinham muitas dólares e elas iam atrás desta vida melhor.

13- Acha que o desejo de emigrar e ter uma vida melhor terá motivado alguma das jovens que casaram com americanos? Porquê?

Sem dúvida nenhuma! Naquele tempo, toda a “gente” queria ir para a América e aquilo era como um passaporte para ir para a América. E os pais até ajudavam, havia aqueles que pensavam que por as filhas casarem com os americanos, mais tarde também haviam de ir lá ter... e olha que depois foram muitos, famílias inteiras, porque depois elas faziam Cartas de Chamada para a família toda!

14- Tem algum familiar que tenha casado com norte-americanos, sediados na Base das Lajes? Sim ____ Não X .

15- Conhece algum caso de uma jovem terceirense casada com um americano das Lajes que tenha regressado à ilha? Que motivos terão tido as jovens terceirense ou o casal para regressar?

Elas vêm cá de vez em quando, mas é de visita. Isso foi tudo para a América. Algumas ainda vem cá, mas só mesmo de visita...

16- Conhece algum caso em que o casal tenha ficado a residir na ilha Terceira? Ou todas as terceirenses emigraram na companhia dos maridos?

Não, elas iam todas com eles, elas queriam era sair daqui para fora. Estavam tolas para ficar atrás (risos). Eles quando acabavam o tempo tinham mesmo de se ir embora e elas iam com eles...

17- Os casais tiveram filhos? Os filhos têm alguma ligação ou interesse pelos Açores? Costumam visitar os Açores?

Alguns destes pequenos nasceram cá! Eles às vezes vêm cá com as mães, conhecer a terra da sua mãe..., mas eles então são americanos...

18- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de casamentos que terão ocorrido entre terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes? E mais ou menos em que ano terão ocorrido (entre 1946 e 1974)?

Casou “bastantas”, então..., mas eu não faço ideia de um número. Eu conheço umas poucas... olha só de uma casa de 7 filhas, foi tudo com americanos, não tem uma casada com um português e as outras (6) casaram tudo com americanos, aqui da nossa Base! E o rapaz foi atrás das irmãs, uma delas fez Carta de Chamada ao rapaz e ele também está na América e casou lá fora... foram muitas!

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista XIV

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Mariana **Sexo:** M F X **Idade:** 80 **Escolaridade:** 4ª Classe
Profissão: Pensionista **Naturalidade:** Praia da Vitória .

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de casamentos entre portugueses e norte-americanos e/ou familiares diretos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população terceirense?

Eles deram muitos trabalhos... a vida fez logo diferença, ficou tudo melhor... começamos a ter mais coisas, a conhecer mais coisas, a conhecer coisas novas, era as comidas que nunca tínhamos visto nada daquilo...

Esta Praia enchia-se a americanos, eu saí da Agualva quando casei e vim para a Praia, e lembro-me da rua cheia de americanos, as lojas, os restaurantes... mexeram muito com a nossa ilha...

2- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Foi a de toda a “gente”.

Como?

O meu homem não trabalhava na Base, mas tínhamos uma vizinha que comprava as coisas para a “gente”... era a coca-cola, a manteiga, o queijo... era tudo... a “gente” acabava por também ter coisas da base... toda a “gente” tinha. Havia sempre alguém que trazia, coisas que só conhecíamos porque havia na Base, cá fora não havia nada daquelas coisas. E que coisas gostosas (risos)

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Aquela “gente” (americanos, fez muito! O que eles fizeram pela “gente”?... havia um senhor que dizia que nem sequer deviam receber indenizações, porque eles já tinham ajudado tanto!

Eles davam tanto a quem trabalhava na Base, trazia de tudo para casa, eram casas de abundância, não faltava nada... a “gente” tinha de tudo.

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Eles ajudavam muito aos seus trabalhadores, as mulheres que trabalhavam para as americanas, ganhavam bem, elas ajudaram muito essas famílias, davam roupas, comidas... elas então vinham bem arrematadas ... e ganhavam bem!

Lembro-me também quando houve as águas na Aqualva (cheias de 1962), que morreu aquela “gente” na ribeira, lembro-me dos americanos irem para lá ajudar, e ajudar com roupas, lençóis, louças... coisas para o recheio das casas, para as pessoas que ficaram sem teto... houve uma família que foi para a ponte ver as águas, a ribeira subiu tanto, naquelas pontes de madeira, e morreu aquela “gente” toda, foi uma desgraça, morreu a família toda!

5- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Nas escolas os americanos vinham com um carro “cheíssimo” de brinquedos, entregavam umas caixinhas pequeninas com tanta coisinha lá dentro... aquilo consolava. Era uma alegria!

Eles também distribuíam à porta da igreja, ao pé da igreja, eles levavam, mas aí já não tinha para toda a “gente”, e eu não era muito afortunada nessas coisas. Eu quando chegava já não tinha quase nada, ou não apanhava (risos).

Lembro-me de passarem na rua (americanos), naqueles carros muito grandes e a “gente”, canalha, dizia “Ei! Jo Gama!” (corruptela de “*Ei! Joe give me a gum!*”) (risos) e eles atiravam bombons pelas janelas dos carros. Era tudo a correr para apanhar (risos)...

E as menos boas?

... Não me lembro de nada ruim...

6- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Foi os trabalhos que eles deram na Base...

E desvantagens?

Eles só trouxeram coisas boas à nossa “gente”, não se devia dizer coisas que se diz para aí... eles é que meteram a mão à “gente” em tanta coisa!

Parte II – Casamentos

7- Tem conhecimento se houve casamentos entre jovens terceirenses e norte-americanos? Eram mais do sexo feminino do que masculino, certo?

Oh! Isso foi uma limpeza (risos), foi um “massame” (muitas) delas (risos). Só me lembro de raparigas... até pode ter tido homens, mas não me lembro.

8- Consegue-nos descrever algum caso que tenha conhecimento?

Lembro-me bem de uma rapariga que conheceu o americano e acabou por casar com ele. Eu penso que foi numa festa que ela foi, simpatizaram um com o outro e, pronto, acabaram casados.

E em que ano, mais ou menos, acha que eles casaram?

... Eu nasci em 40, eu era rapariga nova... isto há de ter sido em 50's, ainda nem sequer era casada, mas se era, era de muito pouco.

Lembro-me de uma outra, que nem sequer sabia falar português, quanto mais inglês, eles eram meus vizinhos. Eles brigavam “disparates” (muito), ele estava sempre bêbado. Ele batia-lhe, ela fugia... ela então não se melhorou nada... mas foi para a América com ele. Agora depois o que aconteceu lá fora, eu então não sei...

9- Como é que as jovens terceirenses conheciam os seus noivos norte-americanos?

Eles andavam mais pela Praia ... era talvez mais naqueles lugares da noite... Mas também me lembro de eles irem às nossas festas, aos toiros, eram sempre pegados (risos), e namoravam lá com muita rapariga

10- Havia locais e/ou eventos em que jovens terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes, pudessem conviver/conhecer-se socialmente?

Eles vinham dançar para aquelas festas no Praiense, nos Brancos... E era aí que conheciam as raparigas.

Olha, a “gente” aqui na rua, tínhamos uma casa de mulheres. Claro que os americanos vinham aí, e então quando eles recebiam a quinzena, vinha tudo para aquela casa. Era duas casas abaixo da minha. Aí meu Deus, o que a “gente” via ali!

Teve um dia, que um deles desconfiou que ela o enganava, foi pancadaria! ... A “gente” então não via as pancadas, mas ouvíamos os gritos. Eram umas desgraçadas! Aquela que teve a sorte de arranjar um bom homem para a tirar daquela vida, foi uma dita! Aquilo era uma tristeza muito grande!

11- E o namoro? Como era o namoro? Era longo, seguindo os padrões culturais da época (por exemplo, namoro à janela, noivado...)?

(risos) Lá nada! Agora cá... aquilo então era tudo à vontade e num instante! Aprendiam a falar inglês com eles... umas mais direitas outras mais tortas, mas eles entendiam-se... era um instante... era namorar, casar e andar...

12- Que razões aponta para a realização de um casamento entre jovens terceirenses e norte-americanos?

Elas julgavam nas suas cabeças que era para casarem ricas... muita pobreza, se casar com um americano vou ser rica..., mas também levaram muito bêbado com elas (risos).

13- Acha que o desejo de emigrar e ter uma vida melhor terá motivado alguma das jovens que casaram com americanos? Porquê?

Era para uma vida melhor, então! Elas queriam ir para a América. Era também para saírem daquela vida, daquela pobreza... Eles levaram muita mulher da vida, salvaram muita mulher daquela vida!

14- Tem algum familiar que tenha casado com norte-americanos, sediados na Base das Lajes? Sim ____ Não X.

15- Conhece algum caso de uma jovem terceirense casada com um americano das Lajes que tenha regressado à ilha? Que motivos terão tido as jovens terceirense ou o casal para regressar?

Lembro-me de umas que vieram cá, ainda casadas com os americanos e bem casadas!

Elas vinham de passeio, ou para vir ver a família que ficava atrás.

16- Conhece algum caso em que o casal tenha ficado a residir na ilha Terceira? Ou todas as terceirenses emigraram na companhia dos maridos?

Foi tudo para a América, era isso que elas queriam...

17- Os casais tiveram filhos?

Hão de ter tido...

Os filhos têm alguma ligação ou interesse pelos Açores? Costumam visitar os Açores?

Pois isso então não sei, mas não me parece, eles são americanos, não vem cá, se calhar nenhum sequer nasceu cá... não sei.

18- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de casamentos que terão ocorrido entre terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes? E mais ou menos em que ano terão ocorrido (entre 1946 e 1974)?

Ah! Foram muitas! Tanta rapariga que saiu desta terra para fora, casada com americanos! Tantas...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista XV

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Paulo **Sexo:** M X F **Idade:** 67 **Escolaridade:** 6º
ano **Profissão:** Reformado **Naturalidade:** Praia da Vitória

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de casamentos entre portugueses e norte-americanos e/ou familiares diretos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na Base das Lajes na população terceirense?

Deram trabalho a muita “gente”... a economia deu um salto nesta ilha... foi um desenvolvimento.

Veio “gente” de outras ilhas trabalhar para a Base, o Bairro da Lata, Santa Rita... era só “gente” de S. Miguel, Faial, Graciosa, S. Jorge... e a “gente” via por fora aquelas barracas, de chapa e madeira, mas por dentro, muitas delas eram um luxo, os homens trabalhavam na Base e “acartavam disparates” (traziam muito), as mulheres quase todas eram empregadas das americanas. Moravam em barracas porque não havia casas, porque estavam ali ao pé da Base, mas viviam melhor que muitos...

Muita “gente” que vivia no Bairro da Lata, vivam à custa da lixeira da Caldeira. Para aquela lixeira iam coisas muito boas! E dava para vender muita coisa, e ganhavam outro ordenado em cima.

Eles metiam as coisas para o lixo, as coisas dentro do prazo... coisas que ainda estavam boas... acabou por matar a fome a muita “gente”!

E a música, eles influenciaram muito os nossos gostos por música, por tipos de música... eu sempre fui doido por conjuntos (musicais), até toquei num... De todos os açorianos, a “gente” os terceirenses eram os que tinham sempre primeiro os discos. Quando saíam na América a “gente” aqui já tinha. Havia sempre um americano amigo que comprava (risos). Então os de S. Miguel e do Faial, não tinham nada... e “gente” aqui já conhecíamos o Jazz e eles lá nem sabiam isso o que era (risos)...

Lembro-me de os americanos trazerem artistas de fora para atuar na Base, bastantes que eles trouxeram... Eles trouxeram um ano um grupo de música *Country*, os americanos gostam muito de música *Country*, eu nunca na minha vida tinha ouvido nada daquilo (risos). Eles iam tocar no hangar “*Yankee*” não sei quantos (*Yankee Stadium*) ... e quando vinham esses grupos, a “gente” ia lá, a “gente” também ia ver... vi excelentes grupos e artistas lá dentro... Os últimos que vi já tinha a vedação, era preciso tipo um passe, uma autorização, mas a “gente” arranjava sempre uma maneira de “furar” e ir ver (risos), era num instante. Naquele tempo as coisas não eram como são hoje, que já ninguém pode ir à Base.

2- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Sim, pois foi, teve uns aspetos que foi bastante diferente.

Como?

A minha infância, eu tinha de tudo, era uma abundância. A “gente” tinha televisão em casa, os das outras ilhas sabiam lá o que era televisão sequer. A “gente” via as séries do *Bonança*... a “gente” ia à televisão. A estação era quem ia para a Serra de Santiago, e a “gente” ia lá pedir os programas para ver a que horas é que ia dar e o que é que ia dar... batíamos à porta a pedir, “Os programas?”, aquilo às vezes eles não percebiam bem, a “gente” a falar em português, mas a “gente” ia-se desenrascando que eles percebiam! (risos)

E a amizade, conheci muitos americanos, fazíamos muitos amigos... mesmo quando eramos pequeninos, a “gente” brincava juntos... e depois de adulto, convivi muito com americanos...

E comidas, hambúrgueres, coca-colas, chocolates... a “gente” aqui conheceu muitos produtos americanos antes das outras ilhas...

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Os americanos tinham a alma grande, eram amigos de ajudar. A “gente” se lhes fizesse alguma coisa... eles enchiam as nossas casas, vinham logo com prendas e tudo...

A maioria eram bons. Lembro-me de eles irem aos orfanatos. O que aquela “gente” “acartava” para aqueles pequenos! Ajudavam bastante, iam levar muitas coisas aos pequenos, especialmente quando era perto do Natal.

E eles iam buscar os pequenos, levavam os pequenos para a Base, para as festas, faziam as festas de Natal!

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Bastante! Então quando foi o sismo foi uma coisa séria.

E até ao 25 de abril? O senhor lembra-se como é que eles ajudavam a população?

Sim também quando houve algumas enchentes de algumas ribeiras, aqui no Cabo da Praia, Casa da Ribeira, houve uma altura que houve muitas enchentes... aí eles arregaçavam as mangas ali ao pé da “gente”, sem problema nenhum. Chegavam-se como se fosse “gente” deles. E davam depois disparates (muito) aos desalojados, havia “gente” que a água levava tudo da casa, e às vezes as casas, ficavam com a roupa no corpo, e eles davam de tudo, era o recheio para a casa, era roupa, comidas... tudo quanto fosse preciso, eles estavam sempre prontos para ajudar.

5- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Era aquela abundância, as coisas da minha infância... aquilo era uma abundância para a “gente”, eles nem sequer davam por isso.

Ah! Aquelas vizinhas e amigas que trabalhavam em casa dos americanos, os rapazes dos americanos, quando iam para a escola, a “gente” regra geral tinha férias e eles não tinham... assim pela Páscoa... e a “gente” ia lá de manhã, tinhas as bicicletas cá fora... as “tias” (profissionais de educação) lembravam a “gente”: “Vocês não se esqueçam, assim que for 4 horas, as bicicletas têm de estar aqui!” ... a “gente” andava na bicicleta dos americanos até às 4 (risos)... lá íamos estacionar as bicicletas à porta da escola (risos). E muitas vezes ainda davam umas sandes, à “gente”, para o intervalo. Aquelas “tias que trabalhavam na escola, muitas eram de S. Miguel, e elas eram muito boas para a “gente”. Eram muito boas com a “gente”.

E quando era o dia do “trica-trica” (corruptela de *Trick or Treat*) ... Oh! Aquilo era canalha! Eles vinham do Bairro da Lata, aquilo era uma loucura. Era as sacas cheias! Bater àquelas portas, os americanos enfeitavam tudo, fantasiavam-se e davam era de mão cheia! Eles não davam um “rabuçadinho” (rebuçado) como a “gente” dá, era de mão cheia! A “gente” ia a correr a casa despejar para ir buscar mais (risos)

E as menos boas?

Não me lembro de nada assim... tenho muito boas recordações... fui criado ao lado dos americanos, no meio deles...

6- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Foi sem dúvida a economia... foi um desenvolvimento para a ilha. Cresceu a olhos vistos.

E desvantagens?

Coisas boas... eles eram boas pessoas...

Parte II – Casamentos

7- Tem conhecimento se houve casamentos entre jovens terceirenses e norte-americanos? Eram mais do sexo feminino do que masculino, certo?

Tantas! Misericórdia! (risos)... Raparigas! Isso antes do 25 de abril, americanas mulheres eram poucas ou nenhuma... vinha era homens solteiros, ou então já vinham com as suas mulheres... com as suas famílias. E até com as famílias era mais os civis, professores, engenheiros... os militares eram quase sempre solteiros, estavam cá sozinhos... ou então algum capitão... algum mais velho...

8- Consegue-nos descrever algum caso que tenha conhecimento e em que ano, aproximadamente, acha que ocorreu?

Até uma prima minha...casou com um filho do patrão da mãe dela. A mãe dela trabalhava para as americanas.

Ela ia com a mãe trabalhar, para casa dos pais dele, ela ia ajudar minha tia, ia trabalhar com a minha tia... conheceram-se... ele parecia um bom rapazinho... olha apaixonaram-se a casaram (risos). E ela era uma linda rapariga... Eu até fui ao casamento dela!

E o senhor sabe mais ou menos em que ano é que isto aconteceu?

... 68, 69.

9- Como é que as jovens terceirenses conheciam os seus noivos norte-americanos?

Ah! Pois a maioria ia para os bailes para a Praia, iam para a Base, para o NCO, bem vestidas, todas giras... eles iam às touradas, e lá também haviam de conhecer as

raparigas, haviam de namorar por lá... Eles iam muito para as touradas, de vez enquanto um ia parar ao Hospital todo partido (risos)...

10- Havia locais e/ou eventos em que jovens terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes, pudessem conviver/conhecer-se socialmente?

Sim, sim...bailes por exemplo, nos Brancos da Praia, nos “Encarnados” (Praiense), a esplanada dos Brancos, a “gente” ia muito para ali. Havia bons conjuntos a tocar ali...

11- E o namoro? Como era o namoro? Era longo, seguindo os padrões culturais da época (por exemplo, namoro à janela, noivado...)?

Nada disso! (risos) Agora cá... aquilo era namorar, casar depressa e ala para a América (risos).

E os pais não se importavam de não ser um namoro dito normal para a época?

Cá nada! Tinha de se “cercar” (prender) aquilo para casa. Era um bom partido. Um americano! Deixa andar... diziam que era o futuro...

12- Que razões aponta para a realização de um casamento entre jovens terceirenses e norte-americanos?

A maioria, não todas, mas a maioria era para ir para a América. Isso aqui, naquele tempo, havia muita pobreza, e se casassem com um americano iam ter um futuro melhor, uma vida melhor... era para sair daqui para fora, isso era uma miséria viva.

E algumas era também uma maneira de ajudar os que ficavam atrás. Eles enquanto namoravam os americanos “acartavam poderes” (levavam muito) para casa da rapariga, fica uma casa cheia... e quando iam para a América, muitos foram atrás... elas depois podiam fazer Cartas de Chamada e mandavam buscar os pais, os irmãos, os primos e essa “massagada” (família) toda!

Também houve outras que se quiseram esquecer da sua família “cavaram” (saíram) daqui para fora e toca a apagar o seu passado...

13- Acha que o desejo de emigrar e ter uma vida melhor terá motivado alguma das jovens que casaram com americanos? Porquê?

Era, sem dúvida nenhuma! Os americanos levaram muita mulher, deram um futuro a muita mulher, ou elas pensavam que ia ser assim (risos)...

Muitas tiveram pouco tempo casadas, depois de chegar lá fora algumas iam à sua vida, arranjavam outro...isso era um passaporte para a América... E outras, ainda hoje estão casadas com eles...tiveram sorte, arranjaram bons maridos...

14- Tem algum familiar que tenha casado com norte-americanos, sediados na Base das Lajes? Sim X Não _____

Qual o parentesco: prima .

Que idade tinha quando casou? Eu acho que ela tinha 17 e eu tinha 14 .

Em que ano casaram: 1969 .

15- Conhece algum caso de uma jovem terceirense casada com um americano das Lajes que tenha regressado à ilha?

Não... eu acho que não. Essa “gente” depois de ir para América não queria mais vir para cá... não me recordo de nenhuma.

16- E conhece algum casal que tenha ficado a residir na ilha Terceira? Ou todas as terceirenses emigraram na companhia dos maridos?

Houve uma que casou, com um dinamarquês, ele esteve cá em serviço, mas ele era civil. Casaram, mas ficaram cá, ele até abriu um restaurante na Praia... Este homem, trabalhava para os americanos, num hangar onde fizeram o campo de Basebol, para o lado do Juncal, isto hoje já não existe nada disso, desmantelaram isso, penso que era de engenharia. Lembro-me de ver esse dinamarquês lá, porque a “gente” andava sempre ali de roda, a brincar... Ele tinha um carro, que a “gente” cobiçava aquele carro, era um *Ford Mustang* vermelho, aquilo era uma coisa linda! Tal carro! E a “gente” a andar a pé! (risos). Aquele dinamarquês casou com uma portuguesa e ficou cá..., mas depois foi embora, mas também já estava velho, ele ficou doente e foi para fora para se ir tratar... mas fez a sua vida cá...Sempre cá. Criou um negócio fora da Base e ficou por lá...

17- Os casais tiveram filhos? Os filhos têm alguma ligação ou interesse pelos Açores? Costumam visitar os Açores?

Nunca mais ouvi falar nada dessa “gente”... sei que houve pequenos que chegaram a nascer cá, no hospital americano, eles lá dentro até hospital tinham... agora virem cá, não sei... nunca mais vi ninguém dessa “gente”... A minha prima tem filhos, ela já veio cá de visita, mas acho que filhos nunca sequer vieram... não sei...

18- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de casamentos que terão ocorrido entre terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes? E mais ou menos em que ano terão ocorrido (entre 1946 e 1974)?

Epá! Não foi assim milhares, mas foi assim umas dezenas delas... 3 ou 4 dezenas, não deve ter sido muito mais que isso... e houve muitas que nem chegaram a casar, juntavam-se e iam-se embora...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista XVI

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Domingos **Sexo:** M X F **Idade:** 60 **Escolaridade:**
Secundário. **Profissão:** Reformado **Naturalidade:** Praia da Vitória

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de casamentos entre portugueses e norte-americanos e/ou familiares diretos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na base das Lajes na população terceirense?

Em tudo! Na maneira de estar, na maneira de vestir, na maneira de conviver, na maneira de festejar, em termos sociais, em termos culturais, em termos pedagógicos, em termos tecnológicos, eles trouxeram para a ilha Terceira técnicos de topo, a verdade é que ... se não fossem eles tardiamente é que teríamos uma pista de aviação como a que temos.... Como sabe tínhamos uma pista construída com chapinhas, do tempo dos ingleses... e depois é que os americanos asfaltaram aquilo...

As aerogares, inicialmente, o terminal americano, e posteriormente a marinha americana cedeu uma aerogare à aviação portuguesa, que pertencia à marinha americana...

E muito mais... a música, a influencia musical, o jazz... discos, carros, rádio, TV...tudo de forma transversal em termos sociais a nossa terra foi muito influenciada positivamente por eles: os bares, os cafés, os restaurantes... as comidas, o acesso ao chocolate, coisas que desconhecíamos por completo...

Isso dá pano para mangas... eu acho que nós portugueses, o problema de nós não termos mais coisas como resultado da influência da presença dos americanos da Base das Lajes, é porque os portugueses são muito pobres, mas muito soberbos... e nós podíamos ter muito mais...

2- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Claro que sim.

Como?

A primeira televisão que eu vi, foi a televisão da Base, na altura a preto e branco, a AFRTS (risos), a saudosa AFRTS, Chancel 8, (risos) muito inglês se aprendeu a ver televisão americana.

O meu padrinho, trabalhava na Base e ele tinha sempre ... e eu ia para casa dele ver televisão, o *Cartoon Carnival* que era o “Carnaval” de desenhos animados, era desenhos animados de manhã até ao meio-dia... fizeram inclusivamente, a angariação de fundos via televisão.

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Em termos de pessoas mais desfavorecidas obviamente que hoje há infantários e casas de acolhimento, mas naquele tempo não havia, para socorro de ninguém...

Naquele tempo, a primeira vez que essa “gente” via chocolates, via presentes e ofertas, via sorrisos, era quando os americanos se lembravam deles e de forma completamente gratuita, iam aos orfanatos e casos de acolhimento, fazer ofertas... isso era muito interessante...

Não há uma única coisa que possamos pensar “Ah! mas não deram isso...” mas na minha opinião não houve nada que eles não dessem... deram rigorosamente tudo.

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Eu era muito novo, a única coisa que me lembro realmente, sei que desde que cá estão, principalmente dentro da altura do Natal, toda a “gente” queria pôr na sua mesa coisas americanas... não me lembro nada concreto.

Desde que cá chegaram, no Natal, sempre entregaram prendas às crianças, iam pelas escolas entregar prendinhas... e era uma maneira de ajudar as crianças mais carenciadas, e desde que me lembro os americanos sempre fizeram isso, sempre ajudaram, sempre estiveram ao lado das pessoas, das populações... havia uma catástrofe eles estavam ao nosso lado, arregaçavam as mangas e iam ajudar, quer com alojamentos, quer com mantimentos, com o que a população necessitasse...

A primeira estação de televisão nos Açores, foi a estação dos americanos, eles quando vieram para cá, eles fizeram questão de trazer tudo aquilo que qualquer localidade precisaria para viver decentemente, para as pessoas dessa localidade vivesse decentemente, e tinham um ... eram tão abastados dentro da Base em tudo o que fosse que até sobrava para cá (população exterior à Base), para vir cá para fora... houve foi muita pessoa portuguesa que se aproveitou disso... enfim... militares, civis...

O hospital da Praia, o antigo Hospital, tinha R-X, sabe qual é a secção do Hospital da Praia onde nunca faltava a luz, era no R-X, porque fez-se um acordo com o Comando americano, e havia luz, corrente elétrica, que saía da Doca da Praia, dos americanos, diretamente para o R-X...

5- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

O dia da entrada geral, é um dia que naquele tempo era uma coisa incrível para a comunidade, tínhamos acesso a imensas coisas, desde o contato, entrada nos aviões que fascinava a todos, os jogos proporcionados pelos americanos, comida e abundância...

Era um dia extremamente importante para a relação entre os americanos e a comunidade.

Os americanos tinham as suas casas abertas, eles sempre muito de viver aqui, que até fizeram um dia de apreço à comunidade, hoje em dia, a Força Aérea tentou copiar isso, o que se fazia, mas é totalmente impossível... era um dia muito especial para a comunidade, proporcionava experiências inéditas... hoje já nem sabem bem o que era o Dia de Apreço à Comunidade...

E as menos boas?

Nada, nada a dizer deles...

6- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Economia, sem dúvida!

Por exemplo, as casas da 25 de abril (Rua), foram construídas por pessoas que tinham muito dinheiro de Angra, para arrendar aos americanos, e aquilo quase das Figueiras do Paim até à igreja de Santa Luzia, estava tudo alugado aos americanos... em 80 há uma grande reviravolta. Os bairros Nascer do Sol e Beira Mar, surgem porque em 80, 81, os senhorios de Angra com as suas casas destruídas, precisaram das casas que estavam alugadas aos americanos e disseram, toca a sair e começaram a despejar os

americanos dali para fora, e foi por isso que surgiu o Beira Mar e o Nascer do Sol, porque era preciso criar, novos alojamentos para os americanos...

E desvantagens?

Nenhuma!

Parte II – Casamentos

7- Tem conhecimento se houve casamentos entre jovens terceirenses e norte-americanos? Eram mais do sexo feminino do que masculino, certo?

Oh sim! Mas também houve rapazes, muito poucos... O grosso eram mulheres, mas também havia homens, muito poucos, mas também casou...

8- Consegue-nos descrever algum caso que tenha conhecimento e em que ano, aproximadamente, acha que ocorreu?

Havia um rapaz que estudava comigo, ele não dizia 1 palavra em inglês, era um péssimo estudante, e conheceu uma fulana americana, e ela nem era nada de especial. Estou a vê-los. Ele gostou dela, ela gostou dele, e pronto. E foi assim, o rapaz andava no ciclo comigo, muito novo, talvez uns 14 anos, muito novo! Mas gostavam um do outro, ela também era novinha... namoraram e acabaram por casar, saíram... nunca mais soube nada dessa “gente”...

Havia um outro fulano muito chegado à minha família e conheceu uma rapariga no mesmo serviço e acabaram por casar...

Havia casos de raparigas novas que conheciam militares, eu soube de uma rapariga que conheceu um rapaz, mas ela acaba por o deixar... quando se veio a saber, ele dizia a ela que era engenheiro, no final ele nem curso tinha, ele trabalhava na engenharia, então tinha-se como oficial, dizia que era oficial, afinal só trabalhava na engenharia...

Muita prostituta casou com americanos, eles não faziam caso destas coisas... refaziam as suas vidas... foram muitas, muitas... Eles têm uma postura muito mais aberta a tudo isso...

9- Como é que as jovens terceirenses conheciam os seus noivos norte-americanos?

Eles conheciam em qualquer lado... eles andavam na Praia no meio de nós... acabavam por se conhecer...

Havia um restaurante, ali na Riviera, os americanos iam muito para lá, para o restaurante “Girassol”, também, ali no Cabo da Praia..., mas o Café, que era o Café deles, era o George “*The Crook*” ...

10- Havia locais e/ou eventos em que jovens terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes, pudessem conviver/conhecer-se socialmente?

Havia um sítio aqui na Praia que era, já ouviu falar no George “*The Crook*”? Era um trapaceiro, mas brincalhão, e neste café, tinha uma *Juke Box*, mas era muito engraçado. Conheces o “*Peter’s Café*”? Aquilo era tal e qual o “*Peter’s Café*”, só que era para a Força Aérea. Tu entravas lá e tinha tudo, não havia americano que não aterrasse nessa santa Base que não fosse lá. E de vez enquanto havia bebedeiras de caixão à cova, e lá vinha a polícia, por vezes a portuguesa e a americana.

Uma vez houve um americano que esteve morrendo nesta Praia, os barcos traziam os contentores para aqui com mercadoria para a Base, não é? E ele era um dos tripulantes, era um militar, era americano... e ele foi ao George “*The Crook*”, eu estava à janela e vejo um “preto” a vir para baixo, assim com um ar, coitado, muito...desgraçado e vejo 3 ou 4 portugueses a descer a rua...e pensei esse desgraçado (americano) vai levar um carro de porrada... eles atiravam-se a ele, sem dor nem piedade, sem mais nem menos, deram uma tarefa no homem... eu corri telefonei logo para a polícia... a policia veio logo e a americana também e levaram o homem, ele estava mesmo mal...

Os americanos iam às touradas, iam às festas, conheciam as raparigas...

11- E o namoro? Como era o namoro? Era longo, seguindo os padrões culturais da época (por exemplo, namoro à janela, noivado...)?

Nada disso (risos), nada disso... se calhar o noivado... quando os pais da noiva gostavam do americano, olha que... isto havia de tudo, havia aquele que dizia “Convida o John para vir cá jantar” e tal, e trocam os anéis... elas até podiam nem falar bem o inglês..., mas pronto era um “americanozinho” da Base, e tal... (risos), futuro garantido...

12- Que razões aponta para a realização de um casamento entre jovens terceirenses e norte-americanos?

Porque era o *american dream*, o sonho americano.

Se calhar com isso foram os filhos, foram os irmãos, foram os tios, porque depois faziam Cartas de Chamada para a família toda, e chamavam essa “gente” toda... o casamento podia ser o passaporte para a família toda. Às vezes bastava um conseguir chegar lá fora... foi uma porta de embarque para muitos...

13- Então acha que o desejo de emigrar e ter uma vida melhor terá motivado alguma das jovens que casaram com americanos? Porquê?

Sim, foi a principal razão. Sim, eu não vou dizer que não havia amor no meio disto tudo, mas havia emigração, claro, era uma entrada para os EUA, era a “Estátua da Liberdade” à vista (risos).

14- Tem algum familiar que tenha casado com norte-americanos, sediados na Base das Lajes? Sim ____ Não X.

15- Conhece algum caso de uma jovem terceirense casada com um americano das Lajes que tenha regressado à ilha? Que motivos terão tido as jovens terceirense ou o casal para regressar?

Se fosse com mais idade, se fosse mais velhote, inquieto para se reformar, penso ter havido alguma situação destas, reformo-me e fico aqui na ilha...talvez pela calma da nossa terra (risos)...

16- Conhece algum caso em que o casal tenha ficado a residir na ilha Terceira? Ou todas as terceirenses emigraram na companhia dos maridos?

Iam todos para os EU, tinham que os acompanhar nas suas Comissões noutras Bases, muitos deles até fizeram questão de voltar a servir na nossa Base, mas dependia da idade. Mas mesmo assim, acabando as comissões queriam era ir para os EU.

17- Os casais tiveram filhos? Os filhos têm alguma ligação ou interesse pelos Açores? Costumam visitar os Açores?

Eu acho que as portuguesas tinham saudades e acabavam por vir cá, anos mais tarde, acho que voltavam cá... e traziam os seus filhos. Vive aqui na ilha um rapaz que é filho de um casal destes, ele acabou por vir para cá viver...

Pode ter havido casos que nunca mais quiseram voltar, mesmo para fugir daqui para fora...

18- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de casamentos que terão ocorrido entre terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes? E mais ou menos em que ano terão ocorrido (entre 1946 e 1974)?

Foram muitos, umas boas centenas (risos) uns 800 (risos)...

Há um elemento a acrescentar, é que não sabemos se os casamentos foram fora da Base, se foram nas igrejas da freguesia, outros casaram só por civil, se houve sequer casamento...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista XVII

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Rodrigo **Sexo:** M X F **Idade:** 74 anos **Escolaridade:** 4ª
Classe **Profissão:** Reformado **Naturalidade:** Santa Cruz, Graciosa .

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de casamentos entre portugueses e norte-americanos e/ou familiares diretos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na Base das Lajes na população terceirense?

A vida mudou muito, ah mudava então! E mesmo na lixeira, da Caldeira, eles (americanos) iam pôr muito material, por exemplo eles, faziam os donetes de manhã, aquelas à noite era para o “garbitch” (corruptela de *Garbage*) e vamos embora fazer novas... era assim, os americanos era aquilo... e a “gente” dizia, não metas isso fora, dá cá isso, mete num saco, que eu levo isso para casa. Metiam num saquinho de papel e a “gente” vinha ali todos servidos que era uma maravilha... e a “gente” criamo-nos, comia-se de tudo do bom e do melhor, e nunca fazia mal (risos). A “gente” hoje come uma coisinha, fica a morrer (risos).

2- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Exatamente

Como?

Por aquela necessidade de termos tudo! Já percebeste? Eu dizia assim, a Base é que é tudo. Epá eu quando for grande também quero ver se arranjo para vir trabalhar para a Base. Mas depois, não. Comecei a trabalhar, a manter a minha vida, depois fui andando, depois casei, 6 meses antes ir para a tropa, aqui no Castelo ... depois fui mobilizado para ir para o Ultramar... fui no Vera Cruz... e depois vim para trás, cheguei cá dali a dias comecei a trabalhar, como eu te digo, naquele tempo trabalho não faltava, não se ganhava muito, mas havia trabalho...

A “gente” queria os “candinhos” (corruptela de *Candy*), a “gente” queria os chocolates, a manteiga... o queijo amarelo! Ah que coisa mais boa! (risos), roubava-se aquelas latas...o queijinho, que coisa de boa! E a fruta “encanada” (corruptela de *Canned Fruit*), quem é que tinha fruta encanada naquela altura!... ahhh... então não... o comissário (supermercado), a “olanda” (corruptela de *Landry*) ... era uma festa nestes lugares, eram então lugares bons para acartar para casa (risos). E o BX, a “olanda” e o comissário, que era onde se tinha as carnes e as comidas, aquilo, prontos, consolava (risos) aquilo era passar por eles todos e trazer uma coisinha de cada um... já estou servido..., mas era assim... muita abundância.

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

A “gente” tem de dizer a verdade, os americanos mataram a fome a muita “gente”. Os americanos podem ser os donos do mundo e uns “sacaninhas” quando falamos em guerras e essas coisas, porque os americanos aqui na Base, mataram a fome a muita “gente”, principalmente em 3 freguesias: Vila Nova, Agualva e Lajes, ajudaram muito nos orfanatos, nos Lares dos velhinhos...

As Lajes, hoje estão muito bem, com casas e tudo, mas “derivado” à Base... muito se roubava da Base: madeiras, era tudo... dava para vender cá fora e ganhar outro ordenado...

Ajudavam muito...principalmente 2 casas: o orfanato e o Asilo das meninas... essas 2 casas então foram muito ajudadas... iam levar muitas coisas, comida, roupas, nesse aspeto, eu posso falar porque eu estava lá. A “gente” quando era pelo dia do Pão por Deus, eles vinham buscar a “gente”, para a “gente” ir para lá... depois na altura dos ovos (Páscoa) eles escondiam os ovos na relva, para irmos procurar... depois via-se quem é que apanhava o ovo dourado esse é que dava um prémio bom... Eles davam prémios à “gente”... aquilo, não há palavras...

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

No tempo do vulcão dos Capelinhos, os americanos também ajudaram, foram muitas famílias para a América, foi mais fácil de entrarem na América. O Governo americano criou lá uma coisa que deixava as pessoas do Faial irem para a América por

causa do que lhes tinha acontecido, com o vulcão. E depois faziam Cartas de Chamada às famílias que ficavam cá.

Eu conheci muitos homens que trabalhavam na Base que iam (para a América) e as famílias...e depois chamavam-lhes e eles deixavam a Base e iam para a América... se era melhor, ou não? Não sei, mas que então iam trabalhar como burros para lá, ah isso iam! Para as vacarias. As vacarias era o pior que existia! Aquilo era trabalhar até rebentar. Eu conheci muito homens meus amigos que foram para lá e ainda me perguntavam se não queria ir para lá. Eu! Na América estou eu! (risos)

5- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos? E as menos boas?

Eu tinha uma coisa que todos os dias de manhã eu ia, ao BX, havia por trás, eles faziam... que era o que eu adorava... eram as do-ne-tes (risos), donetes, umas coisinhas pequeninas, eles faziam aquilo para ficar durante a noite. Havia sempre transito, aviões, tropas, e aquilo tudo. E de manhã eu ia, eles já sabiam, chegava lá batia, se tivesse restado, porque aquilo era assim, se restasse “gargitche” (corruptela de *garbage*), pois e eu cá... anda cá...(risos). Eles já davam nuns sacos de papel daquilo, vinha para casa todo contente, Oh! Mulher! Aquilo era uma coisa por demais (risos).

Quando era altura, a “gente” tinha o Pão-por-Deus, mas não tinha nada a ver que era... o que ficou... o “trica-trica” (corruptela de *trick or treat*) não é nosso! Estas a compreender? Isso é americano, os americanos é que trouxeram. E então fazia-se na Base, e a “gente”, na Base, naquelas casas a pedir, eles a dar aqueles “candinhos” (corruptela de *candy*) ... era de saca! Aquilo era uma coisa!... Eu vou-te dizer... eu tenho pena, porque às vezes eu esqueço-me, eu estive na guerra, tive no ultramar e depois... epá de vez enquanto fico com a cabeça meio esquecida...

6- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Foi para a economia da ilha...

E desvantagens?

Só coisas boas.

Parte II – Casamentos

7- Tem conhecimento se houve casamentos entre jovens terceirenses e norte-americanos? Eram mais do sexo feminino do que masculino, certo?

Sim, olha rapazes para casar com americanas, eu nunca ouvi sequer falar, agora raparigas, muitas casaram...e da zona da Praia, Santa Rita, foram muitas... casaram e foram embora para a América...

Às vezes aproveitavam-se diziam que eram assim e assado e no final eram uns pés rapados, e muita rapariga ia no balão. Muitas foram na cantiga, naquele tempo as coisas eram muito mais complicadas, mas olha-se ia-se andando...

8- Consegue-nos descrever algum caso que tenha conhecimento e em que ano, aproximadamente, acha que ocorreu?

Aquilo eles vinham para aqui, ficavam aqui na Base, iam para a Praia, e aí eles iam conhecendo as raparigas... lá ou casavam ou se juntavam... a minha sobrinha casou com um americano, não me lembro muito bem como ela o conheceu. Mas aquilo ela vinha cá para baixo (Praia da Vitória), para o café e ela conheceu-o, aquilo foi andando e pronto, acabou por casar com ele...e foi para a América. Eles ainda hoje são casados. O seu filho já nasceu na América, ele é mesmo americano, o pequeno.

E o irmão depois também, foi para a América... mandou chamá-lo (Carta de Chamada).

9- Como é que as jovens terceirenses conheciam os seus noivos norte-americanos?

Pois elas saíam, saíam com umas amigas, e depois vamos ... organizavam as festas e ia os americanos também, e pronto, acabavam por os conhecer...

10- Havia locais e/ou eventos em que jovens terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes, pudessem conviver/conhecer-se socialmente?

Na Praia tinha o “25” (casa de prostituição), ia para lá muita rapariga, o Café “Açores” ... em Angra também havia. E eu sei que muita rapariga, que estavam na vida, casaram com americanos e foram para a América. Não te posso dizer se chegaram à América e correu tudo bem, isso não sei...Mas que naquela altura era assim...

Havia também os bailes, as festas... os americanos naquele tempo, eles iam muito para festas... iam muito às festas das Lajes, eles iam muito para as Lajes... era ali pertinho...

11- E o namoro? Como era o namoro? Era longo, seguindo os padrões culturais da época (por exemplo, namoro à janela, noivado...)?

Não, cá nada... se era um americano tentavam era despachar a coisa... a família até ajudava, “Espera aí que vais para a América”.

Naquela altura isso era uma desgraça, não se podia mesmo, a “gente” via rapazes novos, às vezes pensávamos, “Esses gajos vêm aqui, levam as raparigas e a “gente” fica a ver” (risos), mas era o que acontecia... Naquela altura, vinha muitos rapazes novos, do exército americano, vinham aqui para a Base, estavam aqui... depois metiam-se com as raparigas e depois casavam... faziam papéis, o comando da Base tinha de dar autorização para, e eles casavam e depois lá se iam embora...eu sei de americanos que namoravam raparigas, e depois faziam as compras na Base e levavam para casa delas, e davam... e os pais ficavam todos contentes porque...toca a casar depressa... já percebeste?

12- Que razões aponta para a realização de um casamento entre jovens terceirenses e norte-americanos?

Pois elas casavam-se porque era uma oportunidade que tinham de ir para um lugar melhor, pensavam elas... a “gente” nunca sabe... mas elas iam...

13- Acha que o desejo de emigrar e ter uma vida melhor terá motivado alguma das jovens que casaram com americanos? Porquê?

Ah sim! Era uma maneira de ir para a América, de sair daqui... agora se corria bem, isso então já não sei ... era sempre à procura de uma vida melhor... tu casas com o americano, não sabes ao que vais, esperas que seja para melhor... mas pode ser pior... verem aquela Base, o estilo de vida dos americanos, a Base era uma América, fez muita rapariga ir atrás daquilo...

Era também uma maneira de ajudar quem ficava atrás, porque depois, naquela altura, podiam fazer Carta de Chamada para a família toda, naquele tempo fazia-se...

14- Tem algum familiar que tenha casado com norte-americanos, sediados na Base das Lajes? Sim X Não

Qual o parentesco: Sobrinha .

Que idade tinha quando casou: Para aí uns 20 ou 22 anos .

Em que ano casaram? Eu tinha para aí os meus 17 ou 18 anos (1963 ou 1964)

15- Conhece algum caso de uma jovem terceirense casada com um americano das Lajes que tenha regressado à ilha? Que motivos terão tido as jovens terceirense ou o casal para regressar?

Não, acho que nunca mais voltaram a vir para cá!

16- Conhece algum caso em que o casal tenha ficado a residir na ilha Terceira? Ou todas as terceirenses emigraram na companhia dos maridos?

Cá, nada... elas queriam lá nada ficar aqui, elas queriam era ir para a América.

não, não, nunca vi nenhuma que tivesse casado e tivesse ficado cá... foi tudo para a América... eles nunca mais ficavam cá.

Elas não tinham essa vontade, e eles (americanos) não podiam sequer, porque eles eram da Base, estavam cá, faziam o serviço, por exemplo, 1 ano ou 2 e depois tudo para casa... acabava a sua comissão eles tinham de ir embora. E elas iam com eles.

17- Os casais tiveram filhos? Os filhos têm alguma ligação ou interesse pelos Açores? Costumam visitar os Açores?

Teve aqui alguns, que tiveram os seus filhos aqui, e muitos deles já eram registados americanos... registavam tudo lá dentro, tinham os rapazes mesmo no hospital americano (na Base) ... e registavam como americanos... nascido cá, mas era tudo americano.

18- Conseguem-nos fazer uma estimativa do número de casamentos que terão ocorrido entre terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes? E mais ou menos em que ano terão ocorrido (entre 1946 e 1974)?

Pois foi muitas raparigas que casaram com americanos, não tenho dúvidas...foi então, foram muitas, muitas... raparigas que a “gente” às vezes fica, olha aquela teve sorte, lá foi com o americano... foram muitas, muitas... eu às vezes pensava: “Mas será que ela vai ter sorte?”

Eu conheço uma rapariga que casou aí pelos 60 e ela ainda hoje esta com ele... pois umas hão de ter tido sorte e outras não se sabe...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista XVIII

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Ricardo **Sexo:** M X F **Idade:** 84 anos **Escolaridade:** 4ª Classe de adultos **Profissão:** Reformado **Naturalidade:** Praia da Vitória .

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de casamentos entre portugueses e norte-americanos e/ou familiares diretos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na Base das Lajes na população terceirense?

Havia muita miséria, quem ia para a Base tinha oportunidade de melhorar a sua vida.

E as carroças nessa Praia com americanos para cima e para baixo, era coisa séria. Elas ficavam ali paradas na ladeira de S. João de Deus, atrás umas das outras, à espera dos americanos... Táxi! (risos)... e no Posto 1...

Houve muita “gente” que ficou sem terrenos e sem casas e tiveram que arranjar dinheiro, arranjar maneira para ganhar dinheiro... eles também foram pagos, mas eu acho que também não deu muito dinheiro, eles tiveram que se “botar” (desenvencilhar)...

Lembro-me quando passavam aqui por cima aqueles aviões muito grandes! As casas até tremiam! Lembro-me dos primeiros (aviões) da “gente” ficar com muito medo (risos)... estremecia tudo!

A Base não era o que é, a pista era com chapas e essas chapas, quando havia touros na areia, era com essas chapas que se fazia o touril, eles faziam uma cova e pregavam aquelas chapas... ainda há pouco tempo vi chapas dessas por aí ...

Os americanos aqui na Praia... era uma coisa séria! Os americanos faziam ... compravam muitas coisas... isso para a economia foi uma coisa séria...

Eles respeitavam as nossas tradições e as nossas festas, ainda me lembro de uma procissão aqui na Praia, muito bonita! Diziam que era a procissão das meninas, era

muito bonita, era a primeira comunhão. E os americanos respeitavam, vinham ver e até tiravam fotografias.

Então para toiros Gostavam muito, mas chegavam-se muito para o pé deles, era marrada medonha (risos). Depois o Comando Americano avisava-os. Na tourada do areal, o areal era mais pequeno, o toiro saía e quase sempre ia para a água, e o americano ficava sempre com a máquina (fotográfica) e queria tirar fotografias ao toiro, lembro-me de um que foi para a água com máquina e tudo, agora já não se vê, mas os americanos iam tirar fotografias e aquela coisa toda...

Tinham uma cultura diferente, mas respeitavam a nossa. Mas trouxeram hábitos diferentes, maneiras de vestir... como a “gente” gostava das calças à boca de sino (risos), e a música! Era divertida, traziam pessoas de fora para atuar cá... aquela abundância, a comida que nunca tínhamos visto sequer... muito trabalho, trouxeram muitos trabalhos. Foi muito bom para quem teve a sorte de ir trabalhar lá para dentro...

2- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Pois foi...foi para toda a “gente”.

Como?

A vida melhorou, havia mais oportunidade de se ganhar dinheiro, eu nunca trabalhei na base, mas também tinha pessoas amigas que me traziam as coisas de lá de dentro (Base), toda a “gente” acabava por ter coisas americanas.

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Eles ajudavam muito, principalmente quem trabalhava lá dentro, eles davam muito aos trabalhadores. As empregadas das americanas, era uma coisa séria! Elas pagavam bem, e davam muita roupa, comida, elas comiam à mesa com os americanos! Levavam a sua roupa para lavar e secar nas máquinas das americanas, naquela altura a “gente” não tinha nada daquelas coisas... e quando os americanos se iam embora, deixavam tudo aos seus empregados, e amigos da Base.

Mesmo aquelas pessoas que moravam ali nos arredores da Base, ou perto dos americanos que viviam cá fora, eles ajudavam, acabavam por conhecer a pobreza, naquele tempo havia muita pobreza e os americanos ajudavam muito...

Havia os grupos das mulheres dos americanos, e elas é que ajudavam muito, faziam visitas nos Lares, distribuíam coisas, comidas pelas freguesias, faziam cabazes... Sempre ajudaram quem precisava.

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Ajudavam... aqui o hospital da Praia foi muito ajudado pelos americanos, eles “acartavam” (levavam) muita coisa que era preciso e que o hospital não tinha. eles tinham o hospital lá dentro, e lá não faltava nada! E eles davam muito aqui para o hospital...

Ajudavam quando havia maus tempos que dava cabo das casas das pessoas, quando as ribeiras subiam, ali na Casa da Ribeira, de vez enquanto acontecia, eles iam ajudar, e davam muitas coisas às pessoas que perdiam as suas coisinhas...

5- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Eu lembro-me de umas caixinhas, eu apanhei essas caixinhas. A “gente” ia para a escola, o carro da Base, ia buscar a “gente”, era sempre ao sábado. Lembro-me de me pegarem ao colo, íamos à Base mais a minha irmã. Eu ao colo dele (americano) e a minha irmã de mão dada com ele. Fomos para o Hangar esperar pelo Pai Natal. Aquilo era uma alegria! E recebíamos uma caixinha, que tinha uns doces, uma borracha, lápis de cor, e depois os americanos começaram a dar umas “saquinhas” com bolas, com macacos, certas coisas... Eu sentia... era uma alegria. Aquilo era no concelho todo, na ilha! Um dia na Praia um dia em Angra... íamos para aquele Hangar, muito grande!...

E as menos boas?

Eles são fizeram coisas boas pela “gente”...

6- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Foi os trabalhos que trouxe, mexeu com a nossa economia toda...

E desvantagens?

Só trouxeram coisas boas!

Parte II – Casamentos

7- Tem conhecimento se houve casamentos entre jovens terceirenses e norte-americanos? Eram mais do sexo feminino do que masculino, certo?

Ah sim. Era as raparigas...

8- Consegue-nos descrever algum caso que tenha conhecimento e em que ano, aproximadamente, acha que ocorreu?

Lembro-me de uma rapariga que vivia aqui perto com os seus pais, ela namorou com um americano e lembro-me de ver ele a ir a casa dela.

Houve muitos casamentos entre americanos e portugueses, eu, quando era pequeno, ajudava na igreja, andei muito na igreja e às vezes, a “gente” via os casamentos, quando eram de outra religião, o noivo ficava no meio da igreja, quando ela era católica, mas fazia um juramente e os filhos eram batizados nas nossas igrejas.

Também houve casamentos com americanos que eles casavam na sua capela lá dentro com raparigas portuguesas também...

E em que ano isso aconteceu, mais ou menos?

Não te sei dizer o ano, eu havia de ser um rapaz de 13 ou 14 anos já ajudava na igreja (1949 ou 1950) ... mas sempre houve casamentos com os americanos, lembro-me de muitos. Uns quando era mais novo e outros quando já trabalhava...

9- Como é que as jovens terceirenses conheciam os seus noivos norte-americanos?

Olha havia bailes nos vermelhos, o “Praiense”, depois foi nos “Branços”, ia portugueses e americanos para lá, e acabavam por conhecê-las. Prontos, às vezes acabava à pancadaria, porque a bebedeira era tanta, mas nunca ...

Casavam com as raparigas, sim senhor. Umas tinham sorte outras não tinham sorte, elas iam para fora ... já sabe que lá fora é muito diferente da nossa vida aqui... uns dão-se muito bem, tem filhos, vem cá de visita ... e outras pois não correu tão bem...

Também casou muita “gente” com as raparigas que trabalhavam lá dentro. Muitas mulheres iam para lá trabalhar e levavam as suas filhas que acabavam por conhecer outros americanos e casavam com eles...

Também havia aqueles, que diziam que tinham isto e aquilo e quando chegavam lá fora não tinham nada e elas tinham ido no “balão” (risos).

10- Então havia locais e/ou eventos em que jovens terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes, pudessem conviver/conhecer-se socialmente?

Sim, era nesses bailes... eles também vinham às nossas festas, as touradas que já te contei, e conheciam muita rapariga... a Praia era só americanos para cima e para baixo, tudo que havia nessa ilha, os americanos estavam lá...

Olha isso era piscar o olho (risos), porque eu não sei bem, havia de ser nesses bailes, nas festas ...eles iam aí para baixo para a avenida ... Havia ali um café e os americanos andavam para baixo e para cima e já iam piscando o olho (risos) sentavam-se na muralha... lembro-me de ver uns americanos sentados nuns bancos que havia por ali, virados para os “Branços” e iam namorando essas raparigas...

11- E o namoro? Como era o namoro? Era longo, seguindo os padrões culturais da época (por exemplo, namoro à janela, noivado...)?

Namoravam com elas, mas era então diferente dos nossos namoros, no meu tempo a “gente” namorava uma rapariga na janela ela em cima e nós em baixo. Se fosse para dar um beijinho, misericórdia! (risos) eles não tinham essas coisas. Elas saíam com eles. Iam nos carros deles... era muito diferente...

12- Que razões aponta para a realização de um casamento entre jovens terceirenses e norte-americanos?

Umas foi por amor e outras sem amor, quase como hoje em dia. Havia raparigas que queriam era casar e sair daqui para fora ...

13- Então acha que o desejo de emigrar e ter uma vida melhor terá motivado alguma das jovens que casaram com americanos? Porquê?

Pois eles (americanos) tinham uma vida boa, aqui, e elas também queriam essa vida, sair daqui. Muitas queriam ir para a América, toda a “gente” queria ir para a América...

14- Tem algum familiar que tenha casado com norte-americanos, sediados na Base das Lajes? Sim ____ Não X.

15- Conhece algum caso de uma jovem terceirense casada com um americano das Lajes que tenha regressado à ilha? Que motivos terão tido as jovens terceirense ou o casal para regressar?

Umas foram felizes, muito felizes com eles, e outras coitadinhas não tiveram sorte nenhuma e não vem para cá porque têm vergonha E acabam por ficar por lá ...

Algumas vem cá de visita, ou quando eles já estão reformados, conheço uma que veio para cá viver, comprou uma casa cá e vieram para cá viver... os filhos quando era no verão vinham cá vê-los...isso aqui é mais calmo, a “gente” quando fica velha, gosta de coisas mais calmas e sossegadas (risos).

16- Conhece algum caso em que o casal tenha ficado a residir na ilha Terceira? Ou todas as terceirenses emigraram na companhia dos maridos?

Foi tudo para a América, para a América. Primeiro elas iam para outras bases com eles, mas depois acabavam todas na América.

17- Os casais tiveram filhos? Os filhos têm alguma ligação ou interesse pelos Açores? Costumam visitar os Açores?

Eles chegaram a ter filhos cá e a batizá-los cá...

Alguns vem cá conhecer a terra da sua mãe, acabam por também ter uma ligação aqui com a terra, porque eles vêm cá com os seus pais de visita. Gostam de vir visitar os familiares que ficaram cá.

Teve uma rapariga, também que casou com um americano, eles eram muito amigos... era o casal que se dava bem. Tiveram o seu filho cá, mas nunca deixaram de vir cá e mesmo o pequeno. Ela era de outra ilha veio para cá trabalhar e acabou por casar com um americano, quando acabou a comissão dele, foram embora... ele era mexicano, mas era um homem muito simpático, e bom para ela.

18- Conseguem-nos fazer uma estimativa do número de casamentos que terão ocorrido entre terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes? E mais ou menos em que ano terão ocorrido (entre 1946 e 1974)?

Ah! Sei lá ...foram muitos, muitos, muitos casamentos.

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista XIX

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Natália **Sexo:** M ☐ F ☒ **Idade:** 69 anos **Escolaridade:** 4ª Classe **Profissão:** Reformada **Naturalidade:** Praia da Vitória .

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de casamentos entre portugueses e norte-americanos e/ou familiares diretos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na Base das Lajes na população terceirense?

Influenciou muito, a nossa maneira, a quilo que éramos, fez logo diferença...

A vida melhorou, se não tivesse ido trabalhar para a Base, nunca tinha tido a vida que tive, ganhar o que ganho hoje, reformada... vocês com mais estudo que eu, nunca chegam a ganhar o que ganho e não tenho estudo nenhum...

Ganhava-se mais, quem tinha a sorte de ir para a Base trabalhar, tinha logo uma vida diferente, havia mais possibilidades...

O comércio, também ganhou muito, faziam muitas compras cá fora, iam aos restaurantes... mexia com comércio, restaurantes, cafés... mexia com toda a “gente”... para a economia foi muito bom... e os trabalhos... deram muito trabalho... e trabalho bom, certinho e a ganhar-se bem...

2- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira? Como?

Eu quando fui para a Base, o meu cabelo era quase do tamanho dos meus vestidinhos (risos), estas a ver como sou grande (baixa) e os meus vestidinhos eram “compridos” assim (risos) (exemplifica vestido curto) ... sempre gostei de vestidos curtos e de ter o cabelo comprido. Um dia fui comer à messe. Quando entrei para dentro, as pessoas, tinha pouca mulher, era tudo com os olhos a olhar para mim, os portugueses...

Eu chego a casa e digo a meu pai, “Oh! Pai, eu hoje quando fui comer à messe parecia um jardim zoológico, entrou um animal raro que era tudo a olhar” – nunca devia ter dito. “Não vais mais comer lá”, pois eu passei a tortas de ovo, que eu levava todos os dias torta de ovo dentro de papo-seco...era ovo, ovo. E eu tinha de ir trabalhar, meu pai trabalhava na Base, eu tinha de ir trabalhar meu pai ia-me buscar para a bombaria e de manhã para ir trabalhar, eu tinha de ir sentada ao pé do meu pai (autocarro de transporte dos trabalhadores da Base), quando o meu pai não estava a trabalhar eu tinha de ir sentada ao pé do vizinho... (risos). Meu pai quando foi para a Base ganhava 20\$00, meu pai se hoje fosse vivo já tinha 100 anos! Foi trabalhar novinho, ele começou bem no princípio da Base.

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Ajudavam muito, a famílias... davam muita roupa, comidas... davam muita coisa. Eles quando se iam embora, tudo quanto eles tinham da casa, eles davam, era para as suas empregadas.

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Eles (americanos) quando havia uma catástrofe, eles então para isso eram muito... eles “botavam a mão”, “botavam-se” muito.

Uma coisa que os americanos ajudaram muito, foi também pessoas que casaram com os americanos, muitas desgraçadinhas, com piolhos e tudo (risos)... e que hoje são senhoras... com dois anos para a América, chegou cá a pedir um *ashtray* que não sabia dizer um cinzeiro (risos)...

5- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Epá! São muitas! Só de eu ter entrado para lá, a oportunidade que me deram, porque se eu não vou para a Base naquele tempo, eu não tinha chegado onde cheguei, com a reforma que tenho hoje. Com a qualidade de vida que eles me deram e que tenho hoje...

Nunca trabalhei cá fora, mas nunca vi isso cá fora, eles davam-nos apreço, a nós mesmos, a “gente” tinha o civil do ano, era placas de mérito, era reconhecimentos...tanta coisa... havia... cá fora não dão valor. E isso dava incentivo

para fazer mais e melhor... nós dávamos o nosso melhor porque eles também mereciam que fossemos assim!

Os convívios, quando se fazia um “pari” (corruptela de *Party*), estávamos ali todos juntinhos, eramos amigos, fez-se boas amizades.

E as menos boas?

Não posso dizer que tenho más recordações, porque não tenho...

6- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Foi os trabalhos...

E desvantagens?

As pessoas hoje em dia falam muito na contaminação, no cancro, as pessoas querem dizer que foi por causa da Base. Eu “vou e não vou” (acredito e não acredito), porque a “gente” vê por todos lá...

Parte II – Casamentos

7- Tem conhecimento se houve casamentos entre jovens terceirenses e norte-americanos? Eram mais do sexo feminino do que masculino, certo?

Elas, elas é que casavam mais... eles é que saiam cá para fora e elas à espera deles (risos).

8- Consegue-nos descrever algum caso que tenha conhecimento e em que ano, aproximadamente, acha que ocorreu?

Eu tenho uma tia com 80 e tal anos, ela morreu há pouco tempo, ela casou tinha 18 anos, e o americano trabalhava com o meu pai e queria casar com uma portuguesa. Ele perguntou ao meu pai: “Não tens nenhuma parente que queira casar com um americano?” e a minha tia, coitadinha, estava a penar muito, vivia com a madrasta, doida para sair de casa e meu pai falou com e ela disse: “olha eu quero casar”. Mas ela não sabia falar inglês nem nada, o meu pai é que dizia umas palavras, é que ia traduzindo o que eles diziam (risos) e ela casou com meu tio. Tiveram um filho que nasceu no hospital da Base, ela tinha 18 anos, casou com aquele americano, sem falar inglês, coitadinha, foi morar para a Praia e teve mais filhos. Mas ele é que disse ao meu pai: “Não me arranjas uma portuguesa? Que quero casar com uma portuguesa” e meu

pai lembrou-se de minha tia, que assim saía de casa. E pronto, casaram-se e foram muito felizes e 4 filhos.

Eu lembro-me de meu pai gravar coisas numa cassete para ela aprender, para quando estivesse em casa ela dizer ao marido (risos)...

Em que ano, mais ou menos, ela casou?

Não sei bem, mas isso foi aí à volta de 56 ou 57... acho eu...

9- Como é que as jovens terceirenses conheciam os seus noivos norte-americanos?

Havia as que as mães não deixavam sair de casa, mas aquelas já saíam! Havia um americano que passava pela rua *Hello, goodbye!*

E depois... uma casou com um da NAVY, ela disse assim, porque é que não casaste com um americano, eu cá saía com ele, saí sempre... ela veio de S. Jorge, saíam com eles, a “gente” não saía que as mães não deixavam. Se saísse com um americano minha mãe matava-me. Eu para ir trabalhar para a Base levei uma tarefa para andar a sair com um americano.

Mas eles levaram muita mulher da vida, e muitas pequenas sérias! Ainda havia muita pequena certinha. Eu conheci uma que casou com um americano, que ela o conheceu mesmo em casa de pessoas de família, pessoas amigas, também era uma maneira de conhecer as raparigas.

10- Havia locais e/ou eventos em que jovens terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes, pudessem conviver/conhecer-se socialmente?

Aquilo eles andavam a beber pelos cafés e por aí, e eles encontravam-se e...já está.

Pois o que sei foi o próprio americano que disse a meu pai para lhe arranjar uma pequena para casar (risos), minha mãe não me deixava sair de casa! (risos) Mas lembro-me de se falar nos bailes dos Brancos, no Praiense.... Para onde é que a “gente” ia? Era de casa para o trabalho e do trabalho para casa... a “gente” não saía, era as festinhas da freguesia e bem bom...

11- E o namoro? Como era o namoro? Era longo, seguindo os padrões culturais da época (por exemplo, namoro à janela, noivado...)?

(risos) Eles? Qual janela? Eles queriam era logo um sofá para se sentar (risos). Não conheci ninguém que andasse a namorar um americano à janela... o noivado, pronto um jantar com a família, isso talvez..., mas o namoro, cá nada! Era um bom partido... os

pais nem sequer olhavam a isso. Muitas nem sabiam falar com eles (risos), elas não falavam inglês e eles não falavam português, aquilo havia de ser de gritos (risos).

12- Que razões aponta para a realização de um casamento entre jovens terceirenses e norte-americanos?

Para fugir à pobreza... era uma porta aberta...uma oportunidade... até para as famílias a ver se ia tudo para a América. Era um futuro para as famílias, ou mandavam dinheiro para ajudar, ou mandavam chamá-las, era um futuro para todos.

13- Acha que o desejo de emigrar e ter uma vida melhor terá motivado alguma das jovens que casaram com americanos? Porquê?

Casavam só por causa de emigrar, quantas chegaram lá e cada um para o seu lado...

14- Tem algum familiar que tenha casado com norte-americanos, sediados na Base das Lajes? Sim X Não

Qual o parentesco: tia .

Que idade tinha quando casou? 18 anos .

Em que ano casaram: 56 ou 57 .

15- Conhece algum caso de uma jovem terceirense casada com um americano das Lajes que tenha regressado à ilha? Que motivos terão tido as jovens terceirense ou o casal para regressar?

Várias! Quando eram mais velhos, muitos vieram para cá, alguns ficavam, mas havia outros que depois iam-se embora, porque já tinham os filhos lá, e cá já não tinham ninguém. A sua vida depois foi lá.

E alguma nunca mais quis vir, ou porque tinha vergonha de voltar ou nem sequer queria pensar no que tinha passado cá.

16- Conhece algum caso em que o casal tenha ficado a residir na ilha Terceira? Ou todas as terceirenses emigraram na companhia dos maridos?

Eles eram militares quando acabavam o serviço tinham de ir para fora, e elas iam com eles.

17- Os casais tiveram filhos? Os filhos têm alguma ligação ou interesse pelos Açores? Costumam visitar os Açores?

Sim, sim, o da minha tia, o primeiro até nasceu no hospital americano. Eles, vem cá, mas são americanos...

Esse meu primo, que nasceu na Base, e ele mais tarde quis vir aqui. O meu patrão recebeu uma carta que ele queria saber do seu registo dele. E eu olhei e vi o nome e disse, isto é meu primo... eu depois até é que escrevi para trás que o cônsul de S. Miguel é que tinha os registos.

18- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de casamentos que terão ocorrido entre terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes? E mais ou menos em que ano terão ocorrido (entre 1946 e 1974)?

Misericórdia! (risos) Não tem conta...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista XX

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: João **Sexo:** M X F **Idade:** 74 anos **Escolaridade:** 4º Classe
Profissão: Reformado **Naturalidade:** Praia da Vitória .

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de casamentos entre portugueses e norte-americanos e/ou familiares diretos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na Base das Lajes na população terceirense?

Trouxeram coisas que a “gente” não estava habituada a ter... foi... apesar do que dizem para aí, que os americanos exploraram a “gente”, é mentira! Os americanos queriam dar 1 dólar... davam 28\$00 por uma mulher de trabalho e o Governo português não autorizou senão 16\$00..., portanto os americanos queriam dar alguma coisa aos portugueses, mas não podiam sem autorização...

O nosso Governo Central era muito orgulhoso, não precisávamos deles (americanos)..., mas eles tinham coisas boas!

Mas isso mudou... por exemplo, a “gente” aqui no concelho da Praia tivemos televisão primeiro que o continente...

Quando foi pelo sismo de 80... as casas de Santa Rita não caíram, porque eram de madeira. Quando fomos fazer a vistoria, ver como as coisas tinham ficado, aquelas casas por fora eram muito feias, mas por dentro, eram muito bem arranjadas: carpetes lindíssimas, 2 e 3 televisões... Quem é que tinha disto? Era quem trabalhava para os americanos! Agora tenho pena que critiquem tanto os americanos...

Há coisas que os americanos trouxeram... há coisas boas... era um movimento fora de série nessa praia, principalmente quando eles recebiam o dinheiro. A meio da quinzena, a Praia estava morta. Quando recebiam, os restaurantes estavam cheios... acabava-se o dinheiro, a Praia morria (risos)... Eles davam muito movimento aos cafés, roupas não, eles não apreciavam muito as nossas roupas (risos), mas gostavam muito do

nosso artesanato, gostavam muito do nosso ouro, as ourivesarias ficavam cheias, gostavam de comprar as coisas de cá. Havia pessoas a vender alfaces, tomates, batatas... em carroças na Estrada 25 de abril... Eles compravam muito os produtos da região.

Era uma grande riqueza para a vida dos lavradores também, eles compravam a nossa carne, os nossos legumes... depois teve também o desenvolvimento nos lacticínios, o nosso leite, a nossa manteiga, o nosso queijo...

2- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Eu acho que sim.

Como?

Sabes, eu vi muito, e aprendi muito com eles... com a maneira de eles serem... abria os nossos olhos para o mundo.

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Eles (americanos) tiveram boas empregadas, mas só teve uma coisa chata que foi o nosso Governo não deixar que se desse mais dinheiro a elas como os americanos queriam, só autorizou 28\$00, mas eles (americanos) davam sempre mais, eles davam. Mas havia inspeções e depois havia as senhoras ricas da Praia e de Angra que denunciavam, porque elas (empregadas domésticas) queriam era trabalhar para os americanos... eles davam mais dinheiro e davam de comer. As empregadas dos americanos comiam à mesa com eles. Não era como cá fora... eram respeitadas e bem tratadas. E o que elas traziam para casa! Era uma coisa séria... era roupa, comida, o que os americanos não queriam davam às suas empregadas, ajudavam muito as mais necessitadas e as que tinham mais filhos. Ajudavam muito aos filhos das empregadas...

Os americanos trouxeram uma vida nova para a região... não foi só para a Terceira! Veio “gente” das outras ilhas para aqui! Naquela altura para se vir para a Terceira, e veio muita “gente” de S. Miguel para cá, era preciso uma fiança, uma Carta de Chamada. E tinhas de ter na polícia 300\$00 de fiança. Se não se portasse bem, era o preço para ir para trás, era a passagem (risos).

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

A Praia desenvolveu muito, desenvolveu. Eles eram atenciosos e muito amigos. Naquela altura, na Praia, a “gente” não tinha casas de crianças, mas sei que Nossa Senhora do Livramento (Lar de Acolhimento Residencial) beneficiou muita dos americanos. As Mónicas (Residência Geriátrica, Recolhimento Jesus Maria José), a Santa Casa de Misericórdia beneficiou...

O RX do hospital da Praia que não trabalhava, os americanos é que ofereceram RX, os americanos ofereciam macas para o hospital.

Faltava sempre a luz na Praia, os americanos trouxeram uma linha direta da doca, para não nos faltar a luz. O hospital da Praia estava ligado à luz da doca dos americanos.

E eram amigos de dar lençóis, pelo Natal, ofereciam muitas coisas pelo Natal, tanto à Santa Casa, aos Lares, à Casa de Saúde de S. Rafael, também beneficiou... Toda a “gente” beneficiou com os americanos.

Na altura do “abalo” (terramoto de 1 de janeiro de 1980), a matriz (da Praia da Vitória) ficou muito abalada e os sinos estavam em perigo, e era preciso salvar aquilo. E fomos à Base pedir ajuda, fomos pedir primeiro à Base portuguesa, à “Zona” (Zona Aérea dos Açores) e a “Zona” depois é que pede aos americanos... Assim foi. Quando chegamos à Matriz, os americanos já tinham a grua da doca para tirar os sinos.

Eles também se entusiasmaram muito com a preservação do nosso património, com a nossa cultura...

Nas freguesias, quando havia uma catástrofe, cheias, o “abalo” ... os americanos iam ajudar, alojar pessoas, a “escangalhar” (demolir) casas, fazer casas novas, dar roupas, levar roupa, comida... Estiveram sempre ao lado da comunidade.

E mesmo noutras ilhas, lembro-me de irem para S. Jorge ajudar, quando houve muitos Sismos seguidos em S. Jorge (Crise sísmica de Rosais, S. Jorge, 1962-1964), eles saíram daqui e foram para lá ajudar.

Estiveram sempre ao lado da comunidade. Agora que foi uma boa presença, foi! Trouxeram coisas muito boas...

Houve alguns “barulhos” (brigas), também houve... Há muitos anos, quando iam a uma tourada nunca havia tourada que não houvesse 6 ou 7 brigas. Bebia-se muito, muitas bebedeiras... Agora a “gente” não tem muitos processos contra americanos, na polícia, havia brigas, mas muitas eramos nós que começávamos...

Agora, os Açores melhoraram, a Praia melhorou... A Praia foi elevada a cidade, mas se não fosse os americanos, a Praia era uma freguesia!

5- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Passava aqui muita aviação, e havia alguns americanos que atiravam dinheiro para o chão, e a canalha ia atrás...e um dia, um professor viu, os americanos atiraram dinheiro para a areia e os rapazes atiraram-se logo atrás do dinheiro, o professor, ele era muito querido por todos nós, o professor apareceu e obrigou a “gente” a juntar o dinheiro e a ir levá-lo aos americanos... não os americanos que viviam cá, aqueles que passavam por cá em trânsito...

Outra coisa que acontecia também, se havia uma “barulheira” qualquer e se o americano ofendia o português, açoriano, no outro dia ele era posto na América... nunca mais vinha cá... havia respeito!

Os americanos eram pessoas agradáveis... usavam muito os bares, embebedavam-se, mas não chateavam muito, eram amigos até de oferecer bebida! Quem era muito, eram muito chatos, eram os ingleses..., mas esses eu apanhei muito pouco, eram os ingleses que eram uns “bebedinhos” e ficavam deitados para aí. Os americanos não! Os americanos já tinham as suas famílias cá, era diferente.

Havia também no verão, era muito giro, ainda apanhei como rapaz de 10 ou 11 anos, a “gente” não podia tomar banho... era eles na praia a tomar banho e a “gente” não podia tomar banho.

Na praia dos “Sargentos” era proibido os açorianos tomar banho e na praia dos “Oficiais”, na praia “azul” que era a praia dos americanos “brancos” e a outra praia era a praia dos americanos “pretos” ... Eu lembro-me do APARTHEID... havia praia para “brancos” e praia para “negros” ..., mas foi durante pouco tempo!

Havia uns que gostavam de morar dentro da Praia e havia outros que gostavam de morar mais para lá: porto Martins, Casa da Ribeira, nas Lajes, casas fora de vizinhança. Aquela “gente” fazia festas e depois convidava os vizinhos.... Foi uma relação muito bonita entre americanos e açorianos... mudou tanta coisa nas nossas vidas, na maneira como olhávamos para as coisas...

Aí em 57, 58, não é do teu tempo, fazia-se o Cortejo de Oferendas, aqui na Praia, e vinha “gente” de todas as freguesias com os seus carros enfeitados, e os americanos também vinham (risos), eles gostavam de participar nas nossas tradições.... Então lembro-me de um ano, o carro dos americanos vinha enfeitado de dólar (risos).

Foi a vida dos americanos que nos trouxe mais alegria a essa Praia!

E as menos boas?

Não me lembro...

6- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Eles mexeram com tudo, com os nossos restaurantes, com a vida noturna... passamos a viver melhor, as instituições, eles ajudaram muitas instituições...

E desvantagens?

Eu acho que não... até acho que temos de agradecer àquela “gente”.

Parte II – Casamentos

7- Tem conhecimento se houve casamentos entre jovens terceirenses e norte-americanos? Eram mais do sexo feminino do que masculino, certo?

Ah! Sim! Mas eram as raparigas... e muita mulher da vida! Eles levaram muita rapariga dessa vida e sem ser da vida!

8- Consegue-nos descrever algum caso que tenha conhecimento?

Houve muita rapariga que estava naquela vida (prostituição) e houve muitas que depois casaram muito bem... com americanos.

Conheci uma rapariga, que nem sequer era da nossa ilha e casou com um americano.

Veio muita “gente” das outras ilhas, muita “gente” para aqui, por causa dos americanos. Essa rapariga depois casou com o americano e mais tarde passou por aqui, na nossa terra. Não se esqueceu das suas origens!

Algumas pessoas pensaram, pronto, como era uma rapariga da vida, que já não casava mais, mas ela casou! E com um oficial! (risos) Mas nunca escondeu a sua vida! Os americanos não olhavam a essas coisas...

Eles tiraram muita rapariga dessa vida, casaram com eles e foram grandes senhoras.

Eu conheci uma outra, que casou com um americano, eu estava a ver que ele chegava a comandante da Base. Ela ficou com uma boa vida, ela e tantas outras... Quem soube estimar aqueles rapazes (americanos), acabou por ter boas vidas... Elas foram muito estimadas pelos seus maridos americanos...

E em que ano, aproximadamente, acha que isto aconteceu?

60's... sim anos 60, eu era novo, mas lembro-me de ver muito casamento na nossa Praia.

9- Como é que as jovens terceirenses conheciam os seus noivos norte-americanos?

Na altura havia muitas casas (prostituição), e as raparigas que trabalhavam para a outra, havia a chefe. Houve muita casa destas aqui na Praia, nesses tempos, frequentadas também pelos americanos...eles (americanos) iam muito a essas casas, e conheciam muita rapariga. Havia o “Papagaio Azul”; “O Papagaio verde”; “A Casa 25”; “A Rosa Vermelha” ...

Elas vinham ali, essas senhoras, eu só achava triste, à sexta-feira, elas iam à revista ali no hospital... com o médico, o Delegado de Saúde. Elas iam à sexta-feira de manhã... era com hora marcada, era com discrição... penso que era uma coisa chata... porque as pessoas comentavam e apontavam...

A inspeção era uma revista sanitária, davam tratamento, também havia doenças “destas” (doenças sexualmente transmissíveis) naquele tempo...

Em 1955, graças a Deus, veio a água para a Praia, trouxe os esgotos, fez-se casas de banho, passou a haver mais limpeza... as pessoas penavam muito...

Eu tinha muita pena daquelas senhoras (prostitutas). Eu conheci uma senhora e quando ela envelheceu, escolheu um homem para casar, mas enquanto foi nova, sempre andou na vida... sempre bonita, sempre bem vestida... sabia escolher.

10- Havia locais e/ou eventos em que jovens terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes, pudessem conviver/conhecer-se socialmente?

Havia muitos bailes na Praia, era o baile dos Vermelhos (Praiense), os bailes dos Brancos. Havia muita festa na Base e elas arranjavam maneira de ir... e eles acabavam por se conhecer por aí... e eles estimavam as mulheres (risos)...

11- E o namoro? Como era o namoro? Era longo, seguindo os padrões culturais da época (por exemplo, namoro à janela, noivado...)?

Não! Eles não faziam nada disso! (risos)

12- Que razões aponta para a realização de um casamento entre jovens terceirenses e norte-americanos?

Pois era por uma vida melhor. Depois havia também o gostar deles... Eles eram muito bons para elas.... Eram boas pessoas.

13- Acha que o desejo de emigrar e ter uma vida melhor terá motivado alguma das jovens que casaram com americanos? Porquê?

Claro! Muitas viam nesses casamentos uma maneira de fugir da vida que tinham aqui, era uma maneira de ir para a América e ter uma vida melhor...

14- Tem algum familiar que tenha casado com norte-americanos, sediados na Base das Lajes? Sim ____ Não X.

15- Conhece algum caso de uma jovem terceirense casada com um americano das Lajes que tenha regressado à ilha?

Conheci... acabaram por vir para cá, mas já mais velhos, compraram casa e ficaram a viver cá...

Que motivos terão tido estes casais para regressar?

Talvez por ela sentir falta da sua terra, ou por isso ser mais calmo. Os maridos gostavam de estar cá... Os americanos gostam de estar cá... Eu penso mais por eles, do que por elas... porque eu acho muita graça algumas que vão para fora e depois já não querem vir para cá. De vez enquanto ainda aparece alguns por cá ou vem para cá...

16- Conhece algum caso em que o casal tenha ficado a residir na ilha Terceira? Ou todas as terceirenses emigraram na companhia dos maridos?

Não! Foi tudo para a América. Eles acabam a sua comissão, uns iam para a Alemanha, outros para a América... iam para outras Bases.

Eu tive uma senhora que morou numa casa em que eu era procurador e ela foi para a Alemanha com o marido e depois voltou para cá. Ela tinha casado com um americano da base e depois ele tornou a pedir para vir para cá... isso aconteceu com muitos...

17- Os casais tiveram filhos? Os filhos têm alguma ligação ou interesse pelos Açores? Costumam visitar os Açores?

Lembro-me de alguns que nasceram cá e que já vieram cá... com os seus pais...agora não sei se eles gostam disto aqui (risos). Isso não é a América!

18- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de casamentos que terão ocorrido entre terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes? E mais ou menos em que ano terão ocorrido (entre 1946 e 1974)?

Muitas, muitas mesmo...

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista XXI

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Avelino **Sexo:** M X F **Idade:** 67 anos **Escolaridade:** 6º ano **Profissão:** Aposentado **Naturalidade:** Praia da Vitória .

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de casamentos entre portugueses e norte-americanos e/ou familiares diretos)

Parte I – Carácter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na Base das Lajes na população terceirense?

Na minha maneira de ver, os americanos criaram um modo de vida na ilha Terceira, que não existia. Foi continuo a todas as ilhas dos Açores, inclusive a Portugal continental.

Havia pessoal que vinha para a Base servir a tropa. O alongamento de pessoal que acabou por vir para a Base das Lajes, teve muito a ver com o facto dos ingleses e depois com os americanos, daí ter um contingente tão fortificado ao nível nacional de muitos elementos portugueses que vieram para cá.

Muitos destes... solteiros, acabaram por se radicar e ficar por cá... casaram, fizeram a vida cá... e acabaram por ficar cá... porque já achavam um modo de vida muito melhor do que aquele que havia no Continente, inclusive.

Os portugueses sabem perfeitamente, que mesmo que não trabalhassem na Base, por intermédio dos outros, compravam para eles. Todos foram influenciados pelos americanos, pela Base.

Fazíamos o peru à nossa maneira, mas com os produtos americanos (risos), a “gente” idolatrava os produtos americanos... uma vez um americano convidou-me para ir comera casa dele. Aquilo era tanta abundância, era galinha, era *hot dogs*, eram hambúrgueres...

Cheguei a alugar a minha casa aos americanos, era bom... eles pagavam bem!

A Estrada 25 de abril era quase toda uma rua de americanos, era uma estrada com “banheiras” no lado de fora, com *Chevrolets*, *Cadillacs*... tudo pela rua abaixo... Era tudo americanos. Houve muito português que fez a sua vida do arrendamento aos americanos.

Indiretamente, houve muita “gente”, cá fora, sem trabalhar na Base que se “governou” por causa dos americanos. Criaram negócios e contrabando (risos) à custa dos americanos. Vendia-se cerveja, vendia-se tabaco, vendia-se isso, vendia-se as coisas do BX...

2- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira?

Totalmente.

Como?

Eu inicialmente, foi quase imposto... na altura de escola, na minha 4ª classe, aqueles melhores de escola, o senhor Padre, influenciava para ir para o seminário... Eu não gostei daquilo e vim-me embora.

Meu avô disse que é que ia tomar conta de mim. O meu avô falou com o (nome do senhor) e eu fui para o Campo de Golfe, para aprender inglês. Havia escola à terça e à sexta-feira e, meu pai, que era um homem muito humilde, mas era letrado, sabia ler e escrever... meu avô com aquela coisa de eu ir aprender inglês para ir trabalhar para a Base... meu avô trabalhou na Base e meu avô foi olhando por mim.

Quando havia escola à terça-feira, meu pai dizia: “Amanhã, não vais para o golfe, porque a “gente” amanhã vai semear batatas, cavar...” O meu irmão ia com o meu pai, eu ia para o golfe, eu ia para a escola. Foi o meu propósito de vida, aprender a falar inglês.

Lembro-me que na altura havia dois níveis de escola: os adiantados e os atrasados ou principiantes. Quando não se acabava a 4ª Classe tinham de ir para a escola de português do golfe... havia um professor de português e um de inglês...

Eu já tinha algum conhecimento, porque a *Calouste Gulbenkian* (biblioteca itinerante) ia pelas freguesias, e eu mesmo à luz de vela, devorava livros...

Continuei na escola, apesar de não ser muito da vontade de meu pai.... Meu pai dizia: “Eu estou para ver o que essa escola está para dar.”

Anos passaram-se e em 72 continuei a ir para o golfe, já tinha 18 anos, ganhava no golfe 4 ou 5 dólares, já dava para guardar dinheiro, ficava com 1 dólar ou meia dólar e dava o resto a minha mãe, ela não sabia quanto é que eu ganhava. Eu dava-lhe 2 ou 3

dólares, já era mais que o ordenado que ganhava a trabalhar na Base. Porque eu quando fui trabalhar para a base, meu pai ganhava 1800\$00 por mês na polícia americana e por turnos, eles pagavam subsídio de turno e eu fui ganhar 1950\$00. Meu pai era um G2 (nível 2) e eu fui telefonista para o nível 1 (G1) ...

Conheci a minha mulher na Base. Ela veio de S. Miguel. Meu sogro era de S. Miguel e veio para cá por causa da Base, para vir trabalhar na Base e mais tarde mandou vir a mulher e a filha. Ele quando veio para cá, foi morar numa das barraquinhas feitas de madeira (Bairro da Lata – Serra de Santiago) e depois é que foi para Santa Rita.

Resumindo, meu pai chega a casa um dia e diz:” E essa escola, como é? Já marcaste exame?” e eu respondi:” A escola já deu o que deu, agora estou lá em cima (no golfe) porque está a dar uns trocos, estou a ganhar 4, 5 dólares por dia, e isso é dinheiro, portanto...”

Fui ao exame (de admissão), passei no exame B e inscrevi-me no 5020. Passado uns tempos mandaram um cartãozinho para casa para eu ir à entrevista e comecei a trabalhar logo a seguir...

Comecei a tempo parcial, a fazer baixas e por vários serviços... acabou esse tempo e vim para casa. E fiquei à espera de ser chamado.

Depois fui para os cinco Picos. Havia dois destacamentos de comunicações, uma na Vila Nova, o outro nos Cinco Picos. Moravam lá americanos que pagavam do seu bolso um empregado de limpeza e fui para lá.

No tempo estavam lá uns dinamarqueses a montar antenas novas. Meti-me com os dinamarqueses, eles iam pôr os restos fora, o cobre, e eu aproveitei. Carregamos aquilo e vendemos o cobre, deu 5 contos.

Acabou o tempo ali, eu soube que o dinamarquês estava a contratar para o seu restaurante na Praia. O meu inglês era bom e ele já me conhecia... fui andando, fui andando, fui-me introduzindo... iam lá muitos americanos de quando trabalhei na Base, eu estou a falar num período de 6 a 8 meses.

Os americanos iam ao restaurante, vinham os da marinha e então por conhecer alguns americanos do tempo que fui *Caddy* no golfe, e alguns daqueles que conheci quando trabalhei na Base... sabia falar bem inglês e acabei por entrar para a Base, fui andando, fui concorrendo e acabei por chegar ao ponto que cheguei.... Acabei por ficar permanente em 1973.

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Ajudavam de mil e uma maneira. Uma das coisas que me lembro, foi no dia do *Thanksgiving*, eu tinha 16 anos e um americano queria que eu fosse para a Base... e ele tinha um *Ford Mustang* descapotável. Como eu era muito “delgadinho”, ele dizia para eu ir onde a capota se recolhia, e eu entrava na Base.

Quando chegamos à Base, ele metia a capota e dizia: “salta para a frente”. Então ele leva-me aos dormitórios da Marina, e como ele era o encarregado daquele dormitório. Ele bate à porta deles todos... e dizia: “Amanhã temos inspeção, hoje é *Thanksgiving* não há nada para ninguém. Hoje vocês comam, divirtam-se, deitem-se e estejam à vontade, estejam à vontade. Amanhã quero os quartos todos limpos e arrumados e tudo que vocês tiverem de excesso... vocês metem para o lixo e ponham isso devidamente. Aquele que tiver mais de 25% desorganizado está sujeito a perder uma divisa” ... ele ameaça, deixa ficar sacos de lixo no corredor e eles iam metendo roupa, roupa usada... havia umas calças à boca-de-sino, “Levi’s”, assim muito grandes, azuis e havia umas riscadas azul e branco...coisas boas! Deu-me aquilo tudo que não queriam...

Toca para casa... até eletrodomésticos trouxe para casa. Toca para casa e parece-me que a “gente” nem sequer luz tinha (risos) ..., mas já tinha eletrodomésticos... roupa... minha mãe das calças de ganga cortava pelo joelho, abria pela e dava uma saia para as raparigas (irmãs) e apertava os calções para os rapazes (risos), era lençóis e peúgas e cuecas e isso e aquilo... foi 3 sacos de lixo cheios, só naquele dia.

As coisas que iam para a Caldeira (lixeira a céu aberto) era o excesso que havia do Comissário ou do BX, coisas fora de prazo, mas que para nós ainda eram boas, a “gente” às vezes ainda comprava (risos). Coisas no limite do prazo, e os americanos quando estava perto de acabar o prazo, deitavam fora... ia tudo para a Caldeira. Aquela “gente” da Serra de Santiago, andava sempre atrás do que se metia para a Caldeira. Matou a fome a “montes” de “gente”...

Eu lembro-me de eles pagarem 1 dólar às empregadas domésticas ou então 75 centimos e deixavam elas lavar as suas roupas nas casas das americanas. O que se via de empregadas domésticas por essa Estrada 25 de abril acima, e em Santa Rita. Apanhavam a camioneta americana o *Blue bus*. Então os americanos davam-se ao luxo de ter uma empregada doméstica, uma costureira, o senhor que corta a relva, o jardineiro, o que lava o carro... havia de tudo...

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Sim, havia um programa na Base chamado *People to People*, e esse programa era vasto. Esse programa foi aproveitado nas freguesias, os americanos ajudavam. Havia um programa de escola com apoio dos americanos.

Lembro-me quando era pequeno do tempo das “caixinhas” davam nas escolas. Vinha um carro da Base cheio de “caixinhas” e a “gente” à espera, o olhar uns para os outros porque uns tinham berlindes e uma piorra para jogar, outras tinha uma bolinha de borracha que saltava muito, outros tinham lápis de cor... e outras coisas...

E havia também programas em que eles próprios, na Capela americana, todo o excesso que não precisavam davam, e a própria Capela americana distribuía, dava cá fora (exterior à Base). Eu por exemplo, através... da Capela americana consegui dois carros de mobiliza usada para o Centro Social da minha freguesia...

E o clube golfe, ajudou tanta “gente”, para depois irem trabalhar para a base e melhorarem a sua vida.

Os americanos é que fizeram o clube de golfe, aquilo empregava cento e tal rapazes que ganhava meia dólar ou 1 dólar, e dava para muita coisa, dava ½ barra de manteiga, ½ kg de açúcar, ¼ de figos passados, dava 2L de petróleo para os candeeiros... era assim.

Mais tarde, esses tempos foram passando e foi-se ganhando mais, os americanos começaram a dar 1 hambúrguer e 1 sumo... mais isso e mais aquilo... a “gente” era tratados como de 1ª Classe...

Conheço um rapaz que foi *Caddy* como eu, mas ele foi selecionado para trabalhar no golfe, aquilo dava um... estatuto. Lembro-me de um dia que ele me disse que eu era um daqueles pés descalços que ia lá para cima (golfe) e que agora trabalhava na Base... aquilo custou-me tanto! Eu pé descalço! Nunca fui! A minha mãe fazia das tripas coração para eu andar sempre calçado, ao contrário de alguns dos meus irmãos que andavam de pé descalço... Os anos passaram e eu já tinha um emprego na Base melhor que o dele!

5- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Quando me vim embora para casa depois de 43 anos a trabalhar na Base (risos).

Comecei a trabalhar na Base com 18 anos. Os americanos foram o meu modo de vida: primeiro porque a única maneira de eu ter aprendido o que aprendi até hoje, que

ainda é muito limitado, mas aprendi por causa dos americanos. Fui criado num regime fascista, pobre, só quem tinha dinheiro é que podia estudar, quem não tinha, não tinha oportunidade de estudar... aí é que me obrigaram a tirar a equivalência ao 6º ano, falo e escrevo melhor inglês que muitos.... Foram eles que me ensinaram e foram eles que me deram o incentivo para saber mais.

O ordenado era bom. Com o meu ordenado da Base, cimentamos o chão da nossa casa, comecei a trabalhar na Base, o ordenado deu para o chão que era de terra batida.

E as formações que fui fazer aos Eu! Foram bastantes, para diferentes níveis superiores, fui, conheci vários Estados americanos.... Aprendi muito com os americanos. Tive oportunidades que de outra maneira não tinha.

E as menos boas?

A pior memória que tenho deles, era eles dizerem que eram patrões, que não discriminavam. Mas discriminavam mediante o que os portugueses não podiam ver aos outros portugueses... não propriamente os americanos, mas incentivados pelos portugueses.

Acabavam por discriminar sem saber porque discriminavam... eram capazes de dar tudo, mas se a “gente” lhes tirava algo sem lhes dizer, perdia tudo!

Ser discriminado por coisas que não tinham a ver comigo, mas tinham a ver com o meu *input* agressivo demais para os outros que trabalhavam comigo.

E foi o facto de não ter subido (hierarquicamente) quando quis. Acabei por subir de repente. Se eu tenho subido com 25 ou 26 anos, tinha ficado muito melhor!

6- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Por causa dos americanos estarem cá, houve uma muito maior emigração para os EUA, porque muitos aprenderam a falar uma coisinha de inglês e emanciparam-se lá fora (EUA). Conheço muitos que são riquíssimos lá fora, que emigraram e estão a voltar e a impulsionar a economia cá, investem cá, vem para cá e compram cá...

E desvantagens?

Não acredito que tenha havido desvantagens. Os americanos com a “gente” eram tudo! A sua relação com a “gente”. Eu vou-te contar uma história. Eu e um amigo da Vila Nova, havia lá um Sargento e ele dizia que gostava de ir pescar e a “gente” aqui tinha um mar tão lindo e isso e aquilo..., mas não havia maneira de encontrar um barco.

Eu falei com esse meu amigo a ver se arranjávamos um barco para ir pescar com esse homem... ele dava Coca-Cola e um chocolate à “gente”, dava uma gorjeta, a “gente” canalha... era um homem que gostava de estar com a “gente”.

Lá esse meu amigo arranhou o barco. O americano levou um garrafão de gasolina e foi-se pescar.... Fomos para as Quatro Ribeiras, metemo-nos no barquinho e fomos pescar. Apanhamos um bocado de peixe... Eu era só comer e vomitar... (risos) Ele (americano) levou *Hotdogs* e chocolates e Coca-Cola e era cerveja para ele e para o homem do barco.

O homem apanhou um bocado de peixe. Acabou-se a pescaria, começamos cedo e quando nos viemos embora ele deu 20 dólares ao homem do barco, um garrafão de gasolina, 20 dólares a cada um da “gente”, deu peixe à “gente”... Eu nunca sequer tinha comido peixe grado na minha vida, a “gente” comia era “charrinho” (chicharro).

Parte II – Casamentos

7- Tem conhecimento se houve casamentos entre jovens terceirenses e norte-americanos? Eram mais do sexo feminino do que masculino, certo?

Foram montes, montes deles... ou através de terem emprego na Base... olha eu conheço uma que deixou o marido para casar com um americano (risos) ... os filhos acabaram por ir para a América e até a filha dela casou com um americano.

Era quase tudo raparigas... nesses tempos, era quase só homens na Base, era as mulheres portuguesas...

8- Consegue-nos descrever algum caso que tenha conhecimento e em que ano, aproximadamente, acha que ocorreu?

Havia um sargento que eu conhecia, ele era assim meio “ariscozinho”, e eu dizia-lhe “Tu és casado?”; “Oh o que é que isso tem a ver?”, e eu dizia-lhe que eles estava a precisar de uma mulher para lhe acalmar os ânimos (risos).

Então havia uma rapariga que eu conhecia, que trabalhava para um casal. Eu tinha uma amiga que me disse “Como é que vai ser para arranjar um americano para a nossa amiga?”. Essa nossa amiga era um pouco envergonhada, mas era uma rica moça. Então eu disse: “Eu parece-me que já sei quem é a pessoa certa para ela (risos) ... se calhar isso dá um bom casamento”.

Um dia a falar com o americano disse-lhe assim: “Vou-te marcar um encontro com uma pessoa” e eles sempre arisco: “Não quero encontros com ninguém! Se eu quiser uma namorada arranjo.” ... “Eu vou-te arranjar uma mulher que sabe fazer tudo! Já sabe falar inglês, sabe cozinhar muito bem, uma excelente dona de casa. E vocês combinam bem um com o outro, tu és “arisco” e precisas de uma mulher sossegadinha a ver se te acalmas, que a “gente” está fartos de te sofrer” (risos) ...

Marquei um encontro para eles se encontrarem, para se conhecerem. E o primeiro encontro deles foi: “*How are you?*”; “*Fine, thank you.*”, que queres beber, que queres comer e não disseram mais nada o resto do encontro (risos). Tudo começou assim!

Fui ter com o americano e perguntei que tal? Ele respondeu: “Fui lá e até engracei com ela, mas ela não é muito faladora.”, e eu disse-lhe: “Mas tu és tão “falazão”, não falaste nada? (risos) Tu é que tens de tomar a iniciativa, os homens é que cuidam delas, a “gente” aqui ainda não é como vocês”, o *American way*, as mulheres aqui não se atiram para cima dos homens. Agora o *Portuguese way* “Tu é que tens de fazer o *approach* e tal...”

Lá se marcou mais um encontro e tal, e dali a um ano eles casaram, e ainda estão casados hoje.

Outro que conheci, aí em 70's, estava na Base de muito pouco. Levei o americano aos toiros, ele tinha começado a trabalhar comigo... Ele conheceu uma rapariga do Raminho que estava nos toiros. Se não o levo aos toiros ele não a tinha conhecido. E também casaram pouco tempo depois.

9- Como é que as jovens terceirenses conheciam os seus noivos norte-americanos?

Eu via muito, por exemplo através do “*George, the Crook*”, nas festas de freguesia...Muitos deles através de bebedeiras (risos), outros através de “achegas”, um empurrãozinho por amigos, outros através das festas que havia cá fora (exterior Base), outras pequenas que já iam à procura a ver se pegavam e andavam daqui para fora (emigrar).

10- Havia locais e/ou eventos em que jovens terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes, pudessem conviver/conhecer-se socialmente?

Quando iam ao “*George, The Crook*” (Café na Praia), os americanos iam muito para lá, de vez enquanto havia pancadaria. E o “*George, the Crook*”, (proprietário) dizia: “Não se chama a polícia, eu não quero aqui polícia!” Fecha-se a porta que essa “gente”

há de parar, se chamassem a polícia, era uma chatice ... Quando acabava a pancadaria, ele ia ter com aqueles (americanos) que eram mais graduados: “Vocês já acabaram de brigar? Agora vamos a contas, antes que chame a polícia!” (risos) Os americanos não queriam, então eles chegavam lá a acordo, os americanos faziam uma “derrama” (juntar dinheiro) entre si, 200 ou 250 dólares, naquele tempo era muito dinheiro!

Ele (dono do Café Açores) pregava aquilo tudo, mesas, cadeiras e estava pronto para abrir no outro dia e dinheiro para a algibeira (risos).

A “gente” dizia o “*George, The Crook*” porque era o senhor mais conhecido do Café Açores, ele engraxava sapatos no Café.

Naquele tempo havia vários Cafés e Bares que os americanos iam: havia a “Rosa”, havia “O Tamara” ... Aí belos tempos!

Aí dinheiro! Naqueles anos de 60 e 70! Que fonte de rendimento que aquela “gente” era (americanos). Cheguei a trazer para casa 14, 15 dólares de gorjeta...

E era nesses cafés, nessas festas que eles acabavam por conhecer muitas das raparigas...

11- E o namoro? Como era o namoro? Era longo, seguindo os padrões culturais da época (por exemplo, namoro à janela, noivado...)?

Agora cá! Eles sabiam lá o que isso é... só para veres. Conheci vários casos de americanos que casavam com prostitutas, casavam e levavam-nas, não tinham preconceitos...

Até pode ter havido, p primeiro, segundo ou terceiro dia... mas aquilo depois passava, não havia cá destas coisas...

12- Que razões aponta para a realização de um casamento entre jovens terceirenses e norte-americanos?

Houve montes de empregadas domésticas que acabaram por ter casos (amorosos) com os americanos. Tudo a ver se iam para a América!

Algumas era atrás de uma vida melhor e outras era *fake love* (risos)...

13- Acha que o desejo de emigrar e ter uma vida melhor terá motivado alguma das jovens que casaram com americanos? Porquê?

Elas só podiam ir para os EUA depois de terem passado os testes... físicos, para saber se elas tinham doenças... tinham de fazer exames... tinham de tratar de

passaporte, isso ia para o consulado, embaixada e isso tudo, porque muitas nem bilhete de identidade tinham... Elas queriam era ir para a América... faziam isso tudo só para ir para a América.

14- Tem algum familiar que tenha casado com norte-americanos, sediados na Base das Lajes? Sim ____ Não X .

15- Conhece algum caso de uma jovem terceirense casada com um americano das Lajes que tenha regressado à ilha?

Regressaram e acabaram por ficar a viver cá. Conheci uns que vieram para cá morar, quando ele se reformou, tem a sua casa cá e tem casa lá (EU). Tem muitas que ficaram muito bem...

Que motivos terão tido para regressar?

Porque hão de ter querido ter paz de espírito (risos)...

16- Conhece algum caso em que o casal tenha ficado a residir na ilha Terceira? Ou todas as terceirenses emigraram na companhia dos maridos?

Algum tempo, mas acabava por ir tudo para a América.

Conheci uns que ainda ficaram cá uns aninhos, porque ela tinha medo de ir para a América, mas depois acabou por ir.

Havia um na engenharia, americano, mas civil, casou com uma portuguesa e como era civil, podia ficar mais tempo. Ainda estiveram cá alguns anos. Até o americano ser obrigado a ir para a América.

Para ficarem cá, iam renovando as comissões (militares) e os civis, as comissões de X anos, mediante autorização do Comando Aéreo dos Açores e prorrogação do Governo americano, da embaixada ou consulado...

17- Os casais tiveram filhos? Os filhos têm alguma ligação ou interesse pelos Açores? Costumam visitar os Açores?

Tiveram, mas foi quase tudo lá fora. Alguns tiveram cá, principalmente os que estiveram cá mais tempo.

Alguns querem voltar para conhecer a lado da mãe, as suas origens, alguns até onde nasceram...

18- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de casamentos que terão ocorrido entre terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes? E mais ou menos em que ano terão ocorrido (entre 1946 e 1974)?

Ó pá! ... milhares... dos anos 40 a 70, oh isso... são milhares. De todas as ilhas, ou de quase todas as ilhas vieram “gente” para cá... casamentos entre portugueses e americanos, foi milhares!

19- Tem mais alguma informação que ache importante partilhar para o estudo que estou a desenvolver?

A emigração que originou... hoje temos açorianos congressistas, temos *Mayors*, xerifes... que são descendentes diretos de pais portugueses dessas épocas de 40,50,60... estamos espalhados pelo mundo inteiro!

Muito obrigada pela colaboração.

Entrevista XXII

O impacto social da presença norte-americana na ilha Terceira, Açores durante o período do Estado Novo (1933-1974).

Nome: Alvarina **Sexo:** M ☐ F ☒ **Idade:** 61 ano **Escolaridade:** 7º ano **Profissão:** Reformada **Naturalidade:** Praia da Vitória .

(Sujeitos indiretos que tenham conhecimento de casos de casamentos entre portugueses e norte-americanos e/ou familiares diretos)

Parte I – Caráter Geral

1- Na sua opinião que influência teve a presença dos norte-americanos na Base das Lajes na população terceirense?

Economicamente, trabalhos. Trabalhou ali à volta de 4000 e tal empregados, mas depois tu tinhas aquelas que tomavam conta das crianças dos americanos, as empregadas de limpeza, mexia com tudo, eles frequentavam os restaurantes cá fora, eles (americanos), portanto, alugavam casas... foi tudo... mais a zona da Praia, notava-se muito na Praia. Os snack-bares... o ir ao BX, não havia televisão e a “gente” na zona das Lajes já tínhamos televisão americana, houve uma mudança radical, nas mentalidades, nas maneiras de estar, de vestir... era tudo... até as mulheres. Quantas mulheres trabalhavam na Base? Poucas, muito poucas e mesmo assim, as mulheres começaram a ir trabalhar fora de casa, para a Base, eram as empregadas domésticas nas casas das americanas, as “*Nannys*”, era no BX e no hospital...pouco mais. As mulheres eram em casa, dependiam dos maridos, depois é que começaram a ter a sua independência, já contribuíam para casa...economicamente, as mulheres ganhavam mais dinheiro que os homens...

2- A sua vida foi influenciada pela presença norte-americana na ilha Terceira? Como?

Aquilo era uma América em ponto pequeno! O BX, o vestir das pessoas cá fora mudou, até a forma de estar, maquiagem, na altura quem era a mulher que usava maquiagem... através do BX, iam lá comprar maquiagem. Eu lembro-me de só usar

maquiagem americana porque eu ia ao BX. Não havia cá fora nada disso! Sapatilhas de marca, a *Levi's*, não havia nada disso na Terceira, senão na Base, portanto, mudou muito, a “gente” mudou muito.

Os poliésteres, havia tecidos, as pessoas faziam roupa com esses tecidos...eu lembro-me naquela altura, eu sempre andei muito moderna, porque a minha avó era costureira e eu andei sempre muito moderna, queria as saias curtas ... mas não havia lojas para comprar tecidos, como hoje temos...

O comércio, cá fora, também teve de se ajustar, eram muitos americanos, havia procura...

3- O que acha que os norte-americanos fizeram pelas famílias mais pobres da ilha? E particularmente pelas crianças e jovens da ilha?

Fizeram muito, muito... foi roupa, foi comida... as empregadas deles, ficavam arrematadíssimas... eles davam muito.

Mesmo as crianças, se iam pedir eles davam muito, faziam festas... Aí as festas de Natal do “Cinema Azoria”, era comida para todos, prendas, Pai Natal... coisas que não se tinha...

4- Acha que os americanos ajudavam a população local? Consegue-nos descrever algum episódio?

Ajudavam. Ajudavam muito. Ajudaram disparates! Principalmente aquelas que trabalhavam na Base de empregadas, aquelas mulheres levavam disparates!

5- Quais as melhores memórias/recordações que guarda dos norte-americanos?

Foi a qualidade de vida... a minha vida foi muito diferente porque trabalhei na Base, o meu pai trabalhou na Base, meu avô trabalhou na Base... a vida era melhor, nós tínhamos coisas que outros não tinham... aquela abundância. Na nossa casa não faltava nada! Ganhava-se bem...

E as menos boas?

Eu só tenho coisas boas.

6- Que vantagens encontra da vinda dos norte-americanos para Terceira?

Houve, muito desenvolvimento, principalmente na zona do Ramo grande, na Praia que fez com que se desenvolvesse muito a economia aqui, tanto que se notou quando os americanos se foram embora.

E desvantagens?

Eu acho que a maior desvantagem foi a redução (do contingente militar) ... trouxe uma quebra muito grande para a nossa economia...

Parte II – Casamentos

7- Tem conhecimento se houve casamentos entre jovens terceirenses e norte-americanos? Eram mais do sexo feminino do que masculino, certo?

Era mais as mulheres.

8- Consegue-nos descrever algum caso que tenha conhecimento e em que ano, aproximadamente, acha que ocorreu?

Conheço um caso, eu era criança, aquilo foi, e ela esteve casada com ele até ele morrer, ela agora é viúva.

Lembro-me que havia um americano que disse que gostava de casar com uma rapariga portuguesa, e havia um trabalhador da Base que conhecia o americano e a tia de uma pequena. E o americano depois foi à matança em casa dessa tia, isso foi coisas que eu assisti, era criança, mas lembro-me, eles começaram a falar... ela não falava inglês, nem uma palavra, e ele é que aprendeu português e casaram e foram para a América.

E elas casavam e nem sequer falavam inglês... enrolavam (risos). Elas nem sequer falavam inglês quando casavam com eles.

Conheci muitos casos que casaram.... Havia muito convívio entre portugueses e americanos. Era nas festas tradicionais... muitos portugueses, que trabalhavam na base. Levavam muito os americanos para casa, jantar, para a tourada...

9- Como é que as jovens terceirenses conheciam os seus noivos norte-americanos?

Havia trabalhadores que davam conhecimento das raparigas para casar com eles... e coisas assim, e levavam-nos (americanos) às touradas para conhecerem as raparigas... os trabalhadores da Base levavam muito os americanos para ir comer à sua casa... casou muita rapariga que vinha de outras ilhas.

Eu conheci muita rapariga da minha freguesia que casou com americanos. Por exemplo, eu trabalhava na Base, conhecia um americano que me dizia que gostava de casar com uma portuguesa, e eu levava-o a casa de uma portuguesa que quisesse casar com um americano... havia muitos casos assim!

10- Havia locais e/ou eventos em que jovens terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes, pudessem conviver/conhecer-se socialmente?

Eu tive um americano, lá nas Lajes, numa tourada, que eles iam muito para casa de uma amiga, e lembro-me perfeitamente, ele era médico, isso já foi há muito ano, e ele falou comigo nessa tourada, eles estavam num grupo, eu era muito nova... e lembro-me de ir muito americano às touradas, eles de vez enquanto eram pegados (risos)... esse americano, voltou noutra tourada e falavam com as raparigas e metiam-se... eles iam às touradas, a “gente” erámos raparigas novas, e eles começavam, conheciam pessoas que trabalhavam com eles e começavam a meter conversa com a “gente”, com as portuguesas... e muitas casaram assim...os americanos gostavam muito de portuguesas! Achavam que a mulher portuguesa sabia trabalhar, era dedicada de casa...

Acho que era mais as festas, eu acho, eu como não vinha para os bailes não sei como era, se elas iam, senão, lembro-me bem é de ver em festas nas freguesias, em casa de pessoas amigas, nas matanças... as touradas, eles iam muito a touradas...

Mas naquele tempo, havia muita “casa de mulher” (prostituição), e eles casaram com muita mulher da vida, levaram muitas dessas mulheres... acabavam por as tirar da vida, eles não olhavam a essas coisas... Se tivesses o azar de dar um mau passo, de namorar e o namoro acabar, estavas despachada! Era porque não prestavas, eras isso, eras aquilo... estavas despachada!...

11- E o namoro? Como era o namoro? Era longo, seguindo os padrões culturais da época (por exemplo, namoro à janela, noivado...)?

(risos)... Eles antes de namorar, já havia “convívio” e depois é que namoravam (risos). Cá nada! Quais padrões culturais! Eles tinham os seus padrões... salta e vamos embora...E os americanos comparados com os nossos portugueses? (risos) Credo, eles eram lindos! Bem vestidos, a cheirar... os nossos andavam na lavoura, sujos e a cheirar ... era um futuro bom, ele andava-te limpinho, o americano vestia bem, os nossos portugueses coitadinhos era uma tristeza (risos) não tinham dinheiro, eles (americanos) já tinham carro, já tinham tudo... iam para a América... era outra liberdade... e

estimavam mais as mulheres! Os pais facilitavam porque era uma chance para o futuro de um filho! Chamavam a família...

12- Que razões aponta para a realização de um casamento entre jovens terceirenses e norte-americanos?

Por uma vida melhor, porque não tinham vida nenhuma que prestasse aqui. Havia muita pobreza.

Eles levaram muita rapariga da vida, “honraram” essas raparigas... e depois fizeram bem às famílias, muitas famílias foram depois para a América

13- Acha que o desejo de emigrar e ter uma vida melhor terá motivado alguma das jovens que casaram com americanos? Porquê?

Era para sair daqui... era uma maneira de ir para a América.

14- Tem algum familiar que tenha casado com norte-americanos, sediados na Base das Lajes? Sim _____ Não X.

15- Conhece algum caso de uma jovem terceirense casada com um americano das Lajes que tenha regressado à ilha? Que motivos terão tido as jovens terceirense ou o casal para regressar?

Algumas vinham, quando eles passavam à vida civil elas regressavam. E outras vinham separadas com os filhos. Porque eram reformados, aqui era mais calmo, outros porque tinham a família cá.

16- Conhece algum caso em que o casal tenha ficado a residir na ilha Terceira? Ou todas as terceirenses emigraram na companhia dos maridos?

Ficavam cá enquanto não acabavam a sua comissão e depois tinham de se ir embora.

17- Os casais tiveram filhos? Os filhos têm alguma ligação ou interesse pelos Açores? Costumam visitar os Açores?

Sim alguns até nasceram cá. Conheço um que veio para cá viver... vinha cá com a mãe e gostava de estar cá que se mudou para cá.

18- Consegue-nos fazer uma estimativa do número de casamentos que terão ocorrido entre terceirenses e norte-americanos sediados na Base das Lajes? E mais ou menos em que ano terão ocorrido (entre 1946 e 1974)?

(risos) Muitas, mas não faço ideia de quantas (risos).

Muito obrigada pela colaboração.

Anexo XI

Testemunhos

Testemunho 1

Jorge, sexo masculino, 86 anos

Como é que foi trabalhar para a Base? Como foi o seu percurso?

Eu fui trabalhar para a Base, eu principiei...eu vendia fruta, fruta na rua, pêssegos, maçãs... e outras frutas. Um dia fui vender fruta para os lados da Base e um senhor comprou-me fruta. No outro dia, fui lá outra vez e ele disse-me se eu lhe queria vender os cestos de fruta, eu disse-lhe: “sim senhor”. No outro dia, fui buscar os cestos e tornei para casa com os cestos para encher, para no outro dia, tornar a ir vender fruta... até que esse senhor perguntou se eu queria ir para a Base, e eu disse que gostava de ir, era uma sorte ir para a Base! E ele arranjou-me serviço para eu fazer logo naquela noite... e eu comecei logo naquela noite... aquilo eu ia fazendo uns serviços, não havia contratos...já na altura ganhava-se melhor que vender fruta, era muito melhor que vender fruta, e eu queria era ir para a Base. Olha e tive sorte e fiquei na Base, mas foi assim que entrei na Base, tive sorte.

Esse senhor foi-me aguentando na Base, eu queria era ir para a Base. E um dia ele arranjou-me trabalho num armazém, no Comissário, e eu tive 10 anos lá a trabalhar. Eu saí de lá, do tal armazém, e fui para o Clube de Sargentos trabalhar de caixeiro, aí fiquei melhor. Depois saí de caixeiro e fui para outro armazém e fiquei de encarregado do armazém, e depois tive mais 10 anos no armazém e fui para o Comissário outra vez, fiquei de “*Chauffer*”, e isso foi aumentando sempre mais, fui ganhando sempre mais, mais 10 anos com o Carro do Leite, a “acartar” (transportar) leite da Vinha Brava para a Base e acabou 10 anos que estive lá, e depois disseram se alguém quisesse vir para casa que davam uma indemnização e iam para a reforma. E eu com 58 anos, aproveitei e vim para a reforma e fiquei com a indemnização que me deram.

Mais tarde esse senhor que me arranjou o trabalho, o que me comprou a fruta, ele era chefe dos armazéns, acabei por o convidar para ser meu padrinho de casamento. Acabei por me vir embora e pronto foi assim!

Com que idade foi trabalhar para a Base?

Devia ter aí os meus 19, 20 anos.

Ainda me lembro de levantar as chapas da pista. Era preciso tirar as chapas para os americanos começarem a pôr o alcatrão. As chapas eram todas presas com uns

ganchinhos para ficarem todas juntas... quando cheguei o meu chefe mandou a “gente” arrancar as chapas da pista... foi logo no princípio de ir trabalhar para a Base...

Tenho ouvido falar no “5020”, pode-me explicar o que é o 5020?

O 5020, era o lugar onde a “gente” principiava a passar papéis para ir trabalhar para a Base, às vezes contratados por 1 mês, 2, e quando acabava uns renovavam, outros vinham para casa. Quem já tinha o pé dentro, era chamado mais depressa. Alguns que nunca tinha trabalhado na Base, era mais difícil.

Aquilo ali, era só mesmo preencher papéis... a “gente” não preenchia nada, a “gente” dizia o que é que sabia: se sabia inglês, português, se não tivesse a 4ª classe não entrava para a Base. Para entrar para a Base tinha de saber lê, nem era a 4ª classe. Eu entrei para a Base eu não tinha a 4ª classe, eu não tinha exame nenhum!

Dei o exame foi de adulto e foi depois de estar na Base, e já muito ano depois. Eu fui para a escola, eu cheguei lá a um lugar onde passavam os papéis, e tinha lá um senhor, que me perguntou se eu sabia ler, e eu disse: “Sei”. Sabia lá nada! Eu não sabia nada! Mas ele mostrou-me um livro em americano, para mim, e virou-me a capa para mim, dizia “*book*”, eu não sabia ler, mas aquele nome, eu soube, eu disse a ele: “Eh senhor, isso é “*book*”. (risos) E olha, eu passei, e passei por saber ler inglês (risos) mas eu não sabia! Eu depois fui aprendendo, e quando estive no Comissário eu sabia o nome daquelas coisas todas que eles tinham lá, tudo coisas em inglês. Eu fui tomar conta (encarregado) do armazém, e tinha lá coisas difíceis, e eu lia aquilo tudo e tudo quanto eles me pediam, era escrito e eu fornecia aquilo tudo!

E acha que a sua vida foi diferente porque trabalhou na Base?

Pois hoje estou me consolando, não faço nada (risos)...

Ao fim de 10 anos de estar lá, entregaram-me uma carta de despedida para me vir embora da Base. Aí tal susto! (risos) Olha, fui ter com aquele senhor que me tinha metido na Base, e eu contei-lhe, e ele disse-me assim: “Vai trabalhar descansado, que isto não dá em nada. Isto há de ter sido um engano que veio da América” (risos). Passei um susto medonho! 10 anos de serviço, uma carta de despedida para a mão, sem eu fazer mal nenhum a ninguém... e acaçapei-me ali (fiquei ali/acomodei-me), ao fim de 10 anos, mais uma carta de despedida, mas então apanhei um patrão muito bom, era um Capitão americano e ele disse-me: “Fica bem descansado que eu vou-te arranjar um trabalho”, e ele é que me arranjou o trabalho para caixeiro.

Um dia ele chega ao pé de mim e diz assim: “Arranjei-te um trabalho que é dos melhores da Base” era o de caixeiro, era trocar dinheiro e passar as coisas... a receber o

dinheiro dos americanos, quando eles queriam comer lá. E havia lá umas máquinas de jogar, era trocar dinheiro para aquele máquinas... era bom.

Quando eu criei os meus filhos, não faltava nada a eles, porque eu trabalhava num lugar muito bom, eu trazia “disparates” (muito), era chocolates, era farinha e coisa que eles consolavam-se a comer... era como “gente” rica... era muita abundância!

Cheguei a trabalhar numa casa, de ir lá um padre do seminário da Praia, ele ia lá dizia que estava sem material para os pequenos comerem, lá na escola... e os americanos, aquilo que era arrebitado, latas “amachucadas” (amolgadas), ia para um monte, e...quando era de tempos a tempos o padre ia lá, e o carro do serviço carregava e é que ia levar mesmo à Praia.

E chegou um dia, que eu disse ao senhor Padre: “Oh senhor Padre, eu fiz um pecado agora” e ele disse-me assim: “O que foi” e eu disse-lhe: “Olha, eu cortei uma saca de farinha para passar por não prestar, para tirar aos americanos e ser para o senhor”, e ele foi logo: “Eh homem! Não foi pecado nenhum, tirar de um cerrado grande para pôr num cerrado pequeno.” (risos) Não foi pecado nenhum! (risos)

E como ia trabalhar para a Base? Que transporte utilizava?

Os americanos é que me vinham buscar, a mim e aos outros! Era num camião, numa trela (corruptela de *Trailer*) que vinha presa ao camião e que leva a “gente” para baixo (para a Base) e depois à noite vinham trazer a “gente” outra vez.

E como é que era trabalhar para os americanos sem saber falar inglês?

Sem saber falar inglês era um bocadinho difícil. Mas a “gente” por sinais, e uma coisa hoje, outra amanhã, a “gente” ia andando. Eu quando saí da Base eu já sabia falar um bocado de inglês, eu já me desenrascava bem com qualquer um americano. Agora o inglês já me esqueceu um bocadinho.

E como era a sua relação com os americanos?

A “gente” dava-se muito bem com os americanos! Eles vinham a minha casa comer! Eu tive americanos bons ... Eu até tive uma americana que vinha-me capar os leitões a casa (risos), é verdade! Eu tinha uma mão cheia de leitões, e ela vinha cá capá-los, todos!

E havia americanos que chegavam a vir a minha casa comer, chegaram a beber, consolavam-se a vir a minha casa. Era comida boa então. Era dos meus porquinhos, tinha carne de casa, a minha mulher fazia uns bifinhos de cebolada, os americanos gostavam muito da cebolada frita! Eles comiam, consolavam-se aqui!

E teve algum filho que tenha ido trabalhar para a Base?

Tive, o meu filho mais velho, eu pedi para ele ir. Eu já trabalhava na quando abriu vagas lá para onde ele foi, eu pedi a um amigo meu para lhe dar um “jeito”. E esse amigo meu, deu-lhe um “jeito”, ele foi para criado de mesa, mas ele não chegou a ir para criado de mesa, ele foi logo para servir à mesa, era melhor. Foi lá, esse meu amigo arranhou melhor. A diferença era no ordenado, porque era praticamente fazer a mesma coisa.

E o meu neto, também foi trabalhar para a Base, já foi diferente, ele teve de ir fazer exame, mas o pai, o meu filho também falou com um amigo lá dentro e ele entrou para a Base e até hoje.

Testemunho 2

Pedro, sexo masculino, 64 anos.

Eu toquei para os americanos anos a fio... aliás eu nasci dentro da Base. Em relação aos americanos e às *Big Bands*, o jazz, isso começa com os ingleses primeiro. Os ingleses era hábito trazerem *Big Bands*, da Inglaterra para entreter os militares aqui na Base. E... e aliás, o primeiro piano que vem para... que vem para a Base das Lajes, é um piano que vem de uma... Portanto, não havia piano, e estive cá uma orquestra com uma cantora, e não tinha piano, e o que é que fizeram na altura... na altura havia produção de ananases aqui (Terceira), e levaram uma série de ananases daqui para Piccadilly Circus, e fizeram um leilão e trouxeram um piano consigo na próxima vez. O piano passou a fazer parte do antigo cinema “Azoria” e minha avó na altura dava aulas lá e era com esse piano como também faziam concertos com esse piano.

Quando os ingleses andaram por aí na ilha a fazer concertos com as *Big Bands*, e depois na altura que trocam com os americanos, os americanos o que é que fazem ... fazem contrato com o Art Carneiro que vem de Hong Kong, vem para cá dirigir uma *Big Band*, com malta de Angra e algum pessoal aqui da volta (Praia) e contratam da Graciosa minha avó e meu pai para formarem outras bandas. Uma delas era o “Aerojazz”, tocavam para os americanos, tocavam jazz e outras músicas e por aí fora, durante os anos 50 e por aí a fora.

Mais tarde, naturalmente, eles depois começaram a mudar um bocadinho... a música moderna começa a aparecer, o Beatles e essas coisas... e a Base das Lajes foi um manancial incrível, não só pelos militares que eram músicos que apareciam aí, muito bons...a maioria para o lado do *Country Western*. Meu pai na altura toca numa banda chamada “Country Cousins” e os músicos cá da ilha tocaram com bandas americanas de *Country Western*, no NCO, no *Office Club*, no *Airmen’s Club* e por aí fora... Mas também os militares, traziam os filhos, os filhos estavam aqui na escola, havia o *Teen Center* e não sei mais quê e... e também havia malta nova, *teenager’s* que eram grandes músicos também, e... e as bandas que nós tínhamos, era raro o grupo aqui da Praia que não tinha um ou dois americanos a tocar, havia bandas lá dentro (Base) com americanos a tocar, mas sobretudo, nós... aliás, havia uma envolvimento naturalíssima entre portugueses e americanos... era casa sim, casa não era americanos. Os meus vizinhos, toda a vida, foram americanos.

Agora, o que acontece, a rádio americana, a televisão americana, traziam-nos músicas das Américas que nós não tínhamos acesso, nem através de Lisboa, nem Lisboa tinha acesso à música que nós ouvíamos cá! Mesmo em Lisboa, a forma que a malta em Lisboa, só tinha acesso através dos comissários de Bordo da TAP que iam a Londres e que traziam discos. Nós cá, tínhamos a sorte de ter BX, a coleção de vinil que havia pela Praia, que existe ainda, é incrível!

A Praia, a ilha, graças ao BX, e à rádio americana... isso é assim, para ter uma pequena ideia, lembro-me perfeitamente, isso foi em 69 ou antes... há um grupo de *Chicago* que lança o Disco numa sexta-feira, na segunda-feira, nós já tínhamos a bobine na rádio americana a tocar. As editoras espalhavam isso por tudo o que era mundo... e em Portugal Continental, o *Chicago* só viria a ser conhecido só muito depois de 74 e por aí fora... e nós cá já conhecíamos. Não quer dizer que estávamos à frente ou atrás, era apenas uma condição. Portanto, os americanos traziam a música que faziam lá nos EU e vendiam os álbuns, os vinis, que é mesmo assim, e nós para podermos tocar na Base, e nós tocávamos na Base... 2 ou 3 vezes, a nossa vida... nós fazíamos um ordenado superior a um chefe de família, só a tocar na Base e cá fora: no Praiense, nos Brancos, no Clube dos Oficiais americanos, no Clube dos Oficiais Portugueses, no Clube dos Sargentos portugueses, no Clube dos Sargentos americanos, *Teen Center*, fazíamos matiné também no NCO, como também íamos tocar ao Golfe no antigo Golfe, os americanos faziam coisas lá. Como também, organizava-se muitas coisas no Bar da Riviera, porque havia um Bar na Riviera... havia, é a tal coisa, a música que nós tocávamos cá fora, era a música americana, sempre foi, um ou outro tema português... pronto, mais romântico e por aí fora...

Eu comecei a tocar aos 6 anos de idade, e antes de ir para os EU eu já cantava era em inglês, portanto... comecei a cantar logo aos 7, 8 anos em inglês, porque eu não cantava português... aliás nós só cantávamos em inglês e era temas americanos, coisas americanas... Bandas britânicas, Bandas americanas e por aí fora...

E está claro, juntamente com a música, vem outra coisa que é muito importante, que é a roupa! A roupa que nós vestíamos naquela altura: as calças à boca de sino, as sandálias romanas, essas coisas, era tudo baseado no "*Peace and Love*" e por aí a fora... a moda dos *Hippies*, era toda trazida pelos americanos, pelos *Beatles*, os fatinhos, bota à *Beatle*, tudo isso foi através da música, e a música em si traz também a moda. E nós aqui, comprávamos muita roupa na Base.

Eu lembro-me de ter desembarcado uma vez na Graciosa, no “Ponta Delgada”, íamos atuar no Faial, mas fizemos escala na Graciosa, e lembro-me que quando eu ponho o pé no porto, há um silêncio incrível e há uma voz que diz: “O que é aquilo?” (risos). De facto, era isso, a roupa que nós vestíamos era uma coisa horrível, e incrível ao mesmo tempo, era brilhante, tudo, destoante do resto da ilha (risos), os coletes com franjas e nós andávamos com isso na rua todos os dias, quer dizer... A Praia era um mundo, não tem nada a ver, era um mundo à parte das outras ilhas. Portanto, quando a “gente” ia para S. Miguel, nós levávamos... como é que se chama... o nosso “contrabando” (risos) para S. Miguel, era o *Whiskey* rafeiro, comprado na Base, coca-cola e calças de ganga, o pior que havia (risos)... levamos para lá, era o nosso “contrabando” (risos) e a “gente” fazia alguns trocos com isso. O pessoal pedia muito isso, coisas da Base... Portanto, há uma relação com a Base... social, comercial... os próprios americanos fizeram muito dinheiro há custa de nós, cá fora: os discos que se compraram, as aparelhagens que se compraram... sempre que havia um grupo americano, que passava aqui pela Base, a tocar, ou um grupo britânico que vinha aí... naqueles programas ... e não sei mais quê, nós comprávamos o material a eles, quer dizer, até aí, os grupos da Terceira tinham material muito bom, comparado com os de S. Miguel, por exemplo. Muito material vendemos para S. Miguel, naquele tempo! Era tudo clandestino por aí a fora! No tempo de Salazar..., mas nós tocávamos muito, muito na Base...

E em termos de relação com os norte americanos?

Era naturalíssima! Era natural, os meus amigos eram americanos. Morei na Base, e depois vim para a Base e quando começo a minha vida, é que começo essa relação com os americanos, mas uma relação muito a fundo mesmo! Aliás, as casas dos americanos, fui a muitas casas de americanos, e aquilo era umas luzes vermelhas... tu saías da tua casa na Praia e na mesma Praia entrávamos num mundo à parte, numa América. Onde fumavas tudo e mais alguma coisa. A relação era essa.

E quando nós viemos tocar para o Bar da Riviera, eram uns americanos que nos contratavam para ir para lá tocar. Aquilo era um Bar, uma coisa em grande.

Agora, naturalmente, os grupos que tocaram na Base, eram muitos, os “Flama Comb”; “Os Sombras”, “Os Faíscas”, “Os Bárbaros” ... tudo malta daquele tempo a tocar lá (na Base). Muitas mesmas.

E em termos da sua própria música? Acha que a sua música foi influenciada pelos norte-americanos da Base das Lajes?

Garantidamente! Porque... as minhas influências, vem da música anglo-saxónica, não é... e algum do Fado... na altura havia todo o género de música, desde a clássica à *Country Western*, Fado e por aí fora...e está claro, que forçosamente... quando eu vou para os EU (1971), já dominava o inglês. Aí ajudou-me completamente, moldou-me para os EU e moldou-me para a vida. Agora quem dizer que a Base das Lajes não teve qualquer influência quer social, cultural, comercial, política, até também, não está na realidade!

Roubava-se gasolina, à noite aos americanos, até dizer chega (risos), eram os produtos americanos e vendia-se cá fora... há uma troca de bens que nós aproveitamos bem, e eles também!

No entanto o que é acontece, há a questão cultural, socioeconómica e sociopolítica! Ao fim ao cabo... por exemplo a Filarmónica União Praiense, uma das maiores maestrinas que teve foi a Miss Zabilka, que era uma professora da Base das Lajes, que era a maestrina aqui da Filarmónica. Há uma grande viagem que ela faz com a Filarmónica, para S. Jorge e Faial...

Quando traziam as Bandas, para atuar para os militares, dentro da Base, as pessoas da ilha Terceira tinham acesso a esses concertos?

Algumas pessoas de fuga! Tipo infiltrados (risos). O Frank Sinatra, por exemplo, era para uma elitezinha, era para as tropas, era para eles (militares). Eu lembro-me perfeitamente, veio o filme do *Woodstock* (1969), e eu tive que... eu não tinha passe para entrar na Base, fizemos um buraco para entrar na Base, em Santa Rita, e nós entramos e fomos ver o filme. Nós andamos desenfiados dentro da Base... vezes sem conta, porque era lá... era o filme que nós queríamos ver, era as tardes de música que nós queríamos ouvir... tínhamo-nos que nos desenrascar! Ou um americano que nos levava escondidos na parte de trás dos carros e por aí a fora. Há essa parte de aventura, mas tudo isso, é uma forma de viver diferente de um miúdo por exemplo no Porto Judeu.

Acha então que na nossa própria ilha, vive-se 2 choques culturais completamente diferentes? Por exemplo, acha que na Praia há uma influência mais direta e mais vincada que nas restantes freguesias da ilha?

Sim, sim, há uma adaptação, naturalmente, da Praia...

E no caso daquelas famílias, pessoas mais conservadoras da ilha, porque a música que se ouvia na ilha, era completamente diferente da que os ingleses e norte-americanos nos trazem, diferente da música tradicional, acha que houve um

choque digamos que “moral” na aceitação de uma música mais “rebelde”, mais atrevida. Como foi encarado esse, digamos que, choque musical?

Isso é assim, a música, cá fora, funcionava por uma razão social importante, que era o acasalamento, os bailaricos, os bailes. Naturalmente, nós quando tocávamos nos bailaricos, nós tínhamos que... nós sabíamos quem é que ia atrás de quem, quem é que escolhia quem, quem é que dançavam quem, quem é que procurava quem... Nós no palco nós víamos tudo. Isso para dizer, que nós tínhamos de ter algum cuidado com o repertório, para que houvesse os chamados “*slows*”, não é? Para dançarem, da melhor forma possível, porque era aí que se namorava melhor, aquilo era quase, na altura chamava-se a música mais rápida, tocava 2 “yê-yês”, 1 *slow* (risos) que era para colmatar a coisa, e tínhamos de construir um repertório mais ou menos para os lugares. O Praiense era um repertório, quando era um repertório para umas verbenas quaisquer ou na Escola Industrial ou no Liceu, era a “rachar lenha” (risos). Mas eu lembro-me perfeitamente, que quando nós fomos... eu toquei na inauguração do Liceu em Angra, como também toquei na inauguração do Hotel Angra, na altura. E no Hotel de Angra, foi das noites mais estranhas, porque... garantidamente contrataram a banda errada para tocar lá. Nós tocávamos *Led Zeppeling*, *Black Sabbath*, tocamos mil e uma coisa, enquanto está um ministro dos negócios estrangeiros à nossa frente (risos), toda a “gente” engravatada, elite de Angra e a “gente” a dar “porrada”, olha pronto foi uma maneira de atacar o Salazar de outra maneira (risos). Ah esses choques assim, mas o repertório era escolhido conforme o sítio onde atuávamos... senão não havia trabalho.

E alguma vez, sentiram-se vítimas da censura? Uma vez que tocavam uma música, digamos que diferente do padrão cultural da ilha, tiveram algum episódio com a PIDE?

Eu, lembro-me perfeitamente, que a mim tentaram-me proibir de tocar na Base, mas apenas porque havia um músico de um grupo que fazia parte do sindicato e coo, eu, me proibiram de tocar, a mim... quer dizer, alguns clubes estavam sem banda para tocar, e eu como estava sem banda, portanto, mas foi só uma sacanice... mas nada a ver com Salazar... mas não acho que nós não sentimos esse peso naquele momento... Nós estávamos completamente virados para outro mundo, que ultrapassava. Está claro que nós sentíamos a situação socioeconómica que o país sentia, a vida não foi fácil, mas por outro lado nós vivíamos com Salazar e com os americanos. Andamos ali a negociar (risos), muita coisa se fumou naquele tempo, muita cola americana se sniffou (risos)... e por aí a fora... a verdade é essa. E era isso... que me lembro, não. a situação económica

é que pesava mais, eram outros tempos... tínhamos de estar minimamente bem senão pegávamos de cabeça.

Veio muita “gente” de outras ilhas para cá viver, na altura, nós ensaiávamos numa casa em Santa Rita que era de uma família de S. Miguel! A Terceira passa a ser um dos maiores pontos de emigração do país... verdadeira emigração de ilha para ilha. A minha família veio da Graciosa, por causa da música, por causa da Base, porque os americanos contrataram meu pai e minha avó para virem tocar para a Base... e acabaram por fazer a vida cá.

Desde os anos 50 que os americanos deram uma verdadeira transformação em termos musicais, aliás quando se começa a falar em Jazz lá fora (Continente) nós cá já tínhamos outro conhecimento. É a tal coisa, a televisão também tinha, a televisão transmitia uma coisa que era o “*The Ed Sullivan Show*”; o *Johny Carson do Tonight Show*; e aí, nós víamos muitas bandas, muita “gente” ... a televisão ajudou-nos, o chamado *Channel 8*.

Nós quando cantávamos *Bee Gees*, nós tentávamos estilizar mesmo ao pormenor, era essa mesmo a magia daqueles dias. E as pessoas procuravam-nos muito, porque nós trabalhávamos muito aquilo. Nós não saíamos para a rua sem aquilo estar na perfeição.

Eu próprio cheguei a trabalhar para os americanos, eu próprio posso-te falar nisso, de 68 a 69 anos, trabalhava numa loja na Praia. Havia lojas que vendiam as coisas mais tradicionais para os americanos e eu, mais um outro colega, nós vendíamos... nós enganávamos os americanos com colchas feitas nos Açores, coisa que nunca tinham sido feitas nos Açores, colchas de linho (risos). Nós tínhamos uma prática de embrulhar aquilo e mostrar, em vendi dezenas e dezenas daquilo, porque era tudo feito na Terceira. Cá nada! Aquilo vinha da Índia ou sei lá de onde, mas dizíamos que era da Terceira (risos). Eu vendi isso aos americanos, como também vendemos muitas toalhas de mesa, de croché e bordados tradicionais, mas vinham do Continente, muito poucos de cá, a maioria era do Continente e vendíamos como sendo de cá. Galos de Barcelos (risos), vendemos aos montes... Portanto, garrafas de cortiça, que vinham de outros lados... quer dizer, as vertentes económicas são tantas que eu próprio andei envolvido nisso...

Lembro-me perfeitamente, das noites temáticas que organizávamos, a noite do Apolo 11, que foi no dia que o Apolo 11 chegou à Lua. Nesse dia, nós fizemos um bailarico no Praiense com um foguetão a meio, como fizemos as noites Havaianas e “não sei mais quê”... e era tudo com coisas americanas... quer dizer era tudo à volta

dos americanos. Os americanos vinham muito cá para fora. A influência americana, para mim, é uma condição cultural... é uma condição de vida.

Muito obrigada pela colaboração.

UNIVERSIDADE DOS AÇORES
Faculdade de Ciências Sociais e
Humanas

Rua da Mãe de Deus
9500-321 Ponta Delgada
Açores, Portugal